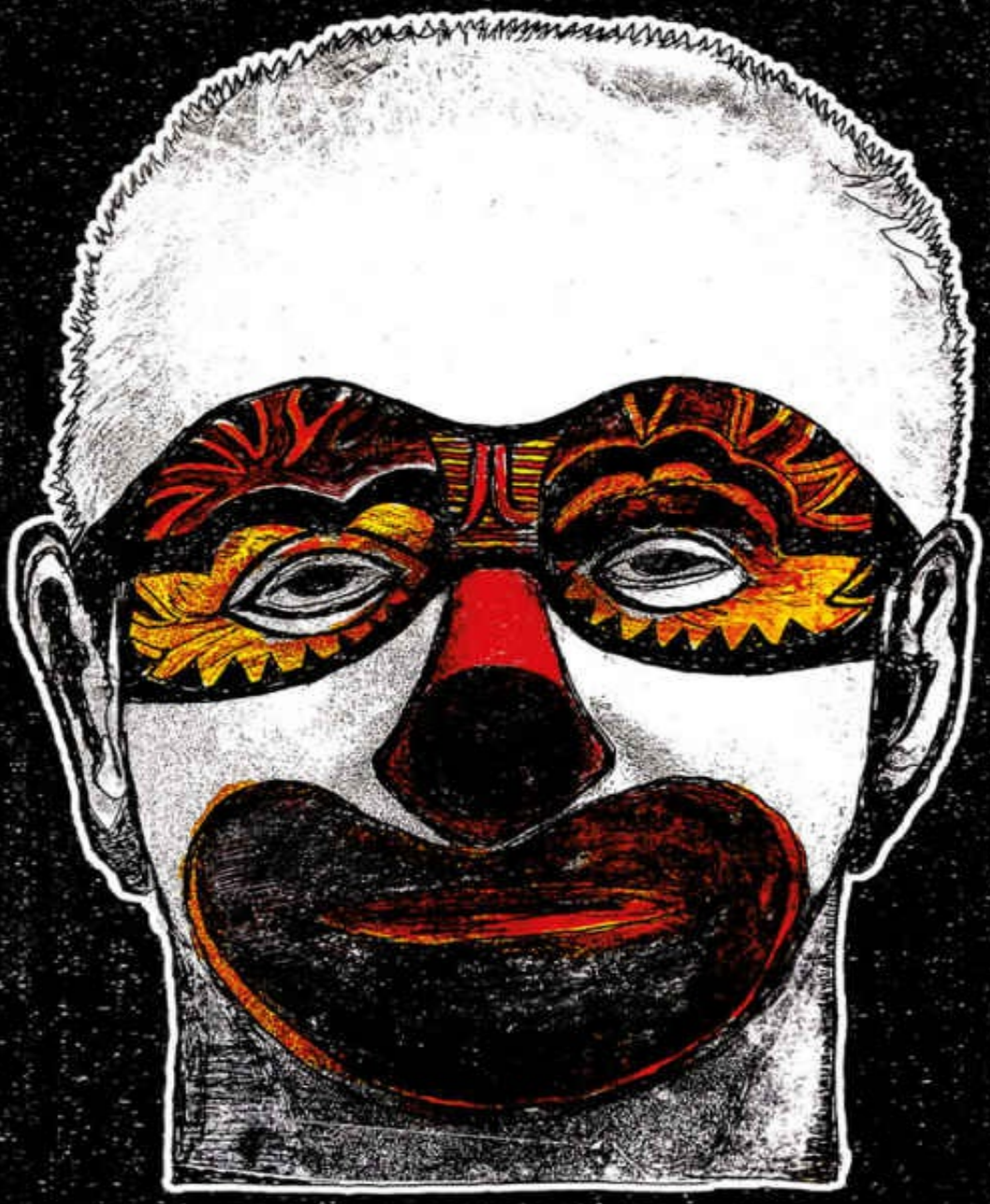
TEATRO COMPLETO



Carlos Newton Júnior (Org.)

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

ARIANO SUASSUNA

Carlos Newton Júnior (Org.)

Teatro Completo

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

© 2018 Ilumiara Ariano Suassuna
© 2018 Editora Nova Fronteira Participações S.A.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite. Este livro não pode ser exportado para Portugal ou outros países de língua portuguesa.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

Ilustrações da capa e das p. 3 e 5: *Ariano Suassuna*.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S933t

Suassuna, Ariano, 1927-2014

Teatro completo de Ariano Suassuna [recurso eletrônico]: Comédias; Tragédias; Entremezes, Teatro traduzido, volumes 1, 2, 3 e 4 / Ariano Suassuna; organização Carlos Newton Júnior; apresentação Bráulio Tavares... [et al.] ; ilustrações Zélia Suassuna... [et al.] - 2. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

recurso digital

Formato: ebook

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788520943458 (recurso eletrônico)

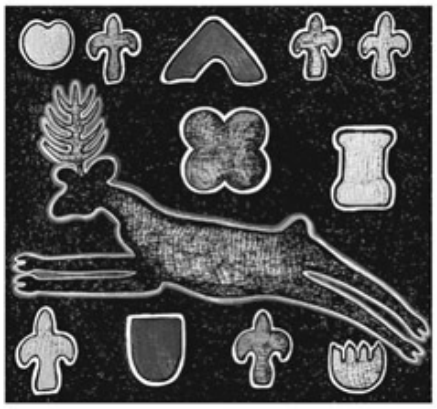
1. Teatro brasileiro (Literatura). 2. Livros eletrônicos. I. Newton Júnior, Carlos. II. Tavares, Bráulio. III. Suassuna, Zélia. IV. Título. V. Título: Comédias. VI. Título: Tragédias. VII. Título: Entremezes. VIII. Título: Teatro traduzido.

18-52877

CDD: 869.2
CDU: 82-2(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

28/09/2018 04/10/2018



SUMÁRIO

Volume 1 - Comédias

Apresentação Geral

e Critérios da Organização

Carlos Newton Júnior

O Riso Rouco do Sertão

Braulio Tavares

Auto da Compadecida

O Casamento Suspeitoso

O Santo e a Porca

A Pena e a Lei

Farsa da Boa Preguiça

As Conchambranças de Quaderna

Volume II - Tragédias

O trágico na obra dramática de Ariano Suassuna

Alexei Bueno

Uma Mulher Vestida de Sol

O Desertor de Princesa

Os Homens de Barro

Auto de João da Cruz

O Arco Desolado

Volume III - Entremezes

Entremez, Espaço de Transformação

Idelette Muzart Fonseca dos Santos

Entremeios Ligeiros

O Castigo da Soberba

Um Natal Perfeito

O Seguro

O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna

O Marido Domado

Entremeios Demorosos

Torturas de um Coração

O Rico Avarento

A Caseira e a Catarina

A História do Amor de Romeu e Julieta

Volume IV - Teatro Traduzido

A Dramaturgia Traduzida por Ariano Suassuna

Luís Reis

Antígona, de Sófocles

A Panela, de Plauto

As Trapaças de Escapim, de Molière

Iconografia das montagens

Cronologia de Ariano Suassuna

Carlos Newton Júnior

ARIANO SUASSUNA

Carlos Newton Júnior (Org.)

Teatro Completo - Volume 1

Comédias

Apresentação

Braulio Tavares

Ilustrações

Zélia Suassuna

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

APRESENTAÇÃO GERAL E CRITÉRIOS DA ORGANIZAÇÃO

*Carlos Newton Júnior**

A obra teatral de Ariano Suassuna, aqui reunida pela primeira vez, representa um dos pontos mais altos da moderna dramaturgia brasileira e, por conseguinte, de toda a dramaturgia em língua portuguesa. O conjunto das peças que a compõem abarca desde curtos entremezes a tragédias e comédias de maior extensão; desde textos inéditos e jamais encenados a peças editadas com regularidade e cujo número de montagens não se pode precisar. Sem levar em conta algumas variantes e primeiras versões de peças inteiramente reescritas, bem como três incursões bem-sucedidas pelo campo da tradução, o conjunto remonta a vinte títulos, dos quais dois recentemente encontrados no acervo do autor e que, portanto, não constavam de levantamentos anteriores da sua obra.

Impressiona, em primeiro lugar, o fato de todo esse trabalho ter sido produzido em tempo relativamente curto. Quase todas as peças foram escritas entre 1947, ano da primeira versão de *Uma Mulher Vestida de Sol*, e 1961, ano de *A Caseira e a Catarina* — em menos de 15 anos, portanto. Após *A Caseira e a Catarina*, o autor permanece mais de um quarto de século sem escrever para teatro, até quebrar o jejum com *As Conchambranças de Quaderna*, de 1987, ano do seu sexagésimo aniversário; e finalmente concluir sua obra dramática com uma peça curta, *A História do Amor de Romeu e Julieta*, de 1996, escrita especialmente para ser levada a palco no âmbito de um trabalho de caráter didático que vinha conduzindo à frente da Secretaria de Cultura de Pernambuco.

Se lembrarmos que Suassuna levou 12 anos para escrever o *Romance d'A Pedra do Reino*, e cerca de 30 para colocar o ponto final, quase a contragosto, naquele que viria a ser o seu último livro, o *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, forçoso é concluir que o ritmo de escritura do dramaturgo era inteiramente diverso do ritmo do romancista. Suassuna escrevia para teatro com grande facilidade, de modo que mesmo suas peças mais extensas foram concluídas em poucos meses de trabalho. Influíram para isso, certamente, o domínio absoluto do tempo do diálogo e a destreza no manejo da carpintaria teatral, qualidades já ressaltadas pela crítica e adquiridas tanto pela leitura dos clássicos da dramaturgia universal quanto pela convivência habitual com os espetáculos populares do Nordeste.

Por outro lado, muitas vezes nos esquecemos de que a parte mais substancial e valiosa de toda essa dramaturgia foi escrita por um autor relativamente jovem, que nem sequer

atingira os 35 anos de idade, aquele "meio do caminho da vida" que sempre nos recorda Dante Alighieri e sua obra maior. Esse último fato — e não apenas a intenção de aprofundar a ligação do seu teatro com o restante da sua obra — foi também determinante para que o autor revisitasse as suas peças na velhice, revendo e burilando textos já então consagrados em palco e várias vezes editados em livro.

Ariano Suassuna começa a escrever para teatro no tempo em que estudava na Faculdade de Direito do Recife. Ao ingressar na faculdade, em 1946, o então jovem poeta liga-se ao grupo de estudantes que retoma, naquele mesmo ano, sob nova inspiração teórica e a liderança de Hermilo Borba Filho, o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP). É por intermédio de Hermilo, dez anos mais velho, estudante com certa experiência em teatro e bagagem literária bem acima da média do grupo, que Suassuna conhece o teatro de Federico García Lorca, sua primeira grande influência no campo da dramaturgia.

Da mesma forma que o teatro e a poesia de Lorca se baseavam, em grande medida, no romanceiro popular espanhol, Suassuna vai basear boa parte da sua dramaturgia (e o mesmo se pode dizer da sua poesia a partir daí e da sua futura obra no campo do romance) nos folhetos da literatura de cordel, na poesia improvisada dos cantadores e nos contos e racontos da tradição oral que formam o romanceiro popular nordestino, bem como nos espetáculos populares que mantêm, com esse mesmo romanceiro, uma relação profunda de interpenetração e influência recíproca (o bumba-meu-boi, o mamulengo etc.). Ou seja, em todo esse rico universo da cultura popular até então praticamente inexplorado por nossos dramaturgos e que ele, na sua condição de sertanejo, com boa parte da infância passada em Taperoá, sertão da Paraíba, havia muito conhecia e admirava profundamente.

É todo um novo caminho, portanto, que Suassuna abre para a dramaturgia brasileira, consolidando aquilo que Hermilo chamaria, a partir de Paschoal Carlos Magno, de "Teatro do Nordeste": o caminho de um teatro erudito, mas de raízes populares, que procura atingir o universal a partir do regional e mesmo do local; um teatro não realista, mas poético; um teatro comprometido com os problemas fundamentais do homem, mas jamais engajado ou panfletário, seja do ponto de vista político, filosófico, seja do ponto de vista religioso.

Já em 1947, Suassuna escreve a sua primeira peça, a tragédia *Uma Mulher Vestida de Sol*, obtendo, com ela, o primeiro lugar num concurso promovido pelo TEP. No ano seguinte, a revista *Estudantes*, do Diretório Acadêmico de Direito (ano III, nº 4, out. 1948), publica o primeiro ato de *Uma Mulher Vestida de Sol*, cujo texto original jamais foi levado à cena, uma vez que a peça foi inteiramente reescrita em 1958, sendo essa segunda versão a que será publicada pela imprensa da Universidade do Recife, em 1964. A estreia do autor em palco, portanto, só ocorrerá com a sua segunda peça, *Cantam as Harpas de Sião*, também

uma tragédia, escrita em 1948 e pela primeira vez encenada, naquele mesmo ano, em 18 de setembro, no Parque 13 de Maio, no Recife, quando o TEP inaugura a sua "Barraca" (palco com o qual os estudantes pretendiam fazer teatro ambulante, nos moldes do grupo "La Barraca", de Lorca). Essa segunda peça também foi reescrita em 1958, recebendo um novo título — *O Desertor de Princesa*. Ainda na versão original, foi a primeira peça a projetar o nome do dramaturgo para além das divisas de Pernambuco, uma vez que foi montada em Natal, em 1951, e em João Pessoa, em 1955, em ambas as cidades por grupos locais, respectivamente o Teatro Experimental de Arte e o Teatro do Estudante da Paraíba.

É ainda no campo do trágico que Suassuna vai investir nos anos seguintes, com *Os Homens de Barro* (1949), o *Auto de João da Cruz* (1950) e *O Arco Desolado* (1952). Se bem que, no caso do *Auto de João da Cruz*, a classificação como "tragédia" só pode ocorrer mediante algumas ressalvas. Trata-se, mais, de um auto sacramental, e essa peça, premiada em concurso promovido pela Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco e saudada por Hermilo Borba Filho, em artigo de jornal[1], como aquela que cria, definitivamente, o "Teatro do Nordeste", foi também reescrita nos anos seguintes, de modo que já é outro o texto levado à cena pelo grupo do Teatro do Estudante da Paraíba, que a apresentou no Recife, em 1958, no âmbito do I Festival Nacional de Teatros de Estudantes.

De enorme importância na cronologia do dramaturgo é o ano de 1951. Formado em Direito e doente do pulmão, Suassuna volta a Taperoá à procura de bom clima para se curar. É lá que escreve e encena, especialmente para receber sua então noiva Zélia e alguns parentes que foram visitá-lo, o entremez *Torturas de um Coração*. Trata-se da primeira experiência de Suassuna no campo do risível, representando, assim, o início de uma guinada radical na sua carreira de dramaturgo. Após *Torturas de um Coração*, o autor escreverá apenas mais uma tragédia, *O Arco Desolado*, para então dar início a um novo ciclo da sua dramaturgia, dedicando-se às comédias que vão lhe assegurar, em pouco tempo, um patamar de destaque no panteão do teatro nacional.

Além de *Torturas de um Coração*, outros entremezes da década de 1950, como *O Castigo da Soberba* (1953), *O Rico Avarento* (1954) ou *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna* (1958), baseados em folhetos de cordel e peças de mamulengo, podem, seguramente, sem prejuízo de sua autonomia e importância no conjunto da obra, ser vistos como exercícios para as comédias maiores, como se a escritura de um entremez se constituísse numa espécie de etapa do processo criativo do autor. Após a dramatização das histórias encontradas no cordel (havendo, já aí, recriação), Suassuna passa a desenvolvê-las, por meio de um processo de substituição e desdobramento, costurando-as a outras histórias e assim transformando-as em atos de peças maiores. É o que ocorre, por exemplo, com *Torturas de um Coração*, que dá origem ao primeiro ato de *A Pena e a Lei* (1959); com *O Rico Avarento* e *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*, usados

para a composição de dois atos da *Farsa da Boa Preguiça* (1960); ou mesmo com *O Castigo da Soberba*, que lhe serve de mote para o terceiro ato do *Auto da Compadecida* (1955).

Em suas comédias, a influência do teatro de tradição mediterrânica, da comédia latina, da *commedia dell'arte*, do teatro de Gil Vicente, de Goldoni, entre tantas outras (sem esquecer a influência da novela picaresca espanhola, com o admirável *Lazarillo de Tormes*), vem fundir-se à influência mais direta do mamulengo, dos palhaços de circo e dos folhetos de cordel do ciclo cômico, satírico e picaresco. Se a admiração pela comédia latina o levou à composição de *O Santo e a Porca*, "imitação nordestina" da famosa peça *A Panela*, de Plauto, a admiração pelos poetas populares do Nordeste resultou na criação do genial Joaquim Simão, da *Farsa da Boa Preguiça*; a tradicional dupla de palhaços de circo, o sabido e o besta, encontra-se recriada não só em personagens como João Grilo e Chicó, do *Auto da Compadecida*, mas também em Cancão e Gaspar, de *O Casamento Suspeitoso*; a paixão pelos mamulengos encontra-se registrada na encenação que propôs para *A Pena e a Lei* — e assim por diante.

De modo geral, Suassuna procura trabalhar com as duas categorias mais importantes do "riso estético" — o cômico e o humorístico. Quando falamos em cômico, estamos pensando em um riso mais puramente mecânico e, portanto, mais ligado às ações; o humorístico, por sua vez, sendo uma categoria do risível mais ligada ao intelecto, consegue aliar momentos de riso a instantes de pura compaixão. Ou, como afirma Italo Calvino, "o humor é o cômico que perdeu peso corpóreo (aquela dimensão da carnalidade humana que no entanto faz a grandeza de Boccaccio e Rabelais) e põe em dúvida o eu e o mundo, com toda a rede de relações que os constituem".[2] No caso do *Auto da Compadecida*, por exemplo, o cômico que predomina nos dois primeiros atos cede lugar, no terceiro, ao humorístico, sobretudo durante algumas intervenções de Manuel e de Nossa Senhora, quando o espectador pode chegar mesmo a chorar. Algo semelhante ocorre em *O Santo e a Porca* — o autor lança mão do cômico durante toda a ação da peça para encerrá-la com um instante ligado ao doloroso, quando se desvela, por inteiro, a profunda solidão do avarento Euricão, de olhos finalmente abertos para o absurdo da existência humana.

Talvez a teoria do riso de Henri Bergson ainda seja a mais proveitosa para se estudar o trabalho de Suassuna no campo do risível. As comédias de Suassuna contemplam, praticamente, todas as formas de comicidade que Bergson alinha no seu livro, hoje clássico, *O Riso* — da comicidade das formas e dos movimentos à de situações, palavras e caráter. Por outro lado, naquilo que Bergson chamou "comicidade de situações", notadamente nos processos de *repetição*, *inversão* e *interferência*, encontram-se alguns dos momentos mais altos do riso suassuniano.

As histórias de Chicó, habilmente inseridas no decorrer do *Auto da Compadecida*, representam um caso típico de *repetição*, de "uma combinação de circunstâncias, que se repete exatamente em várias ocasiões".[3] O mesmo ocorre, na *Farsa da Boa Preguiça*, com as desculpas de Joaquim Simão para não trabalhar, podendo, assim, cultivar seu ócio criador de poeta.

Na *inversão*, tem-se uma "situação que se volta contra quem a criou"[4] — é o tiro saindo pela culatra, como se costuma dizer. Não é outra a situação de João Grilo, no final do *Auto da Compadecida*, já que sua volta à terra não o impede de perder o dinheiro do testamento do cachorro, em virtude da promessa que Chicó fizera a Nossa Senhora. Ou a de Benedito, no primeiro ato de *A Pena e a Lei*: depois de tanto aprontar para se livrar de Vicentão Borrote e do Cabo Rosinha, seus rivais na disputa pelo amor de Marieta, Benedito termina perdendo a mulher que ama para seu amigo e confidente, Pedro, o motorista de caminhão.

A *interferência*, por fim, ocorre quando duas séries de fatos independentes se cruzam, sendo interpretados, ao mesmo tempo, em dois sentidos completamente diferentes. O "quiproquó" (da expressão latina *quid pro quo*, "isto por aquilo") é um caso típico de interferência.

Um bom exemplo de quiproquó pode ser encontrado no *Auto da Compadecida*. Para convencer Padre João a benzer o cachorro doente de sua patroa, a mulher do padeiro, João Grilo diz que o cachorro pertence ao major Antônio Moraes. Assim, quando o major vai à igreja pedir a bênção para seu filho, que também se encontrava doente, os dois personagens terminam envolvidos na maior confusão. É o mesmo esquema usado em *O Santo e a Porca*, num diálogo entre Dodó e Euricão (baseado, aliás, em falas de Licônidas e Euclião, da peça *A Panela*, de Plauto); Dodó com o pensamento em Margarida, e Euricão com o pensamento em sua porca de madeira cheia de dinheiro, que acabara de perder.

Além do seu trabalho como autor teatral, Suassuna dedicou-se, durante um curto período de sua trajetória, entre 1954 e 1957, à tradução de três obras-primas da dramaturgia universal: a tragédia *Antígona*, de Sófocles, e as comédias *A Panela*, de Plauto, e *As Trapaças de Escapim*, de Molière. As peças foram traduzidas para serem encenadas sob a sua própria direção, no tempo em que dirigiu um grupo de teatro formado por estudantes (o Teatro do Colégio Estadual de Pernambuco) e outro por operários ligados ao Serviço Social da Indústria (o Teatro do Sesi, depois Teatro Amador Sesiano de Pernambuco). O primeiro grupo encenou *Antígona,* em 1954, e *A Panela*, em 1955; o segundo, *A Panela*, em 1956, e *As Trapaças de Escapim*, em 1957. Para as montagens de *Antígona* e *A Panela*, Suassuna contou com cenários e figurinos de seu grande amigo Aloisio Magalhães. *As Trapaças de Escapim* teve cenário de Juvêncio Lopes e figurino da própria irmã de Ariano, Germana Suassuna.

* * *

Na organização deste *Teatro Completo*, não hesitamos, em nenhum momento, em jogar para segundo plano o critério cronológico, procurando inicialmente agrupar as peças em conjuntos mais homogêneos e assumindo todos os riscos que uma classificação por "gênero" naturalmente implica. Somente então as peças, em cada volume, foram dispostas em ordem cronológica, considerando-se, de regra, as datas de escritura, devidamente indicadas nas folhas de abertura. No caso das peças que foram reescritas, indicamos, sempre que possível, as duas datas, a da primeira versão e a da versão definitiva, considerando a primeira para efeito do ordenamento. As peças, assim, foram a princípio enfeixadas em três volumes: o primeiro, dedicado às comédias; o segundo, às tragédias; e o terceiro, aos entremezes. Depois, decidimos acrescentar, aos três volumes iniciais, um quarto, reunindo as três peças que Ariano Suassuna traduziu durante a sua curta experiência como diretor teatral. A nosso ver, tal organização possibilita ao leitor, logo no primeiro contato com os volumes e antes mesmo de passar à indispensável leitura das peças, uma visão geral do trabalho de Suassuna no campo do teatro — começando por um Ariano mais conhecido e festejado (o comediógrafo), passando por outro, menos conhecido (o tragediógrafo e autor de entremezes), até chegar a um Ariano praticamente desconhecido, o tradutor de teatro.

Encontram-se no primeiro volume, se não as peças mais importantes de Suassuna, aquelas que a crítica assim tem considerado. Não por acaso, são as peças mais montadas, editadas e consequentemente estudadas, das quais o grande exemplo é sem dúvida o *Auto da Compadecida*, publicada em vários idiomas (entre os quais o inglês, o francês, o alemão, o espanhol e o italiano), três vezes adaptada para o cinema e uma das peças brasileiras mais encenadas no Brasil e no mundo.

De todas as comédias, a única que permanecia inédita, até a presente edição, era *As Conchambranças de Quaderna*, de 1987 — a última a ser escrita, conforme já apontado. "Conchambrança" é uma corruptela de "conchamblança", que significa conchavo, ajuste, combinação. Segundo nos disse o próprio Suassuna, foi na forma de "conchambrança" que ele ouviu a palavra pela primeira vez, no sertão da Paraíba. A peça representa uma espécie de exceção do ponto de vista dos procedimentos criativos do autor. Isso porque, para escrever os dois primeiros atos, Suassuna parte de dois textos originalmente escritos em prosa, dois "casos" protagonizados por Pedro Dinis Quaderna, o mesmo narrador do *Romance d'A Pedra do Reino*, e que em algum momento iriam compor a trilogia *Quaderna, o Decifrador*. Os textos foram publicados como se fossem contos autônomos, sob os títulos "O Caso do Coletor Assassinado" e "O Casamento", na *Seleta em Prosa e Verso* (1974) organizada por Silviano Santiago. A esses dois atos Suassuna acrescenta um terceiro, que nada mais é do que uma variante de *A Caseira e a Catarina*, de 1961, peça inteiramente escrita em versos de sete sílabas, por sua vez inserida no

grupo dos entremezes. Para tanto, Suassuna prosifica o texto de *A Caseira e a Catarina* e substitui o personagem Severino Bisaquinho por Quaderna.

Na apresentação do primeiro volume, Braulio Tavares chama a atenção, com bastante propriedade, para a importância de *As Conchambranças de Quaderna* no conjunto da obra total de Ariano, sobretudo se pensarmos que o autor, à época da escrita dessa peça, já estava às voltas com o seu *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, livro em que procura fundir sua poesia, seu teatro, seu romance e seu ensaio numa obra só, numa única e grandiosa *Ilumiara*.

Com exceção de *O Arco Desolado*, de 1952, todas as peças que compõem o segundo volume, dedicado às tragédias, foram reescritas anos depois de concluídas. Quando falamos em reescritura, não estamos nos referindo a um simples burilamento do texto, a certas mudanças eventuais e localizadas, como a substituição de algumas palavras ou mesmo de frases inteiras — o que comumente ocorre quando se diz que determinado texto foi *revisto* pelo autor. Durante o processo de reescritura, as mudanças são bem mais profundas, com a reestruturação de cenas e de atos, a inclusão ou a exclusão de personagens, alterando quase por completo a forma final da obra, muito embora o conteúdo possa permanecer, de certo modo, inalterado.

Após a reescritura de um texto, Suassuna não costumava preservar os originais da versão anterior. Dizia (meio sério, meio de brincadeira) não simpatizar com a "crítica genética" e que, como autor, queria sempre deixar para o público e para os críticos a melhor versão dos seus textos. Mesmo assim, o pouco que se preservou das versões originais (a exemplo do datiloscrito da primeira versão do *Auto de João da Cruz*, datado de 1950) não deixa dúvidas de que as peças em questão foram de fato reescritas, e não revistas.

A peça *Auto de João da Cruz*, originalmente escrita em versos decassílabos (com exceção das breves passagens em que um cantador apresenta seus "romances" em sete sílabas), encontra-se, na segunda versão, em prosa e verso, consideravelmente estendida e com uma nova personagem, Regina, de grande importância na trama e na salvação final do protagonista João da Cruz. A inclusão de Regina e o seu papel no julgamento de João da Cruz levam-nos a supor que a peça foi reescrita após o *Auto da Compadecida*, entre 1955 e 1957. Como não há, porém, indicação de data no datiloscrito da segunda versão, indicamos, na folha de abertura, a data da primeira (1950).

Na admirável apresentação que escreveu para o segundo volume, Alexei Bueno chama a atenção para o fato de ser *O Arco Desolado* a única das tragédias "completamente alheia ao ambiente do sertão nordestino", não deixando de perceber, para além da epiderme do ambiente geográfico, a ambiência mais profunda que liga a peça ao universo do autor.

Em carta dirigida a um dos seus editores, datada de 31 de janeiro de 1998, Suassuna apresentou um plano de edição do seu teatro completo, deixando de fora as peças *Auto de João da Cruz*, *O Arco Desolado* e *Os Homens de Barro*. Segundo Suassuna, essas três peças apareceriam "editadas sob a forma novelística, integrando *A Iarandara*". Era esse, *A Iarandara*, o nome com que, à época, Suassuna decidira batizar a sua "obra total", depois rebatizada de *A Ilumiara*, obra que, no plano inicial, chegaria a mais de vinte volumes.

A nosso ver, não houve, por parte do autor, nenhuma indicação no sentido de renegar as peças citadas anteriormente, e seria um grande equívoco a não inclusão delas neste *Teatro Completo*, levando-se em conta uma resolução anunciada em contexto inteiramente diverso. Em nossa defesa, registre-se que Suassuna, cinco anos depois, em 2003, chegou a reescrever *Os Homens de Barro*, finalmente publicada em 2011. Nesse sentido, realçou a ligação da peça com o universo da *Ilumiara*, uma vez que situou a ação no conjunto de lajedos da Pedra do Reino, diante das esculturas que encomendou ao artista Arnaldo Barbosa enquanto era secretário de cultura de Pernambuco.

Algo semelhante pretendia fazer com *O Arco Desolado*, pelo que se pode concluir das anotações em manuscrito sobre o original datilografado da peça e de três folhas avulsas, também datilografadas, que conservou junto a este. De modo geral, a ideia era fazer com que a história de Sigismundo se passasse nas dependências de um circo montado em Taperoá e ameaçado por ciganos. Seja como for, das peças do segundo volume, além de *O Arco Desolado*, permaneciam inéditas *O Desertor de Princesa* e *Auto de João da Cruz.*

Na mesma carta referida anteriormente, Suassuna propõe a junção dos seus entremezes e peças em ato único num só volume, sob o título *Entremeios Demorosos*. Foi isso o que nos levou, devidamente "assessorados" pelo poeta popular Joaquim Simão, a subdividir o terceiro volume deste *Teatro Completo* em duas partes, "Entremeios Ligeiros" e "Entremeios Demorosos", separando as peças mais curtas, ou curtíssimas, daquelas um pouco mais extensas. O volume é apresentado pela professora Idelette Muzart, uma das maiores especialistas na obra de Ariano Suassuna e tradutora, para o francês, do *Romance d'A Pedra do Reino*.

Além de duas peças anteriormente publicadas na *Seleta em Prosa e Verso* (*O Castigo da Soberba* e *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*), incluímos, no primeiro grupo, três peças inéditas: *O Seguro*, cujo datiloscrito de 1957 já conhecíamos, e duas outras somente encontradas durante recente pesquisa no acervo do autor, visando à presente edição — *Um Natal Perfeito* e *O Marido Domado*. Dessa última tínhamos apenas algumas notícias de montagens, a mais remota datada de 1961, mencionando a sua apresentação na Maison du Brésil, em Paris, levada pelo casal de atores Geninha e Otávio da Rosa Borges para uma plateia na qual se encontrava Anísio Teixeira. Como o original não se encontra datado, diferentemente do que ocorre com o datiloscrito de *Um Natal Perfeito*,

de 1957, decidimos indicar, na folha de abertura, o ano de 1961, muito embora estejamos convencidos de que se trata de peça escrita ainda na década de 1950.

No mesmo levantamento levado a cabo para a presente edição, encontramos uma segunda versão do entremez *O Seguro*, infelizmente não datada. Trata-se, sem dúvida, de texto mais recente, em que o episódio da primeira versão, de 1957, é expandido e adaptado para o universo do mamulengo. Procedemos, então, da mesma forma que fizemos com o *Auto de João da Cruz*, publicando a versão mais recente da peça e indicando a data da primeira versão na folha de abertura.

No grupo dos entremezes "demorosos", *A Caseira e a Catarina* era a única peça que se encontrava rigorosamente inédita. *Torturas de um Coração* e *O Rico Avarento* foram publicadas na *Seleta em Prosa e Verso*, enquanto *A História do Amor de Romeu e Julieta* foi publicada, com pequenas alterações, em edição especial do suplemento "Mais!", do jornal *Folha de S.Paulo*, em 19 de janeiro de 1997.

Finalmente, no quarto volume, publicamos as três traduções que Suassuna realizou e que ainda permaneciam inéditas. Como bem afirmou Luís Reis, em arguta e precisa apresentação ao volume, a inclusão dessas peças, neste *Teatro Completo*, justifica-se pela preocupação mais dramatúrgica do que propriamente filológica das traduções, o que faz esses textos ganharem relevância significativa para uma compreensão mais completa da dramaturgia de Suassuna. A tradução de *Les Fourberies de Scapin*, de Molière, foi, possivelmente, a primeira a ser realizada no Brasil, uma vez que antecede à célebre tradução de Carlos Drummond de Andrade, *Artimanhas de Scapino*, de 1962.

Não poderíamos encerrar esta apresentação — talvez mais "demorosa" do que o necessário — sem voltar ao fato de que Suassuna, depois dos 70 anos e a despeito de tantas reescrituras, reviu praticamente todas as suas peças, ora para ajustá-las ao universo de sua *Ilumiara*, ora para atualizá-las em relação a preocupações mais recentes, inclusive no campo da política.

O texto do *Auto da Compadecida*, por exemplo, foi bastante burilado para a edição do cinquentenário da peça, ou mesmo desbastado, diríamos, na falta de uma palavra que melhor expressasse os inúmeros cortes de frases, diálogos inteiros e algumas didascálias. Vejamos apenas dois casos. Em certa passagem do julgamento, afirmava o Encourado, dirigindo-se a João Grilo e já contando com a condenação do amarelinho e dos outros personagens mortos: "A situação está favorável para mim e preta para vocês." Na versão definitiva, Suassuna adotou a forma sincopada da preposição *para* e substituiu a palavra *preta* por *dura*, demonstrando sintonia com questões levantadas pelo movimento negro: "A situação está favorável pra mim e dura pra vocês". No mesmo ato, ainda durante o julgamento, a fala que Manuel (Jesus Cristo) dirigia a João Grilo — "É besteira do demônio. Esse sujeito é meio espírita e tem mania de fazer mágica" — é

cortada para “É besteira do demônio. Esse sujeito tem mania de fazer mágica”, corrigindo o autor, assim, a atitude desrespeitosa em relação ao espiritismo que expressara no tempo de juventude.

Outro exemplo pode ser encontrado na *Farsa da Boa Preguiça*, peça em que Suassuna acrescenta uma crítica, inexistente na versão original, ao neoliberalismo e à social-democracia, atribuindo as condições de neoliberal e de social-democrata, respectivamente, a Aderaldo Catacão e a Dona Clarabela, personagens que terminam condenados ao inferno. Afirmava Clarabela a Joaquim Simão, falando do marido: “Pergunte a Aderaldo:/ nós dois somos ateus e livres-pensadores!”. Na versão definitiva da peça, a fala de Dona Clarabela recebe mais dois versos: “Aderaldo é neoliberal/mas eu sou social-democrata!”

E ficamos por aqui, deixando para os leitores a tarefa de avaliar, por si próprios, a grandeza e o vigor de uma obra dramatúrgica que soube expressar tão bem o nosso país e o nosso povo, e assim tanto tem a dizer a cada um de nós, pela profundeza indiscutível do mergulho que empreendeu na alma brasileira.

Recife, 1º de junho de 2018.

Notas

* Poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco.

1 *Folha da Manhã*. Recife, 9 de maio de 1950.

2 CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. Trad. Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 32.

3 BERGSON, Henri. *O Riso*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 51.

4 Id. ibid., p. 54.

O RISO ROUCO DO SERTÃO

*Braulio Tavares**

As comédias teatrais fizeram a fama de Ariano Suassuna em plena juventude e marcaram o seu perfil público pelo resto da vida. Nem mesmo o impacto produzido pelo lançamento do *Romance d'A Pedra do Reino*, em 1971, com sua dimensão de tragédia cósmica e de drama político, apagou da memória do grande público a figura do dramaturgo que não apenas escrevia coisas engraçadas, mas dizia coisas engraçadas que plateia alguma era capaz de esquecer.

Ariano se reconhecia como um artista barroco, capaz de abrigar as mais extremadas contradições. Convivia bem com essa tensão, que para ele era certamente uma tensão criativa, e que faz do romance, talvez, a região literária na qual sua personalidade se revela com mais inteireza. Ali, numa mesma página, podemos encontrar o trágico e o risível, o metafísico e o burlesco, com o entrecruzamento de personagens memoráveis, a começar pelo seu narrador, Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna.

Faça-se, no entanto, uma pesquisa Brasil afora, e Ariano será votado como o criador de João Grilo — que ele na verdade não criou, apenas fez reencarnar. E, como em toda reencarnação, o espírito vagante das narrativas orais e dos folhetos ganhou novo corpo, novo rosto e nova mentalidade. Tornou-se o João Grilo que arrebatou de riso e admiração os leitores do *Auto da Compadecida* a partir de 1955, quando a peça foi terminada, e as plateias a partir de 1956, quando ela surgiu no palco pela primeira vez.

Suassuna tinha menos de trinta anos então, e a recepção entusiasmada do *Auto* o precipitou numa intensa atividade dramatúrgica. Quatro das peças aqui incluídas foram escritas em poucos anos depois dessa estreia promissora. Uma criação motivada, sem dúvida, pelo entusiasmo do autor e pela provável demanda que lhe faziam de novos textos para novas montagens.

A peça mais recente, *As Conchambranças de Quaderna* (1987), encerra este volume como uma curiosa síntese entre o romance e o teatro de Ariano. Quando lhe perguntavam, a certa altura da carreira, por que deixara de escrever para o teatro, ele lembrava que o espírito teatral nunca o abandonara, pois grande parte do *Romance d'A Pedra do Reino* poderia ser vista como uma longuíssima peça teatral em que Pedro Dinis Quaderna respondia a um interrogatório feito pelo Juiz Corregedor.

As vastas e variadas leituras de Ariano nunca apagaram esse impulso oral, falador, que movimenta não somente seu teatro mas também a sua prosa de ficção. Um impulso que vem diretamente da memória coletiva, da cultura popular que ele absorveu na infância e nunca parou de reencontrar na leitura dos clássicos, desde Molière até Goldoni, de Calderón a Shakespeare.

As peças que compõem este volume vieram diretamente dessa tradição fervilhante de trambiqueiros, avarentos, ingênuos, espertos, vaqueiros, ciganos, barnabés, santos, diabretes, poetas, desocupados, arrivistas, fidalgotes, autoridades broncas e pomposas, religiosos de meia-tigela...

Não são apenas os personagens, mas os recursos cênicos e dramáticos do teatro popular que reaparecem nestas peças, em que o realismo é uma preocupação menor. Daí a profusão de coincidências, de surpresas, os disfarces arranjados às pressas e que iludem todo mundo, as conversas escutadas por acaso, os esconderijos de onde um personagem consegue espionar sem ser descoberto. É a mecânica simples e eficaz do teatro de mamulengo ou de picadeiro, com sua sucessão implacável de mentiras, quengadas, denúncias, punições burlescas.

O teatro de Suassuna pode ter intenções moralizantes, embora possa ser dito também que suas intenções são *desmoralizantes* acima de tudo: é um teatro de desmascaramento, de desconstrução dos pretensiosos, dos hipócritas, dos arrogantes. O riso que provoca pode ser o da satisfação diante de uma esperteza bem urdida, mas também o riso que comemora a exposição pública das vilanias de um farsante. Não é o riso sobranceiro de um moralista que toma o lugar de outro. É, como dizia o próprio autor, *"o rasgado e franco riso latino, que inclui, entre outras coisas, uma loucura sadia, uma sadia violência e um certo disparate".*

Nesse moralismo ao contrário, o elogio da esperteza vem associado à crítica da desonestidade, como na *Compadecida*, e na *Farsa da Boa Preguiça* o elogio da preguiça faz uma clara distinção entre "a preguiça de Deus e a preguiça do Diabo" — o ócio criativo dos poetas pobres e o parasitismo confortável dos ricos que não trabalham.

As cinco primeiras peças deste volume já são clássicos incorporados à memória do teatro popular brasileiro, com dezenas de montagens por todo o país. É numerosa a fortuna crítica a respeito delas, tanto em livro quanto em periódicos. Visão crítica que não cessa de ser enriquecida pelas releituras inevitáveis das sucessivas montagens de palco.

A sexta peça, *As Conchambranças de Quaderna* (1987), é menos conhecida e curiosamente foi finalizada para encenação após a experiência de Suassuna no romance, tendo como centro o protagonista desse universo.

Dom Pedro Dinis Quaderna é, ao seu modo, um personagem picaresco, mas se distingue dos pícaros mais característicos, como o João Grilo do *Auto da Compadecida* ou o Cancão de *O Casamento Suspeitoso*, tipos populares que se valem da esperteza para sobreviver. Quaderna é uma colcha de retalhos. Consegue ao mesmo tempo ser um pé-rapado e considerar-se o futuro imperador do Brasil, sonho que nem passaria pela cabeça de João Grilo ou de Cancão.

Quaderna vira povo quando diante dos fidalgos, e faz pose de fidalgo quando no meio do povo. Seus pequenos golpes têm a mesma astúcia dos golpes de João Grilo ou do Benedito de *A Pena e a Lei*: são mentiras bem urdidas que se valem, para funcionar, do conhecimento das obsessões, ideias fixas e pequenas covardias de indivíduos mais fortes do que ele. No entanto, Quaderna não pensa somente em sobreviver, muito menos em matar a fome, como tantos pícaros antigos, de quem Lazarillo de Tormes é o exemplo mais cabal. Quaderna tem um projeto político de alpinismo social, de afidalgamento, e é essa ideia fixa que inspira suas conchambranças.

Nos três episódios independentes que compõem a peça, Ariano Suassuna desvela o tecido social das pequenas corrupções do dia a dia. Um tecido composto de convicções e preceitos morais solúveis na saliva, ou seja, no "papo", na conversa esperta de quem, sendo desonesto, enxerga com rapidez os caminhos por onde vagueia sem guia a desonestidade alheia.

Em "O Caso do Coletor Assassinado", trata-se de salvar a reputação política do seu tio, Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto, responsável por um apadrinhado desonesto. O fidalgo não pode passar por corrupto diante de uma auditoria do governo do Estado. Quaderna, para ocultar o desfalque daquele protegido, recorre à falsidade ideológica, à falsificação de documentos. Note-se que o autor do desfalque não é alguém influente, movido pela tentação de ficar milionário ou por algum projeto megalomaníaco de poder. É um barnabé miúdo, que furta para completar o orçamento doméstico, mas, como tantas vezes acontece, acha aquilo tão fácil que acaba se habituando. É um peixe pequeno, e Quaderna o salva usando do poder político de que dispõe — um poder inimaginável para alguém como João Grilo.

No segundo ato, uma cerimônia de casamento é desfeita e refeita num piscar de olhos, com nova combinação, mediante um toma-lá-dá-cá de dinheiro que lembra as confusões de troca-troca das comédias circenses, e, mais uma vez, as armações de Benedito em *A Pena e a Lei*. Quaderna vê-se envolvido num golpe que já estava em curso, o que ele só percebe depois. O episódio todo é um cruzamento de espertezas entre o Cigano (que quer ganhar uma aposta) e Quaderna, que não entende de início tudo o que está havendo, mas rapidamente dá um jeito de torcer a situação a seu favor. Nesse ato, o personagem dá curso a uma safadeza erótica que no *Romance d'A Pedra do Reino* era apenas aflorada aqui e ali. Mais uma vez, suas manobras só são possíveis pela posição de poder que ele

ocupa diante das famílias envolvidas; e pela pose hipócrita que ele próprio não hesita em assumir ("minha modéstia e humildade cristã... como fiel cristão que sou...").

O terceiro ato é o mais caricatural e farsesco, com uma mecânica de mal-entendidos baseada em miopia exagerada, trocas de roupa e uma profusão de chicanagens jurídicas em que Quaderna consegue enfrentar de igual para igual um advogado. E tudo, como ele mesmo diz a certa altura, para que "todo mundo saia ganhando alguma coisa no fim".

Ao longo de todo o ciclo romanesco de *A Pedra do Reino*, Quaderna não vacila em proclamar diante dos leitores que, se necessário, é capaz de abrir mão dos seus mais elevados princípios e pensar somente nas vantagens a serem auferidas. Um dos seus aspectos mais sedutores como personagem é a facilidade com que se confessa desonesto, porque percebemos que alguém totalmente desonesto tentaria manter alguma pose diante do leitor, não se entregaria com tamanha franqueza. Nesses momentos, ele é picarescamente mentiroso e, num desses paradoxos da literatura, um narrador ao mesmo tempo não confiável (porque mente quando lhe convém) e totalmente confiável (pela inteireza do seu delírio).

Assim voltamos à aparente contradição citada no início, entre o teatro cômico e o romance trágico de Ariano Suassuna. A presente compilação deixa evidente que Ariano se exercitou como dramaturgo primeiramente abordando a tragédia (textos compilados no volume 2), mas fixou-se na comédia logo após o sucesso avassalador do *Auto da Compadecida*. O impulso de se dedicar ao romance lhe veio por diferentes razões. Entre elas, a necessidade de contar a história da tragédia dos seus heróis: seu primeiro projeto era um livro sobre a vida e a morte de seu pai João Suassuna, projeto que ele abandonou pela carga emocional de tratar com fatos históricos. A opção seguinte era projetar a mesma carga emocional numa história fictícia, com personagens imaginários, uma narrativa transfigurada, como ele gostava de dizer. Pesou para isso também o lançamento em 1956 do *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, cuja leitura impressionou não só a ele como ao seu amigo e mentor Hermilo Borba Filho, que lhe disse: "Se alguém pode escrever algo dessa dimensão sobre o Sertão nordestino, é você."

Dom Pedro Dinis Quaderna acaba se tornando, talvez, o personagem crucial dessa evolução do escritor. Vindo do romance, ele chega ao teatro em *As Conchambranças de Quaderna* e traz consigo um verniz de herói romanesco problemático que não existia em João Grilo, em Chicó, no Joaquim Simão da *Farsa da Boa Preguiça*... Não se pode dizer que existe uma quebra ou um salto de continuidade, porque todos esses heróis têm suas fraquezas, como o próprio Joaquim Simão da *Farsa* (*"quem não tem fraquezas neste mundo?"*) ao curtir um momento fugaz de riqueza e adultério entre dois atos.

Entretanto, muito mais do que qualquer um deles, Quaderna é um herói maculado não apenas pelas tragédias reais que viveu, mas porque está inserido nos mecanismos de

poder de uma maneira inacessível àqueles heróis simples e populares. *As Conchambranças de Quaderna*, mesmo não sendo a peça mais bem-acabada de Ariano Suassuna (ele tinha uma preferência pela *Farsa da Boa Preguiça*, nesse aspecto), marca o momento em que dois rios de sua produção literária — o romance e o teatro — convergem na direção um do outro. O que de certo modo prefigura a presença forte que tem o teatro em seu romance póstumo, o *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, mais um ponto com nó reafirmando a unidade essencial da sua obra, em espírito, forma e verbo.

Nota

* Escritor, poeta e compositor.

AUTO DA COMPADECIDA

ARIANO SUASSUNA

1955

O *Auto da Compadecida* foi encenado pela primeira vez a 11 de setembro de 1956, no Teatro Santa Isabel, pelo Teatro Adolescente do Recife, sob direção de Clênio Wanderley, sendo os papéis criados pelos seguintes atores:

Palhaço *José Pinheiro*

João Grilo *Ricardo Gomes*

Chicó *Clênio Wanderley*

Padre João *Sandoval Cavalcanti*

Antônio Moraes *José de Souza Pimentel*

Sacristão *Alberique Farias*

Padeiro *Luiz Mendonça*

Mulher do Padeiro *Ilva Niño*

Bispo *Eutrópio Gonçalves*

Frade *Mário Boavista*

Severino do Aracaju *Otávio Catanho*

Cangaceiro *Artur Rodrigues*

Demônio *Mário Boavista*

O Encourado (o Diabo) *José de Souza Pimentel*

Manuel (Nosso Senhor Jesus Cristo) *José Gonçalves*

A Compadecida (Nossa Senhora) *Maria do Socorro Raposo Meira*

A 11 de março de 1957, a peça foi encenada em São Paulo pelo "Studio Teatral", sob direção de Hermilo Borba Filho, no Teatro Natal, sendo os papéis representados pelos seguintes atores:

Palhaço *José Pinheiro*

João Grilo *Armando Bogus*

Chicó *Nélson Duarte*

Padre João *Felipe Carone*

Antônio Moraes *Teotônio Pereira*

Sacristão *Samuel dos Santos*

Padeiro *Taran Dach*

Mulher do Padeiro *Cici Pinheiro*

Bispo *Thales Maia*

Frade *Ângelo Diaz*

Severino do Aracaju *Renato Master*

Cangaceiro *Jorge Nader*

Demônio *Milton Gonçalves*

O Encourado (o Diabo) *Dalmo Ferreira*

Manuel (Nosso Senhor Jesus Cristo) *Milton Ribeiro*

A Compadecida (Nossa Senhora) *Córdula Reis*

A Hermilo Borba Filho, José Laurenio de Melo, Gastão de Holanda, Aloisio Magalhães, Orlando da Costa Ferreira e Flaminio Bollini Cerri, com toda a minha amizade.

A.S.

O Diabo — Lá vem a Compadecida!
Mulher em tudo se mete!
.....

Maria — Meu filho, perdoe esta alma,
tenha dela compaixão!
Não se perdoando esta alma,
faz-se é dar mais gosto ao cão:
por isto absolva ela,
lançai a vossa bênção.
.....

Jesus — Pois minha mãe leve a alma,
leve em sua proteção.
Diga às outras que a recebam,
façam com ela união.
Fica feito o seu pedido,
dou a ela a salvação.

O Castigo da Soberba
Obra popular recolhida por Leonardo Mota junto ao cantador Anselmo Vieira de Sousa (1867-1926).

Mandou chamar o vigário:
— Pronto! — o vigário chegou.
— Às ordens, Sua Excelência!
O Bispo lhe perguntou:
— Então, que cachorro foi
que o reverendo enterrou?
— Foi um cachorro importante,
animal de inteligência:
ele, antes de morrer,
deixou a Vossa Excelência
dois contos de réis em ouro.
Se eu errei, tenha paciência.
— Não errou não, meu vigário,
você é um bom pastor.
Desculpe eu incomodá-lo,
a culpa é do portador!
Um cachorro como esse,
se vê que é merecedor!

O Enterro do Cachorro
Fragmento de *O Dinheiro*,
de Leandro Gomes de Barros (1865-1918).

Foi na venda e de lá trouxe
três moedas de cruzado;
sem dizer nada a ninguém,
para não ser censurado,
no fiofó do cavalo
fez o dinheiro guardado.
.....
Disse o pobre: — “Ele está magro,
só tem o osso e o couro,
porém, tratando-se dele,
meu cavalo é um tesouro.
Basta dizer que defeca
níquel, prata, cobre e ouro.”

História do Cavalo que Defecava Dinheiro
Obra popular recolhida por Leonardo Mota.

AUTO DA COMPADECIDA

O *Auto da Compadecida* foi escrito com base em romances e histórias populares do Nordeste. Sua encenação deve, portanto, seguir a maior linha de simplicidade, dentro do espírito em que foi concebido e realizado. O cenário (usado na encenação como um picadeiro de circo, numa ideia excelente de Clênio Wanderley, que a peça sugeria) pode apresentar uma entrada de igreja à direita, com uma pequena balaustrada ao fundo, uma vez que o centro do palco representa um desses pátios comuns nas igrejas das vilas do interior. A saída para a cidade é à esquerda e pode ser feita através de um arco. Nesse caso, seria conveniente que a igreja, na cena do julgamento, passasse a ser a entrada do céu e do purgatório. O trono de Manuel, ou seja, Nosso Senhor Jesus Cristo, poderia ser colocado na balaustrada, erguida sobre um praticável servido por escadarias. Mas tudo isso fica a critério do encenador e do cenógrafo, que podem montar a peça com dois cenários, sendo um para o começo e outro para a cena do julgamento, ou somente com cortinas, caso em que se imaginará a igreja fora do palco, à direita, e a saída para a cidade à esquerda, organizando-se a cena para o julgamento através de simples cadeiras de espaldar alto, com saída para o inferno à esquerda e saída para o purgatório e para o céu à direita. Em todo caso, o autor gostaria de deixar claro que seu teatro é mais aproximado dos espetáculos de circo e da tradição popular do que do teatro moderno. Agradece ainda o autor a seus amigos Jean Louis Marfaing, José Paulo Moreira da Fonseca e Henrique Oscar as críticas que fizeram ao quadro final da peça e que resultaram em sua modificação para a forma em que vai finalmente escrita aqui.

Ao abrir o pano, entram todos os atores, com exceção do que vai representar Manuel, como se se tratasse de uma tropa de saltimbancos, correndo, com gestos largos, exibindo-se ao público. Se houver algum ator que saiba caminhar sobre as mãos, deverá entrar assim. Outro trará uma corneta, na qual dará um alegre toque, anunciando a entrada do grupo. Há de ser uma entrada festiva, na qual as mulheres dão grandes voltas e os atores agradecerão os aplausos, erguendo os braços, como no circo. A atriz que for desempenhar o papel de Nossa Senhora deve vir sem caracterização, para deixar bem claro que, no momento, é somente atriz. Imediatamente após o toque de clarim, o Palhaço anuncia o espetáculo.

Palhaço — *(Grande voz.)* Auto da Compadecida! O julgamento de alguns canalhas, entre os quais um sacristão, um padre e um bispo, para exercício da moralidade.

Toque de clarim.

Palhaço — A intervenção de Nossa Senhora no momento propício, para triunfo da misericórdia. Auto da Compadecida!

Toque de clarim.

A Compadecida — A mulher que vai desempenhar o papel desta excelsa Senhora declara-se indigna de tão alto mister.

Toque de clarim.

Palhaço — Ao escrever esta peça, onde combate o mundanismo, praga de sua Igreja, o autor quis ser representado por um palhaço, para indicar que sabe, mais do que ninguém, que sua alma é um velho catre, cheio de insensatez e de solércia. Ele não tinha o direito de tocar nesse tema, mas ousou fazê-lo, baseado no espírito popular de sua gente, porque acredita que esse povo sofre e tem direito a certas intimidades.

Toque de clarim.

Palhaço — Auto da Compadecida! O ator que vai representar Manuel, isto é, Nosso Senhor Jesus Cristo, declara-se também indigno de tão alto papel, mas não vem agora, porque sua aparição constituirá um grande efeito teatral e o público seria privado desse elemento de surpresa.

Toque de clarim.

PALHAÇO — Auto da Compadecida! Uma história altamente moral e um apelo à misericórdia.

JOÃO GRILO — Ele diz "à misericórdia", porque sabe que, se fôssemos julgados pela justiça, toda a nação seria condenada.

PALHAÇO — Auto da Compadecida! *(Cantando.)* Tombei, tombei, mandei tombar!

ATORES — *(Respondendo ao canto.)* Perna fina no meio do mar.

PALHAÇO — Oi, eu vou ali e volto já.

ATORES — *(Saindo.)* Oi, cabeça de bode não tem que chupar.

PALHAÇO — O distinto público imagine à sua direita uma igreja, da qual o centro do palco será o pátio. A saída para a rua é à sua esquerda. O resto é com os atores.

> *Aqui pode-se tocar uma música alegre e o* PALHAÇO *sai dançando. Uma pequena pausa e entram* CHICÓ *e* JOÃO GRILO JOÃO GRILO — E ele vem mesmo? Estou desconfiado, Chicó. Você é tão sem confiança!

CHICÓ — Eu, sem confiança? Que é isso, João, está me desconhecendo? Juro como ele vem. Quer benzer o cachorro da mulher pra ver se o bicho não morre. A dificuldade não é ele vir, é o padre benzer. O bispo está aí e Padre João não vai benzer o cachorro.

JOÃO GRILO — Não vai benzer? Por quê? Que é que um cachorro tem de mais?

CHICÓ — Bom, eu digo assim porque sei como esse povo é cheio de coisas, mas não é nada de mais. Eu mesmo já tive um cavalo bento.

JOÃO GRILO — Que é isso, Chicó? *(Passa o dedo na garganta.)* Já estou ficando por aqui com suas histórias. É sempre uma coisa toda esquisita. Quando se pede uma explicação, vem sempre com "não sei, só sei que foi assim".

CHICÓ — Mas se eu tive mesmo o cavalo, meu filho, o que é que eu vou fazer? Vou mentir, dizer que não tive?

JOÃO GRILO — Você vem com uma história dessas e depois se queixa porque o povo diz que você é sem confiança.

CHICÓ — Eu, sem confiança? Antônio Martinho está aí pra dar as provas do que eu digo.

JOÃO GRILO — Antônio Martinho? Faz três anos que ele morreu.

CHICÓ — Mas era vivo quando eu tive o bicho.

JOÃO GRILO — Quando você teve o bicho? E foi você quem pariu o cavalo, Chicó?

CHICÓ — Eu não. Mas do jeito que as coisas vão, não me admiro mais de nada. No mês passado uma mulher pariu um, na Serra do Araripe, para os lados do Ceará.

JOÃO GRILO — Isso é coisa da seca. Acaba nisso, essa fome: ninguém pode ter menino e haja cavalo no mundo. A comida é mais barata e é coisa que se pode vender. Mas seu cavalo, como foi?

CHICÓ — Foi uma velha que me vendeu barato, porque ia se mudar, mas recomendou todo cuidado, porque o cavalo era bento. E só podia ser mesmo, porque cavalo bom como aquele eu nunca tinha visto. Uma vez corremos atrás de uma garrota, das seis da manhã até as seis da tarde, sem parar nem um momento, eu a cavalo, ele a pé. Fui derrubar a novilha já de noitinha, mas quando acabei o serviço e enchocalhei a rês, olhei ao redor, e não conhecia o lugar em que estávamos. Tomei uma vereda que havia assim e saí tangendo o boi…

JOÃO GRILO — O boi? Não era uma garrota?

CHICÓ — Uma garrota e um boi.

JOÃO GRILO — E você corria atrás dos dois de uma vez?

CHICÓ — *(Irritado.)* Corria, é proibido?

JOÃO GRILO — Não, mas eu me admiro é eles correrem tanto tempo juntos, sem se apartarem. Como foi isso?

CHICÓ — Não sei, só sei que foi assim. Saí tangendo os bois e de repente avistei uma cidade. Você sabe que eu comecei a correr da ribeira do Taperoá, na Paraíba. Pois bem, na entrada da rua perguntei a um homem onde estava e ele me disse que era Propriá, de Sergipe.

JOÃO GRILO — Sergipe, Chicó?

CHICÓ — Sergipe, João. Eu tinha corrido até lá no meu cavalo. Só sendo bento mesmo!

JOÃO GRILO — Mas Chicó, e o rio São Francisco?

CHICÓ — Só podia estar seco nesse tempo, porque não me lembro quando passei… E nesse tempo todo o cavalo ali comigo, sem reclamar nada!

JOÃO GRILO — Eu me admirava era se ele reclamasse.

CHICÓ — É por causa dessas e de outras que eu não me admiro mais de nada, João. Cachorro bento, cavalo bento, tudo isso eu já vi.

JOÃO GRILO — Quer dizer que você acha que o homem vem?

CHICÓ — Só pode vir. É o único jeito que ele tem a dar. A mulher disse que vai largá-lo, se o cachorro morrer. O doutor diz que não sabe o que é que o bicho tem, o jeito agora é apelar para o padre. Hora de se chamar padre é a hora da morte, ele tem de vir. Padre João! Padre João!

Padre — *(Aparecendo na igreja.)* Que há? Que gritaria é essa?

Fala afetadamente com aquela pronúncia e aquele estilo que Leon Bloy chamava "sacerdotais".

Chicó — Mandaram avisar para o senhor não sair, porque vem uma pessoa aqui trazer um cachorro que está se ultimando para o senhor benzer.

Padre — Para eu benzer?

Chicó — Sim.

Padre — *(Com desprezo.)* Um cachorro?

Chicó — Sim.

Padre — Que maluquice! Que besteira!

João Grilo — Cansei de dizer a ele que o senhor não benzia. Benze porque benze, vim com ele.

Padre — Não benzo de jeito nenhum.

Chicó — Mas padre, não vejo nada de mal em se benzer o bicho.

João Grilo — No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Moraes o senhor não benzeu?

Padre — Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar.

Chicó — Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

Padre — É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro. Benzer motor é fácil, todo mundo faz isso; mas benzer cachorro?

João Grilo — É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é benzer o motor do major Antônio Moraes e outra é benzer o cachorro do major Antônio Moraes.

Padre — *(Mão em concha no ouvido.)* Como?

João Grilo — Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Moraes.

Padre — E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Moraes?

João Grilo — É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer; mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

Padre — *(Desfazendo-se em sorrisos.)* Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

João Grilo — *(Cortante.)* Quer dizer que benze, não é?

Padre — *(A Chicó.)* Você o que é que acha?

Chicó — Eu não acho nada de mais!

Padre — Nem eu. Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus!

João Grilo — Então fica tudo na paz do Senhor, com cachorro benzido e todo mundo satisfeito.

Padre — Digam ao major que venha. Eu estou esperando.

Entra na igreja.

Chicó — Que invenção foi essa de dizer que o cachorro era do major Antônio Moraes?

João Grilo — Era o único jeito do padre prometer que benzia. Tem medo da riqueza do major que se pela. Não viu a diferença? Antes era "Que maluquice, que besteira!", agora "Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus!"

Chicó — Isso não vai dar certo! Você já começa com suas coisas, João! E havia necessidade de inventar que era empregado de Antônio Moraes?

João Grilo — Meu filho, empregado do major e empregado de um amigo do major é quase a mesma coisa. O padeiro vive dizendo que é amigo do homem, de modo que a diferença é muito pouca. Além disso, eu podia perfeitamente ter sido mandado pelo major, porque o filho dele está doente e pode até precisar do padre.

Chicó — João, deixe de agouro com o menino, que isso pode se virar por cima de você!

João Grilo — E você deixe de conversa! Nunca vi homem mais mole do que você, Chicó. O padeiro mandou você arranjar o padre pra benzer o cachorro e eu arranjei sem ter sido mandado. Que é que você quer mais?

Chicó — Ih, olha como isso está pegado com o patrão! Faz gosto um empregado dessa qualidade.

João Grilo — Muito pelo contrário, ainda hei de me vingar do que ele e a mulher me fizeram quando estive doente. Três dias passei em cima de uma cama pra morrer e nem um copo d'água me mandaram. Mas fiz esse trabalho com gosto, somente porque é pra enganar o padre. Não vou com aquela cara.

Chicó — Com qual? Com a do padre?

JOÃO GRILO — Com as duas. Estou acertando as contas com o padre, a qualquer hora acerto com o patrão! Eu conheço o ponto fraco do homem, Chicó!

CHICÓ — Qual é?

JOÃO GRILO — Chicó, deixe de ser hipócrita, que você sabe.

CHICÓ — Juro que não sei, João.

JOÃO GRILO — É a mulher, Chicó, e você sabe muito bem disso. Você mesmo sabe que a mulher dele…

CHICÓ — João, fale baixo, que o padre pode ouvir. Essas coisas num instante se espalham!

JOÃO GRILO — Deixe de besteira, Chicó, todo mundo já sabe que a mulher do padeiro engana o marido!

CHICÓ — João, danado, ou você fala baixo ou eu esgano você já, já.

JOÃO GRILO — Mas todo mundo não sabe mesmo?

CHICÓ — Sabe, mas não sabe que foi comigo, entendeu? E mesmo ela já me deixou por outro! Uma vez, João, e não posso me esquecer dela. Mas não quer mais nada comigo.

JOÃO GRILO — Nem pode querer, Chicó. Você é um miserável que não tem nada e a fraqueza dela é dinheiro e bicho. Ela não o teria deixado se você fosse rico. Nasceu pobre, enriqueceu com o negócio da padaria e agora só pensa nisso. Mas eu hei de me vingar dela e do marido de uma vez.

CHICÓ — Por que essa raiva dela?

JOÃO GRILO — Ó homem sem vergonha! Você inda pergunta? Está esquecido de que ela deixou você? Está esquecido da exploração que eles fazem conosco naquela padaria do inferno? Pensam que são o Cão só porque enriqueceram, mas um dia hão de me pagar. E a raiva que eu tenho é porque quando estava doente, me acabando em cima de uma cama, via passar o prato de comida que ela mandava pro cachorro. Até carne passada na manteiga tinha. Pra mim nada, João Grilo que se danasse. Um dia eu me vingo!

CHICÓ — João, deixe de ser vingativo que você se desgraça! Qualquer dia você inda se mete numa embrulhada séria!

JOÃO GRILO — E o que é que tem isso? Você pensa que eu tenho medo? Só assim é que posso me divertir. Sou louco por uma embrulhada!

CHICÓ — Permita então que eu lhe dê meus parabéns, João, porque você acaba de se meter numa danada.

JOÃO GRILO — Eu? Que há?

CHICÓ — O major Antônio Moraes vem subindo a ladeira. Certamente vem procurar o padre.

JOÃO GRILO — Ave Maria! Que é que se faz, Chicó?

CHICÓ — Não sei, não tenho nada a ver com isso! Você, que inventou a história e que gosta de embrulhada, que resolva!

JOÃO GRILO — Cale a boca, besta! Não diga uma palavra, deixe tudo por minha conta. *(Vendo ANTÔNIO MORAES no limiar, esquerda.)* Ora viva, Seu Major Antônio Moraes, como vai Vossa Senhoria? Veio procurar o padre? *(ANTÔNIO MORAES, silencioso e terrível, encaminha-se para a igreja mas JOÃO toma-lhe a frente.)* Se Vossa Senhoria quer, eu vou chamá-lo. *(ANTÔNIO MORAES afasta JOÃO do caminho com a bengala, encaminhando-se de novo para a igreja. JOÃO, aflito, dá a volta, tomando-lhe a frente e fala, como último recurso.)* É que eu queria avisar, pra Vossa Senhoria não ficar espantado: o padre está meio doido.

ANTÔNIO MORAES — *(Parando.)* Está doido? O padre?

JOÃO GRILO — *(Animando-se.)* Sim, o padre! Está dum jeito que não respeita mais ninguém e com mania de benzer tudo. Vim dar um recado a ele, mandado por meu patrão, e ele me recebeu muito mal, apesar de meu patrão ser quem é.

ANTÔNIO MORAES — E quem é seu patrão?

JOÃO GRILO — O padeiro! Pois ele chamou o patrão de cachorro e disse que apesar disso ia benzê-lo.

ANTÔNIO MORAES — Que loucura é essa?

JOÃO GRILO — Não sei, é a mania dele, agora. Benze tudo e chama a gente de cachorro.

ANTÔNIO MORAES — Isso foi porque era com seu patrão. Comigo é diferente.

JOÃO GRILO — Vossa Senhoria me desculpe, mas eu penso que não.

ANTÔNIO MORAES — Você pensa que não?

JOÃO GRILO — Penso, sim. E digo isso porque ouvi o padre dizer: "Aquele cachorro, só porque é amigo de Antônio Moraes, pensa que é alguma coisa."

ANTÔNIO MORAES — Que história é essa? Você tem certeza?

JOÃO GRILO — Certeza plena. Está doidinho, o pobre do padre!

ANTÔNIO MORAES — Pois vamos esclarecer a história, porque alguém vai pagar essa brincadeira! Quanto à mania de benzer, não faz mal, ela me será até útil. Meu filho mais moço está doente e vai pra o Recife, tratar-se. Tem uma verdadeira mania de igreja e não quer ir sem a bênção do padre. Mas fique certo de uma coisa: hei de esclarecer

tudo, e se você está com brincadeiras pra meu lado, há de se arrepender. Padre João! Padre João!

Sai pela direita. No mesmo instante, CHICÓ *tenta fugir, mas* JOÃO *agarra-o pelo pescoço.*

JOÃO GRILO — Não, você fica comigo! Vim encomendar a bênção do cachorro por sua causa e você tem de ficar. E mesmo, Chicó, você já está acostumado com essas coisas, já teve até um cavalo bento!

CHICÓ — É, mas acontece que o major Antônio Moraes pode ter alguma coisa de cavalo, de bento é que ele não tem nada!

JOÃO GRILO — Deixe de ser frouxo e fique aqui!

ANTÔNIO MORAES — *(Voltando.)* Ah, padre, estava aí? Procurei-o por toda parte.

PADRE — *(Da igreja.)* Ora quanta honra! Uma pessoa como Antônio Moraes na igreja! Há quanto tempo esses pés não cruzam os umbrais da casa de Deus!

ANTÔNIO MORAES — Seria melhor dizer logo que faz muito tempo que não venho à missa!

PADRE — Qual o quê, eu sei de suas ocupações, de sua saúde…

ANTÔNIO MORAES — Ocupações? O senhor sabe muito bem que não trabalho e que minha saúde é perfeita.

PADRE — *(Amarelo.)* Ah, é?

ANTÔNIO MORAES — Os donos de terras é que perderam hoje em dia o senso de sua autoridade. Veem-se senhores trabalhando em suas terras como qualquer foreiro. Mas comigo as coisas são como antigamente, a velha ociosidade senhorial!

PADRE — É o que eu vivo dizendo, do jeito que as coisas vão, é o fim do mundo! Mas que coisa o trouxe aqui? Já sei, não diga, o bichinho está doente, não é?

ANTÔNIO MORAES — É, já sabia?

PADRE — Já, aqui tudo se espalha num instante! Já está fedendo?

ANTÔNIO MORAES — Fedendo? Quem?

PADRE — O bichinho!

ANTÔNIO MORAES — Não. Que é que o senhor quer dizer?

PADRE — Nada, desculpe, é um modo de falar!

ANTÔNIO MORAES — Pois o senhor anda com uns modos de falar muito esquisitos!

Padre — Peço que desculpe um pobre padre sem muita instrução. Qual é a doença? Rabugem?

Antônio Moraes — Rabugem?

Padre — Sim, já vi um morrer disso em poucos dias. Começou pelo rabo e espalhou-se pelo resto do corpo.

Antônio Moraes — Pelo rabo?

Padre — Desculpe, desculpe, eu devia ter dito "pela cauda". Deve-se respeito aos enfermos, mesmo que sejam os de mais baixa qualidade.

Antônio Moraes — Baixa qualidade? Padre João, veja com quem está falando. A Igreja é uma coisa respeitável, como garantia da sociedade, mas tudo tem um limite!

Padre — Mas o que foi que eu disse?

Antônio Moraes — Baixa qualidade! Meu nome todo é Antônio Noronha de Britto Moraes e esse Noronha de Britto veio do Conde dos Arcos, ouviu? Gente que veio nas caravelas, ouviu?

Padre — Ah bem e na certa os antepassados do bichinho também vieram nas caravelas, não é isso?

Antônio Moraes — Claro! Se meus antepassados vieram, é claro que os dele vieram também. Que é que o senhor quer insinuar? Quer dizer por acaso que a mãe dele procedeu mal?

Padre — Mas, uma cachorra!

Antônio Moraes — O quê?

Padre — Uma cachorra!

Antônio Moraes — Repita!

Padre — Não vejo nada de mal em repetir, não é uma cachorra, mesmo?

Antônio Moraes — Padre, não o mato agora mesmo porque o senhor é um padre e está louco, mas vou me queixar ao bispo. *(A João.)* Você tinha razão. Apareça nos Angicos, que não se arrependerá. *(Sai.)*

Padre — *(Aflitíssimo.)* Mas me digam pelo amor de Deus o que foi que eu disse.

João Grilo — Nada, nada, padre! Esse homem só pode estar louco com essa mania de ser grande. Até ao cachorro ele quer dar carta de nobreza!

Padre — Faço tudo pra agradá-lo e vai-se queixar ao bispo! Ah se fosse no tempo do outro! Aquele, sim, era um santo, a coisa mais fácil do mundo era satisfazê-lo. Esse

dagora é uma águia, um verdadeiro administrador. Será que vai me suspender?

JOÃO GRILO — Que nada, padre, antes disso eu vou aos Angicos e arranjo tudo.

PADRE — Arranja mesmo, João? Como?

JOÃO GRILO — Deixe comigo. Antônio Moraes começou a ser meu amigo de repente. Não viu como me convidou pra ir aos Angicos? Agora é assim, João Grilo pra lá, Antônio Moraes pra cá... Está completamente perturbado!

PADRE — Pois arranje as coisas, João, que você não se arrepende.

JOÃO GRILO — Chama-se já está arranjado. Agora, eu queria um favorzinho do senhor padre.

PADRE — Eu já estava esperando por uma dessas. Nessa minha profissão a gente se acostuma de tal modo com isso de dar e tomar... O que é?

JOÃO GRILO — O cachorro de meu patrão está muito mal e eu queria que o senhor benzesse o bichinho!

PADRE — De novo? Mas é possível?

JOÃO GRILO — É mais do que possível! O senhor não ia benzer o do major Antônio Moraes?

PADRE — E de quem é que você está falando?

JOÃO GRILO — De meu patrão.

PADRE — E seu patrão não é Antônio Moraes?

JOÃO GRILO — Não.

PADRE — Mas você ainda agora disse isso aqui, João!

JOÃO GRILO — Eu? Quem disse isso foi Chicó.

CHICÓ *dá um grande salto de surpresa.*

PADRE — E quem é seu patrão?

JOÃO GRILO — O padeiro.

PADRE — E o cachorro dele também está doente?

JOÃO GRILO — Está.

PADRE — Também, oh terra pra ter cachorro doente só é essa!

JOÃO GRILO — E a mania agora é benzer, benzer tudo quanto é de bicho!

Ouvem-se, fora, grandes gritos de mulher.

JOÃO GRILO — É a mulher, com o cachorro. Como é, o senhor benze ou não benze?

PADRE — Pensando bem, acho melhor não benzer! O bispo está aí e eu só benzo se ele der licença. *(À esquerda aparece a* MULHER *DO* PADEIRO *e o* PADRE *corre pra ela.)* Pare, pare! *(Aparece o* PADEIRO.*)* Parem, parem! Um momento. Entre o senhor e entre a senhora: o cachorro fica lá!

MULHER — Ai, padre, pelo amor de Deus, meu cachorro está morrendo! É o filho que eu conheço neste mundo, padre! Não deixe o cachorrinho morrer, padre!

PADRE — *(Comovido.)* Pobre mulher! Pobre cachorro!

JOÃO GRILO *estende-lhe um lenço e ele se assoa ruidosamente.*

PADEIRO — O senhor benze o cachorro, Padre João?

JOÃO GRILO — Não pode ser. O bispo está aí e o padre só benzia se fosse o cachorro do major Antônio Moraes, gente mais importante, porque senão o homem pode reclamar.

PADEIRO — Que história é essa? Então Vossa Senhoria pode benzer o cachorro do major Antônio Moraes e o meu não?

PADRE — *(Apaziguador.)* Que é isso, que é isso?

PADEIRO — Eu é que pergunto: que é isso? Afinal de contas eu sou presidente da Irmandade das Almas, e isso é alguma coisa!

JOÃO GRILO — É, padre, o homem aí é coisa muita: presidente da Irmandade das Almas! Pra mim isso é um caso claro de cachorro bento. Benza logo o cachorro e tudo fica em paz.

PADRE — Não benzo, não benzo e acabou-se. Não estou pronto pra fazer essas coisas assim de repente. Sem pensar, não!

MULHER — *(Furiosa.)* Quer dizer, quando era o cachorro do major, já estava tudo pensado, pra benzer o meu é essa complicação! Olhe que meu marido é presidente e sócio benfeitor da Irmandade das Almas! Vou pedir a demissão dele!

PADEIRO — Vai pedir minha demissão!

MULHER — De hoje em diante não me sai lá de casa nem um pão pra a Irmandade!

PADEIRO — Nem um pão!

MULHER — E olhe que os pães que vêm para aqui são de graça!

PADEIRO — São de graça!

Mulher — E olhe que as obras da igreja é ele quem está custeando!

Padeiro — Sou eu que estou custeando!

Padre — *(Apaziguador.)* Que é isso, que é isso!

Mulher — O que é isso? É a voz da verdade, Padre João! O senhor agora vai ver quem é a mulher do padeiro!

João Grilo — Ai, ai, ai, e a senhora, o que é que é do padeiro?

Mulher — A vaca...

Chicó — A vaca?!

Mulher — A vaca que eu mandei pra cá, pra fornecer leite ao vigário, tem que ser devolvida hoje mesmo!

Padeiro — Hoje mesmo!

Padre — Mas até a vaca? Sacristão, sacristão!

João Grilo — A vaca também é demais! *(Arremedando o Padre.)* Sacristão, sacristão!

O Sacristão *aparece à porta. É um sujeito magro, pedante, pernóstico, de óculos azuis que ele ajeita com as duas mãos de vez em quando, com todo cuidado. Para no limiar da cena, vindo da igreja, e examina todo o pátio.*

João Grilo — Sacristão, a vaca da mulher do padeiro tem que sair!

Sacristão — Um momento. Um momento. Em primeiro lugar, o cuidado da casa de Deus e de seus arredores. Que é isso? Que é isso?

Ele *domina toda a cena, inclusive o* Padre*, que tem uma confiança enorme na empáfia, segurança e hipocrisia do secretário.*

Mulher e Padeiro — *(Ao mesmo tempo, em resposta à pergunta do Sacristão.)* É o padre...

Sacristão — *(Afastando os dois com a mão e olhando para a direita.)* Que é aquilo? Que é aquilo?

Sua *afetação de espanto é tão grande, que todos se voltam para a direção em que ele olha.*

Sacristão — Mas um cachorro morto no pátio da casa de Deus?

Padeiro — Morto?

Mulher — *(Mais alto.)* Morto?

Sacristão — Morto, sim! Vou reclamar à Prefeitura!

Padeiro — *(Correndo e voltando-se do limiar.)* É verdade, morreu!

Mulher — Ai, meu Deus, meu cachorrinho morreu!

Correm todos para a direita, menos João Grilo *e* Chicó. *Este vai para a esquerda, olha a cena que se desenrola lá fora, e fala com grande gravidade na voz.*

Chicó — É verdade, o cachorro morreu. Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre!

João Grilo — *(Suspirando.)* Tudo o que é vivo morre! Está aí uma coisa que eu não sabia! Bonito, Chicó, onde foi que você ouviu isso? De sua cabeça é que não saiu, que eu sei!

Chicó — Saiu mesmo não, João. Isso eu ouvi um padre dizer uma vez. Foi no dia em que meu pirarucu morreu.

João Grilo — Seu pirarucu?

Chicó — Meu, é um modo de dizer, porque, pra falar a verdade, acho que eu é que era dele. Nunca lhe contei isso não?

João Grilo — Não, já ouvi falar de homem que tem peixe, mas de peixe que tem homem, é a primeira vez.

Chicó — Foi quando eu estive no Amazonas. Eu tinha amarrado a corda do arpão em redor do corpo, de modo que estava com os braços sem movimento. Quando ferrei o bicho, ele deu um puxavante maior e eu caí no rio.

João Grilo — O bicho pescou você!...

Chicó — Exatamente, João, o bicho me pescou. Para encurtar a história, o pirarucu me arrastou rio acima três dias e três noites.

João Grilo — Três dias e três noites? E você não sentia fome não, Chicó?

Chicó — Fome não, mas era uma vontade de fumar danada. E o engraçado foi que ele deixou pra morrer bem na entrada de uma vila, de modo que eu pudesse escapar. O enterro foi no outro dia e nunca mais esqueci o que o padre disse, na beira da cova.

João Grilo — E como avistaram você, da vila?

Chicó — Ah, eu levantei um braço e acenei, acenei, até que uma lavadeira me avistou e vieram me soltar.

João Grilo — E você não estava com os braços amarrados, Chicó?

CHICÓ — João, na hora do aperto, dá-se um jeito a tudo!

JOÃO GRILO — Mas que jeito você deu?

CHICÓ — Não sei, só sei que foi assim! Mas deixe de agonia, que o povo vem aí.

MULHER — *(Entrando.)* Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai, ai!

JOÃO GRILO — *(Mesmo tom.)* Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai, ai!

Dá uma cotovelada em CHICÓ.

CHICÓ — *(Obediente.)* Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai, ai!

Essa lamentação deve ser mal representada de propósito, ritmada como choro de palhaço de circo.

SACRISTÃO — *(Entrando com o PADRE e o PADEIRO.)* Que é isso, que é isso? Que barulho é esse na porta da casa de Deus?

PADRE — Todos devem se resignar.

MULHER — Se o senhor tivesse benzido o bichinho, a essas horas ele ainda estava vivo.

PADRE — Qual, qual, quem sou eu!

MULHER — Mas tem uma coisa, agora o senhor enterra o cachorro!

PADRE — Enterro o cachorro?

MULHER — Enterra e tem que ser em latim. De outro jeito não serve, não é?

PADEIRO — É, em latim não serve.

MULHER — Em latim é que serve!

PADEIRO — É, em latim é que serve!

PADRE — Vocês estão loucos! Não enterro de jeito nenhum.

MULHER — Está cortado o rendimento da irmandade!

PADEIRO — Está cortado o rendimento da irmandade!

PADRE — Não enterro!

MULHER — Meu marido considera-se demitido da presidência.

PADEIRO — Considero-me demitido da presidência!

PADRE — Não enterro!

MULHER — A vaquinha vai sair daqui imediatamente!

Padre — Oh mulher sem coração!

Mulher — Sem coração, porque não quero ver meu cachorrinho comido pelos urubus? O senhor enterra!

Padre — Ai meus dias de seminário, minha juventude heroica e firme!

Mulher — Pão pra a casa do vigário só vem agora dormido e com o dinheiro na frente! Enterra ou não enterra?

Padre — Oh mulher cruel!

Mulher — Decida-se, Padre João!

Padre — Não me decido coisa nenhuma, não tenho mais idade pra isso. Vou é me trancar na igreja e de lá ninguém me tira!

Entra na igreja, correndo.

João Grilo — *(Chamando o patrão à parte.)* Se me dessem carta branca, eu enterrava o cachorro.

Padeiro — Tem a carta.

João Grilo — Posso gastar o que quiser?

Padeiro — Pode.

Mulher — Que é que vocês estão combinando aí?

João Grilo — Estou aqui dizendo que, se é desse jeito, vai ser difícil cumprir o testamento do cachorro, na parte do dinheiro que ele deixou para o padre e para o sacristão.

Sacristão — Que é isso? Que é isso? Cachorro com testamento?

João Grilo — Esse era um cachorro inteligente. Antes de morrer, olhava para a torre da igreja toda vez que o sino batia. Nesses últimos tempos, já doente pra morrer, botava uns olhos bem compridos pros lados daqui, latindo na maior tristeza. Até que meu patrão entendeu, com a minha patroa, é claro, que ele queria ser abençoado pelo padre e morrer como cristão. Mas nem assim ele sossegou. Foi preciso que o patrão prometesse que vinha encomendar a bênção e que, no caso dele morrer, teria um enterro em latim. Que em troca do enterro acrescentaria no testamento dele dez contos de réis para o padre e três para o sacristão.

Sacristão — *(Enxugando uma lágrima.)* Que animal inteligente! Que sentimento nobre! *(Calculista.)* E o testamento? Onde está?

João Grilo — Foi passado em cartório, é coisa garantida. Isto é, era coisa garantida, porque agora o padre vai deixar os urubus comerem o cachorrinho e, se o testamento for cumprido nessas condições, nem meu patrão nem minha patroa estão livres de serem perseguidos pela alma.

Chicó — *(Escandalizado.)* Pela alma?

João Grilo — Alma não digo, porque acho que não existe alma de cachorro, mas assombração de cachorro existe e é uma das mais perigosas. E ninguém quer se arriscar assim a desrespeitar a vontade do morto.

Mulher — Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai, ai!

João Grilo e Chicó — Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai, ai!

Sacristão — *(Cortante.)* Que é isso, que é isso? Não há motivo para essas lamentações. Deixem tudo comigo!

Entra apressadamente na igreja.

Padeiro — Assombração de cachorro? Que história é essa?

João Grilo — Que história é essa? Que história é essa é que o cachorro vai se enterrar e é em latim!

Padeiro — Pode ser que se enterre, mas em assombração de cachorro eu nunca ouvi falar!

Chicó — Mas existe. Eu mesmo já encontrei uma.

Padeiro — *(Temeroso.)* Quando? Onde?

Chicó — Na passagem do riacho de Cosme Pinto.

Padeiro — Tinham me dito que o lugar era assombrado, mas nunca pensei que se tratasse de assombração de cachorro.

Chicó — Se o lugar é assombrado, não sei. O que eu sei é que eu ia atravessando o sangrador do açude e me caiu do bolso nágua uma prata de dez tostões. Eu ia com meu cachorro e já estava dando a prata por perdida, quando vi que ele estava assim como quem está cochichando com outro. De repente o cachorro mergulhou, e trouxe o dinheiro, mas quando fui verificar só encontrei dois cruzados.

Padeiro — Oi! E essas almas de lá têm dinheiro trocado?

Chicó — Não sei, só sei que foi assim.

O Sacristão *e o* Padre *saem da igreja.*

Sacristão — Mas eu não já disse que fica tudo por minha conta?

Padre — Por sua conta como, se o vigário sou eu?

Sacristão — O vigário é o senhor, mas quem sabe quanto vale o testamento sou eu.

Padre — Hein? O testamento?

Sacristão — Sim, o testamento.

Padre — Mas que testamento é esse?

Sacristão — O testamento do cachorro.

Padre — E ele deixou testamento?

Padeiro — Só para o vigário deixou dez contos.

Padre — Que cachorro inteligente! Que sentimento nobre!

João Grilo — E um cachorro desse ser comido pelos urubus! É a maior das injustiças.

Padre — Comido, ele? De jeito nenhum. Um cachorro desse não pode ser comido pelos urubus!

Todos aplaudem, batendo palmas ritmadas e discretas e o Padre agradece, fazendo mesuras. Mas de repente lembra-se do Bispo.

Padre — *(Aflito.)* Mas que jeito pode-se dar nisso? Estou com tanto medo do bispo! E tenho medo de cometer um sacrilégio!

Sacristão — Que é isso, que é isso? Não se trata de nenhum sacrilégio. Vamos enterrar uma pessoa altamente estimável, nobre e generosa, satisfazendo, ao mesmo tempo, duas outras pessoas altamente estimáveis *(Aqui o Padeiro e a Mulher fazem uma curvatura a que o Sacristão responde com outra igual.)*, nobres *(Nova curvatura.)* e, sobretudo, generosas. *(Novas curvaturas.)* Não vejo mal nenhum nisso!

Padre — É, você não vê mal nenhum, mas quem me garante que o bispo também não vê?

Sacristão — O bispo?

Padre — Sim, o bispo. É um grande administrador, uma águia a quem nada escapa.

João Grilo — Ah, é um grande administrador? Então pode deixar tudo por minha conta, que eu garanto.

Padre — Você garante?

João Grilo — Garanto. Eu teria medo se fosse o anterior, que era um santo homem. Só o jeito que ele tinha de olhar para a gente me fazia tirar o chapéu. Mas com esses grandes administradores eu me entendo que é uma beleza.

SACRISTÃO — E mesmo não será preciso que Vossa Reverendíssima intervenha. Eu faço tudo!

PADRE — Você faz tudo?

SACRISTÃO — Faço.

MULHER — Em latim?

SACRISTÃO — Em latim.

PADEIRO — E o acompanhamento?

JOÃO GRILO — Vamos eu e Chicó. Com o senhor e sua mulher, acho que já dá um bom enterro!

PADEIRO — Você acha que está bem assim?

MULHER — Acho.

PADEIRO — Então eu também acho!

SACRISTÃO — Se é assim, vamos ao enterro. *(JOÃO GRILO estende a mão a CHICÓ, que a aperta calorosamente.)* Como se chamava o cachorro?

MULHER — *(Chorosa.)* Xaréu.

SACRISTÃO — *(Enquanto se encaminha para a direita em tom de canto gregoriano.)* Xaréu. Absolve, Domine, animas omnium fidelium defunctorum ab omni vinculi delictorum.

TODOS — Amém.

Saem todos em procissão, atrás do SACRISTÃO, com exceção do PADRE, que fica um momento silencioso, levando depois a mão à boca, em atitude angustiada, e sai correndo para a igreja.

Aqui o espetáculo pode ser interrompido, a critério do encenador, marcando-se o fim do primeiro ato. E pode-se continuá-lo, com a entrada do PALHAÇO.

PALHAÇO — Muito bem, muito bem, muito bem! Assim se conseguem as coisas neste mundo. E agora, enquanto Xaréu se enterra "em latim", imaginemos o que se passa na cidade. Antônio Moraes saiu furioso com o padre e acaba de ter uma longa conferência com o bispo a esse respeito. Este, que está inspecionando sua diocese, tem que atender a inúmeras conveniências. Em primeiro lugar, não pode desprestigiar a Igreja, que o padre, afinal de contas, representa na paróquia. Mas tem também que pensar em certas conjunturas e transigências, pois Antônio Moraes é dono de todas as minas da região e é um homem poderoso, tendo enriquecido fortemente o patrimônio que herdou, e que já era grande, durante a guerra, em que o comércio de minérios esteve no auge. De modo que lá vem o bispo. Peço todo o silêncio e respeito do auditório,

porque a grande figura que se aproxima é, além de bispo, um grande administrador e político. Sou o primeiro a me curvar diante deste grande príncipe da Igreja, prestando-lhe minhas mais carinhosas homenagens.

Curva-se profundamente e o Bispo *entra pela direita, acompanhado pelo* Frade*. O* Bispo *é um personagem medíocre, profundamente enfatuado, enquanto o* Frade*, a quem todos tratam com desprezo maldisfarçado, é a alegria e bondade em pessoa. Ante a curvatura do* Palhaço*, o* Bispo *faz um gesto soberano, mandando-o erguer-se. O* Frade *aponta o* Palhaço *e dispara na risada, tapando a boca com a mão; mas o* Bispo *olha-o severamente e o* Frade *baixa a cabeça, intimidado. Nova curvatura do* Palhaço*, novo gesto do* Bispo*.*

Palhaço — *(Animado pelo acolhimento.)* Muito bem, olá, como está Vossa Reverendíssima, como vai essa prosápia, essa bizarria…

Enquanto fala, vai fazendo as graças ingênuas de palhaço, pendurando o chapéu e o paletó, que caem ao chão, num cabide imaginário. Já em mangas de camisa, dirige-se ao Bispo *com os braços largamente abertos, como quem vai abraçá-lo, mas o* Bispo *ergue a mão num gesto de desprezo e o* Palhaço *ri amarelo, parando à espera.*

Bispo — Retro! Onde está o padre?

Palhaço — Deve estar na igreja.

O Bispo *volta-se para o* Frade*, fazendo-lhe um aceno majestoso e descuidado. O* Frade *corre para a igreja.*

Bispo — É horrível ter de viver com um débil mental às costas, mas meu antecessor gostava dele e não quis desprestigiá-lo, porque afinal de contas ele era meu colega, de modo que conservei essa lesma no lugar em que a encontrei!

O Palhaço *concorda, fazendo uma grande curvatura, e vem falar ao público.*

Palhaço — E agora afasto-me prudentemente, porque a vizinhança desses grandes administradores é sempre uma coisa perigosa e a própria Igreja ensina que o melhor é evitar as ocasiões. *(Ao Bispo.)* Peço licença a Vossa Excelência Reverendíssima, mas tenho que me retirar.

Curvatura do Palhaço *e do* Bispo*. O* Palhaço *sai e, no mesmo instante, o* Frade *volta com o* Padre*.*

Padre — *(Nervoso.)* Não esperava Vossa Reverendíssima aqui agora, de modo que…

Bispo — Deixemos isso, *passons*, como dizem os franceses. Mas há coisas que não posso deixar de lado, com essa facilidade.

Padre — Não estou entendendo!

Bispo — *(Severo.)* Pois entenderá já. Quando eu lhe disser que Antônio Moraes falou comigo…

Padre — *(Sorridente.)* Antônio Moraes falou com o senhor!

Bispo — Falou sim, e foi pra reclamar de seu procedimento para com ele.

Padre — Não entendo o que Vossa Reverendíssima quer dizer.

Bispo — Não vejo dificuldade nenhuma em se entender isso, Padre João. Antônio Moraes veio a mim se queixar de sua brutalidade para com ele.

Padre — Como é?

Bispo — Vamos deixar de brincadeiras! O senhor sabe perfeitamente a que estou me referindo. Por que chamou a mulher dele de cachorra?

Padre — Eu?

Bispo — Sim, o senhor. Quer me levar ao ridículo, é, Padre João?

Padre — Não, nunca, Deus me livre! Mas juro que não chamei a mulher dele de cachorra.

Bispo — Chamou, Padre João!

Padre — Não chamei, Senhor Bispo!

Bispo — Chamou, Padre João!

Padre — Não chamei, Senhor Bispo!

Bispo — *(Elevando a voz.)* Chamou, Padre João!

Padre — *(Resignado.)* Chamei, Senhor Bispo!

Bispo — Afinal, chamou ou não chamou?

Padre — Não chamei, mas se Vossa Reverendíssima diz que eu chamei é porque sabe mais do que eu!

Bispo — Então não é verdade que ele veio pedir que o senhor lhe abençoasse o filho e que você chamou a mulher dele de cachorra?

Padre — O filho?

Bispo — Sim, o filho dele que está doente!

Padre — E é o filho dele que está doente?

BISPO — Claro que é, não é o que estou dizendo?

PADRE — O Grilo tinha me dito que era o cachorro!

BISPO — O grilo? Padre João, você quer brincar comigo? Que história de grilo e cachorro é essa?

PADRE — Vossa Reverendíssima perdoe, agora eu entendo tudo!

BISPO — Mas acontece que agora quem começa a não entender sou eu.

PADRE — A culpa é do Grilo.

BISPO — Do grilo?

PADRE — De João Grilo.

BISPO — Quem é João Grilo?

PADRE — Um canalhinha amarelo que mora aqui e trabalha na padaria! Chegou dizendo que o cachorro de Antônio Moraes estava doente e que ele queria que eu o benzesse. Quando o homem chegou, a confusão foi a maior do mundo. Agora eu entendo tudo. Mas ele me paga!

JOÃO GRILO — *(Cantando fora.)* Lampião, grande cangaceiro,

pensava que nunca morria:
morreu à boca da noite,
Maria Bonita ao romper do dia.

Entram JOÃO GRILO *e* CHICÓ.

JOÃO GRILO — Padre João, querido Padre João, está tudo pronto e nós muito satisfeitos com o senhor!

PADRE — João Grilo, querido João Grilo, nós também estamos satisfeitíssimos com o senhor!

JOÃO GRILO — Qual, quem sou eu, um pobre Grilo que não vale nada… É bondade de Vossa Reverendíssima.

PADRE — É mesmo, é bondade minha, porque você não passa de um amarelo muito safado!

JOÃO GRILO — Está ouvindo, Chicó? Eita, eu, se fosse você, reagia.

CHICÓ — Eu?

JOÃO GRILO — Sim, eu, se fosse você, reagia. Não admito que ninguém diga isso de um amigo meu na minha frente.

CHICÓ — Mas o amigo é você!

JOÃO GRILO — E então? Reaja, Chicó, seja homem!

CHICÓ — Eu, não. Reaja você!

JOÃO GRILO — Você não é homem não, Chicó?

CHICÓ — Eu sou homem, mas sou frouxo!

JOÃO GRILO — Muito bem, se é assim, eu falo. Por que Vossa Reverendíssima me chamou de safado?

PADRE — Porque você é um amarelo muito safado.

JOÃO GRILO — Pois se esqueceram de botar isso na minha certidão de idade!

O PADRE *tenta agredir* JOÃO *mas o* FRADE *o impede.*

PADRE — Como é que você veio me dizer que o cachorro de Antônio Moraes estava doente, fazendo-me chamar a mulher dele de cachorra?

JOÃO GRILO — Ah, e a safadeza é essa? Isso é nada, Padre João! Muito pior é enterrar cachorro em latim, como se ele fosse cristão, e nem por isso eu vou chamá-lo de safado.

PADRE — *(Enorme grito.)* Ai!

BISPO — Que é isso?

PADRE — Uma dor que me deu de repente. Ai!

JOÃO GRILO — Coitado, não tem que ver o grito que minha patroa dava enquanto se fazia o enterro do cachorro!

PADRE — Ai, João Grilo, meu querido, me acuda que eu estou morrendo!

JOÃO GRILO — Eu? Quem sou eu pra socorrer padre, eu, um amarelo muito safado!

PADRE — Eu retiro o que disse, João!

JOÃO GRILO — Retirando ou não retirando, o fato é que o cachorro enterrou-se em latim.

BISPO — Um cachorro? Enterrado em latim?

PADRE — Enterrado latindo, Senhor Bispo. Au, au, au, não sabe?

BISPO — Não sei não senhor, nunca vi cachorro morto latir… Que história é essa?

PADRE — Ai! Ai! Ai!

SACRISTÃO — *(Entrando.)* Que é isso? Que é isso?

João Grilo — É o bispo que quer saber que história é essa.

Sacristão — *(Fazendo mesuras.)* Senhor Bispo, excelente e reverendíssimo Senhor Bispo… Qual história?

João Grilo — Essa de padre e sacristão se juntarem pra enterrar um cachorro em latim!

Sacristão — Ai!

João Grilo — Que aperreio é esse? A desgraça agora foi que começou!

Bispo — Então houve isso? Um cachorro enterrado em latim?

João Grilo — E então? É proibido?

Bispo — Se é proibido? É mais do que proibido! Código Canônico, artigo 1627, parágrafo único, letra *k*. Padre, o senhor vai ser suspenso.

Padre — Ai!

João Grilo — Vossa Excelência Reverendíssima vai suspender o padre?

Bispo — Vou, por que não? Acha pouco o que ele fez? Uma vergonha! Uma desmoralização!

Padre — Ai!

Bispo — E o sacristão também vai pular fora de seu emprego!

Sacristão — Ai!

Bispo — Quanto ao senhor, Senhor João Grilo, vai-se arrepender de suas brincadeiras, jogando a Igreja contra Antônio Moraes. Uma vergonha, uma desmoralização!

João Grilo — É mesmo, é uma vergonha! Um cachorro safado daquele se atrever a deixar três contos de réis para o sacristão, quatro para o padre e seis para o bispo, é demais.

Bispo — *(Mão em concha no ouvido.)* Como?

João Grilo — Ah! E o senhor não sabe da história do testamento ainda não?

Bispo — Do testamento? Que testamento?

Chicó — O testamento do cachorro!

Bispo — Testamento do cachorro?

Padre — *(Animando-se.)* Sim. O cachorro tinha um testamento. Maluquice de sua dona! Deixou três contos de réis para o sacristão, quatro para a paróquia e seis para a diocese.

BISPO — É por isso que eu vivo dizendo que os animais também são criaturas de Deus. Que animal inteligente! Que sentimento nobre!

PADRE — *(Arriscando.)* Para atender à vontade da dona, deixei que o sacristão acompanhasse o…

BISPO — *(Sorridente.)* O enterro!

PADRE — *(Sorridente.)* Sim, o enterro!

BISPO — Em latim?

SACRISTÃO — Nada, eu disse aí umas quatro ou cinco coisas que sabia, coisa pouca!

JOÃO GRILO — *(Gregoriano.)* Não sei quê, não sei quê, defunctorum.

CHICÓ — *(Mesmo tom.)* Amém.

BISPO — É preciso deliberar. É assunto pra se discutir com muito cuidado. Vamos reunir o concílio.

Encaminha-se para a igreja. O SACRISTÃO quer ir logo depois dele, mas o PADRE o impede e toma para si o lugar de honra. O FRADE segue-os.

SACRISTÃO — *(Do limiar, antes de entrar na igreja.)* Na verdade, vê-se logo que é um grande administrador!

CHICÓ — Você ainda se desgraça numa embrulhada dessas. Eles viram a bexiga?

JOÃO GRILO — *(Exibindo-a.)* Que nada, está aqui.

CHICÓ — Se a mulher do padeiro descobrir que você tirou a bexiga do cachorro antes do enterro…

JOÃO GRILO — Que é que tem isso? Eu estava precisando dela pra um negócio que estou planejando e a necessidade desculpa tudo. O cachorro já estava morto, não precisava mais dela, eu tirei, porque estava precisando! Ela não tem nada a reclamar.

CHICÓ — É, o cachorro já estava morto, mas você sabe como esse povo rico é cheio de confusão com os mortos. Eu, às vezes, chego a pensar que só quem morre completamente é pobre, porque com os ricos a confusão continua por tanto tempo depois da morte, que chega a parecer que ou eles não morrem direito, ou a morte deles é outra!

JOÃO GRILO — Você ainda não viu nada! Eu ter tirado a bexiga do cachorro não quer dizer coisa nenhuma. Danado é o gato que arranjei pra tomar o lugar do morto.

CHICÓ — Do morto? Que morto?

JOÃO GRILO — O cachorro, companheiro! Você vai ver uma coisa.

Chicó — Não estou entendendo nada.

João Grilo — Pois vai entender daqui a pouco. Vou entrar também no testamento do cachorro.

Chicó — Como, João?

João Grilo — Eu não lhe disse que a fraqueza da mulher do patrão era bicho e dinheiro?

Chicó — Disse.

João Grilo — Pois vou vender a ela, pra tomar o lugar do cachorro, um gato maravilhoso, que descome dinheiro!

Chicó — Descome, João?

João Grilo — Sim, descome, Chicó. Come, ao contrário.

Chicó — Está doido, João! Não existe essa qualidade de gato.

João Grilo — Muito mais difícil de existir é pirarucu que pesca gente e você mesmo já foi pescado por um.

Chicó — É mesmo, João, do jeito que as coisas vão eu não me admiro mais de nada!

João Grilo — Pra uma pessoa cuja fraqueza é dinheiro e bicho, não vejo nada melhor do que um bicho que descome dinheiro.

Chicó — João, não é duvidando não, mas como é que esse gato descome dinheiro?

João Grilo — É isso que é preciso combinar com você. A mulher vem já pra cá, cumprir o testamento. Eu deixei o gato amarrado ali fora. Você vá lá e enfie essas pratas de dez tostões no desgraçado do gato, entendeu?

Chicó — Entendi demais. *(Vai sair mas volta.)* Ó João!!

João Grilo — Que é?

Chicó — E cabe?

João Grilo — Sei lá! Se não couber, bote de cinco tostões, entendeu?

Chicó — Entendi.

João Grilo — Quando eu gritar por você, venha, me entregue o gato e deixe o resto por minha conta.

Chicó — *(Vai sair mas volta.)* E o que é que eu ganho nisso tudo?

João Grilo — Uma parte no testamento do cachorro.

Chicó — *(Idem.)* E se o negócio der errado?

João Grilo — Lá vem você com suas latomias! Quer ou não quer? Se não quer diga logo, que eu arranjo outro sócio.

Chicó — Quero.

João Grilo — Então vá.

Chicó — *(Idem.)* E a bexiga do cachorro?

João Grilo — Homem, vá-se embora, pelo amor de Deus, que a mulher vem por aí! Espere. A bexiga é que vai nos garantir se o negócio der errado. Leve, encha de sangue e bote no peito dentro da camisa. Vá, vá.

Chicó *faz uma saudação à mulher, que vem entrando com dois pacotinhos de dinheiro, e sai.*

João Grilo — Como vai a senhora? Já está mais consolada?

Mulher — Consolada? Como, se além de perder meu cachorro, ainda tive de gastar treze contos pra ele se enterrar?

João Grilo — Está aí, o dinheiro?

Mulher — Está. Entregue ao padre e ao sacristão.

João Grilo — Um momento. O que é que tem escrito aqui?

Mulher — Sacristão.

João Grilo — E aqui?

Mulher — Padre.

João Grilo — Pois por favor escreva aqui “bispo e padre”.

Mulher — Bispo e padre? Por quê?

João Grilo — Porque houve aqui um pequeno arranjo e o bispo também teve que entrar no testamento.

Mulher — *(Escrevendo.)* Que complicação! E se ao menos eu lucrasse alguma coisa... Mas perdi foi meu cachorro.

João Grilo — Quem não tem cão caça com gato.

Mulher — Como é?

João Grilo — Quem não tem cão caça com gato e eu arranjei um gato que é uma beleza para a senhora.

Mulher — Um gato?

João Grilo — Um gato.

Mulher — E é bonito?

João Grilo — Uma beleza!

Mulher — Ai, João, traga pra eu ver! Chega me dá uma agonia! Traga, João, já estou gostando do bichinho. Gente, não, é povo que não tolero, mas bicho dá gosto.

João Grilo — Pois então vou buscá-lo.

Mulher — Espere. Sabe do que mais, João? Não vá buscar o gato que isso só me traz aborrecimento e despesa. Não viu o que aconteceu com o cachorro? Terminei tendo que fazer testamento.

João Grilo — Ah, mas aquilo é porque foi seu cachorro. Com meu gato é diferente…

Mulher — Diferente por quê?

João Grilo — Porque, em vez de dar despesa, esse gato dá lucro.

Mulher — Fora cabra, vaca, ovelha e cavalo, bicho que dá lucro não existe.

João Grilo — Não existe se não… Eu fico meio encabulado de dizer!

Mulher — Que é isso, João, você está em casa! Diga!

João Grilo — É que o gato que eu lhe trouxe descome dinheiro.

Mulher — Descome dinheiro?

João Grilo — Descome, sim.

Mulher — Essa, eu só acredito vendo!

João Grilo — Pois vai ver. Chicó!

Mulher — Ah, e é história de Chicó? Logo vi!

João Grilo — Nada de história de Chicó, mas foi ele quem guardou o bicho. Chicó!

Chicó — *(Entrando com o gato.)* Tome seu gato. Eu não tenho nada com isso.

João *dá-lhe uma cotovelada e apresenta o gato à mulher.*

João Grilo — Está aí o gato.

Mulher — E daí?

João Grilo — É só tirar o dinheiro.

Mulher — Pois tire!

João Grilo — *(Virando o gato pra Chicó, com o rabo levantado.)* Tire aí, Chicó!

Chicó — Eu não, tire você!

João Grilo — Deixe de luxo, Chicó, em ciência tudo é natural.

Chicó — Pois se é natural, tire.

João Grilo — Então tiro. *(Passa a mão no traseiro do gato e tira uma prata de cinco tostões.)* Está aí, cinco tostões que o gato lhe dá de presente.

Mulher — Muito obrigada, mas se você não se zanga eu quero ver de novo.

João Grilo — De novo?

Mulher — Vi você passar a mão e sair com o dinheiro, mas agora quero ver é o parto.

João Grilo — O parto?

Mulher — Sim, quero ver o dinheiro sair do gato.

João Grilo — Pois então veja.

Mulher — *(Depois da nova retirada.)* Nossa Senhora, é mesmo! João, me arranje esse gato pelo amor de Deus!

João Grilo — Arranjar é fácil, agora, pelo amor de Deus é que não pode ser, porque sai muito barato. Amor de Deus é coisa que eu tenho, dê ou não lhe dê o gato.

Mulher — Quer dizer que não tem jeito de eu arranjar esse gato?

João Grilo — Tem um jeito, e é até fácil!

Mulher — Pois diga qual é, João.

João Grilo — Deixe eu entrar no testamento do cachorro.

Mulher — Pois você entra! Por quanto vende o gato?

João Grilo — Um conto, está bom?

Mulher — Está não, está caro.

João Grilo — Mas por um gato que descome dinheiro!

Mulher — Já fiz a conta, vou levar dois mil dias só pra tirar o preço.

João Grilo — Mas ele descome mais de uma vez por dia, a senhora não viu?

Mulher — Mas ele pode morrer! Só dou quinhentos e, se você não aceitar, será demitido da padaria.

João Grilo — Está certo, fica pelos quinhentos.

Mulher — Tome lá. Passe o gato, Chicó. Meu Deus, que gatinho lindo! Agora a coisa é outra, tenho um filho de novo e vou tirar o prejuízo.

Sai, contentíssima.

Chicó — João, adeus. Eu vou-me embora.

João Grilo — Nada disso, tome lá a metade do dinheiro e deixe de ser mole!

Chicó — Homem, eu não tenho coragem de continuar sempre, é melhor fugir logo, enquanto tudo está em paz.

João Grilo — Não adianta, Chicó, você já entrou na história e agora é tarde porque a mulher descobre já. Quantas pratas você conseguiu meter?

Chicó — Três!

João Grilo — Então o negócio estoura já!

Chicó — Meu Deus, se eu sair com vida dessa história, subo a Serra do Pico de joelhos!

João Grilo — Deixe de moleza, Chicó. Você encheu a bexiga de sangue?

Chicó — *(Apontando a barriga.)* Enchi, está aqui.

João Grilo — Então está tudo garantido.

Entram o Bispo, o Padre, o Frade e o Sacristão.

Bispo — Não resta nenhuma dúvida, foi tudo legal, certo e permitido. Código Canônico, artigo 368, parágrafo terceiro, letra *b*.

Sacristão — Quer dizer que não agi mal?

Bispo — Muito pelo contrário, você agiu muito bem.

João Grilo — E aqui está a prova de que você agiu muito bem. *(Entregando os pacotes.)* "Bispo e padre" e "sacristão".

Sacristão — *(Falsamente admirado.)* Que é isso? Que é isso?

João Grilo — O testamento do cachorro, a prova de que você agiu bem, de acordo com o Código Canônico, artigo não sei quanto, parágrafo sete, letra *b.*

Padre — Ah, você sabe ler, João?

João Grilo — Não, conheci pelo peso.

Padre — *(Dividindo o pacote.)* Senhor Bispo…

Bispo — Não há pressa, não há pressa…

Mesmo assim, recebe o dinheiro, conta-o e embolsa-o, rapidamente.

JOÃO GRILO — E fica mais uma vez tudo em paz, na santa paz do Senhor, com o cachorro enterrado em latim e todo mundo satisfeito.

CHICÓ — Isso é o que você diz, João, mas acho que a opinião do padeiro é outra muito diferente.

JOÃO GRILO — E quem está pedindo a opinião do padeiro?

CHICÓ — Ninguém, mas mesmo sem ninguém pedir, ele vem ali doido pra dar!

PADEIRO — Ah, você está aí? *(Pega JOÃO pela camisa.)* O gato não descome dinheiro coisa nenhuma, descome o que todo gato descome. Mas você me paga!

JOÃO GRILO — Que é isso? Que é isso? O senhor não tem vergonha de dizer essas coisas diante do bispo? Descome, não descome! Que conversa mais imoral!

PADEIRO — *(Furioso.)* Imoral é você, vendendo aquele gato!

JOÃO GRILO — E eu tenho culpa de sua mulher só gostar de bicho?

PADEIRO — Só gostar de bicho não, que ela casou comigo.

JOÃO GRILO — Sua diferença pra bicho é muito pouca, padeiro!

PADEIRO — O quê? É assim que você me trata agora? Olhe que eu boto você pra fora da padaria!

JOÃO GRILO — Você não bota coisa nenhuma, porque eu já estou fora dela! Faz exatamente dez minutos que eu me considero demitido daquela porcaria! Um sujeito como eu não trabalha pra uma mulher que compra gato.

PADEIRO — Ladrão! Ladrão!

JOÃO GRILO — Ladrão é você, presidente da irmandade! Três dias passei em cima de uma cama, tremendo de febre. Mandava pedir socorro a você e a ela, e nada. Até o padre, que mandei pedir pra me confessar, não mandaram. E isso depois de passar seis anos trabalhando naquela desgraça!

PADEIRO — Ingrato, eu que nunca o despedi, apesar de todas as suas trapaças!

JOÃO GRILO — Nunca me despediu porque eu trabalhava barato e bem. Está aí Padre João que o diga! Qual era o melhor pão da rua, Padre João?

PADRE — O pão de João Grilo.

JOÃO GRILO — Está vendo? Ladrão é você, ladrão de farinha. Eu o que faço é me defender como posso.

BISPO — Afinal que barulhada é essa?

PADEIRO — Foi esse ladrão que vendeu um gato à minha mulher, dizendo que ele descomia dinheiro, Senhor Bispo.

FRADE — Ra, ra! Essa foi boa!

PADEIRO — Boa? E é um frade que vem dizer isso? É o fim do mundo!

BISPO — Não se incomode, trata-se de um débil mental.

PADEIRO — Faço minha queixa ao Senhor Bispo, na qualidade de presidente da Irmandade das Almas.

BISPO — Está recebida a queixa e vai ser apurado o fato, pra denúncia à autoridade secular.

JOÃO GRILO — Não vai ser apurada coisa nenhuma, porque agora eu vou-me embora daqui. E sabem do que mais? Vão-se danar todos, sacristão, padeiro, padre, bispo, porque eu já estou cheio, sabem?

SACRISTÃO — João Grilo!

PADRE — João Grilo!

BISPO — Senhor João Grilo!

JOÃO GRILO — É isso mesmo e façam favor de não me irritar senão eu dou um tiro na cabeça de Chicó!

CHICÓ — Na minha? Dê na da sua mãe, que pelo menos pariu você!

Fora, som de tiros e gritos de socorro.

PADRE — Meu Deus, que terá sido isso?

BISPO — O barulho era de tiro!

MULHER — *(Entrando, assombrada.)* Valha-me Deus! Ai, meu marido de minha alma, vai morrer todo mundo agora! Socorro, Senhor Bispo!

BISPO — Que há? Que é isso? Que barulho!

MULHER — É Severino do Aracaju, que entrou na cidade com um cabra e vem pra cá roubar a igreja.

PADRE — Ave Maria! Valha-me Nossa Senhora!

BISPO — Quem é Severino do Aracaju?

SACRISTÃO — Um cangaceiro, um homem horrível!

Bispo — *(À Mulher.)* Chame a polícia.

Mulher — A polícia correu.

Bispo — Correu?

Mulher — E então? Informaram-se por onde ele vinha e saíram exatamente pelo outro lado.

Bispo — Ave Maria! Valha-me Nossa Senhora!

Mulher — Ai, meu Deus!

Padeiro — Ai, meu Deus!

Padre — E será verdade mesmo? Onde está Severino?

Severino — *(Aparecendo.)* Aqui.

Bispo — *(Desmaiando.)* Ai!

João Grilo — Que grande administrador!

Severino — Um momento, ninguém corra! O primeiro que tentar fugir, morre! O que é isso que está aí deitado, é algum cônego?

Bispo — *(Abrindo os olhos, cioso do posto.)* Bispo.

Severino — Ótimo. Nunca tinha matado um bispo, o senhor vai ser o primeiro!

Bispo — *(Desmaiando.)* Ai!

Severino — *(Dando-lhe um pontapé.)* Levante-se e deixe de chamego. Chilique comigo não pega! *(O Bispo levanta-se vagarosamente.)* Vossa Reverendíssima vai-me desculpar, mas deixe ver os bolsos.

Bispo — Não tenho nada, o capitão compreende…

Severino — *(Cortante.)* Mesmo assim eu quero ver. E deixe de me chamar de capitão, que eu não gosto!

Bispo — E como hei de chamá-lo, então?

Severino — Severino, que é meu nome de batismo!

Padre — É que nós não temos coragem de chamar uma pessoa tão importante de Severino.

Severino — Isso tudo é porque quem está com o rifle sou eu! Se fosse qualquer um de vocês, eu era chamado era de Biu! Deixem de conversa, que isso comigo não vale. Mostre o bolso. *(Tirando o dinheiro.)* Seis contos! Mas é possível? Já vi que o negócio de reza está prosperando por aqui.

João Grilo — Depois que se começou a enterrar cachorro então, faz gosto!

Severino — E isto tudo foi pra se enterrar um cachorro?

João Grilo — Foi.

Severino — Nesse caso o padre deve ter também alguma coisa pra seu amigo Severino.

Padre — Tenho, não vou negar. Aqui estão dois contos, Senhor Severino. É o que posso lhe dar, no momento.

Severino — *(Irônico.)* É mesmo, padre? Não é possível! Numa terra em que o bispo tem seis contos, o padre deve ter no mínimo uns três. *(Severo.)* Deixe ver os bolsos. Olhe lá, eu não disse? Fazendo jogo sujo, hein, padre? Quem diria, um ministro de Deus! Enfim, isso é um fim de mundo. E o sacristão, que é que me diz disso tudo?

Sacristão — Só tenho a lamentar minha pobreza, que não me permite ajudar os amigos.

Severino — Mais pobre do que Vossa Senhoria é Severino do Aracaju, que não tem ninguém por ele, a não ser seu velho e pobre papo-amarelo Mas mesmo assim eu quero ajudá-lo, porque Vossa Senhoria é meu amigo. *(Tirando o dinheiro.)* Três contos! Estou quase pensando em deixar o cangaço. Eu deixava vocês viverem, o bispo demitia o sacristão e me nomeava no lugar dele. Com mais uns cinquenta cachorros que se enterrassem, eu me aposentava. *(Sonhador.)* Podia comprar uma terrinha e ia criar meus bodes. Umas quatro ou cinco cabeças de gado e podia-se viver em paz e morrer em paz, sem nunca mais ouvir falar no velho papo-amarelo Bispo — Mas é uma grande ideia, Severino.

Severino — É uma grande ideia agora, porque a polícia fugiu! Mas ela volta com mais gente e eu não dava três dias para o senhor bispo fazer o enterro do novo sacristão.

Mulher — *(Sedutora.)* Então venha trabalhar comigo na padaria. Garanto que não se arrependerá.

Severino — *(Severo.)* Mostre a mão esquerda.

Mulher — *(Cariciosa.)* Pois não, com muito gosto.

Severino — É uma aliança?

Mulher — É, sou casada com essa desgraça aí, mas estou tão arrependida! Só gosto de homens valentes e esse é uma vergonha!

Severino — Vergonha é uma mulher casada na igreja se oferecer desse jeito. Aliás, já tinha ouvido falar que a senhora enganava seu marido com todo mundo.

Padeiro — O quê? É possível?

João Grilo — Está aí Chicó que o diga.

Chicó — Eu?

Severino — A coisa de que eu tenho mais raiva no mundo é de mulher assim. Sabe o que é que eu faço com as que encontro com esse costume?

Mulher — Não.

Severino — Ferro na tábua do queixo.

Mulher — Ai!

Padeiro — Não ligue ao que ela diz, mas o senhor podia vir mesmo trabalhar comigo na padaria. Não se ganha muito, mas dá pra viver.

Severino — Então ganha-se pouco na padaria?

Padeiro — Muito pouco, eu mesmo não tenho nada aqui, veja.

Severino — Não precisa, eu acredito. O que você tinha deixou no cofre e eu tirei tudo, de passagem por lá.

Padeiro — Ai!

Severino — Não vejo motivo pra essas agonias. Estou no meu direito, porque a polícia fugiu e eu tomei a cidade.

João Grilo — Dou toda a razão a você, Severino, mas está ficando tarde e eu tenho o que fazer. Vamos embora, Chicó. Vocês, até logo e muito boa viagem pra todos.

Severino — Um momento, amarelinho, quero falar com você. *(A Chicó.)* Você também não se apresse.

João Grilo — Homem, eu já sei qual é a conversa que você quer ter comigo. Tome logo meus duzentos e cinquenta mil-réis e deixe eu ir-me embora. Dê os seus também, Chicó, e vamos sair daqui, que o calor está aumentando.

Severino — Nada disso. Você agora fica e vai morrer com os outros. Está-me chamando de ladrão? Severino do Aracaju pode ser assassino, mas não mata ninguém sem motivo. Até hoje só matei pra roubar. É assim que garanto meu sustento. Mas você me chamou de ladrão e vai se arrepender.

Bispo — Quer dizer que o senhor vai nos matar a todos?

Severino — Vou, por que não?

Bispo — Mas você não disse que só mata pra garantir seu sustento?

Severino — E não é o que estou fazendo?

Bispo — É um louco! Socorro! Socorro!

Severino — Pode gritar à vontade, garanto que não vem ninguém. Mas somente por causa desse grito, Vossa Excelência vai ser o primeiro. Tenha a bondade de passar para ali, porque Severino do Aracaju não mata ninguém defronte da igreja.

Frade — Severino!

Severino — Senhor!

Frade — Deixe eu confessar esse povo.

Severino — O senhor frade vai me perdoar, mas não tenho tempo. A polícia pode voltar e tenho que matar vocês de um por um.

Frade — Então vou absolver todos condicionalmente, e peço ao padre que faça o mesmo comigo.

Bispo — Débil mental! *(A Severino.)* Cavalheiro…

Severino — *(Fazendo uma vênia.)* Senhor Bispo… Não adianta olhar para os lados, porque, se não sair, morre aqui mesmo. Seja homem, dê um exemplo a seus dois secretários que estão em tempo de se acabar de medo.

O Padre e o Sacristão começam a rezar. O Bispo ergue a cabeça e quer sair com dignidade, mas as pernas lhe tremem de tal modo que ele vai tropeçando.

Severino — Sustente as pernas, Senhor Bispo! Que vergonha, chega dá desgosto se matar um homem desse! Vá, vá logo!

O Bispo sai pela esquerda. Severino faz um aceno para o Cangaceiro. Este sai, atrás do Bispo. Um tiro. Severino baixa a cabeça afirmativamente, sorrindo com a eficiência da execução. O Cangaceiro reaparece, fazendo um gesto horizontal e cortante com a mão.

Severino — Senhor Padre, pela ordem, é a sua vez.

Padre — *(Descobrindo o rosto.)* Pode cuidar logo do sacristão.

Sacristão — Nada disso, a vez é do senhor!

Severino — Para não haver discussão, vão os dois de uma vez.

Padre — *(A João Grilo.)* Tudo isso por sua culpa, com suas histórias de cachorro bento e cachorro enterrado!

João Grilo — Cachorro bento é você. Eu não digo que sou sem sorte mesmo? Aqui desgraçado, aperreado, me preparando pra morrer, ainda aparece Padre João pra me chamar de cachorro! Cachorro é você!

Com a raiva, Padre João se esquece do medo e sai rapidamente, mas o Sacristão fica.

Severino — Que é isso, quer deixar o padre sem poder rezar o ofício?

Sacristão — O ofício? Que ofício, o dos mortos?

Severino — Nada, o do casamento. Vou casar vocês dois com a morte. Ra, ra, essa foi boa!

Sacristão — *(Sem gosto.)* Foi ótima!

Severino — Vá atrás de seu patrão e nunca mais se esqueça aqui do juiz que casou vocês!

Cangaceiro — E nem do escrivão!

O Sacristão sai. Dois tiros, mesma cena entre Severino e o Cangaceiro.

Frade — Agora, eu?

Severino — Não, não gosto de matar frade que dá azar. Vá embora. *(O Frade sai.)* E chega agora a vez do excelentíssimo senhor padeiro desta cidade de Taperoá, que terá a subida satisfação de morrer ao lado de sua excelentíssima mulher safada.

Padeiro — Antes de morrer, tenho um pedido a fazer.

Severino — Ai, ai, ai! O que é?

Padeiro — Quero que ela morra primeiro, pra eu ver.

Severino — Concedido. *(Ao Cangaceiro.)* Mate a mulher primeiro.

Mulher — Ah desgraçado!

Padeiro — Desgraçada é você que me desgraçava a testa sem eu saber! E se ao menos fosse com uma pessoa de respeito! Mas até Chicó!

Chicó — Até Chicó o quê? Eu fui que corri o perigo de ficar falado, andando com essa mulher pra cima e pra baixo!

Padeiro — Eu não digo? Você me desgraçou. Caminhe na frente! Faço questão de ver essa desgraça morrer!

Mulher — E então? Pensa que vou fazer cara feia? Está muito enganado, tenho mais coragem do que muito homem safado! Você, sim, está aí em tempo de se acabar. Pensa que não vi as pernas de sua calça tremendo, desde que ele entrou? Frouxo safado, não lhe dou o gosto de me queixar de jeito nenhum. *(Ao Cangaceiro.)* Está pronto?

Cangaceiro — Estou.

Mulher — Pois vamos. *(Sai firmemente, acompanhada pelo marido, que cambaleia.)* Eu não disse? Segure aqui, que eu ajudo.

O Padeiro se apoia na mulher e saem os dois, abraçados.

João Grilo — E é assim que serão dois numa só carne.

Chicó — Não mangue não, João. Mulher valente! Safada mas valente.

João Grilo — Você que diz isso é porque sabe.

Um só tiro. Ficam todos em expectativa e o Cangaceiro volta.

Severino — Que foi isso? Só matou um?

Cangaceiro — Não, os dois.

Severino — Só ouvi um tiro.

Cangaceiro — Ia matar a mulher primeiro, como o senhor mandou, mas no momento em que ia puxar o gatilho, o homem correu, abraçou-se com a mulher e morreram juntos.

Severino — Muito bem. Como é o nome de Vossa Senhoria?

JOÃO GRILO — Minha Senhoria não tem nome nenhum, porque não existe. Pobre tem lá senhoria, só tem desgraça!

SEVERINO — Diga então o nome de Vossa Desgracência!

JOÃO GRILO — João Grilo.

SEVERINO — Chega então a vez de Sua Desgracência, o Senhor João Grilo, o amarelo mais amarelo que já tive a honra de matar. Pode ir, a casa é sua.

JOÃO GRILO — Um momento. Antes de morrer, quero lhe fazer um grande favor.

SEVERINO — Qual é?

JOÃO GRILO — Dar-lhe esta gaita de presente.

SEVERINO — Uma gaita? Pra que eu quero uma gaita?

JOÃO GRILO — Pra nunca mais morrer dos ferimentos que a polícia lhe fizer.

SEVERINO — Que conversa é essa? Já ouvi falar de chocalho bento que cura mordida de cobra, mas de gaita que cura ferimento de rifle, é a primeira vez.

JOÃO GRILO — Mas cura! Essa gaita foi benzida por Padre Cícero, pouco antes de morrer!

SEVERINO — Eu só acredito vendo.

JOÃO GRILO — Pois não. Queira Vossa Excelência me ceder seu punhal.

SEVERINO — Olhe lá!

JOÃO GRILO — Não tenha cuidado. Pode apontar o rifle e se eu tentar alguma coisa pra seu lado, queime.

SEVERINO — *(Ao CANGACEIRO.)* Aponte o rifle pra esse amarelo, que é desse povo que eu tenho medo! *(Entrega o punhal a JOÃO, sob a mira do CANGACEIRO.)* E agora?

JOÃO GRILO — Agora vou dar uma punhalada na barriga de Chicó.

CHICÓ — Na minha, não!

JOÃO GRILO — Deixe de moleza, Chicó. Depois eu toco na gaita e você fica vivo de novo! *(Murmurando, a CHICÓ.)* A bexiga, a bexiga!

Acena pra CHICÓ*, mostrando a barriga e lembrando a bexiga, mas* CHICÓ *não entende.*

CHICÓ — Muito obrigado, mas eu não quero não, João.

JOÃO GRILO — *(Novos acenos.)* Mas eu não já disse que toco na gaita?

Chicó — Então vamos fazer o seguinte: você leva a punhalada e quem toca na gaita sou eu.

João Grilo — Homem, sabe do que mais? Vamos deixar de conversa. Tome lá! Morra, desgraçado!

Dá uma punhalada na bexiga. Com a sugestão, Chicó cai ao solo, apalpa-se, vê a bexiga e só então entende. Ele fecha os olhos e finge que morreu.

João Grilo — Está vendo o sangue?

Severino — Estou. Vi você dar a facada, disso nunca duvidei. Agora, quero ver é você curar o homem.

João Grilo — É já!

Começa a tocar na gaita e Chicó começa a se mover no ritmo da música, primeiro uma mão, depois as duas, os braços, até que se levanta como se estivesse com dança de São Guido.

Severino — Nossa Senhora! Só tendo sido abençoada por Meu Padrinho Padre Cícero! Você não está sentindo nada?

Chicó — Nadinha!

Severino — E antes?

Chicó — Antes como?

Severino — Antes de João tocar na gaita.

Chicó — Ah, eu estava morto.

Severino — Morto?

Chicó — Completamente morto! Vi Nossa Senhora e Padre Cícero no céu!

Severino — Mas em tão pouco tempo? Como foi isso?

Chicó — Não sei, só sei que foi assim.

Severino — E que foi que Padre Cícero lhe disse?

Chicó — Disse: "Essa é a gaitinha que eu abençoei antes de morrer. Vocês devem dá-la a Severino, que precisa dela mais do que vocês."

Severino — Ah meu Deus, só podia ser Meu Padrinho Padre Cícero mesmo! João, me dê essa gaitinha!

João Grilo — Então me solte e solte Chicó.

Severino — Não pode ser, João. Eu matei o bispo, o padre, o sacristão, o padeiro e a mulher e eles morreram esperando. Se eu não matar você, vêm-me perseguir de noite, porque será uma injustiça com eles!

João Grilo — Mas mesmo eu lhe dando essa gaita? Você repare que eu podia ter morrido sem nada lhe dizer e você nunca saberia de nada, porque ninguém ia dar importância a uma gaita!

Severino — É verdade!

João Grilo — Eu lhe dei uma oportunidade de conhecer Meu Padrinho Padre Cícero e você me paga desse modo!

Severino — Conhecer? Nunca tive essa sorte! Fui uma vez ao Juazeiro só pra conhecer Meu Padrinho, mas pensaram que eu ia atacar a cidade e fui recebido a bala!

João Grilo — Mas pode conhecê-lo agora.

Severino — Como?

João Grilo — Seu cabra lhe dá um tiro de rifle, você vai visitá-lo. Então eu toco na gaita e você volta.

Severino — E se você não tocar?

João Grilo — Não está vendo que eu não faço uma miséria dessa? Garanto que toco!

Severino — Sua ideia é boa, mas por segurança entregue a gaita a meu cabra. *(João entrega a gaita.)* Agora eu levo um tiro e vejo Meu Padrinho?

João Grilo — Vê, não vê, Chicó?

Chicó — Vê demais! Está lá, vestido de azul, com uma porção de anjinhos em redor. Ele até estava dizendo: "Diga a Severino que eu quero vê-lo."

Severino — Ai, eu vou. Atire, atire!

Cangaceiro — Capitão!

Severino — Atire, cabra frouxo, eu não estou mandando?

Cangaceiro — Capitão!

Severino — Atire!

João Grilo — Homem, atire logo pelo amor de Deus!

O Cangaceiro *ergue o rifle.*

Severino — Espere. *(João, extremamente nervoso, ergue os braços para o céu.)* Não se esqueça de tocar na gaita.

CANGACEIRO — Não tenha cuidado, Capitão.

SEVERINO — Então atire.

O CANGACEIRO *ergue o rifle de novo e atira.* SEVERINO *cai e o* CANGACEIRO *pega a gaita.*

JOÃO GRILO — *(Impedindo-o.)* Não, deixe pra tocar depois! Deixe pobre de Severino conversar mais um pedaço com Padre Cícero! Essas ocasiões são poucas, é preciso aproveitar.

CANGACEIRO — Não, já deu tempo dele ver o padre. *(Toca na gaita.)* Capitão! *(Toca na gaita.)* Capitão! Capitão! *(Empurra SEVERINO com o pé.)* Está morto!

JOÃO GRILO — Toque na gaita!

CANGACEIRO — *(Depois de tocar.)* Capitão! Ah, Grilo amaldiçoado, você matou o capitão!

JOÃO GRILO — Em cima dele, Chicó!

Atacam o CANGACEIRO. *Sem que ninguém veja a facada,* JOÃO GRILO *dá uns meneios e saltos de gato na frente do* CANGACEIRO, *que puxa um revólver.* CHICÓ *imobiliza os braços do* CANGACEIRO, *segurando-o por trás. Com uma das mãos força-o a apontar o revólver para o chão.*

JOÃO GRILO — Solte o homem, Chicó!

CHICÓ — Mas, João, soltar o homem com um revólver na mão?

JOÃO GRILO — Solte o homem, Chicó!

CHICÓ — João, se eu soltar o homem, ele mete-lhe o revólver na cara!

JOÃO GRILO — Solte o homem, Chicó!

CHICÓ — João, você está doido? Não está vendo que o homem passa-lhe fogo?!

JOÃO GRILO — Solte o homem, Chicó!

CHICÓ — Pois então tome!

Solta o CANGACEIRO, *que cai ao chão.*

JOÃO GRILO — Eu não lhe disse que soltasse, homem? Na primeira visagem que eu fiz na frente dele, meti-lhe a faca na barriga!

CHICÓ — João, meu filho, você é grande! Vamos embora!

JOÃO GRILO — Nada disso, só saio daqui com o testamento do cachorro.

Vai ao lugar onde está o corpo de Severino *e tira o dinheiro.*

Chicó — João, de tudo isso eu só não entendo uma coisa.

João Grilo — O que é?

Chicó — Como foi que você adivinhou que Severino vinha e preparou a história da bexiga?

João Grilo — Eu não adivinhei coisa nenhuma, a bexiga estava preparada pra a mulher do padeiro, quando ela viesse reclamar o preço do gato. Eu ia ver se convencia o marido dela a dar-lhe uma facada, pra experimentar a gaita e me vingar do que ela me fez. Severino meteu-se no meio porque quis e de enxerido que era.

Chicó — Vamos embora, João!

João Grilo — Mas Chicó, tenha vergonha, você ainda está com medo?

Chicó — Estou, João, com um pressentimento ruim danado!

João Grilo — Então vamos embora, mas deixe de agouro.

Chicó *sai para a cidade, mas* João *para no limiar, erguendo teatralmente os braços.*

João Grilo — E agora a vida boa e a independência pra João Grilo e pra Chicó, graças à minha altíssima sabedoria e ao testamento do cachorro.

Chicó — *(De fora.)* João, venha embora pelo amor de Deus!

João Grilo — Já vou, Chicó, João Grilo já vai.

O Cangaceiro *reergue dificilmente a cabeça, pega o rifle, atira em* João *e morre.* João *entra em cena segurando o espinhaço e senta-se no chão.* Chicó *volta correndo.*

Chicó — Que foi isso, João?

João Grilo — O cabra estava vivo ainda e atirou em mim.

Chicó — Ai, minha Nossa Senhora, será que você vai morrer, João?

João Grilo — Acho que vou, Chicó, estou ficando com a vista escura.

Chicó — Ai, meu Deus, pobre de João Grilo vai morrer!

João Grilo — Deixe de latomia, Chicó, parece até que nunca viu um homem morrer! Nisso tudo eu só lamento é perder o testamento do cachorro.

Morre.

Chicó — João! João! Morreu! Ai meu Deus, morreu pobre de João Grilo! Tão amarelo, tão safado e morrer assim! Que é que eu faço no mundo sem João? João! João! Não tem mais jeito, João Grilo morreu. Acabou-se o Grilo mais inteligente do mundo. Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre. Que posso fazer agora? Somente seu enterro e rezar por sua alma.

Entra na igreja, limpando as lágrimas e aqui pode-se novamente interromper o espetáculo. Se se montar a peça com dois cenários, organiza-se então a cena para o julgamento que se segue. Mas pode-se continuá-lo com o mesmo cenário, usando-se somente pequenas modificações, já sugeridas no início e que o próprio texto a seguir esclarece.

Palhaço — *(Entrando.)* Peço desculpas ao distinto público que teve de assistir a essa pequena carnificina, mas ela era necessária ao desenrolar da história. Agora a cena vai mudar um pouco. João, levante-se e ajude a mudar o cenário. Chicó! Chame os outros.

Chicó — Os defuntos também?

Palhaço — Também.

Chicó — Senhor Bispo, Senhor Padre, Senhor Padeiro!

Aparecem todos.

Palhaço — É preciso mudar o cenário, para a cena do julgamento de vocês. Tragam o trono de Nosso Senhor! Agora a igreja vai servir de entrada para o céu e para o purgatório. O distinto público não se espante ao ver, nas cenas seguintes, dois demônios vestidos de vaqueiro, pois isso decorre de uma crença comum no sertão do Nordeste. Agora os mortos. Quem estava morto?

Bispo — Eu.

Palhaço — Deite-se ali.

Padre — Eu também.

Palhaço — Deite-se junto dele. Quem mais?

João Grilo — Eu, o padeiro, a mulher, o sacristão, Severino e o cabra.

Palhaço — Deitem-se todos e morram.

João Grilo — Um momento.

Palhaço — Homem, morra, que o espetáculo precisa continuar!

João Grilo — Espere, quer mandar no meu morredor?

PALHAÇO — O que é que você quer?

JOÃO GRILO — Já que tenho de ficar aqui morto, quero pelo menos ficar longe do sacristão.

PALHAÇO — Pois fique. Deite-se ali. E você, Chicó?

CHICÓ — Eu escapei. Estava na igreja, rezando pela alma de João Grilo.

PALHAÇO — Que bem precisada anda disso. Saia e vá rezar lá fora. Muito bem, com toda essa gente morta, o espetáculo continua e terão oportunidade de assistir a seu julgamento. Espero que todos os presentes aproveitem os ensinamentos desta peça e reformem suas vidas, se bem que eu tenha certeza de que todos os que estão aqui são uns verdadeiros santos, praticantes da virtude, do amor a Deus e ao próximo, sem maldade, sem mesquinhez, incapazes de julgar e de falar mal dos outros, generosos, sem avareza, sóbrios, castos e pacientes. E basta, se bem que seja pouco. Música.

> *Música de circo. O* PALHAÇO *sai dançando. Se se montar a peça em três atos ou houver mudança de cenário, começará aqui a cena do julgamento, com o pano abrindo e os mortos despertando.*

JOÃO GRILO — *(Para o CANGACEIRO.)* Mas me diga uma coisa, havia necessidade de você me matar?

CANGACEIRO — E você não me matou?

JOÃO GRILO — Pois é por isso mesmo que eu reclamei. Você já estava desgraçado, podia ter-me deixado em paz.

SEVERINO — Eu, por mim, agora que já morri, estou achando até bom. Pelo menos estou descansando daquelas correrias. Quem deve estar achando ruim é o bispo.

BISPO — Eu? Por quê? Estou até me dando bem!

JOÃO GRILO — É, estão todos muito calmos porque ainda não repararam naquele freguês que está ali, na sombra, esperando que nós acordemos.

PADRE — Quem é?

JOÃO GRILO — Você ainda pergunta? Desde que cheguei que comecei a sentir um cheiro ruim danado. Essa peste deve ser um diabo.

DEMÔNIO — *(Saindo da sombra, severo.)* Calem-se todos. Chegou a hora da verdade.

SEVERINO — Da verdade?

DEMÔNIO — Da verdade, sim.

JOÃO GRILO — Então já sei que estou desgraçado, porque comigo era na mentira.

DEMÔNIO — Vocês agora vão pagar tudo o que fizeram.

PADRE — Mas o que foi que eu fiz?

DEMÔNIO — Silêncio! Chegou a hora do silêncio pra vocês e do comando pra mim. E calem-se todos. Vem chegando agora quem pode mais do que eu e do que vocês. Deitem-se! Deitem-se! Ouçam o que estou dizendo, senão será pior!

> *Desde que ele começou a falar, soam ritmadamente duas pancadas, fortes e secas, de tambor e uma de prato, com uma pausa mais ou menos longa entre elas, ruído que deve se repetir até a aparição do* ENCOURADO. *Este é o diabo, que, segundo uma crença do sertão do Nordeste, é um homem que se veste como vaqueiro. Esta cena deve se revestir de um caráter meio grotesco, pois a ordem que o* DEMÔNIO *dá, mandando que os personagens se deitem, já insinua o fato de que o maior desejo do diabo é imitar Deus, resultado de seu orgulho grotesco. E tanto é assim, que ele tenta conseguir aí pela intimidação o tributo que Jesus terá depois, espontaneamente, quando de sua entrada. O* BISPO *é o único a esboçar um movimento de obediência, mas, antes que ele se deite, o* ENCOURADO *entra, dando pancadas de rebenque na perna e ajustando suas luvas de couro. Os mortos começam a tremer exageradamente e o* DEMÔNIO *corre pra junto dele, servil e pressuroso.*

DEMÔNIO — Desculpe, fiz tudo pra que eles se deitassem, mas não houve jeito.

ENCOURADO — *(Ríspido.)* Cale-se. Você nunca passará de um imbecil. Como se eu vivesse fazendo questão de ser recebido dessa ou daquela maneira!

DEMÔNIO — Peço-lhe desculpas, não foi isso que eu quis dizer.

ENCOURADO — Foi exatamente isso que você quis dizer. É terrível ter-se um sonho como o que eu tive e ver que ele vai ancorar nesse embrutecimento da inteligência e da dignidade!

DEMÔNIO — Isso pode acontecer comigo. Eu posso me sentir assim, mas o senhor…

ENCOURADO — Cale-se, já disse! Que me importa o que você faz ou sente? O que me desgosta é ver minha imagem refletida em você, uma imagem profundamente repugnante. Mas vamos aos fatos. Que vergonha! Todos tremendo! Tão corajosos antes, tão covardes agora! O senhor bispo, tão cheio de dignidade, o padre, o valente Severino… E você, o Grilo que enganava todo o mundo, tremendo como qualquer safado!

JOÃO GRILO — Que é que posso fazer? Já disse mais de cem vezes a mim que não tremesse e tremo. Desde que ouvi aquelas pancadas que comecei a sentir um calafrio danado.

Encourado — E tem razão, porque o que vai lhe acontecer é coisa muito séria. *(Sorrindo.)* É engraçado como vocês empregam às vezes a palavra exata, sem terem consciência perfeita do fato. O que você sentiu foi exatamente um arrepio de danado. *(Severo, ao Demônio.)* Leve todos para dentro.

Severino — Ai meu Deus, vou pagar minhas mortes no inferno!

Bispo — Senhor demônio, tenha compaixão de um pobre bispo!

Encourado — Ah, compaixão... Como pilhéria é boa! Vamos, todos para dentro. Para dentro, já disse. Todos para o fogo eterno, pra padecer comigo.

O Demônio começa a perseguir os mortos e o alarido deles é terrível. Ele vai agarrando um por um e os mortos vão se desvencilhando, aos gritos.

Bispo — Ai! Leve o padre!

Padre — Ai! Leve o sacristão!

Sacristão — Ai! Leve Severino!

Severino — Ai! Leve o cabra!

João Grilo — Parem, parem! Acabem com essa molecagem!

Seu grito é tão grande que todos param e o silêncio se faz.

João Grilo — Acabem com essa molecagem. Diabo dum barulho danado! É assim, é? É assim, é?

Encourado — Assim como?

João Grilo — É assim, de vez? É só dizer "pra dentro" e vai tudo? Que diabo de tribunal é esse que não tem apelação?

Encourado — É assim mesmo e não tem para onde fugir!

João Grilo — Sai daí, pai da mentira! Sempre ouvi dizer que pra se condenar uma pessoa ela tem de ser ouvida!

Bispo — Eu também. Boa, João Grilo!

Padre — Boa, João Grilo!

Mulher — Boa, João Grilo!

Padeiro — Você achou boa?

Mulher — Achei.

Padeiro — Então eu também achei. Boa, João Grilo!

Severino — É isso mesmo e eu vou apelar pra Nosso Senhor Jesus Cristo, que é quem pode saber.

Encourado — Besteira, maluquice!

Padre — Besteira ou maluquice, eu também apelo. Senhor Jesus, certo ou errado, eu sou um padre e tenho meus direitos. Quero ser julgado, antes de ser entregue ao diabo.

Aqui começam a soar pancadas de sino, no mesmo ritmo das de tambor anteriores. O Encourado começa a ficar agitado.

João Grilo — Ah! pancadinhas benditas! Oi, está tremendo? Que vergonha, tão corajoso antes, tão covarde agora! Que agitação é essa?

Encourado — Quem está agitado? É somente uma questão de inimizade. Tenho o direito de me sentir mal com aquilo que me desagrada.

João Grilo — Eu, pelo contrário, estou me sentindo muito bem. Sinto-me como se minha alma quisesse cantar.

Bispo — *(Estranhamente emocionado.)* Eu também. É estranho, nunca tinha experimentado um sentimento como esse. Mas é uma vontade esquisita, pois não sei bem se ela é de cantar ou de chorar.

Esconde o rosto entre as mãos. As pancadas do sino continuam e toca uma música de aleluia. De repente, João ajoelha-se, como que levado por uma força irresistível e fica com os olhos fixos fora. Todos vão-se ajoelhando vagarosamente. O Encourado volta rapidamente as costas, para não ver o Cristo que vem entrando. É um preto retinto, com uma bondade simples e digna nos gestos e nos modos. A cena ganha uma intensa suavidade de iluminura. Todos estão de joelhos, com o rosto entre as mãos.

Encourado — *(De costas, grande grito, com o braço ocultando os olhos.)* Quem é? É Manuel?

Manuel — Sim, é Manuel, o Leão de Judá, o Filho de Davi. Levantem-se todos, pois vão ser julgados.

João Grilo — Apesar de ser um sertanejo pobre e amarelo, sinto perfeitamente que estou diante de uma grande figura. Não quero faltar com o respeito a uma pessoa tão importante, mas se não me engano aquele sujeito acaba de chamar o senhor de Manuel.

Manuel — Foi isso mesmo, João. Esse é um de meus nomes, mas você pode me chamar também de Jesus, de Senhor, de Deus… Ele gosta de me chamar Manuel, ou Emanuel,

porque pensa que assim pode se persuadir de que sou somente homem. Mas você, se quiser, pode me chamar de Jesus.

João Grilo — Jesus?

Manuel — Sim.

João Grilo — Mas, espere, o senhor é que é Jesus?

Manuel — Sou.

João Grilo — Aquele Jesus a quem chamavam Cristo?

Jesus — A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

João Grilo — Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado.

Bispo — Cale-se, atrevido.

Manuel — Cale-se você. Com que autoridade está repreendendo os outros? Você foi um bispo indigno de minha Igreja, mundano, autoritário, soberbo. Seu tempo já passou. Muita oportunidade teve de exercer sua autoridade, santificando-se através dela. Sua obrigação era ser humilde, porque quanto mais alta é a função, mais generosidade e virtude requer. Que direito tem você de repreender João porque falou comigo com certa intimidade? João foi um pobre em vida e provou sua sinceridade exibindo seu pensamento. Você estava mais espantado do que ele e escondeu essa admiração por prudência mundana. O tempo da mentira já passou.

João Grilo — Muito bem. Falou pouco mas falou bonito. A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto.

Manuel — Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceitos de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que isso ia despertar comentários. Que vergonha! Eu, Jesus, nasci branco e quis nascer judeu, como podia ter nascido preto. Para mim, tanto faz um branco como um preto. Você pensa que eu sou americano para ter preconceito de raça?

Padre — Eu, por mim, nunca soube o que era preconceito de raça.

Encourado — *(Sempre de costas pra Manuel.)* É mentira. Só batizava os meninos pretos depois dos brancos.

Padre — Mentira! Muitas vezes batizei os pretos na frente.

Encourado — Muitas vezes, não, poucas vezes; e, mesmo essas poucas, quando os pretos eram ricos.

Padre — Prova de que eu não me importava com a cor, de que o que me interessava...

Manuel — Era a posição social e o dinheiro, não é, Padre João? Mas deixemos isso, sua vez há de chegar. Pela ordem, cabe a vez ao bispo. *(Ao Encourado.)* Deixe de preconceitos e fique de frente.

Encourado — *(Sombrio.)* Aqui estou bem.

Manuel — Como queira. Faça seu relatório.

João Grilo — Foi gente que eu nunca suportei: promotor, sacristão, cachorro e soldado de polícia. Esse aí é uma mistura disso tudo.

Manuel — Silêncio, João, não perturbe. *(Ao Encourado.)* Faça a acusação do bispo. *(Aqui, por sugestão de Clênio Wanderley, o Demônio traz um grande livro que o Encourado vai lendo.)*

Encourado — Simonia: negociou com o cargo, aprovando o enterro de um cachorro em latim, porque o dono lhe deu seis contos.

Bispo — E é proibido?

Encourado — Homem, se é proibido eu não sei. O que eu sei é que você achava que era e depois, de repente, passou a achar que não era. E o trecho que foi cantado no enterro é uma oração da missa dos defuntos.

Bispo — Isso é aí com meu amigo sacristão. Quem escolheu o pedaço foi ele.

Encourado — Falso testemunho: citou levianamente o Código Canônico, primeiro para condenar o ato do padre e contentar o ricaço Antônio Moraes, depois para justificar o enterro. Velhacaria: esse bispo tinha fama de grande administrador, mas não passava de um político, apodrecido de sabedoria mundana.

Bispo — Quem fala! Um desgraçado que se perdeu por causa disso…

Manuel — Não interrompa, não é momento para se discutir isso. Pode continuar.

Encourado — Arrogância e falta de humildade no desempenho de suas funções: esse bispo, falando com um pequeno, tinha um orgulho só comparável à subserviência que usava para tratar com os grandes. Isto sem se falar no fato de que vivia com um santo homem, tratando-o sempre com o maior desprezo.

Bispo — Com um santo homem, eu?

Encourado — Sim, o frade.

Bispo — Só aquele imbecil mesmo pode ser chamado de santo homem!

Encourado — O processo de santificação dele está encaminhado por aí. Ele acaba de pedir para ser missionário e vai ser martirizado. Pra mim isso não passa de uma tolice, mas aí pra Manuel você está se desgraçando.

Bispo — Mas é possível que aquele frade…

Manuel — É perfeitamente possível e não diga mais nada. Mais alguma coisa?

Encourado — Não, estou satisfeito.

Manuel — Então, acuse o padre.

Padre — De mim ele não tem nada o que dizer!

Encourado — É o que você pensa, minha safra hoje está garantida. Tudo o que eu disse do bispo pode se aplicar ao padre. Simonia, no enterro do cachorro, velhacaria, política mundana, arrogância com os pequenos, subserviência com os grandes.

Padre — Mas não citei o Código Canônico em falso.

Encourado — Em compensação, acaba de incorrer em falta de coleguismo com o bispo.

Padre — E o que eu fizer aqui ainda voga?

Manuel — Não, isso é confusão do demônio.

Encourado — E ele tinha ainda outro defeito que o bispo nunca teve.

Padre — Qual era?

Encourado — A preguiça. Deixava tudo nas costas do sacristão e a paróquia ficava completamente entregue a esse patife, por sua culpa.

Sacristão — Patife é você.

João Grilo — *(Ao Sacristão.)* Homem, que o diabo deve ser pior do que você, deve, mas você tinha uma ruindade bem apurada!

Manuel — Silêncio, João, já lhe disse que não interrompesse.

João Grilo — O senhor me desculpe, mas a língua fica balançando na boca que chega me dá uma agonia. Eu posso ouvir um safado desses dizendo que prestava e ficar calado?

Manuel — Deixe a acusação para o colega dele.

Sacristão — Colega?

Manuel — É brincadeira minha, mas, depois que João chamou minha atenção, notei que o diabo tem mesmo um jeito assim de sacristão.

Encourado — Protesto contra essas brincadeiras! Aqui é um lugar sério.

Manuel — Calma, rapaz, você não está no inferno. Lá, sim, é um lugar sério. Aqui pode-se brincar. Acuse o sacristão.

Encourado — Esse sujeito foi quem tramou a história do enterro. Foi ele quem saiu cantando o trecho da missa atrás do cachorro, com olho nos três contos. Hipocrisia e autossuficiência, chegaram aí, ficaram. E, além de tudo, roubava a igreja.

Padre — Ah patife!

Manuel — Ah patife não, Padre João, o senhor devia dizer "Ah patifes", porque faz tempo que eu não vejo tanta coisa ruim junta. E o padeiro?

Encourado — Ele e a mulher foram os piores patrões que Taperoá já viu.

Mulher — É mentira!

João Grilo — É não, é verdade. Três dias passei…

Manuel — Em cima de uma cama, com febre, e nem um copo d'água lhe mandaram. Já sei, João, todo mundo já sabe dessa história, de tanto ouvir você contar.

João Grilo — Mas eu posso? Me diga mesmo se eu posso! Bife passado na manteiga pra o cachorro e fome pra João Grilo. É demais!

Encourado — Avareza do marido, adultério da mulher. Bem medido e bem pesado, cada um era pior do que o outro.

João Grilo — Está aí Chicó que o diga.

Manuel — Chicó?

João Grilo — Ah, é verdade, Chicó ficou. Já estava tão acostumado a aperrear pobre de Chicó que me esqueci de que ele tinha ficado. É um amigo meu.

Manuel — Eu o conheço, estou até de olho nele por causa das histórias que vive contando.

João Grilo — Aquilo é o sol. Não vá ligar isso não. O sol do sertão é quente e Chicó começa a ver demais. É o sol.

Manuel — *(Ao Encourado.)* Anote aí negação do livre-arbítrio contra João.

Encourado — Está anotado.

Manuel — Pois desanote. Não está vendo que é brincadeira? João sabe lá o que é livre-arbítrio, homem?

João Grilo — É isso mesmo, desanote e não tem nada de fazer cara feia que não adianta. Eu não sei o que é isso não, mas sei que você quer é me desgraçar.

Manuel — Acuse Severino e o cabra dele.

Encourado — E precisa? São dois cangaceiros conhecidos. Mataram mais de trinta.

Manuel — É verdade?

Severino — É. Matei, não vou negar.

Encourado — Acho que basta. Inferno nele.

Manuel — Espere, isso também não é assim de repente não! Davi fez coisa muito pior, traindo o amigo com a mulher e mandando ainda por cima o pobre morrer na guerra; e, no entanto, era meu avô e grande amigo meu, um santo de quem você não tem coragem nem de pronunciar o nome.

João Grilo — Tenho visto poucos sujeitos levar carão e ficar com cara lisa como esse.

Encourado — É, você está muito engraçado agora, mas Manuel é justo e quando ele me entregar vocês, há de ver que com o diabo não se brinca.

João Grilo — E quem disse que ele vai nos entregar?

Encourado — Você acha pouco? Eu não estou vendo os olhos dele, porque estou de costas, mas pressinto essas coisas. A situação está favorável pra mim e dura pra vocês.

Começa a rir e todos começam a tremer.

Mulher — É verdade, senhor?

Manuel — É verdade, a situação está ruim para vocês, porque as acusações são graves.

Bispo — Ai meu Deus! Valha-me Deus! Valha-me Deus nessa hora de angústia.

Padre — São João, meu padroeiro, não me deixe ir para o inferno, pelo amor de Deus.

Encourado — Está aí quem é maior do que esse *não sei o quê* e vai me entregar você.

Mulher — *(Ao Padeiro.)* Homem, tenha coragem pelo menos agora e dê uma palavra em nosso favor.

Padeiro — Estou vendo se acho algum santo padeiro, pra me pegar com ele.

Encourado — O que me diverte nisso tudo é ver esse amarelo tremendo de medo. Coragem, João Grilo, uma pessoa como você tremendo?

João Grilo — Não sou eu, é meu corpo, mas a cabeça está trabalhando.

Manuel — Está mesmo, João?

João Grilo — Está, Nosso Senhor, e se a tremedeira parasse eu era capaz de me defender.

Manuel — Pois pode parar.

João Grilo — *(Parando e respirando.)* Que alívio, já estava ficando cansado. O que é isso?

Manuel — É besteira do demônio. Esse sujeito tem mania de fazer mágica.

João Grilo — Eu logo vi que isso só podia ser confusão desse catimbozeiro.

Manuel — E agora? Que é que você diz em sua defesa? Sei que você é astuto, mas não pode negar o fato de que foi acusado.

João Grilo — O senhor vai-me desculpar, mas eu não fui acusado de coisa nenhuma.

Manuel — Não?

Encourado — Foi mesmo não. Começou com uma confusão tão grande que eu me esqueci de acusá-lo. Vou começar.

João Grilo — Você não vai começar coisa nenhuma, porque a hora de acusar já passou.

Manuel — Deixe de chicana, João, você pensa que isso aqui é o palácio da justiça? Pode acusar.

Encourado — Agora você me paga, amarelo! O sacristão, o padre e o bispo fizeram o enterro do cachorro, mas a história foi toda tramada por ele. E vendeu um gato à mulher do padeiro dizendo que ele botava dinheiro.

João Grilo — Mentira, Nosso Senhor.

Manuel — Verdade, João Grilo.

João Grilo — É, é verdade, mas do jeito que eles me pagavam, o jeito era eu me virar. Além disso eu estava com pena do gato, tão abandonado, e queria que ele passasse bem.

Mulher — É, e nessa pena levou meus quinhentos mil-réis!

Encourado — Depois, foi ele quem matou Severino e o cabra dele, com uma história de gaita, Padre Cícero e não sei que mais.

João Grilo — Legítima defesa, Nosso Senhor!

Encourado — Mentira, Manuel!

Manuel — Verdade, demônio!

Encourado — Mas não se esqueça de que a história estava preparada para a mulher do padeiro.

Manuel — É verdade, aí você passou da conta, João. E tudo por causa do bife passado na manteiga!

Encourado — De modo que o caso dele é sem jeito. É o primeiro que vou levar. Essa é boa, João Grilo, o amarelo, que enganava todo mundo, vai levar na cabeça!

João Grilo — Ah e você pensa que eu me entreguei? Pode ser que eu vá, mas não é assim não!

Bispo — Mas é caso sem jeito, João. Ai meu Deus!

Padre — Ai meu Deus!

Sacristão — Ai meu Deus!

João Grilo — *(A Manuel.)* Olhe a besteira deles: Deus aqui e eles gritando por Deus!

Manuel — E por quem eles iriam gritar?

João Grilo — Por alguém que está mais perto de nós, por gente que é gente mesmo!

Manuel — E eu não sou gente, João? Sou homem, judeu, nascido em Belém, criado em Nazaré, fui ajudante de carpinteiro… Tudo isso vale alguma coisa.

João Grilo — O senhor quer saber de uma coisa? Eu vou lhe ser franco: o senhor é gente, mas não é muito, não! É gente e ao mesmo tempo é Deus, é uma misturada muito grande. Meu negócio é com outro.

Bispo — Agora a gente está desgraçado de vez. João, isso é coisa que se diga?

Manuel — Mas o que foi que João disse de mais? Tudo isso é verdade, porque eu sou homem e sou Deus!

Encourado — Homem, dê-se o respeito!

Manuel — Esse respeito de que você fala foi coisa que eu nunca soube impor, graças a Deus.

João Grilo — Eu, se fosse o senhor, nunca diria "Graças a Deus!"

Manuel — Por quê? É uma coisa que todo mundo diz, João!

João Grilo — O senhor não é Deus?

Manuel — Sou.

João Grilo — Pois eu, se fosse Deus, só diria "Graças a mim".

Manuel — Pra quê, João?

João Grilo — Pra fazer inveja ao diabo.

Encourado — A confusão já começa. Apelo para a justiça.

João Grilo — E eu para a misericórdia.

Padre — Acho que nosso caso é sem jeito, João. Em Deus não existe contradição entre a justiça e a misericórdia. Já fomos julgados pela justiça, a misericórdia dirá a mesma

coisa.

João Grilo — E quem foi que disse que nós já fomos julgados pela justiça?

Padre — Você mesmo ouviu Nosso Senhor dizer que a situação era difícil.

João Grilo — E difícil quer dizer sem jeito? Sem jeito! Sem jeito por quê? Vocês são uns pamonhas, qualquer coisinha estão arriando. Não vê que tiveram tudo na terra? Se tivessem tido que aguentar o rojão de João Grilo, passando fome e comendo macambira na seca, garanto que tinham mais coragem. Quer ver eu dar um jeito nisso, Padre João?

Padre — Quero, João!

João Grilo — E você, Senhor Bispo?

Bispo — Eu também, João.

João Grilo — Padeiro?

Padeiro — Veja o que pode fazer, João.

João Grilo — Severino? Mulher e cabra?

Mulher — Nós também. Nossa esperança é você.

João Grilo — Tudo precisando de João Grilo! Pois vou dar um jeito.

Encourado — É isso que eu quero ver.

Manuel — Com quem você vai se pegar, João? Com algum santo?

João Grilo — O senhor não repare não, mas de besta eu só tenho a cara. Meu trunfo é maior do que qualquer santo.

Manuel — Quem é?

João Grilo — A mãe da justiça.

Encourado — *(Rindo.)* Ah, a mãe da justiça! Quem é essa?

Manuel — Não ria, porque ela existe.

Bispo — E quem é?

Manuel — A misericórdia.

Severino — Foi coisa que nunca conheci. Onde mora? E como chamá-la?

João Grilo — Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vem, querem ver? *(Recitando.)*

Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus de Nazaré!
A vaca mansa dá leite,
a braba dá quando quer.
A mansa dá sossegada,
a braba levanta o pé.
Já fui barco, fui navio,
mas hoje sou escaler.
Já fui menino, fui homem,
só me falta ser mulher.

ENCOURADO — Vá vendo a falta de respeito, viu?

JOÃO GRILO — Falta de respeito nada, rapaz! Isso é o versinho de Canário Pardo que minha mãe cantava pra eu dormir. Isso tem nada de falta de respeito!

Já fui barco, fui navio,
mas hoje sou escaler.
Já fui menino, fui homem,
só me falta ser mulher.
Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus de Nazaré.

Cena igual à da aparição de Nosso Senhor, e Nossa Senhora, A COMPADECIDA, *entra.*

ENCOURADO — *(Com raiva surda.)* Lá vem a Compadecida! Mulher em tudo se mete!

JOÃO GRILO — Falta de respeito foi isso agora, viu? A senhora se zangou com o verso que eu recitei?

A COMPADECIDA — Não, João, por que eu iria me zangar? Aquele é o versinho que Canário Pardo escreveu para mim e que eu agradeço. Não deixa de ser uma oração, uma invocação. Tem umas graças, mas isso até a torna alegre e foi coisa de que eu sempre gostei. Quem gosta de tristeza é o diabo.

JOÃO GRILO — É porque esse camarada aí, tudo o que se diz ele enrasca a gente, dizendo que é falta de respeito.

A COMPADECIDA — É máscara dele, João. Como todo fariseu, o diabo é muito apegado às formas exteriores. É um fariseu consumado.

ENCOURADO — Protesto.

MANUEL — Eu já sei que você protesta, mas não tenho o que fazer, meu velho. Discordar de minha mãe é que não vou.

Encourado — Grande coisa esse chamego que ela faz pra salvar todo mundo! Termina desmoralizando tudo.

Severino — Você só fala assim porque nunca teve mãe.

João Grilo — É mesmo, um sujeito ruim desse, só sendo filho de chocadeira!

A Compadecida — E pra que foi que você me chamou, João?

João Grilo — É que esse filho de chocadeira quer levar a gente pra o inferno. Eu só podia me pegar, mesmo, com a senhora.

Encourado — As acusações são graves. Seu filho disse que há tempo não via tanta coisa ruim, junta!

A Compadecida — Ouvi as acusações.

Encourado — E então?

João Grilo — E então? Você ainda pergunta? Maria vai-nos defender. Padre João, puxe aí uma Ave-Maria!

Padre — *(Ajoelhando-se.)* Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus.

João Grilo — Um momento, um momento. Antes de respondermos, lembrem-se de dizer, em vez de "agora *e* na hora de nossa morte", "agora *na* hora de nossa morte", porque do jeito que nós estamos, está tudo misturado.

Todos — Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora na hora de nossa morte. Amém.

A Compadecida — Não precisava fazer a modificação, João. Eu entenderia.

João Grilo — É, a senhora eu acredito que entendesse, mas aquele sujeito ali, com muito menos do que isso, faz uma confusão.

A Compadecida — Está bem, vou ver o que posso fazer.

João Grilo — *(Ao Encourado.)* Está vendo? Isso aí é gente e gente boa, não é filha de chocadeira não! Gente como eu, pobre, filha de Joaquim e de Ana, casada com um carpinteiro, tudo gente boa.

Manuel — E eu, João? Estou esquecido nesse meio?

João Grilo — Não é o que eu digo, Senhor? A distância entre nós e o senhor é muito grande. Não é por nada não, mas sua mãe é gente como eu, só que gente muito boa, enquanto que eu não valho nada. *(Ocorrendo-lhe a brincadeira.)* Mas, com toda desgraça, acho que sou menos ruim do que o sacristão.

A Compadecida — Intercedo por esses pobres que não têm ninguém por eles, meu filho. Não os condene.

Manuel — Que é que eu posso fazer? Esse aí era um bispo avarento, simoníaco, político…

A Compadecida — Mas isso é a única coisa que se pode dizer contra ele. E era trabalhador, cumpria suas obrigações nessa parte. Era de nosso lado e quem não é contra nós é por nós.

Manuel — O padre e o sacristão… *(Gesto de desânimo.)*

A Compadecida — É verdade que não eram dos melhores, mas você precisa levar em conta a língua do mundo e o modo de acusar do diabo. O bispo trabalhava e por isso era chamado de político e de mero administrador. Já com esses dois a acusação é pelo outro lado. É verdade que eles praticaram atos vergonhosos, mas é preciso levar em conta a pobre e triste condição do homem. A carne implica essas coisas turvas e mesquinhas. Quase tudo o que eles faziam era por medo. Eu conheço isso, porque convivi com os homens: começam com medo, coitados, e terminam por fazer o que não presta, quase sem querer. É medo.

Encourado — Medo? Medo de quê?

Bispo — Ah, senhor, de muitas coisas. Medo da morte…

Padre — Medo do sofrimento…

Sacristão — Medo da fome…

Padeiro — Medo da solidão. Perdoei minha mulher na hora da morte, porque a amava e porque sempre tive um medo terrível da solidão.

Manuel — E é a mim que vocês vêm dizer isso, a mim que morri abandonado até por meu Pai!

A Compadecida — Era preciso e eu estava a seu lado. Mas não se esqueça da noite no jardim, do medo por que você teve de passar, pobre homem, feito de carne e de sangue, como qualquer outro e, como qualquer outro, abandonado diante da morte e do sofrimento.

João Grilo — Ouvi dizer que até suar sangue o senhor suou!

Manuel — É verdade, João, mas você não sabe do que está falando. Só eu sei o que passei naquela noite!

A Compadecida — Seja então compassivo com quem é fraco.

Manuel — Mas esses dois? Você mesma via daqui e comentava o que eles faziam com João Grilo e os outros empregados na padaria!

João Grilo — Se é por mim, não há dificuldade, porque eu sou tão sem-vergonha, que já me esqueci de tudinho.

Manuel — Devia ter esquecido lá, João. Pode alegar alguma coisa em favor deles?

A Compadecida — O perdão que o marido deu à mulher na hora da morte, abraçando-se com ela para morrerem juntos.

Manuel — Isso pode se dizer em favor dele. Mas ela?

Encourado — Enganava o marido com todo mundo.

Mulher — Porque era maltratada por ele. Logo no começo de nosso casamento, começou a me enganar. A senhora não sabe o que eu passei, porque nunca foi moça pobre casada com homem rico, como eu. Amor com amor se paga.

A Compadecida — Eu entendo tudo isso mais do que você pensa. Sei o que as mulheres passam no mundo, se bem que não tenha do que me queixar, porque meu marido era o que se pode chamar um santo.

João Grilo — Grande novidade!

A Compadecida — O quê, João?

João Grilo — Falei não.

Encourado — Falou, sim. Ele disse: "Grande novidade."

A Compadecida — Na verdade, João tem toda razão. Falei assim por falar, mas que São José era um santo, não é nenhuma novidade.

Encourado — A senhora está falando muito e vê-se perfeitamente sua proteção com esses nojentos, mas nada pôde dizer ainda em favor da mulher do padeiro.

A Compadecida — Já aleguei sua condição de mulher, escravizada pelo marido e sem grande possibilidade de se libertar. Que posso alegar ainda em seu favor?

Padeiro — A prece que fiz por ela antes de morrer. O mais ofendido pelos atos que ela praticava era eu e, no entanto, rezei por ela. Isso deve ter algum valor.

A Compadecida — E tem. Alego isso em favor dos dois.

Manuel — Está recebida a alegação.

A Compadecida — Quanto a Severino e ao cabra dele…

Manuel — Quanto a esses, deixe comigo. Estão ambos salvos.

Encourado — É um absurdo contra o qual…

Manuel — Contra o qual já sei que você protesta, mas não recebo seu protesto. Você não entende nada dos planos de Deus. Severino e o cangaceiro dele foram meros instrumentos de sua cólera. Enlouqueceram ambos, depois que a polícia matou a família deles e não eram responsáveis por seus atos. Podem ir pra ali.

Severino e o Cangaceiro abraçam os companheiros e saem para o céu.

Bispo — E nós?

Sacristão — Decida-se logo, por favor, porque essa ansiedade é pior do que qualquer outra coisa.

Manuel — Não diga isso, você não sabe o que se passa lá. Qualquer ansiedade é melhor do que aquilo.

Encourado — É, mas não posso ficar eternamente à espera. Qual é a sentença?

A Compadecida — Um momento, meu filho. Antes de dizer qualquer coisa, não se esqueça de que o frade absolveu a todos condicionalmente e rezou por eles.

Manuel — Pois não. Vou proferir a sentença.

João Grilo — Um momento, senhor. Posso dar uma palavra?

Manuel — Você o que é que acha, minha mãe?

A Compadecida — Deixe João falar.

Manuel — Fale, João.

João Grilo — Os cinco últimos lugares do purgatório estão desocupados?

Manuel — Estão.

João Grilo — Pegue esses cinco camaradas e bote lá!

A Compadecida — É uma boa solução, meu filho. Dá pra eles pagarem o muito que fizeram e assegura a sua salvação.

João Grilo — E tem a vantagem de descontentar aquele camarada ali que é pior do que carne de cobra. Não está vendo ele ali, de costas?

Manuel — Estou.

João Grilo — Isso é de ruim.

Manuel — Minha mãe o que é que acha?

A Compadecida — Eu ficaria muito satisfeita.

Manuel — Então está concedido.

Encourado — Não tem jeito não. Homem governado por mulher é sempre sem confiança!

Manuel — Podem ir, vocês cinco.

Os cinco se despedem comovidamente de João Grilo.

João Grilo — Muito bem. Desmanchem essa cara de enterro e boa viagem pra todos.

Saem todos.

Manuel — E agora, nós, João Grilo. Por que sugeriu o negócio pra os outros e ficou de fora?

João Grilo — Porque, modéstia à parte, acho que meu caso é de salvação direta.

Encourado — Era o que faltava! E a história que estava preparada pra a mulher do padeiro?

Manuel — É, João, aquilo foi grave.

João Grilo — E o senhor vai dar uma satisfação a esse sujeito, me desgraçando pra o resto da vida? Valha-me Nossa Senhora, mãe de Deus de Nazaré, já fui menino, fui homem...

A Compadecida — *(Sorrindo.)* Só lhe falta ser mulher, João, já sei. Vou ver o que posso fazer. *(A Manuel.)* Lembre-se de que João estava se preparando para morrer quando o padre o interrompeu.

Encourado — É, e apesar de todo o aperreio, ele ainda chamou o padre de cachorro bento.

A Compadecida — João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório.

João Grilo — Para o purgatório? Não, não faça isso assim não. *(Chamando a Compadecida à parte.)* Não repare eu dizer isso mas é que o diabo é muito negociante e com esse povo a gente pede mais, para impressionar. A senhora pede o céu, porque aí o acordo fica mais fácil a respeito do purgatório.

A Compadecida — Isso dá certo lá no sertão, João! Aqui se passa tudo de outro jeito! Que é isso? Não confia mais na sua advogada?

João Grilo — Confio, Nossa Senhora, mas esse camarada termina enrolando nós dois!

A Compadecida — Deixe comigo. *(A Manuel.)* Peço-lhe então, muito simplesmente, que não condene João.

Manuel — O caso é duro. Compreendo as circunstâncias em que João viveu, mas isso também tem um limite. Afinal de contas, o mandamento existe e foi transgredido. Acho que não posso salvá-lo.

A Compadecida — Dê-lhe então outra oportunidade.

Manuel — Como?

A Compadecida — Deixe João voltar.

Manuel — Você se dá por satisfeito?

João Grilo — Demais. Pra mim é até melhor, porque daqui pra lá eu tomo cuidado na hora de morrer e não passo nem pelo purgatório, pra não dar gosto ao cão.

A Compadecida — Então fica satisfeito?

João Grilo — Eu fico. Quem deve estar danado é o filho de chocadeira.

O Encourado, *furioso, volta-se pra* João, *mas nesse momento dá um grande grito, deita-se no chão e rasteja até onde está a Virgem pra que ela lhe ponha o pé sobre a nuca [cf. Gênesis, 3, 15], saindo depois.*

João Grilo — Que foi que ele teve, meu Deus?

A Compadecida — Na raiva, virou-se pra você e me viu.

João Grilo — Quer dizer que estou despachado, não é?

Manuel — Não. Vou deixar que você volte, porque minha mãe me pediu, mas só deixo com uma condição.

João Grilo — Qual é?

Manuel — Você me fazer uma pergunta a que eu não possa responder. Pode ser?

João Grilo — Está difícil.

Manuel — É possível, você que é tão esperto?

João Grilo — Mais esperto do que eu é o senhor que me criou! Mas vou tentar sempre.

A Compadecida — Isto, João. Tenha coragem, não desanime, que eu estou aqui, torcendo por você.

João Grilo — Então estou garantido. Eu me lembro de que uma vez, quando Padre João estava me ensinando catecismo, leu um pedaço do Evangelho. Lá se dizia que ninguém sabe o dia e a hora em que haverá o dia do Juízo, nem homem, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho. Somente o Pai é que sabe. Está escrito lá, assim mesmo?

Manuel — Está. É no Evangelho de São Marcos, capítulo treze, versículo trinta e dois.

João Grilo — Isso é que é conhecer a Bíblia! O senhor é protestante?

Manuel — Sou não, João, sou católico.

João Grilo — Pois na minha terra, quando a gente vê uma pessoa boa e que entende de Bíblia, vai ver é protestante. Bom, se o senhor não faz objeção, minha pergunta é esta. Em que dia vai acontecer sua segunda ida ao mundo?

Manuel — João, isso é um grande mistério. É claro que eu sei, mas ninguém entenderia nada, se eu explicasse. Nem posso explicar nada agora, porque você vai voltar e isso faz parte de minha vida íntima com meu Pai.

João Grilo — Então deixe eu ir-me embora. Acredito que o senhor saiba, isso faz parte de sua vida íntima com o senhor seu Pai, mas o que o senhor disse foi que eu podia voltar se lhe fizesse uma pergunta a que o senhor *não pudesse* responder.

A Compadecida — É verdade, meu filho.

Manuel — Eu sei, mas pra que você não fique cheio de si, vou lhe confessar que já sabia que você ia-se sair bem. Minha mãe já tinha combinado tudo comigo, mas você estava precisado de levar uns apertos. Estava ficando muito saído.

João Grilo — Quer dizer que posso voltar?

Manuel — Pode, João, vá com Deus!

João Grilo — Com Deus e com Nossa Senhora, que foi quem me valeu! *(Ajoelhando-se diante de Nossa Senhora e beijando-lhe a mão.)* Até à vista, grande advogada. Não me deixe de mão não, estou decidido a tomar jeito, mas a senhora sabe que a carne é fraca.

A Compadecida — Até à vista, João.

João Grilo — *(Beijando a mão do Cristo.)* Muito obrigado, Senhor. Até à vista.

Manuel — Até à vista, João.

João *bota o velho e esburacado chapéu de palha na cabeça e vai saindo.*

Manuel — João!

João Grilo — Senhor?

Manuel — Veja como se porta.

João Grilo — Sim senhor.

Sai de chapéu na mão, sério, curvando-se.

Manuel — Se a senhora continuar a interceder desse jeito por todos, o inferno vai terminar como disse Murilo: feito repartição pública, que existe mas não funciona.

Palhaço — *(Entrando.)* Aqui, sinto interromper a conversa de dois atores tão importantes, mas é preciso arrumar novamente a cena para o enterro de João. Estamos novamente na terra. Levem seus tronos, por favor, enquanto se ajeita o resto do cenário e o espetáculo continua. *(Depois da saída dos dois atores.)* Chicó arranjou uma rede e colocou nela o corpo do amigo. Vamos enterrá-lo, ele e eu. Vai começar o quadro final da peça.

O Palhaço sai e volta logo, segurando um dos punhos da rede em que João vai se enterrar. Segurando o outro punho, entra Chicó.

Chicó — Ai, ai, nunca pensei que João fosse tão pesado!

Palhaço — Vamos descansar um pouco, que o cemitério é longe.

Deitam o corpo, dentro da rede, no chão e sentam-se um pouco, enxugando o suor.

Chicó — Quando eu penso que pobre de João não tem nem direito a um enterro em latim! Coitado, está mais abandonado do que o cachorro do padeiro. Pobre de João!

João Grilo — *(Erguendo a cabeça pra fora da rede.)* É, pobre de João agora, mas nesse instante vinha reclamando meu peso.

Chicó — Você ouviu alguma coisa?

Palhaço — Eu não!

Chicó — Pois eu ouvi direitinho a fala de João!

Palhaço — Ai, ai, ai, você já começa com suas histórias!

João Grilo — *(Com voz de alma.)* Um Pai-Nosso e uma Ave-Maria pra essa alma que aqui pena!

Chicó — Ai!

Palhaço — Ai! Chicó, me acuda que é a alma de João!

Chicó — Valha-me Nossa Senhora! João, pelo amor de Deus, se lembre de que fui seu amigo!

João Grilo — *(Saltando fora da rede.)* Estou aqui, Chicó!

Chicó — Ai!

Palhaço — Ai! Corre, Chicó!

Chicó — E eu posso? Acho que minhas pernas caíram!

Palhaço — Então vá-se danar, porque eu vou!

Sai correndo. CHICÓ *ajoelha-se.*

JOÃO GRILO — *(Cruzando os braços.)* Tenha vergonha, Chicó! Um homem desse tamanho com medo de alma! Nem coragem pra correr teve!

CHICÓ — Ai meu Deus, é João! João, dizei-me o que quereis e se estais no céu, no inferno ou no purgatório!

JOÃO GRILO — Olhe a besteira dele! Fica logo com fala de alma: "João, dizei-me se estais não sei o quê!" Tenha vergonha, Chicó, estou vivo!

CHICÓ — É alma e da ruim, daquela que diz que está viva. Ai, minha Nossa Senhora!

JOÃO GRILO — *(Dando-lhe uma tapa.)* Levante, Chicó. Não está vendo que sou eu? Estou vivo, rapaz!

CHICÓ — É possível?

JOÃO GRILO — Tanto é possível que estou aqui.

CHICÓ — Eu só acredito vendo.

JOÃO GRILO — *(Aproximando-se.)* Pois então veja.

CHICÓ — Ai!

JOÃO GRILO — Que é isso, homem? Você não disse que só acreditava vendo?

CHICÓ — Disse, mas não lhe pedi que mostrasse não!

JOÃO GRILO — E como é que vai ser agora, Chicó?

CHICÓ — Assim mesmo, eu sem acreditar e você sem me mostrar.

JOÃO GRILO — E nossa sociedade, nossa velha amizade vão se acabar?

CHICÓ — Já estão acabadas. É contra meus princípios fazer sociedade com defunto!

JOÃO GRILO — Mas eu estou vivo, rapaz! Veja, pegue aqui no meu braço!

CHICÓ — Ai!

JOÃO GRILO — Tenha coragem, homem, pegue!

Com a maior cautela CHICÓ *toca-lhe o braço e enfim se convence.*

CHICÓ — Meu Deus, é mesmo! João! *(Abraça-o.)* Como foi isso, João?

JOÃO GRILO — Sei não, Chicó, acho que a bala pegou de raspão. Fiquei com a vista escura e, quando acordei, estava na rede e vocês iam me enterrar. Mas tenho uma notícia horrível pra você.

Chicó — João, você tendo escapado, é o que basta. O que é que há?

João Grilo — Perdi o dinheiro!

Chicó — Que dinheiro, rapaz?

João Grilo — O testamento do cachorro! Quando acordei, meti a mão no bolso e não achei nada!

Chicó — Pode ficar descansado, João, o dinheiro da sociedade está aqui. Eu tirei de seu bolso, antes de você se enterrar.

João Grilo — Ah, cabra safado! Com pena de mim, mas não se esqueceu do dinheiro, hein!

Chicó — Homem, quer saber de uma coisa? Foi! Você já estava morto, esse dinheiro não ia mais lhe servir, achei que era mais seguro eu ficar com ele!

João Grilo — Fez bem, eu teria feito o mesmo. Quer dizer que estamos ricos?

Chicó — Estamos. Além do dinheiro do enterro, o que Severino tirou da padaria. Estamos ricos, João. Que acha de ficarmos com a padaria?

João Grilo — Grande ideia. *(Como quem vê a tabuleta.)* Padaria Miramar, João Grilo, Chicó & Cia. Que acha?

Chicó — Lindo. Mas João... Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora! Meu Deus, meu Deus! Meu Deus, meu Deus! Burro, burro!

João Grilo — Que é isso? Burro o quê? Burro é você!

Chicó — Sou eu mesmo, João, sou o maior burro que já apareceu por aqui! Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora!

João Grilo — O que é que há, rapaz?

Chicó — Coitado de mim, coitado de João! Era rico nesse instante e agora é pobre de novo!

João Grilo — Não me diga que perdeu o dinheiro!

Chicó — Perdi nada, está aqui! Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora!

João Grilo — E por que essa gritaria, homem de Deus?

Chicó — Eu pensei que você tinha morrido, João!

João Grilo — E o que é que tem isso, homem?

Chicó — Tem que eu, pensando que não tinha mais jeito, fiz uma promessa a Nossa Senhora pra dar todo o dinheiro a ela, se você escapasse!

João Grilo — Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora!

Chicó — Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora!

João Grilo — Mas Chicó, como é que se faz uma promessa dessas?

Chicó — E eu sabia lá que você ia escapar, desgraça? Oh homem duro de morrer, meu Deus!

João Grilo — Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!

Chicó — Agora é tarde pra me dizer isso.

João Grilo — Não terá sido a metade que você prometeu?

Chicó — Não, João, foi tudo.

João Grilo — Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!

Chicó — É, só reclama de mim! E você, por que achou de escapar?

João Grilo — Acho que foi de tanta vontade que eu estava de enriquecer! Não terá sido engano seu, Chicó?

Chicó — Não, João, tenho certeza absoluta: entrei na igreja, me ajoelhei e prometi.

João Grilo — Tudo?

Chicó — Tudo.

João Grilo — Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó.

Chicó — Mas já foi feita e o jeito é pagar.

João Grilo — Pagar?

Chicó — Sim, pagar!

João Grilo — Tudo?

Chicó — Tudo!

João Grilo — Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!

Chicó — Está certo, homem, estou tão desgostoso quanto você! Diabo de uma reclamação em cima da gente de minuto em minuto! É melhor deixar de conversa: vamos pagar o que se deve!

João Grilo — Vamos, não: vá você! Eu não prometi nada e metade do dinheiro é meu!

Chicó — É, mas acontece que quando eu prometi ele era todo meu, porque eu me considerava seu herdeiro.

JOÃO GRILO — Eu não tenho nada com isso, não prometi nada.

CHICÓ — Então fique com sua parte e assuma a responsabilidade. Eu vou entregar a minha.

JOÃO GRILO — Chicó!

CHICÓ — Que é?

JOÃO GRILO — Espere por mim, eu também vou!

CHICÓ — Vai?

JOÃO GRILO — Vou.

CHICÓ — Pois eu já estava convencido de que você estava certo.

JOÃO GRILO — É, mas faltou quem me convencesse. Se fosse a outro santo, ainda ia ver se dava um jeito, mas você achou de prometer logo a Nossa Senhora! Quem sabe se eu não escapei por causa disso? O dinheiro fica como se fossem os honorários da advogada. Nunca pensei que essa também aceitasse pagamento!

CHICÓ — João, veja como fala!

JOÃO GRILO — Que é isso, Chicó, está se mascarando? Com Deus, não, mas com Nossa Senhora eu tenho coragem de tirar brincadeira!

CHICÓ — Quer dizer que entrega?

JOÃO GRILO — Entrego. Palavra é palavra, e depois estive pensando: quem sabe se a gente, depois de ficar rico, não ia terminar como o padeiro? Assim é melhor cumprir a promessa: com desgraça a gente já está acostumado e assim pelo menos não se fica com aquela cara.

CHICÓ — É mesmo.

JOÃO GRILO — Pois vamos. Mas de outra vez, veja o que promete, infeliz, porque essa, ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito!

Saem. Entra o PALHAÇO.

PALHAÇO — A história da Compadecida termina aqui. Para encerrá-la, nada melhor do que o verso com que acaba um dos romances populares em que ela se baseou:

Meu verso acabou-se agora,
minha história verdadeira.
Toda vez que eu canto ele,
vêm dez mil-réis pra a algibeira.
Hoje estou dando por cinco,
talvez não ache quem queira.

E, se não há quem queira pagar, peço pelo menos uma recompensa que não custa nada e é sempre eficiente: seu aplauso.

PANO.

Recife, 24 de setembro de 1955.

O Casamento Suspeitoso

Ariano Suassuna

1957

O *Casamento Suspeitoso* estreou a 6 de janeiro de 1958, no Teatro Bela Vista, em São Paulo, pela Companhia Nydia Lícia/Sérgio Cardoso, sob direção de Hermilo Borba Filho, com cenário e figurinos de Carmélio Cruz, e sendo os papéis criados pelos seguintes atores:

Cancão *Sérgio Cardoso*

Manuel Gaspar *Zeluiz Pinho*

Lúcia *Vanda Kosmo*

Susana *Marina Freire*

Frei Roque *Eduardo Waddington*

O Juiz Nunes *José Egídio*

Geraldo *Raimundo Duprat*

Roberto *Carlos Zara*

Dona Guida *Sidnéia Rossi*

Esta peça é dedicada a
Luís Delgado
e
Carlos Maciel
com a grata amizade do Autor.

“A história do homem é a história de seus vícios.”
(Reflexão do falso MATIAS AIRES)

Depois de encenada e revista por duas vezes, entrego ao público, em forma definitiva, minha peça *O Casamento Suspeitoso*. Creio que, de todas as que montei, foi esta a mais atacada. Os pontos mais visados eram referentes às minhas repetições e vulgaridades. Disseram, por um lado, que eu estava repetindo tipos e situações já usados no *Auto da Compadecida* e, por outro, que empregara, nesta comédia, mais do que na primeira, meios vulgares e grosseiros de comicidade, além de criar personagens sem sentido.

Quanto a esta última crítica, não posso avaliar até que ponto é justa ou não. Quanto às duas primeiras, porém, tenho algo a dizer: tais críticas partem de uma ideia do teatro e de uma concepção do mundo inteiramente diferentes das minhas, absolutamente inconciliáveis com as minhas. Na invenção de certos personagens, por exemplo, o que fiz foi um processo clássico de recriação de tipos já existentes numa comédia popular, seguindo, no caso, a tradição do Romanceiro Popular Nordestino. No mesmo sentido — se bem que com outra medida, é claro, porque se tratava de dois gênios — Molière e Goldoni recriaram os tipos da comédia popular mediterrânea. Não se preocupou, o primeiro, com o fato de o Sganarelle do *Don Juan* parecer com o Sylvestre de *Les Fourberies de Scapin*; de serem semelhantes e terem problemas semelhantes o M. Jourdain de *Le Bourgeois Gentilhomme* e o George Dandin; de serem seus jovens apaixonados quase iguais; de serem seus criados astutos, Sosie, La Flèche ou Scapin, herdeiros diretos do Arlequim e traçados sob padrões semelhantes de astúcia e simpatia; e assim por diante. Não se incomodou o segundo de escrever peças em que os personagens eram diretamente transpostos da tradição popular, esquemática e fixa, não se dando sequer o trabalho de mudar seus nomes de peça para peça. E assim, toda uma tradição clássica do teatro e da novela. Não se agia desse modo por falta de imaginação — era o que faltava, acontecer isso com Molière, Goldoni ou Shakespeare! —, mas porque aquilo firmava uma tradição e um estilo, valorizava o que já existia na consciência coletiva, aproveitava, com maior solidez, uma arquitetura preexistente e que já recebera, na sanção coletiva, o selo de uma perenidade que só um orgulho muito tolo deixaria de lado em nome da criação exclusivamente individual.

Dizer, assim, que o mundo das Carobas, dos Joões Grilos ou dos Cancões, em que me baseio, é um mundo pobre e que vai me levar para a repetição estéril é, ao mesmo tempo, falta de respeito a algo que é profundamente nosso e, ao contrário do que dizem, muito rico — muito mais do que o teatro contemporâneo, burguês e "erudito" —, e desconhecimento total daquilo que Ortega y Gasset chamou "a realidade mais eficiente do teatro" — a tradição do teatro grego e romano, do elisabetano, do espanhol e francês clássicos, do goldoniano, do alemão oitocentista, enfim, do teatro que considero o grande

teatro e que ele opõe ao contemporâneo, "o teatro em ruína", expressão que subscrevo integralmente. Se a tradição popular nordestina é pobre, não o será mais do que, por exemplo, a da Commedia dell'Arte que aqueles gênios renovaram e cujos tipos eram poucos e esquemáticos.

Quanto à vulgaridade dos meios cômicos de que lanço mão, é coisa que não me incomoda absolutamente. Não tenho nenhuma tendência para a finura — pelo menos para isso a que os distintos chamam de finura. Ao humor educado e delicado deles, prefiro o rasgado e franco riso latino, que inclui, entre outras coisas, uma loucura sadia, uma sadia violência e um certo disparate. Depois, vejo os mestres que mais amo manifestarem a mesma preferência que eu, seja no Falstaff, seja no Scapin, por exemplo, este último criticado por Boileau — uma espécie de distinto intelectual da época — por causa da "vulgaridade" da cena em que Scapin dá umas cacetadas em Geronte, enganando-o com a ameaça de pretensos inimigos. Mas é sempre assim: os distintos pensam de um modo e os autores de outro.

Repito assim que, quando aproveito, de um romance popular, a ideia do João Grilo — que apresento em minha peça recriado como tipo e não como transposição direta do mito —, sei perfeitamente o que estou fazendo. Como sei também o que estou fazendo quando recrio do mesmo modo outro "amarelinho", outro "quengo" (pessoa astuta, sabida), o Cancão, de *O Casamento Suspeitoso*.

A mesma coisa acontece na criação de outros personagens, estes partidos, não mais de uma tradição oral, mas da realidade. O Chicó, do *Auto da Compadecida*, foi baseado num personagem real, já morto, cujas histórias são conhecidíssimas em Taperoá, pela geração anterior à minha. O mesmo acontece com Manuel Gaspar, baseado num serviçal de minha família, ainda vivo, com o mesmo nome, gago e não muito corajoso, para quem quiser ir ver. Quando juntei o primeiro a um amarelinho astuto (João Grilo) e o segundo a outro (Cancão), sabia que estava incorrendo na incompreensão de toda essa gente. Mas isso não me interessava: o que me interessava era novamente recriar uma tradição do teatro popular, esta circense — a que apresenta sempre ao lado de um palhaço astuto, meio maldoso e valente, um outro, bobo, ingênuo, moralista e covarde. Essa tradição, aliás, corresponde, como sempre acontece com a autêntica, a uma verdade profunda, pois ordinariamente as pessoas astutas, inteligentes, têm um amigo, um empregado, um sócio, um secretário, seja lá o que for, que é mais ou menos a antítese de suas qualidades e a quem elas se apegam com grande amizade temperada de bonomia, ironia e benevolência. Aliás, o professor Enrique Martinez López, na exegese admirável com que honrou o *Auto da Compadecida* — a mais completa, profunda, compreensiva e erudita que eu podia desejar —, salientou, com enorme agudeza, o fato de que Chicó era o bobo oficial da peça, muito mais palhaço do que o Palhaço. As duas duplas, João Grilo-Chicó e Cancão-Gaspar, são, assim, uma recriação da dupla circense que o povo, com seu instinto certeiro, batizou admiravelmente de O Palhaço e O Besta. Dupla que pode se reencontrar

a cada passo na realidade ou na semirrealidade, como aquela formada pelo Homem da Cobra e pelo Secretário, da propaganda comercial popular nordestina; ou no mundo da arte, como o Mateus e o Bastião, do Bumba-meu-boi.

Creio que basta como explicação.

A.S.

Primeiro Ato

Uma sala de casarão sertanejo. Portas para quartos e corredor. Uma grande mala ou um guarda-roupa. Estão em cena Cancão, Gaspar *— que é gago — e o juiz* Nunes.

Nunes — Mas afinal de contas, por que é que eu fui chamado?

Cancão — Porque a moça quer casar com Geraldo assim que chegar. A mãe disse que não transige nessas questões de moral e que se a filha ficar aqui com o noivo sem casar podem falar dela.

Nunes — Esse casamento é impossível, não se publicaram os proclamas.

Cancão — E se Geraldo abrir o inventário do pai dele? O senhor se lembre que esse inventário é o mais rico, o mais cheio de custas que já apareceu por aqui. Se ele abrir o inventário o senhor dá um jeito para o casamento não ser hoje?

Nunes — Se esse inventário se abrir, Cancão, eu faço o que Geraldo quiser. Mas você não disse que a moça quer casar hoje?

Gaspar — Disse.

Cancão — Mas Geraldo não quer não, quem quer é a moça. É claro que ele não pode dizer isso abertamente, seria uma indelicadeza com a noiva. Mas se o senhor lhe desse o pretexto para não casar hoje, ele ficaria muito grato e abriria o inventário.

Nunes — E qual é o desejo de Dona Guida?

Cancão — É o mesmo de Geraldo, adiar o casamento. É por isso que Geraldo não quer se casar hoje, está com medo de dar um desgosto à mãe.

Nunes — Mas será que não vou me complicar? Depois de casada, essa moça vai manobrar Geraldo e quem sai perdendo sou eu, que atrapalhei o casamento dela no começo.

Cancão — Faz-se tudo disfarçado. Eu convenço Geraldo e Dona Guida a requererem o inventário e o senhor sai da cidade para avaliar a propriedade que o pai dele deixou. Isso tem duas vantagens: aumenta as custas e o casamento tem de ser adiado porque o juiz está fora.

Nunes — É uma boa ideia, mas eu estou desconfiado. Qual é seu interesse nisso tudo?

Cancão — Doutor Nunes, eu sou amigo de Geraldo!

NUNES — Não diga! Você pensa que eu sou menino, é, Cancão? Ainda mais esse santo aqui! Diga logo: qual é seu interesse?

CANCÃO — Bem, se o senhor garante segredo... Meu interesse é o inventário. O senhor sabe que Geraldo e Dona Guida têm toda confiança em mim. Pois bem, eu arranjo que eles requeiram o inventário. Mas em troca o senhor vai nomear a mim e a Gaspar como avaliadores nele. Assim, a gente entra também no dinheiro das custas.

NUNES — Rá, rá! Era isso, hein? Agora sim, estou vendo que suas intenções são boas. Pois pode contar, Cancão: na falta dos proclamas, eu levanto os impedimentos legais e o casamento se adia. Mas Dona Guida sabe que eu só saio da cidade se ela requerer o inventário?

CANCÃO — Sabe.

NUNES — Então está combinado. A procuração para meu amigo Sousa já está preparada. Eu como juiz, ele como causídico e vocês dois como avaliadores...

GASPAR — Está organizada a praga de gafanhotos.

NUNES — Que tolice, que vulgaridade! Digamos: "A máquina da Justiça está montada!"

Entram GERALDO *e* DONA GUIDA. *Esta vem numa cadeira de rodas, empurrada pelo filho, com o pé repousando numa forquilha, pois sofre de gota. É surda e usa corneta, para ouvir melhor. Com o pé envolvido de gaze, em bola, anda ainda com uma maleta cheia de dinheiro.*

DONA GUIDA — Cancão, meu filho, como vai você? Que é que está fazendo aí com esse ladrão?

NUNES — Dona Guida gosta de tirar umas brincadeiras com a Justiça!

DONA GUIDA — Ele já roubou você?

NUNES — Rá, rá, rá! Essa Dona Guida é ótima, diz cada brincadeira...

CANCÃO — Geraldo, o casamento não pode se fazer hoje, não se publicaram os proclamas. Mas isso tem uma relação enorme com a abertura do inventário de seu pai.

GERALDO — Do inventário?

NUNES — Ah, é, uma relação danada!

CANCÃO — Dona Guida quer que o casamento seja hoje?

GERALDO — Não, mas fale baixo, você sabe mamãe como é!

CANCÃO — Não é verdade que sua noiva é a mais interessada no casamento hoje? Por questões de ordem moral?

GERALDO — Bem, eu acho que...

CANCÃO — Ela não disse isso na carta?

GERALDO — Disse.

CANCÃO — *(Baixo ao juiz.)* Então, está tudo claro, não?

NUNES — Claríssimo e tudo está encaminhado. O inventário é nosso!

Barulho de automóvel.

GASPAR — O carro de Herotides!

GERALDO — Meu Deus, acho que são elas!

Entram LÚCIA, SUSANA *e* ROBERTO FLÁVIO. *Ele vem com camisa colorida, estampada, óculos e máquina a tiracolo. As duas devem vir vestidas de modo refinado, exagerado, esquisito, ultramoda, de maneira a contrastar o mais possível com a pobreza de* CANCÃO *e* GASPAR, *com a sóbria discrição de* GERALDO *e* DONA GUIDA *e com a pretensão do juiz.*

LÚCIA — Geraldo, meu Geraldo! *(Abraça-o, beija-o e chora de emoção.)*

GERALDO — Minha filha!

LÚCIA — Desculpe, mas não pude me conter! Há quase um mês que não o vejo!

SUSANA — Quanta sensibilidade!

DONA GUIDA — *(Impassível, ante a comédia.)* Ó Geraldo!

GERALDO — Que é, mamãe?

DONA GUIDA — Quem é esse vigarista vestido de mulher?

ROBERTO — Mas Tia Guida!

DONA GUIDA — Como foi?

ROBERTO — Eu disse: "Mas Tia Guida!"

DONA GUIDA — Tia Guida? Geraldo, esse camarada não presta não. Como é que ele pode ser meu sobrinho se eu não tenho irmão?

ROBERTO — *(Cada vez mais amarelo.)* É um modo de falar, um modo afetuoso.

DONA GUIDA — Geraldo, mande esse camarada pra fora daqui, ele não vale nadinha! Como é que ele pode ter afeto por mim se nunca me viu? E essas mulheres? Mande as duas mais para o claro, quero ver a cara delas.

GERALDO — Mas mamãe, é Lúcia!

Dona Guida — Seja quem for, quero ver se elas prestam ou não!

Susana — Guida, minha prima, você não sabe o que este encontro significa para mim! Não tenho mais ninguém no mundo a não ser vocês, e a família para mim era tudo!

Dona Guida — Para mim também, Susana. Mas vocês são minhas parentas mesmo? Eu nunca tinha ouvido falar em vocês.

Susana — Estivemos afastadas tanto tempo... Como vai Tia Madalena?

Dona Guida — Tia Madalena? Você conheceu?

Susana — Conheci, Guida! E então? Como vai ela?

Dona Guida — Morreu, Susana! *(Assoa-se.)*

Susana — *(Chorando.)* Minha Nossa Senhora, assim é a vida! E Tia Felicidade?

Dona Guida — Morreu, Susana!

Susana — Mas é possível? Que é que eu faço no mundo sem minha família? E Tio Joaquim?

Dona Guida — Morreu, Susana!

Lúcia — Por favor, não posso mais! Ligada como sou à minha família, fico em tempo de morrer com essas evocações tristes! *(Chora.)*

Dona Guida — Ó Geraldo, você não tem vergonha de maltratar essas duas santas? Que foi que você fez com elas?

Geraldo — Eu? Nada, mamãe!

Lúcia — Deixemos isso, nós mulheres sofremos tanto que nos entendemos logo ao primeiro contato. Seu filho é o melhor dos noivos e eu já me sinto como filha sua.

Dona Guida — Deus a abençoe.

Cancão — Amém.

Lúcia — Mas Geraldo, você ainda não nos apresentou a seus amigos, tão simpáticos. Eu sou Lúcia Renata, meu primo chama-se Roberto Flávio, aqui minha mãe, Susana Cláudia.

Gaspar — Que estrago mais danado, dois nomes para cada pessoa!

Geraldo — Este aqui é Cancão.

Lúcia — Cancão? Mas deve ser muito gostoso se chamar Cancão!

Geraldo — Este aqui é Manuel Gaspar.

GASPAR — Gaspar, para os amigos.

SUSANA — Mas é muito gostoso isso!

GASPAR — Gostoso, é?

SUSANA — E então?

GASPAR — *(A CANCÃO.)* Se essa mulher for séria eu me dane.

GERALDO — Este aqui é o juiz Nunes.

LÚCIA — O juiz? Não, não é possível, você concordou! Geraldo, meu amor, nunca fui tão feliz.

CANCÃO — *(A GASPAR.)* Saia de perto, Dona Guida vai estourar.

DONA GUIDA — Que confusão é esta?

SUSANA — Foi Geraldo que concordou com o casamento, Guida!

DONA GUIDA — Com o casamento? E ele não já tinha concordado?

SUSANA — Com o casamento hoje, Guida.

DONA GUIDA — Hoje? Sem correr os banhos?

SUSANA — Para que essas formalidades? Nós não somos da família?

DONA GUIDA — São, mas casamento desse jeito pra mim é pouca vergonha!

LÚCIA — Ah, Geraldo, meu bem, nunca pensei!

SUSANA — Se Tia Madalena fosse viva...

DONA GUIDA — Se Tia Madalena fosse viva botava vocês pra fora de casa! E tem uma coisa, vou para meu quarto, porque uma safadeza dessa eu não assisto. *(GERALDO vai ajudá-la com a cadeira mas ela o repele.)* Vá pra lá!

NUNES — Dona Guida, Dona Guida!

DONA GUIDA *sai empurrando ela própria a cadeira, pelas rodas, e o juiz segue-a.* CANCÃO *faz um sinal a* GASPAR.

GASPAR — *(Saindo no encalço dos dois.)* Vou ver se aplaco Dona Guida.

GERALDO — *(Aflito.)* Não reparem, por favor! Lúcia! Dona Susana! Minha mãe tem esse gênio assim, mas é uma pessoa boníssima! Lúcia!

LÚCIA — Não, Geraldo, ela tem razão. Agora, você não me quererá mais e vai pensar que eu sou uma desfrutável!

GERALDO — Mas filhinha, não diga uma coisa dessa!

LÚCIA — E afinal, que importa? Para mim, de qualquer modo, é a mais terrível viuvez! Vou terminar meus dias num convento, como irmã de caridade!

SUSANA — Que amorosidade, que dedicação!

CANCÃO — Está tudo muito bem, mas o melhor é pensar logo em resolver a história. O problema é todo causado pelo juiz, que inventou essa história de proclama.

GERALDO — Por quê?

CANCÃO — O que ele quer é o inventário de seu pai. Está louco pelo dinheiro desse inventário e, se você fizer o requerimento, o juiz dá uma certidão de que os proclamas foram publicados e faz o casamento. Assim, Dona Guida não tem mais de que se queixar. Eu já combinei tudo com o juiz.

LÚCIA — Mas é muito bom esse seu amigo, Geraldo!

CANCÃO — O negócio agora é convencer Dona Guida a requerer o inventário, mas Gaspar já está tratando disso. Por que você não vai ajudá-lo?

GERALDO — Eu vou. Cancão, obrigado, se essa história se resolver sem minha mãe se zangar, fico lhe devendo um favor para o resto da vida. *(Sai.)*

ROBERTO — Cancão, nós apreciamos muitíssimo o interesse que você está tomando, mas dá pra desconfiar. Que é que você está ganhando nessa história?

CANCÃO — É que o juiz prometeu me nomear avaliador no inventário e assim eu também entro nas custas.

LÚCIA — Ah, era isso, hein? Então está certo, a gente ajuda você nisso e você nos ajuda no casamento. Antes não, mas agora vejo que suas intenções são boas.

Entram GERALDO, DONA GUIDA, GASPAR *e* NUNES.

GASPAR — Pode assinar que eu garanto, Dona Guida. A senhora não sabe que eu sou de confiança?

DONA GUIDA — Mas eu não assino!

GASPAR — Dona Guida, eu entendo disso, já me casei três vezes!

SUSANA — Interessante, você se casou três vezes, foi? Deve ser um grande amoroso, não?

GASPAR — Nada, foi coisa da mocidade! Pau seco não dá embira, nem corda velha dá nó.

SUSANA — Mas coisa triste na vida é ficar no mundo só!

GASPAR — Ai, e a senhora é poeta, é?

SUSANA — Versejo.

GASPAR — Se essa mulher for séria eu me dane! Como é, Dona Guida, assina ou não assina?

DONA GUIDA — O que é que você acha, Cancão?

CANCÃO — Sou pela assinatura, Dona Guida.

DONA GUIDA — Então...

Estende a mão a GERALDO, que faz o mesmo a NUNES. Este entrega a procuração, que DONA GUIDA assina.

NUNES — Geraldo, queira assinar também. Obrigado. Muito bem, agora a coisa vai. *(Cumprimentando.)* Geraldo! Dona Guida!

DONA GUIDA — Eu assinei, mas você é ladrão, viu?

NUNES — Rá, rá, rá! Dona Guida sempre com brincadeira! Está tudo combinado e com o inventário requerido, você pode contar com a Justiça.

CANCÃO — Para a questão dos impedimentos, não é?

NUNES — Isso mesmo. Geraldo! Dona Guida! Meu caro avaliador! *(Sai.)*

SUSANA — Oi, que é isso? O juiz vai embora?

CANCÃO — Vai vestir aquela batina dele, só faz casamento assim.

LÚCIA — Cancão, você é um amor. Não tenha ciúme não, Geraldo, mas esse seu amigo é simplesmente extraordinário!

GASPAR — É minha primeira mulher todinha!

LÚCIA — Roberto, meu filho, precisamos agradecer a Cancão.

ROBERTO — E Tia Guida tão boa, concordando em assinar!

SUSANA — Estamos muito gratas, muito contentes. *(Aproveita para abraçar GASPAR.)* Gaspar, você é um amor.

DONA GUIDA — Está tudo muito bem, mas ninguém me disse ainda o que foi que veio fazer aqui esse vigarista vestido de mulher!

ROBERTO — Minha senhora!

LÚCIA — Tia Guida, é Roberto, meu primo. Gosto tanto dele! Veja, me diga se uma pessoa que tem esses braços tão puros é capaz de fazer mal a ninguém! Veja os braços dele! Que pureza, que inocência!

GASPAR — Menino, é a finada safada todinha!

LÚCIA — Não vá ficar com ciúme!

GERALDO — Eu, minha filha? Que ideia!

DONA GUIDA — E o casamento religioso?

CANCÃO — Frei Roque chega já no ônibus de Campina.

SUSANA — Então vamo-nos preparar. Você não vem?

ROBERTO — Não, vou buscar o juiz, é mais seguro. *(Sai.)*

CANCÃO — Vão se vestir, o juiz chega já e vocês devem terminar tudo do modo mais rápido possível.

LÚCIA — *(Com intenção.)* Ah, sim, o mais rápido possível.

Saem LÚCIA *e* GERALDO *abraçados, seguidos de* SUSANA. *Ruído de carro se afastando.*

GASPAR — *(Da janela.)* Cancão, o carro com o juiz.

CANCÃO — Pronto, Dona Guida, agora o juiz só pode voltar lá pra meia-noite e o casamento não se faz hoje de jeito nenhum.

DONA GUIDA — Ave Maria, se Gaspar não me avisa, eu nunca assinaria a procuração. Mas você tem certeza que a moça não presta?

GASPAR — Certeza plena, Dona Guida. Tomei todas as informações que a senhora pediu a meu cunhado, que mora no Recife. A mulher tanto é ruim como não presta. Toda decepada, toda descabriolada... Tem um falaço danado.

DONA GUIDA — Falaço?

GASPAR — Sim, todo mundo fala dela. Só não pude descobrir se é capiongueira. *(Faz o gesto de roubar, para indicar o que é.)* Mas isso não faz falta não, porque a mãe é. A filha é a finada safada e a mãe é a finada velhaca todinha. A senhora acha que isso que elas estão fazendo é de mulher séria?

DONA GUIDA — Na verdade, quem já ouviu falar de casamento assim?

CANCÃO — Estão é com medo que a gente descubra tudo e querem fazer o casamento logo, para se garantir.

GASPAR — Cancão, pelo amor de Deus, o estouro começou.

CANCÃO — Que é?

GASPAR — O tal do Roberto Flávio vem ali todo afrontado.

CANCÃO — Dona Guida, saia, deixe tudo por minha conta.

DONA GUIDA sai. ROBERTO entra, vindo da rua.

ROBERTO — O juiz saiu da cidade. Que é que quer dizer isso?

CANCÃO — Eu sei lá! Eu tenho nada com o juiz! Você vá perguntar à mãe dele, que é quem pode saber!

ROBERTO — Tentei alcançá-lo, mas não existe outro carro na cidade. Agora, tem uma coisa: se eu descobrir que tem gente nos enganando, vocês me pagam! *(Interrompe-se e sai arrebatadamente.)*

GASPAR — Cancão, eu vou-me embora! Estou em tempo de morrer de medo.

CANCÃO — Não, precisamos de alguma coisa para dizer a Geraldo. Fique escondido aqui. De acordo com o que eles disserem, a gente faz o plano.

GASPAR — E se eles não vierem?

CANCÃO — Não se incomode não, que eles vêm me procurar.

GASPAR — E se depois eles não quiserem mais sair?

CANCÃO — Ah, minha Nossa Senhora! Será possível que eles passem o resto da vida aqui?

GASPAR — A impressão que eu tenho é que vou enfrentar de uma vez só a finada safada e a finada velhaca.

CANCÃO — Esconda-se, homem de Deus! Assim está bom. Depois, corra e vá me contar tudo.

GASPAR — Se me deixarem com vida, eu vou! Adeus, Cancão, até o Dia de Juízo!

GASPAR se esconde atrás de uma cortina e CANCÃO sai para a rua. Entram LÚCIA, ROBERTO e SUSANA.

LÚCIA — Fugiram! Mas é possível que tenham tido essa ousadia?

ROBERTO — Não estou lhe dizendo que o juiz saiu da cidade? Só pode ter sido combinado!

SUSANA — A culpa foi sua!

ROBERTO — Minha por quê?

SUSANA — Todo mundo viu logo que esse agarramento de Lúcia com você não era de primo.

ROBERTO — E eu tenho culpa de sua filha não poder passar sem mim?

LÚCIA — Roberto, mamãe, vamos parar com isso. Que é que adianta discutir? A culpa foi de todos nós. Minha, porque não posso passar sem meu cachorro. Dele, porque veio atrás de mim...

SUSANA — Pelo dinheiro, por você não!

LÚCIA — Olhe o ciúme dela! E então? Quem vale o que ele vale pode ser exigente! Ainda sabe dar aqueles latidos?

ROBERTO — Au, au, au!

LÚCIA — Fico toda arrepiada! Dê mais, um só!

ROBERTO — Au, au, au!

LÚCIA — Não é um amor? É muito gostoso, fico inteiramente louca! Geraldo ainda não sabe de nada e aqueles dois vão me pagar. O amarelo é ruim mas eu tenho mais raiva é daquele gago safado! Ele vai me pagar.

A cortina começa a tremer, ROBERTO vai lá e levanta-a cuidadosamente. GASPAR está de costas, com a cara na parede, e não vê que foi visto. ROBERTO baixa de novo a cortina, tirando o cinturão.

ROBERTO — Ah, vai. Sabe o que eu faço se pegar os dois? Tiro assim o cinturão e passo nas costas dele. *(Dá em GASPAR.)*

LÚCIA — Passa mesmo?

ROBERTO — Passo, mesmo assim. *(Idem.)* E se ele reagisse, aí eu dizia: "Tome, tome, tome, tome, safado. Isso é para não estar se metendo a besta pra meu lado!"

LÚCIA — É melhor aguardar, talvez até estejamos acusando os pobres sem motivo! Vamos terminar de nos vestir.

Fazem uma falsa saída. GASPAR sai do esconderijo, esfregando o espinhaço, e corre para a rua. Os três voltam.

ROBERTO — Então?

LÚCIA — Agora não há mais dúvida. É preciso dar uma lição nesses dois.

SUSANA — Eles já tomaram a dianteira. Agora, ainda por cima, vão contar a Geraldo tudo o que Gaspar ouviu. E você com suas histórias de cachorro e de latido!

LÚCIA — Deixe tudo por minha conta. Em primeiro lugar, vamos acabar o lugar do crime. Ajudem-me a tirar esta cortina. Isto. Que mais, meu Deus? Ah, sim: você trouxe filme na máquina?

ROBERTO — Trouxe, sim.

Lúcia — Fique escondido atrás do oratório daquele quarto e fotografe o começo do que assistir. Só o começo, viu? Você vai?

Roberto — Vou.

Lúcia — Faça isso e o dinheiro será nosso. Seu, porque diante de você eu não tenho vontade.

Roberto — Está bem, mas tenha cuidado. Ou esse casamento dá certo ou estamos desgraçados. O dinheiro está a ponto de se acabar. *(Sai.)*

Susana — Lúcia, minha filha, é o negócio do retrato?

Lúcia — É.

Susana — E Roberto vai ver? Isso não fica bem, afinal de contas nós temos nossos princípios!

Lúcia — Ih, mamãe, isso é hora de falar em princípios? Roberto não tem essas besteiras não!

Susana — Mas não sei se será aconselhável você se cansar. Afinal de contas são dois, Cancão e Gaspar.

Lúcia — Ah, o que você quer é se encarregar de Gaspar.

Susana — Não está vendo que eu não posso deixar você fazer esse sacrifício sozinha? Que mãe você pensa que eu sou?

Lúcia — Está bem, Gaspar fica por sua conta. Vai ser uma novidade, hein? Tão rústico! Mas saia, Geraldo vem aí.

Susana *sai. Entra* Geraldo, *e* Lúcia *começa a chorar, fingindo que não o vê.*

Geraldo — Então está tudo pronto? Que é isso? Está chorando, meu bem? Que é isso?

Lúcia — Que é isso! Coitado, tão inocente, tão cheio de boa-fé!

Geraldo — Eu? Que há?

Lúcia — É melhor você não saber.

Geraldo — Foi alguma coisa que eu fiz?

Lúcia — Que mal podia me fazer o melhor e mais amado dos noivos?

Geraldo — Então foi minha mãe?

Lúcia — Sua mãe é uma santa, que mal podia me fazer?

Geraldo — É, mas como ela ficou contra o casamento...

Lúcia — Casamento? Que casamento?

Geraldo — Mas meu bem! O nosso, é claro!

Lúcia — Meu Deus, como é que se tem coragem de trair uma inocência dessa! Não vai haver casamento nenhum, querido. Tornaram nosso casamento impossível.

Geraldo — Tornaram? Quem foi?

Lúcia — Seus dois amigos, Cancão e Gaspar.

Geraldo — Não é possível!

Lúcia — Está vendo? Eu sabia que minha palavra valia menos do que a deles.

Geraldo — Sua palavra é tudo para mim, meu amor. Mas o que foi que eles fizeram?

Lúcia — Tiraram o juiz daqui de Taperoá, ele saiu de repente no mesmo carro em que nós viemos. Foi avaliar sua propriedade, Roberto soube.

Geraldo — É para aumentar as custas, ele faz isso em todo inventário.

Lúcia — Todo mundo sabe disso em Taperoá? Desse costume do juiz?

Geraldo — Sabe.

Lúcia — Quem aconselhou você a requerer o inventário?

Geraldo — Cancão.

Lúcia — Você vê agora o plano? Ele aconselhou você a requerer para tirar o juiz e impedir assim o casamento.

Geraldo — Mas com que interesse Cancão iria fazer isso?

Lúcia — Você sabe que o juiz prometeu nomeá-lo avaliador, caso ele aconselhasse você a abrir o inventário?

Geraldo — Não é possível!

Lúcia — Não é possível! Como foi que o juiz se dirigiu a Cancão na hora de sair?

Geraldo — Meu caro avaliador!

Lúcia — Está vendo?

Geraldo — Mas é possível que meus melhores amigos... Gaspar também está metido nisso?

Lúcia — Claro, também vai ser nomeado!

Geraldo — Mas Cancão e Gaspar, logo eles!

LÚCIA — E você não sabe o pior de tudo, meu amor.

GERALDO — Pior ainda?

LÚCIA — Não, é melhor não dizer nada, você tem um gênio tão esquentado!

GERALDO — Não, agora quero saber tudo!

LÚCIA — Você promete não perder a cabeça?

GERALDO — Sei lá! Que foi?

LÚCIA — Não sei se você reparou, mas desde que cheguei os dois ficaram me olhando de um jeito... Toda vez que eu cruzava as pernas ou ficava de costas...

GERALDO — Canalhas!

LÚCIA — Pode ter sido engano meu, mas por segurança comecei a tratá-los à distância. Nessas coisas é bom não facilitar. Eles sentiram a história e, por vingança, resolveram me prejudicar junto a você. Resolveram... Não, não digo, é uma coisa tão baixa que eu...

GERALDO — Diga, meu bem, você está acima destas coisas!

LÚCIA — Mamãe ouviu os dois dizendo que vão me caluniar.

GERALDO — Caluniar? Como?

LÚCIA — E eu sei? Mamãe não quis me dizer do que se tratava direito, para não ferir minha inocência! Era uma coisa horrível, uma história dum cachorro, duns latidos... Parece que era para dizer a você que eu era mesmo que uma cachorra!

GERALDO — Meu Deus, é possível tanta maldade?

LÚCIA — Eles combinaram de dizer que eu traía você com Roberto. Combinaram de dizer que Gaspar tinha me espreitado por trás de uma cortina, aqui. E a sala nem com cortina está, veja!

GERALDO — Meu Deus! Mas fique descansada, amor, não chore mais! Assim que o juiz voltar, seja a que hora for, o casamento se faz e é de qualquer jeito! E eu não quero ver esses dois nunca mais!

LÚCIA avista CANCÃO e GASPAR, que vêm chegando, abraça GERALDO e leva-o para o lugar da cortina, cobrindo a falta da vista dos dois.

LÚCIA — Meu bem, são eles. Ah, você vem aí, Cancão. Veja, meu filho, como eles vêm contentes! E têm razão, conseguiram o que queriam!

CANCÃO — Como é?

LÚCIA — Geraldo já sabe tudo, pode falar sem medo. Vocês tiraram o juiz da cidade e tornaram nosso casamento impossível!

CANCÃO — *(Inocente.)* Ai, e o juiz saiu, foi?

LÚCIA — Pode tirar a máscara e deixar a hipocrisia de lado. Já se sabe tudo, a história das avaliações, sua mentira, tudo! Todos nós sabíamos que você é pobre, Cancão. Mas precisava fazer essa traição com Geraldo, que nunca lhe fez mal?

CANCÃO — Traição, eu?

LÚCIA — Sim, você! E por causa de dinheiro! Que coisa triste e feia!

CANCÃO — Mas espere, eu é que vim denunciar uma traição!

LÚCIA — Fale, minta, calunie, diga o que quiser! Geraldo já sabe que você estava combinado com o juiz para enganá-lo. Você não se deteve diante de nada, viu o dinheiro na frente e ficou cego!

GERALDO — É verdade isso, Cancão? Eu mal podia acreditar!

LÚCIA — É claro, confiante e bom como é! Mas isso é uma coisa que brada aos céus e a justiça de Deus pode tardar mas vem!

GERALDO — Como é? Você não diz nada?

CANCÃO — Que é que posso dizer?

GERALDO — A história da avaliação é verdade?

CANCÃO — É.

GERALDO — Você disse ao juiz que eu queria adiar o casamento?

CANCÃO — Disse.

GERALDO — E me disse que ele só faria o casamento se eu abrisse o inventário, não foi?

CANCÃO — Foi.

GERALDO — E por que tudo isso?

CANCÃO — Para evitar que esse bando de vigaristas tomasse o que é seu! Para evitar seu casamento com essa desgraça que está aí!

LÚCIA — Ai, Geraldo, meu amor, eu não lhe disse?

CANCÃO — Veja esse choro: não há quem diga que é de propósito. Mas essa mulher é a praga pior que já pisou em Taperoá. Não pense que eu sou idiota não, Dona Lúcia! Eu saí, mas deixei Gaspar escondido aqui e ele ouviu tudo!

GASPAR — Ela é amante desse primo que veio com ela do Recife. Eu ouvi.

LÚCIA — Você ouviu?

GASPAR — Ouvi. Os latidos, a história do cachorro, a cachorrada toda!

GERALDO — Que história absurda é essa?

GASPAR — Eu não entendi direito não, Geraldo, só ouvia era os latidos e ela dizendo: "Fico toda arrepiada!"

CANCÃO — Você olhe que Gaspar foi casado três vezes. Pois mesmo assim nunca tinha ouvido falar nas coisas que ouviu, escondido aqui.

LÚCIA — Mas escondido onde?

CANCÃO — Aqui, atrás da cortina. *(Boquiaberto.)* Onde está a cortina?

LÚCIA — Eu é que pergunto: como é que Gaspar ouviu isso por trás de uma cortina que não existe?

CANCÃO — Mas Geraldo, tinha cortina!

GERALDO — Não quero ouvir mais nada, não sou idiota não! Nunca ouvi tanta mentira em minha vida! Vou sair, para que vocês saiam de minha casa! Não quero vê-los nunca mais! *(Sai.)*

Entra SUSANA, *como quem estava ouvindo.*

LÚCIA — E assim, meu caro Cancão, sua manobra falhou. Amanhã, se tiver coragem, venha assistir a meu casamento. Ao civil, pois quando esse tal de Frei Roque chegar, vou convencer Geraldo a se casar ainda hoje no religioso, para me garantir. Aprenda e nunca mais se meta para o meu lado, porque eu sou mais astuciosa do que você.

CANCÃO — Que é que se pode fazer? Assim é a vida, Dona Lúcia.

LÚCIA — E tudo isso sem necessidade! Comigo, você só teria a ganhar, eu estava achando você tão simpático!

CANCÃO — A simpatia era mútua, Dona Lúcia.

LÚCIA — Você simpatizou comigo?

CANCÃO — Muito, desde que a senhora chegou.

SUSANA — Então só tendo sido coisa feita, porque eu também, assim que cheguei, simpatizei logo com Gaspar.

GASPAR — Pronto!

LÚCIA — E você jogar fora essa oportunidade! Geraldo, do jeito que é, não desconfiaria de nada. E tudo ficaria tão animado, não era?

CANCÃO — *(Fascinado, a despeito de si.)* Era!

LÚCIA — Digo isso com inteira convicção, porque desde que cheguei que vi os olhos que você botava para minhas pernas.

CANCÃO — Eu?

LÚCIA — Ih, como ele ficou envergonhado! Tão puro! Não precisa ter vergonha nenhuma, Cancão, é natural isso. Nos lugares mais adiantados ninguém liga, não é, mamãe?

SUSANA — *(Fascinando GASPAR.)* Claro, claro!

LÚCIA — Você não olhou? Me diga mesmo! Pode olhar, isso é assim mesmo!

CANCÃO — *(Num apelo e num aviso.)* Geraldo, Geraldo!

LÚCIA — Quer saber do que mais, Cancão? Aproveite! Com Roberto aqui e com este sangue que eu tenho, Geraldo vai passar por isso de qualquer maneira! Assim, aproveite, que sua vez é essa!

CANCÃO — Geraldo!

LÚCIA — *(Abraçando CANCÃO.)* Ai, meu Deus, uma cobra!

SUSANA — *(Abraçando GASPAR.)* Ai, Gaspar, me acuda!

CANCÃO — *(Absorto.)* A cobra?

GASPAR — Ah, sim, a cobra!

CANCÃO — Que é que tem a cobra?

LÚCIA — Uma cobra ali! Ai, Cancão, tenho horror a cobra!

CANCÃO — Ah, sim, a cobra!

LÚCIA — Não é uma cobra não, mamãe? Parece que não. Meu Deus, pensei que fosse! Que coisa horrível, meu coração está batendo que é uma coisa horrorosa! Veja!

CANCÃO — A cobra?

LÚCIA — Não, meu coração! Não fico mais aqui de jeito nenhum, vou para meu quarto. Você me acompanha, Cancão? Não tenho mais coragem de ficar só naquele quarto escuro, horroroso. Venha comigo. Você vem?

CANCÃO — Vou. *(Num último apelo, enquanto se atira no abismo.)* Geraldo!

Entram no quarto. Clarão de retrato. ROBERTO *entra, muda a lâmpada e o filme, sem que* GASPAR *o veja, e desaparece no outro quarto.*

SUSANA — Coitada de minha filha, ficou tão nervosa!

GASPAR — Isso passa, isso passa, Dona Susana!

SUSANA — E nós? Pau seco não dá embira, nem corda velha dá nó?

GASPAR — Ai, coisa triste no mundo é ficar na cama só!

SUSANA — *(Abraçando-o.)* Não é possível, você ainda se lembra. É o amor! Meu Gaspar!

GASPAR — Dona Susana, quais são suas intenções? Olhe que eu já fui casado três vezes!

SUSANA — O que se perde no tempo ganha-se na experiência.

GASPAR — Menino, é a finada velhaca todinha!

SUSANA — A essas horas seu amigo deve estar acalmando Lúcia. Que é que você está esperando?

GASPAR — Dona Susana, mostre o caminho, que por onde a senhora for, eu vou.

Segue SUSANA *como uma virgem de tragédia.* ROBERTO *aparece diante do público e tira o retrato, com clarão e tudo. Entra* LÚCIA*, logo seguida de* CANCÃO*.*

LÚCIA — Muito bem, Roberto, você foi um amor. Prezado Cancão, quero lhe comunicar que você agora está em minhas mãos. Roberto fotografou a cena que você teve a gentileza de proporcionar. *(Entram GASPAR e SUSANA.)* Seu querido amigo, aqui presente, foi também devidamente fotografado. Qualquer tentativa de impedir o casamento, eu mostro o retrato a Geraldo.

CANCÃO — *(Novamente espantado pelo gênio de LÚCIA.)* Essa mulher é o cão!

LÚCIA — Obrigada!

CANCÃO — Mas tem uma coisa, Geraldo não vai gostar nada de ver a noiva dele fazendo o que a senhora fez.

LÚCIA — No começo eu não fiz um esboço de reação?

CANCÃO — Fez.

GASPAR — Dona Susana fez o mesmo comigo.

LÚCIA — Foi essa parte que Roberto fotografou: "Duas mulheres indefesas resistindo aos assaltantes de sua honra!" A outra parte ficou entre nós. Mamãe, como se foi?

SUSANA — Para falar a verdade, vocês não deram tempo, tive que ficar na reação.

LÚCIA — Que espírito de sacrifício, poucas mães teriam tanto! Você vem comigo?

ROBERTO — Vou.

LÚCIA — Então, adeusinho. E sejam felizes. *(Sai com ROBERTO.)*

SUSANA — Gaspar, lamento. Mas nós vimos você na cortina: você tremeu um pouco e isso descobriu o jogo de vocês.

CANCÃO — Eu sabia que você tinha feito alguma besteira!

SUSANA — Agora, além do mais, essa pressa. Lamento, Gaspar, lamento muito!

GASPAR — Eu mais ainda, Dona Susana!

SUSANA — Mas nestas circunstâncias, você compreende, nós não podemos facilitar. Enfim... Até loguinho! *(Sai.)*

CANCÃO — Então?

GASPAR — Então o quê? O sabido não é você?

CANCÃO — Mas você tremer numa hora dessa, homem?

GASPAR — E você não sabia que eu era frouxo? Por que me botou no fogo? Eu nunca contei vantagem, o valente é você! Mas quando chega o aperto, corre, quem fica de vigia sou eu! Eu que fique atrás da cortina, eu que leve as lapadas...

CANCÃO — É verdade, desculpe, companheiro. Quantas lapadas levou?

GASPAR — Sei lá, bem oito!

CANCÃO — Não se incomode não, vamos devolver uma por uma.

GASPAR — Você não se dá por vencido, não?

CANCÃO — De jeito nenhum!

GASPAR — E os retratos?

CANCÃO — Essa mulher é o cão, mas se você promete me ajudar...

GASPAR — Eu não prometo nada.

CANCÃO — Você vai abandonar Geraldo nas garras dessa peste?

GASPAR — Ele não me botou pra fora de casa?

CANCÃO — Você precisa levar em conta que com essa mulher não há quem possa!

GASPAR — Homem, a tirar pela mãe, é mesmo. Que é que você vai fazer?

CANCÃO — Vou ver se tenho uma conversa com Frei Roque, pra dar um jeito no casamento religioso de Geraldo.

GASPAR — Rapaz, Frei Roque é um santo, mas é duro que Ave Maria! É preciso cuidado, Cancão, a gente vai topar Frei Roque e minhas três mulheres de uma vez só.

CANCÃO — Por que você diz isso?

GASPAR — Porque a filha eu não sei, quem foi com ela foi você. Mas a velha, pelo menos até onde eu pude ir, é uma mistura da finada safada, da finada velhaca e da finada cachorra da molest'a. *(Saem.)*

FIM DO PRIMEIRO ATO.

Segundo Ato

A mesma sala do primeiro ato. Entram Cancão, Gaspar *e* Frei Roque. *Este fala com pronunciado sotaque estrangeiro.*

Cancão — Quer dizer então que São Francisco era ali na exata, não era, Frei Roque?

Frei Roque — São Francisco foi o santo mais na exata da Igreja Católica. Mas onde está Geraldo, que você ainda não disse?

Cancão — Mas era homem virtuoso mesmo?

Frei Roque — São Francisco foi o homem mais virtuoso da Europa.

Cancão — Era caridoso? Dava muita esmola?

Frei Roque — Ah, num dia só dava mais esmola do que a Europa toda em dez anos.

Cancão — Mas era homem de coragem?

Frei Roque — De coragem?

Cancão — Sim, era homem valente?

Frei Roque — São Francisco foi o santo mais valente da Igreja Católica.

Cancão — Mas era homem para quebrar a cara dum?

Frei Roque — Cancão, São Francisco era homem para o que desse e viesse!

Cancão — Como é que o senhor sabe?

Frei Roque — E como é que você não sabe?

Cancão — Eu não acredito nessas coragens escondidas não, sabe, Frei Roque? Se ele tivesse sido macho mesmo, a gente terminava sabendo. Pelo menos uma cara ele teria quebrado.

Frei Roque — Ó Cancão, sabe do que mais? É capaz dele ter quebrado!

Cancão — Frei Roque!

Frei Roque — Eu não tenho certeza não, mas antes de ser santo é capaz dele ter quebrado aí a cara de algum safado.

Cancão — Ai, e ele não foi santo logo não?

Frei Roque — São Francisco? São Francisco foi o maior desordeiro da Europa. E é bem possível que nesse meio algum desordeiro tenha se metido a besta para São Francisco

e São Francisco pegava o cabra assim pela gola e dizia: “Desordeiro, você agora vai ver quem é São Francisco!” *(Agarra GASPAR e vai demonstrando com ele.)* E metia-lhe a tapa na cara! Abria a mão assim e lapo!

GASPAR — Ai, Frei Roque!

FREI ROQUE — Pegava o sujeito assim, fechava a mão lá dele e lapo.

GASPAR — Ai, Frei Roque! Assim eu morro!

FREI ROQUE — Está aí, viu? Isso é pra não se meter a besta e não querer desmoralizar os santos da Igreja Católica!

GASPAR — Mas o que foi que eu fiz, pelo amor de Deus?

FREI ROQUE — Oh, Gaspar, como é que vai? Você estava aí, meu filho? Como vai?

GASPAR — *(De mau humor.)* Bem. Está com a gota serena, é?

CANCÃO — Ó Frei Roque! E dedicado? São Francisco era muito?

FREI ROQUE — São Francisco foi o santo mais dedicado da Igreja Católica.

CANCÃO — Confessou muito? Deu muita extrema-unção?

FREI ROQUE — Com aquela atividade dele, deve ter dado mais extrema-unção do que todos os outros santos da Europa, juntos.

CANCÃO — Acho que São Francisco era incapaz de se recusar a atender um chamado para dar extrema-unção.

FREI ROQUE — Também acho, Cancão. Podia ser longe como fosse, São Francisco ia.

CANCÃO — De carro?

FREI ROQUE — E tinha carro naquele tempo? Ele ia era a cavalo. E lhe digo mais: São Francisco gostava tanto de fazer sacrifício que era capaz de ir a pé. Mas que interesse por São Francisco é esse de repente? Foi me esperar na chegada, haja pergunta, não me deixa procurar Geraldo... Que é que há?

CANCÃO — Eu fui esperar o senhor a mando desse Roberto Flávio que veio com a noiva de Geraldo. É para dar uma extrema-unção, Frei Roque.

FREI ROQUE — Mas agora, Cancão?

CANCÃO — Assim ele mandou dizer.

FREI ROQUE — E onde é?

CANCÃO — Daqui a cinco léguas, perto do Pico.

FREI ROQUE — Nossa Senhora, no Pico, Cancão? Mas eu cheguei de Campina agora, são mais de vinte léguas!

CANCÃO — Foi o que eu disse. Mas Roberto Flávio fez questão de transmitir o chamado. Fiquei até espantado, porque parece que ele não liga nada à religião.

FREI ROQUE — Está-se vendo, um miserável desse! E onde está o carro?

CANCÃO — Frei Roque, o carro de Herotides foi levar o juiz para uma diligência.

FREI ROQUE — E como é que eu vou?

CANCÃO — Foi o que eu disse, mas Roberto Flávio aconselhou o rapaz a alugar um cavalo para o senhor.

FREI ROQUE — Mas minha Nossa Senhora, cinco léguas a cavalo, na boca da noite, depois de vinte no ônibus de Salustino?

CANCÃO — Eu disse que era absurdo, mas Roberto Flávio garantiu que isso não era nada para um filho de São Francisco.

FREI ROQUE — Não é nada! Não vê que quem vai é pobre de Frei Roque?

CANCÃO — Quer dizer que o senhor não vai não? Acho que não vale a pena mesmo não, um defunto safado, desse de pé-de-serra...

FREI ROQUE — Ah, Cancão miserável, falando da defuntência dos outros mais pobres do que ele! Pois agora eu vou, sabe? Mas vou da raiva em que estou, está ouvindo? Onde está o cavalo? Pelo menos essa desgraça presta?

CANCÃO — É Pelo-Fino, Frei Roque.

FREI ROQUE — Pelo-Fino? Não diga, Cancão! Sabe que essa extrema-unção vai ser até animadinha? Só estou com pena por causa do pobre do defunto.

CANCÃO — É mesmo, a morte é tão ruim, não é, Frei Roque?

FREI ROQUE — Sei não, Cancão, eu nunca morri... A morte pode ser ruim mas a galopadinha vai ser boa. Você sabe quem é o defunto?

CANCÃO — É Severino Emiliano, Frei Roque. Seus paramentos estão aqui.

FREI ROQUE — Então me dê, obrigado. E com a vontade que eu estou de dar uma galopada, Pelo-Fino que se aguente. Adeus, Gaspar. Adeus, Cancão.

CANCÃO — Até logo, Frei Roque, Deus o leve. *(Sai FREI ROQUE.)* Só um santo mesmo! Cinco léguas a cavalo numa hora dessa! É um santo!

GASPAR — É, mas quando esse santo descobrir a mentira! Por que você inventou essa confusão toda?

CANCÃO — Com a história do suplente, o casamento civil de Geraldo pode se fazer. Mas com Frei Roque fora, quero ver como é que essa mulher casa com ele no religioso.

GASPAR — Nossa Senhora! Cancão, você vai se meter no inferno! E termina me levando também! Agora, ainda por cima, Dona Guida vai ficar contra nós.

CANCÃO — Nada! Você trouxe o alicate que eu pedi?

GASPAR — Trouxe. Você vai arrancar os dentes de Dona Guida, é?

CANCÃO — Ainda mais essa, esse Gaspar tem cada uma! Arrancar os dentes de Dona Guida, pra quê?

GASPAR — Na dor, ela se distraía por ali e deixava a gente de lado.

CANCÃO — E como é que eu ia convencer Dona Guida a arrancar os dentes?

GASPAR — É mesmo. O que é que você vai fazer?

CANCÃO — Vou cortar o fio da luz aqui. Já está escurecendo e daqui que descubram onde é o defeito, tenho ambiente para fazer o que quero. Deixe tudo a meu cuidado.

Corta o fio; a luz baixa. Os dois se retiram a um canto. Entram LÚCIA, SUSANA *e* ROBERTO, *com um candeeiro.*

LÚCIA — A luz está no fim, que foi? Quem está aí? Quem é?

CANCÃO — É Cancão, Dona Lúcia, Cancão e Gaspar.

LÚCIA — Se Geraldo encontrar vocês... Vieram impedir o casamento de novo? Você não conseguirá nada. O frade chegou: eu convenci Geraldo a casar no religioso ainda hoje e o civil será amanhã, quando o juiz chegar.

CANCÃO — Dona Lúcia, Frei Roque chegou mas saiu da cidade para fazer uma extrema-unção.

SUSANA — Miserável! Foi você!

CANCÃO — Eu vim propor um negócio: com o retrato, o casamento de Geraldo é coisa resolvida. Assim, quero ver se pelo menos volto a ser avaliador, porque Geraldo me demitiu. Só quem sabe onde está Frei Roque a essa hora sou eu. Mas é um lugar perto da cidade. Se entrarmos num acordo, eu faço o casamento ainda hoje, tanto o civil como o religioso.

LÚCIA — Como, se o juiz também saiu?

CANCÃO — Só digo se a senhora arranjar a avaliação e minha reconciliação com Geraldo.

LÚCIA — Estou com medo de seus negócios, Cancão.

CANCÃO — Com o retrato, não há nada a temer.

LÚCIA — Vocês o que é que acham?

ROBERTO — Sou pelo acordo. O dinheiro está no fim e, se o casamento for feito hoje, estamos garantidos.

LÚCIA — Pois venha de lá esse acordo. Como é que se faz o casamento civil?

CANCÃO — Com o suplente do juiz, Fragoso.

LÚCIA — E existe isso aqui?

CANCÃO — Existe. Está meio adoentado, levou uma queda de cavalo e está com o rosto enfaixado, mas se a gente der dinheiro a ele, vem.

LÚCIA — Eu quero uma garantia, Cancão.

CANCÃO — A garantia será dada por eles, Frei Roque e o suplente. A senhora me reconcilia com Geraldo?

LÚCIA — Reconcilio, mas a avaliação eu só arranjo depois do casamento. Com você eu não facilito mais. E tem uma coisa: os retratos estão aqui.

CANCÃO — É o primeiro retrato que tiro na vida. Eu fiquei até bem. Gaspar é que é feio que só a peste! Ave Maria, parece um cavalo. Está bem, Dona Lúcia, estamos entendidos. Gaspar, vá buscar o suplente. *(Sai GASPAR.)* O juiz fica indignado quando o suplente Fragoso faz casamento na ausência dele, por causa das custas. Mas eu disse que Dona Lúcia pagaria as custas no dobro, uma para o suplente, outra para o juiz. Com o casamento civil feito, vou buscar Frei Roque.

LÚCIA — O frade não interessa. Mas como Geraldo faz questão, vou me submeter àquela encenação. Saia, ele vem aí, vou preparar o terreno.

CANCÃO — Prefiro ficar, quero ouvir o que a senhora diz.

LÚCIA — Que homem desconfiado! Está certo, fique aí. *(A GERALDO, que vem entrando com DONA GUIDA.)* Geraldo, estou tão feliz! Você não pode imaginar o que aconteceu.

GERALDO — Que há?

LÚCIA — Cancão está arrependido do que fez conosco e veio se desculpar.

GERALDO — Não, minha filha, não quero ver Cancão nunca mais. Trair-me daquela maneira!

LÚCIA — Você deve levar em conta a situação em que seus amigos vivem, meu filho. Quem vive como eles não pode ter os padrões morais de nossa classe.

GERALDO — E além de tudo o atrevimento de estar olhando para você como ele fez!

LÚCIA — Meu filho, o pobre me explicou tudo, a culpa foi minha. Ele não estava habituado a ver gente vestida assim e ficou olhando. Eu, que não esperava isso, fiquei pensando que era má intenção. Coitado, ele ficou tão agoniado!

GERALDO — É verdade?

LÚCIA — O que acontece é que eu sou muito zelosa nessas questões e às vezes me excedo um pouco. Fiquei de coração apertado por ter causado essa separação entre você e seus amigos. E ele nos fez um favor tão grande para mostrar seu arrependimento...

GERALDO — Que foi?

LÚCIA — Frei Roque já chegou. Sabendo disso, Cancão foi procurar o suplente do juiz.

GERALDO — Fragoso! Mas ele está de cama.

LÚCIA — Ele prometeu que vinha. Eu acho esse casamento assim dividido tão sem jeito... Tudo podia se resolver ainda hoje, o civil e o religioso, dependendo, é claro, de você e de Tia Guida.

GERALDO — E onde está Cancão?

CANCÃO — *(Avançando.)* Aqui, Geraldo.

DONA GUIDA — Que é isso? O que é que estão combinando desde hoje?

CANCÃO — Dona Guida, não se zangue comigo não.

DONA GUIDA — Ouvi dizer que você estava combinando com aquele ladrão para roubar Geraldo, é verdade?

CANCÃO — É, Dona Guida.

DONA GUIDA — Nunca eu poderia acreditar, se outro me dissesse. E o que é que você está combinando aí, ladrão?

CANCÃO — Pronto, entrei nas brincadeiras do juiz! *(Alto, a DONA GUIDA.)* Estou aqui dizendo que arranjei o casamento de Geraldo ainda hoje.

DONA GUIDA — De novo? Sem os banhos?

CANCÃO — Fica tudo regularizado, Dona Guida. O suplente vem fazer o casamento.

DONA GUIDA — Fragoso? Outro ladrão, igual ao juiz e a você. E descobri mais essa: você, além de ladrão, é safado!

CANCÃO — Dona Guida sempre com brincadeira!

DONA GUIDA — Brincadeira! Quem é a favor desse casamento é safado!

GERALDO — Mamãe!

Lúcia — Não, Geraldo, é melhor que você saiba logo. Ela me humilha assim porque eu sou pobre. Tia Guida pensa que o que eu quero é seu dinheiro.

Geraldo — Ah, dinheiro amaldiçoado! Não está vendo que mamãe não ia pensar isso, meu amor?

Lúcia — Não ia! Todos os atos dela indicam isso!

Dona Guida — O que é que os meus atos indicam? Fale aí, cabrita malcriada!

Geraldo — Mamãe, isso também é demais!

Dona Guida — É demais? Pois vá. Faça seu casamento, aja como quiser, eu não estou me incomodando mais com nada. Quando terminarem, avisem: eu quero sair de casa. Quando se arrepender, também, mande dizer. Porque aí eu quero voltar. *(Sai.)*

Geraldo — Mamãe...

Lúcia — Meu Deus, como fui mal interpretada! Ela falou em arrependimento, em abandono... Quem sabe? Talvez fosse melhor nós acabarmos este casamento!

Geraldo — Mas meu bem!

Lúcia — Ela suspeitará sempre de mim. Você prefere acabar?

Geraldo — Não, nunca! Mas isso de mamãe passa!

Lúcia — Passará mesmo, Geraldo? Não sei. Mas, para evitar qualquer suspeita, nós nos casaremos com separação de bens.

Geraldo — Lúcia!

Lúcia — Se você não aceita, prefiro romper!

Geraldo — Então está bem. Envergonho-me do que minha mãe fez! Mas se houvesse um jeito dela concordar...

Cancão — Frei Roque concorda e Dona Guida assina em cruz tudo o que ele diz. Deixe por minha conta que eu ajeito isso, Geraldo.

Geraldo — Agora sim, estou vendo de novo meu velho Cancão. Venha de lá esse abraço!

Cancão — Vá dizer a Dona Guida a opinião de Frei Roque. Diga que o frade chega já para confirmar tudo. E venha, que Fragoso não tarda.

Geraldo — Está bem. *(Sai.)*

Cancão — Muito bem, Dona Lúcia, agora a avaliação.

Lúcia — Primeiro o casamento. Ruim foi essa separação de bens, mas era preciso impressionar o rapaz.

CANCÃO — A gente dá um dinheirinho ao suplente e, no contrato, em vez de "separação de bens" ele bota "comunhão de bens".

SUSANA — Mas quando se fizer a leitura, Geraldo notará.

CANCÃO — Geraldo não presta atenção a nada, Dona Lúcia ajeita isso, com um daqueles abraços de cobra.

ROBERTO — Mas quanto teremos que dar?

CANCÃO — Mil, eu acho que dá.

LÚCIA — Quanto ainda lhe resta, mamãe?

SUSANA — Duzentos e cinquenta.

LÚCIA — Roberto tem seiscentos que eu dei a ele. Você acha que dá?

CANCÃO — Vamos ver, nessas coisas a Justiça não transige. E aí vem Fragoso, juiz de Direito na ausência do titular, substituto de tabelião, fanhoso, gago e comerciante de miudezas nas horas vagas.

Entra MANUEL GASPAR, *vestido de toga e com o rosto inteiramente coberto de gaze e esparadrapo, de modo a que o público não o reconheça.*

GASPAR — Senhores, despachemo-nos. Vou proceder à leitura do contrato.

CANCÃO — Um momento, Doutor Fragoso. Ali onde diz "sendo feito o casamento pelo regime etc.", nós queríamos que o senhor colocasse "pelo regime de comunhão de bens".

GASPAR — Mas meu caro Cancão, isso é feito pelo noivo, na sua presença!

CANCÃO — Doutor, a gente lhe dá oitocentos e cinquenta, pra isso.

GASPAR — Mas oitocentos e cinquenta, Cancão? Está tudo tão caro!

CANCÃO — O que se arranjou foi isso, Doutor. O mais que se pode fazer é eu mesmo entrar na cota.

GASPAR — Ah, então faltava você! Quem não fala, Deus não ouve! Quanto significa isso?

CANCÃO — Oitenta.

GASPAR — Total?

LÚCIA — Novecentos e trinta.

GASPAR — Vá lá. É pouco, mas como são hóspedes não quero desmoralizar a hospitalidade sertaneja. Cancão, queira servir de escrevente e colocar a palavra em questão.

CANCÃO — “Pelo regime... pelo regime... de comunhão de bens.” Muito bem, agora só falta o noivo.

GASPAR — Chamo sua atenção para a outra parte do acordo.

CANCÃO — Que outra parte?

SUSANA — Os novecentos.

GASPAR — Os novecentos, não, os novecentos e trinta.

CANCÃO — Ah, é verdade, que distração a minha! Bem, o resto fica a cargo de vocês.

GASPAR — *(Não se dominando.)* Cancão, eu gostaria tanto que você ficasse!

CANCÃO — Não é possível que eu faça um casamento melhor do que um juiz!

ROBERTO — Você não fica?

CANCÃO — Vou buscar Frei Roque para ele convencer Dona Guida e fazer o religioso. Até já e felicidades. *(Sai.)*

LÚCIA — Bem, se estamos nesse ponto, vá buscar o noivo, mamãe.

Sai SUSANA.

ROBERTO — Chegou a hora. Tanto lutamos por isso, mas quando chega o momento... Você vai casar e me esquecer.

LÚCIA — Que é isso? Está triste? Por você eu faço tudo! Vá me procurar hoje à noite!

ROBERTO — Hoje, Lúcia?

LÚCIA — Hoje, por que não? Acharei jeito de despachar aquele idiota.

ROBERTO — Mas Lúcia, Geraldo pode desconfiar!

LÚCIA — Aquilo é uma besta!

ROBERTO — Está certo. Onde, então?

LÚCIA — Aqui mesmo. Mando o marido para o quarto e venho. Está combinado?

ROBERTO — Está.

Entram SUSANA *e* GERALDO.

GASPAR — As partes estão presentes?

GERALDO — Estão.

GASPAR — Então vamos ao ato. “Eu, João Pinto Barbosa de Carvalho Falcão, escrivão do registro civil de casamentos, em virtude da lei etc., etc... certifico que a flis”...

LÚCIA — A flis?

GERALDO — É "a folhas", Doutor Fragoso.

GASPAR — Eu sei, eu sei. Não interrompam a suplência da autoridade. "Certifico que a folhas 144 verso, do livro número 36, foi feito hoje o assento do matrimônio"... Engraçado isso, assento do matrimônio. Não sabia que matrimônio tinha assento não, mas como está no livro, eu boto. "O assento do matrimônio de Geraldo Queirós da Mota Vilar e"... E quem?

LÚCIA — Lúcia Renata Pereira da Silveira.

GASPAR — Lúcia Renata Pereira da Silveira. Engraçado, isso.

LÚCIA — Engraçado por quê?

GASPAR — É rimado, como verso. Mas se é assim, eu boto. "O assento do matrimônio de Geraldo Queirós da Mota Vilar e Lúcia Renata Pereira da Silveira, contraído"... Está, pode ser exagero, mas que é engraçado é. Contraído, casamento civil é feito febre tifo, contrai-se. Mas como está no livro, eu boto. "Contraído perante etc., etc., e sendo feito o casamento pelo regime de comunhão"...

LÚCIA — *(Abraçando GERALDO.)* Meu bem!

GERALDO — Que é?

LÚCIA — Estou tão emocionada!

SUSANA — *(A GASPAR.)* O acordo, idiota!

GASPAR — Hein? Ah, sim, foi a embalagem! Tudo está esclarecido. "Sendo feito o casamento pelo regime de separação de bens."

GERALDO — Mas minha filha, você fez questão mesmo?

SUSANA — Que desprendimento! É um anjo!

GASPAR — Queiram assinar todos. Noivo... Noiva... Primeira testemunha... Segunda testemunha... Senhores, meus parabéns a todos. *(Abraça GERALDO e sai.)*

LÚCIA — E então? Que cara é essa? Não me beija, não me diz nada... Está triste com a coleira?

GERALDO — Nada, mas você há de ter notado que minha mãe não veio.

LÚCIA — Cancão foi buscar Frei Roque e, com os conselhos dele, Tia Guida abranda. Olhe lá!

Entra CANCÃO, *vindo do interior, empurrando a cadeira de* DONA GUIDA, *vestido como* FREI ROQUE, *com barbas postiças e imitando seu sotaque.*

Dona Guida — Quer dizer então que agora o senhor aderiu à safadeza?

Cancão — Não, Dona Guida, mas é preciso encarar a realidade. O negócio já está feito. A moça veio, é uma moça boa, ficou na casa do noivo, o povo pode falar. É uma coisa que São Francisco não gosta, nem São Francisco nem a Igreja Católica.

Dona Guida — E como é que você sabe que a moça é boa, Frei Roque?

Cancão — Cancão não me contou a história do casamento com separação de bens?

Dona Guida — Casamento com separação de bens? Que é isso?

Cancão — Essa moça que é boa! Para ninguém pensar que era interesse dela, quis casar com separação de bens. Coisa muito bonita, São Francisco gosta e a Igreja Católica também!

Dona Guida — Essa, eu só acredito vendo!

Geraldo — Pois veja, mamãe! O livro está ali!

Dona Guida — Não chamei você aqui! Frei Roque, leia o livro!

Aflição de Lúcia, Susana e Roberto.

Cancão — Pois não, é já!

Lúcia — *(Chorando, para evitar a leitura.)* Ah, Geraldo, até disso sua mãe desconfia!

Cancão — Pobrezinha! Dona Guida, francamente! São Francisco não gosta disso de jeito nenhum. Francamente! Você viu o livro, Geraldo?

Geraldo — Vi, Frei Roque, ouvi a leitura, tudo!

Cancão — *(Pegando o livro, mas sem ler.)* Olhe aí, está aí.

Dona Guida — Leu?

Cancão — E então? Separação de bens, está vendo? Geraldo ouviu tudo! Moça muito boazinha, muito desprendida! São Francisco gosta muito disso!

Dona Guida — Então eu estava enganada. Confesso que nunca esperei isso.

Geraldo — E concorda com o casamento?

Dona Guida — *(A Cancão.)* O senhor se responsabiliza?

Cancão — Pois não, sem nenhuma dúvida. Por mim e por São Francisco.

Dona Guida — Então vá lá!

Geraldo — Graças a Deus! Lúcia, venha cá, mamãe vai nos abençoar. *(Ajoelham-se diante de Dona Guida.)*

Dona Guida — *(De mau humor.)* Deus os abençoe.

Cancão — Ótimo, ótimo, vamos ao casamento, o sacristão chegou. *(Entra Gaspar, vestido comumente.)* Gaspar, venha me ajudar. *(Entrega-lhe a corda, que trouxe na cintura,* à *guisa de cordão.)* Isso aqui é o cordão de São Francisco. Meu casamento é feito pela Igreja de São Francisco, tudo na lei dele. Quem é a primeira testemunha?

Roberto — Eu.

Cancão — Você fica aqui, perto do sacristão.

Roberto — Pra quê?

Cancão — Para tomar parte no rito. Comigo é tudo do jeito que São Francisco fazia.

Roberto — Mas eu não sei fazer nada!

Cancão — Você não precisa fazer nada, o sacristão Gaspar se encarrega de tudo.

Gaspar — E para que é esse cordão, Frei Roque?

Cancão — Você fica aqui e cada vez que disser "Amém", dá uma lapadinha nas costas dele.

Roberto — Isso é ridículo!

Cancão — A lapadinha é pequena!

Roberto — Não me submeto de modo nenhum!

Cancão — Então não se faz o casamento! *(Senta-se e cruza os braços.)* Ou se faz como São Francisco mandava, ou não se faz de jeito nenhum!

Lúcia — Roberto, é somente uma formalidade.

Roberto — Então está certo. Mas isso demora?

Cancão — Não, é já. "Oremus. Propitiare, Domine, bero-bero, bero-bero, bero-bero, dura lex sed lex, Geraldus et Lucia, per omnia saecula saeculorum."

Gaspar — Amém.

> *Dá uma lapada em Roberto. O "bero-bero" é feito à vontade do ator, imitando um latim engrolado de sacristão, com pausas, suspiros, tudo disparado.*

Roberto — Ai!

Gaspar — Eu dei devagar!

CANCÃO — Deve ter pegado de mau jeito. “Geraldus et Lucia bero-bero, bero-bero, bero-bero, per omnia saecula saeculorum.”

GASPAR — Amém.

ROBERTO — Olhe como dá, idiota!

GASPAR — Que foi?

ROBERTO — Eu não fico mais aqui de jeito nenhum!

CANCÃO — Então não se faz o casamento! *(Senta-se de novo.)*

SUSANA — Roberto, fique!

GERALDO — Faça esse sacrifício por nós, companheiro. Frei Roque é cheio dessas coisas!

ROBERTO — Está bem. Ainda demora?

CANCÃO — É já. “Dominus vobiscum, bero-bero, bero-bero, bero-bero, Geraldus et Lucia per omnia saecula saeculorum.”

GASPAR — Amém.

CANCÃO — *(Disparado, para não dar tempo a queixas.)* Bero-bero, bero-bero, errare humanum est.

GASPAR — Amém.

CANCÃO — Dominus vobiscum.

GASPAR — Amém.

CANCÃO — Dura lex sed lex.

GASPAR — Amém.

CANCÃO — Geraldus et Lucia per omnia saecula saeculorum.

GASPAR — Amém, amém.

ROBERTO — Ai! Eu...

CANCÃO — Pronto, pronto! Terminou, estão casados.

DONA GUIDA — Já?

CANCÃO — Já. Padre que não despacha depressa nem sabe latim nem São Francisco gosta.

DONA GUIDA — E a prática? Casamento sem prática pra mim não vale.

CANCÃO — Não seja por isso, é já. Lúcia, Geraldo, sejam bonzinhos, tenham vergonha, pronto, São Francisco gosta, Deus também gosta, dá tudo certo. Até logo, sejam felizes.

DONA GUIDA — Pronto? É só isso?

CANCÃO — O resto é parapapá, eu não estou pra isso não! Vou buscar a bagagem que deixei no hotel de Dadá. Até amanhã. *(Sai.)*

LÚCIA — Meu amor, estou tão emocionada...

GERALDO — Eu também, a cerimônia foi linda. Mamãe...

DONA GUIDA — Está certo, está certo. Felicidades, Deus os abençoe. Casaram, sejam felizes. E vamos à festa.

SUSANA — Guida, minha prima! Tão delicada! Você teve essa atenção com minha filha, amor?

DONA GUIDA — Com sua filha, não, amor, com meu filho, viu? Vamos.

Saem GERALDO, LÚCIA, ROBERTO *e* DONA GUIDA.

SUSANA — Gaspar, querido Gaspar! Estou tão emocionada! *(Abraça-o.)*

GASPAR — Ai, ai, ai! Quais são suas intenções?

SUSANA — Você não está comovido não? Que coração de pedra! Eu devia ficar zangada, principalmente porque estou vendo as suas intenções muito bem. O que você quer é terminar aquilo que começou.

GASPAR — Dona Susana, eu não disse nada.

SUSANA — Ah, é assim? Além de maldoso, é hipocritazinho, hein? Pois, por castigo, eu concordo em terminar. Que acha?

GASPAR — Dona Susana, a essa altura dos acontecimentos, eu me entrego à minha sorte.

SUSANA — Vamos então aproveitar a escuridão. Quando todo mundo estiver deitado, venha cá. Eu deixarei a porta da frente encostada, com a luz assim, ninguém verá nada. Está bem?

GASPAR — Está ótimo.

SUSANA — Então até lá, ingrato, coração de pedra, bandido que assaltou meu coração.

GASPAR — Até lá, safada, alma de serrote, ladrona que roubou minha solidão!

Sai SUSANA. CANCÃO *entra, vestido normalmente.*

CANCÃO — Então? Tudo em paz?

GASPAR — Tudo em paz, ninguém desconfiou de nada.

CANCÃO — E o latim, como saiu?

GASPAR — Passou perfeitamente. Mas quando Frei Roque chegar, minha Nossa Senhora! E eu, ainda por cima, me meti noutra enrascada, Cancão.

CANCÃO — Que foi, homem de Deus?

GASPAR — Meti-me de novo com a velha e marquei um encontro com ela aqui. Ela vai deixar a porta aberta e eu venho.

CANCÃO — Mas como foi isso, homem?

GASPAR — Sei lá! Veio com um negócio de bandido, coração de pedra, não sei o quê, quando eu vi estava pegado.

CANCÃO — Pois quando você vier, eu venho também.

GASPAR — Não senhor! Que é que você tem com isso?

CANCÃO — É preciso abrir os olhos de Geraldo.

GASPAR — Está certo. Mas uma coisa eu lhe digo: não me atrapalhe! Dessa vez, eu vejo até onde aquela mulher vai. E tem uma coisa: vou até o fim e é com retrato ou sem retrato! *(Saem.)*

FIM DO SEGUNDO ATO.

Terceiro Ato

A mesma sala. Barulho de festa, fora. Ainda com a luz baixa: já anoiteceu completamente. Entram Cancão, Gaspar *e* Roberto Flávio.

Cancão — Você pode não ter ido com a cara dele, mas Frei Roque é um santo.

Roberto — Pode ser santo como for. Aguentei tudo calado por causa de Lúcia e do casamento, mas agora quero que ele me venha com essa Igreja de São Francisco pra ver uma coisa!

Cancão — Para conquistá-lo o negócio é elogiar a Igreja de São Francisco. Ele diz sempre que existem duas Igrejas: uma é a católica, dos católicos comuns, como eu e você.

Roberto — Como eu, não. Sou um espírito emancipado.

Cancão — Pois então como eu e Gaspar. Essa é a Igreja comum, dos católicos safados. A outra é a Igreja de São Francisco, a Igreja dos santos. Diz ele que somente esta é a que importa. Você devia ter arranjado para ele uma dessas cerimônias que a Igreja de São Francisco prestigia.

Roberto — E que interesse eu tenho de agradar aquele idiota?

Cancão — Ah, ele é prestigiadíssimo no Recife. É capelão das associações mais ricas de lá. Agrade Frei Roque e tudo quanto é gente importante do Recife fica louca por você.

Roberto — É mesmo?

Cancão — Por que você não arranja uma extrema-unção para ele? Os frades da Igreja de São Francisco têm uma verdadeira mania de dar extrema-unção, acham que não se deve esperar pela hora da morte para isso.

Roberto — E onde é que eu vou arranjar um defunto a essa hora?

Cancão — Aqui perto tem um rapaz que está com a passarinha meio estufada.

Roberto — Quem é?

Cancão — É um tal Severino Emiliano.

Roberto — Então vou ver. Contanto que ele não me venha mais com as cerimônias da Igreja dele. *(Sai.)*

Gaspar — Companheiro, socorro! Frei Roque vem ali e vem com a gota-serena!

Cancão — Não é possível, Gaspar, não deu tempo!

GASPAR — Tanto deu que ele vem! Ai!

FREI ROQUE entra como um furacão e agarra CANCÃO pela gola.

FREI ROQUE — Ah, você está aqui! Cancão safado, Cancão mentiroso!

GASPAR — A bênção, Frei Roque!

FREI ROQUE — Deus o abençoe! Cancão, eu pensava que você prestava, mas descobri que você é um cancão muito safado. E você vai me pagar!

GASPAR — A bênção, Frei Roque!

FREI ROQUE — Deus o abençoe, Gaspar! Vai me pagar para aprender quem são os filhos de São Francisco. Prepare a tábua do queixo!

GASPAR — A bênção, Frei Roque!

FREI ROQUE — Deus o abençoe, Gaspar! Ora pinoia, já abençoei mais de cem vezes!

GASPAR — E bênção só se pode dar uma vez, é?

FREI ROQUE — Não, mas não quero que você interrompa minha raiva!

GASPAR — Ah, e o senhor está com raiva?

FREI ROQUE — Estou, você não está vendo?

CANCÃO — Mas por que isso tudo?

FREI ROQUE — Você ainda pergunta, bandido, miserável, canalha, assassino dos filhos de São Francisco! Encontrei Severino Emiliano na estrada, ele está com mais saúde do que eu!

CANCÃO — E o que é que eu tenho com isso? Eu só fiz transmitir o recado que Roberto Flávio lhe mandou.

FREI ROQUE — Roberto Flávio!

CANCÃO — Bem que ele estava dizendo que ia fazer isso, mas eu nunca pensei que ele fosse capaz!

FREI ROQUE — Capaz de quê?

CANCÃO — De fazer uma perseguição dessa com os frades da Igreja Católica! Só porque ele pertence a outra igreja, acha-se com o direito de desrespeitar os frades da nossa!

FREI ROQUE — E ele pertence a outra igreja, é?

CANCÃO — Roberto Flávio faz parte de uma dessas igrejas que saem da Igreja Católica e ficam dizendo que ela é errada.

Frei Roque — Um herege, logo vi! Perseguindo assim os frades! Qual é a igreja dele?

Cancão — Diz ele que é a Igreja de São Francisco.

Frei Roque — Tem graça! E a Igreja de São Francisco não é a Igreja Católica?

Cancão — Diz ele que não. Roberto Flávio acha que São Francisco tinha verdadeiro horror à Igreja Católica!

Frei Roque — Vê-se logo a heresia desse bandido, desse mentiroso!

Cancão — Mas o que eu achei pior foi ele dizer: "Ah, Frei Roque diz que São Francisco era católico, é? Pois esse frade vai me pagar!"

Frei Roque — Ah, entendo! Aí arranjou essa extrema-unção para pobre de Frei Roque, não foi? Pois ele agora vai ver quem é pobre de Frei Roque!

Cancão — Diz ele que o maior prazer que tem na vida é desmoralizar frade.

Frei Roque — Ah, ele diz isso, é? Gosta de desmoralizar frade, é? Esse Roberto Flávio, astucioso e ruim desse jeito, só pode ser o cão ou o secretário dele!

Cancão — E quando ele começa a insultar a Igreja?

Frei Roque — E ele insulta a Igreja, Cancão?

Cancão — Ele disse aqui que a Igreja Católica era igreja de cabra safado!

Frei Roque — Ah, ele diz isso, é? É igreja de cabra safado, é? Onde é que anda esse camarada, hein, Cancão?

Entra Roberto Flávio.

Roberto — Frei Roque, prazer em vê-lo. Estava louco para encontrá-lo, tenho uma extrema-unção para o senhor fazer.

Frei Roque — Pode me dizer quem é o defunto?

Roberto — É um rapaz chamado Severino Emiliano.

Frei Roque — Severino Emiliano... *(Acordando.)* Ó rapaz, o que é que você acha da Igreja Católica?

Roberto — Aquilo é lá igreja! Igreja é a de São Francisco!

Frei Roque — Ah, e não é a mesma coisa não? A Igreja Católica não é a Igreja de São Francisco não?

Roberto — De modo nenhum. Uma é a igreja dos católicos safados, a outra é a dos santos.

FREI ROQUE — Ah, sim! Pode fazer o favor de dizer o seu nome, pra eu ter certeza?

ROBERTO — Roberto Flávio, para servi-lo.

FREI ROQUE — Você vá servir ao diabo, viu? E tome! *(Dá um soco em ROBERTO e ele desmaia.)* Tome, para nunca mais dizer que a Igreja Católica é igreja de cabra safado, viu?

GASPAR — Danou-se! Vai dormir uma hora!

FREI ROQUE — Não tem nada não, depois acorda e pode servir de exemplo! Onde é o quarto dele?

GASPAR — Ali.

FREI ROQUE — Peguem o resto do herege e botem lá! Uma coisa eu garanto: insônia hoje ele não tem! *(Põem ROBERTO num quarto.)* Onde está Geraldo?

CANCÃO — Geraldo está meio adoentado, Frei Roque. Acho melhor não falar com ele hoje.

FREI ROQUE — Eu não falar com Geraldo? Tinha graça! Vou de qualquer jeito!

CANCÃO — Vá não, Frei Roque! Dona Guida também está doente!

FREI ROQUE — Cancão, aqui há alguma coisa! Toda vez que eu quero me aproximar de Geraldo ou Dona Guida hoje, aparece uma história. Vou saber o que é isso!

CANCÃO — Não! Por aí não, Frei Roque!

FREI ROQUE — Por aqui não por quê?

CANCÃO — *(Munindo-se de um pau.)* Olhe ali na janela que o senhor entenderá tudo!

FREI ROQUE — Na janela? Não estou vendo nada!

CANCÃO — Está não? Então, Deus me perdoe, mas é o jeito! *(Dá uma paulada em FREI ROQUE, que desmaia.)* Chegue aqui, Gaspar!

GASPAR — Eu não! Pode ser que ele ainda esteja vivo!

CANCÃO — Está, homem de Deus! Não está vendo que eu não ia matar Frei Roque?

GASPAR — Pois se ele está vivo, aí é que eu não vou!

CANCÃO — Ora bolas, não tem perigo não! Vamos amordaçá-lo! Isto! Baixe o capuz para cobrir a cara dele. Isto! Agora, vamos trancá-lo! *(Põem FREI ROQUE amordaçado e amarrado dentro da mala ou guarda-roupa.)* Agora tudo vai bem. A velha prometeu deixar a porta aberta?

GASPAR — Prometeu. Mas não vá atrapalhar minha vida não!

CANCÃO — Dessa vez você vai, deixe comigo!

Entram Dona Guida, Susana, Geraldo *e* Lúcia.

Dona Guida — Pronto, meu papel terminou. O quarto de vocês é aquele. Eu dormirei no de junto, Susana ali e o rapaz aqui. Amanhã, deixarei a casa.

Geraldo — Mas mamãe, a senhora fica morando conosco!

Dona Guida — Não, existem algumas coisas que é preciso enfrentar!

Geraldo — Tudo não foi feito como devia?

Dona Guida — Foi e Frei Roque garantiu tudo. Mas, mesmo assim, eu quero ir. Vou lhe dar a caderneta onde anoto as contas, tudo agora é seu. Fique com a maleta também.

Geraldo — Mas mamãe!

Susana — Receba, meu filho, sua mãe pode se ofender!

Dona Guida — Veja como esse anjo entende logo tudo! Assim é que se vive, meu filho. Tome e até amanhã.

Cancão — Nós também vamos saindo, Dona Guida.

Dona Guida — Adeus, ladrão. *(Sai.)*

Cancão — Dona Guida sempre com brincadeiras! Muito bem. Dona Lúcia, creio que me limpei completamente!

Lúcia — Minha gratidão será eterna!

Susana — Vocês não viram Roberto por aí não?

Cancão — Está dormindo! Disse que precisava descansar um pouco e foi para o quarto.

Lúcia — Ah!

Gaspar — Eu também vou chegando! Boa noite a todos!

Susana — A mim também?

Gaspar — À senhora mais do que a todos! Boa noite! *(Saem Cancão* e *Gaspar.)*

Susana — Bem, creio que nós também devemo-nos recolher. *(Falsamente emocionada.)* Meus filhos!

Lúcia — Lá vem mamãe com o chororô dela!

Susana — Você logo saberá quanto sofre uma mãe! Mas não se incomodem, já tomei minhas providências para me consolar! Boa noite e... felicidades. *(Sai. Geraldo abraça Lúcia.)*

Geraldo — Meu amor!

LÚCIA — Ah, é assim, hein? Mal fica comigo... Como são os homens! Enfim, eu o perdoo porque você me ama. Ou não?

GERALDO — Mais do que a tudo, meu bem!

LÚCIA — Então vá me esperar em nosso quarto. Estou contente, contentíssima! Mas ao mesmo tempo, como é dolorosa a separação!

GERALDO — Estarei esperando por você!

Sai LÚCIA *para o interior da casa. Ela deve levar consigo o candeeiro. A cena subsequente deve se passar em escuridão quase completa. O encenador não tenha medo de escuro, as silhuetas e as falas bastam para identificar os personagens e em simples penumbra esta cena funciona muito mal.* GERALDO *entra no quarto. Imediatamente entra* SUSANA *e destranca a porta da rua, voltando para o seu quarto. Entram* CANCÃO *e* GASPAR*, aquele novamente vestido de frade.*

CANCÃO — Gaspar!

GASPAR — Hein!

CANCÃO — Não estou vendo nada!

GASPAR — Nem eu! Mas uma coisa eu sei: o quarto da velha é aquele.

CANCÃO — O que deram a Geraldo foi esse, não foi?

GASPAR — Foi, mas Geraldo não interessa!

CANCÃO — Vamos verificar!

GASPAR — Vamos, não, vá você! Eu preciso ir lá dentro.

CANCÃO — Fazer o quê?

GASPAR — Tomar uma fresquinha, aqui está muito quente.

CANCÃO — Gaspar!

GASPAR — Vá se danar, eu quero é a velha! *(Desaparece no interior da casa.* CANCÃO *bate no quarto de* GERALDO.)

CANCÃO — Geraldo! Geraldo!

GERALDO — *(Abrindo a porta e abraçando-o.)* Meu amor!

CANCÃO — Epa, que negócio é esse? Vá pra lá!

GERALDO — Ingrata, cruel! Você não se envergonha de me tratar assim?

CANCÃO — Era o que faltava!

GERALDO — Que é isso? Você está de barba! Frei Roque! É o senhor?

CANCÃO — Claro! Pensava bem que era São Francisco!

GERALDO — Peço que me desculpe, mas não podia nunca esperar o senhor agora! Que há?

CANCÃO — Fale baixo. Não diga nada, depois eu explico tudo. Venha para cá e se esconda aqui comigo. Aqui. Venha, homem!

GERALDO — Mas Frei Roque, minha mulher...

CANCÃO — Sua mulher vem já. Abra os olhos e os ouvidos mas não diga nada, haja o que houver!

Escondem-se. Entra SUSANA.

SUSANA — Gaspar! Gaspar! Onde está você, coração de pedra?

GASPAR — *(Voltando do interior*.) Aqui, coração de aço! Agora pau dá embira e corda velha dá nó!

SUSANA — Pois venha que eu não suporto ficar mais na cama só!

GASPAR — Ah, a poesia! Nada como a poesia! *(Pausas e risos sufocados.)*

SUSANA — Gaspar, Gaspar! Deixe de ser mauzinho, malvado!

GASPAR — Malvada é você, tirana, bridão de meu peito, rabichola de meu coração!

SUSANA — Vem gente, corra! Esconda-se, que eu já volto. *(Correm. Entra LÚCIA*.)

LÚCIA — Roberto! Roberto!

ROBERTO — Au, au, au!

LÚCIA — Ai, é meu cachorro! Onde está você, malvado?

ROBERTO — Aqui. Au, au, au!

LÚCIA — Ai! Você está bem?

ROBERTO — Um pouco tonto, não sei o que aconteceu. E seu marido?

LÚCIA — A essa hora, já deve estar dormindo, aquele palhaço!

ROBERTO — É palhaço, mas foi com ele que você casou.

LÚCIA — Você sabe que tive meus motivos. Avalie se não arranjo esse idiota para financiar nós dois! Você ouviu um barulho?

ROBERTO — Não.

LÚCIA — Parece que alguém se mexeu num desses quartos horríveis! Saia, eu volto já! Cuidado, parece que vem gente! *(Correm. GASPAR entra, tateando.)*

GASPAR — Amor, onde está você?

ROBERTO — *(Também voltando.)* Amor, é você?

GASPAR — Sou. Onde está você, coração de pedra?

ROBERTO — Aqui. Que rouquidão é essa? Está gripada?

GASPAR — Que gripado que nada! Você também está tão rouquinha, coração de lajedo!

ROBERTO — Au, au, au!

GASPAR — Ah, agora deu pra latir, hein? Deixe ver cá essa cachorra!

ROBERTO — Ai, não me faça cócegas! Au, au, au!

GASPAR — Menino, é direitinho a finada cachorra da molest'a!

Aqui CANCÃO *liga o fio que tinha cortado e a cena se ilumina de repente. Os dois têm acabado de se beijar. Eles dão um enorme salto de surpresa.*

ROBERTO e GASPAR — Ai!

Acorrem todos, DONA GUIDA, SUSANA *e* LÚCIA. GERALDO, *arrasado, sai do esconderijo, com* CANCÃO.

CANCÃO — Muito bem, senhor Roberto Flávio! Pode explicar por que beijou Gaspar?

GASPAR — E eu sabia lá que era esse fantasma!

CANCÃO — Cale a boca, ouviu, Gaspar? Você é um safado, vai ter que explicar tudo direitinho depois. Mas agora quero saber é o seguinte: quem vocês pensavam que estavam beijando? Responda, senhor Roberto!

No lugar em que estiver trancado, FREI ROQUE *dá três pancadas furiosas e espaçadas, para chamar atenção.* DONA GUIDA *pensa que as batidas são na porta da rua.*

DONA GUIDA — Estão batendo. Quem é?

GASPAR — *(À meia-voz, para disfarçar.)* Sou eu.

DONA GUIDA — Pode entrar.

CANCÃO — Como é, ninguém me responde? Quero saber que safadeza é essa! A mulher deixa o marido, os dois se beijam... Que é isso?

Novas pancadas de Frei Roque.

Dona Guida — Quem é?

Gaspar — Sou eu.

Dona Guida — Pode entrar!

Cancão — Preciso de uma resposta! São Francisco está muito desconfiado disso tudo! Fale, fale imediatamente!

Roberto — Fale imediatamente o quê? O senhor pensa que eu ainda estou disposto a suportá-lo? Um frade idiota, safado, cheio de maluquices! Já estou cheio de sua batina, sabe? E pergunto por minha vez: o que é que um frade faz aqui, a essa hora, espionando a vida dos outros? *(Novas pancadas de Frei Roque.)*

Dona Guida — Ora bolas, quem é?

Gaspar — Sou eu.

Dona Guida — Não já disse que pode entrar? Entre logo e deixe Frei Roque brigar descansado!

Susana — Mas por que tudo isso?

Cancão — Por quê? Porque assumi a responsabilidade do casamento de Geraldo e ele agora está desgraçado!

Dona Guida — Frei Roque, desgraçado está você, porque essa você me paga! Que foi que houve?

Cancão — Sua nora marcou encontro aqui, com esse vigarista, e a mãe dela outro, com Gaspar.

Lúcia — Ai, Geraldo, não deixe esse demônio me caluniar! Geraldo! Você não diz nada? Não posso acreditar que você desconfie de mim!

Geraldo — Eu também jamais acreditaria nisso, se me dissessem!

Lúcia — Mas você não está vendo que tudo isso é maluquice desse frade louco?

Geraldo — Como, se eu mesmo ouvi tudo daqui? Basta, Lúcia, é melhor não falar mais nisso! Só me lembro é de pobre de Cancão! Com que dureza eu o tratei porque ele queria me ajudar!

Cancão — Uma pessoa extraordinária daquela!

Geraldo — Ah, se eu o tivesse ouvido! Mas agora é tarde, casei-me no religioso e casei-me porque quis. Só posso esperar agora a vontade de Deus!

GASPAR — Que pelo jeito vem por aí!

A porta da mala abre-se com enorme violência e FREI ROQUE salta, furioso, para a sala. Ele vai investir contra alguém, mas para, estupefato, ao ver outro frade.

CANCÃO — Ó, Frei Marcelo, como vai? Estava aí?

FREI ROQUE — Uh, uh, uh! *(Tenta contar por mímica a história da cacetada, anda por todos os cantos da sala, olha para baixo dos móveis à procura de CANCÃO.)*

DONA GUIDA — Afinal de contas, quem é esse frade?

CANCÃO — É Frei Marcelo, gente boa! São Francisco gosta muito dele!

FREI ROQUE — Uh, uh, uh!

DONA GUIDA — Parece que ele está tentando apontar a boca.

CANCÃO — Usa essa mordaça como penitência! É uma pessoa muito piedosa, só gosta de viver amarrado, fazendo penitência! São Francisco gosta muito dele!

FREI ROQUE — *(Negando com a cabeça.)* Uh, uh, uh!

CANCÃO — Está vendo? É assim, só vive sem falar, é um frade muito virtuoso!

DONA GUIDA — Pode ser virtuoso como for, diga a ele que vá embora. Tenho horror a esses frades que se trancam na mala da gente!

FREI ROQUE — *(Interrogando.)* Uh, uh, uh? Uh, uh, uh?

GERALDO — Parece que ele está perguntando por alguém.

CANCÃO — Que nada, Frei Marcelo detesta procurar gente!

De repente FREI ROQUE avista GASPAR. Num repelão, consegue soltar as mãos e corre para ele, aberturando-o.

GASPAR — *(Ajoelhando-se.)* Ai, pelo amor de Deus, Frei Roque, não fui eu não! Não dê em mim não, Frei Roque!

CANCÃO — E quem está dizendo que eu vou dar em você?

FREI ROQUE — Uh, uh, uh?

GASPAR — Foi Cancão, Frei Roque!

FREI ROQUE — E uh, uh, uh, uh?

GASPAR — Onde está Cancão?

FREI ROQUE — *(Afirmando com a cabeça.)* Uh! uh!

GASPAR — *(Ajoelhado, com a mão cobrindo o rosto, aponta CANCÃO.)* Ali!

FREI ROQUE solta GASPAR, corre para CANCÃO, agarra-o e, na briga, arranca-lhe a barba.

GERALDO — Cancão!

SUSANA — *(Desmaiando.)* Ai!

FREI ROQUE aponta a mordaça, GERALDO tira-a e baixa o capuz.

GERALDO — Frei Roque!

CANCÃO — *(Fingindo desmaio.)* Ai!

FREI ROQUE — *(Sufocado de raiva.)* Bandido, miserável, assassino da Igreja Católica e dos filhos de São Francisco, peste, diabo, danado, agora você me paga!

GERALDO — Calma, calma, Frei Roque!

FREI ROQUE — *(Aos gritos.)* Eu estou calmo! Eu estou calmo!

DONA GUIDA — E por que essa raiva toda de Cancão?

FREI ROQUE — A senhora acha pouco, Dona Guida? Esse miserável me deu uma cacetada e me trancou na mala! Só para evitar que eu visse Geraldo depois que cheguei de Campina!

GERALDO — E o senhor não me viu?

FREI ROQUE — Eu? E esse peste deixou? Mas ele está acordando e vai ver quem é Frei Roque!

CANCÃO — *(Fingindo desmaio de novo.)* Ai!

GERALDO — Frei Roque, o senhor me desculpe, mas o senhor esteve comigo hoje.

FREI ROQUE — Eu?

GERALDO — Sim, e até fez meu casamento!

FREI ROQUE — Ai, e você casou, Geraldo? Meus parabéns, meu filho! Que coisa!

GERALDO — O senhor tem certeza de que não me casou?

FREI ROQUE — Certeza absoluta.

GERALDO — Mas então quem me casou?

CANCÃO — Eu! *(Dá um grande salto e corre das garras de FREI ROQUE.)* Frei Roque, peço-lhe uma trégua! Deixe eu falar e depois faça o que quiser!

Frei Roque — E eu tenho trégua para um safado que pega Frei Roque e dá uma cacetada na cabeça dele?

Cancão — O senhor vai me perdoar mas foi o jeito!

Frei Roque — Foi o jeito o quê? Que terra é essa em que os condenados pegam os filhos de São Francisco e metem o pau na cabeça deles?

Cancão — Eu precisava salvar Geraldo! Essa peste aí ia casar com ele no religioso e eu tive que impedir que a Igreja Católica se complicasse nessa bandalheira!

Lúcia — Não venha envolver a Igreja com suas molecagens não, viu, moleque ordinário?

Frei Roque — *(Investindo de bucho nela.)* Cale a boca, viu, mocinha? Minhas brigas são minhas, de São Francisco e da Igreja, ninguém mais se mete nelas, está ouvindo?

Lúcia — O quê?

Frei Roque — O que o quê? Eu ouvi a molecagem toda dali da mala, viu? A safadeza de Cancão, a cacetada etc., é outra coisa, mas Geraldo livrou-se de boa, está ouvindo?

Dona Guida — Mas afinal de contas, que confusão é esta?

Geraldo — Foi Cancão que deu uma cacetada na cabeça de Frei Roque e trancou-o na mala, mamãe.

Dona Guida — Boa, Cancão, bem feito! É pouco, pra ele não estar dando conselho errado sobre o casamento de meu filho!

Geraldo — Mas não foi Frei Roque não, mamãe, foi Cancão. Foi Cancão quem fez o casamento... que agora... Que agora não vale! Mamãe, o casamento não vale não, mamãe!

Lúcia — O casamento religioso! Mas o civil vale, viu? E se é assim, filhinho, vamos cuidar do desquite. Metade do que seu pai deixou agora é meu.

Geraldo — A perda do dinheiro não interessa, seria um belo prêmio para você, que só pensa nisso. Mas diante do que vi, faço questão de tirá-lo, e lembro a você que nós casamos pelo regime de separação de bens.

Lúcia — Aí é que você se engana, amor! Com ajuda de Cancão, subornei o suplente Fragoso e ele colocou no livro "comunhão", em vez de "separação".

Dona Guida — Cancão safado!

Cancão — Um momento, aí vem o suplente, rebocado. Com ele aqui, tudo se explica!

Volta Gaspar, *vestido novamente como* Fragoso, *arrastado pelo pescoço pelo juiz* Nunes.

Nunes — Meu caro Geraldo, aqui está esse criminoso, ele confessou o casamento que fez. Foi me esperar na chegada e me contou tudo. Esse casamento foi realizado sem minha ordem, ele não tinha direito de receber as custas!

Lúcia — Mas o casamento feito por ele vale!

Nunes — Vale! Estou aqui somente para receber minha parte e dizer que não tomei parte na conspiração para casá-lo. Agora, quero saber: quem paga minhas custas? Você?

Geraldo — Eu não!

Nunes — Então eu vou ficar sem minhas custas? Todo acordo comigo, menos esse, as custas do juiz são sagradas! E você, ladrão, me assassinar desse jeito pelas costas! Mas você me paga! *(Agarra Gaspar.)*

Gaspar — Doutor Nunes, eu sou um homem doente!

Nunes — Eu quero é que você morra, desgraçado! Tome, tome! *(Caem as faixas.)*

Geraldo — Gaspar!

Susana — *(Desmaiando.)* Ai!

Geraldo — Foi você quem me casou?

Gaspar — Foi.

Lúcia — *(Desmaiando.)* Ai!

Geraldo — E esse casamento assim vale, seu juiz?

Nunes — Não, não e não!

Roberto — *(Desmaiando.)* Ai!

Frei Roque — Para! Para, para tudo! Começa a explicar tudo de novo, que eu não estou entendendo mais nada! Que confusão é essa?

Dona Guida — Como foi que vocês descobriram o negócio do encontro?

Gaspar — Eu ouvi os dois combinando, quando estava aqui, vestido de juiz. Contei a Cancão e a gente veio.

Geraldo — Cancão, meu velho! Que devo fazer para você me perdoar?

Cancão — Me arranje aí sessenta paus. Isto. Dona Susana, aqui é o dinheiro da passagem de vocês. O caminhão de Joca Mota sai já pra Campina e, sem dinheiro, quanto mais cedo chegarem ao Recife, melhor!

Susana — *(Digna.)* Onde é que passa o caminhão?

CANCÃO — Na ponte! Senhor Roberto, aqui estão seus vinte. Dona Lúcia, aqui estão os seus.

LÚCIA — Eu recebo! Mas um dia você me paga! Nós ainda nos encontraremos!

CANCÃO — Espero que seja junto de alguma cobra!

LÚCIA — Roberto!

ROBERTO — Que é?

LÚCIA — Você não sai comigo?

ROBERTO — Ah, vá se danar! Eu lhe disse que só interessava com o dinheiro!

CANCÃO — Deixem a briguinha para o caminho. Adeus e boa viagem para todos! *(Saem LÚCIA, ROBERTO e SUSANA.)* Agora nós, Frei Roque. Nisso tudo, meu medo era ir para o inferno! O senhor acha que dá pra isso?

FREI ROQUE — Sei lá, Cancão, sei lá! Tem umas coisas certas, umas doidices... Mas uma coisa eu lhe digo: de outra vez escolha outro para dar suas cacetadas, viu? E me deixe, estou todo quebrado, preciso dormir.

CANCÃO — Pois vá, Frei Roque, vá na paz de Deus. Acorde cedo, porque preciso me confessar o mais depressa possível.

DONA GUIDA — Por causa da confusão?

CANCÃO — Não, por causa da cobra.

FREI ROQUE *sai, empurrando a cadeira de* DONA GUIDA.

GERALDO — Aqui estão suas custas, Doutor!

NUNES — Geraldo! Que coração generoso! Você é único! *(Sai rapidamente dando uma meia-volta.)*

GERALDO — O dia terminou! Que dia! Quem levou a paulada foi Frei Roque, mas quem está sentindo tudo sou eu. E as contas, as ambições, a mesquinharia... Estou me sentindo como se minha casa tivesse se transformado numa barraca de cigano. Estou me sentindo capaz de vender e trocar tudo!

GASPAR — Até a mulher?

GERALDO — Que mulher?

GASPAR — Essa que você arranjou e despachou num dia só. Troca a mulher também?

GERALDO — Troco. Dou por sua mãe e você me volta duas irmãs solteiras! Vamos?

CANCÃO — Vamos. *(Os três se encaminham para o proscênio.)*

GERALDO — Espectadores, o autor é um moralista incorrigível e gostaria de acentuar a moralidade de sua peça.

CANCÃO — Eu e Gaspar éramos amigos fiéis dele e isso não impediu que cobiçássemos seu dinheiro. E, ao primeiro apelo da carne, eu o traí com sua noiva. Isto é errado, foi o que aprendi.

LÚCIA — *(Entrando com ROBERTO e SUSANA.)* Eu aprendi que a luxúria é um caminho de perdição.

ROBERTO — Eu, que a cobiça é outro.

SUSANA — Eu, através do ridículo e do castigo, aprendi a respeitar a pureza da família.

FREI ROQUE — *(Entrando com DONA GUIDA.)* Para elas o dinheiro tinha um caráter de prêmio, servindo como uma espécie de absolvição sacrílega para os atos mais baixos.

NUNES — *(Entrando.)* Eu fiz um juiz desonesto, e juntei-me aos outros, nesse concerto de imoralidade. Tudo isso forma um conjunto com o autor.

DONA GUIDA — Com os atores.

GASPAR — E até com o respeitável público.

GERALDO — Por isso lanço um olhar melancólico a nosso conjunto e convido todos a um apelo. É uma invocação humilde e confiante, a única que pode brotar sem hipocrisia desse pobre rebanho que é o nosso. E assim, juntando-me aos outros atores e ao autor, peço que digam comigo:

TODOS — Que o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, tenha misericórdia de todos nós.

PANO.

Recife, 10 de junho de 1957.
26 de julho de 1957.

O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

1957

O SANTO E A PORCA

Imitação Nordestina de Plauto

A peça *O Santo e a Porca* foi montada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro Dulcina, em 1958, pelo "Teatro Cacilda Becker", sob direção de Ziembinski, sendo os papéis criados pelos seguintes atores:

Caroba *Cleyde Yaconis*

Euricão Arábe *Ziembinski*

Pinhão *Rubens Teixeira*

Margarida *Cacilda Becker*

Dodó *Fredi Kleemann*

Benona *Kleber Macedo*

Eudoro Vicente *Jorge Chaia*

Ao maior poeta do Brasil,
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE,
que acolheu esta peça, quando de sua estreia, com tão generosas palavras, com toda admiração e estima do Autor.

Despojado como um pária,
na nudez seca de Jó,
liberto da indumentária,
como está só!

("Homem tirando a roupa")

Pedras de sangue e choro
maculam a vertente.
Em que invisível foro
rege um juiz ausente?

("Colônia")

(Em *Viola de Bolso*, de Carlos Drummond de Andrade)

NOTA DO AUTOR

Será que uma obra de arte precisa mesmo de explicações do autor para enfrentar o público? Será que a visão que o autor tem de sua obra não é a mais deformada de todas? Não sei, mas acredito que é muito difícil, sem traição a ela, explicar ou ordenar os múltiplos aspectos e sentidos que tem — ou pelo menos deve ter — uma peça de teatro. O fato é que a peça é um tumulto, e as opiniões que se formam em torno dela é outro; o que, de certa forma, nos autoriza a procurar, na medida do possível, um sentido para aquilo que talvez nenhum sentido claro possua.

Com isso, não quero dizer que, ao escrever a peça, tenha conseguido fazer tudo o que pretendi ao imaginá-la. E quem o consegue? A obra que se apresenta ao público, qualquer que seja ela, é o resultado de duas derrotas: a primeira, porque o artista jamais conseguirá se equiparar à mobilidade, à vida, à riqueza, à contínua invenção da realidade; a segunda, porque depois de inventar sua obra — que não é senão uma tentativa de resposta domada, clarificada e ordenada ao que o mundo contém de feroz, de disperso e selvagem — nunca consegue ele imprimir na obra tudo o que desejou e entreviu no momento da criação.

Mal saído dessas duas derrotas, o artista entrega a obra ao público e à crítica. E ei-lo diante de algo misterioso, terrível e perturbador, porque absolutamente imprevisível. Às vezes, a obra é aceita pelo público e recusada pela crítica, às vezes acontece o contrário, às vezes ambos se juntam, a favor ou contra. Às vezes, depois de um julgamento que parecia definitivo, ambos se arrependem.

Na maioria dos casos, porém — e isso é, para mim, o mais incompreensível —, tanto o público como a crítica se dividem. Uma vez, um amigo me mandou um recorte de jornal com o resultado de uma estatística dessas que certas organizações costumam fazer com inquéritos, junto ao público, na saída dos espetáculos. O resultado foi, para mim, algo surpreendente e terrificante. Eu nunca vira nenhuma delas; aceitaria de bom grado que as opiniões fossem unânimes, contra ou a favor. Mas nada disso acontecia. A peça considerada melhor pela estatística apresentava o seguinte resultado: 58 pessoas tinham dito que ela era *ótima*, 34 que era *boa*, três que era simplesmente *regular* e cinco que era decididamente *ruim*. Da peça considerada estatisticamente pior, o resultado era o seguinte: 18 pessoas tinham-na considerado *má*, 31 *regular*, 33 *boa* e 18 *ótima*.

Meu Deus, que misterioso critério de julgamento levou aquelas cinco pessoas a considerarem mau um espetáculo que outras 58 diziam ser ótimo e outras 34 diziam ser bom? E que outra imprevisível escala de apreciação levou, no segundo caso, aquelas 18 pessoas a acharem ótima uma peça que outras 18 achavam decididamente má?

É para nos desanimar, é mesmo para tirar conclusões pouco democráticas, no domínio da arte. Mas assim vai o mundo, e, ao que parece, pior do que o escuro em que nos debatemos é a mania de ser dono da luz. Assim, confessando que talvez esteja ainda mais no escuro do que os outros sobre o que faço, tento aqui a ordenação — ou uma das ordenações possíveis — para o mundo tumultuoso que inventei, não sei bem por que nem para quê.

Para isso, gostaria de esclarecer que, em certo sentido — e somente assim, porque, no fundo, isto é uma simples história —, *O Santo e a Porca* apresenta a traição que a vida, de uma forma ou de outra, termina fazendo a todos nós. A vida é traição, uma traição contínua. Traição nossa a Deus e aos seres que mais amamos. Traição dos acontecimentos a nós, dentro do absurdo de nossa condição, pois, de um ponto de vista meramente humano, a morte, por exemplo, não só não tem sentido, como retira toda e qualquer possibilidade de sentido à vida.

É desta traição que Euricão Arábe subitamente se apercebe, é esta visão perturbadora e terrível que lhe aponta os homens como escravos — como escravos fundamentais e não só do ponto de vista social, como um crítico entendeu que eu apontava —, isto é, como eles próprios se veriam a cada instante, não fossem as preocupações, a cegueira voluntária e involuntária, as distrações e divertimentos, a covardia, tudo enfim que nos ajuda a "ir levando a vida" enquanto a morte não chega e que faz desta aventura — que se fosse sem Deus era sem sentido — um aglomerado suportável de cotidiano.

Para indicar isso, aproveitei, entre outras coisas, a circunstância de ser Euricão Engole-Cobra um estrangeiro, um "arábe", como se diz, no sertão, dos sírios, árabes e turcos enraizados, e insinuei, através disso, nossa própria condição de desterrados: "Não temos, aqui, cidade permanente" (Hebreus 13,14). Detesto os símbolos: quando Euricão fala nisso, não está simbolizando nada nem ninguém, o que prejudicaria, a meu ver, sua vida de personagem de teatro; está aludindo a uma circunstância real, pelo que me permiti essa exceção que, não prejudicando a vida e a verdade do personagem Euricão, pôde servir para dar à perda da porca o sentido do absurdo de toda a vida. Porque a perda da porca é muito grave no caso particular dele. Euricão sacrificou toda a existência a ela — ao mundo, portanto, à segurança, à vida tranquila, feliz e rotineira —, furtando a sua própria alma, como ele mesmo diz repetindo seu modelo Euclião, personagem de Plauto; e o ídolo termina por traí-lo, deixando-o solitário e abandonado diante da morte. Como afinal acontece a todos nós, quando perdemos nossa casa, nossa fábrica, nosso

automóvel, nosso nariz — como aconteceu ao personagem de Gógol —, nossa amante ou nossas pernas.

Isto, quanto à porca. Ela apresenta a vida como um impasse, cuja única saída é Deus. "Se Deus não existe, tudo é permitido", dizia Ivan Karamázov, isto é, o mundo moral ficaria inteiramente destituído de sentido. É claro que não sou nenhum Dostoiévski nem estou, nem de longe, comparando as duas obras, mas sim comentando uma semelhança de situações; pois o que Euricão descobre, de repente, esmagado, é que, se Deus não existe, tudo é absurdo. E, com esta descoberta, volta-se novamente para a única saída existente em seu impasse, a humilde crença de sua mocidade, o caminho do santo, Deus, que ele seguira num primeiro impulso, mas do qual fora desviado aos poucos, inteiramente, pela idolatria do dinheiro, da segurança, do poder, do mundo.

Mas, se possível, olhem esta peça — assim como o conjunto de meu trabalho de escritor, dentro do qual ela, como todas as outras, deve ser entendida — antes de tudo como uma história, contada por uma pessoa, mas que mantém um contato profundo e amoroso com a vida. Considero-me um realista, mas sou realista não à maneira naturalista — que falseia a vida —, mas à maneira de nossa maravilhosa literatura popular, que transfigura a vida com a imaginação para ser fiel à vida. Não tem sentido, portanto, dadas as características de meu teatro, dizer, como disseram alguns críticos ilustres, que é inverossímil que um avarento ignorasse uma operação bancária e perdesse, assim, seu tesouro. Em primeiro lugar, mesmo que isso fosse impossível na vida, não o seria em meu teatro, onde um cangaceiro se deixa enganar por uma flauta e um conto do vigário — no caso, o Padre Cícero — e onde os anjos se vestem de judeus e os diabos de frades ou de vaqueiros; e em segundo lugar, mesmo na vida, o caso é tão possível que aconteceu; foi em Taperoá, com uma pessoa avarenta, por sinal pertencente à minha família. Na agência do Banco do Brasil, em Campina Grande, onde ela foi trocar seu dinheiro, avisada por um tio meu, juntou gente para ver aquelas notas, guardadas durante tanto tempo que ninguém as conhecia mais.

O que eu procuro atingir, portanto, é, se não a verdade do mundo, a verdade de meu mundo, afinal inapreensível em sua totalidade, mas mesmo assim, ou por isso mesmo, tentador e belo, com seu sol luminoso e selvagem, tão selvagem que não podemos vê-lo. Procuro me aproximar dele com as histórias, os mitos, os personagens, as cabras, as pedras, o planalto seco e frio de minha região parda, pedregosa e empoeirada. Esta visão ardente — grosseira e harmoniosa, ao mesmo tempo — é o cerne para onde se dirige meu trabalho de escritor. Admito, a exemplo do que acontece com o público e com a arte popular de minha região — o mamulengo, o romanceiro —, a mentira geral do teatro para que isso me possibilite comunicar aos outros, na medida de minhas forças, a substância deste mundo. Nunca o teatro conseguirá reproduzir a vida, que se reinventa a cada instante. Assim, sem exageros que acabem a ilusão consentida do público, é melhor não apelar para as muletas do verismo nem esconder as traves da arquitetura teatral —

sejam as do autor, as do encenador ou as dos atores, pois todos nós temos as nossas; assim o público, vendo que não pretendemos enganá-lo, que não queremos competir com a vida, aceita nossos andaimes de papel, madeira e cola e pode, graças a essa generosidade, participar de nossa maravilhosa realidade transfigurada. A vida e o mundo são os motivos, que aparecem transfigurados, no teatro. Meu teatro procura se aproximar da parte do mundo que me foi dada; um mundo de sol e de poeira, como o que conheci em minha infância, com atores ambulantes ou bonecos de mamulengo representando gente comum e às vezes representando atores, com cangaceiros, santos, poderosos, assassinos, ladrões, palhaços, prostitutas, juízes, avarentos, luxuriosos, medíocres, homens e mulheres de bem — enfim, um mundo de que não estejam ausentes (se não no teatro, que não é disso, mas na poesia ou na novela) nem mesmo os seres da vida mais humilde, as pastagens, o gado, as pedras, todo este conjunto de que o sertão está povoado.

Isto é o que venho procurando fazer. Sei que é um plano ambicioso, mas não posso estar pensando nisso, nem em se venho ou não conseguindo pô-lo em prática: terminaria ficando desesperado.

Assim, tendo dito o que quis fazer, entrego a peça aos leitores: que eles a julguem novamente, como já aconteceu com o público que a viu no palco. E, se o que disse aqui contribuiu para um maior entendimento entre nós, dou-me por satisfeito.

A.S.

Primeiro Ato

O *pano abre na casa de* Eurico Arábe, *mais conhecido como* Euricão Engole-Cobra.

Caroba — E foi então que o patrão dele disse: “Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euricão...”

Euricão — Euricão, não. Meu nome é Eurico.

Caroba — Sim, é isso mesmo. Seu Eudoro Vicente disse: “Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euriques...”

Euricão — Eurico!

Caroba — “Vá procurar Euríquio...”

Euricão — Chame Euricão mesmo.

Caroba — “Vá procurar Euricão Engole-Cobra...”

Euricão — Engole-Cobra é a mãe! Não lhe dei licença de me chamar de Engole-Cobra, não! Só de Euricão!

Caroba — “Vá na minha frente procurar Euricão para entregar essa carta a ele.”

Euricão — Onde está a carta? Dê cá! Que quererá Eudoro Vicente comigo?

Pinhão — Eu acho que é dinheiro emprestado.

Euricão — *(Devolvendo a carta.)* Hein?

Pinhão — Toda vez que ele me manda assim na frente, a cavalo, é para isso.

Euricão — E que ideia foi essa de que eu tenho dinheiro? Você andou espalhando isso! Foi você, Caroba miserável, você que não tem compaixão de um pobre como eu! Foi você, só pode ter sido você!

Caroba — Eu? Eu não!

Euricão — Ai, meu Deus, com essa carestia! Ai a crise, ai a carestia! Tudo que se compra é pela hora da morte!

Caroba — E o que é que o senhor compra? Me diga mesmo, pelo amor de Deus! Só falta matar a gente de fome!

Euricão — Ai a crise, ai a carestia! E é tudo querendo me roubar! Mas Santo Antônio me protege!

Pinhão — O senhor pelo menos leia a carta!

Euricão — Eu? Deus me livre de ler essa maldita! Essa amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio me proteja, meu Deus! Ai a crise, ai a carestia!

Entra Margarida *atraída pelo rumor. Vem acompanhada de* Dodó Vicente, *disfarçado com uma horrível barbicha, com a boca torta, com corcova, coxeando e vestido de preto.*

Margarida — Papai! Que foi, meu pai? Ouvi o senhor gritar! Está sentindo alguma coisa?

Euricão — Ai minha filha, me acuda! Ai, ai! Os ladrões, minha filha, os ladrões!

Margarida — Socorro! Socorro! Pega o ladrão!

Euricão — Ai minha filha, não grite assim não! Não grite, senão vão pensar que a gente tem o que roubar em casa. E vêm roubar! Santo Antônio, Santo Antônio! Ai a crise, ai a carestia!

Margarida — Mas o que foi que houve?

Euricão — Ainda não houve nada, mas está para haver! Está para haver, minha filha!

Margarida — O que é? Que foi que houve, Caroba? Que foi, Pinhão! Pinhão, você aqui? Ah, já sei o que houve, papai soube de tudo! É melhor então que eu confesse logo.

Caroba — Que a senhora se confesse? Deixe para a sexta-feira, porque a senhora aproveita e comunga! Que coisa, Dona Margarida só quer viver na igreja!

Euricão — Ai a crise, ai a carestia!

Margarida — Mas afinal de contas, o que foi que houve? Meu pai, eu vou contar...

Dodó — Não!

Pinhão — Não, não, Dona Margarida, quem fala sou eu! O que houve é que meu patrão escreveu uma carta ao senhor seu pai.

Margarida — Uma carta? Dizendo o quê?

Euricão — Você ainda pergunta? Só pode ser para pedir dinheiro emprestado! Aquele usurário! Aquele ladrão!

Caroba — Mas Seu Euricão, Seu Eudoro é um homem rico!

Euricão — E é por isso mesmo que eu estou com medo. Você já viu pobre pedir dinheiro emprestado? Só os ricos é que vivem com essa safadeza! Santo Antônio, Santo Antônio!

Margarida — Mas papai já leu a carta?

Euricão — Não! Nem quero ler! Nem quero que você leia! Afaste-se, não toque nessa amaldiçoada!

Margarida — Então tome.

Euricão — Não tomo!

Margarida — Leia o senhor mesmo!

Euricão — Não leio!

Margarida — Não pode ser coisa ruim, papai!

Euricão — Só pode ser coisa ruim, minha filha!

Caroba — Mas se for dinheiro emprestado, é só o senhor não emprestar, Seu Euricão!

Euricão — É mesmo! É mesmo, Caroba! Eu nem me lembrei disso, no meu aperreio!

Caroba — Leia a carta, Seu Euricão!

Margarida — É, papai, leia! Que mal faz?

Pinhão — Se for dinheiro emprestado...

Euricão — *(Jogando a carta no chão.)* Ai!

Margarida — *(Apanhando-a.)* Não é nada demais, está vendo? Olhe, veja o senhor mesmo!

Euricão — Não fala em dinheiro não?

Margarida — Não.

Euricão — Nem pede para eu avalizar alguma letra?

Margarida — Não.

Euricão — Você jura?

Margarida — Juro.

Euricão — Então eu leio. Mas Santo Antônio, veja lá! Não vá ser essa safadeza de me pedir dinheiro emprestado!

Margarida — Papai, leia a carta pelo amor de Deus!

Euricão — Você acha que eu devo ler?

Margarida — Acho.

Euricão — Então eu leio. *Meu caro Eurico: espero que esta vá encontrá-lo como sempre com os seus, gozando paz e prosperidade!* Ai! Margarida!

Margarida — Que é, papai?

Euricão — Você passou o São João na fazenda de Eudoro Vicente.

Margarida — É verdade, papai.

Euricão — Você foi dizer, lá, que eu era rico?

Margarida — Eu? E eu ia dizer uma coisa dessa, meu pai? Nós somos tão pobres!

Euricão — E como é que ele fala em prosperidade, aqui? Isso é dinheiro emprestado, não tem pra onde!

Margarida — É um modo de falar, papai, todo mundo diz isso nas cartas!

Euricão — É?

Margarida — É!

Euricão — Então eu leio. *Gozando paz e prosperidade. Sobretudo, espero que esteja passando bem sua encantadora filha Margarida, cuja estada em minha casa ainda não consegui esquecer*. Ah, isso aí ele tem que reconhecer, minha filha é um patrimônio que possuo. Hei de casá-la com um homem rico e ela há de amparar a velhice do paizinho dela. Eudoro, com todo o dinheiro que tem, não tem uma filha como a minha!

Caroba — E o senhor, com toda a filha que tem, não tem uma riqueza como a dele!

Euricão — Como foi?

Caroba — Nada!

Euricão — *Mando na frente meu criado Pinhão, homem de toda confiança...*

Pinhão — Obrigado!

Euricão — ... *para avisá-lo de minha chegada aí*. Aí aonde? Eudoro Vicente pensa que, pelo simples fato de ter hospedado minha filha, eu estou obrigado a hospedá-lo? Ele convidou Margarida porque quis, eu não convidei ninguém!

Margarida — Mas papai, ele foi tão delicado comigo!

Euricão — Mas eu não o convidei, esse é que é o fato! Eu não convidei ninguém! E o que é isso aqui? O que é isso aqui?

Caroba — Que é, Seu Euricão?

Euricão — Está vendo? Eu não dizia? Minha filha, você ainda causará minha perdição, minha morte, meu assassinato! Ai a crise, ai a carestia!

Margarida — Que foi, meu pai?

Eurição — A carta! A carta amaldiçoada! Bem que eu estava com um pressentimento ruim!

Margarida — Mas o que é que tem a carta? Dê cá, deixe eu ver! Onde é?

Eurição — Aí onde diz "de minha chegada aí". Ah carta amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia!

Margarida — *De minha chegada aí, mas quero logo avisá-lo: pretendo privá-lo de seu mais precioso tesouro!*

Eurição — Está vendo? Esse ladrão! Esse criminoso! Meteu na cabeça que eu tenho dinheiro escondido e quer roubá-lo. Estão me roubando! Ladrões, só pensam nisso! Mas vou tomar minhas providências! Saiam, saiam imediatamente! Vou trancá-los, entrem aqui imediatamente! Entrem, entrem!

Empurra os quatro num quarto qualquer, que tranca por fora. Tranca também as portas e janelas com barras de madeira e abre pelo meio uma grande porca de madeira, velha e feia, que deve estar em cena, atirada a um canto, como se fosse coisa sem importância. Dentro dela, pacotes e pacotes de dinheiro. Eurição, *enquanto ergue e deixa cair amorosamente os pacotes, vai falando, ora consigo mesmo, ora com Santo Antônio, cuja imagem também deve estar em cena.*

Eurição — Ladrões, ladrões! Será que me roubaram? É preciso ver, é preciso vigiar! Vivem de olho no meu dinheiro, Santo Antônio! Dinheiro conseguido duramente, dinheiro que juntei com os maiores sacrifícios. Eurico Arábe, Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas é rico e os que vivem zombando dele não têm a garantia de sua velhice. Ah, está aqui, os ladrões ainda não conseguiram furtar nada. Ah, minha porquinha querida, que seria de mim sem você? Chega dá uma vontade da gente se mijar! Fique aí até outra oportunidade. Se eu pudesse, comia você inteirinha! Ai, mas é impossível! Senão, desconfiam!

Abre as portas, numa alegria satânica.

Eurição — Venham! Rá, rá! Então vocês queriam roubar o velho Euricão Arábe, hein? Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas, se eu não cuido, as cobras é que vão me engolir.

Pinhão — É por isso que o povo diz que cobra que não anda não engole sapo.

Eurição — Acabe com esses ditados! Trabalhei com as cobras, é verdade, vendendo meus remédios por todo o sertão. Mas hoje... Vocês pensam que sou rico, não é?

Margarida — Mas papai, quem vai pensar uma coisa dessas?

Eurição — Vivo cercado de inimigos, de ladrões. E agora, ainda mais esse Eudoro Vicente, querendo roubar o que é meu! Esse ladrão, esse criminoso! Eu não convidei

ninguém, ele vem porque quer. E você, Seu Dodó, não diz nada? O senhor ouve essa desgraça, vê que estão querendo me depenar, me explorar, e fica calado?

Dodó — O senhor vá ao hotel de Dadá e reserve quarto para o fazendeiro. Quando ele chegar, paga a conta!

Euricão — É mesmo! Dodó Boca-da-Noite! Que talento, que gênio! É a única pessoa que sabe me compreender! Se você não fosse tão pobre e tão feio, minha filha bem que poderia... Eu vou, sua ideia é boa. Mas cuidado, todo cuidado é pouco. Você fica aqui, de olho. Não deixa entrar ninguém. Margarida, minha filha, você jura que fica aqui?

Margarida — Juro.

Euricão — Jura que não deixa ninguém entrar até que eu volte?

Margarida — Juro.

Euricão — Você também jura, Dodó Boca-da-Noite?

Dodó — Juro.

Euricão — Você vigia minha filha e ela vigia você! Vou reservar o quarto para Eudoro. E se ele chegar na minha ausência, vão logo esclarecendo tudo. Eu não convidei ninguém e não tenho dinheiro nenhum. E que Santo Antônio me proteja dos ladrões! *(Sai.)*

Imediatamente Margarida *abraça* Dodó.

Margarida — Meu amor, o que é que se pode fazer para evitar isso? Espere, tire essa barba horrível, não consigo me convencer de que é você! Estamos perdidos, vão descobrir tudo.

Dodó — A que horas meu pai chega, Pinhão?

Pinhão — Chega já. Pelo menos foi o que ele disse na carta, mas falar é fôlego.

Margarida — Que terá havido, Dodó, meu amor? Que foi que deu em seu pai de repente? Terá desconfiado de que você está aqui?

Dodó — Ele estava zangado, Pinhão?

Pinhão — Não, pelo contrário, estava até alegre.

Dodó — Falou alguma coisa a meu respeito? A respeito de eu ter ou não ter ido para o Recife estudar?

Pinhão — Não. Ele não tem a menor ideia de que o senhor está aqui.

Margarida — O melhor é a gente confessar tudo, querido. Não aguento mais essa agonia. A todo instante penso que meu pai vai reconhecer você.

Dodó — Não está vendo que é impossível, meu bem? Quando seu pai me viu pela última vez, eu era um menino. E com esta corcova, essa roupa, essa barba... Não é possível de jeito nenhum!

Margarida — Mas o seu? Ele vai chegar e vai reconhecê-lo. Não seria melhor dizer tudo?

Dodó — Mas dizer tudo como, meu bem? Não tenho um tostão meu, meu pai é contra a ideia de eu me casar sem estudar, seu pai só deixa você casar com um homem rico... O que é que eu posso fazer contra este inferno?

Margarida — Talvez se seu pai soubesse que a noiva sou eu, permitisse o casamento e lhe desse terra para você trabalhar. Ele gostou tanto de mim quando estive lá!

Dodó — E eu mais ainda, tanto assim que abandonei meu estudo e vim me meter nesse armazém por sua causa.

Margarida — Mas com a chegada de seu pai, tudo se complica! Ele vai descobrir!

Dodó — Talvez você tenha razão, é melhor confessar. Quando ele chegar, descobrimos tudo e ficamos de joelhos diante dos dois, pedindo consentimento para nos casar.

Caroba — O senhor quer um conselho?

Dodó — Quero, Caroba, estou completamente cego.

Caroba — Então não descubra nada!

Margarida — Por quê? Você fala de um jeito tão misterioso!

Caroba — É porque estou maldando um negócio mais misterioso ainda. Vou dizer uma coisa curta e certa aos dois: não descubram a história não, porque o pai do senhor vem é para pedir Dona Margarida em casamento.

Dodó — O quê? Você está doida, mulher?

Caroba — Estou nada, homem! Seu pai não é viúvo?

Dodó — É.

Caroba — A senhora não passou um tempo lá?

Margarida — Passei.

Caroba — Ele não simpatizou com a senhora?

Margarida — Simpatizou.

Caroba — Ele não disse, na carta, que vinha roubar o tesouro mais precioso de Seu Euricão?

Pinhão — Disse.

Caroba — Então o que é que vocês querem mais? É casamento no duro!

Dodó — É possível?

Caroba — Por que não, Seu Dodó? É proibido casar?

Margarida — Mas assim, sem um aviso, sem uma proposta!

Caroba — Dona Margarida, essas coisas só se usam na primeira vez, na segunda, vai direto! Casamento de viúvo é feito depressa e sem muita conversa!

Margarida — Você acha que é possível?

Dodó — Ouvi papai falar em casamento mais de uma vez, para sondar minha opinião.

Margarida — E se for, o que é que a gente faz, meu Deus?

Caroba — É deixar as coisas como estão. Se o senhor tiver habilidade, pode ser que seu pai não o reconheça, pelo menos hoje. Quando ele chegar, já é quase noite. Com a corcova, a perna curta, a barbicha e a boca torta, o senhor bem que pode passar por outro. Então a gente vê o que faz, examina tudo, vê se é casamento mesmo e pode então partir daí para resolver tudo.

Dodó — Como?

Caroba — Eu sei lá, na hora se vê.

Margarida — *(A Dodó.)* Você acha que está bem assim?

Caroba — Pode ser que não esteja, mas é o jeito.

Dodó — Está bem, Caroba, vou seguir seu conselho. E se tudo se resolver a contento, eu saberei mostrar minha gratidão.

Pinhão — Como?

Dodó — Eu descobrirei um modo.

Pinhão — Seguro morreu de velho.

Caroba — O senhor não tem uma terrinha que seu padrinho lhe deu?

Dodó — Tenho, mas é uma terrinha pequena, não dá para nada.

Caroba — Para o senhor, para mim vale muito. A coisa que eu mais desejo na vida é casar com Pinhão e ter uma terrinha para trabalhar nela com ele. Se a história se resolver e eu conseguir fazer seu casamento, o senhor passa a escritura dessa terra para nós dois?

Dodó — Passo.

Caroba — Prometido?

Dodó — Prometido.

Pinhão — Quem vive de promessa é santo.

Caroba — Mas aí é pegar ou largar.

Pinhão — Pois eu pego! Vou arranjar umas promissórias aí pela rua. O senhor assina uma no valor da terra. Quando passar a escritura, eu devolvo a que o senhor assinou, está bem?

Dodó — Está, homem desconfiado!

Pinhão — O velho dobrou na esquina.

Caroba — Saiam, deixem eu enfrentar Seu Euricão. É preciso preparar o terreno. Cuidado, lá vem ele! Pinhão, fique, preciso de sua ajuda!

Dodó *põe os disfarces e sai atrás de* Margarida. *Entra* Euricão.

Euricão — Ladrões, só vejo ladrões! Mas Santo Antônio me protege. Caroba, você sozinha aqui? Que é isso? Onde estão os outros? Onde está Dodó Boca-da-Noite?

Caroba — Para falar com franqueza, não prestei atenção. Deve ter saído.

Euricão — Que conversa é essa? Você andou remexendo no que é meu?

Caroba — Que interesse eu tinha em remexer nessa troçaria? Só se fosse para ficar com asma, nesse mofo.

Euricão — Deixe ver os bolsos.

Caroba — Veja.

Euricão — Sacuda o vestido.

Caroba — *(Obedecendo.)* Está quente hoje, hein, Seu Euricão?

Euricão — Vire-se de costas.

Caroba — Pois não.

Euricão — Deixe de manejos e abra as mãos.

Caroba — Aqui estão.

Euricão — Não terá escondido nada embaixo da saia?

Caroba — Epa, vá pra lá! Que molecagem é essa?

Euricão — Idiota, eu sou um velho. Minha intenção é outra.

Caroba — Sei lá, isso é você quem diz!

Pinhão — É melhor você se garantir, Caroba.

Caroba, que tem se aproximado da porca, coloca a mão descuidadamente em seu dorso.

Euricão — *(Aterrado.)* Saia daí!

Caroba — Que foi?

Euricão — Uma aranha, aí!

Caroba — Ai! *(Esconde-se atrás da porca, abraçando-se com ela.)*

Caroba — Ai, tenho horror a aranha!

Euricão — Saia daí!

Caroba — O que é?

Euricão — Um lacrau enorme! Saia, saia! Olhe o lacrau, Caroba!

Caroba — Ai! Aonde, Seu Euricão?

Euricão — Aí na porca!

Pinhão — Aonde, que eu não estou vendo?

Euricão — Desapareceu, deve ter fugido!

Caroba — É capaz de estar embaixo da porca.

Abaixa-se e procura cuidadosamente, batendo na porca com os nós dos dedos.

Euricão — Caroba! Olhe a caranguejeira!

Caroba — Ai! Esta casa está cheia de bichos, Seu Euricão!

Pinhão — Sabe por que é isso, Seu Euricão? São essas velharias que o senhor guarda aqui. Só essa porca já tem mais de duzentos anos.

Caroba — Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e Dona Margarida quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar fora essa porca velha e comprar uma nova para lhe dar.

Euricão — *(Arriando numa cadeira.)* Ai, ai! Miseráveis, miseráveis, assassinas, bandidas! Logo minha porquinha que herdei de meu avô! Toque nela e quem vai embora é você, está ouvindo, assassina? Sou louco por essa porca! Ai Santo Antônio, querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma porca nova que deve custar uma fortuna! Ladrões, ladrões! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio, Santo Antônio!

Caroba — Está certo, Seu Euricão, está certo! Diabo duma agonia danada! Deixe a porca de lado, ninguém toca mais nela! Que é que vale uma porca? O negócio agora é evitar a facada que o tal do Eudoro vem lhe dar.

Euricão — A facada?

Caroba — E então? O senhor vai ver se não é! Pinhão me contou como ele faz. Chega cheio de delicadezas. A essa hora, já se informou de sua devoção por Santo Antônio. Ele chega e faz que é devoto do mesmo santo. Elogia o senhor, elogia sua filha, pergunta como vão os negócios, todo amável, e vai amolando a faca. *(À medida que fala, vai evocando a cena imaginária com gestos significativos e cortantes.)*

Caroba — Deve ser uma faca enorme, assim desse tamanho. Ele vai atolá-la até o cabo em sua barriga, xuiu! *(Dá a facada com a mão na barriga de Euricão, que cai desfalecido numa cadeira.)*

Euricão — Ai! Quanto você calcula que vai ser a facada, Caroba?

Caroba — Homem, pelo tamanho da faca, calculo aí nuns vinte contos.

Euricão — Ai! Caroba! Tenha compaixão de um pobre velho.

Caroba — Mas é claro que tenho, Seu Euricão! Já pensei em tudo e vou defendê-lo contra esse urubu.

Euricão — Você vai, Caroba? Como?

Caroba — O meio é contra-atacar com as mesmas armas. O senhor lhe oferece jantar, dá-lhe vinho, cerveja, e quando ele estiver bem entusiasmado para dar o golpe, o senhor dá nele primeiro.

Euricão — Como?

Caroba — Pedindo vinte contos emprestados.

Euricão — Rá, rá! Rá, rá! Grande ideia, Caroba, ideia genial! Mas como é que se paga o jantar?

Pinhão — O senhor tira dos vinte contos!

Euricão — Ladrão, miserável! Já quer gastar meus vinte contos que eu arranquei daquele criminoso com tanto trabalho! Quer me matar de fome, bandido? Quer gastar meu dinheiro?

Caroba — Mas Seu Euricão, o dinheiro não é dele?

Euricão — Ai, é mesmo! E se ele não emprestar, Caroba?

Caroba — Ah, ele empresta! Vou dar um jeito nisso. O senhor me dá uma comissão?

Euricão — Se você arranjar os vinte contos? Dou.

Caroba — Quanto?

Euricão — Eu lhe dou metade daquele jerimum que o cego me deu ontem.

Caroba — É pouco! Eu quero é dinheiro, Seu Euricão!

Euricão — Ai, ai! Ainda não tenho os vinte contos e já querem me roubar! Não dou, não dou de jeito nenhum.

Caroba — Então, estou fora do negócio.

Euricão — Não! Preciso de você, Caroba, não me abandone!

Caroba — Então me dê minha comissão.

Euricão — Quanto é que você quer?

Caroba — Quinhentos.

Euricão — Dou cinquenta.

Caroba — Estou fora!

Euricão — Cem.

Caroba — Estou fora!

Euricão — Cento e cinquenta.

Caroba — Estou fora!

Euricão — Duzentos.

Caroba — Estou fora!

Euricão — E eu também! Estou fora, porque daí não passo de jeito nenhum! Estou fora!

Caroba — Então eu entro! Fica pelos duzentos. Vou encomendar o jantar no hotel de Dadá.

Euricão — E como é que ele vai pagar, se sou eu que encomendo?

Caroba — O senhor tira dos vinte contos.

Euricão — E se ele não empresta?

Caroba — Aí, pelo menos a gente ganha o jantar.

Euricão — E com que é que se paga o jantar? Com meu dinheiro?

Caroba — O jantar não vai ser pago com os vinte contos, Seu Euricão?

EURICÃO — Ai, é mesmo. Assim, eu quero!

CAROBA — Então vá, Pinhão. Vá e encomende o jantar que hoje aqui se come de noite e se come bem. Vá, Pinhão.

PINHÃO — Meu patrão!

CAROBA — Seu patrão?

PINHÃO — Sim, chegou. Dona Benona Arábe está recebendo meu patrão aí fora, na calçada, perto do cemitério da igreja.

CAROBA — Saia por aqui, então. É preciso que ele pense que você está do lado dele. Senão ele desconfia, fica de sobreaviso e não empresta os vinte contos, não é, Seu Euricão?

EURICÃO — É, Pinhão, meu filho, saia por ali. Nessas coisas, a surpresa é tudo. Vá e volte para nos ajudar, que a luta com esse criminoso vai ser grande.

PINHÃO *sai ao mesmo tempo que* BENONA *entra.*

BENONA — Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO — Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA — Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO — Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA — Isso são coisas passadas.

EURICÃO — Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está muito enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

CAROBA — Mas enquanto Santo Antônio não se vira, vamos ajudá-lo um pouco. Seu Euricão, saia por um momento.

EURICÃO — Você se encarrega de preparar tudo?

CAROBA — É claro.

EURICÃO — Então eu saio. Traga o cachorro, Benona, traga o urubu. Se Deus quiser e Santo Antônio me ajudar, o golpe vai se virar por cima dele. Eu fico ali, assim que o terreno estiver preparado, me chame. *(Sai.)*

CAROBA — Dona Benona, espere um instante. Quero lhe dizer um negócio, em caráter confidencial.

Benona — Que é, Caroba?

Caroba — Pinhão está desconfiado de que Seu Eudoro vem pedir a senhora em casamento.

Benona — Caroba!

Caroba — É verdade, Dona Benona! A senhora não foi noiva dele?

Benona — Fui, mas briguei por uma besteira e ele se casou com outra.

Caroba — Mas o fato é que está viúvo e arrependido! Ele mandou dizer a Seu Euricão que vinha privá-lo de seu tesouro e Pinhão acha que só pode ser a senhora.

Benona — É possível?

Caroba — A senhora mesmo vai ver, daqui a pouco. Mas parece que ele está meio envergonhado, depois de tanto tempo. É natural, mas é preciso ajudá-lo.

Benona — *(Faceira.)* Ele está acanhado porque quer, porque eu nunca o esqueci.

Caroba — Foi nada?!

Benona — E então?

Caroba — Pois eu vou ajudar Seu Eudoro a sair do acanhamento. A senhora me deixe só com ele que eu vou me certificar. Se for verdade, pode deixar que eu puxo a conversa na frente de Seu Euricão e a senhora noiva.

Benona — Ai, Caroba, estou tão confusa! Foi tudo tão de repente! E assim, de surpresa, sem me dizer nada! Mas Eudoro sempre foi meio doidinho!

Caroba — É casamento na certa! A senhora saia e deixe tudo comigo!

Benona — Pois está certo. Fique, fale com ele e que Santo Antônio nos proteja.

Entra Eudoro Vicente. Benona *lança-lhe um olhar provocante e terno.*

Benona — Eudoro, meu irmão vem já. Com licença, malvado! *(Sai.)*

Eudoro — Que foi que houve aqui, meu Deus, para Benona me olhar assim? Que coisa esquisita!

Caroba — Ah, e o senhor ainda não soube de nada não?

Eudoro — Não, o que foi que houve?

Caroba — O que houve, Seu Eudoro, foi que o povo daqui está desconfiado de que o senhor veio noivar.

Eudoro — E por que estão pensando isso?

Caroba — O senhor mandou dizer na carta que ia roubar o tesouro de Seu Euricão e todo mundo está pensando que isso quer dizer "casar com Dona Margarida".

Eudoro — Pois estão pensando certo, Caroba. Desde que Dodó saiu de casa para estudar, estou me sentindo muito só. Simpatizei com a filha de Euricão e resolvi pedi-la, apesar da diferença de idade.

Caroba — O senhor está parecendo meio encabulado de pedir.

Eudoro — É verdade, Caroba. Não sei como vou começar. Minha idade não permite mais certas coisas que agradam às moças, de modo que...

Caroba — Então deixe comigo. Seu Euricão é louco pela filha. Não gosta nem de falar em casamento para ela, com medo de perdê-la. Mas, ao mesmo tempo, quer casá-la, pois considera a moça uma espécie de patrimônio. O senhor agrade o velho, seja delicado, diga que ele vai bem de saúde e de negócios, fale em Santo Antônio, que é a devoção dele, e deixe o resto comigo. Depois que eu puxar o assunto, depois que tudo estiver encaminhado, aí o senhor faz o pedido, está bem?

Eudoro — Está ótimo, Caroba. Para animá-la eu... *(Remexe no bolso.)*

Caroba — Nada disso, a única coisa que me interessa nisso é a estima que sempre lhe tive. Mas já que o senhor insiste...

Eudoro — Pois tome e puxe o assunto. Creio que Euricão não criará dificuldade. Gosta da filha, mas gosta ainda mais de dinheiro e, sabendo que tenho algum... Mas o que é isso?

Caroba — Não é uma das velharias de Seu Euricão? Herdou essa porca ainda do tempo do avô e não há quem faça ele jogá-la fora.

Eudoro — Do tempo do avô, é? Interessante, muito interessante! Gosto muito de antiguidades!

Caroba — Então eu vou chamá-lo. Seu Euricão! Seu Euricão! Seu Euricão Engole-Cobra!

Euricão — *(Entrando.)* Engole-Cobra é a mãe. Bom dia, Eudoro Vicente.

Eudoro — Bom dia, Eurico Arábe. Santo Antônio o guarde, Santo Antônio o proteja a você e a toda a sua família.

Euricão — *(À parte, a Caroba.)* Se não for dinheiro emprestado, eu estufe! *(A Eudoro.)* Que Santo Antônio também o proteja, Eudoro Vicente.

Eudoro — Então sempre em saúde e prosperidade, hein?

Euricão — *(À parte.)* É dinheiro, não tem pra onde! *(A Eudoro.)* Prosperidade, eu? Você sim, pode dizer que vai bem com todas aquelas fazendas!

EUDORO — Que é que adianta a terra, Eurico? Vem a seca e morre tudo. A felicidade é que tenho amigos e são eles que me valem nas horas de aperto.

EURICÃO — *(À parte.)* É dinheiro emprestado, não tem pra onde! *(A EUDORO.)* Você gosta de contar desgraça, mas é para esconder a fortuna. Eu é que só tenho, para contar, miséria. Os ricos, como você, contam dinheiro, Eudoro; os pobres, como eu, desgraça.

EUDORO — Que nada, isso é modéstia! E quanto à crise, se puder fazer alguma coisa para ajudá-lo...

EURICÃO — *(À parte.)* Isso parece promessa, mas é para preparar o pedido. Está faminto, sedento por dinheiro emprestado.

EUDORO — Que tal lhe parece minha família?

EURICÃO — Boa.

EUDORO — E meu caráter?

EURICÃO — Bom.

EUDORO — E meus atos?

EURICÃO — Nem maus nem desonestos.

EUDORO — Qual é a opinião que você tem de mim?

EURICÃO — Sempre o considerei um cidadão honrado.

EUDORO — Pois eu também acho você um cidadão sem defeitos.

EURICÃO — *(À parte.)* Se não for dinheiro emprestado, eu me dane! *(A Eudoro.)* O que é que você quer?

CAROBA — Seu Euricão, o senhor sabe perfeitamente que Seu Eudoro gostou de uma pessoa de sua família.

EURICÃO — Sei, mas pensei que isso já tivesse passado.

CAROBA — Ora passado, agora foi que começou! A simpatia que essa pessoa inspirou a Seu Eudoro só fez aumentar com a separação. Pois bem, Seu Eudoro veio pedi-la em casamento.

EURICÃO — Está dada, pode se considerar noivo. Mas eu preciso de vinte contos emprestados para fazer a festa do casamento.

EUDORO — Mas eu ainda não sei se ela aceita!

EURICÃO — A responsabilidade é minha, pode se considerar noivo! Não está vendo que eu não vou perder uma oportunidade dessa? Você está noivo, Eudoro, e eu preciso de vinte contos, esse é que é o fato.

Eudoro — Então mande chamar Margarida.

Euricão — Margarida? Pra quê?

Caroba — Seu Eudoro quer vê-la depois de tanto tempo, é perfeitamente natural, Seu Euricão. Ele já viu Dona Benona, agora quer ver Dona Margarida!

Euricão — Ah, sim. Mas quero logo lhe dizer, Eudoro, que ela esteve lá foi a convite seu. Eu não convidei ninguém, você vai para o hotel de Dadá!

Eudoro — Está bem, mas posso ver Margarida?

Euricão — Pode, por que não?

Eudoro — Diziam que você era tão cheio de coisas com ela!

Euricão — Ah, sou. Mas confio em você, por causa de sua idade e porque agora você é noivo. Você promete ir para o hotel?

Eudoro — Prometo, homem cuidadoso! Não fica bem eu, noivo, hospedado em casa da noiva, não é?

Euricão — Ah, é, nessas coisas eu sou inflexível! Basta dizer que mantenho um guarda, pago com meu dinheiro, só para tomar conta de Margarida. Tem ordem de não deixá-la um só instante.

Eudoro — Um guarda? Um homem?

Euricão — Sim, mas é tão feio que não há perigo. Margarida tem ódio dele. Mas eu gosto, porque ele é prudente e econômico, chega a me dar lições. Chama-se Dodó.

Eudoro — Meu filho tem esse mesmo apelido de Dodó!

Caroba — Mas seu filho é coxo?

Eudoro — Você já morou em minha terra e sabe que não.

Caroba — É corcunda?

Eudoro — Não.

Caroba — Tem uma barbicha?

Eudoro — Não.

Caroba — Veste sempre preto?

Eudoro — Não.

Caroba — É amarrado?

Eudoro — Não.

Caroba — Tem a boca torta?

Eudoro — Não.

Euricão — Então não é esse não, porque Dodó Boca-da-Noite tem tudo isso e mais alguma coisa. Vou chamar os dois aqui. Margarida! Dodó Boca-da-Noite!

Entra Margarida.

Eudoro — Oi, você não disse que ela é sempre vigiada?

Euricão — Margarida, você quer me desmoralizar? Sustente o pudor, Margarida! Olhe o recato, Margarida! Onde está Dodó?

Margarida — Seu Dodó sentiu-se mal e ficou no armazém, papai.

Euricão — Sentiu-se mal o quê? Empregado meu tem lá licença de se sentir mal! Dodó, Dodó! Dodó Boca-da-Noite!

Dodó *entra, exagerando a corcova, o andar e sempre de costas, para não ser reconhecido.*

Euricão — Cumpra com sua obrigação, está ouvindo?

Dodó — Estou.

Euricão — É um bom servidor, gosto muito dele! Venha cá conhecer meu amigo, Dodó.

Dodó — Ai!

Euricão — Que foi?

Margarida — Eu não disse que ele estava doente?

Dodó — Seu Eurico, um copo d'água, Seu Eurico!

Eudoro — Tome, moço.

Dodó — *(Dando-lhe as costas.)* Não! Já passou, estou bonzinho!

Caroba — Seu Euricão mandou chamar a senhora, Dona Margarida, porque Seu Eudoro Vicente fez o pedido de casamento.

Euricão — E já que ele vai entrar na família, minha filha...

Margarida — É verdade?

Eudoro — É, Margarida. Ainda não tive tempo de ir ao hotel, mudar de roupa, mas quero logo pedir uma entrevista a você para conversarmos.

Euricão — Ah, não, entrevista não. A entrevista é essa!

EUDORO — Mas Eurico...

MARGARIDA — Não precisa nem o senhor falar, meu pai. Prefiro ir para um convento.

EURICÃO — Está vendo o que é recato, Eudoro? Aí, Margarida! Sustente o pudor, Margarida, sustente o recato! Trata-se de Eudoro, é uma pessoa séria, de mais idade e além do mais vai entrar na família. Mas recato é recato! Entrevista, sozinha, com ninguém!

EUDORO — Mas Eurico...

MARGARIDA — Já disse que prefiro ir para um convento. E vá marcar entrevista com gente de sua idade, está ouvindo? E saia daqui com seu casamento! Saia daqui porque eu...

> CAROBA *põe o dedo nos lábios e faz-lhe sinal para que ela saia.* MARGARIDA *se interrompe bruscamente e começa a chorar, saindo arrebatadamente da sala, acompanhada sempre pelo fiel* DODÓ.

EUDORO — Mas Eurico...

CAROBA — Coitada, foi pega de surpresa pela notícia, é muito apegada com a família, principalmente com Dona Benona, e está com medo de perdê-la.

EURICÃO — É isso mesmo. Não se ofenda, Eudoro, vou acalmá-la. Uma conversa comigo e em dois tempos ela vai ser a primeira a apoiar a ideia. *(Sai.)*

EUDORO — A apoiar que ideia? A da entrevista?

CAROBA — Não, a do casamento.

EUDORO — Bem que eu não queria fazer isso, assim de repente! Agora a moça está nervosa!

CAROBA — Isso passa, deixe comigo! Ela faz isso porque está na frente do pai. Mas quando ela falar com o senhor a sós, há de ver que ela quer o casamento.

EUDORO — Mas o fato é que não vou poder falar com ela a sós.

CAROBA — Ah, isso não. Vai, e quem vai arranjar a entrevista sou eu.

EUDORO — Você? Como? Onde?

CAROBA — Aqui e de noite, depois que o velho estiver dormindo. Ele dorme cedo, de modo que depois do jantar...

EUDORO — E se alguém acordar?

CAROBA — É fácil disfarçar. Dona Margarida levanta-se às vezes à noite, para rezar escondido pela mãe.

EUDORO — Escondido por quê?

CAROBA — Seu Euricão não gosta disso. A mulher abandonou-o e, depois que ela morreu, ele mandou buscar o corpo e enterrou aí. Mas não gosta nem que se fale dela. De modo que, se Dona Benona acordar, diz-se que foi isso. Dona Benona é a mais perigosa, tem mania de recato. É a conselho dela que Seu Euricão fica tão rigoroso com a filha.

EUDORO — Benona sempre foi assim, creio mesmo que foi por causa disso que ela... Mas enfim, você arranja a entrevista?

CAROBA — Arranjo. Depois do jantar, quando todo mundo estiver deitado, eu destranco essa porta. Aí o senhor volta e pode falar com Dona Margarida, aqui.

EUDORO — Mas será que ela aceita?

CAROBA — Aceita, a paixão dela pelo senhor é grande, vai vencer de uma vez só o pudor e o recato.

EUDORO — Está bem, mas cale a boca. O homem vem aí.

Entra EURICÃO.

EURICÃO — A moça se trancou e não houve jeito. É o recato, coitada. Mas você compreende isso, não é?

EUDORO — É.

EURICÃO — Então adeus, Eudoro Vicente, não quero retê-lo mais, você deve estar com fome e o hotel...

CAROBA — Patrão!

EURICÃO — Hein?

CAROBA — E o jantar?

EURICÃO — Cale a boca, miserável!

CAROBA — O senhor não prometeu um jantar? É para celebrar o noivado.

EUDORO — Um jantar? Ah, aceito, pois não. Venho jantar e depois vou dormir no hotel.

EURICÃO — Está bem, está bem. Essa você me paga, Caroba! E a respeito dos vinte contos?

EUDORO — No jantar nós falaremos.

EURICÃO — Ótimo, ótimo. Essa parte está ótima.

EUDORO — Então, até já! E preparem o espírito da noiva! *(Sai.)*

CAROBA — Seu Euricão, espero que o senhor não se esqueça de minha comissão.

EURICÃO — Que comissão?

CAROBA — A que o senhor prometeu, se eu arranjasse os vinte contos.

EURICÃO — E quem disse que você me arranjou vinte contos? Aliás, ninguém me arranjou vinte contos. Eudoro Vicente prometeu, mas ainda não arranjou nada, vai arranjar!

CAROBA — Mas quem planejou tudo fui eu!

EURICÃO — Mente, velhaca! Você tinha planejado tudo para o jantar e, se eu tivesse esperado, talvez a essa hora estivesse esfaqueado. Quem pressentiu o perigo fui eu, quem pediu o dinheiro fui eu e quem arranjou o dinheiro fui eu! Você não tem direito à comissão de qualidade nenhuma!

CAROBA — Mas Seu Euricão...

EURICÃO — Adeus, Caroba, já basta o prejuízo do jantar.

CAROBA — Mas Seu Euricão...

EURICÃO — Dê o fora, Caroba.

CAROBA sai de má vontade. EURICÃO vai até a porca e alisa-a carinhosamente.

EURICÃO — Ai minha porquinha do coração, a luta é grande contra os ladrões. Mas arranjei sempre mais vinte contos para seu buchinho.

Entra EUDORO.

EUDORO — Eurico...

EURICÃO — *(Dando um salto.)* Santo Antônio me proteja! Que negócio é esse de sair da casa dos outros e voltar nos mesmos pés? Você está me vigiando?

EUDORO — Não, Eurico, desculpe.

EURICÃO — Você notou alguma coisa?

EUDORO — Alguma coisa de quê?

EURICÃO — Você pensa que sou idiota, para dizer? Notou ou não notou?

EUDORO — Não notei nada!

EURICÃO — E que veio fazer aqui, entrando de emboscada, como um assassino? Como um ladrão?

EUDORO — Afinal, o que é isso? Que é que você quer dizer? Voltei porque vim lhe oferecer preço por essa porca que você guarda aí.

EURICÃO — Preço por minha porca? Ai! Socorro! Ladrão! Pega o ladrão!

Eudoro — Que é isso, homem?

Euricão — Ai a crise, ai a carestia! Ai Santo Antônio! Veja o que querem fazer comigo!

Eudoro — Mas afinal de contas...

Euricão — Ai minha porquinha que herdei de meu avô e esse criminoso quer tomar! Ai minha porquinha! *(Cai desfalecido numa cadeira.)*

Eudoro — Está bem, homem de Deus, se não quer vender, não venda! Precisa essa agonia? Diabo duma esquisitice danada! Vá ser esquisito assim no inferno!

Vai saindo, quando encontra Benona.

Benona — Dodó!

Eudoro — *(Formal.)* Minha senhora!

Benona — Que minha senhora que nada, malandro! Já soube de tudo e vim lhe dizer que concordo de todo coração! Está tudo esquecido.

Eudoro — Fico muito contente com isso, Benona.

Benona — E eu mais ainda, Dodó. Olhe como estou! Desde que você apareceu que meu coração começou a bater. Você acha que eu devo lhe dar um beijo?

Eudoro — Mas Benona, você acha que ficaria próprio?

Benona — Deixe de preconceitos, homem! Agora estou diferente, a vida me ensinou a ser menos tola! Não quer? Bem, então fica para mais tarde. Vou me vestir para o jantar. Mas não deixo você sair sem lhe dar um beliscão no espinhaço de jeito nenhum, quero me lembrar dos velhos tempos. Chegue aqui esse espinhacinho, safado!

Eudoro — Benona!

Benona — Ai meu Deus, quanta timidez, como é lindo isso! Esse Dodó sempre foi doidinho! Não tem isso não, lá vai beliscão!

Eudoro — *(Correndo.)* Benona! Diabo de povo mais esquisito! Benona! Ai! *(Sai correndo, com Benona atrás.)*

Euricão — Ai minha porquinha adorada, ai minha porquinha do coração! Querem roubá-la, querem levar meu sangue, minha carne, meu pão de cada dia, a segurança de minha velhice, a tranquilidade de minhas noites, a depositária de meu amor! Mas parece que Santo Antônio me abandonou por causa da porca. Que santo mais ciumento, é "ou ele ou nada"! É assim? Pois eu fico com a porca. Fui seu devoto a vida inteira: minha mulher me deixou, a porca veio para seu lugar. E nunca nem ela nem você me deram a sensação que a porca dá. Ah, minha bela, ah, minha amada! Aqui você fica muito à vista de todos, todo mundo deseja a sua beleza, a sua bondade. É melhor levá-la para um

lugar escondido. A mala do porão, é lá! Aí você ficará em segurança e eu poderei dormir de novo.

Entra num socavão sob a escada, sobraçando a grande porca de madeira, e volta sem ela.

EURICÃO — Agora, sim. E você, Santo Antônio, deve se contentar agora com minha pobreza e minha devoção. Eu não o esqueci. Não deixe que esses urubus descubram meu dinheiro! Faça isso, meu santo, e a banda de jerimum que eu ia dar a Caroba será sua. Menos as sementes, viu? As sementes eu quero para fazer xarope e vender no armazém. Ganha-se pouco, mas sempre é alguma coisa para se enfrentar a crise e a carestia! *(Persigna-se e sai.)*

FIM DO PRIMEIRO ATO.

Segundo Ato

Mesma sala. Entram CAROBA, MARGARIDA *e* DODÓ.

CAROBA — Mas que jeito eu podia dar? Ele queria a entrevista, eu estava precisando agradá-lo para ele confiar em mim, o jeito foi marcar!

DODÓ — Que jeito que nada! O que há é que você se acostumou a agradar meu pai e ficou contra mim!

CAROBA — Deixe de ser ingrato, Seu Dodó. Eu estou tentando arranjar seu casamento e o senhor vem dizer isso!

MARGARIDA — É, meu amor, que mal faz? Eu vou, e, se achar um modo de afastar seu pai sem mágoa, afasto.

DODÓ — E ainda por cima, o perigo que você nos fez correr! Imagine se Margarida não visse o gesto que você fez! Era capaz de deitar tudo a perder.

CAROBA — Que é que eu podia fazer? Era preciso que seu pai acreditasse que a noiva era ela. Agora, que já está tudo encaminhado, o senhor fica aí dando jeito em tudo. Eu queria ver era na hora, inventar tudo isso de repente, noivar seu pai com Dona Benona, quando ele pensava que era com Dona Margarida, noivar Dona Benona no pedido da sobrinha, fazer Seu Euricão acreditar que o candidato a genro queria ser cunhado... O senhor acha pouco?

MARGARIDA — É, meu bem, Caroba já fez demais! Por que você não concorda com essa tolice de entrevista?

DODÓ — Não concordo porque não gosto de ver você metida nisso!

MARGARIDA — Mas meu bem, trata-se de seu pai!

DODÓ — Não tenho nada com isso, agora é candidato a se casar com você.

CAROBA — A entrevista é que vai resolver tudo, Seu Dodó!

DODÓ — Resolver tudo o quê? Ela vai é complicar tudo, isso sim! Na hora, papai pode entender a história de repente e a gente está desgraçado. Porque, se Seu Euricão descobrir que papai quer casar é com Margarida, desfaz o noivado de Dona Benona na mesma hora e faz o que meu pai quer! Seu Euricão faz qualquer acordo, contanto que não perca o dinheiro de meu pai!

MARGARIDA — Não, isso também não é direito não, meu bem! Você, zombar da pobreza de meu pai? Ele é pobre mas não vê nada no mundo além de mim!

Dodó — *(Duvidoso.)* Eu sei!

Margarida — Você é quem parece de repente cheio de dureza para com ele! Você não já sabia como ele era? Por que, então, esses modos, de repente? Parece é que você quer me deixar de lado e está procurando um pretexto!

Dodó — E você? Parece estar ansiosa por essa entrevista! Pois vá! Vá, siga os conselhos de Caroba e, quando estiver de volta, jogue fora a aliança que lhe dei. Não quero casar com uma moça que marca entrevista com outro! *(Sai.* Margarida *chora.)*

Caroba — Não chore não, Dona Margarida. Quando Seu Dodó chegar à conclusão de que tudo está bem, acaba com essa besteira.

Margarida — Eu sei lá, eu sei lá, Caroba! Que complicação, meu Deus! E essa trapalhada de entrevista... Não vou, Caroba, não vou de jeito nenhum. Afinal de contas, quem marcou a entrevista?

Caroba — Eu!

Margarida — Pois vá você, está ouvindo? Você foi quem marcou, você é quem vai.

Caroba — Mas Dona Margarida, eu quero lhe explicar que...

Margarida — Vai! Vai e não adianta discutir!

Caroba — Mas Dona Margarida, eu...

Margarida — Eu lhe dou um vestido meu e você vai em meu lugar! Você é mais ou menos de meu tipo: com meu vestido, de noite, no escuro, pode passar por mim, perfeitamente!

Caroba — Tem que ser um vestido que Seu Eudoro conheça, senão não dá certo!

Margarida — Eu lhe dou este, antes da hora!

Caroba — Sim, Dona Margarida, mas...

Margarida — Não admito discussão! É isso e é isso mesmo. Prepare-se, porque na hora eu lhe dou o vestido e você vai à entrevista! *(Vai saindo.)*

Caroba — Mas é claro que vou à entrevista, se meu plano todo era esse!

Margarida *tem saído.* Pinhão, *que vem entrando, ouve a frase.*

Pinhão — Que história é essa, Caroba? É a entrevista que o patrão marcou com Dona Margarida?

Caroba — É, eu vou no lugar dela!

Pinhão — Eu não quero você com o patrão aqui, de jeito nenhum! Aquilo é um viúvo sonso dos seiscentos diabos!

Caroba — Espere lá, Pinhão, você não entendeu nada!

Pinhão — Não entendi, nem quero entender, está ouvindo? Você foi ao hotel falar com ele?

Caroba — Fui, e então? Precisava esclarecer certas coisas e fui!

Pinhão — E por que não me disse que ia?

Caroba — Ainda mais essa!

Pinhão — Você foi para falar sobre a entrevista?

Caroba — Fui!

Pinhão — E vai a essa entrevista com ele, de noite?

Caroba — Vou!

Pinhão — Vai como?

Caroba — Vou do jeito que entender!

Pinhão — Pois quero lhe dizer logo que é essa entrevista ou eu, está ouvindo? Trate de escolher!

Caroba — Já escolhi!

Pinhão — Quem ganhou?

Caroba — A entrevista! Você quer mandar em mim, é, Pinhão? Que desconfiança é essa, se nunca lhe dei motivo? Vou e é quer você queira, quer não!

Pinhão — Pois adeus, Caroba. Quem gosta de dormente é o trem. *(Sai.* Caroba *chora, mas logo enxuga as lágrimas.)*

Caroba — Essa é boa, ninguém deixa eu falar e haja todo mundo contra mim!

Entra Benona.

Benona — Caroba, estava precisando falar com você. Que é isso? Que é que você tem?

Caroba — Cada um sabe de si e de suas agonias, Dona Benona!

Benona — É verdade, Caroba. Eu mesma, tão contente que estava e começo a ficar inquieta.

Caroba — Inquieta? Por quê?

BENONA — É Eudoro, Caroba! Achei Eudoro tão esquisito para uma pessoa que veio reatar um noivado interrompido!

CAROBA — É o tempo que passou, Dona Benona!

BENONA — Você acha?

CAROBA — Não tenha dúvida, ele continua no mesmo entusiasmo! Chegou até a pedir que eu arranjasse uma entrevista dele com a senhora!

BENONA — Uma entrevista? Quando?

CAROBA — À noite, quando o povo estiver dormindo.

BENONA — Eurico vai estranhar.

CAROBA — Para estranhar, ele vai ter que saber, e Seu Euricão não vai saber de nada.

BENONA — E se alguém acordar?

CAROBA — A senhora vem disfarçada. Veste um vestido de Dona Margarida. Se alguém acordar, a senhora faz que é ela, que veio rezar, e ninguém desconfia. De noite, é fácil.

BENONA — E como é que eu vou arranjar o vestido de Margarida?

CAROBA — Pode deixar que disso eu me encarrego. Depois do jantar, deixo a porta destrancada e Seu Eudoro vem. Quando tudo estiver preparado, canto como jia, entrego o vestido e a senhora fala com ele.

BENONA — Foi Eudoro quem pediu isso?

CAROBA — Foi.

BENONA — Então eu vou.

CAROBA — Mas não vá falar com ele sobre isso antes, não! Alguém pode ouvir e vai tudo d'água abaixo.

BENONA — Não tenha cuidado, ninguém vai entender nada! Pinhão encomendou o jantar?

CAROBA — Encomendou, já chegaram alguns dos pratos.

BENONA — Então vamos ajeitar tudo, porque o noivo chega já.

Saem. PINHÃO *e* DODÓ *entram, vindos de lados opostos, ambos arrependidos.*

DODÓ — Margarida... Pinhão! Que há?

PINHÃO — Nada, Seu Dodó. Fui eu que peguei uma briga com Caroba e vinha fazer as pazes.

DODÓ — Eu também peguei uma com Margarida e vinha para isso mesmo, Pinhão!

PINHÃO — Terá sido um negócio de uma entrevista, Seu Dodó?

DODÓ — Foi, Pinhão.

PINHÃO — Eu fiquei danado porque Caroba disse que ia no lugar de Dona Margarida.

DODÓ — Como, se Margarida me disse, aqui, que ia à entrevista?

PINHÃO — Pois então já vi que seu pai marcou entrevista foi com as duas, Seu Dodó.

DODÓ — Você o que acha dessa entrevista, Pinhão?

PINHÃO — Seu Dodó, de sua noiva quem sabe é o senhor, mas a minha, eu não quero que vá de jeito nenhum!

DODÓ — Aí há alguma coisa, Pinhão. Todas duas deram de repente para querer ir à entrevista. Que será?

PINHÃO — Eu sei lá, Seu Dodó!

DODÓ — Não custa nada esclarecer, não é? Vamos fazer o seguinte: quando Coroba abrir a porta, a gente vem antes e se esconde aqui. Assim, assiste-se à entrevista e pode-se saber, afinal de contas, o que é isso. Está certo?

PINHÃO — Está, Seu Dodó.

DODÓ — E o jantar? Você arranjou tudo?

PINHÃO — Arranjei, os pratos começaram a chegar.

DODÓ — Chegaram uns homens aí fora.

PINHÃO — São os dois empregados do hotel, certamente vêm com a porca. Arranjei uma porca assada para nós.

DODÓ — Então, pelo menos, hoje se tira a barriga da miséria! Estou aqui há dois meses, é a segunda vez que vou comer de noite. Vá receber a porca.

PINHÃO — *(Gritando para fora, enquanto sai.)* É a porca? Levem lá para trás, nossa alegria hoje é essa porca. É a porca? *(Sai.* EURICÃO *cruza a cena, transtornado.)*

EURICÃO — Ai, a porca! Pega, pega o ladrão!

Sai no encalço de PINHÃO. *Ouvem-se gritos, som de pancadas, imprecações.* PINHÃO *entra correndo, com* EURICÃO *atrás, ameaçador.* EURICÃO *vai investir sobre* PINHÃO, *que puxa uma faca.*

EURICÃO — Pega, pega o ladrão! Assassino, ladrão!

Dodó — O que é isso, Seu Eurico? Que é isso, Pinhão? Guarde essa faca imediatamente.

Euricão — Não, deixe ele assim, quero mesmo que a polícia veja! Pega, pega o ladrão! Vou denunciá-lo à polícia!

Pinhão — Por quê?

Euricão — Porque você anda com uma faca.

Pinhão — Aqui todo mundo anda!

Euricão — Mas você me ameaçou.

Pinhão — Ameacei para não apanhar, Seu Dodó é testemunha.

Euricão — Dodó não é testemunha de coisa nenhuma, que o patrão dele sou eu!

Pinhão — Por que o senhor deu em mim?

Euricão — Ainda pergunta? Quer mais?

Pinhão — Venha!

Euricão — *(Avançando para* Pinhão*, que recua.)* Que é que você veio fazer em minha casa sem minha ordem?

Pinhão — *(Mesmo tom, mesmo ritmo, com* Euricão *recuando.)* Vim trazer o jantar que o senhor encomendou.

Euricão — *(Idem.)* E é de sua conta que se coma ou não se coma em minha casa? Você é meu pai?

Pinhão — *(Idem.)* O que eu quero saber é se é para trazer o jantar ou não.

Euricão — *(Idem.)* E eu, o que quero saber, é se minha casa se salvará.

Pinhão — *(Idem.)* E eu, o que quero é me salvar com minha porca.

Euricão — Com a porca? Ai, ai, minha porca! Ai minha porca, pelo amor de Deus! Santo Antônio, Santo Antônio! Saiam, saiam daqui imediatamente. Entrem aí que eu vou trancar vocês dois, seus ladrões! Seus criminosos! Entrem já. *(Vai trancá-los no porão, mas de repente, aterrorizado, lembra-se de que a porca está lá.)*

Euricão — Não, não entra ninguém! Fiquem de costas, todos dois. Tapem os olhos com as mãos. Já! Se tirarem as mãos, denuncio vocês dois ao delegado como ladrões de cavalo. Fiquem aí. Não se virem. Olhe a denúncia, boto todos dois na cadeia. Você se virou, Dodó?

Dodó — Não, Seu Eurico.

Euricão — E você, ladrão?

Pinhão — Sou eu, é?

Euricão — Quem mais havia de ser? Você se virou?

Pinhão — Eu não!

Euricão — Fiquem como estavam, não se virem.

Entra de novo no quarto e volta rapidamente, aliviado.

Euricão — Está bem, podem se virar. Que foi que houve aqui?

Dodó — Nada!

Euricão — Ouvi esse tal de Pinhão gritar.

Pinhão — E eu gritei mesmo, Seu Euricão.

Euricão — O que foi que você gritou?

Pinhão — Gritei pela porca!

Euricão — Está vendo, ladrão? É um ladrão, um criminoso, um bandido que quer sugar meu sangue. O que é que você quer com minha porca?

Pinhão — Quero comer, Seu Euricão!

Euricão — Comer?

Pinhão — Sim, comer, a porca que Seu Dadá mandou para o jantar e que chegou agora!

Euricão — A porca? O jantar... *(Entendendo e disfarçando.)* Ah, sim, naturalmente, a porca! Assada ou cozida, Pinhão?

Pinhão — Eu sei lá!

Euricão — Está bem, o certo é que é preciso cuidado! Todo cuidado é pouco, Santo Antônio, todo cuidado é pouco! E antes que me enganem, é melhor eu me certificar. Saiam. Se não existir essa porca mesmo, vou fazer a denúncia e o delegado Cabo Rangel prende você como ladrão de cavalo. *(Sai.)*

Pinhão, *desconfiado, vai até a porta e fica olhando o quarto, pensativo.*

Pinhão — O senhor entendeu alguma coisa, Seu Dodó?

Dodó — Isso é um louco! Você não imagina até onde vai a avareza dele. Desde que estou aqui, só se comeu à noite uma vez. E ele exige que a gente pague a refeição, porque acha que mais de uma refeição por dia é luxo!

Pinhão — E quem não tem para pagar, como Caroba?

Dodó — De quem não paga, ele desconta o preço no ordenado.

Pinhão — Aí é que quero saber como! Ela me disse que desde que chegou aqui ainda não recebeu um tostão!

Dodó — O golpe dele é esse! Deu o primeiro jantar, cobrou o preço. Caroba não pôde pagar porque não tinha recebido o ordenado. Agora, quando Caroba cobra o ordenado, ele diz que ela primeiro pague o jantar. Como Caroba não tem o dinheiro, não paga. Assim, por conta do jantar que ele dá cada mês, economiza o salário dos empregados.

Pinhão — Que ladrão!

Dodó — Não é ladrão não, Pinhão, é louco.

Pinhão — Seu Dodó, eu só acredito que uma pessoa é doida quando ela começa a rasgar dinheiro. Com fama de doido, Zé Sabido enriqueceu.

Dodó — A felicidade nossa é que deixei um rapaz no Recife recebendo a mesada que meu pai me manda e ele remete o dinheiro pelo correio. É assim que vamos passando, eu e Caroba. Mas já estou ficando cansado de ter que suportar a loucura desse arábe, esses fingimentos, essas mentiras, estes disfarces... Sabe de uma coisa, Pinhão? Não estou mais disposto a suportar isso e vou descobrir tudo!

Pinhão — Seu Dodó!

Dodó tira os disfarces e se endireita. Entram Caroba e Margarida, conduzindo Eudoro Vicente.

Caroba — Venha por aqui, Seu Eudoro.

Pinhão acena para Caroba, mostrando Dodó sem os disfarces, mas ela não entende e dá-lhe as costas, zangada. Dodó volta-se para ela, com Eudoro no limiar.

Dodó — Margarida...

Caroba — Ai! Um ladrão!

Dodó — Um ladrão?

Eudoro — Um ladrão?

Caroba — *(Agarrando-se com ele.)* Um ladrão, Seu Eudoro! Ai, o ladrão! *(Empurra Eudoro, saindo de cena com ele.)*

Dodó — Pega! Pega o ladrão!

Pinhão — *(Avisando.)* Seu Dodó! Seu Dodó!

Sai correndo atrás de Dodó, este sem o disfarce. Pinhão e Margarida dão a volta à casa e regressam à cena, cada qual por um lado.

Pinhão — Onde estão eles?

Margarida — Não sei. Ave Maria, Pinhão, veja se pega Dodó e avisa a ele!

Pinhão — E a senhora, veja se leva Seu Eudoro para a outra sala!

Margarida — Está bem, vá por lá que eu vou por cá.

Saem. Aparecem Dodó e Eudoro, cada um por um lado, com jeito de quem procura. Os dois caminham um para o outro e vão se encontrar, mas, na hora exata, cada um vira o rosto para o lado oposto e por um triz não se veem. Vão ao limiar da cena, tendo se cruzado, e param ambos.

Eudoro — Escondeu-se! Será que está por aqui?

Dodó — Não vi nada, é melhor voltar! *(Os dois se voltam, dão-se um encontrão e um grito de susto.)*

Eudoro — Ai, o ladrão!

Dodó — Ai! *(Eudoro agarra Dodó pelo pescoço, por trás, e este cobre o rosto com as mãos.)*

Eudoro — Caroba! Pinhão! Agarrei! Peguei o ladrão!

Os dois acorrem, com Margarida. Caroba imediatamente dá um salto, escancha-se no lombo de Eudoro, e Pinhão agarra-o. Benona — que ouviu os gritos e entrou — agarra-se com Eudoro.

Pinhão — Ah, ladrão safado!

Margarida — Ah, bandido! *(À parte, a Dodó.)* Bote a barba, Dodó!

Pinhão — Ladrão da peste!

Margarida — Ah, ladrão safado!

Caroba — *(Aos sopapos com Eudoro.)* Ladrão, ladrão safado!

Benona — Que é isso, Caroba? Que é isso?

Eudoro — Espere aí, sou eu, Caroba!

Caroba — Eu o quê, safado! Roubando a casa do meu patrão! *(Dá-lhe umas tapas na cara.)*

Benona — Caroba, você está doida?

Caroba — É o ladrão, Dona Benona! Ah, ladrão safado! *(Dodó põe os disfarces.)*

Eudoro — Caroba! Sou eu, Caroba!

Dodó — Esperem, sou eu! Que ladrão, que nada!

Pinhão — Era o senhor, Seu Dodó?

Caroba — Espere, é o senhor, Seu Eudoro?

Eudoro — Claro que sou eu, criatura! Você está doida? Que confusão é essa?

Caroba — É Seu Dodó Boca-da-Noite com essa cara de fantasma, assombrando a gente! Fui entrando, pensei que era um ladrão!

Eudoro — Pois trate de olhar em quem dá, está ouvindo? Está me achando com cara de ladrão?

Benona — Ladrão pode não ser, mas é um atrevidinho, um bandido!

Eudoro — Eu?

Benona — Sim, depois de certas coisas que ouvi, estou considerando você um ladrãozinho bem perigoso.

Eudoro — Eu, Benona?

Benona — Sim, você, atrevido! Seu atrevidinho, seu moleque audacioso!

Eudoro — Minha senhora...

Benona — Minha senhora o quê, malandro! Planeja suas histórias e depois vem com fingimento! Mas eu concordei de todo coração e quero que você saiba que a noiva estará presente.

Eudoro — *(Inocente.)* Estará presente onde?

Benona — Olhe a inocência dele! Que fingido, que malandro!

Eudoro — Malandro, eu? Por quê?

Benona — Ora por quê! Marca suas entrevistas, vem com suas audácias e depois ainda se admira quando a gente o chama de malandro!

Eudoro — Ai, e você sabe?

Caroba — Sabe, Seu Eudoro, ela sabe de tudo, mas felizmente fez uma exceção e está inteiramente de acordo, eu consegui convencê-la, não foi, Dona Benona?

Benona — Foi, ora se foi!

Caroba — Vamos saindo para o jantar?

Eudoro — Mas tinham me dito que você era tão severa!

Benona — Com os outros, com você nunca mais! Quero recuperar...

Margarida — Pega o ladrão!

Pinhão — Pega! Pega o ladrão!

Benona — Ai, socorro, Eudoro! *(Abraça-se com ele.)*

Eudoro — Não vejo ladrão nenhum, que negócio é esse? Vocês estão loucos? Quem foi que gritou?

Margarida — Eu, mas não estava gritando por ladrão nenhum! Estava somente me lembrando de ainda agora! Foi tão engraçado!

Caroba — Eu vinha entrando, vi Seu Dodó e de repente gritei "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

> Eudoro *permanece de cara enfarruscada diante de todos os outros, que vão desfilando diante dele e repetindo a frase, para desanuviá-lo.*

Pinhão — Foi! Caroba vinha entrando, viu Seu Dodó e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

Dodó — Eu vinha entrando, Caroba me viu e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

Benona — Que coisa! Caroba vinha entrando, avistou Dodó e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado! *(Somente então Eudoro ri.)*

Caroba — "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado! Vamos? Ai, meu Deus, eu hoje estufo de tanto rir! *(Sai empurrando todo mundo e todo mundo rindo. Pinhão porém fica pensativo, olhando toda a sala.)*

Voz de Euricão — Ai, ai, meu Deus! Pega, pega o ladrão! Estão me roubando!

> Pinhão *se esconde e* Euricão *entra, aterrorizado.*

Euricão — Ai, gritaram "Pega o ladrão!" Quem foi? Onde está? Pega, pega! Santo Antônio, Santo Antônio, que diabo de proteção é essa? Ouvi gritar "Pega o ladrão!" Ai, a porca, ai meu sangue, ai minha vida, ai minha porquinha do coração! Levaram, roubaram! Ai, não, está lá, graças a Deus! Que terá havido, minha Nossa Senhora? Terão desconfiado porque tirei a porca do lugar? Deve ter sido isso, desconfiaram e começaram a rondar para furtá-la! É melhor deixá-la aqui mesmo, à vista de todos, assim ninguém lhe dará importância! Ou não? Que é que eu faço, Santo Antônio? Deixo a porca lá, ou trago-a para aqui, sob sua proteção? Desde que ela saiu daqui que começaram as ameaças! É melhor trazê-la. Com a capa, porque alguém pode aparecer. Santo Antônio, faça com que não apareça ninguém! Não deixe ninguém entrar aqui. Vou buscar minha porquinha, mas não quero ninguém aqui.

> Entra *no socavão e volta com a porca.* Eudoro Vicente *entra e* Euricão *imediatamente cobre a porca com a capa, que colocou nos ombros para a eventualidade.*

EURICÃO — Santo Antônio, que safadeza é essa? Isso é coisa que se faça?

EUDORO se aproxima de EURICÃO e começa a olhá-lo, examinando-o com um misto de curiosidade, desgosto e compaixão. Chega mesmo a tocar na roupa de EURICÃO para inspecioná-la. EURICÃO, desconfiado, vai se afastando dele, aos arrancões, mas sem querer sair para não despertar suspeitas.

EUDORO — Euricão, não repare eu dizer isso, mas você podia ter se vestido melhor para o jantar.

EURICÃO — A aparência depende da fortuna e a fortuna depende do que se tem. Eu não tenho nada. Os ricos, como você, é que têm essas obrigações. Os pobres, como eu, não!

EUDORO — Nada, não há quem me convença de que você é tão pobre como vive dizendo! Vá ver que com essa cara e com essa modéstia, tem, no mínimo, uma botija escondida.

EURICÃO — Ai!

EUDORO — Que é?

EURICÃO — Ora o que é? Você vem com suas insinuações e depois se admira!

EUDORO — Mas foi uma brincadeira, Eurico!

EURICÃO — Não gosto dessa qualidade de brincadeira!

EUDORO — Está bem, desculpe. Afinal de contas, eu vou entrar na família e posso me permitir certas intimidades!

EURICÃO — Por falar nisso, você pode me emprestar logo os vinte contos de que lhe falei! Preciso deles para fazer a festa, porque sozinho não vou poder enfrentar essa despesa!

EUDORO — Está bem, no jantar, trataremos disso.

EURICÃO — No jantar, não! No jantar a gente começa a comer, a beber, o coração afraca, a vontade se abranda, o tempo vai passando, daqui a pouco a oportunidade tem passado! Você quer casar ou não quer?

EUDORO — Quero!

EURICÃO — Com festa ou sem festa?

EUDORO — Bem, alguns amigos daqui a gente tem de convidar!

EURICÃO — Então passe os vinte contos. Agora! Já!

EUDORO — E quem lhe disse que eu tenho os vinte contos aqui?

EURICÃO — Você pode me dar um vale e eu vou receber o dinheiro no armazém que compra seu algodão!

EUDORO — Mas Eurico...

EURICÃO — Tem papel e caneta aí! Faça o vale!

EUDORO — Eu... Está bem, vou fazer. Está aí.

EURICÃO — Obrigado, obrigado, obrigado! Agora sinto-me seguro! Grande coisa é o dinheiro!

EUDORO — É verdade. Que é isso?

EURICÃO — Isso o quê?

EUDORO — Você está com alguma coisa embaixo da capa?

EURICÃO — Saia daí!

EUDORO — Meu Deus, que homem mais esquisito!

EURICÃO — Você não tem nada que me cutucar, atrás do que eu carrego!

EUDORO — E eu sabia lá que era segredo?

EURICÃO — Segredo o quê? Quem vive escondendo o que tem são os ricos, como você. O que eu trago aqui é somente uma cervejinha para o jantar.

EUDORO — Ah, Eurico, que delicadeza a sua! Uma cervejinha agora, depois dessa caminhada! Está gelada?

EURICÃO — Ai! Vá pra lá!

EUDORO — Que é isso, homem? Quero somente ver a cerveja!

EURICÃO — Vá pra lá, vá pra lá, pelo amor de Deus! Tenho horror a mostrar a cerveja que vou beber!

EUDORO — Por quê, homem de Deus?

EURICÃO — Porque não gosto, pronto! É uma esquisitice minha! Não gosto de mostrar cerveja! É proibido ter esquisitice, é?

EUDORO — Não!

EURICÃO — Então pronto, vá esperar o jantar na sala!

EUDORO — Está bem. Que homem mais esquisito, minha Nossa Senhora! *(Sai.)*

EURICÃO — Foi-se, com todos os diabos! Pronto, a porca fica aqui, agora! Aqui, Santo Antônio, servindo de suporte à sua imagem. Fica sob sua proteção, meu santo, estou arrependido de tudo o que disse! Ai, meu Deus, o santo ou a porca? Os dois! Não há necessidade de escolher, fico com os dois! Ouvi dizer que você, Santo Antônio, era cabo do exército brasileiro: fique aí como cabo de dia, guardando o que é meu. Vou lhe

confiar o que não confiaria mais nem a minha mãe. Mas veja como corresponde a esta confiança! Está aí, confiei em você: retribua agora essa confiança, dando-me toda a sua proteção. *(Sai. PINHÃO sai do esconderijo.)*

PINHÃO — Ah, Santo Antônio, não dê mais proteção a ele do que a mim! O que é que há aqui? É essa porca que ele defende com tanta raiva? Por que esse cuidado todo? Quero apurar tudo isso direitinho, Santo Antônio, porque essa peste não pode ter esse amor todo por uma porca só porque ela pertenceu ao avô dele! Esclareça tudo, Santo Antônio! Esclareça que eu... *(Vendo EURICÃO, que se aproxima cuidadosamente)* Se o senhor me esclarecer... Ai, esclareça, meu Santo Antônio, esclareça um pobre pecador, um órfão que não tem ninguém por ele! Quero aproveitar e rezar pela segurança e pela salvação de todas as pessoas que me protegem e protegem Caroba! Seu Eudoro Vicente, aquele santo, Seu Euricão Arábe, aquele outro santo, a irmã de Seu Euricão, aquela santa, a filha de Seu Euricão, aquela santinha...

EURICÃO — Pra fora! Pra fora daqui, conversador! Que devoção foi essa que lhe deu de repente? Você pensa que me engana, mas eu sei quem você é! E agora você me paga! *(Agarra-o pelo pescoço.)*

PINHÃO — Mas afinal, que diabo é isso? A todo instante é pancada, esbregue, bofete, o diabo! Que diabo o senhor tem?

EURICÃO — O que é que tenho, é? E o que é que você tem com isso, seu ladrão?

PINHÃO — Mas ladrão por quê? O que foi que eu roubei?

EURICÃO — Bote já aí, ponha já aí!

PINHÃO — O senhor pensa que eu sou alguma galinha? O que é que eu posso botar, o que é que eu posso pôr, o que é que o senhor quer?

EURICÃO — (*Irônico*.) Você não sabe!

PINHÃO — Como é que eu posso saber, se não tirei nada?

EURICÃO — Você não tirou porque não pôde. Mas tenho certeza de que você tem. Que é isso? Está com as mãos para trás? Mostre a mão direita!

PINHÃO — Veja.

EURICÃO — Agora, a esquerda.

PINHÃO — Veja.

EURICÃO — Mostrou a primeira?

PINHÃO — Mostrei.

EURICÃO — E a segunda?

Pinhão — Mostrei.

Euricão — Mostre a terceira.

Pinhão — O senhor está é doido!

Euricão — Estou mesmo, porque o que eu devia era ter lhe dado um tiro! E é o que hei de fazer se você não confessar!

Pinhão — Mas confessar o quê?

Euricão — Que foi que você tirou daqui?

Pinhão — Santo Antônio me cegue se eu tirei alguma coisa!

Euricão — Sacuda o paletó.

Pinhão — À vontade.

Euricão — É capaz de estar no fundo das calças.

Pinhão — Quer ver?

Euricão — É, você está rindo para eu pensar que você é de confiança, cheio de boas intenções. Mas eu conheço suas manhas. Mostre outra vez a mão direita.

Pinhão — Tome.

Euricão — Agora a esquerda.

Pinhão — Veja logo as duas.

Euricão — Agora me dê aquilo.

Pinhão — Aquilo o quê?

Euricão — Rá, rá! Você gosta de brincar, mas tenho certeza de que você tem.

Pinhão — Eu tenho? Tenho o quê?

Euricão — Ah, isso é o que eu não digo. Queria saber, hein? Está bem, saia. Afinal de contas, já o revistei todo. Fora daqui! E que Santo Antônio lhe cegue os olhos e lhe dê paralisia nos dois braços e nas duas pernas duma vez.

Pinhão — É muita bondade sua!

Euricão — Fora, fora daqui! *(Faz que sai por um lado, Pinhão faz o mesmo pelo outro lado e os dois voltam ao mesmo tempo.)*

Euricão — *(Cruzando os braços.)* Vai ou não?

Pinhão — *(Dando meia-volta rápida e saindo.)* Vou! *(Mesmo movimento anterior de ambos.)*

Euricão — Não quero mais vê-lo!

Saem, sendo que Pinhão na carreira. Ele dá uma volta por fora da cena; subentende-se que ele rodeou a casa; então, pula uma janela, novamente para dentro de cena, e esconde-se. Euricão volta por onde saiu.

Euricão — Ah, agora estou só. Estará escondido? O quarto está vazio. E aqui? Ninguém. Agora, nós, Santo Antônio! Isso é coisa que se faça? Pensei que podia confiar em sua proteção mas ela me traiu! Você, que dizem ser o santo mais achador! É isso, Santo Antônio é achador e está ajudando a achar minha porca! Eu devia ter me pegado era com um santo perdedor! Agora não deixo mais meu dinheiro aqui de jeito nenhum. O cemitério da igreja! É aqui perto e é lugar seguro. Entre o túmulo de minha mulher e o muro, há um socavão: é lá que guardarei meu tesouro. Prefiro a companhia dos mortos à dos vivos, e ali minha porca ficará em segurança. Com medo dos mortos, os vivos não irão lá e os mortos, ah, os mortos não desejam mais nada, não têm mais nenhum sonho a realizar, nenhuma desgraça a remediar. Ao cemitério! Escondo a porca no socavão e à noite, quando todos estiverem dormindo, cavo a terra e hei de enterrá-la o mais fundo que puder. E você, Santo Antônio, fique-se aí com sua proteção e seu poder de encontrar. Lá, meu ouro, meu sangue, estará em segurança: o mundo dos mortos é mais tranquilo, e, digam o que disserem os idiotas, lá é o lugar em que se perde tudo e não se acha nada!

Pega a porca, coloca-a sob a capa e, quando vai saindo, encontra Caroba que vem entrando. Euricão imediatamente volta-se de costas.

Euricão — Não é possível, assim também é demais, meu Deus!

Caroba — Ah, está aí, hein, Seu Euricão? Procurei-o por toda parte. O jantar demorou, mas agora vai sair. O senhor deve estar com fome, hein? Coitado, chega está de barriga vazia! *(Bate com a mão na barriga dele, que vai se livrando para evitar que ela descubra a porca.)*

Euricão — Isso é que é um azar da peste!

Caroba — Mas não se incomode não, essa barriga hoje se enche, mais ainda!

Euricão — Ai! Vá pra lá! Diabo de mulher enxerida!

Caroba — Que é isso, Seu Euricão? Parece até que o senhor andou engolindo cobra!

Euricão — Engole-Cobra é a mãe! Vá pra lá!

Caroba — Calma, calma! Que é que há por aqui? De capa, todo misterioso, antes do jantar? Para onde é que se bota?

Euricão — Para a casa da mãe!

CAROBA — Rá, rá! Que é que o senhor está escondendo aí nesse bucho?

EURICÃO — Ai, ai, ladrona, assassina! Ai! *(Sai na carreira.)*

CAROBA — Está doido, o diabo do velho! *(PINHÃO sai do quarto.)*

PINHÃO — Doido, é? E você, que intimidade com ele é essa? Estava disposto a lhe pedir desculpas, mas agora mantenho o que disse. Que diabo de intimidade com o velho é essa?

CAROBA — Mas Pinhão, um velho daquele!

PINHÃO — É! É um velho mas não gosto de mulher que bate no bucho dos outros não! Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz!

CAROBA — Não me venha com ditado agora!

PINHÃO — É, não me venha com ditado, mas seguro morreu de velho e desconfiado ainda está vivo. Vivo e de testa limpa!

CAROBA — Você quer saber do que mais, Pinhão? Vá se danar! Eu comecei a lhe dar muito valor, você ficou convencido demais. Dê o fora! Eu também ia lhe explicar tudo sobre a entrevista, mas se você vem com essa desconfiança de minuto em minuto, pode se danar! Dou-lhe somente uma explicação: brinco com o velho Euricão porque gosto dele, está ouvindo? Com toda a avareza, com toda a ruindade e as manias, é um dos homens mais sofredores que conheço. Nada na vida dele deu certo, casou-se, a mulher o deixou e toda a esperança dele agora é essa filha que nós lhe vamos tirar. Por isso e muitas coisas mais, tenho pena do velho Euricão, de quem ninguém gosta! Queria lhe dizer isso. Mas não para me justificar, pode ir para o inferno, com sua mania de mandar e sua desconfiança!

PINHÃO — Mas Caroba...

CAROBA — Vá se danar, Pinhão.

PINHÃO — Está bem, depois não se arrependa. Você não sabe o que está perdendo, principalmente agora.

CAROBA — Por que principalmente agora?

PINHÃO — Por causa de tudo o que eu agora sei, dos lugares, dos planos, dos sonhos e dos desejos desse velho com quem você está estragando sua compaixão.

CAROBA — Que é que você quer dizer?

PINHÃO — Nada.

CAROBA — Que é que você sabe?

PINHÃO — Nada.

CAROBA — Ai, Pinhão, me diga!

PINHÃO — Não posso, estou sem tempo e sem vontade.

CAROBA — O que é que você vai fazer, Pinhão?

PINHÃO — Vou me danar, Caroba. Adeus! *(Sai CAROBA.)* Pois sim! Disse o velho que o sangue dele está em segurança e o mundo dos mortos é um mundo tranquilo! Mas não há sangue que não se possa derramar e há mortos que ressuscitam! Ao cemitério! Desta vez eu enriqueço, nem que seja à custa de minha caveira! *(Sai.)*

FIM DO SEGUNDO ATO.

Terceiro Ato

Mesma sala. Entram Caroba *e* Margarida. Caroba *aponta a* Margarida *um lugar qualquer onde ela deve se esconder.* Margarida *assente com a cabeça e se esconde. Então* Caroba *joga um pacote que deverá conter o vestido, de que depois ela virá a precisar, atrás de um móvel qualquer. Um barulho de fim de jantar e vozes que se aproximam.* Caroba *se esconde no mesmo lugar com* Margarida. *Entram* Euricão, Benona *e* Eudoro.

Euricão — Meu caro Eudoro, espero que o jantar lhe tenha agradado.

Eudoro — Muito, Eurico, muito. Se não fosse pelo jantar, a companhia...

Benona — Sempre delicado!

Euricão — Infelizmente tenho que me recolher. Não tome isso como uma desatenção, é um velho hábito.

Eudoro — Desatenção nenhuma, Eurico, eu também durmo cedo. E, mesmo, Benona está aqui.

Euricão — Ah, é assim, hein? Você tem razão, ela fará as honras da casa muito melhor do que eu. Mas vocês não demorem muito tempo aqui.

Benona — Não seja tão severo, Eurico.

Euricão — Todo cuidado é pouco, todo cuidado é pouco!

Eudoro — Mas sendo eu noivo...

Euricão — Mesmo assim, Eudoro, mesmo assim! Até amanhã! Euricão Arábe dorme hoje tranquilo, finalmente livre da tirania desse santo sem confiança, que ia causando minha perdição.

Benona — Não diga isso, meu irmão!

Euricão — Digo, minha irmã, digo porque é verdade! Eu vou esperá-la, venha arrumar meus lençóis, como sempre fez desde que minha mulher... desde que comecei a precisar de Santo Antônio. Não demore muito, eu a chamarei. Boa noite, Eudoro.

Eudoro — Boa noite, Eurico. *(Sai Euricão.)*

Eudoro — O que foi que ele quis dizer? Quando disse que começou a precisar de Santo Antônio?

Benona — Foi quando a mulher dele nos deixou. Você ainda se lembra dela?

Eudoro — Quando comecei a frequentar sua casa ela já tinha fugido.

Benona — É verdade, foi no começo do nosso namoro.

Eudoro — Para que falar mais nisso? Você mesma não disse que tudo estava enterrado?

Benona — É verdade, mas com o que aconteceu hoje...

Eudoro — Muitas voltas o mundo dá!

Benona — Mas é por isso mesmo que não me incomodo de tocar nessas coisas. Em outras circunstâncias, era um assunto muito doloroso para mim. Mas agora...

Eudoro — É, talvez você tenha razão. É melhor do que ficar com essa história pendendo eternamente entre nós. Se as circunstâncias tivessem sido outras...

Benona — Reconheço que a maior parte da culpa foi minha. Mas eu era tão moça, tão sem conhecimento das coisas, Eudoro! Você se lembra da noite que passei em sua fazenda com Eurico?

Eudoro — Como havia de não me lembrar? Foi desde aquele dia que você me deixou. Por que foi aquilo, Benona? Eu nunca pude me conformar com aquele silêncio, de repente, sem uma explicação!

Benona — Eu era muito moça, Eudoro. Eurico não me deixava sair para lugar nenhum, eu não conhecia o mundo, não conhecia você direito, nada! Bem, naquela noite em sua casa... Você sabe o que foi, fiquei com medo de você.

Eudoro — Mas Benona, foi só por causa daquilo? E você, por tão pouco, estragar nosso casamento! Se eu soubesse, teria vindo e falado de tal maneira, que você me perdoaria e teria talvez casado comigo.

Benona — Ah, Eudoro, é verdade?

Eudoro — E você não me dar uma explicação, me deixar no engano de que era algum empecilho de sua parte, mesmo!

Voz de Eurico — Benona!

Benona — É Eurico, tenho que ir. Até mais tarde, Eudoro.

Eudoro — Até amanhã, Benona.

Benona — Até amanhã? É verdade, você tem razão, é mais prudente dizer assim.

Voz de Eurico — Benona! Benona!

Benona — Já vou! Até amanhã, então, fingido! *(Sai.)*

Caroba sai do esconderijo, pelas costas de Eudoro, e fala de uma porta, como se tivesse entrado por ela.

Caroba — Seu Eudoro!

Eudoro — Caroba! Eu já vou! Está combinado? Margarida sabe de tudo?

Caroba — Sabe e está de acordo.

Voz de Euricão — Caroba, tranque as portas, a rua está cheia de ladrões!

Caroba — Está certo, Seu Euricão, vou trancar tudo. *(A Eudoro.)* Vou trancar as portas e depois destrancar uma, é por essa que o senhor volta.

Eudoro — Você esperará também?

Caroba — Eu? Por que eu? Quem vai esperá-lo é gente muito melhor do que eu. Por aqui, Seu Eudoro. Volte e não tenha cuidado, que tudo vai dar mais certo do que o senhor imagina!

Sai Eudoro. Margarida sai do esconderijo.

Margarida — Por que você não aproveitou a deixa da desistência, mulher?

Caroba — Mas logo agora que tudo vai dar certo?

Margarida — Não suporto mais essas agonias de jeito nenhum. Que jantar mais angustiado! De vez em quando Tia Benona dizia uma frase perigosa, papai outra... Eu via a hora de se descobrir tudo. Será que esta história vai dar certo, Caroba?

Caroba — O casamento de Seu Eudoro com Dona Benona dando, o resto vem na esteira, o seu com Seu Dodó, e até o meu com o moleque do Pinhão.

Margarida — Você gosta muito dele, não, Caroba?

Caroba — Gosto, Dona Margarida! Agora, por que, não sei, porque aquilo é safado que fede! Mas hoje ele vai me pagar o novo e o velho. A senhora trouxe o vestido?

Margarida — Trouxe, tome. Tome e assuma a responsabilidade. Se essa confusão toda acabar meu casamento, você me paga! Eu me vingo de você!

Caroba — Danou-se, Dona Margarida!

Margarida — Depois não diga que não avisei, está ouvindo? Passe bem, Caroba. Espero que tudo dê certo, tanto no meu interesse como no seu.

Caroba — Espere, Dona Margarida! É melhor eu trancá-la. Não tenho confiança em homem nenhum nesse mundo e muito menos em Seu Eudoro. A senhora não viu o que ia acontecendo com Dona Benona? Entre que eu trancarei a porta.

Margarida — Está bem.

Entra no quarto e Caroba *tranca a porta, guardando a chave.*

Caroba — O negócio começa a caminhar. Mas, meu Deus, a confusão vai ser a maior do mundo. O vestido, aqui. *(Esconde o vestido que recebeu de Margarida.)* Falta alguma coisa, meu Deus? Ah, sim, a vítima! Dona Benona! Crote, crote, crote! Dona Benona!

Entra Benona.

Benona — Caroba! Ouvi o sinal! Então?

Caroba — Está tudo combinado. E Seu Euricão?

Benona — Dormindo como uma pedra.

Caroba — Dona Margarida também já se deitou.

Benona — Você conseguiu o vestido dela?

Caroba — Ainda não, estava esperando exatamente que todo mundo adormecesse.

Benona — Qual foi a combinação com Eudoro?

Caroba — A senhora fica em seu quarto. Eu vou escutar na porta de Seu Euricão, depois na de Dona Margarida. Se eles estiverem agarrados no sono, eu tiro o vestido de Dona Margarida e vou entregá-lo à senhora. Aí destranco a porta de entrada e fico esperando Seu Eudoro. Quando ele vier, canto como jia, chamo a senhora e desapareço.

Benona — Mas não desapareça para muito longe não, está ouvindo, Caroba?

Caroba — Estou, Dona Benona, eu fico por perto. Se precisar, grite, que eu venho. Entre, se embeleze, trate Seu Eudoro com carinho e deixe o resto que eu garanto.

Benona — Então eu vou. E que Santo Antônio nos proteja, Caroba!

Caroba — Amém, Dona Benona.

Sai Benona.

Caroba — Amém, Dona Benona, porque bem precisadas andamos disso. O que eu não sei é se Santo Antônio vai querer se meter numa história dessa!

Entra atrás de algum móvel, ou biombo, e veste o vestido de Margarida, *se possível por cima do seu, para tornar possíveis mudanças rápidas. Ela abaixa as luzes, ajeita o cabelo, tudo isso enquanto vai falando e mudando a roupa.*

Caroba — Será que vai, meu santo? Acho que vai dar bem. Com a luz assim, com o cabelo ajeitado, estou uma Dona Margarida bem apreciável. E agora, meu Deus? *(Destranca a porta e escuta no quarto do velho.)* Até já, Santo Antônio, e veja lá o que pode fazer por

nós. Não estou metendo o senhor em molecagem não! Assim que Seu Eudoro entrar no quarto de Dona Benona, eu dou o alarma e ele se compromete, a simples entrada no quarto basta. De modo que leve isso em conta e trate de me ajudar. *(Sai.)*

Entra Pinhão, *com um grande saco de estopa, velho e sujo, no qual carrega a porca.*

Pinhão — Ô lírio, ô lírio, ô lírio,

ô lírio como é?
Bom almoço, boa janta,
boa ceia e bom café,
da roseira eu quero o galho,
do craveiro eu quero o pé.

Agora é assim, Santo Antônio, meu velho, "bom almoço, boa janta, boa ceia e bom café". Mas ali onde diz "da roseira eu quero o galho, do craveiro eu quero o pé", agora é assim: "da porquinha eu quero as tripas, quero pá, cabeça e pé". Sou o homem mais rico do mundo, Santo Antônio, trate de me agradar de hoje em diante. Não há como um dia atrás do outro e uma noite no meio. O velho Engole-Cobra, de tanto engolir cobra, terminou achando uma que o engolisse. Rá, rá! Plantou o roçadinho dele, mas quem arrancou o milho foi Pinhão.

Voz de Dodó — *(Fora.)* Pinhão, é você?

Pinhão — *(Trancando rapidamente a porta.)* Calma lá, Seu Dodó! Deve ser Seu Dodó! Seu Dodó o quê? Deve ser Dodó, Dodó Boca-da-Noite! Agora é assim! Espere lá, Dodó Boca-da-Noite! É melhor guardar o saco! *(Beija a porca e esconde-a no socavão.)*

Dodó — *(Fora.)* Pinhão!

Pinhão — Já vou, já vou, Dodó! Por causa de pressa, morreu Zé Apressado. Você não perde por esperar. *(Destranca a porta. Entra Dodó.)*

Dodó — Então?

Pinhão — Então o quê?

Dodó — Vai tudo bem, Pinhão?

Pinhão — Vai tudo ótimo, Dodó.

Dodó — Margarida apareceu?

Pinhão — Ai, e ela agora deu para aparecer, feito alma, foi?

Dodó — Deixe de brincadeira, viu? Cadê Margarida? Onde está Caroba?

Pinhão — Eu vou lá perder meu tempo com o que essas mulheres andam fazendo!

Dodó — O que é que você está dizendo, Pinhão?

Pinhão — Isso que você está ouvindo, Dodó!

Dodó — Você bebeu?

Pinhão — Não, mas comi!

Dodó — Comeu o quê?

Pinhão — Porca!

Dodó — Deve ter lhe feito mal, Pinhão!

Pinhão — Pelo contrário, fez um bem danado, Dodó!

Dodó — Você pode me dizer o que foi que meteu na cabeça?

Pinhão — E você pode me dizer o que é que tem a ver com isso?

Dodó — Você vai... Chi, ouvi um barulho! Esconda-se, é o velho! *(Tranca a porta de entrada.)*

Entra Euricão, *de camisão, com um candeeiro e uma pá.*

Euricão — Ai, terá sido pesadelo? Acordei com os fantasmas puxando meu pé, meu santo! Mas é preciso ir de qualquer modo, tenho que enterrar a porca. *(Sai.)*

Voltam Dodó *e* Pinhão.

Dodó — Entendeu alguma coisa?

Pinhão — Eu não lhe disse que esse velho era maluco?

Dodó — Sair a essas horas, de camisão, para o cemitério, atrás de uma porca! Que diabo de porca será essa?

Pinhão — Alguma porca que fugiu daí do quintal.

Dodó — E o velho Euricão tem lá nada para fugir, homem?

Pinhão — Então é capaz dele estar dormindo ainda. Além de todas as qualidades ruins que possui, esse peste ainda deve ser sonâmbulo!

Dodó — Pinhão, sinceramente, estou certo de que você tem alguma coisa! Você está doente!

Pinhão — Agora sou eu quem digo: cuidado! Vem gente aí e parece que é sua noiva. Ou melhor, sua madrasta. Candidata a madrasta, noiva de seu pai!

Dodó — Esconda-se, idiota! *(Escondem-se.)*

Entra CAROBA, *vestida de* MARGARIDA.

CAROBA — Tudo pronto. Agora, só falta o noivo.

DODÓ — O noivo está aqui.

CAROBA — Seu Eudoro?

DODÓ — Não, sou eu, Margarida! Sou eu, que vim me certificar de sua traição!

CAROBA — *(Trancando a porta.)* Mas Seu Dodó...

DODÓ — Não me chame assim, pelo amor de Deus!

CAROBA — O senhor não sabe de nada e veio foi atrapalhar tudo!

DODÓ — Tudo está esclarecido.

VOZ DE EUDORO — *(Fora.)* Margarida!

CAROBA — Meu Deus, é seu pai. Que é que eu faço agora, meu Deus? Com esta eu não contava! Entre aqui neste quarto, é o jeito.

DODÓ — Nunca! Vou ficar e contar tudo a meu pai!

CAROBA — Homem, quer saber do que mais? Entre e não converse mais não! *(Empurra DODÓ no quarto de MARGARIDA e tranca a porta. Enquanto fala, tira o vestido de MARGARIDA.)*

CAROBA — Santo Antônio, o senhor vai me desculpar, mas foi um imprevisto! No quarto de Dona Benona é que eu não podia empurrá-lo. Mas eu destranco já a porta!

VOZ DE EUDORO — Margarida!

CAROBA — Já vou, espere um pouco! Diabo de homem mais apressado! *(Bate no quarto de BENONA, cantando como jia.)*

CAROBA — Tia Benona! Tia Benona! Crote, crote, crote, tia Benona!

BENONA — *(Saindo.)* Ave Maria, estive em tempo de me acabar de medo!

CAROBA — Não perca tempo, que o homem está aí!

BENONA — Meu Deus!

CAROBA — Tome o vestido! Me dê o seu! Logo, mulher!

VOZ DE EUDORO — Margarida!

CAROBA — Já vou! Isto, agora fique aí e espere. Me dê a chave do quarto.

BENONA — Pra quê?

CAROBA — Não discuta mais, mulher de Deus! Vou abrir!

BENONA — Está bem, mas não saia daí! *(Entra no quarto e CAROBA tranca-a, vestindo rapidamente o vestido dela.)*

CAROBA — Nossa Senhora, eu hoje estufo de tanto mudar vestido!

VOZ DE EUDORO — *(Impaciente.)* Como é, Margarida?

CAROBA — Espere, homem, espere! *(Destranca a porta, com o vestido de BENONA.)*

EUDORO — Eu... Benona, é você?

CAROBA — *(Imitando a voz e os gestos de BENONA.)* Sou, Eudoro.

EUDORO — Margarida...

CAROBA — Margarida está dormindo. Dorme o sono profundo de sua juventude, Eudoro. E eu vim esperá-lo, como fiz tantas vezes, no tempo em que ainda nos amávamos!

EUDORO — Mas Benona, isso não fica bem!

CAROBA — Não fica bem, por quê? Você está esquecido de tudo o que aconteceu?

EUDORO — Você mesma disse que tudo aquilo estava morto e enterrado.

CAROBA — Você acha, Eudoro? Então um amor como aquele pode morrer? Você pensa que eu não vi como estava preocupado quando saiu daqui? Eu também saí com o coração sangrando, Eudoro.

EUDORO — Mas Benona... Mesmo que estivéssemos sentindo isso, agora seria tarde. Estou noivo de sua sobrinha. Por que você não me disse tudo? Agora, Margarida...

CAROBA — Deixe lá Margarida, homem de Deus! Você não vê o ridículo em que vai cair? Ela podia ser filha sua, podia ser sua nora!

EUDORO — Pensei nisso, Benona, mas você não sabe como eu me sentia solitário! Agora, estou noivo!

CAROBA — Que noivo que nada! Para mim, o que existe é nosso amor! Entre neste quarto!

EUDORO — Benona!

CAROBA — Que Benona que nada, entre e deixe de conversa!

EUDORO — Mas Benona, podem falar de nós!

CAROBA — Falar o quê? Que é que você está pensando? Que eu vou tentar contra você o que você tentou contra mim, é? Eu sou uma mulher séria, Eudoro, incapaz de atentar contra os viúvos honestos!

EUDORO — Você é incomparável, Benona, como você nunca existirá outra!

CAROBA — Então entre. Entre e tudo se explicará! *(Dá uma pancada nele, com o próprio traseiro, empurrando-o.)*

EUDORO entra no quarto. CAROBA *fecha a porta.*

CAROBA — Pronto, agora é chamar o velho. Do jeito que as coisas estão, ele terá que fazer os dois casamentos. E vamos logo, Santo Antônio, antes que seja tarde e aconteça alguma coisa, senão eu estou complicada com Nosso Senhor! *(Sai. PINHÃO sai do esconderijo.)*

PINHÃO — Que confusão mais danada é essa, meu santo? Dona Margarida e Dona Benona a trancar homens nos quartos! Aqui há alguma coisa. Vou tirar as chaves e ver se me aproveito da situação! Epa, vem gente! *(Esconde-se.)*

Entra CAROBA, *ainda com o vestido de* BENONA.

CAROBA — Onde diabo o velho se meteu? Vou abrir! Ai meu Deus, onde estão as chaves? Que é que faço, meu Santo Antônio? O jeito é gritar que tem incêndio! O povo corre e o velho vai ter que fazer os casamentos! Vou gritar, é o jeito! Ou é melhor tocar fogo nas cortinas? *(PINHÃO sai do esconderijo.)*

PINHÃO — Dona Benona, eu...

CAROBA — Você o quê, safado! Que é que está fazendo em minha casa, espionando, de noite?

PINHÃO — Alto lá, veja como fala! Pensa que eu não ouvi sua conversa aqui com Seu Eudoro não, é? Então a senhora se vira quando o povo dorme, hein?

CAROBA — O quê, moleque?

PINHÃO — É isso mesmo, Dona Benona! Mas não precisa se zangar não, eu sou de toda confiança! Pode confiar em mim, por esta boca ninguém saberá de nada! Acho perfeitamente natural que a senhora, que é livre e independente, queira se divertir um pouco! E se Dona Benona não reparasse, eu até lhe dizia uma coisa!

CAROBA — Não reparo não, Pinhão, pode dizer!

PINHÃO — A senhora pode já ter passado a primeira mocidade, mas eu lhe digo uma coisa, Dona Benona, é nesse tempo que eu acho as mulheres mais bonitas! E a senhora pode não ser mais muito moça, mas é enxuta que faz gosto!

CAROBA — *(À parte.)* Ah, safado!

PINHÃO — A senhora não estava procurando as chaves?

CAROBA — Estava!

Pinhão — Eu tirei todas duas! Pelo que a senhora disse, elas são muito importantes. Assim, a gente podia fazer um acordo. Eu lhe dava as chaves e... A senhora não repare não, mas já que estamos aqui e Seu Eudoro dormiu no ponto, a gente bem que podia entrar num acordo e fazer um amorzinho, para passar o tempo!

Caroba — Você está muito enganado! Eu estava deixando você falar, para ver até onde ia seu atrevimento! Mas vou gritar! Vou gritar e você vai se arrepender da graça!

Pinhão — Ai, a porca! Não grite não, Dona Benona! Não grite não, que eu retiro o que disse! Tome as chaves, Dona Benona!

Caroba — As chaves? Ah, não, agora quem não quer as chaves sou eu! Vou chamar o delegado! Vou gritar!

Pinhão — Pelo amor de Deus, não grite não, Dona Benona!

Caroba — Então venha para cá! Quero lhe dar uma surra por seu atrevimento!

Pinhão — Mas Dona Benona, a senhora me interpretou mal!

Caroba — Vou gritar!

Pinhão — Ai não, eu vou!

Caroba — Ajoelhe-se! Isto! Agora, tome! Tome, tome, e tome! Tome, para deixar de ser safado! Um sujeito como você, que devia dar graças a Deus por ter uma noiva como Caroba, com essas molecagens para as senhoras de respeito! Tome, safado!

Pinhão — Ai, ai, ai! Ai, Dona Benona!

Caroba — Vou parar! Mas vou por causa de Caroba, está ouvindo? Aquilo é uma santa, gosto tanto dela!

Pinhão — Eu também, Dona Benona!

Caroba — Devia gostar mais, safado! Você devia beijar os pés de Caroba todo dia, porque aquilo é uma santa! Agora, fique aí. Eu vou chamá-la.

Pinhão — Mas Dona Benona, o que é que a senhora vai dizer a Caroba?

Caroba — Não tenha medo, sua sujeira fica em segredo! Você acha que eu iria magoar aquela moça maravilhosa que gosta de você não sei mesmo por quê? Fique aí. Senão eu descubro tudo!

Pinhão — Pode ficar descansada, eu daqui não saio.

Caroba — Pois então eu vou chamar Caroba, aquela santa! *(Com Pinhão de costas, entra atrás do biombo, já tirando o vestido.)*

Pinhão — *(Só.)* Ah, arábe miserável! Em que diabo fui me meter, meu Deus? Ia perdendo a porca, por causa da mulher! Mas ela bem que valia a pena, sabe? Pode não ser mais muito moça, mas que está enxuta, isso está!

Caroba — *(Chegando para perto.)* Muito bem, senhor meu noivo!

Pinhão — Quem é? É Caroba?

Caroba — E quem mais havia de ser, canalha? Peste, miserável, traidor! Olhe o cinismo dele! Moleque, canalha! Ouvi tudo, bandido! Eu estava aqui e vi tudo, sua molecagem com Dona Benona Arábe, seus enxerimentos, sua traição! E se ao menos tivesse coragem! Mas não, levou uma surra da arábe na minha frente! Essa você me paga!

Pinhão — Mas Caroba, eu...

Caroba — Cale a boca, bem caladinha, está ouvindo? Porque agora você vai levar umas tapas!

Pinhão — Eu? Mas Caroba!

Caroba — Vai e sou eu que dou!

Pinhão — Mas eu não já levei a surra de Dona Benona?

Caroba — Aquela foi a dela, agora se prepare que lá vai a minha! *(Dá-lhe algumas tapas.)*

Pinhão — Ai, Caroba, ai Carobinha, ai Carobinha do meu coração! *(Consegue beijá-la por entre as tapas, abraça-a, Caroba vai diminuindo as tapas, retribui o beijo, depois o abraço.)*

Caroba — Safado!

Pinhão — Beleza!

Caroba — Pinhão!

Pinhão — Caroba! Agora, podemos casar! Vamos casar amanhã e você vai ser a mulher mais rica daqui!

Caroba — Mentiroso! Ai, as chaves! *(Destranca os dois quartos e entra, abraçada com Pinhão, num terceiro quarto. Dodó e Margarida saem do quarto.)*

Margarida — Está vendo? Está aberta! Graças a Deus! Você está zangado comigo, meu amor?

Dodó — Não, pelo contrário, você estava certa e eu fui quem perdi a cabeça.

Margarida — E não vai me desprezar porque eu o repeli?

Dodó — Pelo contrário, cada vez aprendo a respeitá-la mais. Eu é que devo pedir perdão a você por ter me descontrolado.

Margarida — Cuidado, vem alguém. Entre no quarto, ninguém deve vê-lo.

Dodó entra no quarto. Entra Pinhão, que tira a porca do socavão e volta com ela para o quarto. Margarida vê quando ele passa. Entra no porão e Margarida se esconde. Pinhão volta e entra no quarto em que estava com Caroba, de saco às costas. Volta Dodó.

Dodó — Quem era?

Margarida — Era Pinhão, carregando um troço nas costas. Que é que ele terá vindo fazer aqui a essas horas?

Dodó — Veio comigo, vigiar Caroba. Eu e ele, com ciúme, combinamos vir, quando Caroba destrancasse a porta!

Voz de Euricão — *(Fora.)* Ai, ai!

Dodó — Quem é? Veja na janela!

Margarida — É papai! Meu Deus, ele viu tudo!

Dodó — Por que você diz isso?

Margarida — Está com a cabeça encostada na janela de meu quarto, chorando! Certamente viu você no meu quarto! Meu Deus, estou perdida!

Dodó — Acalme-se, meu amor! Entre aqui comigo. Vamos ver se é possível apurar o que ele viu. Depois a gente sai, fala com ele e explica tudo! *(Margarida e Dodó se escondem. Entra Euricão.)*

Euricão — Ai, ai! Estou perdido, estou morto, fui assassinado! Para onde correr? Para onde não correr? Pega, pega! Mas pegar a quem? Não vejo nada, estou cego. Não sei mais para onde vou, não sei mais onde estou, não sei mais quem sou! Ah, dia infeliz, dia funesto, dia desgraçado! Que fazer agora da vida, tendo perdido aquilo que eu guardava com tanto cuidado? Roubei-me a mim próprio, furtei a minha alma! Agora outros gozam com ela, para meu desgosto e prejuízo! Não, é demais para mim! *(Cai desfalecido, chorando. Entram Dodó e Margarida.)*

Dodó — Seu Eurico!

Euricão — Quem me fala?

Dodó — Um desgraçado!

Euricão — Pois está falando com outro! Eu me tornei desgraçado por causa de um acidente funesto.

Dodó — Console-se.

Euricão — Consolar-me? Como?

Dodó — A culpa foi minha, fui eu que causei sua desgraça e vim confessar tudo!

Euricão — O quê? Quem é? Dodó? Que é que você está me dizendo?

Dodó — A verdade!

Euricão — Você! Foi você, cachorro, canalha, cobra que eu guardava em minha casa para me assassinar! Que mal tinha eu lhe feito para você me tratar assim?

Dodó — Foi ao mesmo tempo um acaso e uma necessidade, Seu Euricão!

Euricão — Acaso e necessidade! Isso pode lá justificar um ato como esse, assassino?

Dodó — Agi mal, confesso, minha falta é grave mas vim exatamente pedir que me perdoe.

Euricão — Como é que você teve coragem de tocar naquilo que não lhe pertencia?

Dodó — Espere aí! Apesar das circunstâncias serem um tanto esquisitas, o que aconteceu foi coisa sem importância! O que eu toquei nela foi muito pouco!

Euricão — O quê, canalha? Tanto assim que você tocasse em meu tesouro, seria um crime inominável! Com que direito você foi tocar naquilo que era meu?

Dodó — A culpa foi das circunstâncias. E eu não já vim pedir desculpas?

Euricão — Não gosto desses criminosos que prejudicam os outros e depois vêm pedir desculpas! Você sabia que ela não era sua, não devia ter tocado nela!

Dodó — Mas eu não já disse que o que aconteceu foi coisa tola?

Euricão — Coisa tola o quê? Você não veio confessar? E depois, de repente, começa a se desdizer, dizendo que não tocou nela! Como é, tocou ou não tocou?

Dodó — Bem, tocar, toquei, mas não foi nada que pudesse ofendê-la. Mas já que o senhor considera essa tolice um crime, por que não aceita os fatos e não me dá de vez esse tesouro?

Euricão — Como é, assassino? Você quer ficar com meu tesouro? Contra minha vontade?

Dodó — Eu não estou lhe pedindo? A coisa que eu mais desejo no mundo é ficar com ela!

Euricão — Você? Ficar com ela?

Dodó — Sim.

Euricão — Ah, não, você tem que devolver!

Dodó — Devolver? Eu não já disse que não tirei nada? Devolver o quê?

Euricão — Aquilo que me pertencia e que você tirou!

Dodó — Que eu tirei? De onde? Afinal, o que é que você quer?

Euricão — *(Irônico, amargo.)* Você não sabe?

Dodó — Você não diz!

Euricão — O que eu quero é minha porca que você confessou ter roubado!

Magarida — Ai, meu Deus, por que o senhor me insulta?

Dodó — Isso é coisa que o senhor diga? Porca por quê? Sua filha é a mais pura das moças, portou-se com toda a prudência e o senhor a trata com essa grosseria!

Euricão — Minha filha? Que é que minha filha tem a ver com isso? Que é que você está fazendo aqui, Margarida?

Margarida — Mas papai, eu não...

Dodó — Não é ela que o senhor está reclamando?

Euricão — Olhe a inocência do ladrão! O que eu quero é minha porca, cheia de dinheiro, que você confessou ter roubado!

Dodó — Uma porca?

Margarida — A porca?

Dodó — Cheia de dinheiro? Que diabo de confusão é essa? Eu seria lá capaz de roubar ninguém! Que é que o senhor está pensando?

Euricão — Ah, então nega!

Dodó — Claro que nego! Nunca imaginei que o senhor guardasse dinheiro dentro de porca nenhuma!

Euricão — *(Súplice.)* Me dê minha porquinha que você tirou do cemitério da igreja! Você a roubou, mas eu não o denunciarei e lhe dou a metade do dinheiro que ela tem dentro! A metade não, seria uma injustiça, afinal de contas, quem juntou o dinheiro fui eu, não é? Um terço é muito, você leva um quarto e me devolve o meio, como comissão por eu ter tido o trabalho. Faça o que quiser, mas me dê minha porquinha!

Dodó — Como é que eu posso lhe dar a porca se não sei onde está?

Euricão — Está bem, quem gosta de você é a polícia. Vou gritar! Acordem! Acordem! Acordem todos! Pega, pega o ladrão!

Caroba *e* Pinhão *saem do quarto.*

Pinhão — Que é isso?

Caroba — Que é isso, Seu Euricão?

Euricão — Foi esse ladrão, foi esse ladrão que entrou na minha casa para me roubar!

Dodó — Mas para roubá-lo como, se não sei nem notícia de sua porca!

Euricão — Não sabe o quê, safado! Você mesmo não disse que tinha sido a causa de minha desgraça?

Caroba — Um momento, Seu Euricão, eu sei o que foi que ele quis dizer.

Euricão — Que foi?

Caroba — Ele disse que foi a causa de sua desgraça porque comprometeu sua filha para o resto da vida. Esse tal de Seu Dodó entrou aqui, nas caladas da noite, iludiu Dona Margarida não sei de que jeito, e trancou-se com ela aí nesse quarto. Eu vi tudo!

Euricão — Ai! É verdade?

Margarida — É, papai, mas...

Euricão — Era isso que você estava confessando?

Dodó — Era.

Euricão — Ainda mais essa! Por cima de queda, coice! Canalha, safado, por que você não disse logo? Por que deixou que eu confessasse meu segredo?

Dodó — A culpa foi sua, era eu falando da filha e o senhor pensando na porca!

Euricão — Ai, a porca! Juntei dinheiro a vida inteira, para a velhice, e agora perco, num dia só, a porca e a filha!

Caroba — E vá logo se preparando para perder a irmã também, porque a situação de Dona Benona é muito difícil!

Euricão — Benona? Que há?

Caroba — Seu Eudoro resolveu matar saudades e está aí, trancado nesse quarto, com ela. Eu vou sair desta casa, porque para falar com franqueza, nunca pensei em ver tanto escândalo num dia só!

Euricão — Não é possível! Eudoro e Benona aqui!

Entram Eudoro *e* Benona.

Eudoro — É verdade, Eurico. E se você não se ofendesse, eu queria lhe pedir a mão de Benona em casamento.

Euricão — E você não já pediu?

Eudoro — Não!

Euricão — Quer me levar ao ridículo, é, Eudoro? Faz uma coisa dessas, compromete minha irmã e ainda vem com pilhérias, logo agora que ela foi roubada!

Benona — Quem, eu?

Euricão — Não, a porca! Ai, a porca!

Eudoro — Mas Eurico, eu...

Caroba — Um momento, um momento, quem fala sou eu. O senhor já se explicou com Dona Benona, não foi?

Eudoro — Foi.

Caroba — A senhora também já entendeu tudo, não foi?

Benona — Já!

Caroba — Entendeu o noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo?

Benona — O noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo!

Caroba — Então, viva! O senhor consente no casamento de Seu Eudoro com Dona Benona, não é, Seu Euricão?

Euricão — Consinto, não! Exijo! Agora, ou ele casa, ou morre! Ai, Santo Antônio, ela está perdida!

Benona — Eu?

Euricão — A porca! Mas vocês dois agora casam, e tem que ser já!

Caroba — Pois então eles casam amanhã. O senhor ganhou um grande cunhado, Seu Euricão!

Euricão — Mas perdi a porca! Ai, a porca! Ai, a porca! E ainda por cima o que aconteceu com meu patrimônio!

Pinhão — Seu patrimônio? Qual? A porca?

Euricão — Não, Margarida! Benona está garantida, mas essa aí me arranjou um genro corcunda e de boca torta, um miserável que não tem nem onde cair morto! Mas ele me paga! Mato esse miserável, quebro-lhe a cara! Tome, safado, tome! Que é isso? A barba!

Eudoro — Dodó! Você aqui?

Dodó — Sou eu, meu pai. Peço-lhe que me perdoe, mas deixei o estudo. Não havia outro jeito, eu estava apaixonado por Margarida, o senhor não queria que eu me casasse. Por outro lado, Seu Euricão só queria casá-la com um homem rico. O jeito foi esse.

Eudoro — Você deixou de estudar?

Dodó — Deixei. Ajudado por Caroba, entrei aqui, disfarçado, como empregado de Seu Euricão. Ganhei a confiança dele, fingindo que era avarento, e fui ficando até que Margarida correspondeu a meu amor e jurou casar comigo. E agora, tenho que casar, papai, porque apesar de não ter acontecido nada de mais entre nós, ninguém vai acreditar nisso.

Eudoro — Mas esse casamento assim, meu filho!

Margarida — Esse casamento assim o quê? É igual ao do senhor com tia Benona!

Eudoro — Você precisa terminar seu estudo!

Dodó — Meu pai, eu só gosto no mundo de criar boi. É a única coisa que me dá gosto. Deixe eu me casar! Se eu não casar amanhã, todo mundo vai saber a história e Margarida fica comprometida!

Eudoro — Mas ninguém vai saber de nada, meu filho! Nenhum de nós vai espalhar essa história, que eu sei!

Caroba — Quem não vai espalhar? O senhor está muito enganado, eu vou espalhar tudinho! Vi tudo, assisti tudo e não estou pronta para sofrer essas humilhações, não! Casa em que eu trabalho, tem que ser casa de respeito, nessas coisas eu sou dura!

Eudoro — Mas Caroba...

Caroba — Vou começar e é agora! Meu povo...

Eudoro — Você tem razão, é melhor que ele case. Você fica trabalhando comigo na fazenda e eu faço uma casa para você.

Dodó — Meu pai, o senhor concorda!

Eudoro — Concordo. Pensando bem, vejo que tudo terminou pelo melhor, eu com Benona, você com Margarida.

Euricão — Isso é o que você diz, mas o fato é que ela está perdida.

Margarida — Eu, meu pai?

Euricão — A porca! Ora bolas, não já disse que é a porca? Você está aí, sua tia está aí, quando eu digo *ela*, só pode ser a minha porquinha! Serei cego, por acaso? Estou vendo vocês, mas agora pergunto: e minha porquinha, onde é que está?

Margarida — Espere, meu pai, eu sei quem é que tem sua porca.

Euricão — Você? Sabe? Ave Maria, valha-me Deus! Quem é? Quem é? Quem é o ladrão, o assassino que roubou minha porquinha?

Margarida — É Pinhão, papai!

Pinhão — Eu?

Euricão — Ah, bandido, criminoso, assassino! Agora você me paga! Onde está minha porquinha? *(Agarra Pinhão pelo pescoço.)*

Pinhão — Seu Euricão, eu...

Euricão — Diz ou não diz?

Pinhão — Eu não sei nem que porca é essa!

Euricão — Então vou apertá-lo até sua alma sair pelo fiofó! Diz ou não diz?

Caroba — Mas afinal de contas, o que é isso? Pinhão roubou uma porca, foi?

Margarida — Foi.

Caroba — Pois se o barulho todo é esse, a gente paga a porca!

Euricão — E aquilo é porca que se pague, danada?

Dodó — Era aquela porca velha de madeira, Caroba! Estava cheia de dinheiro!

Euricão *agarra* Pinhão *de novo.*

Pinhão — Um momento, me solte! Vá pra lá! Eu confesso que furtei essa porca, mas o senhor não ganha nada mandando me entregar à polícia. Eu morro e não digo onde ela está! Todo mundo fala em furto, em roubo, e só se lembra da porca! Está bem, eu furtei a porca! Sou católico, li o catecismo e sei que isso não se faz! Mas onde está o salário de todos estes anos em que trabalhamos, eu, meu pai, meu avô, todos na terra de sua família, Seu Eudoro? Onde está o salário da família de Caroba, na mesma terra, Seu Eudoro? Não resta nada! Onde está o salário de Caroba durante o tempo em que ela trabalhou aqui, Seu Euricão? Seu Euricão Engole-Cobra?

Euricão — Engole-Cobra é a mãe!

Pinhão — Nós não temos nada! A coisa que a gente mais deseja na vida, eu e ela, é casar! Até agora, não pudemos. Onde está a minha porca? Ninguém diz nada! Pois bem, proponho um acordo a todos. Seu Eudoro não emprestou vinte contos a Seu Euricão? Eu entrego a porca por esses vinte contos.

Euricão — Não dou, os vinte contos são meus!

Pinhão — Então pode chamar a polícia, porque eu não entrego a porca de jeito nenhum. Ela tem cem vezes isso. Com os vinte contos posso comprar uma terrinha. Junto com a do padrinho de Seu Dodó, caso e vou fazer minha vidinha com Caroba.

MARGARIDA — Ceda, papai! Nós devemos tanto a Caroba! Deixe pelos vinte contos! Já que não tem outro jeito e a porca vale mais.

EURICÃO — Está bem, vocês querem assistir à minha morte, a meu assassinato! Pois assistam! O vale está aqui. Agora vá buscar minha porquinha, pelo amor de Deus.

PINHÃO — Não precisa ir buscar, ela está aqui.

EURICÃO — Aqui?

PINHÃO — Claro, era o último lugar do mundo de que vocês desconfiariam! Está aqui perto, no quarto, atrás de uma mala velha! *(Entra no quarto.)*

DODÓ — E eu que pensava que Pinhão era idiota!

CAROBA — Idiota por quê?

DODÓ — Porque ele só vivia dizendo ditados.

CAROBA — Pois aprenda a conhecer com quem vive, senão o senhor está desgraçado. Uma pessoa capaz de me enrolar, como ele, pode lá ser idiota, Seu Dodó?

Volta PINHÃO *com o saco.*

EURICÃO — Ah, Santo Antônio poderoso! Até que enfim você se compadeceu de seu velhinho, de seu devoto de todos os momentos e de todas as horas! Pensei que estava obrigado a escolher entre o santo e a porca! Mas Santo Antônio não podia me exigir esse absurdo! Ai, minha porquinha, que alegria apertá-la de novo contra o meu coração! Que alegria beijá-la! Ó minha esperança, ó minha vida! Agora que a encontrei não a largarei um só instante! Afastem-se, saiam de perto de mim! Agora é assim, minha porca e eu!

Afastam-se todos. A cena deve dar ideia da solidão de EURICÃO*, solidão que vai crescendo até o fim.*

EUDORO — Mas espere...

EURICÃO — Afaste-se! Saia de junto de mim!

EUDORO — Eurico, você guardou esse dinheiro muito tempo, não foi?

EURICÃO — Guardei, toda a minha vida! Quase toda a minha vida! Desde que minha mulher me deixou! Agora, posso falar nisso, pois tudo perdeu a importância diante da porca!

EUDORO — Eurico, o dinheiro não é tudo neste mundo. Você tem sua filha, tem a todos nós que agora somos sua família. Deixe de depositar toda a sua vida nesse dinheiro! Não dê tanta importância ao que não vale nada! Porque...

Eurição — Por que o quê? Que é que você quer dizer? Diga, termine!

Eudoro — Será melhor dizer mesmo, Eurico?

Eurição — Dizer o quê? Diga logo, é melhor do que me esconder alguma coisa grave. Que é?

Eudoro — Esse dinheiro está todo recolhido, Eurico! Tudo o que você tem aí não vale nem um tostão!

Eurição — Nossa Senhora, Santo Antônio! Você jura pelos ossos de sua mãe como é verdade?

Eudoro — Juro.

Eurição — Está bem, eu acredito. Foi uma cilada de Santo Antônio, para eu ficar novamente com ele. Vou então ficar sozinho, novamente. E já que tem de ser assim, quero ficar aqui. Trancarei a porta e não a abrirei mais para ninguém. Porque não quero mais ficar num mundo em que acontecem estas coisas impossíveis de prever.

Eudoro — Eurico, o mundo não se acabou por causa disso. Você perdeu seu dinheiro, mas ganhou uma experiência e uma família! Acabe com essa ideia de se enterrar vivo!

Eurição — Você pensa que está melhor do que eu? A única diferença entre mim e você, Eudoro, é que sua porca ainda está diante de seus olhos. Não, eu estou farto!

Margarida — Seu Eudoro tem razão, papai, o mundo não se acabou. Tudo pode recomeçar, o senhor vende esta casa e vai morar conosco.

Eurição — Você não está entendendo nada! E como ficaria eu? Você casa com Dodó, Benona com Eudoro, Caroba com Pinhão. Não vê que eu fico só? No meio disso tudo, com quem casaria eu?

Caroba — Com a porca. E, se ela não serve mais, com Santo Antônio!

Eurição — Estão ouvindo? É a voz da sabedoria, da justiça popular. Tomem seus destinos, eu quero ficar só. Aqui hei de ficar até tomar uma decisão. Mas agora sei novamente que posso morrer, estou novamente colocado diante da morte e de todos os absurdos, nesta terra a que cheguei como estrangeiro e como estrangeiro vou deixar. Mas minha condição não é pior nem melhor do que a de vocês. Se isso aconteceu comigo, pode acontecer com todos, e se aconteceu uma vez pode acontecer a qualquer instante. Um golpe do acaso abriu meus olhos, vocês continuam cegos! Agora vão, quero ficar só!

Eudoro — Adeus, Eurico.

Pinhão — Adeus, Eurico.

Eurição — Adeus, escravos!

MARGARIDA — Adeus, meu pai.

EURICÃO — Adeus, escravos. Saiam. Saiam todos, escravos!

CAROBA — Adeus, Seu Euricão.

EURICÃO — Adeus, escravos!

Saem todos, menos EURICÃO.

EURICÃO — Bem, e agora começa a pergunta. Que sentido tem toda essa conjuração que se abate sobre nós? Será que tudo isso tem sentido? Será que tudo tem sentido? Que quer dizer isso, Santo Antônio? Será que só você tem a resposta? Que diabo quer dizer tudo isso, Santo Antônio?

PANO.

Recife, 7 de novembro de 1957.
18 de novembro de 1957.

A PENA E A LEI

A SUA SUA ARIANO

1959

A *Pena e a Lei* foi montada pela primeira vez a 2 de fevereiro de 1960, pelo Teatro Popular do Nordeste, no Teatro do Parque, do Recife, sob direção de Hermilo Borba Filho, com cenários e figurinos de Janice, sendo os papéis criados pelos seguintes atores:

Cheiroso *Luigi Spreafico*

Cheirosa *Geninha Sá da Rosa Borges*

Benedito *José Pimentel*

Pedro *Leonel Albuquerque*

Cabo Rosinha *Clênio Wanderley*

Vicentão Borrote *Otávio da Rosa Borges*

Joaquim *Joel Pontes*

Mateus *Aloísio Carvalho*

João Benício *Fernando Selva*

Padre Antônio *Hiram Pereira*

Esta peça é dedicada a Rita, Zélia, Selma, Germana e Marcos Suassuna, agradecendo a visita que me fizeram em 1951, em Taperoá, e pedindo às três primeiras que intercedam junto aos outros dois para que eu possa participar da empresa da "Acauhan" e da gloriosa expedição à África.

A.S.

PEQUENA EXPLICAÇÃO SOBRE A PEÇA

Em 1951, escrevi e montei eu mesmo, em Taperoá, com acompanhamento musical de uma orquestra composta de três pífanos e três tambores — o "zabumba" ou "terno" de Seu Manuel Campina —, uma peça para mamulengos, um entremez popular chamado *Torturas de um Coração, ou, Em Boca Fechada não Entra Mosquito*, cujos personagens eram alguns dos "tipos" fixos do mamulengo nordestino — Vicentão, o valente, o Cabo Setenta, o "quengo" negro Benedito. Os outros dois, Marieta e Pedro, pertenciam a meu mundo sertanejo mítico — que, de certa forma, com o outro se confunde — e é por isso que foram batizados com os nomes de Pedro (Pedro de Águeda, um dos muitos "homens de caminhão" que dele fazem parte e justamente célebre, com Pierre Nogueira, Papagaio, Seu Joca Mota, Chico de Filipa) e de Marieta (a primeira "mulher fatal", terrível sedutora de homens, de que minha imaginação infantil cuidou). Com as preocupações e problemas espirituais em que andava mergulhado naquela época, a peça foi um descanso na violência, um descanso que foi proporcionado por esta outra face do caráter sertanejo, o riso.

Quatro anos depois, em 1955, escrevi o *Auto da Compadecida*, na linha religiosa do *Auto de João da Cruz* e na do riso popular do entremez de 1951, que escrevera por simples brincadeira. Tentei montar a nova peça com um grupo de adolescentes que dirigia então no Ginásio Pernambucano. Como não acertássemos na encenação e eu precisasse dar um espetáculo no dia do aniversário do colégio, escrevi, num só dia, uma outra peça em um ato, uma espécie de "facilitação" do terceiro ato do *Auto da Compadecida*, com outra história, é verdade, com outro tema e cujos personagens eram os mesmos do entremez de 1951. A peça recebeu o título de *O Processo do Cristo Negro*. Montado, porém, o *Auto da Compadecida,* ela perdeu, ao que eu pensava, o sentido, e foi-se juntar à outra na gaveta dos papéis velhos.

Aí, porém, como passasse a dirigir também um grupo de operários, reescrevi em prosa a peça de 1951, dando-lhe o novo título de *A Inconveniência de Ter Coragem*. Montei-a, com os atores fingindo de mamulengo, e tive a impressão de que aquela peça, escrita em Taperoá unicamente por diversão e para receber festivamente a visita de quatro pessoas queridas, dava um bom resultado cênico. Foi então que, procurando salvar também a outra peça, escrevi uma terceira, também em um ato, *O Caso do Novilho Furtado*, expressamente para colocá-la entre as outras duas, com os mesmos personagens, juntando as três num espetáculo só. Para isso, o Cristo, que na terceira peça era preto, como o título indica, virou branco, porque, tendo já tratado do problema da segregação

racial no *Auto da Compadecida*, não tinha mais sentido fazê-lo novamente aqui. Foi assim que *O Processo do Cristo Negro* se transformou no *Auto da Virtude da Esperança*, terceiro ato de *A Pena e a Lei*, sendo *A Inconveniência de Ter Coragem* o primeiro e *O Caso do Novilho Furtado* o segundo. Escrevi uma ligação para elas, procurei dar um sentido ao conjunto, e fiz, desse modo, uma peça em três atos.

É esta peça que se edita agora, sob sua forma definitiva.

A.S.

Primeiro Ato

O *primeiro ato de* A Pena e a Lei *denomina-se "A Inconveniência de Ter Coragem". Deve ser encenado como se se tratasse de uma representação de mamulengos, com os atores caracterizados como bonecos de teatro nordestino, com gestos mecanizados e rápidos. No segundo ato — que se chama "O Caso do Novilho Furtado" — os atores já representam num meio-termo entre boneco e gente, com caracterização mais atenuada, mas ainda com alguma coisa de trôpego e grosseiro, que sugira a incompetência, a ineficiência, o desgracioso que, a despeito de sua condição espiritual, existe no homem. Somente no terceiro ato é que os atores aparecem com rostos e gestos teatralmente normais — isto é, normais dentro do poético teatral — para indicar que só então, com a morte, é que "nos transformamos em nós mesmos" (de acordo com uma frase de Luiz Delgado). Dois personagens, porém, Cheiroso e Cheirosa, desde a introdução que se apresentam como os demais no segundo ato; e assim permanecem nos entreatos, porque nesses momentos representam, como pessoas, os donos do mamulengo. Cheiroso sugere o Cristo no terceiro ato, e Cheirosa faz a Marieta em toda a peça, pelo que a segunda representa a introdução, os entreatos e o segundo ato como meio-termo entre boneco e gente, o primeiro ato como mamulengo, e o terceiro como gente de farsa. As vozes dos personagens — numa ideia excelente que Hermilo Borba Filho teve para a encenação — também podem ser caricaturadas, podendo, por exemplo, Vicentão falar fino e o Cabo Rosinha grosso e rouco. Dos cantos adotados na peça, algumas letras são populares anônimas e outras do autor, sendo que dois "martelos" que nela figuram são baseados em versos populares do cantador Dimas Batista. No espetáculo, podem ser cantados — o que é preferível — ou somente recitados, caso se resolva deixar de lado o "terno" de tambores e pífanos e a música. Na primeira hipótese, os cantos devem ser pelo menos baseados nas "solfas" dos cantadores nordestinos. Quanto ao cenário, quando o pano abre representa um mamulengo: quatro estacas formando, no palco, um quadrilátero; pregado nelas, um pano que vai quase até o peito dos atores, com os dizeres "Mamulengo de Cheiroso — Ordem, Respeito e Divertimento". O "terno" tem atacado a introdução antes de o pano abrir. Cheiroso e Cheirosa entram, cada um por um lado do palco, dançando o xaxado. Ao mesmo tempo, os outros atores aparecem dentro do mamulengo, cantando e dançando.*

TODOS

Cadê seus homens, Maria?

Cadê seus homens, cadê?

CHEIROSA

Meus homens foram pra guerra

ou estão brincando de se esconder.

Ai! Ai!

TODOS

Cadê seus homens, Maria?

Cadê seus homens, cadê?

CHEIROSA

Meus homens foram pra guerra

ou estão brincando de se esconder.

TODOS

Ninguém sabe que marido

Marieta escolherá.

Todo mundo gosta dela.

CHEIROSA

Eu de alguém hei de gostar.

TODOS

Marieta é um problema,

CHEIROSA

quem viver é quem verá.

TODOS

Marieta é um problema,

quem viver é quem verá.

Marieta é um problema,

quem viver é quem verá.

Com a introdução terminando, os personagens abaixam dentro do mamulengo, como se fossem bonecos, e CHEIROSO *anuncia o espetáculo.*

CHEIROSO — Atenção, respeitável público, vai começar o espetáculo!

CHEIROSA — Vai começar o espetáculo!

CHEIROSO — Vai começar o maior espetáculo teatral do País!

CHEIROSA — Vai começar o maior espetáculo músico-teatral do universo!

CHEIROSO — O presente presépio de hilaridade teatral denomina-se *A Pena e a Lei* porque nele se verão funcionando algumas leis e castigos que se inventaram para disciplinar os homens. E, como era de esperar, tudo isso tem de começar por algumas transgressões da lei, pois quando se traçam normas e sanções, aparece logo alguém para transgredi-las e desafiá-las!

CHEIROSA — Pedante não, aqueles pipocos!

CHEIROSO — Cachorra!

CHEIROSA — Safado!

CHEIROSO — Sai daí! O "Mamulengo de Cheiroso" tem o prazer de apresentar…

CHEIROSA — A grande tragicomédia lírico-pastoril!

CHEIROSO — O incomparável drama tragicômico em três atos!

CHEIROSA — A excelente farsa de moralidade!

CHEIROSO — A maravilhosa facécia de caráter bufonesco soberbamente denominada…

CHEIROSA — *A Pena e a Lei*!

CHEIROSO — Isso é uma desgraça! Você não vai fazer o papel de Marieta, peste?

CHEIROSA — Ah, vou! Eu gosto! Eu gosto porque Marieta é uma mulher assim, dessas da rede rasgada, todos os homens gostam dela e eu sou louca por isso!

CHEIROSO — Então entre aí no mamulengo e deixe de conversa que o negócio vai começar! *(CHEIROSA entra no mamulengo e se oculta por trás do pano, onde se veste de boneca de mamulengo.)* Vai começar! Este primeiro ato denomina-se "A Inconveniência de Ter Coragem" e nele se demonstra, de modo insofismável, que a coragem é coisa improvável e carga pesada neste mundo de surpresas e disparates. Vai começar!

CHEIROSA — *(Erguendo-se por trás do pano.)* Vai começar!

CHEIROSO — Essa peste só vai no catolé! *(Dá-lhe um "catolé", e CHEIROSA abaixa.)* Música! Mete os peitos, maestro!

Sai. O "terno" dá o tom em ritmo de baião. Por trás do pano do mamulengo, aparecem BENEDITO e PEDRO. Daqui em diante, quando aparece MARIETA, já se sabe que é CHEIROSA, dentro do mamulengo, vestida como boneca, o que só não vale para o momento dos entreatos e do final.

BENEDITO

Sou negro, sou negro esperto,

sou negro magro e sambudo,
sou negro fino e valente,
negro de passo miúdo:
branca, morena ou mulata,
eu ajeito e enrolo tudo!

Pedro

Benedito é mesmo fino,
é mestre de geringonça:
enrola branca e mulata
com essa fachada sonsa.
Mas, com toda essa esperteza,
negro é comida de onça.

Benedito — Lá vêm as gracinhas bestas!

Pedro — Rá, rá, rá! Benedito acha graça em tudo, menos nisso! Por que será que o povo diz que onça gosta de comer negro?

Benedito — Isso é invenção desse povo ignorante! Isso me dá uma raiva!

Pedro — Calma, calma! Que é que você tinha para me dizer?

Benedito — É o negócio de Marieta, ainda!

Pedro — Você continua apaixonado?

Benedito — E que é que eu posso fazer, Pedro? A mulher tem todas as qualidades: ingrata, cruel, fingida, cheia de ternuras e de malícias, ingênua, cabotina, sincera, leal, incapaz de uma traição, falsa, traidora, bonita, sem escrúpulos… É maravilhosa! Depois que ela apareceu por aqui, vinda da serra, anda todo mundo doido!

Pedro — Menos eu! Menos eu, que não conheço a moça! Mas será que isso vai dar certo, Benedito? Pelo que você me disse, o procedimento de Marieta não é lá muito bom não!

Benedito — Deixe de ser mesquinho, Pedro! Marieta vive daquele modo, recebendo um e outro, por causa de certas circunstâncias! Estou inteiramente apaixonado!

Pedro — E ela corresponde?

Benedito — Sei lá! Como diabo eu posso saber, com aquela ingrata, aquela fera, aquela onça desapiedada e selvagem? Às vezes eu penso que sim, às vezes que não… Um inferno, um inferno!

Pedro — Mas querendo conquistá-la aqui, a sério, só tem você, não é?

Benedito — Ah se fosse! Para você ter uma ideia de minha desgraça, basta que eu lhe diga que meus rivais mais importantes são o delegado, Cabo Rosinha, e o valentão-fazendeiro, Vicentão Borrote!

Pedro — O Cabo Rangel e Seu Vicentão? Saia dessa dança, Benedito! Que é que você quer, se metendo com esses dois assassinos?

Benedito — O que é que eu quero? Quero conquistar aquela mulher, Pedro! E o pior é que os dois valentões juraram se matar, ontem, na primeira vez em que se avistassem hoje: tudo por causa dela!

Pedro — Benedito, meu filho, não repare eu perguntar não, mas você já mandou fazer os convites?

Benedito — Convites pra quê?

Pedro — Pra sua missa de sétimo dia! Meter-se numa briga desses dois é morte certa!

Benedito — Que nada! Meu plano vai dar certinho! Não é possível que eu passe o tempo ajeitando a vida dos outros e comigo dê errado toda vez. Porque parece que é um azar meu: sempre que planejo um golpe em benefício meu, dá errado. Mete-se uma falhazinha no meio e estraga o negócio. Prevejo tudo, acerto, tapo todos os buracos, mas, na hora mesmo, lá vem a falhazinha e vai tudo d'água abaixo. Mas com Marieta, você vai ver uma coisa! Você trouxe o anel e os brincos que eu encomendei?

Pedro — Trouxe, tome! Mas Zé Ourives disse que você tem que pagar até amanhã.

Benedito — Não se incomode! Qual é o preço dos brincos?

Pedro — Um conto.

Benedito — E o anel?

Pedro — Dois.

Benedito — Está bem, vou dá-los de presente a Marieta e ela será minha.

Pedro — Pode me dizer com que dinheiro você paga tudo?

Benedito — Com o dinheiro de Vicentão Borrote e do Cabo Rosinha.

Pedro — Benedito, você é um homem morto!

Benedito — Sou nada!

Pedro — Isso vai dar um defuntinho preto tão duro que Ave Maria! E outra coisa: quando estiver junto de mim, acabe com esse negócio de chamar Seu Vicentão de "Borrote" e o Cabo Rangel de "Rosinha"; uma vez, em Serra Branca, dois camaradas morreram num

dia só, por causa disso. Dizem que antes de esfaquear, eles obrigaram os atrevidos a cavarem a cova, como se faz com os Cangaceiros.

Benedito — Mas, meu filho, eu não estou lhe dizendo que vou desmoralizar os dois? Fique aqui que você vai ver.

Pedro — Não fico coisa nenhuma, não tenho vocação nenhuma para defunto! Pelo menos você está armado?

Benedito — *(Mostrando um revólver e um cacete.)* Bom, em último caso, tenho aqui esses cinco contos de "lá-vai-chumbo" e esse "birro-de-quina", esse pedaço de "Deus-me-perdoe". Mas não é preciso você se arriscar: quando o negócio estiver para estourar, eu aviso e você sai. Agora, fique e conheça Marieta.

Pedro — Ela mora aqui?

Benedito — Claro, você não notou nada? Parece até que o ar que se respira aqui é outro! *(Suspirando.)* Ah! Marieta, mulher cruel! *(Chama.)* Marieta!

Marieta — *(Aparecendo.)* Quem me chama?

Benedito — Eu, ingrata!

Marieta — Benedito, moreno de ouro! Onde andava esse ingrato, que há três dias não me aparece?

Benedito — Ah uma chapuletada com o "Deus-me-perdoe"! Você não me botou pra fora de casa, mulher? Não disse que quem gostava de negro era a onça, Marieta, mulher sem coração?

Marieta — Você não sabe que eu só insulto as pessoas de quem gosto?

Benedito — *(Descangotando.)* Ai, que com essa eu descangoto!

Pedro — Benedito, tenha mais dignidade! Um sujeito como você, ativo, inteligente, instruído, com esses gritos por causa de uma mulher! Dê-se a respeito!

Marieta — Quem é esse intrometido?

Pedro

Guio um caminhão de carga,
essa é minha profissão:
sozinho pelas estradas,
no sol ou na escuridão,
comendo o vento da noite
e a poeira do Sertão.

MARIETA

Muito bonita essa história
de trabalho e solidão,
mas nunca vi motorista
sozinho aqui no Sertão:
vai sempre uma moça ao lado,
a serviço do patrão.

(Repete os dois últimos versos e depois formaliza-se.) Então é o senhor? Como vai o senhor, Senhor Pedro?

BENEDITO — Que negócio é esse? Você conhece Pedro?

MARIETA — Conheço, vim da serra no caminhão dele, quando vim para Taperoá!

BENEDITO — Você não disse que não conhecia Marieta? Marieta conhece você!

PEDRO — Mas eu não conheço Marieta, que é que há? Tinha graça um motorista se lembrar de todas as pessoas que carrega na boleia!

MARIETA — Como é que o senhor sabe que foi na boleia, hein, Senhor Pedro?

PEDRO — Eu não sei coisa nenhuma, foi um modo de falar! Benedito, adeus! Não fico mais aqui de jeito nenhum!

Abaixa dentro do mamulengo.

MARIETA — Fugiu! Que é que ele tem, Benedito?

BENEDITO — Você ainda pergunta? Soube da briga que está para estourar aqui e está com medo de Vicente Borrote e do Cabo Rosinha!

MARIETA — Você soube? Eles, ontem, juraram se matar, se se avistassem hoje. E Vicente, meu Deus, com aquele gênio!

BENEDITO — *(Eriçado.)* Você gosta dele, Marieta?

MARIETA — Lá vem a besteira, a gente não pode nem falar noutro homem!

BENEDITO — Por que é que você o recebe todo sábado?

MARIETA — Porque gosto de conversar com ele, para ouvir as valentias! Ele já matou mais de dez, Benedito! Mas isso não quer dizer que eu goste de Vicentão, não, eu não recebo o Cabo Rangel também? E você? Eu recebo você mais do que a todo mundo!

BENEDITO — Então você gosta de mim?

Marieta — Lá vem a besteira! "Gosta de Vicentão? Gosta de Rangel? Gosta de mim?" Arre lá, a toda hora é isso! Como eu sofro! Ninguém me compreende! Ninguém gosta de mim!

Benedito — Marieta, não diga uma coisa dessa, minha flor! Eu sou louco por você!

Marieta — Você é louco por mim: e o que é que adianta isso? Se ao menos você se destacasse! Por enquanto você não passa de comida de onça! Se ao menos você fosse valente!

Benedito — Se eu fosse valente? Marieta, é preciso que você saiba que eu sou o sujeito mais valente de Taperoá!

Marieta — É nada! Valente mesmo, aqui em Taperoá, só tem Vicentão e o Cabo Rangel!

Benedito — E o que é que você me diz se eu desmoralizar os dois na sua frente?

Marieta — Bem, aí eu acho que ninguém poderia mais dizer que você é comida de onça! Mas você tem coragem de topar o delegado, Benedito?

Benedito — Minha filha, com esse pedaço de "Deus-me-perdoe" na mão, eu não tenho medo de homem nenhum! Você duvida eu chamar esse delegado de "Rosinha", na sua frente, Marieta?

Marieta — Meu Deus, você teria coragem?

Benedito — E então? Era o que faltava, um meganha safado daquele se meter com a mulher que eu adoro! Você vai ver uma coisa! Eu sou assim, calmo, ponderado, mas quando me espalho, o negócio fede!

Marieta — Pois então eu vou saindo, o negócio vai começar a feder!

Benedito — Que há?

Marieta — O Cabo Rangel vem saindo da delegacia!

Benedito — Pois é agora que eu vou mostrar quem é Benedito a esse tal de Cabo Rosinha!

Marieta — Não chame o delegado de "Rosinha" não, Benedito! Você morre!

Benedito — Não chamo? Ora não chamo! Chamo! Chamo, pra desmoralizar! Rosinha, Rosinha, Rosinha!

Marieta — Meu Deus, vai haver sangue!

Benedito — Meu gênio é assim, calmo, ponderado, mas quando me espalho… Rosinha, Rosinha, Rosinha…

Marieta — Ai!

Abaixa, com medo. Benedito *vai baixando a voz à medida que o Cabo se aproxima, e, ao mesmo tempo, vai entrando numa canção, para disfarçar.*

Benedito

…Rosinha, Rosinha é o…

Pau-pereiro, pau-rosinha,

pau-d'arco e manjericão.

Pau-rosinha, pau-rosinha,

rem-rem-rem meu coração.

Pau-pereiro, pau-pereiro,

pau de minha opinião,

todo pau floresce e cai,

só o pau-pereiro, não.

Ó, Senhor Delegado, Senhor Cabo Rangel, como vai o senhor, como vai essa simpatia? Está bonzinho? Como vai a família?

Rosinha — Vá pra lá, moleque! Quem gosta de você é a onça! Vá pra lá, senão vai pra chave!

Benedito — Calma, Seu Cabo! Que é isso, o senhor, uma autoridade, que deveria se manter sereno, um militar, um homem guerreiro, fazendo confusão só porque eu lhe perguntei pela família? Isso é uma regra de civilidade e cortesia, Seu Cabo!

Rosinha — Você hoje termina dormindo na cadeia! Aqui preocupado, com a cabeça cheia de problemas, ainda me aparece um moleque desse para criar confusão!

Benedito — Ai, é mesmo, eu nem me lembrei! Vicentão Borrote, aquele assassino, jurou matá-lo! Com uma ameaça dessa, quem é que não se preocupa!

Rosinha — O quê? Você quer insinuar que a autoridade está com medo? A autoridade não tem medo de coisa nenhuma, Benedito! Você se desgraça, Benedito!

Benedito — Desculpe, Seu Cabo!

Rosinha — Isso é seja com quem for, com você ou Vicentão: a autoridade é homem para topar qualquer parada! Mato um, esfolo, rasgo, estripo, faço o diabo!

Benedito — Eu sei, Seu Cabo! Aliás, todo mundo sabe o gênio que vocês dois têm. O pessoal está todo comentando: "Quando Vicente Borrote se encontrar com o Cabo Rosinha…"

Rosinha — *(Aberturando-o.)* Com o cabo o quê, moleque?

Benedito — Ai, Seu Cabo, pelo amor de Deus, não me mate não! É o pessoal que diz, Seu Cabo, não sou eu não! Ai, não me mate não, Seu Cabo!

Rosinha — O safado que eu pegar me chamando de "Rosinha" morre, está ouvindo?

Benedito — Mas não sou eu não, é o pessoal! O pessoal é quem diz: "Quando Borrote se encontrar com o Cabo, ou corre um ou vai haver sangue."

Rosinha — Corre? E eles acham que vai correr um, é?

Benedito — É, eles dizem: "Vicentão corre!"

Rosinha — Rá, rá, rá! Vicentão corre, hein?

Benedito — É, e os outros respondem: "Nada, quem corre é o Cabo Rosinha!"

Rosinha — Deixe de intimidade, viu? Deixe de intimidade pra meu lado!

Benedito — E tudo isso por causa de Marieta, hein?

Rosinha — Deixe de intimidade, viu?

Benedito — Que é isso, Seu Cabo, está me desconhecendo? Deixe de frieza, eu conheço os recantos mais íntimos desse coração militar!

Rosinha — Você conhece, Benedito?

Benedito — Conheço, Seu Cabo! E sei o bálsamo que um amigo atento e dedicado pode oferecer a um coração ameaçado e solitário!

Rosinha — *(Abandonando-se ao apoio.)* Ah, Benedito, como sofro!

Benedito — É possível? O senhor? Uma autoridade?

Rosinha — As autoridades também sofrem, Benedito! E o pior é ter que suportar minhas mágoas em silêncio! Não tenho um confidente, uma pessoa amiga a quem pedir conselho! Vão logo dizer que a autoridade está se desmoralizando!

Benedito — Em mim, o senhor tem dois ouvidos atentos e uma boca muda, às ordens da autoridade.

Rosinha — Minha situação é dolorosa! Por ter que topar Vicentão Borrote, não, isso até me diverte, rá, rá! Mas Marieta é tão cruel, que eu não sei nem se ela gosta de mim ou dele!

Benedito — Pois eu sei, de fonte segura, que ela gosta do senhor, Cabo Rosinha!

Diz o apelido à parte, para experimentar, e vai subindo o tom até dizê-lo de cara ao Cabo.

Rosinha — É nada, Benedito!

Benedito — Foi ela mesma quem me disse, Cabo Rosinha!

Rosinha — Foi nada, Benedito!

Benedito — Por tudo quanto é sagrado! Puxei o assunto e ela confessou, Cabo Rosinha!

Rosinha — Benedito! Você é um moleque de ouro! E o que foi que ela disse de mim, Benedito?

Benedito — Ela disse: "Eu simpatizo tanto com o Cabo Rosinha!"

Rosinha — Ai, meu Deus!

Benedito — Descangotou, Seu Cabo?

Rosinha — Ai que é o amor! E o que é que eu vou fazer agora? Me declarar?

Benedito — É pouco.

Rosinha — Casar?

Benedito — Aí é muito.

Rosinha — E o que é que eu faço, então?

Benedito — Dê um presente a ela. Que acha destes brincos? Zé Ourives me deu pra eu vender. Eles custam um conto, mas só posso lhe vender por dois.

Rosinha — Por quê?

Benedito — Foi um favor que lhe fiz. Andei investigando e descobri que Vicentão Borrote está morrendo de medo, doido para sair dessa briga. Fui conversar com ele, insinuei que talvez você lhe desse um conto, e ele ficou inclinadíssimo a desistir, tanto de Marieta como da briga. Entendeu meu plano? Você me dá dois contos. Com um, eu pago os brincos, você presenteia Marieta e ela está no papo. Dou o outro a Vicentão, ele cai fora, e fica desmoralizado, porque todo mundo vai dizer que ele correu com medo de você!

Rosinha — Rapaz, se isso der certo!... Você acha que dá?

Benedito — Acho, não, tenho certeza! De uma vez só, você resolve o amor e a briga!

Rosinha — Então vamos tentar, não? É melhor mesmo, se a gente pode evitar a briga... Por mim não, mas Marieta pode ficar assustada, não é? Tome lá os dois contos e me dê os brincos.

Benedito — Agora, tem uma coisa, Rosinha: se Vicentão avista você dando os brincos a Marieta, é capaz de haver sangue!

Rosinha — Por quê? Ele não quer desistir?

BENEDITO — É, mas o acordo não foi selado, e, assim, pode ser que ele não goste. Procure uma pessoa valente e de confiança e mande entregar por ela, é mais seguro! Agora, veja a quem confia, porque entrando muita gente na história, o negócio do acordo se espalha e vai tudo d'água abaixo. Fico por aqui. Até logo, Rosinha!

ROSINHA — Espere! Benedito, entregue os brincos a Marieta!

BENEDITO — Está doido, Rosinha! Vicentão me mata, e, ainda por cima, vão dizer que eu sou seu leva-e-traz!

ROSINHA — Se algum safado disser isso, meto na cadeia! Me faça esse favor, pela amizade que me tem!

BENEDITO — Bem, por uma questão de amizade…

ROSINHA — Então entregue e diga a Marieta que eu quero vê-la. Você diz?

BENEDITO — Digo. Mas saia! Saia, Rosinha! Borrote apareceu na ponta da rua!

ROSINHA — *(Pondo-se de costas.)* Eu não vi, eu não vi nada, é por isso que não cumpro meu juramento de matá-lo! Eu podia ficar para resolver tudo de vez, mas isso ia ser um aperreio muito grande para Marieta! Assim, é melhor evitar a briga: se é ele que corre! Ele vem pelo lado de cá?

MARIETA *aparece por trás deles.*

BENEDITO — Vem.

ROSINHA — Então eu saio pelo lado de lá!

BENEDITO — *(Enquanto ROSINHA abaixa.)* Saia, Rosinha! Puxe por ali! Rosinha! Safado! Meganha! Eu não digo? Um meganha desse, metido a valente pra meu lado! Puxe por ali, safado!

MARIETA — Mas, Benedito, não é que você é valente mesmo? Cheguei no fim, mas ainda ouvi você chamar o Cabo de "Rosinha"!

BENEDITO — Ah, minha filha, e eu não tinha dito que ia chamar?

MARIETA — E vocês brigaram?

BENEDITO — Nada, foi coisa pouca! Ele se meteu a besta pra meu lado, eu dei-lhe uns catolés aqui com o "Deus-me-perdoe", e depois disse: "Puxe por ali, meganha!" Mas espere: tenho que guardar aqui um certo dinheiro. *(Separando as notas.)* Um conto é minha comissão. O outro é para pagar os brincos a Zé Ourives.

MARIETA — O que foi que ouvi você dizer, Benedito? Uns brincos?

Benedito — Sim, trouxe uns brincos de presente para você. Mas não sei se você aceita presente de um "comida de onça" pouco destacado como eu!...

Marieta — Que pouco destacado que nada, Benedito! Você provou que tem raça, chamando o delegado de "Rosinha"! Deixe ver os brincos! Ai que beleza! Mas será que posso usá-los?

Benedito — Quem iria impedir? Rosinha eu já desmoralizei!

Marieta — E Vicentão? Ai, meu Deus, lá vem ele!

Benedito — Mas, Marieta, você com medo de um Borrote daquele?

Marieta — Benedito, não chame Vicentão de "Borrote" não, que ele mata você na minha frente!

Benedito — Ah, chamo! Chamo pra desmoralizar! Borrote, Borrote, Borrote!

Marieta — Minha Nossa Senhora, vai haver sangue!

Benedito — Meu gênio é assim, calmo, ponderado, mas quando me espalho... Borrote, Borrote, Borrote...

Marieta — Ai! *(Abaixa.)*

Benedito

...Borrote... Borrote... Borrote é o...

Pau-pereiro dá barrote,

dá barrote e dá mourão.

Todo pau floresce e cai,

só o pau-pereiro, não.

Pau-pereiro, pau-pereiro,

pau de minha opinião:

todo pau bom dá barrote,

só o pau-pereiro, não.

Ó, Senhor Vicentão, senhor fazendeiro, como vai essa simpatia? Está bonzinho? Como vai a família?

Vicentão — Vá pra lá, moleque! Eu hoje amanheci azeitado! Do jeito que estou, não quero nem que olhem pra mim! Vá logo ficando de costas, viu? Olhou pra mim hoje, morre!

Benedito — Mas o senhor, azeitado e de mau humor, exatamente quando pode desmoralizar o Cabo Rosinha e ficar com Marieta, de uma vez, sem precisão de briga?

Vicentão — Hein?

Benedito — Não sei se o senhor sabe que eu sou o confidente de Marieta! Ela me fez certas confidências!

Vicentão — Ah, foi? E o que é que ela pensa, Benedito, sobre… Bem, sobre a beleza da vida, sobre… Eu não gosto de falar nessas coisas não, que eu encabulo! Mas o que é que ela pensa, por exemplo… Rim, rim, rim! Que é que ela pensa sobre… o amor?

Benedito — Ah, ela me disse que está apaixonada, Borrote, e que era pelo homem valente daqui.

Vicentão — Nossa Senhora! Só pode ser por mim, você não acha, Benedito?

Benedito — Acho, Borrote!

Vicentão — O quê, Benedito?

Benedito — Vicente, você não repare não, mas eu tenho esse vício. Quando gosto de uma pessoa, só sei tratar pelo apelido!

Vicentão — Mas comigo não, você se desgraça! Mas você falou aí em resolver a questão e arranjar Marieta sem briga, foi? Como?

Benedito — Por três contos eu arranjo tudo. Está vendo este anel? Zé Ourives me deu para eu vender, e Marieta disse que o homem que lhe der esse anel conquista o coração dela.

Vicentão — E ele custa três contos? Zé Ourives tinha falado em dois!

Benedito — O outro é para dar ao Cabo Rosinha. O cabo está doido para não brigar: insinuou que, por um conto, deixa Marieta de lado. Com a fama de valente que você tem, todo mundo vai pensar que ele correu com medo de você. Ele fica desmoralizado, você dá o anel e Marieta está no papo.

Vicentão — Você acha que vale a pena?

Benedito — Eu acho! Agora, você que gosta de briga, talvez prefira beber o sangue do delegado!

Vicentão — Não, tome! Não é que eu queira enjeitar briga não, mas, assim, é melhor evitar essa agonia a Marieta. E o anel?

Benedito — Amigo Borrote, é melhor você pedir a uma pessoa para entregar. O acordo não está feito ainda: se o delegado avistar você dando o anel a Marieta, vai haver sangue! Tome, até logo!

Vicentão — Benedito! Você não podia me fazer esse favor?

Benedito — Está doido? O Cabo Rosinha me mata e, ainda por cima, vão dizer que eu sou seu leva-e-traz!

Vicentão — Faça isso pela amizade que me tem!

Benedito — Bem, por uma questão de amizade ao velho Borrote... Mas tem uma coisa: o delegado vem ali.

Vicentão — Eu não vi! Eu não vi nada! O que eu jurei foi matar o delegado se avistasse o delegado, mas eu não avistei o delegado!

Aparece Marieta *por trás deles.*

Benedito — Então aproveite e corra enquanto é tempo!

Vicentão — O quê, Benedito? Você está pensando que eu tenho medo? Vicentão velho é peia, Benedito!

Benedito — Benedito também é peia, Borrote!

Vicentão — Vicentão é sangue, Benedito!

Benedito — Benedito também é sangue, Borrote!

Vicentão — Vicentão é raça, Benedito!

Benedito — Benedito também é raça, Borrote! Mas o delegado vem ali!

Vicentão — Então eu saio por aqui!

Benedito — *(Enquanto Vicentão abaixa.)* Vá, vá logo! Puxe por ali! Safado! Borrote! Ai, Marieta, você estava aí?

Marieta — Mas, Benedito, como você é valente!

Benedito — Ora, deixe isso de lado! Eu sou valente só com os homens, para você sou o mais manso, o mais generoso, o mais apaixonado dos namorados! Para os homens, sou uma fera, para você sou como um borrego e digo como o poeta cearense:

Deixa-me, triste cuidado,

da minha lembrança voa.

Deixa esquecer essa ingrata,

essa fera, essa leoa.

Ai! Mas espere, deixe ver a partilha: um conto, comissão, dois, para o anel.

Marieta — Anel? Que anel?

BENEDITO — Vendo a acolhida que você deu aos brincos, trouxe este anel que combina com eles. Tome!

MARIETA — Benedito querido! *(Beija-o.)*

BENEDITO — *(Frio.)* Obrigado.

MARIETA — Mas, Benedito, que frieza! Inda agora, bastava uma palavra mais carinhosa minha e você só faltava arriar dos quartos!

BENEDITO — Meu bem, agora não tenho tempo para essas coisas não! Amor a toda hora enfastia, enche, e eu estou decidindo uma parada de vida ou de morte! Saia, Rosinha vem ali!

MARIETA — Ai, meu Deus, Vicentão volta já! Será que vai haver sangue?

BENEDITO — Deixe de fricote e obedeça! Saia, saia!

MARIETA *abaixa e* ROSINHA *aparece.*

ROSINHA — E então? Falou com ele? O que foi que ele disse? Quer desistir? Você deu o dinheiro?

BENEDITO — Calma, Rosinha! Borrote recebeu o dinheiro e marcou um encontro aqui.

ROSINHA — *(Amarelo.)* Um encontro? Com quem?

BENEDITO — Ora com quem, com você, queria bem que fosse comigo? Mas fique descansado, o que ele quer é acertar as condições da desistência. Um pouco antes das seis horas, o sacristão não dá um toque de aviso, com uma batida no sino?

ROSINHA — Dá.

BENEDITO — Foi a hora que Borrote marcou. Assim que ele der o primeiro toque, você sai da delegacia e se encontra com ele aqui. Ele está assombrado, doido para sair dessa briga!

ROSINHA — *(Com medo, gago.)* Se é assim, eu venho. E Marieta? Que foi que ela disse dos brincos?

BENEDITO — Quer ter uma entrevista com você, mas só depois de ver Borrote desmoralizado. Entendeu? Espere a primeira batidinha do sino e venha.

ROSINHA — Nossa Senhora da Conceição dos Militares nos ajude para tudo dar certo!

Abaixa e VICENTÃO *aparece, de costas, cuidadoso.* BENEDITO *dá-lhe um tapa nas costas.*

BENEDITO — Pou!

Vicentão — Ai! *(Recompõe-se.)* Benedito, nunca mais faça isso! Você escapou de morrer! Que foi que Marieta disse do anel?

Benedito — Disse que vai ter um encontro, sozinha, com você, mas só depois que o delegado estiver desmoralizado!

Vicentão — Você não disse que ele desistia?

Benedito — E é o que ele vai fazer. Antes das seis horas, o sacristão não dá um toque de aviso, com uma batida no sino?

Vicentão — Dá!

Benedito — E depois não dá o da Ave-Maria, às seis horas?

Vicentão — Dá!

Benedito — Pois quando ele der o segundo toque, venha pra cá, que o Cabo Rosinha estará esperando, para acertar a desistência. Entendeu? Primeiro toque, atenção, segundo toque, vem pra cá. Com o delegado desmoralizado, Marieta será sua! Saia, e que Deus o ajude em seu encontro!

Vicentão — Amém, Benedito, amém! Nossa Senhora do Bom Parto nos ajude pra tudo dar certo!

Abaixa e Pedro *aparece.*

Pedro — Era Vicentão?

Benedito — Era! Viu? O mundo é dos espertos, Pedro! E desta vez não haverá nenhuma falhazinha para atrapalhar! Que horas são?

Pedro — O sacristão passou para a igreja.

Benedito — Então está na hora! Marieta!

Marieta *aparece.*

Marieta — Benedito, é você? Houve sangue? Não lhe aconteceu nada?

Benedito — Que é que podia me acontecer, meu bem?

Marieta — E os dois? Brigaram?

Benedito — E eu dei tempo? Quando o negócio ia começar, eu me meti no meio e desafiei os dois, de uma vez, para um duelo de morte comigo!

Marieta — Meu Deus, e onde vai ser isso?

Benedito — *(Dramático.)* Aqui, diante de sua porta, depois do toque da Ave-Maria! Quero matá-los diante de você, ou então morrer vendo seu rosto, meu amor!

MARIETA — Mas, Benedito, pelo amor de Deus! Você vai brigar com os dois de uma vez?

BENEDITO — Vou, por que não? Eles não estão disputando a mulher que eu adoro?

MARIETA — Benedito, você vai morrer! E por minha causa, meu Deus, na minha porta!

BENEDITO — Não tenha medo, você não correrá perigo e é o que basta para mim! Ficará com você este amigo fiel, que a protegerá enquanto eu enfrento a morte!

MARIETA — Pedro! Mas Benedito…

BENEDITO — O sacristão subiu na torre! Saiam imediatamente!

Empurra os dois, que abaixam, fazendo ele o mesmo. Batidas de sino. Aparece ROSINHA, *com um revólver na mão, trêmulo de pavor.*

ROSINHA

Meu Deus, eu lhe juro não ser mais valente,
não mais bancar brabo dentro da cidade,
vou dar pra rezar e fazer caridade,
batendo no sino e curando doente.
Eu deixo esta vida de cabra insolente
se o tal do Borrote não me assassinar.
Já sinto um negócio na perna esquentar,
que eu não sou de briga, que eu não sou de nada,
aqui, desgraçado, com a calça melada,
com a calça breada na beira do mar!

BENEDITO *aparece por trás dele, com um chapéu de abas largas igual ao de* VICENTÃO, *e encosta um revólver nas costas do* CABO, *imitando a voz do outro.*

BENEDITO — Rosinha, não se mexa não, que morre!

ROSINHA — Não me mexo não, Seu Vicentão! Ai, Seu Vicentão, não me mate não pelo amor de Deus!

BENEDITO — É o que eu vou decidir! Você vai me esperar ali, na igreja! Se tentar fugir, morre! Quando eu der um assovio, volte, jogue o revólver no chão e se ajoelhe, esperando a sentença. E você vai deixar Marieta de lado, viu?

ROSINHA — Eu obedeço, mas tenho uma condição!

BENEDITO — O quê, atrevido?

ROSINHA — Pelo amor de Deus é coisa pouca! Eu vou lhe confessar uma coisa: tenho horror à violência e sou louco pelas flores! Pelo meu gosto, eu vivia plantando flores, ao luar: rosas, cravos, bogaris, angélicas, dálias... Por vaidade, me meti nesta vida e nesta briga, foi tudo vaidade! O senhor não tem um pé de bogari no terreiro de sua fazenda?

BENEDITO — Tenho.

ROSINHA — Pois bem: eu obedeço a tudo. Mas o senhor não conta nada a ninguém, deixa eu viver e me dá o pé de bogari. Está certo?

BENEDITO — Bem, se eu resolver não matá-lo, não conto nada e o bogari será seu. Vá, saia!

ROSINHA abaixa e BENEDITO também. Toques de sino. VICENTÃO aparece, também tremendo, com um revólver na mão.

VICENTÃO

Minha vocação é criar passarinho,
cuidar do alpiste e limpar a gaiola:
canário, xexéu e campina-patola,
concriz, curió e o salta-caminho;
cardeal, patativa, tiziu, verde-linho,
eu crio se dessa puder escapar!
Chegou o momento de eu me confessar:
eu quero é cuidar de um viveiro bonito,
com pombo, asa-branca e com caga-sibito,
pulando e cantando na beira do mar!

BENEDITO aparece por trás dele, com quepe igual ao do CABO, e encosta-lhe o revólver nas costas.

BENEDITO — *(Rouco.)* Borrote, não se mexa não, que morre!

VICENTÃO — Ai, Seu Delegado, pelo amor de Deus, não me mate não!

BENEDITO — É o que eu vou resolver! Você vai me esperar ali, junto do açougue. Estou de olho aberto, se tentar fugir, leva um tiro na barriga! Quando eu der um assovio, venha se entregar. Jogue o revólver no chão e se ajoelhe. E tem uma coisa: Marieta agora é minha!

VICENTÃO — Eu obedeço! Mas me diga uma coisa: o senhor não tem um galo-de-campina na delegacia?

Benedito — Tenho.

Vicentão — A única coisa que me interessa no mundo é criar passarinho! Foi por vaidade que me meti nessa briga. Eu obedeço! Mas o senhor não conta nada a ninguém e me dá esse galo-de-campina!

Benedito — Pois vá! Se eu resolver não matá-lo, não conto nada e o galo-de-campina será seu. Saia, antes que eu me arrependa!

> Vicentão *abaixa.* Benedito *tira o quepe, dá um assovio e abaixa. Os dois valentes entram, cada um por um lado, dão um grito, jogam os revólveres no chão e se ajoelham, um de costas para o outro.* Benedito *aparece, apanha os revólveres e fica entre os dois, com um revólver em cada mão. Aparecem* Marieta *e* Pedro*, por trás.*

Vicentão e Rosinha — Ai!

Benedito — Vou matar esse cabra safado!

Vicentão e Rosinha — Ai!

Rosinha — Ai, não me mate não, pelo amor de Deus! Marieta é sua, pode ficar com ela, eu quero é meu pé de bogari!

Vicentão — Seu pé de bogari? Marieta, é? Eu não já disse que você pode ficar com ela? Eu quero é meu galo-de-campina!

Rosinha — Seu galo-de-campina? Marieta, é? Pode ficar com ela, eu quero é meu bogari!

Benedito — Então vou matar você!

Vicentão e Rosinha — Ai!

Vicentão — Ai, não me mate não! Deixe eu viver, pra criar meu galinho-de-campina! Eu juro que não quero nada com Marieta, essa mulher não me interessa, quero é meu galo-de-campina! *(Como menino.)* Quero meu galo-de-campina!

Rosinha — Ah, não, Marieta é sua e o bogari é meu! Quero lá saber de mulher! Quero meu bogari!

Vicentão — Está muito enganado, a mulher é sua e o galo-de-campina é meu!

Rosinha — Isso não, fique com aquela desgraça e me dê o bogari que você me prometeu!

Benedito — Você vai morrer, e quem vai matar sou eu!

Vicentão e Rosinha — Ai!

Rosinha — Ai, minha Nossa Senhora!

VICENTÃO — Misericórdia, pelas cinco chagas de Cristo!

MARIETA — Muito bem! Então são esses os dois valentes de Taperoá! Aí ajoelhados, inteiramente desmoralizados por Benedito!

VICENTÃO — Por Benedito? Como?

BENEDITO — Assim, com o revólver na cara de vocês dois! Falem aí, pra ver se não conto a todo mundo o cagaço de vocês!

VICENTÃO — Não era você não, Rosinha?

ROSINHA — Não!

BENEDITO — Tratem de calar a boquinha, viu? Se essa história se espalha! Os dois valentões aqui, ajoelhados, pedindo misericórdia!

MARIETA — E, ainda por cima, negociando a namorada, feito turco! Não estou pra isso não, viu? Vocês vão vender a mãe! E puxem todos dois por ali!

BENEDITO — Até à vista, Borrote! Junte seu galo-de-campina com o bogari de Rosinha e sejam felizes! *(Os dois saem, estendendo o punho a* BENEDITO.*)* Bem, agora nós, Marieta! Fiz isso tudo por você e lhe dei uma amostra de minha coragem. Posso alimentar alguma esperança?

PEDRO — Benedito, aconteceu um acaso verdadeiramente infeliz. Eu tinha sido noivo de Marieta, mas abandonei-a e ela se entregou a essa vida, aqui. Nós estávamos brigados, mas você mandou que eu ficasse aqui com ela, e, você sabe, naquela confusão…

BENEDITO — Não! Não é possível!

PEDRO — Naquela confusão, a gente se reconciliou. Agora, vou tomar a bênção a minha mãe e volto pra casar com ela.

BENEDITO — Mas Marieta!

MARIETA — Benedito, é o jeito: se Pedro não aparece, eu terminava me casando com você. Mas Pedro apareceu!

PEDRO — Você não disse que todo plano seu dava numa falhazinha que acabava o resto?

BENEDITO — Disse.

PEDRO — Desta vez, a falhazinha fui eu!

Abaixam PEDRO *e* MARIETA.

BENEDITO — Não tem jeito não, essa vida é um fiofó de vaca!

Cai desmaiado sobre o pano do mamulengo. CHEIROSO *e* CHEIROSA *entram pelo palco, dançando e cantando.*

CHEIROSO

A vida traiu Rosinha,
traiu Borrote também.
Ela trai a todos nós,
quando vamos, ela vem,
quando se acorda, adormece,
quando se dorme, estremece,
que a vida é morte também.

CHEIROSA

Os três procuraram tanto
sua coragem provar!
Perdeu-se a pouca que tinham
e a mulher pra completar.
Provei que é inconveniente
ter a fama de valente,
difícil de carregar!

FIM DO PRIMEIRO ATO.

Segundo Ato

Com um pouco de música, a mesma da abertura — caso se adote o "terno" —, e com o pano fechado, entram os donos do mamulengo. Dentro, o pano e as estacas do mamulengo devem ter sido retirados. O cenário deve ser o mais simples possível: uma porta solta ou outra qualquer coisa desse tipo, para indicar a delegacia.

CHEIROSO — Na primeira peça mostrada, presenciaram alguns homens em sua ocupação habitual de disputar as mulheres e enganar os outros.

CHEIROSA — Também, meu filho, modéstia à parte, com uma dessa não há quem resista!

CHEIROSO — Os atores fingiram de bonecos, porque a história foi escrita com esse cunho popular do mamulengo nordestino. Agora, porém, representarão como gente, mas imitando bonecos, para indicar que, enquanto estivermos aqui na Terra, somos seres grosseiros, mecanizados, materializados. Tire o mamulengo, Cheirosa!

CHEIROSA — Ah, eu não sou lambaio de circo não! Tire você!

CHEIROSO — Vá logo, peste!

Dá-lhe um catolé.

CHEIROSA — Bem, se é assim com delicadeza, eu vou!

Entra pela abertura do pano.

CHEIROSO — Muito bem, com alguns dos atores já vistos, mostraremos: letra *a*: que os homens têm que viver com medo da polícia e do inferno; letra *b*: que, se não houvesse a justiça, os homens se despedaçariam entre si; letra *c*: que existem casos em que a justiça acerta seus julgamentos…

CHEIROSA — *(Com a cabeça fora do pano.)* E letra *d*: que esse sujeito é um chato!

CHEIROSO — Entra, lambaia! *(CHEIROSA desaparece.)* Vai começar a história de julgamento e justiça denominada *O Caso do Novilho Furtado*. Fogo, Seu Manuel Campina!

Sai por um lado do palco e o pano abre. Dentro da delegacia, com a porta fechada, ajeitando o chão com um pano ou vassoura, está JOAQUIM.

JOAQUIM

Atirei, não atirei,

atirei, caiu no chão.

Atirei naquela ingrata
na raiz do coração:
fui julgado e absolvido,
mas não sei por que razão.
Se furtei, se não furtei,
ninguém pode decidir:
não há porta que resista
ou que não se possa abrir;
não há ninguém que não caia:
a questão é persistir.

Entra MATEUS *e fala de fora da delegacia.*

MATEUS — Joaquim! Joaquim!

JOAQUIM — *(Indo à porta.)* Você por aqui na delegacia a essa hora, meu irmão? Que há? Atiraram em você?

MATEUS — Não!

JOAQUIM — Você atirou em alguém?

MATEUS — Não. Mas Seu Vicente Borrote vem por aí dar uma queixa de mim. Diz ele que eu roubei aquele novilho dele, filho de "Garça"!

JOAQUIM — Um assim cabano, branco, meio selado, das orelhas arriadas?

MATEUS — Não, é um novilho malhado, meio espácio, que manqueja da mão direita. É filho de Garça com Cacheado, aquele touro de Seu Dantas. O Cabo Rosinha está aí?

JOAQUIM — Não, foi à rua.

MATEUS — Então fique aí e veja se impede Seu Vicentão de falar com o delegado antes de mim. Eu vou buscar Benedito: ele é esperto e já foi vaqueiro de Seu Vicentão. Conhece as manhas dele e assim pode ser que dê um jeito nisso.

Sai. JOAQUIM *tranca rapidamente a porta, que dá para a rua.* VICENTÃO *entra e para diante da delegacia.*

VICENTÃO

Uma vez eu peguei um cabra forte,
um valente assassino e dei-lhe um talho,

dei-lhe um soco na amarra do chocalho
que o Sul do sujeito virou Norte;
com a minha peixeira dei-lhe um corte,
transformei em mulher esse rapaz:
pus a banda da frente para trás,
pus a banda de trás bem para a frente.
Desde então falou fino esse valente:
se tiver quem duvide, eu faço mais!

JOAQUIM *(Dentro da delegacia.)*

Esse velho é safado e é um dos chefes
dos ladrões de cavalo do Sertão;
caloteiro, avarento e mau patrão,
só merece porradas e tabefes;
esse velho é da marca "quatro efes":
feio, frouxo, fuleiro e fedorento.
Fede mais que plastrada de jumento,
fede mais do que bode ou pai-de-lote,
fede mais do que fundo de garrote,
fede mais que sovaco de sargento.

VICENTÃO — *(Batendo na porta.)* Cabo Rosinha! Cabo Rosinha! É Vicentão!

JOAQUIM — *(De dentro.)* Seu Vicentão? O senhor está procurando Seu Vicentão, é? Espere aí que eu vou chamar.

VICENTÃO — Vai chamar? Que é isso rapaz? Quem está aqui é Vicentão! É Vicentão!

JOAQUIM — Espere, que homem apressado danado! Eu não já disse que vou chamar Seu Vicentão?

VICENTÃO — Eu quero falar é com o delegado, o Cabo Rosinha!

JOAQUIM — O delegado não está aqui não, saiu.

VICENTÃO — E ele demora?

JOAQUIM — Eu acho que demora, ele foi ao Ceará!

VICENTÃO — E por que você não disse logo, idiota?

JOAQUIM — Porque o senhor não perguntou!

VICENTÃO — Olhe, seu cachorro, quando o Cabo Rosinha voltar do Ceará, você me paga essa: vou exigir que você seja demitido!

Vai saindo, mas encontra-se com ROSINHA, que vem entrando.

ROSINHA — O que é que há, Vicentão?

VICENTÃO — Você aqui, Cabo Rosinha? Você não tinha ido para o Ceará?

ROSINHA — Eu?

VICENTÃO — Esse camarada que está aí na delegacia disse que você tinha ido!

JOAQUIM, por dentro, tira a chave da porta e sai pelos fundos da delegacia, saindo de cena pé ante pé.

ROSINHA — Que absurdo é esse? Joaquim! Joaquim!

JOAQUIM *(Aparecendo pela rua e cantando, inocente.)*

Atirei, não atirei,
atirei, caiu no chão.
Atirei naquela ingrata
na raiz do coração:
fui julgado e absolvido
mas não sei por que razão.

Chamou, Seu Cabo?

ROSINHA — De onde vem você, homem?

JOAQUIM — Da rua. Fui ao bar, tomar um cafezinho!

VICENTÃO — É mentira! Agora eu entendo tudo: só podia ser você! Esse camarada foi morador meu e é irmão do meu vaqueiro Mateus! Isso só pode ser mentira sua! O que há, Cabo Rangel, é que meu vaqueiro Mateus, irmão desse sujeito, me roubou um novilho e eu vim dar queixa, para ver se, na cadeia, ele descobre tudo.

ROSINHA — Bem, Vicentão, uma acusação assim, sem fundamento, sem um fato bem seguro, sem nada mais, fica muito no ar. Você chega todo frio, não se abre, não mostra boa vontade… Como é que eu posso saber se a acusação é verdadeira?

VICENTÃO — Eu sou um fazendeiro, uma pessoa de certa ordem, e minha palavra não pode se trocar pela de meu vaqueiro! Além disso, eu tenho uma testemunha!

ROSINHA — Quem é?

VICENTÃO — João Benício, aquele cantador.

ROSINHA — Como é o nome do vaqueiro?

VICENTÃO — Mateus, aquele ladrão!

ROSINHA — Mateus de quê?

JOAQUIM — Mateus das Cacimbas, mas ele não é ladrão coisa nenhuma, é meu irmão!

VICENTÃO — E o que é que tem uma coisa a ver com outra? Ele pode ser ladrão e ser seu irmão. Aliás, a ruindade é de família!

ROSINHA — Mas onde está a testemunha?

VICENTÃO — Vou buscá-lo. Esse novilho eu não perco de jeito nenhum e aquele ladrão me paga! *(Sai.)*

ROSINHA — Então seu irmão se virando com o gado do patrão, hein, Joaquim?

JOAQUIM — Isso é mentira de Seu Vicentão, Seu Cabo! Seu Vicentão é mentiroso e amarrado, mas o defeito pior dele é aquela amarração, aquela avareza! Seu Vicentão é incapaz de gastar um tostão com uma pessoa!

ROSINHA — *(Decepcionado.)* É assim, é?

JOAQUIM — Se é? O senhor não viu como ele chegou aqui todo frio, todo sem se abrir, todo sem mostrar boa vontade? Aquilo era com medo que o senhor pedisse alguma coisa a ele. Agora pergunto: que é que custava ele dar um dinheirinho ali à autoridade?

ROSINHA — Nada!

JOAQUIM — Mas Seu Vicentão Borrote é assim, não solta nada! Mas aí vem meu irmão! Olhe mesmo, Seu Cabo, e me diga se uma pessoa dessa pode roubar ninguém! Veja que carneiro gordo ele traz! Para que será, meu Deus?

Entram BENEDITO *e* MATEUS, *este puxando um carneiro.*

ROSINHA — O senhor é que é o vaqueiro Mateus das Cacimbas?

BENEDITO — Rosinha, Rosinha velho! Como vai essa figura? Como vai essa figura da coragem e da honestidade?

ROSINHA — *(De mau humor.)* Bem!

Benedito — Ave Maria, que modos indelicados! Está esquecido do seu amigo Benedito? Está esquecido da minha generosidade, silenciando certas histórias que não ficam bem etc. etc. para a fama de coragem etc.?

Rosinha — Benedito, vá entrando e vá mandando! Alguma dificuldade? Algum problema com você?

Benedito — Não, mas meu amigo Mateus, aqui, está sendo caluniado de maneira vergonhosa!

Rosinha — Eu sei: Vicente Borrote diz que ele lhe furtou um novilho!

Benedito — Rosinha velho, esse mundo é tão complicado que nele é quase impossível descobrir o que é verdade e o que não é. Você não vai prender um cidadão honesto sem ter certeza do roubo!

Rosinha — Sim, mas é preciso provar que ele não roubou!

Benedito — Vamos pelos indícios! Mateus sempre foi honesto: nunca ninguém soube de roubo feito por ele.

Rosinha — É sempre tempo de começar!

Benedito — Na família dele nunca houve um ladrão!

Rosinha — Na de Lampião também nunca houve, mas ele mesmo roubava que só a peste!

Benedito — Mateus não cria bois, só cria bodes e carneiros. Aliás, ele trouxe esse carneiro e quer dá-lo a você, para os presos pobres de Taperoá.

Rosinha — Agradeço pelos pobres presos de Taperoá! Obrigado, meu caro Mateus! Pode contar com a imparcialidade da justiça a seu favor! O que está ruim é que Vicentão Borrote arranjou uma testemunha contra você!

Benedito — Então está empate, porque eu arranjei outra a favor dele!

Rosinha — Quem é?

Benedito — Padre Antônio.

Rosinha — Pois vá buscá-lo, Joaquim! Vá e volte, para ajudar seu irmão a sair dessa situação, humilhante e provavelmente injusta, em que ele se encontra!

Sai Joaquim *e entram* Vicentão, João Benício *e* Marieta, *que é, como sempre,* Cheirosa.

Marieta

Ai o chamego da menina,

oxente, oxente,
e ela dança e se requebra,
oxente, oxente,
e dá de banda e dá de frente,
oxente, oxente,
é um chamego indecente,
oxente, oxente,
e lagartixa come gente,
oxente, oxente,
e urubu dança com a gente,
oxente, oxente!

JOÃO

E eu vim pra ser depoente,
oxente, oxente,
ai, que o réu está presente,
oxente, oxente,
esse sujeito é delinquente,
oxente, oxente,
eu digo ao Cabo e ao Tenente,
oxente, oxente,
e Marieta é conferente,
oxente, oxente,
e no chamego ela é valente,
oxente, oxente!
Oxente, oxente!
Oxente, oxente!

VICENTÃO — Meu caro Rosinha...

ROSINHA — Rosinha o quê? Que intimidade é essa para o lado da autoridade?

VICENTÃO — Mas, Cabo Rangel, eu...

ROSINHA — Você pensa que, pelo simples fato de ser rico, eu vou protegê-lo, é? Está muito enganado! O costume, agora, é esse: um fazendeiro quer botar um morador pra fora, acusa logo o pobre de roubo, para facilitar a expulsão! Mas a autoridade não pode, nem quer, ser cúmplice desses abusos! Roubou, está certo! Não roubou, o acusador fica preso!

VICENTÃO — Minha Nossa Senhora, o que foi que deu nele?

MARIETA — Foi Benedito! Ele trouxe aquele carneiro para o cabo! É preciso dar dinheiro também!

JOÃO — O costume é dizer que é para os presos pobres.

VICENTÃO — Seja, se é preciso! Meu caro Cabo Rangel, tenho observado a verdadeira penúria em que se encontram os presos pobres de Taperoá!

BENEDITO — *(Preocupado.)* Danou-se!

VICENTÃO — Gostaria de lhe dar quinhentos mil-réis para ajudá-los. Tome!

ROSINHA — *(Depois de receber.)* Muito bem, senhores, a autoridade está pronta! Absolutamente imparcial, disposta a esclarecer se houve *engano* da parte do senhor fazendeiro Vicente Gabão, ou se houve *algum descuido* da parte do honrado cidadão, vaqueiro Mateus das Cacimbas!

BENEDITO *(A MARIETA.)* — Essa você me paga, peste!

MARIETA — Você não me deixou?

BENEDITO — Oi, você não estava noiva? Onde anda o noivo, que não aparece?

MARIETA — Está na casa da mãe!

BENEDITO — Minha testemunha chegou!

Entram PADRE ANTÔNIO *e* JOAQUIM. *O padre é velho e surdo.*

VICENTÃO — Padre Antônio, disseram aqui que o senhor vai testemunhar contra mim!

PADRE ANTÔNIO — Contra a mãe? A mãe de quem?

VICENTÃO — Contra mim! Vai?

PADRE ANTÔNIO — *(Apontando MATEUS.)* A favor dele!

ROSINHA — O senhor tem alguma coisa a dizer em favor de Mateus?

PADRE ANTÔNIO — Mateus? Conheço, é esse aqui!

ROSINHA — Mas ele roubou o novilho?

Vicentão — Roubou, João Benício viu!

Benedito — Você viu Mateus roubar o novilho, João?

Marieta — Não, mas viu quando ele passou, tangendo o novilho!

Benedito — Não se meta não, viu?

Marieta — Eu não vi porque estava de costas, mas João viu!

Benedito — Você estava com ela, João?

João — Estava, foi na quinta-feira.

Benedito — Em que dia você vem trazer gado aqui, Mateus?

Mateus — Na quinta.

Vicentão — É, e foi na quinta que desapareceu meu novilho! E foi na quinta que João viu esse ladrão passar com ele!

Benedito — De que cor era o novilho que você viu Mateus tangendo, João?

João — Era malhado!

Benedito — Com mais malhas brancas do que pretas, ou com mais malhas pretas do que brancas?

João — Com mais brancas.

Benedito — Não era o contrário não, João?

João — Eu sei lá! Quem disse a você que eu medi as malhas?

Benedito — Mas você tem certeza de que era um novilho malhado de preto e branco?

João — Ah, isso tenho!

Benedito — Então pode soltar o preso, Seu Cabo, porque o novilho de Garça é malhado de castanho e branco!

Vicentão — Você já vem com suas confusões!

Benedito — Quem está com confusão é você, que, num caso de novilho castanho, trouxe uma testemunha de novilho preto!

Vicentão — João pode ter se enganado!

Rosinha — Você tem certeza de que as malhas eram pretas, João?

João — Não, claro que não!

Marieta — Ele podia lá prestar atenção a essas coisas com uma mulher como eu perto! Sabe que o novilho era malhado, mas, se as malhas eram castanhas ou pretas, não reparou direito!

Benedito — Se não reparou direito, como é que vem servir de testemunha?

Vicentão — Como é, João? Você viu mesmo ou não viu?

João — Vi!

Benedito — E como é que não sabe a cor das malhas?

João — Já disse que não sei! Estava de longe e vi somente que era um novilho malhado!

Benedito — Estava de longe? Onde foi que você viu Mateus?

Marieta — Na rua.

Benedito — Tangendo o novilho?

Marieta — Sim, como quem ia para a casa do Doutor Abdias, na estrada do Teixeira!

Benedito — Calma! Se foi assim como Marieta disse, foi na Rua Grande. Como é que você viu Mateus de longe, se a rua é estreita, João? Mesmo que ele tivesse passado na outra calçada, era coisa de uns quinze metros. Ora, ninguém tange gado pela calçada, ele deve ter vindo pelo meio da rua. Quantos metros dá na sua tabuada, Cabo Rosinha?

Rosinha — Uns cinco!

Benedito — Certo! Dava pra ver perfeitamente: o novilho, as malhas, tudo!

Marieta — Mas não foi na rua não, foi na praça!

Benedito — Na praça? Afinal de contas, onde era que vocês estavam?

Marieta — No sobrado de Seu Tagi.

Benedito — Em cima ou embaixo?

Marieta — Embaixo.

Benedito — Oi, embaixo? Embaixo é o bar de Seu Sebastião!

João — Pois era lá mesmo, no bar, que a gente estava, eu, Marieta e uns camaradas, conversando. Nisso, fui olhando para o lado do Correio, e vi quando Mateus passou, tangendo um novilho malhado!

Vicentão — Está vendo?

Benedito — Eu não estou vendo coisa nenhuma, se João estava no bar, estava bêbado!

João — Eu?

Benedito — Vocês estavam bebendo ou não?

João — Estávamos, mas eu estava com meu juízo perfeito!

Benedito — João, gosto muito de você, gosto muito de ouvir você cantar na viola! Mas tenho que lhe ser franco: você bebe!

Marieta — E o que é que tem isso?

Benedito — Nada, minha filha, mas, para testemunha, não serve. Bebida é o diabo!

Vicentão — Você vai se desmoralizar assim, João? Benedito está dizendo que você é um bêbado!

Benedito — Disse somente que ele bebia, é muito diferente! E não vejo desmoralização nenhuma nisso, eu também bebo!

Vicentão — E como é que está aqui falando? Seu defeito é o mesmo dele!

Benedito — Mas acontece que eu não sou testemunha! A testemunha de Mateus é Padre Antônio, e você não vai dizer que ele bebe! Está aí: é a palavra de um que bebe contra um que não bebe, um cantador contra um sacerdote!

Rosinha — Padre Antônio! O que nós queremos saber do senhor é o furto do novilho!

Padre Antônio — Do novilho? Furtado por quem?

Benedito — Diz Borrote que foi por Mateus.

Padre Antônio — É mentira, Mateus não furtou novilho nenhum!

Rosinha — Como é que o senhor sabe?

Padre Antônio — Benedito me disse, não foi na quinta-feira o furto?

Joaquim — Foi.

Padre Antônio — Então não foi Mateus não, tenho certeza!

Benedito — Aí está: a palavra de um homem de bem, de um sacerdote, de um padre que é um modelo de virtude!

Vicentão — Você não disse que foi engano de João? Pois o mesmo digo eu do padre!

Benedito — Padre Antônio é bêbado, é?

Vicentão — Não, mas é mouco e está ficando caduco!

Benedito — Padre Antônio, Vicente Borrote está dizendo que o senhor é mouco e caduco!

Padre Antônio — O quê, Borrote?

Vicentão — O que disse foi que o senhor está velho!

Padre Antônio — Mais velho do que eu é sua mãe! *(Gesto de Vicentão.)* E, no entanto, é uma senhora de bem! O defeito dela só foi parir um cachorro como você, mas isso acontece!

Benedito — Essa foi a maior, rá, rá, rá! Esse padre sempre foi dos meus: bondoso, virtuoso, mas engraçado como o diabo!

Joaquim — E ele sabe a história do novilho!

Benedito — Está ouvindo, Padre Antônio? O novilho foi roubado na quinta-feira, aqui, e estão dizendo que foi Mateus!

Padre Antônio — Não pode ter sido não: na quinta, Mateus passou o dia comigo, em São José dos Cordeiros!

Benedito — Que foi que ele foi fazer lá, Padre Antônio?

Padre Antônio — Foi se confessar e ficou me ajudando num enterro de caridade.

Vicentão — Olhe lá! Qual era o pecado que ele tinha na consciência, mesmo no dia em que o novilho desapareceu? Por que ele foi se confessar?

Benedito — Eita! *(Persigna-se.)* Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém!

Padre Antônio — O que foi?

Benedito — É Borrote que quer que o senhor descubra o que Mateus confessou! Quer obrigar o senhor a desrespeitar o segredo de confissão!

Padre Antônio — O quê, herege? Vocês podem me matar, que eu não digo!

Vicentão — Isso é uma desgraça!

Padre Antônio — O que eu digo, sustento; ele estava em São José dos Cordeiros! Agora, dizer o que ele confessou, isso nem morto!

Benedito *(Com a música da "gemedeira".)*

E assim fica provado
que Mateus nunca roubou.
O ladrão não está aqui,
Seu Borrote se enganou:
ladrão, Vicente Borrote,
ai-ai, rum-rum!
é a mãe de quem chamou!

Rosinha — É, o caso parece resolvido, Vicentão! Você mesmo sabe que Padre Antônio é incapaz de mentir!

Marieta — Eu também sei, mas como é que João viu Mateus passar aqui, na quinta-feira, tangendo um novilho?

Benedito — Digo já, quer ver uma coisa? Que dia do mês foi aquela quinta, João?

João — Eu sei lá!

Benedito — E quanto do mês é hoje?

João — Sei lá!

Benedito — Está vendo? Você é um poeta, vive no mundo da lua! Você viu mesmo Mateus tangendo um novilho. Só tem que nem foi nessa quinta-feira, nem era o filho de Garça!

João — Terá sido engano mesmo, minha Nossa Senhora?

Rosinha — É, Vicentão, com a palavra de Padre Antônio...

Vicentão — Está tudo muito bem! Padre Antônio é um santo, João bebe, Mateus é incapaz de fazer um furto, todo mundo tem razão! Agora só tem uma coisa: onde está o novilho malhado?

Benedito — O novilho?

Vicentão — Sim, seu trapaceiro! Meu novilho existia: desapareceu e você provou que ele não foi roubado! Então me diga: onde está ele?

Benedito — Morto!

Vicentão — Quem matou?

Benedito — Seu Biu Buchudo, do açougue! A essas horas, deve estar passeando pelas tripas de todos nós!

Vicentão — Com ordem de quem mataram meu novilho?

Benedito — Sua e da Prefeitura!

Vicentão — Você está louco! Eu nunca mandei o filho de Garça para o açougue!

Benedito — Mandou! O novilho era malhado, filho de Garça: Mateus recebeu ordem sua para trazê-lo para o açougue e trouxe!

Vicentão — Quando?

Benedito — Na quinta-feira!

João — Na quinta?

Benedito — Sim, você tem razão, foi Mateus quem passou na quinta, tangendo o novilho!

João — Está vendo? Poeta, uma ova!

Rosinha — Mas, espere: Padre Antônio não disse que ele estava em São José dos Cordeiros?

Benedito — Foi engano do padre, isso foi na outra quinta! Fui eu que meti na cabeça do padre que tinha sido na desta semana! Como ele está velhinho, se atrapalhou!

Vicentão — Está vendo? Foi tudo trapaça desse moleque!

Benedito — Calma, viu, Vicentão? Deixe de brabeza pra meu lado, que eu já sei quem é você, viu? O fato é que eu precisava de uma autoridade para impressionar, senão ninguém ouviria Mateus. Mas o que ele fez foi cumprir sua ordem: trouxe o novilho e mandou matar!

Vicentão — Eu morra se mandei matar esse novilho!

Benedito — A licença e o recibo estão aqui, Mateus tirou uma certidão na Prefeitura! Está vendo, Vicentão? Está vendo, Cabo Rosinha? Está tudo em ordem ou não? "Um novilho malhado, filho de Garça e Cacheado, pertencente a Vicente Gabão". Estão vendo? Estão vendo como são as coisas? Vicentão pensou que o novilho vendido tinha sido roubado: enganou-se! João viu Mateus passar com o novilho; com um pouquinho de areia que eu joguei nos olhos dele, duvidou do que tinha visto: enganou-se! Padre Antônio esteve com Mateus numa quinta, pensou que fosse na outra: enganou-se! E o Cabo Rosinha acreditou nele, só porque era um padre: enganou-se! Pensem um pouco nisso antes de julgar os outros, e, sobretudo, antes de acusar alguém de roubo com tanta leviandade!

Vicentão — Guarde sua moral para outro, viu?

Marieta — Você vem comigo, João?

João — Vou, "Rói-Couro" é comigo! Benedito, aqui pra nós, essa foi a maior!

Marieta, lava teus beiços!

Marieta

Eu não, que meu beiço dói!

João

Pois passa banha de porco!

Marieta

Eu não, que a barata rói!

Ambos

Eu não, que a barata,

eu não, que a barata,
eu não, que a barata rói!
Eu não, que a barata,
eu não, que a barata,
eu não, que a barata rói!

JOÃO

Marieta, lava teu bucho!

MARIETA

Eu não, que meu bucho dói!

JOÃO

Pois passa banha de porco!

MARIETA

Eu não, que a barata rói!

AMBOS

Eu não, que a barata,
eu não, que a barata,
eu não que a barata rói!
Eu não, que a barata,
eu não, que a barata,
eu não, que a barata rói!

JOÃO

Marieta, espicha o pixete!

MARIETA

Eu não, que ele arde e dói!

JOÃO

Pois passa banha de porco!

MARIETA

Eu não, que a barata rói!

AMBOS

Eu não, que a barata,

eu não, que a barata,

eu não, que a barata rói!

Eu não, que a barata,

eu não, que a barata,

eu não, que a barata rói!

Saem, com VICENTÃO.

JOAQUIM — Muito bem! Tudo está resolvido, e o cabo convida a todos para um cafezinho na delegacia!

PADRE ANTÔNIO — Um café? E o furto?

JOAQUIM — Não houve furto nenhum, Padre Antônio: ficou tudo esclarecido!

PADRE ANTÔNIO — Eu não disse? Viu o que foi um depoimento? Você deve sua liberdade a mim, Mateus! Venha, Cabo Rosinha, vamos ao café!

JOAQUIM, ROSINHA *e o* PADRE *entram na delegacia.*

MATEUS — Benedito, obrigado! Você me salvou da cadeia!

BENEDITO — Eu? Que nada! O que salvou você foi a licença!

MATEUS — Terá sido mesmo? A certidão é de hoje, mas você olhou a data da licença, Benedito?

BENEDITO — *(Boquiaberto.)* É do ano passado! Que história é essa? Aqui não diz que é um novilho malhado, filho de Garça e de Cacheado?

MATEUS — Diz. Todos os filhos de Garça com Cacheado são malhados! Eu me lembrei que Seu Vicentão tinha mandado um deles para o açougue no ano passado, fui à Prefeitura e tirei, com data de hoje, certidão da licença do ano passado.

BENEDITO — Quer dizer que o novilho furtado foi outro filho de Graça, também malhado?

MATEUS — Foi!

BENEDITO — E você teve coragem de trazer como prova uma licença atrasada?

MATEUS — Era melhor do que não trazer prova nenhuma, não era? Eu resolvi arriscar! A data da certidão era de hoje: no meio da confusão que você ia fazer, era bem possível que ninguém visse que a licença era do ano passado! E foi o que aconteceu!

BENEDITO — Você podia ter, pelo menos, me avisado, miserável!

Mateus — Se eu tivesse avisado, você teria sangue-frio pra tudo aquilo?

Benedito — Acho que não!

Mateus — Está vendo? Era preciso um, para fazer a confusão, e outro, para saber a história! Felizmente, tudo terminou bem.

Benedito — É, tudo terminou bem! Mas agora, eu pergunto, como Borrote: e onde está o novilho malhado?

Mateus — Sei lá! Deve estar perdido por aí, extraviado em algum cercado! Perde-se tanta coisa por esse mundo velho, Benedito!

Benedito — É mesmo! Até gente, quanto mais novilho!

Voltam Joaquim, Padre Antônio *e o* Cabo Rosinha.

Rosinha *(Na solfa do "martelo".)*

Eu pegando um valente, ele faz tudo:
se eu mandar que se espante, ele se espanta;
se eu mandar que ele cante, dança e canta;
se eu mandar que não ouça, fica surdo;
se eu mandar que não fale, fica mudo;
sou distinto, decente, autoridade!
Garantia da lei nesta cidade,
ladroeira comigo vai na peia:
quando dou um tabefe, a queda é feia,
sempre ao lado do bem e da verdade!

Padre Antônio *(Idem.)*

Esse homem foi comer manga-jasmim:
mas com tanta ganância e alvoroço
que, na pressa, engoliu mesmo o caroço!
Mas disse a todo mundo: "é bom assim"!
Logo a dor apertou: ele achou ruim,
bem num pé-de-parede fez escora.
Espremeu-se, lutou bem meia-hora

e botou tanta força que tossiu:

o certo é que o caroço escapuliu,

mas o fundo da calça voou fora!

Rosinha — Muito bem, Seu Mateus, de outra vez trate de ser mais cuidadoso! Anote as ordens do patrão, peça tudo por escrito! Você ia se desgraçando por falta de um documento. Se não fosse a certidão, hein?

Benedito — É o que eu vivo dizendo: uma certidão, é sempre uma garantia!

Rosinha — O povo fala das repartições, mas o fato é que os documentos servem pelo menos para provar as coisas! Que garantia e que ordem haveria no mundo, sem isso?

Mateus — Quer dizer que estou livre! Então, adeus! Meu irmão, até à vista e obrigado!

Benedito — Vou com você, Mateus!

Saem Benedito *e* Mateus.

Rosinha — Que coisa, hein, Padre Antônio? Ia botando um inocente na cadeia! Mas eu já estava desconfiado da inocência dele!

Padre Antônio — Ah, foi? Por quê?

Rosinha — Com essa profissão minha, a gente termina conhecendo os criminosos e os inocentes pela cara. Mateus tem cara de tudo, menos de ladrão!

Padre Antônio — Você está enganado, ele roubou!

Rosinha — O novilho?

Padre Antônio — Um carneiro! Aquele carneiro que ele deu a você foi furtado de Vicente Borrote. Você olhou as orelhas do carneiro?

Rosinha — Não.

Padre Antônio — A direita está assinada com o sinal de Mateus, um buraco-de-bala. Mas a esquerda foi cortada, para apagar o de Vicentão, que é uma "mossa por cima", em forma de V. Cortaram, mas aparece ainda um pedaço, o finzinho do corte.

Rosinha — Não é possível!

Padre Antônio — Pode ter certeza, meu filho: de outra coisa pode ser que não, mas de sinal de orelha eu entendo! Aquele, eu tenho certeza que teve sinal mudado!

Rosinha — E como é que Vicentão não notou?

Padre Antônio — Com sentido no novilho que não tinha sido furtado, deixou de prestar atenção ao carneiro que tinha! Você está na obrigação de esclarecer o caso e devolver

o carneiro!

Rosinha — Ah, não! Assim tem que começar tudo de novo! Devolver meu carneiro, era o que faltava!

Padre Antônio — E sua obrigação não é essa? Se é preciso começar, comece e deixe de conversa! Adeus, Cabo Rosinha: tenho o que fazer, vou indo. *(Sai.)*

Rosinha — Você ouviu? O que é que acha desse negócio do carneiro?

Joaquim — Eu, se fosse o senhor, deixava isso de lado! Padre Antônio está é caduco!

Rosinha — É exatamente o que eu estava pensando: isso é caduquice, não tem pra onde! Eu é que não vou me meter onde não fui chamado! A queixa que recebi foi de novilho, de carneiro, não! E, se não houve queixa de carneiro, é porque não há furto de carneiro. Diga a seu irmão que pode ficar descansado!

Joaquim — E se o padre bradar, Seu Cabo?

Rosinha — Ah, que nada! O padre, a essa hora, já está esquecido: está inteiramente caduco, o pobre do velho!

Joaquim — Pois, então, Seu Cabo, aproveito para me despedir do senhor. Vou para Campina, cansei de ficar aqui aguentando seca. Eu tinha resolvido ir, hoje Seu Joca me deu a passagem no caminhão dele e resolvi aproveitar. Adeus, Seu Cabo!

Rosinha — Adeus, Joaquim! Quando você voltar, eu lhe pago o que lhe devo!

Sai. Entra Benedito.

Benedito — Joaquim, Padre Antônio disse que o cabo queria falar de novo com Mateus. Inda é por causa do novilho?

Joaquim — Não, agora é um carneiro! Diz ele que esse carneiro que vocês trouxeram foi furtado de Seu Vicentão Borrote. Terá sido?

Benedito — Homem, quer saber do que mais? Nós estamos entre amigos, de modo que posso dizer: foi mesmo! Mateus precisava dar alguma coisa ao cabo, senão seria preso! Aí pensou assim: "Se foi Borrote que deu a queixa, Borrote que financie o processo." Aí passou a mão no carneiro e trouxe para dar ao cabo. Estamos certos?

Joaquim — Demais! E diga a Mateus que pode ficar tranquilo: o cabo, para não devolver o carneiro, disse que tudo era caduquice do Padre Antônio!

Benedito — Eu só lamento é termos feito tanta força para terminar dando lucro ao Cabo Rosinha! Se ao menos o carneiro tivesse ficado pra você…

Joaquim — Bem, se seu desgosto é esse, pode ficar descansado: eu não tive prejuízo nenhum; vou para Campina e tenho com que começar minha vida lá! Vou-me embora

antes que descubram!

BENEDITO — Que descubram o quê?

JOAQUIM — Quem roubou o novilho malhado fui eu!

BENEDITO — O quê, homem?

JOAQUIM — Deus escreve certo por linhas tortas!

BENEDITO — Mesmo quando a linha torta é um roubo de novilho malhado?

JOAQUIM — Quem sabe, Benedito? Seu Vicentão me botou pra fora da terra dele e não quis me pagar nem a meia do algodão que eu deixei lá! Na quinta, o novilho malhado apareceu por aqui, desgarrado, certamente acompanhando o outro que você vinha trazendo para o açougue: eu dei uma volta por trás do Correio, tangi o bicho e vendi a uns boiadeiros de São João do Cariri que passaram pela estrada. Assim, cobrei o preço do meu algodão. Seu Vicentão Borrote moveu esse processo, mas perdeu e eu não tive que pagar nem as custas, porque vocês se encarregaram de tudo e o carneiro foi dele!

BENEDITO — Quer dizer que tudo terminou se engrenando e a justiça foi feita…

JOAQUIM — É verdade! Por engano e à força, mas o fato é que terminou se fazendo. Adeus!

BENEDITO, tendo dado as costas para ele, JOAQUIM, num gesto de palhaço de circo, encosta o traseiro no do amigo.

BENEDITO — Oi, e adeus agora é assim, é?

JOAQUIM

Depois da justiça feita
meu amigo é meu irmão.
A paz se restabelece
a ordem volta no mundo
e tem que ser desse jeito:
coração com coração!

Saem. Entram CHEIROSO e CHEIROSA, dançando e cantando.

CHEIROSO

Vida esquisita esta nossa,
justiça limpa, a do mundo!
Diz-se do mar que ele é claro:

ninguém sabe a cor do fundo.
Chamei a peça de “Caso”:
mas foi esse um nome *raso*,
precisava um mais profundo!

CHEIROSA

Se cada qual tem seu crime,
seu proveito, perda e dano,
cada qual seu testemunho,
se cada qual tem seu plano,
a marca, mesmo, da peça
devia ter sido essa
de *Justiça por Engano*!

FIM DO SEGUNDO ATO.

Terceiro Ato

O *cenário pode ser o mesmo do Segundo Ato, ou então apenas a rotunda que lhe servia de fundo. Com o pano ainda fechado, aparecem* Cheiroso *e* Cheirosa.

Cheiroso — Muito bem, respeitável público! Afinal de contas, seja pela porta da frente, seja por portas travessas, o fato é que a justiça se faz! E se é possível ver isso agora que nós somos cegos, quanto mais depois, quando tivermos bons olhos para enxergar! É de certa forma o que quero dizer, ao anunciar que, agora, vamos representar como gente! E, modéstia à parte, desta vez eu entro diretamente no jogo para representar o papel do Cristo!

Cheirosa — Deixe eu fazer o papel dele, deixe!

Cheiroso — Eu não digo! Você não é mulher, Cheirosa?

Cheirosa — Mas eu quero, eu sou estrela, eu sou vedete!

Cheiroso — Não pode ser não!

Cheirosa — Então eu não entro mais nesta porcaria desse Terceiro Ato, e como ninguém sabe meu papel, estrago seu espetáculo!

Cheiroso — Ah, não faça isso não! O Terceiro Ato é ótimo, Marieta tem um papel maravilhoso nele!

Cheirosa — O papel é grande?

Cheiroso — É enorme! Você fala muito, aparece muito!

Cheirosa — Ah, então eu quero! Mas eu quero lhe avisar uma coisa: nesse seu Terceiro Ato tem Cristo?

Cheiroso — Tem.

Cheirosa — E ele se passa no céu, é?

Cheiroso — É por ali por perto!

Cheirosa — Pois vão dizer que você não tem mais imaginação e que só sabe fazer, agora, o *Auto da Compadecida*.

Cheiroso — Isso é fácil de resolver: na próxima peça, em vez de o personagem ser sabido, é besta, e, no Terceiro Ato, em vez de tudo se passar no céu, se passa no inferno. Aí eu quero ver o que é que eles vão dizer!

CHEIROSA — É mesmo, é até fácil! Pois vamos à peça! O que é que você está comendo aí?

CHEIROSO — É um pedaço de pão e um resto de vinho que me deram: significa já a Ceia da Quinta-Feira Santa. Mas a peça se passa na Sexta, dia da morte do Cristo.

CHEIROSA — Que episódios você escolheu para evocar essa morte?

CHEIROSO — A negação de Pedro, o beijo do jardim, alguma coisa do julgamento e a morte. Acho que basta.

CHEIROSA — E a morte dos personagens?

CHEIROSO — Eu vou apagando esta luz aqui: cada vez que apago, é um morto. Agora me diga uma coisa: você acha que eu convenço, como Cristo?

CHEIROSA — Era o que faltava! O Cristo veio como carpinteiro, que era uma coisa melhor, ninguém acreditou que ele era filho de Deus, quanto mais aparecendo como dono de mamulengo!

CHEIROSO — Mas não é isso o que ele é? Não é Deus o dono do mamulengo?

CHEIROSA — É, se bem que toda vez que você me fale nisso, eu me lembro do ditado que o povo diz: "Se o mundo fosse bom, o dono morava nele!"

CHEIROSO — Então vamos fazer o seguinte: eu deixo este manto aqui; se ninguém me levar mesmo a sério, eu lhe faço um sinal e você coloca o manto em meus ombros. Um manto é sempre um manto: dá ideia de importância e dignidade. Assim, pode ser que me ouçam. Muito bem, respeitável público! Com essa providência para o espetáculo, vamos ver se consigo acentuar a extraordinária significação da virtude da esperança. Sempre me impressionou a tremenda importância que se dá ao desespero! Está certo, mas, se é assim, se o desespero é coisa tão grave, a esperança deve ser algo de virtude maravilhosa, pois é o contrário dele. Foi este o assunto que escolhi para dar uma ideia de que é o absurdo e o disparate do mundo…

CHEIROSA — *(Para o público.)* Se eu não interromper, ele não para não! "Auto da Virtude da Esperança"! Mete os peitos, Seu Manuel Campina!

O "terno" entra com a música da canção popular que se segue. Sai CHEIROSA. *A luz se apaga. No escuro, entra* VICENTÃO *e se ajoelha. A luz acende.* CHEIROSO *vai até a lâmpada a que se referiu, apaga-a e esconde-se num lugar qualquer. Pela porta que servia, antes, à delegacia, entra* BENEDITO.

BENEDITO

Quero bem, quero bem,

pass'o preto, anumará!

Eu quero bem pra te amar,

pass'o preto, anumará!
Quero bem, quero bem,
pass'o preto, anumará!
Eu quero bem pra te amar,
pass'o preto, anumará!
Monto na sela,
galopo, levo uma queda,
caio de cara na pedra,
sinto a cabeça estalar:
bati a bota,
estiquei, bateu meu sino,
sou defôncio, sou delfino,
fui despachado pra cá!
Quero bem, quero bem,
pass'o preto, anumará!
Eu quero bem pra te amar,
pass'o preto, anumará!
Quero bem, quero bem,
pass'o preto, anumará!
Eu quero bem pra te amar,
pass'o preto, anumará!

Vicentão — Benedito!

Benedito — Um homem rezando! Quem é?

Vicentão — Estarei assim tão mudado que nem Benedito me reconhece?

Benedito — Vicentão Borrote! Não é possível, devo estar enganado!

Vicentão — Sou Vicentão, sim! Por que esse espanto todo?

Benedito — Meu Deus, o defunto fala!

Vicentão — O defunto?

Benedito — O defunto, sim! Você morreu: como é que está aqui, falando comigo?

Vicentão — Eu morri o quê? Veja como fala, viu? A morte é uma desmoralização! Eu sou lá homem que morra! Que história é essa?

Benedito — Que história é essa é que você empacotou e agora está aqui!

Vicentão — Nada disso, nada de morrer! Eu me lembro muito bem que fui levantar uma cerca que os Nunes tinham arrombado!

Benedito — Pois foi mesmo aí que morreu!

Vicentão — Eu não digo? Eu, morrer! Era o que faltava! Só se fosse despacho que alguém me fizesse, com inveja de minha coragem e de minha riqueza!

Benedito — Nada de despacho! Morreu da pior doença que pode dar num cristão!

Vicentão — Qual foi, pereba?

Benedito — Não!

Vicentão — Espinhela caída?

Benedito — Não!

Vicentão — Então foi cachorro-da-molest'a!

Benedito — Foi não!

Vicentão — Nesse caso, que diabo de doença foi? Pior, só conheço gota-serena! Foi essa?

Benedito — Não! Foi desgosto!

Vicentão — Morri de desgosto? Desgosto por quê?

Benedito — Por causa de seis balas que levou no pé-do-ouvido e de uma facada no coração!

Vicentão — Também, com uma dessa, qualquer pessoa se desgosta!

Benedito — As balas cortaram-lhe o pescoço e a cabeça saltou fora. Os intestinos deixaram escapar matérias tóxicas, que penetraram na corrente venosa e arterial, causando uma espécie de infecção generalizada. Os músculos, abalados por tais acontecimentos lutuosos, estavam se desligando dos ossos, o que repercutia de maneira desastrosa nos humores do líquido encefalorraquidiano. Nesse momento exato, com toda calma, enfiaram duzentos mil-réis de aço penetrante e cortante no seu infarto do miocárdio. Isso tudo foi lhe dando aquele desgosto, aquele desgosto, e você morreu!

Vicentão — Eu sempre fui assim, tão sensível! Qualquer coisinha me contrariava, qualquer besteirinha me dava um desgosto! Quer dizer que me mataram?

Benedito — Já está defunto e enterrado!

Vicentão — Socorro! Estão me matando! Fui assassinado!

Benedito — É caso sem jeito, Vicentão! Os Nunes lhe deram suas contas e despacharam você, bem despachado!

Vicentão — E tudo isso por causa de uma besteira de terra que não me adiantava nada!

Benedito — Em compensação, sua mulher e seus filhos choraram muito o defunto!

Vicentão — Ô compensação besta, meu Deus! Pelo menos choraram muito tempo?

Benedito — Nada, eles choraram ali um pedaço, mas pararam logo, para discutir.

Vicentão — Para discutir? O quê? Ah, já sei, queriam assegurar meu descanso eterno! Santa família! Com certeza estavam resolvendo minha missa de sétimo dia, não foi?

Benedito — Foi nada! Era o inventário!

Vicentão — Familiazinha safada!

Benedito — É isso, meu velho! Por que foi se meter em questões de terra? Por que essa ganância de enriquecer mais, já tendo nascido rico? E, pior ainda, por que foi nascer? Quem nasce, morre!

Vicentão — Estou assim como quem vê de dentro o que, antes, só via de fora! Agora, só não posso me acostumar é com isso de estar morto! Quando penso que a estas horas já sou assombração!

Benedito — Isso não o impede de estar aí do mesmo jeito! A faca, as botas, o chapéu, cinturão de cartucheira, rebenque, a carteira cheia de dinheiro... Tudo de couro! Você, por castigo, morreu encourado, do mesmo jeito que viveu! Só vivia coberto de couro, e sua alma era de couro: couro duro e grosso, por dentro e por fora!

Vicentão — E o que é que isso tem a ver com minha morte?

Benedito — *(Rindo.)* Você não morreu com seis balas no couro?

Vicentão — *(Imitando seu riso.)* Se é por isso, você veste muito mais couro do que eu!

Benedito — O couro que eu visto é das vacas que eu tangia dia e noite quando era seu vaqueiro. É a roupa do meu trabalho e do meu suor! O seu é diferente!

Vicentão — Você está falando com tanta hostilidade! Parece até que é meu inimigo!

Benedito — Então? O que é que você esperava? Queria bem que eu fosse seu amigo!

Vicentão — Você não sabe os apertos que eu tenho passado com a seca!

Benedito — A única coisa que eu sei é que você andava de carro, e eu, a pé.

Vicentão — O banco cortou-me os créditos: nem um tostão emprestado!

Benedito — Isso é problema de rico!

Vicentão — As companhias estrangeiras tomaram conta do mercado do algodão e da mamona. Começaram aliadas, comprando mais caro do que todo mundo. Os sertanejos que tinham máquinas de beneficiar faliram todos. Então a tática mudou: agora são elas que determinam os preços!

Benedito — Isso é problema de rico! Por que consentiram nisso?

Vicentão — Que é que eu podia fazer?

Benedito — Por que não se organizaram? Por que não se juntaram para expulsá-las?

Vicentão — Elas são muito poderosas, têm prestígio com o governo!

Benedito — Por que não tomam vergonha e não organizam um governo melhor? Em vez disso, vamos pegar os vaqueiros, os moradores, os trabalhadores de enxada, e montar nas costas deles! O mundo que eu conheci foi uma cavalhada: os grandes comerciantes de fora, montados nos de dentro; os de dentro, nos fazendeiros; os fazendeiros, nos vaqueiros; os vaqueiros, nos cavalos!

Vicentão — E os cavalos?

Benedito — Esses montam no chão: o que significa que um vaqueiro está somente dois graus acima do chão e um acima das bestas de carga!

Vicentão — Benedito, não vamos brigar agora! Eu morri, e os problemas aqui já são outros!

Benedito — São nada! Você continua Vicentão, eu continuo Benedito, e o Vicentão daqui depende do que foi o Vicentão de lá!

Vicentão — Mas é que, pouco antes de você chegar, essa luz aí se apagou: deve ter sido essa a causa de sua vinda!

Benedito — Acabe com seu catimbó! O que você quer é me intimidar, para ver se eu passo para seu lado!

Vicentão — Vamo-nos unir contra essa ameaça!

Benedito — União com você, eu não quero mais de jeito nenhum! Enchi!

Vicentão — Mas acontece que eu estou desconfiado de uma coisa… Você tem certeza que eu morri?

Benedito — Tenho!

Vicentão — Então aceite meus pêsames, porque você morreu também!

Benedito — Está doido, homem!

Vicentão — Estou nada! Você não está achando esquisito conversar assim com um defunto, não? Você morreu, não tem pra onde!

Benedito — É possível?

Vicentão — É não, é certo!

Cheiroso novamente apaga e acende a luz.

Benedito — A luz apagou-se de novo!

Vicentão — Então vem outro defunto por aí! Quem será?

Entra Pedro.

Pedro

Ai! Ela conhece
a buzina do meu carro:
quando eu apito,
vem, correndo, me esperar!
Marietinha,
minha negra, meu chamego,
meu focinho de borrego,
meu xodó, meu resedá!
Ai! Ô Marieta,
você quer casar comigo?
Ô Marieta,
vamos embora mais eu!
Ô Marieta,
por tudo quanto é sagrado,
depois de nós dois casados,
tu não bota chifre n'eu!

Benedito — Pedro!

Pedro — Ai, Benedito! Ó, Seu Vicentão! Que é que há, pessoal?

Benedito — Sabe me dizer se eu morri?

Pedro — Morreu!

Benedito — De quê?

Pedro — De raiva! Você não se lembra de ter saído correndo, para buscar o advogado que ia requerer o inventário de Seu Vicentão?

Benedito — Me lembro: montei no cavalo, saí galopando, e, quando vi, foi uma pedra enorme na minha frente.

Pedro — Pois foi essa pedra, mesmo, que desgraçou você: o cavalo tropeçou e você caiu de cara nela. Sua cara lascou-se pelo meio, rasgou-se o pano dos fígados, os peitos se abriram, a espinhela arriou. O sangue, que alimentava os tecidos epiteliais, refluiu, vermelhando, para as concavidades interiores, que ressoaram cavamente, num eco terrificante e atroador. A barriga estufou, as tripas explodiram, o espinhaço torou-se, isso tudo foi lhe dando aquela raiva, aquela raiva, e você morreu.

Benedito — Eu sempre fui um sujeito esquentado da peste! Qualquer coisinha me fazia um ódio! Quer dizer que morri no chão?

Pedro — Morreu!

Benedito — *(A Vicentão.)* Por sua causa, viu? Se você não tem morrido, eu não tinha ido buscar o advogado. Se não tivesse ido buscar o advogado, não teria caído com a cara na pedra. E se não tivesse caído de cara na pedra, não teria tido aquela raiva que me matou!

Vicentão

Está com raiva de mim?

Que é que me importa?

Bata com a cara na pedra

até ficar torta!

Conversa! Você morreu por castigo! Só vivia se queixando da vida! Com raiva de seu patrão! Falando mal dele! Com uma história de só viver dois graus acima do chão! Está aí: morreu no chão, pra largar de ser mal-agradecido, e agora está mais raso do que o chão!

Benedito — Mais raso?

Vicentão — Sete palmos! A essa hora tem sete palmos de terra em cima de Vossa Senhoria!

Benedito — Quer dizer que eu também já sou assombração?

Vicentão — É, e não é muito pouco não! E desconfio que nosso amigo aí também já é!

Pedro — Eu?

Vicentão — Quem mais havia de ser? Se eu estou morto, Benedito também, e se você está aqui, falando com a gente, é porque foi despachado também!

Pedro — Mas é possível? Eu, morto? Eu, que era tão vivo?

Benedito — Colega, eu também era danado de vivo, e agora não dou mais nada: amunhequei, e parece que foi de vez!

Pedro — Mas vocês morrerem era natural! Agora, comigo, é diferente, meu caso era tão especial! Vivia de guiar meu caminhão, dia e noite na boleia, pra cima e pra baixo, comendo a poeira do sertão! Aquela poeira me entrava pela boca, pelos olhos, pelo nariz, pelos ouvidos…

Benedito — Basta, viu? Já entrou poeira demais! Se entrar mais uma, dá em molecagem!

Pedro — Foi ao voltar de uma viagem dessas que assisti sua morte, Benedito. Você morreu na estrada, com a cara lascada na pedra!

Voz de Marieta — *(Fora.)* Jesus Cristo, filho de Davi!

Pedro — Ai! Vocês ouviram?

Benedito — Que foi, homem de Deus?

Pedro — Ouvi um grito horroroso! Parecia uma pessoa morrendo!

Vicentão — Que é isso, Pedro! Francamente, está com medo?

Benedito — Que vergonha! Com medo!

Voz de Marieta — *(Ainda fora.)* Jesus Cristo, filho de Davi, tenha piedade de mim!

Vicentão e Benedito — *(Abraçando-se, num salto.)* Ai!

Pedro — É uma alma, só pode ser! Isso por aqui deve estar empestado de alma do outro mundo!

Benedito — Vá ver o que foi, Pedro!

Pedro — Eu não! Quem deve ir é Seu Vicentão, que rico não tem medo de alma!

Vicentão — Acontece que eu, eu tenho!

Pedro — Então vamos tirar a sorte no par ou ímpar, para ver quem é que vai! Sou par!

Benedito — Sou ímpar! Uma, duas, três, já! Ganhei!

Pedro — Então vá!

Benedito — Quer me enrolar, é, Pedro? Entenda-se aí com Vicentão Borrote, porque eu estou fora!

PEDRO — Está bem! Sou ímpar!

VICENTÃO — Nada disso, ímpar sou eu, que sou mais velho!

PEDRO — Pois vá lá, sou par!

VICENTÃO — Sou ímpar! Uma, duas, três, já! Valha-me Nossa Senhora da Conceição!

PEDRO — Pode ir! E boa sorte, Seu Vicentão!

VICENTÃO — Vocês pensam que eu tenho medo, é? *(Puxa o revólver.)* Lá vou eu! *(Para fora de cena.)* Quem vem lá? Quem vem lá? Vou contar até três: se não responder, eu atiro! Quem vem lá? Não responde não? Pois lá vai! Um, dois, três! Ai!

Joga o revólver no chão e corre para onde estão os outros. CHEIROSO *apaga novamente a luz e* MARIETA *aparece no limiar.*

MARIETA

Vida, sono e tentação,
morte, amor e fogo vão
nesse mundo de que cheguei:
eis a marca, eis o brasão
de gasto e dissipação
do amor que te dediquei.
Sensação de tempo e morte,
desgaste, pobreza e sorte
foi o que nele encontrei
— meu insone mal de amor,
travo, sossego e furor,
suma de quanto afrontei.
Tudo agora já passado,
não mais recomeçarei.
Ou será que, além da morte,
vem comigo esse suporte
cujo inventário julguei?
Não sei, nem tu mesmo sabes,
pois, como a vida, não cabes

nos roteiros que tracei!

Enquanto canta, anda pela plateia, acariciando o rosto dos homens, segundo ideia de MARCUS SIQUEIRA.

PEDRO — Marieta! Madalena!

MARIETA — Pedro! Então agora você me chama Madalena? Esse era meu nome de moça pobre da serra, e eu não o trocaria por nenhum outro! Mas a dona da pensão em que fui parar disse que isso era nome de mocinha e trocou-o por Marieta. É melhor me chamar assim. Todas as noites eu saía com minhas companheiras. Maria da Glória era Glorinha, Maria das Graças, Graciete, Maria de Lourdes, Lourdinete; um bando de Marias de nome trocado, obrigadas a parar em quatro lugares: a casa, a pensão, o hospital e o cemitério!

VICENTÃO — Deixe de fazer drama, que lá em Taperoá nem hospital tem!

MARIETA — Mas tem posto de saúde!

BENEDITO — De qualquer forma, acabe com essa choradeira e entre na fila dos defuntos!

MARIETA — Dos defuntos? Aqui só tem defunto, é? Então o que é que eu estou fazendo aqui? Será que eu morri?

BENEDITO — Morreu, e é dessa qualidade de defunto que assombra os outros! Havia necessidade daqueles gritos?

MARIETA — E eu estava gritando, foi? A única coisa de que me lembro é que fui ao posto de saúde, depois que Pedro morreu.

PEDRO — Quer dizer que morri mesmo! De que foi?

MARIETA — Você morreu de nervoso. Aliás, foi por causa de Benedito. Você não vinha com seu caminhão, quando encontrou Benedito na estrada, se acabando?

PEDRO — Vinha!

MARIETA — *(A Benedito.)* Pedro parou o caminhão e botou você na carroceria, para ver se ainda conseguia salvá-lo. Engatou primeira, passou segunda, terceira, e desabou, com fé em Deus e pé na tábua. Do lado de lá, vinha o caminhão de Chico de Filipa, com um retirante que tinha morrido de fome e ia para a rua se enterrar. Na subida da ladeira, Chico resolveu também engatar primeira, passar segunda, terceira, e atolar o pé. Você vinha pelo outro lado e os caminhões se misturaram: Chico caiu de lado e escapou, mas você, morreu.

PEDRO — Da queda?

MARIETA — Não, de doença.

Pedro — Ali, na hora do desastre? Que diabo de doença foi essa?

Marieta — Edema de caminhão.

Pedro — Edema de caminhão? Que negócio é esse?

Marieta — O caminhão virou por cima de você, mesmo por cima do bucho. As costelas se abriram e o coração lhe saltou pela boca afora. Os braços trocaram de lugar, passando o direito para o lado esquerdo, e o esquerdo para o vice-versa, enquanto as pernas entravam de barriga adentro. Seu organismo foi abalado no âmago do íntimo: o sistema linfático ocupou o lugar do esôfago, sendo substituído, por sua vez, pela pressão circulatória do simpático. Você, nervoso como sempre foi, ficou meio agoniado com aquilo tudo, e morreu.

Benedito — Coitado, tão moço e morrer assim!

Pedro — Assim o quê?

Benedito — Com uma doença horrorosa dessa!

Pedro — Você não morreu da sua?

Benedito — A minha foi muito mais suave!

Pedro — Eu ia voltando para casar com você, Madalena! Você botou algum feitiço naquele chá que me deu, logo depois da briga de Benedito com o Cabo Rosinha e Vicentão?

Marieta — Botei. Mas foi coisa pouca: alecrim torrado em quenga de coco que a lua velou, pó de chifre de bode torrado em sangue de guiné com três fiapos de crina de cavalo preto e seis ovos de cobra cozidos em banho-maria.

Pedro — Pois foi tiro e queda! Tomei a bênção a minha mãe, pedi licença para casar, consegui, peguei o caminhão, encontrei Benedito na estrada se acabando, engatei primeira, passei segunda, terceira…

Benedito — E pá! Edema de caminhão!

Cheiroso *apaga novamente a luz, acende-a, e entra* Padre Antônio, *moço e curado da surdez.*

Padre Antônio

A mulher do cego

faz três dias que morreu:

bateu, bateu,

sem poder se levantar!

De noite, o cego,

sozinho no seu colchão,

fica ali, passando a mão,

e “Ai lugar!

Ai lugar que já foi meu”!

Vicentão — Outro candidato a defunto! Mas este eu não conheço: quem é?

Marieta — Estou vendo que é um padre, por causa da batina, mas quem é esse padre, não sei.

Padre Antônio — Então você desconhece o padre que confessou você na hora da morte?

Marieta — Quer dizer que estou morta, mesmo?

Padre Antônio — Está, e fui eu que confessei você.

Marieta — Ora pinoia! E eu tinha dito a todo mundo, no posto, que, se vissem que eu ia morrer, mandassem chamar Padre Antônio: eu só morria bem morrida se fosse confessada por ele. Mas entendo: eu devo ter sido prejudicada pela troca de nome. Certamente Padre Antônio foi confessar outra Madalena que pôde continuar fiel a seu nome, absolveu-a e eu embarquei no lugar da outra. Mas é isso mesmo: pobre, até na hora da morte, se contraria!

Padre Antônio — Mas dessa vez você não foi contrariada: eu não sou Padre Antônio?

Pedro — Que é isso, padre, está conversando? Todo mundo, aqui, conhece Padre Antônio: foi ele quem batizou todos nós, quem despachou todos os defuntos de minha família… O senhor deve ser é a alma!

Padre Antônio — Que alma?

Benedito — A que estava fazendo assombração por aqui!

Padre Antônio — E tinha uma alma fazendo assombração aqui?

Vicentão — Tinha não, tem!

Padre Antônio — *(Arregaçando a batina e correndo.)* Ai! Ai, meu Deus!

Benedito — Que é isso, padre?

Padre Antônio — A coisa que eu tenho mais medo no mundo é de alma de padre!

Pedro — É possível? Que falta de companheirismo! Seus colegas?

Padre Antônio — Eu só sou colega dos vivos, dos defuntos não! Os defuntos que vão se danar! Ai!

Marieta — Mas espere, Seu Vigário: como é que o senhor sabe que a alma que anda por aqui é de padre, se o senhor não viu?

Benedito — Se ele sabe sem ver, é que a alma é ele! Credo, cruz!

Padre Antônio — Vá pra lá com suas cruzes! Serei algum diabo? Está me achando com cara de alma?

Marieta — O senhor pode não ser, mas pela cara, não! A cara é de alma, e da legítima! Alma de padre, que é a mais mal-assombrada que existe!

Padre Antônio — Mas eu não já disse que sou Padre Antônio?

Benedito — Ô alminha ruim dos seiscentos diabos! Marca três *emes*: magra, mole e mentirosa!

Padre Antônio — Mas por que é que vocês não querem acreditar que eu sou Padre Antônio?

Pedro — Porque Padre Antônio era velho e o senhor é moço!

Padre Antônio — *(Apalpando o rosto.)* E eu estou moço?

Marieta — Está!

Padre Antônio — Então é capaz de eu ter morrido mesmo, meu Deus! Será que foi isso? Eu conheço vocês todos: Benedito, Vicentão, Pedro, Madalena… Com a morte, devo ter recuperado minha juventude e perdido minha caduquice, minha surdez, o cansaço de todos aqueles anos de sertão! Quando cheguei lá, era o Padre Antônio Cavalcanti Wanderley. Com dois anos de sertão, o nome ficou reduzido a Padre Antônio Cavalcanti. Mas veio a seca de 1932, e, quando ela acabou, eu já passara a ser somente Padre Antônio. Afinal, perdi o nome.

Marieta — Foi o mesmo que aconteceu comigo!

Padre Antônio — O motivo foi diferente, viu? Eu me mantive na linha: perdi o nome, mas não recebi nenhum outro em lugar dele. Fiquei sendo "o padre". Semana Santa, Páscoa, Mês de Maio, São João, Natal, seca um ano sim outro também, entrava ano, saía ano, surdez, mansidão, velhice, até que me tornei aquilo que vocês já sabem, um padre cansado e velho, o velho vigário marca três *emes*: manso, mouco e meio-caduco. Mas parece que tinha de ser assim: quem sabe se não foi por tudo isso que mereci Marieta me chamar na hora da morte dela?

Marieta — Marieta? O senhor me chama novamente assim? Então não fui absolvida? Morri sem me confessar?

Padre Antônio — Não, minha filha! Você se confessou e morreu inconsciente, gritando: "Jesus Cristo, filho de Davi."

Marieta — E o senhor me absolveu?

Padre Antônio — Absolvi, por que não? Coitada, uma vida mesquinha, cheia de engano e de sofrimento…

Marieta — Não precisa dizer como vivi não, que eu já sei. O que eu quero saber é como morri.

Padre Antônio — Ah, minha filha, sua morte foi a coisa mais triste deste mundo!

Marieta — E foi? De que foi que eu morri?

Padre Antônio — Você morreu de besta!

Marieta — De besta? Eu não digo? Foi coisa que nunca fui!

Padre Antônio — Você não se lembra de ter comido uma panelada? E que a panelada lhe fez mal? E que você foi para o posto com a cara torta e botando sangue pela boca?

Marieta — Me lembro.

Padre Antônio — Pois a desgraça começou aí. O sangue, rompendo os vasos sanguíneos da laringe, precipitou-se pelos caminhos mais ásperos do conduto abdominal. Os rins se contraíram de tal modo, que fizeram pressão na parede interna do hipogástrico. Os sucos biliares e pancreáticos estouraram nesse momento para os lados do coração, causando tal ansiedade neste músculo central que ele despedaçou as cadeias que o detinham, invadindo o território destinado aos órgãos pulmonares. O nó da vida, não suportando o embate de tantas catástrofes, estava para se desatar. Você, com sua besteira, não tomou as providências para evitar isso, e, como dizem os jornais, veio o desenlace.

Marieta — E onde é que está minha besteira, que eu não estou vendo?

Padre Antônio — Em não tomar a providência!

Marieta — E que providência eu podia tomar, com o diabo de uma doença danada dessa?

Padre Antônio — Não sei, mas devia haver alguma! De modo que foi assim que você morreu.

Marieta — De besta!

Padre Antônio — De besta.

Marieta — Em suma: nasci na miséria, perdi meu nome na esperança de me casar e, quando estava para conseguir esse sonho, morri de besta num posto de saúde!

Benedito — É o que se chama "nascer na fé, viver na esperança e morrer na caridade".

Padre Antônio — Ela morreu por sua causa, Pedro.

Pedro — Por minha causa? Como?

Padre Antônio — Ficou nervosa com sua ausência e deu para comer. Tem gente que, nessas crises sentimentais, dá para beber: ela, foi pra comer. Quando o nervoso aumentava e ela metia na cabeça que você ia faltar à promessa, chegava a comer dois quilos de carne de uma vez. Numa dessas roedeiras, comeu a panelada sozinha e morreu! É vício!

Cheiroso novamente apaga e acende a luz.

Marieta — Ai!

Benedito — Que foi?

Marieta — A luz se apagou de novo!

Padre Antônio — Ai meu Deus, é a alma! Ai!

Benedito — O senhor viu?

Padre Antônio — Vi!

Benedito — O quê?

Padre Antônio — Sei lá! Sei que vi um troço, mas vou lá saber o que foi! Ai!

Correria geral, cada um para junto do outro, todos gritando e fugindo como se o companheiro que se aproximou fosse a alma.

Vicentão — Um momento! Acalmem-se! Calma, Padre Antônio! Vamo-nos acalmar, todos. Já entendi que essa luz só faz mal aos que ainda estão lá embaixo. Toda vez que ela se apaga, empacota um lá embaixo e chega o defunto aqui.

Benedito — E você acha pouco? De um em um, daqui a pouco pra todo lado que a gente se vira tem um defunto olhando pra gente! Você acha pouco?

Vicentão — Meu filho, é uma por outra! Se eles começarem com assombração para o lado da gente, a gente faz uma concentração defronte deles: garanto que não fica um, aqui! A desgraça de um defunto é ver um morto na porta!

Padre Antônio — Então fiquem por aí vocês que já estão mortos e já têm certeza disso. Eu vou dar o fora! Ai!

Grita e recua ao ver Joaquim, que vem entrando.

Joaquim

Toicim torrado
é melhor do que angu:
angu queimado
tem catinga de urubu.
Toicim torrado
é melhor do que angu:
angu queimado
tem catinga de urubu.
Vou-me embora, vou-me embora,
vou daqui para o Patu,
vou buscar moça bonita,
vou tomar mel de uruçu!
Ai, Marieta,
olhe o rabo do tatu,
ai, Marieta,
na castanha do caju!
Ai, Marieta,
sacatrapo de teju,
ai, Marieta,
na batata desse imbu.
Vou-me embora, vou-me embora,
vou daqui para o Patu.
Ai, que já me falta rima
nesse verso todo em *u*.
Toicim torrado
é melhor do que angu:
angu queimado
tem catinga de urubu!

MARIETA — Defunto número seis!

Benedito — É Joaquim!

Joaquim — Sim, sou eu, Benedito! Voltei de Campina para morrer em casa.

Pedro — Pois se era isso o que você queria, pode ficar descansado que já conseguiu!

Marieta — Espere! Você é o retirante que vinha no caminhão de Chico da Filipa!

Joaquim — É verdade.

Marieta — Vinha morto!

Joaquim — É mentira! Estava somente desmaiado de fome. Cheguei a Taperoá e Padre Antônio me levou para o posto de saúde. Quando eu acordei, você já tinha morrido, Marieta, mas à morte do Padre eu assisti.

Padre Antônio — E de que foi que eu morri?

Joaquim — De susto! No posto não tinha uma viga de braúna, de mais ou menos uma tonelada, segurando o telhado?

Padre Antônio — Tinha.

Joaquim — A ponta tinha apodrecido sem ninguém saber. Quando o senhor acabou de despachar Madalena, vinha saindo, e ela desabou bem no meio de sua cabeça! O cocoruto lascou-se, seu pescoço entrou de espinhaço adentro, os ombros se abriram para que a cabeça pudesse penetrar no lugar destinado ao espinhaço, o fim das costas desceu para o lugar das pernas e as pernas entraram de chão adentro. Essa situação não deixa de ser meio esquisita, não é? O senhor assustou-se um pouco com a esquisitice dela e morreu do susto.

Padre Antônio — É, eu sempre tive o coração meio fraco! Nunca acreditei que morria, mas sabia que se isso me acontecesse um dia, aí por qualquer coisa, seria de susto.

Benedito — Mas você, Joaquim? Que fim levou, depois que saiu da delegacia e se retirou para Campina?

Joaquim — Saí com alguma coisa, com aquele dinheirinho conseguido etc., como você sabe. Mas o dinheiro durou pouco. Não arranjei trabalho em Campina. Disseram que, perto de Patos, eu podia me empregar na estrada que estão fazendo. Fui para lá, e nada! Aí, minha história tornou-se igual à de qualquer retirante. Passei toda espécie de miséria, comendo o que me davam e bebendo a água que encontrava. Fui ficando fraco, fraco, vivia com a vista escura. Vi que estava perto de morrer: procurei um padre para me confessar, não sabia mais onde me encontrava. Então, me deu aquela vontade de morrer em casa. Tomei a estrada, comecei a andar e desmaiei. Quando acordei, Chico de Filipa estava parado com o caminhão, junto de mim. Ele me botou na carroceria do caminhão pensando que eu estava morto, mas, no caminho, bateu noutro caminhão que vinha pelo outro lado, e o abalo me acordou.

Pedro — Comigo, foi exatamente o contrário: eu vinha bonzinho, e, nesse abalo, Chico acertou minha tampa!

Marieta — Lamento porém informá-lo de que a essas horas Vossa Senhoria é defunto.

Joaquim — Eu, defunto? Quem disse?

Marieta — Ninguém, mas acontece que aqui tem um chamego duma luzinha que não falha: apagou, arreia um freguês lá embaixo!

Cheiroso *maneja novamente a luz.*

Joaquim — Então vem outro delfino por aí! Quem terá sido?

Entra João Benício, *o cantador.*

João — Fui eu! Entro, sei que estou morto e entro logo cantando "O Piado do Cachorro", que é para todo mundo saber que eu não sou garapa! Lá vai:

Em Cajazeira eu lá não vou,
que a bebedeira é um horror.
Em Cajazeira eu não vou mais,
que a bebedeira está demais!
Morri de cara para o sol,
morri, mas a vida não passa.
Morri de viver cantando,
morri de beber cachaça!

Marieta — Eu me admiro é ele saber que está morto! Você foi o único que não se enganou até agora, João!

João — Mas é claro que eu sei que estou morto! Sabe lá você quantas vezes eu encarei minha morte? Vocês pensam que um poeta é homem para afracar com esse risco? Eu convivi a vida inteira com minha morte. Vocês passam a vida dando as costas para ela: é por isso que, quando a morte aparece, não sabem nem o que está acontecendo. É por isso que eu sabia, e vocês, não!

Joaquim — Você, que estava em Taperoá quando eu cheguei, sabe me dizer se eu morri?

João — Morreu.

Joaquim — Morri de quê?

João — Morreu de fome, Joaquim.

JOAQUIM — De fome? Que morte mais besta! Que morte sem imaginação!

JOÃO — Você já viu retirante morrer de outra coisa?

JOAQUIM — É, mas eu bem que podia ter tido uma morte mais elegante!

JOÃO — Você queria bem uma morte por cansaço intelectual?

JOAQUIM — Era! Cansaço intelectual, angústia, uma coisa assim!

JOÃO — Pois não tem conversa não, morreu foi de fome!

JOAQUIM — Mas não me deram comida no posto, homem?

JOÃO — O mal foi exatamente esse. O íntimo de suas entranhas, chamejante e calcinado, recebeu a presença alimentar e, quando o primeiro resquício passou pelo piloro, houve um dramático apelo, que, partindo do fígado, teve incrível ressonância, desde o interior das arcadas superciliares às anfractuosidades mais resistentes da cintura pelviana, a chamada *pélvis anfracta*. O sistema ósseo sofreu uma contração aguda e povoada de vibrações, os pulmões se contraíram, expelindo a seiva da vida que caminha em suas artérias, e, antes que lhe prestassem qualquer socorro, você esticou a canela.

JOAQUIM — Estiquei!...

JOÃO — Esticou! E não pense que é modo de falar não: a primeira coisa que a gente notava em seu defunto era aquela canela, magra, fina e esticada que só metro de medir fazenda.

JOAQUIM — Homem, de qualquer jeito eu tinha de morrer, assim pelo menos morri alimentado!

JOÃO — Aí é que você se engana: seu mal foi ter comido. O médico disse que você já estava quase acostumado sem comer e foi por ter comido que morreu.

JOAQUIM — Quer dizer que, se eu tivesse aguentado mais uns dias, era capaz de poder passar o resto da vida sem comer, hein?

JOÃO — Eu não entendi direito não, mas parece que era.

JOAQUIM — E continuava andando, vivendo, tudo do mesmo jeito?

JOÃO — Ah, isso não! Você sofreria uma pequena transformação.

JOAQUIM — Qual era?

JOÃO — Virava mandacaru.

JOAQUIM — Homem, do jeito que eu vivi, a diferença era pouca!

JOÃO — Você não vê esses tabuleiros por aí, cheios de mandacaru? Aquilo tudo é gente que anoiteceu gente e amanheceu mandacaru: o cabra é muito ruim ou passa muito aperto, da noite para o dia, sem saber como nem porque, vira mandacaru.

BENEDITO — E você, João, como foi que morreu?

JOÃO — Bem, eu tomei parte no velório de Joaquim. Mateus, irmão dele, foi quem pagou a cachaça. Cada excelência que se cantava, eu fazia um verso em homenagem ao morto e tomava uma lapada. Quando o dia amanheceu, de lapada em lapada, eu já estava às quedas. Enterrou-se Joaquim e eu saí cantando pela estrada. Aí, dei um tombo maior, e caí com a cara virada para o sol. Senti que estava esquentando, esquentando, foi me dando aquela agonia, aquela agonia, e que agonia foi essa, meu senhor, que, quando dei acordo de mim, a bicha estava daqui para aí, me olhando!

MARIETA — A bicha? Que bicha?

JOÃO — Ora que bicha! Caetana, minha filha!

PADRE ANTÔNIO — Caetana? Caetana é bicha? Quem é Caetana?

BENEDITO — É a morte, padre! Esse povo é engraçado: estuda, se forma, lê tudo quanto é de livro, e não sabe que o nome da morte é Caetana!

JOÃO — Pois bem. Aí eu me virei para Caetana e disse: "Que é que há?" Aí ela disse: "Nada!" Aí eu disse: "Como vai?" Aí ela disse: "Eu, vou bem, você é que eu não sei, compadre!" Aí ela fez uma cara meio esquisita pra meu lado e eu disse: "Nunca me viu não?" Aí ela disse: "Não, mas vou ver agora mesmo!" Ainda bem ela não tinha fechado a boca...

JOAQUIM — Você esticou!

JOÃO — Não, encolhi! Poeta é assim: morre dobrado, abraçado com a morte!

MARIETA — Eu sei! Está com essa valentia agora! Lá, parece que estou vendo o cagaço que deu!

Toques de sino e de tambor.

BENEDITO — Meu Deus, que será isso?

PADRE ANTÔNIO — Valha-me Deus! Jesus!

MARIETA — Jesus Cristo, filho de Davi, tenha piedade de nós!

CHEIROSO *aparece agora. Todos estão ajoelhados, mas, quando o veem, vão se levantando, com exceção de* JOAQUIM *e de* PADRE ANTÔNIO.

VICENTÃO — Mas olhem só de quem a gente estava com medo! Rá, rá! É aquele moleque, dono do mamulengo!

Pedro — Levante-se, Padre Antônio! Esse barulho todo e é somente o dono do mamulengo!

Benedito — Joaquim, tenha vergonha! Com medo de um palhaço desse?

Cheiroso — Acontece, meu filho, que, agora, eu represento o Cristo, o Salvador do mundo!

Vicentão — O Cristo! Vejam só o atrevimento desse moleque! Dá um bofete nele!

Benedito *dá uma tapa na parte de trás da cabeça de* Cheiroso*, perto da nuca.*

Pedro — Com essa vara é melhor! Passa a vara nele, tome!

Vicentão — Dá nele, dá!

Benedito — *(Rindo.)* Você é o Cristo, é?

Vicentão — Se é, adivinhe quem foi que lhe bateu!

Todos — Ah rá, rá, rá, rá! Olhe a cara dele!

Cheiroso *faz um sinal.* Marieta *vem por trás dele, coloca o manto em seus ombros e depois enxuga seus pés com os cabelos.*

Joaquim — É ele! Vocês não deviam ter feito isso!

Benedito — É ele?

Pedro — É ele? Será que é mesmo?

Vicentão — É, pode ser! Agora a gente vê melhor. Também, com aquela roupa, quem ia ligar? O senhor me desculpe, eu não sabia: agora, a gente vê logo que é uma pessoa de certa ordem, um juiz, um professor, uma coisa assim! O senhor é o Cristo mesmo, é?

Cheiroso — Eu o represento, agora!

Vicentão — É verdade que o Cristo pode tudo?

Cheiroso — É.

Vicentão — Mas que coisa extraordinária! Que grande sujeito é você. *(Beija-o no rosto.)* O senhor pode, então, me arranjar um emprego na prefeitura?

Todos — Rá, rá, rá!

Pedro — E vamos ser julgados por você?

Cheiroso — Faz parte do processo.

Benedito — Então, Vossa Excelência vai me desculpar, mas, antes disso, quem deve ser julgado é Vossa Excelência, Vossa Eminência, Vossa Mamulenguência! Antes de nós fazermos qualquer coisa, o senhor criou a gente e inventou o mundo! Foi o senhor quem inventou a confusão toda, de modo que deve ser julgado primeiro!

Cheiroso — Está certo, Benedito, em nome do Cristo vou aceitar o que você diz, se bem que veja que, mais uma vez, não estou sendo levado a sério. Serei então julgado por vocês, que farão um inventário de seus infortúnios e dirão se valeu a pena ter vivido ou não. Será assim julgado o ato que Deus praticou, criando o mundo. Vou eu mesmo servir de acusador, formulando as perguntas fundamentais do processo, tudo aquilo que se pode lançar no rosto de Deus, mais uma vez exposto à multidão.

Vicentão — Esse é que é o homem! Eis o homem!

Cheiroso — Você, que é padre, aproxime-se em primeiro lugar. De que morreu?

Padre Antônio — De susto.

Cheiroso — Por quê?

Padre Antônio — Por causa de Madalena. Se não tivesse ido confessá-la, ainda estaria vivo!

Cheiroso — E você, Madalena, por que morreu?

Marieta — Morri por causa de Pedro.

Cheiroso — E você, Pedro?

Pedro — Por causa de Benedito.

Benedito — Eu morri por causa do fazendeiro Vicentão.

Vicentão — Eu, por causa dos Nunes.

Cheiroso — E por causa do padre não morreu ninguém?

Joaquim — Eu! Foi ele quem me deu comida. Se não tivesse dado, eu ainda estaria vivo. Virando mandacaru, mas vivo!

Cheiroso — E por sua causa, quem morreu?

João — Eu! A cachaça do velório dele acabou com minha saúde.

Cheiroso — Em suma, cada um de vocês morreu por causa do outro. É a primeira acusação do processo, porque os homens morrem do convívio dos demais. Se vocês não herdassem o pecado e a morte, se não fossem obrigados às injunções de um só rebanho, não morreriam, e Deus não seria acusado nesse ponto. Será que o Cristo vai ter que morrer novamente por isso? Ou será que alguém tem coragem de morrer em seu lugar? Você teria coragem, Pedro?

Pedro — Eu? Por que logo eu? Eu não digo que sou pesado! Eu, não!

Cheiroso — Por quê?

Pedro — Ora por quê! Porque não!

Cheiroso — Você não me conhece, Pedro?

Pedro — Não conheço, não quero conhecer e tenho raiva de quem conhece.

Benedito canta como galo.

Cheiroso — Três vezes! O galo acaba de cantar. O Cristo está novamente a caminho de sua Paixão. João, poeta, e Maria Madalena, ex-prostituta, estão a seu lado. Primeira pergunta do Acusador: vale a pena fazer parte da vida, sabendo que a morte é inevitável? O Cristo é levado diante de Pilatos!

Levam Cheiroso diante de Vicentão, que se senta em algum lugar, representando Pilatos. Vicentão fala no tom dos recitativos da Paixão, mas com um matiz de escárnio, como se tudo fosse uma palhaçada.

Vicentão — Não vejo nele mal algum!

Cheiroso — No Cristo, Pilatos não viu nenhum mal. De que homem se poderia dizer a mesma coisa? Segunda pergunta do Acusador: vale a pena ser mergulhado nesse espetáculo turvo e selvagem, sabendo que o mal assim marca o sol do mundo? O Cristo é levado diante de Herodes!

Benedito — *(Também escarnecendo.)* Quero que você faça um sinal, alguma coisa que me prove que você é o Filho de Deus! Não há coisa que eu mais deseje do que ver algum prodígio.

Cheiroso — Herodes queria um sinal, para ter a prova de que há alguma coisa de grave e de sério por trás da enganosa aparência de farsa da vida. Mas o Cristo calou-se, porque muita coisa é preciso deixar em segredo. Terceira pergunta do Acusador: vale a pena viver, sabendo que a vida é um dom obscuro, que nunca será inteiramente entendido e captado em seu sentido enigmático?

Benedito — De novo a Pilatos! Conduzam o Rei dos Judeus!

Vicentão — Jesus ou Barrabás?

Todos — Barrabás! Queremos Barrabás!

Cheiroso — Então o Cristo foi entregue aos homens para ser crucificado. Era naquele instante quase a hora sexta, e toda a Terra ficou coberta de trevas até a hora nona. E Jesus, dando um grande brado, disse: “Pai, nas suas mãos encomendo meu espírito. Tudo está consumado!” E, dizendo estas palavras, inclinou a cabeça e rendeu o

espírito. Assim, terminou o maior de todos os acontecimentos. E diz a última pergunta do Acusador: estão vocês dispostos a aceitar o mundo, sabendo que o centro dele é essa Cruz, que a vida importa em contradição e sofrimentos, suportados na esperança? Que diz você, Joaquim, você, pobre retirante que morreu de fome e que tem o nome do avô de Deus? Você acha que valeu a pena? Se pudesse escolher, viveria de novo?

Joaquim — Minha resposta é sim.

Cheiroso — E a sua, Padre Antônio?

Padre Antônio — Também. A vida é dura mas é boa.

Cheiroso — Você, Pedro, que diz?

Pedro — A mesma coisa do padre.

Cheiroso — E você, Benedito?

Benedito — Eu só digo sim, se continuasse com o direito de lutar para melhorar de vida.

Cheiroso — É sua defesa, é um direito seu.

Benedito — Então, eu topava de novo, dez vezes!

Cheiroso — Você o que diz, Madalena?

Marieta — O mesmo que Pedro disse.

Cheiroso — E você, João? Você, que era poeta e, por isso, bebia o sol do mundo, viveria de novo?

João — E então? O mundo podia ser meio ruim e meio doido, mas parecia tanto com a gente e eu já estava tão acostumado com ele!

Vicentão — E eu? Falo ou não falo?

Cheiroso — Qual é a opinião que você tem dele, Joaquim?

Joaquim — Passei o diabo na terra de Seu Vicentão. Mas uma coisa eu digo: quando minha mãe adoeceu para morrer, ele fez por ela o que eu nunca esperei.

Cheiroso — Isso é quase nada, Vicentão. Mas mesmo assim, é só por isso que você terá o direito de falar. Vá então, e saiba que seu julgamento será muito parecido com aquele que seus pobres fazem de você. Qual é sua resposta?

Vicentão — *(Ocultando o rosto entre as mãos.)* É sim, também!

Cheiroso — Pois, uma vez que julgaram favoravelmente a Deus, assim também ele julga vocês. Erros, cegueiras, embustes, enganos, traições, mesquinharias, tudo o que foi a trama de suas vidas, perde a importância de repente, diante do fato de que vocês acreditaram finalmente em mim e diante da esperança que acabam de manifestar.

Como zombaria, disseram isso de você, Madalena, mas todos vocês nasceram na fé, viveram na esperança, foram agora salvos pela caridade, que é um dos nomes divinos do Amor. *(Enquanto os outros saem.)* O Cristo foi mais uma vez julgado e crucificado. Os homens comeram mais uma vez sua carne e beberam seu sangue, esse fruto da videira que ele afirmou que não beberia mais, até que viesse o Reino de Deus. Tudo foi consumado. A carne do homem também será glorificada e o espetáculo terminou. *(Tira o manto das costas.)* Mas, agora mesmo, recomeça. E eu termino dizendo como Inocêncio Bico-Doce:

Ai, meu Deus, que vida torta
a findar e a começar!
Por que ninguém nunca perde
vergonha pra ela achar?
Ah, mundo doido, esse mundo
cujo mistério sem fundo
só Deus pode decifrar!

Voltam todos e o "terno" ataca a música de abertura.

TODOS

Cadê seus homens, Maria?
Cadê seus homens, cadê?

CHEIROSA

Venceram toda a batalha,
não precisam mais se esconder.
Ai! ai!

TODOS

Cadê seus homens, Maria?
Cadê seus homens, cadê?

CHEIROSA

Venceram toda a batalha,
não precisam mais se esconder!

TODOS

Ninguém sabe Marieta

onde vive e onde está:
acabou-se seu problema,
não mais vive ao Deus-dará!

CHEIROSO

Marieta e seus homens
encontraram seu lugar.

TODOS

Todos nós e Marieta
achamos nosso lugar!

PANO.

Recife, 18 de novembro de 1959.

FARSA DA BOA PREGUIÇA

ARIANO SUASSUNA

1960

A *Farsa da Boa Preguiça* foi montada pela primeira vez no dia 24 de janeiro de 1961, no Teatro de Arena do Recife, pelo Teatro Popular do Nordeste, sob direção de Hermilo Borba Filho, com cenários e roupagens de Francisco Brennand, e sendo os papéis desempenhados pelos seguintes atores:

Manuel Carpinteiro *Carlos Reis*

Miguel Arcanjo *Ubirajara Galvão*

Simão Pedro *Germano Haiut*

Aderaldo Catacão *José Pimentel*

Andreza, a Cancachorra *Jacqueline Marie*

Nevinha *Ida Korossy*

Joaquim Simão *Paulo Ribeiro*

Dona Clarabela *Leda Alves*

Fedegoso, o Cão Coxo *Clênio Wanderley*

Quebrapedra, o Cão Caolho *Leonel Albuquerque*

Esta peça é dedicada, com amor, a Zélia, minha mulher, e a Deborah e Francisco Brennand, em testemunho de quinze anos de fiel amizade.

A.S.

A FARSA E A PREGUIÇA BRASILEIRA

Quando da estreia desta peça, em 1961, no Recife, fui muito acusado por certos setores do pensamento — pelos marxistas, principalmente — de estar aconselhando o Povo brasileiro à preguiça e ao conformismo, fazendo o jogo dos que desejavam "impedir e entravar sua luta de libertação". Naquele ano, como os que me acusavam eram os poderosos do dia, calei-me por orgulho, não me defendi nem expliquei o verdadeiro espírito da peça, porque não costumo dar explicações aos poderosos. Hoje, a situação é diferente, e vou tentar fazê-lo aqui.

A meu ver, a *Farsa da Boa Preguiça* tem dois temas centrais. Nela, não defendo indiscriminadamente a preguiça — coisa que, aliás, não poderia fazer, pois ela é um dos "sete vícios capitais" do Catecismo. De fato, creio que isso fica bem claro, na peça. No Teatro antigo, havia uma convenção, segundo a qual, no fim da história, o autor podia dar sua opinião sobre o que acontecera no palco. Era a chamada "licença", ou "moralidade". Pois bem. Na "licença" da *Farsa*, numa das estrofes finais do terceiro ato, diz um dos personagens:

"Há uma Preguiça com asas,
outra com chifres e rabo.
Há uma preguiça de Deus
e outra preguiça do Diabo."

Na verdade, o elogio que eu queria fazer na peça era, em primeiro lugar, o do ócio criador do Poeta. Contam que, certa vez, um homem de ação — não sei se industrial ou comerciante — teria dito ao paraibano José Lins do Rego uma dessas frases com que, de vez em quando, esse pessoal fala a nós, escritores, com afetuoso desprezo: — "Então, Doutor? A vida é para o senhor, hein? Vida folgada, trabalhando pouco..." — "Eu escrevo muito!" — objetou José Lins do Rego. — "E escrever é trabalho?" — insistiu o homem. Ao que o paraibano teria retrucado, meio ácido: — "Para quem olha o mundo pelo ângulo da cangalha que usa, não!" Pois bem: essa ideia do ócio criador do Poeta, do artista e do Santo era uma das duas ideias centrais da *Farsa da Boa Preguiça*.

* * *

Em segundo lugar, o que eu desejava ressaltar, na peça, era a diferença da visão inicial que nós, povos morenos e magros, temos do Mundo e da vida, em face da tal "cosmovisão" dos povos nórdicos. Não escondo que tenho um certo "preconceito de raça

ao contrário". Sempre olhei, meio desconfiado, para essa galegada que, de vez em quando, nos aparece por aqui, como quem não quer nada, que entra sem cerimônia e vai mandando para fora amostras de nossas terras, de nossas pedras, do subsolo, da água e até do ar, sem que os generosos Brasileiros estranhem nada. É, aliás, uma bela qualidade nossa, essa boa-fé e essa generosidade. Mas é preciso usá-la bem, distinguindo quem deve e não deve ser bem recebido. Senão, vejamos.

Há uns dois ou três anos, quando, na África, o barulho começou a engrossar contra os colonialistas, de repente o Brasil começou a ser visitado por dirigentes europeus. Num dia, vinha um príncipe holandês, noutro dia, um Rei belga, noutro, um deputado alemão, e assim por diante. Depois, eu soube que o que eles queriam era mandar para o Brasil os colonos europeus que, depois de séculos de crueldade e opressão, estavam, finalmente, ficando com medo dos Negros. Parece que terminaram desistindo, não sei. Conseguiram criar, por lá mesmo, divisões nacionais entre os Negros, de maneira que, enquanto o pessoal brigava dentro de casa, eles puderam ir ficando. De qualquer modo, parece que, pelo menos desta vez, nós nos livramos desses maus imigrantes, que trariam para cá seus ódios, seus ressentimentos, suas rígidas discriminações, instilando aqui esse veneno. É por isso que, como eu dizia antes, tenho um certo preconceito de raça ao contrário. Preconceito que — não é preciso dizer — absolutamente não existe diante do bom estrangeiro ou do bom imigrante de qualquer raça ou cor, que traz para cá sua pessoa, sua família, sua vida, sua cultura, enriquecendo-se e enriquecendo a nossa grande Pátria. Preconceito que deixará de existir também, extramuros, quando esses Povos brancosos que, por enquanto, são os poderosos do mundo, não puderem mais nos oprimir e explorar.

* * *

Agora, sempre me senti muito bem, ao contrário, em contacto com os europeus mediterrâneos, principalmente os gregos, os italianos e os ibéricos, assim como com os africanos — inclusive os árabes — e com asiáticos como os judeus ou os hindus. É por isso que, na minha Poesia, escolhi como símbolo do Povo brasileiro a "Onça Castanha" e, às vezes, a "Onça Malhada". E se não faço referência expressa aos outros latino-americanos, é porque, inconscientemente e naturalmente, no meu espírito eles formam com os brasileiros uma coisa só.

Ora, na minha arbitrária e talvez torcida opinião de brasileiro que nunca saiu de sua terra, esses Povos nórdicos são a raça com mais vocação para burro de carga que conheço. Nós, Povos castanhos do mundo, sabemos, ao contrário, que o único verdadeiro objetivo do Trabalho é a Preguiça que ele proporciona depois, e na qual podemos nos entregar à alegria do único trabalho verdadeiramente digno, o trabalho criador, livre e gratuito. Os Poetas e os Artistas têm a sorte de poder unir o trabalho escravo e o trabalho criador numa só atividade, e era isso o que eu tentava mostrar, também, na *Farsa da Boa*

Preguiça, através do personagem Joaquim Simão, o Poeta preguiçoso: um problema que não é só brasileiro, mas humano.

* * *

Outro problema no qual eu desejava tocar, na peça, era o da existência de dois Brasis. Um, o Brasil do Povo e daqueles que ao Povo são ligados, pelo amor e pelo trabalho. É o Brasil da "Onça Castanha", o Brasil que, na minha Mitologia literária, há de se ligar, sempre, ao nome de Euclydes da Cunha, que o chamou, aliás, de "a rocha viva da nossa Raça". É o Brasil peculiar, diferente, singular, único, que o Povo constrói todo dia, na Mata, no Sertão, no Mar, fazendo-o reerguer-se, toda noite, das cinzas a que tentam reduzi-lo a televisão, o cinema, o rádio, a ordem social injusta — enfim, todos esses meios dominados por forças estrangeiras e por seus aliados, e que tentam, até agora em vão, descaracterizá-lo, corrompê-lo e dominá-lo. Diga-se, de passagem, que certos meios empresariais brasileiros — inclusive os ligados aos meios de comunicação — nos deixaram sempre sós, quando denunciávamos esse estado de coisas. Mais ainda: acusavam-nos de estar inventando fantasmas, a serviço de ideologias estranhas e antinacionais. Agora, o sapato começou a apertar o pé deles. Sufocados, vendo a hora de serem engolidos, começam a gritar, a se aperceber, de repente, de que os fantasmas existiam mesmo, do que era tão evidente para nós.

Não é de admirar, porém. Esse é o Brasil oposto ao dos Cantadores, dos Vaqueiros, dos Camponeses e dos Pescadores. É o Brasil superposto da burguesia cosmopolita, castrado, sem-vergonha e superficial, simbolizado, na *Farsa da Boa Preguiça*, pelo ricaço Aderaldo Catacão e por sua mulher, a falsa intelectual Dona Clarabela, que fala difícil, comparece às crônicas sociais, coleciona santos e móveis antigos, mantém um "salão", e discute problemas de "arte formal" ou "arte conteudística". Tem tempo para tudo isso. Tem direito à "preguiça do Diabo", segura que está de que, em contraste com suas ideias liberais e de "social-democrata", a conta de seu marido no Banco está cada vez mais sólida e "de direita", às custas da exploração e da submissão do Povo. Sim, porque, por paradoxal que possa parecer, é nesses meios que se recruta a maioria das ideias e posições da falsa esquerda do ambiente político urbano brasileiro.

* * *

É por isso que faço, na peça, o elogio da preguiça de Joaquim Simão e condeno a de Dona Clarabela. É claro que, por causa da própria natureza da sátira, está colocado na *Farsa*, com espírito de geometria, aquilo que, na vida, deve ser olhado com espírito de finura. Estou perfeitamente consciente de que, na *Farsa*, podem ter se refletido os ressentimentos e as indecisões de um escritor de origem rural, exilado, por força de circunstâncias alheias a sua vontade, no meio da burguesia urbana. Um escritor indeciso e mesmo meio desesperado com as opções políticas que seu confuso e perturbado tempo lhe oferece. Mas, de qualquer modo, não me arrependo de ter feito a distinção sem

sutilezas e sem marcar as chamadas “honrosas exceções”. Isso era necessário, porque um dos chavões de que a classe burguesa urbana mais se vale, no Brasil, para falar mal do nosso grande Povo, é o da preguiça e da ladroeira. Perdoem-me se passo quase todo o tempo a contar histórias. Sou um contador de histórias, e só sei pensar em torno de acontecimentos concretos. Vou, então, contar mais algumas, que os sociólogos, filósofos, críticos e professores poderão, depois, interpretar.

Todos sabem que os Brasileiros ingênuos que vão à Suíça, à Inglaterra, à Suécia, à Alemanha ou aos Estados Unidos voltam candidamente convencidos de que aquelas aparências puritanas de lá significam, mesmo, honestidade, e não hipocrisia. Não têm olho de gavião para enxergar a grande roubalheira organizada, em que, por exemplo, a grande indústria faz, de propósito, peças frágeis que, no interior de fortes máquinas, quebram-se continuamente e continuamente têm que ser substituídas. Os nossos pequenos furtos latinos e mestiços não são nada, comparados com essa vasta ladroagem, que não fomos propriamente nós, Povos escuros e pobres do mundo, que planejamos e organizamos. Porque essa, sim, é a grande ladroeira, a que dá, verdadeiramente, lucros fabulosos. Os que a praticam, bem podem se dar ao luxo de, na Suíça, levar à delegacia da esquina os pacotes que esquecemos; de, nos Estados Unidos, cantar salmos aos domingos, na igreja; de organizar um Correio perfeito como o inglês etc. E lá vai a primeira história sobre isso.

* * *

Recentemente, uma americana e uma brasileira se juntaram para me contar uma dessas histórias de “velhacarias latino-americanas”. Diziam que a brasileira mandou uma filha para os Estados Unidos. Daqui, enviou ela, depois, para a moça, umas peças íntimas de bom tecido estrangeiro, peças que ela não declinou quais foram. O Correio americano, não encontrando a destinatária, devolveu honestamente o pacote que, ao chegar aqui, no Brasil, foi violado, desaparecendo então quase todas as peças: o Correio brasileiro, “infiltrado de ladrões”, segundo as duas, alegou que certamente o pacote se dilacerara, tendo-se aí perdido, naturalmente, as peças desaparecidas.

A americana, por seu turno, me contou que, uma vez, lhe mandaram, dos Estados Unidos, uns dólares em cheque. Os funcionários do Correio brasileiro furtaram o cheque e, como este era nominal, tinham chegado ao requinte de mandar descontá-lo em Portugal, onde o Banco do cheque tinha, também, uma agência.

Eu fiquei tão chocado com esses maus atos dos nossos patrícios que, na hora, não me ocorreu perguntar às duas como foi que elas conseguiram fazer uma investigação tão rigorosa que permitisse afirmar, assim, com aquela segurança, que o pacote e o cheque tinham sido furtados de fato aqui, na terra de Lampião e Mineirinho, e não lá, na terra de Dillinger, Lee Oswald e Jack Ruby. Mas, na falta disso, ocorreu-me dizer: “É verdade, o furto deve ter sido feito aqui mesmo. Com os professores que temos tido, desde os

piratas ingleses e franceses dos séculos passados até os de hoje, o furto está se espalhando, aqui, de modo assustador. Recentemente, por exemplo, o nosso Exército descobriu, em Goiás, uma quadrilha internacional de ladrões de minério atômico, chefiada por um Senador americano."

* * *

A outra história é também significativa. Nunca pude me esquecer da expressão de cólera com que uma senhora rica me contou, em 1960 — ano em que escrevi a *Farsa da Boa Preguiça* —, como ficara, no dia anterior, quase uma tarde inteira, desesperada, angustiada, com seu automóvel enguiçado diante de um posto de gasolina, presa na boleia do carro por uma dessas nossas fortíssimas chuvas de junho, do Recife. A cinco passos dela, abrigado num portal do posto, estava um negro alto, olhando a cena, impassível e sereno.

A dona baixou o vidro do automóvel, exibiu aquilo que para o negro era uma boa nota de dinheiro e ordenou-lhe que empurrasse o carro até o posto, para ele ser consertado. Ao me contar a história, ela experimentava, de novo, a raiva que sentira no momento e comentava, furibunda: "O que mais me irritava, era que eu via que ele precisava do dinheiro, pois estava todo esmolambado. Não vinha por preguiça e porque achava que, se eu não estava na chuva, ele também tinha o mesmo direito. Quanto mais eu, humilhando-me, subia a quantia oferecida, mais ele se obstinava, dizendo, tranquilamente, que, se fosse para o meio da rua, ficaria todo molhado." E a dona do automóvel rematava com a frase tradicional: "É por isso que o Brasil não vai pra frente."

Eu objetei: "Minha cara, é exatamente por isso que o Brasil, um dia, irá para a frente. A meu ver, seu erro foi mostrar o dinheiro e ordenar. Se você tivesse pedido simplesmente o favor, provavelmente ele teria vindo, com aquela gentileza sem ressentimentos e sem servilismo que é tão comum no nosso Povo. Sim, porque o que você viu ali foi a fidalga preguiça do Povo brasileiro. Você precisa entender que estava tratando com o descendente brasileiro de algum Príncipe negro, com um homem como Didi ou Pelé, um homem que não se dobra nem se vende. E se nós, brasileiros privilegiados, não trairmos essa gente nem esse espírito, o Brasil será, ainda neste século, um País talvez único no mundo, pela grandeza e pela dignidade do seu Povo."

* * *

Para mim, essas histórias revelam muita coisa sobre a preguiça e o trabalho. Pode haver nobreza e criação na preguiça, pode haver feiura e roubalheira no trabalho. Um jornalista nordestino, Marco Aurélio de Alcântara, acusou recentemente as pessoas como eu de sofrerem de complexo de inferioridade. Não me incomodo absolutamente. Muita coisa grande tem surgido assim, inclusive na Arte e na Literatura. É melhor um nobre complexo de inferioridade que luta e reivindica, do que uma resignação conformista que

se agacha. Estou consciente de que o elogio indiscriminado de nossas qualidades pode nos levar ao ufanismo e à mania de grandeza. Mas sei, também, que o deslumbramento diante de tudo o que nos vem de fora é perigoso para nós. Foi essa a grande mancha daquele grande brasileiro que foi Tobias Barreto, eterno deslumbrado diante da ciência e da filosofia nórdicas.

Quando Marco Aurélio de Alcântara diz que "o português é a mais viva das línguas mortas", está exibindo não um nobre complexo de inferioridade, lutador e reivindicador, mas sim uma mórbida resignação, um conformismo servil e sem coragem. Vê-se que, para ele, nada significam milhões de pessoas que falam português, no mundo. São pessoas como Marco Aurélio de Alcântara aqueles que vivem, no Brasil, eternamente preocupados com "a opinião que estão fazendo de nós, lá fora". É evidente: para eles, o padrão exemplar é a opinião europeia ou norte-americana, e como os ingleses, os franceses e os alemães não falam português, esta é uma língua morta. Quando são escritores, ignoram, inconscientemente, todo o nosso público de língua portuguesa e seu sonho secreto é "serem conhecidos e consagrados lá fora". Como por uma espécie de castigo, "lá fora" ninguém toma conhecimento deles. Então, tendo que encontrar um bode-expiatório para esse fato, põem a culpa na língua portuguesa, a quem chamam, com Alexandre Herculano, de "o túmulo do pensamento". Túmulo do pensamento e língua morta por quê, se, sem contar Portugal, Angola, Moçambique etc., para milhões e milhões de brasileiros escrevemos nós? Se Deus quiser, se os técnicos em planejamento deixarem e a pílula não impedir, logo chegaremos a duzentos milhões. E, queiram ou não queiram os nossos resignados sem complexo, duzentos milhões de pessoas formarão uma voz que terá de ser ouvida no mundo.

* * *

Esse era o elogio e essa era a condenação da preguiça que eu desejava fazer na minha *Farsa*. Reconheço que existem alguns perigos na posição dos que, como eu, partem dessas qualidades do Povo brasileiro. Um, é não denunciarmos suficientemente uma situação social injusta, um estado de coisas em que nós, os brasileiros privilegiados, temos, aqui dentro, direito ao ócio, direito adquirido às custas da exploração do Povo brasileiro pobre. Atualmente, a nossa situação é esta: de um lado, uma minoria de privilegiados, com direito ao ócio, quase sempre mal aproveitado, danoso e danado; do outro, o Povo, colocado entre duas cruzes: a cruz do trabalho escravo, intenso e mal remunerado, e a cruz pior de todas, a do ócio forçado, a do *lazer a pulso* do desemprego.

O segundo perigo é o de que, exaltando nós, por demais, a justa convicção brasileira de que o trabalho é, de fato, um castigo, de que o homem nasceu, mesmo, foi para as bem-aventuranças da boa Preguiça, nós corremos o risco de ser ultrapassados de vez pelos nórdicos. Não fiquemos somente a fazer o elogio humanista das nossas virtudes de ócio, senão os poderosos do mundo — que passaram por sua fase de trabalho intenso, sejamos justos em reconhecer — nos dominarão de uma vez para sempre. Sejamos,

também, justos em reconhecer: apesar de lhes sermos superiores sob vários pontos de vista, noutros eles ganham para nós, incluindo-se aí a organização e o trabalho tecnológico. Não escondo que, por mim, eu preferiria uma vida mais poupada, modesta, sóbria, uma espécie de pobreza honrada, repartida e honesta numa comunhão maior com as cabras e as pastagens da vida rural. Mas parece que isso é um sonho impossível e que, se ficarmos nesse sonho, nunca deixará de haver desempregados e famintos entre nós; sem se falar em que as nações poderosas, vendo o grande carneiro, enorme e inerme, em que nos tornaríamos, afiariam, logo, seus cutelos para nos retalharem e dividirem a carne. Parece que, queiramos ou não queiramos, a tecnologia e uma fase de trabalho intenso são, no mundo moderno, uma espécie de maldição inevitável, a única maneira que temos de nos libertar da inferioridade e da dominação econômicas. Sem essa libertação, o Brasil não alcançará aquela grandeza à qual me referia, uma grandeza à altura do seu Povo. Nisso, a meu ver, devemos estender a mão à palmatória dos Nórdicos capitalistas e dos Soviéticos socialistas, aprendendo seus processos técnicos e seus métodos de trabalho. Agora, que isso não nos descaracterize nem nos achate num cosmopolitismo uniforme e monótono, numa espécie de "esperanto cultural" em que os latino-americanos, embalados por uma falsa ideia do que seja o universal, se metam a macaquear o alheio, voltando àquela ideia, do século XIX, de que a Cultura realmente verdadeira e superior era a europeia de origem greco-latina, sendo todas as outras exóticas; de que um progresso contínuo presidia a "evolução" das Artes e da Literatura, sendo, necessariamente, um quadro da Renascença superior a um quadro da Idade Média. Um povo que, como o latino-americano, tem uma escultura como a incaica ou a tolteca, não precisa de muito esforço para entender que a escultura hindu não é inferior à grega, é diferente da grega. Diferente e, para meu gosto pessoal, até melhor.

A tal respeito, como já tenho feito tantas vezes, lembro como serão importantes, no momento da industrialização e do enriquecimento, a Gravura, a Pintura, a Escultura, a Cerâmica, o Romanceiro e os espetáculos populares brasileiros, como manancial e fonte de inspiração para a manutenção de uma garra brasileira, capaz de animar com o sangue e a raça do Brasil uma indústria peculiar e fiel a nosso País e a nosso povo.

* * *

Não sei se, quando escrevi a *Farsa*, os ilustres sociólogos estrangeiros e brasileiros que hoje se ocupam dos problemas do lazer já tinham tratado do assunto. Se tinham, eu nada conhecia, porque muito raramente leio qualquer coisa de sociologia. Tenho um amigo sociólogo a quem digo de vez em quando, brincando, que não levo a ciência dele a sério porque a Sociologia perde em movimentação e grandeza épica para a História; perde em segurança e eficácia técnica para as Ciências; perde em atualidade para a Imprensa; e perde em beleza para a Literatura. De qualquer forma, depois que escrevi a *Farsa da Boa Preguiça*, comecei a tomar conhecimento de artigos nos quais os sociólogos nos alertavam para os problemas que poderiam advir, para a humanidade, do ócio a ser

brevemente criado pela automação. Para ser franco, como sertanejo desconfiado que sou, como sertanejo que trabalha duro desde os dezessete anos de idade, acho a Boa Preguiça uma coisa tão maravilhosa que não acredito que ela venha a ser possível, de jeito nenhum, neste chamado "vale de lágrimas". Deus queira que eu esteja enganado e que isto seja apenas defeito de visão de um homem que, criado numa terra áspera, seca e pobre, não leva muita fé na possibilidade real desse anunciado mundo em que todos poderão ter preguiça e sonhar à vontade. E exemplifico o que quero dizer, mais uma vez, com uma história.

* * *

Eu tinha duas tias-avós velhas, uma das quais, muito religiosa e crédula, vivia a repetir uns famosíssimos e suspeitíssimos milagres cuja notícia ela lia no *Mensageiro do Coração de Jesus* e em que sempre aparecia um misterioso "manto de Nossa Senhora", revelado na Espanha, na França, na Alemanha, e que curava cegos, ressuscitava mortos etc. Era cada milagre de empenar. A outra tia-avó, irmã da milagreira, sertaneja cética e desconfiada, costumava comentar filosoficamente: "Eu não sei o que é que têm esses milagres de Sinhazinha, que só acontecem no estrangeiro."

Eu, também sertanejo e desconfiado, tenho medo de que essa possibilidade maravilhosa de o homem se libertar do trabalho escravizador seja apenas um milagre enganador, como os do *Mensageiro do Coração de Jesus*. Mas sou, também, religioso, e se desconfio da frequência dos milagres é exatamente por respeito ao milagre. E como existe um lugar-comum afirmando que "tudo no mundo é possível", creio que só entrando na corrida tecnológica é que o Brasil e a América Latina podem vir a participar desse abençoado e milagroso lazer que estão nos anunciando.

* * *

Sou, como todo escritor, uma espécie de sonhador, sem muito jeito para político ou cientista. Não foi, portanto, por nenhuma lucidez especial que me apercebi desses problemas desde muito moço: foi a própria experiência da vida. Vi um tio meu, uma espécie de Cavaleiro sertanejo, valente, alegre, caçador, amigo do Povo, um homem que recebia na sua mesa trinta ou quarenta pessoas por dia, ser liquidado em pouco tempo, fazendo passar o menino sertanejo que eu era então por uma experiência semelhante à que os meninos de engenho passaram na Zona da Mata nordestina. Com uma agravante, aliás: nesta, foram as usinas e capitais brasileiros que liquidaram os Engenhos; no Sertão, foi o capital estrangeiro que liquidou uma nascente e florescente indústria de beneficiamento de algodão. Em Taperoá, aí por 1934, havia vinte e oito pequenas fábricas sertanejas dessa indústria, os "locomóveis", como eram chamados. Duas companhias estrangeiras chegaram por lá e liquidaram tudo. A mais rica montou na sede do município um maquinismo moderno e poderoso. As duas companhias, juntas, subiram de tal modo os preços de compra do algodão em caroço, bruto, que

imediatamente todos os agricultores sertanejos passaram a vender só a elas. Os pequenos industriais sertanejos que não tinham algodão próprio fecharam logo suas fábricas. Ficaram aqueles que, além de possuírem locomóveis, eram, também, agricultores e produziam seu próprio algodão. Aí, as duas companhias subiram também o preço de compra do algodão beneficiado e começaram a comprar toda a produção dos locomóveis sertanejos, criando uma prosperidade artificial que, durante algum tempo, criou uma verdadeira euforia, no Sertão. Ocorria, porém, um ligeiro pormenor em cujo perigo, a princípio, ninguém atentou: a diferença de preço entre o algodão em caroço e o algodão beneficiado era tão pequena, que era mais vantagem vender o primeiro, pois a diferença não compensava os gastos e o trabalho do beneficiamento. Aí, fecharam as fábricas que ainda restavam, e todos os sertanejos passaram a vender algodão em caroço às duas companhias estrangeiras. Mas a alegria era de pobre e durou pouco. Assim que as vinte e oito fábricas fecharam, com os locomóveis vendidos e saídos do município, os preços baixaram, a falsa prosperidade acabou e os Cavaleiros sertanejos, endividados, como meu tio, durante a euforia, morreram desesperados e arruinados.

O pior é que, então, já cumprida a finalidade para que fora montada, a companhia estrangeira fechou também sua grande e moderna fábrica. Ficou apenas comprando o nosso algodão, com os sertanejos reduzidos à velha condição paracolonial de fornecedores de matéria-prima.

Assim, acredito que não devemos ficar apenas sonhando, inativos, fazendo a lamentação humanista das fazendas ou dos engenhos. Maldição ou meio de libertação, ou entramos pelo domínio do trabalho e da máquina, ou as "companhias" de todos os tipos nos vencerão sempre. Montarão, talvez "lá fora", sua boa vida de ócio; quanto a nós, essa nova "idade de ouro" ficará para sempre como um "milagre de Sinhazinha", desses que só acontecem no estrangeiro. O que deixará todos nós, Povos castanhos do mundo, o resto da vida trabalhando para galego.

A.S.

Recife, 24 de outubro de 1966.
7 de dezembro de 1972.

ADVERTÊNCIA

A *Farsa da Boa Preguiça*, como já aconteceu com outras peças minhas, foi escrita com base em histórias populares nordestinas.

O primeiro ato fundamenta-se, ao mesmo tempo, numa notícia de jornal e numa história tradicional, anônima, de mamulengo.

O segundo, na história, também tradicional, de um macaco que perde o que ganhara após várias trocas — história que é a origem do "romance", também de autor anônimo, sobre o homem que perde a cabra, e que também me serviu de fonte.

O terceiro ato baseia-se num conto popular, o de *São Pedro e o Queijo*, e também noutra peça tradicional de mamulengo, chamada *O Rico Avarento.*

As duas peças de mamulengo que serviram de fonte à minha foram ultimamente divulgadas, no Nordeste, pelos mamulengueiros conhecidos como Professor Tira-e-Dá e Benedito. Por sua vez, o "folheto" popular também teve sua versão recente através do folheto denominado *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*, de autoria de Francisco Sales Areda.

A.S.

Primeiro Ato

O Peru do Cão Coxo

O cenário representa uma espécie de pátio ou praça, com a casa do rico de um lado (com alpendre, janelão e um baú) e a casa do pobre do outro. Perto desta há um banco, no qual o poeta se deita ao sol, nos momentos de maior preguiça. Mas a peça pode ser montada sem cenário, como, aliás, acontece nos espetáculos populares do Nordeste, em cujo espírito ela se baseia.

Quando as luzes se acendem, estão em cena Manuel Carpinteiro, Miguel Arcanjo *e* Simão Pedro. Manuel Carpinteiro *é alto, moreno, veste terno e camisa brancos, com sapatos brancos e de sola de borracha, e usa gravata-borboleta azul; na cabeça, um chapéu de massa, de cor cinza e de abas curtíssimas.* Miguel Arcanjo, *seu secretário, é um homem gordo, de bigode e costeletas, com chapéu igual ao do chefe, camisa de malha escarlate, brilhante, e tem na mão uma maleta, de onde retira, de vez em quando, uma balança e uma cobra, dessas que se mexem. Presume-se, com certo matiz cômico, que, dentro da maleta, estão uma cobra e um jacaré enormes — como, aliás, acontece com os "homens da cobra", os camelôs da propaganda popular dos pátios e das feiras do Nordeste.* Simão Pedro *veste pobremente e tem utensílios populares de pesca na mão. Para as roupas usadas na* Farsa *(como em todas as minhas peças, aliás), duas coisas devem ser levadas em conta: primeiro, que o povo nordestino em geral e em particular os atores dos espetáculos populares conseguem, com imaginação maravilhosa, criar a beleza, a grandeza e o festivo partindo da maior pobreza; em segundo lugar, que, no meu teatro, a roupa nunca é somente um acessório apenas decorativo: tem sempre uma função teatral a desempenhar.*

A luz começa baixa e somente depois, obedecendo à ordem de Manuel Carpinteiro, *é que sobe para o normal.*

Manuel Carpinteiro *(Em tom de camelô.)*

O cavalheiro pode ver aqui
— inteligente e culto como é —
o Fogo escuro, o enigma deste Mundo
e o rebanho dos Homens em seu centro!
Que palco! Quantos planos! Que combates!
Embaixo, o turvo, as Cobras e o Morcego.
No meio, o que esta Terra tem de cego e esquisito.
Em cima, a Luz angélica — esta Luz mensageira

com seu vento de Fogo puro e limpo!

Embaixo, três Demônios que aqui passam.

Andreza, Fedegoso *e* Quebrapedra *cruzam a cena, vestidos com roupas populares,* Andreza *com algo de cigana.*

Daqui, quatro pessoas que aí vão.

Aderaldo, Clarabela, Simão *e* Nevinha *cruzam a cena.* Aderaldo *veste de maneira rica, pretensiosa e feia, e sua mulher,* Clarabela*, com o falso refinamento grã-fino, última moda.* Simão *veste com a elegância dos miseráveis, isto é, de modo pobre mas imaginoso e decorativo.* Nevinha*, ajeitada e bonitinha como pode.*

De cima, entramos nós, dirigindo o espetáculo!

Um dos santos: São Pedro, o Pescador!

Um Arcanjo: Miguel, guerreiro Fogo!

E eu, o lume de Deus, o Galileu!

Dirá o cavalheiro: "É impossível!

O Cristo, um camelô?"

Mas não será verdade

que o Cristo é o camelô de Deus, seu Pai?

São essas minhas peças neste jogo!

Agora, me pergunta o cavalheiro:

"Que tem esse idiota pra mostrar?"

É simples: duas Cobras venenosas,

um Jacaré terrível,

e a luta que esses três irão travar

contra um Pássaro alado e benfazejo!

A feroz Sucuri do Alto Amazonas!

O feroz Jacaré do Rio Una,

e esta Joia vermelha, a Ave-do-Paraíso!

Secretário, olhe a maleta:

como estão?

Miguel Arcanjo

Estão ferozes! Uma coisa terrível!

Manuel Carpinteiro

Aqui, como no palco deste mundo,
essas forças se vão entrecruzar.
Aqui é a casa do pobre,
do poeta Joaquim Simão.

Simão Pedro

Em frente, mora o ricaço
Aderaldo Catacão.

Manuel Carpinteiro

Aqui se passa a história,
vamos ver quem tem razão.

Miguel Arcanjo

Eu quero lhe contar o que há, Senhor!
O senhor sabe: como Anjo,
não posso ser mentiroso!
O tal do Joaquim Simão
é um Poeta preguiçoso,
que, detestando o trabalho,
vive atolado e ainda tem coragem
de se exibir alegre e animoso!

Simão Pedro

Você detesta a preguiça
mas é porque nunca trabalhou!
Sempre foi Anjo! Assim é bom!
Você, São Miguel,
nunca teve, como eu tive,
de enfrentar mar roncador,

dando duro na tarrafa,
atrás do peixe ligeiro,
fino, veloz nadador.
O trabalho nas costas nunca lhe doeu!
Sei que é um Anjo importante,
corajoso, limpo, claro
e que ao Demônio venceu!
Mas você nunca foi homem:
eu fui um!
Você nunca deu um dia de serviço
a homem nenhum!

Miguel Arcanjo

Nosso Senhor, o que acha?

Simão Pedro

O que ele acha, eu não sei!
Mas pergunte a São José,
o velho dele, o pai dele,
junto de quem eu morei:
garanto que o Carpinteiro
se pauta por minha lei!

Miguel Arcanjo

Ah, isso não! São José
foi um Santo tão perfeito,
que era uma espécie de Anjo,
puro, limpo e satisfeito!
Nunca enrolou no serviço:
age assim quem é direito!

Simão Pedro

Se ele deu duro na vida,

garanto que preguiçou.
Quando as costas lhe doíam
quantas vezes não gritou:
"Ô Jesus! Ô Maria! Me armem aí uma rede
pois a preguiça chegou!"
Foi ou não foi, Nosso Senhor?

Manuel Carpinteiro

Talvez, talvez, São Pedro!
Nem tanto assim, nem tão pouco!
Preguiçar demais, é ruim!
Mas você também, São Miguel,
não pense que duas vezes oito é dezessete!
Ninguém, também, é obrigado
a quebrar pedra de bofete!

Miguel Arcanjo

Na qualidade de Arcanjo,
gosto dos espirituais!
Mas sou também um Guerreiro
e aprecio, até demais,
alguém fogoso e inquieto,
sequioso de sempre mais!

Simão Pedro

Eu gosto é da paciência,
e não vejo como exista
paciência sem preguiça.

Miguel Arcanjo

Mas veja aí esses dois:
Aderaldo Catacão
que é rico, trabalha muito!

Simão Pedro

Pode haver safadeza no trabalho,
e na preguiça pode haver criação!
Agora, existe um costume
dos ricos endemoninhados:
como trabalham, se sentem no resto justificados.
Pagam mal aos operários,
oprimem os camponeses,
acusam quem defende os pobres
de ser do Mal instrumento,
sopram dureza e maldade
nos atos e pensamentos,
dão-se à Avareza, à Luxúria,
comem Fogo, bebem Ventos!

Miguel Arcanjo

Estes invejam dos pobres
até a pura alegria!
Pensam que o Cristo é um deles!

Manuel Carpinteiro

E o Cristo foi sempre pobre!

Miguel Arcanjo

Mas, se amamos mais os pobres,
não vamos idealizá-los!
Vamos amá-los sabendo
dos seus defeitos e qualidades!

Simão Pedro

Ah, isso é!
Os intelectuais de boates
é que vivem feito rapariga e mulher-dama

— apaixonados pelos operários,
pelos embarcadiços,
e vendo no Povo só bondades,
como se o Povo não fosse gente!

Miguel Arcanjo

Eu não sou assim não!
Por isso, vivo de olho
no tal do Joaquim Simão.
Vejo esse moço, espichado,
tocando sua viola,
na toada do baião,
enquanto o rico trabalha
de sol a sol, de inverno a verão!

Simão Pedro

Não sei como é que se tem coragem
de reclamar contra o ócio criador da Poesia!
O que acontece, Nosso Senhor,
é que esse rico desgraçado, cada dia
cria mais raiva de Joaquim Simão
só e unicamente porque ele é Poeta
e, sendo pobre, vive contente,
sem a sede e a doença da ambição!

Miguel Arcanjo

Será só por isso mesmo?

Manuel Carpinteiro

É o que vamos verificar.
Será que eles são casados?

Miguel Arcanjo

O rico, Seu Aderaldo, eu sei que é!

A mulher dele é toda cheia de visagens.
Chama-se Clarabela. Como está na moda,
coleciona cerâmicas populares,
faz versos, pinta paisagens,
protege os jovens artistas,
coleciona móveis antigos,
cristais, quadros e imagens!

Simão Pedro

Muito bem! Dona Clarabela ama a Arte,
seus versos e coleções.
Nevinha, a mulher do Poeta,
ama o marido dela. Toma conta dos filhos,
não faz cursos nem conferências,
não se mete em discussões,
cuida dele, ajeita a casa
e reza suas orações.

Manuel Carpinteiro

Vamos ver e apurar:
depois se tem um roteiro
para este caso julgar!
Vamos, então, começar!
As Cobras contra o Pássaro de Fogo,
o Escuro contra a Luz,
o Ócio contra o mito do Trabalho,
o Espírito contra as forças cegas do Mundo!
Os homens nesse meio, sepultados
e ligados às Cobras pelo Mundo,
pela desordem do Pecado,
e ligados ao Lume, ao claro, ao solar,

por um Santo de carne, um Anjo de fogo
e por aquele que é carne e fogo
e se chamou Jesus!
Vai começar! Comecem! Luz!

Desaparecem. A luz sobe. Entram ADERALDO *e* ANDREZA*, vindos da casa do primeiro.*

ANDREZA

O senhor não se preocupe, Seu Aderaldo,
hoje seu encontro amoroso sai!
Mais umas duas cantadas
e a mulher do Poeta cai!

ADERALDO

Diga que, para ela, eu vou ser
muito mais do que um amante: um Pai!
Você diz?

ANDREZA

E então? Digo tudo o que o senhor quiser!

ADERALDO

Diga que eu vendi tudo o que tinha na Cidade:
fico, de vez, no Sertão!
Meu dinheiro chega hoje:
já está feita toda a transação!
Vendi tudo. Apliquei o que tinha
na compra de todo o gado do Sertão.
Levarei a carne aos centros mais importantes!
Já pensou? Tudo isso em minha mão?
Minha mulher chegou ontem à noite:
precisa assinar inúmeros documentos
e me outorgar uma procuração.

O dinheiro vem pelo Banco
para a minha conta corrente:
eu tiro esse dinheiro com um cheque
e pago aos boiadeiros do Sertão.
Com isso, açambarco todo o gado
e triplico o que tenho em pouco tempo!
Já viu o que é cabeça?
A isso pode se chamar *organização*!

ANDREZA

É muito, hein, Seu Aderaldo?

ADERALDO

É bastante! Mas vamos deixar isso!
Agora, o que eu quero é essa mulher!
Esse Poeta me irrita:
diz que vive como quer!
Vou tomar a mulher dele
da forma como quiser!

ANDREZA

Eu vou dar outra cantada nela.
Vou trazê-la aqui agora!

Entra na casa de JOAQUIM SIMÃO.

ADERALDO

Está certo! E que seja sem demora!
Eu vou me esconder aqui!
Com mulher, meu estilo é uma mistura de bode e macaco!
Se ela vier, chego por trás
e, quando ela menos esperar, eu atraco!

Esconde-se. Entram ANDREZA *e* NEVINHA.

ANDREZA

Pois é como eu lhe digo, Comadre:
não bote essa caçada fora!
Seu Aderaldo está louco por você!
Você recebeu o bilhete?
Olhe, Seu Aderaldo está assim
feito um cabo de trinchete!
E é um homem rico, Comadre!

NEVINHA

Pode ser rico como for:
eu é que não vou nessa história!
Sou casada com Simão, Dona Andreza,
e Simão é minha fraqueza e minha glória!

ANDREZA

Comadre, deixe de ilusão!
Deixe de ser abestalhada que esse negócio de fidelidade
e amor na pobreza não vale nada!
Comadre, me diga uma coisa:
seu marido lhe dá muitos vestidos?

NEVINHA

A situação dele é ruim, Dona Andreza,
a gente não pode, assim, gastar!
Mas Simão tem a mão aberta:
quando ele pode, dá!

ANDREZA

Veja que vestido desgraçado, esse seu!
Essa sua, isso é lá vida!
A Comadre é bonita e moça que faz gosto!
Eu é que não queria ter uma mulher dessa
pra deixar malcuidada e malvestida!

NEVINHA

Dona Andreza, Simão me traz como pode
e como Deus é servido!

ANDREZA

Está conversando, Comadre!
O que aquilo é, é um preguiçoso de marca!
A única coisa que Joaquim Simão faz
é tocar viola e cantar besteira e bendito!
E é feio que nem a peste!

NEVINHA

Não acho!

ANDREZA

Se ao menos fosse bonito!
Agora, Seu Aderaldo não, é outra coisa!
O homem nasceu pra trabalhar e pra juntar dinheiro!
Está louco por você, Comadre!
Aquilo não é amor mais não, é fome, é sede!
Olhe, ele está assim, bestando,
feito um armador de rede!
Ele me disse que, no dia em que você visse
um *pé* de agrado nele, ganhava um cento de vestido!

Agarra o pé de NEVINHA*, que se solta.*

NEVINHA

Deus me livre de botar no corpo
um vestido amaldiçoado e mal recebido!

ANDREZA

Comadre, deixe de ser mole! Se agarre com Seu Aderaldo
que é um homem rico e bom!
Ele me disse que no dia em que você visse

uma *perna* de agrado nele,
ganhava uma carroça carregada de batom!

Agarra a perna de Nevinha*, que se solta.*

Nevinha

Nossa Senhora me guarde dessa pintura de Satanás!

Andreza

Comadre, deixe de ilusão! Eu vou chamar o rapaz!

Nevinha

Dona Andreza, não faça uma coisa dessa!
Não me azucrine mais!

Andreza

Ele me disse que, no dia em que você visse
duas pernas e um bucho de agrado nele,
ganhava um jumento carregado de sapato!

Agarra o bucho de Nevinha*, que a empurra.*

Nevinha

Aquele homem tem é parte com o Cão!
Você diga a ele que vá botar ferradura
nas éguas dele, em mim, não!

Andreza

Comadre, não bote essa caçada fora
que depois você vai se arrepender e será tarde!
Ah mulher besta dos seiscentos diabos!
E tudo isso, por causa dum preguiçoso daquele!
Aquilo é podre de preguiça!

Nevinha

Dona Andreza, não diga uma coisa dessa
que chega a ser uma injustiça!
Se a senhora continua assim, eu não escuto mais!

A senhora elogia, aí, esse ricaço!
Sabe que meu marido é tão importante
que a mulher do rico veio ontem para cá
somente pra ver os versos que Simão faz?

ANDREZA

Comadre, deixe de ilusão!
Você não está vendo que aquelas besteiras
que Joaquim Simão faz não valem nada?
Tudo isso, foi coisa arranjada!
Foi Seu Aderaldo que arranjou, para agradar você!
Foi tudo pra ver se você via duas pernas,
um bucho e um pescoço de agrado nele.
Se você não facilita, está perdida a caçada:
você e Joaquim Simão terminam ficando sem nada!

Acaricia o pescoço de NEVINHA*, que a empurra.*

NEVINHA

É o quê! Você está enganada!
O que Simão escreve é feio? É nada!
Eu sempre achei o que Simão faz muito bonito!
Dona Clarabela, a mulher de Seu Aderaldo,
é a maior entendida nessas histórias de folheto e bendito!
Vem do Recife pra ver: vem pra fazer um estudo!
Se achar bom o que Simão faz,
vai ficar comprando tudo!
O que ele escrever agora, vai vender:
a questão, é trabalhar!

ANDREZA

E quem disse que aquele preguiçoso vai trabalhar?

NEVINHA

Ah, não! Ele pode ter preguiça pra tudo no mundo:
mas bom para a mulher e bom pra fazer verso ele é!

ANDREZA

Agora, porque ele trabalha quando quer!
Quando for por obrigação, você vai ver como é!
Por isso, ouça meu conselho: aproveite enquanto é tempo!
Não bote a caçada fora! Seu Aderaldo está feito um bodoque:
chega está todo alesado, todo besta para o mundo!
Olhe, ele está com um colar muito rico pra lhe dar!
Você quer que eu vá buscar?

NEVINHA

Não, Dona Andreza, minha sina é Simão, mesmo!
Simão, aquele safado!
Pode ser podre de preguiça
mas é um visgo danado!
Ave Maria, só tendo sido catimbó,
e catimbó daquele de alfinete!
Eu vou lhe dizer uma coisa, Dona Andreza:
do jeito que Seu Aderaldo vive pra meu lado,
eu vivo pro lado de Simão, feito um cabo de trinchete!
Ai, meu Deus, lá vem Simão! Eu chega fico nervosa!
Dona Andreza, me diga uma coisa: eu estou bem?
Eu sei que estou horrorosa!
Dona Andreza, como é que está meu cabelo?

ANDREZA

Assim como as crinas duma besta, Comadre,
porque você não passa duma,
a maior besta que eu já vi!
Se preocupar por causa de Joaquim Simão...

Que é que você vê nesse peste, Comadre?
Tenho horror a esse sujeito, todo metido a engraçado!
Se eu fosse casada com essa desgraça,
botava-lhe um par de chifre que ele ficava empenado!

Entra JOAQUIM SIMÃO, *bocejando.*

SIMÃO

Ai, ai, ai! Eu, hem?

ANDREZA *(Com raiva.)*

Lá vem!

SIMÃO

Eita vida velha desmantelada!
Menino, olha quem está aqui!
Andreza, minha amada!
Que é que há, Andreza?

ANDREZA

Nada!

SIMÃO

Isso é o que pode se chamar
uma freipa de mulher escorropichada!

Dá-lhe uma tapa nas nádegas.

ANDREZA

Ai! Deixe de liberdade, viu, Seu Simão?
Por causa de liberdade
já vi uma filha matar um pai!

SIMÃO

E eu sou lá seu pai, Andreza!
Sua mãe fez tudo pra isso:
mas eu me mantive firme
e ela, desanimada,

se arranjou com seu pai, mesmo!
Que é isso? Que cara, Ave!
Andreza parece um bicho,
um desses bichos malignos,
uma mistura de cobra,
morcego e sapo hidrofóbico!

ANDREZA

E sua mãe, com quem parece?

NEVINHA

Dona Andreza, não se zangue!
Simão tem essa mania
de achar gente parecida com bicho!
É uma mania que o povo estranha,
mas é inocente e não deixa de ser engraçada!

ANDREZA

Engraçada para a senhora, que é uma mulher desmoralizada!
Para mim, não!

SIMÃO

Ai, Andreza, minha paixão!

ANDREZA

Você vá pra merda, viu, Seu Simão?

Sai arrebatadamente.

SIMÃO

Eita, vida velha desmantelada!

NEVINHA

Simão, meu filho, pelo amor de Deus
acabe com essas brincadeiras!
Isso é hora de você estar por aqui
lesando e dizendo besteira?

Avalie se essa tal de Dona Clarabela chega aqui
e encontra você assim!

SIMÃO

Assim, como?

NEVINHA

Ela pode achar que você é sem compostura!

SIMÃO

Sem costura? Alto lá!
Minhas pregas estão no canto
e as costuras no lugar! Alto lá!

NEVINHA

Ela pode se decepcionar com você!
Essa mulher se interessou por seus versos!
Isso pode ser a salvação da gente, Simão!

SIMÃO

A salvação? Salvação por quê?
Não vejo ninguém perdido aqui!
Você é perdida, é? Não me diga isso não, pelo amor de Deus!
Se eu descobrir que minha mulher é perdida,
morro de desgosto, vou procurar outra vida!
Agora, enquanto não descobrir isso, tenha paciência,
vou vivendo descansado!
E sabe do que mais?
Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco, deitado!

Estes dois últimos versos são cantados, como no "mamulengo". SIMÃO *canta-os, deitando-se no banco.*

NEVINHA

Simão, não brinque não, pelo amor de Deus!

A gente tem os filhos, pra dar de comer,
e Seu Aderaldo é um homem rico! Se Dona Clarabela
se engraçar, mesmo, de seus folhetos,
diz que compra tudo o que você fizer!
Dizem que Seu Aderaldo, nessas coisas,
se guia pelo que diz a mulher!
Tudo o que você escrever dagora em diante vende a ela!

SIMÃO

Nevinha, não vá atrás desse povo não que você corre doida!
Esse povo gosta, lá, da Arte nem da Poesia!
Isso tudo é conversa fria!
Isso é mulher desocupada, sem ter o que fazer,
que é o pau que está aparecendo mais aqui, agora!
Procuram a gente, futricam, futricam,
conversam, dizem que pagam, que fazem, que acontecem,
depois desaparecem
e não dão mais nem notícia! Me diga uma coisa:
Seu Aderaldo não está morando aí?

NEVINHA

Está!

SIMÃO

E como é que a gente nunca viu a mulher dele?
Me diga: isso faz sentido?
Toda mulher séria que eu conheço
vive ali, junto, agarrada com o marido!
Cadê que você me larga?

NEVINHA

Ah, eu sou diferente, Simão!
Sou uma mulher ignorante, a mulher dele, não!

Ela entende de Poesia,
escreve, discute, fez um curso de Psicologia...
Eu não sou capaz de fazer nada disso!

SIMÃO

Mas é bonita e boa, toma conta de mim e dos filhos
e é mulher pra todo serviço!
Eu é que não vou dar bola pra o diabo dessa mulher!
Se ela gostar de mim assim como sou, está bem!
Se não, *ô mulher, traz meu lençol,*
que eu estou no banco, deitado!

NEVINHA

Simão, meu filho, acabe com esse negócio
de viver pelos cantos dizendo doidice!

SIMÃO

Pra quê?

NEVINHA

Pra ver se a gente pelo menos melhora esse trem de vida!

SIMÃO

Besteira, mulher, oxente!
Eu começo a fazer força
e o que é que vou arranjar?
Pra morrer de pobre, o que eu tenho já dá!
E sabe do que mais, Nevinha? Não atrapalhe não,
que eu estou pensando em fazer um *folheto* arretado!
Quer saber a ideia? É sobre uma gata que pariu um cachorro!
Vai ficar tão engraçado!
Ninguém sabe o que foi que houve,
todo mundo está esperando o parto, o gato é o mais nervoso!
No dia, quando a gata pare, em vez de gato é cachorro!

Já pensou na raiva do gato, na surpresa, na confusão?
Que acha? Parece que já estou vendo a capa
e escrito nela: “Romance da Gata que Pariu um Cachorro.
Autor: Joaquim Simão”!
Vou vender tanto folheto, vou ganhar tanto dinheiro!
É coisa para garantir a bolacha dos meninos
para o resto da vida! Que acha?

NEVINHA

Meu filho, você é o maior: a história é ótima,
vai ficar bonita e divertida!
Mas acontece é que a bolacha dos meninos, hoje,
inda não está garantida!
Vá ver se dá um jeito!

SIMÃO

Como?

NEVINHA

Aqui perto estão fazendo uma construção. Eu fui lá,
falei com o pedreiro, e ele disse que arranja
um lugar de ajudante pra você!

SIMÃO

Acho meio desonesto aceitar um trabalho que não sei fazer!

NEVINHA

Eu já disse que você era novato! Mas eles explicaram
que não havia dificuldade não, o trabalho é de ajudante:
é só o povo mandando
e você trabalhando!

SIMÃO

Bem, se é assim, eu quero!
Corre, Nevinha, vai buscar minha calça velha

pra eu começar a trabalhar!

NEVINHA

Boa, meu filho! Vou buscar a calça, já!

Vai saindo.

SIMÃO

Ô mulher, sabe do que mais? Não vá não!
Eu pensei melhor, sabe? Isso vai dar é confusão!
Com essa história de construção
mandam eu subir uma escada
com uma lata na cabeça, cheia de caliça,
eu escorrego, caio, morro, e aí nem mulher,
nem folheto, nem pedreiro, nem nada!
E ainda fico desmoralizado!
Sabe do que mais? *Ô mulher, traz meu lençol,*
que eu estou no banco, deitado!

NEVINHA *(Catucando-o.)*

Simão! Simão!

SIMÃO *(Pacientemente.)*

Que é, Nevinha?

NEVINHA

Então, faça o seguinte: o trem chega já aqui!
Você fica por ali
feito carregador, pega uma maleta, outra,
quando chegar de noite, a bolacha da gente está garantida!

SIMÃO

É mesmo, Nevinha! Corre, vai buscar uma rodilha,
que é pra eu botar na cabeça e carregar as maletas!
Ô mulher, sabe do que mais? Não vá não, sabe?
Eu fico por ali, me distraio olhando as coisas,

lá vem o trem, pá! Em vez de eu pegar o trem
o trem é quem me pega! E eu tenho uma agonia tão danada
de morrer atropelado!
Sabe do que mais? *Ô mulher, traz meu lençol,*
que eu estou no banco, deitado!

Começa a cochilar de novo, mas a mulher o interrompe.

NEVINHA

Simão! Simão!

SIMÃO

Ô aperreio danado, minha Nossa Senhora!
Deixe eu dormir, Nevinha!

NEVINHA

Simão! Simão! Pegou no sono!
Ah, meu Deus, de tudo o que Simão diz
só vejo uma coisa acertada:
é que esta vida da gente
é uma vida danada de desmantelada!

ADERALDO *aparece e fala-lhe no ouvido.*

ADERALDO

Bom dia, Flor do Dia!
Há quanto tempo eu não te via!

NEVINHA

Ai, Seu Aderaldo! Que susto!
Quase que tenho um ataque do coração!
Bom dia! Mas, por favor,
deixe de falar em verso pra meu lado, viu?
Versos, pra mim, só os de Simão!

ADERALDO *(Aproximando-se.)*

Mas sabe o que é, minha filha? É que eu...

NEVINHA

Seu Aderaldo, fale de longe, viu?
Deixe de cochicho no meu pé do ouvido!
No meu ouvido, só quem cochicha é meu marido!

ADERALDO

Ah, que peito de aço, duro e frio!
(Canta.)
Mulher traidora tem dó de mim!
Me ame um pouco, não faça assim!
Ah, se eu te pego! Se alguém me dera!
Rasgava, a dente, esse peito de fera!

NEVINHA

Seu Aderaldo, vá pra lá com suas cantigas!
Ah, minha Nossa Senhora, pra todo lado que eu me viro
é esse homem com essa quizila pra meu lado!
Diabo de homem mais teimoso danado!
Pois, se o senhor é teimoso, saiba que eu sou teimosa!
Eu não já lhe disse que Simão é minha fraqueza e minha glória?

ADERALDO

Já! Agora, porque, não sei!
Se há, no mundo, um homem para eu ter raiva, esse é um:
é pobre, preguiçoso e orgulhoso!
Ele se faz de feliz só para me fazer raiva!
Não está vendo que eu não posso acreditar nisso
— um homem feliz, morrendo de fome!
Eu tenho três carros, vinte casas,
em cada casa onde estou, tenho sete criados!
Tenho as ações, o agave, o algodão, meu matadouro...
Tempo é ouro!

Se você quiser, Nevinha, tudo isso é seu:
meu ouro, meu gado, minha energia!
Porque a única coisa que me falta
é Nevinha, a flor do dia!

NEVINHA

Pois esta é de Simão, com pobreza e tudo!
Esse homem tem visgo, Seu Aderaldo!
Se o senhor me perguntar mesmo o que é, não sei!
Quando Simão me olha, eu me derreto toda!
Já tenho cinco anos de casada e ainda não me acostumei!
Simão é minha fraqueza e minha glória!

ADERALDO

Nevinha, deixe de ilusão,
que amizade, na pobreza, é defeito e complicação!
Nevinha, meu consolo é seu carinho!

NEVINHA

Seu Aderaldo, procure outro caminho!
E fale baixo, porque, se Simão acorda
e vê o senhor aqui, todo enxerido pra meu lado,
Ave Maria! Vai ser um cu de boi dos seiscentos diabos!
Se está tentado, se lembre de sua mulher!
Ela já chegou?

ADERALDO

Chegou ontem de noite, Nevinha,
meu bem, minha dor, meu feitiço!
Chegou e eu não estive com ela até agora!
O que é que você acha disso?

NEVINHA

Seu Aderaldo, falar dessas coisas é pecado!

ADERALDO

Que pecado que nada! Pecado é coisa superada!
O que é que você acha disso, de mim e de minha mulher?
Diga, não custa nada!

NEVINHA

Seu Aderaldo, isso é uma coisa muito esquisita!

ADERALDO

Não tem nada de esquisito!
Clarabela é uma mulher bonita,
elegante, todo mundo, no Recife, gosta dela!
Mas, depois que eu vi você, Nevinha,
não acho mais graça em mulher nenhuma!
Você, sozinha,
vale umas sete Clarabelas!
Mas, cuidado! Aí vem ela!

Entra CLARABELA, *vestida "a caráter" para o lugar "rústico" em que se encontra, com amplo chapéu de palha e uma enorme piteira.*

CLARABELA

Ah, o campo! O Sertão! Que pureza!
Como tudo isso é puro e forte!
Esse cheiro de bosta de boi, que beleza!
A alma da gente fica lavada!
As bolinhas dos cabritos, o canto das juritis,
o cocô dos cavalos, o cheiro dos roçados,
a água pura e limpinha
e esse maravilhoso perfume de chinica de galinha!
Ah, a vida pura! Ah, a vida renovada!
A catinga dos bodes, como é forte e escura!
E a trombeta dos jumentos, como é fálica, vibrante e animada!

Ah, o campo! A alma da gente fica lavada!
A vida primitiva em todo o seu sentido!
Dá vontade de ir à igreja, de se confessar,
de fazer a sagrada comunhão
mesmo sem nela acreditar!
Dá vontade até de não chifrar mais o marido,
só para nos sentirmos tão puras quanto o Sertão!

ADERALDO, *tossindo.*

Um-rum, um-rum! Terré, terré!

CLARABELA

Aderaldo, querido! Que saudade!
Não sei, na impaciência de revê-lo,
como suportei essa viagem!
Beije de longe, para não estragar a maquilagem!
Ah! Que beijo fabuloso! Olhe, você fez a transação
e açambarcou o gado do Sertão?

ADERALDO

Fiz!

CLARABELA

Eu lhe trago a proposta dos galegos:
é para fazer a sociedade com eles,
botar um frigorífico e passar a exportar para lá
toda a carne do Sertão.

ADERALDO

Eu, o que queria era ganhar sozinho.
Mas, se não tem outro jeito, vou telegrafar ao galego:
aceito que ele seja meu patrão!

CLARABELA

Mas tudo isso são coisas sujas, interesses, negócios!

A mim, o que interessa é o amor!
Como vai esse amor de marido?
Você sabe que está ficando de novo na moda
a gente gostar do marido? Todas nós, lá do Clube,
agora estamos dando entrevistas dizendo isso:
que na aparência talvez não, mas, no fundo,
nenhuma de nós troca o marido por homem nenhum do
[mundo!

Está na moda, de novo! Quanto a mim, sempre achei isso:
você sempre foi minha flor
e nós dois sempre vivemos, na compreensão do casamento,
a *vivência* do amor!

ADERALDO

A *o quê?*

CLARABELA

A vivência! Está na moda, também!
Não é coisa que eu invento!
A vivência do amor faz parte, agora,
da *problemática* do casamento!
É outro tema palpitante do momento,
um problema de comunicação,
para evitar a poluição populacional e a massificação!
Você precisa fazer um curso, Aderaldo!

ADERALDO

Curso de quê, Clarabela?

CLARABELA

Qualquer curso! Se for dado por um alemão neomarxista
é melhor! Mas, na falta dele, um americano neoliberal
ou um sociólogo tropicalista também serve!

Mas não fale, espere! Quem é esse rústico maravilhoso
que está aqui, dormindo ao Sol?
Não diga, espere! Já sei! É o Poeta!

ADERALDO

É! Como foi que você adivinhou?

CLARABELA

Mas está claro, Aderaldo! Com essa incompetência,
esse desprendimento, esse descuido, essa imprevidência...

ADERALDO

O que ele é, é podre de preguiça!
Isso é preguiçoso que fede! Desculpe, Dona Nevinha!

CLARABELA

Ah, a mulher do Poeta! Vê-se logo! Me diga uma coisa:
a senhora compreende seu marido?
Que é que a senhora faz para ajudá-lo?

NEVINHA

Ajeito o feijão, quando tem,
tiro espinho de seu pé,
cuido dos meninos, faço a ponta dos lápis,
quando ele pede, eu dou cafuné...

CLARABELA

Mas não me diga que a senhora não o inspira!

NEVINHA

Como é, Dona Clarabela?

CLARABELA

Eu estou perguntando se a senhora *inspira* seu marido!

NEVINHA

Oxente, Dona Clarabela, quer encabular meu pensamento?
Alegria de pobre é essa, mesmo!

Não é da lei do casamento?
Mas é melhor a gente acordar Simão,
que eu sei que a senhora quer conhecer os versos dele.
Simão! Simão! Acorde, homem de Deus!

SIMÃO

Ah, meu Deus, ô aperreio dos seiscentos diabos! Que é,
[mulher?

NEVINHA

Acorde, que Dona Clarabela está aqui e quer conhecer você!

SIMÃO *(Coçando-se.)*

Eita, vida velha desmantelada!
Olá, Seu Aderaldo Catacão! Como vai?

ADERALDO *(Rosnando.)*

Bem!

SIMÃO

Ô Nevinha, você diz que é mania minha,
mas Seu Aderaldo tem alguma coisa de peru,
de bode, de cachorro e de boi caracu!
Como vai o senhor, Seu Aderaldo?
Ainda está podre de rico? Tem trabalhado muito?

ADERALDO

Tenho! Mas, em compensação, veja o que você tem na
[cozinha!
Depois, vá na minha casa e veja o que tem na minha!
Olhe como sua mulher se veste, e olhe a minha!

NEVINHA *(Para cortar.)*

Simão, esta é Dona Clarabela, mulher de Seu Aderaldo!
Ela quer ouvir seus versos: se gostar, você está empresado!
Ela compra tudo!

CLARABELA

Joaquim Simão, Poeta, grande prazer em conhecê-lo!
Sou uma amante das Artes, uma colecionadora,
um marchã de saias, uma aficcionada!
Já realizei sete exposições de Pintura
e cinco festivais de canções, jograis e poesias!

SIMÃO

Tudo isso a senhora faz? Danou-se!

CLARABELA

Não!
Eu apenas organizo as coisas, com os quadros dos pintores
e os versos dos poetas que frequentam meu salão!

SIMÃO

Mas Dona Clarabela, isso tudo é uma piteira?
Tá, agora já posso morrer
e dizer a todo mundo que já vi uma piteira!
Que piteira comprida amolestada!
Isso é que é uma piteira arretada!
Chega a ter meio metro?

JOVINHA

Meu Deus, o que é que ela vai pensar?
Simão, você podia era mostrar...

SIMÃO *(Tomando a piteira.)*

Dona Clarabela, me ceda aqui essa piteira!
É de ouro ou é somente amarela?
Danou-se! Dois palmos e uma chave! A fumaça
já chega na boca fria, hein, Dona Clarabela?

CLARABELA *(Retomando a piteira.)*

Deixe isso pra lá!

NEVINHA

Simão, você podia era mostrar
uns folhetos e romances a Dona Clarabela!

CLARABELA

É! Joaquim Simão, disseram-me que você é Poeta!
Mas me diga uma coisa: seus versos são *puros*?

JOAQUIM SIMÃO

Às vezes são meio safados, Dona Clarabela!

CLARABELA

Estou falando é de outra coisa! Desta vez
achei o Sertão já se corrompendo, já sem aquela pureza,
já com ônibus... Da outra vez em que vim, era uma beleza:
a gente vinha nuns caminhões e nuns cavalos duma pureza...
Você não acha?

SIMÃO

Dona Clarabela, eu prefiro o ônibus, é muito mais macio!

CLARABELA

Joaquim Simão, não me decepcione! Não venha me dizer que você não é *autêntico*! Você é autêntico?

SIMÃO

Não senhora, eu sou um pouco asmático, autêntico não!

CLARABELA

Ih, que vulgaridade! Mas é isso mesmo, estou habituada!
Os artistas gostam de intrujar um pouco
e de subverter todos os valores,
principalmente diante de seus admiradores!
E então quando se trata de mulheres, hein? É ou não é?

SIMÃO

Mulher? Mulher é xerém, vai uma, vem cem! Rá, rá, rá!

ADERALDO *(À parte.)*

Que acha do Poeta?

CLARABELA

Um pouco vulgar, mas às vezes é assim mesmo!
Simão, vamos ao assunto principal, os versos!
Que é que você pode me mostrar?

SIMÃO

Eu posso mostrar tudo contanto que não seja
contra a lei do Juiz, de Deus e da Igreja!
Rá, rá, rá!

CLARABELA

Eu me referi, naturalmente, a mostrar obras poéticas!
Que é que você faz, nisso, e agora pode me mostrar?

SIMÃO

Conforme! A senhora quer uma obra *ligeira* ou uma
[*demorosa*?

CLARABELA

Ai, que coisa pura! Eu quase diria *mística*!
Que é *ligeira*? Que é *demorosa*?
É algo ligado à forma de vanguarda,
ou é coisa mais conteudística?

NEVINHA

Ligeira é pequena, que passa depressa!
Demorosa é grande, que demora a contar!
Simão, a solução é essa:
você canta uma ligeira, e aí, se ela gostar,
canta uma mais demorosa! Não é, Dona Clarabela?

CLARABELA

Não sei, Simão é quem decide!
O artista, pra mim, é sagrado!

Vamos respeitar a integridade do Poeta!
Não vamos violentá-lo!

SIMÃO

Epa! Me violentar? Como?

CLARABELA

Ih, que homem puro! Sertanejo típico!
Tão pundonoroso e delicado!

SIMÃO

Delicado, uma peida! Eu nasci foi pra ser homem,
e o homem, quando é homem mesmo,
dá a cabeça pra lascar mas não grita!

CLARABELA

Ai, que vulgaridade! Assim, não vai não! Vulgar,
metido a engraçado, cheio de trocadilhos de mau gosto!
Poeta, quando é Poeta, tem logo escrito no rosto!
Mas assim, desse jeito, cheio de coisas, de agonia?
Pode ser Poeta, mas não tem a vivência da Poesia!

ADERALDO

Eu bem que lhe dizia!

SIMÃO

Como é? Vai a ligeira ou a demorosa?

CLARABELA

A ligeira! Pelo menos acaba depressa!

SIMÃO

A senhora quer cantiga de bicho, de pau ou de gente?
Quer de estilo penoso ou de estilo amolecado?

NEVINHA

Simão, cante a cantiga do canário!
É tão triste, tão penosa, tão bonita!

CLARABELA

Ah, é? Então, eu quero essa! Sou louca por coisas românticas!
Sou a última abencerragem do Romantismo, não é, Simão?

SIMÃO

Sei não!
Mas se a senhora é quem confessa, pra que vou eu desmentir?
Bom, vai a do canário, não é? É a mais "penosa",
tanto porque é triste como porque é de canário
e canário tem pena! Rá, rá, rá! Lá vai:
"Lá de baixo me mandaram
um canário de presente.
O canário é cantador:
muito cedo acorda a gente.
Mandei fazer uma gaiola,
o carpina prometeu:
antes da gaiola feita,
meu canário adoeceu.
Mandei chamar um Doutor
com uma lanceta na mão
pra sarjar o meu canário
na veia do coração.
Na primeira lancetada
meu canário estremeceu.
Na segunda bateu asa,
na terceira ele morreu.
O enterro do meu canário
foi coisa pra muito luxo:
veio o gato da vizinha
e passou ele no bucho!

Comprei uma galinha
por cinco mil e quinhentos:
bati na titela dela,
meu canário cantou dentro!”
Então, Dona Clarabela, gostou?

CLARABELA

Joaquim Simão, você é um Poeta, um artista,
e com os artistas a gente deve ser sempre franca:
de modo que vou lhe confessar que não gostei!
Não gostei de modo nenhum, nem podia gostar!

SIMÃO *(À parte.)*

Essa, eu já vi que é burra!

CLARABELA

Não há, na cantiga, nenhuma unidade de estilo
e a estrutura é muito mal amarrada!
O canto é sempre romântico, mas a história é misturada,
ora sentimental, ora metida a engraçada!
O enterro do canário, com aquele gato e aquele bucho,
francamente, é de péssimo gosto!
Quanto ao fim, é inteiramente sem sentido.
Como é que diz, mesmo?

SIMÃO *(Recitando, de má vontade.)*

“Comprei uma galinha
por cinco mil e quinhentos.
Bati na titela dela,
meu canário cantou dentro!”

CLARABELA

É, é inteiramente sem sentido!
Podia-se pensar num pouco de surrealismo

— talvez seja o que você pense! —
mas surrealismo com titela de galinha,
francamente, não convence!
Em suma e para resumir: no começo,
trivialidades *sem* pretensões;
no fim, subliteratura *com* pretensões!

SIMÃO

Mas Dona Clarabela, a senhora
deve ser muito inteligente,
porque fala tão difícil,
que a gente chega esmorece!

CLARABELA

Ora, qual, meu caro Poeta! Que inteligência que nada!
Inteligente é você, que tem talento criador,
esse dom maravilhoso!
E que talento deve ser o seu!
Se for como o dono, é magro e anguloso!
Você disse que Aderaldo tem algo de peru...
Não sei se é verdade ou não, você é meio maldoso!
Mas sei que você tem algo de galo de briga,
com esse penacho e esse bico vigoroso!
Não gostei de sua primeira obra, mas você
deve ter outras coisas, com esse talento fabuloso!
Tem outro romance de bicho? É no estilo penoso?

SIMÃO

Tenho, mas é no estilo amolecado. Serve?

CLARABELA

Serve, como não? Vamos, dê lá o serviço!
Que é que você tem de melhor

de bicho e nesse estilo?

SIMÃO

Pra mim, é a "*Cantiga dos Macacos*". Ouça lá:
"Havia um homem, no mundo,
que trabalhar não queria.
Pegou, botou um roçado
da distância de três dias,
pra produção da lavoura,
pra remissão da fami'a.
Na lavoura do roçado
alimentava seus filhos,
na beirada dum riacho,
na ribanceira dum rio;
os macacos deram dentro
e comeram todo o milho.
Ele tinha um cavalo
que pra nada mais prestava
e já vivia pensando
se vendia ou se matava:
botou dentro dum cercado
para ver em que é que dava.
O cavalo disse a ele:
— Não me mate, meu patrão.
Vou lhe mostrar que este velho
inda é de precisão.
Vou dar jeito nos macacos,
vou lhe dar definição.
Quando foi no outro dia,
que o sol já vinha saindo,

os macacos apareceram,
uns cantando, outros se rindo:
o cavalo se deitou
feito morto ou dormindo.
Disse aí um dos macacos:
— Esse, já chegou no porto!
O dono desse roçado
não tem mais esse conforto,
que o diabo do seu cavalo
amanheceu hoje morto!
Disse o chefe dos macacos:
— Pra esse eu já canto missa!
Vamos pra beira do mato,
tirar cipó sem preguiça,
que, com pouco, não se aguenta
o fedor dessa carniça.
Vamos pegar o cavalo
em nosso corpo amarrar.
Amarrando em todos nós,
a gente vai arrastar:
leva pra casa do dono,
que é pra se rir e mangar!
Pegaram a cortar cipó,
do mais pequeno ao maior:
bota-se o cipó mais grosso
na cintura de Jacó,
pois ele é o macaco-chefe,
fica com o cipó melhor!
Estando tudo amarrado,

o cavalo estremeceu.
Gritou: — Lascou-se o macaco!
Pai Jacó então gemeu:
— Aguenta, rapaziada,
que, arrastado, já vou eu!
Espera, cavalo velho!
— diz Jacó, na agonia —
Dou-te água a toda hora,
milho três vezes no dia.
E quanto mais ele chorava,
mais o cavalo corria!
Quando o cavalo chegou perto,
deu um rincho de alegria:
saiu o dono da casa
com a mulher e a fami'a,
cada qual com seu cacete,
pra matar a macacaria!
Pegaram a matar macaco,
do mais pequeno ao maior!
O pau mais grosso, baixaram
na cabeça de Jacó:
que ele é o macaco-chefe,
leva a pancada maior!"

CLARABELA

Terminou?

SIMÃO

Terminou, sim senhora! Gostou?

CLARABELA

Não!

Simão *(À parte.)*

Essa mulher, o que é, é muito da burra!

Clarabela

Meu caro Simão, você não acha tudo isso *fácil*?

Simão

Acho, sim senhora, mas é porque eu sou Poeta e sei fazer!
O resto do povo, por aí afora, acha difícil!

Clarabela

Não, você não me entendeu! Não digo *fácil de fazer*,
digo *cheio de facilidades*, *fácil,* entendeu?

Simão

Não entendi, não quero entender e tenho raiva de quem
[entende!

Clarabela

Olhe, tem um momento em que, no folheto, você diz:
"Vou dar jeito nos macacos, vou lhe dar definição."
O que é que quer dizer isso?

Simão

Sei não senhora! Do jeito que pensei, botei!
Precisei da rima, do jeito que saiu, eu sapequei!

Clarabela

Eu bem que desconfiei!
Isso não quer dizer absolutamente nada, Poeta:
foi uma fraqueza na invenção
que deu, como resultado, uma imperfeição formal,
uma falha estrutural!
E depois, no fim, vem aquela moralidade tola, *fácil*:
o macaco-chefe tendo privilégios no começo
mas, em compensação, recebendo maior castigo no fim...

Além de ser, isso, um plebeísmo meio reacionário,
vê-se que você quer transformar a Arte num sermão!
Para resumir: você usa uma forma tradicionalista
e um moralismo de sermão:
eu, sou pela forma de vanguarda
e por um conteúdo mais consciente de participação!

SIMÃO

Está vendo, Nevinha? O que é que eu lhe dizia?
Essa mulher é uma jumenta sem mãe!

NEVINHA *(Aflita.)*

Simão! Dona Clarabela, não repare...

CLARABELA

Qual, qual, Dona Nevinha, não precisa explicação!
Os artistas e poetas são sempre um pouco suscetíveis,
principalmente esses do tipo "galo de briga"!
E como é puro, esse narcisismo dele! Os artistas são assim: no fundo, é um traço infantil!

SIMÃO

Traço infantil no fundo quem pode ter é a senhora!

CLARABELA

Ai, que coisa pura! Olhem, façamos o seguinte:
a senhora, Dona Nevinha, me leva em sua casa
e lá me mostra o que o Poeta tem escrito.
Não gostei dessas duas obras, mas posso gostar de outras,
doutra fase mais pura e primitiva!
Nós duas somos mulheres, vamos nos dar muito bem,
e lá dentro eu vejo o que Simão tem de mais bonito!
Você não vem, Aderaldo?

ADERALDO

Não, vou aproveitar e passar na Coletoria

e na agência do Banco, para saber se o dinheiro chegou.
Estou preocupado:
apliquei tudo o que tinha nesse gado
e os credores estão me esperando.
Vou ter um lucro tremendo na compra desses bois.
Tudo estava certo, mas será que, na remessa do dinheiro,
houve algum atropelo depois?

CLARABELA

Leve o cheque e vá saber!

ADERALDO

Não, eu vou lá, mas deixo o cheque.
Ele já está assinado.
Eu volto aqui para buscá-lo,
se o dinheiro já tiver chegado!
Não quero me arriscar a andar com o cheque,
é quase tudo o que possuo. Fique com ele,
guarde com cuidado.
Sai.

NEVINHA

E você, Simão? Vem?

SIMÃO

Eu, hein?
Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco, deitado!
Deita-se no banco e adormece. As duas mulheres entram na casa. Entra em cena FEDEGOSO*, vestido de Frade, com um peru na mão.*

FEDEGOSO

Agora, aqui, convém
que o Mal assuma a roupa e o tom do Bem!

Ei, meu senhor! Acorde, por favor!
O senhor desculpe a chateação,
mas sabe me dizer onde mora
o poeta Joaquim Simão?

SIMÃO

Simão é este seu criado! A casa é essa, aí!

FEDEGOSO

E onde é que posso encontrar, santo homem,
a senhora Dona Clarabela Catacão?

SIMÃO

Aí mesmo, em minha casa. Tá, eu nunca tinha visto
uma cobra assim, vestida de Frade: agora, já posso dizer
[que vi!

Dona Clarabela! Dona Clarabela!
Tem um Frade aqui, à sua procura!

CLARABELA *(Da porta, falando primeiro para dentro.)*

Continue dando a busca, Nevinha, que eu já volto.
Que há, Joaquim Simão?

FEDEGOSO *(Em tom de canto gregoriano.)*

Minha filha, a paz a tenha em sua guarda
e a senhora se conserve com os seus
em saúde e alegria!

CLARABELA

Ai, que coisa pura e autêntica!
Que amor de Frade o senhor é!
Só com esta saudação, em cantoria,
a gente se transporta para a Idade Média
com toda a sua poesia!

FEDEGOSO

Eu sempre fui meio poeta, santa mulher!
Vim a mandado de seu marido:
ele está na Coletoria!

CLARABELA

Eu sei, senhor Frade!

FEDEGOSO

Eu cheguei de Campina agora mesmo:
sou do Convento franciscano de Lagoa Seca.
Sem uma pessoa de confiança para o mandado,
seu marido recorreu a mim.
Ele não deixou com a senhora um cheque assinado?

CLARABELA

Deixou, santo homem!

FEDEGOSO

Ele mandou dizer que o dinheiro tinha chegado.
Mandou este peru que comprou na rua
e disse que a senhora mandasse matá-lo
para que vocês dois comemorassem, juntos,
na noite de hoje e com muita alegria
a chegada do dinheiro!

CLARABELA

Ai, que coisa pura e poética!
Não acha, santo homem?

FEDEGOSO

Acho, santa mulher!
Seu marido é, a seu modo, um Poeta!

CLARABELA

Ah, é! Só um gesto desse! Comemorar uma coisa,
desse jeito e com a mulher! Que coisa pura!

FEDEGOSO

Pois ele mandou fazer uma coisa mais pura ainda:
disse que a senhora mandasse o cheque por mim,
porque ele precisa pagar logo aos homens do gado
e concluir todo o negócio!

CLARABELA

Tome, o cheque está aqui! Ainda está quentinho,
estava guardado bem juntinho do meu coração.
Leve lá para Aderaldo essa joia valiosa
e diga a ele que eu estou ansiosa,
santo homem, para que tudo saia como ele quer!

FEDEGOSO

Ele vai ficar mais ansioso ainda, santa mulher!

CLARABELA

Então vá e leve, para ele não ficar esperando.
(*Canta, gregoriano.*) Reze por mim, santo homem!

FEDEGOSO

Rezarei! Faça outro tanto por mim, santa mulher!
Sai.

CLARABELA

Simão, eu vou lhe ser franca:
deixei sua mulher lá dentro de propósito,
porque queria ter uma entrevista, sozinha, com você.
Eu preferia à noite, é mais puro e mais poético!
Mas, se não tem outro jeito, faz-se, mesmo, à luz do dia.
Ô Simão! Se eu quisesse conseguir
um amorzinho com você, podia?

SIMÃO

Dona Clarabela, a senhora não me tente não,

que eu tenho três fraquezas na vida:
preguiça, verso e mulher!

CLARABELA

Ai, que coisa pura! Agora, sim!
Agora estou vendo que você é Poeta!
Simão, o que é que você diz de mim?

SIMÃO

Primeiro, que a senhora
é uma mistura de cabra e cachorra.
Depois, que é branquinha e lisa!
A senhora é branca como macaxeira
e deve ser aproveitada
enquanto não vira maniva!

CLARABELA

Ai, aproveite, Simão! Me mate, enquanto eu sou Anjo!

SIMÃO

Ai, meu Deus! Só queria que Nossa Senhora me ajudasse
para eu não cair nos embelecos dessa mulher!

CLARABELA

Oi, Simão, que é isso? Afracou?
Não me diga que você está com medo!

SIMÃO

Estou, Dona Caravela!

CLARABELA

Francamente! Era o que faltava!
Um rústico, medroso! Você é medroso, é?

SIMÃO

Sou! E lhe digo mais: tem que ser assim!
O homem, pra viver certo, tem que respeitar três coisas:

a mulher, o que é certo e Deus!

CLARABELA

Deus! Agora, sim! Era o que faltava! Ora Deus!
Isso é coisa superada, Simão!
Deus é uma ideia superada e obscurantista,
inventada pelos impostores e exploradores.
Pergunte a Aderaldo:
nós dois somos ateus e livres-pensadores!
Aderaldo é neoliberal,
mas eu sou social-democrata!

SIMÃO

A senhora pegue com essas coisas, vá se fiando,
que quando der fé, está no Inferno das Pedras,
no terceiro caldeirão, chiando!

CLARABELA

Ih, que coisa anacrônica e vulgar!
Medo de Deus! E, ainda por cima,
medo da mulher! Que vergonha!

SIMÃO

Ah, Dona Clarabela, a senhora,
vinda assim de longe, nunca pode entender isso:
ela chora!
Nevinha gosta de mim,
e qualquer coisinha que eu faço com ela,
qualquer traiçãozinha, mesmo das pequenas,
ela abre a boca no mundo
e bota pra chorar de repente!
Se ao menos ela fosse ruim...
Mas ela é aquela coisinha boa daquele jeito!

Não tem coração duro que aguente!

CLARABELA

Ah, já vi que você é inteiramente medíocre,
um sujeito desclassificado, sem qualquer sensibilidade!
Pensava encontrar um puro, um Poeta, um original,
e lá vem você com Inferno, medo,
Deus e amor conjugal!
Desapareça da minha frente! Não quero mais vê-lo!
Preguiçoso, medíocre, empulhador,
que quer passar por Poeta!

NEVINHA *(Aparecendo à porta.)*

Mas Dona Clarabela...

CLARABELA

Sumam-se, a senhora e seu marido!
Volto, hoje mesmo, para o Recife:
não espero nem para depois!
Eu não digo que ando sem sorte!
Me deslocar de tão longe para ouvir sermão e verso ruim!
Eu não estou dizendo! Sumam-se, todos dois!

Entra em casa, furiosa.

SIMÃO

Eita, vida velha desmantelada!

NEVINHA

Vida velha desmantelada, hein?
Vida velha desmantelada o quê,
seu cabrito sem-vergonha?
O que eu quero saber, é como você
se saiu, aqui, com Dona Clarabela!
Estava com enxerimento para o lado dela,

não foi?

SIMÃO

Eu, Nevinha? Essa mulher tem cada uma!
Você não viu como Dona Clarabela me tratou?
Acha pouco?

NEVINHA

Olhe o santinho de pau oco!
Não venha com suas enroladas não,
viu, Simão?
Deixe de ser cínico e safado!
Quando eu entrei, ela parecia
uma gata vadia,
e você um cachorro assanhado!
Aqui houve coisa! Você catucou aquela mulher, Simão!

SIMÃO

Catuquei nada, mulher!

NEVINHA

Então, ela catucou você!

SIMÃO

Catucou nada, mulher!

NEVINHA

Catucou e você gostou,
que eu estou vendo pela sua cara!

SIMÃO

Você está doida, Nevinha! Eu não digo?
Essa mulher inventa cada coisa!
Não tem mulher sobrando, no mundo, assim não!
Eu sou um sujeito feio, já não sou mais rapaz,
tenho lá essa sorte de uma mulher

vir me futucar assim, sem quê nem mais?

NEVINHA

Ai, minha Nossa Senhora!
Como me sinto infeliz, de repente!
A coisa pior do mundo é ter um marido
que futuca a mulher dos outros e engana a gente!

SIMÃO

Deixa de choro, mulher! Acaba com isso!
Acaba com esse aperreio inventado!

NEVINHA

Eu só queria que Nosso Senhor me carregasse,
para eu não ver nunca mais
as safadezas desse safado!

SIMÃO

Mulher, vem pra dentro, que teu mal é sono!
Vem pra dentro, vem!
Vem, que teu mal é sono e o meu também!

Entra ADERALDO, *rápido e eficiente.*

ADERALDO

Clarabela! Clarabela!

CLARABELA *(Saindo de casa.)*

Que há?

ADERALDO

Me dê os parabéns, o dinheiro chegou!

CLARABELA

Eu sei! Eu não recebi o peru?

ADERALDO

O peru?

CLARABELA

O peru, sim! Aquilo é que foi um gesto
revelador de sentimentos enaltecedores!
Poeta é você, viu, Aderaldo?
Que delicadeza de sentimentos!
Que diferença de certos empulhadores!

ADERALDO

Hein? Está certo, obrigado. Agora, me dê o cheque!

CLARABELA

O cheque, o Frade carregou no bolso.

ADERALDO

Deixe de brincadeira, Clarabela!
Que Frade?

CLARABELA

O Frade que você me mandou,
para dizer que o dinheiro tinha chegado,
que me trouxe este peru que você comprou
e que levou o cheque,
como você ordenou!

ADERALDO

Eu não mandei Frade nenhum aqui!

CLARABELA

Minha Nossa Senhora! Meu Deus!

SIMÃO

É coisa superada, Dona Clarabela!

ADERALDO

Foi um ladrão! E você entregou o cheque?

CLARABELA

Entreguei! Eu ia, lá, desconfiar de um Frade?

ADERALDO

É a desgraça, o fim, o báratro profundo!
A essas horas, o ladrão já deve ir longe!
É isso a Vida! Sou isso, eu! É isso, o Mundo!

SIMÃO

Está vendo, Nevinha? É ou não é o que eu vivo lhe dizendo?
Está aí: Seu Aderaldo juntou dinheiro a vida inteira,
tentando fazer a vida organizada.
Deu o sangue por dinheiro!
E de que foi que valeu? De nada!

CLARABELA

O senhor não tem vergonha
de escarnecer desse modo
do sofrimento dos outros?
O que é que você merece?

SIMÃO

Eu não estou escarnecendo nada, Dona Clarabela!
Agora, que parece castigo, isso parece!

CLARABELA

Então, estamos arruinados?

ADERALDO

Estamos. Tenho mais do que quando comecei.
Mas, descer das alturas em que estava...
Não, isso não vai ficar assim! Vou à Polícia!

SIMÃO

Homem, quer saber do que mais? Conforme-se!
O senhor mesmo diz que ainda tem muita coisa:
trabalhador como é, daqui a pouco está rico de novo!
Assim, console-se e vá se aquietar,
que pelo menos um peru você ganhou!

ADERALDO

Miserável! Canalha!

Agora, quer se vingar de mim, não é?

Mas você está enganado, folheteiro!

Vou pegar esse ladrão e recuperar o meu dinheiro!

Vai saindo.

SIMÃO

Homem, deixe de agonia! Você ainda não tem um baú?

Assim, fique junto de sua mulher, porque, como já disse,

você ganhou pelo menos um peru!

Sai ADERALDO*, estendendo-lhe o punho, numa banana. Entra* QUEBRAPEDRA*, pelo outro lado. Vem vestido de calunga de caminhão.*

QUEBRAPEDRA

Cadê Seu Aderaldo?

SIMÃO

Saiu agora mesmo. Mas essa é a mulher dele.

QUEBRAPEDRA

A senhora é que é Dona Clarabela?

CLARABELA

Sou!

QUEBRAPEDRA

Vim correndo, mandado pelo Delegado!

O carro em que o tal Frade ia

estourou um pneumático na estrada,

e ele foi pegado!

CLARABELA

Graças a Deus, meu Deus!

QUEBRAPEDRA

Já está todo mundo na Delegacia, com o Frade preso,

e o Delegado mandou dizer que a senhora
mandasse o peru, para fazer-se o inquérito!

CLARABELA

Está aí, pode levar!

QUEBRAPEDRA *pega o peru e sai correndo. Volta* ADERALDO*.*

ADERALDO

Parece que o caso é sem jeito.
A Polícia disse que não pode fazer nada!

CLARABELA

Não pode? E não pegaram o ladrão?

ADERALDO

Não!

CLARABELA

E quem era aquele calunga de caminhão?
O que é que quer dizer tudo isso?

SIMÃO

Quer dizer que devem ter rogado na senhora, Dona Clarabela,
a tal praga de urubu:
já tinham perdido o cheque,
perdeu-se, agora, o peru!

CLARABELA e ADERALDO *(Desmaiando.)*

Ai!

SIMÃO

Que azar mais desgraçado,
esse de Seu Aderaldo!
Só quem, estando com caganeira,
comeu semente de jerimum!
Pra mim, isso
ou foi praga de rapariga sarará,

ou então foi ele que pisou
no rastro de algum corno, em jejum!

Entram Manuel, Miguel *e* Simão Pedro.

Simão Pedro

Temos, então, a lição
de que a preguiça compensa!

Manuel Carpinteiro

A lição não foi essa, Simão,
mas, sim, a de que é preciso
temperar sabiamente
o trabalho com a contemplação e o descanso.
Existe um ócio corrutor,
mas existe também o ócio criador.

Miguel Arcanjo

Ao mesmo tempo, nós passamos, aqui,
às nobres Damas e Cavalheiros,
nosso produto espiritual!

Simão Pedro

Não é que nós não reconheçamos
que alguns dos nossos concorrentes
podem também fabricar e vender
seus produtos, muito bem!
Mas é que o produto que não é garantido,
como o nosso, pela Fábrica original,
em pouco tempo relaxa, amolece e se estraga,
perde o predomínio natural!

Manuel Carpinteiro

Assim, procuro, não impor, mas colocar
meu produto Providencial:

moralidade, religião,
fidelidade, esperança, obediência,
tragédia, drama e comédia,
amor de Deus e da Igreja,
poesia e diversão.

Os Três

Aceitem nosso produto:
terão paz e salvação.

FIM DO PRIMEIRO ATO.

Segundo Ato

A Cabra do Cão Caolho

O *cenário é o mesmo do Primeiro Ato. Entram* Manuel Carpinteiro, Miguel Arcanjo *e* Simão Pedro.

Manuel Carpinteiro

O cavalheiro vai, agora, ver
as andanças da roda da Fortuna.
Já se viu como um Rico empobreceu:
veja-se agora, sob a luz do Santo
— mas talvez contra o fogo deste Pássaro —,
o que, por fim, ao Pobre sucedeu.
Que opinião vocês têm de Simão?

Simão Pedro

O que aconteceu, é o que eu dizia:
Simão é Poeta e homem religioso!
É artista e Poeta até o osso!
Tem as suas fraquezas, reconheço!
Mas, quem não tem fraquezas neste mundo?
Ele não está só!

Miguel Arcanjo

Co-coró-cocó!

Simão Pedro

Que brincadeira mais besta!
Essa história do galo já está enchendo!
Neguei o Cristo mesmo, e daí?
A situação estava apertada, eu caí fora!
Mas depois, quando chegou a minha vez,
eu não venci o medo e não estava lá, na hora?

Manuel Carpinteiro

É verdade, Miguel: ele ficou
e uma morte terrível suportou!

Simão Pedro

E depois, se eu não tivesse feito essas besteiras,
nunca mais ninguém admitiria uma fraqueza
no Comandante da Igreja!
Se o Papa escolhido não tivesse sido
um sujeito cheio de defeitos, como eu,
nunca mais ninguém iria entender que a Igreja
é a Igreja, seja quem for que estiver à frente dela.

Manuel Carpinteiro

Está certa sua conversa.
Mas, agora,
o negócio é a briga entre o Rico e o Poeta.
Em que ficou ela?

Miguel Arcanjo

O moleque do Cão Coxo, disfarçado de Frade,
acabou com o dinheiro do Rico
e, em troca, um peru deixou.
Depois, chegou o Cão Caolho,
disfarçado de calunga de caminhão:
de volta, o peru levou.
Mas, com o que ainda ficou,
Aderaldo tudo de novo começou.
Ainda não está tão rico, não, mas vai se aprumando.
O homem é uma fera para trabalhar!

Simão Pedro

Ele é uma fera é para os outros enganar

e assim mesmo, pra ele, quando é pra ele ganhar!
Para os outros, não solta nada!
Quanto a ser uma fera, isso é mesmo. É até mais:
pobre que chega na porta dele só falta, mesmo,
levar uma dentada no céu da boca,
porque o resto, ele faz!

Miguel Arcanjo

Não, São Pedro, também não é assim não!
E depois, com o aperto que ele passou no roubo,
até se aproximou mais da religião!

Simão Pedro

Que conversa é essa? Esse tal de Aderaldo Catacão
continua, inclusive, dando em cima
da mulher de Joaquim Simão!

Manuel Carpinteiro

É possível? Vamos, então, ficar aqui, de novo
e ver o que vai se passar!

Simão Pedro

Acho bom. Com as ruindades desse Rico,
o Cão já está podendo dele se aproximar!
Se o negócio continua assim,
não vai dar bom não, vai arruinar!

Manuel Carpinteiro

Sim, São Pedro, mas quer um conselho de amigo?
Cuide, você também, do seu protegido!
Joaquim Simão é preguiçoso que faz dó!
Por esse fato, só,
de ele se chamar Joaquim — o nome do meu Avô —
e Simão — o seu — não vou fechar meus olhos

para os defeitos dele, nem que você queira!
E outra coisa: você anda pensando
em enriquecer seu protegido!
Veja lá: não vá me estragar a escrita!
Nem você também, São Miguel: por favor!
Um pouco de pobreza não faz mal a ninguém!

Simão Pedro

Sim, mas é de *pobreza*, não é, Senhor?
Miséria, faz mal, e muito!
Não quero que Simão seja rico, quero somente
que, com o que ele escreve, ganhe o suficiente!
O homem é casado e tem quatro filhos:
vive, tudo, nem sei como!

Miguel Arcanjo

Por culpa dele, da preguiça dele!

Manuel Carpinteiro

Deixemos a discussão,
para não escandalizar, aqui, o cavalheiro!
O que digo, já disse: não vão me estragar a escrita!
Vamos deixar o lugar para eles agirem
e depois veremos! Como está a Cobra?

Miguel Arcanjo

Está com a gota-serena, essa Maldita!

Manuel Carpinteiro

Pois a função continua:
deixemos que esses dois ajam.
Você, Simão, não se meta!
Deixe que os dois, livremente,
sigam, por lá, seu caminho!

Simão Pedro

Contanto que São Miguel
prometa não se envolver!

Miguel Arcanjo

Você promete também
em nada mais se meter?

Simão Pedro

Prometo! Nem eu me meto
nem você! A gente deixa
o barco, livre, rolar!
Jesus decide a parada
depois de tudo julgar!

Manuel Carpinteiro

Vamos, então, começar!

Saem. Depois de um instante, Simão Pedro *volta e esconde-se.* Manuel Carpinteiro *e* Miguel Arcanjo *voltam, à sua procura.*

Miguel Arcanjo

São Pedro! São Pedro! Para onde terá ido?

Manuel Carpinteiro

Nem está, nem responde! Onde estará?
Deve ter ido para casa!
Vamos para o Céu! Ele deve estar lá!

Saem. Simão Pedro *sai do esconderijo.*

Simão Pedro

Saíram! Até que enfim!
Agora, eu entro com meu jogo,
faço meu passo miúdo!
Nosso Senhor, certamente, me viu:
ele vê e sabe tudo!

Então, se me deixou aqui, é porque
não está, de todo, contra mim!
E, se é assim,
agora é que eu vou mesmo!
Com Deus, eu vou até o fim!
Não estão vendo que eu não vou deixar
esse pobre passar aperto e privação?
Logo um homem chamado Joaquim
e que tem o mesmo nome que eu, Simão!
Simão, que nome simpático!
Parece, até, que estou ouvindo meu Pai gritar:
"Ô Simão, vai ali no Lago de Genezaré,
e me pega umas traíras para o jantar!"
E eu vou deixar um homem chamado Simão
passar necessidade? Eu não!
Vou me esconder por ali,
disfarço, dou uma mão,
e quando menos esperarem
entro em cena e dou um jeito
nessa miséria de Joaquim Simão!

Esconde-se. Entra Miguel Arcanjo*, também com jeito de quem vem fugindo e com um grande saco às costas, saco cheio dos disfarces de que ele precisará depois. Esconde-se. Entra* Manuel Carpinteiro*.*

Manuel Carpinteiro

São Miguel! São Miguel! É engraçado!
Um é um Santo, o outro é um Anjo,
o que quer dizer que todos dois fiam fino!
Mas, comparados comigo, não passam de dois meninos!
Querem ver eu dizer onde eles estão?
Está São Pedro aqui e São Miguel ali, é ou não é?

Modéstia à parte, é onisciência muita!
Mas vou deixar os dois no doce engano!
Assim, eles, sem saber, servem melhor a meu plano!
Eles que fiquem. Cada qual que trabalhe para um partido:
no fim, sai tudo como quero
e hei de aclarar o sentido!

Sai. Entra JOAQUIM SIMÃO*, com a viola.* DONA CLARABELA *aparece à janela da casa do rico e* SIMÃO *canta-lhe uma espécie de seresta sertaneja.*

SIMÃO

Quem sou eu, não te digo, Donzela!
Quem sou eu, não te posso dizer!
Sou um lírio do céu, esgalhado,
já cansado de tanto sofrer!
Era uma virgem que tanto eu amava
e eu, por ela, padecia dor!
Nunca mais que a sombra dela eu via,
bateu asa e para o céu ela voou!
Quem sou eu, não te digo, Donzela!
Quem sou eu, não te posso contar!
Sou um lírio do céu, esgalhado,
que o vento carrega pro Mar!

DONA CLARABELA *atira-lhe um beijo com a ponta dos dedos e entra em casa.* ANDREZA *entra em cena.*

SIMÃO

Eita, vida velha desmantelada!

ANDREZA

Bom dia, Seu Simão!

SIMÃO

Menino, salvou-se uma alma: Dona Andreza falando comigo!

Bom dia! Que é que há, Andreza?

ANDREZA

Andreza, não! *Dona* Andreza!
Deixe, lá, de liberdade, viu Seu Joaquim Simão?
Gosto de ser respeitada!
Falei, mas não foi para o senhor vir com enxerimento não!

SIMÃO

Mas, minha filha, me diga, eu posso?
Ela fica logo azeitada!
Isso é que é uma freipa de mulher escorropichada!

ANDREZA

Seu Simão,
não se meta pra meu lado não!
Eu dou-lhe uma tapa na cara!
Olhe, se convença logo: comigo, o senhor não arranja nada!
Fique-se com Dona Clarabela!
Olhe, eu vou lhe ser franca, Seu Simão:
se o único homem que existisse no mundo fosse o senhor,
eu preferia morrer donzela!

SIMÃO

Então, o que é que vem ver aqui?
Por que não deixa minha casa em paz?
Só vive na minha porta, cheia de cochichos para minha
[mulher,
parecendo um Anjo mau...
A senhora me foi franca:
eu vou ser franco também!
Você desabe daqui!
Senão, um dia eu me afobo

e cubro você no pau!
O que é que a senhora anda procurando aqui?

ANDREZA

Um dia, o senhor saberá! Agora, por enquanto,
o que vim fazer foi lhe dar um recado.
A tal da Dona Clarabela engraçou-se do senhor,
por que, não sei, Seu Simão!
E quer saber, pela última vez,
se o senhor topa a parada dela, ou não!

SIMÃO

Ah, já entendi tudo, então!
Quer dizer que o trabalho da senhora é esse, hein?
É por isso que a senhora vive aqui pelos cantos,
cochichando com minha mulher, hein?
Quer ver se enrola a minha, Nevinha,
enquanto me arranja a outra, hein?

ANDREZA

O que eu trago na cabeça
o senhor logo verá,
se é que ainda não viu!
Depois, olhe bem, e veja
o que apareceu na sua, viu?

SIMÃO

Hein?

Entra CLARABELA *por trás dele e fica ouvindo.*

ANDREZA

Vá vá vuta que o variu!

SIMÃO

Hein?

ANDREZA

Nada, falei não!
O fato, mesmo, Seu Simão,
é que você é um frouxo de marca maior!
Está é com medo de topar Dona Clarabela
porque nunca viu uma mulher fogosa como aquela!
Aí, vem com essa frescura de que sua mulher é boazinha,
que chora, que o senhor fica com pena,
e que "ai Nevinha!"
e não sei que mais!
O senhor está com medo é das duas, de uma vez!
De Dona Nevinha, porque todo homem tem medo da mulher,
mesmo o mais botocudo!
E está com medo de Dona Clarabela, porque ela
é parada indigesta, com piteira e tudo!

SIMÃO

Dona Andreza, você me deixe de mão!
Não venha me esculhambar, não,
senão eu mostro a essa tal de Clarabela
que o mundo não é o que ela está pensando não!

CLARABELA

Ai, que Simão vai me mostrar como é o mundo!
Mostre, mostre, Simão! Quero esgotar a taça do prazer
até o fundo!

SIMÃO *(Circunspecto e tímido.)*

Dona Caravela, bom dia!

CLARABELA

Bom dia? Só?
É o mais que você acha, para me dizer?

Você não estava me ameaçando?
Eu adoro ser ameaçada!
E adoro, mais ainda, quando vejo
a ameaça realizada!
Venha! Realize a ameaça!

Simão

Dona Caravela, bom dia! Como vai Seu Aderaldo?

Andreza

Homem, deixe de ser frouxo!
Vá lá, agarre essa bicha!
Pega! Lasca! Dê-lhe uma chamada!

Simão

E é? Assim, de repente?

Andreza

E então? Com mulher dessa qualidade
o negócio é atracar!
Chegue lá, dê uma atracada nela,
dê-lhe uma chamada boa, que ela vai gostar!

Simão

Mas o que é que eu digo?

Andreza

Você chega lá, atraca,
e depois faz uma declaração de amor!

Simão

É mesmo, eu vou!
Dona Clarabela, declaração de amor!

Clarabela

Ai, que coisa pura! Nunca pensei ouvir isso!
Andreza, tome aqui esse dinheiro por seu bom serviço.

E, agora, me deixe só com o Poeta! *(Sai ANDREZA.)*
Joaquim Simão, gostei muito
da maneira afetuosa
com que você me saudou.
Como vai esse homem belo?
Como vai, com esse corpo,
com esses braços tão compridos,
tão angulosos e ossudos?
Como vai, com essa barriga
reentrante e inexistente,
tão popular e tão pura?
E a sua autenticidade?
Como vai, com tudo isso
que, para mim, representa
tentação e novidade?

SIMÃO

Vou meio doído, Dona Clarabela!
A minha luta é danada, não tem quem aguente!
Acordei inda agora, tomei um cafezinho,
fiquei por ali vendo uma coisa, outra,
espiando a maçaranduba do tempo,
peguei minha viola,
toquei, aqui, uma cantiga para a senhora,
escrevi um pedaço de folheto, um repente...
Uma luta dessa, não tem quem aguente!
Olhe, Dona Clarabela, pobre nasceu pra penitente!
Estou todo doído! Esta vida de poeta, é, mesmo, uma bosta!

CLARABELA

Coitado, que coisa horrível!

Simão, vou lhe fazer uma proposta!

Simão

Dona Clarabela, fale baixo, que Nevinha pode ouvir!
O que é isso que a senhora quer fazer comigo?
Proposta?

Clarabela

Calma, homem puro! Proposta
é uma pergunta que se faz,
para saber se a pessoa aceita ou não aceita,
gosta ou não gosta!
Que homem mais horroroso!
Ficou logo botando maldade, hein, maldoso?

Simão

A senhora não explica! E qual é sua proposta?

Clarabela

Você não disse que está com o corpo doído?

Simão

Disse, Dona Clarabela!
Não há quem aguente essa luta de escritor e Poeta!

Clarabela

Pois aqui vai minha proposta:
você deite aqui no banco,
que eu vou lhe dar uma massagem nas costas!

Simão

Uma massagem? O que é isso?

Clarabela

Você se deita aqui, eu pego você por trás,
vou amolegando assim,
vou amolegando mais,

devagar, bem devagar
como quem prepara massa!
Agrado, esfrego, amolego:
a dor, num instante, passa!

Simão

Minha Nossa Senhora, me ajude,
senão eu caio no chamego dessa mulher!

Clarabela *(Impaciente.)*

Não quer não, é?

Simão

Dona Clarabela, isso é pecado!

Clarabela

Lá vêm as besteiras desse atrasado!
Eu não já lhe disse que não existe pecado?
Olhe, quer saber de uma coisa, Simão?
Eu hoje não acabo o dia sem dar uma massagem
nas costas de um rústico, de jeito nenhum!
Se não for você, será outro, que já mandei contratar!
Assim, aproveite! Quer ou não quer? Se não quer,
diga, que eu mando buscar logo o vaqueiro Fedegoso!
Mas eu prefiro você! Inventei de dar massagem
hoje, num rústico qualquer, e aquele que escolhi
por sua autenticidade,
por sua angulosidade,
rusticidade e pureza
foi você! Quer ou não quer?
Venha! Deixe de ser frouxo!
Está com medo da mulher?
Olhe, eu vou amolegando,

como quem prepara massa,
agrado, agrado, a dor passa!
Quer?

SIMÃO

Ai, quero!

CLARABELA

Então, venha cá! Não tenha medo!
Não é pecado nenhum!
Está vendo? Vai, e vem!
Suas dores passarão,
minhas angústias também!
Venha, venha! Sim, assim!
"Carneirinho, carneirão, é de São João!
É de cravo, é de rosa, é de manjericão!
Carneirinho, carneirão, é de São João!
É de cravo, é de rosa, é de manjericão!"
Está bom?

SIMÃO

Está ótimo!

CLARABELA

"Carneirinho, carneirão, é de São João..."

NEVINHA aparece na porta da casa. SIMÃO avista-a, dá um pulo e começa a dançar.

SIMÃO

Ai! "Carneirinho, carneirão, é de São João,
é de cravo, é de rosa, é de manjericão!"
Está vendo, Dona Clarabela?
É assim que se dança o xaxado!

CLARABELA

Oxente, Simão! Você ficou doido?

SIMÃO *(Sempre dançando e cantando.)*

Carneirinho, carneirão, minha mulher está olhando,
carneirinho, carneirão, ela vem chegando!

CLARABELA

Ai!

Corre para dentro de sua casa.

NEVINHA

Simão, seu peste, seu condenado!
Agora, eu peguei!
Meu Deus, como sou infeliz! Dediquei
toda a minha vida a meu marido,
para, depois, descobrir que ele é um safado!

SIMÃO

Mas Nevinha, você já vem de novo com suas coisas!
O que foi que eu fiz, pelo amor de Deus?

NEVINHA

Você deixou Dona Clarabela catucar você!

SIMÃO

Mas mulher, já é essa história de catucado de novo?
Que maluquice mais sem juízo é essa?
Quer dar em mim, quer? Dê!
Eu não já disse que a única mulher
que eu deixo me catucar é você?

NEVINHA

E eu não vi não?

SIMÃO

Você viu? Que mentira! O que foi que você viu?

NEVINHA

Vi você, aí todo derretido
e Dona Clarabela futucando suas costas!

SIMÃO

Menina, deixa de ser doida! Você não está vendo
que essa história não tem sentido?
Você sempre será ameninada,
a menininha, querida do marido!

JUJUBA

Vá pra lá, tarado! Não quero mais nada com você!
Deixar uma *cabra* daquela catucar suas costas!

SIMÃO

Que catucar que nada, mulher! Eu estava era ensinando
Dona Clarabela a dançar o xaxado de São João!

JUJUBA

Não meta São João em suas safadezas não, safado!
Ateu, ímpio, incréu, herege, condenado!

SIMÃO

Mulher, deixa disso! É uma injustiça tão grande
que chega a bradar aos céus! Você, me caluniando!
Eu estava era ensinando!
Assim, olhe: "Carneirinho, carneirão, é de São João,
é de cravo, é de rosa, é de manjericão."
Quando ela estava começando a aprender o ritmo,
ali no banco, e ia começar a dançar,
você chegou, na horinha,
e meteu logo na cabeça que era safadeza minha!

JUJUBA

Mentira, Simão!

SIMÃO

Juro, Nevinha,
minha oncinha,
minha ovelhinha branca, amor de meu coração!

NEVINHA

E você não me enganou não?

SIMÃO

Nevinha, vou jurar, pra você não duvidar:
eu nunca lhe botei um chifre, nem hei de botar!

NEVINHA

É mesmo, Simão?

SIMÃO

E então? Agora, em troca dessa minha bobagem,
de minha fidelidade, você precisa ser sempre carinhosa,
amiga e camarada, que é para me dar coragem!
Até parece que você está gostando menos de mim...
Nunca mais me deu um agrado, um cafuné, uma massagem...

NEVINHA

Massagem?

SIMÃO

Sim! Não sabe o que é massagem não?
Ah, você está muito atrasada!
Você pega minhas costas por aqui,
vai agradando, catucando,
amolega pr'um lado, puxa pro outro lado...

NEVINHA

Simão, safado!
Isso foi Dona Clarabela que ensinou a você!

SIMÃO

Deixa de doidice, mulher! Isso eu li,

num livro que chegou de Campina, e aprendi!

NEVINHA

Foi mesmo?

SIMÃO

Foi! Você me dá uma massagem?

NEVINHA

Dou! Agora, tem uma coisa: se eu descobrir
que você está me traindo,
eu furo seus olhos e boto chumbo derretido
em seu ouvido,
quando você estiver dormindo!

SIMÃO

Deixa de valentia, Nevinha, que brabeza não combina com
[você!
Vamos tirar uma pestana, que o mal da gente é sono!
Vamos dormir, e acabe com essa história!

NEVINHA *(Abraçada a ele.)*

Não tem jeito não, meu Deus!
Esse homem é minha fraqueza e minha glória!

Entram em casa, abraçados. Em cena, entram ANDREZA *e* ADERALDO.

ADERALDO

E Nevinha? Continua sem querer nada comigo?

ANDREZA

Continua! Já fiz tudo! Parece que não há jeito!

ADERALDO

Ela sabe que eu estou enriquecendo novamente?
Digamos que eu já tenha duzentos mil contos!
Você já imaginou o que é isso?
São duzentas mil notas de um conto

empilhadas uma em cima da outra! É uma beleza!
Com dinheiro, pode-se comprar a terra,
o ar, a água, o fogo, toda a natureza!
Com dois anos de trabalho,
vendendo e matando gado,
emprestando meu dinheiro
a troco de juros fortes,
eu vou terminar mais rico
do que era antes de o Frade
desgraçado me roubar!
Que diz você? Que é que acha?

ANDREZA

Acho o plano muito bom!

ADERALDO

E Nevinha? Cairá?
Tenho uma sede danada
nessa mulher. Que será?

ANDREZA

É quebranto! Passa logo!
Nevinha está começando
a desconfiar do marido
por causa de certas coisas
que andou assistindo aqui!
Vou jogar lenha no fogo!
Mulher casada e ciúme
é coisa pra cai-não-cai!
É o tempo em que o senhor
fica, de novo, bem rico!
Ela vai abrir a boca

com a sua eficiência:
dá-se, então, um empurrãozinho
e ela, docemente, cai!

ADERALDO

Eu abro os braços e aparo!
Ai, Cão, que felicidade!
Mas meu trunfo principal
é a pobreza do marido,
a preguiça de Simão.
Passando necessidade
e vendo como estou rico,
Nevinha se abala e cai
na armadilha dos meus braços!

Saem. Entra SIMÃO PEDRO.

SIMÃO PEDRO

Pois sim! Vocês vão pensando!
Quem disse que eu vou deixar?
Fica tudo em minha mão!
Vou tomar minhas providências
e ninguém chifra Simão!
Lá vem ele!

Esconde-se de novo. Entram SIMÃO *e* NEVINHA.

SIMÃO

Então? Sou bom marido, ou não?

NEVINHA

É, filhote! Eu nunca disse o contrário!

SIMÃO

Disse, meu bem! Você foi muito injusta!
Eu, um Poeta, um *autêntico*, um *puro*,

e você me acusando assim, sem saber, no escuro...

Nevinha

Meu filho, me perdoe! Eu também posso me enganar!
É que gosto tanto de você, que às vezes fico com ciúme!
Dona Clarabela é inteligente, bonita, rica, tem estudo...
Eu não sei nem conversar com você
sobre os *romances* e *folhetos* que você faz!
Ela, não! Sabe tudo!

Simão

Sabe tudo, uma merda!
Aquilo é uma jumenta sem mãe!
É burra de fazer pena!
Eu não digo! Uma desgraçada
ruim como Dona Clarabela,
chifrando o marido como chifra,
e ainda se acha com o direito de dizer
que minha poesia é ruim! Ruim, é ela!

Nevinha

É mesmo, meu filho! É uma peste, aquela Clarabela!
Não queira mais negócio com aquela mulher!
Acho que você não deve mais nem mostrar
a ela o que você fizer!
E aquilo é burrice dela!
Sua poesia é linda!

Simão *(Satisfeito.)*

Você acha?

Nevinha

Demais! A do canário, toda vez que você canta,
me dá vontade de chorar!

E a dos macacos é tão engraçada!

SIMÃO *(Lisonjeado.)*

Nada! Isso é porque você gosta de mim!

NEVINHA

Juro que não, Simão! Você pode acreditar!
É que eu, mesmo, acho você um Poeta maravilhoso!

SIMÃO

É mesmo, Nevinha?

NEVINHA

É o maior que eu conheço!
Eu lhe digo com franqueza:
tenho ouvido poesia
e tenho lido folheto
de Leandro Gomes de Barros,
de Inácio da Catingueira,
de Silvino Piauá,
de José Camelo e Dila,
de Jé, de Sales Areda,
dos Romanos, dos Batistas;
são, todos, maravilhosos:
mas o maior, mesmo, é você!

SIMÃO

Nevinha, muito obrigado!
Você não sabe a alegria
que me dá, dizendo isso!

NEVINHA

Agora, eu lhe sou franca, Simão:
do jeito que digo o que acho,
no que não acho dou a minha opinião.

Simão

E o que é que há?

Nevinha

Por que você não deixa a poesia
para as horas vagas e não vai trabalhar?

Simão

Agora, já começa a dizer besteira!
Trabalhar pra quê, mulher?
Trabalho não me convém!
O que tiver de ser meu
às minhas mãos inda vem!
Se trabalho desse lucro,
jumento vivia bem!
Eu vejo esse povo que se mata,
pensando que ser burro de carga
é tudo no mundo:
quando estouram, deixam tudo
e, ainda por cima, perderam a alma
e caem no Fogo profundo!

Nevinha

Sabe que é capaz de você ter razão?
Mas então vamos, pelo menos,
nos mudar para outro lugar.
Talvez, aí, nossa situação
inda venha a melhorar!

Simão

Mulher, se há uma coisa
que eu tenho no mundo é juízo
e, graças a meu bom Deus,

o juízo que ele me deu
eu ainda guardo aqui quase todo!
Se eu estou mais ou menos aqui
pra que ir pra outro lugar?
Pedra que muito rebola
nunca pode criar lodo!

NEVINHA

Sabe do que mais, meu Quincas?
Você é quem está certo
e perdoe sua mulher!
Se aqui nós vamos vivendo
da maneira que Deus quer,
talvez seja até melhor
nem pensar nessa viagem!
Mas, também, tome coragem:
vamos botar um roçado!
Planta-se milho, algodão,
arroz, batata, feijão,
em casa eu ajeito um cortiço,
e, quando chegar agosto,
que é o mês melhor para isso,
estando tudo tratado,
tira-se o algodão branquinho,
o feijão castanho, o mel dourado!

SIMÃO

Mulher, deixe de loucura
que eu sei isso como é:
a gente limpando mato,
vem a cobra e morde o pé!

O Sol acaba a lavoura:
nem preá e nem mondé!
Trabalho sustenta a gente
mas é só pra serventia,
é a obrigação do mundo
no suor de cada dia!
E eu trabalho: penso, escrevo,
invento, na Poesia,
crio histórias para os outros,
espalho alguma alegria,
espanto a treva do Mundo
que em meu sangue se alumia,
dou beleza ao crime e ao choro...
É pouco, mas tem valia!

MEVINHA

Está certo, meu bem, está certo.
Você é quem tem razão
e sou eu que estou errada!
Mas o jantar de hoje à noite?
Não se esqueça dos meninos:
está crescendo a ninhada!
E para o jantar em casa
nós, hoje, não temos nada!
Pegue ali sua espingarda
e vá pro mato caçar.
Vá matar uma codorniz,
um mocó ou um preá!
Só não traga punaré!
Mas um tatu, ou um tejo,

nambu, rolinha, asa-branca
você encontra e, encontrando...

SIMÃO *(Imitando uma espingarda.)*

Pá! Pá! Pá!

JUVINHA

Isto! Ferro na pedra, fogo no ar!
Você mata tudo isso,
traz pra casa o que caçar:
de noite eu faço o pirão
para a família cear!

SIMÃO

Parece até que já estou vendo a caçada!
Que caçada desgramada!
Eu vou seguir seu conselho
e me botar no caminho!
Mas me diga: eu estou no mato;
vou matar um passarinho;
pode lascar a espingarda:
o tiro sai da culatra
e acaba com seu velhinho!
Não tem batata de imbu?

JUVINHA

Tem!

SIMÃO

Pois pise e passe no ralo:
junte água quente e pimenta
e faça aquele pirão
o tal "cabeça de galo".
A filho de pobre, não falta fome!

Garanto que todos eles comem
e inda acham que é regalo!

NEVINHA

Está certo, meu filhote:
para o jantar, isso dá!
Mas a sobremesa? É possível
que os pobres dos nossos filhos
não tenham direito nem a uma coisinha
para adoçar o jantar?
Vamos ali ao angico:
hoje, eu passando por lá,
vi na terra um capuxu
que é o mel melhor que há!
Mel doce, limpo, cheiroso,
na terra, pra se tirar,
mel de ouro, favo claro,
e a cera, pra se guardar!
Ali, perto duma pedra,
dentro da terra a zoar,
está esse capuxu
— cera, mel e samburá!
Vamos, então, ao angico
para esse enxu arrancar!

SIMÃO

Eu não vou não, molecota:
você vá só se quiser!
Só como coisa salgada:
coisa doce é pra mulher!
E eu não entro nesse jogo!

Capuxu é uma desgraça,
é a abelha que mais morde!
O ferrão dela tem fogo!
Eu tenho medo do Acaso,
este Mundo é um perigo,
a Morte vigia todos,
o Tempo é nosso inimigo
e quem se abre pra isso
não tarda a ter o castigo!
Em cada lugar do Mundo
Caetana nos espreita,
nos olha a Morte vermelha:
quem sabe se ela não chega
no ferrão dessas abelhas?

NEVINHA

Que marido mais sabido!
Está certo, Joaquim Simão!
Mas deixe, então, que eu discuta
seguindo outra direção.
Você não sabe onde é
o Poço de João Dinis?
Hoje eu fui lá, lavar roupa,
e achei a casa dum peba.
Vamos lá, tirá-lo, juntos?

SIMÃO

Você está doida, Nevinha!
O povo diz, por aí,
que peba come defunto!
Depois, tem que ser de noite:

perdemos nossa dormida!
Ele engana a gente, foge,
fica a viagem perdida
e lá vem, de novo, a morte:
uma cascavel nos morde,
lá a gente perde a vida!

NEVINHA

Pensando bem, é verdade:
não escute o que eu dizia!
Mas lá no Poço tem peixe:
nem é sujo, como o peba,
nem morde como as abelhas!
Vá fazer uma pescaria!

SIMÃO

Eu sou é ruim na tarrafa!
Se inda fosse jereré!
E, mesmo, esse poço é fundo
que não há quem tome pé:
a gente vai é passar
no papo do jacaré!
Sabe do que mais, Nevinha?
Forre o chão com a esteira
e vamos, nela, dormir.
Hoje eu canto numa casa,
já mandaram me pedir!
Com certeza o dono paga
na hora em que eu for sair.
E mesmo que nada paguem,
Deus há de tudo suprir.

Por enquanto, estamos vivos:
então está tudo bem.
Trabalhar, cansa e dói muito,
coisa que não me convém.
Se a Fortuna nos quiser,
de qualquer modo ela vem!
E sabe do que mais? Deixe dessa conversa,
que eu já estou ficando com o juízo aperreado!
Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco, deitado!

Deita-se e adormece.

NEVINHA

Meu Deus! Que vida, esta nossa!
Será que tenho razão
ao me conformar com tudo
e obedecer a Simão?
Sofro, não só da pobreza,
mas também na consciência:
pra ser boa pro marido
estou sendo ruim para os filhos
que padecem na inocência!

Entra em casa, chorando. Aparecem QUEBRAPEDRA *e* FEDEGOSO*, vestidos de Vaqueiros e puxando* ANDREZA*, que vem andando de quatro pés e disfarçada de Cabra, com máscara e chifres.*

FEDEGOSO

Ah, cabra dos seiscentos diabos!
É possível que ninguém queira uma cabra?
Tenho que viajar depressa,
a cabra está atrapalhando

e eu não acho uma pessoa

que queira ficar com ela!

Não há ninguém nesta praça?

QUEBRAPEDRA

Quem quer uma cabra? É dada de graça!

Cabrinha boa, leiteira,

cabriteira, bodeira,

é uma cabra de primeira!

FEDEGOSO

Alguém tem um pobre para ajudar?

Uma família com fome? Um homem pra auxiliar?

Esta é a hora! Quem quer uma cabra

que não pode viajar?

SIMÃO PEDRO *aparece, meio desconfiado. Os dois põem-se de costas.*

SIMÃO PEDRO

Amigo, ouvi você gritar!

Que história é essa? Aqui já se dá cabra?

Dá pra desconfiar!

QUEBRAPEDRA

É pra pegar ou largar!

Estamos de viagem, apareceram uns problemas,

e a cabra está atrapalhando!

Queríamos dá-la a alguém,

mas só a quem estiver precisando!

Se o senhor conhece alguém

que esteja passando necessidade,

faça o favor de lhe dar essa cabra!

Tome, tenha a bondade!

SIMÃO PEDRO

Mas por que estão de costas?
Estão desconfiando de mim?

FEDEGOSO

Deixe de perguntas!
Se quiser a cabra, diga logo:
meus negócios são assim!
Não estamos obrigados a explicar
nossos modos a ninguém!

SIMÃO PEDRO

Está bem, calma! Está bem!

QUEBRAPEDRA

O senhor conhece alguém
em condições de ficar com a cabra?
Alguém que esteja passando fome
e passando precisão?

SIMÃO PEDRO

Conheço! É um homem que mora aí,
chamado Joaquim Simão!

QUEBRAPEDRA

Pois, então, lhe dê a cabra!

SIMÃO PEDRO

Esperem, que vou chamá-lo.

FEDEGOSO

Não! Temos pressa!

QUEBRAPEDRA

Olhe o galo!

FEDEGOSO

Co-coró-cocó!

Saem correndo e rindo zombeteiramente.

Simão Pedro

Que quererá dizer isso? Que gente mais esquisita!
O ruim, nisso tudo, é que quando agimos por conta própria
perdemos alguma coisa das nossas faculdades!
Será que esses dois Vaqueiros têm parte com o Cão?
Cuidado, velho Simão!
Ficaram de costas pro meu lado o tempo todo!
E essa cabra? Será que tem parte com o Diabo?
Vou fazer uma cruz, de repente:
se ela estoura, eu desabo!
Cruz!

Andreza *levanta uma mão bem à vista do público e coloca o dedo médio por cima do indicador, "isolando".*

Andreza *(Baixo.)*

Isola!

Simão Pedro

Nada! Vou fazer outra tentativa:
Cruz! Nada! É tolice não aproveitar!
Vou me disfarçar de tangerino
e dar a cabra à mulher de Simão!
Assim, de uma vez só,
ajudo o Poeta a sair da miséria
promovendo o casal para uma pobreza honrada,
e ajudo a mulher dele a não ser tentada
pela riqueza desse miserável
que quer vê-la desonrada!
Cuidado, Simão!
Mas, mesmo que tenha sido coisa do Cão,
o que esse besta não sabe

é que, acima de mim, existe uma Judia,
uma Virgem, uma Mulher,
e acima dela existe Deus, que pode
se aproveitar até do Cão, quando quer!

Bota um chapéu de couro e um paletó de mescla azul e começa a cantar, aboiando.

SIMÃO PEDRO

Eu me chamo Simão Pedro,
minha vida é viajar,
tangendo meus bois e bodes,
sempre de cá para lá!
Quando corro atrás de um bicho
é, mesmo, pra derrubar!
Ê, luar mansinho!
Ê-boi, fasta boi!
Ê-boi, ê-ôi!

NEVINHA *aparece à porta.*

NEVINHA

Quem está aí, cantando?

SIMÃO PEDRO

Dona, aqui na sua porta
eu ia agora passando,
tangendo um bando de cabras,
tirando verso e aboiando,
quando avistei a senhora,
dentro de casa, chorando!
Eu estou penalizado
com a pobreza que vejo
aqui, nesta moradia!

Tome esta cabra leiteira:
é a melhor com que eu ia!
Trate dela com cuidado
que ela há de lhe servir muito:
a senhora terá leite
pra família, todo dia!

NEVINHA

Mas meu senhor, que bondade!
Ah, moço, muito obrigada!
Acorde, Joaquim Simão!
Meu Deus, que sono horroroso!
Acorde, Simão, meu filho!
A gente ganhou uma cabra!

SIMÃO *(Acordando imediatamente.)*

Hã? Quem foi esse caridoso?

NEVINHA

Foi aqui o tangerino,
homem decente e bondoso!

SIMÃO

Então, mulher, uma cabra, hein?
O que era que eu lhe dizia?
Meu senhor, muito obrigado!
Pode me dizer seu nome?

SIMÃO PEDRO

Simão Pedro, seu criado!

SIMÃO

Não diga! Somos xarapas!
Ou melhor, quase xarapas!
Com isso está explicado!

Você, meu caro, é meu chapa!
Meu nome é Joaquim Simão!

Simão Pedro

Muito prazer!

Simão

Ô Seu Simão, não repare não,
mas eu tenho uma mania
de descobrir parecenças
entre as pessoas e os bichos!
O senhor parece um touro,
mas desses bons de mourão.
Meio teimoso e durão,
é capaz de dar pontada
num momento de paixão!
Mas, por dentro mesmo,
é manso, bom, descuidado
e não muito inteligente!
Estou certo ou estou errado?

Simão Pedro

Joaquim Simão, deixe de intimidade,
que você não sabe com quem está falando!

Simão

Que é isso, meu chapa, está zangado?
Não me diga que o senhor
é primo da rapariga do Cabo!
Deixe de bancar o brabo
que eu sei que o senhor não ficou
nem um pouquinho incomodado!
O senhor se chama Simão: eu também,

e, por isso, sei que todo Simão é confiado!
É ou não é?

Bate na barriga de Simão Pedro.

Simão Pedro

Homem, é capaz de ser mesmo!
Bem, eu já lhe dei a cabra:
agora, arranje-se,
que eu vou seguir minha viagem!

Simão

Muito obrigado! Sua visita
me deu alegria e coragem!

Simão Pedro *sai.* Joaquim Simão *se deita no banco, puxando o chapéu para os olhos.*

Nevinha

Mas Simão, pelo amor de Deus!
Você vai se deitar de novo?

Simão

Oxente! E agora,
só porque eu tenho uma cabra,
vou passar o resto da vida em pé, é?
Estou muito satisfeito,
agradecido e contente.
Mas vou dizer uma coisa:
só pra tomar conta dela,
esse diabo dessa cabra
vai dar é trabalho à gente!

Nevinha *vai levar a cabra para casa.*

Não! Deixe essa peste aqui fora!
A cabra, criada em casa,

vai é nos atrapalhar!
Deixe esse diabo por cá,
que aparece já negócio
pra se vender ou trocar!
Em negócio é que eu sou bom!
A gente vai enricar!

Nevinha

É mesmo? Então, está bem!
Mas, meu velho, seja duro!
Você é mole demais!
A dona da cabra é esta:
ela é minha e dos meninos!
Veja que negócios faz!
Entra em casa, contente.

Simão

Está tudo muito bem,
estou muito esperançado.
Mas, enquanto não aparece negócio,
ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco, deitado!
Deita-se no banco e adormece.

Andreza *(Pondo-se em pé.)*

Bé-é-é! Puf, puf!
Sangue, sapo, cobra e fel!
Treva, desgraça, morcego!
Pus em cima do teu mel!
Perdeu-se Joaquim Simão!
Ai, que lá vem São Miguel!

Disfarça, e começa a pastar calmamente. Entra São Miguel, *com um peru.*

Miguel Arcanjo

Então, era esse, o plano de São Pedro!
O ruim é que, por conta própria,
nem eu entendo, nem ele entende!
O acordo está desrespeitado!
E, se o que Joaquim Simão quer é negociar,
vamos ver o que ele consegue
com as trocas que pretende!

Bota um chapéu de palha, tira a balança da maleta, empunhando-a, após o que faz uma falsa entrada, puxando o peru por um cordão e falando alto.

Miguel Arcanjo

Chega, chega, peru cego,
chega, velho camarada!
Peru de quase cem anos,
da barriga esculachada!
Ei! Ei!

Simão *(Acordando.)*

Amigo, é seu o peru?
Eu tenho, aqui, essa cabra:
vamos dar uma trocada?

Miguel Arcanjo

Conforme! Como é o negócio?
Qual a sua condição?

Simão

A cabra pelo peru:
uma mão lava a outra mão!
Leve a cabra e dê-me o bicho,
que está feita a transação!

MIGUEL ARCANJO

Pra mim, é bom: eu aceito!
Mas sou um homem decente:
o peru é velho e cego,
é um pobre penitente;
pode morrer neste instante,
pois tem o bucho doente!

SIMÃO

Eu gostei da cara dele, o que é que há?
Simpatizei com o rapaz!
Leve a cabra e dê-me o bicho:
não venha discutir mais!
Não bote defeito nele:
é um favor que me faz!

MIGUEL ARCANJO

Bem, se seu caso é de estima,
não diga que lhe enganei!

SIMÃO

O mesmo faça você,
porque, pra mim, eu lucrei!
Fique aí, meu peruzinho!

Deita-se e adormece. SÃO MIGUEL *amarra um lenço vermelho sob o queixo, como quem está com dor de dente. Cobre a cabeça com um chapéu-do-chile, arregaça a perna da calça, vai ao limiar e volta de lá com um galo.*

MIGUEL ARCANJO

Ei!

SIMÃO *(Acordando.)*

Olhe um homem com um galo!
Meu senhor do galo! Ei!

MIGUEL ARCANJO

Que é que há?

Simão

Vamos trocar
meu peru por esse galo?
Mas, sou um homem direito
e quero, logo, avisá-lo:
o peru é velho e cego
e morre ao primeiro abalo!

Miguel Arcanjo

Já que o senhor foi decente,
quero avisá-lo também!
Este é um galo de briga,
nem força mais ele tem:
perdeu na rinha, vai mal,
não vale mais um vintém.
A carne é pisada e dura,
não serve para ninguém.
O dono me deu o galo,
e eu, por delicadeza,
lhe disse que estava bem.
Agora, diga o que eu volto
na troca pelo peru,
que eu vejo se me convém.

Simão

É o galo pelo peru:
o senhor não volta nada,
que não seria direito!
O galo ainda está vivo:
eu dou-lhe um banho e uns tratos,

boto na rinha, ele vence!

Vou ganhar tanto dinheiro!

Dou o peru pelo galo:

se quiser, diga, está feito!

MIGUEL ARCANJO

Eu quero e fico contente!

SIMÃO

Eu também estou satisfeito!

Oxente, é um galo arretado!

Ô mulher, traz meu lençol,

que eu estou no banco, deitado!

Adormece. MIGUEL *bota uma barba branca, veste um camisolão por cima da roupa, ficando parecido com um peregrino ou romeiro. Vai ao limiar da cena e volta de lá com um coelho.*

MIGUEL ARCANJO

Ei! Acorde, Joaquim Simão!

SIMÃO

Olhe um homem com um coelho!

Vale a pena perguntar:

esse coelho é pra negócio?

MIGUEL ARCANJO

É pra vender ou trocar!

Se tem alguma proposta,

me faça e vamos pensar!

SIMÃO

Dou meu galo por seu coelho.

Mas aviso, meu senhor:

é um galo aposentado,

já velho, já sem valor,

que, agora, de galo, mesmo,

só tem mesmo aquele tico:

do lado de cá, o bico,

do outro lado, o fedor!

MIGUEL ARCANJO

Mesmo assim, gosto da carne:

cozida, é bom de comer!

Quanto devo lhe voltar?

Faz favor de me dizer?

SIMÃO

Você não me volta nada!

Vou, lá, enganar você!

MIGUEL ARCANJO

Se é assim, faço o negócio:

não diga que lhe enganei!

SIMÃO

O mesmo faça você,

que eu satisfeito fiquei!

Que coelhinho mais simpático!

Ele é pedrês ou malhado?

Ô mulher, traz meu lençol,

que eu estou no banco, deitado!

Adormece. MIGUEL *tira o camisolão e a barba branca, veste um sobretudo negro e põe na cabeça uma bacora preta, ficando parecido com a figura convencional do judeu. Vai ao limiar e volta de lá com um pacote.*

MIGUEL ARCANJO

Acorde, Joaquim Simão!

SIMÃO

Um homem com um pacote!

Meu senhor do pacote! Ei!

Onde vai, com tanta pressa?

Venha cá, concidadão!
Me mostre aqui o pacote
que carrega em sua mão!
E me diga: esse pacote
se troca num coelho, ou não?

MIGUEL ARCANJO

Meu amigo, esse pacote
é somente um pão francês
que eu comprei, agora mesmo,
na venda de um Português!
Mas, se o senhor quer trocar,
aproveite, que é a vez!
Me diga, lá, o negócio
que é para eu ver como é!

SIMÃO

Dou meu coelho pelo pão
que é um símbolo da Fé!
Nos Salmos, Deus declarou
pela boca de Davi:
"Eu vos alimentarei com a flor do trigo
e com o mel do rochedo."
Refere-se ao pão e ao vinho,
bebida divina e forte,
com o pão sagrado da Fé!
E, além disso, um pão é bom
pra se tomar com café!

MIGUEL ARCANJO

Eu não engano ninguém!

SIMÃO

Nem eu também, camarada!

Miguel Arcanjo

Um pão é pouco, pra dar
num coelho sem voltar nada!
Tome um pão e mais um conto:
fica a troca equilibrada!

Simão

Não fui eu que lhe pedi:
o senhor deu porque quis!
Pra mim, já bastava o pão:
fiz um negócio feliz!
Eu enxergo umas dez léguas
adiante do meu nariz!
Meu senhor, muito obrigado!
Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco, deitado!

Adormece. Miguel *tira os disfarces. Entra* Simão Pedro*, sem que ele o veja, e fica por trás.* Manuel Carpinteiro *entra, também sem ser visto, e fica por trás dos dois.*

Miguel Arcanjo

Agora, quero ver como é que São Pedro sai dessa:
o protegido dele pegou a sorte e largou!

Simão Pedro

Muito bem!
Desrespeitando o acordo
feito com Nosso Senhor,
hein?

Miguel Arcanjo

E você? Também não desrespeitou?

Simão Pedro

Eu, sou apenas um Santo,
sou um simples pescador!
Mas você! Um Anjo!
Mais do que isso: um Arcanjo!

MANUEL CARPINTEIRO

Um-rum, um-rum!

SIMÃO PEDRO

Ai meu Deus! Nosso Senhor!

MANUEL CARPINTEIRO

Vocês parecem dois meninos!
Mas não tem importância! Eu deixei
porque era isso, mesmo, o que eu queria!
Foi isso que planejei!
De outra vez, tenham cuidado!

MIGUEL ARCANJO

Então, o que é que se faz?

MANUEL CARPINTEIRO

A história vai caminhar.
Vamos ficar escondidos
pra, depois, moralizar!
Mas, para isso, é preciso
que você, Miguel Arcanjo,
represente aí, por mímica,
com Aderaldo presente,
a última dessas trocas
que você fez com Simão!

MANUEL CARPINTEIRO E SIMÃO PEDRO ficam à parte. Entra ADERALDO CATACÃO. MIGUEL ARCANJO e JOAQUIM SIMÃO representam, por mímica, a última troca. Saem todos, menos ADERALDO e JOAQUIM SIMÃO.

ADERALDO

Lá está Joaquim Simão!
Ele não me pressentiu!
Ou, então, virou as costas,
fingindo que não me viu!
Um homem falou com ele,
fez uma troca e saiu.
Eu vou lá! Joaquim Simão!
Gosta de troca também?
Você sabe: eu negocio
e entendo disso, bem!
Que é que inda tem pra trocar?

SIMÃO

Aqui, nada mais se tem!
Eu estava com uma cabra
que minha mulher ganhou.
Fiz, porém, quatro negócios
e o que eu tinha se acabou;
tenho um pão e mais um conto:
foi tudo quanto sobrou!
Eu troquei, primeiro, a cabra
num peru, com um freguês.
Dei o peru por um galo
e este num coelho pedrês.
Me deram por esse coelho
este conto e o pão francês!

ADERALDO

Veja quanta diferença
há de você para mim!
Se eu fosse, como você,

magro, feio e pobretão,
e se, lá um dia, visse,
por astúcia de algum Cão,
uma cabra que viesse,
parar nesta minha mão...
Ora, não tinha conversa:
mudava a sorte, depressa!
Você não viu como foi?
O ladrão me roubou tudo,
eu fiquei quase sem nada!
Fui lutando e me aprumando:
já tenho dinheiro em caixa!
Olhe: só aqui tenho isso tudo!
E você? Será assim?
Acho que não!
Você é burro, Simão!
Você é besta, Joaquim!
E espere mais uma coisa:
sua mulher vai achar ruim,
porque você pegou, hoje,
a cabra dela e deu fim!

Simão

Ah, isso não! Isso nunca!
Na minha negra eu confio!

Aderaldo

Pois eu já sou diferente:
até de Deus desconfio!
Isto é, caso ele exista,
coisa na qual não me fio!

Todo mundo tem seu preço:
o interesse, é a Lei eterna!
É quem dirige a cabeça,
a barriga, o peito e a perna!
A ambição é quem comanda!
A cobiça é quem governa!

SIMÃO

Mas que coisa, Seu Aderaldo!
Então é assim que o senhor é, hein?
É assim que as pessoas vão mostrando quem são!
É assim que os ricos são por dentro, hein?
Eu vivia achando que o senhor
tinha alguma coisa de peru,
de jumento ladrão, guará, raposa e timbu.
Eu dizia isso brincando,
mas agora já sei porque é!
Então, o senhor até de Deus desconfia!
É muita ruindade e falta de fé!
Que agonia não deve haver na sua cabeça,
hein, Seu Aderaldo Catacão?
Pois saiba que suas leis podem dar certo
com gente de sua laia, com minha mulher, não!

ADERALDO

Você, tendo dado prejuízo a ela?
Ah, vai ouvir reclamação!

SIMÃO

Vou nada! Tudo o que faço,
pra Nevinha, está bem feito!

ADERALDO

Pois vou lhe propor um negócio,
e fazer uma confissão!
Vou lhe confessar, Simão:
sou louco por sua mulher!

SIMÃO

O quê, Seu Aderaldo? É?
Não diga! Pois comigo é o contrário:
sua mulher é louca por mim!

ADERALDO

Eu sei! Pensa que me importo?
Dou a minha pela sua! Você quer trocar?

SIMÃO

O senhor vá se lascar!
Não é besta não?
Pra me encher de troca ruim,
o que eu fiz hoje já dá!

ADERALDO

Você não confia na sua mulher?

SIMÃO

Confio!

ADERALDO

Você não disse que nem as leis do interesse
governam Dona Nevinha?

SIMÃO

Disse!

ADERALDO

Ela gosta de você, de verdade?

SIMÃO

Gosta!

ADERALDO

Você arrisca a confiança
e o amor dela numa aposta?

SIMÃO

Arrisco! Arrisco tudo!
Mas uma aposta dessa eu só faço com testemunhas!

Entram SIMÃO PEDRO *e* MIGUEL ARCANJO.

ADERALDO

Vêm chegando, aí, dois homens
que podem servir pra isso.
Ei! Vocês dois, aí!
Querem vir cá, por favor?
Queríamos que vocês
servissem de testemunhas
numa aposta entre nós dois!

SIMÃO PEDRO

Pois não! Qual é a aposta?

ADERALDO

Esse sujeito pegou hoje, aqui,
uma cabra que a mulher dele ganhou,
e tantos negócios fez que quase tudo acabou.
Tem ele agora, somente, um pão e um conto de réis.
Eu digo que a mulher dele reclama
as trocas, ele acha que não!
A aposta é a seguinte,
escutem vocês, e você também, Simão!
Você chama sua mulher aqui.
Ela pergunta pela cabra: então você
diz a ela todas as trocas,

sem desculpar os negócios que fez,
dizendo os defeitos dos bichos que recebeu,
tudo isso sem usar nem uma enrolada!
Se ela concordar com tudo
e não reclamar nada,
perco este dinheiro todo para você!
Se ela reclamar, você perde o pão,
perde a nota de um conto de réis, se eu quiser,
e, para completar tudo, perde também a mulher!

Simão

Como é que eu posso perder
minha mulher, que não sei?

Aderaldo

Você junta o que possui
e dana-se daqui! Entope no oco do mundo
e abandona sua casa!
Basta isso, nada mais!
O resto é por minha conta!
Você topa?

Simão

Topo!

Aderaldo

Pois vamos lá, sem demora!
Tudo isto pelo pão, pelo conto
e por sua mulher! Caso a aposta agora!
Se sua mulher não reclamar,
você recebe tudo isto na mesma hora!

Simão

Aceito, Seu Aderaldo!

Vamos a aposta casar!
Na mão dessas testemunhas,
o bolão depositar!
E, para decidir tudo,
minha mulher vou chamar!

Simão Pedro

Me dê aqui o dinheiro!

Miguel Arcanjo *(Para Simão.)*

O pão e o conto de réis!

Simão

Eu chamo minha mulher,
que vem na ponta dos pés!
Lá chegou ela, na porta,
com a cara iluminada!
Foi só porque me avistou
de lá da porta da entrada!
Minha mulher, venha cá!

Miguel Arcanjo

Coitada!

Simão Pedro

Por que coitada?
Inda não sucedeu nada!

Entra Nevinha.

Nevinha

Meu filho, cadê a cabra?
Alguém comprou? Já vendeu?
Fez bom negócio, Simão?
Você lucrou ou perdeu?

Simão

Minha filha, escute bem:
vou contar o que se deu!
Eu estava com a cabra,
dormindo ali, à vontade.
Aí, passou um sujeito,
com um peru velho, de idade:
troquei a cabra por ele,
pois achei facilidade!

JUSTINA

Foi boa troca, Simão!
Um peru serve demais!
Quando chegar o Natal,
um bom assado se faz!
Onde é que está o peru?
Quando é que o homem traz?

SIMÃO

Espere aí! O peru
é bicho meio maldito!
Não me lembrei disso logo!
Aí chegou outro homem
com um galo, desses de briga,
apanhado e não bonito!
Dei o peru pelo galo,
que é animal mais bendito!

JUSTINA

Fez muito certo, Simão!
Galo é bicho abençoado,
clarim de Nossa Senhora!
Canta assim: “Cristo nasceu!”

E vai nos trazer melhora,
com essa frase abençoada
madrugando a toda hora!
Por que não me trouxe, logo,
nosso galo, para eu ver?
Onde é que está esse galo?

SIMÃO

Espere, que eu vou dizer
em que resultou o galo,
pra você tudo saber!
Esse, era um galo de briga,
caboclo e meio vermelho.
Um dos olhos, era cego,
mas o outro era um espelho:
a luz batia e luzia!
Passou, aqui, outro homem:
dei o galo por um coelho!

NEVINHA

Fez muito bem! Um coelhinho
alegra qualquer criança!
É criatura engraçada,
tem a natureza mansa!
E, se houver necessidade,
vai encher a nossa pança!
Quando é que ele traz o coelho?

ADERALDO

Agora, Simão se lasca!
Racha a testa e quebra o pé!

SIMÃO

Escute, minha mulher!
Fiquei com o coelho, entretido,
pensando... Quando dei fé,
vinha um homem com um pão!
Dei o coelho pelo pão,
pra se comer no café!

Nevinha

De todas, foi esta troca
a melhor que você fez!
Os filhos estão com fome
e, sendo assim, é a vez:
vai já tudo encher o bucho
de café com pão francês!
Se trouxe o pão, me dê logo,
que eu vou fazer o café!

Simão

Está vendo, Seu Aderaldo?
A aposta está de pé!
E o senhor, agora, viu
o que é uma mulher!
Mulher, e não besta-fera!
Aquilo que o senhor tem em casa,
não é mulher não, é megera!
Me dê o dinheiro, aí!

Aderaldo

O quê, seu atrevido?
Já que você está me insultando,
eu não pago esse dinheiro!

Simão Pedro

Ah, paga, meu camarada!
A aposta foi casada,
o dinheiro está comigo
e a minha mão é honrada!

SIMÃO

Veja lá, e agora aprenda
o que é mulher bem casada!

ADERALDO

O Diabo queime essa peste,
leve essa besta danada!
Perdi somente por causa
dessa guenza escanzinada!
Tem gente de todo tipo
nesta terra desgraçada!
Se o mundo é desse jeito,
vou me trancar para sempre!
Que o Cão te enfie uma figa!
Que a Morte corte teu couro
e Satanás te persiga!

SIMÃO

Calma, lá, Seu Aderaldo!
Se quer outra aposta, diga!

Sai ADERALDO*, depois de lhe dar uma banana.*

NEVINHA

Está muito bem, seu peste!
Mas agora venha cá, seu sangue de pamonha!
Vocação de corno!
Você me arriscou na roleta,
hein, seu cabra sem-vergonha?

SIMÃO

Que é isso, Nevinha? Que doidice nova é essa?

NEVINHA

Doidice o quê, seu velhaco?
Você pensa que eu não ouvi não, foi?
Eu vi tudo, dali, pelo buraco da fechadura!
Pensa que eu não vigio você não, é?
Desde que Dona Clarabela futucou você
que eu venho de olho em cima de você, viu?
Sim, porque aquela cachorra catucou você!
Nem se meta a negar!
Ouvi você dizer a Seu Aderaldo
que ela gostava de você!
Ouvi você mesmo confessar!

SIMÃO

Bem, se você ouviu eu dizer isso,
ouviu também aquele corno
me oferecer trocar você por ela
e eu recusar!

NEVINHA

E não recusasse não, pra ver uma coisa!
Era o que faltava!
Era só o que me faltava: meu marido
me trocar por uma cachorra!
E aqui, na minha casa, no meu terreiro!
Minha Nossa Senhora, como sou infeliz!
Meu marido me arriscou por dinheiro!

SIMÃO

Nevinha, eu arrisquei porque tinha confiança

e sabia que ia dar certo!

NEVINHA

Ia dar certo por quê?
Como é que você garantia?
Podia, bem, ter dado errado,
bem que podia!
Deu certo, porque eu ouvi!
Avalie se eu não tenho escutado!
A essa hora, estava aqui,
largada nas unhas de Seu Aderaldo!

SIMÃO

Você seria capaz de ficar com ele?

NEVINHA

Sei lá! De que é que não é capaz
uma mulher abandonada?

SIMÃO

Está vendo? E ainda diz que gosta de mim!
Gostar de você sou eu, que estava disposto
a defender você dele, até morrendo!

NEVINHA

Você?

SIMÃO

Sim! Eu estava armado, está vendo?
Tinha um revólver comigo!
Caso eu perdesse a aposta,
Seu Aderaldo teria
o castigo merecido!

NEVINHA

Simão!

Simão *(Botando banca.)*

Não! Agora, não adianta!
Você não confia em mim
como eu confio em você!

Nevinha

Deixa de besteira, Simão!
E eu não tinha tomado
minhas providências, também?
Quando eu ouvi a aposta,
trouxe comigo esse pau
e trouxe um punhal, meu bem!
Se você me abandonasse...

Simão

Você metia em Seu Aderaldo...

Nevinha

O punhal!
E em você, metia o pau!
Está vendo como é?

Simão *(Abraçando-a.)*

Nevinha!

Nevinha

Simão!

Saem, abraçados. Entra Manuel Carpinteiro.

Simão Pedro

Então?

Miguel Arcanjo

É! Saiu tudo mais ou menos!

Manuel Carpinteiro

Só tem, agora, um perigo:

Simão vai mudar de vida!
Venceu a miséria, o que é bom,
e é o sonho da pobreza.
Se ficar nisso, vai bem
e há de ganhar a partida!
Mas se deixar-se vencer
pelo espírito da riqueza,
está com ela perdida!

Simão Pedro

O que é depois, vem depois!
Por enquanto, ele vai bem!
Seu defeito é a preguiça,
mas escute o que eu dizia:
é o ócio criador,
o ócio da Poesia!
E ele tem uma qualidade:
nunca lhe falta esperança,
nem fé, nem honestidade!
É amigo da mulher
e incapaz de maldade!

Miguel Arcanjo

Mas, com toda essa bondade,
fez uma aposta safada!

Simão Pedro

Se ele saiu-se bem dela
é coisa a ser desculpada!

Miguel Arcanjo

Vejamos então por onde
segue ele agora a jornada!

Simão Pedro

Agora, daqui por diante,
Joaquim Simão vai em frente!
Diante dele não acha
uma porta que não abra!
Compra um pedaço de terra
com uma porteira alinhada,
com uma placa e um letreiro:
"Fazenda Homem da Cabra"!

Miguel Arcanjo

Que a gente nunca blasfeme
e tente fazer o bem.
Queira só o necessário,
dê, quem tem, a quem não tem,
que a luz do Deus de nós todos
abraça a todos, também!

Manuel Carpinteiro

Quando aqui se fala em bens
não é somente em dinheiro.
Eu penso é nos dons de Deus,
fortes, puros, verdadeiros.
Sobre o sangrento do mundo,
todo o cantar da alegria,
tendo o Sol como roteiro!

Simão Pedro

O pobre tem o direito
de lutar, pra melhorar!
Dinheiro é bom! Não demais!
Sobretudo não se pode

somente nisso pensar!
Quem encontre a Sorte faça
por onde ser dono dela,
sem a ela se curvar!
Nosso Povo não se esquece:
“A quem muito se agacha,
o fiofó lhe aparece.”

Os Três

Dinheiro tem sua treva,
pobreza tem sua luz.
A miséria é quem desgraça
pois à morte e ao mal conduz.
Vive-se à solta no mundo,
mas o Sol do mundo é Deus,
sangue e sol em sua Cruz!

FIM DO SEGUNDO ATO.

Terceiro Ato

O Rico Avarento

Mesmo cenário dos atos anteriores. Entram Manuel Carpinteiro, Miguel Arcanjo *e* Simão Pedro.

Manuel Carpinteiro

Os cavalheiros e damas que estão nos ouvindo,
não deixarão, na certa, de comprar um produto
que é vendido em benefício deles, não no nosso!

Miguel Arcanjo

Não digo, cavalheiros e senhoras,
que nada aproveitemos nós com isso!
Não, de modo nenhum! Mas a maior vantagem
é para quem nos ouve e quem nos segue!

Simão Pedro

E digamos agora que perguntem:
"Por que esses três loucos fazem isso?"
Pois a resposta é fácil: porque Deus disse
"Ganharás o pão com o suor do teu rosto!"

Aqui, unindo o gesto à palavra, Simão Pedro *passa o dedo na testa, como se a estivesse limpando de um abundante suor, que atira, depois, no chão.*

Assim, do mesmo modo que os senhores
ganham as suas vidas, uns vendendo automóveis,
outros subindo os preços, roubando galinhas,
vendendo máquinas que logo se quebram,
vendendo seguros inseguros e terrenos imponderáveis,
emprestando a juros impagáveis,
nós ganhamos a nossa vendendo este produto!

Manuel Carpinteiro

E, agora, devo dizer
que, contrariando um pouco
o plano aqui de Simão,
eu tratei de empobrecer
de novo a Joaquim Simão.
A "Fazenda Homem da Cabra"
começou a prosperar.
Como os poetas são, sempre,
gente inclinada à luxúria,
a primeira coisa que ele
inventou de praticar,
depois que achou o seu poço,
foi enganar a mulher!
Não é preciso dizer
quem foi a feliz mortal
que mereceu a fortuna
de roer aquele osso!

Miguel Arcanjo

O pior, é que Simão
foi-se deixando possuir
pelo espírito da riqueza.
Foi ficando parecido
com Aderaldo Catacão!

Simão Pedro

Foi preciso apertar Joaquim Simão!
Seus carneiros e cabras dispersaram-se,
a seca dizimou seu algodão.
Pela falta de pasto e de forragem,
seu gado se acabou pelo Sertão!

E as reses — muito poucas — que escaparam,
se acabaram, por cobra, ou no mourão!

Manuel Carpinteiro

Hipotecou a fazenda!
No dia do pagamento
ele não tinha o dinheiro
e Catacão a tomou!
Isso lhe foi salutar:
deixou a amante de lado,
a mulher o perdoou,
ele voltou à Igreja,
à segurança da Casa
que o Cristo — que eu represento —
fundou para todos nós!

Miguel Arcanjo

Está mais pobre do que antes
e vem aí, com a mulher:
vêm como dois retirantes!

Simão Pedro

Vem, suprema humilhação,
pedir trabalho e comida
a seu rival e inimigo
Aderaldo Catacão!

Manuel Carpinteiro

Confia em que o rico não negará o solicitado,
nem que seja, talvez, pela alegria maligna
de achá-lo, assim, derrotado!
Aqui ficamos! Voltaremos já,
entrando, desta vez, como mendigos disfarçados!

E, no fim, passaremos o nosso produto,
com uma conversa assim desagradável,
mas, no trato das coisas deste mundo,
também infelizmente indispensável:
é o preço do produto! Atenção! Preparar!
Luz! Começar!

Desaparecem. Entram Simão *e* Nevinha*, esfarrapados, com sacos de viagem às costas.*

Simão

Chegamos à chamada "terra amada"!
Eita, vida velha desmantelada!
Quantos anos, hein, Nevinha?

Nevinha

É verdade! Quantos anos!
E, também, quantos sofrimentos,
quantos desenganos!

Simão

Você está triste, meio sem coragem...
Será que ainda não me perdoou?

Nevinha

Perdoei, Simão! Sofri muito,
mas tudo isso já passou!

Simão

Vamos bater! Seu Aderaldo
certamente não está! Com a mania do trabalho,
a essa hora deve estar pegado!
Mas a tal da Dona Clarabela
na certa está em casa,
e eu pretendo me valer é dela!

Agora, Nevinha, se eu lhe disser uma coisa,
você não se zanga não?

Nevinha

Não!

Simão

Nem chora?

Nevinha

Não, Simão!

Simão

Pois eu queria lhe pedir
para você se esconder!
Essa tal de Dona Clarabela
nunca suportou você!
Por outro lado,
depois do que você me contou de Seu Aderaldo,
eu não quero expor você
às safadezas daquele corno safado!
Nossa velha casa está abandonada:
você fica por aqui, escondida!
Se eu notar que o negócio tem vantagem,
aí chamo você! Se não, trabalho hoje,
para arranjar comida e algum dinheiro,
e depois a gente segue viagem.
Está bem?

Nevinha

Está! Agora, Simão, eu lhe digo uma coisa:
estou de olho aberto em cima de você, viu?
Se aquela mulher começar, de novo,
com chamego pra seu lado,

eu saio daqui e brado!
Se eu visto saia, ela também veste saia!
Dou uma surra de pau naquela catraia!

SIMÃO

Nevinha, deixa de besteirada,
que não vai mais acontecer nada!
Eu estou velho, e Dona Clarabela também!

NEVINHA

Dona Clarabela não tem nada de velha,
é uma mulher até enxuta,
aquela... sem-vergonha!
Nem você está velho!
E mesmo que estivesse!
Isso não quer dizer nada:
safado também envelhece!
Você continua o mesmo safado que era!

SIMÃO

Mulher, não diga uma coisa dessa!
Uma pessoa vai passando aí, ouve,
com que má impressão não fica de mim?
E de você também, tão mansa, tão boa,
e se fazendo de braba, assim!
Desse jeito, você me desmantela!
Você não sabe que mulher, pra mim,
só tem você?

NEVINHA *(Dando-lhe uma cotovelada.)*

Isso é podre de ruim, mas eu sou louca por ele!

SIMÃO *(Imitando-a.)*

Isso é podre de boa, e eu sou louco por ela!

Nevinha

Simão!

Simão

Nevinha! Bem,
se esconda, que eu vou bater!

Nevinha esconde-se em sua antiga casa e Simão bate na porta de Aderaldo Catacão.

Simão

Ô de casa! Louvado seja
Nosso Senhor Jesus Cristo!

Clarabela *(Aparecendo, mas sem vê-lo logo.)*

Quem terá sido? Vou botar os óculos,
a vista está meio escura!
Quem foi que bateu aqui,
dizendo esta frase tão autêntica, tão pura?
Deve ser algum remanescente medieval,
inteiramente folclórico, sensacional,
ainda capaz de bater nas portas
com esta linda saudação anacrônica!
Quem é esse puro, esse pajem, esse infanção?

Simão

Sou eu!

Clarabela

Eu, quem? Não diga! É Joaquim Simão!

Simão

Sou eu, Dona Clarabela!
Aqui estou, de volta,
depois de tantos anos de separação!

Clarabela

E sua mulher?

SIMÃO

Ficou! Se as condições melhorarem,
ficou combinado que eu mandaria buscá-la!

CLARABELA

Meu caro Poeta, estou quase sem fala!
Não me leve a mal, mas eu posso rir?
Que condições são essas em que você me volta?

SIMÃO

É, estou mais ou menos desgraçado!
Perdi tudo o que tinha: seca no algodão,
fome e cobra no gado,
e, quando dei acordo de mim,
tinha se acabado
tudo aquilo que, como por milagre,
eu tinha juntado!

CLARABELA

E agora vem bater na minha porta,
depois de me ter abandonado?
Depois de ter interrompido,
sem nenhuma razão plausível,
um caso de amor tão puro, tão autêntico
e tão bem iniciado?
Você pensa que é assim?
Pensa que o nosso amor vai começar de novo,
depois que você mesmo lhe deu fim?
Está muito enganado!
Saia daqui!
Não quero mais vê-lo!

O caminho é por ali!

SIMÃO *(Representando dramaticamente para que NEVINHA ouça.)*

Não, Dona Clarabela!
A senhora está enganada!
Não vim aqui reatar
a nossa ligação despedaçada!
Minha mulher me perdoou:
entendeu que tudo aquilo foi porque
eu estava com a cabeça transtornada,
por causa daquela riqueza
que me apareceu de repente
e que, agora, foi,
também de repente, liquidada!
De maneira nenhuma eu seria capaz
de vir aqui reatar
o que está acabado,
e que, morto e sepultado,
deve continuar!
Vim aqui, muito humildemente,
pedir um emprego a seu marido,
porque estou com fome,
sem trabalho, cansado e doente!

CLARABELA

O quê?
Um emprego para o Poeta?
Primeiro, não sei se fica bem!
Depois, não sei se Aderaldo...

SIMÃO

Ele não está, já sei!

Isso é hora de trabalho!
Trabalhador como sempre foi,
a essa hora ele deve estar pegado!

CLARABELA

Ah, não, Joaquim Simão,
Aderaldo está muito mudado!
Depois que viu você prosperar
mais ou menos e sem fazer força,
ficou tão ressentido e transtornado,
que resolveu tomar seu exemplo,
isso ao modo dele, é claro!
Vendeu tudo, juntou dinheiro,
passou a viver de juros
e tentou viver descansado!
Não conseguiu: já estava habituado
e começou a se sentir aposentado!
Pior: tornou-se tão avarento
que só você vendo!
Pra mim, ele está com o juízo perturbado!
Ele, que fazia questão de se mostrar rico,
que era tão largo com a casa,
tão generoso comigo, agora nem me liga!
Vive catando migalhas,
como um... Não sei nem como diga!
Como um herói de Balzac!
Não encontro melhor definição:
Aderaldo, agora, é um herói de Balzac!
Você já leu Balzac, Simão?

SIMÃO

Não!

CLARABELA

E Joyce? E Proust? E Maiakovski?

SIMÃO

Também não!

CLARABELA

Precisa ler! Principalmente Joyce e Maiakovski,
para saber o que é uma forma concreta de vanguarda
e um conteúdo de participação!
Mas está bem, Simão!
Vou falar com Aderaldo!
Pode ser que, pra você,
ele abra uma exceção!
Mas, não seria duro, para você,
passar a ser nosso empregado?

SIMÃO

É, será a grande vitória de Seu Aderaldo!
Mas é o jeito, Dona Clarabela!
Eu já estou lascado!

CLARABELA

Mas é que existe ainda outra dificuldade, Simão!
Você sabe: tratando-se de homens,
meu gênero sempre foi o gênero rústico!
Aderaldo tem a vida dele pelo lado de lá,
eu tenho a minha pelo lado de cá!
Como você rompeu comigo,
eu não tinha outro caminho,
não tinha para onde ir!
Aí, arranjei um Vaqueiro rústico,

para, com ele, me distrair!
Assim, não sei se não seria
pelo menos *chato*, para você,
em vista de nossas relações passadas...

SIMÃO

Elas estão realmente encerradas!
A senhora tem inteira liberdade, Dona Clarabela!
Eu não tenho nada com sua vida!

CLARABELA

Sim, mas para mim? Mas, para mim, meu senhor?
Você vai ser meu doméstico,
e, talvez, seja, de certo modo, constrangedor...
Mas, talvez não! É, talvez não!
Quem sabe? Talvez fosse até excitante!
Hein, Simão?
Ter, como doméstico e mordomo,
o poeta Joaquim Simão!
O Poeta, como um Rei destronado,
obrigado a assistir ao reinado
do seu novo sucessor!
Talvez seja até engraçado!
Se é que Aderaldo lhe dá o emprego
e você não vai se sentir humilhado!

SIMÃO

Eu tomo tudo isso como um castigo
de que estava precisado!

CLARABELA

Olhe o cristianismo dele!
Puro, masoquista e ultrapassado!

Pois fique! Está contratado!
Apesar de toda a avareza,
Aderaldo ainda gosta de mostrar
uns restos de grandeza!
Vou convencê-lo da vantagem
de mostrar que não decaímos totalmente
do esplendor passado,
quando tínhamos mordomo e grande criadagem!
Você, Simão, vai ficar como meu mordomo!
Entre! Lá dentro, tem uma roupa apropriada!
Você vai vesti-la e assumir suas funções!

Simão

Mas Dona Clarabela...

Clarabela

Que é?

Simão *(Envergonhado, disfarçando.)*

Nada!

Clarabela

Não, você ia dizendo qualquer coisa,
depois parou, e disfarçou!
O que é, Simão?

Simão

Bem, vou passar mais essa humilhação!
É que eu estou com fome, Dona Clarabela!
Ainda hoje, não comi! Estou com uma fome arretada!

Clarabela

Meu caro Simão!
Eu não lhe disse que a coisa, aqui, está mudada?
Aderaldo controla até a comida! Tudo ele aperta!

Só podemos comer na hora certa!
As únicas alegrias que ainda tenho
são as do amor! Ai! "Amor é um fogo
que arde sem se ver,
é ferida que dói e não se sente..."
Conhece isso? É de Camões!

SIMÃO

Camões? Conheço! Tem um folheto, de Cirilo,
chamado *As Perguntas do Rei e as Respostas de Camões*.
Me lembro de que tem um pedaço muito bom. O Rei
quer obrigar Camões a desenterrar, para ele,
um tesouro encantado e mal-assombrado
que existe num velho sobrado.
Camões promete ao Rei cumprir o encomendado.
E lá diz o folheto:
"Camões foi lá no sobrado
e um buraco cavou.
Depois, comprou uma jarra,
no mesmo canto enterrou.
Pegou a estercar dentro,
até que superlotou.
Quando a jarra estava cheia,
Camões cobriu, desta vez,
com cem moedas de ouro
e saiu com rapidez.
Foi convidar o Rei, mesmo
no dia em que fez um mês.
O Rei saiu com Camões,
sem fazer cara de choro.

Quando chegou lá no quarto
viu as moedas de ouro.
Disse a Camões: — Sempre eu quis
tomar um banho de ouro!
Pegou a jarra e amarrou
nos caibros lá do telhado.
Ficou bem debaixo dela,
bateu com um ferro pesado:
a jarra se abriu em duas,
foi merda pra todo lado!"

CLARABELA

O Camões de que falo era bem diferente!
Mas, já que você ainda tem resistência
a ponto de fazer espírito,
vá também tendo paciência,
caso possa!
Vá enganando a fome por aí,
que daqui a pouco a gente almoça!

SIMÃO entra na casa de ADERALDO. Entra FEDEGOSO, vestido de Vaqueiro.

FEDEGOSO

Clarabela, meu pecado!
Com mulheres de seu tope,
meu estilo é agarrado,
meu agarro é no aperto,
meu aperto é apressado!
Ai, donha!

CLARABELA

Calma! Mais devagar, Fedegoso!
Espere, ao menos, que eu me disponha!

Mas o que me agrada mais em você
é mesmo a brutalidade!
Fico toda alvoroçada!
Acho a brutalidade uma coisa tão refinada!
Você não acha?

FEDEGOSO

Sei lá! O que eu quero é você,
seu corpo, seu sangue, e até sua alma!

CLARABELA

Ah, como tudo isso é refinado,
como é belo e delicado!
Então você quer até minha alma, hein?
Não se contenta mais com meu corpo,
do qual já está inteiramente apossado!
Quer também se apossar da alma!

FEDEGOSO

É verdade! Isso lhe parece incrível?

CLARABELA

Não, acredito!
Mas você, querido, quer uma coisa impossível!
Não existe a nossa alma!
Isso que você chama de *alma*
é uma região solitária e vazia!
Ninguém pode se apossar dela:
nem mesmo nós! Alma não compensa!

FEDEGOSO

É o que você pensa!

CLARABELA *(Rindo.)*

Fedegoso, você é muito estranho!

Aliás, é isso o que me fascina em você:
essa estranheza, essa crueldade,
essa grosseria, essa brutalidade!
Tenho, às vezes, a impressão
de que você é capaz de me assassinar!
Será?

FEDEGOSO

Talvez!

CLARABELA

Ai, que coisa cheia de poesia!
Você é capaz de me matar?

FEDEGOSO

Sou! No corpo e na alma,
na alma que você diz que é vazia!

CLARABELA

Ah, como tudo isso é excitante e novo!
É por isso que eu gosto do Povo:
é tão primitivo, tão puro, tão naífe, tão ingênuo!

FEDEGOSO

Que conversa de merda é essa?
O Povo é como todo mundo, o Povo é duro!
Não tem nada de ingênuo nem de primitivo!
Não tem porra nenhuma de puro!
Quer fazer o favor de se calar?

CLARABELA

Ah, um reacionário popular!
Um homem do Povo patriarcal, medieval!
Tão lindo! É maravilhoso!
E, com toda essa grosseria,

tão puro, tão formoso!

FEDEGOSO

Você é muito é safada e trastejeira!
Tem muita conversa, mas não passa
de uma cabra viciosa e traiçoeira!

CLARABELA

Viciosa? Como, se não há mais pecado?
Meu raciocínio é claro e calculado:
se não há Deus, não há pecado;
se não há pecado, não há virtude!
Se não há virtude, não há vícios reais
e, se não há vícios, não existem mulheres viciosas!
Mas enfim, dentro de seus padrões medievais...
Agora, traiçoeira é que você não pode me chamar!
Eu nunca traí você, traiçoeiro!

FEDEGOSO

Traiu, sim, grandessíssima safada!
Você andou procurando outro Vaqueiro!

CLARABELA

Mentira!

FEDEGOSO

Mentira o quê, desgraça!
Pensa que eu não soube?
O que você não esperava, aconteceu:
ele é Vaqueiro na mesma fazenda que eu
e andou, por lá, se gabando
de que recebeu um chamado seu!
Ele é meu primo-irmão-irmão!

CLARABELA

É lindo, isso! Fedegoso com ciúme!
Como ele fica transtornado!
Fedegoso, não existe primo-irmão-irmão:
existe primo-irmão, que é o filho da tia!
Primo-irmão-irmão é criação
de seu ciúme e sua fantasia!

FEDEGOSO

Ele se chama Quebrapedra:
é meu primo-irmão-irmão,
porque é resultado do cruzamento
de meu Pai com minha Tia!

CLARABELA

Ai, um incesto! Que coisa pura!
Ah, Fedegoso, que imaginação fogosa você tem!

FEDEGOSO

É só no fogo que me sinto bem!
E vou logo avisando: Quebrapedra também!
Ele disse que você tinha mandado chamá-lo!

CLARABELA

E se tivesse? Quer me dar ordens, é?
Eu não lhe pago para receber ordens!

FEDEGOSO

Logo você estará
recebendo as minhas, na Desordem!

CLARABELA

Resolvi lograr meu prazer
quando, onde e com quem desejar!
Tem alguma coisa contra isso?

FEDEGOSO

Eu? Nada!

Quanto mais cedo você se condenar...

CLARABELA

Então, me dê um daqueles abraços
grosseiros e quentes,
que sempre me dão a impressão
de que estou me queimando!
Chegue! Estou esperando!

VOZ DE QUEBRAPEDRA.

Clarabela! Clarabela!

Entra ANDREZA, *correndo.*

ANDREZA

Estamos perdidos! Seu Aderaldo vem aí!

FEDEGOSO

Oxente! E ele não sabe das suas safadezas?

CLARABELA

Sabe, mas não quer ver:
é dos princípios morais dele!
Eu posso fazer tudo, contanto que ele não veja!
Disse que, vendo, fica desonrado
e que me mata!

FEDEGOSO

Então é melhor tomar uma providência!
O diabo é quem se confia em mansidão de corno!

ANDREZA

Entre aqui nesse baú!
Tranque-se por dentro e fique calado!
Não dê uma palavra
enquanto não for chamado!

Fedegoso *entra na mala. Entra* Quebrapedra.

Quebrapedra

Onde anda Clarabela? Quero lhe beber o sangue,
comer-lhe a carne, sugar sua seiva! Rá, rá, rá!

Clarabela

Ah, e era você?

Andreza

Pensei que fosse Seu Aderaldo!

Clarabela

De qualquer maneira foi bom
que você tivesse avisado!
Quem sabe o que não fariam
esses dois abrutalhados
se se encontrassem aqui,
todos dois me disputando?
Estou cercada de canibais, de antropófagos!
Que coisa sensacional, hein, Andreza?
Só lamento é o tempo
que perdi com o Poeta!
Rusticidade e grosseria é aqui,
com esses danados!
É o supremo refinamento!

Quebrapedra

Sim, mas eu é que não posso perder tempo!
A senhora me chamou ou não?

Clarabela

Fale baixo, por favor!

Quebrapedra

Seu marido está em casa?

ANDREZA

Não, mas a mala...

CLARABELA

Cale-se, diaba!

ANDREZA

Diaba?

CLARABELA

Um peste desses pode estar armado:
minha vida se acaba, meu sangue corre
e eles bebem! Clarabela morre!
O amor popular tem suas vantagens,
mas tem, também, suas desvantagens!
Quebrapedra, venha cá! Estou ansiosa!

QUEBRAPEDRA

Você está muito é fogosa!

CLARABELA

Estou ansiosa por travar
conhecimento com você!
Será uma novidade! Nunca fui abraçada
por um homem, assim, da vista furada!
Deixe eu olhar seu olho cego, deixe!
Será uma sensação nunca experimentada!
Tenho a impressão de que aí, debaixo desse pano,
você guarda algo grosseiro e vergonhoso
que me deixa muito curiosa e excitada!
Será que sai fogo, do seu olho?
Espere! O que é que você tem?
Será que eu disse alguma coisa que não convém?

QUEBRAPEDRA

Nunca mais diga isso, desavergonhada!
Eu mato você, sangrando,
como quem sangra uma cachorra ruim!
Faço assim, quer ver? Você quer ser sangrada?

Puxa a faca de ponta, vai sangrá-la, mas de repente, como fascinado, abraça-a e beija-a.

CLARABELA

Ai, que emoção inusitada!
Estive a ponto de ser assassinada!

Entra ADERALDO, *com um pacote na mão. Ao ver a cena, solta o pacote e puxa um revólver.*

ADERALDO

O que é isso, aqui?

CLARABELA

Ai, Aderaldo! Pelo amor de Deus! Não me mate!

ANDREZA

Calma, Seu Aderaldo! Se sente!
Dona Clarabela é inocente!
Foi para evitar que esse Vaqueiro
matasse o outro!

ADERALDO

O outro?

ANDREZA *(Ironicamente dramática.)*

Sim! Eu estava aqui,
conversando com Dona Clarabela,
quando entrou um Vaqueiro
correndo e gritando
que outro Vaqueiro queria matá-lo!
Dona Clarabela, com o bom coração que tem,

trancou o homem na mala!
Aí, chegou este, na mesma hora!
Perguntou pelo outro:
a gente disse que não viu!
Ele puxa o punhal! A gente
se agarra a ele, pedindo que fosse embora!
Nesse instante, o senhor chega,
fica brabo, puxa essa arma terrível,
e quer matar esta santa que, nisso tudo,
só quis foi evitar um crime horrível!

ADERALDO

É verdade, isso?

CLARABELA

É! Tem que ser,
porque, senão, estou desgraçada!

ADERALDO *(Severo, a ANDREZA.)*

Abra esta mala!

ANDREZA *obedece.* FEDEGOSO *bota a cabeça de fora.*

FEDEGOSO *(Falando fino, também por ironia.)*

O senhor me dá garantias de vida?

ADERALDO

Dou! Pode sair! Perdão, querida!
Como foi que me enganei assim?

CLARABELA *(Ofendida.)*

Ameaçar-me de morte! E, o que é pior,
desconfiar de mim!
Eu nunca desrespeitaria
seus princípios morais, Aderaldo!

ADERALDO

Desculpe! Qualquer um
pode cometer um engano!

QUEBRAPEDRA

E qualquer um pode
sofrer um desengano!

ADERALDO *(Para FEDEGOSO)*.

Pode sair, não tenha medo!
Se ele tentar
alguma coisa contra você,
você corre para meu lado!
Quanto a você, me dê o punhal!
Está vendo? Não tenha medo!
Agora ele está desarmado!

FEDEGOSO

Eu estou com medo é do senhor!

ADERALDO

Se é por isso, guardo também meu revólver!
Olhe, guardei! Não estou mais zangado!

FEDEGOSO

O senhor continua armado!
É isso que me deixa
com a alma perturbada!

QUEBRAPEDRA

Vou lhe dizer um segredo:
não é do revólver
que ele está com medo não,
nem é sua mão que está armada!
Ele está com medo
é dos chifres e da pontada!

Rá, rá, rá! Co-coró-cocó!

FEDEGOSO *(Como um bode.)*

Bâ-â-â! Puf! Puf!

Saem correndo e rindo, acompanhados por ANDREZA.

ADERALDO

Que gente mais estranha! Cada dia
a gente se convence mais desta verdade:
as classes populares
estão cada vez mais incapazes
de compostura e de dignidade!

CLARABELA

É isso mesmo, Aderaldo! Mas,
por falar em compostura,
precisamos tomar cuidado com a nossa.
Suas medidas de economia são salutares,
mas, se continuam muito rigorosas,
daqui a pouco ninguém nos respeita mais.
Você não viu esses dois Vaqueiros? Eles
veem a gente levando o mesmo estalão de vida deles,
e aí ficam nos julgando gente da sua laia!

ADERALDO *(Baixo.)*

Catraia!

CLARABELA

Que foi que você disse?

ADERALDO

Nada! Mas é preciso economizar,
para garantir nossa velhice!

CLARABELA

Uma certa representação nossa

é indispensável ao respeito do Povo.
Por que, por exemplo,
você não mantém, mais, um mordomo?

ADERALDO

Está louca! Como?
Vai nos custar os olhos da cara!

CLARABELA

E se eu encontrasse um que ficasse
só pela comida e pela roupa?
Se for alguém que está morrendo de fome,
e que, por isso, aceita tudo?
Se for alguém cuja derrota
representa sua vitória?

ADERALDO

Quem é essa joia rara?

CLARABELA

Quando você souber, vai morrer de rir!
É o Poeta que nem se dobra nem come!
É Joaquim Simão! Retirou-se,
e chegou hoje, aqui, com fome!

ADERALDO

E Nevinha? Veio com o desgraçado?

CLARABELA

Você, hein? Não! A mulher dele ficou, tarado!

ADERALDO

Não diga! Joaquim Simão humilhado!
Pedindo emprego para trabalhar sob minhas ordens!
Agora, a situação está invertida:
é minha vitória, e ele vai ser dela testemunha!

Eu não trabalho, vivo como nobre,
e ele é quem vai chiar na minha unha!

CLARABELA

Aí vem ele! Veja como vem vestido!

Entra SIMÃO, *com roupa formal e antiquada, uma espécie de roupa de casamento de 1915, com paletó preto, calça tabica de listas pretas e cinzentas etc.*

ADERALDO

Muito bem, Joaquim Simão!
Eu soube, por Clarabela,
que você tinha chegado,
e soube que, finalmente,
você é meu empregado!
Você sabe que eu, agora,
já cheguei à perfeição
de deixar de trabalhar?
Já posso, agora, dizer:
passei de burguês a nobre!
De humilhado por você
a orgulhoso diante
de você! Que é que me diz?

SIMÃO

São as voltas da fortuna, Seu Aderaldo!

ADERALDO

Seu Aderaldo, não!
Dom Aderaldo! É pra você me chamar
Dom Aderaldo ou *patrão*!
Faço questão desse nome!
Você não é meu empregado?

SIMÃO

É verdade! Até de *mestre-sala*
de Bumba-meu-boi eu estou vestido!

CLARABELA

Que mestre-sala que nada, Simão!
Que vulgaridade!
É para dizer *mordomo*!

ADERALDO

Não, é *mestre-sala*, mesmo!
Prefiro assim, é mais cômico!
Estou gostando! O Poeta,
o homem que não se curvava
à nossa insignificância,
vestido com essa roupa
que assenta tão mal com ele,
e obrigado ao que eu mandar
para criar, em minha casa,
meus rituais de importância!

SIMÃO

Quais são minhas obrigações?

ADERALDO

Suas obrigações são o que *eu mandar*!
Fale o menos possível!
Praticamente você deve se limitar
a responder ao que eu perguntar!
Por enquanto, como é tempo de seca,
seu trabalho principal vai ser despachar
os mendigos que vêm me importunar!

SIMÃO

Chegou aqui, eu boto pra fora, é?

ADERALDO

Sim, mas com jeito, para não despertar
antipatia contra mim! O fardo da antipatia
é você quem vai carregar!
Tenho feito sacrifícios, economias,
mas já equilibrei a receita
com um mínimo de despesas!
Basta que eu lhe diga que, atualmente,
eu não vou na casa de minha Mãe
para ela não visitar a minha
e não desequilibrar meu orçamento
com o aumento do feijão e da farinha!
Está ouvindo como é, Simão?
Você tem que me servir, senão fica malvisto!
E, para bem me servir, lembre-se disto:
eu sou um homem que não dou esmola a ninguém,
e não visito a casa da minha Mãe,
para ela não visitar a minha!
Então? Vai tomar o serviço a peito?
Que acha de seu trabalho?

SIMÃO

Apaixonante!
O senhor é um homem equilibrado e direito,
por essas duas coisas, a gente vê logo!

ADERALDO

Bem, então fique aí e assuma suas funções!
Veja lá, viu? Abra o olho com os mendigos!
Até já, homem elegante!

Sai, rindo, com CLARABELA.

SIMÃO

Está aí, um sujeito decente!
Faz gosto trabalhar com ele!
Não dá esmola a ninguém,
e não visita a casa da Mãe,
para ela não visitar a dele!
Estou arranjado!
E que fome, meu Deus!

NEVINHA *aparece na porta.*

NEVINHA

Psiu!

SIMÃO

Cale a boca, mulher! Cuidado!

NEVINHA

Eu estou morrendo de fome, Simão!
A boca chega secou!

SIMÃO

Se companhia consola,
console-se, que eu também estou!
Lá, dentro da casa do homem, não tem é nada!
Procurei por todo canto!
Mas, meu Deus, que é que estou vendo?
Repara o que está ali!
É um pacote do patrão!
O que será que tem dentro?
Menino! É uma galinha assada
e um queijo do reino!
Vê que beleza, Nevinha!
Vamos esconder o queijo

para comermos depois,
numa hora de aperto!
Isto! Pronto, viva! Agora,
vamos comer a galinha!

NEVINHA

Cuidado! Lá vem Seu Aderaldo!

Esconde-se. SIMÃO, *apressadamente, esconde a galinha, no mesmo lugar em que escondeu o queijo. Entra* ADERALDO.

ADERALDO

Mestre-sala! Simão!

SIMÃO

Pronto, Dom Aderaldo! Pronto, patrão!

ADERALDO

Onde é que está o pacote
que eu trouxe da rua?

SIMÃO

Um pacote? E o senhor veio com um pacote?
Vi não!

ADERALDO

Não viu, o quê! Deve ter caído por aqui!

SIMÃO

Era dinheiro?

ADERALDO

Não, era uma galinha e um queijo do reino!
Certamente caiu aqui
quando eu briguei com os Vaqueiros!

SIMÃO

Não tinha nada aqui não!
Pacote, se o senhor trouxe,

entrou em casa com ele!

ADERALDO

É possível? Já procurei
em todo canto, por lá!

SIMÃO

Entre e procure de novo,
porque aqui não ficou não!

VOZ DE MIGUEL ARCANJO *(Fora.)*

Ai! Ai, meu Deus!

SIMÃO

Danou-se, patrão! Que terá sido isso?
Parece voz de mal-assombrado!

ADERALDO

Eu não tenho nada a ver com santo,
nem com alma, nem com mal-assombrado!
Não acredito em nada disso,
nem gosto de empregado meu
assombrado, medroso e compadecido!
Agora, mesmo que seja um mal-assombrado,
se o que ele vem é trazer meu queijo,
aí será bem recebido!
Vá ver quem é, mestre-sala!

Aparece MIGUEL, *como mendigo, e com máscara de cego. Talvez seja conveniente usar apenas uma meia máscara, para não prejudicar a emissão da voz; e, se possível, é melhor que ele só coloque a máscara quando já estiver à vista do público, para que este logo o reconheça.*

MIGUEL ARCANJO

Ai, meu Deus! É possível que eu não ache, neste mundo,
uma pessoa bondosa, uma pessoa que preste?
Ai, minha Nossa Senhora! Me dê uma esmola,

pelo amor de Deus e de todos os anjos
e santos da corte celeste!

SIMÃO

Quem é você? Que é que há, meu velho?

MIGUEL ARCANJO

Sou um velho cego! Tenho um olho furado,
estou no fim da vida,
e peço uma esmola, pelo amor de Deus!

SIMÃO

Ai, patrão! Patrão, pelo amor de Deus!

ADERALDO

Que é, mestre-sala? Achou meu pacote?

SIMÃO

Não!

ADERALDO

Então, não interessa! Você tem que se pautar
por minha lei e minha escola!

SIMÃO

Mas Dom Aderaldo, é um velhinho, cego,
que está pedindo uma esmola!

ADERALDO

Dou nada, oxente!

SIMÃO

Mas patrão, é a coisa mais horrível,
mais triste deste mundo!
Faça uma exceção na sua lei!
Ele tem um olho furado!

ADERALDO

Oxente, e fui eu que furei?

Diga a ele que não estou!
Não, tem melhor:
diga a ele que venha aqui
para eu furar o outro olho,
que aí eu fico devendo alguma coisa a ele
e dou!
Mas assim, sem nada, não!
Vai desequilibrar meu orçamento!

SIMÃO

Mas patrão, como é que eu vou dar um recado desse
a um velho cego que pede esmola?

ADERALDO

Simão mestre-sala, seu serviço é esse!
Vá se virando como puder,
eu não tenho nada com isso!
Vou é atrás do meu pacote!
Entra em casa.

SIMÃO

Meu velho, não posso lhe dar esmola não,
que vai desequilibrar o orçamento do patrão!
Olhe, eu sou somente empregado:
foi o patrão quem disse, não sou eu não!
Eu só fiz foi trazer o recado!

MIGUEL ARCANJO

Como é?

SIMÃO

Foi ordem do meu patrão!
Ele disse que só lhe dava esmola
se tivesse sido ele quem furou seu olho.

Foi ele quem disse, não sou eu não!

MIGUEL ARCANJO

Vá ver que foi você, mesmo, quem inventou,
com preguiça de ir lá dentro
perguntar se tinha esmola!

SIMÃO

Foi não, velhinho, foi ele!
Eu ia lá inventar uma história dessa!
Ele não dá esmola a ninguém
e não visita a casa da Mãe
que é para ela não visitar a dele!
Só você vendo, pra saber quem é aquela peça!

MIGUEL ARCANJO

Ah, é assim? Pois então esse peste
vai perder quem ainda lutava por ele!
O Diabo do Inferno que persiga
esse miserável, na comida,
na bebida, no estudo, na dormida,
de noite, de dia
e no pino do meio-dia!

Sai.

SIMÃO

Patrão! Patrão!

ADERALDO *(Aparecendo à porta.)*

Que é, Simão?

SIMÃO

Ai, patrão, pelo amor de Deus!
O velho rogou-lhe a pior praga
que eu já vi outro rogar a um cristão!

ADERALDO

E daí?

SIMÃO

Patrão, o senhor pergunta *e daí?*
Olhe o castigo do Céu!

ADERALDO

O castigo do Céu! Olhe a besteira dele!
Eu pensei que era coisa de importância,
que você tinha achado meu pacote!

SIMÃO

Patrão, o senhor não tem medo
de castigo e de praga não?

ADERALDO

Simão,
praga não pega em rico não,
só pega em pobre, que é quem tem de pagar!
E eu, já estando rico de novo,
tenho dinheiro pra comprar a terra, o céu e o mar!

SIMÃO

Ave Maria! Nossa Senhora!
São Bento! São Simão Zelote!

ADERALDO

O que é? Estão aí, esses santos todos, é?
Se estão, pergunte se eles viram meu pacote!
Entra em casa.

SIMÃO

Nevinha! Nevinha!
Chega, mulher! Vamos comer a galinha!

NEVINHA *(Aparecendo.)*

Cadê Seu Aderaldo, foi embora?

SIMÃO

Foi!

NEVINHA

Foi procurar o pacote, não foi?

SIMÃO

Foi, é nossa hora!
Enquanto ele procura lá dentro,
a gente come aqui fora!
Tome lá!

NEVINHA

Ai!

Esconde-se de novo. Entra ADERALDO*, sem que* SIMÃO *veja.*

SIMÃO

Está com medo? Come, Nevinha!
Ai!

ADERALDO

Epa! Solte essa galinha!
Largue já o que é meu!

SIMÃO

Espere aí, Seu Aderaldo! Que história é essa?
Vá pra lá, o negócio não é
como o senhor está pensando não!
Que é isso?

ADERALDO

Que é isso, o quê?
Me dê minha galinha, ladrão!

SIMÃO

Que ladrão que nada, patrão!

Essa galinha eu achei aqui, no chão!

ADERALDO

É do pacote que eu estava procurando!
Me dê, é a última vez que lhe falo!

SIMÃO

Patrão, essa galinha é minha
e dela eu não abro mão!
Do jeito que anda a situação,
galinha está tão caro
que, no caminho em que se vai,
daqui a uns tempos
só quem vai poder comer galinha é o galo!

ADERALDO

Deixe de conversa! Cadê minha galinha?
Esta é a galinha do meu pacote!
Cadê ela?

SIMÃO

Sua galinha? Quem? Dona Clarabela?

ADERALDO

Não tente me atrapalhar!
Cadê o queijo que estava com ela?

SIMÃO

Ah, isso eu não sei não!
Aqui só tinha a galinha!
Certamente seu pacote
se desfez, aí, aos poucos,
o senhor não pressentiu,
o queijo caiu na rua
e a galinha por aqui!

ADERALDO

Não! Deve ter sido
quando eu puxei o revólver!
O queijo deve estar por aí!

Sai, procurando. Entra SIMÃO PEDRO, *como velho mendigo, e de modo parecido com o de* SÃO MIGUEL. *Bate palmas, no limiar.*

SIMÃO PEDRO

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

SIMÃO

Para sempre seja louvado!

ADERALDO

E meu queijo seja encontrado!

SIMÃO

Patrão, acabe com essas brincadeiras de heresia
senão o senhor se estraga! Ai!

SIMÃO PEDRO

Uma esmola pelo amor
de Nosso Senhor Jesus Cristo!

SIMÃO

Ai, patrão, pelo amor de Deus!
É o velho mais feio
que eu já vi em minha vida!
Em nome do Pai, do Filho, da Filha,
da Mãe, da Raça toda!

ADERALDO

Vá ver o que é que ele quer, Simão!

SIMÃO

Meu velho, o que é que você quer?
Ave Maria, que cara! Em nome do Pai,

do Filho, da Filha, da Mãe, da Prima,
da Cunhada, da Raça toda!

Simão Pedro

O quê? Que casa é essa, em que se falta
com o respeito às coisas de Deus?

Simão

E eu faltei, lá, com o respeito
às coisas de Deus?

Simão Pedro

Como foi que você disse, aí quando me viu?

Simão

Eu disse "Em nome do Pai,
do Filho, da Filha, da Mãe,
da Prima, da Cunhada e da Raça toda!"
O Pai, é Deus. O Filho, é Jesus Cristo.
A Filha, é Nossa Senhora que,
como nós todos, é filha de Deus.
A Mãe é ela também que, como ela só,
é mãe de Deus. A prima, é Santa Isabel.
A cunhada é aquela Maria, casada
com um primo-irmão de Jesus Cristo.
E a Raça toda é a raça de Nosso Senhor,
desde Abraão, Jacó e Davi até ele!
Faltei com o respeito às coisas de Deus?

Simão Pedro

Não, xarapa! Faltou não!

Simão

O que é que há, meu velho?

Simão Pedro

O que há, é que sou um velho sozinho no mundo,
com cinco filhos com fome
e que faz três dias que não come!
Me dê uma esmola pelo amor de Deus!

SIMÃO

Ai, patrão, pelo amor de Deus!

ADERALDO

Lá vem ele com a piedade dele!
O que é, Simão?

SIMÃO

É um velho, sozinho no mundo,
com cinco filhos com fome
e que está pedindo uma esmola!

ADERALDO

Oxente, dou nada!
Se ele tem cinco filhos,
como é que está sozinho no mundo?
Que mentira mais danada!

SIMÃO

Mas patrão, faz três dias que ele não come!

ADERALDO

Se é por isso, deixe disso!
Ele não come porque não tem o que comer!
Em muito pior situação
estou eu, que não como tendo um queijo
que ganhei com o suor do meu rosto
e que perdi! Diga que não dou não!
Não dou esmola a preguiçoso não!

SIMÃO

Meu velho, não pode ser não!
Vá procurar, por aí, um lugar
onde rachar lenha, que aqui não se dá
esmola a preguiçoso desocupado não!
Foi o patrão quem disse, não sou eu não!

Simão Pedro

Ah, é assim o seu patrão?
Pois então diga a ele
que a situação dele
está piorando cada vez mais!
O Diabo do Inferno que persiga
esse miserável na comida,
na bebida, no estudo, na dormida,
de noite, de dia
e no pino do meio-dia!
Sai.

Simão

Patrão, abra o olho! Olhe o fogo eterno!
O velho disse que o Cão
carregasse o senhor para o Inferno!

Aderaldo

E eu me incomodo, lá, com isso!
Você pensa que isso me abala?
Eu acredito, lá, em besteira,
Simão mestre-sala?
Eu sou um homem emancipado!
Só acredito no que gosto
e só gosto do que é meu!
Eu sou um sujeito que, hoje em dia,

só acredito que existe, mesmo, eu!

Vocês vivem com uma besteira

de Inferno e Céu!

Olhe, Simão: da minha cabeça pra cima

eu só acredito, mesmo, em chapéu!

E olhe lá: do meu chapéu pra cima

pra mim não existe nada,

e, se existir, é podre!

Entendeu como é a história, Simão?

SIMÃO *(Falando para o Céu.)*

Foi ele quem disse, não fui eu não, viu?

Enquanto os dois falam, SIMÃO PEDRO *acha o queijo e, dando mostras de satisfação, foge com ele.* QUEBRAPEDRA, FEDEGOSO *e* ANDREZA *aparecem no limiar e dão alguns espirros e bodejados.*

OS DIABOS

Bé-é-é! Puf! Puf!

Desaparecem.

ADERALDO *(Ouvindo, mas sem vê-los.)*

Xô, bode! Onde é que está esse bode?

Você ouviu o bode, Simão?

SIMÃO

Não ouvi nada, patrão!

Aparece MANUEL CARPINTEIRO, *também como mendigo e também com máscara, como os outros dois.*

MANUEL CARPINTEIRO

Ai! Um pobre velho com não sei quantos filhos

pede uma esmola, pelo amor de Nossa Senhora!

Faz três dias que eu não como!

SIMÃO

Ai, patrão, por Nossa Senhora!
Desta vez, dê!

ADERALDO

Ah homem duma piedade mais sem jeito!
Que é, Simão?

SIMÃO

É um velho que faz três dias que não come
e tem não sei quantos filhos para dar de comer!

ADERALDO

Me diga uma coisa: eu sou o pai dos filhos dele?
Diga a ele que me mostre a certidão,
ou então um documento provando que eu dormi
com a mulher dele, que aí eu dou!

SIMÃO

É, o senhor é um sujeito lógico e decente!
Se não foi o senhor que pariu os meninos,
não tem nada com isso, ele que sustente!

ADERALDO

Vá lá, bote esse velho pra fora
e me afaste esses mendigos!
Não já lhe disse que esse é meu desejo?
Empreguei você foi pra isso
e o que eu quero é o meu queijo!
Volta a procurar o queijo.

SIMÃO

Olhe aqui, meu velho, não pode ser não!
Aqui não se dá esmola
a quem não trabalha não!
Foi o patrão quem disse,

não sou eu não!
Ele disse que você arranjasse uma certidão,
provando que ele tinha dormido com sua mulher,
que aí ele tinha obrigação.
Doutro jeito, não!

MANUEL CARPINTEIRO

Está bem, ele mesmo é quem escolhe!
Depois não se queixe quando as forças do Mal
envenenarem as fontes de água pura de sua vida,
e o Diabo venha pegá-lo, na comida,
na bebida, no estudo, na dormida,
de noite, de dia
e no pino do meio-dia!

Sai. ADERALDO *dá um grito e desmaia.*

SIMÃO

Eita, que, com esta, deu a macaxeira
na canela do patrão!
Seu Aderaldo! É Simão!
Acorde! Seja homem
como sua mãe foi! Não acorda não!
Vamos aproveitar, Nevinha!
Já que o homem teve essa biloura,
essa brancainha,
vamos aproveitar e comer a galinha!

NEVINHA *reaparece, mas* ADERALDO *geme e ela se coloca por trás.* SIMÃO*, por gestos, manda que ela se mantenha à parte.*

ADERALDO

Mestre-sala!

SIMÃO

Estou ouvindo não!

Chamando assim, eu não ouço não!

ADERALDO

Simão mestre-sala! Simão!

Joaquim Simão! Seu Joaquim Simão!

Dom Joaquim Simão!

SIMÃO

Ah, assim, sim!

Que é, Seu Aderaldo?

ADERALDO

Estou me sentindo mal!

Estou ruim, Simão!

Oi, Nevinha está aqui?

SIMÃO

Chegou agora mesmo, veio atrás de mim!

Que foi que houve,

para o senhor desmaiar assim?

Foi a praga do velho?

ADERALDO

Foi nada, Simão!

Foi que perdi um botão!

SIMÃO

De ouro?

ADERALDO

Não, de osso!

Fui olhando o paletó,

faltava o botão!

Tive um choque tão grande

que me deu aquela dor no peito

e eu caí no chão!

Simão, os bodes estão berrando!

No limiar, os DIABOS *dão bodejos.*

SIMÃO

Não tem bode nenhum aqui não!

Acho que é o senhor

que ainda está meio zonzo!

ADERALDO

E cadê minha galinha?

SIMÃO

Sumiu-se, acho que aquele último velho

levou a penosa com ele!

ADERALDO

O quê? Ladrão! Pega o ladrão!

Minha raiva é tanta

que até melhorou meu mal-estar!

Vou à polícia, dar queixa,

mas meu botão você é quem vai achar!

SIMÃO

Mas um botão, Seu Aderaldo?

Onde foi que o senhor perdeu esse botão?

ADERALDO

Por aí, na rua, na praça... Sei não!

SIMÃO

E como é que eu vou encontrar?

ADERALDO

Você varre a rua e a praça, Simão,

passa a terra na peneira

e encontra meu botão!

Simão *(Irônico.)*

Ah, eu varro a rua toda,
passo a terra na peneira
e encontro seu botão...
Me diga uma coisa, patrão:
sua Mãe inda é viva, não é?

Aderaldo

É!

Simão

Pois mande ela procurar, viu?
Eu não vou não!

Aderaldo

O quê? Você não vai não?

Simão

Vou nada! Você precisa saber, meu velho,
que aqui é Joaquim Simão,
Poeta macho até o osso,
e que não sofre humilhação!
Enchi, com essa do botão!
Prefiro perder o emprego,
aqui, na mesma hora!
Me dê minhas contas,
que eu quero é ir me embora!

Aderaldo

Suas contas, atrevido?
Não há dificuldade nenhuma!
Sua conta já está calculada!
Com quanto você chegou aqui?

Simão

Com nada!

ADERALDO

E quanto tem agora?

SIMÃO

Nada!

ADERALDO

Pois quem de nada tira nada
é nada!
Eu não lhe devo coisa nenhuma!
Puxe por ali!

Entram QUEBRAPEDRA, FEDEGOSO *e* ANDREZA, *dando bodejos.*

FEDEGOSO

Chegou a hora das trevas,
chegou a hora do sangue,
do lodo e dos esqueletos!

QUEBRAPEDRA

É a hora do morcego,
do sapo e do bode preto!

ANDREZA

É a hora do castigo
para o servo do pecado,
pro teto de sua casa,
pra telha do seu telhado.

OS TRÊS

É hora, seu desgraçado!
É hora, Seu Catacão!

SIMÃO

Ai, Seu Aderaldo!
Chame por Nossa Senhora e corra!

Corra, que é o Cão!

Corre, com Nevinha. *Ouve-se sua voz, fora, repetindo as últimas palavras.*

Aderaldo

Olhe a besteira de Simão!

"Corra, Seu Aderaldo! Corra, que é o Cão!"

É o Cão nada, é um bode! Que Cão que nada!

Não existe o Cão! Isso é coisa medieval e superada!

Fedegoso *(Aproximando-se dele aos poucos.)*

Bé-é-é! Puf, puf!

Aderaldo

Xô, bode! Ai! Que é isso?

Ô bode feio dos seiscentos diabos!

Xô, bode!

Fedegoso *(Dando poupas e traques, como jumento ruim.)*

Bâ-â-â! Puf, puf!

Aderaldo

Xô, bode!

Fedegoso

Xô bode? Xô bode, o quê?

Você sabe quem sou eu, catingoso?

Aderaldo

Parece aquele Vaqueiro que passou por aqui!

Você não é o Vaqueiro?

Você não é Fedegoso?

Fedegoso

Fui eu que, disfarçado de Frade,

roubei, aqui, seu dinheiro

que você pensava que era eterno!

Fui também o vaqueiro Fedegoso!

Mas sou, mesmo, é um Diabo do Inferno,
o Diabo em que você não acreditava
e que veio agora buscar você!

ADERALDO

Eu...

FEDEGOSO

Calado aí, viu? Não se admire não!
Seu nome estava anotado em meu caderno!
Aqui, eu me chamava Fedegoso,
mas eu sou é o Cão Coxo,
um dos secretários do Cão Chefe do Inferno!
Bâ-â-â! Puf, puf!

ADERALDO

Mas é que eu...

FEDEGOSO

Calado, aí! Calado!

ADERALDO *(De lábios quase fechados.)*

Estou caludo, não falo mais não!

ANDREZA

Chegou a hora da Porca
que amamenta seus Morcegos
com leite da Sapa podre!
É a hora desgraçada
da infâmia e da desordem,
do fogo que queima o sangue,
da demência alucinada!

ADERALDO

Andreza!

ANDREZA

Andreza? Andreza, o quê?
Está falando com a Cancachorra,
a Diaba de leite preto,
do sangue e da confusão,
que aleita um Bode e um Macaco
no Lugar da Solidão!

ADERALDO

Mas vocês não viviam comigo,
andando e conversando por aqui,
na maior animação?

QUEBRAPEDRA

Vivíamos! E daí? Está lembrado de mim?
Sou o calunga de caminhão,
mas falando a sério, mesmo,
você está, agora, é com o Cão Caolho!
Este mundo é assim: tem a cara
que todo mundo vê e outra diferente!
É porta do Sagrado luminoso
e porta do sagrado que é demente!
E assim também é o homem,
estrada doida e pouso da viagem,
por onde passam Anjos e Demônios,
sem que ele se dê conta da passagem!
Você não se lembra do velho do olho furado
que passou por aqui, pedindo esmola,
e a quem você enxotou?

ADERALDO

Me lembro!

QUEBRAPEDRA

Pois aquilo era São Miguel!

ADERALDO

Meu santo Céu!

QUEBRAPEDRA

Você não se lembra daquele outro
que tinha cinco filhos
e dizia que vivia sozinho?

ADERALDO

Me lembro!

QUEBRAPEDRA

Pois aquilo era São Pedro!

ADERALDO

Ai, que medo!

QUEBRAPEDRA

Você não se lembra do último que passou,
que dizia que tinha não sei quantos filhos
e a quem até um pão você negou?

ADERALDO

Me lembro!

QUEBRAPEDRA

Pois aquilo era Aquele,
filho daquele Outro
que, junto com Ele e com Outro,
fazem Um e fizeram o mundo!

ADERALDO

Como é? Era Aquele, filho do Outro...

ANDREZA

O Pai!

ADERALDO

Que junto com Ele...

FEDEGOSO

O Filho!

ADERALDO

E com Outro... O Espírito Santo...
fizeram o mundo...
Era Jesus Cristo, então?

QUEBRAPEDRA

Foi você quem disse, nós não!
Nós não dizemos esse nome!

FEDEGOSO

Como chefe desta patrulha do Inferno,
vim avisá-lo: você e sua mulher, Clarabela,
só têm sete horas de vida!
Dentro de sete horas,
venho buscar você e ela!
Se, daqui até lá, você achar
quem reze, por vocês dois,
um Pai-Nosso e uma Ave-Maria,
apesar de todos os nossos feitiços e encantos
vocês escapam, por causa
da Comunhão dos Santos!
Se não acharem,
vão para a infâmia da solidão,
do sofrimento no fogo
queimoso e amaldiçoado!

ADERALDO

Estou atolado!
Clarabela! Clarabela!

Entra em casa, correndo. Entram Manuel Carpinteiro, Miguel Arcanjo *e* Simão Pedro.

Manuel Carpinteiro

Temos que fazer aqui uma pequena conversa,
o que o cavalheiro há de compreender,
porque ela se destina a enrolar o público
enquanto as sete horas passam.
Que fim o cavalheiro sugere?
Deixo o Rico ir para o Inferno?

Simão Pedro

Ir, mesmo, ele devia
era para o fogo eterno!
Mas, como afinal de contas,
a história está sendo contada por Simão,
é melhor que ele não se meta a julgar ninguém,
mesmo num caso como esse, de mistura
de avareza e safadeza,
capitalismo e ateísmo!

Miguel Arcanjo

Não vamos, então, julgar!
O Poeta limita-se a mostrar
e é melhor não tirar o ineditismo!

Manuel Carpinteiro

Está bem. E por falar em *tirar*, São Pedro,
onde foi que você arranjou esse queijo?

Simão Pedro

Esse queijo estava ali, atrás de uma pedra.
Eu estava andando por aqui e encontrei.
Para lhe ser franco, Senhor, ele é do rico.

Mas eu estava com uma fome da gota-serena:
achei o queijo aqui, levei!

Manuel Carpinteiro

Mas rapaz, isso estará certo?

Simão Pedro

Acho que está!
Seu Aderaldo é rico.
Eu, agora, aqui no mundo,
valho um pobre igual aos outros.
Estou com fome, achei o queijo,
acho que posso ficar!
São Tomás de Aquino diz, em algum lugar,
que até à revolução os homens têm direito,
desde que ocorram três coisas:
possibilidade de vitória,
tirania insuportável
e impossibilidade de conseguir o direito
legítimo pelos meios legais.
Que é que o senhor quer mais?

Manuel Carpinteiro

Você e São Tomás, todos dois
já passaram pela morte!
Estão, todos dois, no Céu!
Mas, então, já que a teoria é essa,
reparta o queijo comigo e com Miguel!

Simão Pedro

Nosso Senhor, eu vou lhe ser franco:
com a fome com que estou, é tudo ou nada!
Prefiro apostar na sorte!

MANUEL CARPINTEIRO

Então vamos fazer o seguinte:
enquanto a história do Rico e do Poeta continua,
a gente vai ali dormir um sono e sonhar!
Quem tiver o sonho mais bonito
fica com o queijo todo, está bem?

SIMÃO PEDRO

Está!

MANUEL CARPINTEIRO

Então, vamos. Quanto a vocês, faz de conta
que só faltam dez minutos
pra passar as sete horas.
Lá vêm os réus, com os Diabos!

Saem. Entram ADERALDO *e* CLARABELA.

ADERALDO

Sabe que o negócio, para o nosso lado,
está arruinando?
Não achei ninguém para rezar
e o prazo está se esgotando!

CLARABELA

Já sei uma solução:
eu rezo por você e você reza por mim!

ADERALDO

O Cão disse que só serve outra pessoa!

CLARABELA

Minha Nossa Senhora!
Quem quer rezar, aí, um Pai-Nosso
e uma Ave-Maria por nós dois?
Deus meu!

Em último caso, rezem por mim
e deixem Aderaldo,
que sempre foi pior do que eu!

ADERALDO

Você é besta, Clarabela? Quem reza por mim?
Vejam que o dono do dinheiro sou eu!
Dou dez contos por um Pai-Nosso
e cinco por uma Ave-Maria!
Ninguém quer? Vinte e quinze! Rapaz!
Cem e cinquenta! Danou-se!
O negócio está arruinando cada vez mais!

CLARABELA

Mas será que essa história do Demônio
é verdade, mesmo, Aderaldo?
Será verdade, mesmo, essa história
de Deus e Demônio, de bem e de mal?
Que coisa mais anacrônica!
Que filosofia mais medieval!

ADERALDO

Anacrônica, é? Medieval, é?
Pois olhe aí pra trás de você
que você vai ver!

Os três demônios estão por trás dela, silenciosos.

CLARABELA

Ai!

FEDEGOSO

As sete horas se passaram,
vocês estão desgraçados!
Bâ-â-â! Puf, puf!

ADERALDO

Ai! Pra todo lado que me viro
tem um urubu de Morcego me olhando!
Ai! Ai!

ANDREZA

A mulher, quem leva sou eu!
Vai pelos cabelos! Leva! Caça!

FEDEGOSO

Torra! Queima! Assa!

ADERALDO

Eu já vi que vou mesmo! Ai!

CLARABELA *(Indo.)*

Aderaldo, me acuda! Ai!

ADERALDO

Me acuda, uma peida! Eu estou indo com você!
Minha gente, adeus! Dê lembranças aos capitalistas,
aos reacionários, aos entreguistas,
aos que não querem a grandeza nacional
nem a justiça social!
Diga que eu estou esperando por todos eles
no Poço do Pau-com-Pau
que é o terceiro círculo de fogo
do Caldeirão infernal!

Saem, carregados pelos demônios. Aparecem SIMÃO *e* NEVINHA.

SIMÃO

Seu Aderaldo! Dona Clarabela!
Oxente! Onde é que está esse povo?
Ninguém dá um pio!
Estou achando o lugar tão soturno!

NEVINHA

Eu também!
Aconteceu alguma coisa aqui!
Chega estou sentindo um arrepio!

Aparece FEDEGOSO*, dando bodejos.*

SIMÃO

Ai, que a cabrita preta voltou!

FEDEGOSO

Bâ-â-â! Puf, puf!

SIMÃO

Vá pra lá, viu, desgraçado?
O negócio, comigo, é diferente!
Cadê Seu Aderaldo?

FEDEGOSO

Esse já está lascado!
Está sendo levado agora mesmo,
com Clarabela,
para o Poço do Pau-com-Pau,
o lugar mais fedorento do Inferno!
E você vai também,
porque foi amante dela!

SIMÃO

Eu fui, mas me arrependi!

FEDEGOSO

Mas vai! Vai na mesma carrada!

SIMÃO

Vou nada!

FEDEGOSO

Vai, e sua mulher vai também!

SIMÃO

Agora é que eu sei que não vou mesmo!
Eu, inda podia ser, mas Nevinha?
Nevinha é gente fina,
não pode ir de jeito nenhum!
Se Nevinha for pro Inferno,
é da vez que o Inferno cai!

FEDEGOSO *(Tentando agarrá-lo.)*

É? Então você vai!

NEVINHA

Simão!

SIMÃO

Espere lá, rapaz! Vai pra lá!
Vai pra lá, que o negócio
comigo é diferente! Sabe quem sou eu?
Aqui é o poeta Joaquim Simão!
Minha lei é: "Escreveu, não leu,
o cacete comeu!"

FEDEGOSO *(Dando-lhe um bote.)*

Você vai comigo e é já!
Bâ-â-â! Puf, puf!

NEVINHA

Cuidado, Simão!

SIMÃO

Não tenha medo não, Nevinha,
que, comigo, é na bolacha!
Tome! Isso aí é a passagem do ônibus, viu?
Agora, tome o troco!

Dá-lhe duas bolachas, com as duas mãos fechadas, no alto da cabeça. Entra Quebrapedra.

Quebrapedra

Bê-ê-ê! Puf, puf!

Simão

Ôi, vem outro, é? Não disseram
que estavam carregando Seu Aderaldo?

Quebrapedra

Seu Aderaldo ficou, amarrado com a mulher,
os dois vigiados pela Cancachorra,
já bem perto do Inferno,
e eu vim para ajudar!
Bâ-â-â! Puf, puf!

Simão

Vá pra lá! Vá peidar pra lá!
Não venha não, que você se estraga!
Dou-lhe uma chapuletada tão da gota
que você se caga!
Eita, parece que eles estão me agarrando?
Valei-me São Pedro, meu padroeiro!

Entra Simão Pedro.

Simão Pedro *(No ritmo da embolada.)*

Xarapa velho,
me sustente essa parada
com essa gente desgraçada
que eu cheguei para ajudar!
Brigue de lá
que eu, de cá, na confusão,
é Simão e outro Simão,

e o Diabo vai se lascar!

Nevinha

Simão, vá aguentando o repuxo aí,
que aqui chegou um homem
com vontade de ajudar!

Fedegoso

Vá em cima daquele, Cão Caolho!
Eu levo Simão!

Quebrapedra *se agarra com* São Pedro.

Simão Pedro

Eu não vou não!

Simão

Nem eu! Vai pra lá! Danou-se!
Parece que eu estou indo?
Sabe que eu não vou, mesmo?

Nevinha

Ai, meu Deus! Simão!

Simão

Os pestes estão me carregando!
Desarreda, viu?
Ai, que o negócio está se apertando!

Simão Pedro

Pro lado de cá também!
Desarreda, viu, Seu Cão?
Desarreda, que eu não vou!
Desarreda, que eu não vou!
E desarreda, que eu não vou!
Parece que eu estou indo?
São Miguel!

Toca uma corneta e entra MIGUEL, *com espada e lança.*

MIGUEL ARCANJO

Desaba, canalha! Acaba essa confusão!
Desarreda tudo quanto é de Diabo, aí,
que este aqui é São Miguel
e esse aí é o Príncipe dos Apóstolos,
o Chaveiro do Céu!
Acaba com confusão,
que o outro é o protegido dele,
o poeta Joaquim Simão!
Aqui estou, com minhas legiões,
meus mensageiros de fogo,
meus pássaros de Sol, meus Gaviões,
meus Anjos, meus Arcanjos,
meus Serafins e Querubins,
meus Tronos, Potestades e Dominações!

FEDEGOSO

Ai! Corre, que é São Miguel!

MIGUEL ARCANJO

Corre, canalha! Carga!
Carga de cavalaria nessa canalha!
São Jorge, cerque por lá,
que eu garanto a retaguarda
pelo lado de cá!

Sai correndo, atrás dos demônios. Um estouro. As luzes se apagam e depois acendem.

SIMÃO PEDRO

O negócio estava preto, xarapa,
mas São Miguel entrou de chapa!

A especialidade dele é essa:
é cada pisa no Diabo
que o Diabo fica empenado!
Agora, estou com pena é desses dois desgraçados,
Dona Clarabela e Seu Aderaldo!
Serem carregados para o Inferno
por falta de um Pai-Nosso
e de uma Ave-Maria! É danado!

SIMÃO

É mesmo! Coitado de Seu Aderaldo!
Tão ordinário e ser condenado assim!
Mas será que eles foram, mesmo?

SIMÃO PEDRO

Estão sendo! Andaram fazendo, aqui,
aquelas besteiras,
o Cão pôde chegar perto deles
e deu um prazo.
Dona Clarabela e Seu Aderaldo
não encontraram quem rezasse por eles,
e foram condenados!

NEVINHA

Mas será que o prazo
já está, mesmo, esgotado?

SIMÃO PEDRO

Não sei! Que horas são?

NEVINHA *(Olhando um relógio.)*

Tantas horas.
Diz a hora verdadeira.

SIMÃO PEDRO

Ainda faltam dois minutos!

NEVINHA

Vamos rezar, Simão!

SIMÃO

Não dá tempo não!

SIMÃO PEDRO

Aí é que eu quero ver!
Se vocês estiverem treinados, mesmo,
dá tempo!

NEVINHA

Corre, Simão! Tira, que eu entro!

SIMÃO

Ai, meu Deus, já estou atrapalhado.
Qual é o Pai-Nosso? É aquele que fala em Pilatos?

NEVINHA

Não, aquele é o Credo! Vai, Simão!

SIMÃO

Ah, já me lembrei! Pai nosso etc.

NEVINHA

O pão nosso etc.

SIMÃO

Ave Maria etc.

NEVINHA

Santa Maria etc.

SIMÃO PEDRO *(Cronometrando.)*

Puxa!
Dois minutos! Em cima da bucha!

Um estouro. As luzes se apagam e acendem. Entram MANUEL CARPINTEIRO *e* MIGUEL.

Manuel Carpinteiro

Pronto! Olhem, provavelmente
o caso de Aderaldo e Clarabela
era de Inferno, mesmo.
Como eu não sou o Cristo,
como apenas o represento,
acho que posso dizer assim:
o caso daqueles dois
não era nem de fundo de agulha;
acho que eles não passavam
era nem pelo fundo do camelo!
Mas, como eu não quero levar
o Poeta a julgar,
vamos supor que os dois
em vez de entrarem no Inferno,
em cuja porta já se encontravam,
caíram no Purgatório
onde já se instalaram.
Vão levar trezentos anos de tapa
e mais cinquenta de beliscão,
queimaduras e puxavantes de cabelo,
mas escaparam. E vocês, Simão?

Simão

Nós? Eu e Nevinha vamos seguir viagem por aí!
Adeus, velha casa! Que teríamos nós
ainda a fazer aqui?

Manuel Carpinteiro

E sua vida, Poeta? De que vai viver?
Como vai ser seu trabalho? Seu sustento?

Simão

Ora, o senhor inda pergunta?
Carregar carga é pra jumento!
O que eu vou fazer
é escrever três folhetos arretados,
três folhetos chamados
"O Peru do Cão Coxo", "A Cabra do Cão Caolho"
e "O Rico Avarento".
Vendo tudo e é da vez que fico rico!
Rico e desocupado,
vivendo só de escrever,
de tocar e de cantar!
Quanto ao mais, meu programa
é o velho programa sonhado:
"Ô mulher, traz meu lençol,
que eu estou no banco, deitado!"

Sai, com Nevinha, os dois abraçados.

Manuel Carpinteiro

Muito bem! Siga em paz
o Poeta com sua Amada!
Sirvam Deus e à Igreja,
guardem amor, fidelidade,
se querendo sempre muito bem,
gozando gerações e gerações de paz
entre seus amigos e descendentes,
coisa que desejo a todos os que prestem,
agora e para todo o sempre!

Simão Pedro e Miguel Arcanjo.

Amém!

Miguel Arcanjo

Eu notei que o Poeta saiu
sem se espantar com nós todos
e com tudo o que aqui viu!

Manuel Carpinteiro

Eu passei uma nuvem nos olhos dele
e também nos da mulher,
para que os dois se esquecessem
de todas as coisas escondidas e sagradas,
divinas e diabólicas que viram hoje, aqui!
Gostou?

Miguel Arcanjo

Gostei! Então, nosso trabalho terminou!
Você quase se desgraça, hein, São Pedro?

Simão Pedro

Quem, eu? Está doido! A briga estava ganha!

Miguel Arcanjo

Está conversando, homem!
Você quase que apanha!
Se eu não entro...

Simão Pedro

Mas é danado! Fiquei com a gota
porque você se meteu!
O Cão já estava de se matar de chapéu!
Mas, enfim, tudo terminou!
Até mais tarde, Nosso Senhor!
A gente se encontra já, no Céu!

Manuel Carpinteiro

Espere!

Simão Pedro

Que é?

Manuel Carpinteiro

E o queijo?

Simão Pedro

Ai, é mesmo!
Que esquecimento, esse meu!
Vamos ver os sonhos:
Nosso Senhor, com que sonhou?

Manuel Carpinteiro

Eu sonhei com toda a Corte celeste:
o Santo e claro Nume resplendendo no meio,
as multidões de Santos,
os Anjos, por ali, a bendizê-las,
e todos — Anjos e Santos — adorando
o claro Amor que move o Sol e as estrelas!

Simão Pedro *(Aplaudindo.)*

Bonito! E São Miguel?

Miguel Arcanjo

Eu sonhei com as cortes infernais!
Com Satanás, o Arcanjo decaído,
luciferino, turvo e reluzente,
molhado e perseguido das estrelas,
sendo precipitado eternamente
no abismo desgraçado e alucinante,
e ali guardado, insone e sem remédio,
por uma legião de fogo e bronze
e por um Sol de trevas chamejantes!

Simão Pedro *(Aplaudindo.)*

Bonito!

Manuel Carpinteiro

E você, São Pedro? Com que sonhou?

Simão Pedro

Eu sonhei que, enquanto Nosso Senhor
estava no Céu,
olhando a Luz celeste glorificada,
e Miguel chefiando, como sempre,
a legião dos Arcanjos rutilantes,
para restaurar a ordem destroçada,
eu, pescador ignorante,
homem sem grandes sonhos e desejos,
ficava envergonhado de dar
a duas pessoas tão notáveis
um objeto tão grosseiro como um queijo!
Então, sonâmbulo, como sempre fui,
acho que me levantei,
porque quando acordei,
tinha comido o queijo:
só estas cascas encontrei!

Manuel Carpinteiro

Foi, de fato, o melhor sonho!
Eu só escolho certo:
quando escolhi este para Príncipe dos Apóstolos
e Chefe da Igreja,
foi porque sabia que o cabra era esperto!
Vamos, então, à moralidade!

Miguel Arcanjo

Os distintos cavalheiros e senhoras

tiveram moralidade, religião,
teatro, diversão,
aqui e ali um pouco de pavor,
aqui e ali um pouco de alegria!
Este é o produto que venho tentando passar
em benefício da nossa distinta freguesia!

Simão Pedro

Agora perguntarão:
"Quanto temos de pagar
por esse pedaço de alegria?"

Manuel Carpinteiro

É o que vou dizer, lembrando que,
enquanto nossos concorrentes
cobram por um produto que, modéstia à parte,
é inferior ao nosso,
a importância de...

Aqui, o ator acrescenta algum dinheiro ao preço da entrada.

...nós estamos cobrando
por este produto especial,
o melhor da praça,
a módica importância de... *(Diz o preço da entrada.)*
É de graça, cavalheiros, é de graça!

Simão Pedro

Há um ócio criador,
há outro ócio danado,
há uma preguiça com asas,
outra com chifres e rabo!

Miguel Arcanjo

Há uma preguiça de Deus,

e outra preguiça do Diabo!

MANUEL CARPINTEIRO

E então, a moral é essa,
que mostramos à porfia!

SIMÃO PEDRO

Viva a preguiça de Deus
que criou a harmonia,
que criou o mundo e a vida,
que criou tudo o que cria!

MANUEL CARPINTEIRO

Viva o ócio dos Poetas
que tece a beleza e fia!

MIGUEL ARCANJO

Viva o Povo brasileiro,
sua fé, sua poesia,
sua altivez na pobreza,
fonte de força e Poesia!
Viva Deus, viva seu Filho...

MANUEL CARPINTEIRO

E viva a Virgem Maria!

OS TRÊS

Mãe de Deus e nossa Mãe,
mãe do sonho e da alegria!

PANO.

Recife, 18 de novembro de 1960.

AS CONCHAMBRANÇAS DE QUADERNA

A RAINHA SUASSUNA

1987

AS CONCHAMBRANÇAS

DE QUADERNA

ou

Primeiras Proezas do Rei do Sertão no Cartório e Consultório Astrológico do Reino do Carri

A peça *As Conchambranças de Quaderna* foi montada pela primeira vez no Recife, no Teatro Valdemar de Oliveira, em 1988, pela Cooperarteatro, sob direção de Lúcio Lombardi, sendo os papéis criados pelos seguintes atores:

Pedro Dinis Quaderna *Renato Phaelante*

Evilásio Caldas *Sérgio Sardou*

Dom Pedro Sebastião *Evandro Campelo*

Joaquim Brejeiro *Pedro Henrique de Andrade Dias*

Seu Belo *Eduardo Gomes*

Presidente da Comissão de Inquérito *Elias Mendonça*

Corsino *Pedro Henrique de Andrade Dias*

Perpétua *Vanda Phaelante*

Mercedes *Ana Montarroyos*

Quintino Estrela *Sérgio Sardou*

Laércio Peba *Eduardo Gomes*

Aliana *Marilena Breda*

Pedro Cego *Eduardo Gomes*

Adélia *Ana Montarroyos*

Juiz *Evandro Campelo*

Júlia *Vanda Phaelante*

Doutor Ivo *Sérgio Sardou*

Frei Roque *Elias Mendonça*

Manuel Sousa *Pedro Henrique de Andrade Dias*

Carmelita *Marilena Breda*

EXPLICAÇÃO E DEDICATÓRIA

Das peças que compõem este espetáculo, a primeira, *O Caso do Coletor Assassinado*, é baseada num fato real, que me foi narrado pelo escritor Wilson Lins. A segunda, *Casamento com Cigano pelo Meio*, também se fundamenta em acontecimento verdadeiro, a mim contado por meu tio materno, Manuel Dantas Villar. A terceira, *O Processo do Diabo*, foi escrita, a pedido de Hermilo Borba Filho, a partir de uma notícia saída em jornal. Com terrível sentimento de perda pessoal, o Autor dedica *As Conchambranças de Quaderna* à memória de três pessoas que exerceram grande influência em sua formação: o Poeta espanhol Federico García Lorca, que morreu assassinado por causa do amor que tinha a seu País e a seu Povo, nossos também; o Cantador e Violeiro nordestino Dimas Batista; e o romancista, dramaturgo e encenador pernambucano Hermilo Borba Filho.

A.S.

Primeiro Ato

O cenário, feito de sete panos pintados — um, maior, ao fundo e seis menores, três à direita e três à esquerda — sugere uma sala com seis saídas. Os móveis, objetos e pertences vão variando de acordo com a ação, mas devem, também, guardar unidade com o resto. No pano de fundo, desenhado, um letreiro:

1º CARTÓRIO DE NOTAS
Tabelião: Pedro Dinis Ferreira-Quaderna

MESA DE RENDAS E COLETORIA FEDERAL
Coletor: Pedro Dinis Ferreira-Quaderna

CASA DOS HORÓSCOPOS
Consultório Sentimental e Astrológico
de
DOM PEDRO DINIS QUADERNA, O DECIFRADOR ARMORIAL
Rei do Sete-Estrelo do Escorpião,
Monarca da Cultura Índia, Negro-Castanha e Árabe-Ibérica do Brasil,
Conde da Pedra do Reino,
Mestre em Astrologia Onomântica,
Profeta da Astrologia Transcendental,
Amante e Amador de Ciências Ocultas
e único Astrólogo e Rei, no Mundo, a possuir a
Maravilhosa Máquina Paraibana APARELHO DE GRAFOLOGIA MENTAL.

Bandeiras, sóis, luas, estrelas e crescentes. Nada, no cenário, que lembre riqueza, Idade Média, Europa ou um falso Oriente. É o Cartório-e-Consultório de um Rei e Astrólogo-sertanejo, ligado aos espetáculos de Circo pobre ou de Auto dos Guerreiros, de modo que os estandartes e bandeiras são como as insígnias do Povo em seus espetáculos — pobres e belas ao mesmo tempo. O espetáculo deve começar com a cortina fechada. Fora dela, num tamborete baixo, do lado esquerdo, um Manto, uma Coroa e um Cetro, cobertos por um pano: devem, a princípio, ficar ocultos do público que somente tomará conhecimento deles depois de uma referência expressa de Quaderna, que então os descobrirá, com gestos de mágico que revela qualquer coisa, de surpresa. Tudo no escuro. Um facho de luz ilumina Quaderna, que está vestido de roupa cáqui, com alpercatas de couro, da cor da roupa. E então, Quaderna se dirige ao público. O ator não fique em pânico com o tamanho da fala. Pode dizê-la devagar, porque, se a frase tiver interesse e for dita no ritmo conveniente, o público lhe dá a devida atenção, reflete e se diverte com ela. Mas se o ator, aflito, começa a correr com as palavras — com risco até de perder o fôlego —, o público sente sua aflição, aflige-se também, e aí “nem mel nem cabaça”.

* * *

QUADERNA — Nobres Senhores e belas Damas que me ouvem! Dirijo-me aos Africanos, aos Índios, Ibéricos, Mestiços, Árabes, Asiáticos e Latino-americanos, isto é, a todos os Brasileiros do mundo! Toda a minha Obra é uma espécie de Confissão-geral, uma Apelação — um apelo ao coração magnânimo de Vossas Excelências. E, sobretudo, uma vez que as mulheres têm sempre o coração mais brando, esta é uma solicitação dirigida aos brandos peitos, às brandas excelências de todas as mulheres que me ouvem! Escutem, pois, nobres Senhores e belas Damas de peitos brandos, alguns episódios de minha triste, terrível e acidentada história! Porque minha vida é um Romance: uma espécie de mistura de Folheto-cangaceiro com um Romance-e-amor, um Folheto-de-quengada, um Romance-de-profecia-e-assombração e um Folheto-de-safadeza-e-putaria! Sou um grande apreciador do jogo do Baralho. Por isso, o mundo me parece uma mesa, um palco; e a vida, uma representação, um jogo. Na luta entre Ases e Reis de um lado; de Peninchas, Peões, Curingas e Palhaços do outro, estou do lado dos Peões — dos oprimidos e explorados do mundo. Mas esse emprego de Paladino do Povo é incômodo que só a peste! Vocês estão diante de um Imperador e Rei, Dom Pedro Dinis Quaderna, o Decifrador-armorial, Gênio da Raça, Monarca da Cultura Brasileira e candidato a Gênio Máximo da Humanidade. Mas, com todas essas grandezas, sou um Rei meio lascado. E liso! Se eu não tomar cuidado, a Burguesia e os poderosos do mundo me lascam mais ainda! Até hoje, à custa de quengadas, conchambranças e picardias, tenho conseguido forçar a Burguesia a me pagar, inclusive para falar mal dela. Assim, enquanto o Reino-de-Deus não chega, com sua Justiça, vou conseguindo furar, abrir caminho e sobreviver, ora me fingindo de leso, ora de doido, ora de Palhaço. Este é, portanto, um dos inumeráveis motivos que tenho para me vestir assim, marcando os papéis, de Rei ou de Palhaço, que tenho a desempenhar. Minhas roupas têm uma função religiosa, política, filantrópica e litúrgica. Eu, no dia a dia, só uso cáqui, azul e branco. Cáqui, porque é a cor da terra parda do Sertão, do Nordeste, do Brasil, da África, da Ásia, da América Latina. Azul e branco, porque são as cores do povo pobre do mundo, do povo do Arraial de Canudos e das Favelas; e também porque, apesar de safado, sou devoto de Nossa Senhora. Outra coisa: não reparem não, mas, no meu mundo, o Cristo é negro e o Diabo é branco. Nos momentos em que estou desempenhando o papel de Rei, Astrólogo e Consultor-sentimental, uso Coroa, Cetro e Manto, para, como padre, confessor e Profeta, dispensar às mulheres desconsoladas, aflitas, solitárias e necessitadas, alguns dos sacramentos mais carinhosos do meu Catolicismo-sertanejo. O Cetro e a Coroa vêm do Auto dos Guerreiros. O Manto, tem as cores da parte Católica e da parte Negra-e-Vermelha da minha santa Fé: o azul com cruzes brancas de um lado, e o vermelho com crescentes de ouro, do outro. Agora, quando vou desempenhar minhas funções de Escrivão, Coletor e Serventuário da Justiça, aí o casaco que uso no comum se abre e mostra a camisa com colarinho e gravata que a Burguesia, idiota como sempre, considera indispensáveis para o exercício de qualquer autoridade. Hoje, aqui, a

primeira parte da Farsa e Drama-de-Circo que se vai apresentar é sobre isso: uma das conchambranças de que tive de me valer na luta pela sobrevivência; para marcar mais um ponto, mais uma vitória no combate que, como Paladino dos Povos magros, escuros e famintos, eu travo contra os brancosos, os ricos, os poderosos e burgueses do mundo inteiro. E vamos ao espetáculo: "O Caso do Coletor Assassinado"!

Abre-se o pano. Em penumbra, QUADERNA *e* EVILÁSIO *dirigem-se para seus lugares, sentando-se. A luz sobe para o normal.*

EVILÁSIO — Seu Padrinho não falou claramente o que queria de mim não?

QUADERNA — Não. Mandou chamar o senhor e o pessoal da Comissão de Inquérito que chegou da Capital. Disse que eu trouxesse o senhor para cá, mas que deixasse o pessoal da Comissão aí fora. Ele vai falar com a Comissão, mas só depois de conversar com o senhor.

EVILÁSIO — O que será que ele quer conversar comigo? Será para me nomear Tabelião? Dom Pedro Sebastião, nosso Chefe, me prometeu que, assim que pudesse, mandava me nomear Tabelião, para que eu, acumulando os emolumentos do Cartório com os da Mesa de Rendas, aumentasse um pouco os rendimentos para sustentar a família. O 1º Cartório é seu. O 3º é de Seu Belo. Mas o 2º está vago. Será que ele quer me nomear para esse?

QUADERNA — Não sei não, Seu Evilásio. Ele me disse apenas que era um assunto urgente e de extrema gravidade.

EVILÁSIO — Meu Deus!

QUADERNA — O senhor se acalme, Seu Evilásio! Quem não deve, não teme!

EVILÁSIO — *(Sem convicção.)* É, quem não deve, não teme! Ele vem só?

QUADERNA — Acho que não.

EVILÁSIO — Por quê?

QUADERNA — Quando eu ia saindo, ouvi meu Padrinho chamar por Joaquim Brejeiro para vir com ele.

EVILÁSIO — Minha Nossa Senhora! Entre os cabras da fazenda de seu Padrinho, Joaquim Brejeiro é o mais perigoso!

QUADERNA — Calma, homem, segure as pregas! Eu não acredito que meu Padrinho tenha chamado Joaquim Brejeiro por sua causa não! No meu entender, foi por causa da Comissão: meu Padrinho está achando que o fato do Governo mandar para aqui uma Comissão de Inquérito, é uma tentativa para desmoralizar a autoridade dele!

EVILÁSIO — É, deve ser por isso que ele chamou Joaquim Brejeiro!

Quaderna — *(Erguendo-se, respeitoso.)* Meu Padrinho!

Evilásio — *(Dando um salto da cadeira.)* Chefe!

Entra Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto. *É um homem de fisionomia fechada e severa, alto, elegante, corpulento, com a cara barbada e profética, vestido de preto com colete cinza e calçado com botinas meio antiquadas, dessas que são encimadas por polainas emendadas no couro e não superpostas. Ele representa a Aristocracia rural da qual se originou* Quaderna, *mas que vai, aos poucos, sendo traída e abandonada por este em favor do Povo. Em todo caso, entre a Aristocracia rural e a Burguesia urbana — representada, na peça, pela Comissão de Inquérito —,* Quaderna *prefere a primeira, e se vale dessa preferência real e sincera para seus planos, na linha do que afirmou em sua fala inicial.* Dom Pedro Sebastião *traz, numa das mãos, uma bengala, e na outra, um jornal.* Joaquim Brejeiro, *armado de rifle, vem com ele.* Quaderna *ajeita para o Padrinho uma cadeira que mais parece um trono.*

Quaderna — Sente-se aqui em sua cadeira, meu Padrinho! A bênção?

Dom Pedro Sebastião — Deus o abençoe, Dinis, meu afilhado! *(Senta-se. Depois de uma pausa, duro, terrível.)* Seu Evilásio Caldas, o que foi que o senhor andou fazendo para me matar de vergonha?

Evilásio — *(De pé, pálido, gaguejando.)* Eu? Eu, Chefe?

Dom Pedro Sebastião — Sim, o senhor! *(Atira-lhe o jornal à cara. Seu Evilásio, morto de medo, vai arriar na cadeira mais próxima.)* Levante-se! Um ladrão da sua marca não tem mais o direito de se sentar na presença das pessoas de bem!

Evilásio — (*Erguendo-se de novo, num pulo.)* Mas Chefe! Ladrão? *(Abaixa a cabeça.)*

Dom Pedro Sebastião — Sim senhor, foi *ladrão* que eu disse! O jornal do Governo fala, aí, que você deu um desfalque na Mesa de Rendas! Foi nomeada uma Comissão de Inquérito que já chegou a Taperoá e está aí fora, esperando pelo senhor! Felizmente recebi o jornal a tempo, senão teria sido apanhado de surpresa! E então? O que é que o senhor tem para me dizer? Você deu o desfalque?

Evilásio — *(Cauteloso, apavorado, tateando o assunto.)* Bem, Chefe, desfalque, desfalque *mesmo*, eu não dei não!

Dom Pedro Sebastião — E desfalque sem ser *desfalque mesmo*, deu? O que foi que o senhor andou fazendo para cobrir sua família e seus amigos de vergonha?

Evilásio — Chefe, a única coisa que eu fiz foi tomar um dinheiro emprestado à repartição que eu administro, a Mesa de Rendas, a Coletoria!

Dom Pedro Sebastião — Dinheiro emprestado, seu cabra sem vergonha? E a Mesa de Rendas, uma repartição pública, pode emprestar dinheiro assim?

Evilásio — *(Deixando escapar sem querer.)* Tanto pode, que emprestou!

Dom Pedro Sebastião — *(Enfurecido.)* Cale-se, seu irresponsável! Faz uma canalhice dessas e ainda vem com galhofas na hora de prestar contas? Você, melhor do que ninguém, podia avaliar a gravidade do crime que estava cometendo! Não por você, que não se dá a respeito! Mas por mim, que sou seu protetor e padrinho de sua filha! Coitada dela, com o pai ladrão que foi arranjar! Todo mundo sabe que você é protegido meu e que o Governo só me engole à força! O Governo anda doido para me derrubar. E é numa hora dessas que o senhor, irresponsavelmente, dá ao Governo um pretexto para isso? Quanto foi que o senhor tirou, do dinheiro do Estado?

Evilásio — Chefe, o senhor não se zangue comigo não, mas deve ter sido aí uns mil contos!

Dom Pedro Sebastião — Meu Deus, uma fortuna! Nunca esperei isso de um protegido meu! Até agora, meus inimigos tinham me acusado de proteger assassinos, mas ladrões não, ninguém tinha esse direito! O senhor não tem vergonha de se apropriar assim, desonestamente, do dinheiro público, não?

Evilásio — Chefe, era só um adiantamento!

Dom Pedro Sebastião — Adiantamento! Adiantamento de mil contos?

Evilásio — O primeiro pedaço de dinheiro que eu tirei era pequeno, não chegava nem a cinquenta contos, e eu ia repor, logo, o dinheiro, no cofre da Coletoria! O diabo foi que apareceu, logo ali também, uma despesa nova, com o casamento de minha menina, sua afilhada! E eu lancei mão de mais trinta contos!

Dom Pedro Sebastião — Me pedisse! Eu nunca lhe neguei dinheiro emprestado!

Evilásio — Chefe, eu tive vergonha!

Dom Pedro Sebastião — Ah, teve vergonha! Teve vergonha de me procurar, e não teve de furtar o dinheiro público!

Evilásio — Eu não queria que parecesse que eu só tinha chamado o senhor para padrinho de minha filha para arranjar essas ajudas! Aí, depois do casamento da menina, comecei a me apertar com as despesas. Veio a seca, e eu, em vez de repor, tive foi que tirar outro pedaço, ainda maior, de dinheiro. E foi assim, de pedaço em pedaço, que terminei chegando nos mil contos! Mas eu pretendia pagar tudo!

Dom Pedro Sebastião — Infeliz, todo mundo que dá desfalque, é assim que começa! Vai tirando, tirando, e, quando abre os olhos, está tudo perdido e ele com nome de ladrão!

Evilásio — Chefe, eu sei que fiz errado, que causei um mal muito grande a mim, à minha família e ao senhor! Mas, pelo amor de Deus, acredite que eu queria pagar! Acredite, pelo menos nisso acredite! Tentei ir repondo o dinheiro, com a venda de umas terrinhas que possuía e que fui vendendo aos poucos! Tanto assim, que cheguei a pagar quase duzentos contos! Sim, é isso, minha dívida, agora, deve ser somente de uns oitocentos contos, mais ou menos!

Dom Pedro Sebastião — E o que é que adianta isso? Dinheiro furtado, tanto faz mil, como oitocentos, como cem contos, é tudo a mesma coisa! Para a Comissão, não interessa saber se você repôs um pedaço ou não. Nem para mim, também! O que eu quero saber é como vai ser agora! A Comissão está aí fora. Eu lhe pergunto: o senhor tem o dinheiro para repor no cofre público?

Evilásio — Tenho não, Chefe!

Dom Pedro Sebastião — E como é que vai ser?

Evilásio — O senhor é quem sabe!

Dom Pedro Sebastião — Eu? E fui eu que tirei o dinheiro? Olhe, Evilásio, eu não vou dar nem um passo pra defender você! Eu pensava que você era inocente, que não tinha culpa! Mas se tem, você é quem vai pagar e responder por ela!

Evilásio — O que é que eu posso fazer então, Chefe? É mandar a Comissão entrar, confessar o que aconteceu e aguentar as consequências!

Dom Pedro Sebastião — Inclusive a cadeia?

Evilásio — Inclusive a cadeia, se não tiver outro jeito!

Quaderna — Meu Padrinho, o senhor me permite uma sugestão?

Dom Pedro Sebastião — Sugestão, Dinis? E que sugestão pode dar resultado numa canalhice dessas?

Quaderna — Se o senhor me ouvir dois minutos pode ser que se ache um caminho para pelo menos nós nos sairmos menos mal do caso. Mas tem que ser em particular.

Dom Pedro Sebastião — Está bem, concedo os dois minutos. Nesta sala aí de junto tem algum cofre com dinheiro, Dinis?

Quaderna — Não senhor! Tem na outra, na de lá!

Dom Pedro Sebastião — Então Evilásio pode esperar nesta daí! Vá, seu moleque, e só volte quando nós chamarmos! *(Sai Evilásio.)* E então? O que é que você tem para me dizer?

Quaderna — Meu Padrinho, não podemos consentir que Seu Evilásio Caldas seja demitido, desmoralizado e preso, de jeito nenhum! Esse pessoal do Governo quer

atingir é o senhor, por meio dele!

Dom Pedro Sebastião — Isso é verdade, também acho. Mas que jeito eu posso dar? Roubar, ele mesmo confessa que roubou. Só se eu repusesse o dinheiro na Coletoria. Cheguei a pensar nisso. Não por causa desse irresponsável do Evilásio: por mim mesmo, por meu nome, por minha autoridade! Mas, por falta de sorte, mandei hoje um dinheiro para Campina Grande, de modo que estou aqui sem um tostão, no cofre. Só se eu tomar dinheiro emprestado aí a uma porção de amigos até juntar os oitocentos contos. Mas será que os amigos de confiança estão em condições de arranjar tanto dinheiro assim de repente?

Quaderna — Não dá certo não, meu Padrinho! Se o senhor começa a pedir o dinheiro a um e a outro, a história transpira, se espalha, e aí a Comissão vai saber de tudo, mesmo que se reponha o que Seu Evilásio tirou. Temos outro caminho que eu penso que vai resolver tudo melhor.

> *Cena de mímica, que deve ser representada sem muito exagero.* Quaderna, *depois de olhar* Joaquim Brejeiro *cautelosamente, aproxima-se do Padrinho com jeito misterioso, encosta a boca em sua orelha e cochicha.* Dom Pedro Sebastião, *de repente, afasta a cabeça e olha, espantado, para* Quaderna. *Este faz-lhe sinal de calma, calma, e cochicha de novo em sua orelha. Novo olhar, cada vez mais espantado, de* Dom Pedro Sebastião *para o afilhado, como se somente então estivesse começando a avaliá-lo em sua devida importância. A cena se repete duas ou três vezes, e então o Padrinho começa a dar mostras de concordância.*

Quaderna — Entendeu?

Dom Pedro Sebastião — Entendi. Talvez seja a solução, mesmo! Mas não seria melhor você mesmo fazer tudo, através de seu Cartório? Aí, ficaria tudo em família!

Quaderna — Não pode ser não, meu Padrinho! Sabendo-se que sou seu sobrinho e afilhado, todo mundo iria desconfiar. É melhor que o outro Tabelião, Seu Belo, faça tudo.

Dom Pedro Sebastião — É verdade! Pois está bem. Vou seguir seu conselho, e, se tudo der certo, você terá merecido uma recompensa à altura!

Quaderna — O senhor me dá carta branca para agir?

Dom Pedro Sebastião — Dou!

Quaderna — Quero mais do que uma carta branca comum: o que eu quero é que o senhor confirme tudo o que eu mandar e exija segredo de todo mundo! Segredo absoluto, sob pena de morte! Posso contar com o senhor?

Dom Pedro Sebastião — Pode, vamos lá!

Quaderna — Outra coisa: o senhor não estranhe não, mas, para o que vou fazer agora, preciso me vestir de Astrólogo e Profeta do Catolicismo-sertanejo!

Dom Pedro Sebastião — Dê-se a respeito, meu afilhado!

Quaderna — *(Vestindo o Manto.)* O Senhor é um grande Fazendeiro e pode viver se dando a respeito o tempo todo, eu não! Pronto! *(Mais alto.)* Joaquim Brejeiro, meu Padrinho quer que você vá chamar, aqui, o Tabelião, Seu Belo! Diga a Seu Belo que traga a caneta, o carimbo e aqueles dois livros maiores, do Cartório!

Joaquim Brejeiro *olha para* Dom Pedro Sebastião *que, com um gesto de mão, indica que ele vá. Sai* Joaquim Brejeiro.

Quaderna — *(Indo à porta por onde Evilásio saiu.)* Seu Evilásio! Meu Padrinho está chamando o senhor, pode voltar!

Evilásio — *(Voltando.)* Às suas ordens, Chefe!

Dom Pedro Sebastião — Seu Evilásio, meu afilhado Dinis, aqui, me deu, para seu caso, uma orientação que achei boa, de modo que resolvi seguir o conselho dele. D'agora em diante, o senhor vai ouvir a palavra dele como se fosse a minha, ele é quem vai mandar em tudo e todos vão obedecer como se fosse a mim. Está de acordo?

Evilásio — Estou, Chefe. Deus me livre de não atender a uma orientação do senhor!

Dom Pedro Sebastião — *(Enfarruscado.)* Isso, quando não existe um cofre perto, não é, Evilásio?

Evilásio — Chefe, me permita somente uma palavra: estou ficando inquieto! Cadê Joaquim Brejeiro? Eu posso saber o que foi que o senhor resolveu a meu respeito? Qual vai ser meu destino, Chefe?

Dom Pedro Sebastião — O senhor cale-se e espere!

Quaderna — Joaquim Brejeiro vem aí, com Seu Belo!

Entram os dois, o Tabelião com os objetos recomendados.

Quaderna — Sente-se, Seu Belo! Bote os livros em cima da mesa e sente-se aqui nesta cadeira para ir escrevendo o que eu ditar. Em condições normais, eu teria pedido que o senhor trouxesse o Escrevente, mas o assunto é sigiloso demais e quanto menos gente melhor. Aliás, sendo o senhor Tabelião juramentado, é até melhor que tudo seja escrito pelo senhor mesmo!

Dom Pedro Sebastião — Seu Belo, o que vai se passar aqui é coisa séria, de modo que o assunto não pode passar destas quatro paredes, está me ouvindo?

Seu Belo — Estou ouvindo, pois não! *(Inclina-se, respeitoso.)* O senhor pode confiar em mim, porque, tratando-se de segredos, eu sou um túmulo!

Quaderna — Hoje, aqui, o senhor vai ser *um túmulo* muito mais do que imagina, Seu Belo! Bem, estamos todos avisados: se transpirar uma palavra do que se passou aqui, meu Padrinho já sabe que foi um de nós que contou a história e manda matar o falastrão.

Dom Pedro Sebastião — Mando mesmo! Não vou nem perder tempo apurando quem foi que falou não: mando matar todos, estão ouvindo?

Evilásio e Seu Belo — Estamos, sim senhor!

Quaderna — Bem, contamos com o silêncio de todos, no próprio interesse da vida de vocês! Seu Belo, o senhor conhece este homem aí, não conhece?

Seu Belo — Conheço!

Quaderna — Pois bem! Esse homem era correligionário nosso, nosso amigo e nosso protegido! Ele deve tudo a meu Padrinho, que foi quem arranjou para ele o lugar de Coletor, de administrador da Mesa de Rendas. Meu Padrinho gostava tanto dele que ainda ia conseguir sua nomeação para o Cartório que está vago! Pois bem: com todas essas obrigações e favores que nos devia, esse homem aqui, Seu Evilásio Caldas, tirou dinheiro da Mesa de Rendas, colocando meu Padrinho numa situação muito ruim diante desse Governo que terá a maior alegria em nos desmoralizar! A Comissão de Inquérito está aí, esperando: vai investigar os atos desonestos desse homem! E agora passo a me dirigir ao senhor, Seu Evilásio Caldas! O senhor, levianamente, tirou mil contos do dinheiro do Estado! É verdade que pretendia pagar, mas não fez isso a tempo e agora a Comissão vai terminar apurando tudo! Assim, o senhor deve reconhecer aqui, oficialmente, diante do Tabelião, que, se meu Padrinho não tomar uma providência enérgica, hoje mesmo o senhor vai ser suspenso de suas funções, demitido e preso! O senhor reconhece isso?

Evilásio — Reconheço!

Quaderna — Como?

Evilásio — Reconheço, sim senhor!

Quaderna — Bem, por outro lado, demitido e preso é o que meu Padrinho não pode admitir que o senhor seja! Primeiro, porque se o senhor for preso e demitido, sua família vai ficar, toda, nas costas dele, e meu Padrinho não matou pagão nenhum pra ser condenado desse jeito! Depois, o fato é que o Governo quer atingir é a meu Padrinho, através do senhor! E isso nós não vamos consentir de maneira nenhuma, não é, meu Padrinho?

Dom Pedro Sebastião — Ah, é, isso eu não consinto de forma nenhuma!

Evilásio *corre para ele, jubiloso, e tenta beijar-lhe a mão, mas* Dom Pedro Sebastião *empurra-o.*

Dom Pedro Sebastião — Vá pra lá! O que eu tenho para lhe dizer, vem depois!

Quaderna — É verdade, é preciso que tudo fique bem claro! Sim, Seu Evilásio, porque não é possível reparar a indignidade que o senhor cometeu. Nem é possível permitir que o senhor seja preso — o que iria desmoralizar a autoridade de meu Padrinho. Sendo assim, nós só encontramos uma solução para seu caso: vamos mandar matar o senhor, Seu Evilásio!

Evilásio — *(Gaguejando, apavorado.)* O quê? Vão fazer o quê?

Quaderna — Matar, matar o senhor.

Joaquim Brejeiro *maneja o rifle, colocando a bala na agulha. Ao ver isso,* Evilásio *se ajoelha.*

Evilásio — Chefe, pelo amor de Deus não faça uma coisa dessas não!

Dom Pedro Sebastião — Olhe a idiotice dele! Faz a vergonheira que fez e ainda fica feito um idiota, ajoelhado, pedindo misericórdia! Mas me diga mesmo, Seu Belo, o que é que eu posso fazer senão isso! Me diga mesmo, Seu Belo: eu tenho outro caminho?

Seu Belo — Chefe, eu não queria que o senhor pedisse meu voto nessa história não! Isso é uma eleição muito complicada pra um cidadão pacato como eu votar!

Dom Pedro Sebastião — Está tirando o corpo fora, é? Seu Belo, ou o senhor está do lado dele ou do meu! Eu não tenho o dinheiro hoje, nem fui eu que roubei. Ele, que roubou, não tem o dinheiro pra repor na Coletoria! O senhor, por acaso, tem o dinheiro?

Seu Belo — Não senhor!

Dom Pedro Sebastião — Então me diga se eu tenho outro caminho!

Seu Belo — É, parece que o único jeito é esse! Mas quando é que o senhor pretende executar Seu Evilásio, Chefe?

Dom Pedro Sebastião — Agora mesmo! Foi para isso que mandei chamar vocês!

Evilásio — *(A ponto de morrer de medo.)* Mas Chefe, pelo amor de Deus!

Dom Pedro Sebastião — Cale a boca, seu irresponsável! Fui eu que indiquei você para o cargo e você me envergonhou para o resto da vida. Não tem direito de fazer queixa nenhuma!

Seu Belo — *(Timidamente.)* Chefe, eu também devo tudo o que sou ao senhor! Mas também acho que tenho sido, todos estes anos, para o senhor, um servidor fiel, não tenho?

Dom Pedro Sebastião — Tem sim, Seu Belo.

Seu Belo — Pois então, em nome disso, peço ao senhor pela vida de Seu Evilásio!

Dom Pedro Sebastião — Não pode ser não, Seu Belo! O senhor mesmo reconheceu, ainda agora, que eu não tenho outro caminho.

Seu Belo — Então, pelo menos, mande matar Seu Evilásio mais tarde, e noutro lugar! Eu tenho horror a essas coisas! Deixe a morte dele para outra hora!

Dom Pedro Sebastião — Também não pode ser não, Seu Belo. A Comissão está esperando e eu não posso adiar a morte de jeito nenhum!

Joaquim Brejeiro — E como é que vai ser a morte do homem? De tiro ou de faca? Pergunto, por causa do barulho. Sou eu que vou matar Seu Evilásio?

Quaderna — Não! Quem vai matar Seu Evilásio é Seu Belo!

Seu Belo — *(Horrorizado.)* Eu? Pelo amor de Deus, Chefe! Eu sou um pai de família, tenho horror a essas coisas de crime e sangue!

Quaderna — Calma, Seu Belo! O senhor não vai derramar o sangue de ninguém não! Nós vamos matar Seu Evilásio Caldas é oficialmente, tabelionicamente. Lavre a certidão de óbito dele!

Seu Belo — Lavrar a certidão? Agora? Antes do óbito?

Quaderna — *(Paciente.)* A certidão é que vai ser o óbito, Seu Belo! O senhor lavra a certidão com data de quatro ou cinco dias atrás e o inquérito se encerra, pela morte do acusado! É o único jeito desse desgraçado escapar da cadeia sem que a desonra dele desmoralize meu Padrinho!

Novamente Evilásio *corre e tenta beijar as mãos de* Dom Pedro Sebastião, *que o repele severamente.*

Dom Pedro Sebastião — Vá pra lá, já disse! Com o senhor, eu me entendo depois, e essa o senhor me paga!

Quaderna — Lavre a certidão, Seu Belo! Aqui, nesta folha separada! Depois o senhor copia no livro!

Seu Belo *senta-se à mesa e começa a escrever. A certa altura, interrompe a escrita.*

Seu Belo — Chegou a hora da *causa mortis*. O que é que eu escrevo?

Dom Pedro Sebastião — *(De mau humor.)* Hein?

Seu Belo — Que causa eu escrevo aqui como tendo sido a da morte de Evilásio?

Dom Pedro Sebastião — Escreva "safadeza e falta de caráter"!

Seu Belo — *(Obediente.)* Safadeza e falta de caráter...

Dom Pedro Sebastião — Que maluquice é essa, Seu Belo? Invente, aí, uma *causa mortis* qualquer e escreva na certidão!

Seu Belo — *Angina pectoris*, está bem?

Dom Pedro Sebastião — Está, está! Para matar esse peste, qualquer desgraça serve!

Seu Belo conclui, assina e enxuga a tinta com mata-borrão.

Quaderna — Está tudo pronto e em ordem?

Seu Belo — Está, sim senhor!

Quaderna — Então entrem os dois pr'ali! Só voltem quando eu chamar e depois da saída da Comissão!

Os dois vão saindo. De passagem, Evilásio não se contém.

Evilásio — A bênção, Chefe?

Dom Pedro Sebastião — Deus lhe dê o que você não tem: juízo e vergonha! *(Os dois entram numa das salas.)* Dinis, mande entrar a Comissão!

Quaderna sai e volta com três sujeitos vestidos de modo formal e pretensioso. Um deles, tentando se fazer simpático, aproxima-se de Joaquim Brejeiro.

Integrante da Comissão — Você é que é o famoso Joaquim Brejeiro? *(Silêncio.)* Já ouvi falar muito em você! *(Silêncio.)* Isto é um rifle? *(Silêncio.)* Pra que é esse rifle, pra matar gente? Você tem coragem, mesmo, de matar uma pessoa?

Joaquim Brejeiro — Não é questão de coragem não, é mais é de costume!

O homem da cidade afasta-se prudentemente.

Dom Pedro Sebastião — Quem é o Presidente da Comissão?

Presidente — Sou eu!

Dom Pedro Sebastião — Com que fim e com que direito os senhores vieram pr'aqui, pra minha terra, sem meu chamado e sem minha ordem?

Presidente — *(Meio atarantado.)* Viemos porque o Governo...

Dom Pedro Sebastião — *(Interrompendo.)* O Governo? E eu devo nada a Governo! Ouvi dizer que o Governador ameaçou, ele mesmo, de vir cá falar comigo, foi?

Presidente — Foi!

Dom Pedro Sebastião — Pois diga a ele que venha! Venha e traga a Polícia de merda dele! Porque, se ele vier sozinho, não preciso nem chamar meus cabras: mando uma comadre velha que eu tenho cuidar dele. Ela tem um putruco de faca, assim, e dá vinte facadas nesse governadorzinho, uma em cima da outra e antes da primeira botar sangue! Então, ele que traga a Polícia! Quero ver se me prendem e me tiram daqui! Quantos mais vierem, mais morrem, estão ouvindo? Eu daqui não saio! Aqui, sou como prego cravado em pau-ferro: me quebro dentro e não saio. Você diga a ele que venha, venha! Mas ele vem, o diabo! Boi sabe a cerca que fura e formiga sabe a folha que rói! Ele tem muito é lambança, mas, pra mim, quem vive roncando é besouro rola-bosta! Eu ligo, lá, ronco de ninguém! Ronco, ronco, o Mar também ronca, e eu, toda vez que vou lá, mijo nele! Eu conheço aquela figurinha! Ele vive dizendo que é teso, duro e arrochado. Mas eu conheço ele muito bem: ele é teso é de reumatismo! Pode ser duro, mas é pra pagar o que deve! E só é arrochado quando come casca de angico e fica com o fiofó assim, ó! *(Fecha os dedos, num gesto enérgico.)* Então, diga a ele que venha! Mas ele vem o diabo! No dia em que ele vier, sangue aqui dá no meio da canela e urubu fica com caganeira! O Padroeiro da cidade dele é fêmea, mas o da minha fazenda é macho, mija em pé, de coca não! Estão ouvindo? É esse o recado que eu tenho pra seu Governador!

Presidente — Senhor Dom Pedro Sebastião, há tempo que não vejo uma manifestação tão interessante de autenticidade cultural! Isso é alguma coisa que deve até ser estudada por nossos sociólogos, de tal modo é expressiva de nossa Cultura! Mas o problema é que o Governo recebeu denúncias de graves irregularidades que estariam ocorrendo na Coletoria daqui!

Dom Pedro Sebastião — *(No mesmo tom anterior.)* Aqui, na *minha* terra, só existiriam as irregularidades que *eu* permitisse e descobrisse, e não as que seu Governo de bosta resolva inventar, estão ouvindo? Na Mesa de Rendas não existe irregularidade nenhuma que eu não resolva, e não vai se realizar investigação nenhuma, lá! Joaquim Brejeiro, bote bala na agulha do rifle!

Quaderna — Joaquim, não! Espere um pouco! Olhem, vocês aí: meu Padrinho, com toda razão, está um pouco irritado! Não houve irregularidade nenhuma na Coletoria! E, mesmo que tivesse havido, o inquérito vai ter que se encerrar, porque o administrador da Mesa de Rendas, Seu Evilásio Caldas, homem decente e sensível, sofreu um abalo, um desgosto tão grande ao tomar conhecimento dos boatos que o acusavam tão injustamente, que teve um ataque do coração e morreu há quatro dias!

Presidente — Como? Morreu? O senhor tem certeza? Tem alguma prova disso?

Quaderna — Tenho! Aqui está a certidão de óbito dele!

Presidente — É, o documento está em ordem!

Quaderna — Pois então, aproveitem a saída que ele oferece a vocês, porque da primeira vez, agora há pouco, eu ainda consegui segurar Joaquim Brejeiro. Mas não garanto a segunda não!

Dom Pedro Sebastião — O assunto está encerrado. Sumam-se daqui todos três! *(Os três saem, ressabiados, passando o mais longe possível do rifle de Joaquim Brejeiro.)* Dinis, chame aqueles dois de volta!

Quaderna — Seu Belo! Seu Evilásio! Podem voltar! Está tudo resolvido!

Voltam os dois.

Evilásio — Chefe, Deus lhe pague por tudo! Mas, se o senhor não se zangasse, eu queria lhe dizer uma coisa!

Dom Pedro Sebastião — O que é?

Evilásio — Eu estou tão preocupado!

Dom Pedro Sebastião — Por quê?

Evilásio — Como é que eu, morto, vou poder continuar aqui? Como é que vou poder trabalhar pra sustentar minha família?

Quaderna — Eu já pensei em tudo, Seu Evilásio! Seu Belo, que matou o senhor, vai *nascer* o senhor de novo!

Seu Belo — Como?

Quaderna — Lavrando uma certidão de nascimento de Evilásio, com outro nome!

Evilásio — Outro nome?

Quaderna — Sim, como se você, agora, passasse a ser um irmão mais moço de você mesmo! Como você já deve estar acostumado com o primeiro nome, pensei em batizá-lo dagora por diante com um nome parecido, Epitácio — Epitácio de Oliveira Caldas. Evilásio, Epitácio, a mudança é tão pequena que você logo se acostumará. Seu Belo, lavre a certidão de nascimento de Seu Epitácio de Oliveira Caldas, um ano mais moço do que seu falecido irmão Evilásio, que morreu há quatro dias, coitado!

Seu Belo — *(Obedecendo.)* Epitácio de Oliveira Caldas!

Quaderna — Está pronta?

Seu Belo — Está!

Quaderna — Bem, com o nome novo, meu Padrinho, com o coração generoso que tem, vai conseguir sua nomeação para o 2º Cartório, que está vago. Assim, você vai poder continuar sustentando sua família!

Dom Pedro Sebastião — Mas cuide de não dar mais desfalque de qualidade nenhuma, cabra sem vergonha! Eu vou pagar o dinheiro que você tirou, e você, todo mês, da renda do Cartório, desconta um pedaço pra ir me pagando!

Quaderna — Tenho certeza, Seu Epitácio, de que o senhor vai pagar religiosamente sua dívida! Você dificilmente esquecerá os instantes de terror que seu falecido irmão Evilásio passou durante os momentos que antecederam sua triste morte por *angina pectoris*!

Evilásio — E na Coletoria, eu posso continuar?

Dom Pedro Sebastião — Nunca! Nunca mais eu deixo o senhor chegar nem perto dum lugar onde haja um cofre com dinheiro público!

Evilásio — E quem vai ficar na Mesa de Rendas, como Coletor?

Quaderna — O senhor não tem nenhuma sugestão a fazer a meu Padrinho não? Não conhece ninguém que seja de absoluta confiança do meu Padrinho e que, ao mesmo tempo, nos momentos difíceis, sabe como encontrar caminho para tirar os amigos de possíveis dificuldades?

Evilásio — Conheço! Pedro Dinis Quaderna!

Quaderna — *(Mão em concha na orelha.)* Como?

Evilásio — Dom Pedro Dinis Quaderna! Ele deve ser o novo Coletor!

Dom Pedro Sebastião — Excelente ideia! Você, meu afilhado, merece o prêmio que ia ser dado a esse ladrão aí!

Quaderna — Não se queixe, Epitácio! Você é o único homem do mundo em suas condições: morreu de *angina pectoris*, ressuscitou, foi registrado com um nome novo *in terminis legis*, sendo nomeado aí, *post mortem*, para Tabelião!

Evilásio — É latim demais para uma pessoa só!

Quaderna — Pois então você, como pagamento a quem salvou sua vida, pegue ali aquela Coroa e me coroe aqui como Monarca da Cultura Brasileira e Imperador do Reino do Sete-Estrelo do Escorpião! Joaquim Brejeiro fica aqui a meu lado para ser, também, coroado, porque, apesar de ainda extraviado a serviço da Aristocracia, é um Príncipe do Povo! *(Evilásio coroa Quaderna, que, depois de ajustar a Coroa, pede o Cetro com um gesto e aponta o pé, com outro gesto. Evilásio beija-lhe o pé.)* Muito bem! Agora, toquem o Hino que escrevi contra os inimigos do Brasil — os gringos de fora e os entreguistas de dentro! Toquem e cantem, porque eu quero sair daqui num Cortejo real!

Toca a música, que todos cantam enquanto se retiram, com Evilásio *erguendo atrás, reverente, o Manto real de* Quaderna*, que coloca a seu lado* Joaquim

Brejeiro, *também coroado.*

Todos — *(Cantando e saindo.)*

Brasileiros que têm vergonha,
celebremos, com força e Paixão,
nosso Povo, do Sul para o Norte,
e o Brasil, desde o Mar ao Sertão!
Nosso País 'tá sendo entregue,
alerta todos e todos de pé!
Contra os traidores que se vendem
lutemos todos com força e com fé!
Brasileiros, a hora é sagrada!
Eles querem ao Povo trair!
Contra esses, de dentro e de fora,
combater, triunfar, resistir!
Nosso País 'tá sendo entregue,
alerta todos, e todos de pé!
Contra os traidores que se vendem
lutemos todos, com força e com fé!

Fim do Primeiro Ato.

Segundo Ato

QUADERNA — Nobres Senhores e belas Damas que me ouvem! O grande problema do Espetáculo do Mundo é que o Autor que o criou é um só, mas o Encenador que o dirige são dois! E vivem brigados, cada um querendo levar a Peça para seu lado! Os caminhos dos dois são opostos: um é da Vida, o outro é da Morte! Eu sempre fui atraído pelo Circo, com Palhaços, Cantadores, Guerreiros, Malabaristas, Mágicos, Trapezistas e, sobretudo, Pastoras do Cordão Azul e do Encarnado ou Bailarinas de coxas à mostra. Até que, um dia, consegui me tornar Dono de Circo. Nele, meu papel varia conforme a necessidade: Velho de Pastoril, Rei, Capitão de Cavalo-Marinho, Menestrel, Profeta, Guerreiro... Mas, em qualquer caso, nunca abro mão de ser o Professor carinhoso, o Conselheiro secreto das Pastoras e Bailarinas. Costumo iniciá-las em todas as suas *partes* — isto é, nas partes ou papéis que elas vão desempenhar no Espetáculo. Logo descobri, porém, que nos Circos e teatros do mundo a gente ganha muito pouco. Se eu quisesse ganhar um pouco mais de pecúnia e dinheiro, teria que me tornar alguma coisa como Professor, Juiz ou Escrivão — Fidalgos que usam Saia preta enfeitada de amarelo, púrpura e vermelho, como acontece também com os Bispos, Cardeais e Juízes. Juiz eu não podia ser, por não ser Bacharel. Vi, então, que o único caminho que me restava era sentar praça na Legião de Deus, como padre, o que poderia me levar até a ser Príncipe da Igreja. Além disso, poderia me tornar Confessor-de-mulheres, o papel que sempre considerei o mais fascinante da vida! Já pensaram que maravilha, confessar Damas e damiselas, ouvir seus belos e tentadores pecados e, carinhosamente, aconselhá-las por esse caminho? Com esse objetivo, entrei para o Seminário da Paraíba. Mas não soube guardar a virtude cristã da paciência: ainda como seminarista, comecei a confessar logo as moças. Um dia, estava confessando uma linda e ardorosa companheira de dúvidas religiosas que me pedira alguns esclarecimentos sobre a nossa santa Fé. Fui surpreendido *com a mão na massa* e expulso vergonhosamente do Seminário.Voltei para o Sertão. Um dia, tive uma ideia genial: a de instalar um Consultório Sentimental e Astrológico. Isso me devolvia o maravilhoso direito que têm os padres de confessar as Damas. E com uma vantagem: a confissão feita pelos padres é gratuita. A minha é paga, sem que isso diminua em nada o direito que, como os padres, eu tenho, de consolar, aconselhar e iniciar as mocinhas em certos segredos, mistérios e rituais religiosos da vida. Podia, além disso, fazer dos meus carinhosos conselhos o passo inicial para me tornar Massagista-de-Senhoras, um posto sem o qual a confissão perde quase a metade do seu encanto. Sim, porque meu Consultório é também religioso. Refletindo sobre as diversas religiões do mundo, descobri que os grandes Profetas do Judaísmo, do Cristianismo e do Catolicismo-romano são exigentes que só a peste! São pessoas como Isaías, São João Batista ou São Francisco, que querem, à força, que a gente, para ser Profeta, seja sóbrio, casto e

humilde como eles. Eu sempre quis ser, além de Rei, Profeta; mas isto sem renunciar ao queijo de cabra, à carne de sol, ao vinho e às mulheres. Notei, então, que o Cristianismo nos leva ao Céu, mas tem esse mau costume de nos proibir tudo o que é bom. Ouvindo um sermão do nosso virtuoso e duro Padre Renato, descobri que certas seitas muçulmanas dão à gente o direito de ter muitas mulheres; mas, ao mesmo tempo, proíbem o vinho e as costelas de porco torradas com farofa, ao mesmo tempo em que, como garantia o Padre, são danadas para nos levar ao Inferno, por heresia. Diante disso, fundei, para mim, uma Religião independente, o Catolicismo-sertanejo! Esta fé, sendo judaica e cristã, me salva a alma. Mas, ao mesmo tempo, sendo árabe-sertaneja, e não romana, permite que eu mantenha meu bom comer, meu bom beber e meu bom... bem, meu bom *isso* que, nos dias melhores, fecha com chave de ouro os carinhos, massagens e conselhos que dou às moças, no Consultório. Pois bem: a história que passo a narrar é uma conchambrança e desaventura dessas que me acontecem no templo, no local-sagrado de meu Catolicismo-sertanejo! Vamos a ela, cujo título é "Casamento com Cigano pelo Meio"!

Abre-se o pano. Quaderna *está sentado à mesa do Cartório. Entram* Dona Perpétua *e* Seu Corsino.

Quaderna — Comadre Perpétua! Compadre Corsino! Então, finalmente, chegou o dia do casamento de Aliana e de Mercedes, minha afilhada...

Corsino — Chegou, Compadre! Viemos saber se os documentos estão prontos e se está tudo em ordem!

Quaderna — Tudo certo e na forma da Lei! Os noivos já chegaram?

Corsino — O noivo, você quer dizer! Porque somente Quintino Estrela, noivo de Mercedes, é de fora, do Pajeú! O de Aliana, Laércio, é meu sobrinho e é daqui mesmo. Acho que você conhece, é aquele que é caixeiro da loja de Antônio Fragoso.

Quaderna — Conheço, conheço! Quem é que não conhece Laércio Peba, aqui?

Perpétua — Quintino Estrela vive em situação muito melhor do que Laércio! É um moço rico, de boas posses, um boiadeiro importante do Pajeú! Laércio não pode nem se comparar com ele, como partido! Eu, por mim, sempre achei que Aliana merecia um casamento melhor do que Laércio!

Corsino — É, mulher, mas, com a seca, nós não podemos jogar fora o casamento de Aliana não. Desencalhar duas filhas no mesmo dia!

Quaderna — É, Comadre Perpétua! E afinal de contas Laércio não chega a ser um lascado completo não, é caixeiro! Ele é assim meio desligado, meio ingênuo... Mas é um bom rapaz, e eu acho até bom que Aliana case no mesmo dia que Mercedes!

Perpétua — Pois então, Compadre Quaderna, veja os papéis com cuidado! Quintino Estrela chegou do Pajeú, acompanhado por dois amigos e sócios dele, Seu Aristides e o Cigano Pereira. Nós deixamos os três lá em casa, com as meninas, e viemos falar com o senhor.

Quaderna — Mas Comadre, a senhora deixou Quintino Estrela ver a noiva antes do casamento? Dizem que dá má sorte!

Corsino — Vire essa boca pra lá, Compadre! Isso é tolice, besteira desse povo ignorante do Sertão! Como é que pode dar errado um casamento como esse, com tudo acertado e combinado? Quintino foi à nossa casa pra conhecer o resto da família!

Quaderna — Ah, ele não conhecia vocês todos não, é verdade!

Perpétua — Ele conheceu Mercedes lá no Pajeú, naquele tempo que ela passou lá, em casa de minha irmã. Conheceu, apaixonou-se, pediu a moça por carta, noivou, e só veio aqui, hoje, para casar. De modo que não conhecia nem Corsino, nem eu, nem Aliana.

Corsino — Sim, Compadre Quaderna, mas nós viemos também para pagar ao senhor as custas do Cartório, pelo casamento!

Quaderna — Que é isso, Compadre! Eu ia, lá, cobrar custas pelo casamento de minha afilhada! As custas são meu presente para Mercedes, um dos muitos que ainda pretendo dar a ela.

Perpétua — Mercedes, casada, vai morar no Pajeú!

Quaderna — Manda-se, manda-se pelo correio! De qualquer modo, as custas eu ainda posso dar de presente a ela!

Corsino — Pois aceito, Compadre! Aceito e agradeço! Com a situação como está, toda ajuda é ajuda!

Entram Aristides *e o* Cigano Pereira.

Perpétua — Pronto, Compadre, esses são os amigos de Quintino! Seu Aristides! Seu Pereira! Aqui meu Compadre Pedro Dinis Quaderna!

Aristides — Prazer!

Cigano — Prazer!

Aristides — Já conhecia muito o senhor, de nome! Eu e Pereira, aqui, estamos precisando de seus serviços profissionais de Tabelião.

Quaderna — Pois não, atendo a vocês agora mesmo. Pode ser com meus compadres aqui, ou é assunto confidencial?

Corsino — Não, Compadre Quaderna, nós já íamos saindo, mesmo! Vamos pra casa. Quintino Estrela ainda está lá?

Aristides — Não, foi para o Vesúvio Hotel, onde estamos hospedados. Nós ficamos de encontrá-lo por lá.

Perpétua — Então nós já vamos, Compadre! Até mais tarde, para o casamento!

Quaderna — Até, Comadre! Até, Compadre Corsino! *(Os dois saem.)* Então, senhores, estou às suas ordens!

Aristides — Nós dois assinamos um documento que está aqui, lacrado, neste envelope. Só nós dois podemos saber o que ele tem. Por isso, queremos guardá-lo aqui, no cofre do Cartório, registrado em segredo de justiça! Sete chaves e sigilo absoluto! É possível?

Quaderna — É, claro! Desde que paguem as custas...

Aristides — Quanto é?

Quaderna — *(Preenchendo um formulário.)* Aqui pelo recibo vocês podem ver!

Cigano — Tão caro!

Quaderna — Que é que eu posso fazer? Tudo sobe! Veja: aí no recibo eu só mando imprimir uma parte, o lugar das custas é preenchido a mão, porque tem de subir toda semana! Outra coisa: vocês vão lá, ao Vesúvio Hotel, e digam ao amigo Quintino Estrela para passar aqui. Eu não quis receber custas do Compadre Corsino porque sou padrinho de Mercedes. Mas nem sou padrinho de Aliana nem compadre de Quintino, de modo que ele precisa aparecer aqui para se pronunciar sobre o assunto!

Cigano — Está bem! Custas rachadas, viu, Aristides? Me dê aí a metade!

Recebe a metade de Aristides e paga a Quaderna, que recebe o documento e vai trancá-lo no cofre, que pode estar em cena ou fora, a juízo do encenador.

Quaderna — Fiquem sossegados, ali ele está em absoluta segurança!

Entra Mercedes, furiosa.

Mercedes — Meu Padrinho...

Para, de repente, ao ver os dois, que ficam meio ressabiados e desconfiados pelo encontro.

Aristides — Bem, nós já vamos! Até logo! Muito prazer e muito obrigado!

Saem.

QUADERNA — Mercedes, minha afilhada querida! Você me parece tão perturbada! O que é que há?

MERCEDES — O que é que há, meu Padrinho? O que há é uma coisa horrorosa, e vim procurar o senhor, porque só você pode dar jeito nisso tudo!

QUADERNA — O que foi? Que foi que houve, Mercedes?

MERCEDES — Aquele desgraçado me fez a maior desfeita que você possa imaginar!

QUADERNA — Quem? Que desgraçado?

MERCEDES — Meu noivo, aquele peste de Quintino Estrela, que o Diabo leve para as profundas do Inferno!

QUADERNA — Que é isso, Mercedes, meu bem? Não diga uma coisa dessas de seu noivo! *(Passa carinhosamente o braço pelos ombros dela, segurando-a um pouco, firme, contra seu corpo.)* O que é que seu noivo pode ter lhe feito de mal, se, pelo que eu soube, não faz nem uma hora que ele chegou?

MERCEDES — Faz uma hora que ele chegou, mas já teve tempo de me fazer a maior desfeita que se pode fazer a uma noiva neste mundo! Você sabe que ele me conheceu no Pajeú, não sabe?

QUADERNA — Sei!

MERCEDES — Foi só ele me conhecer e ficar doido de apaixonado, dizendo que, ou casava comigo, ou morria! A gente se comprometeu, eu vim me embora e ele me pediu por carta! A paixão de Quintino continuava cada vez maior! Era carta em cima de carta, cada carta bonita que fazia gosto! Meu Padrinho, aliás, sabe disso muito bem, porque era de você que eu me valia para responder!

QUADERNA — *(Suspirando, melancólico.)* É verdade! E só Deus sabe como me ficava o coração para escrever aquelas cartas suas para ele, Mercedes!

MERCEDES — Meu Padrinho sempre brincalhão! Pois bem, meu Padrinho: com essa paixão toda, foi só Quintino chegar hoje aqui e botar os olhos em cima de minha irmã Aliana, para dizer que ela é muito mais bonita do que eu, e que agora ele não se casa mais comigo não, só casa se for com ela!

QUADERNA — Mas Aliana não vai casar com Laércio Peba?

MERCEDES — Foi o que meu pai lembrou a Quintino, esse pequeno detalhe! Mas Quintino está renitente: diz que não cede de jeito nenhum! Ou casa com Aliana, ou não casa com ninguém!

QUADERNA — Isso foi uma ruindade de seu noivo, minha afilhada! Como é que se troca uma moça bonita e viva como você por aquela cabra-morta de sua irmã?

MERCEDES — Você diz isso porque é meu padrinho e gosta de mim! Mas todo mundo diz que Aliana é mais bonita do que eu!

QUADERNA — É nada! Aliana é uma cabra-morta! Vive calada, com as mãos cruzadas no colo, espiando a maçaranduba do tempo. O povo pensa que aquilo é calma; mas não é não, é burrice: não ocorre nada a ela!

MERCEDES — Aliana é mais bonita! Tanto que Quintino Estrela não quer mais casar comigo e me largou por causa dela!

QUADERNA — Bem, se eu estivesse no lugar de Quintino, eu é que não queria essa troca! Mas gosto não se discute, e coração não se governa! Vamos até sua casa! Vou falar com seu pai e seu noivo! Você vai ver como ajeito tudo e como você termina casando é com Quintino, mesmo!

MERCEDES — Mas acontece que, agora, eu é que não quero me casar mais com aquela peste, aquela morrinha, aquela desgraça! Depois de uma ofensa dessas!

QUADERNA — Então, se você está com essa raiva toda dele, deixe Quintino casar com Aliana, como ele quer!

MERCEDES — Eu? Eu não! Fico desmoralizada, meu Padrinho! Sou mais velha do que Aliana dois anos! Vou lá deixar que ela case, antes de mim, com um noivo que foi meu?

QUADERNA — Calma, meu bem! Está começando a aparecer uma luz na minha cabeça! Me faça um favor: passe na loja de seu Antônio Fragoso e diga a Laércio Peba que eu quero falar com ele! Mas não saia por aí não! Saia aqui, pelo outro lado. *(Beija-a na testa, mas abraçando-a de modo mais íntimo e carinhoso do que o normal.)* Escute-me: dê um tempo e depois volte cá, com seu pai, sua mãe e sua irmã. Confie em mim, que tudo vai terminar se resolvendo!

MERCEDES *sai por uma porta. Entra, por outra,* QUINTINO.

QUADERNA — Quintino Estrela, muito prazer! Pedro Dinis Quaderna! Pedi que viesse aqui por causa das custas.

QUINTINO — Seu Pedro Dinis Quaderna, não tenho dúvidas em pagar as custas, mas só depois de ter certeza de que vou casar e *com quem* vou casar! Está havendo um pequeno problema no meu casamento com sua afilhada Mercedes.

QUADERNA — Já sei, ela esteve aqui. Olhe, você me desculpe estar, assim, me metendo neste assunto, mas Mercedes é minha afilhada e eu não posso entender que um casamento tão bem iniciado vá por água abaixo em condições tão incompreensíveis. Você não estava tão apaixonado? Não estava tão feliz com Mercedes, tão entusiasmado com o casamento?

QUINTINO — Estava, mas era porque não conhecia a outra moça, Dona Aliana! Depois que vi Dona Aliana, notei que ela é muito mais bonita do que Dona Mercedes, e que, casando com a irmã de minha noiva, eu faço muito melhor negócio do que casando com minha noiva, mesmo! Para um boiadeiro vivo, seria uma desmoralização casar com a mais feia, deixando, no mesmo dia, um bosta da qualidade desse tal de Laércio Peba casar com a mais bonita!

QUADERNA — Não, Laércio não chega a ser um bosta não, é somente meio abestalhado! E depois, eu não estou de acordo com esse julgamento não: por mim, eu prefiro Mercedes a Aliana!

QUINTINO — O senhor está doido! Dona Aliana é dez vezes mais bonita! Era a mesma coisa que, entre duas garrotas do mesmo preço, eu escolhesse a mais feia e deixasse a mais bonita para o bosta do Laércio Peba! Tenho razão ou não tenho? Seria uma desmoralização, um mau negócio! E, desmoralizado em negócio, um boiadeiro como eu não pode ficar! É uma questão de honra!

QUADERNA — Bem, se você encara a história como questão de honra, não tenho mais nem sequer o direito de me intrometer! Mas você entenda, também, minha posição, a situação em que me acho. Mercedes é minha afilhada, de modo que você não estranhe que eu, pelo meu lado, tome minhas providências para ajeitar a vida dela, que vai ficar meio desmantelada com esse casamento desmanchado assim, em cima da hora!

QUINTINO — Está no seu direito! Desde que não seja para me desmoralizar com um mau negócio na compra de duas garrotas como essas, o senhor tem toda liberdade para ajeitar a vida de sua afilhada!

QUADERNA — Está bem, agradeço a compreensão. Mas peço que saia um momento. Me espere aí fora, e só volte quando eu chamar, porque vem ali uma pessoa com quem preciso falar confidencialmente.

QUINTINO *sai por uma das portas. Entra* LAÉRCIO.

LAÉRCIO — Seu Quaderna, o senhor mandou me chamar?

QUADERNA — Mandei, Laércio, mandei! Me diga uma coisa: é verdade o que me contaram?

LAÉRCIO — Conforme! O que foi que contaram ao senhor?

QUADERNA — Mercedes veio me procurar aqui. Estava furiosa, porque esse noivo dela, Quintino Estrela, disse que agora, depois que viu sua noiva Aliana, não casa mais com a noiva dele não, só casa se for com a sua. É verdade, isso?

LAÉRCIO — É, parece que ele disse isso!

QUADERNA — Parece? Afinal, ele disse ou não disse?

Laércio — É, ele disse!

Quaderna — *(Fingindo escandalizar-se.)* Na sua frente?

Laércio — Bem, na minha frente mesmo, não! Ele pegou Tio Corsino por um braço, chamou assim pra um canto da sala e disse tudo a ele, baixo.

Quaderna — Baixo? E como foi que você ouviu?

Laércio — Eles começaram a discutir, Quintino levantou a voz, e foi aí que todo mundo ouviu ele dizer que agora só casa se for com Aliana, que é muito mais bonita!

Quaderna — E você está de acordo com isso, homem?

Laércio — Eu? Eu não!

Quaderna — E por que não reagiu logo, ali na hora?

Laércio — *(Meio aparvalhado.)* Reagir como?

Quaderna — Você devia, pelo menos, ter ameaçado de dar umas tapas naquele boiadeiro atrevido!

Laércio — Umas tapas? *(Meio sem jeito.)* É, eu devia, talvez, ter dado umas tapas nele. Mas Quintino estava armado, e eu não!

Quaderna — É verdade, tem razão! *(Reforçando.)* Além disso, Quintino está sendo acompanhado pelo Cigano Pereira, que, como todo mundo sabe, é homem criminoso e de maus-bofes!

Laércio — *(Satisfeito pelo pretexto.)* É isso mesmo! Foi por isso que não reagi!

Quaderna — Quer dizer que vai deixar correr tudo como Quintino quer?

Laércio — Eu? Eu, não! Fiquei calado na hora, mas, quando ele saiu, eu disse a Tio Corsino que não estava de acordo nem que ele se danasse comigo! Agora, quero ver como é que o casamento desse boiadeiro se faz!

Quaderna — *(Propositadamente casual.)* E Compadre Corsino? Está a seu favor ou a favor de Quintino Estrela?

Laércio — A meu favor, é claro!

Quaderna — Ele garantiu isso? Deu a palavra dele?

Laércio — Não! Mas como é que Tio Corsino pode ficar do lado de um sujeito que ele conheceu hoje pra ficar contra mim, que sou sobrinho dele?

Quaderna — *(Pensativo.)* É mesmo! Olhe, Laércio, Mercedes pediu que eu resolvesse esse caso, e é o que vou tentar, caso você não faça objeção!

Laércio — Que é isso, Seu Quaderna! Se o senhor resolver essa história, me faz, também, um grande favor, uma obra de caridade!

Quaderna — Então, saia um pouco para a outra sala. Seu Tio vem ali com a família. Preciso falar com eles, e sua presença iria atrapalhar um pouco a conversa.

Sai Laércio. *Entram* Corsino, Perpétua, Mercedes *e* Aliana.

Corsino — Ah, Compadre Quaderna, que problema! Já soube da desgraça que nos aconteceu?

Quaderna — Soube assim, por alto! Laércio esteve aqui e me contou, mais ou menos, a história!

Perpétua — Ah, Laércio esteve aqui... E o que foi que ele disse? Qual é a opinião dele sobre isso?

Quaderna — Laércio acha que já estava tudo combinado, de modo que, pelo gosto dele, ele casa, mesmo, é aqui com Dona Aliana!

Corsino — É o diabo! É danado! E acontecer uma história dessas no dia, quase na hora do casamento!

Quaderna — Qual é sua opinião sobre isso tudo, Compadre?

Corsino — E eu sei lá, Compadre de minh'alma! Estava tudo tão bem combinado, e agora esse rapaz do Pajeú sai-se com uma doidice dessa qualidade!

Perpétua — Um rapaz como Quintino, tão agradável, tão bem apessoado! E rico! O homem compra e vende bois por aquele mundo todo, dizem que ganha um dinheirão! E a gente perder esse genro, na situação difícil em que estamos... É danado!

Mercedes — *(Encrespando-se.)* Mamãe, quem ouve você falar, vê logo que você está do lado de Quintino e Aliana, contra mim!

Perpétua — *(Chorosa.)* Minha filha, que do lado de Quintino que nada! Estou é do lado de vocês todos! Mas, se Quintino tem esse gosto, se está com essa teimosia, acho que não custava ceder *um pouco* ao que ele quer!

Corsino — Ceder? Ceder coisa nenhuma, mulher! Se a gente ceder Aliana a ele, assim sem mais nem menos, Mercedes fica sem casar!

Mercedes — O quê, meu pai?

Quaderna — *(Interrompendo.)* Um momento! Um momento, minha afilhada! Compadre Corsino, eu queria que vocês saíssem e me deixassem ter, aqui, um particular com minha afilhada Mercedes! Vocês poderiam sair um pouco, lá para a outra sala? Não, nessa não! Na outra!

CORSINO — Vamos, Aliana! Vamos, Perpétua! Eu não dizia a vocês que Compadre Quaderna era o único homem capaz de resolver essa complicação?

Saem os três para outra sala que não a de LAÉRCIO.

QUADERNA — Mercedes, minha querida! Por que você mesma não resolve essa história?

MERCEDES — Eu, meu Padrinho? Como?

QUADERNA — Ceda Quintino a Aliana e case com Laércio!

MERCEDES — Eu? Pra ficar desmoralizada, aceitando aquele idiota, *sobejo*, *resto* de Aliana?

QUADERNA — *Sobejo*, não! Laércio só seria *resto* de Aliana se ela já tivesse acabado o casamento com ele! Mas ela não acabou não, ainda é noiva dele, de modo que você é quem vai tomar o noivo dela!

MERCEDES — Mas aí ela vai tomar o meu!

QUADERNA — Aliana não vai *tomar* coisa nenhuma sua, porque, quando ela noivar, você já terá deixado Quintino por Laércio! Ela é quem vai ficar com seu *resto*, com Quintino, com o *sobejo* que você vai deixar!

MERCEDES — *(Animando-se um pouco.)* Sabe que é mesmo? *(Desanimada de novo.)* Mas Laércio é um abestalhado!

QUADERNA — Melhor pra nós, Mercedes! Melhor para mim, que gosto tanto da minha afilhada e que, assim, vou poder ficar com ela, aqui em Taperoá! Se você casasse com Quintino Estrela, ia-se embora morar no Pajeú e nunca mais eu botava os olhos em cima de você! E, mesmo que viesse cá de vez em quando, aquele boiadeiro tem cara de sujeito ciumento e desconfiado! Nunca mais ele ia deixar que você viesse aqui ao meu Consultório Sentimental para eu lhe *deitar* cartas, *ler* sua mão e *tirar* seu horóscopo!

MERCEDES — *(Olhando-o nos olhos.)* Ah, se meu Padrinho quisesse, eu bem sabia com quem era que havia de casar!

QUADERNA — Não pode, meu amor! A diferença de idade é muito grande!

MERCEDES — Que besteira, meu Padrinho! Eu não ligo isso não, e tenho tanto carinho por você!

QUADERNA — Eu também, Mercedes! O que eu sinto por você é uma coisa tão pura! Mas você sabe que, pelas leis de Deus, nem padrinho pode casar com afilhada, nem compadre com comadre! Sabe o que é que acontece com quem desrespeita essa lei?

MERCEDES — Não!

QUADERNA — Vai para o Inferno de cabeça pra baixo e é obrigado, toda noite, a dormir com o Diabo, na cama dele!

Mercedes — Deus me livre!

Quaderna — *(Persignando-se.)* E a mim também! Mas veja: seu casamento com Laércio é que vai resolver nossa situação, a sua e a minha! Laércio é um rapaz bom, ingênuo, sem maldade, incapaz de desconfiar de qualquer coisa nesse mundo! Casando com ele, fique certa de que vou poder continuar orientando sua vida aqui, pelas cartas! Você virá aqui, de vez em quando, e uma coisa eu lhe garanto: não vai ser por falta de carinho e de assistência moral que você vai sofrer, com o abandono de Quintino e a leseira de Laércio!

Mercedes — *(Vingativa.)* Sabe do que mais, meu Padrinho? Você tem razão! Então é assim, é? Um me larga, o outro é um besta, meu pai e minha mãe me desprestigiam, só meu Padrinho é quem pensa em mim, fica do meu lado e gosta de mim? Pois eu topo! Topo a troca de Quintino por Laércio!

Quaderna — *(Abraçando-a carinhosamente.)* Pois Deus recompense seu bom gênio, meu amor! Você é um anjo! Nem Quintino nem Laércio merecem você! Sua bondade é que vai resolver o problema e fazer a felicidade de todo mundo! *(Indo à porta.)* Comadre Perpétua! Compadre Corsino! Dona Aliana! Cheguem aqui. *(Entram os três.)* Olhe, Compadre, me ocorreu, aqui, uma ideia que pode resolver tudo!

Perpétua — Resolver tudo? Como?

Quaderna — Trocam-se os noivos. Mercedes casa com Laércio e Aliana com Quintino!

Corsino — *(Decepcionado.)* Oxente, eu pensei que era alguma novidade! Nisso nós já tínhamos pensado! Foi o que Quintino propôs, mas Laércio e Mercedes não quiseram! Mercedes está de acordo, agora?

Quaderna — Mercedes, com o gênio de santa que tem, não faz objeções! Mas, com uma condição! Mercedes concorda com a troca contanto que seja ela a primeira a acabar o noivado oficialmente! Só depois disso é que Quintino pede Dona Aliana em casamento! Dona Aliana concorda?

Aliana — Era o que faltava, eu ligar pra essas besteiras de homem-sim, homem-não!

Perpétua — *(Escandalizada.)* Minha filha!

Aliana — Pra mim, tanto faz Quintino como Laércio, tanto faz casar como não!

Perpétua — Minha filha!

Aliana — Caso com qualquer um dos dois, e também posso até deixar de casar de uma vez! Pra mim, tanto faz!

Quaderna — *(Baixo, para Mercedes.)* Está vendo que cabra-morta? *(Alto.)* Como todos podem ver, é a solução!

Corsino — Mas será que Laércio concorda?

Quaderna — Deixem comigo! Voltem para a sala onde estavam, que vou falar com Laércio! *(Saem, acompanhados por Mercedes.)* Laércio! Venha cá, por favor! *(Entra Laércio.)* Olhe, Laércio, estive falando com o pessoal de sua noiva e o negócio parece que está meio empancado para o seu lado! Comadre Perpétua acha que você, sendo pessoa da família, poderia ter mais boa vontade e ceder *um pouco* para que tudo se resolvesse!

Laércio — Mas ceder *um pouco* como? Resolver tudo, como? Dando minha noiva a Quintino?

Quaderna — Não, *dando* sua noiva não, *trocando* sua noiva pela de Quintino! Ele casa com Aliana, como está querendo, e você casa com Mercedes!

Laércio — Mas Aliana é mais bonita!

Quaderna — Que tolice, Laércio! Todas duas são bonitas, todas duas são boas moças, todas duas são suas primas! Pra você, não faz diferença nenhuma!

Laércio — Pois se não faz diferença é melhor que eu me case mesmo com Aliana! Eu já era noivo dela, me acostumei com essa ideia, de modo que caso é com ela, mesmo!

Quaderna — Laércio, eu, se fosse você, pensaria um pouco mais no assunto. Com a seca, a situação está muito ruim. Você é um caixeiro, Quintino Estrela tem muito mais dinheiro do que você. Seus tios não me disseram nada diretamente, mas, pela nossa conversa, eu entendi que eles não estão em condições de perder aquele genro boiadeiro e rico de jeito nenhum! Em último caso, eles vão ter que fazer somente o casamento de Aliana com Quintino. E aí vai ser pior para você: todo mundo vai ficar mangando e rindo de você, porque tomaram sua noiva e não lhe deram nada em troca!

Laércio — Mangando de mim porque não me deram nada em troca...

Quaderna — Agora veja como a coisa muda de figura se você casar com Mercedes! Primeiro, ninguém pode dizer mais que você ficou sem nada, porque você terá ganho outra noiva em troca da que perdeu. Em segundo lugar, por enquanto está tudo no mesmo pé: você ainda é noivo de Aliana, e Quintino é noivo de Mercedes.

Laércio — Eu sou noivo de Aliana e Quintino é de Mercedes...

Quaderna — Caso se faça o acordo, Mercedes vai a Quintino e acaba o casamento dela. Aí, você vai a Aliana e acaba o seu!

Laércio — Quem acaba sou eu...

Quaderna — Claro! Depois, você vai a Mercedes e noiva com ela! Somente depois disso tudo é que Quintino pede Aliana! Assim, ninguém pode dizer que Quintino tomou sua noiva. Você é quem vai tomar a noiva dele, porque vai noivar com ela antes dele noivar

com aquela que tinha sido sua. E nisso tudo você ainda pode lucrar uma boa compensação no negócio, Laércio!

LAÉRCIO — Lucrar? Uma compensação? Que compensação?

QUADERNA — Aqui no Sertão, quando a gente troca uma novilha ou uma potranca por outra melhor, não paga um dinheiro ao dono da boa, como *volta*?

LAÉRCIO — Paga!

QUADERNA — Pois, mal comparando, se você trocar Aliana por Mercedes, você pode conseguir uma *volta* no negócio! Seu Tio Corsino vai ficar tão contente por poder de novo casar as duas filhas no mesmo dia, que bem pode dar alguma coisa a você, em troca de sua boa vontade.

LAÉRCIO — O senhor acha que Tio Corsino pode me dar alguma coisa boa?

QUADERNA — Acho! Você quer que eu fale com ele sobre isso?

LAÉRCIO — Quero, quero! Fale, Seu Quaderna! Se Tio Corsino me der uma volta boa, mesmo, eu topo a troca e o casamento com Mercedes! Agora estou vendo que o senhor tem razão: todas duas são bonitas, todas duas são minhas primas e qualquer uma das duas me serve!

QUADERNA — Então, ótimo, Laércio! Só gosto das pessoas assim como você, abertas e compreensivas! Saia de novo, vou falar com seu tio!

Sai LAÉRCIO. QUADERNA *vai à porta por onde saiu* CORSINO.

QUADERNA — Compadre Corsino, dê um pulo aqui! Sozinho! Preciso falar-lhe em particular! *(Entra CORSINO.)* Compadre, falei com Laércio. No começo, ele ficou contra a nossa ideia. Mas eu discuti e terminamos chegando a um acordo. Ele concorda em ceder Aliana a Quintino se, em troca, você der a ele Mercedes e mais uma volta!

CORSINO — Pois está certo! Eu dou a volta, pra ninguém dizer que não tive boa vontade. O que é que Laércio quer, de volta?

QUADERNA — Ele não me disse não, mas eu pensei o seguinte. Laércio tem um pequeno pedaço de terra, que ele comprou com as economias do que ganha como caixeiro. Soube que ele andou querendo comprar uma junta de bois para trabalhar na terra e não pôde fazer o negócio por falta de dinheiro. Por que você não dá a Laércio uma junta de bois de carro?

CORSINO — Ah, não! Uma junta é demais! Dou um boi, só!

QUADERNA — Mas Compadre, ele vai ceder a noiva! Veja que não é coisa pouca não! Dê a junta!

Corsino — Dou um boi e já é demais! Não discuta isso não, Compadre! Quem sabe das minhas posses sou eu, quem sabe o que eu posso dar ou não, sou eu! Dou o boi: se ele quiser, o casamento de Mercedes com ele se faz. Se não, não se faz: Aliana casa com Quintino e acabou-se!

Quaderna — Está bem, vou ver se ele aceita! Qual é o boi que você vai dar?

Corsino — É um boi que se chama "Bordado". Desmancho a junta que ele faz com "Bem-Feito" e dou "Bordado" a Laércio.

Quaderna — Está bem, Compadre, saia um pouco: vou fazer a proposta a Laércio. Mas não fale dessa história da volta a Mercedes de jeito nenhum! Diga somente que Laércio concorda, em princípio, e que eu estou ultimando os termos do acordo.

Corsino — Está bem. *(Sai.)*

Quaderna — Laércio! *(Entra Laércio.)* Laércio, meus parabéns. Está tudo resolvido! Você cede Aliana a Quintino, casa com Mercedes, e seu sogro lhe dá, como volta, um boi de carro que ele tem, "Bordado".

Laércio — Ah, não! Um boi, só? Até a junta é pouco! Pra que desmanchar a junta que "Bordado" faz com "Bem-Feito"? Então meu tio acha que ceder minha noiva àquele boiadeiro safado é coisa pouca? Não, assim não cedo não! Diga a Tio Corsino que ele me dê a junta completa e mais vinte contos, que aí eu aceito!

Quaderna — Mas Laércio, que exagero! A diferença de Mercedes para Aliana também não é tão grande assim não!

Laércio — Seu Quaderna, isso não discuta não, porque eu sei o que estou fazendo! Quem vai ceder a noiva sou eu, de modo que quem determina a volta sou eu! Para mim, é uma questão de honra!

Quaderna — Está bem, Laércio! Com questões de honra não se brinca! Saia! *(Laércio volta a seu lugar.)* Quintino! Quintino Estrela! Venha cá, por favor! *(Entram Quintino, Aristides e o Cigano Pereira.)* Quintino, o negócio do seu casamento está bem encaminhado e pode se resolver. Falei com Laércio Peba: ele concorda em ceder Aliana a você, casando ele, em troca, com Mercedes!

Quintino — E não foi o que eu propus desde o começo? Por que aquele bosta não cedeu logo?

Quaderna — Bem, você veja que não é fácil uma pessoa se convencer assim, logo, que deve ceder a noiva a outro e casar com a irmã dela! Mas agora Laércio viu que, para ele que é primo, tanto faz casar com Mercedes como com Aliana!

Quintino — Então, ótimo! O casamento vai ser religioso com efeito civil. Os papéis estão prontos, não estão? Então vamos para a igreja, que o padre está esperando.

QUADERNA — Espere, homem! Existe, ainda, uma dificuldade a vencer! Laércio concorda com a troca, mas exige uma volta, pelo fato de Aliana ser mais bonita do que Mercedes — o que, aliás, você foi o primeiro a reconhecer! Fui procurar Compadre Corsino e ele mandou oferecer a Laércio um boi de carro. Mas Laércio só aceita se for uma junta e mais vinte contos. Lembrei-me então de que você, sendo boiadeiro e homem rico, pode dar a parte da volta que está faltando, isto é, um boi e mais vinte contos!

QUINTINO — Olhe aí, Seu Quaderna, essa volta está grande demais! Se a coisa vai nesse pé, daqui a pouco termino fazendo mau negócio de novo! Diga a esse tal de Laércio que o que eu posso fazer é dar o outro boi, pra ele completar a junta. Os vinte contos, eu não dou não. Não acha, Aristides?

ARISTIDES — Acho, Quintino! Assim, mau negócio por mau negócio, era melhor não ter nem começado a troca das noivas!

QUINTINO — Tem razão, Aristides! Diga a Laércio, Seu Quaderna, que dou o boi! Se ele quiser, está resolvido! Se não, sei que termino me casando com a noiva dele e ele sem noiva nenhuma!

QUADERNA — Está bem! Vamos ver o que se pode fazer.

CIGANO — Será que o tal do Laércio não aceita somente a junta de bois?

QUADERNA — Acho que não, Seu Pereira! Pela cara dele, o homem não cede nisso nem a cacete! É questão de honra!

CIGANO — Chame Laércio aqui pra gente conversar! Tenho um certo jeito para esses assuntos de troca e volta, de modo que acredito que posso ajudar!

QUADERNA — Pois vamos ver! Laércio! *(Entra LAÉRCIO, que fica todo enfarruscado ao ver QUINTINO.)* Laércio, quero lhe fazer um apelo! Fizemos, aqui, um acordo, e consegui o outro boi. Não dá pra aceitar a junta, só, não?

LAÉRCIO — Seu Quaderna, eu tive a maior das boas vontades! Abri mão da minha noiva pra outro somente pra não causar problemas e ver todo mundo feliz! Agora, também espero boa vontade das outras partes! Abrir mão de Aliana, eu abro, mas desses vinte contos, não tem quem me faça! Nessas questões de honra, eu sou duro!

QUADERNA — Então, acho que vai voltar tudo para o mesmo pé, porque esses vinte contos eu não vejo de onde tirar! Consegui a junta de bois. Mas quem iria entrar com esses vinte contos?

CIGANO — Eu! Eu pago os vinte contos!

QUADERNA — O quê?

CIGANO — Está estranhando, não é?

QUADERNA — O senhor não se ofenda não, mas nunca ninguém ouviu dizer que um cigano desse vinte contos assim a ninguém, fosse por qual motivo fosse!

CIGANO — Vocês entendem já! Você sabe, Laércio, que eu sou amigo de Quintino Estrela, amigo pra rir e pra chorar! O pessoal diz por aí que cigano é gente incapaz de gastar dinheiro, mesmo com um amigo... É verdade que eu já ganhei dinheiro com o casamento de Quintino, porque fui eu que vendi a ele os cavalos da nossa viagem, do Pajeú até aqui. Assim, os vinte contos serão tirados do lucro que tive nessa venda. Mas, mesmo assim, a verdade é que o lucro já está no meu bolso, e o dinheiro vai sair dele. Assim, dagora por diante, vocês já podem dizer a todo mundo que viram um cigano gastar dinheiro grosso só por causa da amizade que tem a uma pessoa. Você dá sua palavra de que, com esses vinte contos, não aparece mais dificuldade nenhuma e o casamento se faz, Laércio?

LAÉRCIO — Dou!

CIGANO — Pois então, tome! Você recebe os vinte contos é agora! E vamos dar a boa notícia aos outros!

QUADERNA — Comadre Perpétua! Compadre Corsino! Aliana! Mercedes! Venham cá, por favor! *(Entram todos.)* Está tudo resolvido, e o casamento já pode se fazer!

CORSINO — Do jeito que foi combinado?

QUADERNA — Tudo certo, como foi combinado! Mas tudo tem que se passar como eu disse, não admito a menor ofensa a minha afilhada! Mercedes, acabe seu noivado com Quintino!

MERCEDES — *(Furiosa.)* Não quero me casar mais com você não, Quintino! Me dê minha aliança! *(QUINTINO obedece. MERCEDES joga a dela na cara dele. LAÉRCIO, de quatro pés, procura a aliança pelo chão e termina por apanhá-la.)*

QUADERNA — Bem, esse noivado está terminado e todos viram que foi Mercedes quem acabou! Laércio, acabe o seu com Aliana! *(LAÉRCIO vai a ALIANA e entrega-lhe a aliança, que ela recebe, ficando um momento sem saber o que fazer. LAÉRCIO, com um gesto, pede a sua, que ALIANA entrega.)* Bem, estão todos livres. Agora, Laércio, peça Mercedes em casamento!

LAÉRCIO — Tio Corsino, eu soube que Mercedes acabou o noivado dela com Quintino Estrela! Sendo assim, eu queria noivar com ela! Descobri que não é de Aliana que eu gosto não, é de Mercedes!

CORSINO — Pode noivar, Laércio! Faço muito gosto nesse casamento!

LAÉRCIO *e* MERCEDES *trocam alianças.*

QUADERNA — Agora, Quintino Estrela, se quiser, pode pedir Aliana!

QUINTINO — Dona Aliana, Dona Mercedes acabou o casamento comigo! Estou com o coração despedaçado! A senhora não quer me consolar, aceitando ficar no lugar de sua irmã e casando comigo não?

ALIANA — Pra mim, tanto faz! *(Trocam alianças.)*

PERPÉTUA — Vamos então para a igreja, que o padre está esperando há bem uma hora!

MERCEDES — Vão vocês! Eu tenho ainda um assunto a tratar com meu Padrinho. Vão na frente, eu chego já!

Saem todos, menos MERCEDES *e* QUADERNA.

QUADERNA — Minha afilhada, por que prolongar o meu martírio? Já que você tem de casar, que seja logo, para eu sofrer menos!

MERCEDES — Não, meu Padrinho! Tenho que lhe falar de um assunto muito sério. O senhor não disse que me achava mais bonita do que Aliana?

QUADERNA — Disse, e acho!

MERCEDES — Acha nada! Eu ouvi tudo dali, e sei que o abestalhado do Laércio só me aceitou com uma volta! Pra ele se convencer, o senhor chegou a me comparar com uma garrota ou uma égua!

QUADERNA — Uma égua não, uma potranca, e das mais lindas que conheço! Eu disse, de fato, isso, e consegui a volta. Mas isso não significa que seja essa minha opinião: eu tinha que falar assim, senão o negócio não se fazia!

MERCEDES — Não, você não está entendendo não, meu Padrinho! Eu acho que todo mundo tem razão: Aliana é, mesmo, mais bonita do que eu! Assim, se você, em vez de tomar o partido dela, tomou o meu, que sou menos bonita, tem direito também a uma volta... *(A luz do palco é apagada por QUADERNA.)*

MERCEDES — Que é isso? Por que apagou a luz?

QUADERNA — Pra gente conversar mais à vontade! Sempre ouvi dizer, no Seminário, que não se deve deixar para depois o que se pode fazer logo!

MERCEDES — Ou melhor, por que deixar para Laércio o que pode ser do meu querido padrinho? Só tenho medo é de que Laércio, hoje de noite, note alguma diferença entre o que ele espera e o que não existirá mais!

QUADERNA — Que nada, minha afilhada! Laércio, mesmo em estado normal, é incapaz de notar seja o que for! Essa boa qualidade dele será agravada, desde que você, de noite, ajude a bendita cegueira dele com um ou dois pequenos fingimentos. Por mim, assumo o compromisso de, na festa, fazer Laércio beber mais do que o necessário. Você vai

ver, ele vai pegar no sono antes de tentar qualquer coisa e amanhã será ainda mais fácil ele não notar nada!

Mercedes — Ai!

Quaderna — O que foi?

Mercedes — Bati com a perna aqui no sofá e caí deitada, nele!

Quaderna — Coitadinha! Vou fazer uns agrados na sua perna para a dor passar!

Mercedes — Meu Padrinho! O que é isso?

Quaderna — Nada, meu amor! Tirei seu horóscopo, hoje. Lá se diz que, no dia de hoje, as moças do seu signo não devem ter hesitações em negócios amorosos porque, se a pessoa amada denotar firmeza, isso prenuncia felicidade para o resto da vida!

Mercedes — Então é por isso que você está denotando tanta firmeza! Quando eu me batizei, não foi você que me serviu de padrinho numa cerimônia de iniciação?

Quaderna — Foi!

Mercedes — Pois essa é a segunda vez que você me faz essa caridade!

Quaderna — É verdade! Ali, você entrava na infância! Quando virou moça, entrou na adolescência. Agora, vou ajudar você a encerrar a adolescência e a juventude, esse período que, como disse um estudante, fica situado entre a infância e o adultério! *(Pausa.)* Agora, vá para junto de seu noivo, meu amor! Nunca serei suficientemente grato para lhe pagar a bondade e o carinho com que me tratou! *(A luz se acende. Quaderna está sozinho e se dirige ao público.)* Foi assim que tudo se resolveu e eu vivi alguns dos momentos mais felizes de minha vida, coisa que, como fiel cristão que sou, desejo a todos os nobres Senhores e belas Damas de peitos brandos que me ouvem! Um só fato me deixava intrigado em tudo aquilo: eram os vinte contos do Cigano Pereira. Mas a explicação me chegaria quase imediatamente. Na igreja, o casamento estava quase no fim quando me entraram, de volta, no Cartório, Seu Aristides e o Cigano Pereira.

Quaderna senta-se à mesa e começa a escrever e a examinar documentos. Entram Aristides e o Cigano Pereira.

Cigano — Seu Quaderna, viemos pedir, de volta, aquele documento que ficou no cofre.

Quaderna — *(Atendendo ao pedido.)* Pois não!

Cigano — Seu Quaderna, vi que o senhor é um dos meus, de modo que não posso deixar, de maneira nenhuma, que o senhor tenha uma ideia falsa a meu respeito. Agora, o senhor já pode: leia o documento, por favor.

QUADERNA — *(Depois de passar a vista no papel.)* É uma aposta!

CIGANO — É! Apostei com Aristides que seria capaz de convencer Quintino Estrela a trocar Mercedes por Aliana. Se conseguisse isso, ganharia cinquenta contos de Aristides, pagando a ele a mesma quantia em caso contrário.

QUADERNA — Mas Seu Aristides não fez nada para impedir!

ARISTIDES — Como o papel dele era o mais difícil, ficou combinado, no contrato, que Pereira poderia "tomar iniciativas", e eu não!

CIGANO — Graças ao senhor, porém, eu só tive que tomar duas iniciativas. A primeira, quando, na hora em que chegamos, mostrei a Quintino que a noiva de Laércio era mais bonita e que ele faria um mau negócio casando com a dele mesmo. A outra, foi a de pagar os vinte contos da volta a Laércio. Mas, mesmo aí, fiz bom negócio: gastei vinte contos, mas agora recebo esses vinte e mais trinta, pela aposta. Valia a pena arriscar, e foi por isso que com tanta facilidade eu concordei em completar a volta que Laércio exigia.

QUADERNA — Ah, agora estou entendendo tudo e posso dizer que matei a charada. O casamento terminou, o pessoal vem aí para tomar comigo um copo de vinho. Vocês estão convidados. *(Entram os três casais, de braço dado, e QUADERNA os vai saudando pelo ritmo da entrada meio triunfal.)* Compadre Corsino... Comadre Perpétua! Quintino Estrela... Dona Aliana! Laércio Peba... *(Carinhoso e efusivo.)* Mercedes, minha afilhada! *(Beija-lhe galantemente a mão.)* Entrem, entrem, estou muito feliz, porque, talvez sem muita semelhança, nisso, entre as leis da Vida e as leis do Código, o casamento de Mercedes e Aliana é um desses raros acontecimentos em que tudo termina bem, com todo mundo lucrando e todo mundo satisfeito.

PERPÉTUA — O que foi que nós ganhamos?

QUADERNA — Vocês, meus Compadres, desencalharam duas filhas solteiras e dispendiosas e ganharam dois genros como sonhavam. *(Todos aplaudem o casal.)*

QUINTINO — E nós?

QUADERNA — Aliana ganhou um marido mais rico do que o noivo que tinha, e Quintino uma mulher que dizem ser mais bonita do que a noiva que lhe estava destinada — opinião que absolutamente não é a minha, Dona Aliana que me perdoe!

ALIANA — Era o que faltava eu ligar uma besteira dessas!

LAÉRCIO — E eu? O que foi que eu ganhei, mesmo?

QUADERNA — Ganhou Mercedes, uma junta de bois e mais vinte contos! Acha pouco?

LAÉRCIO — Não, Seu Quaderna, tenho que reconhecer, na frente de todos, que, com o que o senhor fez aqui a mim e a Mercedes, eu fico lhe devendo para o resto da vida uma

obra de caridade.

QUADERNA — Então tome mais um copo de vinho, para celebrar.

MERCEDES — *(Carinhosa.)* E eu, meu Padrinho?

QUADERNA — Você ganhou um marido bom e confiante e o direito de continuar tirando horóscopos aqui em meu Consultório sempre que precisar ou tiver vontade. Eu, além da alegria de prestar um serviço a Mercedes, ganhei o direito de continuar a conviver com ela, que agora continua morando aqui, de modo que posso continuar dando conforto, consolação e assistência moral a uma afilhada ardorosa e muito querida — como aliás é minha obrigação de padrinho. O Cigano Pereira teve o lucro da venda dos cavalos e mais trinta contos que ele ganhou numa aposta, que fez com Seu Aristides.

ARISTIDES — Mas eu perdi a aposta. Então, o que foi que ganhei?

QUADERNA — Ganhou uma viagem de recreio a Taperoá com todas as despesas pagas por Quintino. E ganhou, sobretudo, a lição de que ninguém deve nunca, em hipótese nenhuma, fazer aposta com cigano. *(Dirige-se ao público.)* E como fui vitorioso também nesta conchambrança, tenho de novo o direito de me coroar, o que, desta vez, como Napoleão, vou fazer por minhas próprias mãos! (*Ergue a Coroa acima da cabeça, olhando-a*.) Foi Deus quem me deu esta Coroa, ai de quem tocar nela! (*Ajusta a Coroa na cabeça*.) Peço que os outros atores voltem para cantarmos juntos, numa Apoteose, o Hino que escrevi contra os inimigos do Brasil — os gringos de fora e os entreguistas de dentro! Inclusive os entreguistas culturais! Toquem a música. Vamos cantar todos e depois me acompanhem porque, vencendo mais uma vez minha modéstia e humildade cristã, vou sair de cena seguido por meu Cortejo real! (*Soa a música e todos cantam, saindo, depois, em Cortejo, com QUADERNA à frente.*)

TODOS — Brasileiros que têm vergonha etc.

FIM DO SEGUNDO ATO.

Terceiro Ato

No mesmo cenário que os dois primeiros. A um canto, um caixão de defunto, com quatro velas grandes, nos ângulos; ou então, pelo menos uma grande vela, no lugar em que se presume estar a cabeça do morto. Adélia, vestida de encarnado, está imóvel, noutro canto, com um porquinho na mão. Entram o Juiz, Doutor Rolando Sapo, e Quaderna. O Juiz é incrivelmente míope e enfia o nariz em tudo, para poder ver.

Juiz — Mas é possível? Não houve um jeito de nos livrarmos desse defunto sem dono?

Quaderna — Não estou dizendo ao senhor que fiz o que foi possível? Chegaram com o caixão, derramaram o pacote e foram-se embora!

Juiz — Isso é coisa pra Igreja resolver! O padre tinha mais obrigação!

Quaderna — Foi o que eu disse, mas eles responderam que daqui é que devia partir o enterro!

Juiz — E o Cego morreu aqui?

Quaderna — Morreu na rua. Mas, como pedia esmola sentado aí na porta do Cartório, ficaram logo dizendo que era nossa obrigação!

Juiz — E onde é que está o defunto?

Quaderna — Aí, Seu Juiz! Aí!

Juiz — Nossa Senhora! Não diga! Onde?

Quaderna — Ora onde, aí! Aí!

Juiz — *(Apalpando um móvel.)* Estou vendo, aqui! Coitado de Pedro Cego, morrer assim! Aqui é o nariz?

Quaderna — Não, aí é o armário!

Juiz — O *armário* do defunto? Vote! Vai pra lá que eu não sou de sacrilégio!

Quaderna — Doutor, o nariz é do outro lado!

Juiz — Que é do outro lado, eu sei! De um lado fica o nariz, o "armário" é do outro lado! É aqui?

Quaderna — Não, Doutor! É do outro lado da sala!

JUIZ — Ah, sim, agora encontrei. *(Ajoelha-se.)* Achei, está aqui! Pedro Cego, que a terra lhe seja leve! *(Apalpa o porquinho de Adélia.)*

QUADERNA — Doutor, isso aí é o porco!

JUIZ — Não diga isso! Respeite os mortos! Respeite Pedro Cego, que ele já morreu!

QUADERNA — Eu sei que ele já morreu! Mas isso aí é um porco e ainda está vivo!

JUIZ — Ora pinoia! E onde é que está esse peste desse defunto pra pelo menos se rezar por alma dessa desgraça?

QUADERNA — Mais pra lá! Mais pra lá!

JUIZ — Aqui? Cheguei, afinal?

QUADERNA — Mais pra lá um pouquinho!

JUIZ — *(Topando.)* Ai! Ai! Que diabo foi isso?

QUADERNA — Um banco!

JUIZ — Isso é uma desgraça! Que coisa mais trabalhosa só é procurar defunto! É aqui, finalmente?

QUADERNA — É! Doutor, o senhor precisa arranjar um par de óculos! O senhor está ficando meio míope!

JUIZ — Que míope que nada! É que ultimamente as coisas deram para ficar longe! Sou um saco de doenças, mas, quanto a isso de ver, enxergo perfeitamente! *(Aponta o clarão da vela.)* Por exemplo: vejo a luz! Quando vejo a claridade sei logo que é a janela! Ai! Quase queimo as pestanas! Diabo de janela mais quente!

QUADERNA — Doutor Rolando, isso aí é a vela!

JUIZ — Que vela?

QUADERNA — É a vela grande que está aí, alumiando o corpo de Pedro Cego!

JUIZ — Ah, o peste do defunto! Mas me diga mesmo, Quaderna, isso aqui é lugar de ninguém morrer? Quem já viu uma coisa dessas, um defunto no Cartório! Que negócio mais sem jeito! Isso é que é um defunto inconveniente! Bem, se não tem outro jeito, faz-se o enterro com a verba de conservação do prédio! Pedro Cego, vá com Deus!

QUADERNA — Doutor, é o porco de novo!

JUIZ — Eu vi, eu vi que era o porco! Ó Quaderna, que diabo faz esse porco aqui no Cartório? Será que é pouco o defunto, inda trazem um porco!

QUADERNA — Foi Dona Adélia quem trouxe!

Juiz — Ah, foi? Bem, se fede um pouco, pelo menos está vivo! Venha cá, meu filho! *(Apalpa Adélia, que lhe dá uma tapa na cara.)*

Adélia — Êpa, vá pra lá!

Juiz — Que foi isso? Bati com a venta no muro?

Quaderna — Não, bateu na dona do porco! O senhor, Doutor Rolando Sapo, sem querer, pegou no "armário" da dona!

Juiz — Quem é a dona?

Adélia — Eu, Adélia!

Juiz — A senhora me desculpe! Mas, também, pra que inventou de trazer porco pra cá? Dar-me uma tapa na cara!

Adélia — O senhor também me desculpe! Mas, também, por que inventou de errar e me catucar?

Juiz — Não faça confusão não, está ouvindo, Dona Adélia? Fique aqui, junto da janela, pra eu poder diferençar! Pronto, agora não erro mais não: o caixão está de preto e ela está de encarnado! Assim, não tem mais errada! Se eu avisto um vulto preto, sei logo que é o caixão. O vulto encarnado, é a dona do porco! Pronto, está bem! O que foi que esse porco veio fazer aqui, com dona e tudo?

Adélia — Era o que eu ia dizer: o porco está em questão!

Juiz — Ele é seu?

Adélia — Não era não, mas agora é. Ele era de Carmelita, mas agora é muito é do meu!

Juiz — Quem é essa Carmelita?

Adélia — Carmelita é uma *catarina*!

Juiz — Uma Catarina? De Bumba-meu-boi, é?

Quaderna — Carmelita é uma mulher-dama, uma rapariga que está aí, na zona, no Rói-Couro! Chegou há um mês, de Campina Grande, e está tudo quanto é de homem doido por ela! É uma mulher linda!

Juiz — E o nome de mulher-dama agora é Catarina, é?

Adélia — Não é Frei Roque quem chama? Frei Roque chama as mulheres casadas de *caseiras* e as damas de *catarinas*!

Quaderna — O Rói-Couro está assim, está assim de catarina! É a coisa mais animada!

Juiz — E a senhora, Dona Adélia? A senhora é catarina do Rói-Couro?

Adélia — O quê? Doutor, me respeite! Não é besta não? Eu sou uma mulher séria! Catarina é sua mãe!

Juiz — Ah, é caseira! Desculpe!

Adélia — Doutor, eu não sou caseira nem catarina, está bem? Eu sou donzela e solteira!

Juiz — Desculpe, Dona, eu pensei...

Adélia — O senhor não pensou nada nem vai pensar, está bem?

Juiz — Está! Então, em que posso servi-la? O que é que há, donzela?

Adélia — O que há, é que esse porco entrou-me em casa e quebrou-me o vidro de minha cristaleira!

Juiz — O porco é da catarina que tem nome de Carmelita?

Adélia — É, não, *era*! Ele me deu, hoje, um grande prejuízo! A dona não quer pagar, fiquei com o porco pra mim!

Juiz — Então, está tudo em paz, não vejo questão nenhuma!

Adélia — Mas eu vejo! Essa tal de Carmelita não se conforma em pagar o prejuízo e nem quer me dar o porco! É uma mulher perigosa e tem péssimos costumes! Está aí fora, com uma navalha na mão! Diz que, se eu não devolver o porco, ela me desmoraliza e me dá uma navalhada! Aí, eu vim pra cá, pro senhor me garantir a vida e meu direito!

Juiz — Essa é boa! Toma o porco que pertence a uma catarina e quer que eu garanta tudo! Quaderna, fale, diga: essa tal de... Catarina, essa tal de Carmelita é braba, mesmo?

Quaderna — É mesmo que o cão, Doutor Rolando Sapo!

Juiz — Meu Deus, meu Deus, que perigo! Será que ela vem pra cá?

Adélia — Quem sabe? O senhor saia e vá perguntar a ela!

Juiz — Deus me livre! Dona Adélia, sabe do que mais? Deixe de complicação, senão eu mando prendê-la! A senhora entre um pouco para ali, que eu já resolvo seu caso!

Adélia — Mas é pra resolver mesmo, viu? *(Sai.)*

Juiz — Minha Nossa Senhora, num dia só, um defunto, um porco e uma ameaça de navalhada! O que é que falta me acontecer?

Quaderna — O que falta lhe acontecer já vem por ali! É Dona Júlia Sousa! Ela não vem aqui, hoje, para a audiência de desquite?

Juiz — É mesmo, nem me lembrava! Não digo que sou sem sorte! Com tanta mulher por aí, por que logo Dona Júlia achou de se desquitar?

QUADERNA — O que é que tem Dona Júlia pro senhor ficar tão aperreado?

JUIZ — Ela não é a parteira?

QUADERNA — É!

JUIZ — Pois é ela quem me acode quando eu estou apertado!

QUADERNA — Oxente! A parteira? Não me diga que o senhor já pariu algum menino!

JUIZ — Que pariu que nada, Seu Quaderna! Não é besta não? Dona Júlia é quem me dá a lavagem que me salva, o clister que me destranca, quando estou nos meus apertos! Sem ela, me arrisco até a ter nó na tripa!

QUADERNA — Pensava que nó na tripa fosse doença de pobre! E o senhor toma clister? Nunca pensei que um Juiz passasse por essas coisas!

JUIZ — Pois eu passo e é o jeito! Passo, de três em três dias! Sou um saco de doenças! Tenho uma úlcera de estômago e duas no duodeno! Para o lado do pulmão, caverna é o pau que mais tem! Vivo roncando e tossindo, com laringite, bronquite, asma e catarro-maléfico! Nas pernas, é reumatismo! Nos braços, tenho fraqueza e retração dos tendões, além de mau jeito nos cotovelos. Para o lado do intestino, é onde está o pior! É aquilo que você sabe: paralisia epilética, flatulência, nó na tripa, e aquela prisão de ventre inteiramente trancada, que é presa incomunicável, sem *sursis* nem *habeas corpus*! Só quem relaxa a prisão de ventre que me persegue é Dona Júlia, a parteira!

QUADERNA — Não deixa de ser um parto!

JUIZ — Só ela é quem sabe a receita! Só ela sabe a maneira de cozinhar e a proporção das ervas e substâncias! Ela me dá um clister de mastruço, quenopódio, fedegoso, quebra-pedra, louro, cabeça-de-negro, jurubeba, quina-quina, couro de tamanduá, raspa de unha de preguiça, erva amarga, pinhão-brabo, capeba e casca-sagrada!

QUADERNA — E resolve o aperto?

JUIZ — Bem, resolve! É garantido: tomou, destampou!

QUADERNA — Também, com essa mistura toda, destampa-se até cimento! Pois, Doutor Juiz, se prepare, porque vem chegando, agora mesmo, a parteira do clister! E vem com o advogado, com o Doutor Ivo Beltrão!

JUIZ — Ivo Beltrão? Não fico aqui não, Quaderna! Se Dona Júlia contratou esse doutor-chicaneiro, esse magrelo safado, é que está disposta a tudo! Fique você! Mas se esconda! Ouça o que eles dois conversam e depois me conte tudo! Se a coisa não for difícil, volto e julgo esse desquite! Ma se tudo se complica, vou dar parte de doente!

QUADERNA — De doente?

JUIZ — Sim! Dou parte de doido e passo o cargo ao suplente! Ele, que não tem nó na tripa, que resolva o caso como puder e da maneira mais decente!

Sai. QUADERNA *esconde-se. Entram* IVO *e* JÚLIA*, ele de toga, ela de vestido vermelho.*

JÚLIA — O senhor viu, Doutor? Aquela *quenga* safada está bem aí, na esquina!

IVO — Quem? Que *quenga*?

JÚLIA — Carmelita! O senhor não conhece ela não?

IVO — Não, Dona Júlia! Eu sou um homem casado e não vivo pelo Rói-Couro não! Não sei nem quem é Carmelita!

JÚLIA — Pois ela está ali! Na certa, soube que é hoje a audiência em que se tenta o acordo pra não haver o desquite! É por isso que está ali!

IVO — Mas Dona Júlia, se acalme!

JÚLIA — Me acalme que nada! Essa é a catarina que me roubou meu marido! É a causa do meu desquite! Sabe do que mais, Doutor? Vou acabar com moleza e dar umas tapas na cara dela!

IVO — Dona Júlia, que é isso? A senhora dá as tapas, pode tirar sangue nela! Diz o Código Penal que isso é crime! Quem é que se prejudica?

JÚLIA — Cadê o Código?

IVO — Aqui, olhe!

JÚLIA — Me dê! Está bom! É duro, grosso e pesado! Vou jogar na cara dela!

IVO — Dona Júlia, pense um pouco! A coisa mais alta e nobre que o homem tem é a lógica! Se todos usassem lógica, o mundo seria outro! Quer fazer esse desquite?

JÚLIA — Quero! Meu marido é um peste!

IVO — Então sente aí e deixe que eu oriente seu caso! A desmoralização dessa *dama* Carmelita fica para outra vez! Vou obrigá-la a vir cá depor como testemunha! Faço-lhe umas perguntas venenosas, ela vai me respondendo, se irrita, se zanga, diz o que quer e o que não quer, termina se desmoralizando!

JÚLIA — O senhor garante que cita essa catarina? Que ela vem aqui no Cartório e que se desmoraliza na frente de todo mundo?

IVO — Garanto! A questão, Dona Júlia, é a senhora pagar! A senhora me pagando, eu cito até o Diabo!

JÚLIA — Fico muito satisfeita que o senhor me diga isso, porque era exatamente o Diabo que eu ia pedir agora para o senhor citar!

IVO — Oxente!

JÚLIA — Oxente por quê? O senhor não disse que depende de pagamento? Pois eu também digo: o pagamento depende disso! Ou o senhor cita o Diabo, ou eu não lhe pago nada!

IVO — E como diabo é que eu posso citar quem nunca existiu? Dona Júlia, o Diabo não existe!

JÚLIA — Não existe o quê? Como é que não existe, se todo mundo sabe que ele berra, que tem rabo, casco, chifre e que aparece às pessoas?

IVO — Dona Júlia, isso é conversa que as pessoas religiosas inventam para intimidar o Povo e ficarem com prestígio!

JÚLIA — Tenha vergonha, Doutor! O senhor é ateu, é?

IVO — Sou! Eu não já disse que meu Deus é minha lógica? Como é que eu posso aceitar a existência do Diabo, que é a coisa mais sem lógica que existe nesse mundo?

JÚLIA — Ah, quer dizer que ele existe! Pode ser disparatado, mas que existe, isso existe!

IVO — Nada disso! Foi um modo de falar! Eu sou ateu!

JÚLIA — Pois seja ateu ou não seja, hoje, aqui, o senhor vai citar o Diabo!

IVO — Cuidado, o Juiz vem chegando!

JÚLIA — Cuidado? Cuidado, o quê? Se é ele quem vai fazer o que eu quero! O senhor vai requerer, mas quem vai citar o Diabo é ele! *(O JUIZ entra, tateando, e QUADERNA, sem que ninguém o note, sai de seu esconderijo.)* Não tem nada de cuidado! Doutor Rolando Sapo, muito bom dia!

JUIZ — A donzela de encarnado!

JÚLIA — Como é? Donzela o quê? Donzela o quê, Seu Juiz?

JUIZ — Não é mais donzela não? Pois diga que resolveu seu problema bem depressa! Eu não já disse que a senhora me esperasse? Fique perto da janela!

JÚLIA — Não sou donzela nenhuma!

JUIZ — É ela! Está de encarnado! Me diga mesmo: a senhora não é a mulher do porco?

JÚLIA — Sou! O senhor tem razão! Meu marido é um porco, mesmo!

IVO — Doutor Rolando!

Juiz — De preto? É o caixão! *(Ajoelha-se.)* Pedro Cego, siga em paz o seu caminho pra sua última morada!

Quaderna — Seu Juiz, é o Doutor Ivo! É porque ele está de toga!

Juiz — Ah, é Ivo! Como vai, Ivo? Onde é que está o defunto?

Ivo — Que defunto?

Juiz — Oi, roubaram, foi? Não tem um defunto solto aí pela sala não, Ivo?

Ivo — Oxente, tem! Que diabo é isso?

Júlia — É Pedro Cego: esticou a canela! Não havia quem fizesse o enterro dele, eu mandei trazer pra cá!

Ivo — Vote! No Cartório?

Juiz — E onde é que está a mulher do porco?

Júlia — Aqui!

Juiz — O porco quebrou sua cristaleira?

Júlia — Nada disso! Era o que faltava! E ele é homem pra isso? Quebro aquela cara cínica! Dou-lhe uma facada na boca e outra no zebescuefe! Era o que faltava! Além de largar a casa ainda quebrar os móveis! Ele não vai mais nem em casa, Doutor! Desde ontem que anda no mundo. Mas hoje ele me paga! Doutor, vim só lhe dizer: nada de conciliar! Me desquite agora mesmo daquele porco safado!

Juiz — Vote! Quer se desquitar do porco?

Júlia — Quero! Não está na Lei? Não sou casada com ele?

Juiz — Com o porco, minha senhora?

Júlia — É!

Juiz — Mas me diga uma coisa: é do porco dessa tal de Carmelita que a senhora está falando, é?

Júlia — É esse mesmo!

Juiz — Tenho ouvido falar, no mundo, de todos os tipos de tara e safadeza, mas como essa agora, nunca! Mulher tarada por porco? É o fim do mundo!

Quaderna — Doutor, a mulher é outra!

Juiz — Espere! Quantas mulheres de porco tem aqui? *(Adélia aparece.)*

Quaderna — Duas!

Juiz — Todas duas de encarnado?

Quaderna — Todas duas de encarnado!

Juiz — A confusão vai ser grande! Espere! Onde é que está a mulher de encarnado do primeiro porco?

Adélia — Sou eu, estou aqui!

Juiz — A senhora fique ali! Cadê seu porco?

Adélia — Está aqui!

Juiz — O porco é de Carmelita?

Adélia — Era, agora é meu!

Juiz — É o que vai ser apurado! Muito bem! Onde está a mulher de encarnado do segundo porco?

Júlia — Aqui, sou eu!

Juiz — O porco é seu?

Júlia — Era! Agora, é de Carmelita!

Juiz — Então, por que tanta briga? Não tem problema nenhum: Carmelita perdeu um porco lá, recebeu outro por cá, por que tanta confusão?

Júlia — Acontece que esse porco que ela recebeu *por cá*, em troca do que perdeu, é meu marido!

Quaderna — Doutor Rolando, essa aí é Dona Júlia, que veio para a audiência! Não quer mais conciliar: diz que a tal da Carmelita roubou o marido dela! Ele largou a casa ontem!

Juiz — Ah, é Dona Júlia! Como vai, Dona Júlia?

Júlia — Mal, muito mal! E o senhor?

Juiz — Vou como a senhora sabe!

Júlia — Eu comecei meu desquite e as coisas iam mais ou menos quando Frei Roque se meteu. Disse que tem esperança de, como ele diz, "salvar" meu casamento! Disse que ia procurar meu marido para obter que ele deixasse, de vez, aquela mulher desgraçada! Mas foi pior! Até ontem, meu marido pelo menos não tinha abandonado a casa. Com a interferência de Frei Roque, parece que resolveu fugir com a catarina. Digo isto porque desde ontem que Manuel não me aparece, que não pisa lá em casa. Mas conto com o senhor, Doutor Rolando Sapo, para resolver o caso aqui a favor de sua amiga!

Juiz — Lá vem desordem, Quaderna! Olhe, Dona Júlia, eu tenho que resolver seu caso como os outros, dentro da Lei!

Júlia — Ah, é? Pois resolva seus *trancados* de acordo com a Lei, também! De hoje em diante, Doutor, não conte com a garrafada! Se o senhor quer "bancar Anjo", vai "virar Anjo" também! *Mais nada*, entendeu, Doutor? Por nenhuma extremidade! Nem garrafada por cima, nem destrancado por baixo!

Juiz — Eu não disse que este caso ia acabar em desordem? O que é que a senhora quer que eu faça, Dona Júlia?

Júlia — Era o que eu estava dizendo aqui ao Doutor Beltrão! Mas, quando ia explicar tudo, sua chegada interrompeu!

Quaderna — Vai se interromper de novo, Dona Júlia, porque seu marido vem chegando aí com Frei Roque!

Júlia — O quê? É possível? Doutor Ivo, me segure, senão faço uma besteira! Dou umas tapas em Manuel!

Entram Manuel Sousa e Frei Roque. Manuel é homem bonachão. Acha graça na mulher, Júlia, gosta dela a seu modo, mas não pode ver mulher. Não quer se separar, mas também não quer deixar Carmelita. Frei Roque fala com sotaque estrangeiro. É um frade brabo, virtuoso e pitoresco.

Ivo — Dona Júlia, se acalme! Ai!

Frei Roque — *(Protegendo Manuel.)* O que é isso, Dona Júlia?

Júlia — O que é isso? O que é isso é que eu vou dar umas tapas no peste do meu marido e vai ser agora mesmo!

Ivo — Isso pode atrapalhar seu direito no desquite! Use a lógica, Dona Júlia!

Juiz — Olhe a conciliação, Dona Júlia! Isso aqui é uma audiência de conciliação!

Júlia — Conciliação, uma peida! Hoje aqui nessa porqueira não se concilia nada! Doutor, me desquite logo aí!

Juiz — Mas Dona Júlia...

Manuel — Mas Júlia, por que essa raiva toda?

Júlia — Você ainda pergunta, desgraçado? Sem-vergonha! Você que largou a casa?

Manuel — Eu?

Júlia — Você que combinou com Carmelita, aquela desgraçada, pra ela ficar ali, se encontrar com você para virem os dois, juntos, me desmoralizar?

MANUEL — Eu?

JÚLIA — Sim, você que procura me humilhar a cada instante!

MANUEL — Eu nunca pretendi humilhar você, Júlia! Que conversa mais sem jeito!

JÚLIA — Cachorro, peste, safado! Eu mato esse miserável! Dou-lhe de pau! Quer saber do que mais, Doutor? Me desquite logo, aí!

JUIZ — Dona Júlia!

IVO — Doutor Juiz, requeiro a Vossa Excelência que mande tomar por termo todos os motivos que minha constituinte tem pra pedir desquite!

FREI ROQUE — Ninguém tem motivo nenhum pra pedir desquite nenhum! O casamento só presta na indissolubilidade!

IVO — O senhor, Frei Roque, é bem contrário ao divórcio...

FREI ROQUE — Contra o divórcio, nem se fala! Eu sou é contra desquite! A favor do divórcio? Do desquite? Nem morta!

IVO — Isso é obscurantismo da Igreja Católica!

FREI ROQUE — É? E a digna progenitora, a mãe, era obscurantista? Hein? Hum? Responda, Doutor Ivo!

IVO — Nada disso vem ao caso! Doutor Rolando Sapo, requeiro que o senhor mande anotar os motivos do desquite! Crueldade mental, vida irregular notória em toda a cidade e, finalmente, abandono do lar!

JÚLIA — Ah, isso aí é o que eu não admito nem posso suportar! O resto ainda ia, a gente se zanga, mas suporta! Agora, isso de ser largada, desmoraliza a mulher! Perguntam: "Quem é aquela?" E os outros respondem: "É a parteira, Dona Júlia, largada pelo marido!" Foi isso que me levou, ontem, a uma decisão. Era o que estava explicando aqui, quando esse peste chegou! Eu fiquei com tanta raiva ontem, Doutor, que fechei um negócio, um pacto com o Diabo!

FREI ROQUE — Dona Júlia, o que é isso? Você é ateu, é?

JÚLIA — Que ateu que nada, Frei Roque! Eu não sei que Deus existe? Quem fez o mundo? Se Deus não existisse, esse mundo era, todo, um disparate! Sou do partido de Deus! Acontece que, o que eu queria, ontem, só era possível com o Diabo! Então, quando foi de noite, botei o medo de lado e fiz um negócio com ele!

FREI ROQUE — A senhora perdeu o juízo, foi, Dona Júlia? Perdeu a vergonha? A senhora sabe o que acontece a quem faz pacto com o Diabo? Vai pro Inferno de cabeça pra baixo! Não vai não? Vai! Que negócio a senhora fez com o Diabo?

JÚLIA — Fiz um contrato pra o Diabo carregar este nojento, meu marido Manuel Sousa! Eu dava ao Diabo a minha alma, contanto que hoje, bem cedo, ele trouxesse Manuel pra casa e depois carregasse ele, abraçado a Carmelita, todos dois para o Inferno, ali, devagar, na minha vista, queimando os dois pra eu ver! Como o Diabo não fez isso, quero que o Doutor Rolando mande intimar o Diabo pra vir aqui, se explicar!

JUIZ — Eu não disse que isso ia dar em desordem? Quem já viu se intimar o Diabo?

JÚLIA — Ou o senhor intima o Diabo, ou se entope, e é de vez!

JUIZ — Dona Júlia, que maldade! Não houve nem sequer um requerimento em termos!

JÚLIA — Por isso, não! Doutor Ivo, faça o requerimento!

IVO — Dona Júlia, isso é um disparate! Eu posso, lá, requerer um negócio sem lógica como esse?

JÚLIA — Ah, é assim? Pois não lhe pago nem um tostão!

IVO — Mesmo que eu requeira, o Juiz recusa essa petição, por inepta!

JÚLIA — Se ele recusar, eu passo a chave nele, de vez! Nunca mais ele abre a porta pro que tem dentro sair! A comida entra por cima, mas não sai pelo vice-versa!

IVO — *(Embaraçado.)* Doutor Rolando, não tenho outro caminho! Vou requerer! O senhor decida como quiser! Passo a batata quente para suas mãos!

JUIZ — O azar é meu! E se ao menos a batata fosse batata de purga... Seja como Deus quiser!

IVO — "Ilustríssimo Senhor Doutor Rolando Sapo, Meritíssimo Juiz de Direito desta Comarca-perdida, competente neste pleito. Júlia Torres Vilar Sousa, aqui domiciliada, boa e famosa parteira, Clisterzeira diplomada, casada já de alguns anos, brasileira desbocada, requer a Vossa Excelência que mande citar o Diabo pra que ele venha a Juízo! A seu tempo, provará que fez com ele um negócio. E, como não se cumprisse o que lhe tinha pedido em troca de sua alma, quer condenar o Bandido! Que mandem citar o Diabo! Seja na Terra, no Inferno, no fogo do Vento-seco, nas asas do Pensamento! Termos em que, com respeito, se pede deferimento. Taperoá, 24 de Agosto, dia do Diabo! Taperoá, terra seca, de outro nome, Batalhão! Terra de pedras e cabras, de gado, Cobra e algodão! Por seu bastante Advogado, Procurador-assinado, Ivo Caxexa Beltrão."

JUIZ — E eu atendo! Trancado é que não vou ficar! "O Doutor Rolando Sapo, Doutor Juiz de Direito desta Comarca famosa de Taperoá, chamada, Batalhão apelidada, de acordo com a Lei etc. etc. Certifico a todo mundo, do Céu, da Terra, do Inferno, que, atendendo ao requerido da Senhora Júlia Sousa, Clisterzeira-diplomada, ordeno, a qualquer dos dois Oficiais de Justiça que assistem nesta Comarca, que façam citar o Diabo! Que ele

venha aqui! Compareça à audiência marcada, sob as penas que a Lei manda!" Tome, cumpra, Seu Quaderna! Que desordem mais danada!

QUADERNA — *(À parte.)* Pois sim! O Diabo citado! Quem diria uma coisa dessas? Mas era o único jeito de atender à encomenda e resolver o problema como fora planejado! *(Começa a gritar, agitando numa das mãos o mandado do JUIZ, e na outra, uma campa.)* A Caseira e a Catarina ou o Processo do Diabo! Que façam citar o Diabo! Que ele venha para a audiência sob as penas que a Lei manda! O Processo do Diabo! *(De repente, para no limiar da cena e interrompe a saída que ia fazendo.)* Danou-se! Agora vai haver tapa, aqui! Lá vem!

JUIZ — *(Persignando-se.)* Quem é que lá vem, Quaderna? É o Diabo?

QUADERNA — Antes fosse! É Carmelita, com navalha e tudo! Ai!

Corre para fora de cena. Entra CARMELITA, *com uma navalha na mão. O pânico é geral. Somente* FREI ROQUE *fica no meio da sala, absolutamente calmo, com as mãos nos quadris. Ele se aproxima de* CARMELITA.

CARMELITA — Frei Roque, não venha não que o senhor se estraga! Estou disposta a cortar a cara até do senhor!

FREI ROQUE — Carmelita, olhe aqui! Se você for para a igreja vestida como está, com as axilas de fora, não dou comunhão não! E sabe o que é axila? É sovaco! Não é não? É! Deixe de brabeza, filha! Me dê aqui essa navalha! Hein? Hum? Que é isso? Dê cá! Sim, assim, bonitinha, hein? Obrigado!

MANUEL — *(Sem conter o entusiasmo.)* Mas ela é muito bonita, não é, Júlia? É formidável!

JÚLIA — O quê, desgraçado?

FREI ROQUE — Calma! Acabem com essas brigas, senão tomo uma providência das minhas! Estou ficando cansado dessas brabezas daqui! Parem, antes que eu me zangue! Carmelita, que história é essa de entrar aqui armada de navalha?

CARMELITA — Vim tomar meu porco!

ADÉLIA — Seu, não, meu! Você me paga o vidro da cristaleira que o porco quebrou?

CARMELITA — Não!

ADÉLIA — Então, o porco é meu!

FREI ROQUE — É mesmo! É dela e acabou-se! Quem deu prejuízo, paga!

JÚLIA — E o outro porco?

FREI ROQUE — Que porco?

Júlia — Meu marido! Como é que se resolve o caso dele? Vai ficar pra Carmelita?

Frei Roque — É mesmo! Carmelita, o que foi isso? Você não tinha me prometido que não se metia pro lado dos homens casados?

Carmelita — Prometi!

Frei Roque — E como é que, agora, quer tomar Manuel da mulher dele?

Carmelita — Mas não sou eu que quero tomar não, é ele que quer ser tomado!

Frei Roque — E por que você não dá logo o fora nele?

Carmelita — Não, Frei Roque, assim também é demais! Ele é tão entusiasmado! E depois, tem uma coisa: eu fui violentada, fui estuprada por ele!

Frei Roque — Estuprada? Como? Você não confessou isso, Manuel!

Carmelita — Logo que eu cheguei de Campina, eu estava, um dia, lá na sala da Pensão de Xandu, quando ele se debruçou na janela e disse: "Mas é muito bonita, ela!" No outro dia, lá estava ele de novo na janela, todo cheio de manejos, com aquele entusiasmo! Esse Manuel é, mesmo, um sujeito impossível!

Júlia — Ah, safado!

Carmelita — Foi assim que começou! Aí, um dia, eu estava lá, perto ali do corredor que leva para meu quarto, não sabe onde é, Ivo?

Ivo — Eu? Eu, não!

Carmelita — Aí, Manuel chegou! Isso é um homem impossível, Frei Roque! Chegou e foi logo dando um cheiro aqui no meu cangote! Fiquei toda arrepiada! E ele começou a se rir e me cheirar... Ô homem impossível! Me abraçou, atracou-se comigo, naquele entusiasmo... E ia dizendo assim: "Ah, Carmelita, minha neguinha!" E ficava cheirando meu cangote! Aí, foi me empurrando, me empurrando, quando eu vi, estava no quarto!

Frei Roque — Por que não correu?

Carmelita — Ah, Frei Roque, é porque Manuel nunca deu um cheiro no cangote do senhor!

Frei Roque — Vote! Vade retro, Satanás!

Carmelita — Se ele desse um cheiro em seu cangote, e depois um ou dois amassados bem carinhosos do jeito que ele sabe dar, o senhor ia ver que isso é um homem impossível! Correr, o quê? Quando eu vi, estava no quarto! Aí, sem ter mais o que fazer, eu caí na cama!

Frei Roque — Caiu?

Carmelita — É, Frei Roque, não sei o que é que eu tenho que sempre acontece isso comigo: quando um homem impossível desse dá um cheiro em meu cangote, me dá aquela fraqueza nas pernas, que só vai me deitando! Aí, eu comecei a cheirar o cangote dele, também, e foi aquela agonia, aquela agonia, quando eu vi, estava sendo estuprada! Com aqueles manejos, aquele entusiasmo, aquele carinho todo, não há quem resista! Meu emprego não é esse?

Júlia — Ah, é, não é? Pois, com entusiasmo e tudo, você e ele vão se arrepender, e é aqui, hoje, agora! Está tudo muito bem: você é nova e bonita, eu já estou velha e estou feia! Ele cheira seu cangote e olha o meu com frieza! Você não trabalha em nada: eu trabalho de parteira! Você é a catarina: eu não passo da caseira! Mas apareceu um fato com o qual você não contava: eu vendi minha alma ao Diabo, que foi citado pelo Juiz e aparece aqui já, já!

Carmelita — Oxente, pra quê?

Júlia — Pra carregar você e esse peste safado pro Inferno!

Carmelita — O Diabo não vem!

Júlia — Ah, vem!

Ivo — Vem nada! Ô Dona Júlia, por que a senhora não segue a lógica?

Júlia — Que lógica que nada! Se fosse pra ir por lógica meu marido me larga mesmo, que eu estou velha e feia!

Manuel — Mas Júlia, que besteira, essa! Você não tem nada de velha e feia!

Júlia — Vá pra lá, safado ruim! Olhando o mundo com lógica, tudo vira disparate! Agora, se eu deixo a lógica e sigo meu disparate, então fica tudo claro! Eu sou de Deus!

Carmelita — Se a senhora é de Deus, por que chama o Diabo pra carregar quem também foi sempre dele?

Júlia — Foi você quem me meteu nessa encrenca, desgraçada! Pois pode ser que eu me lasque, mas vocês dois vão também! E vai ser aqui, agora! O Diabo já vem chegando e vai carregar vocês!

Juiz — Meu Deus, meu Deus! Que desordem!

Júlia — Pois seja ordem ou desordem, seja disparate ou lógica, já comecei, vou ao fim! Demônio! Pai da Mentira! Dragão cego e venenoso, Cobra cruel e maligna! Já que minha alma eu perdi, venha, e, em troca da minh'alma, execute o que pedi!

A luz baixa. Trovões e relâmpagos. Entra Quaderna disfarçado de Demônio. Frei Roque é o primeiro a correr, trepando-se num móvel.

Frei Roque — Ai! Valha-me Nossa Senhora! São Francisco! São Francisco!

Correm todos, menos Ivo *e o* Doutor Rolando.

Juiz — Que foi isso? Que barulho! Um vulto escuro! É o caixão?

Frei Roque — Caixão que nada, Doutor! É o Diabo!

Juiz — Ai!

Ivo — Amigos, tenham lógica! Isso é uma alucinação!

Frei Roque — Alucinação como, se eu estou vendo?

Juiz — Eu também estou vendo! Olhe o Diabo ali! *(Aponta para o lado contrário.)*

Ivo — Eu também estou vendo o Diabo! Mas é alucinação, tenho certeza! É sugestão coletiva causada pelas palavras que Dona Júlia gritou. Vamos por lógica: se o Diabo não existe, como é que pode aparecer?

Quaderna — Não existe? Não existe o quê, magrelo safado! Vou lhe mostrar como existo! Vou dar uma prova de quem sou, ressuscitando este morto que está aí!

Manuel — Meu Deus! Se ele conseguir, estou desgraçado!

Quaderna — Pedro Cego, eu sou o Diabo! Levante-se do seu caixão! Venham, forças infernais, venham, Demônios sangrentos! Que sopre o fogo do Inferno! Juntem-se as Carnes defuntas, os Ossos apodrecidos, e erga-se Pedro Cego do caixão em que repousa!

Novos trovões e raios. A luz baixa. No caixão, Pedro Cego *soergue-se, com uma lanterninha acesa na boca fechada, para parecer ainda mais com uma assombração de ressuscitado.*

Ivo — *(Ajoelhando-se.)* Valha-me Nossa Senhora! Meu Deus, tenha compaixão deste pobre pecador!

Quaderna — Saia! Saia, Pedro Cego, e vá para seu lugar!

Ivo — Ai, meu Deus! *(Corre para junto dos outros.)*

Juiz — Que foi? É o porco?

Manuel — Que porco que nada, Doutor! É o Diabo! Ressuscitou Pedro Cego!

Carmelita — Valha-me Deus!

Júlia — Meu Jesus!

Frei Roque — São Francisco!

Ivo — São Francisco!

Júlia — Diabo safado, Diabo ordinário! Por que não carregou meu marido?

Quaderna — Porque não pude!

Júlia — Não pôde? Que Diabo mais safado é esse que não sabe carregar as almas para o Inferno?

Quaderna — Quando foi que a senhora me encarregou de levá-lo? Quando foi o nosso trato?

Júlia — Foi ontem, à meia-noite!

Quaderna — Acontece que, nesta hora, ele estava em confissão com Frei Roque! Por isso não tive força para levá-lo para o Inferno!

Júlia — Ele estava com Frei Roque? Que história é essa, Manuel? Você não me deixou, ontem, pra viver com essa catraia?

Manuel — Mas, Júlia! Que violência! Não está vendo que eu não ia largar uma mulher tão boa?

Júlia — E por que é que você não foi dormir lá em casa?

Manuel — Está aí Frei Roque de prova: estava me confessando!

Júlia — Quem já viu uma confissão entrar pela noite adentro e seguir pelo outro dia?

Manuel — Chegamos a um certo ponto em que não foi possível um acordo!

Júlia — Que foi?

Manuel — Frei Roque só concordava em me dar absolvição se eu largasse Carmelita. E eu podia lá deixá-la!

Carmelita — *(Caricosa.)* Esse Manuel! Ah homem impossível! Obrigada, amor!

Júlia — Peste! Canalha! E o Diabo? O que é que me diz disso tudo?

Quaderna — Digo que vim cá buscá-la! Você me prometeu sua alma e eu vim buscar!

Carmelita — Boa, Seu Diabo! Essa tal de Júlia queria me desgraçar! Agora é ela quem vai pro Inferno! E eu me caso com Manuel! Você me dá uma casa, Manuel?

Manuel — Você se zanga comigo, Júlia, mas que ela é linda, isso é! É formidável!

Quaderna — Está tudo muito bem, mas vim foi pra carregar Dona Júlia! Chegue, Dona Júlia, venha! Com o Diabo, é sempre assim: invocou, apareceu, prometeu, trocou, pagou! A senhora vai pro Inferno e é agora! *(Agarra-a.)*

JÚLIA — Ai, ai! Seu Diabo, faça um acordo comigo! Me deixe e carregue o Doutor Rolando! Foi ele quem fez sua citação!

JUIZ — Que sacanagem é essa, Dona Júlia? Quem citou fui eu, mas a senhora foi quem fez o requerimento!

QUADERNA — Eu vou pela lei! Contrato é contrato, e a senhora me prometeu sua alma!

JÚLIA — Doutor Ivo, me defenda! Se eu for pro Inferno, como é que vou lhe pagar?

IVO — É mesmo! *(Aproxima-se do DIABO-QUADERNA.)* Pelo que ouvi, o senhor quer levar Dona Júlia por causa do contrato que ela fez, não é?

QUADERNA — É isso mesmo!

IVO — Esse contrato foi feito aqui na Comarca?

QUADERNA — Foi!

IVO — Código Civil, artigo 12: "É competente a autoridade judiciária brasileira quando o réu for domiciliado no Brasil ou aqui tiver de ser cumprida a obrigação."

QUADERNA — É da Lei de Introdução, conheço!

IVO — Conhece? Então sabe que aqui tem de ser cumprida a obrigação! Portanto, o Doutor Rolando é Juiz competente para o pleito. Reconhece?

QUADERNA — Reconheço! Mas acontece que o intimado sou eu e meu domicílio é outro!

IVO — Código de Processo Civil, artigo 148, inciso 1º: "A competência do Juiz se prorroga quando o réu não opuser exceção declinatória de foro." O senhor opôs?

QUADERNA — Não!

IVO — Então, Seu Doutor Diabo, Vossa Excelência desculpe, mas acaba de entrar no meu domínio, o da lógica!

QUADERNA — Esse é meu campo também!

IVO — Ah, e é? Então, estou em casa, vai ser um duelo de juristas! Vamos por partes. Você precisa de um defensor, de um advogado! Tem dinheiro?

QUADERNA — Não! Mas posso, aqui, num passe de mágica, conseguir o dinheiro que quiser!

IVO — Dinheiro falso! Isso é crime, está no Código Penal! Vá anotando, viu, Doutor Juiz? Dinheiro infernal não serve! Eu digo é dinheiro mesmo, dinheiro do Tesouro do Brasil! Está meio lascado e desmoralizado, mas ainda assim é o que vale, aqui! Tem dinheiro do Brasil? LBC, OTN, essas coisas?

QUADERNA — Desse, não tenho um tostão!

Ivo — Então, não pode pagar, tem que ser pela Assistência Judiciária! Indique seu defensor para o Juiz nomear! Quem é que o senhor escolhe?

Quaderna — Belzebu!

Ivo — Não pode, não está matriculado na Ordem dos Advogados! *(Para o Juiz.)* Doutor, nomeie Frei Roque!

Frei Roque — Eu? Não, de jeito nenhum! Também não estou matriculado!

Ivo — Na falta de advogado, pode ser qualquer pessoa!

Quaderna — Se é assim, Belzebu pode!

Ivo — A Lei diz "qualquer pessoa". Código Civil, artigo 4: "A personalidade civil do homem começa do nascimento com vida." Belzebu nasceu? Belzebu teve mãe? Passou pelo lugar por onde todos nós passamos, a chamada "porteira do Mundo"?

Quaderna — Não!

Ivo — Então não é pessoa, é assombração! Não pode! Nomeie Frei Roque, Doutor!

Frei Roque — Era o que faltava! Um filho de São Francisco terminar como advogado do Diabo! Não aceito! E se aceitasse era pra ser Promotor, pra fazer a acusação!

Ivo — Então, nomeie Pedro Cego, que deve ao Diabo o favor da ressurreição!

Juiz — O senhor aceita Pedro Cego, Seu Diabo?

Quaderna — Aceito.

Juiz — Então, está nomeado! Pedro Cego é o defensor!

Ivo — Vamos então pela lógica. O senhor acha que minha constituinte Dona Júlia contraiu uma obrigação...

Quaderna — *Acho*, não! Ela me prometeu a alma! Foi um contrato bilateral e tácito, não escrito. Código Civil, artigo 1.079. Concorda, Pedro Cego?

Pedro Cego — Concordo!

Ivo — Ah, vamos adiante: "Nos contratos bilaterais, nenhum dos contraentes antes de cumprir sua obrigação pode exigir o cumprimento da do outro." Concorda, Pedro Cego?

Pedro Cego — Concordo!

Ivo — O senhor não carregou Carmelita nem Manuel, que foi o que Dona Júlia tinha pedido em troca da alma dela! Se é assim, não pode exigir que Dona Júlia lhe entregue a alma de graça! Seu defensor, como homem inteligente, concorda, Pedro Cego?

Pedro Cego — Concordo!

Ivo — Doutor, tendo apresentado as razões, e o defensor da outra parte concordado, peço que julgue a favor de minha constituinte!

Juiz — Deferido! O Doutor Diabo não pode mais carregar Dona Júlia, que o invocou, pois não cumpriu sua parte no contrato que firmou!

Quaderna — Ah, é assim? Pois se não pode ir a cliente, carrego o advogado!

Ivo — Eu não fiz contrato nenhum com o senhor!

Frei Roque — Mas vai, somente por causa do ateísmo, seu cabra sem-vergonha!

Quaderna — O senhor, agora, vai ver pra que serve a lógica! *(Agarra-o.)*

Ivo — Minha Nossa Senhora! Um sujeito como eu, levado pro Inferno! Já se viu coisa mais sem lógica? Doutor Frei Roque, me acuda!

Frei Roque — Eu, não!

Ivo — Pelo amor de São Francisco!

Júlia — Frei Roque, tenha pena do Doutor Ivo!

Frei Roque — Um ateu!

Ivo — Eu me arrependo!

Frei Roque — Ah, bom, assim eu acudo! Diga: "Renuncio ao ateísmo!"

Ivo — Renuncio ao ateísmo!

Frei Roque — Cristo era o Filho de Deus!

Ivo — Cristo era o Filho de Deus! Frei Roque, deixe de ser ruim! Me acuda logo, senão não dá tempo!

Frei Roque — Dá tempo, dá! Diga: "Renuncio a Satanás!"

Ivo — Isso é que é uma coisa sem lógica! É claro que eu renuncio! Satanás é quem não quer renunciar a mim! Ai! Ai!

Frei Roque — Deixe isso comigo!

Salta do lugar onde está, apresenta a cruz de madeira ao Diabo-Quaderna e vai pronunciando palavras em latim. O Diabo solta Ivo e vai recuando.

Quaderna — Frei Roque, se é assim, deixe eu carregar Manuel Sousa!

Frei Roque — Concedido!

Manuel — Eu estou em confissão!

Frei Roque — Estava! Eu encerro a confissão! Pode levar!

Quaderna — *(Agarrando Manuel.)* Venha! Agora, eu é que vou dar cheiro no seu cangote!

Manuel — Eu não digo que estou sem sorte! Frei Roque, me acuda, pelo amor de Deus! O senhor vai permitir uma esculhambação dessa, esse Diabo safado dando cheiro em meu cangote?

Frei Roque — Não, mas tenho minhas condições! Você renuncia a Carmelita?

Manuel — Mas Frei Roque, que lei dura dos seiscentos diabos!

Frei Roque — Dos seiscentos diabos?

Manuel — Dos seiscentos anjos, vá lá!

Frei Roque — Ou você renuncia ou se lasca!

Manuel — Então, é o jeito! Carmelita, adeus! Adeus, mulher extraordinária! Que lei mais dura, meu Deus! Dar adeus a tudo isso que você guarda aí, a esses dois cabritos, a essa mata, esses frutos, essa romã rachada...

Frei Roque — Renuncia ou não renuncia?

Manuel — Renuncio, sim senhor! Mas vá logo, homem de Deus! Lá vou eu!

Frei Roque — Eu já vou na fachada dele! *(Mesma cena, desta vez para livrar Manuel.)*

Quaderna — Ô Frei Roque! Se é assim, se perdi o advogado, a caseira e seu marido, então deixe pelo menos eu levar a catarina! Quero Carmelita! Quero essa mulher notável só pra mim, deitadinha em minha cama, lá no Inferno!

Carmelita — Oxente, Seu Diabo! Que Diabo mais safado!

Quaderna — Quero Carmelita pra mim! Posso levar?

Frei Roque — Leve, leve!

Carmelita — Mas Frei Roque, que maldade! Ai, ai! Frei Roque, me acuda! Me livre, enquanto é tempo! Ai! Me livre, que ele começou a dar cheiro em meu cangote e eu já estou com aquela fraqueza nas pernas! Ai, aí! Que Diabinho mais tarado!

Frei Roque — Você promete deixar Manuel?

Carmelita — Prometo!

Frei Roque — Então, lá vai! Fora daqui, Diabo besta! Diabo de meia-tigela! Fora! Fora! *(Tira da cintura o cordão de São Francisco e dá, no Diabo-Quaderna, uma surra. O Diabo dá um estouro e sai.)* Muito bem! Com a ajuda de São Francisco, a vitória foi completa!

JUIZ — Nunca vi maior desordem!

FREI ROQUE — Desordem por quê, Doutor? Tudo terminou como devia! Júlia ganhou de volta o marido, Manuel ganhou a mulher, Adélia ganhou seu porco...

CARMELITA — Mas eu perdi o meu!

JUIZ — Não seja por isso: a verba que ia ser gasta no enterro de Pedro Cego pode pagar seu porco!

FREI ROQUE — Então está tudo em paz! Salvamos um casamento e temos agora o nosso Ivo convertido à nossa Igreja! *(QUADERNA volta e fica no limiar.)*

IVO — O senhor não tem vergonha de usar assim o Diabo pra converter os outros não, Frei Roque?

FREI ROQUE — Que Diabo que nada! Aquilo foi artimanha, foi conchambrança armada por Quaderna pra Manuel voltar pra Dona Júlia! E Dona Júlia estava no mondé!

JÚLIA — Eu?

FREI ROQUE — Dona Júlia, eu não sou idiota não, está ouvindo? Aquele era o tal do Dom Pedro Dinis Quaderna, disfarçado de Demônio! Que Diabo coisa nenhuma! O Diabo é coisa tão séria! Aquele era apalhaçado demais! Primeiro, confesso que fiquei com medo! Mas quando vi o Diabo discutindo, chicanando e futricando, vi logo que era ou um advogado, ou então algum tabelião. Olhei em volta e vi que Seu Quaderna tinha desaparecido. Aí, olhei e descobri: ele se disfarçou todo, mas se esqueceu de trocar a alpercata de rabicho!

JUIZ — Mas Frei Roque, por que não me avisou? Eu quase que me acabo! Doente como sou!

FREI ROQUE — Resolvi aproveitar a armada para salvar o casamento de Dona Júlia e converter o Doutor Ivo! Me digam: não foi isso mesmo?

JÚLIA — Foi! Sabendo da audiência, da confissão de Manuel e da vinda de Carmelita pr'aqui, procurei Seu Quaderna, que imaginou tudo.

IVO — E Pedro Cego?

JÚLIA — Paguei a ele, que concordou em se fingir de morto. O caixão com o enterro dele saiu lá de minha casa. Era preciso um milagre, uma assombração assim, pra acreditarem no Diabo!

FREI ROQUE — Isso foi outra coisa que pra mim não funcionou: o Diabo pode, lá, ressuscitar ninguém!

QUADERNA — Mas ninguém sabia disso, e o fato é que funcionou!

JUIZ — Ivo, e você? Mantém sua conversão?

IVO — Sabe do que mais, Doutor? Mantenho!

JUIZ — Mesmo depois de saber que foi embuste, conchambrança de Quaderna?

IVO — Mesmo assim! A conta que faço é esta: se, depois da morte, não existe nada, eu não perco nada. Se existir, como convertido, saio ganhando! É uma questão de lógica!

FREI ROQUE — Pois desse tipo de lógica, Deus gosta e São Francisco também gosta!

JUIZ — A audiência terminou! Vamos pra casa, que eu preciso descansar!

CARMELITA — Eu vou, com a verba do meu porco! *(Baixo, para MANUEL.)* Se não era o Diabo, podemos continuar!

MANUEL — *(Também baixo.)* Maravilha!

CARMELITA — Quaderna, gostei muito daquela maneira de você representar o Diabo! *(Aponta o lugar do pescoço que ele cheirou.)* Apareça!

JÚLIA — Eu fico com o peste do meu marido, com esse bicho miserável que não vale, mesmo, nada!

MANUEL — Eu, com minha Santa Júlia, meu tesouro, minha amada!

FREI ROQUE — Eu saio com mais um serviço prestado a São Francisco!

QUADERNA — Eu e Pedro Cego com o dinheiro que ganhamos tão honestamente! Concorda, Pedro?

PEDRO CEGO — Concordo!

JUIZ — Muito bem, todos lucraram! Adélia ganhou seu porco; Dona Júlia, seu marido; Carmelita, sua verba; Ivo ganhou sua fé; Frei Roque ganhou uma alma para a Igreja; Quaderna e Pedro Cego, dinheiro; Manuel, ganhou a mulher; e eu, ganhei o direito de destrancar o trancado, de tomar minhas lavagens, o purgante retrospectivo, o indispensável clister!

QUADERNA — Nobres Senhores e belas Damas, o espetáculo terminaria aqui. Mas, tendo o Primeiro Ato terminado com música, e o Segundo também, para não haver uma queda na alegria geral, peço a todos os atores que cantem de novo o Hino comigo. E, enquanto soa a música, eu peço do público a melhor recompensa que um autor, um encenador e atores de teatro podem receber: o seu aplauso. *(Música. Hino, que todos cantam.)*

PANO.

Recife, 31 de dezembro de 1987.

ARIANO SUASSUNA

Carlos Newton Júnior (Org.)

TEATRO COMPLETO - VOLUME II

TRAGÉDIAS

Apresentação

Alexei Bueno

Ilustrações

Manuel Dantas Suassuna

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

O TRÁGICO NA OBRA DRAMÁTICA DE ARIANO SUASSUNA

Alexei Bueno

A tragédia, que teria a sua origem nos ditirambos cantados a Dionisos pelos sátiros, etimologicamente viria da junção das palavras gregas τράγος, bode, e ᾠδή, canto, redundando na voz originária τραγῳδία, *tragôidía*, tragédia. Se tal origem, que se perde na noite dos tempos e no domínio da lenda, nunca foi, e por isso mesmo, motivo de maiores contestações, as características definidoras desse subgênero da poesia dramática, que depois perderia a sua ligação intrínseca com a forma versificada, essas sempre o foram. Uma das características do herói trágico seria a de ser arrastado por uma força superior à sua vontade, seja a força dos deuses, seja aquela da Moira, do Fado, do Destino, à qual eles próprios estariam submetidos. Inúmeros exemplos dessa situação podem ser encontrados na tragédia grega, e, de forma um tanto mais aberta, na elisabetana, assim como no teatro espanhol do *Siglo de Oro* ou no teatro clássico francês, chegando até a contemporaneidade. A força superior pode perder o seu caráter, podemos dizer assim, teológico, mas outras incoercíveis e inarredáveis forças humanas, às vezes oriundas da própria psique do herói trágico, continuariam a arrastá-lo para o seu fim sem escapatória. Outro aspecto caracterizador a ser discutido seria aquele da função da tragédia, segundo a poética de Aristóteles, a catarse — uma verdade psicológica indesmentível —, ou seja, a capacidade do público se purificar, purgar-se da visão da dor, do horror e da piedade sem ter que de fato vivenciá-los, propiciada pelo contacto com a tragédia. Reduzindo tudo a um denominador mínimo, a solenidade, a seriedade e a existência do sofrimento seriam os elementos definidores imprescindíveis para a outorga do adjetivo *trágico* a alguma coisa.

A obra teatral de Ariano Suassuna se inaugura em 1947, com *Uma Mulher Vestida de Sol*, tragédia em três atos, escrita, portanto, aos vinte anos de idade, para um concurso instituído pelo Teatro do Estudante de Pernambuco, e reescrita dez anos depois, de acordo com o prefácio do próprio autor, quando da publicação da obra, até então não encenada.

Essa obra da juventude já traz muitos dos usos que se solidificarão como características do autor, como a ambiência sertaneja, o fundo popular, a utilização de trechos em verso entremeados com a prosa; e, naqueles, uma sensível, e aliás confessa, influência do romanceiro ibérico, às vezes marcadamente espanhol, inclusive no uso de rimas toantes — que se misturam, no entanto, com as consoantes — de tradição mais sólida na terra de Cervantes do que na de Camões. Nesse mesmo prefácio Ariano faz uma aproximação

entre a ambiência sertaneja nordestina e a de certas regiões da Espanha, impressão que se tornará muito marcante em seu contemporâneo e quase conterrâneo João Cabral de Melo Neto, cujo uso das rimas toantes vem a ser uma das mais fortes constantes na sua obra.

Tragédia em regra, nas três unidades clássicas, e talvez a mais característica do gênero entre as suas obras dramáticas, *Uma Mulher Vestida de Sol* tem por tema central, subjacente a toda a ação, a questão da palavra de honra — da honra sustentada implacavelmente pela palavra, sobrevivência do mundo da tradição, medieval, feudal, tão conservada, como tantas outras, na cultura sertaneja — e como o outro grande e eterno tema, o do amor impossibilitado pela luta entre clãs. O elemento detonador da ação é um dos mais inarredáveis da ambiência rural brasileira — e não somente dela — o conflito pela delimitação de terras, o mesmo que permite a Ariano um uso muito eficiente do palco, simetricamente dividido pela cerca que separa as duas propriedades em litígio, elemento que, com o andamento da obra, assumirá uma importância cada vez maior. Os protagonistas e a comparsaria situam-se completamente dentro da realidade popular, linguística e consuetudinariamente, característica da qual só escapam, em parte, as figuras do Juiz e do Delegado — representantes, para usar uma conhecida classificação do autor, do "Brasil oficial", em meio aos outros personagens, todos pertencentes ao "Brasil real" — as únicas figuras, diga-se de passagem, nas quais algo de humor e bastante de ironia pode ser percebido no conjunto da peça. Por outro lado, não falta à obra uma certa sugestão incestuosa, esse elemento comum a tantas tragédias, na obsessão de Joaquim Maranhão por sua filha.

O complexo código de ética em relação à palavra dada nos recorda uma extraordinária comédia de Buster Keaton, *Our Hospitality*, de 1923, onde o protagonista, de volta ao Sul onde nascera, é muito bem recebido por uma família que descobre — ambos os lados inscientes do fato — fazer ele parte da família mais entranhadamente inimiga sua, o que leva seus membros a tentar, por todos os meios — o que ele por todos os meios evita — fazê-lo ultrapassar o umbral da casa, fora da qual poderiam matá-lo imediatamente, sem ofender as sagradas leis da hospitalidade sulista.

A natureza, física e humana, obviamente em sua maior parte transmitida ao espectador pelas falas, é a do alto sertão — que se contrapõe à dos baixios —, com suas cabras, cacimbas, serrotes, rifles, punhais, a ubiquidade das pedras e a dicotomia entre cangaço e volante (ambos citados uma única vez), bem como a presença constante, no estado conflituoso no qual ocorre a ação, da cabroeira, dos jagunços, sem faltar uma figura próxima à do beato itinerante representada pelo personagem Cícero.

Em sequência cronológica a *Uma Mulher Vestida de Sol*, já que composta entre abril e maio de 1948 e reescrita dez anos mais tarde, aparece *O Desertor de Princesa*, inicialmente intitulada *Cantam as Harpas de Sião*, tragédia em ato único, também contida

nas três unidades clássicas, como clássica é toda a sua linguagem. Com apenas cinco personagens — quatro, na verdade, se contarmos com o caráter meramente incidental do personagem do Cego —, sua ação se passa num dos ambientes míticos da primeira infância do autor, a Revolta de Princesa, no alto sertão da Paraíba, ocorrida entre fevereiro e agosto de 1930, e capitaneada pelo célebre Coronel José Pereira contra o Governador — Presidente, pela nomenclatura da época — João Pessoa, cujo assassinato em julho seria um dos pretextos da Revolução de 1930, assim como do assassinato do ex-Governador João Suassuna, pai de Ariano, em 9 de outubro do mesmo ano, pelas costas e em plena rua, no Rio de Janeiro, memória traumática que se espalha por toda a vida e a obra do autor. Duas vezes durante a peça, primeiro nos versos do Cego e depois numa das falas de Antônio, e como já indicava o seu título original, há uma transposição sertaneja do Salmo 137, o mesmo que deu origem às imortais redondilhas sobre Babel e Sião, ou "Sôbolos rios que vão", de Camões. Vejamos o exemplo inicial:

E diziam: Canta, cego,
as cantigas do sertão!
Mas eu, com pena de mim,
cego e preso junto ao mar,
respondia: Como posso
cantar as canções de Deus,
sangue do meu coração,
aqui, preso, em terra estranha,
longe do sol do sertão?

Versos que, de fato, nos remetem imediatamente às quintilhas — ou décimas, controvérsia insolúvel — camonianas:

Como poderá cantar
Quem em choro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar
Canta por menos cansar,
Eu só descansos enjeito.

Que não parece razão,
Nem seria coisa idônea,
Por abrandar a paixão
Que cantasse em Babilônia
As cantigas de Sião.

Sendo *Sião* substituído na peça por *sertão*, de fato o cenário mítico e místico de toda a obra do autor, assim como o cerne máximo daquelas de Euclides da Cunha e de Guimarães Rosa.

Os Homens de Barro, peça em ato único, foi escrita entre novembro de 1948 e março de 1949, e reescrita em 2003. Do ano seguinte ao de *Uma Mulher Vestida de Sol*, é a mais mítica, a menos realista — digamos assim — das peças de Ariano Suassuna, tratando-se quase de um auto hierático, de teor fortemente bíblico — as citações do *Eclesiastes* são numerosas, entre outras — e tendo como cenário aquele que podemos chamar de *locus magnus* na obra e na vida do autor, a Pedra do Reino, local do célebre e sanguinário movimento sebastianista de 1838, que deu título a seu mais famoso romance, assim como foi uma das fontes de inspiração de *Pedra Bonita*, do também paraibano José Lins do Rego, e da obra-prima sem paralelo que é *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, no último caso em mistura com a Guerra de Canudos e com todo o vasto complexo beatério/cangaço do Nordeste tradicional brasileiro. O personagem Elias, na sua obscura e obsessiva missão de esculpir um Anjo de pedra, cria o ambiente trágico que envolverá seus dois filhos e outros personagens, sempre sob a ameaça da vinda de uma força armada restauradora da ordem, como já ocorrera na própria Pedra Bonita, no arraial de Antônio Conselheiro e nas comunidades messiânicas de Caldeirão e Pau de Colher.

De 1950 data essa espécie de auto sacramental intitulado *Auto de João da Cruz*, encenado em 1957 no Teatro Santa Roza, na capital paraibana, pelo Teatro do Estudante da Paraíba, sob a direção de Clênio Wanderley. Como em outras peças de Ariano Suassuna, os versos se misturam regularmente à prosa nessa obra, com a diferença marcante de eles serem majoritariamente decassílabos — e não as redondilhas maiores, métrica mais tradicional do cordel e da cantoria —, às vezes brancos, outras vezes irregularmente rimados em toantes e consoantes. A forma de uso mais comum aparece finalmente nas estâncias do Anjo Cantador, primeiramente na estrofe de seis versos, depois — em dueto com o Cego, encarnação do diabo — nas septilhas com o clássico esquema de rimas ABCBDDB. O fundo de toda a ação é o Catolicismo popular onipresente na obra do autor, mas aqui de forma ainda mais marcada do que nas outras peças. O *Auto de João da Cruz*, na medida em que se baseia no tema secular da disputa de uma alma entre o demônio e os emissários divinos, tudo terminando num julgamento, faz indubitavelmente um *pendant* com o *Auto da Compadecida*, cinco anos posterior, mas se neste o elemento cômico domina tudo, nas falas do primeiro encontramos vários dos momentos de maior lirismo na obra de Ariano Suassuna. O *Auto de João da Cruz*, ao contrário das suas peças que seguem as três unidades clássicas, como *Uma Mulher Vestida de Sol*, *O Desertor de Princesa* e *Os Homens de Barro*, divide-se em seis cenários, para os quais o autor habilmente sugere como desentranhá-los de um único, e é dividido em três atos indicados ao encenador, mas não obrigatórios. O personagem do Guia, de função dupla na trama, exerce, na primeira delas em ordem de entrada, o papel de um quase diretor da peça, explicitando a ação para o público. Das cinco obras aqui reunidas sob o gênero de tragédia, esta talvez seja a que menos explicitamente demonstre tal

caráter, embora a solenidade e a gravidade máxima do tema justifiquem bastante bem a classificação.

De 1952 data *O Arco Desolado*, tragédia que fecha o ciclo de tal subgênero dramático, ou do que dele se aproxima e como tal pode ser classificado na obra de Ariano Suassuna, na qual a comédia — especialmente a partir do triunfo nacional do *Auto da Compadecida*, em sua montagem de 1957, no Teatro Dulcina, no Rio de Janeiro, quando do

1º Festival de Amadores Nacionais, alguns meses após a sua estreia no Recife — passa a ter uma presença preponderante. Numa "Advertência inicial", da maior importância, o autor afirma: "A peça *O Arco Desolado* é baseada na mesma lenda polaca que serviu a Calderón para a tragédia *La Vida Es Sueño*", importância acrescida pela confessa ligação de Ariano com o grande teatro espanhol do século XVII, muito especialmente com Calderón, ligação ainda plenamente válida em relação às poesias lírica e dramática espanholas do século XX. Curiosamente, apesar dessa assumida ascendência, *O Arco Desolado* é uma das duas tragédias suas a utilizar o recurso clássico do coro, ao lado de *Os Homens de Barro*. Como em numerosos outros momentos de sua obra, o medievalismo da peça se justifica integralmente pelo medievalismo visceral do sertão tradicional nordestino — o que nos remete àquela genial percepção de Euclides da Cunha, ao sentir que Canudos, mais do que geograficamente afastado do Brasil seu contemporâneo, estava cronologicamente a uma imensa distância dele. Como já afirmamos em outras ocasiões, um dos fascínios do beatério e do cangaço, até a sua quase concomitante extinção nos estertores da década de 1930 — *Os Homens de Barro* se passa em Pedra Bonita, no *Auto de João da Cruz* é citado o movimento do Caldeirão, do Beato José Lourenço, e o cangaço aparece quase ubiquamente nas peças — surge da visão, na imprensa, em fotografias e até no cinema (essas realidades mais ou menos modernas), como no caso de Benjamin Abraão, de homens psicologicamente mais próximos dos guerreiros ibéricos da época da Reconquista do que de qualquer brasileiro vulgar seu contemporâneo. E tudo isso, o que igualmente não se pode esquecer, transformado em matéria mítica pelas gestas de caráter igualmente medieval dos cordelistas e cantadores itinerantes.

O curioso, após esta nossa longa digressão, é que *O Arco Desolado* é justamente a única das tragédias de Ariano Suassuna completamente alheia ao ambiente do sertão nordestino. Sua ambiência aparentemente medieval, ou, no mínimo, *Ancien Régime*, é claramente europeia, coisa raríssima na obra do criador e instigador do Movimento Armorial. Mas o Sebastianismo sertanejo recorrente na obra de Ariano nos remete diretamente a Portugal, e, a partir de Portugal, à Europa, elemento este já brilhantemente analisado por António Quadros nas páginas dedicadas ao autor paraibano em seu livro *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, publicado em 1982.

Outro fato curioso em relação a *O Arco Desolado* é que nele podemos encontrar o que chamaríamos de "enigma arquitetônico" — encontramos outro do gênero, mas não tão importante, no *Memorial de Maria Moura*, de sua amiga Rachel de Queiroz —, ou seja, o misterioso e jamais percebido quarto ou célula, com um irreversível mecanismo de fechamento, em que foi criado, após a primeira infância numa gruta, Sigismundo, o filho do rei Patrício, que não deixa de nos recordar imediatamente o mistério de como, por onde, através de que desconhecida entrada foi cometida a degola, num aposento hermeticamente fechado, de Dom Pedro Sebastião, o tio e padrinho de Quaderna, o que é um dos mistérios fundadores e centrais de *A Pedra do Reino*, romance quase duas décadas posterior à peça. Enigma, diga-se de passagem, nunca esclarecido, já que esta grande obra seria apenas a primeira parte de uma trilogia que Ariano Suassuna não completou — em que pese a existência de duas das cinco partes previstas de *O Rei Degolado*, ao qual se seguiria *Sinésio, o Alumioso*, que não nos parecem desenhar exatamente o fecho inicialmente concebido, tudo isso sem afetar, diga-se de passagem, a força da primeira parte —, talvez pelo gigantismo da empreitada, ou, mais provavelmente, por questões ligadas à memória da degola, na Casa de Detenção do Recife, de João Dantas — o matador, em crime de honra, de João Pessoa —, evento inextricavelmente ligado ao assassinato de seu pai, e do qual aquele crime é seguramente uma derivação ficcional,

Peça nas três unidades e em prosa, com algumas entradas do coro em decassílabos brancos, talvez seja a mais violenta do *corpus* de tragédias de Ariano Suassuna, já que toda ela se encaminha em direção a uma espécie de anarquia apocalíptica antes da resolução final. Nela, dois nomes de personagens provêm diretamente da peça de Calderón de la Barca, Sigismundo e Estela, respectivamente de Segismundo e Estrella na tragédia espanhola, e o adultério e o incesto — no exato sentido aproximativo em que o encontramos em *Hamlet* — não estão ausentes da trama. Curiosa é a denúncia quase kafkiana, e no entanto de índole muito brasileira, de um estado totalitário e terrivelmente burocratizado que encontramos em determinada fala de Marcílio, índice da preocupação política sempre bastante presente, embora no geral parcamente percebida, na obra do autor:

Por toda a parte os soldados do rei impediam que um homem trabalhasse sem documentos de permissão, esses instrumentos malditos que o rei, meu pai e Bernardo haviam criado. Podes conceber um mundo em que se mata um homem porque lhe falta um documento? Pois é o mundo desse novo estado. Impedido de trabalhar, mendiguei. [...] Apenas as tais reformas que criaram este estado monstruoso obrigavam-me ao trabalho, a um trabalho que eu não podia realizar. Tentei conseguir permissão para me tornar carpinteiro, um trabalho independente, mas ao saberem que eu era nobre, proibiram-me de dar até os primeiros passos. Revoltei-me e fui preso. Solto, errei

novamente pelo país e fui preso por vadiagem e mendicância. Entendes a monstruosidade de tudo isto?

Em tal trecho, por outro lado, encontramos o constante interesse do autor pelo trabalho manual, visível desde a enigmática tarefa de esculpir o Anjo entre os lajedos da Pedra do Reino em *Os Homens de Barro*, até o mesmo mister de carpinteiro — o mesmo de São José e do seu divino Filho — que é desprezado por João da Cruz no começo do *Auto* ao qual dá seu nome, e proibido a Marcílio em *O Arco Desolado*.

Das cinco peças que aqui se agregam ressalta, com clareza meridiana, aquela *via media* entre a unidade e a diversidade, entre o que continua e o que se desgarra, que caracteriza toda a obra do autor da *Farsa da Boa Preguiça*, desde o poeta — que ele foi fundamentalmente, e que ainda se mantém pouco conhecido do público — até o dramaturgo de tão variados registros, do ficcionista ao teórico, para nem falarmos no artista plástico das *Iluminogravuras* e outras realizações, do ideólogo e animador cultural que sempre foi, tudo isso fundido num personagem que é, ele próprio, a sua maior obra.

Seu último título, o *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, obra absolutamente inclassificável, surge-nos como um espelho de tudo isso, ao mesmo tempo autorretrato, antologia pessoal, romance, peça de teatro, obra visual, entrevista, panfleto, aula-espetáculo escrita, testamento, tudo, um espelho no qual se cumpre essa wagneriana obra de arte total que ele imaginava intitular *Ilumiara* e no qual se vê um rosto, o de Ariano Suassuna, com seus olhos luminosos sob os sobrolhos que nos lembram os de algumas icônicas aves de presa do sertão.

Maio de 2018.

UMA MULHER VESTIDA DE SOL

ARIANO SUASSUNA

1947 - 1958

Nas pessoas de José Laurenio de Melo e Hermilo Borba Filho, dedico esta peça a todos os meus companheiros do Teatro do Estudante de Pernambuco.

Uma Mulher Vestida de Sol foi a primeira peça que planejei e escrevi, iniciando com ela meu trabalho de autor teatral. Escrevi-a em 1947, para um concurso instituído pelo Teatro do Estudante de Pernambuco; e, não me agradando completamente a forma primitiva, reescrevi-a dez anos depois.

Na primeira versão o que me agradava era o aproveitamento das "excelências" e dos cantos fúnebres, o tom poético e mesmo a forma de alguns versos entremeados à prosa; mistura que conservei nesta segunda, por julgar esse o meio mais eficaz de atingir a verdade teatral da peça, que procurava.

Juntam-se, assim, em *Uma Mulher Vestida de Sol*, as palavras escritas por um rapaz de vinte anos às que resolveu acrescentar um homem de trinta. Já fui acusado, por alguns críticos, de não respeitar, em minhas peças, a unidade do estilo, a harmonia, segundo eles, indispensável às obras de arte. Se pensam isso das peças que escrevo de uma só vez, o que não dirão desta reunião dos escombros resultantes de duas catástrofes, ocorridas com dez anos de intervalo?

Não importa. Continuarei a acreditar sempre que, em arte, a ideia de "harmonia" tem que ser aprofundada até a união dos contrários, grande lição da corrente tradicional brasileira, desde o Barroco colonial e mestiço até os dias atuais. Creio, também, que, se não tenho unidade aparente, se sou receptivo a todas as dissonâncias, é que trago dentro de meu sangue essa característica popular, brasileira e barroca, de união harmônica de termos antinômicos: amor da natureza e amor da morte; elementos clássicos e românticos — principalmente o humorismo romântico, marcado pela demência e pela morte; o flamejante e selvagem unido à sobriedade; o monstruoso e o medido; o movimento da loucura e o hierático; o real e o mítico; o universo desmedido e coleante da natureza opondo-se às geometrias dos homens. Creio também que é a fidelidade a esse sangue popular brasileiro que revela a unidade profunda de obras aparentemente tão diversas quanto a de Aleijadinho e a de Francisco Brennand; a de Gregório de Matos e a de Carlos Drummond de Andrade; a de Euclydes da Cunha ou Guimarães Rosa e a de Machado de Assis; a de Sylvio Romero e a de Gilberto Freyre; a de Padre José Maurício e a de Villa-Lobos; a de Martins Pena e a de Antônio José, o Judeu; a de Mathias Aires e a de nossos pintores barrocos dos séculos XVI, XVII e XVIII.

É por isso que tenho ouvido para todas as vozes. Daí não aceitar, nunca, os rótulos que querem me impingir e pretendem sempre explicar o homem que sou por um determinado aspecto de minha pessoa. Baseados em palavras que proferi — e cujo sentido, quase sempre, só captam pela metade — têm-me rotulado, por exemplo, de

dramaturgo popular. O fato é, aliás, explicável, porque na maioria dos casos, as pessoas que assim falam só conhecem, de meu trabalho de escritor, as duas ou três peças já montadas no Sul. Ignoram, por exemplo, toda a minha poesia, inédita ou somente publicada aqui e ali, em suplementos literários e revistas.

Serei eu, na verdade, um escritor "popular"? Sim, às vezes, desde que se entenda esta palavra num sentido menos ilegítimo do que aquele em que vem sendo empregada pela crítica brasileira. Mas às vezes sou também, mesmo no meu teatro, um poeta; bom ou mau, não importa, mas poeta; e poeta que, mesmo nas peças "populares" — como na *Farsa da Boa Preguiça*, por exemplo —, lança mão do recurso de versos que não são populares para dizer o que precisa, antinomia ainda barroca e brasileira e que já foi notada, a respeito daquela peça, por César Leal.

Não renego, portanto, de modo nenhum, *Uma Mulher Vestida de Sol*. É uma obra de juventude, reescrita depois, mas, como autor — não posso ser meu próprio crítico —, creio ter dado unidade à sua aparente desarmonia. Acredito mesmo ter sido isso que Hermilo Borba Filho esclareceu quando a aproximou das peças elisabetanas. Juntamente com *João Sem Terra*, do mesmo Hermilo Borba Filho (também escrita naquele ano de 1947), foi esta a primeira peça, do ciclo atual da dramaturgia nordestina, a tratar do problema camponês em tom não dirigidamente político (que não me interessava então, nem me interessa agora, que está na moda), mas que procurava ser total e humano e que, por isso mesmo, compreende inclusive o político. Foi por isso que, numa entrevista já citada por Hermilo e dada ao jornal *Folha da Manhã*, em 21 de janeiro de 1948, eu afirmava, a propósito de *Uma Mulher Vestida de Sol*:

> "Quis também que, além da verdade poética e dramática, tivesse a peça sua verdade social. Assim, coloquei um drama humano — o de Rosa, Francisco, Joaquim etc. — dentro da grande tragédia coletiva do sertão, a luta do homem com a terra queimada de sol. Uma terra que não permite torres, de marfim ou de qualquer outra coisa, porque exige mais do que concede, habituando seu povo ao trabalho repartido e honesto."

Não deixa, portanto, de ser curioso, para mim, ver-nos acusados de "dramaturgos irresponsáveis e alienados", inclusive por alguns dos que se enfileiraram, depois de nós, pelos caminhos abertos pelo Teatro do Estudante de Pernambuco.

Uma *Mulher Vestida de Sol* era, ainda, minha primeira tentativa de recriar o romanceiro popular nordestino. Numa conferência escrita no ano seguinte, 1948, e publicada por partes em 1949, no suplemento do *Jornal do Commercio*, eu salientava a semelhança existente entre a terra da Espanha e o sertão, o romanceiro ibérico e o nordestino. Como dramaturgo e poeta, sofria, naquele tempo, aos vinte anos, a influência dos poetas e dramaturgos ibéricos, e era nesse estado de espírito que escrevia, comentando um romance ibérico e comparando-o com os sertanejos:

> "O ambiente noturno em que se passa a tragédia (de Dom Bernal Francês) é puramente ibérico, assim como o tema da volta da guerra, comum na Península, ao tempo em que se combatiam os mouros. A hora comum no romance sertanejo é a tarde, presente mais através do espírito *empoeirado* das pegas-de-boi do que mesmo através de referências. Há uma identificação completa entre o autor e seu povo e o ambiente local está sempre presente. Aliás, este é um traço peculiar ao clássico. Os poetas eruditos de Portugal e da Espanha, na era clássica, eram apenas 'cantadores promovidos'. E nunca como no tempo de Lope de Vega, Gil Vicente, Camões, a poesia foi para o povo uma coroa de suas inclinações, forjada nos seus anseios e bebida nas suas fontes... O gênio mergulhava nas fontes de seu povo, trazendo de suas profundezas o *Auto de Mofina Mendes* ou as glosas de Camões, numa soberba recriação que novamente as revela ao seio materno e nutriz — a mesma alma popular... Outro aspecto do romance nordestino, seja o de sobrevivência (ibérica), seja o rigorosamente nacional, é o seu caráter dramático, tomada a palavra *drama* no seu sentido de *espetáculo*. O romance de *Dona Maria e Dom Arico* é uma mostra típica deste caráter dramático do romance nordestino... Já os romances da fase do pastoreio prestam-se mais ao teatro de bonecos. O manancial é riquíssimo. Se as histórias da Zona da mata fornecem ótimo material para a farsa, as do sertão são fontes de tragédia. Os touros, a vaca do Burel, a onça da Malhada, são personagens trágicos, cheios de beleza."

São também destes anos de 1945-46-47 e 1948 meus primeiros poemas escritos com fundamento no romanceiro popular, como "Os Guabirabas" — do qual só resta um fragmento, "Encontro", publicado na revista *Estudantes* —, "A Morte do Touro Mão-de-Pau", "A Barca do Céu" etc. Neles, ainda por influência do romanceiro hispânico, usava a rima toante; mas, já procurando andar com minhas próprias pernas, não usava a quadra ibérica e sim a sextilha ou a monorrima sem estrofe, ambas, formas sertanejas. A primeira estrofe de "A Barca do Céu", poema publicado na *Folha da Manhã* de 21 de novembro de 1948, era a seguinte:

> Antigas formas de pedra
> no velho vento voavam.
> O mar sangrava na noite
> por mil feridas sagradas
> donde as estrelas subiam
> como fulgores de espada.

Mas logo depois de terminar *Uma Mulher Vestida de Sol* apercebi-me de que, se quisesse criar dentro de um sentido verdadeiramente brasileiro, teria de deixar de lado mesmo os mestres que mais amasse — assim como tinha ido procurá-los em busca de horizontes

mais largos do que os fornecidos pelo regionalismo. E, no Rio de Janeiro, em entrevista dada ao *Correio da Manhã* em março de 1948, declarava:

> "A minha peça está cheia de defeitos. Hoje, é fácil ver isso. Não pude me libertar, por exemplo, da influência dos autores espanhóis — Calderón, Lope, Rafael Alberti, Casona, Lorca principalmente. Entretanto estou tentando corrigir os defeitos da primeira vez."

Essa *correção* que, como um escolar temeroso, eu já prometia, só terminou dez anos depois, com a versão que ora se publica; mas posso dizer que terminou e que, em minha poesia e em meu teatro, tenho hoje meu próprio modo de escrever. É claro que ninguém tira tudo da própria cabeça: creio mesmo que há pouca gente, no Brasil, entre os escritores, tão disposta a proclamar sua gratidão e suas dívidas a tantos mestres como eu. Mestres da mais variada natureza, desde os clássicos a poetas populares e romancistas de segunda categoria: e nem sempre a desses últimos é a menos profunda. Tendo, porém, minha própria personalidade, meus próprios meios, meus próprios defeitos, tiro daqui e dali, mas, bom ou mau, o resultado é meu.

Por isso não posso ver também, sem espanto, intelectuais, alguns deles ligados ao governo franquista pelo prato de lentilhas das bolsas de estudo, chegarem da Espanha falando, como se se tratasse da última das novidades, do romanceiro ibérico. Alguns são poetas e passam a fornecer, como poesia brasileira agressivamente nacionalista, as rimas toantes dos romances espanhóis, devidamente mastigadas para seus débeis queixos pelo grande poeta que foi García Lorca. O que mais me espanta porém é, em primeiro lugar, que não tenham a generosidade de confessar a fonte onde bebem; em segundo lugar, que não se apercebam do servilismo que sua poesia representa diante de uma cultura estrangeira; em terceiro lugar, que não procurem, como bons escolares, corrigir seus trabalhos, procurando uma forma pessoal; e, em quarto e último lugar, o que mais me surpreende é ver que exatamente alguns dos ex-franquistas — hoje progressistas, amanhã marxistas ou católicos, de acordo com a direção de que o vento sopra — têm o desplante de se juntar ao primeiro coro, acusando-me de alienado da realidade brasileira, de reacionário etc., a mim, que nunca me vendi — por ser naturalmente, sem esforço, fiel a essa realidade — por bolsa nenhuma, por viagem nenhuma, por tradução nenhuma, seja do Leste seja do Oeste, seja imperialista, ditatorial, colonialista ou simplesmente antipática a meus humores de ressentido.

Finalmente, quero esclarecer que resolvi publicar esta peça, apesar de ser ela ainda inédita no palco, para dar a conhecer, aos que se interessam por meu teatro, a peça por onde comecei e que ficaria, de outro modo, para sempre na gaveta. É uma espécie de tragédia nordestina, e assim, para esses que gostam de meu trabalho de escritor, será uma oportunidade de travar conhecimento com este outro aspecto dele, desconhecido para a maioria.

E aqui fico, esperando que, daqui por diante, a peça fale por si mesma.

Recife, 1957.

A.S.

PERSONAGENS

Cícero

O Delegado

O Juiz

Martim

Caetano

Gavião

Manuel

Rosa

Donana

Joaquim

Inocência

Antônio

Inácio

Joana

Neco

Francisco

Primeiro Ato

Cícero — E viu-se um grande sinal no Céu, uma Mulher Vestida de Sol, que tinha a Lua debaixo dos seus pés, e uma Coroa de doze Estrelas sobre a sua cabeça; e, estando prenhada, clamava com dores de parto, e sofria tormentos por parir.

> *A casa de Joaquim Maranhão e a de Antônio Rodrigues separadas por uma cerca que divide o palco, do proscênio ao fundo, perdendo-se aí. Nesta cerca uma porteira, que serve a uma estrada. Como nas fazendas sertanejas há, às vezes, Capela com cemitério, a casa de Joaquim deve, se possível, ter uma, a ela conjugada. Em cena, estão sentados, imóveis, segurando rifles perto dos joelhos, Martim, Gavião, Caetano e Manuel, os dois primeiros do lado de Joaquim, os dois últimos do de Antônio. A luz está baixa e entram o Juiz e o Delegado.*

O Delegado — Proclamação do Bacharel Orlando de Almeida Sapo, Juiz de Direito desta comarca, em virtude da lei etc. etc.

O Juiz — Aqui é o sertão, um tabuleiro de serra do sertão. O sol de fogo de dia e o frio da noite, pedras, bodes, cabras e lagartos, com o Sol por cima e a terra parda embaixo. Mas nem por isso os homens que aqui vivem estão subtraídos ao poder da lei.

O Delegado — Em virtude da questão de terra surgida entre Antônio Rodrigues, Senhor das Cacimbas, e Joaquim Maranhão, Senhor da Jeremataia, o Bacharel Orlando de Almeida Sapo, Juiz de Direito desta comarca, em virtude da lei etc. etc., avisa que qualquer um dos dois que transgredir a lei que proíbe matar os outros, sofrerá o castigo merecido, seja qual for seu poder ou sua grandeza.

O Juiz — Vim por uma estrada parda, por entre pedras calcinadas e escorpiões, arriscando a vida diante das cobras cascavéis e das corais de cores radiosas, com minha toga preta enfeitada de debruns vermelhos, como se fosse um juiz judeu ou um rei exilado no deserto! Vim dizer que, nesta terra, semelhante àquela em que o fogo divino gravou na pedra as palavras da Lei, ninguém pode matar o outro. Também vim avisar que o domínio e a possessão da terra pelos homens só podem ser resolvidos sob o chicote da lei.

O Delegado — O querelante Joaquim Maranhão ocupa esta terra de pastagens altas para o seu gado, suas cabras, seus carneiros. O querelante Antônio Rodrigues diz que a terra é dele, e ameaça derrubar esta cerca, erguida pelo outro para garantir sua posse. Os dois querelantes construíram suas casas uma ao lado da outra; um, para garantir melhor a cerca que construiu, o outro, para melhor ameaçá-la.

O Juiz — E a questão assume um sentido tanto mais terrível porque os dois senhores de terra são cunhados e armaram o braço de seus homens, o que vem repetir, nesta terra de fogo onde o acaso me colocou para julgar, a sangrenta querela de Abel e Caim, com seus carneiros e ódios invejosos. Aqui estão o homem da lei e o homem da guerra para garantir o julgamento. *(Mais baixo e menos pomposo ao Delegado.)* Senhor Delegado, quem é Caim, no caso?

O Delegado — *(Também baixo.)* É Joaquim Maranhão, Senhor Juiz. É um homem perigoso. Eu, se fosse o senhor, julgava essa questão logo a favor dele, porque senão ele pode nos matar. Antônio Rodrigues é bom, não é homem para matar ninguém; assim, é melhor julgar contra ele.

O Juiz — Ainda temos tempo de examinar tudo com cuidado. Enquanto for possível, mantenhamos pelo menos as aparências. *(Alto.)* Quero avisar a Antônio Rodrigues, Senhor das Cacimbas, que, como Joaquim Maranhão, seu cunhado, detém atualmente a posse da terra contestada, há uma presunção em favor dele, e a referida posse tem de ser respeitada até prova em contrário, de acordo com a cláusula *ut possidetis*. Senhor Delegado, aguardemos os acontecimentos. O senhor, homem de guerra, vá se hospedar na casa do homem da paz. Eu, distribuidor da justiça divina, ficarei na casa do guerreiro. Pobreza, fome, seca, fadiga, o amor e o sangue, a possessão das terras, as lutas pelas cabras e carneiros, a guerra e a morte, tudo o que é elementar no homem está presente nesta terra perdida. As minhas são palavras que, como a Lei gravada na pedra, e como todas as palavras fundamentais do homem, "vieram do deserto".

Entra na casa de Joaquim Maranhão.

O Delegado — Essa é boa! Foi logo ficando na casa do homem mais valente e poderoso, para se garantir. E eu, que fique na do homem da paz! Logo eu, que tenho o bucho tão mole! As balas vêm quentes e derretidas, entram nele como uma faca incandescente na manteiga! Mas é o jeito, o poder dele é maior do que o meu!

Entra na casa de Antônio Rodrigues. *A luz sobe. Os quatro cabras em cena estão se olhando, impassíveis, fumando. De repente, fora, ouve-se um grito.*

Martim — *(Erguendo-se e armando o rifle.)* Que foi isso?

Caetano — *(Mesmo movimento.)* Alguém gritou.

Gavião — *(Mesmo movimento.)* Parece que foi na cerca!

Martim — Vá ver o que foi! Eu fico aqui, vigiando.

Gavião *sai por seu lado, perdendo-se no fundo.*

Manuel — Vá também, Caetano, eu fico aqui, por segurança.

Sai Caetano, *por seu lado, no encalço de* Gavião. Manuel *e* Martim *continuam mirando-se mutuamente com os rifles, vigiando-se cuidadosamente.* Gavião *e* Caetano *voltam rindo, com os rifles abaixados.*

Gavião — Não foi nada, foi o vaqueiro que estava aboiando. Que vergonha, esse Caetano! Que sujeito perverso, já queria atirar em mim!

Martim *e* Manuel *abaixam os rifles, desarmam-nos e sorriem.*

Caetano — E você? Fez uma cara pra meu lado que eu esfriei!

Manuel — Eu não, vi logo que só podia ser Antônio Benício, com aquela voz! O aboio dele espanta qualquer um! Vocês é que, tudo o que acontece, pensam logo que Seu Antônio Rodrigues mandou derrubar a cerca! Mas a briga desses dois homens não é para hoje, podemos conversar em paz. Quando uma briga dessas vai começar, a gente sente logo!

Martim — Do jeito que as coisas estão, com esse sol quente, essa poeira, o velame e a malva ressecados pelo sol, qualquer faísca isso aqui pega fogo! Que lugar!

Caetano — O sol está vermelho e a terra treme na vista!

Manuel — A casa de Joaquim Maranhão parece abandonada, com essas paredes que parecem de igreja.

Martim — Uma casa vive de quem mora nela. Se os moradores vão embora, ela cai.

Manuel — No entanto, ainda mora gente aí. Vocês mesmos, não é aqui que estão dormindo e comendo? No entanto, não parece, a gente olha e parece que o povo foi embora, que é uma casa abandonada.

Caetano — É por causa da mulher que morreu. Quando um homem faz correr sangue, principalmente o de sua mulher, o sangue marca as paredes para sempre. A princípio vermelho depois escuro, como manchas do tempo. A casa fica com um ar abandonado, como um cemitério cheio de urtigas.

Martim — Eu, se fosse você, deixava essas histórias de lado. Joaquim Maranhão pode ouvi-lo, e se há uma coisa que ele não gosta é de ouvir falar nessa morte.

Gavião — Então Seu Joaquim é o contrário de Manuel: este enterra os mortos e por isso gosta de ouvir falar em morte. Os outros matam, e quem lucra é ele, fazendo o enterro.

Manuel — Como fiz o dessa mulher, que saiu por aquela porta, há quinze anos, entre os cantos e o choro das outras, com os pés estirados para frente.

Martim — Você quer saber de uma coisa? Eu, se fosse você, deixava essa história de mão.

Gavião — Será mesmo por causa dela que a casa parece abandonada?

CAETANO — É possível, mas Martim é que está certo. Vamo-nos calar. Deixem a morta no lugar em que ela está. Principalmente do jeito que as coisas estão: um tiro, agora, por uma questão qualquer, isso aqui pega fogo e quem perde somos nós. Deixem a morta no lugar onde está.

GAVIÃO — E será que ela está em algum lugar? Você, que fez o enterro, sabe onde ela anda a essas horas, Manuel?

MANUEL — Sei somente onde estão os ossos. E já é muito, isso, numa terra desgraçada em que os mortos são enterrados no chão duro e a coisa mais fácil é esquecer o lugar onde foi a sepultura. Eu, por minha conta, é que vou marcando tudo. Sei o lugar onde está cada um que enterrei, e hei de marcar ainda o de vocês todos.

GAVIÃO — O meu também?

MANUEL — Seu enterro eu tenho certeza de que faço.

GAVIÃO — Você é muito mais velho do que eu.

MANUEL — E se Antônio Rodrigues resolver botar esta cerca abaixo? Com o tiroteio, você bem que pode morrer antes de mim. E lá vai Manuel enterrá-lo, a você e a muita gente mais, apesar de minha idade. Não é engraçado?

Sou Manuel do Rio Seco,
nascido em Taperoá.
Tanto canto quanto planto,
rezo, bebo e sei brigar.
Faça a morte que eu celebro,
cavo e enterro quem pagar!

CAETANO

Nascido em Taperoá
é meu compadre Manuel.
Já enterrou trinta velhas,
moças de capela e véu.
Os defuntos que ele enterra,
vão direto para o céu!

MANUEL — Moças de capela e véu... A daí é que há de morrer solteira! Agora, morrer de capela e véu é que eu não sei se ela vai poder, com o pai tourejando perto.

MARTIM — *(Armando o rifle.)* O que é que você quer dizer?

MANUEL — *(Mesmo movimento.)* Espere, você está tomando muito a peito as questões de seu patrão. É ou não é verdade o que se diz de Joaquim Maranhão e de Rosa?

CAETANO — Manuel, cale a boca, não fale mais!

MANUEL — É ou não verdade que nessa casa amaldiçoada se passam coisas contra a Lei de Deus? Primeiro, foi o homem que matou a mulher. Agora, é ele e a filha. Você conhece o romance *A Filha Noiva do Pai*? Dizem que Joaquim está criando a garrota que tem em casa para o touro, pai do rebanho!

MARTIM — É mentira, cachorro! E cale-se agora mesmo se não quer que eu lhe dê um tiro na boca!

GAVIÃO — Que é isso, meu irmão? Bote pra lá esse rifle!

CAETANO — Manuel, você quer que isso aqui pegue fogo?

MANUEL — Deixe, Caetano, eu quero ver até onde vai esse pinto, brigando com um galo velho como eu! A coisa de que eu tenho mais raiva é desses cabras que se agarram assim aos patrões. Briguem, defendam a terra, está bem, foram pagos pra isso. Mas que é que ele tem a ver com a família do outro?

CAETANO — Então você não sabe? Esses dois são da família de Joaquim.

MANUEL — São da família?

GAVIÃO — Somos, Manuel. Dois parentes pobres, sem pai nem mãe, dois irmãos que, não tendo outro meio de vida como vocês, fomos chamados para cabras do parente rico e poderoso.

MANUEL — Então peço que me perdoem. Eu não sabia!

GAVIÃO — Não tem importância; meu irmão está, mesmo, levando isso muito a peito. Por mim, meu parentesco terminou, não tenho ligações de sangue com o homem que aluga o meu.

MARTIM — Não é motivo para se ouvir brincar com Rosa assim.

GAVIÃO — *Brincar* com ela, queria eu, que é mulher para um homem se perder nela.

CAETANO — De qualquer jeito, parenta ou não, não é mulher para seu bico.

GAVIÃO — E quem disse que é para o meu bico que eu quero essa moça?

CAETANO — Cuidado, ela vem aí!

MANUEL — Vamos, é melhor vigiar a cerca para o lado de lá.

Saem MANUEL *e* CAETANO, *em ronda, pela cerca.* ROSA *aparece no alpendre da casa de* JOAQUIM, *com um pote ao ombro.*

GAVIÃO — Pronto, aí está a nossa prima. Manuel é quem tem razão. Que coisa! Parece uma garrota! Eu só queria ser o pote que ela carrega!

MARTIM — Cuidado, ela pode ouvir!

GAVIÃO — Melhor ainda seria entrar no pote que ela tem, mas isso seria bom demais para mim! Fico em tempo de morrer, só em pensar! Como é grande e forte!

MARTIM — Ela?

GAVIÃO — O pote. Qual será o de melhor água, o dela ou o outro? Será que ela deixaria eu experimentar, comparando as duas águas?

MARTIM — Não sei, acabe com isso! Vá ver os outros, podem ter ido derrubar a cerca.

GAVIÃO — E você?

MARTIM — Eu fico. Se houver alguma coisa, grito por você.

Sai GAVIÃO.

MARTIM — Rosa! Há três dias você não fala comigo!

ROSA — E de quem é a culpa? Você me tratou mal!

MARTIM — Eu, tratá-la mal? Vivo como louco, escondendo o que sinto por você, obrigado a ouvir dos outros o que quero e o que não quero, à espera de um momento em que possa lhe falar, em que possa pelo menos vê-la. E somente porque a você, somente a você, digo o que sinto, você diz que estou tratando você mal?

ROSA — Já lhe pedi que não falasse mais nisso. E você prometeu.

MARTIM — Prometi com medo de perder até o direito de lhe falar. Prometi esperando que você mude um dia. É possível isso, Rosa?

ROSA — Não sei. Acho que não.

MARTIM — Que diferença do tempo em que éramos meninos! Você ia passar dias em nossa casa... Naquele tempo, você me tratava bem. Agora, mudou muito!

ROSA — Quem mudou foi você!

MARTIM — É verdade, estou muito mais pobre! Perdemos a terra e agora estou reduzido à condição de cabra de seu pai.

ROSA — Você sabe que não é isso o que estou dizendo!

MARTIM — Felizmente é dele, um parente, e não de outro! E, quando estou me sentindo muito humilhado, posso dizer a mim mesmo que, se estou aqui por necessidade, é por sua causa que fico.

ROSA — Deixe tudo isso de lado. Para que esses pensamentos tristes? Sou sua prima, sua amiga de sempre. Não estou esquecida de nada.

MARTIM — Mas seu coração está longe! Você pensa que eu não sei? Sei de tudo, Rosa. Sei por que você não me quer, por que vive pelos cantos, pelos matos, feito um bicho brabo, a ponto de que o povo já começa a falar.

ROSA — A falar?

MARTIM — Você sabe como é esse povo. E, no entanto, se eles soubessem... É seu pai, é seu sangue que você vive traindo a cada instante! Porque é do filho do inimigo dele que você gosta, é por ele que você vive esperando.

ROSA — *(Baixando a cabeça.)* Francisco não tem nada a ver com essas brigas, elas apareceram depois que ele foi embora!

MARTIM — E se ao menos ele gostasse de você! E se ele está no cangaço mesmo, como dizem?

ROSA — É mentira! O que se fala é que ele anda viajando com um Circo.

MARTIM — Outros dizem que ele morreu, que a polícia matou, numa estrada da Espinhara. E se ele tiver morrido, Rosa?

ROSA — Se ele morreu, a vida se acabou para mim. Mas ele está vivo.

MARTIM — E pensar que talvez seja por causa de um morto que você não quer mais nem ouvir falar de mim! Francisco talvez tenha morrido. E mesmo que esteja vivo, não sabe nem que você vive aqui, morrendo por causa dele!

ROSA — Eu sei, sei isso demais, para que estar me dizendo de novo? Que é que você ganha em aumentar meu sofrimento? Francisco não sabe nem que existo, o que é que posso fazer? Mas ele volta! E talvez não esteja longe, o dia. Meu tio mandou chamá-lo, por causa dessa questão. Foi um homem procurá-lo.

MARTIM — E você se alegra com a vinda de um homem que venha talvez para matar seu pai! Mas talvez aconteça o contrário. Porque se Joaquim Maranhão souber da chegada dele, manda matá-lo antes! Com a situação como está, se ele chegar é um homem morto. Você não diz nada?

ROSA — Não tenho nada a ver com essas mortes por causa de terra. O que eu sei é que minha tia Inocência é a mãe de Francisco e é irmã de meu pai.

MARTIM — Ontem seu pai disse aqui, para quem quisesse ouvir, que mulher de inimigo era inimiga também. Outra coisa, quero avisá-la: Inocência tem vindo aqui para conversar com sua avó e você. É melhor acabar com isso. Se seu pai avistá-la do lado de cá da cerca, atira nela.

ROSA — Na irmã dele?

MARTIM — Você sabe, melhor do que eu, quem é seu pai.

ROSA — *(Saindo ofendida.)* Está bem, obrigada.

MARTIM — Rosa, não me deixe! Fique mais um pouco!

ROSA — Pra quê? Pra você me insultar a cada instante?

MARTIM — Peço-lhe que me perdoe, estou sofrendo muito. Tenho um pedido a lhe fazer, Rosa.

ROSA — Um pedido?

MARTIM — Se houver briga e eu morrer...

ROSA — Não haverá briga nenhuma!

MARTIM — Mas se houver e eu morrer, não deixe minha mãe sair daqui, fique com ela perto de você. Você promete?

ROSA — Prometo, mas tire isso da cabeça. Nem vai haver briga, nem você vai morrer. *(MARTIM sai, bordejando a cerca, no encalço de GAVIÃO. CAETANO* e *MANUEL voltam em ronda, como sempre pelo lado da casa de ANTÔNIO. Daqui por diante, não se indicarão mais esses movimentos de ronda, cuja necessidade e oportunidade as próprias falas irão indicando. DONANA aparece à porta da casa de JOAQUIM.)* Mãe!

DONANA — Mãe... Eu bem queria que fosse mesmo!

ROSA — E não é?

DONANA — Não. Mãe de sua mãe. Eu criei você e, depois que minha filha morreu, tomei o lugar dela. Mas não sou sua mãe. Sua mãe era aquela que carregou você aqui nove meses. E sangrou por você.

ROSA — É porque você não gosta de mim como gostava dela.

DONANA — Você sabe que pra mim não há ninguém como você.

ROSA — E eu nem ao menos me lembro direito de minha mãe! Mas você se lembra, não?

DONANA — Uma velha como eu tem sempre de que se lembrar. Não que eu quisesse, mas de vez em quando a gente não pode mais, minha filha, e se lembra sem querer.

ROSA — Eu sei, também não posso deixar de pensar nela, com seus vestidos vermelhos. Junto o que me lembro com o que você me conta, mas o que fica é muito pouco. Não posso saber direito como minha mãe era.

DONANA — E quem pode? Ninguém podia olhar para ela direito, era como uma onça ou como o sol. E a casa, com ela viva, era como o jardim, ela cobria tudo de rosas e

papoulas vermelhas.

Rosa — O jardim ainda é o mesmo e as flores não morrem, venha a seca que vier. Eu não deixo essas flores morrerem, de jeito nenhum!

Donana — No enterro dela, a terra estava cheia de flores. Eu tinha plantado algumas, mas nasceram outras, sem ninguém plantar. Parecia até que estávamos nos baixios. Mas isso durou pouco, veio a seca e matou tudo! Os baixios! Ali sim, a terra é boa e mansa. Aqui só se vê o sol, a morte, as pedras e as cobras nas estradas! Não tenho mais muitos anos de vida não, minha filha. Se você puder, quero que me enterre lá, na terra de onde vim. Você promete?

Rosa — Prometo, fique descansada. Quanto a mim, quero ser enterrada aqui. Minha terra é esta: dura e seca, cheia de pedras e espinhos, mas quero ficar nela, quando morrer. Minha mãe tinha os olhos escuros?

Donana — Tinha sim, os olhos e os cabelos também.

Rosa — Como eu.

Donana — Mas não era calada como você, era alegre e de sangue bom, como fogo. Você vai para a cacimba?

Rosa — Vou.

Donana — Você acorda e o dia já amanhece com você na cacimba. Você é filha de um dono de terra, e o povo está começando a estranhar seus modos.

Rosa — Na cacimba, quanto mais cedo melhor. Eu desço até a água, sentindo o cheiro do barro acordado. A água, nessa hora, ainda está serenada, fria e limpa do sereno da noite. Eu vou!

Rosa sai e Donana entra em casa. Entra Cícero, vindo pela estrada, ao mesmo tempo que Martim, Gavião, Caetano e Manuel vêm chegando em sua ronda. Cícero é um velho, com rosários e cajado.

Cícero — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Manuel — Louvado seja o Seu santo nome!

Gavião — O povo diz que você dá azar, sabia disso, Cícero?

Cícero — O povo diz muita coisa por este mundo. Eu sou homem de paz e religião.

Manuel — O ano é de seca! Aqui a briga está pega não pega! E você ainda vem agourar por aqui.

Cícero — Que é que você perde com isso? Para você é até bom, morre mais gente e seu negócio aumenta.

Manuel — Seu enterro, eu quero ter o gosto de fazer dentro de pouco tempo.

Cícero — Vamos ver, vamos ver. Talvez, seja eu que cante, no seu, meus benditos e excelências. Ainda hei de viver muito tempo. *(Canta, baixinho, um encantamento.)*

Ora vamos correr ali
as cidades do outro mundo.
E ora vamos correr ali
as cidades do outro mundo.
Quando ele pegou a faca
no chão teve que se deitar.
E ê nanã, eiá! E ê nanã, eiá!
Depois se levantou,
veio pronto pra me furar,
e ê nanã, eiá! E ê nanã, eiá!
Ora vamos correr ali
as cidades do outro mundo.
Ora vamos correr ali
as cidades do outro mundo.

Caetano — Cruz! Nossa Senhora nos livre de seus agouros! Que é isso que você está cantando?

Martim — E por que veio aqui, logo hoje? Se o barulho começar, talvez seja você o primeiro a matarem.

Cícero — E talvez seja você também, que pode morrer de tiro ou de faca, porque você é desses cujo sangue tem vontade de queimar, no sol. Joaquim Maranhão está? Ouvi dizer que estava na Espinhara.

Gavião — Esteve, mas chegou. Donana está em casa, vá perguntar a ela.

Saem os cabras.

Cícero — É aqui. A casa é a mesma, mas a mulher morreu. Eita, que sol! *(Cantando.)*

— Ó de Casa! — Ó de fora!
— Minervina, o que guardou?
— Eu não lhe guardei mais nada:
nosso amor já se acabou.

Na primeira punhalada
Minervina estremeceu,
na segunda, o sangue veio,
na terceira, ela morreu.

Eita, que sol!

Donana — *(Entrando, do alpendre.)* É você, Cícero? Ouvi você cantar, só podia ser você: acho que ninguém sabe mais essa cantiga, a não ser nós dois.

Cícero — Era o romance que sua filha cantava. Fala de morte e sangue. Coitada, parecia que vivia adivinhando que ia morrer daquele jeito!

Donana — Cuidado, se Joaquim nos pega falando nisso, é capaz de nos matar também! Mas agora, ele está na várzea. Então você

também se lembra, Cícero! Eu não posso me esquecer do dia em que ela morreu. Ela estava cantando esse romance mesmo, ali quando fala na morte da moça, quando Joaquim entrou, com a faca na mão.

Cícero — Cuidado, ele vem aí!

Entra Joaquim, *pela estrada, vindo da várzea.*

Joaquim — Meu cavalo está pronto?

Donana — Está.

Joaquim — E Rosa?

Donana — Foi para a cacimba.

Joaquim — Sozinha?

Donana — Sim.

Joaquim — Cuidado com ela. E cuidado com você também, ouviu? A situação está ruim, talvez piore hoje e quero estar seguro de tudo.

Cícero — Ninguém pode estar seguro de nada, num mundo e num tempo como estes.

Joaquim — O quê?

Cícero — Não se pode estar seguro nem da vida nem da morte. Às vezes, vive-se muito tempo, outras morre-se moço, sem que ninguém saiba por quê.

Joaquim — Que é que você quer dizer?

Cícero — Nada.

Joaquim — Não gosto dessas coisas esquisitas, aqui na minha terra. E você tem rosários demais, entendeu?

Cícero — Sou homem de religião, como você sabe, Joaquim Maranhão.

Joaquim — Pois, de religião ou não, vou lhe dar um conselho: arrume suas coisas e vá embora. Isso aqui, hoje, vai pegar fogo.

Donana — Joaquim, pelo amor de Deus! Você vai cercar a casa de Antônio?

JOAQUIM — Ele não mandou chamar o filho? Certamente pensa que me intimida e vai derrubar a cerca. Assim, é melhor atacá-lo antes. Vou queimar-lhe a casa, e quando eles saírem, atiro em um por um.

DONANA — Antônio é seu cunhado.

JOAQUIM — E ele se lembrou disso quando tomou minha terra? Manda fazer uma casa perto da cerca, defronte da minha, para me provocar, e você vem dizer que ele é meu cunhado? Minha irmã quis homem, arranjou esse: está bem, fique lá com ele! Mas, por isso, eu não vou perder minha terra. E tem outra coisa: soube que, quando eu dou as costas, Inocência vem aqui falar com você e Rosa. Não quero minha filha com esse povo não, está ouvindo? Quanto a você, se quiser falar com ela, mude-se para lá e fique de vez. Aqui, em minha casa, não, está ouvindo?

Sai.

DONANA — Viu? É assim, sempre o mesmo homem perverso e perigoso. Se não fosse Rosa, eu já tinha ido embora desta casa há muito tempo!

Entra INOCÊNCIA, *vinda da casa de* ANTÔNIO RODRIGUES.

INOCÊNCIA — Joaquim saiu para o campo, eu estava olhando por trás da janela.

DONANA — É verdade, mas é preciso cuidado. Desculpe, mulher, mas ele, agora mesmo, proibiu que falássemos com você.

INOCÊNCIA — Eu venho para falar com ele, é preciso que Joaquim se lembre de que sou irmã dele.

CÍCERO — Ele esquece tudo por causa da terra. Joaquim é como um desses bichos venenosos que moram nas pedras, da cor da pedra e cujo veneno mata.

INOCÊNCIA — Quando vejo este sol, o milho morrendo sem amparo na terra quente, chega me dá uma agonia.

CÍCERO — Por mim, já estou habituado. Vi minha mulher e meus filhos morrerem de fome na estrada, quando vim para cá. Já faz muitos anos e é sempre assim. Uma bala, o sol, cobra, uma doença, uma briga, a velhice, e, seja gado ou gente, tudo tem de morrer um dia.

INOCÊNCIA — E eu, Cícero, estarei melhor? Estou vendo a hora de morrer meu marido e já perdi meu filho, que ninguém sabe, a esta hora, se é vivo ou morto. Cada pessoa que aparece na estrada, penso que é o portador que foi procurá-lo e que vem me dizer que ele morreu. Quantas vezes já vi em sonho Francisco chegando em casa, balançando dentro duma rede que pinga sangue nessa estrada, ou então correndo, com a polícia atrás! Cada volante que passa é uma pancada no meu coração! E agora, por cima de tudo, meu marido e meu irmão, com essa questão de terras. Eu vim falar com Joaquim

por isso, já basta de tanta morte. Quando a pessoa morre no tempo, na cama, de doença ou velhice, ainda vá. Mas quando é outro que mata, fica tudo na brutalidade. *(Avistando Rosa, que vem voltando, dirige-se a ela.)* Rosa, minha filha, eu vim falar com seu pai! Você é a única pessoa que seu pai ouve. Veja, eu lhe peço de joelhos!

Rosa — Minha tia, o que é que eu posso fazer?

Entra em casa, desesperada.

Donana — Levante-se, Inocência!

Inocência — Meu Deus, ela nem me ouviu!

Donana — Não repare, é o medo e é o jeito dela. Rosa é um bicho brabo. É de viver nesses matos, sem ver ninguém. O povo destes altos é todo assim e minha filha foi morta do jeito que você sabe.

Cícero — Mulher, deixe de lado o que já passou!

Donana — E eu posso deixar todo aquele sangue de lado? Quem pode esquecer a morte, vivendo entre estas paredes?

Inocência — Será que Rosa sabe tudo o que se passou?

Donana — E eu sei? Às vezes ela diz umas coisas de cortar o coração. É de fazer medo, porque se ela sabe...

Inocência — E afinal, que importa, se ela sabe ou não? O sofrimento vem de qualquer jeito. Todos nós sofremos muito, demais, mais do que o permitido. Eu por exemplo, sei o que passei, antes de me casar, dentro desta casa amaldiçoada. E depois, será que foi melhor? Vi meu filho brigar com o pai e sair de casa, para nunca mais, talvez para o cangaço, para a morte. Você não precisa me dar desculpa sobre a morte, sobre o sofrimento, sobre os modos de Rosa. É meu sangue, o sangue de Joaquim que está dentro dela. E, de todas nós, foi você a que sofreu mais, vendo sua filha assassinada daquele jeito.

Donana — Sofrer, não sei! Aquilo será sofrer? De noite, na cama, tudo calado e de dia a boca da gente pegando fogo, porque não se pode dizer o que quer. Dizer que tudo era mentira!

Inocência — Eu sei, mulher!

Donana — Minha filha não o enganava, ele matou porque quis, porque ela era alegre e boa e ele não pode suportar isso, sempre ruim, sempre desconfiando de todo mundo. Mas um dia, ele me paga!

Cícero — Foi a vontade de Deus!

Dona Ana — Aqui só manda a vontade dele! E o pior é que vejo tudo encarnado para a frente, agora com Rosa. Porque ele já começa rondando como um cachorro, em redor dela. Qualquer homem que se aproxima, está ameaçado de morte. Agora, você que viu Rosa, me diga se foi para isso que ela nasceu tão bonita!

Cícero — Meu Deus, Joaquim vem aí!

Dona Ana — Mulher, saia, pelo amor de Deus!

Inocência vai sair de junto da cerca, mas Joaquim entra antes. Ele puxa o revólver e dirige-se para Inocência.

Joaquim — Eu não disse a você que deixasse meu povo em paz?

Antônio aparece à janela de sua casa, com um rifle na mão. Vendo a cena, dá a volta, sai por um lado da casa e surpreende Joaquim por trás.

Antônio — Joaquim, se você se mexer eu atiro! Ela está na minha terra!

Joaquim — *(Sem medo.)* Mas eu não quero que ela venha cá falar com meu povo.

Antônio — Então proíba seu povo de vir aqui na cerca quando ela estiver perto, porque, na minha terra, minha mulher anda por onde tiver vontade.

Inocência — Eu não vim procurar os outros, vim para falar com você, Joaquim.

Joaquim — Não quero ouvir o que você quer dizer. *(Guarda o revólver.)* E você, Antônio! Que vergonha, mandar a mulher na frente para se garantir! Mas eu entendo, ela é minha irmã, é de meu sangue, e quem tem coragem aí é ela! E sabe do que mais? Abaixe esse rifle, não admito provocações de ninguém diante da minha casa!

Antônio — Estou na minha terra! Pelo menos daí para cá, você ainda não teve coragem de dizer que era seu!

Inocência — Por que essa briga toda, meu irmão? Você sabe perfeitamente que a terra é de Antônio. Ele tem documentos antigos e isso aqui sempre foi da família dele. Quando meu pai morreu disse isso a mim e a você!

Joaquim — E fui eu que invadi a terra? Foi o gado, mesmo, que, sem encontrar cerca, foi entrando. Ele nunca precisou dessa terra para nada, nunca fez nada nela! Quem derrubou o mato fui eu, quem queimou fui eu. Ainda sinto o cheiro da resina queimada! Quem ajeitou o pasto para o gado? Fui eu! Não vou renunciar a tudo agora.

Antônio — E eu não reconheço isso? Tanto reconheço que, apesar da terra de meu Pai ser sagrada para mim, já mandei lhe dizer: faço um acordo e abro mão dela. Mandei também dizer ao juiz que concordo em lhe dar a terra que você cercou, contanto que você me dê um pedaço igual, tirando de suas terras lá de baixo, dos baixios.

JOAQUIM — Só dou a metade! A terra dos baixios é melhor do que a desses tabuleiros, que só têm pedra.

ANTÔNIO — A terra dos baixios é melhor para mim, mas para você, que só faz criar, essa aqui lhe serve perfeitamente, por causa do pasto. O gado que eu crio é pouco, o que me interessa é o algodão e o milho. Assim, não é justo o que você diz. Acredite: por mim, já teria desistido, mas meu filho pode voltar e tenho que pensar nele, como meu pai pensou em mim, defendendo a terra para que eu a encontrasse.

JOAQUIM — Ah, seu filho... Soube que você mandou gente procurá-lo. Entendi então sua proposta de acordo: o que você quer é ganhar tempo enquanto ele chega. Fique você sabendo que já tomei providências para a chegada dele. Mas será que Francisco vem? Aquele tem sangue de homem, é meu sobrinho. E tendo brigado com você, nunca mais o perdoará. Francisco não bota mais os pés na terra que você pisar.

ANTÔNIO — O que Francisco pensa de mim não me interessa. Você não tem nada a ver com isso. Nem eu também, de certa forma: goste de mim ou não, devo cumprir minha obrigação, defendendo a terra para ele.

JOAQUIM — Eu também tenho que pensar em mim e na minha filha.

ANTÔNIO — Você é rico, Joaquim!

JOAQUIM — Isso é o que você pensa. Quem sofre mais na seca do que o gado?

INOCÊNCIA — Pois discuta tudo com Antônio, sem brigas, como cunhados que são. Para que esses homens armados de lado a lado?

JOAQUIM — No dia em que eu desarmar meus cabras, ele bota minha cerca abaixo. E nesse mesmo dia morre, porque eu mato.

ANTÔNIO — Vá, então! Continue o que você vem fazendo há anos. Mate, roube, faça o que quiser. Mas eu lhe aviso: minha morte será mais difícil do que as outras que você já fez.

JOAQUIM — Que é que você quer dizer?

ANTÔNIO — Exatamente o que disse! Mas uma coisa eu quero deixar clara: nisso tudo, o que menos lhe interessa são os direitos de Rosa. É unicamente por sua causa que você quer me espezinhar, é uma questão de ódio pessoal a mim. O que você nunca pôde perdoar foi Inocência ter casado comigo. Você é assim, e assim ficará até morrer. Foi assim com Inocência, foi assim em casa e está sendo assim, agora, com Rosa.

JOAQUIM — *(Enfurecido.)* Saia daqui agora mesmo!

ANTÔNIO — Está bem. Mas se houver sangue, ele há de cair sobre sua cabeça. Eu lhe pedi, antes, que tudo se fizesse em paz.

Joaquim — Guarde seus conselhos para você mesmo. Quanto ao acordo sobre a terra, mandarei minhas condições pelo juiz. E saia, enquanto é tempo; senão atiro na sua cabeça.

Antônio — Adeus, mulher. Deus queira que se saia disso tudo sem sangue!

Donana — Adeus, Antônio, Deus o acompanhe.

Antônio — Adeus, Rosa.

Joaquim — Rosa, com Donana não tenho nada a ver, mas você é minha filha, tem meu sangue. Não responda!

Rosa baixa a cabeça, Antônio e Inocência entram em casa e Joaquim na dele. Pela estrada chegam dois retirantes, Inácio e sua mulher, Joana.

Inácio — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Todos — Louvado seja Seu santo nome!

Inácio — Dona, me dê uma esmola para minha família. Se pudesse ser de comida, eu agradeceria muito, desde ontem que a gente não come nada.

Rosa — De onde vêm vocês?

Inácio — De longe, moça, nós somos das Vertentes.

Cícero — Para onde se destinam?

Inácio — Vamos por aqui, em procura do Juazeiro. Disseram que o governo está pagando aos cassacos para consertar a estrada, vou ver se acho trabalho.

Donana — Tenho guardado uns pratos de comida. É leite com farinha. Não se tem muito e o povo que pede aumenta cada vez mais, de modo que é o que posso dar.

Inácio — O que você trouxer é bom, moça. Eu venho pagar, num tempo melhor.

Rosa entra em casa. Inácio senta-se, com Joana, no alpendre da casa de Joaquim.

Joana — Ah meu Deus! Que sol!

Inácio — Eu só penso, mulher, é a gente esmourejar tanto e terminar sem um pedaço de terra pra plantar e comer.

Joana — Cale a boca, essas terras estão cheias de homens armados. Que será?

Inácio — Não sei.

Joana — Estou com cuidado em Neco, ele já devia estar aqui.

Inácio — Não tenha medo! Ele ficou ali, na cerca. Viu um enxu no oco de uma estaca e disse que ia tirar o mel pra nós.

Joana — Estou com medo! Com todo esse pessoal armado...

Inácio — Ele já é quase um homem, fique descansada.

Entra Rosa, com dois pratos.

Rosa — Tome, filha de Deus!

Inácio — Dona, Deus lhe pague. No inverno, se eu puder, a senhora recebe tudo isso.

Donana — Não é preciso, faz-se o que se pode. Saiu muita gente de sua terra?

Inácio — Muita, quase todo mundo foi embora.

Cícero — A fome é muita por aí afora. A Espinhara está pegando fogo!

Inácio — Dona, eu vou lhe dizer uma coisa: essa terra é amaldiçoada!

Joana — Homem, pelo amor de Deus não diga uma coisa dessa! Você não tem medo dum castigo?

Inácio — Os meninos morrendo aos montes e os pais pelas portas, pedindo ajuda, pra fazer o enterro dos inocentes. Agora eu pergunto: isso pode estar certo?

Joaquim entra e cruza rapidamente a cena, com o rifle.

Rosa — *(Ansiosa.)* Pai!

Joaquim — Que é?

Rosa — Houve alguma coisa?

Joaquim — Estão derrubando a cerca!

Sai, perdendo-se ao fundo, junto à cerca.

Joana — *(Inquieta.)* O que foi, dona?

Donana — A cerca! Nossa Senhora, a briga vai começar!

Joana — *(A Inácio.)* Pelo amor de Deus, vá atrás de Neco! *(A Rosa.)* Moça, pelo amor de Deus! *(Põe as mãos e ajoelha-se.)*

Rosa — Que há?

Joana — Meu filho ficou lá longe, na cerca. *(Ouvem-se dois tiros.)* Meu Deus! Neco!

Corre para fora, com Inácio. Entra Gavião.

DONANA — Gavião, que foi que houve?

GAVIÃO — O rapaz estava montado na cerca. Joaquim atirou nele com o rifle. Ele respondeu com uma garrucha, e correu. Mas parece que está ferido!

ROSA — Meu Deus, vamos avisar papai!

DONANA — Ele não estava derrubando a cerca não, estava só tirando mel!

Correm para fora. Entra NECO, rapazinho ferido. Olha por todos os lados, procurando. Na mão, tem uma garrucha. JOAQUIM entra no seu encalço. NECO joga a garrucha no chão e corre. JOAQUIM vai ao limiar da cena, leva o rifle ao rosto e atira, no momento em que todos, inclusive os cabras, voltam.

GAVIÃO — Está morto.

JOANA — Minha Nossa Senhora! *(Corre para fora, com INÁCIO.)*

DONANA — Joaquim, por que você fez isso? Ele não tinha nada a ver com o pessoal de Antônio!

JOAQUIM — Como é que eu podia saber? Estava na minha cerca, eu só podia pensar que era para derrubar. E ele atirou em mim!

DONANA — Com uma garrucha de menino, carregada de chumbo, depois de um tiro de rifle...

JOAQUIM — Cale a boca. O enterro fica por minha conta. Foi uma desgraça que aconteceu com ele como podia acontecer comigo. Manuel, leve o rapaz no caixão da caridade, o resto eu pago. E diga ao pai do menino que eu o matei por engano, que ele vá lá em casa que eu estou disposto a pagar o que ele pedir.

MANUEL — Onde se faz o enterro?

JOAQUIM — Junto da parede do sino, você tem licença para entrar em minha terra.

Entra em casa, com ROSA e DONANA.

MANUEL — Só assim o homem me dava licença para entrar na terra dele, hoje. Vou para a capela, ajeitar o caixão. Juntem as mulheres, pra rezar, e tragam o rapaz para a igreja.

Abre a porteira e entra na capela.

GAVIÃO — Que cara é essa, meu irmão? A bala pegou em você?

MARTIM — Não.

GAVIÃO — Foi você quem matou o rapaz?

MARTIM — Não, mas foi horrível pensar que ele morreu por engano, inocente, nessa briga em que estamos metidos. Podia ter sido um de nós o escolhido para atirar nele.

GAVIÃO — Você deixe de estar pensando no que não presta, senão vai terminar atirando na cabeça. E Manuel vai lucrar com seu enterro.

MARTIM — Como já está cuidando de lucrar com a morte desse pobre. Joaquim vai pagar o enterro e quer dar dinheiro ao homem. Agora? Que é que adianta, depois do filho morto? Esta terra é perdida, com o sol, as balas, a poeira!

CAETANO — Estão ouvindo o barulho do serrote e do martelo na madeira? Aquilo é Manuel, ajeitando o caixão da caridade.

MARTIM — Sei que vou passar a noite de hoje com esse barulho do martelo nos ouvidos.

CAETANO — Você se acostuma. Eu ouço aquilo desde pequeno.

MARTIM — Mas um, coitado, daquela idade! Viveu, trabalhou, andou tanto pela estrada que estava com os pés em carne viva... E pra quê? Pra morrer aqui desse jeito!

CAETANO — O mundo é assim mesmo, e não temos outro lugar pra onde ir. Ninguém vive de graça, nem morre de graça, como diz Manuel.

MARTIM — Estava tirando mel para dar aos pais. As mãos dele ainda estavam molhadas, tinham mel e sangue. Eu vi, quando cheguei perto. Ah, meu Deus, que terra, esta!

Entra CÍCERO, *com uma cruz de madeira na mão.*

CÍCERO — Vim avisar que o povo já vem. O sino está batendo, parecem ondas douradas no sol. Ele só bate assim quando uma pessoa morre de tiro. O sol estava em redor dele quando atiraram. E quando o sangue molhou a terra, estava morno. Agora vêm cantando por causa dele. *(Numa invocação.)* Chega, irmão das almas, não fui eu que matei não!

Entram todos, conduzindo o caixão que MANUEL *levou da capela para o lugar onde se supõe que estava o corpo.* JOANA *e* INÁCIO *encabeçam o cortejo, com a dor já contida e rezando, como se, de certa forma, vissem que não tinham mais nada a fazer pelo filho, exceto isso.*

JOANA

Tenho o meu rosário
pra nele eu rezar
mais Nossa Senhora
quando eu lá chegar.

TODOS

Quando eu lá chegar
com muita alegria.
Rosário de prata
da Virgem Maria.

Cícero — Chega, irmão das almas, não fui eu que matei não!

Enquanto se enterra o rapaz, vão rezando e cantando.

Donana — *(Cantando.)* Nossa Senhora, orai por ele!

Inocência

(Cantando.)
Mãe de Deus, Mãe de Deus,
Ó Mãe de Deus,
Orai por ele, Mãe de Deus!

Inácio — *(Rezando.)* Meu Deus, tenha piedade de nós!

Cícero — O sangue vermelho foi derramado.

Caetano

(Rezando.)
Estão se abrindo os portões
de prata do paraíso.

Martim

(Rezando.)
Adeus, adeus, meu irmão!
Até dia de juízo!

Donana — *(Rezando.)* Ó rosário sem mancha de Maria!

Inocência — *(Rezando.)* Ó mistério de sangue da paixão!

Joana — O sangue por perto dele molhava a terra vermelha.

Manuel — *(Rezando.)* Virgem Mãe.

Caetano — *(Rezando.)* Estrela matrona.

Martim — *(Rezando.)* Bogari verdadeiro.

Gavião — *(Rezando.)* Rosa manjerona.

Cícero — O sangue dele corria na terra. Na terra de poeira parda. Tinha mel e sangue na boca, vermelho e dourado. Os anjos de ouro estavam no céu e a Morte passou por ele, com as asas brilhando, no vento cheio de sol.

Joana — Meu filho! Mataram!

Inácio — Venha, não fique assim não! Um dia, eles pagam tudo isso!

Rosa sai de casa e aproxima-se deles.

Joana — É a senhora! Ah meu Deus!

Inácio — Que é que você vem fazer aqui, moça?

Rosa — *(A Joana.)* Dona, pelo amor de Deus, escute!

Inácio — Sua casa é casa de gente boa, casa onde a pobreza come! Ah, se eu tivesse sabido! Melhor que não tivesse dado nada, pelo menos eu não estava sentindo na boca o gosto dessa comida amaldiçoada! Mas seu pai pode ficar descansado, se eu estiver vivo quando chover, venho pagar tudo!

Sai.

Rosa — Dona, eu não tive culpa, eu não estava com vocês? Foi meu pai! Ele matou minha mãe também! Esconderam de mim, mas eu sei! Ele matou minha mãe. Eu me lembro, eu vi, tinha sangue no quarto dela!

Joana — Eu sei que você não tem culpa, moça, mas que adianta? Quando olho pra você, vejo o sangue que matou o meu! Criei meu filho a vida toda: como é que vou ficar agora? O sol já vai se cobrindo, vou ficar sozinha no escuro. No começo, não acreditava direito, até que vi esses homens jogando terra para encher a cova. Aí, não pude mais!

Rosa — Eu sei, mas eu? A senhora me perdoa? Eu lhe peço pelo sangue de Nosso Senhor!

Joana — Descanse, filha de Deus, por mim está perdoada!

Rosa — Vá então pra junto de sua família. E Deus lhe pague o que fez por mim!

Rosa está do lado da casa de Joaquim. Gavião e Martim estão junto à porteira da cerca. Enquanto Joana sai, indo se juntar a Inácio, Francisco chega, pela estrada.

Francisco — Isso foi um enterro?

Gavião — Foi. Pelo menos parece, porque enterraram um homem, e quando acontece isso, chama-se um enterro.

Francisco — Boa chegada, pra quem vinha fugindo da morte.

Martim — Você é daqui?

Francisco — Mais ou menos. Quem morreu?

Gavião — Um rapaz que ia se retirando e que, aqui, se retirou de vez para o céu.

Francisco — Morreu de fome?

Gavião — Não, de cobra! Uma cobra, de dentes de ferro, mordeu o coitado bem no meio da testa.

Francisco — Uma cobra?

Martim — Não ligue, é meu irmão e fala demais. O rapaz morreu de tiro.

Francisco — Por quê?

Gavião — Por nada. Morreu por engano.

Francisco — É o que acontece com todo mundo. Quem o matou?

Gavião — O dono da terra que você está pisando.

Francisco — Antônio Rodrigues, das Cacimbas?

Martim — Não, Joaquim Maranhão, da Quixaba.

Francisco — Esta terra não é dele.

Gavião — Pois vá dizer isso a ele, se tem coragem. Posso perguntar quem é você?

Francisco — *(Indicando Manuel que vem chegando.)* Manuel me conhece, pergunte a ele.

Manuel — Francisco!

Caetano — Saia, vamos para o outro lado da cerca! Isso aqui está queima não queima, por causa da terra. A briga parou enquanto se fazia o enterro!

Francisco — Espere, não tenho nada a ver com as brigas de meu pai!

Manuel — Você não veio para ajudar? Não recebeu o recado de seu pai, não?

Francisco — Não recebi nada, estou chegando por acaso! Mas esperem: quem é aquela?

Gavião — Ah, aquela é a filha do dono da cobra de ferro que matou o rapaz!

Francisco — Rosa!

Manuel — É Rosa, sim. Você ainda se lembrava dela?

Francisco — Não como ela está agora! Ah, meu Deus, foi como se eu tivesse tido uma vertigem, parecia o sol dançando na minha vista! Ela parece uma garrota vermelha,

uma égua castanha com as crinas balançando!

Gavião — Se você olhar muito, a cobra de ferro morde você! O homem mata quem olha para ela, principalmente por baixo do vestido, como você está querendo!

Francisco — O vestido não deixa, está cobrindo demais!

Gavião — E nós, queríamos cobrir e não podemos!

Francisco — Está errado, um vestido assim, porque o que ele mostrasse bem valia a pena.

Martim — *(Erguendo o rifle.)* Eu se fosse você, falaria com mais cuidado!

Francisco — Calma, companheiro, falei por falar. Ela é minha prima e estava brincando um pouco com seu irmão.

Martim — Cada um sabe de si e o que pode fazer ou não. Mas, com a situação como está, eu aconselharia você a voltar para o lugar de onde veio.

Gavião — Que é isso, meu irmão? A briga ainda nem começou e, parente por parente, ele também é nosso.

Martim — Façam o que quiserem, não tenho nada a ver com isso. Inimigo é inimigo e eu digo a você, Gavião, que tome cuidado com esse.

Sai.

Gavião — O que foi que deu nele, meu Deus?

Sai também, no encalço do irmão. Rosa *encaminha-se para casa.*

Francisco — Rosa!

Rosa — Meu Deus, é você?

Francisco — Ainda sabe quem sou?

Rosa — Peço-lhe, por tudo quanto é sagrado, que não fique aqui; se meu pai me avistar com você, mata-o na mesma hora!

Francisco — Não tenho nada a ver com as brigas de meu pai. E você sabe se não é assim que eu quero morrer?

Rosa — Eu devia ter fingido que não o reconhecia, mas não esperava isso e não pude! Meu Deus!

Francisco — Que é que você tem, Rosa? Por que me trata assim?

Rosa — Não sei, adeus!

Francisco — Não, não vá agora! Por que tudo isso? É por causa da terra? Deixe que meu pai e o seu briguem, mas não me receba desse modo!

Rosa — Recebê-lo? Como? Quem sou eu, para recebê-lo de um modo ou de outro? Você nunca me deu esse direito, Francisco!

Francisco — Rosa!

Rosa — Não, não chegue perto de mim, vá pra sua terra! Não sei o que estou dizendo, foi a morte desse rapaz que me deixou assim. Adeus. E, em nome de Deus, volte para onde estava.

Entra em casa.

Francisco — Afinal, que é que há por aqui? Por que todos me tratam com tanta dureza, no momento em que chego?

Caetano — É a morte, que, aos poucos, vai nos cercando e deixa todos nós assim.

Francisco — Mas comigo? Que tenho eu a ver com tudo isso? Por que Rosa falou assim comigo?

Manuel — Vá procurá-la à noite, quando Joaquim Maranhão não estiver perto e pergunte a ela. Escolha uma hora em que ela estiver só e à noite, só pode ser à noite. Ela talvez diga muita coisa. Mas, antes de ir, pense bem se quer mesmo saber, porque a resposta pode levar você à morte.

Francisco — Está bem. E meus pais?

Caetano — Vou chamá-los.

Francisco — Não. Tenho um favor a lhe pedir, Manuel. Não estou com coragem para ver meus pais agora. Vou para o cercado: você avise meus pais de minha chegada e diga que eu virei para casa depois que o sol se puser. Diga que, por favor, ninguém vá me buscar lá. Eu virei, logo que possa.

Manuel — Não está direito isso, rapaz! Vá tomar a bênção a seus pais!

Francisco — Não, peço-lhe por favor. Outra coisa: onde foi enterrado o rapaz?

Manuel — Perto do muro da igreja.

Francisco — Pois, se meu pai consentir, quero que vocês cavem uma cacimba defronte da cova, no oitão da casa.

Manuel — Uma cacimba, aí? Será que dá n'água?

Francisco — Conheço este lugar, se cavar bem, dá n'água, deste lado.

Manuel — Está bem, vou falar com seu pai.

Francisco — Sim, é ele o dono da terra. Diga a ele que quando escurecer, eu volto. Mas não quero nem ouvir falar no que se passou entre nós.

Sai.

Manuel — Camarada, pode azeitar o rifle, porque o barulho vai começar hoje à noite.

Caetano — Ele disse que não tem nada com a briga do pai.

Manuel — E você acredita nisso? Pra que essa chegada de repente, senão pra brigar?

Caetano — É possível.

Manuel — Enfim, a noite desce já, o escuro já está cobrindo tudo. Eita, noite velha! É a hora em que tudo acontece; a morte, o sono, tudo o que esquenta o sangue e escurece a cabeça. O dia acaba e a noite chega, mais esquisita ainda depois de um sol como esse que nos deixou, depois de uma morte como essa que sucedeu. Assim, é melhor ficarmos preparados para tudo: com um começo como o de hoje, tudo pode acontecer. Ninguém está livre de nada, nesse mundo em que nem se vive nem se morre de graça.

Saem.

Fim do Primeiro Ato.

Segundo Ato

Mesmo lugar. Estão em cena GAVIÃO, MARTIM *e* CAETANO.

GAVIÃO — Que coisa mais esquisita, essa desse camarada mandar cavar uma cacimba, sem ninguém saber por quê! Depois, não quer falar com os pais. Por que será?

CAETANO — Não sei, ele sempre foi assim, com esses modos esquisitos. Não é de hoje não.

GAVIÃO — Engraçado, ele é meu parente e eu nunca o tinha visto. Você o conhece desde pequeno?

CAETANO — Conheço! Os pais não sabiam o que fazer com ele. Aliás, acho que nem ele mesmo sabia, tanto que vivia pelos matos.

GAVIÃO — Será que vão obedecer a ele, nisso de não procurá-lo?

CAETANO — Isso nem se pergunta! E não dou um minuto para o homem mandar-nos cavar a cacimba que ele pediu.

GAVIÃO — Companheiro, você não acha que, de cavar, já basta a cova do rapaz?

CAETANO — Acho, mas que é que posso fazer? Agora, pelo menos, não será para enterrar ninguém.

Entram ANTÔNIO, MANUEL *e* INOCÊNCIA, *vindos da casa do primeiro.*

ANTÔNIO — Foi ali que ele pediu?

MANUEL — Foi.

ANTÔNIO — Caetano!

CAETANO — *(A* GAVIÃO.*)* Está vendo?

ANTÔNIO — Ajude Manuel ali a cavar uma cacimba até que dê n'água.

CAETANO — E quem vigia a cerca?

ANTÔNIO — Encostem os rifles aqui perto. Qualquer coisa, vocês podem ver daqui.

INOCÊNCIA — Meu Deus, me dê paciência! Para onde ele disse que ia, Manuel?

MANUEL — Para o cercado. Pediu que ninguém fosse vê-lo e que recebessem ele como se não tivesse havido nada.

ANTÔNIO — Falou mais alguma coisa?

Manuel — Não, somente isso: que cavássemos a cacimba e que ninguém fosse vê-lo. Como se não tivesse havido nada!

Inocência — Deus que me dê força para suportar tudo isso!

Antônio — Não chore, não há motivo nenhum para isso, se ele voltou. Venha, tudo se arranjará da melhor maneira possível.

Entram em casa.

Martim — Que sujeito, esse Francisco!

Gavião — Que tem ele?

Martim — Todas essas manobras, esse mistério! Só pensa em chamar a atenção de todo mundo!

Gavião — Você parece que não gosta muito dele.

Martim — Eu o odeio!

Gavião — Por quê?

Martim — Não sei, olhei para ele e detestei-o no mesmo instante, acho que meu sangue não combina com o dele.

Gavião — E no entanto é o mesmo sangue nosso.

Martim — Você mesmo disse que esses laços de sangue não valiam mais nada. Se isso é verdade com Joaquim, de cujo lado estamos, quanto mais esse inimigo, que nós nunca tínhamos visto!

Gavião — Você acha que ele veio para tomar a terra de volta?

Martim — De volta, diz você? Então você acha que eles têm razão e nós estamos do lado errado?

Gavião — Meu irmão, eu lhe digo uma coisa: estou nessa briga e vou nela até o fim, do lado em que comecei. Mas o que eu acho a respeito dela é meu e ninguém tem nada a ver com isso.

Martim — Você tem razão, desculpe.

Gavião — Que é que você tem? Desde hoje que está pelos cantos, calado, querendo morder todo mundo antes de tempo... Que é que há?

Martim — Não sei, meu irmão, talvez seja tudo isso, esta terra, essa morte, essa briga que começa... *(Para os outros, a fim de se distrair.)* Ei, camaradas, cavando de novo?

Manuel — De novo, e agora sem sua ajuda.

Martim — Pra que é a cacimba, desta vez?

Manuel — Espero que não seja para os defuntos de vocês dois.

Gavião — O mesmo espero de vocês.

Manuel — Cheguem-se mais pra perto. A cacimba está se abrindo e a terra está ficando mais fria. Parece que vai dar n'água, mesmo.

Gavião — Que cheiro bom!

Caetano — É a terra nova que a enxada abriu. Não derrubem a cerca e poderão ficar sentindo o cheiro até sair a água nova.

Entram Cícero *e* Joaquim.

Joaquim — Gavião! Martim! Venham cá! É verdade o que Cícero me disse, Francisco está de volta?

Gavião — Está. Foi para o cercado, mas disse que voltaria, assim que escurecesse.

Joaquim — Ele foi ao cercado? Fazer o quê? Fiquem de olho na cerca, talvez ele tenha ido lá para o alto do tabuleiro.

Gavião — Pra quê?

Joaquim — Talvez para queimá-la.

Martim — Pensei nisso, mas depois vi que, com o arame, ele não conseguiria grande coisa.

Joaquim — Mesmo assim tomem cuidado com ele. Aquilo é como gato, esconde as unhas pra dar o bote melhor.

Martim — Joaquim, se houver luta, gostaria que você deixasse esse Francisco a meu cuidado.

Joaquim — Espere, cada coisa tem seu tempo, quando chegar a hora eu lhe digo. Ele disse que voltaria ao escurecer?

Gavião — Disse, mas se posso dar minha opinião, acho que ele não veio pra brigar não. Disse que não tem nada a ver com a terra do pai.

Joaquim — Quer dizer que a briga entre os dois continua. Isso é bom; talvez, assim, o acordo se faça como eu quero e não como Antônio pensava que podia, na esperança da ajuda do filho. O juiz esteve aqui?

Gavião — Esteve, mas tivemos que fazer-lhe um pouco de medo; ele começou a fazer perguntas sobre a morte do rapaz.

JOAQUIM — Ah, não fale nisso, foi uma desgraça. Como é que eu podia saber? Numa situação dessas, ele acha de tirar mel logo na cerca!

CÍCERO — É verdade, você não podia adivinhar.

JOAQUIM — O pai foi embora sem me ver e sem receber o que queria lhe pagar. Mas que culpa tive eu? Só quero que me deixem em paz com minha terra, minha casa, minha filha e meu gado. É o que peço e não é muito. Estou envelhecendo e, mesmo quando era mais moço, nunca fiz mal a quem não se meteu na minha vida. Por que, então, não me deixam em paz? Paz, paz: é só isso o que eu desejo agora. Caetano!

CAETANO — Que há?

JOAQUIM — Diga a Antônio que apareça, quero falar com ele.

CAETANO *sai para a casa de* ANTÔNIO.

CÍCERO — Você vai renovar a proposta de acordo ou fazer outra?

JOAQUIM — Depende da situação, depende do que houve entre ele e o filho. Vamos ver, aí vem ele.

ANTÔNIO — *(Entrando, seguido de CAETANO.)* Você quer falar comigo? Que há?

JOAQUIM — Seu filho chegou, como eu suspeitava: o que você queria mesmo era ganhar tempo.

ANTÔNIO — Você pense o que quiser, Joaquim, a verdade é o que eu já lhe disse. Foi para discutir que você me chamou?

GAVIÃO — Aí vem o rapaz.

JOAQUIM *arma o rifle e* ANTÔNIO *também. Entra* FRANCISCO.

FRANCISCO — Meu pai, que é isso? Abaixe esse rifle! E o senhor, meu tio, é assim que me recebe? Posso cumprimentá-lo?

JOAQUIM — Você está armado?

FRANCISCO — Não.

JOAQUIM — A situação não permite falta de cuidado. E, modos por modos, os seus são muito mais estranhos: você não tomou nem a bênção a seu pai.

FRANCISCO — O senhor não tem nada com isso. Quanto à situação, ela se criou na minha ausência. Eu não tenho nada com isso, nem me meto nas brigas de meu pai.

ANTÔNIO — No entanto, eu estou lutando pela terra por sua causa!

FRANCISCO — Eu lhe pedi, por acaso, que fizesse isso? A terra pela qual estão lutando não vale nada, pelo menos para mim.

ANTÔNIO — São terras altas, mas dão bom pasto para o gado.

FRANCISCO — Você sabe se eu quero criar?

ANTÔNIO — É a terra de seu pai, foi a terra de seu avô e deve ser sagrada para você.

FRANCISCO — Cheia de sangue é uma carga muito pesada! A família! Que herança, quantas histórias amaldiçoadas vêm com ela!

JOAQUIM — É verdade. Mas se você pensa assim, a questão é fácil. Você não quer criar, eu não quero plantar. Você aceitará trocar a terra de pastagens por outra de baixios?

FRANCISCO — Dirija-se a meu pai. Como poderia discutir qualquer acordo sobre uma terra que não me pertence? Só depois que meu pai morrer é que posso me apossar de tudo. Discuta, portanto, com meu pai: o dono da terra é ele, eu não.

Ao ouvir isso, ANTÔNIO *encara* FRANCISCO *e sai sem dizer palavra.*

JOAQUIM — Então com seu pai vivo, depende dele... E se dependesse de você?

FRANCISCO — Não sei, deixem-me em paz, todos! Já estou cansado de ouvir falar nesta terra e de dizer que não quero nada com ela. Até parece que é a única coisa que existe aqui! Por que não me deixam em paz como eu quero deixar vocês?

JOAQUIM — Obedeço. Em todo caso, estou à sua disposição quando você quiser conversar sobre o acordo. E diga a seu pai que, agora, ficou tudo mais fácil.

FRANCISCO — Por quê?

JOAQUIM — *(Rindo.)* Diga somente isso, eu sei que ele entenderá. E diga também que, agora, eu aceito, sob palavra, a proposta que ele tinha me feito para que nossas casas fossem respeitadas.

Sai.

FRANCISCO — Briga de família, questão de terra, a lembrança e a ameaça do sangue: não há dúvida, estou em casa! E minha cacimba?

MANUEL — Parece que vai dar n'água.

FRANCISCO — Quando estiver perto do fim, eu venho terminar, deixem isso para mim. Porque talvez hoje essa briga se acabe.

Entra em casa.

Martim — Você viu o que eu dizia? Isso é lá gente! Insinuou a Joaquim que se ele matasse o pai, faria acordo sobre a terra!

Gavião — Você acha que foi isso que ele quis dizer?

Martim — Claro! Você não viu como o pai saiu, quando ele disse aquilo? E agora entendo o mistério da cacimba, é a cova do pai que ele mandou abrir.

Gavião — Meu Deus, será possível?

Cícero — Venham, a água está começando a minar.

Gavião — Agora, o cheiro da terra está mais forte. A noite está avançando e esfriando. Se fosse no inverno, o riacho deveria estar com água, bonito, com a lua em cima.

Cícero — Pois eu gosto da noite, mesmo na seca. Talvez porque eu seja de uma terra mais baixa, onde até as noites são quentes. Aqui, nestas alturas, seja qual for o tempo, a noite é boa. Está esfriando aos poucos, sentem? Mas a terra ainda está morna e cheirosa. Olhem: a água vai ficar bonita, com esta luz! Venham ver!

Gavião — Não, Cícero, é melhor ficarmos aqui. Você pode andar à vontade por onde quiser, todo mundo o respeita. Conosco é diferente.

Manuel

Abriu-se a cacimba nova
e um Anjo acordou no céu,
com cravos em seu redor.
Cravos e rosas em seu peito
viraram manjericão.
Ele tem seis coroas na cabeça.
Ah, se fosse no inverno!
As bonecas de milho, cor de ouro
estariam balançando no vento:
na terra do roçado
e na bandeira do mastro grande,
para olhar o Anjo!

Cícero

A luz das estrelas brancas
brilha por todo o seu corpo,

mas, se ele viesse ao mundo,
a terra pegava fogo.
De dia, ele passa nas estradas,
mas abaixa o rosto
para que tudo não se queime.
Mas, mesmo assim, a luz é tanta
que ninguém pode ver direito.
O Sol! A Morte!

MARTIM

Sim, talvez seja perigoso,
mas no entanto eu queria
avistar um Anjo na terra.
Mesmo que ele viesse vestido
com um manto de sangue e fogo
e fosse o Anjo da glória e da morte.

CAETANO

Ele desce pelo caminho de Sant'Iago,
num Cavalo todo branco
que tem uma estrela de prata na testa.
No dia em que ele vier de noite,
todos os paus se enchem de resina.
Tudo cheirando: o cheiro
das cajazeiras no vento.

MARTIM — Camaradas, vamos plantar, em louvor do Anjo, um galho de roseira na terra molhada.

GAVIÃO — De onde tiramos? Do jardim de Rosa! Tome, aqui está! Um pé de rosas vermelhas! Martim planta as rosas de Rosa e na rosa vermelha dela, eu, Gavião, queria bicar!

Entrega o pé de rosa a MANUEL*, que começa a plantá-lo. Entra* FRANCISCO*, que permanece silencioso, olhando a noite.*

Manuel — Agora está atacado de tristeza. É assim, brinca, briga, e de repente fica calado, olhando para a noite.

Caetano — A cacimba deu n'água!

Francisco — Então eu vou!

Martim — Vamos sair daqui, Gavião!

Saem os dois, Martim lançando um olhar de ódio a Francisco, que se aproxima de Manuel e Caetano.

Francisco — Que é que você está fazendo?

Manuel — Nada, foi Gavião que me deu esse galho de roseira e eu estou plantando na terra molhada, em louvor do Anjo e da cacimba.

Francisco — Foi de lá, do jardim de Rosa?

Manuel — Foi.

Francisco — Então deixe, que eu mesmo quero plantá-lo. E vão buscar suas Violas, quero que vocês cantem alguma coisa para mim e para celebrar o Anjo da cacimba.

Caetano — E seu pai? Ele não quer que se deixe a cerca!

Francisco — Diga a ele que eu fiquei vigiando.

Cícero — E Inocência?

Francisco — Passou o choque, está bem agora. Vão. Eu vou cavar o que falta. *(Saem Cícero, Manuel e Caetano. Rosa aparece em sua casa e, enquanto Francisco acaba de cavar e amassar a terra, plantando o galho, aproxima-se dele. Francisco vai até a cerca, perto dela.)* Você? Estava esperando que você viesse.

Rosa — Que era que você estava fazendo?

Francisco — Estava terminando de abrir a cacimba. Gosto da água. E de cortar a terra também.

Rosa — Eu sei, ouvi você dizer isso uma vez.

Francisco — E ainda se lembra?

Rosa — Eu nunca me esqueço de nada que ouvi de você.

Francisco — No começo, a terra estava dura, seca e parda. Mas, depois, foi ficando mais escura, macia e mansa. Terra morena e boa!

Rosa — Daqui se pode sentir o cheiro.

Francisco — É a terra nova, molhada, a terra que a enxada abriu. Foi ficando mais molhada, mais úmida, e, de repente, a enxada cortou um veio novo e a água encheu tudo, espumando, com cheiro de raiz. Venha ver!

Rosa — Não, meu pai me mata!

Francisco — Ele gosta de mim, comigo não se importa: venha! *(Rosa temerosamente obedece e transpõe a cerca*. *Francisco toma-a pela mão e aproxima-se da cacimba.)* A água está ficando cada vez mais limpa, agora, e a lua está boiando nela. Venha, eu plantei na terra molhada o galho de uma roseira sua!

Rosa — Daqui? Do meu jardim?

Francisco — Sim, um dos rapazes de seu pai tirou e nos deu.

Rosa — Martim?

Francisco — Não sei, ele entregou o galho a Manuel.

Rosa — Só pode ter sido ele!

Francisco — Você diz isso de maneira estranha. Por quê?

Rosa — Essas rosas eram de minha mãe, se ele fez isso, foi de propósito, por minha causa!

Francisco — Por sua causa?

Rosa — E por causa de você, também! Tome cuidado com ele. Ele o odeia, vejo isso claramente, agora!

Francisco — Ele me odeia? Como, se nem o conheço?

Rosa — Mas ele o conhece, é um parente pobre e distante nosso, que meu pai empregou, com o irmão.

Francisco — E o ódio que ele me guarda, guarda a você também?

Rosa — Não sei.

Francisco — Então é amor?

Rosa — De minha parte, não.

Francisco — E da parte dele?

Rosa — Não sei.

Francisco — Devo perguntar a ele?

Rosa — Não!

Francisco — Por quê?

Rosa — Porque você arriscaria a vida e não quero que você morra!

Francisco — Rosa! Você está linda agora, com a noite e a lua. Mas seu vestido é outro. Por que você o trocou?

Rosa — Se eu disser, você me desprezará.

Francisco — Desprezá-la, eu? Nunca! Diga por que foi, nós estamos sós.

Rosa — Martim me disse... Não, nunca terei coragem!

Francisco — Martim? Que lhe disse ele?

Rosa — Que você tinha dito umas coisas feias a meu respeito. É verdade?

Francisco — É verdade!

Rosa — Você me despreza, então?

Francisco — Não, Rosa, acredite que não! Eu disse tudo brincando, até sem maldade. Não sei por que disse aquilo, digo o que não devo, quase sem querer. Quem sou eu para desprezá-la?

Rosa — Ah, Francisco, fiquei tão triste! Depois, ele disse que você só queria o meu mal e tinha dito que era pena que meu vestido me cobrisse tanto! E eu, em vez de lhe ter ódio, fui procurar esse vestido, que era de minha mãe, e o vesti para vir aqui.

Põe o rosto entre as mãos.

Francisco — Rosa, peço-lhe de todo coração, que me perdoe. Eu não a desprezo, não a desprezarei nunca. Quero me casar com você, desde que a avistei que penso nisso. Foi por isso que, não sei por que, resolvi abrir a cacimba: queria ficar com você junto dela! E foi por isso que tomei o galho de sua roseira dos outros, para plantá-lo eu mesmo.

Rosa — Ah, meu Deus, Francisco, é verdade o que você me diz?

Francisco — Eu lhe juro pela Hóstia e pelo Cálice, por tudo quanto é sagrado. Que é isso? Está chorando?

Rosa — Não, estava agradecendo a Deus o que acabo de ouvir!

Francisco — Rosa!

Rosa — É preciso cuidado, Francisco, se meu pai nos encontrar aqui, Rosa morre.

Francisco — Não tenha medo.

Rosa — Eu tenho que ter medo, por mim e por você, porque agora estaremos sempre ameaçados pela morte, pelas mortes que estão por todas essas paredes, pela estrada,

na igreja, no cemitério!

Francisco — É verdade, eu sinto isso mais do que você pensa! Aqui, então, a morte parece que ronda todos nós. Seu pai, o meu, esse Martim que parece amá-la e por isso há de querer me matar, e, agora, nós dois. Por que eu nunca tinha reparado em você antes, Rosa? Rosa, meu amor!

Rosa — Não, por favor, não se aproxime.

Francisco — Você não me perdoou ainda?

Rosa — De todo coração, não tinha nada a lhe perdoar. Mas Francisco, meu amor, veja, pelo amor de Deus, o que nos pode acontecer. Você é cego, sempre foi assim, e não sabe aonde isso pode nos levar! Eu tenho que ir.

Francisco — Tenho um pedido a lhe fazer, antes que você vá.

Rosa — Pois faça.

Francisco — Vista o vestido que você usava quando eu cheguei. E tome esta faca para você. Não é bonita?

Rosa — É linda!

Francisco — Está vendo o cabo? É todo cravejado de ouro. Foi nosso avô que deu à mulher, como presente de casamento. É por causa deles dois que nosso sangue é o mesmo, façam nossos pais o que fizerem para nos separar. Tome, é sua. Quero que você saiba que vou me casar com você, mesmo que isso nos leve para a morte.

Rosa — Francisco, meu amor, o mesmo digo eu!

Beija o cabo da faca e entra em casa. Entra Inocência*, vinda da sua, e aproxima-se de Francisco.*

Inocência — Meu filho!

Francisco — Que é, minha mãe?

Inocência — Vi quando você veio para cá. Você está contente em casa?

Francisco — Estou.

Inocência — Você ainda vai embora?

Francisco — Não sei, acho que não. Mas com esta briga, este ambiente de ameaça...

Inocência — Não fomos nós que começamos isso, pode acreditar!

Francisco — Eu sei.

Inocência — Tenha paciência conosco, meu filho! Com seu pai principalmente! Depois do que se passou...

Francisco — Eu pedi para não falarmos mais nisso!

Inocência — É verdade. Nós ficamos muito sós, depois que você foi embora. Vivíamos no roçado, trabalhando, fazendo mais do que se precisava, para não ter que ficar em casa e não nos lembrarmos de tudo. Agora, mal chega, você fez qualquer coisa a seu pai que o deixou arrasado. Que foi?

Francisco — Minha mãe, deixe isso tudo, pelo amor de Deus!

Inocência — Está bem. Você veio falar com Rosa?

Francisco — Vim.

Inocência — Não se meta com aquele povo não, meu filho. É triste se dizer isso do próprio irmão, mas aquilo é gente de sangue ruim. A mãe de Rosa...

Francisco — Eu sei, Joaquim matou-a, não estou esquecido.

Inocência — E mata você também, se o pegar com Rosa!

Francisco — Isso não é tão fácil, como todo mundo parece que anda pensando! Mas vamos deixar isso, vem gente aí.

Entram Martim *e* Gavião, *fazendo sua ronda.*

Inocência — Esses homens armados, aqui, dia e noite! É insuportável, isso! E Joaquim fez questão de colocar aqui, defronte de minha casa, esses dois, para me lembrar que estou contra meu sangue. Ah, meu Deus!

Francisco — Seu sangue é o do meu pai e é com ele que sua obrigação está. E, se é por esses aí, os nossos vêm também. Caetano, Manuel, cheguem! *(Cícero entra com os dois, que trazem Violas.)* Trouxeram as Violas, muito bem! Venham cantar, que a cacimba deu n'água.

Martim — *(A Gavião.)* Você não acha estranhos, esses modos dele, depois do que houve com o pai? Estão tramando alguma coisa, é bom prevenir Joaquim.

Cícero — Ah, a água, limpa e nova! Cantem um romance, é o que eu acho mais bonito, de tudo o que se canta! Acho bom quando eles falam nesses lugares bonitos, de longe, como o conde que mata a mulher e a filha, numa Torre. Eu não sou daqui, cheguei numa seca de que ninguém mais se lembra. Só aqui é que vim ouvir esses romances que vocês cantam. Sou de longe, muito longe. É por isso que gosto de ouvir cantar sobre esses lugares.

Francisco — Eu estive em muitas terras por este mundo afora. Mas nunca vi esses lugares de que os romances falam.

Rosa aparece em casa e vai-se chegando para a cerca.

Manuel — Ah, meu Deus, faz tanto tempo que não canto! Será que ainda sei algum romance?

Caetano — Sabe sim, vamos cantar enquanto a briga não começa.

Manuel — Qual?

Caetano — O de Minervina.

Cícero — Esse não, é melhor cantar um romance de pega de touro.

Manuel — Não, não me lembro de nenhum. Vou cantar o de Minervina mesmo.

Cícero — É preciso cuidado, Joaquim pode ouvir e ele proibiu que se cantasse esse romance, vocês sabem muito bem por quê.

Francisco — A terra do lado de cá é nossa, aqui se canta o que nós queremos.

Inocência — Cuidado, Rosa está ali!

Francisco — Cantem o romance, eu vou para lá.

Vai para junto de Rosa. Manuel canta, à Viola, acompanhado por Caetano.

Manuel

— Ó de casa — Ó de fora!
— Minervina, o que guardou?
— Eu não lhe guardei mais nada:
nosso amor já se acabou.
— Minervina, tu te lembras
das palavras que disseste?
Que a outro tu não amavas
enquanto vida eu tivesse?
Minervina, tu te lembras
daquela tarde de sol
em que caíste em meus braços
toda banhada em suor?

Na algibeira do capote
trago um punhal escondido
para matar Minervina
que não quis casar comigo.
Na primeira punhalada
Minervina estremeceu,
na segunda, o sangue veio,
na terceira, ela morreu.
Do céu me caiu um cravo
na copa do meu chapéu:
terá sido Minervina
que vai subindo pro céu?
Vou me embora, vou me embora!
Eu daqui vou me ausentar.
Vou sair de mundo afora,
vou morrer, vou me acabar!

CÍCERO — Ah, esse é o romance mais bonito que conheço! As cordas da Viola parecem de prata, como a lua, e o romance fala de amor e morte. Para mim, a parte mais bonita é quando se fala que Minervina vai subindo para o céu. Em cada estrela tem uma escada de prata que desce até a Terra. É por elas que se sobe para o céu. Como é bom ouvir um cantador, cantando assim, no mato, uma história de morte e de sangue, com a lua esfriando e entrando pela madrugada! Olhem, a noite está cada vez mais clara! O manjericão baixou, em direção à terra. Isso quer dizer que o ano é de inverno, mas de desgraça e morte também.

MANUEL — Ah, estamos na seca, mas mesmo assim a noite cheira tanto que o mato chega parece florado! Ah, o milho em pendão!

CÍCERO — Vamos aproveitar a água nova, e benzer, com o manjericão, as mulheres casadas e as moças donzelas. Orvalhadas! Cheguem as mulheres casadas! *(Benze INOCÊNCIA com um galho de manjericão, borrifando-a com água da cacimba.)* Orvalheiras! Cheguem as mulheres solteiras! *(Faz o mesmo com ROSA.)*

A água, a água! O Anjo andará pelas estradas
vestido de sete espadas de fogo.
Um touro preto correrá pelo mato,

mas não poderá cruzar as águas da enchente
e não poderá cobrir a novilha de seu sangue.
O Touro há de se ver cercado na ribanceira.
Haverá milho e algodão em seu roçado,
e o pasto será muito no cercado,
mais trinta e quatro vaqueiros
vão campeá-lo, vestidos de couro vermelho,
montados nos seus cavalos,
e o sangue do Touro preto
avermelhará as águas da enchente!

Rosa — O sangue, o sangue, o sangue! Ah meu Deus, por que não deixam de falar nisso?

Francisco — Que é isso, Rosa? Que é que você tem?

Rosa — Eles estão cantando essas coisas para me fazer medo. Mas eu não tenho! Meu pai pode me matar, mas eu não tenho medo, com você não tenho medo de nada. Eu faço o que você disser. Eu queria desde o começo, Francisco, agora não tenho mais vergonha de lhe dizer.

Francisco — Eu também quero você muito, Rosa. Mas não tenha medo, acalme-se.

Rosa — Eu quero ser sua mulher, mesmo que meu pai me mate. Vivi toda a minha vida presa, a língua presa e com você longe, mas agora não tenho medo de nada, digam eles o que disserem, cantem o que cantarem! Foi de propósito que eles disseram aquilo, ele e esse Cícero, que vive como um urubu, atrás da morte, atrás das mortes daqui! Você me quer também, não quer, Francisco?

Francisco — Quero, Rosa, é só você o que eu quero, agora!

Rosa — Então beije a faca que me deu!

Francisco — *(Obedecendo-lhe e abraçando-a.)* Você! Rosa!

Rosa — *(Aterrorizada.)* Meu pai!

Francisco — Onde?

Rosa — Lá, dentro de casa! Vá embora!

Francisco — Não!

Rosa — Vá, senão ele me mata! Vá, pelo amor de Deus! E se ele desconfiar de alguma coisa, negue de todo jeito, senão eu morro e nunca mais verei você! Você nega?

Francisco — Está bem!

Rosa — Jura?

FRANCISCO — Juro, Rosa!

ROSA — Então está tudo bem, e que Deus lhe pague, mais uma vez, tudo o que você me deu.

FRANCISCO vai para onde estão os outros. Entra JOAQUIM.

JOAQUIM — Que é que você está fazendo aqui, tão perto da cerca?

ROSA — Nada. Os homens começaram a cantar e eu vim ouvir.

JOAQUIM — Não quero você aqui perto. Espere! Que é isso que você está escondendo aí?

ROSA — Nada.

JOAQUIM — Deixe ver. De quem é essa faca?

ROSA — De minha avó, Donana.

JOAQUIM — Mentira! Você pensa que é a primeira vez que estou vendo essa arma? Ela era de meu pai e ficou para Inocência! Quem lhe deu a faca?

ROSA — Foi minha tia Inocência.

JOAQUIM — E por que você mentiu?

ROSA — Porque o senhor tinha me proibido de falar com ela.

JOAQUIM — Não foi de Francisco que você recebeu isso, não? Você estava com ele, aqui?

ROSA — Não, meu pai.

JOAQUIM — Se eu pegar você com ele, mato todos dois, está ouvindo?

ROSA — Estou.

JOAQUIM — Eu sei com que obediência posso contar! Mas, para ajudá-a, vou mandar você para a Espinhara, hoje mesmo, de madrugada!

ROSA — Meu pai, por que isso, se não fiz nada? Deixe ao menos para resolver amanhã.

JOAQUIM — Amanhã por quê? Você quer ganhar tempo, que história é essa? Aqui há alguma coisa, você nunca discutiu uma ordem minha! Que resistência é essa, de repente? É o que eu vou descobrir; mas, para evitar alguma traição que você esteja pensando em me fazer, vou forçar Antônio a fazer o acordo. Assim, não tenho mais que me preocupar com a terra e posso cuidar de você como desejo. Assim, pode se preparar, porque de madrugada você segue para a Espinhara. *(Indo perto dos outros.)* Antônio! Francisco! Venham cá todos!

Todos se aproximam, inclusive ANTÔNIO, que sai de sua casa e vem até ali, com o rifle armado. ROSA aproveita a confusão para falar com CÍCERO, que

vem até ela, perto do proscênio.

ROSA — Cícero, em nome de Deus, diga a Francisco que preciso falar com ele aqui, quando todos tiverem saído. É caso de vida ou de morte e é em nome de Deus que lhe peço.

CÍCERO *assente com a cabeça.*

ANTÔNIO — Quem é? Quem chamou?

JOAQUIM — Fui eu, Joaquim! Quero falar com você e Francisco.

ANTÔNIO — Francisco, cuidado, ele pode querer atirar agora!

JOAQUIM — Deixe de ser maldoso e desconfiado, homem! Chamei você para lhe propor uma trégua na luta, enquanto se discute a questão com o juiz.

ANTÔNIO — *(A JOAQUIM.)* Espere, quero falar com meu filho! *(Baixo, a FRANCISCO.)* Você, o que é que acha?

FRANCISCO — Eu não acho nada, aja como quiser! A terra é sua!

ANTÔNIO — Que ressentimento é esse seu contra mim? É por causa da briga que tivemos?

FRANCISCO — Você estranharia que fosse?

ANTÔNIO — Não. E já que as coisas estão assim, vou esclarecer mais uma a você. Joaquim, antes, não queria aceitar a trégua para discutir, porque sabe que não tem razão. Se, agora, ele a aceita é porque está seguro de obter a terra por outro meio e sem luta, depois. E sabe por que ele está tão seguro assim de tudo isso?

FRANCISCO — Não.

ANTÔNIO — Porque você insinuou que, depois que a terra for sua, isto é, depois que eu morrer, poderá entrar em acordo com ele. Quando você disse isso, praticamente entrou em combinação para que ele me matasse. Eu aguentei tudo, sabe Deus como! Depois pensei: não tenho nada com isso, fica entre você e sua consciência. Minha obrigação é defender a terra que foi do meu pai para meu filho. Pudesse você dizer que cumpriria da mesma forma a obrigação de honrar pai e mãe. Você pode dizer isso, Francisco?

FRANCISCO — Não sei.

ANTÔNIO — Quer dizer então que você desejou minha morte? Que talvez a deseje ainda?

FRANCISCO — O senhor pode me garantir, por acaso, que nunca desejou a minha? Ou a de minha mãe? Então o senhor julga que tudo o que me disse, naquele dia em que saí de casa, escorraçado como um cachorro, passou?

Antônio — Está bem, vou conversar com Joaquim! Estou velho e alquebrado e veja se faz por onde não me tirar o resto das forças que ainda tenho. Vou enfrentar uma luta desigual, porque tenho temor a Deus e aquele demônio não teme ninguém. Veja que é de sua atitude para com ele e para comigo que dependerá minha vida ou minha morte. Veja, então, o que faz e diz, agora, diante dele, porque senão, um dia, seu filho pode fazer com você o que você está fazendo agora comigo. *(Vai para perto de Joaquim.)* Então você quer fazer a trégua?

Joaquim — Quero.

Antônio — E discutir tudo, com base nos documentos, na presença do juiz?

Joaquim — Sim.

Antônio — Quais são as suas condições para a trégua?

Joaquim — Por enquanto, a cerca fica onde está. Quem desrespeitar o limite, com a simples passagem para o outro lado, está sujeito à morte, sem que o outro lado possa reclamar.

Antônio — Para que isso?

Joaquim — Este seu filho está rondando minha filha e quero ter o direito de matá-lo se ele vier aqui!

Francisco — Espere, o senhor precisa entender que...

Joaquim — Eu não quero entender nada e quero avisá-lo imediatamente de que, se tentar alguma coisa para o lado dela, morre!

Francisco — Está bem, mas o fato é que existem vários enganos aí no meio disso tudo!

Joaquim — Enganos? Que enganos?

Francisco — Cada um de vocês formou uma opinião sobre mim e quero dizer que nenhuma é verdadeira. Meu pai pensa que voltei na hora ruim para ajudá-lo a salvar a terra. Minha mãe pensa que voltei como o filho pródigo, para que me perdoem aqueles a quem, antes, eu devo perdoar. Para meu tio, eu sou uma espécie de cabra de confiança de meu pai e agora, ainda por cima, pensa que quero seduzir sua filha e casar com ela. Já é hora de eu mesmo dizer alguma coisa! Quero que saibam que estão todos enganados! Nem vim pedir perdão a ninguém, nem salvar nenhuma herança sagrada, nem procurar mulher. Nisso tudo, o que me interessa, é a terra. Mas não para conservá-la! Para passá-la adiante e me livrar, de uma vez, dessa carga de sangue, da terra, do gado, da família!

Antônio — Francisco, como é que você diz isso? Por acaso eu terei forças de continuar depois de ouvir o que você disse?

FRANCISCO — Isso é com o senhor, comigo não. Por que me botou pra fora de casa? Desde aquele dia acabou-se o amor que eu tinha pelo que foi de seu pai! Não me importo de perder tudo sem deixar nada para os que vierem. Meu filho que se arranje, como eu tive de me arranjar.

ANTÔNIO — Está bem: não tenho mais por quem lutar, então, porque também não tenho mais filho. Não vou arriscar minha vida inutilmente. O acordo está de pé? Não falo mais da trégua, falo do acordo mesmo, que você tinha proposto.

JOAQUIM — Está. A cerca fica onde está e eu lhe dou um pedaço de terra no baixio.

ANTÔNIO — De que tamanho?

JOAQUIM — O que eu tinha dito, a metade da que fica para mim aqui. A terra de lá é melhor.

ANTÔNIO — Você sabe perfeitamente que não tem direito a nada, mas, como você viu, não estou em situação de recusar. Aceito.

JOAQUIM — Vão chamar o juiz. *(Sai GAVIÃO para a casa de JOAQUIM.)* Bem, acho que a luta termina aqui, quanto à terra. Mas quero dizer uma coisa a todos dois: nossas famílias estão separadas para sempre.

Entram o JUIZ e o DELEGADO, com lanternas e uma trena.

O JUIZ — Bem, passemos logo ao acordo, porque, como diziam os antigos, "*ubi solitudinem faciunt, pacem appellant*".

GAVIÃO — Amém.

O JUIZ — *(Medindo, com o DELEGADO.)* Da casa de Antônio Rodrigues, Senhor das Cacimbas, à cerca em litígio, distam... hum... dez metros.

O DELEGADO — Anotado.

O JUIZ — *(Idem.)* Da cerca em litígio à casa de Joaquim Maranhão, Senhor da Quixaba, distam... hum, hum... outros dez metros.

O DELEGADO — Anotado.

O JUIZ — O acordo será devidamente homologado, de acordo com o que preceitua o Código Civil, desde que paguem as custas devidas pela ação antes intentada, pela atual diligência e pelos bons ofícios da Justiça....

O DELEGADO — ... E da Polícia....

O JUIZ — ...Os bons ofícios da Justiça e da Polícia na solução do conflito, porque, como diziam os antigos, "*virtus post nummos*".

Gavião — Amém. Que quer dizer isso?

O Juiz — A virtude vem depois do dinheiro. Entendido?

Antônio — Entendido. Agora uma coisa, Senhor Juiz: eu desejo doar tudo o que tenho à minha sobrinha Rosa, sob a condição de ela só entrar na posse de tudo depois da morte de Joaquim.

Francisco — Ele pode prejudicar minha herança assim?

O Juiz — Não.

Francisco — Está bem, era o que eu queria saber.

Joaquim — Há ainda uma coisa, doutor. Com o acordo feito, esta terra agora é minha, não é?

O Juiz — É.

Joaquim — Bem. Na frente de todos quero então avisar que, de agora em diante, quem entrar na minha terra morre na mesma hora. *(Aos seus.)* Vocês estão ouvindo? Quem pegar qualquer um dessa gente dentro da minha terra, atire, sem perguntar o que foi que ele veio fazer.

Antônio — Eu estou pelo mesmo. Qualquer um, do lado de lá, que entrar na minha terra, seja homem ou mulher, morre.

Joaquim — É justo. Minha palavra está dada.

Antônio — A minha também.

O Delegado — Vamos então proceder às medições da terra no baixio.

Saem todos, menos Cícero e Rosa. Mas Martim, depois de ter saído, entra novamente, esgueirando-se, sem que os outros o vejam.

Francisco — Cícero me deu o recado. Que há?

Rosa — Francisco, depressa, antes que notem nossa ausência. Meu pai vai me mandar para a Espinhara.

Francisco — Quando?

Rosa — De madrugada.

Francisco — Com a situação como está, não há outro jeito: vamos fugir.

Rosa — Não, fugida não.

Francisco — Você não confia em mim?

ROSA — Confio, Francisco, mas isso é contra a Lei de Deus.

FRANCISCO — Não temos tempo! Onde arranjar um padre que nos casasse agora?

CÍCERO — Se a dificuldade é essa, eu resolvo. Vocês garantem não me envolver na história, quando Joaquim descobrir tudo?

FRANCISCO — Claro. Você daria um jeito?

CÍCERO — Não, eu não! Já me arrisquei demais dando seu recado e não estou disposto a desafiar a morte desse jeito. Apenas, como vejo a decisão de vocês, tenho obrigação de evitar esse pecado, dizendo que vocês podem casar, dentro das leis da Igreja, sem o padre.

ROSA — É verdade? Sem pecado? Você jura?

CÍCERO — Juro, foi um padre que me ensinou. Não havendo, perto, um padre que faça o casamento, os dois chamam testemunhas, dizem que se recebem em casamento, como se fosse na Igreja, e estão casados diante de Deus. Vocês podem fazer isso, se não há outro jeito.

ROSA — Quem nos serviria de testemunha?

FRANCISCO — Manuel e Caetano. Cícero assistiria tudo, para nos explicar como é. Você ficaria, Cícero?

CÍCERO — Não.

FRANCISCO — Então eu vou roubar Rosa e o pecado cairá sobre você.

CÍCERO — Isso é uma violência e eu sou homem de paz e de religião.

FRANCISCO — Então tenha coragem e ajude-nos a obedecer a Deus e à Igreja.

CÍCERO — Vocês juram que Joaquim nunca saberá que tomei parte nisso?

ROSA — Juramos.

CÍCERO — Então virei, com a condição de, depois, vocês irem procurar o padre para regularizar tudo.

ROSA — Está bem.

FRANCISCO — Vamos para lá, então, combinarei tudo com Manuel e Caetano. Quando voltarmos, vamos ficar de olho: na primeira oportunidade, juntamo-nos aqui, cada um do lado de sua terra, e fazemos o casamento.

Saem. MARTIM *sai do esconderijo. Entra* GAVIÃO.

GAVIÃO — Era Francisco?

Martim — Era. Ele está planejando alguma coisa e parece que Rosa está de combinação com ele. Marcaram um encontro aqui para depois que terminasse a medição da terra.

Gavião — Um encontro? Para quê?

Martim — Acho que é para derrubar a cerca, não ouvi direito. O melhor que temos a fazer é ficar aqui, de emboscada. Se eles tentarem alguma coisa, nós atiramos.

Gavião — Vamos arriscar-nos sem precisão. É melhor prevenir Joaquim.

Martim — Não, ele é muito esquentado! Ficando a coisa a nosso cuidado, talvez não seja preciso ir longe, enquanto que, com ele, o tiroteio é certo. Vamos ficar nós dois. Se virmos que é mesmo alguma coisa com a cerca, damos um tiro pra cima e ele vem.

Gavião — Não precisa mais tantos cuidados, o acordo não está feito? Você está levando a briga mais a peito do que Joaquim, meu irmão.

Martim — Então vá embora e deixe que eu faço tudo só.

Gavião — Não, você ficando eu não vou deixá-lo!

Martim — Cuidado, vem gente!

Saem. Entram Joaquim, Antônio, Francisco, Cícero, Caetano, Manuel, *o* Juiz *e o* Delegado.

O Juiz — Está tudo pronto e medido. Agora, dormir! O sono é o melhor remédio para certas ocasiões, com a cama, amante fiel sobre a qual nos deitamos, e o travesseiro, o melhor conselheiro do homem.

O Delegado — Amém, digo eu.

Antônio — Vamos, então. Nossas relações terminam aqui. Você sempre respeitou sua palavra e eu a minha.

Saem Joaquim *e o* Juiz, *para seu lado,* Antônio *e o* Delegado *para o seu.*

Francisco — Vocês não estão achando isso esquisito? Onde estão os homens de meu tio?

Manuel — Devem ter saído. Com a conclusão do acordo, a vigilância vai afrouxar. Quando é que Rosa vem?

Francisco — O pai dela já se recolheu. Estejam preparados. Passeiem, como se estivessem de vigia na cerca. Eu e Cícero ficamos aqui.

A luz apaga-se no quarto de Joaquim. Rosa *sai por trás de casa.*

Francisco — Rosa!

Cícero — Bem, vamos depressa, porque quero sair daqui imediatamente.

Francisco — Manuel, Caetano! Cheguem! Logo, pelo amor de Deus!

Cícero — Ponha a mão na dele. Rosa, você aceita Francisco por esposo, diante de Deus e destes dois homens, como manda nossa Santa Mãe, a Igreja?

Rosa — Aceito.

Cícero — E você, Francisco, aceita Rosa por esposa, diante de Deus e diante desses seus dois filhos, como manda nossa Santa Mãe, a Igreja?

Francisco — Aceito.

Cícero — Vocês juram se apresentar ao padre, assim que puderem, para regularizar tudo?

Francisco — Juro.

Rosa — Eu também juro.

Cícero — Então estão casados, sejam felizes.

Sai Cícero, para a casa de Antônio. Francisco abre a porteira e Rosa passa para a terra de Antônio. Aparecem Martim e Gavião.

Martim — Estão derrubando a cerca!

Gavião — Martim, espere!

Francisco — Corra, Rosa!

ROSA corre em direção ao quarto de Francisco, que ficou com a porta aberta.

Martim — *(Tentando passar a porteira.)* Rosa!

Francisco — Não venha para cá não, que morre!

Martim — Rosa! Cachorro, eu vou lhe mostrar...

Passa a porteira e vai correr. Francisco atira e Martim cai. Rosa entra no quarto de Francisco.

Gavião — Martim, meu irmão!

Martim — Adeus, Gavião! Diga a Rosa que eu morro por causa dela!

Gavião — Martim! Cachorro, você o matou!

Francisco — Matei para não morrer!

Gavião — Você há de pagar a vida dele!

Entram JOAQUIM *e* ANTÔNIO, *armados.*

JOAQUIM — Que foi que houve aqui?

CAETANO — O primo do senhor desrespeitou o acordo. Passou a cerca armado, e Francisco matou-o.

JOAQUIM — É verdade, Gavião?

GAVIÃO — É.

ANTÔNIO — Assumo a responsabilidade dessa morte, ela foi feita cumprindo uma ordem minha. Porque se trate de meu filho, não, já disse que não tenho mais filho. Mas ele matou como se estivesse do meu lado. Tem alguma coisa a dizer?

JOAQUIM — Não, palavra é palavra. Passem o corpo para cá, quero que ele seja sepultado em terra minha.

ANTÔNIO — Está bem. Caetano, Manuel, fiquem aqui na cerca. Todo cuidado é pouco.

Entra em casa.

FRANCISCO — Entrei também no domínio da morte. Deus sabe, porém, que não foi por minha vontade!

GAVIÃO — Joaquim, foi para defender Rosa que Martim morreu. Ela foi roubada; esse cachorro de Francisco está com ela em casa!

JOAQUIM — Eu sei, quando ouvi o tiro, tive um pressentimento e fui logo ao quarto dela. Estava vazio. Eu fingi não saber, para não prevenir os outros e me vingar melhor. Ela está com o filho de Antônio Rodrigues, você disse. É o mau sangue da mãe! Chame todo mundo. A madrugada sai já: Antônio não espera o ataque e deve estar desprevenido, porque acredita que respeitarei o acordo. Mas não mantenho palavra agora, que se trata da honra de minha filha. Chame todo mundo! Diga que se escondam em redor de minha casa, porque vou tomar minha filha de volta e aquele cachorro morre hoje, de qualquer jeito!

FIM DO SEGUNDO ATO.

Terceiro Ato

O mesmo lugar. O Delegado *sai da casa de* Antônio *e vai até perto da casa de* Joaquim.

O Delegado — Senhor Juiz! Senhor Juiz!

O Juiz — *(Aparecendo na casa de Joaquim.)* Quem é? Quem me chama?

O Delegado — Sou eu.

O Juiz — É você, Senhor Delegado? Que há?

O Delegado — Vamos embora daqui, já. A filha de Joaquim Maranhão está aqui, no quarto do rapaz.

O Juiz — Você está louco?

O Delegado — Não, vi tudo. É ela, e está no quarto, na cama do rapaz.

O Juiz — Fazendo o quê?

O Delegado — Brigando.

O Juiz — Brigando? Como um cavalo briga com outro, mordendo e arranhando?

O Delegado — Eles mordiam e se arranhavam, mas estavam brigando mais como um Cavalo briga com uma Poldra.

O Juiz — Que absurdo! Como foi que você viu isso?

O Delegado — Ouvi o barulho e fui olhar pelo buraco da fechadura. Já faz mais de duas horas que estão lá!

O Juiz — Tem certeza?

O Delegado — Tenho tanta que não fico aqui mais nem um minuto. Vai haver tanto tiro aqui que já estou sentindo o cheiro da pólvora. Vou aproveitar a escuridão da noite que ainda resta e vou-me embora para a sede da comarca. Que acha o Meritíssimo?

O Juiz — Acho que a prudência é a rainha das virtudes; e, uma vez que o homem da guerra foge, a Justiça acompanha.

Saem pela estrada, correndo. Antônio *sai de casa, com* Manuel, Caetano *e* Cícero.

ANTÔNIO — Manuel! Caetano! Venham cá! *(Os dois saem da casa de ANTÔNIO e vêm até ele.)* Vocês ouviram? Ouvi um barulho, saí de casa, escondi-me aqui e vi o juiz e o delegado fugindo. Eles disseram aqui que Rosa está no quarto com Francisco. Vocês sabem alguma coisa? É verdade?

CAETANO — É.

ANTÔNIO — Ele roubou Rosa?

CÍCERO — É melhor que ele mesmo explique.

ANTÔNIO — A mim não interessa nem ela nem ele. O que me preocupa é que, se essa mulher está aqui, pode ser que Joaquim rompa o acordo.

MANUEL — Não é possível que ele faça isso, a palavra do homem é sagrada.

ANTÔNIO — É verdade e, com toda a ruindade, Joaquim sempre foi homem de palavra. Em todo caso, é melhor prevenir. Vão para o alto do tabuleiro e, se ouvirem barulho de tiro por aqui, vocês já sabem que o acordo foi rompido. Então, derrubem a cerca.

CAETANO — Não será melhor ficarmos aqui com o senhor? Já tem gente no tabuleiro.

ANTÔNIO — Gente moça, sem experiência. Quero alguém mais velho lá e é para ser vocês dois. Aqui, basto eu. Com Rosa em minha casa, Joaquim fica onde ela estiver. Assim, enquanto ele luta aqui por causa da filha, eu derrubo a cerca lá e tomo a terra que foi de meus pais. *(Erguendo o rifle, de repente, armando-o.)* Esperem, vem alguém do lado da cerca! Quem vem lá? Pare, senão eu atiro!

Entra INÁCIO, *vagarosamente, pela estrada.*

INÁCIO — Não atire, sou eu.

MANUEL — É o retirante! Você voltou?

ANTÔNIO — Que é que você vem fazer aqui?

INÁCIO — Ao senhor, posso dizer, uma vez que é inimigo do outro: vim vingar a morte de meu filho. Deixei a família na rodagem, debaixo de um juazeiro e vim. Mas, como não tenho rifle, vim pedir ao senhor que me arranje um, porque se eu for de faca, posso morrer antes de matá-lo.

ANTÔNIO — Eu bem que gostaria de lhe dar um rifle, mas agora não posso. Por que não me pediu logo depois que seu filho morreu?

INÁCIO — Naquela hora, ele estava cercado de homens armados. Eu tinha de me fazer de conformado, pra pegá-lo desprevenido. É o que venho fazer agora.

ANTÔNIO — Infelizmente, fizemos um acordo e dei minha palavra a Joaquim de não levantar o braço contra ele. Tenho que respeitar minha palavra, por mim e por meus

homens.

Inácio — Então o senhor me deixe ficar em sua casa, até que o dia amanheça.

Antônio — Isso posso deixar, contanto que você não se valha de minha casa para emboscá-lo. Assim que o Sol sair, você deixa minha casa por trás e vai para a estrada. Daí em diante, não tenho mais nada com isso, resolva o assunto entre você e Joaquim.

Inácio — Está bem, aceito. Irei para a estrada, ele passará por lá, se for para o cercado. Aí, vingo meu filho, de faca, ou morro para ficar com ele.

Entra na casa de Antônio.

Antônio — Francisco! Saia, quero falar com você! *(Entram Francisco e Rosa.)* Saiam, já sei tudo, ouvi o delegado comentando. Quero dizer que se faço estas perguntas, é somente porque vocês cometeram um ato que põe minha vida em perigo. Não tenho nada a ver nem com você nem com a honra de Rosa. Você veio para cá porque quis?

Rosa — Vim.

Antônio — E é capaz de sustentar isso diante de seu pai?

Rosa — Sou.

Antônio — Era isso que eu queria saber. Assim, aquele assassino não pode dizer que minha família faltou à palavra. Quanto a vocês dois, saiam de minha casa assim que amanhecer. Com você, Francisco, não tenho mais nada a ver, como já disse. Quanto a Rosa, continua a ser minha sobrinha, mas em minha casa, até o dia de hoje, só pisaram mulheres honradas.

Francisco — Rosa é tão honrada quanto minha mãe!

Antônio — Cale-se, desgraçado! Diga outra vez uma coisa dessa e mato você como quem mata um cachorro!

Francisco — Ela casou-se comigo antes de vir. Cícero está aí e pode servir de prova!

Antônio — É verdade, Cícero?

Cícero — É, Antônio. Só falta o padre regularizar tudo. Mas quanto às leis de Deus e da Igreja eles estão tão casados quanto você.

Antônio — É o que importa, o resto é secundário. É verdade, então! Deus seja louvado! Rosa, minha filha, peço-lhe que me perdoe!

Rosa — Meu tio!

Antônio — *(Abraçando-a.)* Minha filha! É pena que seu casamento tenha se dado nessas condições. Mesmo assim, Deus abençoe você!

Francisco — Meu pai, peço-lhe também que me perdoe tudo, o rancor com que cheguei e algumas das coisas que lhe disse! Uma coisa, porém, eu quero explicar: quando eu disse a meu tio que se fosse dono da terra faria o acordo com ele, estava apenas fingindo. Eu já desejava ficar a seu lado e casar com Rosa e foi para desviar a atenção dele que me fingi de ambicioso. Foi por isso que eu disse aquilo. Isso porém não atenua o outro fato, o ressentimento com que cheguei. Tudo me parecia trancado e duro, nesta terra em que o Sol seca tudo. Mas agora, com Rosa, parece que meu coração se desatou. Peço-lhe que me abençoe também e me deixe ficar do seu lado, se a briga recomeçar, seja pela terra, seja por nossa causa.

Antônio — Meu filho, seja abençoado o nome de Deus por essa alegria que Ele me dá! E que Ele abençoe vocês dois e nos traga muitos filhos, conservando-nos juntos por mais algum tempo, para que eu possa vê-los e abençoá-los, como faço a vocês.

Francisco e Rosa — *(De joelhos.)* Amém.

Cícero — Bem, eu vou-me embora, enquanto a briga não começa. Talvez Joaquim queira me matar, por causa do casamento. Adeus, Antônio.

Antônio — Adeus, Cícero.

Cícero — Adeus, Rosa, adeus, Francisco! Sejam felizes.

Francisco — Adeus, Cícero. E Deus lhe pague o que fez. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Cícero — Para sempre seja louvado o Seu santo nome!

Sai pela estrada.

Antônio — Agora, é preciso todo cuidado, meus filhos! Mas creio que não há nada a temer: nós não faltamos com nossa palavra. Espero que seu pai cumpra a dele. Joaquim sempre foi homem de honra.

Francisco — Temos certeza de que ele cumprirá.

Antônio — É preciso prevenir sua mãe de tudo. Eu vou.

Entra em casa.

Francisco — Rosa, meu amor! Você sofreu muito?

Rosa — Um pouco! Mas, ao mesmo tempo, me sentia muito feliz, por sua causa.

Francisco — Eu me senti tão bruto! Mas, d'agora em diante, você também será feliz. Temos muito tempo à nossa frente!

Rosa — Será que temos mesmo, Francisco?

Francisco — Você acha que não? Está com algum pressentimento?

Rosa — Não.

Francisco — Você acha que seu pai vai faltar à palavra?

Rosa — Acho que não.

Francisco — Você fala com um jeito tão triste... Está magoada comigo?

Rosa — Não, nunca! Nunca mais me esquecerei desta noite!

Francisco — Nem eu. Com a janela aberta, eu sentia o cheiro do mato! Você sentiu?

Rosa — Não sei.

Francisco — A madrugada está alta, mas mesmo assim, estava muito escuro, e a noite cheirando muito. A terra daqui é cheirosa, principalmente de noite. Era disso que eu sentia mais falta, quando estava longe. Rosa! Ah, se você tivesse um filho! Será que o que aconteceu hoje já dá?

Rosa — Não sei, acho que não. Eu não sei nada sobre isso, mas você me ensinará.

Francisco — Você foi feita para ter filhos, pelo corpo a gente vê. Quando foi a última vez...

Rosa — O quê?

Francisco — Que seu sangue se abriu, que você teve sangue?

Rosa — Não sei, acho que foi há uns dez dias.

Francisco — Dizem que é o tempo melhor para engravidar, mas depende também da lua, e a lua hoje foi boa. Cícero benzeu você com água nova e folhas de manjericão. Isso é bom.

Rosa — Mas quando meu pai descobrir, Francisco?

Francisco — Ele vai descobrir de qualquer jeito, assim é melhor que seja logo. Assim que o sol nascer, ele vai sentir sua falta. Mas terá que se conformar: depois do que aconteceu, você tem que ficar comigo, senão fica desonrada. E meu tio, sabendo que nós casamos, não se importará. Em último caso, mesmo que não concorde, ele terá de respeitar a palavra que deu.

Rosa — *(Temerosa de repente.)* Que foi isso?

Francisco — Não sei. Você ouviu alguma coisa?

Rosa — Ouvi assim um sussurro, como um gato andando! Ah, meu Deus, meu pai vem aí, tenho certeza! Entre, venha, Francisco!

Francisco — Mas Rosa, você está aterrorizada!

Rosa — Francisco, eu lhe peço por tudo quanto é sagrado que não fique aqui, agora! Venha comigo, pelo amor de Deus!

Francisco — Está bem, vamos!

Entram no quarto de Francisco. Inocência *sai por outra porta e vai até a cerca.*

Inocência — Joaquim! Joaquim! Donana!

Entram Donana *e* Joaquim.

Joaquim — Não passe a porteira não que morre! Que é?

Inocência — Quero falar com você, Joaquim. Você já sabe o que houve entre Francisco e Rosa?

Joaquim — Já!

Inocência — Eu vim para lhe dizer que não houve pecado entre eles, meu irmão. Antes de Rosa vir para cá, casou-se com Francisco.

Donana — Louvado seja Deus por isso! É verdade, Inocência?

Inocência — É, Cícero casou os dois de um jeito que o padre ensinou a ele para quando não houvesse possibilidade de casar de outro modo. Rosa queria vir e veio porque quis. Mas disse a Francisco que só iria com ele casada. E meu filho obedeceu a ela.

Donana — *(Súplice.)* Joaquim!

Joaquim — *(Brutal.)* Que é que você quer?

Donana — Deixe a menina em paz! Ela não casou, não obedeceu à Lei de Deus? Francisco é seu sobrinho e agiu dentro da honra e da religião. Vivi com a mãe dela o tempo todo, aqui. Depois criei Rosa também. Durante esse tempo todo, nunca lhe pedi nada. Peço agora: deixe Rosa viver em paz com Francisco!

Joaquim — Ela não tinha tudo em casa? Para que quis ir embora?

Donana — É a Lei de Deus também, deixar pai e mãe para seguir o marido. Não se pode viver como filho o tempo todo.

Joaquim — Aqui ela tinha tudo! Ela gostava do mato, e tinha o mato. Era uma moça esquisita, eu nunca reclamei. Ela gostava do gado, e eu tinha gado para ela!

Inocência — Mas ela casou! Isso não muda tudo?

Joaquim — *(Despertando, com os dentes cerrados.)* É verdade, isso muda tudo.

Inocência — Do lado de cá, todos nós mantivemos a palavra. Ela veio porque quis. Se você quiser, eu chamo Rosa para dizer isso aqui, na sua frente.

Joaquim — Não, não quero mais ver Rosa, nunca mais! Quanto à palavra de vocês, acredito. Ela sim, foi quem me traiu. Assim, minha palavra está dada e podem confiar. Mas não quero mais vê-la. Nem quero relações com vocês, como aliás já tinha dito.

Inocência — Está bem. Vou comunicar a Antônio e a Francisco que você mantém sua palavra. Isso já é muito para nós. Espero que, um dia, essa separação de terra e de família desapareça.

Joaquim — Você faz bem, em esperar! *(Inocência entra em casa.)* Você sabia que Rosa ia embora daqui?

Domiana — Não! Mas se soubesse, não teria feito nada para impedi-la.

Joaquim — Está bem, não me interessa o que você faria ou não, o que me interessa é o que ela fez. Entre!

Domiana — Você fica?

Joaquim — É preciso vigiar a cerca. Entre você!

Domiana — Quando o dia amanhecer, tomo meu destino. Não tenho mais o que fazer aqui!

Domiana entra na casa de Joaquim. Entra Gavião, como quem estava escondido.

Joaquim — Você ouviu tudo?

Gavião — Ouvi. Você vai manter a palavra?

Joaquim — Quanto à terra, sim. Mas minha filha estava fora do que jurei. E mesmo que não estivesse, não tenho palavra quando se trata dela. Você fica do meu lado?

Gavião — Fico.

Joaquim — Até o fim?

Gavião — Até o fim. Agora que mataram meu irmão, tenho que vingá-lo de qualquer jeito.

Joaquim — Então está bem. Vamos ficar ali, escondidos. Quando chegar a hora de agir, eu aviso!

Escondem-se. Entram Antônio, Francisco e Rosa.

Antônio — Está vendo? Não há ninguém, os homens de Joaquim desapareceram. Estou desconfiado disso. Vou buscar Caetano e Manuel no tabuleiro, é melhor que eles

fiquem por cá. Você fique aqui, vigiando, enquanto saio. Mas tenha cuidado, todo cuidado é pouco.

Francisco — Meu pai!

Antônio — Que é?

Francisco — Se houver briga, estou de seu lado. E agora, é para nunca mais!

Antônio — Eu sei, meu filho, e sei que devo isso a Rosa. Agora tenho coragem para tudo, de novo.

Francisco — Se me acontecer alguma coisa, quero que o senhor tome conta dela. E de meu filho, se aparecer algum.

Antônio — Está bem. Até já.

Sai. Gavião, *por trás de* Francisco *e* Rosa, *sem ser visto por eles, joga uma pedra para dentro da casa de* Antônio.

Rosa — Que foi isso?

Francisco — Parece que foi lá em casa. Será que estão atacando por trás? Vou ver!

Rosa — Meu Deus, Francisco! Você está armado?

Francisco — Não.

Rosa — Pegue o rifle, na sala!

Francisco *corre para casa.* Gavião *e* Joaquim *saem do esconderijo. O primeiro pula a cerca e vai se aproximando de* Rosa *por trás, ao mesmo tempo que* Joaquim *surge diante dela, que, aterrorizada, não dá uma palavra.*

Joaquim — Rosa, não tenha medo. Vim somente para falar com você, porque não acredito no que estão dizendo. Disseram aqui que você tinha ido para a casa daquele cachorro, como uma cachorra no cio. Mas eu só acredito se ouvir isso de você mesma. É verdade?

Rosa — É verdade, mas eu juro por Deus, meu pai, que vim casada!

Joaquim — Para mim não faz diferença.

Rosa — Então, de acordo com o que foi jurado pelo senhor e por meu tio, quero ficar aqui e espero que o senhor respeite a terra de Francisco, de acordo com a palavra que deu.

Joaquim — *(Vendo que Gavião já vai segurá-la.)* Se fui eu que dei, eu mesmo posso tirar. Não tenho palavra quando se trata de ver minha filha transformada numa égua! Agora, Gavião!

GAVIÃO, por trás de ROSA, passa-lhe um lenço na boca, amordaçando-a. JOAQUIM passa rapidamente pela porteira, domina a filha e leva-a para o alpendre de sua casa. Chegando lá, retira a mordaça. ROSA, sem pensar no que está fazendo, grita pelo marido, que ocorre.

ROSA — Francisco! *(Lembrando-se de que o está chamando para a morte.)* Não, não! Volte, Francisco!

JOAQUIM — Gavião, ela deve ficar na sala! Aponte o rifle para a cabeça dela!

GAVIÃO leva ROSA para o interior da casa, com o rifle apontado para a cabeça dela.

FRANCISCO — *(Da cerca.)* Covarde! Você me paga essa!

JOAQUIM — Quem vai me pagar é você! Solte o rifle, senão Rosa morre agora mesmo. Se você resistir, o primeiro tiro é na cabeça dela, dei ordem para isso a Gavião e você sabe que ele obedecerá por causa da morte do irmão. Você está só aí, eu estava escondido e ouvi tudo. Sua casa está cercada por meus cabras, você não tem por onde escapar.

FRANCISCO — O que é que você pretende com isso?

JOAQUIM — O que é que eu pretendo? Você ainda pergunta, cachorro? Eu não lhe disse que não tocasse na minha filha?

FRANCISCO — Ela já é minha mulher!

JOAQUIM — Ela não é mulher de cachorro nenhum, porque, mesmo que fosse, você vai morrer, Francisco. Vou matá-lo por causa do que vocês fizeram! Mas vou fazer tudo isso ainda por cima tomando a terra de vocês, como já tomei. Antônio não vai poder dizer que faltei à minha palavra.

FRANCISCO — A sua palavra! Agora sei quanto ela vale! Você é um traidor, um homem sem honra! Como é que você ainda tem a falta de vergonha de falar em palavra, quando tirou Rosa daqui?

JOAQUIM — Eu não tirei, ela veio porque quis! O que fiz, foi prendê-la, mas já depois que ela estava na minha terra!

FRANCISCO — Mentira sua! Para que ela iria aí?

JOAQUIM — Veio pedir que eu a perdoasse e não matasse você. Quando soube, por mim, que isso era impossível, quis correr de volta. Mas aí, era tarde. Ela já estava na minha terra e eu a prendi em casa, exercendo meu direito. Foi aí que você veio. Minha palavra está de pé. Mas agora, é ou ela ou você!

FRANCISCO — Que é que você pretende?

Joaquim — Matá-lo, já disse. Mas matá-lo sem perigo, nem para mim, nem para a terra. Você passa a porteira, desarmado, e, aqui, na minha terra, vou matá-lo. Antônio Rodrigues não terá nada a reclamar, não vou dar a ele o gosto de vingar o filho tomando a terra de volta.

Francisco — E se eu não obedecer?

Joaquim — Bem, aí Rosa morre. Ela já está desonrada, para mim tanto faz, é até melhor morta, porque não fica essa vergonha me olhando a toda hora. Assim, escolha, porque a hora chegou.

Francisco — Se eu obedecer, você garante a vida dela?

Joaquim — Garanto.

Francisco — E se ela tiver um filho meu, você jura que deixa os dois irem para a casa de meu pai?

Joaquim — O filho sim, não quero seu sangue na minha casa. Mas ela, não, vai ficar comigo.

Francisco — Não tenho para onde fugir, aceito. Mas quero me garantir de que você vai cumprir mesmo a palavra. Você vai deixar que eu fale com Rosa.

Joaquim — Você jura que não tentará tomá-la de mim?

Francisco — Eu já dei minha palavra, pode ficar descansado. Quero somente me despedir dela. Mas se Rosa entender que fizemos uma troca, que é minha vida pela dela, não aceita. É melhor que eu diga outra coisa. Você então confirme o que eu disser.

Joaquim — Para mim, quanto mais fácil correr tudo, melhor. Você dá sua palavra de que não resiste?

Francisco — Dou.

Joaquim — Então pode vir para cá. Tire as balas do rifle.

Francisco — Primeiro, mande trazer Rosa.

Joaquim — É justo. Mas o primeiro movimento que você fizer, eu atiro nela. Assim que eu deixar Rosa ir para perto de você, você esvazia o rifle. Está certo?

Francisco — Está.

Joaquim — Muito bem. Agora venha. *(Francisco passa a porteira e vai para o lado da terra de Joaquim.)* Fique ali, junto da cerca, perto da estrada. Eu quero falar com Rosa antes de você, preciso me prevenir. Você vai dizer a ela que vai embora de novo para o lugar de onde veio.

Francisco — Está bem.

JOAQUIM — Gavião, traga Rosa. *(GAVIÃO obedece.)* Vigie Francisco, não deixe que ele se aproxime daqui de jeito nenhum! Cuidado, ele está armado.

GAVIÃO — Está bem.

Leva FRANCISCO para o fundo da cena. JOAQUIM desamordaça ROSA.

ROSA — Francisco!

JOAQUIM — *(Segurando-a.)* Não deixe os dois se aproximarem. Se você desobedecer...

FRANCISCO — Eu já dei minha palavra!

Mantém-se no fundo da cena.

JOAQUIM — Rosa, eu quero falar com você. Fiz um acordo com Francisco.

ROSA — Eu já conheço seus acordos, meu pai.

JOAQUIM — Você está vendo Francisco armado e em minha terra? Se eu quisesse matá-lo, já tinha direito a isso, porque ele passou a cerca.

ROSA — Estou vendo.

JOAQUIM — O que acontece é que resolvi pensar melhor, a respeito do casamento de vocês dois. Fiz então uma proposta e ele aceitou. Francisco vai voltar para o lugar de onde veio, enquanto eu me informo com o padre se esse casamento está certo mesmo. Se estiver, eu deixo você viver com ele. Em troca, a terra fica para mim, ele me garantiu arranjar tudo de uma vez com Antônio Rodrigues. O que me interessa mesmo é a terra, o que interessa a Antônio é Francisco, o que interessa a Francisco é você. Com isso, não será difícil chegarmos a um acordo.

ROSA — É verdade? É verdade o que você está me dizendo, meu pai?

JOAQUIM — Francisco mesmo vai lhe dizer isso, agora! Mas tem uma coisa, Rosa: eu tive um momento de irreflexão e desrespeitei minha palavra. Se os outros souberem disso, estarei desonrado para sempre. Você quer ver seu pai, seu sangue, com essa vergonha para o resto da vida?

ROSA — Não.

JOAQUIM — Eu lhe juro que essa foi a primeira e última vez que isso acontece. Mas se Antônio e Francisco souberem que isso aconteceu, vai tudo d'água abaixo: nem seu casamento mais poderei fazer, porque eles não acreditarão mais em mim. Só quem sabe do que aconteceu é você. Gavião também, mas é outro interessado em não dizer nada. Você jura, em nome de Deus, não dizer nada a Francisco?

ROSA — O senhor deixa eu viver com ele, meu pai?

Joaquim — Deixo. Não tinha criado você para isso, mas, se não tem outro jeito, deixo.

Rosa — Então eu juro. Mas eu queria ouvir isso de Francisco.

Joaquim — Foi para isso que eu chamei você. Pode ir falar com ele.

Rosa encaminha-se para Francisco, que esvazia a carga do rifle e vem a seu encontro.

Francisco — Rosa!

Rosa — É verdade o que meu pai me disse? Você vai embora?

Francisco — Vou.

Rosa — Meu pai disse ainda que, quando você voltasse, ele deixava eu viver com você, se o casamento fosse aprovado pelo padre. Você fez, mesmo, esse acordo com ele?

Francisco — Fiz.

Rosa — Quando é que você vai embora?

Francisco — Vou agora mesmo.

Rosa — Por que tão depressa?

Francisco — Foi seu pai que exigiu. É melhor assim; nós esperamos um pouco e depois ficamos juntos para o resto da vida, sem termos que brigar a vida toda contra ele.

Rosa — Francisco! Você, me deixar agora!

Francisco — Escute o que vou dizer, Rosa, e não se esqueça nunca do que ouvir. Nós tivemos tudo. Tem gente que passa a vida toda esperando o que nós tivemos e nunca consegue. Eu tive você e você me teve. Se você estiver grávida, a terra vai ficar para o menino, já que não pode ficar para nós.

Rosa — Não pode ficar para nós? Por quê? O que é que você quer dizer?

Francisco — Nada, somente isso mesmo que disse. Seu pai não vai renunciar à terra agora, por isso eu falei desse modo. Quanto a mim, vou-me embora.

Rosa — Eu quero ir com você.

Francisco — Não pode ser não, Rosa, eu prometi a seu pai.

Rosa — Foi tão pouco o tempo que nós tivemos, Francisco! Você me chamou e eu vim. Mas nós falamos tão pouco um com o outro, eu fui sempre tão calada! Agora, você vai embora de novo! Para onde?

Francisco — Eu vou voltar para o Circo, vou viajar de novo. Você cuida de meu filho, se ele nascer?

Rosa — Cuido. Mas você vai demorar tanto assim?

Francisco — Talvez, não sei. Se eu puder, volto antes. Adeus, Rosa.

Abraçam-se e beijam-se.

Joaquim — Acabem com essa cachorrada aí!

Francisco — Entre em casa, Rosa! Agora! De outra forma não terei coragem de ir.

Rosa — Não, você está falando de um jeito tão triste!

Francisco — Vá, sem se voltar, peço isso como você me pediu há pouco: por tudo quanto é sagrado.

Rosa — Está bem, eu vou!

Francisco — Por favor, não olhe para trás. Você jura que não olha?

Rosa — Juro.

Francisco — Então vá. E, se estiver grávida, se meu filho nascer enquanto eu estiver fora, você diga a ele...

Rosa — O quê?

Francisco — Nada! De qualquer forma, eu não teria tempo de dizer o que quero. Adeus, Rosa!

Rosa — Adeus.

Entra na casa de Joaquim.

Joaquim — Agora me dê o rifle.

Francisco — Está aí. Vai ser agora?

Joaquim — Vai.

Francisco — Onde?

Joaquim — Aqui mesmo.

Francisco — Tenho um pedido a lhe fazer.

Joaquim — O que é?

Francisco — Quero rezar antes de morrer e quero ser enterrado na cacimba que mandei cavar.

Joaquim — Está certo, digo isso a seu pai. Bem, agora você está desarmado e posso lhe dizer que você vai morrer em vão, se é que morre por causa de Rosa e do filho que ela

possa ter. Não quero seu sangue na minha casa, Francisco. Assim, é melhor que não nasça menino nenhum, porque se ele nascer, morre no mesmo dia. E saiba também que tirei Rosa de sua terra à força. Não tenho palavra para um cachorro, que transformou minha filha numa égua!

FRANCISCO — Cachorro!

Salta sobre ele.

GAVIÃO — Cuidado, Joaquim!

Atira em FRANCISCO, *que cai no chão.* JOAQUIM, *por trás de* GAVIÃO, *atira nele.*

GAVIÃO — Você, amaldiçoado!

JOAQUIM — O que eu fiz não pode ter testemunhas. Adeus, Gavião!

Dá-lhe outro tiro e ele morre. ANTÔNIO *entra, correndo, com* CAETANO *e* MANUEL.

ANTÔNIO — Que foi que houve aqui? Francisco! Meu filho!

JOAQUIM — Rosa quis voltar para casa, Antônio Rodrigues, e seu filho invadiu minha terra para retomá-la. Gavião correu para impedi-lo e Francisco matou-o. Eu então atirei em Francisco.

ANTÔNIO — Meu filho, por que você fez isso? Ia começar tudo agora!

JOAQUIM — Ele pediu para ser enterrado na cacimba que mandou cavar. Veja que atirei nele garantindo minha terra e minha vida. Você garante a minha?

ANTÔNIO — Minha palavra está de pé, como sempre esteve.

JOAQUIM — Então, podem vir buscar o corpo dele. Você consente que Gavião seja enterrado com ele?

ANTÔNIO — Se você me pede isso como coisa de religião, consinto: Gavião foi morto por Francisco, foi morto como homem, cumprindo a obrigação dele. Mas se você puder dispensar, peço que dispense: quero esse pedaço de terra só para meu filho.

MANUEL — Deixem tudo por minha conta, eu me encarrego de enterrar os dois. Francisco fica no lugar dele e fica só.

ANTÔNIO — Onde está Rosa? Quero falar com ela.

JOAQUIM — A situação é a mesma que lhe disse, não quero relações de vocês nem comigo nem com minha família. Rosa voltou para casa porque quis e aqui há de ficar. Agora que ela está viúva, não tenho que prestar contas dela a ninguém. Com Francisco morto,

é como se ela nunca tivesse deixado de estar solteira. E é no seu quarto de solteira que ela há de ficar.

ANTÔNIO — E se Rosa tiver um filho, Joaquim?

JOAQUIM — Aí é diferente, você pode ficar com ele. Faço questão disso, não quero esse menino em minha casa de jeito nenhum. Mas até esse nascimento — se é que ele vai haver — você não bota os olhos em cima de Rosa. Nem você, nem ninguém mais neste mundo.

ANTÔNIO — Está no seu direito, ela é viúva e voltou para sua casa.

JOAQUIM — Então, mais uma vez, adeus. Espero que nossa palavra seja suficiente para garantir a paz e a terra.

ANTÔNIO — A minha palavra está de pé, como sempre esteve, Joaquim. Quanto a isso, a morte de meu filho não altera nada.

Entra em casa. JOAQUIM *entra na sua.* CAETANO *e* MANUEL *começam a preparar o enterro de* FRANCISCO*, depois de terem levado o corpo de* GAVIÃO *para fora de cena.*

CAETANO — Coitado de Francisco, tão moço e morrer assim! Quem diria que a cacimba que ele mandou abrir com tanto gosto serviria de cova para ele? Assim é a vida. Os pais, coitados, é que vão sofrer!

MANUEL — E Rosa, Rosa principalmente.

CAETANO — Ela? Acho que não. Não voltou para a casa do pai? Foi ela quem matou Francisco, pode-se dizer.

MANUEL — Cale a boca, a mãe dele vem aí.

Entram ANTÔNIO *e* INOCÊNCIA.

INOCÊNCIA — Francisco, meu filho! Tão moço, tão bonito!

ANTÔNIO — Deixe, é preciso acabar o enterro.

INOCÊNCIA — Criei meu filho. Um dia, ele foi embora, pela estrada. Eu não disse nada, plantei meu roçado: era dia e noite cavando a terra. Agora, ele vai para a terra e estou sozinha de novo!

ANTÔNIO — Venha rezar, mulher!

MANUEL — Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus.

Inocência e Antônio — Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte, amém.

Caetano — Seu Antônio! Patrão!

Antônio — Que é?

Caetano — Venha cá, perto da cerca, ver uma coisa!

Antônio — Que há?

Caetano — Avistei o rifle de Francisco e puxei-o para o lado de cá. Está descarregado!

Antônio — O quê, Caetano? Que é que você está me dizendo? Deixe ver! É verdade!

Caetano — Seu Joaquim Maranhão não disse que ele passou a cerca e matou Gavião?

Antônio — Foi!

Caetano — Como pode ter sido, se o rifle está descarregado? Será que só tinha uma bala e a casca saltou fora?

Antônio — Não, não pode ter sido assim, porque eu mesmo carreguei esse rifle! Coloquei a carga toda!

Caetano — Então Seu Joaquim mentiu, houve aqui alguma trapaça!

Antônio — Fogo do inferno! Fale baixo, para minha mulher não ouvir! É preciso saber o que aconteceu. Rosa deve saber alguma coisa, foi por isso que ele resolveu prendê-la para o resto da vida. Joaquim disse aqui que Rosa ia ficar enterrada no seu quarto de solteira. Você sabe qual é esse quarto?

Caetano — Não, mas ouvi Rosa e Francisco dizendo que tinham olhado um para o outro, ele no quarto dele e ela no dela.

Antônio — Então é esse quarto aí da frente. É preciso tirar Rosa de lá.

Caetano — Se o senhor quer, eu vou agora mesmo!

Antônio — Não posso dar esta ordem, dei minha palavra de respeitar a terra e a casa dele, por mim e por meus homens.

Caetano — Seu Joaquim não respeitou a dele.

Antônio — Nós ainda não temos certeza. Francisco pode ter feito qualquer mudança na carga do rifle e eu sou um homem de honra, Caetano. Só quando tiver certeza de que Joaquim faltou à palavra dele é que posso fazer uma coisa dessas. Antes, não. Nem eu nem vocês podemos entrar na terra dele.

Caetano — Um momento, patrão! Acho que existe um jeito de soltarmos Dona Rosa, sem faltar a nossa palavra.

ANTÔNIO — Qual é?

CAETANO — É por Inácio, o retirante! Ele não deu a palavra nem o senhor deu por ele, porque é de fora e não tem nada conosco. A briga dele é outra!

ANTÔNIO — É verdade, Caetano! Se tudo der certo, ficarei seu devedor para o resto da vida. Vá buscar o retirante.

CAETANO *entra na casa de* ANTÔNIO*.*

INOCÊNCIA — Pobre de meu filho!

ANTÔNIO — Não se incomode não, minha mulher! O assassino dele vai pagar essa morte!

INOCÊNCIA — Pagar! Pagar como? O sangue de meu filho já está na terra e eu estou sozinha de novo! Agora, é voltar a trabalhar. Mas como é que vou viver agora? Ninguém pode mais me pagar nada. O sangue de meu filho não tem preço que pague, seja ouro, prata ou diamante.

ANTÔNIO — Mas tem o sangue, igual ao dele, que pode também molhar a terra! *(Entram CAETANO e INÁCIO.)* Ah, Inácio, você vem aí. Quando você me procurou, há pouco, não pude atender a seu pedido, como lhe disse, porque estou com a palavra empenhada. Agora, porém, surgiu uma oportunidade de me libertar dessa palavra. Se sucedeu o que estou pensando, estou livre: não só lhe darei o rifle que você pediu, como ajudarei você a matar Joaquim. Você quer tentar?

INÁCIO — Quero.

ANTÔNIO — É coisa muito arriscada!

INÁCIO — Joaquim Maranhão matou seu filho e o meu. O seu, era homem feito, ainda podia se defender, o meu era um menino. O que me aparecer e me ajude a me vingar é bom!

ANTÔNIO — Então vou lhe explicar: daqui, você é a única pessoa que pode entrar na terra dele, porque não deu sua palavra. Eu estou desconfiado de que Joaquim faltou à dele e matou meu filho à traição. Mas a única pessoa capaz de esclarecer se isso realmente aconteceu está ali, trancada naquele quarto, e é preciso soltá-la.

INÁCIO — Quem é?

ANTÔNIO — Rosa, a mulher do meu filho.

INÁCIO — A filha de Joaquim Maranhão?

ANTÔNIO — Sim, é ela, mas se houve o que estou pensando ela está do nosso lado e contra o pai.

INÁCIO — Que é que devo fazer?

Antônio — Você terá que passar a cerca e abrir a janela do quarto, trazendo Rosa para cá.

Inácio — Está bem. O senhor me dá o rifle?

Antônio — Aí é que está o pior, porque se eu lhe der o rifle antes de sabermos tudo, estou quebrando minha palavra. Só Rosa pode me dar certeza de que Joaquim quebrou a dele. E só depois de ter certeza é que posso armar você.

Inácio — Está bem, ali tem um ferro que serviu para abrir a cacimba. Não é para me defender, é para abrir a janela. Eu vou, mesmo desarmado.

Antônio — Veja bem, não estou pedindo a você que vá, não tenho esse direito. Você vai arriscar sua vida desarmado. Não sei se eu mesmo teria coragem de ir assim.

Inácio — Mas eu vou. Vim aqui para vingar meu filho e, se o caminho que aparece é este, eu sigo por ele.

Antônio — Então vá e que Nossa Senhora proteja você.

Inácio pega uma alavanca perto da cova de Francisco e passa a cerca, com os outros escondidos. Chegando à janela do quarto de Rosa, começa a arrombá-la. Acende-se e logo se apaga uma luz na casa de Joaquim.

Caetano — Inácio, cuidado!

Todos correm e escondem-se atrás das paredes da casa de Antônio. Inácio, que ouviu o aviso, faz o mesmo na de Joaquim. Donana aparece no terraço.

Manuel — É Donana!

Inocência — Ah, meu Deus, ele vai matá-la! Donana! Donana, volte! Entre em casa!

Donana — Quem está aí?

Inácio, por trás dela, tapa-lhe a boca e dá-lhe uma pancada na cabeça.

Antônio — Não, não, Inácio! Donana! Meu Deus! Traga a mulher aqui, Inácio.

Inocência — Donana! Está morta?

Manuel — Não, a pancada foi pequena.

Antônio — *(A Inácio.)* Não há tempo a perder, volte imediatamente!

Inácio volta e continua a arrombar a janela.

Inocência — Donana!

Donana — Ai!

Antônio — Está tornando! Silêncio, Donana, não faça barulho!

Donana — Quem é?

Antônio — É Antônio. Estamos tentando soltar Rosa do quarto dela.

Donana — Rosa? Louvado seja Deus!

Manuel — A janela se abriu.

Inácio — Dona Rosa!

Rosa — *(Aparecendo.)* Quem é?

Antônio — *(Da cerca.)* Rosa, é Antônio. Venha para cá, minha filha!

Rosa — *(Obedecendo.)* Francisco! Onde está ele?

Antônio — Francisco está morto, Rosa! Nós o enterramos ali.

Rosa — Eu sei, foi meu pai!

Antônio — Rosa, somente você viu o que se passou aqui. Você viu Francisco morrer?

Rosa — Não, ele me mandou entrar em casa. Mas ouvi os tiros! Meu Deus! Francisco!

Antônio — O rifle dele estava descarregado, minha filha! Como pode ter sucedido isso?

Rosa — Estava descarregado? O rifle? Então era isso! Agora eu compreendo tudo, o que Francisco me disse, o que me mandou fazer, porque obedeceu em tudo a meu pai! Meu pai faltou à palavra, meu tio! Passou a cerca, entrou na sua terra com Gavião e me tirou daqui à força. Quando Francisco quis reagir, disse que atirava na minha cabeça. Foi aí que Francisco deve ter descarregado o rifle e passado a cerca. Coitado, queria me convencer para que eu não morresse! Quando eu voltei, Francisco, certamente combinado com meu pai, me disse que ia ficar vivo! Ah, Francisco, por que você fez isso? Ele sabia que, se não dissesse assim, eu não aceitaria!

Antônio — Mas Francisco não lutou, não reagiu! Ele tinha todo direito, já que Joaquim tinha faltado à palavra!

Rosa — A culpa foi minha, posso dizer que matei Francisco! Eu me calei, não disse a ele que meu pai tinha me tirado à força, que tinha faltado à palavra! Meu pai me prometeu concordar com meu casamento, disse que deixaria eu fazer minha vida com Francisco, se eu não dissesse a ninguém que ele tinha faltado com a palavra. Eu acreditei em meu pai e me calei! Meu Deus, foi isso que matou Francisco!

Antônio — Não, minha filha, foi aquele desgraçado! Você não teve culpa, nem Francisco, nem eu! Quem podia imaginar que Joaquim faltasse à lei sagrada da palavra? Eu teria acreditado! Não admira que você, filha dele, acreditasse um pouco mais do que nós!

Mas o que está feito, está feito! Era isso o que eu queria saber, e agora posso me vingar. Manuel! Caetano! Vamos juntar lenha e queimar essa casa amaldiçoada!

ROSA — É perigoso, meu tio! Meu pai tem mais gente do que o senhor, eu sei!

ANTÔNIO — Não posso pensar nisso, agora, o sangue de meu filho cairia sobre minha cabeça!

ROSA — E sobre a minha também! A morte dele quem vai vingar sou eu, meu tio. O senhor venha para cá e se esconda. Eu vou voltar para o lado de lá e chamar meu pai. Enquanto ele se informa de como eu saí do quarto, o senhor pode matá-lo.

INOCÊNCIA — Minha filha...

ROSA — Deixe, quero vingar a morte de Francisco!

DONANA — Joaquim mata você, minha filha!

ROSA — Que é que eu tenho a perder, agora que Francisco está morto? Eu vou!

ANTÔNIO — Está bem, vamos!

INÁCIO — Senhor Antônio Rodrigues, o senhor vai me perdoar, mas quem vai sou eu!

ANTÔNIO — Não!

INÁCIO — Eu já estou com meu rifle e não estou pedindo isso ao senhor não, estou dizendo que vou! Quem vai matar Joaquim Maranhão sou eu.

ANTÔNIO — Você fica, quem vai sou eu!

INÁCIO — Meu filho morreu primeiro do que o seu, eu estou na frente. E se o senhor se meter, morre!

ANTÔNIO — Saia da frente, meu filho! Você é muito mais moço do que eu e está vivo. Não se meta com um morto, que só está ainda no mundo para se vingar. Já estou no fim da vida, e não terei nada mais para mim senão essa morte.

INÁCIO — E eu terei outra coisa? Eu que nunca tive nada?

ANTÔNIO — Está bem, vamos então os dois. Você ficará encarregado da parte mais importante, que é a de emboscar Joaquim pelas costas. Vocês fiquem aqui, de olho. Está pronta, Rosa?

ROSA — Estou, meu tio! Francisco, eu vou vingá-lo!

ANTÔNIO — Pois é a hora, vamos!

Passam a cerca ROSA, ANTÔNIO *e* INÁCIO. ROSA *posta-se junto da janela. Os outros dois escondem-se.*

ROSA — Meu pai! Meu pai! Socorro!

JOAQUIM sai de casa, correndo, com um rifle.

JOAQUIM — Rosa! Que é isso? Que houve? Você saiu?

ROSA — Arrombaram a janela!

JOAQUIM — Quem foi?

ROSA — Não sei, estava deitada, quando ouvi um barulho e a janela se abriu.

INÁCIO, que tem vindo por trás, salta sobre JOAQUIM e desarma-o, ao mesmo tempo que ANTÔNIO aparece com o rifle apontado.

JOAQUIM — Rosa! Você me traiu, desgraçada!

ROSA — Não, meu pai, o que fiz foi vingar meu marido! Foi assim que o senhor o matou!

ANTÔNIO — Você está perdido, Joaquim! Achei você agora, depois de ter me desencontrado muito tempo. E achei meu filho também, aqui, morto como um cachorro, sem poder se defender. O rifle estava sem balas, ele morreu desarmado. O mesmo vai lhe acontecer agora.

JOAQUIM — Você passou a cerca e faltou à palavra!

ANTÔNIO — E é você quem fala nisso, cachorro? Rosa me contou tudo, já sabemos quanto vale sua palavra. A minha, eu mantive até o fim.

JOAQUIM — Você entrou aqui, para arrombar a janela!

INÁCIO — Não! Quem entrou em sua terra e arrombou a janela fui eu, Joaquim Maranhão! Ainda se lembra de mim? Sou o pai do menino que você matou hoje. Voltei para me vingar e causei sua perdição. Era com isso que você não contava, tudo o mais estava pensado e garantido por você. Você, filho do diabo, sabia que os outros não faltariam à palavra e resolveu tirar toda a sua vantagem disso, faltando à sua. Foi assim, com a força dos filhos do diabo, que você venceu sempre, você, o poderoso, o forte. Mas se esqueceu de mim, que você tinha esmagado com a bota, na poeira da estrada. Eu me levantei da poeira para trazer a você sua morte. Eu também era dos fracos, Joaquim Maranhão, e, apesar de não ser ninguém, sou um filho de Deus e não faltaria à minha palavra. Acontece porém que eu, o fraco, eu, o pobre, não tinha dado essa palavra. Entrei aí, desarmado, e arrombei a janela. Fui eu que acabei com você, porque sua filha contou tudo. E quando ela chamou você, fui eu ainda que peguei você por trás e tomei seu rifle. Porque nós queremos que você morra como morreram meu filho e o dele: desarmado, sem poder fazer nada! Se quer rezar, reze, porque vai morrer!

JOAQUIM — Não, não quero rezar, não quero mais nada! Para quê? Vivi minha vida toda para essa filha. E, se é Rosa que leva Joaquim Maranhão à morte, que ele morra logo,

porque não tem mais nada a fazer aqui. Está pronto?

Antônio — Estou.

Joaquim — Então vamos!

Sai, com Antônio e Inácio no seu encalço. Dois tiros.

Rosa — Meu pai!

Ajoelha-se. Entram Antônio e Inácio.

Antônio — Rosa, minha filha! O que tinha de se fazer, foi feito! O Sol nasce já. Rosa! Venha, minha filha!

Rosa — Para onde?

Inocência — Venha morar em nossa casa, nos baixios! Estas, nós mandaremos derrubar, para não ficar essa lembrança pesando sobre nós!

Rosa — Não, vá a senhora, minha tia, e o senhor também. E levem a minha avó. Quanto a mim, quero ficar aqui. Aqui, nesta casa cheia de mortos, marcada de sangue pelas paredes, e onde vou esperar a morte, apesar de eu mesma já estar morta. Vivi aqui sozinha, a vida inteira. Agora estou só de novo, mas cheia de mortos ao meu redor. Minha mãe, meu pai e meu marido, que morreram, os dois, por minha causa.

Donana — Minha filha, estou com medo!

Rosa — Não, não tenha medo. Eu, nem o direito de morrer, tenho! Senão teria ido já fazer companhia a Francisco. Mas tenho que esperar pelo filho dele, filho que talvez nem exista, mas a quem devo o sacrifício de continuar vivendo. Mas não quero mais nada com o mundo!

Donana — Rosa!

Rosa — Com o mundo, nem com ninguém. Sou uma morta, solta na terra à espera da morte. Aqui hei de ficar. Adeus.

Antônio — Então, adeus, Rosa!

Rosa — Adeus.

Inocência — Adeus, minha filha!

Rosa — Adeus. Cuide de minha avó.

Donana — Rosa...

Rosa — Adeus, não quero mais ver ninguém!

Donana — Adeus, minha filha. Deus abençoe você!

ROSA — Há de abençoar, minha mãe, para que eu possa suportar estes meses de espera com a coragem de não morrer. Adeus. *(Entram todos em casa de ANTÔNIO, menos ROSA, CAETANO e MANUEL.)* Já cobriram Francisco inteiramente?

CAETANO — Não.

ROSA — Ele pediu para ficar aqui, não foi?

MANUEL — Foi!

ROSA — Francisco! E você também, meu pai! Fui eu que matei todos dois. A um hei de me juntar, vingando, ao mesmo tempo, a morte do outro! Francisco! Ele me deu este punhal, foi a aliança de casamento que conheci. Um amor que começou desse jeito, como podia terminar senão assim? Então, com o punhal com que começou meu casamento, deve ele terminar. Francisco, já vou!

Apunhala-se.

CAETANO — Moça!

ROSA — Peçam a Nossa Senhora para que minha morte seja perdoada!

MANUEL — Acabou-se, morreu! Você sabia que ela estava com a faca!

CAETANO — Não!

Entram todos, de volta.

ANTÔNIO — Que foi?

MANUEL — A moça se matou com o punhal de Francisco!

DONANA — Rosa, minha filha!

ANTÔNIO — Ela nos enganou, para ficar só. Deus a tenha em sua guarda! Ela deve ficar aqui, fazendo companhia a Francisco. Ah, meu Deus, tudo isso por um pedaço de terra, e agora, de que nos servirá ela? Vocês, cuidem do enterro. Donana fica comigo. Agora somos três mortos, cercados de mortos, como disse Rosa, todos à espera da morte, que já tarda a chegar.

Entram em casa, amparando DONANA.

CAETANO — Vamos terminar o que se tem a fazer. As mortes foram feitas, a terra está cavada. Vamos enterrar os que estão mortos.

MANUEL — Eu não sabia o que vinha, mas estava esperando que acontecesse alguma coisa assim, desde que Cícero falou na história daquele touro, morto, com o sangue na estrada. Que coisa esquisita! Será que o mundo é assim mesmo? Foi para isso que nós nascemos?

CAETANO — Agora, quem diz sou eu, companheiro: é melhor deixar essas coisas de mão. Cave e cante, é melhor. O dia já vem nascendo.

MANUEL

Do céu me caiu um cravo,
na copa do meu chapéu!
Terá sido Minervina
que vai subindo pro céu?

CAETANO — Não, cante outra coisa. Isso aí, parece até que é com esses dois que a gente está cantando.

MANUEL — Então vamos cantar o verso de nós dois:

Sou Manuel do Rio Seco,
nascido em Taperoá.
Tanto canto como planto,
rezo, bebo e sei brigar.
Faça a morte que eu celebro,
cavo e enterro a quem pagar.

CAETANO

Nascido em Taperoá
é meu compadre Manuel.
Os defuntos que ele enterra
vão direto para o céu.
Já enterrou mais de cem velhas,
moças de capela e véu.

MANUEL — Moças de capela e véu... Está vendo? Não adianta, qualquer coisa que se cante, hoje, lembra a morte dos dois! É melhor ficar calado. E está pronto: a terra cobriu quem está morto. Terão eles se encontrado, afinal? Que é que você acha? Será que o pedido dela a Nossa Senhora foi atendido e seus pecados foram perdoados?

CAETANO — Nós logo saberemos, companheiro. Vamos embora; o dia nasceu.

Junto ao corpo de ROSA, aparece a figura de Nossa Senhora, com os braços abertos como se estivesse a envolvê-la com sua infinita piedade.

Cícero — E viu-se um grande sinal no Céu, uma Mulher Vestida de Sol, que tinha a Lua debaixo dos seus pés, e uma Coroa de doze Estrelas sobre a sua cabeça; e, estando prenhada, clamava com dores de parto, e sofria tormentos por parir.

Pano.

Recife, 12 de fevereiro a 23 de julho de 1947.

Reescrita de janeiro a março de 1958.

O Desertor de Princesa

ARIANO SUASSUNA

1948 - 1958

PERSONAGENS:

CEGO

MARIA

NESTOR

CAPITÃO SOUZA

ANTÔNIO

Sala de casa de pequeno proprietário sertanejo, na cidade de Taperoá. Dando para um quarto, uma porta que, quando está aberta, deixa ver uma vela sobre uma mesinha, única luz quando o pano abre. O resto são paredes grossas, alvíssimas, com portas em forma de arco romano, inclusive uma que dá para um corredor, o qual se perde para o interior da casa. Quando o pano abre, o Cego *está sentado no chão, no centro da cena, quase no proscênio, com uma cuia de dinheiro e um bastão ao lado e com uma viola na mão. Usa um chapéu de feltro vermelho de grandes abas e alpercatas. Enquanto dedilha levemente a viola, recita:*

Cego

Junto ao rio e junto ao mar,
foi ali que me sentei
e que me pus a chorar
me lembrando do sertão.
Nos galhos da gameleira
pendurei minha viola:
os que me mantinham preso
exigiam que eu cantasse,
pra beber minha alegria.
E diziam: “Canta, cego,
as cantigas do sertão!”
Mas eu, com pena de mim,
cego e preso junto ao mar,
respondia: “Como posso
cantar as canções de Deus,
sangue do meu coração,
aqui, preso, em terra estranha,
longe do sol do sertão?”

Eita, velha terra cheia de sol, toda embebida de sangue! É de noite ou de dia? *(Canta:)*

Morreu alguém hoje à noite,
morreu sem se lamentar.
Corpo de mulher ou homem?
Logo o povo saberá.
As estrelas o cravaram,
mas há de ressuscitar.
Deus do céu fez este mundo
com tudo o que nele tem.
Primeiro formou o sol
e a terra embaixo também,
tudo é no poder de Deus,
fora dele mais ninguém.
Morreu alguém hoje à noite.
Quantos foram? Quem será?
Quantos foram não importa,
mas quem foi importará.
A vida já foi sangrada,
a morte é quem vai cantar.
Alguém virou-se na cama
sentindo a morte passar.
Outro gritou, mas o vento
esse grito há de apagar.
Morreu alguém hoje à noite,
morreu sem se lamentar.

A luz se apaga e quando se reacende o CEGO *tem desaparecido. Entra* ANTÔNIO*, correndo, com ar de quem vem sendo perseguido. Está vestido com a farda usada pela polícia paraibana em 1930, mas está sem as perneiras, sem o quepe e o dólmã está todo esburacado, coberto de manchas e de poeira. Ele entra na sala mas, de repente, ouvindo fora uma tosse de homem e vendo uma*

luz que se aproxima, esconde-se, aterrorizado, atrás de um móvel. Entra Nestor*, com uma vela pregada num pires. Ele entra, passeia pela sala olhos que não veem nada, pois está com o pensamento longe; vai à porta, abre-a, entra no quarto, substitui a vela que está lá, quase acabada, pela sua, volta à sala e, colocando o toco de vela que trouxe do quarto diante de si, encosta a cabeça sobre o braço na mesa e põe-se a soluçar.* Antônio *aproveita isso, esgueira-se e entra no quarto da vela, onde se esconde. Entra* Maria*.*

Maria — Venha, meu pai! O senhor já substituiu a vela: é preciso descansar.

Nestor — Não, tudo está perdido. Agora que meu filho morreu, que descanso posso ter?

Maria — Não diga isso, pai!

Nestor — Digo! Digo, porque é verdade. Nunca mais essa noite se acaba!

Maria — Talvez a madrugada mude tudo, com o vento e com as estrelas! Não era assim que o senhor falava quando eu e Amaro éramos pequenos?

Nestor — Naquele tempo as balas não tinham atravessado o corpo dele. Agora atravessaram, no sol e na poeira. Chegou mais alguma notícia?

Maria — O presidente João Pessoa disse que vai mandar um avião bombardear Princesa e que agora o coronel José Pereira se entrega.

Nestor — Se entrega! Em Tavares todos viram como é que ele se entrega! Diziam que Princesa seria tomada em dois dias! Já faz mais de três meses que a polícia luta e ainda não conseguiu passar nem de Tavares. Tavares, aquele inferno! Você já esteve lá, Maria?

Maria — Não, meu pai.

Nestor — É verdade, quando passei lá você não era nascida! É um lugar amaldiçoado, todo cercado de pedras. Só é o que tem lá, pedra e sol. O Batalhão Provisório do governo está no povoado e os cangaceiros de José Pereira cercaram tudo. Ficam lá, escondidos nas pedras, atirando sem pena!

Maria — Não fale mais nisso, meu pai!

Nestor — Que é que adianta não falar? O que tinha de acontecer, aconteceu. O homem disse que Amaro foi mandado buscar água na cacimba. Dizem que ele já ia voltando com o balde d'água quando a bala dos cangaceiros o pegou. E ele caiu, com a cara na poeira!

Maria — Quem sabe se não foi notícia errada, pai? As histórias que chegam de lá são tão confusas! Quem chega aqui é ferido, está assombrado, com medo de morrer, vê gente de Princesa em todo canto! Como é que ele sabe que o Amaro que morreu era o nosso? Pode não ter sido meu irmão!

Nestor — Pode não ter sido como? Então Antônio, criado com Amaro, ia se enganar? Não foi ele quem mandou o recado pelo homem ferido?

Maria — Pode não ter sido para nós o recado que ele mandou!

Nestor — Não, eu sei que foi Amaro quem morreu! É com isso que não me conformo. Antônio, esse desgraçado que não tem ninguém por ele, que não tem nem família, criado por nós desde pequeno apesar de ter o sangue ruim que tinha, esse escapou, enquanto meu filho, tão moço, tão alegre...

Maria — Não diga isso, meu pai. Por que falar assim de Antônio, que só tem a nós no mundo? Eu ainda espero. Essa briga acaba e espero que pelo menos ele volte, já que meu irmão morreu, como o senhor diz.

Nestor — Essa briga não acaba nunca! E mesmo que acabe, que é que adianta? Meu filho nada mais poderá fazer. Os fuzis atravessaram o corpo dele, no sol e na poeira. Que noite escura!

Maria — Se fosse tudo como antigamente, nós quatro já estávamos dormindo. De madrugada, saíamos. Nós dois, para tirar o leite das vacas, Antônio e Amaro para cuidar da terra e do roçado.

Nestor — A terra em que meu filho se encontra agora não será mais lavrada. Só passam por ela agora as alpercatas dos cangaceiros e as botinas dos soldados.

Maria — Os cangaceiros! Meu pai fala assim, mas a culpa da morte de Amaro foi da polícia.

Nestor — Por que você diz isso?

Maria — Foi ela quem levou Antônio e Amaro para a luta de Princesa, foi ela que se enfurnou em Tavares. Se não fosse tudo isso, meu irmão não tinha morrido. Tanto que eu pedi a ele que não fosse! Não sei por que, mas estava achando aquilo tudo tão ruim... Nossa família nunca tinha tido ninguém na polícia!

Nestor — A culpa foi de José Pereira e de Antônio. De José Pereira porque se revoltou contra o governo. De Antônio porque foi ele quem inventou de se alistar no Batalhão Provisório. Não foi esse enjeitado desgraçado quem inventou de ser macaco? Foi isso o que influiu meu filho para se meter nessa briga amaldiçoada.

Maria — Pai, Antônio não tinha outra coisa para fazer. Desde pequeno que ele sabia que não era seu filho. Quando apareceu essa oportunidade de ganhar a vida dele só, tinha que aproveitá-la.

Nestor — Então, que fosse! Para mim, era até bom que Antônio saísse daqui de dentro. Ainda hoje me arrependo de ter deixado sua mãe criar aquele enjeitado! Ele tem sangue ruim, é ingrato e duro. Mas como foi enjeitado numa Sexta-Feira da Paixão,

fiquei com medo de recusar o menino. Agora, minha paga é essa, meu filho morreu por causa dele. Chegaram mais feridos do tiroteio?

Maria — Não, mas passou uma coluna de soldados que vai para o Piancó, para cercar Princesa pelo outro lado. São muitos, agora. Cada vez que o capitão Costa passa, leva um bocado. Coitados, com a seca vão procurar dinheiro onde o governo paga certo!

Nestor — O que encontram é a morte, com a cara na poeira. Mas eles que se danem: a mim, só interessa aquele que saiu daqui.

Maria — É preciso pensar nos outros, pai.

Nestor — Nos outros da polícia?

Maria — Sim e nos do outro lado também. Será que eles são mesmo tão ruins como o governo diz?

Nestor — Não sei nem quero saber. Não tenho mais ninguém.

Maria — Nós ainda temos Antônio, pai. Foi criado aqui, é alguém por quem pedir. Eu rezo por ele.

Nestor — Sim, é alguém por quem pedir... principalmente sendo você quem reza.

Maria — Por que o senhor diz isso?

Nestor — Por nada. Que noite esquisita!

Maria — Esquisita, sim. De vez em quando sinto um calafrio, como se a casa estivesse cheia de asas.

Nestor — A luz vai e vem, como se coisas ainda piores estivessem para acontecer. Ontem, à meia-noite, pararam o tiroteio de Tavares, porque era o dia da morte de Nosso Senhor. Mas será que já recomeçaram a atirar?

Maria — Talvez. Faz três dias que a madrugada começa desse jeito esquisito.

Nestor — E isso a gente sabendo que está na Sexta-Feira da Paixão! Com essa briga, hoje, amanhã, todos os dias são iguais. Se fosse antes de começar esse cerco maldito de Princesa, poderíamos ter certeza de que era um dia de paz em que não se matam nem os pássaros.

Maria — É verdade. De que adianta essa trégua? Param de matar porque é o dia da morte de Deus e no outro dia começa tudo de novo, mal chega a madrugada.

Nestor — Há uma espécie de nevoeiro cobrindo tudo. Até a Serra do Pico vai amanhecer coberta.

Maria — Todos nós estamos isolados uns dos outros. Estamos inteiramente sós, separados pela luta, pela morte, pelo medo. Mas nós temos que viver, meu pai. Eu

espero.

NESTOR — Espera? Por quem?

MARIA — Por aquele que há de vir tomar o lugar de Amaro.

NESTOR — O lugar de Amaro nesta casa ninguém toma. Está ali, com a vela acesa, para que saibam disso. Quem poderia ocupar o lugar dele?

MARIA — Se o senhor fosse agora como era antes, saberia sem que eu precisasse dizer.

NESTOR — Eu sei. Você quer falar de Antônio. Você pensa sempre nele! Desgraçada! Seu irmão morto e você pensando naquele desgraçado, farejando homem como sempre viveu! Mas você está muito enganada, a morte chega para todo mundo.

MARIA — Está bem, eu sei. O que eu não sabia era que o senhor tinha mudado tanto!

Soam batidas na porta.

NESTOR — Você ouviu? Estão batendo. Quem será a estas horas?

MARIA — Seja quem for, prefiro que venha a ficar sozinha, com o senhor, até que amanheça.

NESTOR — É melhor não abrir, pode ser algum dos que desertaram. Dizem que estão atacando as fazendas.

MARIA — É melhor que o senhor vá, pode ser alguém que tenha vindo de Tavares e traga notícias.

Entra o CAPITÃO SOUZA, *de farda, sem polainas, com calça cáqui comum, alpercatas, chapéu de pano com enormes abas e lenço vermelho ao pescoço.*

CAPITÃO — Boa noite. A porta da rua estava aberta, por isso entrei.

NESTOR — Quem é o senhor? Que veio fazer aqui em minha casa? É cangaceiro de Princesa?

CAPITÃO — Por que pergunta isso? Por causa da roupa? A polícia está se vestindo assim, por lá. Você já ouviu falar num oficial chamado Souza?

NESTOR — Souza? O tenente Souza?

CAPITÃO — Capitão Souza! Está vendo aí os galões? O tenente Souza foi promovido por ato de bravura e chama-se agora capitão Souza! Foi a entrada da polícia em Tavares que me deu o terceiro galão. É por isso que não tenho nada contra José Pereira, os cabras dele foi que arranjaram minha promoção.

NESTOR — Que veio fazer o senhor em minha casa, a essas horas?

Capitão — *(Irônico.)* Mais um que não sabe! Ninguém sabe de nada, aqui em Taperoá! Em toda casa que se entra, tudo calado. É melhor deixar de conversa e contar logo tudo. Onde está esse peste que o senhor escondeu?

Nestor — Capitão, não sei nem do que se trata!

Capitão — Não acredito, porque todo mundo na rua sabe.

Nestor — É que faz três dias que não saímos. Desde que recebemos a notícia.

Capitão — Que notícia?

Nestor — Meu filho foi morto no cerco de Tavares.

Capitão — De que lado, velho? Responda sem mentir, porque se mentir eu descubro e você se arrepende.

Nestor — Era do Batalhão Provisório, do lado do presidente João Pessoa.

Capitão — Ah, então é o senhor o homem de quem me falaram. Desculpe, estou aqui a serviço da coluna e ainda não conheço direito o povo do lugar. É uma grande honra conhecer a família desse soldado.

Nestor — Agradeço muito.

Capitão — Não sei como andam as coisas lá pela Paraíba, mas o presidente está fazendo uma subscrição para as famílias dos mortos. O senhor podia escrever uma carta...

Nestor — Obrigado. Minha terra é pequena e o gado é pouco, mas dá para vivermos sem receber dinheiro pelo sangue de meu filho.

Capitão — Lamento ter vindo incomodá-lo a estas horas, mas não tem outro jeito. Sigo amanhã para Patos e o tempo que tenho é pouco para revistar todas as casas.

Nestor — Eu compreendo.

Maria — Mas afinal, que foi que o trouxe aqui? Revistar as casas? Houve alguma coisa?

Capitão — Um desertor que meus homens pegaram na catinga e que vinha preso conosco conseguiu escapar na estrada, pouco antes de chegarmos aqui. Ele fugiu de Tavares, e eu o peguei por acaso, no mato.

Maria — O senhor pensa que ele veio aqui para a rua?

Capitão — Ele é de Taperoá, naturalmente veio para estes lados.

Maria — De Taperoá? Da rua, ou de alguma fazenda?

Capitão — Isso não sei. Mas sei que ele fugiu e deve estar por aqui.

Nestor — O senhor veio a Taperoá só para prendê-lo?

Capitão — Não, vim para recrutar mais gente para o Batalhão Provisório.

Nestor — Mais gente ainda? Para quê? O jornal não deu que o governo está ganhando e a briga acaba já?

Capitão — Sim, o jornal deu e o governo está ganhando, mas aqueles cachorros parece que aumentam cada dia. Mas essa busca do desertor é uma coisa de que faço questão. Quero prendê-lo de qualquer jeito.

Maria — Para quê? Vai mandá-lo para a Paraíba?

Capitão — Isso você verá, moça, assim que eu o prender. Tenho ódio dos que desertam. Ele será procurado por minha coluna inteira, pedra por pedra, nesses serrotes, aqui de cabeça abaixo.

Maria — Como um cachorro doente, coitado. E tudo isso somente porque desertou!

Capitão — Somente porque desertou? Acha pouco, moça?

Nestor — O senhor não entendeu, ela queria somente saber se o único crime dele foi esse.

Capitão — Terá sido somente por isso mesmo que ela perguntou? Os outros soldados estão lá, em Tavares, com o governo, aguentando o diabo por causa do presidente. Esse correu, fazendo o jogo dos sacanas que estão contra ele.

Maria — Não é fácil saber quem está com a razão. Principalmente do jeito que as coisas andam.

Capitão — O quê, moça? O que é que você está me dizendo?

Nestor — O senhor não faça caso, a menina está transtornada. Perdeu o irmão daquele jeito e o senhor sabe como é isso.

Capitão — Está bem, eu compreendo. Mas é preciso ter cuidado com o que faz e com o que diz. Nem todos são tolerantes como eu e poderiam estranhar o que ela diz contra o presidente João Pessoa. Já houve gente sangrada por muito menos do que isso.

Nestor — *(Mudando de conversa.)* Estão procurando em todas as casas?

Capitão — Estão, meus soldados estão espalhados na rua. Espero encontrá-lo antes do amanhecer. Se é que está mesmo na rua, como penso.

Nestor — Talvez esteja pelo mato.

Capitão — Acho mais certa a vinda dele para uma casa qualquer. Com todos esses dias de fome e sede, deve estar precisando de ajuda.

Nestor — Vai ser difícil achá-lo, se ele ficou no mato.

Capitão — Mandei uma volante dar uma batida pelos serrotes que cercam a cidade. Mas ache ou não ache agora, conto com ajuda para pegá-lo.

Nestor — Ajuda? Da polícia daqui da rua?

Capitão — Os soldados destacados aqui são uns merdas. Que é que podiam fazer além do que faço? Eu conto é com o medo do povo. Estou espalhando em todo canto que quem for pegado escondendo o desertor morre sangrado. E morre mesmo, moça! Assim, ele está perdido. A necessidade de comer e de falar com alguém há de fazer com que ele apareça. Aí, o medo faz o resto e aparecerá alguém para denunciá-lo.

Maria — É, o medo. É o que mais se encontra aqui, agora.

Capitão — Aqui e em toda parte, moça. Não foram eles que quiseram, esses cachorros que são contra o presidente? Iam ganhar a eleição em Teixeira, em Princesa e no Catolé do Rocha. Então é assim? O presidente não podia ficar desmoralizado. Foi por isso que nós invadimos Teixeira e vamos tomar Princesa. Enquanto houver um cabra vivo do lado de José Pereira, é preciso fazer medo, queimando as cercas, matando o gado...

Maria — E sangrando.

Capitão — Sim, e sangrando. Mas nesta casa não é preciso lembrar isso.

Maria — Por quê?

Capitão — Já foi provada a coragem da família.

Maria — Aqui existe mais medo do que o senhor pode imaginar. E ódio também.

Capitão — Que é que você quer dizer?

Maria — Pergunte a meu pai, ele sabe melhor do que eu.

Capitão — A seu pai?

Maria — Sim. E se ele não souber também, vá perguntar a meu irmão, sepultado entre as pedras de Tavares.

Capitão — O que aconteceu com ele, podia ter sucedido comigo.

Maria — Podia mesmo? Quantos oficiais já morreram?

Capitão — Até agora nenhum, mas estão todos lá, cumprindo a obrigação.

Maria — A obrigação deles parece que é sempre mais fácil, porque os que estão morrendo são todos soldados, como meu irmão.

Capitão — Ele morreu do lado do governo, era a obrigação dele.

Nestor — *(Apressado.)* Era, era a obrigação dele.

CAPITÃO — Com a situação como está, a polícia não pode facilitar. O que esses cachorros querem é provocar a intervenção do governo federal, que não gosta do presidente. Mas antes disso, antes que eles se decidam a fazer essa intervenção, a gente toma Princesa, e quero ver a valentia de José Pereira com meus joelhos nos peitos e a faca na garganta. É por isso que tenho ódio dos que correm, como esse cachorro.

NESTOR — Sim, é um covarde, o senhor tem razão.

CAPITÃO — Esse, aliás, além de covarde é traiçoeiro como uma cobra. Não gaste sua pena com um cachorro como ele, moça. Para acabar com ela, basta que eu lhe conte o que toda a rua já sabe: antes de abandonar Tavares, estando nas trincheiras, ele matou um soldado pelas costas. Mas hoje à noite ele se encontra comigo e aí nós ajustaremos as contas.

MARIA — O senhor vai matá-lo? Tem ordem para fazer isso?

CAPITÃO — Moça, dizem que o presidente deu ordem ao tenente Ascendino quando ele tomou Teixeira. Qualquer pessoa da família Dantas que ele encontrasse de armas na mão, podia matar. Não sei se isso é verdade ou não, mas por mim nunca perguntei a ninguém o que podia fazer ou não: vou fazendo. Só lamento é não ter sangrado logo esse peste no mato, quando o pegamos. Era o que ia fazer, mas o tenente Câmara que vinha comigo me convenceu que era melhor trazê-lo aqui, para que a morte dele servisse de exemplo. Fraquejei e o resultado é que ele fugiu.

MARIA — Matar... O senhor acha pouco as mortes que estão acontecendo em Tavares?

CAPITÃO — Não sei. O que lhe digo é que, mesmo que eu quisesse perdoá-lo, não conseguiria: meus soldados estão loucos para sangrá-lo. Bem, meu tempo é pouco, tenho que ir saindo. Quero avisá-los: esconder o desertor é crime contra o governo, e não denunciá-lo também.

NESTOR — Pode ficar descansado, capitão, se ele aparecer, eu denuncio.

CAPITÃO — Ele talvez já esteja aqui dentro da rua. Mesmo que ainda esteja pelo mato, porém, a recomendação fica feita. Vou para Patos de manhã, mas aqui tem polícia. Se ele aparecer na minha ausência, o senhor sabe onde é o quartel: vá lá e denuncie o homem. Na minha volta, vou apurar tudo direitinho. Com licença.

Sai.

MARIA — *(Amarga.)* Está aí, eu com tanta esperança, quando ele bateu... Era isso que devia esperar.

NESTOR — Não é uma pessoa, afinal de contas? Pelo menos serviu para conversar um pouco, nessa noite escura, conosco de quem todos se afastam. Quem tem morto na

família tem de se conformar com isso: é como quem está com bexiga, o povo fica com medo de pegar aquela peste e se afasta de nós. Esse, pelo menos, veio.

Maria — Quem, esse assassino? Todo mundo sabe quem é ele, meu pai. Nunca viria se fosse só para ver-nos. O que ele quer é matar. Não é nada de governo nem de José Pereira. Esse é dos tais que entram nessas brigas só para matar. Todo mundo sabe o que ele tem feito com a polícia, roubando, incendiando, sangrando os do outro lado... O senhor não viu ele mesmo falar nisso?

Nestor — Você está vendo coisas demais.

Maria — Pode ser. Mas ele disse que vai sangrar o desertor.

Nestor — Aí, está somente cumprindo a obrigação dele.

Maria — Que espécie de obrigação é essa que manda matar? É isso o que o padre ensina? É isso que está no catecismo que minha mãe me ensinou, meu pai? Podem dizer o que disserem, não entendo nunca essas mortes, essa brutalidade, essa violência, todo esse sangue no sol e na poeira.

Nestor — E não foi o que fizeram com meu filho? Amaro foi morto, é isso o que eu sei. O resto não me importa.

Maria — Pois é por isso mesmo que eu não estou com eles.

Nestor — Com eles quem?

Maria — Com o capitão e com os outros que levaram Amaro no batalhão.

Nestor — Como é que você pode dizer isso? São eles que vão vingar a morte de seu irmão!

Maria — Antes o senhor era contra a luta, fez tudo para Amaro não ir porque achava que o governo não podia ter invadido Teixeira.

Nestor — Isso foi antes. Agora, o que me interessa é que a polícia é quem vai vingar a morte de seu irmão.

Maria — Como?

Nestor — Matando! Matando e quanto mais melhor, para meu filho não ficar sozinho!

Maria — Para nós, o que é que adiantam essas mortes?

Nestor — Não sei, mas é assim que me sinto e não quero mais esconder.

Maria — O senhor mudou tanto, meu pai!

Nestor — Não fui eu só que mudei, tudo mudou desde que mataram meu filho e que começou essa briga amaldiçoada. E se esse desertor aparecer aqui...

MARIA — O senhor tem coragem de dar a denúncia? É assim agora, entre os sertanejos e a polícia?

NESTOR — Esse cachorro fugiu, enquanto os outros estão lá em Tavares, com as balas, o sol e a poeira!

MARIA — É preciso ter pena dos outros também, meu pai.

NESTOR — Não tenho pena dum covarde como esse. Ele matou um companheiro pelas costas.

MARIA — Como é que o senhor sabe que não é mentira do capitão? Eles inventam sempre essas histórias quando querem sangrar alguém.

NESTOR — Pois então lhe digo que para eu denunciá-lo basta ele ter fugido, deixando os outros naquelas pedras amaldiçoadas. Diga o que quiser, mas é o que eu sinto. E se esse covarde aparecer por aqui... eu o denuncio.

MARIA — Pois faça, deixe seu ódio correr à vontade.

NESTOR — Eu o denuncio para que ele tenha a mesma sorte dos que ficaram em Tavares.

MARIA — É, meu pai, você mudou muito.

NESTOR — Pelo menos numa coisa: agora sei o que quero e tenho alguma coisa a fazer para vingar a morte de meu filho. O capitão disse que tinha encontrado a porta aberta?

MARIA — Disse.

NESTOR — É preciso correr a casa, antes de fechá-la. Vou ver a porta de trás e as dos quartos.

MARIA — *(De costas para ele, tentando dissipar o mal-estar.)* Então veja logo aqui no quarto de Amaro.

NESTOR — Aí eu já estive agora, para mudar a vela. Não tem ninguém e a janela está trancada. Fique aqui, eu volto já.

Entra para o interior da casa. ANTÔNIO *aparece à porta do quarto da vela.* MARIA *recua, com a mão tapando a boca e ajoelha-se.*

MARIA — Amaro, meu irmão! Jesus Cristo tenha pena de sua alma!

ANTÔNIO — Amaro morreu, Maria, e sua alma está em paz. Sou eu!

MARIA — Antônio!

ANTÔNIO — Quer dizer que não estou tão mudado quanto me sinto... Então ainda dá para você me conhecer?

Maria — Eu nunca o esqueci. Mas não é só você quem se sente mudado, muita coisa mudou. Só a casa ainda é a mesma, como você está vendo.

Antônio — É, alguma coisa deve ter ficado. É pena que eu não seja mais capaz de ver o que foi.

Maria — Talvez eu possa lhe mostrar isso, ainda hoje.

Antônio — Hoje? Você fala de um jeito tão estranho... Por quê?

Maria — Não sei, estou com a cabeça apertada! Numa noite como essa, tudo pode acontecer. Quando foi que você chegou?

Antônio — *(Vagamente.)* Faz alguns dias que saí de lá.

Maria — E demorou pela estrada? Por que não veio logo para casa?

Antônio — Por nada.

Maria — Você foi ferido?

Antônio — Não.

Maria — E deram licença a você? *(Compreendendo.)* Antônio, é você? É você o homem que estão procurando?

Antônio — Sou eu, sim. Procurado como um cachorro. Eu desertei.

Maria — Tinha de ser você. Eu sabia, tinha de ser você!

Antônio — *(Amargo.)* É, tinha de ser o companheiro, o irmão de criação do valente, o enjeitado que nunca teve lugar no mundo.

Maria — Por que você fala assim? Você sabe que não foi isso o que eu quis dizer! Meu pai viu você, Antônio?

Antônio — Não.

Maria — Ele estava aqui, quando você veio.

Antônio — É verdade, mas eu me escondi dele.

Maria — Por quê? Você não confia nele?

Antônio — É que eu não queria ver ninguém antes de ver você. De qualquer maneira, que é que me adianta? Eu vou ser pegado. Foi o capitão que esteve aqui, não foi?

Maria — Foi.

Antônio — Ouvi o que ele disse, ouve-se tudo ali do quarto.

Maria — Ele faz questão de matá-lo. Fuja, Antônio, fuja enquanto é tempo. Alguém termina denunciando você!

Antônio — Não adianta, de qualquer maneira estou exausto, estou no fim e não aguento mais. *(Cambaleia. Maria corre para ele.)* Deixe! Não quero ajuda de ninguém!

Maria — Você andou muito pelo mato?

Antônio — Mais do que você imagina. De Tavares até aqui é longe, mas além disso eu tinha que correr pelo mato, por causa das volantes. E sempre a pé, entre os espinhos, no sol e na poeira, até aqui. Andava até que o ar me faltava. Quando não podia mais, caía. A terra da catinga é tão dura e quente que você nem imagina, Maria. E está toda embebida do sangue dos que mataram.

Maria — Você precisa descansar, venha.

Antônio — Não, prefiro ficar aqui, ainda um pouco. Faz não sei quantos dias que não converso com ninguém. Eles me prenderam, Maria, mas eu sou duro de cair e consegui escapar.

Maria — Eu sei, o capitão nos contou.

Antônio — Depois que fugi é que foi o pior. Correr na catinga de dia, era ruim. Mas de noite, fica tudo isolado. Só se ouvem os passos da pessoa que anda, e, atrás, aqueles olhos amaldiçoados.

Maria — Você se arrisca muito, ficando aqui.

Antônio — Eu sei, mas não tem outro jeito.

Maria — Então, é preciso pelo menos se esconder. Alguém pode avistar você e denunciá-lo. Se o capitão desconfiar...

Antônio — O capitão... Você não sabe quem é ele, Maria. Esse desgraçado foi queimado pelo sol do diabo. Você duvida? Olhe com cuidado e talvez possa ver o sangue em torno dele.

Maria — O sangue?

Antônio — Sim, é o sangue dos mortos. Vai se juntando na roupa dos que matam. Veja: estou todo sujo de sangue!

Maria — Você também?

Antônio — E então? Eu também. Quando o sol batia de tarde, nas trincheiras, era insuportável, o sangue dos mortos escurecia tudo e espalhava por todo canto seu cheiro de faca enferrujada. Não pude suportar mais. Todos nós estamos assim.

Maria — Eu sei, mas venha descansar.

Antônio — O jornal fala, os homens lá na Paraíba falam, o presidente fala, dizem que tudo está certo, mas eu que estive lá, eu, Maria, lhe digo que aquilo é uma polícia de assassinos. Pode ter um ou dois no meio, um ou dois que prestam, o capitão Irineu é um deles. Mas esse que veio cá é um assassino. Vi quando ele sangrou um homem que tinha sido preso, Maria. Posso mesmo dizer que tomei parte na morte.

Maria — Você?

Antônio — Sim, e então? O que foi que eu fiz? Fiquei ali parado, com a vista escura e com vontade de vomitar, mas não fiz nada. E você sabe a impressão que me ficou?

Maria — Não.

Antônio — Foi aí que o sangue começou a pegar na minha roupa. O pior é que o povo parece que adivinha que o sangue está ali; em todo canto que se chega ninguém olha para a gente. Baixam a vista e saem, com a cara que parece de pedra. Aí foi que começou o barulho de Tavares. Com um dia de cerco, os cangulos abandonaram as casas e a gente entrou na rua, com a corneta tocando. Tudo estava parecendo muito fácil, mas foi então que eles voltaram e nos cercaram lá dentro. Tem gente na polícia que diz que a fuga deles foi feita de propósito, para nos pegar dentro daquela ratoeira de pedra. Não sei, mas cercaram Tavares e a polícia ficou lá, presa, debaixo dos tiros dos cangaceiros que ficam nos serrotes, por trás das pedras. Lá só tem uma cacimba, Maria. Para ir buscar água era um inferno, todo dia morria gente.

Maria — Foi assim que Amaro morreu?

Antônio — Foi. E foi aí que tudo foi ficando cheio de sangue. A briga não era nada, mas a morte do homem sangrado não me saía da cabeça. Eu sempre tive ódio da brutalidade, Maria. E o pior é que parece que a brutalidade não tem jeito nesse mundo.

Maria — Por que você diz isso?

Antônio — Desde pequeno que eu sofro com a brutalidade, e agora, lá em Tavares, vi que não tem jeito para ela. Para acabar a brutalidade, a gente tinha que sangrar todos os brutos da qualidade do capitão. Mas aí a gente ficava como eles, com a roupa cheia de sangue.

Maria — Foi por isso que você... veio?

Antônio — Foi, por isso e por causa do homem que sangraram. Espere! Você ouviu alguém bater?

Maria — Ouvi. Parece que foi numa janela, lá dentro.

Antônio — Quem terá sido?

Maria — Meu Deus, será o capitão?

ANTÔNIO — Vá ver. Talvez seja seu pai!

MARIA — Entre no quarto de Amaro. Se meu pai avistar você, fuja. Eu lhe digo o momento de sair!

Sai. ANTÔNIO *fica no quarto, com a porta aberta, de faca na mão.* MARIA *volta.*

MARIA — Não há ninguém lá fora. Foi o vento batendo numa persiana.

ANTÔNIO — Como é que você sabe?

MARIA — Ela estava aberta e eu fechei.

ANTÔNIO — E seu pai?

MARIA — Deve estar no quarto dele, deitado. Lá dentro não há ninguém.

ANTÔNIO — Está bem. O que foi que você quis dizer, quando disse que eu devia fugir se seu pai me avistasse?

MARIA — Tenho vergonha de lhe confessar isso, Antônio, mas é que meu pai pode denunciar você.

ANTÔNIO — É possível? Foi ele quem me criou.

MARIA — Ele está mudado.

ANTÔNIO — Desde quando?

MARIA — Desde que começou tudo isso e vocês foram no batalhão. Mas tudo piorou depois que ele soube que Amaro tinha morrido.

ANTÔNIO — Eu compreendo. Comigo aconteceu a mesma coisa.

MARIA — Com ele não foi do mesmo jeito não, Antônio. Ele está com o sangue cheio de raiva e de dureza.

ANTÔNIO — Eu também estou. Com raiva de todos aqueles que me convenceram de que eu devia me meter nessa revolução, nessa mortandade. Que me fizeram ir para lá, pensando que com aquilo se acabava de vez com o cangaço e com a brutalidade. E o cangaço e a brutalidade, as mortes e a revolução eram a polícia e o governo que queriam. Malditos sejam todos eles!

MARIA — A raiva de meu pai é diferente, é de todos os que ficaram vivos. Você compreende o que significa isso? Se ele encontrar você aqui, vai denunciá-lo ao capitão. Nunca mais ele lhe perdoa ter ficado vivo com Amaro morto.

ANTÔNIO — Não acredito!

MARIA — Eu também não queria acreditar, mas ele mesmo disse isso aqui, antes de sua chegada.

ANTÔNIO — É por causa de Amaro?

MARIA — Acho que sim. Você não viu a vela, no quarto dele?

ANTÔNIO — Vi.

MARIA — Está acesa lá desde o dia da notícia. Quando se acaba uma, ele bota outra. Isso de dia e de noite, e disse que vai ficar assim até morrer. Meu pai está meio doido, Antônio.

ANTÔNIO — Então, tenho que me defender de vocês também… E era aqui que eu esperava descansar! Enfim, que é que se pode fazer? Se é assim, é melhor sair logo e de vez para a rua.

MARIA — Espere, por aí não. É melhor você sair por trás.

ANTÔNIO — Se eu sair por trás, seu pai me vê.

MARIA — Deixe eu ir ver se ele está dormindo. *(Vai sair pelo corredor, mas volta aterrorizada.)* Antônio! Meu pai!

Antes que ANTÔNIO *possa fazer qualquer coisa,* NESTOR *entra, com uma vela na mão.*

NESTOR — *(Depondo a vela na mesa.)* Antônio, você aqui?

MARIA — Chegou nesse instante, meu pai. Veio de Tavares com uma volante.

NESTOR — Você foi ferido?

MARIA — Foi, ligeiramente. Coisa pouca, mas o capitão Irineu deixou que ele viesse.

NESTOR — Você teve licença?

ANTÔNIO — Tive.

NESTOR — Vai demorar?

ANTÔNIO — Somente o que for preciso.

NESTOR — Você precisa ter cuidado.

ANTÔNIO — Que há?

NESTOR — O capitão Souza esteve aqui. Estão procurando um homem que desertou e podem confundi-lo com você.

MARIA — Não é possível, veriam logo que era engano!

Nestor — Você se apresentou no quartel antes de vir para cá?

Antônio — Não.

Nestor — É melhor que você se apresente ao capitão, para evitar desconfiança dele.

Antônio — Eu trato disso depois.

Nestor — Quando?

Maria — Quando amanhecer o dia, meu pai. Antônio chegou agora, está morto de cansaço.

Nestor — Você deve dormir no quarto de lá, no de vocês não. O de vocês agora é somente dele. Você estava lá, Antônio?

Antônio — Lá onde?

Nestor — Na trincheira, na hora em que Amaro morreu?

Antônio — Estava.

Nestor — Ele morreu na mesma hora?

Antônio — Foi. Acho que não soube nem o que aconteceu. Foi melhor assim e não foi ele quem teve a pior sorte.

Nestor — Certamente não. Os que fogem, talvez se arrependam depois!

Antônio — É, talvez.

Nestor — O mato tem muitos caminhos, mas o fogo dos fuzis corta todos eles. Estou dizendo isso dos cangaceiros de Princesa, é claro.

Antônio — Eu entendo isso, meu pai.

Nestor — Não foram eles que mataram meu filho? Não foram eles que se revoltaram contra o governo?

Antônio — Foram, mas até agora eu só não consegui entender uma coisa: que qualidade de revolta é essa? Diziam que os cangaceiros iam invadir o estado, mas como é que isso é possível, se eles estão lá, na casa deles, e a polícia é que está cercando Princesa? Ia haver eleição em Teixeira e a polícia entrou lá, poucos dias antes.

Nestor — Era preciso desarmar os cangaceiros.

Antônio — É o que diziam, mas só se procuram esses cangaceiros nas terras onde moram os que não gostam do governo.

Nestor — Se você pensava assim, por que entrou no movimento? Por que inventou de sentar praça na polícia?

Antônio — Que outro tipo de vida podia tentar um enjeitado que nunca teve nada, meu pai? E além disso, eu sabia lá de nada? Só depois, aos poucos, é que fui descobrindo as coisas. E não sou eu somente, em Tavares todo mundo já estava falando, pelas costas dos oficiais.

Nestor — O que eu sei é que o governo termina ganhando, no fim.

Antônio — Só se vier tropa do exército, meu pai.

Nestor — Isso é o que os inimigos do presidente querem. A tropa federal é a favor deles. E é por isso que o presidente nunca permitirá a vinda do exército.

Antônio — Então o presidente vai perder, porque a polícia não pode com o pessoal de Princesa não, meu pai!

Nestor — Em Tavares ela ganhou.

Antônio — Terá ganho mesmo? Está todo mundo desconfiado lá que eles deixaram a polícia entrar de propósito. Ela ficou fechada ali, no meio do caminho, e nunca mais conseguirá nem sequer chegar a Princesa. Mas mesmo que tenha sido vitória mesmo, a da entrada de Tavares, o que foi que adiantou? Os cangulos voltaram, e agora a polícia só faz levar tiro deles e esperar.

Nestor — Ah, a situação é difícil... Deve ser por isso que tanta gente está desertando. Quantos desertaram?

Antônio — Não sei.

Nestor — Não sabe? Você não estava lá?

Antônio — Estava, mas como é que vou saber? Uns dizem que foram trinta, até agora. Mas outros dizem que foram mais de cinquenta.

Nestor — Cinquenta! Correndo pelo mato, enquanto os outros ficam lá. De qualquer modo, há muitas maneiras de morrer. A de Amaro foi uma, mas existem outras e o capitão sabe disso.

Antônio — Que é que o senhor quer dizer?

Nestor — Nada. Fique aqui. Sua casa é esta, como sempre foi. Maria cuidará de você.

Maria — Meu pai!

Nestor — Que é?

Maria — Para onde vai você?

Nestor — As velas se acabaram, vou ver se compro alguma na rua.

Maria — Assim, de foice na mão?

Nestor — A rua está cheia de soldados, não quero me arriscar.

Maria — É melhor deixar que amanheça.

Nestor — Não, a vela não sustenta até de manhã e não quero deixar o quarto dele sem luz.

Maria — Todas as casas estão fechadas.

Nestor — Na farmácia fica gente dormindo. Vou bater lá, sei que eles me atendem. Se aparecer alguém, não abram. Pode ser perigoso para Antônio.

Sai.

Maria — Agora é preciso fugir.

Antônio — Você pensa que eu corro perigo?

Maria — Ele vai avisar o capitão. Saia, Antônio, saia pela parte de trás da casa e corra nem que seja até Cosme Pinto. Lá, peça aos Pimentas, que eles o ajudarão.

Antônio — Não posso, não quero mais fugir, Maria.

Maria — É preciso tentar alguma coisa.

Antônio — Existem muitas maneiras de morrer e o mato está cheio de fuzis, como ele disse. Assim…

Maria — Se você ficar, é a morte certa.

Antônio — E lá fora? Talvez seja mais certa ainda e, além disso, vou ficar sozinho de novo, ouvindo meus passos na madrugada e vendo por toda parte os fuzis que me olham.

Maria — E se você não fosse só?

Antônio — Se eu não fosse só?

Maria — Se eu fosse com você, você ia?

Antônio — Se você fosse comigo… para o mato?

Maria — Para o mato ou para onde você quisesse.

Antônio — É impossível!

Maria — Por quê?

Antônio — Por que você faria isso?

Maria — Você… você não sabe, Antônio?

ANTÔNIO — Eu não sou seu irmão. Em troca de quê, esse sacrifício?

MARIA — Em troca de nada. Ou talvez em troca do que você pode me dar.

ANTÔNIO — *(Num gesto para o quarto da vela.)* Ele?

MARIA — Não, nós dois. O que é que eu posso esperar ainda, aqui? Assim, é melhor para nós sairmos, atrás de nossa vida, que quiseram acabar.

ANTÔNIO — Quiseram acabar... Você acha que ainda me resta alguma coisa?

MARIA — É preciso acreditar.

ANTÔNIO — E se eu acreditasse?

MARIA — Você ainda pode?

ANTÔNIO — Se você quisesse...

MARIA — Eu quero. Sempre quis, Antônio.

ANTÔNIO — *(Abraçando-a.)* Maria!

MARIA — Eu sempre quis!

ANTÔNIO — Você vai comigo?

MARIA — Vou.

ANTÔNIO — A morte pode nos pegar na estrada. É preciso coragem.

MARIA — Com você eu não tenho medo.

ANTÔNIO — É longe. Nós teremos que andar muito, até sairmos do estado e chegarmos a Pernambuco. As volantes estão andando por todo canto.

MARIA — Nós dois podemos escapar.

ANTÔNIO — E seu pai?

MARIA — Que é que meu pai tem ainda comigo? Sou viva demais para ele, agora. Aqui não posso esperar mais nada. Não é só por sua causa que eu vou, Antônio, é por mim também.

ANTÔNIO — Então vamos. Foi isso que eu desejei a vida toda, Maria, sem nunca ter coragem de lhe dizer. Mas agora, é você mesma quem me diz. Então, se é assim, tenho coragem de aceitar. Vamos.

MARIA — Deixe eu ir na frente. Vou olhar na rua. Se não houver ninguém, chamo você. Fique no quarto, alguém pode avistar seu vulto pela janela.

ANTÔNIO *entra no quarto e* MARIA *sai, voltando imediatamente, apavorada.*

MARIA — Antônio!

ANTÔNIO — Que é? Tem alguém?

MARIA — Não, mas a porta de trás está trancada!

ANTÔNIO — Trancada?

MARIA — Sim, e sem a chave. Foi meu pai. Ele deve ter avistado você antes de vir para cá!

ANTÔNIO — Será possível? Como ele teria feito?

MARIA — Deve ter ouvido sua voz. Levantou-se, saiu. Foi aí que a gente ouviu o barulho, na janela: ele saiu para nos espreitar pelo lado de fora. Voltou, trancou a porta da cozinha e veio.

ANTÔNIO — Todas as janelas dão para a rua. Mas se não tem outro jeito, vamos sair por uma.

MARIA — É melhor sair pela porta da frente. Se alguém nos avista saindo pela janela, estranha logo. Pela porta, ainda há uma esperança!

ANTÔNIO — A rua da frente é a mais importante, deve estar mais vigiada!

MARIA — Acho que não. Vamos tentar, venha. Espere, é melhor eu ir na frente. *(Sai novamente e volta desalentada.)* Está trancada, também. Meu pai deve tê-la trancado por fora quando saiu.

ANTÔNIO — Então estou perdido!

MARIA — Não, ainda não. Vamos arrombar a porta.

ANTÔNIO — Ele levou a foice.

MARIA — É o único ferro grande que tem aqui, foi por isso que ele o levou! Mas há um pau, na cozinha. Venha, vamos arrombar a porta traseira. Espere. Você ouviu?

ANTÔNIO — Que é?

MARIA — Alguém virou a chave na fechadura da porta. Corra, Antônio.

ANTÔNIO — Para onde?

MARIA — Aqui, entre no quarto de Amaro!

ANTÔNIO *tira uma faca do cinturão e entra no quarto da vela, fechando a porta atrás de si. Entra o* CAPITÃO.

MARIA — É o senhor? Como conseguiu entrar?

CAPITÃO — A porta estava novamente aberta. Duas vezes na mesma noite.

MARIA — A porta estava fechada.

CAPITÃO — Bem, então foi seu pai que me encontrou e que me deu a chave.

MARIA — Que foi que o senhor veio fazer aqui?

CAPITÃO — Seu pai me disse certas coisas.

MARIA — Certas coisas de quê?

CAPITÃO — Certas coisas a seu respeito. Coisas muito esquisitas, principalmente tratando-se da irmã do soldado que os cangaceiros mataram.

MARIA — Por mais estranho que fosse, é menos estranho do que isso que meu pai fez.

CAPITÃO — Isso que seu pai fez quando?

MARIA — Agora, mandando para cá um homem como o senhor.

CAPITÃO — O que é que eu tenho de mais, moça? Sou um homem respeitador, sou da polícia e do governo como seu irmão era. Seu irmão... Seu pai me disse que o quarto dele era esse!

MARIA — *(Tomando-lhe a frente.)* Saia daí, assassino!

CAPITÃO — Que é isso, moça? É preciso calma, viu? Foi seu pai quem me mandou aqui e eu entro onde quero.

MARIA — Desculpe, queria somente pedir que não entrasse aí.

CAPITÃO — *(Entendendo.)* Ah! Pode me dizer por quê?

MARIA — Era o quarto de meu irmão. Agora, que ele morreu, não queremos que o quarto seja mais aberto. *(Falando para ANTÔNIO.)* A não ser para as pessoas que nós amamos.

CAPITÃO — Está bem, já entendi tudo. Mas quero lhe dizer umas palavras antes de você tomar essa decisão, moça.

MARIA — Que decisão?

CAPITÃO — Você sabe melhor do que eu. Olhe, vou lhe dizer uma coisa: quando eu era mais moço, tive que tomar uma decisão dessas. Para continuar na polícia e ser promovido, tive que deixar de lado o homem que me colocou lá. Tomei o lado do governo, porque o governo não pode ser desmoralizado. Olhe em seu redor e veja: por que foi que os dois rapazes daqui se alistaram?

MARIA — Foi a seca.

CAPITÃO — Está vendo? Você fala assim com vergonha, mas foi a fome e a necessidade. Com o governo, tudo isso se acaba: é dinheiro certo, porque o governo é certo e tem força. Agora, esses cachorros do outro lado estão querendo desmoralizar o governo.

Olhe, vou lhe dizer uma coisa: desde que tomei minha decisão, luto a favor dela, procurando acabar com a resposta dos outros. Era isso que eu estava procurando em Tavares, em Princesa e no mato, quando atiro nos bois, incendeio as cercas ou sangro um cangaceiro qualquer. É por isso que lhe digo que uma dessas respostas que procuro bem pode estar aí, escondida nesse quarto.

Maria — Não acredito que o senhor encontre nada aí. E se o senhor vive procurando isso, procure primeiro não fazer mal a ninguém.

Capitão — Ah, eu sei... A história da porta estreita e da estrada espinhenta. Minha farda não aguenta essa qualidade de caminho. Meu caminho, moça, é o das facilidades e do governo.

Maria — Por que o senhor me diz tudo isso?

Capitão — Para preveni-la de que sua hora chegou. Tem uma hora em que é preciso decidir, e a sua chegou.

Maria — Devo me decidir agora?

Capitão — É. Aliás, você escolheu, antes de minha chegada. Mas fez uma escolha errada, moça.

Maria — Errada por quê?

Capitão — Você escolheu contra o governo. Mais ainda é tempo de retroceder.

Maria — Que devo fazer para isso?

Capitão — Você deve me entregar a resposta que eu ando procurando.

Maria — E se eu preferir a estrada dos espinhos?

Capitão — Os espinhos podem matá-la. Mas para você eu vou fazer uma exceção e deixar que você mesma escolha.

Maria — É um direito meu?

Capitão — Não, é um privilégio que lhe dou porque você é irmã do soldado morto.

Maria — Deixe em paz os que já morreram!

Capitão — Sim, é verdade. A paz dos que morreram. A gente pode quase sentir essa paz aqui. Devo levar isso em conta, pois até certo ponto justifica o que você quis fazer.

Maria — Como pode saber que eu quis fazer alguma coisa?

Capitão — Depois que tomei minha decisão e me meti nessa catinga envenenada, moça, fiquei assim com um faro de cachorro, que me avisa de qualquer perigo ou quando estão tramando qualquer agressão à minha facilidade.

Maria — Sua facilidade?

Capitão — Minha paz de espírito, se prefere dizer assim. Uma paz de espírito a meu modo.

Maria — Então por que não me mata? Não é assim que o senhor faz sempre? Sua fama já está espalhada, todo mundo sabe que você sangra os que são contra o governo.

Capitão — Era o que eu devia fazer. Mas seu pai é do governo e seu irmão morreu em Tavares. Além disso, como você disse, é melhor deixar em paz os que já morreram. E existe outro motivo para eu querer um arranjo com você. Acho mesmo que seu pai não se importa, senão ele não teria me dado a chave. Não foi o que você disse?

Maria — Foi.

Capitão — Seu pai sabe quem eu sou e você também sabe. Vou ser o mais claro possível, mas antes de ir adiante quero saber uma coisa. Não se ofenda por eu lhe perguntar isso, mas você ainda é moça? É, pela cara que fez a gente entende logo. Só assim me interessa, uma moça assim, com cara de menina, é uma coisa que me deixa louco. Com essa vida na polícia, nas volantes, tenho vivido num inferno. Aqui mesmo, dormi no quartel, numa rede cheia de percevejos. Está entendendo?

Maria — Estou.

Capitão — Vou me arriscar muito se vier a esquecer que você fez aquela primeira escolha. Meus soldados sabem que eu estive aqui, e se eu não for duro com você, posso me complicar. O governo não perdoa uma dessa, é capaz de me rebaixar e mesmo de me botar para fora da polícia. Você escondeu o que não deve e tenho que tomar uma atitude forte.

Maria — Qual? Minha morte?

Capitão — Sim, a sua e a desse que está aí. Mas eu não quero matá-la.

Maria — E então?

Capitão — É preciso mostrar a meus soldados e ao governo que só não matei você porque você está do lado do governo.

Maria — O senhor é muito bondoso comigo. Em troca de quê me daria essa oportunidade?

Capitão — Eu já disse. Desde que vi que você era moça, fiquei lhe querendo. Não posso dizer que me caso, porque sou casado. Mas ficando comigo, você está segura. Não pense que eu deixo você abandonada. Quando voltar de Patos, em vez de ir para o quartel, venho dormir aqui. Todo mundo fica respeitando você, com medo do capitão.

Maria — E isso basta para provar que eu estou do lado do governo?

CAPITÃO — Para mim, basta, mas para o governo, não. Não falta aqui quem queira ganhar prestígio me denunciando. Além disso, os soldados estão aí na rua, esperando. É preciso mostrar a eles também de que lado você está.

MARIA — Como?

CAPITÃO — Entregando a mim, na vista de todo mundo, esse desertor que está aí dentro. Vou voltar para a rua, digo que dei a busca e que não encontrei ninguém. Aí, você grita por mim e abre a porta. Agradeça minha bondade, moça. Eu podia sair daqui sem perigo e chamar os soldados, mas seu pai é do governo, seu irmão morreu na polícia e eu quero cama limpa e moça nova quando vier aqui.

MARIA — O senhor promete... deixar Antônio vivo? Ele podia ficar preso aqui no quartel.

CAPITÃO — Não pode ser não, moça. A situação está muito dura; em Piancó, onde estão os chefes, não querem saber de desculpa nenhuma. Já houve as maiores confusões com o tenente Elias, ele só se saiu bem porque era do governo e a situação é tão ruim que precisavam dele de qualquer jeito. Mas quem me garante que precisam de mim?

MARIA — Está bem, então não tem outro jeito. Aceito o que o senhor me oferece. Vá esperar lá fora.

CAPITÃO — Veja bem, não brinque comigo. De qualquer forma, para ele não adianta nada, a casa está completamente cercada. Por qualquer lado que você tentasse fugir, seria a morte certa. De modo que você não tem outro jeito senão aceitar. Do lado dele, é a morte; comigo, a vida e a segurança. Eu vou esperá-la.

Sai. ANTÔNIO *sai do quarto.*

ANTÔNIO — Ele sabe de tudo, seu pai me denunciou.

MARIA — Você estava ouvindo?

ANTÔNIO — Estava. Ouvi quando você falou nos que podiam entrar no quarto. Os que você ama. Que vai fazer agora?

MARIA — Você ainda pergunta?

ANTÔNIO — Claro, tenho que saber. Se eu morrer será por causa disso.

MARIA — Você devia saber há muito tempo.

ANTÔNIO — Por quê? Que foi que eu tive na vida para ter obrigação de saber isso? Eu estou corrido da polícia, à beira da morte, e ainda sou o mesmo enjeitado que deixaram ali naquela porta. Você sabe por que eu arrisquei minha vida para chegar aqui? Sabe por que tinha que ser hoje de qualquer jeito?

MARIA — Não.

ANTÔNIO — Está vendo? Nem você, que é tão boa, que foi o sonho de minha vida toda, sabe. Hoje é Sexta-Feira da Paixão, Maria, e eu fui deixado aí numa sexta-feira dessa. É o dia dos enjeitados. Hoje pois é meu aniversário. Você e Amaro tinham o dia do nascimento, eu não: o meu, era o dia em que tinha sido deixado na porta.

MARIA — Mas você teve sua casa e sua família.

ANTÔNIO — Sim, tive a minha casa. Mas seu pai, você viu o que ele fez comigo. Quanto a seu irmão, o que o capitão disse é verdade, se bem que ele não saiba por quê. Talvez muitas das perguntas que me perseguem tenham sua resposta aí, no quarto de Amaro.

MARIA — Você achou alguma?

ANTÔNIO — Não sei. Estou cego, agora. O sangue maldito encheu meus olhos também.

MARIA — É preciso que você se limpe de tudo isso, do medo e do ódio. Nós temos que fazer isso logo. Numa noite como essa, temos que aprender a viver depressa.

ANTÔNIO — A viver depressa.

MARIA — E a arriscar-nos. Conformando-nos com a morte, se ela for inevitável. Quanto a meu pai, ele está transtornado, Antônio.

ANTÔNIO — E você pensa que comigo era diferente, antes? Foi ele quem me fez entrar na polícia, porque eu sentia que ele queria se ver livre de mim. Passei toda a minha vida ouvindo palavras duras, dele e dos outros. Os homens são cheios de maldade, Maria, e eu comecei a sentir isso cedo demais. No começo, pensava que todos sofriam a mesma coisa, mas logo depois comecei a ver que havia umas pessoas mais marcadas do que as outras. Os ciganos, os negros, os enjeitados... Eu era um desses. Assim, como é que você pode esperar que eu confie e me arrisque de vez, sem nenhuma garantia sua?

MARIA — O que eu lhe disse não basta? É de mim que você quer a garantia?

ANTÔNIO — É. Somente dada por você é que ela me serve.

MARIA — Está bem. Pergunte então o que quiser.

ANTÔNIO — O que eu quero saber é uma coisa só, Maria. Você quer aceitar a proposta que o capitão lhe fez?

MARIA — Não.

ANTÔNIO — Se você não quisesse, teria dito logo. Nós estamos perdidos, e assim, não havia motivo nenhum para você dizer que ele esperasse. A não ser que você vá mesmo me entregar. Por que você disse isso?

MARIA — Queria ver você ainda uma vez antes de morrermos.

ANTÔNIO — Você prefere ficar comigo, mesmo para morrer?

MARIA — Prefiro, e você devia saber disso sem que eu lhe dissesse.

ANTÔNIO — Então por que propôs ficar com ele? Você pensa que eu não ouvi? Ele falou com você com aquela voz de cachorro, chegando-se bem para perto e falando quase no seu ouvido. Disse que já que você era moça isso o deixava louco e ele queria cama limpa.

MARIA — Eu não disse que aceitava.

ANTÔNIO — Mas propôs a ele a mesma coisa, se ele nos deixasse vivos. Você não diz nada? É verdade?

MARIA — É.

ANTÔNIO — E é só o que você tem a dizer?

MARIA — Só assim você ficaria vivo.

ANTÔNIO — Boa maneira de resolver tudo! Ele me deixaria solto, mas aqui eu não poderia ficar. Teria que voltar para o mato, como um cachorro, vendo a morte em todo canto, sujeito a ser sangrado pela primeira volante que me pegasse. A única mudança seria então que você estaria aqui, dormindo em cama limpa, respeitada por todo mundo como a rapariga do capitão. Quanto a seu pai, estaria livre de mim para o resto da vida. Era isso o que você queria? Fale, diga alguma coisa! Não nos resta muito tempo. E já que tenho de morrer, quero que pelo menos você me tire da dúvida.

MARIA — Agora eu tenho também a minha, Antônio, quero também minha garantia. Tem uma coisa que eu preciso saber.

ANTÔNIO — Que é?

MARIA — Você matou alguém?

ANTÔNIO — Matar?

MARIA — Sim.

ANTÔNIO — Como é que eu posso saber? Devo ter matado.

MARIA — Não, eu digo por você mesmo. Não na luta, atirando com os outros. Você matou alguém por sua própria iniciativa? O capitão disse aqui que você matou um soldado pelas costas, em Tavares.

ANTÔNIO — Você acha que eu matei?

MARIA — Antes, não havia quem me fizesse acreditar nisso. Mas depois do que você acaba de dizer, só você é quem pode dizer se matou ou não.

ANTÔNIO — Então é assim que você acredita em mim! E se eu matei?

MARIA — Eu quero ir com você, mas assim, não.

ANTÔNIO — Você devia vir comigo de qualquer maneira.

MARIA — Não com essa morte pegada na minha roupa.

ANTÔNIO — Que seria uma morte a mais no meio desta sangueira?

MARIA — Eu ficaria na dúvida para o resto da vida.

ANTÔNIO — Pois fique na dúvida, Maria. Estou pronto, pode chamar o capitão. Vá, e pode caminhar à vontade, pela estrada por onde marcha a polícia. Será a melhor maneira de inaugurar sua vida de segurança, ao lado da facilidade e do governo. Vá, chame!

MARIA — Você acha que eu teria coragem?

ANTÔNIO — É melhor que tenha. De qualquer modo eu vou sair, assim é melhor que você grite, porque assim pelo menos se aproveita alguma coisa com minha morte. Mas uma coisa eu lhe digo: a dúvida e o sangue estarão sempre com você.

MARIA — Pare, pelo amor de Deus. Já vi o que significam suas palavras sobre o sangue dos mortos.

ANTÔNIO — O sangue dos mortos!

MARIA — O desse soldado que você matou, talvez. E eu que disse a meu pai que você podia tomar o lugar do meu irmão!

ANTÔNIO — Ah, alguém que substituísse esse que está morto. Você sabe quem era esse morto?

MARIA — Era meu irmão que morreu sem que eu saiba para quê.

ANTÔNIO — E você sabe se eu queria tomar o lugar dele? Ele era o filho da casa, eu o enjeitado. Ele pode ficar com o lugar dele, eu só queria o meu. Se o meu não existe, como acabo de ver, não pense que estou tão arrasado, a ponto de aceitar qualquer coisa em troca dele. Você pensa que me arrasaram, Maria?

MARIA — Não sei. Pelo amor de Deus, Antônio, que foi que lhe fiz para você me dizer tantas maldades?

ANTÔNIO — Você devia ver Amaro lá em Tavares, sujo de sangue, matando conformado, esquecido de tudo o que era sua vida.

MARIA — Você o odiava, então?

ANTÔNIO — E podia ser de outra forma? Que é que você esperava? Você devia vê-lo lá em Tavares, com sua boca indecente, dizendo sujeiras com os outros, enquanto praticavam suas crueldades. Um dia, saí com ele, numa caravana. Você sabe o que é uma caravana, Maria?

MARIA — Não.

ANTÔNIO — É curioso, que vi coisas muito piores, como por exemplo o homem que sangraram. Mas de tudo, para mim, foi o que Amaro e os outros fizeram de pior. A gente saiu de tarde e encontrou um rapaz no mato. O cabo disse que ele era dos cangulos de Princesa e o rapaz disse que não. Era dali mesmo de Tavares, tinha corrido com o tiroteio, mas de vez em quando voltava escondido, para vigiar o gado de seu pai, solto ali na manga. Eram só três cabeças, duas vacas e um garrote. Ele pediu que não matassem as três reses, que era tudo o que seu pai tinha. Prometeu que mostraria outras, de gente mais rica, mas não houve jeito. Amaro pegou o fuzil e ali mesmo matou todas três, Maria. O menino chorava de fazer dó, mas todo mundo achou graça. Era desse irmão que você queria que eu tomasse o lugar?

MARIA — Era. Mas agora, não adianta mais. Pode ir. Você conseguiu o que queria. Destruiu a lembrança dele, e nada me deu em troca.

ANTÔNIO — E que é que eu podia dar? Meu nascimento? O mundo está cheio de gente ruim, Maria, gente que me olhava com olhos de fogo, cegando meus olhos. Sozinho, na escuridão cheia de estradas...

MARIA — Foi preciso escolher o caminho.

ANTÔNIO — Escolher o caminho. Sim, o capitão falou nisso. Como se ele soubesse a agonia que se esconde nisso.

MARIA — A agonia da deserção...

ANTÔNIO — A agonia do enjeitado! Agora, sou eu que não quero voltar. Estou extraviado. Se era assim que Deus me tratava, eu desafiava Deus.

MARIA — Foi essa morte? Você matou mesmo?

ANTÔNIO — Basta que você saiba que foi um desafio. O capitão disse o nome do soldado que eu tinha matado?

MARIA — Não, disse somente que tinha sido um companheiro seu e que a morte tinha sido pelas costas.

ANTÔNIO — *(Apontando para o quarto.)* E se a morte que eu tivesse feito fosse a dele? Se eu tivesse matado Amaro?

MARIA — Não pode ser!

ANTÔNIO — Por quê?

MARIA — Ele foi morto pelos cangaceiros, quando ia voltando da cacimba!

ANTÔNIO — Ouviu-se o tiro, Amaro caiu e todo mundo disse que tinham sido os cangaceiros. Mas se tivesse sido um soldado, da trincheira, aproveitando o momento

para botar a culpa nos cangaceiros?

MARIA — Antônio, pelo amor de Deus!

ANTÔNIO — É outra dúvida que eu lhe deixo para resolver. Você disse que agora eu podia ir. Está bem, eu vou. Mas quero que você saiba que eu me vinguei, Maria. Vinguei-me de tudo, de meu nascimento, dos olhos com que me olhavam desde pequeno, do nome de enjeitado, de tudo. Seu irmão tinha tudo, eu nada. Mas agora seu irmão está como eu, você já sabe quem era ele e agora ele também não tem mais nada. Quanto a seu pai, estou vingado também. Primeiro, perdeu o que tinha, e agora, como é que vai viver, junto de você que já sabe que ele também não presta?

MARIA — Ele vai viver muito melhor do que eu pensava. Agora, só me resta me esquecer de você e fazer minha vida com ele, do melhor jeito que possa. Eu não poderia viver com ele antes, por causa da denúncia que ele fez ao capitão. Mas agora, vejo que ele tinha razão. Você tinha o sangue ruim.

ANTÔNIO — Ah, até que enfim você disse o que eu queria ouvir, Maria. Era isso que eu vinha provocando desde o começo. Eu sabia que, no fundo, você pensava isso, como todo mundo. Queria saber para ter certeza e então me vingar de todo mundo em você, naquela de quem na minha humilhação eu gostava. Você vai morrer, Maria.

MARIA — Morrer?

ANTÔNIO — Será o melhor modo de me vingar de uma vez. Vou matá-la como vingança. É tempo de rezar.

MARIA — A minha alma se afoga no sangue dos mortos.

ANTÔNIO — É o sangue dos mortos que nos espera. Você se lembra da história sagrada? É assim a queda de Satanás. Quando eu estava lá, matando, gostava de imaginar esse anjo negro, todo molhado de estrelas, mergulhando na noite cheia de riscas de fogo. Era isso que eu via quando os fuzis atiravam de noite. E, quando o sol se punha, era no poente vermelho que Deus arrastava suas asas de sangue.

MARIA — Antônio, reze, senão sua alma está perdida!

ANTÔNIO — Ela se perdeu há muito tempo, no dia em que me acharam na sua porta. Junto ao rio e junto ao mar. Foi ali que me sentei e que me pus a chorar, me lembrando do sertão. Nos galhos da gameleira pendurei minha viola: os que me levavam preso exigiam que eu cantasse, para beber a alegria. E diziam: canta, cego, as cantigas do sertão! Mas eu, com pena de mim, cego e preso junto ao mar, respondia: como posso cantar as canções de Deus, aqui, preso em terra estranha, longe do sol do sertão? Bem, chegou a hora de morrer. Está na hora de escolher, o capitão mesmo disse. Eu vou ter de matar você de faca. Se você gritar, dá tempo: os soldados entram e você escapa. Grite!

MARIA — Não.

ANTÔNIO — Grite, é a última vez que mando, aproveite a oportunidade que lhe dou. Não quero ser menos generoso do que aquele cachorro que também lhe deu uma. Grite!

MARIA — Não.

ANTÔNIO — Então eu vou matá-la. Você quer rezar?

MARIA — Quero.

ANTÔNIO — Então reze. *(MARIA se ajoelha e ANTÔNIO recita.)*

A noite esconde o frio, e o sangue dos fuzis.

Dentro da noite estendo braços que procuram.

Todo sujo de sangue espero pela aurora,

essa aurora de sol que nunca hei de alcançar.

Meus olhos são de pedra, as pernas vacilantes.

Carrego a luz da morte no peito desgarrado.

O sangue e a luz do fogo me apontam o caminho.

Eu vi coisas de mais! Ó, salve-me, Senhor!

(Ele avança para MARIA, sem nenhuma dureza. A expressão de seu rosto mudou inteiramente. Estende as mãos para a cabeça dela, como quem vai abraçá-la, mas detém-se, passa as mãos sobre seus cabelos, mas sem tocá-los.) Maria! Tudo o que eu lhe disse de mim é verdade. Mas aquilo que eu lhe contei de Amaro é mentira, ele morreu bom como você sempre conheceu. Se mudou em alguma coisa, foi por causa daquela terra dura, da luta, das pedras e da sede, de tudo aquilo que sufocava a gente. Quero que você saiba disso, antes de morrer. Mas, no resto, o Capitão disse a verdade: fui eu mesmo que atirei em Amaro, por causa de tudo o que passei aqui. Adeus! Capitão, socorro!

Fere-a levemente nas costas e sai correndo.

MARIA — Antônio! *(Ouvem-se vários tiros.)* Antônio!

Entram NESTOR *e o* CAPITÃO.

NESTOR — Maria! Maria!

MARIA — *(Abraçando-o.)* Meu pai!

NESTOR — Antônio está morto!

MARIA — Eu sei.

Capitão — Nós ouvimos o seu grito. Você está ferida?

Maria — Antônio ia me matar, meu pai! Com esta faca!

Nestor — Está vendo, Maria? Eu não lhe disse que ele tinha o sangue ruim? Felizmente tivemos a ideia de cercar a casa, de outra maneira você teria morrido.

Maria — Como era o nome do soldado que ele matou em Tavares?

Capitão — Em Tavares?

Maria — Sim, o senhor não disse que ele tinha matado um companheiro pelas costas?

Capitão — Maria, esse cachorro quis matá-la e agora você já sabe que na verdade ele tinha o sangue ruim. Você já sabe que eu tinha razão quando o procurava para matá-lo. Você escolheu o lado certo, de modo que agora posso dizer a verdade: essa história da morte de Tavares não aconteceu não. Eu precisava que o ódio por ele aumentasse, para a denúncia aparecer logo. Além disso, precisava ter alguma explicação, se aparecesse alguém perguntando pela morte dele. Sei que isso é duro, mas se a gente amolecer com os que desertam, a luta de Princesa está perdida, porque não fica mais nem um soldado lá.

Maria — Quer dizer então que ele não tinha matado ninguém?

Capitão — Não.

Maria — Entendo. *(Encaminha-se para a saída.)*

Nestor — Maria!

Maria — Que é, meu pai?

Nestor — Para onde você vai?

Maria — Quero vê-lo pela última vez. Ele está lá fora?

Nestor — Não, aí na porta. Mas talvez seja melhor esperar, você não acha?

Maria — Não, deixe, eu quero ir. O senhor tem razão, daqui dá para avistá-lo. Coitado, todo sujo de sangue, ele que tinha tanto horror a isso, à violência e à brutalidade! E tudo isso para ver se era possível eu viver minha vida, esquecendo-o. Antônio, meu amor, se ainda pode, me perdoe pela desconfiança que tive. Como poderia continuar sem você? A faca era sua, me espere que eu já vou!

No limiar da porta, apunhala-se e cai fora de cena.

Capitão — Moça!

Nestor — Maria!

Correm e as luzes se apagam. Quando se acendem de novo, o Cego *está em cena.*

Cego

Alguém morreu na estranha madrugada.
Morreu sem lamentar-se inutilmente.
A noite escureceu sobre a sua alma,
cravaram-se as estrelas no seu corpo.
Alguém morreu na estranha madrugada.
Homens velhos torceram-se na cama
e as colunas de sangue dessa morte
pesaram sobre a terra adormecida.
Um homem? Uma mulher? A nós que importa?
A vida debateu-se no silêncio
e foi por fim tragada pelas águas
no fogo e no diamante incendiado.
E as colunas de sangue dessa morte
quebraram-se na aurora contra os muros.
Não houve pranto inútil nem lamentos:
alguém morreu na estranha madrugada.

Pano.

Recife, 18 de abril a 20 de maio de 1948.
Reescrita de 12 a 13 de maio de 1958.

OS HOMENS DE BARRO

ARIANO SUASSUNA

1949 - 2003

Esta peça é dedicada à memória de meu Pai, João Urbano Pessoa de Vasconcellos Suassuna, de minha Mãe, Rita de Cássia Dantas Villar, e de todos os meus Tios, nas pessoas de Joaquim Duarte Dantas, Manuel Dantas Villar, Maria das Neves Villar Dantas e Adálida Suassuna de Arruda Barreto.

Dedico-a, ainda, a três dos meus amigos: Ana Canen, José Laurenio de Melo e Luiz Fernando Carvalho.

"Formou, pois, o Senhor Deus ao homem do barro da terra e inspirou no seu rosto o hálito da vida... E sucedeu que, estando ambos no campo, levantou-se Caim contra seu irmão Abel e matou-o."

GÊNESIS, 2.7, 4.8

"É, porventura, a minha força a força da pedra?"

JOB, 6, 16

"Nossa alma é um Castelo de puríssimo cristal e Deus diz que nele tem suas deleitações."

SANTA TERESA

"Tenha pena, grande Comandante, dos homens de barro!"

WILLIAM SHAKESPEARE

"Nada queriam desta vida. Por isto, a propriedade tornou-se-lhes uma forma exagerada do coletivismo tribal dos beduínos... Voluntários da miséria e da dor eram venturosos na medida das provações sofridas... (O Profeta) consentia de boa feição que errassem, mas que todas as impurezas e todas as escorralhas de uma vida infame, saíssem, afinal, gota a gota, nas lágrimas vertidas."

EUCLYDES DA CUNHA

"Além do fanatismo religioso, transparecia também, entre aqueles fanáticos (da Pedra do Reino) um como quê pensamento socialista."

PEREIRA DA COSTA

"Mutilado, mas quanto movimento em mim procura ordem! O que perdi se multiplica e uma pobreza feita de pérolas salva o tempo, resgata a noite."

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

"Não direi de Joana Temerária sequer as culpas mínimas e os padecimentos menores... O mangue fedia a um mar afogado e os homens eram feras castigadas."

JOSÉ LAURENIO DE MELO

PERSONAGENS

ELIAS, o Pai

ADAUTO, o primeiro Filho

ABEL, o segundo Filho

EZEQUIEL, o Velho

BENTO, o Doido

JOANA, a Temerária

CÍCERO, o Profeta

CORO

NOTA

Os figurantes do Coro, que se vestem como brincantes do *Auto de Guerreiros*, ora cantam, ora tocam, ora recitam, tendo Cícero como Corifeu.

CENÁRIO

A ação decorre no conjunto de lajedos da Pedra do Reino, principalmente diante das esculturas da *Sagrada Família*, esculpidas por Arnaldo Barbosa, com o *Cristo Rei* ao centro, ladeado pelo *São José* e pela *Nossa Senhora*.

Perto delas, um bloco de granito, no qual se imagina que Elias, com a ajuda de seus filhos Adauto e Abel, está esculpindo parte do Anjo que ele viu um dia.

Quando começa a ação, Abel, Adauto, Bento e Ezequiel estão ajoelhados, os homens com rifles encruzados às costas. Elias está de pé, com uma grande Bíblia na mão. Tem barba e veste-se como um Beato sertanejo. Os outros, de calça escura e camisa branca. Mas Joana — que, no primeiro momento não está em cena — usa uma espécie de samarra vermelha, adornada por um grande Crescente amarelo. Mas tudo isto são apenas sugestões, que podem ser seguidas ou não.

Elias — *(Lendo.)* "Bem-aventurado o homem a quem Deus corrige. Não desprezes, pois, a correção do Senhor, porque Ele fere e cura com o golpe de suas mãos. Em seis tribulações, Ele te livrará, e à sétima, o mal não te tocará. No tempo da fome, Ele te salvará da morte, e, no tempo da guerra, do poder da Espada. Estarás seguro ante o açoite da língua dos maldizentes e não temerás a calamidade quando chegar. Na fome e na desolação tu te rirás, e não temerás as feras da terra. Entrarás em harmonia até com as pedras do campo e as feras da terra, que te serão pacíficas." "O que tens ouvido, medita-o no teu entendimento. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."

Todos — Amém!

Elias — Ouviram? Entenderam? Deus não permitirá que sejamos esmagados! Quantas caixas de balas temos?

Adauto — Dezoito, meu Pai!

Elias — São suficientes e vão nos bastar. A estrada que sobe a Serra é estreita: assim, pode vir a Polícia inteira, os Soldados vão morrer de um em um. Não estamos fazendo mal a ninguém, portanto, a responsabilidade das mortes é deles. E o nosso pessoal?

Adauto — Foi dividido em duas metades. Uma, está emboscada, esperando a Polícia. A outra está tomando conta das Cabras e dos roçados!

Elias — E aqui nas pedras, quem trabalha hoje?

Adauto — Eu.

Abel — Preciso ver como estão as Cabras. E tenho que trazer um Cabrito vermelho para o senhor matar, a carne já está no fim.

Elias — Está bem. Mas tome cuidado. A Polícia está de olho aberto em cima de nós. Mas Deus há de mostrar a eles de que lado está. Pode ir. *(Abel ajoelha-se na frente dele.)* Deus o abençoe, não demore.

Sai ABEL.

ADAUTO — Cícero vem subindo a ladeira, pela estrada!

EZEQUIEL — Como foi que ele passou pela Polícia? Estará do outro lado?

ELIAS — Não, conheço Cícero, ele nunca nos trairia! E vem com a Cruz na mão!

EZEQUIEL — Vêm outras pessoas com ele, é melhor atirar!

ELIAS — Quem manda aqui sou eu, e o que disse está dito! Ninguém atira em Cícero sem minha ordem!

Entra CÍCERO, *com os figurantes do* CORO.

CÍCERO — Elias, meu irmão, eu vim para salvá-lo!

ELIAS — Só quem pode me salvar é Deus!

CÍCERO — Sim, depois de sua morte! Mas foi dela que eu vim salvar você. São muitos os Soldados que estão lá fora. Falei com o Tenente, e ele disse que, se você desocupar a Serra e acabar com o Arraial, ele garante a vida de todo mundo!

ELIAS — Acabar com o Arraial? Por quê?

CÍCERO — Estão dizendo que você ameaça todos os fazendeiros daqui!

ELIAS — Eu não ameaço ninguém, não faço mal a ninguém! Trabalho aqui, com as pedras, pagando a promessa que fiz para expiar nossos pecados! Lá embaixo, para sustentar-nos, estão as Cabras e os roçados. Dos meus filhos, Adauto é responsável pelos roçados e Abel pelas Cabras. Mas o trabalho principal deles é aqui, comigo, também trabalhando as pedras! Comecei pela Sagrada Família. Mas depois, um dia, sonhei com um Anjo, e é nele que estamos começando a trabalhar. É um trabalho que nos purifica a todos, e aqui não há pecado: nós vamos acabando o nosso com a pedra e pelo fogo de Deus! Ninguém peca aqui!

CÍCERO — Quanto a mim, sou menos orgulhoso, não exijo pureza de ninguém. Acho que "a extrema dor é a extrema-unção, e o sofrimento duro é a absolvição plenária". Por isso, "consinto de bom grado que os homens pequem, contanto que todas as impurezas de sua vida infame escorram, gota a gota, através das lágrimas vertidas".

ELIAS — Quando vim para cá, ninguém queria nada com esta Serra, por causa das Pedras e do sangue que correu aqui há mais de um século! Agora, de repente, os ricos descobrem que a terra presta, é? Eu sei o que está acontecendo, Cícero: é que aqui a terra, as Cabras e os roçados pertencem a todos! "Tudo entre nós é comum e cada um recebe de acordo com sua necessidade!" Muita gente da redondeza está trocando as Fazendas de lá pela Pedra do Reino! É por isso que os ricos dizem que eu sou uma

ameaça para eles. Que ameaça pode haver em pessoas que vivem aqui uma vida pura, tentando pagar os pecados de todos?

Cícero — Acontece que começaram a aparecer outras histórias sobre vocês!

Elias — Histórias? Que histórias?

Cícero — Estão falando de um amor criminoso, aqui.

Elias — Essa história só pode ter sido espalhada pelo Padre!

Cícero — Que Padre? O de Belmonte?

Elias — Não, o de Belmonte é um homem honrado. Falo daquele que desonrou a Moça e me mostrou, de vez, quanto valiam todos os Padres!

Cícero — Volte comigo, Elias: posso salvar todos, se você se entregar agora.

Elias — Minha resposta é *não*, vá embora! Diga ao Tenente que Deus está do nosso lado, e que, se ele quiser ver os ossos dos Soldados no sol, venha. Quanto a essas histórias que o Padre inventou, são como as dos ricos: o Padre está vendo que as pessoas do Povo levam mais fé em mim do que nele! Sabe por que, Cícero? Porque aqui nós vivemos uma vida pura. Nem eu nem meus filhos tocamos em mulher! Assim, volte e diga ao Tenente que eu não preciso inventar mentiras sobre um homem, para ter coragem de enfrentá-lo!

Cícero — Ouça o que estou lhe dizendo, homem! Eu não acredito em nenhuma dessas histórias, mas você sabe como é o pessoal da rua: o Povo continua a achar que você é um Santo; mas os outros acreditam no crime e no pecado. Principalmente por causa de todas as mortes que aconteceram nestas Pedras!

Elias — E o pessoal da Cavalgada?

Cícero — Está dividido. Os do Cordão Encarnado estão com vocês, os do Azul, do outro lado. Os músicos que vieram comigo pensam como eu.

Elias — Daqui não arredo meus pés, custe o que custar! E agora, pode voltar ao Tenente para dar meu recado!

Cícero — Não, Elias! Como você, sou homem de religião; e, se você fica, eu fico também! *(Para o Coro.)* Vocês, se quiserem, podem voltar!

Coreuta — Não, se nosso Mestre fica, nós ficamos também!

Cícero — Vocês querem ficar mesmo? Lembrem-se de que não admito armas! As nossas, são esta Cruz e os instrumentos que vocês tocam!

Coreuta — Ainda assim, nós ficamos!

Cícero — Pois, então, que Deus abençoe vocês. E vamos rezar, porque, pelo que vi, o tiroteio começa assim que o Sol se esconder!

O Coro se dispõe em cena, com Cícero à frente, como Corifeu. Os Músicos tocam para acompanhá-lo.

Cícero — *(Recitando.)* "Não é tua confiança o temor de Deus, e tua conduta perfeita não é tua esperança? Onde já se viu que justos fossem exterminados? Aqueles que cultivam a iniquidade, aqueles que semeiam a miséria e a injustiça, estes é que são castigados."

Coreuta — "Ao sopro de Deus perecem, são consumidos pelo sopro de sua cólera! Serão quebrados o rugido do Leão e a voz do Leopardo. Morre o Leão por falta de presa e as crias das Leoas se dispersam."

Cícero — "Quanto a ti, farás aliança com estas Pedras, e as Bestas selvagens estarão em paz contigo. Visitarás teu rebanho de Cabras, e nada te faltará. Conhecerás uma descendência numerosa, e baixarás à terra como um feixe de trigo recolhido a seu tempo. Foi isto o que entendi da vida. Portanto, escuta e aproveita minhas palavras, pois está chegando o tempo da tua provação."

Saem todos, com exceção de Adauto, Ezequiel, Cícero e o Coro. Enquanto Cícero pronuncia a fala final, Adauto, que empunhara o martelo e o cinzel, começa a trabalhar na pedra, como se pusesse todas as suas forças no que faz. Ezequiel observa-o com expressão escarninha. De repente, Adauto se interrompe e passa a mão na testa, como para enxugar o suor e, ao mesmo tempo, afastar um pensamento doloroso.

Ezequiel — Está se sentindo mal?

Adauto — Não.

Ezequiel — Cansado?

Adauto — Um pouco. Ontem não dormi bem.

Ezequiel — Ninguém dormiu bem aqui, ontem à noite. Acho que é por causa da Polícia. Minha filha também não dormiu: ficou conversando com seu irmão até tarde!

Adauto — É mentira!

Ezequiel — Você sabe que não é! Que mal faz? Ela não conversa com você também?

Adauto — *(Empunhando o martelo.)* Você não sabe o que está dizendo! Algum dia ainda vou esmagar sua cabeça até matá-lo!

Ezequiel — Que nada, você precisa muito de mim! Eu sei de fatos que lhe interessam muito.

ADAUTO — O que é que você quer dizer?

EZEQUIEL — Um dia você saberá tudo, é cedo ainda. Por que está tão inquieto?

ADAUTO — Não sei.

EZEQUIEL — Talvez seja a espera do ataque. Ou a espera de Joana!

ADAUTO — Eu não estou esperando nada, nem ninguém! É que estou cansado do trabalho na pedra.

EZEQUIEL — Seu Pai sabe para onde foi Joana?

ADAUTO — Não sei!

EZEQUIEL — Por que você não fala com ele sobre isso?

ADAUTO — Não tenho nada a dizer a meu Pai!

EZEQUIEL — Você sabe onde Joana está! Conte a ele!

ADAUTO — Eu não sei de nada!

EZEQUIEL — É, eu também não sei! O que não deixa de ser estranho, ela já devia estar aqui, cortando a pedra! Se você tiver alguma ideia a respeito disso, conte a seu Pai... antes que seja tarde.

ADAUTO *encara-o com ódio e volta a malhar a pedra. Entra* ABEL.

ABEL — Pegado no trabalho, como sempre?

ADAUTO — É! Com tudo o que está acontecendo, o trabalho hoje quase não se adiantou. Por que não veio me ajudar?

ABEL — Além de olhar as Cabras, tive que fazer outras coisas, meu irmão.

EZEQUIEL — Com Joana?

ABEL — Não, sozinho!

ADAUTO — *(para EZEQUIEL.)* Deixe Joana em paz!

EZEQUIEL — Fiz somente uma pergunta! Por que não posso falar em Joana? Afinal, ela é minha filha! *(Para ABEL.)* Você sabe para onde ela foi?

ABEL — Não.

EZEQUIEL — Ela não contou a ninguém para onde ia, hoje! Nem a você, que agora é o confidente dela!

ABEL — Eu? Não! *(Para ADAUTO.)* Joana sempre preferiu estar com você.

Ezequiel — Isso foi há tempo. Agora, anda muito estranha! Outro dia, à noite, levantou-se da rede e saiu, sozinha. Ficou aqui muito tempo, olhando a Pedra!

Adauto — Eu também venho aqui, às vezes, mesmo de noite! Que é que isso tem de estranho?

Ezequiel — Não sei!

Adauto — Vocês não sabem tanta coisa? Pois digam tudo agora! Tenham coragem!

Abel — Que é isso, meu irmão? O que é que você tem?

Adauto — Nada!

Abel — Você está trabalhando mais do que deve, com as pedras!

Ezequiel — É o cansaço sagrado! Este, nosso, é um trabalho sagrado, o Pai de vocês é quem sabe: cortar a pedra, de manhã à noite! Em busca de quê, afinal?

Adauto — Em busca do Anjo! Um dia, a escultura estará pronta. Nós subiremos a Pedra de madrugada e, quando o Sol aparecer, o Anjo de pedra estará lá em cima, para que Deus o aviste com alegria!

Abel — Talvez a gente não viva o bastante para aprontá-lo!

Ezequiel — Não importa! O que interessa é procurar o Anjo, mesmo que não esteja pronto quando a morte vier. Acharemos nossa verdadeira vida ao construí-lo: eu, seu Pai, vocês dois... e Joana! Mas, para isso, é necessário ficar aqui!

Adauto — Eu nunca sairei deste lugar!

Ezequiel — E você?

Abel — Cada um trate de fazer a sua parte. Cuide do seu trabalho e deixe o meu em paz!

Adauto — *(para Ezequiel.)* Saia! Quero falar com meu irmão!

Ezequiel — Está bem! *(Sai.)*

Abel — O que é que você tem para me dizer?

Adauto — Nada! É que não podia mais suportar a presença dele aqui!

Abel — É, às vezes fica assim, falando coisas estranhas!

Adauto — Quem será ele, na verdade? Quem será o Doido? O que é que Bento e Ezequiel estão fazendo aqui, conosco?

Abel — Somente o nosso Pai é quem sabe, e ele não gosta de falar nisso!

Adauto — O Sol se põe daqui a pouco, e Joana ainda não voltou. É perigoso andar por aí, com a Polícia em todo canto!

Abel — Não se preocupe, Joana sabe o que faz!

Adauto — Quando o Sol queima assim, é muito difícil encontrar os caminhos!

Abel — Ainda é de dia, meu irmão!

Adauto — E o Sol cega meus olhos! Veja a Pedra!

Abel — Que tem ela?

Adauto — Está olhando para nós! Parece viva, certas horas!

Abel — Por quê?

Adauto — Às vezes, venho para cá, de noite. Todos estão dormindo. De dia, não, mas de noite, este lugar, com a Lua, parece o mais silencioso do mundo. E a Pedra ganha vida, como se no seu interior houvesse coisas que não podemos ver... porque somos indignos disso!

Abel — Eu sinto alguma coisa parecida! Às vezes, perco a esperança. É preciso esculpir o Anjo, mas, talvez por causa de tudo o que aconteceu aqui, a Pedra é insensível ao nosso esforço e ao nosso sofrimento!

Adauto — Não diga isso nunca, meu irmão! Nosso Pai é quem sabe o que ela significa. Esta Pedra vale muito: com ela, podemos encontrar a salvação!

Abel — Nosso Pai só pensa no trabalho. Construir o Anjo é tudo, para ele!

Adauto — Eu acredito em meu Pai! Na Pedra, existem muitas coisas escondidas! Nela podemos achar um outro mundo. Um mundo onde é possível descobrir aquilo que nós somos, na verdade!

Abel — Você acredita nisso?

Adauto — Acredito! É preciso construir o Anjo. Trabalhar! Achar uma vida mais sincera do que esta!

Abel — Você acha falsa, a sua?

Adauto — Vejo tantas coisas! Visões capazes de envenenar meu sangue!

Abel — É por causa do sangue que se derramou aqui! Não tenha medo!

Adauto — É uma maldição! Veja: antes de se pôr, o Sol vai me queimar!

Abel — É somente mais um dia que se acaba!

Adauto — Eu tenho medo do Sol! Por quê? Por que isso, meu irmão?

Abel — Não sei! Mas é possível vencer o medo!

ADAUTO — Sim, é possível. Às vezes, consigo vencê-lo! Então tudo fica sereno de repente, e eu consigo esquecer meus sonhos.

ABEL — Cada um de nós tem os seus.

ADAUTO — A noite é sempre mais sossegada, sem o Sol, a Terra não sofre mais. A de ontem começou mal, mas depois ficou clara e sossegada pela Lua.

ABEL — Você viu alguma coisa, na luz da lua?

ADAUTO — Vi, mas era uma coisa boa! Foi um Anjo, que eu vi, como se o nosso já estivesse pronto! A princípio, tive medo: "o Anjo tinha seis asas; com duas cobria o rosto, com duas o sexo e com as outras duas voava. À voz de seus clamores as Pedras se cobriam de fumaça. Então, eu disse: — 'Ai de mim, estou perdido! Sou homem de lábios impuros, e vivo no meio de um Povo de lábios impuros.' Nisto, o Anjo voou para junto de mim, trazendo na mão uma brasa, e com ela queimou meus lábios. Então não tive mais medo."

CÍCERO — Os Anjos são perigosos. Por isso, eu ficava mais tranquilo quando vocês estavam fazendo, na Pedra, esta Sagrada Família que hoje está aqui. Foi um Anjo que nos expulsou do Paraíso, e eu gosto mais da Sagrada Família, porque ela já nos fala do Cristo.

ADAUTO — Parecia tudo tão claro! Eu fui até aquele pedaço de mato que tem ali. De repente, a Lua saiu das nuvens e eu vi o Anjo voando para o alto das Pedras.

ABEL — Ele falou com você?

ADAUTO — Não. Por enquanto, não se pode falar com ele: ainda é feito de pedra.

ABEL — O que é que você espera dele?

ADAUTO — Não sei. Ontem, tudo estava claro. Mas hoje o Sol me cegou de novo!

ABEL — Sossegue! Quando Joana voltar...

ADAUTO — Não fale disso a Joana!

ABEL — Você não gosta dela?

ADAUTO — Gosto. Mas é filha de Ezequiel, e não quero falar com ela sobre o Anjo. Onde ficou Joana?

ABEL — Não sei.

ADAUTO — É claro que você sabe! E eu, pelo menos, desconfio! Passei a noite acordado e ouvi vocês dois conversando até tarde. Onde está Joana? Você sabe, não negue!

ABEL — É verdade. Ela foi...

ADAUTO — Ver as terras de baixio que ficam abaixo da Serra, não foi?

ABEL — Foi.

ADAUTO — Vocês não têm nada a fazer ali, seu trabalho é o das Cabras. Outra coisa: não pense que vocês dois vão nos deixar agora!

ABEL — Por que você diz isso?

ADAUTO — Porque seu lugar é aqui!

ABEL — Não quero mais viver nestas Pedras!

ADAUTO — Não é que você não queira, é que não pode! Não tem coragem para isso!

ABEL — Você está aprisionado pelas pedras; e eu é que sou covarde?

ADAUTO — Eu nunca sairei da Pedra do Reino! Foi aqui que o Anjo apareceu! E aqui está a Pedra de onde hei de arrancá-lo de novo. Entendeu? Eu nunca sairei deste lugar! Aqui hei de ficar para sempre!

CORREUTA *(Cantando.)*

"Não direi de Joana Temerária
sequer as culpas mínimas
e os padecimentos menores.
Direi que ela era semáfora:
daí as grandes perturbações
nas rotas de Palhano."

CORO

"De seu secreto pendor
para vestidos vermelhos
e alvas combinações
surgiu-lhe o primeiro amante."

CORREUTA

"E foi uma consumação:
o mangue fedia a um mar afogado
e os homens eram feras castigadas."

Entra JOANA. ABEL *corre para ela e abraça-a.*

ABEL — Você voltou! Viu as terras do baixio?

JOANA — Vi! As terras e o rebanho de Cabras pastando nelas!

ABEL — O espírito de Deus habita lá!

ADAUTO — Por que você saiu daqui sem dizer nada a meu Pai?

JOANA — Eu precisava ver aquela terra. E você deve ir lá, também.

ADAUTO — Tudo o que eu quero está aqui! Vocês vão ser amaldiçoados!

JOANA — Não importa! Ontem, estava com medo. Depois, desci a Serra, e, quando cheguei lá, tudo ficou em paz de repente!

ABEL — Como a noite, quando vem baixando. Cheia de sombras, no começo. Depois, a Lua ilumina tudo, dando paz à Terra.

JOANA — Quero ir para lá, com você!

ABEL — Antes, é preciso falar com meu Pai.

ADAUTO — Então vocês vão dizer a ele?

JOANA — *(Tensa.)* O quê?

ADAUTO — Que querem deixar a Pedra do Reino! *(JOANA parece aliviada.)* Meu Pai não deixa, este lugar é sagrado!

ABEL — Você não conhece aquela terra, meu irmão! Nós iremos para lá, Joana. No mato, os troncos são altos, e, em tempo de chuva, o Sol chega no chão já esfriado pelo orvalho das árvores. De noite, com a Lua, tudo fica cheio de sombra e luz.

ADAUTO — Os lugares em que o fogo não cortou a Pedra são malditos!

ABEL — Você não pode saber isso!

ADAUTO — Posso, sim! Sei disso melhor do que todos. Vocês não sabem até onde chega o meu poder! Joana, procure salvar-se, enquanto é tempo!

Sai.

ABEL — O que foi que ele quis dizer?

JOANA — Não sei.

ABEL — Está muito estranho, hoje! Talvez seja por causa do cerco da Polícia. Mas ele ouviu nossa conversa, ontem à noite. E não quer que eu saia daqui. Acho que é por causa da promessa de meu Pai.

JOANA — Não, ele sempre foi estranho! E assim ficará até que...

Abel — Até o quê, Joana?

Joana — Não sei! Mas é melhor não sairmos daqui!

Abel — Se ficarmos, teremos de renunciar à vida. Está com medo?

Joana — Com você, tenho coragem. Mas, quando estou sozinha, toda claridade vai embora. O mundo fica como se todas as pessoas fossem sombras, sombras sem rosto, caminhando na escuridão. *(Abraça-o.)* É a você que eu amo, nunca se esqueça disso! Você vai esquecer!

Abel — Não esquecerei nunca, Joana. Lá, em nossa terra, a coragem lhe será dada!

Joana — Não me deixe sozinha novamente!

Abel — Você não ficará só nunca mais! Irá comigo para a terra!

Joana — O amor pode trazer a destruição e a morte. Mas não com você; e só muito tarde é que descobri isso!

Abel — Você sempre se entendeu melhor com meu irmão.

Joana — É verdade! Por quê? Por que foi sempre assim?

Abel — É porque seu mundo é mais parecido com o dele do que com o meu, Joana.

Joana — Mas é a você que eu amo!

Abel — É este lugar que nos dilacera! Será diferente, nas terras lá de baixo.

Joana — E se seu Pai não nos abençoar? Este lugar é sagrado para ele!

Abel — Nós iremos de qualquer maneira. Só assim ficaremos livres; eu, do pesadelo destas pedras; você, de suas noites povoadas de sombras.

Entra Elias.

Elias — O Sol já está baixando, e você hoje não trabalhou nas pedras. Por quê?

Abel — Fui cuidar das Cabras. É preciso que alguém faça isso.

Elias — Não vejo por quê!

Abel — Nós precisamos viver, meu Pai!

Elias — Somente o essencial; e quanto mais dificilmente, melhor. Nós temos que ser duros. Duros como a Pedra que nos foi dada. Quanto a cuidar da terra, as Cabras são melhores do que os roçados. Mas lembre-se de que as forças do Mal podem estar escondidas naquele modo de vida.

Abel — Até agora não fiz nada que me possa ser censurado!

Elias — Eu sei, mas é preciso estar atento. Conosco, tudo é mais difícil, tudo se pode exigir de nós. As pedras nos foram dadas, a nós somente!

Joana — A vida também nos foi dada para que a vivêssemos.

Elias — Sim, a vida. Mas é preciso vivê-la no mais alto! E isto só é possível aqui, cortando as pedras. Os outros não são capazes disso! Por quê? Porque não têm força. Não têm coragem de enfrentar uma vida dura como a nossa. Minha família tem coragem! Eu, meus filhos, e você também, Joana!

Abel — Não vejo mal em se cuidar das Cabras, meu Pai!

Elias — Sim, temos que fazer isso, mas o trabalho da Pedra é que é sagrado. Nós não somos como os outros. Que é que você está querendo dizer?

Joana — Tem de haver quem cuide dessa parte!

Elias — Sim, mas sabendo que a vida verdadeira é a outra!

Abel — Todos nós temos uma construção a realizar.

Elias — Sim, é isto, meu filho! O trabalho das pedras. Cheguei a pensar que...

Joana — *(Tensa.)* O quê?

Elias — Nada, nada! Já estou ficando velho...

Abel — Por que você diz isso?

Elias — O trabalho está me deixando cansado. Bento gritou a noite toda, e eu não ouvi: estava cansado, e não acordei.

Abel — É verdade, o Doido passou a noite inquieto. Parece sofrer muito.

Elias — E eu nada fiz para ajudá-lo: seu irmão foi quem passou a noite com ele. É por isso que digo: está chegando a hora de alguém me substituir.

Joana — Ezequiel pode tomar conta de Bento.

Elias — Não é só do Doido que estou falando: quero que alguém fique no meu lugar, substituindo-me em tudo.

Abel — Vai deixar o trabalho?

Elias — Deixar o meu trabalho! Como pode pensar numa heresia como essa? Hei de morrer com o martelo na mão. Mas como Ajudante. Não quero continuar como Mestre.

Joana — Depois de trabalhar tanto?

Elias — Minha hora já passou! Uma vez, há muito tempo, passei dias inteiros ajoelhado aqui. A terra estava seca, tudo vermelho. Então, de joelhos, procurei resposta e alívio

para muitas coisas. E foi-me dado pressentir tudo o que estava escondido aqui nestas Pedras, que o fogo de Deus tinha cortado e que nós deveríamos continuar cortando, na procura!

JOANA — Pode-se viver em qualquer lugar!

ELIAS — Não. Você não sabe do que está falando, Joana. Precisa de alguém para guiá-la. Até agora, eu me encarreguei disso. Mas não posso mais. Abel, meu filho, venha cá.

ABEL — Que quer, meu Pai?

ELIAS — É tempo de você assumir o meu lugar. Trabalhei durante muito tempo. Estou velho e quero investi-lo das minhas obrigações.

ABEL — Meu irmão é melhor do que eu, para isso.

ELIAS — Não, ele é inquieto demais, também precisa de que alguém o conduza. Quero que você, mesmo mais moço, passe a ser o Pai de todos. E não se esqueça de Bento, tenha mais cuidado com ele.

JOANA — Não pode ser, Abel é muito moço para isso! É cedo!

ELIAS — Não, não é cedo. Comecei o trabalho muito moço, também. Esperei por este dia muito tempo, preparei vocês para ele!

ABEL — Espere pelo menos até acabarmos o trabalho! Você, que começou tudo, tem o direito de levar o Anjo lá para cima, quando tudo estiver pronto!

ELIAS — Não, não tenho esse direito.

JOANA — Por quê?

ELIAS — Eu mesmo decidi assim, e o motivo só a mim interessa. Não posso mais adiar nada, principalmente com a Polícia aí. Digam aos outros: a cerimônia será junto às Pedras, quando o Sol se puser.

JOANA corre para ABEL e abraça-se com ele.

ABEL — Pai!

ELIAS — Que há?

ABEL — Peça a meu irmão para substituí-lo!

ELIAS — Já lhe disse que não. Já resolvi, tem que ser você.

ABEL — Não posso, meu Pai!

ELIAS — Não pode por quê?

ABEL — Vou deixar a Pedra do Reino.

Elias — Vai deixar a...

Abel — Vou, meu Pai. Não posso mais viver aqui, e vou-me embora.

Elias — Você só sai daqui depois que eu morrer!

Abel — Não diga isso!

Elias — Não se atreva! Vocês não sabem de nada: tenho minhas razões e basta!

Abel — Não basta, meu Pai! Eu nunca fui feliz aqui.

Elias — Ninguém é feliz em canto nenhum! É preciso aceitar o destino que nos foi dado.

Abel — Não. Nós temos o direito de procurar outro.

Elias — Nós? Você e quem mais?

Joana — Não diga!

Elias — Fale, diga quem é!

Abel — Joana vai comigo!

Elias — Ah, então é isso! O demônio da carne!

Abel — Demônio? O que não posso é suportar mais a solidão em que vivi até agora, encerrado entre estas Pedras.

Elias — O demônio da carne! Covarde!

Abel — Por que me chama de covarde? Por causa da Polícia?

Elias — Não, sei que dela você não tem medo. Está fugindo de outra coisa!

Abel — Se estou, é de suas visões!

Elias — Então meu Anjo é somente uma visão...

Abel — Se não é, me explique a razão da vida que levamos aqui! Por que vivemos aprisionados, trabalhando dia e noite nestas Pedras? Onde está minha Mãe? Quem é o Doido, na verdade?

Elias — Você não tem o direito de saber!

Abel — Então vou construir minha vida longe daqui. Vou para os baixios, com Joana.

Elias — A responsabilidade da decisão é sua! E você vai fraquejar!

Abel — Estamos decididos, meu Pai. Mas peço uma derradeira bênção sua. Já que vamos embora, quero ir com nossa união abençoada. Quero que Joana seja minha mulher.

Elias — Não! Já que abandonam tudo, eu também renego vocês. Tenho somente um filho, agora. Deixar um lugar sagrado como este por uma terra maldita!

Abel — Não diga isso, meu Pai!

Elias — Digo, sim, porque é verdade! Malditos sejam, a terra e vocês dois! Saiam daqui!

Abel — Está bem, meu Pai: sairemos hoje à noite.

Elias — Se vocês se arrependerem, tudo será esquecido, e o casamento de vocês será celebrado por Cícero perto das Pedras. Se não, saiam sem se despedir, não quero mais vê-los. Adeus!

Sai.

Abel — Não tenha medo, Joana! Agora é que a nossa vida vai começar!

Joana — Estava com medo, mas agora irei com você.

Abel — Pense naqueles baixios cobertos de Cabras, a terra como uma mulher deitada, com o ventre pulsando, e nós construindo uma vida em comum, juntos para a vida inteira...

Joana — Não pode ser uma vida maldita, essa!

Abel — Sairemos assim que a Lua aparecer. Vamos, nem que seja ao encontro da Morte.

Joana — Não fale na Morte, agora!

Abel — Não tenha medo dela, Joana. A Morte pode nos trazer a mesma sensação de paz da terra. É como se mergulhássemos na fonte de seiva da Vida!

Um grito, e Bento, *o* Doido, *entra, perseguido por* Adauto.

Bento — Minha força não é a força da Pedra!

Cícero — "É, porventura, a minha força a força da Pedra?"

Coro — "Tenha pena, grande Comandante, dos homens de barro!"

Abel — O que é que Bento faz aqui? Que foi que houve?

Adauto — Eu estava trabalhando com ele, na cerca de pedra. De repente, começou a gritar e correu. Não pude segurá-lo.

Abel — Quando fica assim, a gente precisa redobrar o cuidado. Quando ele avista as pedras, piora.

Adauto — E é você quem se atreve a me dar conselhos?

Bento — É? Minha força é a força da pedra?

ADAUTO — *(Olhando para ABEL.)* Não, não é! Nem todo mundo tem a força da pedra!

ABEL — Nem todo mundo tem é a coragem de viver como quer!

ADAUTO — Eu tenho a vida que quero. E não aceito nada de quem nos abandona!

JOANA — *(Para BENTO.)* Venha, você não deve ficar aqui!

ADAUTO — Só saem daqui os covardes! *(Para BENTO.)* Venha, venha comigo!

BENTO — Não quero mais estas pedras! Não posso mais! Não fico mais aqui: minha força não é a força da pedra! Não posso mais!

Sai, levado por ADAUTO, que o conduz meio à força.

JOANA — *(Abraçando ABEL.)* Nós não devemos ir, é melhor ficar!

ABEL — O medo voltou?

JOANA — Sim, voltou! Tenho medo de ver minha alma aprisionada.

ABEL — Quem pode aprisionar sua alma, Joana? As pedras?

JOANA — Não, os fantasmas do passado.

ABEL — Eu livrarei você deles.

JOANA — Você terá forças para isso? Sejam quais forem? Tenho medo de que eles nos destruam!

ABEL — Nenhum fantasma tem força contra o lado de Deus! Meu Pai não quis abençoar-nos, então eu assumo a responsabilidade. Aqui, diante da Sagrada Família! Agora, você é minha mulher diante de Deus, Joana!

JOANA — Só você pode me salvar!

Saem os dois, abraçados.

CÍCERO — "Ouvi uma revelação, e meu ouvido captou seu murmúrio."

CORO — "Quando o sono cai sobre o homem, surgem visões noturnas, de pesadelo."

CÍCERO — "Tremor e terror apossaram-se de mim, um frêmito sacudiu meus ossos."

CORO — "Pode um homem ser justo diante de Deus? Pode um mortal ser puro diante de seu Criador?"

ADAUTO, que permaneceu em cena, enquanto o CORO fala, fica com o martelo e o cinzel, mas trabalha como sem convicção. JOANA entra e, sem ser vista por ninguém, esconde-se atrás de uma das esculturas da Sagrada Família. Depois de alguns instantes, entra ABEL.

ABEL — Você falou com nosso Pai? Ele está querendo que você tome o lugar de Mestre.

ADAUTO — Agora, depois que você o recusou!

ABEL — Você vai aceitar?

ADAUTO — Vou! Não, não sei! Quando é que vocês dois vão embora?

ABEL — Quero sair com a Lua, foi o que combinei com Joana. Mesmo caminhando devagar, dá para chegar ao pé da Serra de manhã cedo.

ADAUTO — E meu Pai?

ABEL — Disse que, se nós nos arrependêssemos, tudo estaria esquecido. Se não, saíssemos sem vê-lo. Meu irmão, o que é que você pensa da nossa ida?

ADAUTO — Você deve ir, e logo! Vá, enquanto é tempo!

ABEL — Você mudou de opinião e eu lhe agradeço por isso. Você compreendeu, e com isso voltaram a confiança e a amizade que sempre existiram entre nós! Foi por causa do Anjo que lhe apareceu aqui?

ADAUTO — Não fale mais nisso! Essas coisas não lhe pertencem mais!

ABEL — Por que não? Tudo o que lhe toca faz parte da minha vida. Você não sente isso?

ADAUTO — Mais do que você imagina!

ABEL — Pois não é? O Anjo apareceu aqui. Você deve encontrá-lo novamente, desta vez por seu esforço, trabalhando a pedra. A mesma coisa eu farei lá, com as Cabras: a terra é, para mim, o que a pedra é para você.

ADAUTO — *(Acariciando o granito.)* A pedra! Sonhei com ela muito tempo! A pedra me aparecia sempre como a porta de outro Reino... Um Reino de forças aprisionadas, que eu devia encontrar e libertar!

ABEL — Sim, é isso, forças aprisionadas... Nós somos assim, é a força do sangue do nosso Pai. Para onde foi Joana?

ADAUTO — Não sei.

ABEL — Temos que nos preparar porque daqui a pouco o Sol se põe.

Sai. Entra JOANA.

ADAUTO — Você! Que faz aqui? Queria ouvir nossa conversa, não era?

JOANA — Era, sim!

ADAUTO — Meu irmão não confia tanto em você? Ele lhe contaria tudo, depois!

JOANA — Preciso de sua ajuda, Adauto. Tenha compaixão, tenha misericórdia!

ADAUTO — Você não tem nada a temer.

JOANA — Quero largar tudo e começar outra vida!

ADAUTO — Com ele?

JOANA — Sim!

ADAUTO — E que é que eu tenho a ver com isso?

JOANA — Não é preciso que eu diga. Você sabe!

ADAUTO — As coisas são muito fáceis: uma pessoa não nos interessa mais, abandoná-la é o que se deve fazer!

JOANA — Não, não é assim!

ADAUTO — Foi isso o que ouvi de você, há tempo: a vida era para os que tinham coragem! Coragem de quebrar a lei que tolhe os demais!

JOANA — É preciso perdoar e esquecer!

ADAUTO — Existem coisas que não podem ser esquecidas.

JOANA — Não há esperança, portanto: você quer a nossa destruição!

ADAUTO — *(Num impulso, segurando-a pelos ombros.)* Joana, fique comigo!

JOANA — Não posso!

ADAUTO — Por quê?

JOANA — Minha fonte secou. Tenho que procurar a nascente, para que ela brote de novo!

ADAUTO — Você pode fazer isso aqui, Joana! Fique comigo! Só com você é que poderei achar o que procuro!

JOANA — O que é que você procura?

ADAUTO — Diga que fica. Somente depois é que posso contar-lhe meus sonhos!

JOANA — Não posso ficar.

ADAUTO — Você ama Abel, não é?

JOANA — Amo, sim.

ADAUTO — Então, vá pedir ajuda a ele. Fale das coisas que você me ensinava antes!

JOANA — Eu mudei, Adauto!

ADAUTO — Ah, mudou... E por que está enganando Abel?

JOANA — Eu não estou enganando ninguém!

ADAUTO — Então explique por que se escondeu para ouvir nossa conversa. Estava com medo do que eu poderia contar a ele, não era? O fato de ocultar a ele o que aconteceu já é uma traição. Vocês vão começar a nova vida mergulhados na mentira! É a lama, a maldição da terra e do barro!

JOANA — Não tenho mais nada a fazer aqui. Adeus!

ADAUTO — Não, não diga adeus: a noite que vai levá-la daqui pode reconduzi-la de volta. Você não poderá fugir, sua alma também é de pedra!

JOANA sai, desesperada. ADAUTO acompanha-a um pouco. Depois, para de repente e cobre o rosto com as mãos, murmurando: "Meu irmão!" Entra EZEQUIEL.

EZEQUIEL — Seu irmão já saiu?

ADAUTO — Não, só vai depois que anoitecer. Está esperando a Lua.

EZEQUIEL — A Lua... Quando ela aparece como ontem fica boiando no sangue da gente!

ADAUTO — *(Fascinado.)* No sangue...

EZEQUIEL — É muito poderosa, a força do sangue!

ADAUTO — Você não pode saber!

EZEQUIEL — Por quê?

ADAUTO — Porque seu sangue não é o meu!

EZEQUIEL — Seu sangue?

ADAUTO — Sim! Sentir em nosso sangue forças desconhecidas, que se despedaçam entre si!

EZEQUIEL — É preciso domá-las!

ADAUTO — Sim, domá-las, castigando o sangue contra as pedras! É preciso destruir as feras!

CORO — *(Recitando.)* "Não está o homem condenado a trabalhos forçados, na terra? Não são seus dias os de um mercenário?"

CÍCERO — *(Recitando.)* "Farás uma aliança com as pedras do campo, e não temerás as feras selvagens."

COREUTA — *(Recitando.)* "Como o escravo suspira pela sombra, como o assalariado espera sua paga, assim tive por herança meses de decepção, e couberam-me noites de

pesar."

Coro — *(Recitando.)* "Quando te deitas, pensas: *Quando virá o dia?* E quando te levantas: *Quando chegará a noite?*"

Cícero — *(Recitando.)* "E, então, loucos pensamentos te invadem, até que o Sol se põe."

Ezequiel — Sim, você deve destruir seu sangue.

Adauto — *(Embriagado.)* Destruir meu sangue...

Ezequiel — Seu sangue que vai traí-lo! Que, na verdade, já traiu!

Adauto — Eu nunca fui traído!

Ezequiel — A noite de ontem caiu de repente, não foi?

Adauto — Foi. Tudo se encheu de sombra e de escuridão.

Ezequiel — Quando o Sol se escondeu, vi seu irmão e Joana.

Adauto — Que é que você quer dizer com isso?

Ezequiel — Ele fez de Joana sua mulher; aqui, na força da Lua!

Adauto — É mentira! Somente hoje é que ele fez isso, e diante de Deus!

Ezequiel — Não, desde ontem que Joana é a mulher dele. Vi tudo!

Adauto — Então é preciso castigar meu sangue!

Ezequiel — Hoje, seu irmão falou da morte!

Adauto — Não! O castigo sim, mas a morte não!

Ezequiel — A morte, sim! Ele falou dela com o mesmo amor com que fala da terra!

Adauto — Da terra!

Ezequiel — Sim, da terra maldita! Falou de você com Joana, os dois rindo de seus sonhos com a pedra!

Adauto — Não é verdade!

Ezequiel — Você sabe que é verdade! É preciso destruir seu sangue, livrá-lo da lama da terra!

Adauto *sai, bruscamente. Entra* Bento, *que vai até a pedra.*

Bento — *(Sombrio.)* A pedra!

Ezequiel — Sim, meu irmão! É tempo de começar nossa vingança! Contra as pedras e contra eles!

Bento — Contra eles?

Ezequiel — Sim, você não se lembra mais?

Bento — Não me lembro de nada! Minha alma está ferida pelas pedras!

Ezequiel — É preciso lutar contra isso!

Bento — Os homens foram feitos de barro! De noite, sinto a terra me chamando, o barro do meu corpo quer voltar. Quero voltar ao barro!

Ezequiel — *(Tapando-lhe a boca.)* Não grite, meu irmão! Vamo-nos vingar hoje!

Bento — Nós não temos força contra a Pedra! Estamos presos por ela. Veja, estas figuras somos nós! Nunca sairemos daqui!

Ezequiel — Um dos dois irmãos quer se libertar!

Bento — Sim, aquele que vai voltar para a terra.

Ezequiel — Mas os outros também são feitos de barro.

Cícero — "No tempo em que Deus fez a terra, ainda não tinha feito chover sobre ela e não havia o Homem para cultivá-la."

Coro — *(Recitando.)* "Entretanto, um manancial corria na Terra e regava a sua superfície."

Cícero — *(Recitando.)* "Então Deus modelou o homem com o barro do chão. Insuflou em suas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente. E Deus tomou o Homem e o colocou no Jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo. E deu ao homem um mandamento:"

Coro — *(Recitando.)* "Podes comer de todas as árvores do Jardim. Mas da árvore do Bem e do Mal não comerás: porque no dia em que dela comeres haverás de morrer."

Cícero — Isto significa que o grande pecado do homem é querer decidir, sem Deus, o que é Bem e o que é Mal.

Ezequiel — Sim, nós nos vingaremos deles. Pensam que são maiores do que nós, mas o barro que está em seu sangue será castigado.

Bento — Você vai se vingar hoje?

Ezequiel — Eu, não: nós dois! Todos estes anos de sofrimento, eles vão nos pagar antes que anoiteça!

Bento — Não me lembro de nada! Quero viver em paz, na terra!

Ezequiel — Depois! Daqui a pouco um deles vem aqui, olhar a Pedra.

Bento — É o que vai para a terra? Eu quero ir com ele, meu irmão!

Ezequiel — Não! Depois, iremos nós dois, juntos. Mas o que vem é o outro. Fale com ele, Bento. Diga como se sente sobre a terra, sobre o barro do nosso sangue. Você diz?

Bento — Digo. Gosto de falar na terra. É como se ela começasse a cantar. A música da terra sobe pelos nossos pés e chega até o coração.

Ezequiel — Fale com ele sobre isso, e nós nos vingaremos. Não se esqueça, ele chega já!

Sai. Entra Adauto, que fica olhando Bento, enquanto ele fala para as esculturas.

Bento — Homens de pedra... Nós não somos feitos de pedra, todos nós temos barro no sangue. Vejam: nossa carne é feita de barro!

Adauto — Que é que você está fazendo aqui?

Bento — Você não foi embora... É a força das Pedras!

Adauto — Não, eu sou o que vai ficar!

Bento — Ah, é o que fica, o homem de pedra!

Adauto — Por que você diz isso?

Bento — Ninguém pode resistir a elas! Era preciso que nossa carne não tivesse a lama da terra!

Adauto — Você não sabe o que está dizendo!

Bento — Sei, eu sei o que é o barro! Ele nos chama, de noite, cantando a canção da terra.

Adauto — Ela é cantada só para os covardes!

Bento — Não: espere uma noite sem lua, que você vai ouvir a terra cantando.

Adauto — Uma noite sem lua!

Bento — Sim! Nas noites de lua a terra se cala e as pedras ganham força: porque a Lua também é de pedra!

Adauto — É verdade: tem noites em que a Lua parece de pedra!

Bento — Ela pode ferir a nossa carne, e castigar nosso sangue!

Adauto — Castigar o sangue!

Bento — Derramado, ele volta para a terra!

Adauto — “Ao seio da terra voltaremos!”

Bento — O sangue tem saudade da terra.

Adauto — *(Agarrando-o.)* Cale essa boca amaldiçoada!

De repente, ele o solta e esconde-se por trás das esculturas. Entra Elias. *Ao ver* Bento, *fala-lhe com doçura.*

Elias — O que é que você está fazendo aqui, só?

Bento — Vim para me vingar.

Elias — Não diga isso! Vingar-se de quê?

Bento — Não me lembro mais. Diga: de que é?

Elias — E eu sei? É melhor que você esqueça essas coisas!

Bento — Às vezes, tento me lembrar, mas não posso! Aí quero esquecer, mas não posso!

Elias — Você não tem nada do que se lembrar. Veja se pode ser feliz assim. Aqui você viverá em paz. Eu e meus filhos cuidaremos de você.

Bento — Um deles vai voltar para a terra!

Elias — A terra é amaldiçoada!

Bento — Eu já vivi lá, na terra! Ou não? Um dia saberei.

Adauto *sai de seu esconderijo.*

Elias — Você estava aí?

Adauto — Sim, estava com ele.

Elias — E seu irmão?

Adauto — Vai sair quando a Lua aparecer.

Elias — Ele está mesmo resolvido? Vai de qualquer maneira?

Adauto — Vai. Vai voltar para a terra ainda hoje.

Elias — Você falou de maneira estranha... Que há?

Adauto — Tudo parece estranho, hoje. Principalmente aqui, junto das Pedras!

Elias — Ele me traiu! E numa situação dessas, com a Polícia nos cercando! Não importa! Mesmo que todos me deixem, ficarei. Sozinho, terminarei o trabalho!

Adauto — Você tem outro filho, meu Pai. E, apesar de sempre ter preferido o outro, eu é que sei o que estas pedras significam!

ELIAS — E Joana! Eu esperava tanto dela! Queria vê-la casada com um de vocês; mas aqui, continuando o nosso trabalho. E ela vai-se embora!

ADAUTO — Não, meu Pai, Joana vai ficar!

ELIAS — Como é que você sabe? Ela lhe disse alguma coisa?

ADAUTO — Não, é somente uma impressão minha.

ELIAS — Ela vai. Ama seu irmão.

ADAUTO — Joana não ama ninguém, meu Pai!

ELIAS — Ela mesma disse aqui que ia. Mas nós dois coninuaremos. Vou continuar como Mestre mais algum tempo. Depois, você toma o meu lugar. Quer?

ADAUTO — Você é quem sabe. Mestre ou não, hei de arrancar meu Anjo da pedra!

ELIAS — Seu Anjo?

ADAUTO — Sim. Também vi um Anjo, era como se o nosso já estivesse pronto! Hei de reconstruir o que vi, cortando as pedras!

BENTO — Nós não somos feitos de pedra. Não queira se castigar contra elas!

ELIAS — Não escute, meu filho! Você deve continuar. Nós temos uma dívida, e ela exige pagamento!

BENTO — *(Para ELIAS.)* Você é como estas pessoas de pedra! Um dia, todos verão: as pedras da Lua vão esmagar vocês!

ELIAS — Vá descansar! Saia, é preciso descansar! *(Para ADAUTO.)* Leve Bento daqui, ele fica perturbado pelas esculturas.

BENTO — *(Enquanto ADAUTO o conduz.)* Quero voltar para a terra! Vocês todos serão esmagados!

Saem. Volta ADAUTO.

ELIAS — Ele não sabe o que diz! Vamos continuar nosso trabalho!

ADAUTO — De que é que ele pretende se vingar?

ELIAS — Não sei. É coisa de doido: faz muito tempo que ele fala nisso!

ADAUTO — E quem é esse doido, na verdade, meu Pai? De onde ele veio? Que faz aqui, conosco?

ELIAS — É cedo ainda, meu filho. Quando você for o Mestre, saberá de tudo. Quanto a seu irmão, diga-lhe que ainda é tempo para se arrepender.

Sai. De repente, como se tivesse ouvido algo, ADAUTO *esconde-se de novo atrás das pedras. Entram* JOANA *e* ABEL.

ABEL — Assim que o Sol se esconder, vamos sair. Só espero a Lua se ela sair como ontem.

JOANA — De repente, tudo me parece estranho! Como se eu nunca houvesse estado aqui!

ABEL — O medo não nos perseguirá nunca mais. É o nosso último instante neste lugar!

JOANA — E seu Pai?

ABEL — Não nos verá nunca mais! Mas vá procurar meu irmão. Quero despedir-me dele.

JOANA — Não! Não quero mais vê-lo!

ABEL — Você tem alguma coisa a temer de Adauto?

JOANA — Não.

ABEL — Então vá! Quero que ele assista a nossa partida.

Sai JOANA. *Entra* ADAUTO.

ADAUTO — Estou aqui, meu irmão!

ABEL — Ah, é você. Pedi a Joana que fosse procurá-lo, queria me despedir de você. A Lua sai daqui a pouco!

ADAUTO — A Lua! À noite, ela penetra em nosso corpo e queima nosso sangue!

ABEL — Por que você diz isso?

ADAUTO — Você sabe! Se acontece comigo, acontece com você também: nosso sangue é o mesmo.

ABEL — É assim que você se sente?

ADAUTO — Como não havia de me sentir? No meu sangue, falta qualquer coisa!

ABEL — Que é isso? O que é que você tem?

ADAUTO — Você nunca entenderá nada! Sentir, dentro de nós, forças aprisionadas, que querem se libertar!

ABEL — É atrás da libertação que vou caminhar agora!

ADAUTO — Eu sou muito diferente de você e minha resolução é outra!

ABEL — Eu sei! E além disso, tenho Joana.

ADAUTO — Ela vai, mesmo, com você?

ABEL — Vai.

ADAUTO — Vão atender ao chamado maldito da terra! É preciso resistir. Temos de castigar nosso sangue contra as pedras!

ABEL — Não, meu lugar não é aqui. Tenho que ir para a terra que me chama!

ADAUTO — Então, vá. Entregue à terra a parte do meu sangue que ouve seu chamado! Mas, antes de ir, vamos trabalhar na pedra juntos, pela última vez. Tome este martelo, eu ficarei com o outro.

ABEL — Sim, é a última vez...

Empunha o martelo e aproxima-se da Pedra, que oculta seu tronco quase todo. ADAUTO *aproxima-se dele, por trás.*

ADAUTO — Aí, sobre a Pedra! Meu sangue deve ser castigado contra ela. Derramado, ele voltará ao seio da terra!

Como quem se joga num abismo, baixa a nuca do irmão e, oculto este inteiramente pela Pedra, desfere-lhe um golpe contra a cabeça. Ouve-se um gemido abafado e ADAUTO *levanta novamente o martelo. Mas, de repente, para, com ele no alto, e dá um grande grito, como se fosse ele o ferido. Depois, como um sonâmbulo, enxuga o sangue do ferro.*

JOANA, ELIAS *e* EZEQUIEL *entram, alarmados.*

ELIAS — Que houve?

ADAUTO — Meu irmão!

ELIAS — Onde?

Corre para trás da Pedra, mas ao ver ABEL, *recua. Ao vê-lo recuar,* JOANA *dá um grito e quer correr para lá, mas* ELIAS *impede-lhe o caminho.*

EZEQUIEL — Que foi?

ADAUTO — Meu irmão quis cortar a pedra pela última vez, e ela o matou!

ELIAS — Caiu?

ADAUTO — Caiu, e a pedra o feriu na cabeça!

ELIAS — Abel foi castigado. Levem o corpo para ser enterrado ao pé das Pedras.

JOANA — Não, junto às pedras, não!

ELIAS — Junto às pedras, sim! Venha, Adauto! Joana não sairá mais daqui! Estamos todos pagando culpas antigas. Vocês ficam aqui, velando o corpo de meu filho Abel.

Sai, com ADAUTO.

CÍCERO — "Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do Sol?"

CORO — "Morre o Pai, morre o filho, morre o neto, e somente a Terra permanece para sempre."

CÍCERO — "O Sol se levanta, o Sol se deita, voltando a seu lugar, e é de lá que de novo se levanta!"

CORO — "Há um tempo para nascer, e há tempo para morrer, tempo para construir e tempo para destruir, tempo de cortar pedras e tempo para recolhê-las, tempo para curar e tempo para matar. Que proveito tira o homem de sua fadiga?"

CÍCERO — "Observo a tarefa que Deus deu aos homens: Ele também colocou a eternidade em nosso coração. Mas o homem é incapaz de atinar com o significado da obra de Deus, e não vê que sua felicidade está em alegrar-se e fazer o bem durante toda a sua vida."

EZEQUIEL — Você vai dizer tudo, agora?

JOANA — Ninguém pode me obrigar a dizer o que não quero!

EZEQUIEL — Você é minha filha, estou apenas tentando ajudá-la.

JOANA — Não preciso de sua ajuda!

EZEQUIEL — É verdade! Já se foi o tempo em que você precisava de ajuda. Acabou-se a revolta!

JOANA — Por que não me deixa em paz?

EZEQUIEL — A paz! Você só a conseguirá quando estiver com aquele que está morto!

JOANA — Com ele?

EZEQUIEL — É preciso saber isso desde cedo. Eu não tive quem me dissesse.

JOANA — A paz está com ele, lá na terra!

EZEQUIEL — Não existe certeza nem quanto a isso. Como poderíamos saber?

JOANA — É verdade, nós nada sabemos.

EZEQUIEL — Mas aquele que morreu sabia. Uma vez ele lhe falou do repouso que a terra podia dar.

JOANA — Entrar no seio da Morte como fonte da Vida...

EZEQUIEL — Mas agora você está sozinha.

JOANA — Como poderei atender ao chamado da terra?

EZEQUIEL — Sem a ajuda dele, você nunca poderá. Agora, você está só!

JOANA — Onde ele estiver, eu estarei. Não estou sozinha!

EZEQUIEL — É verdade, o outro ainda está vivo!

JOANA — Hei de ficar com o que morreu!

EZEQUIEL — Ele não pode fazer mais nada por você. Está lá, em cima da pedra da qual sonhava se libertar.

JOANA — Vocês nunca saberão de nada, ninguém conheceu Abel como eu. Não havia ninguém como ele. A paz e a força dos rios corriam sobre mim, vindas de suas mãos!

EZEQUIEL — De que lhe servirão elas, agora?

JOANA — Ele há de me ajudar! Um dia hei de ter direito à piedade!

Entra ADAUTO.

ADAUTO — Joana, que tem você?

EZEQUIEL — Por que demorou tanto? O trabalho não pode ser interrompido!

JOANA — O irmão dele está morto, meu Pai!

EZEQUIEL — Não importa! Temos o dever de cortar a pedra, haja o que houver! É preciso continuar! E com muito mais razão agora!

ADAUTO — Por quê?

EZEQUIEL — Porque o corpo de seu irmão está em cima da pedra. Este bloco, depois de talhado, pode ajudar a fazer o túmulo dele.

ADAUTO — Quando chegar o momento de recomeçar eu saberei!

EZEQUIEL — Até parece que, de repente, o martelo se tornou maldito para você!

ADAUTO — Que é que você quer insinuar?

EZEQUIEL — Nada! Quero apenas que o trabalho recomece.

ADAUTO — Você está mentindo! O trabalho da Pedra nunca lhe importou!

EZEQUIEL — Você está enganado, eu sempre amei a Pedra! É contra ela que castigamos nosso sangue!

JOANA — Você está escondendo alguma coisa. O que é?

Ezequiel — Pergunte a Adauto, ele é quem sabe as histórias que aconteceram aqui. Histórias sobre o Sol e a Morte, mas acontecidas neste mundo povoado de sombras!

Joana *vai saindo.*

Adauto — Joana!

Joana — Não, deixe-me!

Sai.

Adauto — Você pensa que sabe alguma coisa! Mas um homem como você nunca entenderá nada! Morreu, não morreu, matou, não matou... Então é somente isso?

Ezequiel — De que você está falando?

Adauto — E o Sol? Também ele se põe, trazendo a noite, que se abate sobre nós com todas as suas sombras. E que fazem todos? Dormem! A Terra parece cheia de pessoas mortas!

Ezequiel — Era melhor que todos dormissem. Principalmente quando a noite ainda não chegou e a Lua não apareceu.

Adauto — Que adiantam a Lua e a Noite quando temos o corpo atravessado por punhais de pedra?

Ezequiel — Em tais momentos, punhais de pedra atravessam os corpos!

Adauto — O sangue de um procura completar-se com o sangue do outro.

Ezequiel — É então que castigamos o nosso sangue. Foi assim, não foi? Você castigou seu sangue no dele, não foi?

Adauto — *(Agarrando-o pelo pescoço.)* Não! Eu mato você!

Ezequiel — Não me mate! Não me mate, pelo amor de Deus!

Adauto — Então você tem medo da morte...

Ezequiel — Não posso morrer antes de achar meu Castelo!

Coro — "Nossa alma é um Castelo de puríssimo cristal, feito de muitas Moradas e em cujo centro diz Deus que encontra suas deleitações."

Cícero — "Meus filhos e minhas filhas: que tal lhes parece será a importância de tal Morada, na qual um Senhor tão poderoso se deleita?"

Adauto — Um Castelo!

Ezequiel — Sim, mas ao tentar achá-lo fui impedido. Mas hei de me vingar. Hei de lutar contra a sombra até que a vingança erga as asas acima da Pedra!

ADAUTO — Isso era o que eu pensava. Mas o Sol cegou meus olhos!

EZEQUIEL — Não tenho medo da cegueira! E se algum caminho me for apontado, eu o seguirei!

ADAUTO — Mesmo que a Morte esteja no fim?

EZEQUIEL — Principalmente se ela estiver no fim!

Entra ELIAS.

ELIAS — Por que não está trabalhando?

ADAUTO — Porque não posso!

ELIAS — Não pode? Por quê? *(Olha em torno.)* Tudo parece diferente, agora! Onde está Joana? E onde estava você?

ADAUTO — Velando o corpo de Abel, como você mandou!

ELIAS — É preciso deixar de lado o que aconteceu.

ADAUTO — Ali, com meu irmão, é como se o trabalho continuasse. Ele há de nos mostrar novas forças que a Pedra esconde!

ELIAS — É preciso terminar o Anjo. Tudo mais deve ser abandonado.

EZEQUIEL — A morte pode estar até nas pedras.

ELIAS — A morte? De que você está falando?

EZEQUIEL — *(Apontando ADAUTO.)* Ele sabe melhor do que eu!

ELIAS — Você não tem nada a ver com isso. Meu filho está no lugar que escolheu. O outro repousa sobre a pedra que não pôde abandonar. E é só! Amanhã, o trabalho recomeça!

Sai EZEQUIEL.

ADAUTO — *(A custo.)* Meu Pai, espere mais algum tempo! Não posso cortar a pedra, agora!

ELIAS — Por quê? As pedras não mudaram nada!

ADAUTO — Mudaram, meu Pai! Elas parecem feridas! Estão tocadas pela Morte!

ELIAS — Não diga isso! Nossa salvação depende delas!

ADAUTO — Não existe salvação para mim! Olhe-me, meu Pai!

Abre os braços diante de ELIAS*, que de repente recua, como quando viu o corpo de* ABEL.

Elias — *(A um tempo compadecido e aterrado.)* Não, não tome esse caminho, senão nos perderá a todos!

Adauto — Se eu me perder, irei sozinho, meu Pai!

Elias — Tudo cairá de novo, e só restarão ruínas!

Adauto — O que eu tenho é pouco, não resta mais nada para cair!

Elias — E os outros? Você tem que pensar em todos nós. Não podemos vacilar, meu filho. Os poderosos estão nos odiando, e até o Povo agora está dividido. Um dia, esse ódio atingirá nosso trabalho. Não temos o direito de fraquejar. Temos de cumprir nosso dever até o fim: até que a Morte nos seja dada, como as pedras o foram certa vez.

Adauto — E o que é que eu posso fazer, meu Pai? Estou como cego, não vejo mais nada!

Elias — A fé de um ajuda o outro! Na hora em que seu irmão morreu, você disse alguma coisa que me ajudou: disse que iria construir o Anjo que viu junto às Pedras. Comece este trabalho novo. Deixe que nós, mais velhos, façamos o outro, que é mais nosso do que seu!

Adauto — É tarde, já, meu Pai!

Elias — Não, não é tarde: existe toda uma vida diante de você!

Adauto — Não tenho mais direito a ela!

Elias — Por quê? Você fala como se tivesse cometido um pecado... O que foi?

Adauto — Você é um homem sem pecado; não sabe o que é uma pessoa viver com os olhos cheios de sombra! É por isso que teve o direito de se lançar nesta prisão e de jogar todos nós entre estas Pedras!

Elias — Não diga mais nada: foi nesse tom que seu irmão falou, antes de cair e morrer!

Adauto — Não tenho medo da morte, meu Pai. Ela já sangrou muito tempo dentro de mim!

Elias — Você não vê que está caminhando para a perdição? Pegue-se de novo com as pedras!

Adauto — Não. Bento disse que foram as pedras que mataram meu irmão.

Elias — Não acredite no que Bento diz: foi seu irmão, mesmo, quem se matou, ao desafiar as Pedras.

Adauto — Você não pode saber. Seus olhos nunca foram como os de Abel! Os meus, sim!

Elias — Que têm eles, seus olhos?

ADAUTO — Nunca foram perfeitos. Procurei completá-los: mas o que fiz foi destruir a pouca claridade que me restava.

ELIAS — Você precisa de ajuda!

ADAUTO — Não, solte-me! Não preciso de ajuda de ninguém, não quero mais nada com este mundo de sombras. Meu mundo está lá, com meu irmão, na pedra!

Sai. ELIAS, *só, aperta a fronte com as duas mãos. Entra* EZEQUIEL.

ELIAS — Você, afinal! Queria falar-lhe: o que é que você anda tecendo?

EZEQUIEL — Nada!

ELIAS — Está acontecendo alguma coisa aqui! Você andou contando qualquer coisa a meus filhos!

EZEQUIEL — Não, você está enganado!

ELIAS — O passado está morto!

EZEQUIEL — É verdade, o nosso passado morreu!

ELIAS — E, se o passado está morto, não tente lembrar nada a ninguém — e muito menos a seu irmão!

EZEQUIEL — Não quero que Bento se recorde de nada!

ELIAS — É melhor para ele e para você também! Estou velho, e sinto quando os escombros se aproximam. Hei de fazer tudo para evitá-los. Não recuo nem diante da morte!

EZEQUIEL — Não é preciso matar-me: e Adauto sabe disso. Quis estrangular-me, aqui!

ELIAS — Por quê?

EZEQUIEL — Não sei!

ELIAS — São as primeiras ruínas.

EZEQUIEL — Mas ele não foi adiante. Pedi-lhe que me deixasse continuar a busca do Castelo, como ele com seu Anjo.

ELIAS — Deixe meu filho em paz. Não lhe basta o que estou vivendo?

EZEQUIEL — Basta, sim: o passado está morto! Tenho meu sonho e também hei de lutar por ele. Pode ter certeza disso! Quanto ao Castelo, não sei se terei forças: não tenho seu sangue, nem o de seu filho.

ELIAS — O sangue de meus filhos! Parece que eles herdaram a maldição do meu!

Ezequiel — Não seja ingrato: foi graças a seu sangue que você pôde sepultar as coisas que passaram!

Elias — Terão passado? Assim eu esperava. Mas agora tudo parece voltar.

Bento aparece, no limiar da cena.

Ezequiel — *(Correndo para ele.)* Que faz você aqui?

Bento — É preciso que eu me lembre de tudo... Não foi o que você disse?

Elias — *(Para Ezequiel.)* Eu sabia que você tinha falado!

Bento — Algum dia, eu me lembrarei. Então você me levará para longe!

Elias — Você vai me pagar, Ezequiel! Agora, saia daqui com ele!

Sai Ezequiel conduzindo Bento. Adauto sai do lugar onde estava escondido por trás das esculturas.

Adauto — Meu Pai...

Elias — Você, aqui!

Adauto — Sim, estava escondido. Queria ouvir o que você ia conversar com Ezequiel.

Elias — Você não devia ter feito isso!

Adauto — Bento e Ezequiel são irmãos. E agora tenho que saber o resto, meu pai. Senão, seguirei meu irmão para o lugar que ele tinha escolhido.

Elias — A morte, a terra!

Adauto — Ouvi você falar no passado morto. Que passado é esse, meu pai?

Elias — Não posso lhe dizer nada, preciso defendê-lo contra ele. Já vivi muito tempo, meu filho, e sei quando as construções estão desmoronando. O que aparece, são ruínas e destroços.

Adauto — Ruínas e destroços... E o que vai nos restar?

Elias — Não quero saber. Hei de restituir-lhe os olhos que você perdeu!

Adauto — Não existe nenhuma esperança, meus olhos estão presos ao lugar em que meu irmão repousa.

Elias — Alguém pode lhe mostrar um caminho.

Adauto — Quem?

Elias — Joana! Quanto a isso, posso ceder e, com ela, você pode recomeçar o trabalho. Não estamos vencidos. Joana! Joana!

JOANA — *(Entrando.)* Que há?

ELIAS — Joana, é preciso salvar-nos!

JOANA — A destruição já se abateu sobre nós há muito tempo.

ELIAS — É preciso esquecer aquele que morreu!

JOANA — Nenhum de nós poderá esquecê-lo!

ELIAS — Você deve tentar isso com Adauto! Só assim o trabalho poderá continuar. É a última coisa que lhe peço!

Sai.

ADAUTO — O que é que você responde a isso, Joana?

JOANA — Que posso responder agora? Perdi a comunicação com as coisas do mundo!

ADAUTO — Não vejo mais nada, só você pode me guiar na sombra.

JOANA — Eu só vejo o caminho da terra.

ADAUTO — E eu, o da Pedra. Foi o caminho que meu irmão seguiu!

JOANA — Não, eu vou sepultá-lo na terra dos baixios, consinta seu Pai ou não!

ADAUTO — Então, a esperança acabou, para mim. Pensei que você era a única pessoa capaz de libertar a mim e a meu Pai.

JOANA — Seu Pai?

ADAUTO — Sim, ele disse que só você podia salvar-nos, seguindo nós o mesmo caminho!

JOANA — Seu Pai não sabe o que nos impede de seguirmos juntos! Aquilo que me marcou para sempre! Seu Pai não sabe que eu fui sua antes de pertencer a seu irmão!

ADAUTO — Não fale mais, pelo amor que nos uniu!

JOANA — Amor! Que importância tinha isso, diante de Abel? Meu amor pertenceu sempre a você...

ADAUTO — Então você ainda me ama?

JOANA — Isso não importa mais. Estou cega, como você.

ADAUTO — E não vê as chamas que me cegam? Que me cegaram de todo, naquele momento? A Lua entrava no meu sangue, e a voz não saía de meus ouvidos: "É preciso castigar o seu sangue!" Ele estava com o martelo, trabalhando a pedra. Então, empunhei o outro e castiguei meu sangue!

JOANA — Você o matou!

ADAUTO — Não sei, como posso saber? O que eu sei é que a voz do sangue de meu irmão clama por mim, desde a terra!

JOANA — Era o que eu temia há muito tempo! Estou perdida!

ADAUTO — Não, somente eu estou perdido! Você ainda pode lutar, por você e por mim!

JOANA — Não tenho mais direito a isso, a morte que você cometeu foi obra minha, também. Você o matou por causa da minha alma e do meu corpo, que sempre lhe pertenceu. Não existe mais caminho para nós.

ADAUTO — Talvez nos reste um, Joana: o da terra, que meu irmão nos apontou.

JOANA — Nós perdemos esse caminho no momento em que matamos Abel.

ADAUTO — Podemos reconquistá-lo, lutando contra tudo e mostrando a coragem que meu Pai teve ao escolher o dele.

JOANA — Será preciso enfrentar seu Pai e contar-lhe tudo.

ADAUTO — É o que vou fazer. Será a última dádiva de meu irmão a seus assassinos.

JOANA — Vamos, então! E que o Céu se compadeça de nós, nem que seja por uma vez!

Saem.

CÍCERO — "Ainda há esperança para quem está ligado aos vivos, pois um Cão vivo vale mais do que um Jaguar morto."

CORO — "Vai, come teu pão com alegria e bebe teu vinho, porque Deus aceitará tuas obras. Que tuas vestes sejam brancas em todo tempo e nunca falte perfume sobre tua cabeça."

CÍCERO — "Desfruta a vida com a mulher amada em todos os dias que Deus te concede, porque esta é a porção a que tens direito, na vida e no trabalho com que te fadigas debaixo do Sol."

Quando CÍCERO pronuncia aquela sua primeira fala — retirada do Livro do Eclesiastes —, o Sol se põe e cai a noite sertaneja, "sem crepúsculo, de chofre — um salto da treva por cima de uma franja vermelha do poente", como disse Euclydes da Cunha. Depois, aparece a Lua cheia, grande e avermelhada como o Sol poente, e que, ao aclarar um pouco a cena, revela JOANA e ADAUTO que, na penumbra, parecem estar chegando ao final de mútuas confissões.

JOANA — E foi assim, de queda em queda, que chegamos até aquele momento de morte e maldição!

ADAUTO — A culpa foi minha, Joana!

JOANA — Não, foi minha e sua. Se eu não tivesse dado meu corpo a ele, como dei a você, a morte não teria tocado aos dois, com suas asas de pedra.

ADAUTO — Então, não adianta. Por um momento, pensei que podia recomeçar tudo. Mas, com o crime que cometi, não tenho direito de seguir o caminho da terra. Sombras, sombras... Sentir que elas vão envolvendo minha alma, enquanto o corpo sobrevive... Vá você para a terra, Joana! Se eu puder, um dia irei encontrá-la.

JOANA — Sozinha, nunca poderei!

ADAUTO — Não posso mais ajudá-la. Quis me colocar à altura da pedra, mas o barro habitava meu sangue.

Entra EZEQUIEL, *correndo.*

EZEQUIEL — *(Para ADAUTO.)* Venha me ajudar, Bento escapou de novo!

É interrompido pela entrada de BENTO *que, ao avistar o irmão, corre para ele e começa a estrangulá-lo.*

BENTO — Você, traidor!

ADAUTO — Não faça isso, é seu irmão!

BENTO — Homem de pedra! Vou me vingar!

Ajudado por ADAUTO, EZEQUIEL *consegue libertar-se.*

JOANA — Quem foi que traiu você?

BENTO — *(Apontando EZEQUIEL.)* Ele!

EZEQUIEL — Você está enganado! Olhe bem para mim!

BENTO — Não sei, não me lembro bem, não me lembro mais de nada!

ADAUTO — Que foi que você lhe disse?

EZEQUIEL — Você saberá quando for conveniente.

ADAUTO — Joana, leve Bento daqui! Preciso falar com Ezequiel.

JOANA *toma o braço de* BENTO, *que lhe obedece docilmente. Saem os dois.*

EZEQUIEL — Quando chegar o momento, você talvez entenda até o segredo das pedras.

ADAUTO — Não me importa mais esse segredo, não quero mais nada com estas pedras!

EZEQUIEL — Você viverá com elas até morrer!

ADAUTO — Não, hoje mesmo sairei daqui!

Ezequiel — Para os baixios? É o mesmo caminho que seu irmão desejava e que o levou para a morte. Além disso, as pedras estão cravadas no seu sangue e você não tem força contra seu passado!

Adauto — Que é que você quer dizer?

Ezequiel — Você sabe melhor do que eu.

Adauto — Pois tente impedir minha saída. Sairemos daqui, eu e Joana. Hei de me libertar dos fantasmas que me perseguem!

Ezequiel — Então existe um fantasma...

Adauto — Mesmo que exista, você nada poderá fazer, porque é covarde!

Ezequiel — Não sou eu o único a quem falta coragem, aqui!

Adauto — Pois então impeça que eu leve sua filha comigo!

Ezequiel — Existe alguém que fará isso por mim!

Adauto — Meu Pai? Eu mesmo contarei tudo a ele!

Ezequiel — Você fala com muita segurança! Mas suas visões irão com você.

Adauto — O caminho da terra será uma herança de meu irmão.

Ezequiel — Seu irmão já foi castigado pelas pedras.

Adauto — Não, o castigado fui eu. Lá na terra, com Joana, talvez ainda receba dele a parte da minha alma que vivia prisioneira da dele.

Sai. Entra Elias.

Elias — Ouvi vozes aqui! O que é que está acontecendo?

Ezequiel — Está se preparando outra fuga, aqui! Seu filho e Joana!

Elias — É você que está por trás de tudo isso, não é? Se quer se vingar, vingue-se de mim: meus filhos não tiveram culpa!

Ezequiel — Não fui eu: Joana e Adauto resolveram tudo sozinhos! Vão para os baixios!

Elias — O mesmo caminho do outro! É Abel que os arrasta!

Ezequiel — É preciso impedi-los!

Elias — Que fazer quando os escombros caem sobre nós? Talvez nossa única esperança esteja em recomeçar a nova escultura!

Entra Adauto, *e ouve a última fala do Pai.*

ADAUTO — É verdade, meu Pai! Mas você terá que terminar o Anjo sozinho! Não posso mais ficar aqui, nem ajudá-lo!

ELIAS — Você está falando como seu irmão. O caminho escolhido por ele tinha a morte no fim!

ADAUTO — Que sabem vocês todos sobre a morte dele?

EZEQUIEL — Foi o fogo do céu que o castigou! E uma coisa eu sei com segurança: ontem à noite, Joana se tornou a mulher do seu irmão.

ELIAS — Joana amava Abel!

ADAUTO — Não, amava e ama a mim! Eu é que fiquei cego, porque a morte estava no meu sangue.

ELIAS — Não, a morte não!

ADAUTO — A morte sim, meu Pai! Sem que eu pudesse resistir, via meu corpo encher-se de fogo, de sangue que somente a Pedra podia libertar!

ELIAS — Foi você quem matou seu irmão!

ADAUTO — Matei a ele e a mim também! Antes que a pedra libertasse seu sangue, a morte dele já estava consumada em mim!

ELIAS — Meu filho! Meu filho!

ADAUTO — Quando acordei do mau sonho, meu irmão estava na pedra! Cego, sentindo que morria também naquele mundo de sombras, só me restava seguir o caminho que ele apontou. E hei de segui-lo.

ELIAS — E Joana?

ADAUTO — Quer seguir-me para o lugar onde estará com Abel.

ELIAS — Então ficará aqui.

ADAUTO — Não, meu Pai. Levaremos meu irmão conosco, para a terra onde ele sempre quis viver.

EZEQUIEL — *(Para ELIAS.)* Agora você vai ficar só! E onde arranjará coragem para o trabalho da Pedra?

ADAUTO — O criminoso sou eu! Meu Pai tem condições de continuar. A morte não o tocou nem no corpo nem na alma!

EZEQUIEL — É verdade, seu Pai tem a pureza necessária para isso! Tem o direito de continuar esculpindo o Anjo! *(Para ELIAS, com desprezo.)* Conte a verdade a seu filho!

ADAUTO — Que é que você está dizendo?

Ezequiel — Pergunte a seu Pai! Ele lhe contará quem é sua Mãe e como ele a conheceu. Eu vou sair, agora: meu dia chegou!

Sai.

Elias — Você pode ir com Joana, meu filho. Não tenho o direito de retê-lo. Paguei meu orgulho com a morte de seu irmão, que foi sua, de Joana e minha também!

Adauto — Sua, por quê?

Elias — Eu pensava que aqui podia expiar meus crimes, para que a morte não atingisse meus filhos. Mas ninguém pode escapar a certas coisas! Minha culpa reviveu e foi ela que matou meu filho!

Adauto — E o Anjo? Não pode ser mais esculpido?

Elias — Nunca pôde, só agora é que eu sei! Era de pedra, e os homens foram feitos de barro!

Adauto — Você falou em crime: foi a morte, meu Pai? Você matou alguém?

Elias — No corpo, não. Ainda assim, posso dizer que sou um assassino! Matei três pessoas! Bento e Ezequiel eram meus melhores amigos. E sua Mãe...

Adauto — Que tem minha Mãe a ver com isso?

Elias — Sua Mãe era mulher de Ezequiel. Como pôde suceder aquilo? Não posso nem lhe dizer como aconteceu. Sei apenas que o corpo dela era como um ninho de sombra, e eu precisava de descanso. Quando despertei da primeira vez, tudo desmoronara. Nasceram vocês e viemos para cá. Ela voltou para Ezequiel, e todos nós, juntos, procurávamos expiar o que acontecera. Joana já nasceu aqui. Mas um dia sua Mãe nos abandonou e nenhum de nós a viu nunca mais.

Adauto — E você obrigou os dois irmãos a virem para cá?

Elias — Obrigar, não. Mas convenci os dois a acompanhar-me. Eu destruíra a nossa vida, e procurei construir outra. Castigando-me, procurei pagar a minha culpa, e mostrei a eles que somente juntos isto seria possível. Por isso, encerrei-me aqui, nesta vida que terminou perturbando todos nós, e Bento antes de todos.

Adauto — E o Anjo? Você não amava as pedras?

Elias — Não importava as coisas que eu amava, a terra e as Cabras. Não tinha mais direito a elas, e precisava do castigo! O crime já fora cometido, só era possível agora tentar repará-lo. Tentei consagrar Bento e Ezequiel à vida que fora apontada: pelo Anjo, queria que reencontrássemos um sentido à nossa vida. Mas falhei em tudo, até com meus filhos! Não me resta mais nada! Agora, é esperar que o castigo venha. Com

toda razão, serei castigado, e é por isso mesmo que devo ficar. Vá embora, com Joana e os outros, Cícero pode conseguir isso com a Polícia. Eu ficarei!

ADAUTO — *(Abraçando-o.)* Eu não vou mais, meu Pai. Ficarei aqui com você! Talvez um novo caminho nos seja apontado. Vamos sair daqui!

ELIAS — Para onde?

ADAUTO — Para junto das duas Pedras, onde estamos montando o Anjo. Que a Polícia, se vier, nos encontre trabalhando nele! Talvez um dia, terminado o Anjo, nós todos possamos chegar, redimidos, à terra dos baixios.

Sai, amparando ELIAS. *EZEQUIEL sai da sombra em que se tinha escondido, ao mesmo tempo em que* JOANA *entra em cena.*

EZEQUIEL — Acabaram-se as esperanças, Joana!

JOANA — Pelo contrário, agora tudo vai recomeçar! Vou para a terra dos baixios!

EZEQUIEL — Sozinha?

JOANA — Não, Adauto irá comigo.

EZEQUIEL — Ele não vai, Joana! Ouvi Adauto prometer ao Pai que ficaria com ele aqui.

JOANA — Não acredito, você está mentindo!

EZEQUIEL — Juro-lhe que não! A influência do Pai sobre ele é muito grande! Foi por causa de Elias que ele matou Abel! Adauto sentia ciúme, e se o Pai não o tivesse convencido de que a Pedra era sagrada, a morte não teria se abatido sobre os dois filhos! Só existe um caminho para Adauto, agora: aquele que o irmão lhe apontou. Mas ele está retido pela promessa que fez ao Pai! É preciso que alguém tenha a coragem de libertá-lo.

JOANA — E se eu tivesse esta coragem?

EZEQUIEL — Então, tudo se resolveria. O Pai criou um passado cheio de ruínas e sacrificou os dois filhos a ele! Os dois estão, agora, junto às Pedras, novamente aprisionados pelo Anjo: vá lá, e liberte o Filho daquele Pai cruel!

Sai. Entra ELIAS.

ELIAS — Estava à sua procura, Joana: queria anunciar-lhe a decisão de meu filho!

JOANA — Ele fica?

ELIAS — Fica, e você deve ficar também!

JOANA — Por quê?

ELIAS — Nós decidimos assim.

JOANA — Nós... E Abel, também queria ficar? Agora ele está morto, e por culpa sua!

ELIAS — É verdade, Joana!

JOANA — Por sua culpa, as pedras o mataram: as pedras que ele odiava tanto. Agora, chegou a vez do outro, aquele que possui o meu amor! As pedras querem cegá-lo também! Eu vou sair daqui! E Adauto irá comigo!

ELIAS — O sangue das pedras irá com vocês!

JOANA — Estamos unidos pelo crime que cometemos juntos.

ELIAS — Você não se libertará saindo daqui!

JOANA — Não, mas posso libertar Adauto. Quanto a mim, um dia ele me libertará, se puder. Quanto a você, a Pedra nunca o deixará.

ELIAS — É a esperança que me resta: o sacrifício que ela representa! E quando a morte me for concedida, é sobre a Pedra que quero repousar.

JOANA — E se a morte vier pela Pedra?

ELIAS — Tudo o que eu consegui construir até agora foi pela Pedra: a morte também virá por meio dela.

Sai. JOANA *empunha o martelo e segue seus passos. Ouve-se um grito e* JOANA *reaparece, olhando fixamente o martelo.*

JOANA — Morte! Sangue sobre a pedra!

Solta o martelo no chão, como se estivesse horrorizada com o que fez. Entra ADAUTO, *transtornado.*

ADAUTO — Joana, que tem você? Senti as asas da Morte tocarem no meu corpo! É a morte de meu irmão: parecia que eu a estava repetindo!

JOANA — Você pode livrar-se destes pesadelos, agora. Eu o libertei. Quebrei as cadeias que tinham você aprisionado. Vá embora e um dia, se puder, venha buscar-me!

ADAUTO — Não, é preciso ficar e esperar.

JOANA — Ninguém mais o retém aqui!

ADAUTO — Não havia ninguém me retendo, Joana. Eu mesmo decidi ficar, procurando meu caminho pelo sacrifício.

JOANA — Então a morte dele foi inútil!

ADAUTO — A morte? De que morte você está falando?

JOANA — Eu matei seu Pai, para libertá-lo destas Pedras amaldiçoadas. Ele era mau! Você matou seu irmão por culpa dele!

ADAUTO — Não, Joana, matei por minha própria culpa. E meu Pai estava apenas tentando pagar aqui o crime de sua juventude. Quanto a mim, pensei em ficar para também expiar o meu.

JOANA — Então, é o fim. Não falo assim por causa da Polícia. É que agora acabaram meus sonhos, os sonhos do tempo em que me entreguei a você. Depois, veio o outro. Mas a minha natureza era de pedra, como a sua, e os sonhos foram esmagados por ela.

Entram EZEQUIEL *e* BENTO, *vindos do lugar onde jaz o corpo de* ELIAS.

EZEQUIEL — Morto! Morto! Você está vingado, meu irmão, nós estamos vingados. Estas mortes, nós dois as causamos, como vingança!

ADAUTO — Você está enganado: a morte de meu Pai não foi obra sua. Nem a de meu irmão: foram as Pedras que os despedaçaram!

EZEQUIEL — Eu sei! Mas a Polícia saberá também? Eu vou-me embora para os baixios, com meu irmão. Não quero ser morto por causa de vocês; vou contar à Polícia que você matou seu irmão e esta mulher matou o Pai dela!

JOANA — Meu Pai?

EZEQUIEL — Sim, você era filha dele! Elias nunca soube disso, e eu escondi o segredo de todos para ver até onde ia o pecado. Agora a Polícia está vindo, e vocês também serão castigados. Adeus.

Sai com BENTO.

ADAUTO — *(Ouvindo o tumulto que se aproxima.)* É a morte que se aproxima, Joana.

JOANA — Sim, é talvez a nossa morte. Fique comigo... meu irmão!

ADAUTO — Nós dois estamos unidos pelo pecado e pela morte: pois fiquemos juntos diante dela, já que nada mais temos a dar um ao outro!

JOANA — Não, ainda nos resta o sacrifício.

ADAUTO — Não temos mais tempo, Joana. Está ouvindo? É o castigo que chega!

JOANA — Nossa expiação talvez esteja nele. Quem sabe se o castigo não é o sacrifício que estávamos procurando?

ADAUTO — Sim, Joana, quem sabe? Talvez a expiação seja o castigo que vem chegando. E se aceitarmos recebê-lo sem orgulho, talvez nos seja concedido o direito à piedade. Seremos libertados, afinal. Que venha o castigo!

Saem abraçados.

CÍCERO — *(Recitando.)* "Aqueles que cultivam a iniquidade, aqueles que semeiam a miséria e a injustiça, estes é que serão castigados."

COREUTA — *(Recitando.)* "Ao sopro de Deus perecem, são consumidos pelo sopro de sua cólera!"

CÍCERO — *(Recitando.)* "Serão quebrados o rugido do Leão e a voz do Leopardo. Morre o Leão por falta de presas e as crias da Leoa se dispersam."

CORO — *(Recitando.)* "Quanto a ti, farás aliança com estas Pedras e as Bestas selvagens estarão em paz contigo."

CÍCERO — *(Recitando.)* "Mutilado, mas quanto movimento em mim procura ordem? O que perdi se multiplica, e uma pobreza feita de pérolas salva o tempo, resgata a noite."

COREUTA *(Cantando.)*

"Não direi de Joana Temerária
sequer as culpas mínimas
e os padecimentos menores."

CÍCERO *(Recitando.)*

"Direi que ela era semáfora:
daí as grandes perturbações
nas rotas de Palhano."

COREUTA *(Cantando.)*

"De seu secreto pendor
para vestidos vermelhos
e alvas combinações
surgiu-lhe o primeiro amante.
E foi uma consumação:
o mangue fedia a um mar afogado
e os homens eram feras castigadas."

CORO *(Cantando.)*

"Para o amante houve um cachorro doido."

CÍCERO *(Recitando.)*

"Hoje, Joana Temerária
é uma coisa assim, sem eco,
como um trapézio
ou uma figura do amanhecer."

CORO *(Cantando.)*

"Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,
tende misericórdia de nós."

Pano.

Recife, 20 de novembro de 1948;.
6 de março de 1949.
Reescrita em maio de 2003.

Auto de João da Cruz

Ariano Suassuna

1950

A peça *Auto de João da Cruz* foi montada pela primeira vez na Paraíba, no Teatro Santa Roza, em 1957, pelo Teatro do Estudante da Paraíba, sob direção de Clênio Wanderley, sendo os papéis criados pelos seguintes atores:

Guia *Hugo Caldas*

Cego *Genildon Gomes*

Regina *Gil Santos*

Mãe *Carmen Costa*

João da Cruz *Sósthenes Kerbrie*

Peregrino *Raimundo Nonato Batista*

Anjo da guarda *Matinho Alencar*

Anjo cantador *Ernani Moura*

Retirante *Ruy Eloy*

Silvério *Vanilton Souza*

Eremita *Ruy Eloy*

Ao professor Murilo Guimarães, em reconhecimento de tudo quanto lhe devo e com toda a minha amizade.

A.S.

Depois de Cristo alguns anos
existia um ancião,
esse tinha um filho único
o qual chamava-se João,
que sempre ia de encontro
à cristã religião.

.....

João da Cruz lhe perguntou:
"Quem és que aí te conservas?
Que campo é este, tão feio
que nele não tem nem relvas?"
Respondeu: "Isto é um reino,
e eu sou o príncipe das trevas."
E seguiu João da Cruz
e o tal do príncipe na frente.
Passaram por um salão
muito escuro e muito quente:
João da Cruz repugnava
aquilo amargamente.

.....

João Sem Medo foi um príncipe,
duma coragem sobrada.
Viajou por muitos bosques,
lutou com coisa encantada,
brigou, desencantou reino,
sem nunca temer a nada.

.....

Ali pensava ele muito
no sonho que tinha tido,
pensava mais na mulher
que lhe tinha aparecido
e quando ele sonhava
já a mãe tinha morrido.

.....

Onde o carvalho pisou,
nas bancadas do jardim,
nascia pés de brilhantes,
com as folhas de marfim,
com as pétalas de ouro
e as folhas de rubim.

.....

Quando o rei abriu a porta,
João olhando para dentro
viu um coreto sublime
que ficava bem no centro.
Disse no sonho: “Eu, ateu,
ali já vê que não entro.”

.....

Então pegou o que tinha,
deu de esmola aos desgraçados
e disse: “Vou para os montes,
ver se purgo meus pecados,
para ver se um dia sou
um dos bem-aventurados.”

.....

Satanás ficou convulso,
esvaindo-se em furor.
A alma rendia graças
na presença do Senhor,
rendendo graças ao anjo,
o seu grande defensor.

Trechos dos três romances citados além e que fazem parte do romanceiro popular do Nordeste.

O *Auto de João da Cruz* pode ser montado sem cenários, com um cenário único — o que talvez seja melhor — ou com seis cenários, que representem a casa de João da Cruz, com o presépio armado, a encruzilhada sertaneja, um aposento do inferno, o jardim em que João se entregava ao esquecimento, a gruta no deserto sertanejo e o aposento do paraíso, em que se dá o julgamento. Tudo isso, porém, fica a critério do ensaiador e do cenógrafo, sugerindo-se que a simultaneidade talvez seja o caminho mais aconselhável para montar a peça. No caso de se montar a peça com um cenário único, poderá ele ser dividido em três partes, representando, a da direita, a casa de João, com o presépio; a do centro, a encruzilhada, com cactos; e a terceira, a entrada da gruta. Com algumas modificações cênicas facilmente removíveis, pode a casa de João representar o aposento do céu, o que teria ainda a vantagem de sugerir as ligações entre o Peregrino e Deus Pai, entre Regina e a Virgem, se bem que ambos não se tratem de símbolos, mas de personagens. A encruzilhada, com os cactos, com uma escadaria, por exemplo, pode representar o jardim. A entrada da gruta, com um trono, pode figurar, perfeitamente, a entrada do inferno. Se fosse possível dotar cada uma destas partes de cortinas, seria ótimo, pois o Guia as iria fechando e abrindo, de acordo com o desenrolar da peça, o que é bom, como movimentação cênica, para integrar a narração na ação da peça. Aliás, as falas do Guia sugerem muita coisa sobre a encenação, dando, ao mesmo tempo, grande liberdade ao encenador e ao cenógrafo e servindo de apelo à imaginação do público, no caso de se adotar uma encenação mais simplificada. Quando tais falas se referirem à encenação, isto é, quando não forem falas do Guia como personagem da peça, mas como diretor do espetáculo, tem o encenador autorização para cortá-las ou adaptá-las à montagem, sob a condição de indicar detalhadamente esse fato no programa. Ordinariamente elas coincidem com o início de cada jornada, em número de seis, duas para cada ato: dão assim continuidade ao espetáculo, que pode ser montado em um só tempo ou não.

Forneceram elementos para a trama do auto os romances populares nordestinos *História de João da Cruz*, *História do Príncipe do Reino do Barro Branco e a Princesa do Reino do Vai-não-Torna* e *O Príncipe João Sem Medo e a Princesa da Ilha dos Diamantes*, dos quais são autores ou divulgadores, respectivamente, Leandro Gomes de Barros, Severino Milanez da Silva e Francisco Sales Areda, poetas populares do Nordeste.

***

GUIA — Respeitável público! Dentro de alguns instantes, evocaremos aqui o céu, a terra e o inferno. Coisas de tão alta importância serão entretanto exibidas no palco em duas horas. O destino e as fronteiras do homem mostrados ao público sem subterfúgios, num apelo à sua imaginação. O partido de Deus e o partido do diabo, devidamente

simplificados, para compreensão e edificação de todos. O meu partido é o do mundo, aliado de um dos outros dois, como hão de ver daqui a pouco, pois desempenho dois papéis. Primeiro, o de guia do espetáculo, o que farei quando falar daqui. Depois, o de guia do cego, o que terá lugar daqui para lá, que é o lugar da ação. Assim, quando eu falar a vocês daqui, estarei somente dirigindo o espetáculo. Quando eu passar para cá, estarei tomando parte da ação, como guia do cego que aí vem.

Entra o CEGO, *tateando, falando depressa.*

CEGO — Uma esmola, uma esmola, uma esmola! Guia!

GUIA — Aqui estou.

CEGO — Onde está o rapaz? É preciso tentá-lo, levá-lo à danação. Vamos lá, vamos lá, vamos lá!

GUIA — Calma, é aqui. Temos que esperar um pouco.

CEGO — Não posso, não posso nem quero. A ele, a ele, a ele!

GUIA — Estou tão impaciente quanto você. Mas é preciso esperar que João da Cruz se entregue por si mesmo em nossas mãos. Fique descansado, pois sua vitória também será a minha. Hei de lutar por ela enquanto puder.

Para mim, é a terra antes de tudo.
Quero que o céu se curve para as árvores
e do mundo se torne semelhante.
Que não brilhe outra luz que não terrena,
que a danação é turva e chamejante.
E que com a terra os homens se contentem,
com ela que recebe o sangue e os corpos,
a mãe comum das aves e rebanhos.
Que as casas sejam terra levantada
e os homens nada mais que sangue e barro,
grandes urnas de barro e sangue estranho.

CEGO — Pois não me deixe. Você será meu guia e eu o ajudarei sempre em sua empresa.

Pois quando o céu ao mundo se curvar,
ficará muito próximo do inferno,
meu trono de vigília e de lamento.

O mundo, a carne e logo a luz do inferno,
onde jazem meu reino e meu tormento.

GUIA — João da Cruz! João da Cruz! Ó João da Cruz!

CEGO — É preciso esperar.
Eu o tentarei de dentro da cegueira
que cobre meus dois olhos e que nasce
da cegueira interior, bem mais profunda.

GUIA
Que a primeira cortina se desvele:
eis a casa de João, cena e começo.
Que venha a tempestade: nós já vamos,
em busca da partilha e de seu preço.

Raios e trovões. Desaparecem, tendo o GUIA *descerrado a cortina que mostra a sala da casa de* JOÃO DA CRUZ*, com o presépio. As indicações cênicas são dadas na peça como se o cenário único fosse adotado, mas tudo isso fica a critério do encenador e do cenógrafo, conforme já se acentuou.* REGINA *entra cantando.*

REGINA
Boa noite, meus senhores todos
e as senhoras deste lugar.
Vim trazer alegria,
levar dinheiro
que o vigário me mandou cobrar. *(Entra a MÃE.)*

MÃE — Regina!

REGINA
Meus irmãos, alegria no Natal.
Passou-se mais um ano em nossa vida:
o ano foi de seca e virão outras,
o sol, a sede e o tempo do frutal,
a chuva e novamente o tempo seco.

Mas noite de Natal é de alegria:

alegria, meu povo, que é Natal!

Onde está João da Cruz?

Mãe — Você veio vê-lo?

Regina — Vim. Queria lhe pregar esta alegria que sinto hoje e que me deixa tão contente.

Mãe — Agradeço a lembrança que você teve. Mas não sei...

Regina — Não sabe o quê? Se João da Cruz também me quer?

Mãe — Não digo isso. Mas não sei se ele quer recebê-la, pelo menos.

Regina — Talvez não, é tão difícil saber o que João quer! Mas como hoje é o dia do aniversário dele, talvez...

Mãe — É verdade, você não se esqueceu. Faz vinte anos que João da Cruz nasceu, numa noite de Natal. Era um ano seco, como este. O pai construiu este presépio para comemorar-lhe os vinte anos. João da Cruz não sabe, aproveitei a ausência dele e armei-o.

Regina — A ausência dele? João está fora?

Mãe — Está na tenda, trabalhando. Fez questão de ir, sem necessidade, só para me dar desgosto. Se ao menos o pai dele estivesse aqui...

Regina — Onde andará por estas horas?

Mãe — Só Deus sabe. Deus cuida de tudo, há de cuidar também do carpinteiro.

Regina — Ele não marcou o dia de voltar?

Mãe — Não. Meu marido procura na pobreza a verdade dos que andam pelo mundo. Quando a encontrar, virá. Você entende?

Regina — Não sei.

Mãe — Nem eu. Mas é o que ele diz.

Regina — E você?

Mãe — Eu o quê?

Regina — O que é que acha disso tudo?

Mãe — O que é que eu posso fazer? O jeito é concordar.

Regina — *(Abraçando-a.)* E ainda encontra coragem para achar graça?

Mãe — É melhor. Qualquer coisa que se faça no mundo, olhada por um certo lado, tem sua graça. Até os loucos. A loucura é a coisa mais triste que já vi, mas mesmo nela o povo acha graça.

Regina — É verdade.

Mãe — E não deixa de ser engraçado, isso. Um homem que se larga de mundo afora, deixando mulher e filho agarrados no trabalho, para procurar a verdade dos que andam pelo mundo. *(Riem, juntas. Entra João da Cruz com um saco de ferramentas ao ombro.)*

João — Que risadas são essas? Por que essa alegria sem motivo?

Mãe — Calma, João. Há motivo para ela.

João — Que motivo? Qual é? Morreu algum parente rico nosso? Herdei alguma coisa?

Mãe — Não, mas hoje você completa vinte anos...

Regina — E é noite de Natal.

João — Completo vinte anos e é noite de Natal: e então? Que foi que eu já ganhei com tudo isso? Sou sempre João da Cruz, que nada tem, nascido carpinteiro e desejando possuir o mundo.

Regina — E enquanto não o possui, não lhe agrada o presépio? Foi seu pai que o construiu, peça por peça. Sua mãe armou-o, enquanto você trabalhava.

João — Um presépio? Noutra casa, talvez valesse alguma coisa. Aqui é somente madeira que vai ser preciso desmanchar.

Mãe — Foi seu pai que o deixou!

João — Antes tivesse deixado dinheiro.

Mãe — Você não sabe o que diz. Que é que você faria com dinheiro?

João — Se há uma coisa para a qual não há dificuldade, gastar dinheiro é uma. Mas quem sabe? Talvez eu o quisesse somente para sair daqui e procurar aquilo que desejo.

Mãe — Tudo o que você viesse a encontrar não valeria nada. Pelo menos comparado com aquilo que eu e seu pai tivemos e que havemos de guardar até depois da morte.

João — Até depois da morte? E existe alguma coisa que se guarde tanto tempo?

Regina — Existe.

João — O que é?

Regina — Um dia você saberá sem que eu lhe diga.

JOÃO — Pois enquanto não sei me deixe em paz.

MÃE — *(Baixo, a JOÃO.)* João!

JOÃO — Que é?

MÃE — Não fale assim. Regina é uma boa moça.

JOÃO — Mas reza muito.

MÃE — Ela nos tem muita amizade.

JOÃO — Terá muito mais quando eu for rico. Não é verdade, Regina?

REGINA — O quê?

JOÃO — Que você será mais amiga nossa quando eu for rico?

REGINA — Não sei, acho que não, João. Estou aqui por causa do Natal.

JOÃO — Muito bonito, mas é mentira. Você veio pedir dinheiro para a Igreja.

REGINA — É verdade. Você sabia? Quem lhe disse?

JOÃO — O padre, quando passei de volta pela casa dele.

REGINA — E você dá? Qualquer coisa serve. Quanto dá?

JOÃO — Nada.

REGINA — Por quê?

JOÃO — Porque não.

REGINA — Deus é seu amigo.

JOÃO — Pois nunca me demonstrou.

REGINA — Por que você diz isso?

JOÃO — Porque é verdade.

REGINA — Então não dá?

JOÃO — Não.

Sai a MÃE, em atitude de tristeza.

REGINA — Viu como sua mãe saiu? Por que você diz essas coisas?

JOÃO — Porque sinto essas coisas. Meu destino estava traçado desde que nasci, com a plaina na mão, trabalhando dia e noite na madeira.

REGINA — É um trabalho tão bonito.

JOÃO — Para quem olha de fora.

REGINA — É ele quem lhe dá casa, cama e comida.

JOÃO — A casa é pobre, a cama é dura e a comida é pouca.

REGINA — Mas bastariam para a felicidade.

JOÃO — Isso é o que os ricos vivem dizendo, com medo de perderem as deles. Você não tem vergonha de falar assim? Detesto você quando a vejo com essas coisas!

REGINA — Que coisas?

JOÃO — Com essa falsa mansidão, com essa covardia. Você é pobre como eu. Lute, revolte-se! Senão aparece sempre um insolente para montar no seu pescoço.

REGINA — É verdade, mas parece que não nasci para isso. Desculpe.

JOÃO — Não, você é quem deve desculpar. E que direito tenho eu de reclamar, se também não faço nada? A única coisa em que levo vantagem sobre você é que não caio nas conversas do padre. Para que ele queria o dinheiro?

REGINA — Para os festejos do Natal. Vai-se armar um navio enorme na praça, para se representar a marujada.

JOÃO — E você vai cantar?

REGINA — Vou.

JOÃO — Como pastora?

REGINA — Não, como Nossa Senhora. Meu canto é tão bonito!

Fala de um rio seco e de outro cheio,
fala de um barco enorme, claro e belo,
que navega nos campos e na serra.
Um navio de prata, sono e bronze,
onde, ao som de trombetas sem memória,
a morte nos recebe em pleno peito,
com seu canto, clarim de nova terra.

JOÃO — Mas é de prata mesmo esse navio?

REGINA — Qual?

JOÃO — Esse que o padre está armando na praça.

Regina — Ah, não, esse é de madeira. Estou falando do navio de que o meu canto fala. É um romance antigo, cheio de coisas bonitas, que não existem. O navio é uma delas.

João — Então não interessa, pode ficar com ele. E eu, que já estava sonhando, enquanto você falava!

Regina — Sonhando? Com quê?

João — Nem eu mesmo sei. Acho que era com um barco diferente, alguma coisa capaz de me dar poder, que me abrisse as portas para um mundo novo, em que eu não fosse carpinteiro.

Regina — Mas não despreze assim o meu. Com ele se descobre um mundo novo.

João — Ah, já estou cansado desses mundos novos que vocês vivem prometendo e que nunca se encontram. Aqui hei de ficar eternamente. Para onde poderia ir João da Cruz? Se veio me exortar para a alegria e fazer pregação, pode voltar. Nossa conversa é inútil. A não ser que me traga uma encomenda, tem alguma? Se tem, diga o que é. Não posso me dar ao luxo de ficar sem trabalhar, como vocês. Mas se não tem, me deixe. Quero ficar só. Que alegria posso ter na vida? Sonhar com o poder do mundo inteiro e ter apenas, para conquistá-lo, os ferros que meu pai abandonou!

Regina — Está bem, eu vou. Adeus.

João — Adeus. O padre deve estar esperando: dê lembrança a ele.

Sai Regina.

João

Ó terra em que nasci, como livrar-me?
Quero deixá-la e a casa de meus pais.
Mas como começar essa conquista
do mundo poderoso que adivinho?
Como sair das grades do meu nome?
Ó casa de meus pais! Tão velha e pobre,
mas com sua madeira e com seus ferros
é feita de cadeias de diamante!
Mandar na manjedoura! Eu quero é o mundo
com tudo o que ele dá, glória e poder,
com o que ele tem de grande e agonizante.
Fique-se aí, presépio de madeira.

Ou volte, mas só volte transformado
num grande barco de ouro e prata fina,
conquista do tremendo e do profundo.
Mas barco de verdade! Eu montarei
no mais alto dos mastros de granito
e partirei a conquistar o mundo.

Sai. Trovões e relâmpagos. É conveniente dotar o presépio de uma pequena cortina que será cerrada por JOÃO *ao sair, para dar a entender que tal fato favoreceu a entrada do* CEGO *e do* GUIA*, que vêm logo após os raios.*

CEGO — É este, é este, é este?

GUIA — É.

CEGO — Em breve ele estará em nossas mãos.

GUIA

Está completamente fascinado:
quer as coisas que a terra pode dar.
Não a terra das flores e das árvores,
dos roçados, dos rios e da serra,
do flavo mel, do milho e do espinheiro,
mas a terra que dá glória e poder.
As mulheres, o mundo, a carne... Tudo
aquilo que deslumbra o carpinteiro.

CEGO

Por mim, eu esmagaria aquele cão!
Assaltaria com meus olhos cegos
a própria fonte que lhe dá visão!
Sim, a fonte das águas, dessas águas
vivas, sim, dessa fonte, as águas vivas.

GUIA — Já ouvi! Diabo de uma mania de dizer tudo três vezes!

CEGO

Eu o deixaria cego no crepúsculo,

no poente, na tarde e até na noite,

com seu punhal de luz da madrugada.

GUIA — É cedo, é muito cedo para o ataque. Aqui na casa há forças que o defendem. A qualquer hora abrem a cortina do presépio e teremos que voltar para nossos domínios.

CEGO

Você, à terra escura e sempre triste.

Eu, para o inferno, rei do meu tormento.

GUIA — Tentemos então tirá-lo de sua casa. No mundo, teremos mais liberdade e a vitória será muito mais fácil.

CEGO — *(Temeroso.)* Irmão, sinto que vem alguém se aproximando. Vem alguém para cá. Quem vem lá? Você, que pode ver, me diga quem vem lá! Quem vem lá, quem vem lá, quem vem lá?

GUIA — *(Impaciente.)*

Não sei, não sei, não sei! Mas também sinto.

Sinto que vem alguém se aproximando.

Você, que tem poderes para as trevas,

que governa potências infernais,

não deixe que essa luz venha até cá!

Toque de sino, luz azul.

CEGO

Irmão, irmão! Não deixe que eu me perca

na luz que vem chegando! Irmão! Irmão!

Trovões. Desaparecem. Sino. Entra o PEREGRINO*, com túnica e bordão.*

PEREGRINO

Seja bendito o pão que Deus nos dá

e a terra, as águas, frutos e rebanhos.

Seja bendita a chuva benfazeja

e a seca que dizima as plantações.

A relva muda, e as árvores e as pedras,
todas as coisas cantam, tudo canta.
A terra castigada se resseca
sob o sopro do vento solitário,
mas tudo vive e morre na vontade
daquele cuja glória o céu proclama.
Sejam benditas todas as estrelas
que boiam sobre o rio e dançam n'água.
Mas agora que chego, mais que tudo
a alegria de tudo se apodera:
meu sangue entoa o canto do regresso
à casa em que há repouso e que me espera.

Entra JOÃO DA CRUZ.

JOÃO — Que é que está fazendo em minha casa, meu senhor?

PEREGRINO — Louvava a Deus, que manda em todos nós e que em troca de pouco nos dá tudo.

JOÃO — Pois se já louvou, despache-se e pode seguir seu caminho.

PEREGRINO — É cedo ainda.

JOÃO — Que é que você quer aqui?

PEREGRINO — Nada.

JOÃO — Tem não, não tem isso aqui não. Madeira, ferramenta, tem. Nada, não. Vá bater noutra porta.

PEREGRINO — Noutra porta?

JOÃO — Sim.

PEREGRINO — O que é que você guarda ali atrás daquela?

JOÃO — De qual?

PEREGRINO — Daquela, ali.

JOÃO — Nada.

Peregrino — Então embrulhe um pouco dele e me dê. Está vendo? Também sei conversar assim, quando quero. Comigo você tem o que aprender. Sou capaz de louvar a Deus por toda a noite.

João — Mas não aqui. É tarde para isso. Estou cansado e preciso dormir.

Peregrino — Já? Na noite de Natal?

João — Já, o que é que tem isso?

Peregrino — Nada, mas todo mundo fica acordado no Natal. Afinal de contas é o aniversário de Nosso Senhor.

João — Eu não me importo com o meu, vou ligar o dos outros! Era o que faltava!

Peregrino — É mesmo? Você não se importa nada com o seu?

João — E então? Também faço anos hoje e cheguei do trabalho agora mesmo.

Peregrino — Então é hoje seu aniversário... Ganhou algum presente de seu pai?

João — Agora, quando voltei da tenda, minha mãe me mostrou este presépio que meu pai construiu e guardaram para mim até agora. Ele era carpinteiro como eu.

Peregrino — Morreu?

João — Não.

Peregrino — E por que você diz “guardaram para mim” e que ele “era carpinteiro” como você?

João — Homem, ele está vivo, mas para mim é mesmo que já fosse defunto. Anda por aí, solto no mundo, desde que me entendo de gente.

Peregrino — Está no cangaço?

João — Não, solto no mundo.

Peregrino — Em procura de quê? Fazendo o quê?

João — Eu sei lá! Pergunte a ele, se o encontrar um dia. Talvez isso aconteça, o senhor é peregrino... Para onde se bota?

Peregrino — Vou ao Canindé, talvez, pagar uma promessa que devo há muito tempo.

João — Pois se encontrar meu pai, nessas andanças, diga a ele que João da Cruz, em vez de presépio, preferia que ele tivesse deixado prata. Que João vive apertado na casa que lhe deram, que a comida passa na garganta dele à força. Ah, não ter dinheiro! Mesmo que não fosse muito, o que desse para eu sair de casa e começar a conquistar o mundo!

Peregrino — E você já examinou bem o presépio?

JOÃO — Para quê? É de madeira e de madeira eu já estou cheio, sabe?

PEREGRINO — Neste presépio, como em tudo mais, é preciso ter olhos para ver. Há coisas que se escondem na madeira. *(Tira um saquinho de moedas do presépio.)* Olhe lá: é dinheiro. Certamente seu pai estava pensando em você, quando o deixou.

JOÃO — Meu Deus, estou sonhando! É dinheiro mesmo?

PEREGRINO — É. Se era o que você queria, está aí.

Entra a MÃE e vai correr para o PEREGRINO, mas este faz-lhe sinal, por trás de JOÃO, para que ela se contenha.

JOÃO — Ah, meu pai, este sim é presente que se dê! Ó liberdade, agora o mundo é meu!

Sai correndo com o dinheiro. A MÃE abraça o PEREGRINO.

PEREGRINO — Estou de volta, mulher.

MÃE — Mas meu filho vai embora!

PEREGRINO — Eu sei. Sua ida é inevitável. É preciso que ele aprenda sozinho o que tem de aprender.

MÃE — Tenho medo das coisas deste mundo, dos males que talvez venham a lhe acontecer. Sinto tanto medo!

PEREGRINO — É melhor do que sentir desprezo, coisa que talvez lhe acontecesse se ele ficasse.

MÃE — Mas é tão moço ainda!

PEREGRINO — É mais do que você pensa. Você vai ver, ele vai sair fugido.

MÃE — É possível?

PEREGRINO — É, você vai ver. Mas farei por ele o que me for possível. Eu o seguirei, mas de longe, sem que ele saiba que é meu filho.

MÃE — Você o seguirá? Vai me deixar sozinha novamente?

PEREGRINO — É preciso. Você é corajosa, pode ficar só. Eu voltarei logo e ele vai precisar de mim.

MÃE — Você é quem sabe. Mas não se pode fazer nada para impedir que ele saia?

PEREGRINO — Não.

MÃE — Então, já que é assim, é melhor me conformar. Vou arrumar a roupa dele.

PEREGRINO — Não, deixe que ele faça tudo só. A ida só serve a ele assim. Tenha coragem.

Mãe — É que de repente eu começo a me sentir cansada e velha, uma velha completamente inútil.

Peregrino — Eu sei, também estou começando a me sentir assim. Me abrace. Assim eu posso ajudá-la e você me ajudará também. Vamos.

Saem abraçados. Do presépio saem dois anjos. Um é o Anjo da Guarda de João da Cruz. O outro traz uma viola nas costas, a tiracolo.

Anjo da Guarda — Nem tudo está perdido nesta casa. A noite está bonita e o pai voltou.

Anjo Cantador — Que providências você vai tomar? João vai embora.

Anjo da Guarda — E eu com ele. Minha obrigação é segui-lo até o fim do mundo, se for preciso.

Anjo Cantador — Mas ele mesmo é que cria dificuldades para sua guarda, chamando o cego e o guia para perto dele.

Anjo da Guarda — O fato é que, apesar de tudo, João ainda está aqui. Se ele fugir, o pai cuidará dele e o mesmo farei eu. Se João da Cruz não me expulsar de seu lado pensadamente, tentarei ajudá-lo em sua busca.

Anjo Cantador — É preciso tomar cuidado com aqueles dois. Farão tudo para desgraçar João.

Anjo da Guarda — Lá vem ele, vamos voltar ao presépio.

Entram no presépio. João da Cruz *entra cautelosamente, de matolão às costas.*

João — Enfim, a liberdade! O mundo é meu. Meu presépio já deu o que podia: recolha-se ao silêncio que eu me vou. *(Fecha a cortina do presépio. Um raio e surge o Guia.)*

Guia — Meus parabéns, príncipe, grande príncipe sem medo!

João — Quem é você?

Guia — Sou seu amigo.

João — E eu sou o Príncipe sem Medo?

Guia — Ainda não, mas há de ser em pouco tempo. A questão é coragem. Vá embora, vá!

João — Devo ir?

Guia — É claro, e logo. Seus pais vão querer prendê-lo aqui de qualquer forma. Vá, vá logo! *(Trovão. Desaparece.)*

João

Que vi? Que ouvi? Fantasma ou ser humano?

A questão é coragem. Vou-me embora.

Entretanto o desejo se debate

aprisionado pelo coração.

Serei somente um mero carpinteiro?

Meus pais querem prender-me. Ah, isso não!

A questão é coragem e eu a tenho.

Adeus casa, meus ferros, meu trabalho!

Com meu dinheiro, posso começar

e o mundo há de ser meu. Adeus, meu chão!

Sai. Trovões e raios. O GUIA *cruza a cena, guiando o* CEGO*, ambos com trouxas às costas, penduradas em bordões, como a de* JOÃO*. Seguem os passos deste e saem. Entram o* PEREGRINO *e a* MÃE*, despedindo-se.*

MÃE — Adeus, cuide bem dele. E cuide de você.

PEREGRINO — Adeus. Não tenha cuidado, eu volto logo.

Abraça-a e segue os passo de JOÃO*. A* MÃE*, só, abre a cortina do presépio e chora, olhando-o. Dentro do presépio, com ela de costas, o* ANJO DA GUARDA *abraça o* ANJO CANTADOR*, numa imitação do que aconteceu antes. Salta para fora, também de matolão às costas, e segue na mesma direção. O* GUIA *então aparece no proscênio, ou noutro lugar qualquer que lhe tenha sido designado pelo encenador, para as suas falas como diretor do espetáculo. Ele cerra a cortina que vela a casa de* JOÃO*. Imediatamente,* JOÃO *há de aparecer em algum lugar, representando um falso andar, no ritmo da fala do* GUIA*.*

GUIA — Assim, sai João da Cruz de sua casa. Podemos vê-lo ali, enquanto se encaminha, cada vez para mais longe. Andou, andou, andou, adiantou-se daqueles que o seguiam, andou, andou, andou, e agora está para chegar à encruzilhada que podem ver aqui representada. *(Desvela a cortina da segunda parte, com cactos.)* Enquanto ele se senta para descansar e novamente recomeçar a caminhada, vou esperá-lo nesta encruzilhada. Cego! Cego! Cego do diabo! *(Trovão. Aparece o CEGO com o GUIA já no lugar da ação.)*

GUIA

Este lugar é bom para nós dois.

Aqui dormem raízes poderosas

emanadas da terra e dos infernos.

CEGO

As estradas se cruzam, conduzindo
os retirantes para várias terras.
Meus olhos, mesmo cegos e sem brilho,
pressentem direções desconhecidas.

GUIA

Em breve há de chegar o viajante
que escolherá na terra um nome novo.

CEGO — Deixe-me só com ele um instante, depois que ele chegar!

GUIA — Por quê? Quero também a minha parte!

CEGO — Muita coisa de João já lhe pertence, amigo. Deixe-me levá-lo um pouco para as suaves chamas em que minha alma sofre e se adormece! Deixe, deixe, deixe!

GUIA — Tenho medo de que você o assuste, mostrando-lhe esse fogo que o abrasa.

CEGO — Serei manso. Sou cego e ele é valente. Mas depois que chegar no meu reinado, eu o tornarei cego na sombra e cego para as chamas. Sem ver, ele não terá medo. Eu saberei me chegar a João da Cruz, a João da Cruz, a João da Cruz!

GUIA — Está bem. Mas cuidado! Não o assuste.

CEGO — E você? Para onde vai, enquanto a tentação estende as asas sobre João da Cruz?

GUIA

Vou à Espinhara. A terra lá me chama!
Sinto um calor de terra requeimada:
a seca vai cobrir todo o sertão.
Ó terra seca, ó reino meu, ó morte!
De onde virão as forças que governam
estes altos de sol, de pedra e chão?

Trovão. O GUIA *desaparece.* JOÃO *passa do andar falso ao verdadeiro e chega à encruzilhada.*

JOÃO — *(Saudando.)* Louvado seja…

CEGO — *(Num grito.)* João da Cruz, silêncio!

JOÃO — Que é isso? Vai-se chegando, você vem logo com um grito desses!

CEGO — Desculpe, você me assustou e gritei. Peço que me desculpe.

JOÃO — E você sabe meu nome. Como pode ser isso, se eu nunca o vi?

CEGO — Ah, João da Cruz é famoso em todo o sertão! Contaram-me que você vinha por aí e eu o reconheci logo.

JOÃO — Como, se você é cego?

CEGO — Ah, reconheci-o pela energia da voz, que mostra logo um vencedor.

JOÃO — Por que não me deixou terminar a saudação que ia dirigindo a você?

CEGO — Porque achei que a um rapaz que tem suas qualidades não fica bem louvar quem quer que seja.

JOÃO — Talvez você tenha razão, quem sabe? Então já me conhecem por aqui!

CEGO — E então? Fala-se muito por aqui na sua coragem. Você conquistará o mundo, João da Cruz!

JOÃO — Esta é minha esperança mais secreta. Hei de conquistar o mundo e tudo o que ele pode dar.

CEGO — Acredito, mas a conquista do mundo é uma coisa tão estranha, João. Que fará você para realizá-la?

JOÃO

Sonho com barcos, balas, tempestades,
com a prata das raízes do luar,
com pedras e florestas incendiadas,
brilhando com seu fogo sobre as águas.
E sonho sobretudo com esse fogo
que se despenha do alto das estrelas,
sobre meu corpo e dentro do meu sangue.

CEGO — É um belo sonho, um sonho grandioso, um sonho à altura daquele que você há de ser um dia. Mas para realizá-lo é preciso muita coisa.

JOÃO — Eu tenho a mocidade e a coragem.

CEGO — E tem dinheiro?

JOÃO — Tenho o necessário.

Cego — Onde vem sua tropa de animais?

João — Que animais?

Cego — Os que trazem seu dinheiro.

João — Meu dinheiro está aqui.

Cego — Todo?

João — Todo.

Cego — E você pode com seu peso? *(Ri.)* Então volte para casa, volte, volte logo, João da Cruz!

João — *(Enraivecido.)* De que está rindo? Você é cego, mas não vou deixar por isso que você zombe de mim!

Cego — Não, não se zangue. Não me ri por sua causa, mas sim de nós que não podemos, nem de longe, ter um sonho como o seu.

João — E é? Você não pode sonhar? Por que não pode?

Cego — Que consegue a cegueira com seus olhos? O que é que um velho cego pode ainda desejar do mundo? E no entanto eu podia mandar ainda em tanta coisa!

João — Como é? Você pode mandar e se recusa?

Cego — É verdade.

João — Não acredito. Explique como é.

Cego — Não há ninguém aí?

João — Não, estamos sós.

Cego — O que eu vou lhe dizer é segredo, é coisa que fica entre nós dois.

João — Pode falar, não há ninguém aqui.

Cego — Eu tenho a chave.

João — Que chave?

Cego — A chave que abre a porta.

João — Que porta, homem de Deus?

Cego — Homem de Deus, o quê? Não gosto que me chame assim.

João — Todo mundo diz isso, é um modo de falar.

Cego — Mas é um modo de falar grosseiro e cheio de impaciência.

João — Eu retiro o que disse. Que porta é essa a que você se referiu?

Cego — A porta atrás da qual está o barco.

João — O barco?

Cego — Sim, o barco de seu sonho. O barco de cujo mastro feito de diamante você verá o mundo. Dentro dele existem riquezas, sobre as quais você poderia construir seu templo de vitória e de poder.

João — Você tem essa chave?

Cego — Tenho.

João — E como é que está aí, pobre, sem nada, com essa roupa toda esfarrapada?

Cego — Já lhe disse: o cego nada quer do mundo. Além disso, a coragem necessária para essas coisas só existe nos moços como você.

João — Você também foi moço.

Cego — É verdade. Mas no tempo em que a prata sem brilho da cegueira não nublava a coragem de meus olhos eu não tinha essa chave. Quando a recebi, já era tarde.

João — E a chave?

Cego — O que é que tem?

João — Você a guardou até agora?

Cego — Guardei-a. É a única riqueza que me resta nos dias de velhice.

João — Ai, meu cego, me dê esse tesouro!

Cego — Em troca de quê?

João — Eu lhe darei todo o dinheiro que tenho comigo.

Cego — É pouco.

João — É pouco?

Cego — É muito pouco, João da Cruz.

João — Eu lhe darei mais, quando vencer.

Cego — Que garantias eu teria disso?

João — Minha palavra.

Cego — É pouco, é muito pouco, João da Cruz.

João — Me diga então o que você quer em troca da chave.

Cego — Direi depois, é cedo ainda. Você tem coragem?

João — Tenho, duvida disso?

Cego — Não.

João — Então fale.

Cego — *(Ao som de um tambor surdo e fatal.)* Vou falar, escute:

Existe um reino, duro para os olhos,
a que os homens repelem por instinto.
Somente lá a chave ser-lhe-á dada.
Tem coragem de ver a chama escura
penetrar no seu sangue, no seu corpo,
até chegar às últimas moradas
onde o diamante guarda a fonte e as águas?

João

Não sei. Todo o meu corpo está tremendo.
Sua expressão é estranha e malfazeja.

Cego

Pois saiba logo que não vencerá.
Você não será rei. Volte à madeira.
Volte à madeira, João, volte pra casa
que seu lugar é lá e não aqui.

João

Não, não me deixe! Eu já estou melhor.
Foi somente um instante, já passou.
Que terei eu em troca da coragem
de enfrentar esse mundo condenado?

Cego

Lá, João da Cruz, você terá tesouros,
tesouros com que nem você sonhou:
fontes de bronze, pedras, ouro puro,

tudo aquilo, afinal, que se deseja

e que canta em você no sonho escuro.

JOÃO

E a riqueza e o poder? Terei meu barco?

CEGO

Terá tudo o que quer e mais ainda.

JOÃO — Pois vamos.

CEGO — Está perfeitamente decidido? Você só me serve de completo acordo, João. Você é livre, só vai se quiser.

JOÃO — Quero, já resolvi. Quero vencer e se o caminho é este, eu o seguirei. Adeus pobreza, adeus ferro e madeira, adeus ofício que meu pai me deu! Podemos ir!

CEGO — Iremos, João da Cruz. Guia, meu guia! Retire João da casa dos mortais!

Aqui o GUIA *fechará a cortina da encruzilhada e abrirá a da gruta, com o trono do* CEGO*, em momento a ser escolhido pelo encenador. Enquanto isso, o* CEGO *invoca os poderes infernais para que os conduzam ao aposento já preparado.*

CEGO

Ó poder do meu fogo, abra esta porta!

Venham, asas de fogo dos demônios!

Conduzam-nos às plagas infernais!

Raios e trovões. As luzes se apagam. Quando se acendem, JOÃO DA CRUZ *está deitado no chão, desmaiado; o* CEGO*, sentado num trono, diante da gruta, que agora é a entrada do inferno, com um manto vermelho sobre a roupa esfarrapada e um cetro em forma de serpente na mão. Ao lado do trono, o* GUIA*, também com manto vermelho. Se o encenador quiser, poderá acrescentar a esta cena dois demônios, que falarão em coro com o* GUIA*, na qualidade de auxiliares do* CEGO*.*

GUIA

O corpo continua adormecido.

Seu sono viaja ainda pelos campos

que percorreu até chegar aqui.

Cego *(Irônico.)*

Não fale agora, deixe João dormir.

Quando for tempo ele despertará.

Guia

Está acordando. Acorde, acorde, João!

João

Estou num mar de fogo sonolento.

Guia

Atravesse esse mar. Venha depressa!

Desperte para a rubra escuridão.

Cego

É tempo de acordar!

Cego e Guia

Acorde, João!

Acorde, João, acorde! Acorde, João!

João — *(Erguendo-se.)* Você? Onde é o reino? E a minha chave?

Cego — O reino é este, mas você não suportaria as chamas imortais que brotam dele. Por isso mandei separar este aposento, onde terá lugar nossa entrevista decisiva.

João — Espere! Sua vista está mudada. Você não era cego?

Cego — Sim, mas só lá no seu mundo, onde uma cruz feriu minha visão. Aqui, sou rei.

João — É rei?

Cego — Sou quase rei. Existe um maior do que eu, que nos governa. Eu sou um dos seus príncipes maiores.

João — Onde está meu barco? Onde está a chave de que você falou?

Cego — Por trás daquela arcada estão o barco e a chave com que você há de triunfar. Mas você deve vir aqui mais duas vezes: de cada vez terá de me fazer uma dádiva diferente. Em troca, receberá três dons, cada um dos quais mais cheio de poder do que o anterior.

João — Quais são os dons? E quais são as dádivas que tenho de fazer em troca deles?

Cego — Primeiro, os dons. Depois direi quais são as dádivas que você tem de fazer.

JOÃO — Fale então. Quais são os dons?

CEGO — O primeiro é a chave de ouro e prata. *(Bate palmas e o GUIA entra na gruta, de onde volta com uma bandeja, onde brilha uma enorme chave. Ouvem-se toques de tambor.)*

GUIA

Ó chave poderosa, que abre a porta
à vitória, ao poder, à carne, ao mundo!
Passe o poder ao carpinteiro João!
Penetre no seu corpo até o sangue,
onde mora seu nome de batismo
e destrua esse nome. Em troca dele,
que João tenha o poder da chama escura,
da coroa, do trono e do bastão.

JOÃO — Meu corpo está tremendo novamente.

CEGO — Agora é tarde, João, você já escolheu. Por que preferiu vir? Quer a chave ou não quer? Decida logo!

JOÃO — Qual é a dádiva que preciso fazer em troca dela?

CEGO — É possível? Não entendeu ainda, carpinteiro? Renuncie a seu nome e em troca dele eu lhe darei a chave do poder. Renuncie a seu nome e a todas as forças que moram nele! Renuncie até mesmo à pessoa que ele lhe impôs um dia. Renuncie com seu sangue e com sua alma. E receba essa chave se puder. Nem todos podem.

JOÃO — Renunciarei ao nome e à força que ele tem. Mas quero provar antes se a chave tem, na verdade, a força que você diz.

CEGO — Você voltará ao mundo e lá poderá ver se eu lhe menti.

JOÃO — Então me entregue a chave.

CEGO e GUIA — *(Enquanto a entregam.)* Salve o príncipe sem medo, salve, salve! Receba a chave e dê-nos esse nome que para nada mais lhe servirá! *(Raios e trovões.)*

CEGO — Volte à morada dos mortais! Poderes infernais, levem o rei daqui!

Escuro. De novo a encruzilhada, com JOÃO DA CRUZ desmaiado. O CEGO, em pé, ri com ar zombeteiro.

CEGO — *(Dando-lhe um pontapé.)* Acorde, príncipe! João! Acorde, que seu mundo está à sua espera.

JOÃO — *(Erguendo-se.)* Onde está minha chave?

CEGO — Em seu pescoço, presa a uma corrente.

JOÃO — Mas não se esqueça: só perco meu nome se a chave me der o que eu pedir.

CEGO — Você verá se estou mentindo. O que é que você quer?

JOÃO — Não sei... Assim de repente não sei. Por exemplo: ser como um príncipe, num reino.

CEGO — Pois siga seu caminho. Qualquer impedimento que vá surgindo, você esfregue a chave e ele será vencido facilmente. Adeus!

JOÃO — Já vai embora? Diga-me antes quais são os outros dois presentes a que você se referiu em seu reino.

CEGO — O primeiro, é um cavalo negro mais poderoso do que a chave de ouro. O outro, é o barco com que você sonhava e que há de lhe dar o cetro de seu mundo.

JOÃO — Mas que devo fazer para alcançá-los?

CEGO — Mais tarde saberá. Adeus, meu João! *(Trovão. Desaparece.)*

JOÃO — Renunciar a meu nome: que sentido terá isso? Sinto um tremor por todo o meu corpo. Será que vale a pena? Não deve ser pouca coisa, pois do contrário não me dariam esse tesouro em troca. Mas afinal, esfrego a chave ou não?

O CEGO tem aparecido no limiar enquanto ele fala. Às últimas palavras, empurra o GUIA para dentro. Trovão.

GUIA — Corra, corra, príncipe sem medo! Vem gente ruim à sua procura!

JOÃO — Para quê?

GUIA — Para tomar a chave e impedir que você vença. Corra, corra! *(JOÃO pega a sua trouxa e sai correndo.)*

GUIA — Esfregue a chave, João, esfregue a chave! Esfregue mais. Assim! Ninguém o pegará! *(Raio longínquo. Risada do GUIA.)*

GUIA — Ó terra, ó mundo, agora é nossa vez. Procurem se apossar de João Sem Medo para que volte ao barro original!

Trovão. O GUIA desaparece. Luz azul. Entra o ANJO DA GUARDA, correndo, exausto. Senta-se numa pedra ou no chão.

ANJO DA GUARDA

Foi-se o rapaz. Vou ser repreendido.

Quem sabe de que forças se valeu,

de que reino de sombra e confusão?

Será melhor, talvez, me disfarçar

a procurá-lo assim, por entre os homens.

Vou me vestir de frade e procurar

onde anda João da Cruz pelo sertão.

Desembrulha a trouxa e tira um hábito de frade, que veste por cima do manto. Entra o PEREGRINO*.*

PEREGRINO — A bênção, senhor frade.

ANJO DA GUARDA — Deus o abençoe.

PEREGRINO — O senhor não viu por aqui um rapaz de uns vinte anos, com jeito de quem ia viajando?

ANJO DA GUARDA — Não, não vi. Mas não vá desanimar por isso. Não é impossível achar os que se perdem.

PEREGRINO — Eu sei. Além disso, Deus está lá de cima vendo tudo. Os cavalos rincham e dão coices, mas no fim Deus é sempre quem decide. Um dia eu hei de achar meu filho João.

ANJO DA GUARDA — Meus parabéns, é assim que se fala. Vou ajudar você a procurá-lo.

PEREGRINO — Eu lhe agradeço. Mas por que tanta bondade, assim sem me conhecer?

ANJO DA GUARDA — Eu sou bondoso por obrigação. Sou frade e quero ajudá-lo, não é o que interessa? Aceite minha ajuda e deixe de estar investigando, que isso não bota ninguém para a frente.

PEREGRINO — O senhor tem razão, vamos procurar João da Cruz.

ANJO DA GUARDA — Chama-se assim, ele?

PEREGRINO — Chama-se, era o nome de um santo. Tem uns vinte anos e os olhos brilhantes.

ANJO DA GUARDA — Está bem. Siga por este caminho que eu vou pelo outro. Daqui a um ano voltaremos aqui para ver o resultado que cada um de nós conseguiu. Deus o abençoe. Deus o acompanhe.

Saem. Aqui pode-se terminar o primeiro ato, se se montar a peça com intervalos. Ou pode-se continuá-la com o aparecimento do GUIA*.*

GUIA

E assim se separaram. Lá se foram.

Um ano se passou e João perdido:

as buscas não tiveram resultado.

Andaram pelas serras, nos baixios,

onde a água é mais limpa e se retém,

por cidades e vilas esquecidas,

pelos altos desertos do sertão.

Perguntaram por João a todo mundo.

Não tiveram resposta de ninguém.

No próximo ato, terão oportunidade de ver, cada vez mais misturados, os três partidos de que já lhes falei. Agora saio, pois o frade vem ali. E escolho para a volta o mesmo lado que serviu para a vinda, quando entrei. *(Sai. Entra o ANJO DA GUARDA, cansado, coberto de pó, limpando o suor da testa, e senta-se na pedra.)*

ANJO DA GUARDA — Nada de João. Meu Deus, onde anda João? *(Entra o PEREGRINO.)*

PEREGRINO — Louvado seja Deus, senhor frade, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

ANJO DA GUARDA — Para sempre seja louvado.

PEREGRINO — Encontrou João da Cruz?

ANJO DA GUARDA — Não. Procurei-o no sertão inteiro. Principalmente pela Espinhara. Não sei por que acho que ele se perdeu por lá. Mas ninguém ouviu falar de João da Cruz.

PEREGRINO — Tenho que lhe dizer a mesma coisa. Nem notícias arranjei de João da Cruz.

ANJO DA GUARDA — E notícia de chuva, trouxe alguma?

PEREGRINO — Não, nenhuma. A seca este ano vai ser terrível. O sertão já está cheio de retirantes. Encontrei alguns que iam em procura da estrada de Patos, para trabalhar como cassacos.

ANJO DA GUARDA — Será que João da Cruz está entre eles? Talvez tenha ido também procurar trabalho na estrada.

PEREGRINO — Não sei, penso que não. Perguntei a muita gente, mas ninguém soube dar notícia.

ANJO DA GUARDA — Aí vem um. Talvez conheça João ou saiba dar alguma notícia a seu respeito. *(Entra o RETIRANTE.)*

Retirante — Louvado seja Deus.

Anjo da Guarda e Peregrino — Louvado seja.

Retirante — Qual é a estrada que vai para o lado do mar?

Peregrino — É esta. Mas que é que você vai fazer tão longe do sertão?

Retirante — Sei não. Todos estão indo, eu vou também. Na minha terra é que eu não podia mais ficar. Quando chover, eu volto.

Anjo da Guarda — Ah, então está fugindo da seca.

Retirante — É, a seca está grande. Tem muita fome no sertão. Mas estou fugindo ainda de coisa muito pior.

Anjo da Guarda — De que é?

Retirante — Do novo reino.

Peregrino — Do novo reino? O que é isso?

Retirante — Homem, para falar a verdade, não sei lhe dizer. Mas sei que é um negócio muito perigoso. Vou ver se passo no Caldeirão para o beato me abençoar. Assim, pode ser que eu escape.

Anjo da Guarda —Mas escape de quê, homem de Deus?

Retirante — Do novo reino.

Anjo da Guarda — Mas o que é isso?

Retirante — Não sei. Mas sei que ele existe.

Peregrino — Existe em que lugar? É no sertão?

Retirante

Não sei, acho que não. Acho que sim.
É em qualquer lugar que ele entender:
nos muros arruinados, nas estradas,
nas cercas de braúna dos currais,
nas raízes das árvores, na pedra,
nas balas prateadas dos fuzis,
na água da chuva e até no sol da seca.
Seu rei é um grande príncipe sem medo,
o mais cruel de todos os mortais.

Anjo da Guarda — Há qualquer coisa podre nesse reino.

Peregrino — E onde vive esse príncipe?

Retirante — Não sei. É um homem rico e poderoso, que governa poderes infernais. As mulheres correm para ele. Tem não sei quantas, e os homens têm mais medo dele do que do diabo.

Anjo da Guarda — Você saiu há muito tempo do seu roçado?

Retirante — Muito. Moro muito longe.

Peregrino — E vem se retirando só?

Retirante — Não, andei com muitos outros por essas estradas.

Peregrino — E não ouviu falar de um rapaz chamado João da Cruz?

Retirante — João da Cruz?

Peregrino — Sim, um rapaz de uns vinte anos, de olhos escuros, muito brilhantes.

Retirante — Não, não me lembro de nenhum rapaz chamado João da Cruz. O único João de que eu ouvi falar foi de João Sem Medo, mas ele é bem mais velho e quanto mais longe dele, melhor.

Peregrino — Está certo. Muito obrigado, mesmo assim.

Retirante — De nada. Adeus, amigo. Cuidado com o príncipe sem medo. Ele aparece sempre nos lugares onde menos se espera. Eu, por segurança, só vivo esperando: assim, pode ser que ele não venha. A bênção, senhor frade.

Anjo da Guarda — Deus o abençoe. Boa viagem para você e volte logo.

Retirante — Amém. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Peregrino e Anjo da Guarda — Para sempre seja louvado. *(Sai o Retirante.)*

Peregrino — Parece que nós nos perdemos para sempre de João.

Anjo da Guarda — Que é isso? Está desanimado?

Peregrino — Não, enquanto tiver sua ajuda, terei coragem. Confio mais no senhor do que em mim mesmo.

Anjo da Guarda — Por quê?

Peregrino — Primeiro, porque o senhor é frade, depois porque eu sou pai de João e não posso ficar de cabeça fria, vendo-o perdido. Mas quanto trabalho o senhor está tendo, por minha causa!

Anjo da Guarda — Nada, já estou acostumado, minha profissão é essa. O que me preocupa é que pressinto certas coisas a respeito de João.

Peregrino — Terá morrido?

Anjo da Guarda — Ah, isso não.

Peregrino — O senhor fala com tanta certeza. Por que diz isso?

Anjo da Guarda — Eu teria sabido na certa. É alguma coisa que não conhecemos, do contrário eu o teria achado.

Peregrino — E o príncipe sem medo?

Anjo da Guarda — Que é que tem ele?

Peregrino — O que é que o senhor acha? Existe mesmo?

Anjo da Guarda — É possível, não sei. Só vendo. *(Entra o Retirante correndo.)*

Retirante — Ai, meu Deus! Me acuda, senhor frade!

Anjo da Guarda — O que é isso? O que é isso?

Retirante — O príncipe sem medo. Vem aí!

Peregrino — Mas você não disse que só vivia esperando e que assim ele não aparecia?

Retirante — Pois foi por isso mesmo. Eu me convenci demais, aí ele apareceu.

Anjo da Guarda — Mas como é que você sabe?

Retirante — Vi os batedores que andam sempre na frente dele. Corra, senhor frade!

Anjo da Guarda — Eu não, eu fico.

Retirante — Então seja feliz, porque eu vou. Corram, corram! Ai meu Deus, o príncipe sem medo! *(Sai correndo. Ouvem-se, fora, pancadas de tambor.)*

Anjo da Guarda — Um pressentimento escuro está assaltando a fonte de minha razão celestial.

Peregrino — De sua razão celestial?

Anjo da Guarda — Não, que nada. Razão celestial, a gente às vezes diz cada coisa! Tenho uma ideia. Saia, que eu vou me esconder aqui. Quero ver esse príncipe sem medo.

Peregrino — Talvez seja melhor que eu fique. Não quero deixá-lo só aqui, pode lhe acontecer alguma coisa.

ANJO DA GUARDA — Que nada, estou com minha cruz aqui. Ela me defenderá. Saia, saia logo.

O PEREGRINO *sai e o* ANJO DA GUARDA *se esconde. Entram o* CEGO *e o* GUIA, *mascarados, com as fisionomias despersonalizadas, iguais. Cada um traz um tambor, que faz soar monotonamente.*

CEGO e GUIA

Novo reino de treva e tempestade,
de terra, de cegueira e de poder!
Raízes, sombra, águas escuras, sangue
lutando contra a morte, a sede e a fome.
Em tudo isso manda João Sem Medo,
o príncipe do caos e da discórdia.
Ele é o canto mortal da própria força
que conquistou à custa de seu nome.
Afastem-se, mortais, que é João Sem Medo,
mandante dos que mandam nesta terra.
Que se levantem muros de silêncio!
Que se faça o deserto e trema a serra!
Que o barco se refaz de popa a proa
à chegada do grande João Sem Medo
que estende mais e mais sua coroa!

Os dois saem, rufando os tambores, cujo som continuará fora. Um toque de clarim e entra o príncipe João Sem Medo, magnificamente vestido e com o rosto coberto. Depois de lançar olhares desconfiados para todos os lados, tira o véu. É JOÃO DA CRUZ, *com o rosto envelhecido e angustiado. o* CEGO *e o* GUIA *vêm para o limiar e, sem que* JOÃO *os aviste, tiram as máscaras e ficam a zombar dele, enquanto fala. Estão sem os tambores.*

JOÃO

Um ano se passou e a chave de ouro
me deu todo o poder que eu desejava.
Mas, com esse poder, deu-me também

a visão de um poder sempre maior,
que meu sangue queria e se afastava!
Ah, sede de poder sempre crescente!
Este meu nome é um cravo de diamante
voltado contra mim, contra meu sangue.
Mas este se debate no passado:
é como se eu tivesse tido um outro.
Mas que me importam nomes do passado?
Cresçam, meus sonhos de poder! Arrastem-me
com vocês para dentro desse fogo!
E que o cego fatal que me dotou
com a turva coroa de meu sangue
venha ao lugar em que me entronizou
e em que se oculta a força de seu jogo.

Esfrega a chave que traz ao pescoço. Raios e trovões. A cena escurece e, quando volta a luz, o CEGO *e o* GUIA *estão diante de* JOÃO.

GUIA

Ah, o príncipe João, que não tem medo!
Como se foi de reino? Mandou muito?

CEGO

Então? Teve ou não teve o prometido?

JOÃO

Sim, você não mentiu, cego do diabo.
Tenho glória e poder, graças à chave.
Ela me abriu as portas que sonhei.
Mas quero mais poder, cada vez mais!

GUIA

Não lhe basta a conquista que já fez?

JOÃO — Meu sangue está sedento e eu também. Sonho com novos reinos além deste. Novos tronos que a chave me mostrou e cujas varas de ouro ilimitado estão gravadas

dentro do meu sangue. Ouço um canto sem voz e enlouquecido que ergue um templo — na pedra do furor brilhando, sob um sol negro e sedento! Para onde isso me leva? E eu, quem sou?

GUIA — Isso não significa nada. As pessoas como você sonham sempre com essa intensidade. É mesmo isso que faz de você um herói de sua têmpera. E esses sonhos são como árvores, replantadas nas raízes dos reinos conquistados para rebentar de novo.

JOÃO — Mas há sempre a ameaça do passado.

CEGO — Do passado? Que quer você ainda com o passado?

JOÃO — Sinto uma estranha sensação de perda, como se tivesse perdido qualquer coisa aqui na estrada. Eu já tive outro nome?

CEGO — Que nada! Outro nome? Você é João Sem Medo e sempre foi. Que outro nome poderia ter você?

GUIA — Você não se orgulha de um nome tão famoso, gravado até nos frutos, nas serras e nos fuzis dos cangaceiros?

JOÃO — Sim, orgulho-me de meu nome. João Sem Medo é um nome muito grande. Fecho os olhos ao mais. São fraquezas que nascem nas horas escuras da noite e das estrelas.

CEGO — Agora sim, reconheço o meu grande João Sem Medo.

GUIA — Mas para que você nos chamou à encruzilhada?

JOÃO — Para saber as bases do negócio que você me propôs da outra vez, rei cego. Onde está o cavalo prometido?

CEGO — *(Rindo.)* Então a chave não lhe basta mais?...

JOÃO — Não. A chave já não basta à minha sede, maior do que a da terra perseguida pelos potros de fogo desta seca…

CEGO — É preciso ir ao reino novamente. Tem coragem? Ou vai tremer de novo?

JOÃO — Meu nome é João Sem Medo. Irei ao reino.

CEGO — Vá na frente.

JOÃO — Mas como?

CEGO — Esfregue a chave.

JOÃO — Pois irei conquistar esse cavalo. *(Esfrega a chave. Trovões e relâmpagos)*.

CEGO — Venham, forças sem nome dos infernos! Conduzam para o reino a nossa chave e seu escravo, o príncipe sem medo! *(Cessam os trovões. JOÃO DA CRUZ desaparece.)*

GUIA — Muito bem. Você trabalhou como nunca. O antigo João da Cruz há de ser nosso.

CEGO — Eu quero o maior bem que possa retirar dele. O dom supremo, o dom de sua alma. De sua alma, de sua alma. Mas convém ir aos poucos para não assustar o nosso príncipe.

GUIA — Eu quero aquele corpo para a terra. A carne ressuscitará e, se você conseguir a alma dele, ela será pasto de tudo aquilo que represento e para que vivo. Siga agora o caminho de seu reino, no rastro do grande João Sem Medo. Eu irei com você, para ajudá-lo. *(Raios e trovões. Escuro. Desaparecem. Entra o ANJO DA GUARDA.)*

ANJO DA GUARDA — Então era isso, João da Cruz andava a braços com forças infernais. Isso não acaba bem, nem para mim nem para ele. O jeito é esperar que ele regresse. *(Entra REGINA.)* Regina!

REGINA — *(Entrando.)* O senhor me conhece? Pois então deve conhecer João da Cruz também.

ANJO DA GUARDA — Conheço-o, mais do que você pensa.

REGINA — De onde nos conhece?

ANJO DA GUARDA — Já preguei uma missão em Taperoá.

REGINA — Ah, bem. E sabe me dar alguma notícia dele? É vivo ou morto?

ANJO DA GUARDA — Vivo. Você está à sua procura?

REGINA — Estou, parece que minha sorte é procurar quem se perde.

ANJO DA GUARDA — Saiu há muito tempo?

REGINA — Saí hoje pela manhã. Estamos longe?

ANJO DA GUARDA — A umas três léguas de Taperoá. Por que resolveu sair hoje?

REGINA — A mãe dele me pediu. Ela está para morrer. Deixei-a agonizante. Pediu que eu viesse procurar o filho dela. Sei que foi coisa da agonia, mas prometi e vim.

ANJO DA GUARDA — Então ela está à morte… Coitada, era uma boa mulher.

REGINA — O senhor a conheceu também?

ANJO DA GUARDA — Conheci. Daqui a pouco João voltará para aqui. Vamos esperá-lo. Por enquanto ele viaja para um reino de brutalidade, chamas de treva e duras tempestades. Vamo-nos esconder para esperá-lo.

Saem. Escuro. Quando as luzes se acendem, o CEGO está novamente sentado no trono do aposento do inferno, com o GUIA ao lado. JOÃO DA CRUZ está de pé, esfregando a cabeça, estonteado.

João — Ah, até que enfim você chegou. Por que essa demora?

Cego — Passei por uma tempestade que me atrasou na viagem.

João — Pouco antes de vir, lembro-me de ter ouvido você falar. Mas está tudo tão confuso... Você me chamou escravo desta chave?

Cego — Escravo? Eu não chamei ninguém escravo. Se a chave é quem lhe serve… Como poderia você ser escravo dela? Se a chave é quem lhe serve, você é que é o rei. *(Relincho fora.)* Está ouvindo?

João — O quê?

Cego — Esse relincho. É seu cavalo que chama, carinhoso, pelo dono. O que é que você responde? Você o quer?

João — Ele pode aumentar o meu poder?

Cego — Pode sim.

João — Então eu o quero. Com o sangue de meu corpo, com tudo o que em mim grita por poder.

Cego

Então há de montar no potro negro,
e há de ver todo o mundo lá de cima.
Seus flancos são bandeiras de vitória,
que espumejam na cólera da guerra!
Você desfraldará essas bandeiras
e aos toques de clarim, de som dourado,
comandará o exército da terra.

João — Mas que devo lhe dar em troca dele?

Cego — Você deve me dar um simples gesto.

João — Um gesto? Com que fim? Que gesto é esse?

Cego — Você há de ver já. Traga a mulher. *(O Guia entra na gruta ou no lugar designado para isso e volta acompanhado por uma mulher com o rosto coberto.)*

Mulher — Tenha pena de mim que vou morrer! Misericórdia, príncipe sem medo!

Guia e Cego

Um gesto só, um gesto, João Sem Medo.

Um gesto dessa mão será bastante.

E entregará essa mulher à morte,

por trás daquela arcada chamejante.

João — Não. Matá-la por quê? Solte a mulher!

Cego — Vai mandar soltá-la?

João — Vou, ela não fez nada comigo!

Cego — Então vai perder o cavalo. É pena.

João — Só por isso? Afinal que significa essa morte?

Cego — Era ela que ia provar que você é digno do cavalo. Só aqueles que não têm piedade estão à altura dele. Se não fosse assim, eu iria escolher João Sem Medo para propor tal negócio? Então? Não tem coragem? É um gesto em troca do poder nunca alcançado até agora por nenhum mortal em sua terra.

João — Não gosto de matar. Não morrem nunca os olhos que matei. Eles me encaram assim como em tristeza e compaixão do cerne das raízes, nas estradas e nas pedras solenes do sertão.

Cego — O cavalo lhe dará esquecimento, quando você precisar e pedir. Faça o gesto! Ah, bem que eu estava desconfiado: você está com medo. E seu nome, vai perdê-lo? Vai perder esse nome de João Sem Medo que é a causa do terror que você inspira e do poder que tem?

João — O potro matará a sede estranha de poder e desejo que me mata?

Cego — Você será mais poderoso do que foi ou sonhou ser até agora. E se a sede crescer mais do que você, dar-lhe-á o esquecimento de que você precisar.

Mulher — Então vou ser sacrificada! Você não sabe quem sou eu na terra, quem precisa de mim, qual a minha utilidade, o estado em que minha alma se encontra. Mesmo assim vai me entregar à morte, João Sem Medo?

João — *(Erguendo o braço.)* Não gosto de ouvir lamentações. Eu estava hesitando e você veio me irritar com suas queixas. Assim, foi você quem ergueu a voz. Eu só estou lhe emprestando o braço para o gesto.

Mulher — Mas eu…

João — Cale-se, você só está aumentando minha cólera e minha impiedade. Já disse que não gosto de ouvir lamentações.

Guia e Cego

A culpa é dela: o pranto é seu enredo!

Baixe o braço que ergueu contra a vontade!

Mostre que é valente e sem medida!

Ordene a morte, ordene, João Sem Medo!

Mulher — Ai de mim! Condenada sem ofensa! Ó meu silêncio, como apaziguá-lo!

João — Falou mais uma vez. Foi a sentença! Levem-na, pois, e tragam meu cavalo. *(Baixa o braço. O Guia arrasta a mulher para a gruta.)*

Mulher — Tenha piedade, João, tenha piedade!

Cego e Guia — Não, nunca! Ela não vale um cavalo! *(João tapa os ouvidos com as mãos. O Guia desaparece com a mulher. Um grito.)*

Cego — Muito bem, João Sem Medo. Você provou sua coragem e sua impiedade. Pode voltar.

João — E meu cavalo? Onde está?

Cego — Na encruzilhada, esperando por você. Esfregue a chave. Pode ir sozinho, agora já tenho confiança em você. É quase meu.

João — Então eu vou. *(Esfrega a chave. Trovões. Escuro. Novamente na encruzilhada. João da Cruz desmaiado.Entram o Anjo da Guarda e Regina.)*

Regina — Até que enfim, meu João, depois de tanto tempo! Mas como o carpinteiro está mudado! Acorde, João! Tão envelhecido, coitado, nem parece o mesmo João!

João — Onde está meu cavalo poderoso?

Regina — João da Cruz! Não me viu? Nem falou comigo! João!

João — Com quem você está falando? Meu nome é João Sem Medo. Trema. Fuja diante deste nome.

Anjo da Guarda — João Sem Medo? Então você não se chama João da Cruz?

João — Não e não diga esse nome novamente!

Anjo da Guarda — Que nome? João da Cruz?

João — Sim. Não gosto dele e não gosto também que me contrariem. Eu posso tudo.

Anjo da Guarda — Tudo? Até contra o passado? Seu cavalo está ali, à sua espera. Não vai? Você não se chama João Sem Medo?

João — Chamo-me e não pense que me intimida com suas ameaças sobre um passado que nem ao menos sei se existe. Não sei como você veio a saber do meu cavalo, mas não tenho medo de você. E vou em busca dele. *(Vai sair, mas para diante do Peregrino, que vem entrando solene.)*

JOÃO — Quem é você que ousa tomar a minha frente desse modo?

PEREGRINO — Sou seu pai.

ANJO DA GUARDA — Onde esteve até agora?

PEREGRINO — Não sei. Saí como o senhor me ordenou e caí perto da estrada. Tive um sonho esquisito e muito triste. E tenho certeza de que vi a verdade, nele.

JOÃO — Que foi que você viu?

PEREGRINO — Vi minha mulher morta.

REGINA — Ela estava doente, deixei-a agonizante.

PEREGRINO — Então é verdade. Sou seu pai, João da Cruz. Você ordenou uma morte, tenho certeza. E enquanto isso, no mesmo instante, sua mãe morria em sua casa, na casa que foi dela a vida inteira. Volte agora, você deve acompanhar sua mãe à sua última morada.

JOÃO — Então essa mulher... Não! Minha mãe? Não me lembro de ter tido mãe. E não me chame João da Cruz! Meu nome é João Sem Medo!

ANJO DA GUARDA — Lembre-se, João da Cruz! Por Deus, pelo amor de Deus!

JOÃO — *(Cobrindo o rosto.)* Não, não posso nem quero me lembrar. Então aquela que matei em troca do cavalo...

ANJO DA GUARDA — Está lembrado? Seu crime é muito grande, mas o amor de Deus pode lavar tudo. É tempo ainda, João. Volte para casa!

REGINA — Sim, João, volte para casa. Lá você estará mais abrigado. Volte! Volte!

JOÃO — Sim, irei ver essa casa de que falam. Todos vocês irão comigo. E cuidado. Não pensem que me enganam com palavras. Eu vou, mas meu cavalo vai também. Ele me garantirá contra vocês. Meu cavalo! Leve-nos daqui! *(Raios e trovões.)* Preciso libertar-me do passado! Leve-nos para a casa de onde vim! *(Escuro. Quando a luz se acende, o GUIA se dirige ao público.)*

GUIA — Assim, como vocês tiveram oportunidade de ver, o espetáculo tomou o freio nos dentes, como o cavalo de João Sem Medo. O céu e o inferno misturaram-se com a terra, como eu tinha prometido e até de um modo que eu não previra. Enfim, a ação caminha e com ela o cavalo de João da Cruz, que traz todos para casa pelos ares. Abramos a cortina e, enquanto me afasto, vocês poderão ver a continuação dessa história, cheia de coisas grandes e mesquinhas, como qualquer história de homem.

Descerra a cortina da casa de JOÃO. Escuro. Quando as luzes se acendem, REGINA entra pela porta, como que impelida por uma força invisível.

Regina — Que viagem esquisita pelas nuvens! Estávamos na encruzilhada, tão longe, de repente João nos trouxe com suas artes pela estrada de sono e de silêncio, onde uma hora passa num instante! *(Entram João da Cruz e Peregrino, do mesmo modo, impelidos pela mesma força.)*

João — Então? Acreditaram agora em João Sem Medo? Meu poder é maior do que o passado. E você, Peregrino, pode tremer agora. Você há de pagar o abalo que causou nas grutas escondidas, onde mora meu nome que firmei com sangue e treva!

Peregrino — Você fará o que quiser, João da Cruz. Isso não me impedirá de dizer, até a morte, que você é meu filho João da Cruz. E se você anda com poderes estranhos, maior do que todos eles é Deus, pai de nós todos.

João — De mim também?

Peregrino — Sim, pai de nós todos. Não o recuse, João. Você é livre, apesar de tudo. Escolha o lado bom e será salvo. Nunca mais pesará sobre você a escravidão em que vive agora, aprisionado por essas forças que já começaram a desfigurá-lo.

Regina — Ah, João, escolha o lado bom! Volte à casa de seu pai, volte à madeira e volte para aqueles que se sentem sós desde que você saiu.

Peregrino — Fique, meu filho. Você não ficará só. Seu pai há de ficar aqui também.

João — Não! Calem-se, calem-se os dois. Vocês querem que eu perca meu poder. Não me chamo João da Cruz. E não tenho alma de escravos como vocês.

Peregrino — Então contemple o quadro que você mesmo traçou e que me deu em troca do presépio. *(Abre a cortina do presépio. Um caixão preto, com quatro velas compridas nos cantos.)*

JOÃO — *(Recuando.)* Eu não sabia que era minha mãe!

PEREGRINO — Bastaria saber que era uma pessoa. Ela morreu pedindo piedade a você. Mas, mesmo assim, não chorava, e falava como se o perdoasse.

REGINA — Então, João da Cruz? É triste voltar assim para casa, não? Cheio de poder, ao que parece, mas encontrou sua mãe morta.

PEREGRINO — Ainda é tempo de pensar. Veja o que decide. Vou esperá-lo em nossa velha tenda.

REGINA — Eu irei encontrá-lo, mas depois. Quero falar com João. *(Sai o PEREGRINO.)*

REGINA — Está vendo, João, quantos males você causou?

JOÃO — Não fui a causa disso. Nem me interessa saber se fui ou não. Meu desejo é o poder. Preciso lutar por meus sonhos. Por meu barco, por meu reino e pela coroa que me prova a cada instante que minha alma é de rei e não de escravo.

REGINA — Mas perdeu sua terra e seu passado. Você não sente falta de seu velho nome?

JOÃO — Não, não, não! Nunca senti, até que vocês apareceram. Mas, mesmo agora, foi coisa de momento. João da Cruz, João Sem Medo, que me importa?

REGINA — Ah, João da Cruz, importa, importa muito. João da Cruz era o moço carpinteiro, cuja alma era honrada e simples como uma pedra. A madeira e o trabalho da casa de seu pai mantinham-no de pé quando alguma coisa o abalava. E tudo ia bem. João Sem Medo é o raio do ódio e da morte, o homem da noite cuja vida estraga a do carpinteiro no que ela tem de mais seu, no sangue de suas raízes, antes invioláveis. Volte a seu nome, João. Volte à antiga fonte de madeira e seja de novo João da Cruz, apoio de nós todos! Sua mãe está morta, seu pai está sozinho. Ele está esperando por você. Vá ter com ele, eu irei também. Tudo esquecido, voltaremos para levar sua mãe e ela bem o merece, era humilde e boa.

JOÃO — Não, saia daqui! Sou príncipe na terra e quero ser assim até a morte. Só eu tenho poder para julgar meus atos e desejos. Vá você para a tenda. O peregrino que espere a decisão!

REGINA — De João da Cruz?

JOÃO — Não, de João Sem Medo. Se eu não for logo é porque não irei mais. Vá, deixe-me só. *(Sai REGINA.)*

JOÃO

Agora, que estou só, posso julgar-me.

Quem sou eu, João da Cruz ou João Sem Medo?

Meu nome João Sem Medo deu-me força.
A prata dê meu fogo e minha luz.
Mas entre plantas de poder e sono,
entre árvores de prata e leitos de ouro,
onde está meu perdido João da Cruz?
Ó madeira, ó infância, ó juventude!
Ó solidão de agora, que fazer?
Como escapar à turva divisão?
"O reino dividido é assolado."
Que querem tais palavras me dizer?
É melhor não lutar. Fugir, fugir.
Um pouco de descanso e esquecimento,
De sono escuro, sombra e negra paz.
Ó meu cavalo, dê-me esquecimento.
Que por alguns momentos meu espírito
seja envolvido pelo manto espesso
que o sono traz ao sangue dos mortais.

Cai adormecido. Raios e trovões. Entram o CEGO *e o* GUIA.

CEGO — Adormeceu o príncipe sem medo. Está cansado das batalhas de sua alma.

GUIA — É, você está escarnecendo dele, mas perdeu quase todo o seu trabalho.

CEGO — Não perdi o essencial. Ele está dormindo por artes do cavalo que lhe dei e que é somente um demônio disfarçado. Aquela mulher que mostrei a ele, e que se batia contra a morte certa, era a imagem da mãe que, aqui na terra, estava na verdade a ponto de morrer. Era só uma imagem mas bastava. Eu queria somente ver até que ponto João se entregara ao fogo que me abrasa.

GUIA — Pois trate de levá-lo novamente ao reino. Só assim poderemos recuperar o que já se perdeu.

CEGO — Não posso, não posso, não posso. João é livre. Você sabe que eu vivo acorrentado, só posso morder quem se aproxima livremente de mim.

GUIA — Então deixe João comigo alguns instantes, como eu fiz com você, na estrada.

Cego — Que é que você vai fazer? Cuidado, todo o cuidado é pouco.

Guia — Vou convencê-lo a pedir esquecimento ao cavalo. Mas não por alguns momentos, como há pouco. Quero que ele o peça para toda a vida.

Cego — É um bom plano. Pois se João adormecer por toda a vida, a parte que ainda está conosco, envenenada como está, dará seus frutos e ele, adormecido, nos entregará sua alma inteira.

Guia — Não lhe basta a metade que ainda temos?

Cego — Não, não basta. Você não viu o resultado de só termos essa sob nossas ordens? João da Cruz, apesar de tudo, está indeciso entre a madeira da casa de seu pai e a prata de meu barco poderoso, cuja posse eu lhe daria em troca de sua alma, na terceira visita que ele havia de fazer a meu reinado.

Guia — Pois vou tentar.

Cego — Confio em você. Veja se o adormece. A luz vermelha do pecado me anuncia que devo regressar, meu reino me chama. *(Raio. Desaparece. O Guia desperta João.)*

Guia — Então, príncipe, estava dormindo? Faz bem. O sono é uma grande coisa, descansa a carne, afasta as agonias… Dormir é muito bom, príncipe João.

João — Eu estava dormindo nos braços de um sono profundo. As coisas todas me apareciam como se estivessem envolvidas numa névoa sonolenta, anterior à discórdia e à confusão.

Guia — Você nunca tinha dormido assim?

João — Não, nunca. O sono de hoje era como se fosse um sono completo. De sangue e de corpo.

Guia — E você adormeceu só?

João — Só? Como?

Guia — Sem ajuda de ninguém.

João — Não. Foi meu cavalo que me mergulhou nesse mar de sono claro.

Guia — Acredita agora em seu poder?

João — Acredito. Isto é, não sei bem. Estou confuso. Sinto-me tão indeciso em tudo! Pedi para dormir por causa disso.

Guia — Mas você, João Sem Medo! Sentindo-se indeciso! Onde está sua coragem tão famosa?

JOÃO — Eu nem sei mais se já tive essa coragem. Quando voltei para a estrada com o cavalo, encontrei na encruzilhada um peregrino que se dizia pai de um tal João da Cruz. Esse nome me causou um abalo enorme. Meu passado começou a me pesar de entre as grades da memória. Serei eu esse João da Cruz de que eles falam?

GUIA — Que interesse pode ter isso para você? Por que isso o perturba tanto?

JOÃO — Porque, se é verdade o que eles dizem, mandei matar minha mãe, lá no reino da cegueira, em troca do poder do meu cavalo!

GUIA — Em troca do cavalo? Que tolice, João! Se ela estava no reino, como pode ter morrido aqui no mundo?

JOÃO — É verdade.

GUIA — Não é mesmo? Descanse, João Sem Medo! Monte no cavalo e parta a conquistar o que lhe falta. Somente assim o cego lhe dará seu barco e você poderá ser um rei no mundo.

JOÃO — Talvez você tenha razão. Mas, mesmo assim, o remorso se apodera das fontes de meu ser. Que farei?

GUIA — Você não ama a terra, João Sem Medo?

JOÃO — Amo, sim. Mas tenho medo da sede que ela traz.

GUIA

Agora, pelas serras do sertão,
a seca com seu manto chamejante,
imobiliza pássaros, rebanhos,
as pedras e os roçados de algodão.
Se você exigir de seu cavalo,
ele há de lhe doar um bom roçado,
um jardim sem memória, onde a lembrança
não permite o remorso malfazejo,
nem perturba as raízes do passado.

JOÃO

Um jardim de fartura, onde a memória
não perturba as raízes do remorso
e onde há sono, fartura e esquecimento?

GUIA

Onde os gritos sem lei dos outros homens

só chegarão com seu consentimento.

JOÃO — É mesmo?

GUIA — E então? Os dias passam lá sem que você os sinta, à sombra das baraúnas, que nunca perdem suas folhas. A água lá é eterna e passa cantando por entre as mais belas pedras do mundo.

JOÃO — Tenho medo da solidão.

GUIA — Lá, você terá as mulheres que desejar. Elas passeiam por entre as árvores, correm, se entregam… Você será mais poderoso do que já foi até hoje. *(Toque de sino.)* Quem tocou esse sino?

JOÃO — Um sino? Não o ouvi.

GUIA — *(Trêmulo.)* Mas eu o ouvi. Tenho que ir. *(Sino.)* Ai! Tenho que ir, pense bem no que lhe disse!

Raio. Desaparece. Entram o ANJO DA GUARDA *e o* ANJO CANTADOR*, ambos invisíveis, vestidos de anjo.*

ANJO DA GUARDA — *(Postado diante de* JOÃO*.)* Então você está aí, ovelha ordinária!

ANJO CANTADOR — Tinha fugido de novo?

ANJO DA GUARDA — E então? Fugiu usando o poder maligno a que tem direito agora, depois que se entregou ao cego. Você não viu aquele cavalo preto que nos mostrou os dentes, quando passamos?

ANJO CANTADOR — Vi.

ANJO DA GUARDA — É um demônio disfarçado. O cego deu-o a esse idiota. Foi o cavalo quem trouxe João, Regina e o Peregrino. Eu vim só.

ANJO CANTADOR — Atrasado como sempre.

ANJO DA GUARDA — Atrasado, mas sempre seguro. Seguro como sempre.

ANJO CANTADOR — É, está se vendo. Que é que você vai fazer agora?

ANJO DA GUARDA — Vou me vestir de frade e entrar de novo. *(Veste o hábito de frade junto da porta e entra. O ANJO CANTADOR permanece invisível.)*

ANJO DA GUARDA — Até que enfim chego à sua casa, João.

JOÃO — Ah, é você. Para vir de Estaca Zero a Taperoá levou esse tempo todo? Vê-se bem que você nunca passará de um frade velho.

ANJO DA GUARDA — Sim, sou velho. Mas, velho desse jeito, tenho três vezes mais juízo do que você. Seu pai está esperando por você na tenda. Com a morte da mulher, vai ficar só. E quero avisá-lo de uma coisa: se você o deixar, ele morrerá também.

JOÃO — Como é que você sabe?

ANJO DA GUARDA — Eu posso ver mais do que você pensa. Daqui de onde estou, posso vê-lo. Ele o espera, espera, espera. Está cada vez mais velho e triste. Sente-se cansado e solitário. Sente como que sua mulher chamando por seu nome. Quer ir cada vez mais. E se você não for, não terá mais nada a fazer aqui. E Deus atenderá a seu pedido.

JOÃO — Feitiçaria. Já estou cansado de ver essas molecagens, sabe? Parece que tenho sorte com feiticeiro, só vejo profetas para todo lado! E a feitiçaria que me dá mais raiva é feitiçaria de padre, ouviu? Não me venha mostrar coisa nenhuma!

ANJO DA GUARDA — Bem, você está avisado. Você é livre, irá para onde quiser. Procuro somente lhe apontar o caminho.

JOÃO — Então mostre o caminho do jardim onde o remorso e a dor não têm lugar.

ANJO DA GUARDA — *(Mostrando o presépio.)* Prefiro mostrar este. Siga o caminho que seus pais seguiram.

JOÃO — Não. Meu cavalo é mais sábio do que você. Sabe fazer o que me agrada. E sabe me dar aquilo de que preciso, o esquecimento que não existe aí. *(Entra REGINA, desesperada.)*

REGINA — Ah, João, seu pai está morrendo!

JOÃO — Onde?

REGINA — Aí fora. Veio comigo da tenda e começou a se sentir mal no caminho. Está para morrer e quer ver o senhor frade! *(JOÃO corre com o ANJO DA GUARDA para fora e volta do limiar cobrindo o rosto com o braço. O ANJO DA GUARDA sai.)*

JOÃO — Está morto?

REGINA — Está à morte, seus minutos estão contados. Seja digno dele, João, seja um filho à altura deste casal, unido até na morte. Ocupe seu lugar e acompanhe seus pais até o cemitério. Depois volte à tenda de seu pai e renuncie a essa vida que o está matando!

JOÃO — Não. Não quero saber de meu passado. Dura prisão é este mundo em que vocês querem me aprisionar. Venham, forças do reino da cegueira, aos olhos destroçados do meu rosto! E você, meu cavalo, liberte-me das grades da memória. Ao roçado de sono e

de fartura! Quero dormir, de um sono para sempre e sem desgosto. *(Raio. Escuro. JOÃO DA CRUZ desaparece. Volta o ANJO DA GUARDA.)*

ANJO DA GUARDA — Morreu o carpinteiro peregrino, morreu em paz. E João da Cruz? Fugiu?

REGINA — Fugiu. Valeu-se novamente do cavalo.

ANJO DA GUARDA — Então foi se entregar ao esquecimento. Mas hei de achá-lo.

REGINA — Tenha por ele o cuidado que merece.

ANJO DA GUARDA — O que merece, não. Terei por ele o cuidado que seu pai pediu. Ajude-me também. Talvez possamos salvá-lo, apesar de tudo o que já fez. Levemos o caixão. Vamos enterrar os pais de João da Cruz. *(Levando o caixão.)* "Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá eternamente." Acredita nisto?

REGINA — Acredito, sim. Sei que Jesus foi o Cristo, Filho de Deus vivo, que veio a este mundo. *(Saem os dois. Raio. Aparecem o CEGO e o GUIA.)*

CEGO — Eis a casa vazia. E nesta mesma hora em que os pais caminham para o céu pelas estrelas, João se entrega ao esquecimento em seu jardim. Esse esquecimento trará sua alma para meu reino e entregará, na terra, seu corpo à corrução. Seu corpo enfim vencido, para sempre, pelo aguilhão da morte.

GUIA — Não sei, não estou seguro. Ainda é cedo para esse regozijo.

CEGO — É possível, ainda está com medo? Lá onde João se encontra só chegará gente se ele chamar. Isto ele nunca fará, pois tem mais medo do passado do que de tudo. A perdição dele é certa, é certa, é muito certa!

GUIA — Quero o seu corpo para a terra quente.

CEGO — Eu, que sua alma nunca chegue às águas.

AMBOS — Essa é nossa missão desde o princípio.

CEGO — João está no seu roçado de sono. Passeia para um lado e para outro e não se lembra de mais nada. Não há mais nenhum caminho para o remorso. Ah, e essa cegueira que me impede de ver João da Cruz em seu roçado!

GUIA — Vamos lá. Eu vejo tudo e descreverei para você, imagem por imagem, a fortuna de que João da Cruz está gozando.

CEGO — Imagem por imagem! É mesmo. Se ele soubesse, hein? A fortuna de João da Cruz é reduzida a quatro ou cinco imagens ilusórias que inventei e que podem se acabar em menos de um segundo. Vamos?

GUIA — Vá na frente. Eu logo o seguirei. *(Raio. Escuro. O CEGO desaparece e o GUIA se dirige ao público. Aqui pode-se terminar o segundo ato.)*

GUIA — De modo que, ao começar a quinta jornada, e o terceiro ato, a situação é esta que viram! João da Cruz persuadido a se entregar ao esquecimento e nós dois, eu e o cego, procurando, a todo custo, mantê-lo em tal situação, para conquistá-lo. E para que não se diga que não cumpro minhas promessas, as duas jornadas seguintes mostrarão o céu misturado com a terra, num exemplo que atinge João e a todos mais que tenham olhos para ver. E agora, ao jardim. Uma escada, alguns apetrechos cênicos facilmente removíveis, e temos a velha encruzilhada transformada, aos olhos de João, no roçado de fartura onde não chega a memória de seus crimes. Nem isso deve causar espanto, pois ouviram o cego dizer que a fortuna de João era ilusória, como toda obra do homem. E todos vocês sabem, além disso, que cada um tem, cuidadosamente disfarçado dos olhares dos outros, o lugar de esquecimento em que se esquecem os crimes de cada dia, para que a vida se torne possível. E aqui passo novamente a palavra aos atores, para que o espetáculo possa continuar.

> *Raio. Escuro. Quando a luz se acende, estão diante da encruzilhada, agora preparada de algum modo, o CEGO e o GUIA. JOÃO DA CRUZ cruza a cena com um girassol na mão, cheirando-o, em atitude sonhadora.*

CEGO — Deu resultado o plano que você tramou, João da Cruz vive agora no jardim, entregue a esse sono que não dá lugar para o remorso.

GUIA — Infelizmente não podemos estar seguros, pois aquilo esteve aqui e descobriu onde está João.

CEGO — Aquilo? Aquilo o quê?

GUIA — Você sabe tão bem quanto eu. Não gosto de falar dele como se fosse uma pessoa. Quando eu digo aquilo, é aquele camarada de manto azulado que se veste de frade de vez em quando.

CEGO — Ah, aquele cachorro! Deve ter se perdido por aí. Foi embora.

GUIA — Foi embora? Para onde?

CEGO — Não sei, não sei, não sei!

GUIA — Calma, você sabe que só tenho olhos para ver a terra. Ele tem algum outro lugar para ir, além daqui?

CEGO — Não sei, nem me pergunte. Tenho horror a esses seres de manto azulado. São nojentos, abjetos!

GUIA — São servis, escravos… Não conhecem meu reino nem o barro. E, sobretudo, não conhecem aquilo que o barro esconde nas entranhas.

Cego — Mas não há motivo de inquietude, pelo menos agora. É esperar que a vida do esquecimento chegue ao fim. Você então levará seu corpo para a terra e poderá, ao mesmo tempo, assistir à queda de sua alma nas chamas do meu reino.

Guia — Cuidado, vem alguém por aí. E é um desses mortais que nos fazem medo, dando-nos uma sensação esquisita e dolorosa.

Cego — Eu sei, já estava também sentindo isso. Irmão, leve-me com você. Ah, não me deixe só! Irmão, irmão! *(Raio. Desaparecem. Entra Regina.)*

Regina — Enfim cheguei ao reinado do príncipe esquecido. O mundo caminhou na sua rota e João perdeu-se de nós todos. Mas o frade o encontrou aqui, depois de muito procurar. Ele rezou e uma estrela perdida despenhou-se dentro da alma de João. Mas nada pôde essa estrela contra a névoa que aprisiona em suas grades a memória do príncipe esquecido. E o pior é que o frade desapareceu de nossas vistas e eu estou só. João precisa de minha ajuda e eu preciso também de João da Cruz. Lá vem ele, dos lados do jardim. *(Entra João.)* Ah, João da Cruz, você está aqui. Não se lembra de mim?

João — Quem é você, amiga? Quem é você? Não posso me lembrar de ninguém.

Regina — Reaja contra esse esquecimento que impede a memória de seus erros. É um esquecimento criminoso, pois foi você mesmo quem o escolheu. E se você se obstinar em permanecer nele, os erros que você cometeu no passado são bastantes para conduzi-lo à perdição!

João — Não sei que erros são esses de que você está falando.

Regina — Nem de seu nome você se lembra mais?

João — Não, sei vagamente que me chamo João. Não é um grande nome, mas basta para quem tem tudo o que deseja.

Regina — Ah, João, mas é preciso que você se lembre. Você já se chamou um tempo João Sem Medo. Era um nome de terror e de triunfo, e quando você se chamava assim, cometeu muitos crimes. Você envenenou as fontes da própria alma em troca do poder que acumulou.

João — As fontes de minha alma?

Regina — Sim, está lembrado agora? Em troca, recebeu um cavalo poderoso. Sabe Deus que porção de sua alma ficou comprometida e mutilada por causa dessa troca! Foi o cavalo, lembra-se?

João — Ah, meu cavalo.

Regina — Sim, seu cavalo, lembra-se?

JOÃO — Lembro-me, sim. Ele está ali. É quem me dá tudo o que peço. Você já viu meu jardim de árvores frondosas?

REGINA — Não. Nunca vi seu jardim, nem quero ver seus bens amaldiçoados.

JOÃO — *(Da escada.)* Há muita paz ali. É a paz da sombra, à beira d'água, perto de riachos que cantam canções de notas prateadas. Tal música adormece a memória de quem ouve. A minha está repleta desses sons de ouro. Ah, meu jardim de sombra, já sinto a sua falta. Já vou, já vou voltar para lá. *(Vai saindo.)*

REGINA — João, saia daí! Essa sombra e essa água são malditas. Volte ao mundo!

JOÃO — O mundo é duro! *(Sai.)*

REGINA — É verdade. Mas é essa dureza que permite a luta que nos dá salvação. Volte, volte, João! Fugiu!

Entra o ANJO DA GUARDA*, vestido de frade.*

ANJO DA GUARDA — Estou de volta, fui buscar ajuda. Onde está João?

REGINA — Fugiu, mas não perdi a esperança de que ele volte. Ele está melhor do que da última vez. Lembra-se de seu velho nome e trata-me com mais bondade, sem aquele ódio que nos espreitava a cada instante.

ANJO DA GUARDA — Entretanto não tem olhos para o sofrimento dos outros nem para o remorso de seus crimes.

REGINA — E o senhor? Onde esteve?

ANJO DA GUARDA — Fui ao mosteiro.

REGINA — Ao mosteiro?

ANJO DA GUARDA — Sim, ao mosteiro onde moro e de onde vim um dia.

REGINA — Ah, sim.

ANJO DA GUARDA — Passei por nuvens, estrelas, pelo firmamento, e cheguei afinal à minha casa.

REGINA — E que trouxe de lá para ajudar a salvar João da Cruz?

ANJO DA GUARDA — A certeza de que Deus tudo vê. E a solução para o caso dele.

REGINA — Qual é ela?

ANJO DA GUARDA — O amor. Só ele pode tirar João da Cruz do esquecimento em que mergulhou.

REGINA — Então tenho uma solução, uma sugestão para fazer.

Anjo da Guarda — Qual é?

Regina — Quando nós éramos meninos, um de nossos companheiros salvou João de morrer afogado. João se ligou a ele por uma amizade que durou toda a vida. Chamava-se Silvério, esse amigo. Agora ele é cangaceiro, vive de um lado para outro, perseguido pela polícia, sem achar descanso nem um minuto. Quem sabe se João não era capaz de um sacrifício por ele? Minha ideia é boa?

Anjo da Guarda — É ótima. Talvez ele se mova pela piedade e pelo amor. E somente assim pode se salvar dessa vida falsa que está levando.

Regina — Mas como pôr o plano em prática?

Anjo da Guarda — Ah, isso é comigo. *(À parte, ao Anjo Cantador.)* Irmão, saia e venha vestido como gente.

Regina — Eu, como gente? E como é que estou vestida?

Anjo da Guarda — O quê? O que foi que você disse?

Regina — Eu não disse nada, quem falou foi o senhor.

Anjo da Guarda — Não falei com você não.

Regina — E com quem foi que o senhor falou?

Anjo da Guarda — Falei ali para fora, com um cantador que eu trouxe lá do mosteiro.

Regina — E ele não se veste como gente não?

Anjo da Guarda — Não, estava muito mal vestido e eu o aconselhei a mudar de roupa.

Regina — Ah, sim. E que vai fazer o cantador?

Anjo da Guarda — Os romances dele vão falar do caso de João. E por meio deles, João terá que se decidir. Amor e piedade unidos são colunas invencíveis. Aí vem ele.

Entra o Anjo Cantador, vestido de calça de mescla, alpercatas e camisa abotoada no pescoço. Traz a viola, como sempre.

Regina — Senhor cantador, ajude-nos, por favor. Precisamos de seus cantos para ajudar um amigo.

Anjo Cantador — Farei o que puder. Mas não sei como...

Anjo da Guarda — É fácil. Vou chamar para cá o amigo de que ela fala. Queremos que ele se lembre de um amigo, para ver se ele fica bom da doença que o atacou.

Anjo Cantador — Que doença é essa?

Regina — Está meio esquecido.

Anjo Cantador — Ah, entendo. Está doido, não é?

Anjo da Guarda — Mais ou menos. Vou chamá-lo aqui. Você cantará um romance que conte a história de um rapaz que salva o amigo. Depois esse rapaz perde o pai assassinado e, com o ressentimento, cai no cangaço. Perseguido por uma volante da polícia, o rapaz procura salvação junto ao amigo que recusa a ajuda. Sem ter quem o ajudasse, o pobre é morto pela volante. Entendeu?

Anjo Cantador — Entendi.

Anjo da Guarda — Então fique aqui que ele já vem. João da Cruz! João da Cruz! Ô João da Cruz! Lá vem ele. Vamos embora, fique só com ele.

Saem o Anjo da Guarda *e* Regina. *O* Anjo Cantador *fica dedilhando a viola e cantando baixinho.*

Anjo Cantador

Jesuíno já morreu,
acabou-se o valentão.
Morreu no campo da honra,
não se entregou à prisão,
por causa duma desfeita
que fizeram a seu irmão.

Entra João da Cruz *com um girassol.*

João — Olá, o senhor é cantador?

Anjo Cantador — Homem, sou e não sou.

João — É e não é? Como é isso?

Anjo Cantador — Eu canto para louvar a Deus no mosteiro em que vivo, nas estrelas.

João — No mosteiro em que vive?

Anjo Cantador — Sim.

João — Nas estrelas?

Anjo Cantador — Sim. E minha música é uma só.

João — É mesmo? Deve ser muito boa, para o senhor cantar assim a vida toda. Como é ela?

Anjo Cantador

Santo, santo, santo,
é o Senhor Deus dos exércitos.
Os céus e a terra estão cheios de sua glória.
Hosana nas alturas.
Bendito seja o que vem em nome do Senhor.
Hosana nas alturas.

JOÃO — É só isso?

ANJO CANTADOR — É.

JOÃO — E o senhor canta isso toda a vida?

ANJO CANTADOR — Canto.

JOÃO — Esquisito. Mas enfim, cada um com seu gosto, não é?

ANJO CANTADOR — É.

JOÃO — E além disso o senhor não sabe cantar mais nada?

ANJO CANTADOR — Sei, quando é preciso. Sei cantar histórias de bois, de cangaceiros…

JOÃO — Quer cantar alguma para eu ouvir? Gosto tanto de ouvir os cantadores do sertão!

ANJO CANTADOR — Então lá vai.

Meu irmão, ouça o romance
de Silvério, o cangaceiro,
que era amigo da pobreza
e inimigo do dinheiro:
morreu porque nunca teve
um amigo verdadeiro.
Viveram em Taperoá
dois rapazes do sertão.
Um chamava-se Silvério,
o outro chamava-se João.
Os dois viviam unidos
por amizade de irmão.
Um dia houve uma trovoada,

uma chuva prematura.
O rio se encheu na noite,
formando a corrente escura,
e João quis cruzar o rio
julgando a sorte segura.
A correnteza arrastou-o,
João viu da morte o deserto.
Gritou: “Silvério, me acuda!”
O amigo, que vinha perto,
atirou-se na corrente,
trouxe João a lugar certo.
A vida tem labirintos
confusos e desiguais:
um inimigo de Silvério
matou seus queridos pais.
Silvério vingou a morte,
sumiu-se pra nunca mais.
Viveu como cangaceiro,
da polícia perseguido,
pois o homem que matara
era rico e protegido.
Nunca matou por maldade,
nem perseguiu desvalido.
Mas sucedeu que a polícia
um dia cercou o pobre,
que a lei da morte é malvada,
pega branco, preto e nobre;
com sete palmos de terra,
qualquer um homem se cobre.

Silvério inda lutou muito,
mas, quando se viu cercado,
correu, pulou uma cerca,
indo cair num roçado
que pertencia ao amigo,
que era já homem abastado.
Ele disse: “João me salve,
que a polícia vem aí!”
João respondeu: “Meu amigo,
a estrada é por ali.
Se você fica, a polícia
me mata também aqui!”
Silvério olhou-o nos olhos
e correu sem dizer nada.
Não pôde chegar no mato:
quando botou o pé na estrada,
uma bala de fuzil
deu fim à sua jornada.
A vida é uma dura estrada,
Raros mantêm gratidão:
Ingratos, depois da morte,
Aparecem como são.
Nosso Deus é quem coroa
O puro de coração.

João — Não cante mais, maldito!

Anjo Cantador — Que é isso? Que foi que eu lhe fiz?

João — Seu romance foi cantado de propósito!

Anjo Cantador — De propósito? Para quê?

João — Para me lembrar uma coisa que estava esquecida. É tempo de parar.

ANJO CANTADOR — É tempo de parar, não, João, é tempo de lembrar! Você deve sua vida a Silvério. É verdade que agora ele é cangaceiro, mas isso não é da sua conta. Para você, a única coisa que importa é que ele foi seu amigo. Ele vem aí, perseguido pela volante. Que é que você vai fazer para ajudá-lo?

JOÃO — Não sei, não sei! Ah, não se pode viver no esquecimento! Meu passado vem me perseguir onde quer que eu esteja!

ANJO CANTADOR — Não é o passado, João, é Deus! Decida-se: Silvério vem aí.

Um grito. Entra SILVÉRIO *correndo.*

SILVÉRIO — Ai, João, estou perdido! Só você pode me valer!

JOÃO — Quem é você? Que há?

SILVÉRIO — É a volante, João. Só você pode me salvar. Eu vivo perseguido por toda parte. Silvério corre sempre e nunca dorme. Há sempre uma volante me espreitando, em todo canto. Nas estradas, nos rios, nas estrelas, em toda parte a morte me contempla, de uniforme.

JOÃO — *(Em transe.)* A volante é meu passado que me procura, não quero ser tocado por seus rifles. Seria aprisionado novamente!

SILVÉRIO — Mas você é a única esperança que me resta. *(Som de tambor.)* Está ouvindo? É o tambor da volante. Já vem perto. Que é que eu posso fazer? A força se aproxima. Ah, João, me dê seu cavalo! Com ele eu poderei fugir!

JOÃO — Que cavalo?

SILVÉRIO — É possível? Você, mentindo? Não acredito, João da Cruz. Eu não vi seu cavalo lá fora? Vai negá-lo? Não, não acredito, João. Me dê o cavalo e eu nunca mais lhe pedirei nada. Mas me dê esse cavalo!

JOÃO — Não, nunca. Meu cavalo é a única coisa que eu tenho para lutar contra a sombra do passado. Fuja só, ainda há tempo.

SILVÉRIO — Pois adeus, João da Cruz! Que é que Silvério ainda quer no mundo depois que João da Cruz lhe nega a vida? Nada, porque nada mais tem valor para ele. Adeus, João da Cruz, amigo ingrato! *(Corre.)*

Rufar de tambores, crescendo. JOÃO *tapa os ouvidos. Um tiro.*

JOÃO — Valha-me Deus, valha-me Deus, valha-me Deus! Quem sou eu? Silvério vai morrer! Ah, não. Vá, meu cavalo. Perca-se tudo quanto acumulei, contanto que se salve meu amigo. Vá, meu cavalo, e salve meu amigo!

Toque alegre de clarins e fanfarras. JOÃO *cai de joelhos. Entra o* ANJO DA GUARDA *e* REGINA *aparece no alto da escadaria, cantando e dançando.*

REGINA

João da Cruz,
seu jardim acabou-se
e seu cavalo já se perdeu.
Você se libertou
no amor sem mancha,
que seu amigo bem lhe mereceu.
Meu amor, você está livre agora. Grande coisa é o amor!

JOÃO — Estou livre… Mas para quê? É tarde, é muito tarde para mim. Eu me perdi de mim mesmo. Que faço aqui? Que roupas diferentes! Minha vida se acabou!

ANJO DA GUARDA — Comece uma nova, João da Cruz, é tempo ainda!

JOÃO — Estou começando a me lembrar. Mas há tanta coisa confusa, ainda! Meu pai morreu? E minha mãe também?

REGINA — Morreram ambos.

ANJO DA GUARDA — Foram para a morada da justiça.

JOÃO — Então tudo é verdade. É verdade que estive nas cavernas onde numa noite de sangue fuzilam raios de esmeralda. E é verdade que mutilei minha alma em troca do poder, que era uma chama criada por meus olhos vendidos e turbados. Estou perdido. Que fazer para compensar tudo isso?

ANJO DA GUARDA — Eu lhe direi depois, é minha obrigação. Mas há coisas mais urgentes para fazer. Vamos destruir o que ficou ainda intacto nesse jardim de morte e confusão. *(Sai.)*

JOÃO — Você, Regina… Minha amiga constante na desgraça!

REGINA — Para mim, você sempre foi o mesmo, João da Cruz.

JOÃO — Só você seria capaz de ter ainda palavras de bondade e amor por mim. Ainda reconhece João da Cruz, apesar de todos os seus crimes? E não despreza o criminoso João Sem Medo?

REGINA — Para mim, você foi sempre o carpinteiro! Volte comigo para a tenda, João, e estarei paga pela fé que mantive em sua volta.

JOÃO — Não. Agora só voltarei depois que pagar em penitência os crimes que cometi. Vá, Regina. Quero que você tome parte na destruição deste jardim onde eu me entregava ao esquecimento. E se, depois de tudo isso, ainda me quiser, voltarei para casa e serei seu. Vá ajudar o frade a quebrar o que ainda resta.

REGINA — Está bem, irei. Mas não saia sem que eu o veja. Quero ainda falar com você. Promete?

JOÃO — Prometo. Estarei aqui, à sua espera. Mas quero contemplar as ruínas do jardim, para ter certeza de que estou seguro.

Sai REGINA. *Trovões. Aparecem o* CEGO *e o* GUIA. JOÃO *está sobre a escadaria, de costas para o público, olhando o jardim.*

GUIA — Você foi derrotado. Sua presa está ali de joelhos, rezando com remorso.

CEGO — E você acaso está menos derrotado do que eu? De quem foi o plano do jardim?

GUIA — Meu, mas ainda tenho esperanças. Para a terra. João não está perdido. Hei de voltar ao ataque e vencerei. Adeus, cego. Pode voltar a suas chamas. Boa sorte de outra vez. *(Raio. Desaparece.)*

CEGO

Será que estou perdido? Tenho braços.

Que fazer? Vou matá-lo, pelo menos.

Eu hei de me vingar: hei de matá-lo!

Dê-me vista, meu rei, dê-me meus olhos!

Venham, forças do mal, baixem meu braço!

E que o sangue de João ensope a terra,

como um parto da sombra e da maldade

engendrado por mim no seu cavalo!

Enquanto recita, o CEGO *vai se aproximando, tateando, da escadaria. Ele a sobe ao som de um tambor e, quando chega perto de* JOÃO, *dá-lhe uma cacetada com o cetro em forma de cobra. Trovões. Escuro. Quando se aclara,* JOÃO *está na sua velha casa, preparada como o aposento do paraíso. O presépio continua, mas há um trono vazio em frente dele. Iluminação diferente e enfeites cênicos; cantos em surdina.* JOÃO *está no chão, desmaiado.*

JOÃO — Onde estou? Meu jardim desapareceu, desmoronou-se. Meu cavalo fugiu e sinto-me como se estivesse livre de novo. Onde estará Regina? Este canto faz meu coração se sentir jubiloso. Há quanto tempo eu não sentia paz! Ah, se eu tivesse ouvido meu pai!

Começo a me lembrar melhor de tudo! Minha mãe está morta. Meu pai também. E eu? Que faço aqui perdido?

Entra o Retirante.

Retirante — Então você também chegou! É isso mesmo: termina tudo do mesmo jeito. Eu e você, um retirante e o grande príncipe sem medo.

João — Eu sou um carpinteiro, João da Cruz.

Retirante — Um carpinteiro? E seu reino, o tesouro de poder que acumulou à custa de tantos crimes?

João

Meu reino que matava nas raízes
a fonte de meu sangue, a seiva, as águas,
desmoronou-se inteiramente, amigo.
Graças a Deus por isso: era maldito,
mutilei a minha alma em troca dele,
para dormir no sono do perigo.
Troquei-o por escuro esquecimento:
estive num jardim de sono e morte.
Mas quando ia sair de suas grades,
onde soavam cânticos mortais,
aconteceu alguma coisa estranha:
adormeci num poço de fagulhas
e acordei neste quarto e nesta paz.
Quem é você que me conhece tanto?

Retirante — Um pobre retirante sertanejo, que fugiu da seca do sertão e de seu reino. Nunca pensei que ia encontrar aqui o grande João Sem Medo.

João — Agora carpinteiro João da Cruz.

Retirante — É estranho, você agora está diferente: não me causa medo nenhum.

João — A calma que reina aqui me apaziguou. Estou achando tudo tão estranho! Principalmente o lugar. Parece a minha velha casa, mas está mudada!

Retirante — Parece sua casa? Esquisito!

JOÃO — Esquisito por quê?

RETIRANTE — Porque parece com a minha, também. Desde que cheguei que penso nisso. Talvez seja por isso que eu me sinto tão bem aqui.

JOÃO — Eu também, se bem que esteja achando tudo muito estranho.

RETIRANTE — Isso passa. Logo que cheguei, também me senti assim. Agora estou melhor, como se tivesse morado sempre aqui e esse fosse o lugar de minha casa.

JOÃO — E faz tempo que você chegou?

RETIRANTE — Dois dias. Talvez hoje venha alguém para nos julgar.

JOÃO — Para nos julgar?

RETIRANTE — Sim, por que não? Aqui se faz um julgamento prévio, que os sinos podem confirmar ou não.

JOÃO — Não estou entendendo nada.

RETIRANTE — Não se incomode não, porque tudo se explica já.

JOÃO — Para que serve esse julgamento?

RETIRANTE — Ora para quê! Para decidirem se vamos lá para baixo ou ali para cima. Deve vir para cá um dos juízes que vão nos julgar. Se fomos justos lá na terra, o juiz nos absolve e espera o toque: se o sino bate, vamos para o céu. Mas se nós não prestamos…

JOÃO — O que é que acontece?

RETIRANTE — Você inda pergunta? Descemos por ali para o inferno.

JOÃO — Quer dizer que…

RETIRANTE — Que o quê?

JOÃO — Que eu estou morto?

RETIRANTE — E então? Estamos mortos. Você não disse que passou num poço de fagulhas?

JOÃO — Disse.

RETIRANTE — Deve ter sido aí. Eu morri na estrada, vendo zimbórios, sob o sol feroz, cúpulas de prata, muros de pedra e sede e tiros de fuzis imaginários, que seu reino criava para nós.

JOÃO — Quer dizer que você morreu na seca: fome e sede.

RETIRANTE — E o medo do seu reino não se esquece. *(Toque de clarim.)* Deve ser o juiz que vem chegando. *(Entra o PEREGRINO com o rosto coberto.)*

JOÃO — Valha-me Deus! Meu pai, você não morreu? Você é meu pai? Ou é alguém tão parecido que engana até meus olhos filiais?

PEREGRINO — Sim, você está enganado, João da Cruz. Não sou seu pai.

JOÃO — Quem é então?

PEREGRINO — Um dos juízes que julgam os que morreram.

JOÃO — Então é verdade que morri.

PEREGRINO — Não, você não morreu. Seu corpo está somente desmaiado, lá na terra. Você voltará para lá. Esta visão foi uma dádiva que Deus lhe fez para exemplo seu. Com ela, você terá uma ideia do julgamento que o espera quando morrer.

JOÃO — Mas para mim? Como foi possível?

PEREGRINO — Uma amiga sua mereceu isso, pela vida que levou. Foi pedido dela.

JOÃO — Regina.

PEREGRINO — Sim, Regina.

JOÃO — Quando eu chegar, vou agradecer a ela.

PEREGRINO — Você não a encontrará nunca mais.

JOÃO — É possível?

PEREGRINO — É não, é certo. E basta. Cuide de você.

JOÃO — Serei julgado agora?

PEREGRINO — Não, é cedo ainda. Você está vivo.

RETIRANTE — E eu?

PEREGRINO — Você morreu, será julgado agora.

Clarim. Entram o ANJO DA GUARDA *e o* ANJO CANTADOR.

JOÃO — Senhor frade! Que faz aqui vestido de anjo?

ANJO DA GUARDA — Sou seu anjo da guarda, João da Cruz. Eu me vestia de frade para que você pudesse suportar minha presença e para segui-lo melhor.

ANJO CANTADOR — Foi ele quem traçou aquele plano do romance da morte de Silvério, para que você despertasse do sono que ia levá-lo à perdição.

ANJO DA GUARDA — Também nisso Regina me ajudou.

JOÃO — Graças a Deus. E eu voltarei ao mundo?

Peregrino — Seu tempo não terminou. Você será ainda uma vez provado na terra.

João — Mas você fica comigo!

Anjo da Guarda — Fico, é claro. Mas você também precisa me ajudar.

João — Tenho medo. Sou tão fraco diante da tentação!

Anjo da Guarda — Agora você já tem mais experiência. Feche-se bem nos muros que Deus fez na sua Igreja. Ali você estará seguro contra tudo.

João — E meu pai? Posso vê-lo? Posso ver minha mãe?

Peregrino — Não, não pode.

João — Nem meu amigo Silvério, que me salvou a vida? Deixei que ele morresse, não foi? Posso vê-lo para lhe pedir perdão?

Peregrino — Também não, João da Cruz. É muito cedo. Quando você morrer, poderá, se for digno disso. Agora não.

Anjo da Guarda — Vamos voltar.

Peregrino — Esperem. Ouça, João: não se esqueça da paz que sentiu aqui. Por ali, os remidos seguirão para um roçado de vida e de luz pacificada. Não é um como você teve, feito de sono e de mortal esquecimento, é a água, a sombra, as árvores e Deus no meio delas. Volte, acredite no que eu digo, cumpra sua parte do contrato e será salvo, pois é o que Deus quer.

Anjo da Guarda — Olhe bem, João da Cruz. Olhou? Agora, vamos.

Clarim. Escuro. Desaparecem o Anjo da Guarda *e* João da Cruz.

Retirante — O senhor não é o peregrino que encontrei naquela encruzilhada?

Peregrino — *(Descobrindo o rosto.)* Sou, sou eu. Sou o pai de João da Cruz.

Retirante — E por que enganou seu filho?

Peregrino — Para que ele confie no julgamento como numa lei de justiça em que não há favor.

Retirante — Talvez ele venha a ficar desesperado.

Peregrino — A missa lhe dirá claramente várias vezes. Deus é justo e por isso mesmo usará com ele de misericórdia.

Retirante — A misericórdia! E eu, senhor?

Peregrino — Pode subir.

Retirante — E o julgamento?

Peregrino — Eu já o conheço bem. Pode subir em paz. Se os sinos confirmarem o que eu penso, pode ficar aqui eternamente.

Sinos festivos. O Retirante *sobe para o céu, abraçado pelo* Peregrino. *Escuro. De novo a encruzilhada.* João da Cruz *desmaiado.* O Anjo da Guarda, *vestido de frade, com barba grisalha.* João *desperta. Está barbado também e veste a túnica dos peregrinos.*

João — Ai! Senhor frade! Você também?

Anjo da Guarda — Eu também, João da Cruz. Devo guardá-lo.

João — É verdade. Sinto as pernas e as costas tão cansadas!

Anjo da Guarda — Não é cansaço não, João. Foi o tempo que passou.

João — O tempo? Eu só tenho vinte e poucos anos, senhor frade.

Anjo da Guarda — Você dormiu cinco anos, João da Cruz.

João — Meu Deus, o que é que quer dizer isto?

Anjo da Guarda — Da pancada que levou, até aqui, foram-se cinco anos. Deus quis abreviar sua jornada.

João — Grandes coisas faz Deus no céu e na terra! E agora? Quero voltar para casa e trabalhar.

Anjo da Guarda — Para quê, João? Você não conhece mais ninguém em Taperoá. Todos os seus amigos já morreram.

João — Todos?

Anjo da Guarda — Todos.

João — E Regina?

Anjo da Guarda — Também está morta. Morreu de desgosto, julgando você morto. E é preciso que você compense de certo modo todos os crimes que cometeu.

João — Que devo fazer, então?

Anjo da Guarda — Levá-lo-ei a um santo homem que vive numa serra da Espinhara. Você vai viver com ele. Aprenda com ele a viver humildemente e espere sua morte.

João — Quanto tempo?

Anjo da Guarda — Não posso lhe dizer, mas não está longe, João.

JOÃO — Então vamos à serra. E possa agora haver renúncia e amor, onde morava a sede do poder e da ambição.

Escuro. O GUIA *aparece como* DIRETOR.

GUIA

Então pegou o que tinha,
deu de esmola aos desgraçados
e disse: "Vou para os montes,
ver se purgo meus pecados,
para ver se um dia sou
um dos bem-aventurados."

Ainda hoje cantam os cegos sertanejos a respeito de João da Cruz. Enquanto se prepara a gruta, vejam João da Cruz peregrinando pelos caminhos do sertão. O frade o acompanha. Foram os dois a Taperoá, venderam tudo o que João tinha e distribuíram o dinheiro com a pobreza. Agora chegam à serra pelada e pedregosa da Espinhara onde mora o eremita. E fico por aqui, pois agora todo o trabalho de meu partido está a meu cargo e devo estar preparado. Desvela-se a cortina da furna sertaneja e, em ritmo cada vez mais acelerado, o espetáculo caminha para seu fim.

Raio. Desaparece. A gruta do sertão, sem os tronos. Entram o ANJO DA GUARDA *e* JOÃO DA CRUZ.

ANJO DA GUARDA — Chegamos! É aqui que vive o santo homem de quem lhe falei.

JOÃO — Que devo fazer aqui, perdido nesta serra, neste fim de mundo?

ANJO DA GUARDA — Você irá aprendendo aos poucos, à sua própria custa, mas aconselhado pelo velho. Lá vem ele.

Entra o EREMITA.

ANJO DA GUARDA — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

EREMITA — Louvado seja, para todo sempre. A quem procuram?

ANJO DA GUARDA — Ao senhor.

EREMITA — Posso ajudá-los em alguma coisa?

ANJO DA GUARDA — Se o senhor pudesse, gostaria de deixar meu amigo aqui. Ele renunciou a tudo, para procurar o caminho que leva à vida eterna. Quer ficar aqui, ouvindo e praticando o que o senhor pode lhe ensinar.

Eremita — É sempre uma alegria receber-se qualquer hóspede. Os que nos pedem pouso são como bênçãos enviadas por Deus, para repartirem conosco as alegrias que ele nos dá. Um hóspede deve ser recebido como se fosse o próprio Cristo que nos batesse à porta. Seja pois bem-vindo. E João da Cruz também.

Anjo da Guarda — Só ele é quem fica. Eu vou-me embora.

João — Você vai me abandonar?

Anjo da Guarda — Isso é segredo. Adeus.

João — Deus o acompanhe. Você me ensinou a suportar os ásperos caminhos da pobreza. Adeus, meu anjo. Até a eternidade.

O Anjo da Guarda *sai e volta, vestido de anjo, moço como sempre, invisível para os dois. Entra na gruta.*

Eremita — Pode sentar, a casa é sua.

João — Sentar-me? Onde?

Eremita — Aqui no chão, no chão que Deus nos deu. É ele quem nos dá roçados, sementes, pasto para os animais, caminho para os rios e assento para os homens. E é ele quem, no fim, dá o abrigo mais seguro para aqueles que começam a se sentir cansados de andar no caminho estreito e duro.

João — É exatamente este o caminho que procuro. Como encontrá-lo?

Eremita — Você deve começar pela coragem da renúncia.

João — Eu renunciei a tudo antes de vir para cá. À fortuna, ao triunfo, ao poder... Deixei tudo o que existia de bom, para vir para cá à sua procura.

Eremita — Se você tivesse renunciado de bom grado, não chamaria bom ao que perdeu.

João — É verdade.

Eremita — Não importa, o primeiro passo é o mais difícil e já foi dado.

João — Preciso viver só?

Eremita — Não. Pelo contrário, com o espírito que você tem, o melhor é aprender a ter estima a todas as criaturas de Deus. Tudo é bom, tudo vive em paz, tudo é perfeito, se você põe seu Criador antes de tudo.

João — Prefiro assim. Sou fraco à tentação e assim poderemos estar sempre juntos, para que você me ajude.

Eremita — Mas com o tipo de trabalho que adotamos aqui você terá que cultivar seu campo só.

JOÃO — Que adotaram? Há mais alguém aqui?

EREMITA — Há sim, aí vem ele.

O ANJO DA GUARDA *aparece à entrada da gruta, fazendo gestos como se exortasse alguém a sair. Entra* SILVÉRIO*, de túnica e barba, como* JOÃO*.*

SILVÉRIO — Que coisa estranha! Eu estava na gruta e, de repente, fui assim como que empurrado para fora.

EREMITA — Nada se perde: assim você pode receber e saudar o amigo que vai morar conosco.

SILVÉRIO — É este?

JOÃO — Sou eu. Meu nome é João da Cruz.

SILVÉRIO — João da Cruz? É possível?

JOÃO — Sou eu, sim. Quem é você?

SILVÉRIO — Eu sou Silvério.

JOÃO — Silvério! *(Abraçam-se, comovidos.)*

SILVÉRIO — João!

JOÃO — Então você não morreu, amigo?

SILVÉRIO — Não. Seu grito chegou a tempo. Fui somente ferido.

EREMITA — Ele se arrastou, sangrando, pela estrada. Abrigou-se afinal atrás de uma pedra, onde eu o encontrei gemendo e quase morto. Socorri-o como pude e trouxe-o para cá.

SILVÉRIO — Agora estou aqui, com este homem a quem devo a vida. Ele me convenceu a pagar todos os meus crimes. E eu tenho pago o que posso. É uma vida dura e trabalhosa, João, mas estou começando a me sentir em paz com meu coração.

JOÃO — Graças a Deus por nosso encontro. Quis procurá-lo por todo o sertão para lhe pedir perdão por minha covardia, na hora em que você precisou de mim. Mas pensei que era tarde e que você estava morto.

EREMITA — Então você já conhecia João da Cruz?

SILVÉRIO — Devo minha vida a ele.

JOÃO — E eu devo a minha a você, que me tirou da água. Estamos pagos.

EREMITA — Fiquem então à vontade. Eu volto já. *(Entra na gruta.)*

SILVÉRIO — Quanto tempo, João, desde que deixei Taperoá! Como viveu você durante esse tempo?

JOÃO — Consegui mais do que queria. E achava sempre pouco.

SILVÉRIO — Deu-se o mesmo comigo. Primeiro, quis vingar a morte de meus pais, por minhas próprias mãos. Depois tive vontade de me tornar famoso, para que todos soubessem que a morte deles tinha sido um crime monstruoso. Depois, já queria me tornar famoso, sem mais nada. E assim fui caminhando até aquele ponto em que você me encontrou, na estrada, perseguido, coberto de sangue e de raiva como se tivesse voltado do inferno.

JOÃO — Da caverna de fogo, onde os raios penetram no sangue como um Fogo de desespero! Também estive nela muito tempo.

SILVÉRIO — Eu fui bandido, João, e você foi um dos poderosos na terra. Vamos então procurar agora, no deserto, aquilo que o poder não pôde dar.

JOÃO — Como vive o eremita? Rezando, somente?

SILVÉRIO — Não, rezando e trabalhando. Um dia viu em sonho um milharal enorme, no qual os retirantes vinham buscar milho. Agora nós trabalhamos aqui, para ver o sonho realizado. Rezamos e trabalhamos. Na última seca, já podemos atender a muitos famintos que vieram nos procurar. Nós juntamos aí na gruta todo o milho que colhemos, menos aquele de que precisamos para não morrer de fome. Hoje era o dia marcado para irmos cada um de nós ao lugar escolhido para a plantação deste ano. Você irá conosco?

JOÃO — Irei, se é disso que preciso.

SILVÉRIO — Cada um de nós plantará seu roçado e, acabada a safra, juntaremos aqui o milho para distribuí-lo pelos retirantes. Ele aí vem.

EREMITA — *(Entrando.)* Silvério já lhe disse o que tem a fazer?

JOÃO — Já. Preciso rezar e trabalhar no roçado de milho, para os retirantes.

EREMITA — Sim, mas espero que você não se esqueça: há um sentido nisso tudo. A obrigação que eu me impus, e impus a vocês também, significa que nossa renúncia não tem sentido negativo. E é preciso que o deserto frutifique no sol, como um roçado. É isso que nossas obrigações significam. Silvério, traga o milho. *(SILVÉRIO entra na gruta.)*

EREMITA — A noite cobre tudo com seu manto.

JOÃO — Aqui existe um pouco daquela paz que só senti uma vez.

EREMITA — As estrelas envolvem a terra de doçura como se fossem uma bênção e uma compensação ao sol. Parecem prometer a paz futura.

Volta Silvério *com três mochilas de milho.*

Silvério — Eis aqui o milho, meus irmãos.

Eremita — É tempo de partir. Vamos juntos. Depois, cada um de nós deve escolher seu caminho e seu lugar. Arrancado o milho, devemos voltar para cá e quem chegar primeiro espera os outros. É tempo de partir e semear.

Saem com o milho. O Guia *aparece, cerra a cortina da gruta e se dirige ao público.*

Guia — E lá se foram eles, cada um para seu roçado. Muitos dias se passaram e os três perseveraram no trabalho. Enfim, hoje estão de volta e já se regozijam com o resultado da colheita e a esperança do encontro. Acontece, porém, que durante esses dias, eu achei João. Marquei bem o lugar de seu trabalho. Vi-o curvado sobre a terra, que ele ama, como todo sertanejo. E foi com ela que me peguei para atraí-lo. Aprendi a distingui-lo pela túnica e pela barba, e agora espero-o aqui. Os dias se passaram e o ano terminou. É noite de Natal. E aí vem ele. Desvele-se a cortina da gruta do sertão e, com mais um ano passado no palco, o espetáculo cresce em ritmo para atingir o cume, de acordo com a regra e meu desejo. E aí vem João.

Entra Silvério *com um saco às costas.*

Silvério — Desejo-lhe saúde e paz, meu filho!

Guia — O mesmo lhe desejo, João da Cruz.

Silvério — Ah, você está enganado, eu sou Silvério. João da Cruz deve vir por aí. Você o conhece?

Guia — Muito, sou um grande amigo dele.

Silvério — Espere um pouco. Vou guardar esse milho. *(Olha em torno.)* Há qualquer coisa esquisita, aqui. Parece que até a luz está diferente! *(Entra na gruta.)*

Guia — *(Rindo.)* Então vocês estão guardando milho! Pode-se dar um jeito nisso. Mas se o eremita chegar, estou perdido, ele me conhece mais do que eu mesmo. O melhor que tenho a fazer é me disfarçar. Assim não há perigo de João da Cruz me reconhecer, no caso de ele ainda se lembrar de tudo. E para isso, nada melhor do que as barbas e o hábito de frade.

Raio. Desaparece. Silvério *volta.*

Silvério — Agora está tudo como antes. Parece que voltou a paz antiga. Que coisa esquisita, aquilo que senti! Talvez fosse o cansaço. Mas onde está o moço? Com certeza saiu para encontrar João.

Entra JOÃO DA CRUZ *com um saco.*

JOÃO — Saúde, irmão.

SILVÉRIO — Que Deus seja louvado. Esteve um rapaz aqui à sua procura.

JOÃO — Um rapaz?

SILVÉRIO — Sim, e bem mocinho ainda.

JOÃO — Estranho, isso. Os únicos amigos que me restam são vocês. Os outros já morreram há muito tempo. Para onde foi ele?

SILVÉRIO — Pensei que tinha ido a seu encontro.

JOÃO — Não vi ninguém. Nem o eremita. É o último a chegar.

SILVÉRIO — Mas você há de ver que a colheita maior é a dele. Vou esperá-lo na encruzilhada. *(Sai.)*

Raio. Aparece o GUIA *disfarçado de frade, com barbas.*

GUIA — Saúde, João da Cruz.

JOÃO — Então é você, meu anjo? Há quanto tempo eu não o via. *(Abraça-o, mas parece sentir qualquer coisa e se afasta levemente intrigado.)*

GUIA — Anjo?

JOÃO — Você não é o meu anjo da guarda?

GUIA — Anjo da guarda… Sim, sou, é claro! Vim tomar conta de você.

JOÃO — Noto as coisas um tanto diferentes. Sinto-me inquieto como nos velhos tempos. Que será isso?

GUIA — Nada, isso é cansaço. Você trabalhou muito.

JOÃO — É verdade. Você viu?

GUIA — Eu não o deixei um só instante. Lembro-me bem de você no roçado, trabalhando na terra cheirosa do sertão. O que é que você traz aí no saco?

JOÃO — Milho. Milho dourado e graúdo, doado pela terra em troca de meu trabalho.

GUIA

Eu sei como é que o milho sai da terra:

a semente conduz na própria carne

o gosto de crescer até o fim.

E vira planta. Traz-nos o desejo

de plantar, de colher cada vez mais.

Não sente esse desejo?

JOÃO

Sinto sim.

Amo a terra, o roçado e o milharal,

que balança os pendões ao vento fresco,

a partilha do vinho, o sangue e o sol.

GUIA — Pois é preciso amá-los por si mesmos, como fruto da terra e só da terra. Nisso tudo, só vejo um perigo, é o sol matar os pés mais novos. Você não tem medo deste sol? Trabalha-se um ano inteiro, limpa-se o mato, faz-se a plantação, e as pobres sementes morrem de sede, na terra quente, porque o sol é impiedoso no sertão, não é?

JOÃO — É, é uma coisa terrível. Todo o meu sangue estremece a esta ameaça.

GUIA — E o sol está subindo. A essa hora, os pés mais novos do seu milho devem estar secando.

JOÃO — Não!

GUIA — É verdade, João, o sol vai destruir o seu roçado! Corra para lá! Se você for logo, pode levar água da barragem e salvar a maior parte.

JOÃO — O sol destruirá os meus roçados!

GUIA — Se você não os acudir logo. Vá!

JOÃO — Mas os outros?

GUIA — Que têm eles?

JOÃO — Prometi esperá-los. Que fazer? Que farei?

GUIA — Eles podem cuidar da colheita sós, como sempre fizeram.

JOÃO — Mas dei minha palavra.

GUIA — Então fique. Fique e veja seu roçado se acabar, por falta de ajuda! Mas era tempo, ainda. Se você fosse agora, ainda poderia salvar quase tudo, quase tudo que é seu e de mais ninguém.

JOÃO — Eu vou. Diga aos outros que já volto. *(Sai correndo.)*

Um tambor soa, como nos circos indicando perigo.

GUIA — Vá, João da Cruz, corra! Agora, amando desse modo o seu roçado, meu trabalho está feito. Venci sua piedade, desgraçado! *(Enquanto fala, tira a túnica de frade e as barbas. SILVÉRIO volta, correndo.)*

SILVÉRIO — Que foi que você fez de João da Cruz?

GUIA — *(Rindo.)* João danou-se! E esse milho que você juntou, vou destruí-lo, vou espalhá-lo na terra, como barro.

SILVÉRIO — Ah, maldito! Bem que eu pressenti alguma coisa. Agora sei de tudo. Onde está João? *(Investe para o GUIA.)*

GUIA — Afaste-se, senão morre! Tenho força para isso, se bem que não posso enganá-lo! Não venha, que eu o mato!

Entram na gruta, lutando. Um grito. Um toque de sino e o GUIA sai de costas, recuando da gruta, cobrindo o rosto com o braço. Raio. Desaparece. O ANJO DA GUARDA sai da gruta, correndo; veste o hábito do frade e põe as barbas deixadas pelo GUIA. Entra o EREMITA com um saco às costas.

ANJO DA GUARDA — Depressa, que Silvério está morrendo!

O EREMITA entra na gruta. Um grito e JOÃO DA CRUZ aparece, como o GUIA na cena anterior, cobrindo o rosto com o braço, de costas para a cena, com a túnica rasgada e suja.

ANJO DA GUARDA — Insensato! Que foi que você fez?

JOÃO — Deixei que o amor à terra escurecesse tudo aquilo que devia vir primeiro!

ANJO DA GUARDA — Mas como, João da Cruz? Como é que você pôde fazer isso? Depois de tanto tempo, quando tudo ia tão bem!

JOÃO — Fiquei com medo de perder meus roçados e abandonei tudo, sem me lembrar de que eles não pertenciam a mim, nem a Silvério, e nem mesmo ao eremita, mas a Deus que os criou e que criou a mim também!

ANJO DA GUARDA — Está sentindo alguma coisa? O que é que você tem nos olhos?

JOÃO — Vi a majestade de um dos anjos de Deus em sua glória. Eu cheguei ao roçado e comecei a correr o milharal, para verificar o que perdera. O cheiro da terra e do mato foi tomando conta de meu sangue, como se eu fosse enlouquecer. Então eu me deitei na terra, para abraçá-la. Nesse momento, uma espada vermelha se abateu sobre o baixio que eu tinha cultivado e tudo destruiu. A luz brilhante cegou meus olhos.

ANJO DA GUARDA — Coitado, coitado do meu João! Sua cabeça está sangrando!

JOÃO — Tropecei na terra, quando corria, para fugir ao fogo. Senti que minha cabeça tinha batido numa pedra e desmaiei. Sinto-me muito fraco, parece que minha hora chegou. Onde estão meus irmãos?

ANJO DA GUARDA — Na gruta. Silvério está ferido.

JOÃO — Ele também? Deve ter sigo o guia.

ANJO DA GUARDA — Foi.

JOÃO — E vai morrer?

EREMITA — *(Voltando da gruta.)* Já morreu, João da Cruz. Silvério acaba de morrer.

JOÃO — Eu logo o seguirei. Mas ele morreu por minha causa e desta vez é certo, pois fui eu que permiti a entrada daquele que o matou. Má fortuna, a minha, má fortuna, filha de minhas paixões e que aniquila todos aqueles que se aproximam de mim! Sinto a morte chegar, meu santo velho. Levem-me para a gruta. Quero ver meu amigo Silvério pela última vez aqui na terra. Não com meus olhos cegos, destroçados, mas com a visão eterna que só o amor e a amizade podem dar! *(Entra na gruta, amparado pelo EREMITA.)*

ANJO DA GUARDA — Vá, João da Cruz! Morreu Silvério e você o seguirá. Minha missão terminou, quanto a você! Mas devo ainda depor no julgamento. João da Cruz e Silvério serão julgados hoje. E eu sou seu anjo, guarda e fundamento. *(Para o EREMITA, que vem entrando.)* Então?

EREMITA — Morreu. Morreu junto de Silvério. Que Deus se compadeça de sua alma. Em breve chegará a minha vez. Queira Deus que não demore muito, pois já estou começando a me sentir cansado e saudoso. Saudoso desse lugar, onde João da Cruz e Silvério devem estar chegando agora.

ANJO DA GUARDA — Pois adeus. Que Deus esteja com você. Eu vou. Vou depor, como guarda e fundamento. Minha missão na terra terminou.

Escuro. O GUIA *entra e se dirige ao público, depois de correr a cortina da gruta.*

GUIA — A missão dele terminou e a minha também. Só posso agora ficar à espera. Minha luta é contra a ressurreição da carne. Se o julgamento for favorável a João, seu corpo ressuscitará. Se não, a corrução será meu prêmio, a podridão permanente que lhe dará a cada instante a sensação e a angústia de morte. Então sua carne será mais minha do que nunca o foi. E o cego terá aquilo com que sempre sonhou, a alma de João, eterna e manchada. Mas não posso mais intervir no julgamento. É ficar e esperar. Desvela-se a cortina do aposento que vocês já conhecem e o espetáculo continua, com o julgamento de João e de Silvério.

Descerra a cortina da casa de João, com o presépio e preparada como o aposento do céu. Silvério, moço como antes da cena da gruta, está deitado no chão e vai despertando aos poucos. Entra o Retirante, vestido de alguma maneira que mostre sua nova qualidade de bem-aventurado.

Silvério — Onde estou?

Retirante — Você logo o saberá. Vim ajudá-lo.

Silvério — Senti-me de repente transportado… Não sei por onde. Tinha a impressão de que estava vendo as estrelas de perto. Mas era tudo tão difícil de precisar! Vi fontes, urnas de pedra por onde a água corria. Mas eram coisas como nunca tinha visto, como bronze esculpido no deserto.

Retirante — Talvez você tenha visto tudo isso, quando vinha para cá.

Silvério — Que foi que aconteceu?

Retirante — Você morreu, amigo.

Silvério — Então foi isso! E que vim fazer aqui?

Retirante — Esperar seu julgamento.

Silvério — Esperar com paciência. Aprendi isso, nas esperas do sertão. Sempre soube ficar atrás de uma pedra, no sol, à espera de um soldado que passasse. Saber esperar foi sempre qualidade de Silvério.

Retirante — Silvério, o cangaceiro? Você é Silvério, a quem chamavam de Fuzil de Prata?

Silvério — Sim, sou Silvério, o Fuzil de Prata, que corria as estradas do sertão. A todas percorri, levando a morte que conduzia, escondida na prata do fuzil. Até que a morte me ameaçou na encruzilhada e o sertão conheceu outro Silvério, magoado, solitário e arrependido.

Escuro. Clarão, e João da Cruz cai ao chão. Sobe a luz, mas Silvério não parece ter se apercebido de nada. O Retirante reanima João.

Retirante — Acorde, acorde, João da Cruz.

João — *(Erguendo-se.)* Aqui de novo. Será desmaio?

Retirante — Não, agora você morreu mesmo.

João avista Silvério, que tem ficado à parte, e corre para ele, ajoelhando-se a seus pés.

João — Silvério, meu amigo, quero lhe pedir perdão. Causei sua morte e dessa vez foi sem retorno! Perdoe este louco que se chama João da Cruz!

RETIRANTE — Não adianta, João, ele não o ouve mais.

JOÃO — Por quê?

RETIRANTE — Você teve culpa na morte de Silvério e ele vai ser testemunha no seu julgamento.

SILVÉRIO — Sinto-me bem, aqui. Mas queria saber alguma notícia de meus dois companheiros que deixei na terra.

JOÃO — Mas eu ouço o que ele diz! Silvério, Silvério!

RETIRANTE — Não adianta gritar. Você o ouve porque ele nada teve a ver com sua morte, mas ele não ouve seus gritos. *(Toque de clarim.)* Aí vem o juiz que vai julgá-lo. *(Entram REGINA e o ANJO CANTADOR.)*

JOÃO — Regina! Até que enfim!

REGINA — Até que enfim, João da Cruz!

JOÃO — Você é quem vai me julgar?

REGINA — Não, vou fazer sua defesa.

ANJO CANTADOR — Defesa! *(REGINA senta-se em seu lugar.)*

ANJO CANTADOR — Acusação! *(Raio e entra o CEGO, ficando em seu lugar.)* Juiz! *(Entra o PEREGRINO com o rosto coberto.)*

JOÃO — Senhor! Lembro-me bem de quando estive aqui. Já o conheço, o senhor é aquele que me ajudou e que pensei que era meu pai.

PEREGRINO — Eu também o conheço, João da Cruz. Também estou lembrado. Vocês serão julgados agora, Silvério primeiro e João depois. *(Senta-se em seu lugar.)* Começa o julgamento de Silvério.

REGINA — Peço-lhe que me ajude, cantando a vida de Silvério e de João da Cruz.

ANJO CANTADOR — Pois não.

CEGO — Mas eu estarei aqui para corrigir o que for deixado de lado ou estiver errado.

PEREGRINO — É justo. Podem começar.

ANJO CANTADOR

Silvério era natural

do sertão da Espinhara.

CEGO

Foi cangaceiro famoso,

trazia a morte na cara.

Anjo Cantador

Para isso foi levado,
pois um homem desalmado
seu pai e mãe matara.

Cego

Seu nome como assassino
foi temido, foi famoso.

Anjo Cantador

Salvou o amigo da morte,
num rio cheio e raivoso.

Cego

E tornou-se cangaceiro.
Salvou este companheiro
por achar o feito honroso.

Anjo Cantador

Cercado pela polícia,
viveu pobre e perseguido.

Cego

Muito mais perseguiu ele,
como um cachorro mordido.

Anjo Cantador

Mas chegou ao que era certo,
sofreu muito no deserto
e morreu arrependido.

Peregrino — Está certa a história?

Silvério — Está, senhor.

Peregrino — Veja o que diz, ela será a base de seu julgamento.

Silvério — Está certa, senhor. Tanto quanto eu posso ver, esse é meu retrato.

Peregrino — Está bem.

Regina — Mas seja compassivo com Silvério. A terra do sertão é muito dura e duros são os homens que ali vivem, sob o sol forte e entre aquelas pedras que parecem gritos de agonia ou enormes animais emudecidos pela morte!

Peregrino — Silvério está julgado.

Regina — Diga então qual foi a sentença.

Peregrino — É preciso julgar o amigo ingrato. Depois direi se foram condenados. João da Cruz, agora é sua vez.

João — Todos conhecem já a minha história. Para que repeti-la? Julgue logo!

Regina — É triste a sua história, João da Cruz. Você sofreu muito!

Cego — E foi causador de muitos sofrimentos, lá na terra. Exijo o julgamento e as testemunhas.

Peregrino — É justo. Eis que chega a primeira.

Toque de sino. Entra a Mãe, com manto azul e estrelas. João corre para ela.

João — Minha mãe! Sou eu!

Retirante — Não adianta, ela não ouve. É também testemunha em sua história.

Peregrino — O que é que você diz de seu filho João da Cruz?

Mãe — Deixou-me numa noite de Natal.

Peregrino — É a única coisa de que o acusa?

Mãe — Eu não o acuso de nada. É o que estava mais gravado em minha carne, que espera, na terra, a ressurreição dos mortos.

Peregrino — Ele causou sua morte?

Mãe — Sofri muito com sua partida, mas não sei se morri por causa dele.

Cego — Bem poderia ter morrido. Ele consentiu na morte de sua mulher, em meu reinado.

Mãe — Nunca estive no reino da cegueira.

Cego — Mas não importa, o mandamento foi transgredido.

Regina — Se o caso fosse como ele insinua, teriam sido transgredidos dois, em vez de um.

Peregrino — Só um pode lhe ser imputado.

Mãe — Do mal que a mim causou, meu filho se arrependeu. Tive a certeza disso, depois que aqui cheguei.

João corre para ela e, ajoelhado, chora a seus pés. Mas a Mãe não o vê.

Regina — Dessa falta está livre, João da Cruz.

Peregrino — *(Descobrindo o rosto.)* Eu mesmo testemunha sou, agora. Sou o pai de João da Cruz.

João — Bem que eu o sentia. Meu pai!

Retirante — Também não ouve mais. Agora é testemunha.

Peregrino

Morri esperando João da Cruz na tenda.
A ambição do poder, do mando e glória,
os dourados clarins da tentação,
o amor da carne e o sopro das trombetas,
faziam João odiar nossa pobreza,
e as ásperas madeiras do sertão.

Regina — Mas deve conduzir-se com justiça.

Peregrino — É verdade e eu o sei. João quis voltar.

Regina — Dessa falta você também está livre. Pois quis à velha casa regressar.

Peregrino — E agora você, Silvério. Que diz de João da Cruz?

Silvério

Nada posso dizer. Gosto de João.
Sempre foi meu amigo e, se foi fraco,
quem pode atirar pedras, lá no mundo?
Salvei-lhe a vida. E ele me salvou,
com um grito, da morte e da volante.
Perdeu, por causa disso, grande parte
do poder que juntou, turvo e profundo.
Depois foi meu irmão no meu trabalho.
Se foi culpado ou não de minha morte,

não sei. Como não sei se arrependido
ficou de ter amado tanto a terra.
Não assisti seus últimos instantes:
já vinha percorrendo outras paragens,
num carro de ouro e fogo chamejante.

PEREGRINO — De que morreu Silvério?

CEGO — Assassinado. Meu guia assassinou-o em sua gruta.

REGINA — É mentira. Essa luta de Silvério foi somente figura do desgosto que ele sentiu, ao ver o sentido de seu trabalho se desviar inteiramente pela deserção de João da Cruz. O crime é menos grave.

Aqui soa um tambor e o CEGO se põe de pé, para a acusação final. O encenador deve dar grande ênfase a esse trecho, se lhe for possível.

CEGO

Minha hora chegou. Mortos, ajudem-me!
Todos aqueles a quem João pisou,
ressentidos, sedentos e danados!
Não se chega ao poder daquele modo
sem que o sangue goteje na coroa.
Eu os conjuro, ó mortos condenados!

JOÃO — Que visão pavorosa! Estou perdido!

CEGO

Tenho direito a João que se vendeu
e a quem meu sangue agora amaldiçoa!
Tenho direito a João que se vendeu
em troca desse sangue e da coroa!

REGINA — João renunciou ao poder, à glória, a tudo, para salvar o amigo. E deixou tudo isso, depois, para procurar, na gruta, o caminho do arrependimento. Afaste-se daqui, cego maldito! E que o juiz liberte João das chamas imortais desse tormento!

PEREGRINO — Não posso me decidir agora. O ponto essencial da questão não foi resolvido, pois não sabemos como João morreu.

Regina — Ninguém viu João da Cruz morrer no mundo? Anjo cantor!

Anjo Cantador — Eu não.

Regina — Nem você?

Retirante — Nem eu.

Regina

É possível? Não há uma testemunha?
Ó surja, amigo oculto, e salve João.
Eu conjuro as celestes potestades,
conjuro os tronos e as dominações!
Ouçam o apelo de quem ama e sofre
e devolvam-me a vida de meu João!

Toque de clarim. Entra o Anjo da Guarda.

Anjo da Guarda — Eu sei como morreu seu filho, pai.

Regina — Então fale. João da Cruz se arrependeu?

Anjo da Guarda — Arrependeu-se. E morreu dizendo: "Saí de casa numa noite de Natal, talvez seja remido no Natal!" *(Aqui descerra violentamente a cortina do presépio e todos se ajoelham.)*

Cego — *(Grande grito.)* Ai! Meus olhos morreram novamente! *(Raio. Desaparece.)*

Canta-se uma Aleluia e a Mãe *corre para* João.

Mãe

Ah, João da Cruz, meu filho! Enfim chegou,
chegou, à sua casa e ao seu portal.
Eis seu presépio. É dádiva de Deus.
Seu pai guardou-o para o seu Natal.

Peregrino

Venha, meu filho. Venham todos dois.
A história de vocês é muito triste;
é cheia de vergonha e confusão,
suja, mesquinha, errada e sem grandeza,

como qualquer história sobre a carne.
Mas vocês combateram contra o sangue
e maior que o pecado é a redenção.

Regina

E eu encontro afinal meu pobre João.
Tanto que o amei na terra e nunca pude
amá-lo em paz perfeita e em coração.
Mas essa sarça turva aqui se aclara
no fogo apaziguado e na canção.
Aqui se pode amar na sombra calma,
pois maior que o pecado é a redenção.

Peregrino

É preciso porém que os sinos toquem,
confirmando a sentença que firmei.

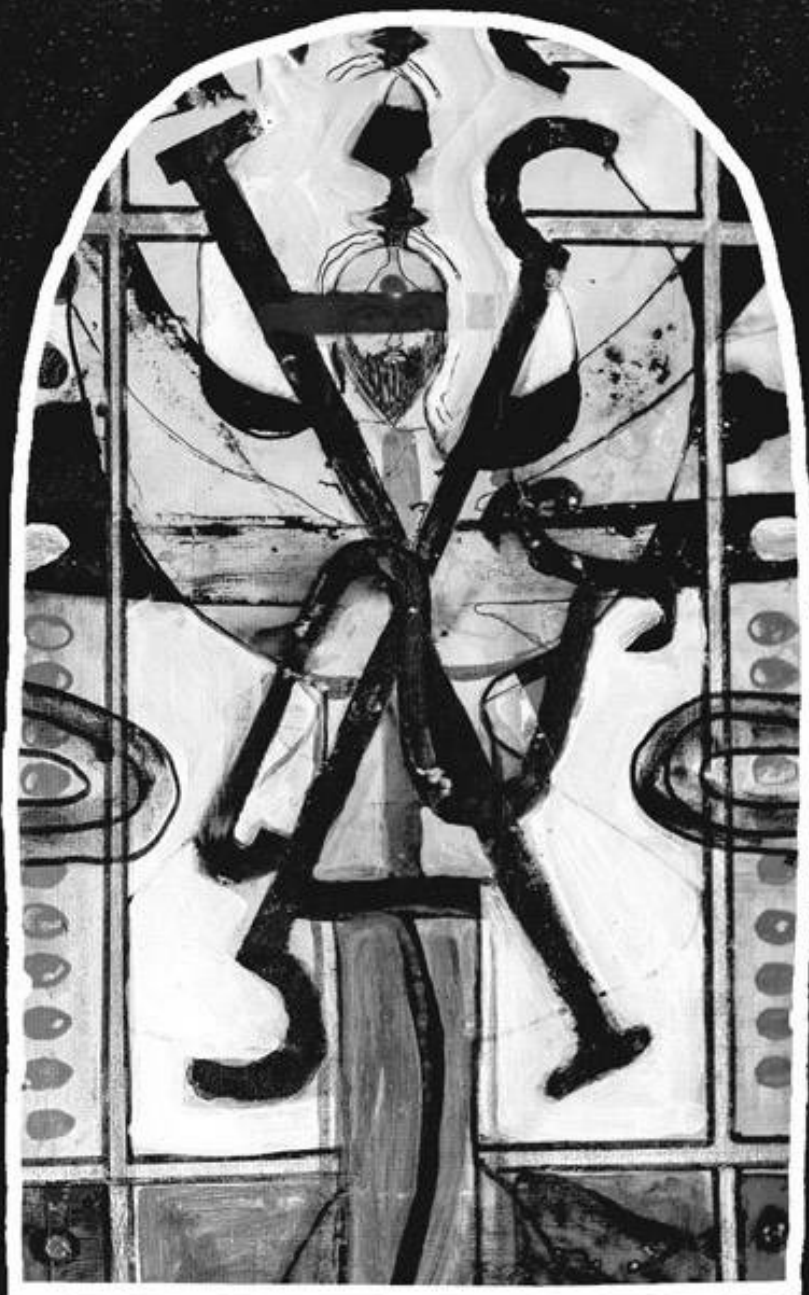
Todos

Ó sinos de ouro e fogo do Natal!
Ó pássaros dourados do verão!
Em nome do Menino que nasceu
repiquem no seu canto a remissão,
pois se a carne é manchada e sempre escura,
bem maior que o pecado é a redenção!

Soam sinos festivos. Sobem todos para o céu, numa cena de amor reconciliado e, quando a música soa, fenece o presente Auto.

PANO.

O Arco Desolado



A Rainha Suassuna

1952

ADVERTÊNCIA

A peça *O Arco Desolado* é baseada na mesma lenda polaca que serviu a Calderón para a tragédia *La Vida es Sueño*.

Ao dr. João Asfora dedico esta peça, como testemunho da gratidão que lhe devo e da amizade que me soube despertar.

A.S.

"... uma conversa sem palavras entre a vida e a vida, o mistério e o mistério."

MACHADO DE ASSIS.

Na sombra profunda
chega Aquele
de quem meus olhos têm sede.
Sua Morte é a Promessa,
sua Cruz é meu apoio.
Ó espantoso Resgate!
Ó signo de meu terror!
O ventre se junta à tumba
para a Geração da dor.

Velho canto da Igreja Oriental, em *Le Rivage des Syrtes*, de JULIEN GRACQ.

PERSONAGENS:

PATRÍCIO, o rei

CARLOS, irmão de Patrício, duque no estrangeiro

RODOLFO, príncipe estrangeiro, filho de Carlos

BERNARDO, fiel servidor de Patrício

CLÁUDIA, sobrinha de Patrício e de Carlos

ESTELA, sobrinha de Patrício e de Carlos, irmã de Cláudia

MARCÍLIO, conde

SIGISMUNDO, filho da rainha, de pai desconhecido

CLEMENTE, pastor

ESPIÃO

CORO

CENÁRIO

Vasta sala de paço real. Portais, cortinas e reposteiros. Comunicação com a câmara onde agoniza a rainha. Balaustrada servida de escadarias para o Coro, que deve ficar em situação independente, em vista de seu caráter impessoal e impassível. Não toma ele, propriamente, parte na ação, a não ser para conduzir ao mundo exterior o príncipe Sigismundo; suas falas não são ouvidas pelos personagens. Somente Sigismundo as pressente, e assim mesmo, na parte final e como que numa ressonância interior. Porta secreta, disfarçada por cortinas, conduzindo à cela de Sigismundo.

> *Penumbra e silêncio. Poucos castiçais acesos. Numa cadeira, Estela repousa com a cabeça apoiada no braço. O Espião, vindo do quarto da rainha, esgueira-se pela sala e vai sair, mas de repente esconde-se atrás de uma cortina. Rodolfo sai do quarto da rainha.*

Rodolfo — Estela! Estela! A rainha está morrendo.

Estela — Meu Deus!

Rodolfo — Diz ao rei que venha. Chama todos.

> *Sai Estela. Rodolfo volta ao quarto. O Espião sai de seu esconderijo e retira-se apressadamente, evitando Estela, Patrício, Carlos e Bernardo, que entram enquanto ele sai pelo lado oposto. Rodolfo aparece à porta do quarto.*

Patrício — Como está ela, Rodolfo?

Rodolfo — Morreu, senhor.

Patrício — Morta, já? Não é possível, quero vê-la. *(Entra no quarto com Estela e Carlos.)*

Bernardo — Morreu logo, a rainha?

Rodolfo — Morreu sim.

Bernardo — É uma desgraça para todos nós. Que tendes? Vossas mãos tremem.

Rodolfo — É a morte. Que coisa terrível é a sua presença!

Bernardo — Agora, os rebeldes atacarão. Esperavam somente a morte da rainha.

RODOLFO — Por que não os atacamos nós, antes que saibam da notícia? Poderíamos romper o cerco aproveitando a surpresa e a escuridão da noite.

BERNARDO — O plano do rei é outro. Precisamos ganhar tempo, até que cheguem reforços da província. Enviei mensageiros a Marcílio, pedindo-lhe que viesse parlamentar antes do ataque. Em breve saberemos de sua resposta. Vou ordenar que tragam o ataúde em que ficará o corpo. *(Sai. Entra* CLÁUDIA*.)*

RODOLFO — Cláudia…

CLÁUDIA — *(Repelindo-o.)* Deixa-me. Então eras tu quem cuidavas da rainha?

RODOLFO — Era.

CLÁUDIA — E deixaste-a só, apesar de tudo?

RODOLFO — Deixei-a, sim.

CLÁUDIA — A tanto chega então tua maldade! Ela morreu por tua culpa.

RODOLFO — Estás enganada. Confia em mim.

CLÁUDIA — Confiar em ti! Não gosto de ouvir a tua voz. Ela parece suja de sangue, de um sangue que não é somente o teu. Eu nunca te perdoarei. Quero que saibas disso agora, quando a rainha acaba de morrer. Tu me pagarás.

Entra ESTELA.

ESTELA — Rodolfo, atende ao rei. Ele te chama. *(Sai RODOLFO para o quarto.)*

CLÁUDIA — Que tem o rei?

ESTELA — Creio que deseja ordenar qualquer coisa quanto à revolta. Ficou lá, sentado junto ao corpo da rainha, sem nada dizer. Rompeu o silêncio somente para chamar Rodolfo e perguntar pela resposta dos rebeldes.

CLÁUDIA — É isso que se chama um homem de estado, um heroico homem de estado. No entanto, a rainha…

ESTELA — Cláudia, que tens?

CLÁUDIA — Nada. É que não posso ver a rainha morta e o resto continuar como se nada tivesse acontecido. Eu a amava muito.

ESTELA — Na verdade, foi ela a mãe que nós conhecemos. Entra. Vai vê-la pela última vez. Vão colocá-la já no ataúde.

CLÁUDIA — Não. Não quero vê-la morta. É como se fosse eu própria.

ESTELA — Não temas, minha irmã. A morte não a marcou tanto assim.

Cláudia — No entanto não posso vê-la. Irei depois que o ataúde estiver fechado. Para mim, sua morte é mais terrível do que qualquer outra.

Estela — Por quê?

Cláudia — Porque ela pertencia à mesma raça a que pertenço.

Estela — No entanto tu és moça, ainda. Para o rei é muito mais terrível. Muito triste deve ser a morte de uma pessoa amada quando a velhice se aproxima.

Cláudia — Cala-te. Ele aí vem.

Entram Patrício, Carlos *e* Rodolfo.

Estela — *(Abraçando Patrício.)* Meu tio!

Patrício — *(Dominando-se.)* Quero que o corpo fique onde está, enquanto não possamos realizar os funerais.

Cláudia — A essa será erguida lá. Bernardo tomou todas as providências.

Patrício — De repente, tudo parece vazio. Parece que só a morte é que dá a medida de cada um de nós. Quão mesquinha e triste deve ser a condição de homem para que essa verdade seja possível!

Carlos — É um fato, entretanto.

Patrício — Que tens, Carlos? Estás mortalmente pálido.

Carlos — *(Sentando-se.)* Não é nada. O choque foi muito grande para mim. Eu adormecera, de cansado, e acordei com a voz de Estela anunciando a morte. Fiquei transtornado.

Estela — Descansai um pouco. Ainda não dormistes desde a vossa chegada.

Entra Bernardo.

Bernardo — Senhor, perdoai que vos fale agora dos assuntos de estado, mas é necessário que o faça. Os enviados dos rebeldes em breve estarão aqui.

Carlos — O tempo urge. Que pensas lhes propor, Patrício?

Rodolfo — Uma ação decidida romperia o cerco. Deixai-me tentá-la, meu tio.

Patrício — Não. Aguardo reforços da província ao amanhecer. Meu desejo é retardar o assalto até que cheguem as tropas, para então atacá-los por dois lados. Agora, estamos em situação inferior. Quando a embaixada chegar, deixai-me falar à vontade. Não vos espanteis do que eu disser.

BERNARDO — O que me espanta em tudo isso é ver Marcílio à frente dos rebeldes. Ele que sempre foi tão devotado ao trono.

RODOLFO — Não te iludas. Ele aspira ao trono baseado no seu parentesco com o rei.

PATRÍCIO — Que rumores são esses?

BERNARDO — Senhor, é a embaixada dos rebeldes. Marcílio veio pessoalmente, escoltado por nossos oficiais.

PATRÍCIO — Deixai-nos sós aos homens.

Saem CLÁUDIA *e* ESTELA. BERNARDO *faz um gesto à porta.* MARCÍLIO *entra e ajoelha-se diante do rei.*

PATRÍCIO — Ergue-te, Marcílio. Por que fingir o gesto de uma obediência que não me prestas mais?

MARCÍLIO — A minha lealdade é sempre a mesma. Hei de provar o que vos digo. Antes de tudo, porém, deixai-me prestar minhas homenagens à rainha.

PATRÍCIO — Espera. Cuidemos do interesse do estado. Não vês o sacrifício que exijo de mim próprio? Quais são as exigências dos teus? Reduze-as a um mínimo, para tentarmos a paz.

MARCÍLIO — Já as reduzi, na proclamação que lancei ao reunir o meu exército, senhor. Exigimos, antes de tudo, a expulsão dos estrangeiros dos postos-chave do exército.

CARLOS — Falando claramente, é contra meu filho que o povo se rebela.

MARCÍLIO — Exatamente, senhor. O exército comandado pelo filho de um duque estrangeiro será sempre um perigo para a sua própria pátria.

PATRÍCIO — Rodolfo é meu sobrinho.

MARCÍLIO — Mas não nasceu aqui. *(A CARLOS.)* E o senhor perdeu a cidadania, quando aceitou o ducado estrangeiro.

PATRÍCIO — Por que tanta desconfiança, Marcílio? Rodolfo sempre me foi leal e prestou grandes serviços ao exército.

MARCÍLIO — Estais enganado. O príncipe Rodolfo não vos é leal.

RODOLFO — Prova então qualquer ato desleal que eu tenha cometido contra o rei.

MARCÍLIO — Espero fazê-lo dentro em breve. Por enquanto, sabei somente, senhor, que se não nos tivéssemos levantado, a estas horas o trono estaria em mão dos estrangeiros.

CARLOS — Que insinuação é esta? Que queres dizer?

MARCÍLIO — Julgai que não sabemos que sentido teve a vossa viagem apressadamente resolvida para aqui?

CARLOS — Vim ver minha cunhada que estava à morte!

MARCÍLIO — Vínheis forçar a renúncia do rei quando da morte da rainha, isso sim. Como o rei não tem filhos, o sucessor indicado no caso de abdicação seria o príncipe Rodolfo. Eis aí o que tramáveis ao vir para cá: a queda do rei e a conquista do poder.

PATRÍCIO — Mesmo que fosse verdade o que dizes, o problema em que tocaste é inevitável. Não tenho filho que me suceda, de modo que ao morrer…

MARCÍLIO — Por isso mesmo nós exigimos uma solução agora. Esta é então a segunda exigência. Desejamos a vossa renúncia imediata em favor de vossa sobrinha mais velha.

PATRÍCIO — Em favor de Cláudia? O reino precisa de um pulso de homem. Na verdade, eu, Bernardo e teu pai organizamos o estado de tal forma que a máquina funciona sozinha. Mas, mesmo assim, não é tarefa para mulheres.

MARCÍLIO — Eis outro ponto que sonho corrigir. Talvez eu vos desgoste, mas espero que a nova rainha deixe ao povo o direito de organizar de outro modo o estado. As vossas reformas…

PATRÍCIO — São consideradas por todos um grande benefício, a grande obra de meu reinado.

MARCÍLIO — Eu não penso assim, senhor. O estado, do modo como o deixastes, impede os homens de entrarem em comunhão com o seu rei.

BERNARDO — Tua paixão te cegou a este ponto? Felizmente teu pai é morto.

MARCÍLIO — Meu pai era um cego, ele sim. O rei abandonou o posto que ocupava. Era o filho mais nobre de seu povo, investido por este da coroa, para que o servisse, humanizando as formas do poder. Que faz o rei agora pela pessoa de cada súdito?

CARLOS — Achas que serias um rei melhor? Teu modo de falar insulta o rei.

MARCÍLIO — Por quê? Não podeis mais ouvir a voz de um homem, senhor? De um homem que conseguiu romper essas cadeias do estado à custa de sacrifícios incontáveis?

PATRÍCIO — E para que forçaste este rompimento? Em busca de quê? O que desejas, na verdade, é configurar o estado a teus sonhos.

MARCÍLIO — Deixai os meus sonhos em paz. Vós não sabeis…

BERNARDO — Deixemos antes essa inútil discussão. O que importa é tentar uma solução pacífica. O rei tem razão em dizer que o reino precisa de um pulso de homem. Por outro lado, teus homens não se conformam com a sucessão do príncipe Rodolfo, por

ser estrangeiro. Na verdade, porém, é ele o sucessor legítimo do rei, não se falando de seu pai…

Carlos — Eu, de modo nenhum aceito a sucessão.

Bernardo — É o que eu julgava. O príncipe é assim o descendente mais próximo em linha masculina. Proponho o seu casamento com a princesa Cláudia, como solução. Que achas, Marcílio?

Patrício — É uma proposta razoável. Eu renunciaria, como desejas, em favor de Cláudia, e Rodolfo auxiliaria seu reinado, como esposo e conselheiro.

Marcílio — Em que estaria mudada a situação? O rei de fato seria o príncipe.

Patrício — Recusas a proposta, então?

Marcílio — Recuso.

Patrício — Mas se eu renunciar ao trono em favor de Cláudia, como queres, ela terá de casar de qualquer forma.

Marcílio — Se ela aceitar a sucessão, deve se curvar às exigências do seu cargo e aceitar também a decisão do conselho quanto ao esposo que lhe convém.

Rodolfo — E esse esposo serás tu, com certeza…

Marcílio — Só no rei reconheço autoridade aqui, senhor. Qualquer sugestão que não parta dele não tem nenhum sentido para mim.

Patrício — Vai então e consuma o teu ataque traiçoeiro contra o melhor amigo de teu pai. Nada mais temos a dizer.

Marcílio — Está bem, irei. Hei de voltar, não para vos trair, como dissestes, mas para alijar daqui os verdadeiros traidores.

Bernardo — Marcílio, espera um pouco.

Patrício — Deixa ir o conde, Bernardo.

Bernardo — Devo fazer revelações que talvez mudem completamente o destino do reino, senhor. A rainha proibiu-me de falar nesse assunto a qualquer pessoa. Sei no entanto que, para evitar a guerra, ela me desligaria de meu juramento. Além disso, no seu delírio, falou-me ela do fato, como se desejasse que vós dele tivésseis conhecimento, pois ao falar, referia-se também a vós. E como está ela morta, peço-vos autorização para revelar tudo.

Patrício — Que tens a revelar? Tens a minha inteira aprovação. Fala.

Bernardo — Meu senhor, tendes um filho.

PATRÍCIO — Um filho? Eu?

BERNARDO — Sim, vós.

PATRÍCIO — Estás louco.

BERNARDO — Estou em meu perfeito juízo. Se digo que tendes um filho é porque tenho certeza.

CARLOS — Que história misteriosa é essa? Um filho que nem o pai conhece e de quem nunca se ouviu falar?

BERNARDO — Somente eu e a rainha sabíamos de sua existência. Por ordem de vossa esposa, eu mesmo o eduquei em segredo, numa cela secreta, fechada aos olhos estranhos por uma enorme porta de pedra.

RODOLFO — Segurai o rei, meu pai!

PATRÍCIO — Então…

MARCÍLIO — Acalmai-vos, senhor.

PATRÍCIO — Deixa-me, já passou. Onde está meu filho? Onde é a cela?

BERNARDO — *(Erguendo um reposteiro.)* No fim deste corredor há outra porta secreta que somente eu e a rainha conhecíamos. Esta porta leva à morada onde está o príncipe.

RODOLFO — E nunca nenhum de nós viu essa cela, sendo ela cravada no paço?

BERNARDO — É de pequenas proporções e habilmente disfarçada pela arquitetura. Foi construída durante a noite, por um arquiteto e operários estrangeiros, que foram depois recambiados para seu país.

CARLOS — Enfim, é uma prisão. Não temes que o rei te castigue se se provar que é verdadeira a tua história?

BERNARDO — Limitei-me a cumprir as ordens da rainha. Pedi-lhe que me desse documentos que provassem ter eu apenas executado suas ordens. Afinal, talvez um dia tudo se viesse a descobrir e tratei de ressalvar a minha responsabilidade.

RODOLFO — E guardaste segredo por tanto tempo?

BERNARDO — A rainha o exigiu de mim. Fez-me mesmo jurar que nada diria a ninguém.

RODOLFO — Devias ter revelado tudo ao rei, pelo menos. Antes do juramento que fizeste a ela estava o que tinhas feito ao rei, na qualidade de teu senhor e soberano.

BERNARDO — O rei estava ausente.

CARLOS — Estás certo disso? Absolutamente certo?

Bernardo — Estou, sim. Por quê?

Carlos — Por nada.

Bernardo — Não vos lembrais, senhor, da viagem que fizestes por todo o reino, antes de iniciarmos as reformas?

Patrício — Lembro-me, sim. Foi nos princípios do meu reinado.

Bernardo — Quais foram as ordens que me destes ao partir?

Patrício — Que obedecesses a minha esposa como a mim próprio.

Bernardo — Vosso filho nasceu durante essa ausência. A rainha ocultara cuidadosamente a gravidez, para que não ficásseis preocupado com ela. E como me ordenou que me calasse quanto ao nascimento, obedeci-lhe cegamente, cumprindo vossas próprias ordens.

Carlos — Quando o rei partiu para essa viagem eu não aceitara ainda o ducado e aqui fiquei. Nunca ouvi sequer uma referência ao parto da rainha. Como se explica isto? Aqui se sabe tudo o que acontece.

Bernardo — Certamente não vos esquecestes ainda, senhor, de que a rainha viajou também, enquanto o rei estava fora. Soubestes da viagem depois, quando a rainha vos mandou uma carta dizendo que tivera de sair apressadamente para uma província…

Carlos — É verdade. Somente tu foste com ela.

Bernardo — Lembrai-vos? Foi para ter o filho que ela se ausentou. Saímos do paço à noite, vestidos modestamente. Pouco viajamos, porém, pois a rainha começou a se sentir mal e pedimos abrigo a um pastor que dormia numa gruta, nos arredores da cidade. Chamava-se ele Clemente e nunca soube que a hóspede era a sua rainha. Ali perto da estrada, naquela gruta exposta ao vento da noite, vosso filho nasceu, meu senhor.

Patrício — Com que direito me trataste assim, Bernardo? E a rainha… Por que tanto mistério? Esconder-me a existência de meu filho!

Bernardo — Quanto a mim, limitei-me a obedecer, como já disse. Mas a rainha agiu assim para bem do reino e de sua família. Creio que é conhecida de todos a tradição segundo a qual o reino sofreria males inumeráveis, se viesse a ser governado por um príncipe chamado Sigismundo…

Carlos — É verdade. O primeiro rei de nossa dinastia era muito amado pelo povo e foi um grande rei, uma espécie de santo. Como se chamava Sigismundo, surgiu, depois dele, uma tradição entre o povo de que o outro que assim se chamasse seria um sinal de trágicos acontecimentos, não só para o reino, mas para toda a sua família.

Bernardo — Vosso filho se chama Sigismundo. O parto da rainha foi difícil e o menino quase morre. Temendo a sua morte repentina, Clemente, o pastor, batizou-o com o nome do santo cuja festa se celebrava, que era o rei borguinhão, São Sigismundo. Assim, por acaso do destino, e sem que para isto interferíssemos, cumpriu-se a profecia na criança. Por outro lado, na noite anterior, a rainha sonhara um parto negro, em que uma coisa terrível cobria um animal desconhecido, de forma estranha. Não me recordo bem de suas expressões, mas ela estava aterrorizada, e temendo que o filho fosse realmente mau, que causasse ao pai e ao reino os males que seu nome lhe cravara na carne, ordenou-me, contra minha opinião, que me calasse, e construísse a prisão em que viveu seu filho, desde que teve idade para isso até agora. Até que atingisse essa idade, viveu ele na gruta, pois a rainha encarregou o pastor de criá-lo. Quando estava em idade de suportar a prisão, eu o fui buscar e encerrei-o na cela, que já estava pronta.

Rodolfo — Não acredito em tua história. É fantástica demais.

Bernardo — Eu nunca vos menti. Os fatos aí estão e contra os fatos os homens são impotentes, nada conseguem, mesmo com o sacrifício da vida.

Rodolfo — E por que te resolveste a desobedecer à rainha agora?

Bernardo — Já disse que lhe obedeci contra a minha vontade. Os documentos que tenho provarão o que digo. Enquanto era viva a rainha, guardei o silêncio que devia. Morta como está agora, porém, de que lhe serviria seu segredo? Além disso, o príncipe Sigismundo é o herdeiro legítimo do trono, e já que a revolta é causada pela falta de filhos do rei, pensei que revelando tudo talvez se evitasse a luta. Enfim a tradição não é infalível e…

Patrício — Condenar o filho a tamanha sujeição, baseada numa lenda. Por que ela fez isso? Vai e traze meu filho.

Rodolfo — Os rebeldes concordarão com essa reviravolta de seus planos?

Marcílio — Creio que sim. O povo sonha sempre com alguém como ele, surgido como por milagre para o servir. Enfim, veremos. Que caráter tem o príncipe? Desmente a tradição?

Bernardo — Eu pouco convivi com Sigismundo. Tinha que vê-lo pela pequena abertura por onde lhe levava os alimentos e o vestuário. Essa abertura é também fechada por fora e move-se por meio de um maquinismo especial, independente do que move a porta principal. Esta nunca foi aberta, por ordem da rainha. Entretanto, essa pouca convivência bastou-me para verificar que ele tem a inteligência muito viva e sobretudo um caráter ardente.

Patrício — Sua mãe visitava-o?

Bernardo — Não, nunca o visitou. Certa vez esteve a ponto de fazê-lo. Chegou até a entrada da cela. Sucedeu, porém, que o príncipe estava triste, o que lhe acontece às vezes, e chorava com tanto desengano que a rainha parou, aniquilada, e voltou correndo. Ao chegarmos aqui, ela chorava. Nunca mais voltou a falar nisso.

Patrício — Ah, Bernardo, como chegaste a permitir tal coisa? Meu único filho criado assim, nesta solidão terrível, sem culpa nenhuma da parte dele!

Bernardo — Vossa esposa mandou e eu obedeci.

Patrício — Deixa. Confio em ti. A culpa não foi tua. Nem da rainha também.

Bernardo — A culpa foi das circunstâncias. Elas tudo podem contra nós.

Patrício — Mesmo assim, terei coragem de encarar meu filho? Quantas mudanças não sofrerá ele, ao entrar em contato com o mundo?

Bernardo — O príncipe é culto e inteligente, meu senhor, pois apesar de as circunstâncias não terem permitido que ele aprendesse a ler, cuidei de dar-lhe instrução oral.

Patrício — Apesar de tudo, o choque é muito grande. Será uma experiência terrível para ele, terrível e dolorosa. De que maneira poderíamos suavizá-la?

Bernardo — Pensei em dar-lhe uma bebida qualquer, dessas que fazem dormir. Acordaria ele aqui, já como príncipe. Dir-lhe-íamos então que toda a sua vida anterior foi sonhada. Talvez assim ele aceite mais facilmente o que se passou e que é, portanto, inevitável.

Carlos — Ele não conhece a sua condição de príncipe?

Bernardo — Não. Nada sabe sobre si nem sobre os seus. Interrogava-me sempre sobre os pais, sobre as condições de sua origem. Mas a rainha me proibira de revelar tais coisas ao príncipe e eu me calei.

Patrício — Por quê? Por que até isso lhe negaste?

Bernardo — Para lhe evitar um desgosto maior. Quanto mais alta fosse a sua condição, mais triste lhe seria a sua falta.

Patrício — Não fales mais! Que ele venha logo! Coitado, até do nome foi despojado.

Carlos — Renunciarás ao trono em seu favor?

Patrício — Não sei. Estou um tanto confuso. O que quero é ver meu filho. É preciso também saber a opinião dos rebeldes.

Marcílio — Eu consultarei os comandantes. Voltarei agora mesmo ao campo e proclamarei o fato ao exército. Nada posso dizer antes de ouvir a todos.

PATRÍCIO — Esperarei aqui tua resposta. Volta tu mesmo. Se concordarem nisso os teus comandados e a luta puder ser pelo menos adiada, serás meu hóspede. Juntos, verificaremos se meu filho é capaz de constituir uma solução para o problema comum.

MARCÍLIO — É uma prova de confiança que não esquecerei. Dai-me licença.

PATRÍCIO — Vai.

Sai MARCÍLIO.

BERNARDO — Para onde devo mandar o príncipe?

PATRÍCIO — Traze-o para cá. Teu plano é bom. Que ele venha adormecido. Ao despertar, convence-o de que esteve doente desde o dia em que nasceu, mergulhado assim num torpor quase de morte. Dize-lhe que toda a sua vida anterior foi sonhada. Talvez assim ele nos perdoe o que lhe fizemos. Pobre filho! Não conhecerá nunca a sua mãe e encontrará a pátria em guerra. Esta, porém, está adiada. Estamos pelo menos ganhando tempo, graças a ele. Talvez os reforços cheguem ao amanhecer. Até lá, que ele acerte a desempenhar o seu papel.

BERNARDO — Devo vesti-lo bem, para isso. Suas roupas são velhas e rasgadas como as de um mendigo. Para evitar suspeitas, só lhe levava as roupas que os outros abandonavam aqui, por muito velhas.

PATRÍCIO — Quem tem aqui sua compleição?

BERNARDO — O príncipe Rodolfo.

PATRÍCIO — Veste-o com uma roupa dele. E agora, a cuidar dos funerais. Que o corpo seja velado pelos membros da família real, por turnos. Mandarei Estela para cá. Sinto-me cansado, triste e só. Não quero ver meu filho assim.

Sai com BERNARDO.

RODOLFO — Como sabia Marcílio que a rainha estava morta? Meu pai! Em que estais pensando, tão distraído?

CARLOS — Não é nada. Que disseste?

RODOLFO — Marcílio já sabia da morte da rainha.

CARLOS — Certamente lhe disseram quando ele vinha. As notícias logo se espalham. Em que dia nasceu Sigismundo? Ouviste Bernardo dizê-lo?

RODOLFO — Não sei. Não me lembro. Por quê?

CARLOS — Por nada.

RODOLFO — Saiamos. É preciso descansar para podermos velar o corpo.

CARLOS — Por aí não. Não quero mais vê-la.

RODOLFO — Já devem tê-la colocado no ataúde.

CARLOS — Rodolfo, crês na ressurreição da carne?

RODOLFO — Na ressurreição da carne? Não sei. Não penso nisso. E vós?

CARLOS — Eu queria poder acreditar, mas não posso, não posso de modo nenhum.

RODOLFO — Vamos. Que noite terrível!

Saem. Na penumbra crescente, chega o CORO*, com máscaras brancas aderentes ao rosto e mantos negros, conduzindo* SIGISMUNDO *adormecido. Deixam-no no meio da sala e sobem pelas escadas para a plataforma.*

CORO

Areia amarga, barro solitário
Em que o mar fatigado se alanceia,
Praia de sono e movimentos vãos
Atracada na noite sem começo!
Grande raça sem rumo, a dos humanos!
Pobres gestos de amor e de esperança
Perdidos nesses mares impassíveis.
Caminhos, gerações, ecos e vozes
Deitados pela areia sonolenta.
Quem não teme o desvelo e a sentinela?
O cego, tateando o muro e a ruína,
Espera o gume, o grito e seu traspasse:
Mas para, à voz do corno e da trombeta,
Ante o triste destroço e a nova treva.
Pressentirá talvez um outro parto?
Quem não teme a medida e seu entalhe?
O cabrito, gemendo no deserto,
Sonha o tempo em que as águas se cumpriram.
No entanto, eis que a sazão mortal desponta:

Caminhara no ventre a porta e a estrada

Preparara no parto a sede estéril,

E abraçam-se na carne o arco e o termo,

O despertar do ventre e seu suspiro.

Ó torre! Ó pedra! Ó rastro! Ó fenda vã!

Junge a coluna, cinge o teu açoite,

Come a cinza da própria solidão,

Que nas asas de cal do rito imóvel

Talvez guareça o pus, a chaga e o pó.

SIGISMUNDO — Poder-se-á, porventura, subsistir envolvido por outra vestidura que não a treva e a sombra? Onde estou? Um mundo estranho e grande. É mais um sonho sem sentido. Se eu me mover, tudo regressará ao meu silêncio e quão terrível é a mudez de Sigismundo! Eu a engendro dentro de mim e eis que, perdido nessa plenitude de treva, me assalta o sofrimento. Desgraçado de mim! Onde buscar a coragem de abrir os olhos?

Entra CLÁUDIA. *Ao ver* SIGISMUNDO, *tira um punhal do seio e dá-lhe uma punhalada nas costas.* SIGISMUNDO *domina-a e toma-lhe o punhal, ficando abraçado a ela.*

CLÁUDIA — *(Tentando soltar-se.)* Maldito! Não o matei!

SIGISMUNDO — Quem és tu? Por que tentaste me matar?

CLÁUDIA — Meu Deus, não é Rodolfo! Quem és tu? Que fazes aqui? Responde!

SIGISMUNDO — Na gruta em que vivi até agora, se é que não estou envolto nas brumas de um sonho novo, eu trabalhava em madeira, esculpindo nela as visões que me assaltavam. Sim, eu conheço bem a madeira. Teu corpo cheira a cedro recém-cortado.

CLÁUDIA — Solta-me. Eu te feri?

SIGISMUNDO — Feriste-me, sim. Não te vás embora. Fica comigo. Se me deixares só, sei que acordarei preso novamente. É verdade o que vejo? É claro que não. Logo acabará o sonho e acordarei entre as pedras, encerrado para sempre na minha solidão.

CLÁUDIA — Quem és tu? Por que estiveste preso?

SIGISMUNDO — Não sei. Meu nome é Sigismundo. E tu, como te chamas?

CLÁUDIA — Chamo-me Cláudia.

SIGISMUNDO — Cláudia. É um nome belo e novo, tão belo quanto o som de tua voz.

CLÁUDIA — Que tem a minha voz?

SIGISMUNDO — Não sei. É diferente do que eu imaginava. Nunca ouvira uma voz assim, ao mesmo tempo pura e grave, de uma gravidade cheia de doçura. Ao ouvi-la sinto como que uma exaltação. Que tenho eu? Sinto que as minhas mãos tremem. Fala, Cláudia. Talvez isso me faça adormecer, sonhar mais profundamente do que agora. Despertarei mais solitário ainda, mas pelo menos uma vez ter-me-ei sentido como um homem.

CLÁUDIA — Acalma-te, não estás preso. Deixa-me ligar-te o braço com meu lenço. Que fazes no palácio? Quem te trouxe para cá?

SIGISMUNDO — Não sei. Vivi encerrado toda a minha vida. Hoje ou ontem, não sei, senti de repente um sono pesado e sem saber como resvalei para aqui, onde acordei com essas roupas que nunca tinha visto.

CLÁUDIA — A roupa é de Rodolfo.

SIGISMUNDO — Por isso quiseste me matar? Quem é Rodolfo?

CLÁUDIA — É meu primo, filho de um irmão de meu pai.

SIGISMUNDO — Mora aqui contigo?

CLÁUDIA — Mora, sim.

SIGISMUNDO — E queres matá-lo?

CLÁUDIA — Quis. Agora, porém, creio que não terei mais coragem. Eu o odeio. Não digas a ninguém que te feri.

SIGISMUNDO — Não o direi.

CLÁUDIA — Prometes?

SIGISMUNDO — Prometo.

CLÁUDIA — Esse ódio que lhe tenho é um segredo nosso. Não te esquecerás disso nunca?

SIGISMUNDO — Mesmo que eu tentasse e quisesse esquecer o que me dizes, não conseguiria. Tuas palavras me magoam muito.

CLÁUDIA — Por quê? Disse eu por acaso alguma coisa que te fizesse mal?

SIGISMUNDO — Não. É que não estou habituado a sofrer a presença de outra pessoa e muito menos de uma mulher como tu.

CLÁUDIA — Por que disseste sofrer a presença?

SIGISMUNDO — Não sei.

Cláudia — Cala-te. Quem és tu para saber que sentido têm as tuas palavras? Sofrer uma presença. Não podes entender o que seja isto.

Sigismundo — Enganas-te, eu posso. É a única coisa que a minha solidão me ensinou, o único fato que eu trouxe comigo do mundo de onde vim. É por isso que tuas palavras estão como que me queimando. Elas partem de uma fogueira semelhante à minha.

Cláudia — Não fales mais. Tens o dom de exacerbar o meu desvario. E não posso mais!

Sigismundo — Quem te faz sofrer, Cláudia? Vives presa também? Tudo isto é somente uma nova prisão?

Cláudia — Não. Não sei. Como posso saber? Talvez seja.

Sigismundo — Não fales desse modo. Senão estou perdido e tu também.

Cláudia — Que tens?

Sigismundo — Que tenho? É que falaste como eu, não viste? Com palavras nebulosas e sem nexo, palavras que giram solitárias em torno da própria treva, e se assim falaste é porque és uma criação de meu silêncio e não uma pessoa. Agora sei que ainda estou na prisão. Cláudia, não me deixes acordar! *(Abraça-a.)*

Cláudia — Não te chegues a mim!

Sigismundo — Por quê?

Cláudia — Não sei. Não posso suportar a proximidade de teu corpo. Por que falas tanto da prisão de onde vieste? Estiveste nela quanto tempo?

Sigismundo — Não sei. Creio que nasci lá na minha prisão, se nasci como todos os outros. E tu, nasceste livre? Todos nascem livres? Dize-me, Cláudia, todos nascem livres, menos eu? Não conheço meus pais, nem sei se os tenho. Sei apenas que em mim se agita um enorme passado de sombras sem idade, desde que a treva e a pedra me engendraram na prisão, há muitos séculos.

Cláudia — Talvez eu possa alcançar misericórdia para ti. Em que pensas? Não ouviste o que te disse?

Sigismundo — Perdoa-me, é que só falei até hoje com uma pessoa e não sei o que é isto que me queres dar. Não entendo bem o que me dizes, nem consigo dizer o que quero.

Entra Bernardo.

Bernardo — Ah, chegastes, meu senhor. Como vos sentis?

Sigismundo — Esta voz... Quem és tu? *(Agarra-o.)*

Cláudia — Que tens? Solta-o!

SIGISMUNDO — Quem és tu? Responde!

BERNARDO — Sou Bernardo.

SIGISMUNDO — *(Esbofeteando-o.)* Ah, desgraçado! Tu me pagarás!

CLÁUDIA — Meu Deus! Queres matá-lo?

SIGISMUNDO — *(Tentando estrangulá-lo.)* Que morra! É a vingança com que eu sonhava!

CLÁUDIA — *(Interpondo-se.)* Solta-o! Atende ao que te peço! Não o mates!

SIGISMUNDO — Vai, então!

CLÁUDIA — Por que fizeste isso? Um homem velho como Bernardo!

BERNARDO — *(Ainda sufocado.)* Deixai-o. Esteve doente, muito doente, e é natural que não tenha…

SIGISMUNDO — Sai daqui! Não posso ficar em paz sentindo perto de mim tua velha carne apodrecida. Não ouviste? Vai, antes que eu te mate!

BERNARDO — Meu senhor, contende o vosso ódio.

SIGISMUNDO — Agora chamas-me senhor. Por quê? Não quero ser senhor nem teu nem de ninguém. Que ninguém o queira ser de mim também.

BERNARDO — Se permitirdes, eu explicarei tudo.

SIGISMUNDO — Que faço aqui neste lugar? Por que vivi preso tanto tempo? É verdade que estou livre?

BERNARDO — Estivestes doente toda a vida. Desde que nascestes.

SIGISMUNDO — E a prisão?

BERNARDO — Não havia prisão nenhuma, meu senhor. Era o quarto em que vivestes, delirando por causa da doença. Ela vos causava um torpor em que ficáveis entre a vida e a morte, entre o sono e a vigília. O mais eram sonhos de que não vos podíeis libertar. Eu sei da existência dessa prisão, porque no vosso delírio era uma verdadeira obsessão. Muitas vezes vos ouvi falar dela.

CLÁUDIA — E que faz ele aqui?

BERNARDO — É o herdeiro do trono, o príncipe Sigismundo, filho único do rei.

CLÁUDIA — Do rei?

BERNARDO — *(Acenando-lhe.)* Sim. Deixai que eu explique tudo.

SIGISMUNDO — Sou príncipe, então. Eu já o pressentia.

Cláudia — Por quê?

Sigismundo — Não saberia te dizer. Mas de uma certa forma eu sentia que a prisão não era eterna e que algum dia eu poderia dispor de mim, de modo que meus atos haviam de influir sobre os outros.

Cláudia — Teu pai é irmão do meu.

Sigismundo — Rodolfo é meu irmão, então?

Cláudia — Não. Somos filhos de três irmãos.

Sigismundo — Gosto que seja assim.

Bernardo — Não vos lembrais de ter bebido há pouco?

Sigismundo — Lembro-me de ter bebido, mas não sei quando foi. O vinho estava amargo.

Bernardo — O médico pusera nele o remédio que vos curou da sonolência. Agora estais perfeitamente bem.

Sigismundo — Mentes, cão danado!

Bernardo — Não. Por que vos mentiria?

Sigismundo — Como se explica que Cláudia não me conhecesse, se eu estava aqui doente?

Bernardo — A rainha vos manteve oculto, desgostosa por causa de vossa doença.

Sigismundo — Eis outro pressentimento meu. Se eu tivesse mãe, ela estaria fundamente ligada à minha condição. Se eu descobrir que estás me enganando…

Bernardo — Podeis acreditar no que vos digo.

Sigismundo — É essencial para mim, esse fato, entendes? Quero ver minha mãe.

Bernardo — Senhor…

Sigismundo — Não, tu não. Leva-me lá, Cláudia. Quero vê-la contigo.

Cláudia — Chegaste ao mundo num momento desgraçado, Sigismundo. Tua mãe acaba de morrer. O corpo está ali.

Sigismundo — É verdade?

Bernardo — É, meu senhor. Mandei colocá-la no ataúde, onde aguardará os funerais.

Sigismundo — Tinha que ser assim. E eu que tanto desejo tinha de lhe perguntar tanta coisa… Haverá alguém no mundo mais desventurado do que eu? Cheguei tarde, por poucos momentos. Mas creio que havia de ser assim, meu nascimento e a morte, ali encerrados, abraçados um ao outro para sempre. Será a primeira vez que posso encarar a morte, se bem que já imaginasse como seria sua presença. Eu a sentia aqui

desde que cheguei, uma presença terrível e poderosa, que me dava a opressão do perigo próximo. Quero vê-la. Vem comigo.

Cláudia — Não. Não tenho coragem. Parece-me ver a minha própria morte.

Sigismundo — Espera-me aqui, então. Não te vás. Prometes?

Cláudia — Prometo.

Sigismundo — Eu voltarei, se não sucumbir ao abismo de sombra que ali se encontra. *(Sai.)*

Cláudia — Que significa tudo isto? Calei-me quando me acenaste. É verdade o que disseste?

Bernardo — É o verdadeiro filho do rei. Esteve realmente preso, mas não sabe. Dir-lhe-emos tudo aos poucos, para que ele se possa adaptar. Os rebeldes…

Cláudia — Por favor! Fala-me de outro assunto qualquer. Deixa o estado. Em outro qualquer dia, sim, mas hoje não posso. Não posso!

Bernardo — Perdoai-me.

Cláudia — Perdoa-me tu. É que não posso me habituar à ideia da morte da rainha. Quem deve velar o corpo agora?

Bernardo — Vossa irmã. Já devia estar aqui.

Cláudia — Aí vem ela.

Entram Estela *e o* Espião.

Bernardo — *(Ao Espião.)* Que fazes aqui?

Estela — Veio me rogar que o pusesse em contato com Sigismundo ou com Marcílio.

Bernardo — Que queres com eles? Fala. Por que estás amedrontado? Dize tudo, senão serás preso.

Estela — Não, deixa-o.

Espião — *(Ajoelhando-se.)* Obrigado, senhora. Deus é quem lhe paga.

Estela — Levanta-te. Bernardo, o rei te procura.

Sai Bernardo.

Estela — Onde está Sigismundo?

Cláudia — No quarto, com a rainha.

Estela — O rei me contou tudo. Por isso demorei a vir.

Espião — Senhora…

Estela — Espera. Por que estás tão agitado?

Espião — Perdoai-me, mas não tenho coragem de vos contar.

Cláudia — Por que o trouxeste?

Estela — Ele me pediu em nome de Deus. Talvez Sigismundo queira ouvi-lo.

Cláudia — Não o creio capaz de pensar nisso agora.

Estela — Por quê?

Cláudia — Então achas pouco? Viver preso toda a vida para chegar ao mundo e encontrar a morte.

Estela — Não fiques assim, minha irmã. Por que temes tanto a morte?

Cláudia — Não sei. Creio que é porque então, quando o fim estiver próximo, saberei que não há mais nada a esperar. Não há mais futuro. Tu não pareces esperar nada dele. Por isso não temes a morte.

Estela — É verdade. Sei que a vida nada tem para dar, a mim pelo menos.

Cláudia — Por que a ti menos do que aos outros?

Estela — Porque eu tenho uma alma simples e fraca. Os gestos, o corpo, as palavras de cada um de nós moldam um conjunto muito parecido com seu dono, a tal ponto, que não se pode distinguir o homem dessa teia de mistério. A minha tem o rosto submisso, um rosto antigo, marcado pela dolorosa feminilidade de nossas entranhas. É por isso que talvez eu nunca venha a ser amada por ninguém. E é por causa disso que eu nada espero também.

Cláudia — Estás triste também, Estela. Não gosto de te ver assim.

Estela — É essa noite terrível. Mas será tristeza mesmo? Creio antes que é aceitação, uma atitude que não é somente minha, mas de outras como eu, mortas há muito tempo, irmãs de sangue submissas e apagadas que regressam hoje a mim, trazidas pelas asas da morte.

Cláudia — E eu, Estela? Pareces ver tudo claro hoje. Vê se me podes fazer acreditar no que me disseres. Ajuda-me. Quem sou eu, minha irmã?

Estela — Tu és um ser de eleição, Cláudia. Em ti é uma vida ardente e exaltada que está impressa. Em tudo: nos teus atos, na tua voz e até no teu corpo.

Cláudia — Cala-te!

Estela — Que tens?

Cláudia — Nada. Mas é muito doloroso ouvir isto de ti, hoje. Por que falaste no meu corpo?

Estela — Porque ele faz parte de ti de uma maneira tão íntima que talvez nem suspeites. Ele é belo e doloroso, de uma beleza ardente e grave. Ele e tua alma estão unidos fortemente e as chagas que lhe fizeres estarão impressas na alma também.

Cláudia — *(Recuando.)* As chagas?

Estela — Cláudia!

Cláudia — Não fales mais! Por que continuas? Queres matar-me?

Estela — Não! Que fiz eu? Dize-me, minha irmã!

Cláudia — Não foi nada.

Estela — Pareces sofrer tanto! Que angústia terrível é essa que te persegue? Talvez ela diminuísse se me dissesses o que tens. Posso te ajudar?

Cláudia — Não. Cala-te!

O Espião *caminha para as duas.*

Estela — *(Ao Espião.)* Espera um pouco, já te disse.

Espião — Perdoai-me se interrompo, mas não posso mais. Onde está o príncipe Sigismundo? Tenho que lhe falar imediatamente.

Cláudia — Por quê?

Espião — Estou ameaçado de morte. Meu Deus, eles vêm aí! Ouço passos! Quem está no quarto? *(Sai correndo.)*

Estela — Espera!

Voz do Espião — Socorro, senhora! Ai!

Estela — Meu Deus!

Cláudia — *(Da porta.)* Vai chamar socorro! Mataram-no!

Estela — Quem o matou?

Cláudia — Não sei, não vi mais ninguém. Deram-lhe uma punhalada na garganta.

Estela — Pobre homem!

Cláudia — Fica aqui. Vou procurar o assassino. Talvez esteja perto, ainda.

Estela — Não saias. Ele te matará também.

Cláudia — Tanto faz aqui como lá fora. Vou chamar o rei. *(Sai.)*

Sigismundo — *(Do limiar do quarto.)* Que aconteceu? Creio ter ouvido gritos e rumores. Quem és tu?

Estela — Sou Estela.

Sigismundo — Onde está Cláudia?

Estela — Que tens? Cláudia saiu.

Sigismundo — Fugiu! Ela me prometera… Perdi-a para sempre. Então o mundo é assim? Uma falha na vigilância, e as pessoas se perdem para sempre. Eu sabia. Há um perigo velando a todo momento. Há pouco estava eu aqui e, ali do quarto, a morte de minha mãe me espreitava com seus olhos oblíquos e apagados. E quando fui para lá, era a fuga dessa outra. Ela me pagará!

Estela — Acalma-te. Ela voltará.

Sigismundo — E tu, que tens a me esconder? Estás agitada, tanto quanto eu. Não tentes me enganar. Dize logo o que tens de dizer!

Estela — É que acabam de matar um homem que te procurava. Cláudia foi buscar socorro.

Sigismundo — É então um mundo de morte esse a que aportei?! Onde está ele?

Estela — Ali ao lado. Não o olhes! Que tens?

Sigismundo — *(Com as mãos na garganta.)* Apunhalaram-me a garganta!

Estela — A ti? Que loucura é essa?

Sigismundo — Ele morreu logo?

Estela — Morreu, sim. Por que disseste que a tua garganta?...

Sigismundo — Que mundo terrível é esse a que cheguei, em que só vejo máscaras e morte?

Estela — Deixa. Não o olhes mais!

Sigismundo — Não o olhes mais! Por quê? Não vês que, se sucedeu isto com ele, pode voltar a suceder com qualquer outro? Não compreendes que basta ter acontecido uma vez para tudo se tornar possível a qualquer momento? Por que não respondes ao que eu digo?

Estela — É que Cláudia não volta.

Sigismundo — Acalma-te. Tua morte não é tão brutal como pensas.

Estela — Não penso na minha morte…

Sigismundo — No entanto, cada um carrega a sua consigo e ela contribui para o obscuro conjunto da vida com seu sangue espesso e sem esperança.

Estela — Não posso mais. Vou procurar Cláudia.

Sigismundo — Por que tens medo?

Estela — Talvez o assassino também a tenha matado. Não tenho coragem de ir só.

Sigismundo — Irei contigo. Se ele a matou…

Entra Marcílio.

Sigismundo — Que vens fazer aqui? Quem és tu? Outro desses seres ávidos de sangue que se ocultam nas trevas para matar? Fala! Quem és tu?

Estela — Deixa-o. É hóspede do rei.

Sigismundo — Fica com ele então. Eu vou procurar Cláudia. *(Sai.)*

Marcílio — Quem é? O príncipe?

Estela — Sim, é Sigismundo.

Marcílio — Parece muito agitado.

Estela — É que mataram um homem aqui, quase diante de nós. O corpo está ainda aí.

Marcílio — Quem o matou?

Estela — Não vimos ninguém.

Marcílio — Creio que poderei ajudar a descobri-lo. Onde está o corpo da rainha?

Estela — Está ali, no quarto. Por quê?

Marcílio — Talvez ele nos revele quem matou esse pobre homem. Esperai-me um pouco. *(Entra no quarto da rainha. Rumor lateral.)*

Estela — *(Recuando.)* Quem está aí?

Entra Carlos.

Estela — Vós, meu tio. Fiquei aterrorizada.

Carlos — Tu também não pudeste dormir? Eu tentei, mas não consegui.

Entra Marcílio.

Marcílio — É preciso chamar o rei. Houve dois crimes aqui esta noite.

Carlos — Que queres dizer? Dois crimes?

Marcílio — Sim, dois crimes, senhor. Creio que vejo a verdade quase toda. Mas só posso revelá-la ao rei. Minha posição é muito delicada, na qualidade de chefe da revolta.

Estela — O rei virá dentro de pouco tempo. Cláudia foi chamá-lo. E este homem morto…

Carlos — Afinal, a quem vos referis? Que houve aqui?

Marcílio — Fatos de enorme gravidade.

Carlos — Talvez uma nova conspiração que descobriste…

Marcílio — Talvez, senhor.

Estela — Aí vem o rei.

Entram Patrício, Sigismundo, Cláudia *e* Bernardo.

Patrício — Tu, Marcílio?

Marcílio — Eu, senhor. Cheguei há pouco tempo e ia vos procurar, quando esse crime…

Patrício — É horrível. Na mesma noite em que morre minha esposa e tu, meu filho, chegas ao mundo! Enfim, sucede! Que resposta me trazes?

Marcílio — Aceitamos a trégua, senhor, contanto que os estrangeiros sejam expulsos logo. Diante do que se passou, porém, creio que a expulsão não mais se fará necessária. Já retiraram o corpo?

Bernardo — Já. Tratei disso.

Patrício — Quero evitar rumores em torno desse crime. Ninguém conhece o morto?

Bernardo — Vi-o aqui, pouco antes de sua morte. É um dos servidores do paço.

Patrício — Por que o teriam matado?

Marcílio — Por causa da morte da rainha.

Cláudia — Que relação podem ter as duas mortes?

Marcílio — Talvez eu possa esclarecer tudo, se bem que reconheça as dificuldades em que me envolverei.

Patrício — Estás sob a minha proteção, na qualidade de parlamentar. Fala sem cuidado.

Marcílio — É verdade que foi recomendado que não se deixasse a rainha só?

Patrício — É sim. Poderia sobrevir um ataque e ela morreria. Por isso, velamos durante toda a noite.

Marcílio — Notastes o rosto da rainha?

Patrício — Que tem ele?

Marcílio — Está contraído e azulado. Ela morreu sufocada, senhor.

Patrício — Era de esperar, na sua doença.

Marcílio — A doença não estava regredindo, já? Ela teve uma crise repentina e só morreu porque a deixaram abandonada.

Cláudia — Tu não podes saber!

Patrício — Espera. Quem estava com a rainha?

Estela — Rodolfo. Eu dormia aqui quando ele me avisou, da porta do quarto.

Patrício — Vai chamá-lo.

Sai Estela.

Carlos — Esta acusação é ridícula. Ele veio chamar Estela aqui. Como pode ter deixado a rainha abandonada, se veio do quarto?

Sigismundo — O quarto tem outra saída. Rodolfo pode ter abandonado minha mãe à morte saindo por lá.

Entram Estela *e* Rodolfo.

Rodolfo — Estela me contou as acusações que estão me fazendo aqui. Eu dormia e acordei com o chamado dela. Como podeis dar ouvidos a este traidor?

Marcílio — Negais então que abandonastes a rainha e que quando chamastes Estela ela já estava morta?

Rodolfo — Nego-o, sim. A rainha morreu enquanto Estela foi chamar o rei.

Marcílio — É claro que havíeis de negar. Mas não é tão fácil esconder a verdade, como pensais. Houve quem vos visse.

Rodolfo — Quem? Tu, por acaso?

Marcílio — O homem que mataram.

Patrício — O morto? Que fazia ele aqui?

Marcílio — Vinha fazer um pedido ao príncipe Rodolfo, e veio procurá-lo, sabendo que ele aqui se encontrava.

Rodolfo — A estas horas? Como pode esse homem ter entrado aqui?

MARCÍLIO — Ele era um dos servos do paço, e foi dos que tiveram ordem de ficar acordados para qualquer emergência.

PATRÍCIO — É verdade?

BERNARDO — É, senhor.

MARCÍLIO — Chegando aqui, viu a rainha morrendo absolutamente só, e ia em seu socorro, mas o príncipe voltava e ele se escondeu. E vós não tentastes salvar a rainha.

RODOLFO — Por que faria eu uma coisa dessas?

MARCÍLIO — A morte da rainha vos seria muito proveitosa, no caso de o rei ser forçado por nós a renunciar. A rainha morreu, senhor, e o príncipe ainda voltou ao lugar de onde viera. Só depois chamou a todos, como se ela estivesse agonizando. O homem aproveitou a confusão e fugiu.

RODOLFO — Mentiroso! Por que sairia eu num momento tão grave? Se a morte da rainha me era tão proveitosa, como disseste, mais fácil me seria estrangulá-la eu mesmo, enquanto estava só. Vai, fala. Por que sairia eu?

MARCÍLIO — Sabeis melhor do que eu. Saístes para possuir uma mulher a quem violastes, enquanto a dois passos a rainha agonizava.

CARLOS — *(Detendo RODOLFO.)* Espera. Deixa-o falar.

PATRÍCIO — Quem era essa mulher?

MARCÍLIO — O homem não pôde vê-la. Estava escondido atrás de uma cortina. Mas ouviu o bastante para compreender tudo.

PATRÍCIO — Então, Rodolfo? É verdade?

RODOLFO — É mentira, senhor. Que mulher misteriosa é essa? Aliás, toda a história é misteriosa!

PATRÍCIO — É preciso que proves tua inocência.

MARCÍLIO — Mais difícil será provar sua culpa, senhor. A testemunha do fato foi assassinada.

RODOLFO — Vais me acusar também de sua morte? Eu dormia quando o mataram.

MARCÍLIO — Podíeis estar fingindo o sono.

RODOLFO — Estela me acordou e sabe se estou dizendo a verdade ou não. Dize-me tu agora: como soubeste de tudo isso?

MARCÍLIO — Quando saí daqui ele me procurou e contou-me tudo, pedindo-me sua proteção.

PATRÍCIO — Por que a ti e não a mim?

MARCÍLIO — Ele me conhecia desde pequeno. Antes de servir aqui, foi servo de meu pai.

RODOLFO — Ah, então era um servo de teu pai. Isso explica muitas coisas.

MARCÍLIO — Que coisas?

RODOLFO — O fato de já saberes que a rainha estava morta, quando chegastes aqui, por exemplo.

MARCÍLIO — Só vim a saber de tudo no momento em que cheguei.

RODOLFO — Creio que já sabias antes de vires para cá. Ele era teu espião. Já sabíamos de tudo, eu e Bernardo. Apenas não queríamos que soubesses disso. Era um fato de que nos podíamos aproveitar. Pensas acaso que não sabíamos que a morte da rainha era o sinal para o ataque? Então? Negas que ele era teu espião?

MARCÍLIO — Não. É verdade.

RODOLFO — Isso explica a morte dele. É a sorte dos espiões, que sabem fatos perigosos, principalmente quando tudo corre de acordo com nossos planos e uma denúncia pode deitar tudo a perder. Dize-me. Como vieste para cá?

MARCÍLIO — O rei me deu um salvo-conduto.

RODOLFO — Alguém te viu entrar?

MARCÍLIO — As sentinelas.

RODOLFO — Sim, à entrada. Mas depois, já dentro do paço?

MARCÍLIO — Vim logo para cá, em busca do príncipe Sigismundo.

RODOLFO — Vedes, meu tio? Ninguém lhe viu os passos, e ele encontra morto o seu espião. Acuso-te a ti de sua morte, Marcílio. É a minha palavra pela tua, e hás de ver que a tua posição é bem pior do que a minha, na tua qualidade de rebelde e traidor. Então, senhor? Mandai-nos prender logo, até que tudo se esclareça.

PATRÍCIO — Os fatos são muito graves, para todos nós. Que ninguém saia do paço, sob pena de morte. É preciso interrogar a todos, e descobrir essa mulher, se é que ela existe. Rodolfo, vai para a sala de audiência. Quero falar contigo a sós.

RODOLFO — Estarei lá, ao vosso dispor. *(Sai.)*

PATRÍCIO — Queres vir comigo, Sigismundo?

SIGISMUNDO — Não. Ficarei aqui, velando o corpo.

PATRÍCIO — Por quê?

Sigismundo — Não sei, mas quero ficar. Não tenho coragem de sair e... Deixai-me! Não estou habituado a ouvir nem a falar tanto. Principalmente histórias terríveis como esta, que eu só via em sonhos. Então, o mundo é assim? Parece-me estar vivendo um outro sonho, agora. Mas este é pior do que os da prisão.

Patrício — Acalma-te, meu filho. Fica aqui, já que o desejas. Bernardo, manda vigiar as portas. Que não saia ninguém daqui. *(Sai com Carlos e Bernardo.)*

Marcílio — Cláudia...

Cláudia — Sai. Não quero te ouvir mais.

Marcílio — O que contei é verdade.

Cláudia — Verdade! O que praticaste foi uma ação vil, com todas essas delações. Bela maneira de realizar o teu sonho de reformar tudo! Rodolfo dormia mesmo quando o chamaste, Estela?

Estela — Sim, estava dormindo.

Cláudia — Vês? É impossível que ele o matasse e fosse dormir após o crime. Quem é capaz de tanta frieza? Além disso, ele não sabia que teu espião o tinha acusado. Disseste isso a alguém?

Marcílio — Não.

Cláudia — Então? Como o acusaste de sua morte com tanto ódio? Enfim, não me importa, nem a tua sorte nem a dele. Que se percam todos. Adeus.

Sigismundo — Não saias. Quero que fiques aqui, comigo.

Cláudia — Não. É preciso que eu fale com o rei.

Marcílio — Leva-me contigo, peço-te.

Cláudia — Que queres ainda comigo? *(Sai.)*

Marcílio — Tu me ouvirás, quer queiras quer não. *(Sai no encalço de Cláudia.)*

Sigismundo — E tu? Por que não te vais também?

Estela — Quero ficar contigo. Talvez eu pudesse te dizer o que desejas ouvir.

Sigismundo — O que desejo ouvir! Não achas bastante o que já se ouviu? Ou tens mais crimes a revelar? Dize-os logo.

Estela — Há fatos mais suaves...

Sigismundo — Um mundo de suspeitas, crimes e delações, cheio de intrigas venenosas. Que vim eu fazer nele? É verdade tudo isto? É verdadeiro este mundo? Tu não podes saber. Cala-te então. Eu também me calarei, até ter certeza de alguma coisa. Por

enquanto, quero ao menos um pouco de descanso. Estive doente toda a minha vida, numa bruma espessa e contínua em que estive aprisionado e de que só agora despertei. Toda a minha vida foi sonhada. Sonho era a prisão e sonho o meu trabalho. Esculpia a madeira e meditava os ensinamentos que o cárcere e o carcereiro me ministravam. Nada disso era verdade e no entanto eu sofria. Por que não sei dizer tudo? Queres saber de uma coisa? O único fato de que tenho certeza é de que eu sofria.

Estela — De toda a tua vida anterior é a única certeza que te resta?

Sigismundo — De ambas. Achas então que aqui tudo é mais claro? Lá, às vezes, assaltava-me o temor de nada ser verdade. Eu não era ninguém. Não me sentia a mim próprio, senão como a invenção arbitrária de um sonho alheio. É terrível isso, não é? Que sabes tu disso tudo? E achas ainda que houve qualquer mudança! Apenas uma falha, uma região escura e deserta que me conduziu da vigília para o sono. Ou do sono para a vigília, ao que me garantem. Podes garantir tal coisa? Para sempre?

Estela — Posso. Por que me falas desse modo?

Sigismundo — Porque pareces estar do outro lado, e eu... Não sei onde está a verdade! Olha através de tua cegueira! Vê pelo menos a cegueira! Não vês que ambos os mundos são irreais e sem nexo? Um homem apunhala outro na treva, uma mulher morre, um povo se rebela, eu sou convocado de um mundo de sombras enfermas para tomar parte neste trágico enredo, e tudo isto não tem nenhum sentido. Talvez meu sofrimento pudesse provar a verdade do mundo anterior, mas este veio comigo. Está encravado nas minhas entranhas e, verdadeiro ou não, este mundo a que me vejo arremessado traspassa meu ser de uma desventura tal que não posso... Não posso mais!

Estela — *(Abraçando-o.)* Não fales mais. Não posso mais te ouvir!

Sigismundo — *(Repelindo-a.)* Deixa-me. Por que não te vais agora? Não quero ninguém perto de mim, nem mesmo tu.

Estela — Por quê? Não te envergonhes do teu sofrimento. Faze por acreditar que és um menino ainda e...

Sigismundo — Um menino! E que infância conheci eu? No meu sonho, chorava às vezes de tanta solidão. Não tinha a quem mostrar o que fazia nem a quem contar os fatos que ora me deixavam orgulhoso, ora crispado de vergonha. Gritava então, e como ninguém me respondia, esmurrava a parede, ora gemendo, ora latindo o meu desespero. Era uma angústia de tal modo insuportável que, apesar do meu ódio por Bernardo, eu o receberia bem. Mas nunca lhe vi a face, nem a de nenhum outro ser humano. Podes tu conceber a dor de um pobre menino aprisionado, sem ter ninguém com quem falar?

Estela — Posso sim. Mais do que pensas.

SIGISMUNDO — E se isso também fosse delírio? Então nem a minha angústia tem consistência. Eu não tenho nada.

ESTELA — É melhor assim. Podes começar tudo agora. É um grande privilégio.

SIGISMUNDO — Sim, é um grande privilégio. E, no entanto, teus olhos estão cheios de lágrimas. Por que choras?

ESTELA — Não sei. Não pude suportar a evocação de tua infância aprisionada.

SIGISMUNDO — Espera. Ouviste alguma coisa?

ESTELA — Não. Que foi?

SIGISMUNDO — Ouço um sussurro de vez em quando. Não ouviste nada?

ESTELA — Não.

SIGISMUNDO — Aqui há uma presença cheia de sortilégios, diferente de tudo o que eu sentia na minha prisão, no meu quarto de enfermo. Ao despertar, acreditei mesmo ter ouvido vozes, palavras ainda umedecidas de sono, sussurrando seu sentido imutável. Sinto-me como que observado. Não sentes nada disso?

ESTELA — Não. Talvez seja por causa da morte de tua mãe.

SIGISMUNDO — Sim, a morte dela e o meu nascimento. Sabes o que aquelas vozes pareciam injetar no meu sangue? Eram palavras cintilantes e terríveis, que gemiam na sombra a sua impotência feroz. Diziam que o nascimento é tão terrível quanto a morte. Ele já traz em si, germinando na sua raiz, a temerosa semente da morte. Já viste minha mãe?

ESTELA — Já sim.

SIGISMUNDO — Ao chegar lá, apalpei o seu ventre. Estava quente, ainda. Parecia o de uma pessoa viva. De lá surgi eu, para me encontrar de repente neste mundo. Ali se juntaram o ventre que me pariu e a morte, no momento em que chego ao mundo. Isto deve ter um sentido, que é preciso descobrir. Vai dormir, agora.

ESTELA — Deixa-me…

SIGISMUNDO — Não quero, entendeste? Vai.

Sai ESTELA.

SIGISMUNDO — É preciso que eu converse com o ventre que me pariu, um diálogo ardente e emudecido em que cada um empunha o sentido da própria solidão. *(Entra no quarto da rainha.)*

CORO

A resposta da relva e seu silêncio.
O vagido do sangue e o som da pedra.
Punhos sangrentos, rostos impassíveis,
E o sono que regressa a sua origem.
Aconteceram fatos sem sentido:
A treva esconde a morte e a pulsação.
Tudo isto é tão antigo em tua areia!
Não tentes escapar. A chuva tarda,
O áspero aqueduto é muito longo,
E não tens parte sã na tua carne.
Assim, por que te negas ao monturo,
À telha, à sânie e ao pó do teu deserto?
Seja o deserto as águas de onde vens,
As águas por quem brada a tua sede,
Pois a pedra, o jumento e a erva nua
São mais irmãos ao grito desta sede
Do que o pobre rebanho cego e insone
Que arrasta no deserto os ossos tristes,
E mais indispensáveis ao gemido
De tua porta solitária e inútil
Do que a fonte em que sonhas tua espera,
Do que teu rumo e as águas incansáveis.

Entra CARLOS, *ligeiramente embriagado.*

CARLOS — A morte. Uma sombra embriagada e a carne que começa a apodrecer. Ali é um punhal que fere uma garganta e logo a decomposição se apossa aos poucos da carne.

Entra SIGISMUNDO.

CARLOS — Como acreditar na ressurreição de uma carne que se revolveu na luxúria durante a vida inteira?

SIGISMUNDO — Que procurais aqui?

CARLOS — Nada. Devo velar agora a carne que começa a se decompor. Assim caminhará ela, até que soem as trombetas para a ressurreição que não espero e em que não posso acreditar.

SIGISMUNDO — Vosso hálito cheira a vinho. Por que bebestes? É preciso beber?

CARLOS — Como poderia eu suportar sem beber?

SIGISMUNDO — Suportar o quê?

CARLOS — Tudo isto. A morte que se aproxima, as mortes que aconteceram, surgidas da sombra, e a ti mesmo…

Entra MARCÍLIO. *Ao ver* CARLOS, *detém-se à porta.*

CARLOS — Por que surgiste da sombra? Agora é preciso que eu te esclareça. Vai dormir. Eu velarei! *(Entra no quarto da rainha.)*

SIGISMUNDO — Que desejas de mim? Por que te detiveste ao ver meu tio?

MARCÍLIO — Preciso falar convosco a sós.

SIGISMUNDO — Vai-te daqui.

MARCÍLIO — Estais perturbado e triste. É justo. Voltarei depois.

SIGISMUNDO — Espera. Onde está Cláudia?

MARCÍLIO — Com o rei, ouvindo atentamente o interrogatório a que ele submete todas as mulheres do paço.

SIGISMUNDO — Que querias com ela? Não gostei da maneira com que lhe falaste. Pensas que podes me enganar tão facilmente? Estive preso muito tempo, mas pressinto muitas coisas. Podes enxergar no escuro? Claro que não. Eu posso. Que queres esconder de mim?

MARCÍLIO — Eu nada tenho a esconder. Quero apenas esclarecer o crime.

SIGISMUNDO — Que tem Cláudia a ver com ele? Deixa-a em paz. Ela não sabe de nada.

MARCÍLIO — Creio, pelo contrário, que ela sabe de tudo.

SIGISMUNDO — Ela me teria dito tudo se soubesse de alguma coisa.

MARCÍLIO — Estais enganado. Ela nada dirá.

SIGISMUNDO — Por quê?

MARCÍLIO — Porque ama Rodolfo.

SIGISMUNDO — Tu não sabes o que estás dizendo! Dizes isso porque a odeias e sabes que eu… eu a mataria, se fosse verdade. Por isso mentes assim. Pensas que podes conhecer uma mulher como Cláudia?

MARCÍLIO — Que tendes, senhor?

SIGISMUNDO — *(Com as mãos à cabeça.)* Esta luz me cega!

MARCÍLIO — Sentai-vos!

SIGISMUNDO — Afasta-te de mim. Estes acessos luminosos eu já os conheço há tempo. Eles me ensinavam na prisão a reconhecer a presença do ódio, em mim e agora nos outros. Por que odeias Cláudia? Por que dizes que ela ama esse assassino? Ela o odeia. Quis me matar quando cheguei, pensando que eu era Rodolfo. Chegou a me apunhalar. Olha aqui no meu ombro. Vês o ferimento?

MARCÍLIO — É verdade.

SIGISMUNDO — Dize agora se ela o ama. Agora és tu quem não pode suportar a luz. Que tens?

MARCÍLIO — Estou perdido. Agora tenho certeza de que ela o ama e de que apesar de saber tudo, nada dirá.

SIGISMUNDO — Sai, cão mentiroso. Vai-te, senão eu te matarei. Por que dizes que tens certeza?

MARCÍLIO — Ela quis matar Rodolfo com ciúme da mulher a quem ele possuiu. Sabe da verdade e ciosa por causa disso tentou vos matar, pensando que éreis Rodolfo.

SIGISMUNDO — Quando ela me feriu tu nada revelaras ainda.

MARCÍLIO — Certamente ela viu alguma coisa. De outra forma, por que agiria assim? Uma mulher como Cláudia não se engana diante de um fato como esse. Eu a conheço melhor do que ninguém.

SIGISMUNDO — Tu! Tu não a podes conhecer. Não pagaste para isso como eu! *(Investe para MARCÍLIO.)*

MARCÍLIO — Afastai-vos. Sois o meu senhor natural, mas, agredido, defenderei minha vida.

SIGISMUNDO — Vai então vomitar teu veneno longe daqui. Por que falas assim de Cláudia?

MARCÍLIO — Está bem, eu o direi se desejais saber. Eu a amava outrora, e ela também me amou. Um dia me traiu.

SIGISMUNDO — Não continues. Não posso mais. Existe uma traição escondida em cada corpo? Por que ela te traiu?

MARCÍLIO — Nunca pude saber. É a pergunta que me persegue até durante o sono. Por ela abandonei minha casa e meus pais, com quem não me entendia. Ela me aprovava na luta surda que eu mantinha contra meu pai e, quando resolvi fugir, prometeu que me seguiria. Para resumir tudo, fugi só. Cláudia faltou ao encontro, e nunca mais quis falar comigo, apesar de eu ter tentado vê-la muitas vezes. Lutei e sofri muito, sozinho e desprotegido numa grande cidade. Minha luta nasceu daí.

SIGISMUNDO — Não quero saber mais nada dessa trama malsinada. Vai-te daqui. Eu hei de descobrir tudo. Aprenderei a me esconder, a trair e a dissimular. É a única maneira de conhecer, de saber tudo até o fim e de sobreviver. Que todos se acautelem agora.

Soam gritos de mulher.

SIGISMUNDO — Que é isso? Que lamentos terríveis são esses?

MARCÍLIO — Que tendes, senhor? É apenas uma serva a quem estão açoitando para que ela confesse a verdade.

SIGISMUNDO — Sinto os golpes como se fossem dados na minha própria carne. Parai! Assassinos! *(Sai.)*

CLÁUDIA *entra correndo e* CARLOS *aparece à porta do quarto.*

CARLOS — Quem grita desse modo? Respeitai a morte. A morte merece silêncio.

MARCÍLIO — Talvez possais fazer com que eles cessem. Confessai ao rei a conspiração que tramastes e tudo se esclarecerá. Não mais serão precisos estes castigos.

CARLOS — Conspirações! Eles não sabem de nada. A morte acaba com tudo. Que conspiração interessa a ela agora? Vou dar uma indicação, para que me deixes em paz. A conspiração está na tua revolta. Agora, deixa-me em paz, conspirador.

MARCÍLIO — Esperai. Que quereis dizer…

CARLOS — Deixa-me em paz. Ao amanhecer, saberás de tudo, mas será tarde. Enfim, para que tudo isso? *(Entra no quarto.)*

MARCÍLIO — E tu, por que choras? Muito compassiva estás agora, Cláudia. Estás triste somente porque a açoitam, ou porque sabes que se quisesses poderias libertar essa pobre mulher? Fala. Dize ao rei o que sabes.

CLÁUDIA — Deixa-me em paz. Por que aumentar o meu sofrimento? Que mal te fiz eu?

MARCÍLIO — Ainda tens coragem de me perguntar que mal me fizeste! O fato é que toda a minha vida mudou por tua causa. Reconhece ao menos isso.

CLÁUDIA — Afinal, que te fiz? Quem te ouve falar fica certo de que eu causei até a tua revolta.

Marcílio — Pensas que não, por acaso? A revolta já estava contida na minha fuga de casa, e esta tu a causaste. Quem, senão tu, me ensinou a criar aquele ambiente insuportável contra meu pai? Podes imaginar o que sofri, sozinho e desprotegido depois que abandonei tudo? Até fome eu passei.

Cláudia — Não podias trabalhar?

Marcílio — Como? Por toda a parte os soldados do rei impediam que um homem trabalhasse sem documentos de permissão, esses instrumentos malditos que o rei, meu pai e Bernardo haviam criado. Podes conceber um mundo em que se mata um homem porque lhe falta um documento? Pois é o mundo desse novo estado. Impedido de trabalhar, mendiguei. Cheguei a uma degradação que só não foi de total desprezo de mim próprio porque eu desesperava ainda. E tu, que me havias impelido à fuga, aqui continuaste tranquilamente. Vês o que me fizeste? Mas eu reagi. Afirmei-me sozinho. É o orgulho de minha vida. Vi o caminho que devia seguir depois que saí da prisão.

Cláudia — Da prisão? Que crime cometeste?

Marcílio — Nunca cometi crime algum. Disto podes ficar descansada. Apenas as tais reformas que criaram este estado monstruoso obrigavam-me ao trabalho, a um trabalho que eu não podia realizar. Tentei conseguir permissão para me tornar carpinteiro, um trabalho independente, mas ao saberem que eu era nobre, proibiram-me de dar até os primeiros passos. Revoltei-me e fui preso. Solto, errei novamente pelo país e fui preso por vadiagem e mendicância. Entendes a monstruosidade de tudo isto? Que fazes contra esse estado de coisas? Nada. Aqui ficaste e ficarás para sempre, presa a estes pequenos fatos. Para ti não haverá nunca outra vida.

Cláudia — Por que me falas assim? Queres me tirar qualquer esperança? Que ganhas em me repetir o que conheço mais do que a mim mesma? Deixa-me em paz. Terias alguma coisa a me oferecer, se eu tivesse ido contigo? Dize-o sem mentir. Achaste alguma coisa?

Marcílio — Achei a minha revolta.

Cláudia — Talvez para ti tenha isto algum sentido. Eu desesperaria dela. Porque não sei mentir a mim mesma, como tu.

Marcílio — Como eu? Que queres dizer com isso?

Cláudia — Que tua revolta é somente um movimento de ressentidos, fanatizados como tu.

Marcílio — Cala-te. Não admito que uma egoísta me fale desse modo. A única coisa que possuo ainda é a fé na minha luta. Se tentas destruí-la, eu te matarei.

Cláudia — Mata-me então. Achas que me importaria? Se tivesse coragem eu mesma já me teria matado. Mas não tenho e me desprezo por causa disto. Ou pensas que alguma

coisa me importa ainda, depois de tudo que se passou aqui?

MARCÍLIO — Depois de tudo que se passou! Então tu sabes de tudo, como eu pensava. Conta-me a verdade, Cláudia. Peço-te em nome do amor que tive por ti, do que eu sofri, em nome de tudo. Dá-me esta oportunidade de realizar meu sonho. Não me abandones agora nem nunca mais! Cláudia, meu amor, não posso mais. Eu ainda te amo, mais do que tudo. Dize-me a verdade.

CLÁUDIA — Não. Não me toques. De mim não conseguirás uma palavra, nem que me matem. Eu de nada sei.

MARCÍLIO — A tal ponto amas então esse assassino?

CLÁUDIA — Agora sou eu quem não admite que me fales disso. Enquanto se tratava de explicar minha falta para contigo, estive pronta a responder. Mas tenho ainda altivez e dignidade apesar de tudo. Nada tens a ver com meus desgostos.

MARCÍLIO — Está bem. Sabe então que não descansarei enquanto a verdade sobre esse crime estiver oculta. Provarei os crimes de Rodolfo, o suborno, a corrução que ele implantou no exército, os roubos e os crimes desta noite. Eu o perderei, mesmo que me perca com ele.

CLÁUDIA — Vai-te. Não quero mais te ouvir, nunca mais. A baixeza de tua revolta se revelou agora, no teu ódio. Vai. Que queres ainda comigo?

Entra RODOLFO.

RODOLFO — Que fazes aqui, com Cláudia?

MARCÍLIO — Não tenho explicações a dar a ninguém. Mas se quereis saber, procurava elucidar o crime e o ciúme desta louca me deu a indicação de que eu estava certo. Já sei agora que na verdade possuístes uma mulher enquanto a rainha morria.

RODOLFO — Cláudia, que lhe disseste?

CLÁUDIA — Nada.

MARCÍLIO — Então? Poderia ela ter dito alguma coisa? O rei saberá de tudo. Talvez então mande açoitar outra, em vez dessa pobre serva que nada sabe.

Sai. RODOLFO *puxa o punhal e vai segui-lo.* CLÁUDIA *segura-o. Enquanto falam e* RODOLFO *tenta se desprender,* SIGISMUNDO *entra pelo lado oposto. Ao ver os dois, esconde-se atrás da cortina.*

CLÁUDIA — Onde vais?

RODOLFO — Deixa-me. Ele me pagará.

CLÁUDIA — Não vás. Marcílio não sabe de nada.

Rodolfo — Que fazias aqui? Procuravas a mim, Cláudia?

Cláudia — Afasta-te de mim. Que tenho eu contigo ainda, depois do que fizeste?

Rodolfo — Que tens ainda comigo! É possível que tenhas coragem de me abandonar agora, quando estou prestes a ser aniquilado?

Cláudia — Exiges a minha compaixão… Tiveste compaixão de alguém, pelo menos uma vez? Soubeste o que era o sofrimento sem remédio, quando ninguém te ajuda? Só tu mesmo serias capaz de ter piedade de alguém! O que sentes agora é medo por ti mesmo, só isso. Estás com medo agora?

Rodolfo — Estou sim. Como poderia não estar? De repente parece que se desencadeiam potências indomáveis que desejam minha perda e que despertaram sem que fossem chamadas.

Cláudia — Ao amanhecer elas revelarão sua face oculta. Então talvez tudo se venha a esclarecer. Há uma coisa, porém, que desejo saber de ti, antes.

Rodolfo — Não me perguntes nada, Cláudia. Se eu começar a responder, as potências te envolverão. Não quero que suceda isto. Eu te amo, Cláudia. Acredita nisso, pelo menos hoje.

Cláudia — Como poderia te acreditar? Dizes que me tens amor e enquanto a rainha agonizava tu a deixaste para cometeres… o que cometeste, espojando tua sensualidade…

Rodolfo — Fala mais baixo, peço-te.

Cláudia — Não te aproximes de mim.

Rodolfo — Odeias-me a tal ponto, então? Não és capaz de me perdoar?

Cláudia — Não sei. Se eu soubesse isso, se pelo menos tivesse certeza de que podia te perdoar, saberia que te amava ainda e tudo estaria claro. Mas eu não sei de nada. Nem sei se o que tive por ti foi amor. Eu nunca saberei de nada.

Rodolfo — Que procuras saber, Cláudia? Não consigo penetrar o sentido de teu desespero. Por que vives buscando o que não se pode achar?

Cláudia — Não sei, deixa-me.

Rodolfo — O que há é que nada te prende nem no paço nem no reino.

Cláudia — Creio que há alguma coisa que me chama para outro lugar. Mas não entendo o chamado, nem sei de onde ele parte. Não entendo com segurança aquilo que sinto. É isso o que me desespera, isso e a certeza de que a vida que vou vivendo não é autêntica.

Rodolfo — Não creio que esta noite seja falsa, nem ela nem seus acontecimentos inapeláveis.

Cláudia — Cala-te, desgraçado. Por que lembrar esse cortejo de misérias? Queres maior prova de que esta vida é irreal e falsa do que esta noite? É isso que me dá a impressão terrível de que estou traindo uma outra vida, ardente e pura, onde está o melhor de mim mesma. É isso que me deixa exausta, até no meu desespero.

Rodolfo — Procura repousar, nem que seja um pouco. É possível isso.

Cláudia — Como? Por acaso não o tentei? Era o que eu procurava no teu amor. Mas o que encontrei foi a morte da rainha, com tudo o que a cercou de traição e de crime. Que descanso eu poderia encontrar nisso?

Rodolfo — Eu não traí o teu amor, Cláudia. Procura acreditar no que te digo. Apenas sou um homem brutal e não me pude dominar. Mas, assim como sou, existo e estou ligado a ti. Sou capaz de amar. Esta noite me ensinou este fato. Depois da maneira como me trataste julguei que nunca mais poderia me aproximar de ti. Isso me causou uma angústia que eu jamais sentira. Ela me revelou que somente tu me podes aceitar tal como sou. Perdoa meu corpo, Cláudia. Vê se podes me encontrar e me abraçar inteiramente. Não sabes quanto isso me é necessário. Abraça-me, eu te peço.

Cláudia — Não posso. Dize-me antes se mataste esse homem.

Rodolfo — E se eu o tivesse matado? Em nome de quê poderias me reprovar? Era uma questão de sobrevivência.

Cláudia — Uma questão de sobrevivência! Então não recuarias diante de um ato como este? Vou-me daqui. Nada mais quero contigo. E querias que em ti eu encontrasse repouso! Não fales mais. O que disseste já é suficiente para o meu desespero.

Rodolfo — Cláudia…

Cláudia — Deixa-me. És um assassino sensual e covarde. Hás de me pagar tudo, Rodolfo.

Rodolfo — Espera. Cala-te. Há alguém no quarto da rainha. Ouvi um ruído lá. *(Puxa o punhal.)*

Cláudia — Não vás. Mais um crime e eu te denunciarei.

Rodolfo — É meu pai. Está adormecido, e certamente ressonou mais alto. Onde vais?

Cláudia — Talvez eu possa libertar essa pobre mulher. Ao menos isso tentarei. Quanto a ti, adeus.

Rodolfo — Não me denuncies, pelo menos até o amanhecer.

Cláudia — Agora eu te desprezo, Rodolfo. Nem ao menos um pouco de altivez podes guardar ainda. Fica tranquilo. Não sei denunciar ninguém. Quanto a essa morte, creio

agora que tu a cometeste. Hei de descobrir tudo.

Sai. CARLOS *aparece à porta.*

RODOLFO — Ah, enfim despertastes.

CARLOS — Eu não dormia, Rodolfo. Também sei fingir sono, quando preciso.

RODOLFO — Que quereis insinuar?

CARLOS — Ouvi tua conversa com Cláudia. Não toda, mas o essencial. Ouvi-a dizer que abandonaste a rainha. Que sabe ela de tudo isso? É verdade o que disse?

RODOLFO — Afinal, não já sabíeis disso no íntimo? Por que essa indignação? Era de suspeitar, pelo menos quanto a vós.

CARLOS — Então tu me deves uma explicação. Não mintas. Dize-me a verdade. Ao sairmos nós daqui, antes que Sigismundo chegasse, Marcílio não se fora ainda e conversava com um homem no pátio exterior. Eu não esqueci o seu rosto, porque quando nos viu ele ficou atemorizado.

RODOLFO — E então? Onde quereis chegar?

CARLOS — Ele era o homem que foi assassinado. Fala, dize alguma coisa!

RODOLFO — Que tenho eu a dizer? Era ele, sim.

CARLOS — Então tu o mataste!

RODOLFO — Afastai-vos.

CARLOS — Assassino! Eu te matarei!

RODOLFO — *(Puxando o punhal.)* Antes morrereis vós.

CARLOS — Está tudo claro, então. Marcílio disse a verdade. Tu a deixaste morrer e temendo que Patrício soubesse, mataste o espião.

RODOLFO — Falai mais baixo. Se nos ouvirem, estamos ambos perdidos. Aquela morte foi tanto vossa quanto minha. Precisava de estar em paz com o rei pelo menos até o amanhecer, e se ele soubesse que eu deixara a rainha morrer…

CARLOS — Então tu a deixaste morrer, propositadamente? Meu Deus, não posso mais.

RODOLFO — Por que não podeis mais? Antes, quando se tratava de conquistar a coroa, com tudo concordastes e agora fraquejais? Não me façais desprezar-vos. Não se conquista um trono sem matar ninguém, meu pai.

CARLOS — Mas não a ela, desgraçado. Que me importava ficar nas boas graças do rei? Contamos com gente entre os chefes de Marcílio. Por que não ordenaste o ataque logo? Se o tivésseis feito, não precisarias de cometer estes crimes terríveis.

Rodolfo — Eles foram inevitáveis. Se eu atacasse chegaria ao trono como usurpador, e isto não me interessava nem interessa de modo algum. Quero que o povo me receba como a um salvador. Isto não tem interesse para vós. O que vos move agora, como sempre vos moveu, é o ódio que tendes a vosso irmão.

Carlos — Ódio?

Rodolfo — Sim, ódio. Não protesteis, pois eu vos conheço. Ou quereis fingir que o que vos levou a abandonar o ducado para tecer esta trama comigo foi o afeto paterno? Não sou ingênuo a este ponto, meu pai, e odeio estes fingimentos de virtude. Nunca soubestes o que é afeto pela família. O que vos levou a conspirar comigo foi o ódio que tendes pelo rei. Nunca o pudestes suportar.

Carlos — Cala-te. Que sabes dessas coisas? Conheces por acaso os meus sentimentos?

Rodolfo — Conheço mais do que isso. Conheço todos os fatos que pensastes ter ocultado de todos. Julgais que não sei que fostes amante da rainha?

Carlos — Vai-te daqui. Não te ouvirei mais.

Rodolfo — Agora é tarde. Tendes que me ouvir até o fim, senão estais perdido.

Carlos — Pensar que gerei este teu corpo imundo que causou tudo. Ele respira tua brutalidade maligna e ávida, este teu corpo onde se casam a luxúria e a ambição. Não vês que isto tudo acabará com a morte? E depois de usá-lo assim como acreditar…

Rodolfo — Acreditar! Em quê? Não sou um covarde como vós. Não vivestes assim durante toda a vida? Quem mais luxurioso do que vós, que traístes minha mãe com a esposa de vosso irmão? Por que fingir? Não gosto de fingir, a não ser que precise. Sou um homem integral, compreendestes? Um homem sem mutilação. Conheço até onde vou. *(Aponta a cabeça.)* Até aqui vive e reina Rodolfo, e é nos limites de meu corpo que gero minhas leis. Entendestes? Ide agora. Já sabeis quem sou eu. Mostrei-me sem disfarces ao homem que me gerou. É uma oportunidade rara para quem não gosta de hipocrisia e no entanto vive a ela obrigado. Para não mentir, é uma sensação próxima da do gozo físico, mostrar-me por inteiro, sem perigo que me ameace.

Carlos — Estás enganado. Esqueces o perigo que agora sou para ti. Um homem é um ser poderoso, contra si e contra os outros, principalmente um homem que conhece. Agora posso te aniquilar, Rodolfo. Não te conheço mais como filho.

Rodolfo — Aniquilai-me, então. Sucumbiremos juntos, pois tereis de explicar ao rei vossa angústia diante da morte da sua esposa. E de explicar também esse filho misterioso, nascido durante a viagem do rei. Falai! Que tendes? Onde está a vossa coragem? Não há necessidade de lutar, porém. Calai-vos e eu também me calarei. Ao amanhecer, a situação será diferente e eu estarei talvez ocupando já o trono. Para que então romper a nossa aliança? Podereis ganhar muito com ela.

CARLOS — Nunca. Nada posso fazer. Estou em tuas mãos. Não quero, porém, nada mais contigo.

RODOLFO — Como quiserdes. Se vos arrependerdes, porém, voltai. Será sempre tempo.

CARLOS — Uma palavra ainda. Quem era a mulher a quem violaste?

RODOLFO — Recuso a minha confiança a quem quer que não esteja a meu lado. Basta que saibais que é uma mulher que nada significa para mim, uma simples serva do paço. Eu me contento com qualquer uma, desde que meu corpo a deseje.

CARLOS — És pior ainda do que eu pensava. E se Cláudia te denunciar?

RODOLFO — Ela não o fará. Tem dignidade demais para confessar que me odeia por causa de uma mulher estúpida. E preciso de pouco tempo. Adeus.

CARLOS — Adeus.

Sai. RODOLFO *entra no quarto da rainha.* SIGISMUNDO *sai de seu esconderijo.*

SIGISMUNDO — Eis a resposta que dá este mundo a meu gemido. Que sentido há no sonho e em minha sede? Sonho e sombra neste deserto de treva, um sonho terrível cujo sentido se desgarrou de minha sede. Mas se é um sonho, por que ouço pulsar na sombra os latidos de meu ódio? Ó minha carne! Que sentido têm, neste sonho, os uivos de minhas dolorosas descobertas? Não sei. Sinto apenas que eles se alimentam de tua substância bastarda. Bastardas minha carne e minha sede! Desterrado e estrangeiro neste lugar terrível a que fui arremessado! E tu, mulher viciosa e adúltera que me pariu, que sentido teve a tua vinda a teu deserto? Que sentido tiveram teus atos criminosos nessa trama sem nexo? Nenhum sentido, pois se todo o sonho nada significa, nada significam também nem o crime, nem a luxúria, nem a traição, nem a brutalidade que sinto a me espreitar de todo lado. Que venha então alívio à minha sede. Repousar a alma, assim falaram o homem e a mulher, e ela lhe entregou o amor com que sonhei. Mas não se extinguirá a minha sede? Eu o exigirei, lutando um combate que talvez me venha a destruir. O ventre há de trazer alívio à minha sede. Que este alívio repouse a minha alma, que abrace a carne já ferida, senão… Que poderei dizer a mim mesmo? Ninguém me pode dizer coisa alguma. Estou de novo perdido na minha treva. Que tudo se revele, nem que seja para espessar a sombra até o fim. Rodolfo!

RODOLFO — *(Entrando.)* Que desejas de mim? Onde estiveste?

SIGISMUNDO — Lá fora. Não tenho certeza.

RODOLFO — Não tens certeza? Por quê?

SIGISMUNDO — Tudo me aparece agora como que envolto na treva. Não tenho certeza de ter emergido da prisão em que vivi. Sou talvez um sonho engendrado na sombra, mas

mesmo assim hei de agir. Talvez mergulhando neste desfile de águas selvagens encontre a verdade de meu corpo. Estás perdido, Rodolfo. Eu te odiava talvez antes de aqui aportar e agora tenho em minhas mãos o poder de desencadear as forças que te esmagarão.

Rodolfo — Que queres dizer? Forças que me hão de esmagar? Não é fácil assim destruir um homem.

Sigismundo — Acaso não destruíste um aqui com tanta rapidez?

Rodolfo — Estás louco. Acreditaste por acaso no que disse aquele traidor?

Sigismundo — Começas a ficar inquieto. Mas descansa. Não revelarei até onde chega meu poder. Basta que saibas que hei de te aniquilar por causa de Cláudia.

Rodolfo — De Cláudia? Que tem Cláudia a ver com isso?

Sigismundo — Cala-te, cão imundo. Não gosto de te ouvir chamar o seu nome. O rei saberá de tudo.

Rodolfo — Fala então, se tens coragem. Pensas que podes me intimidar? Falaste como se soubesses de fatos que me perderiam, como se eu estivesse em tuas mãos. Sabe então que não estou nas mãos de ninguém. Não é um cego como tu que pode me causar medo. Vês? Nem a luz podes suportar, esta pouca luz que aqui está. Mesmo que conhecesses estes fatos, julgas que alguém daria ouvidos ao que dizes? Um louco, um idiota a contar fatos sem nexo.

Sigismundo — Este louco é príncipe, no entanto.

Rodolfo — Príncipe!... Acreditas nisso? O rei usou tua pessoa apenas para ganhar tempo, enquanto se reúnem tropas para esmagar a revolta.

Sigismundo — Não acredito! Estás mentindo.

Rodolfo — Ao amanhecer, verás se estou mentindo ou não. E não se trata disso apenas. Há outros fatos que esmagarão esta insolência com que me falas. Tenta destruir-me e verás. Tu não me podes acompanhar no meu desvio, nem tu nem ninguém. Toda a minha vida vivi assim, com gente que se sentia atraída por minha força e acabava por recuar, vendo até onde ia o abismo de minha desordem. Covardes! Hoje à noite já dois me abandonaram. Estou farto, entendes? Agora, deixa-me em paz.

Sigismundo — Deixar-te em paz. Este é teu desejo. Pensas que não sei que o que te interessa é ganhar tempo? Mas eu não o permitirei. Agora mesmo, antes que amanheça, eu te denunciarei. Ouvi tudo, entendes? Tua conversa com essa prostituta e depois com teu pai. Eu estava aqui, vês? Fala agora.

Rodolfo — Então ouviste tudo. Disseste bem, ao afirmar que me interessa ganhar tempo. Pois bem, já cometi uma morte para ganhar tempo, a tua será a segunda.

Agarra Sigismundo *pela garganta e vai puxar o punhal.* Patrício *surge à porta.*

Sigismundo — Afasta-te de mim, maldito!

Patrício — Que é isto?

Rodolfo *afrouxa a pressão e* Sigismundo *consegue se livrar, correndo para* Patrício. Sigismundo *acolhe-se aos braços de* Patrício.

Sigismundo — Ele quis me matar!

Rodolfo *corre.*

Patrício — Guarda! Bernardo! Prendei-o!

Sai por um instante e volta.

Patrício — Será preso. As portas estão guardadas. Que houve aqui?

Sigismundo — Rodolfo quis me destruir.

PATRÍCIO — Que tens?

SIGISMUNDO — Senti um terror enorme, se bem que saiba que estou vivendo um pesadelo. Por que fiquei amedrontado? Creio que se não estivesse só…

PATRÍCIO — Acalma-te. O perigo já passou.

SIGISMUNDO — Mas só como eu estava, parecia que era uma figura da sombra que me assaltava, um pesadelo dentro do sonho geral.

PATRÍCIO — *(Para BERNARDO.)* Então? Prenderam-no?

BERNARDO — *(Entrando.)* Não, senhor. Ele conseguiu sair do paço.

PATRÍCIO — Está perdido, mesmo assim. Que poderá fazer na cidade?

SIGISMUNDO — Ele vai para o campo dos rebeldes, onde tem elementos.

PATRÍCIO — Envia soldados para as portas da cidade, com ordens de prendê-lo. Logo, Bernardo, antes que ele chegue lá. Ele foi a pé?

BERNARDO — Foi, senhor.

PATRÍCIO — Manda os soldados a cavalo.

Sai BERNARDO.

PATRÍCIO — Disseste que ele está envolvido na revolta?

SIGISMUNDO — Sim. Foi ele próprio quem o disse.

PATRÍCIO — A ti?

SIGISMUNDO — Não, a vosso irmão. Eu estava escondido aqui e ouvi tudo. Ele e o pai têm um plano para conquistar o trono, ao amanhecer. Contam com gente entre os rebeldes e entre esses reforços que vão chegar da província. É verdade que me usastes para ganhar tempo enquanto não chegam as tropas?

PATRÍCIO — É verdade sim. Por quê?

SIGISMUNDO — Não acreditais então na verdade de minha realeza? Ou antes, na minha verdade?

PATRÍCIO — Acredito, sim. Que tens? Por que estás tão agitado?

SIGISMUNDO — Por nada. Apenas agora sinto a me queimar o sangue a tentação de participar deste jogo louco e trágico. Descobri quão útil é nele a dissimulação e o engano. Escondido aqui, os fatos que ouvi bastaram para confirmar certos pressentimentos que me assaltavam no meu mundo anterior, sonhos que não eram senão a eterna conversa entre mim e o meu mistério.

Patrício — Que fatos confirmaram teus pressentimentos?

Sigismundo — Tenho agora a certeza, se é possível certeza em vosso mundo, de que a verdade não encontra facilmente o seu lugar entre estes seres que agonizam em torno de mim.

Patrício — E os fatos? Por que falas assim?

Sigismundo — Ah, são os fatos que desejais… Tomai cuidado. Depois de encarardes o que sei, talvez vossa realeza se mostre tão postiça quanto a minha.

Patrício — A realeza? Queres te referir ao perigo que corre o trono?

Sigismundo — Não. É que na prisão mortal em que vivi não aprendi bem as palavras nem sua perigosa combinação. Chamo realeza, ou antes, chamava, ao fato de estar ali, aprisionado entre aqueles pobres limites.

Patrício — És um homem estranho. Fala claramente, meu filho.

Sigismundo — Não me trateis assim! Não sou vosso filho, ao que parece.

Patrício — Que queres dizer? Tuas palavras insultam tua mãe.

Sigismundo — E que me importa isto? Queria tê-la encontrado viva, para esbofetear a carne adúltera que me engendrou.

Patrício — Adúltera? Por que disseste adúltera?

Sigismundo — Ela era amante de vosso irmão.

Patrício — De Carlos?

Sigismundo — Sim. Ouvi tudo daqui quando deste colóquio entre pai e filho, tão íntimo e tão revelador.

Patrício — Não fales mais, peço-te por tudo. Não sabes que significação terrível têm essas palavras para mim. Queres me destruir?

Sigismundo — Que sei eu? Sucumbi, se quiserdes. Que me interessa a vossa sorte? Quero porém saber que papel devo desempenhar aqui e hei de sabê-lo, custe o que custar.

Patrício — E é justo destruir a fé de toda uma existência, por causa de teu jogo?

Sigismundo — Que tenho eu a ver com vossa existência? Um jogo, dissestes, mas o que ouvi é um fato.

Patrício — Tens certeza, então? Nesse caso não se pode confiar em ninguém. Vivi a seu lado a vida inteira e jamais a conheci.

Sigismundo — Vedes agora por que eu dizia que não há nenhum sentido na vossa verdade? O mundo é uma cilada terrível, e nós um bando de cegos que se arrasta,

tateando na bruma. É a solidão total. Que pensais fazer diante disto?

Patrício — Não sei. Não entendi o que disseste. Não te posso ouvir agora. Meu Deus!

Sigismundo — Nem agora nem nunca. Era o que eu dizia. Que poderei eu dizer que vós entendais? Que palavras usar para que outros se comuniquem comigo? Era preciso que eu falasse a linguagem dos anjos, mas sou homem e minha linguagem só a meu mistério se dirige. Eu falo meus gestos e meus pressentimentos, e eis que em torno de mim dançam as palavras, um verbo alado e confuso. É ele quem gera essa nuvem de abutres malsinados, cujas garras de bronze despedaçam minha carne. Vedes? Ouvis o sangue a gotejar? Desde a prisão eu o ouvia na sombra, a formar aos poucos a figura de minha iniquidade, fumegando no deserto sua lama sangrenta e solitária. Onde quereis ir?

Patrício — Ouvi passos. Talvez seja Carlos. Ele me pagará.

Sigismundo — Deve ser ele. Gira sem cessar em volta do corpo de minha mãe e não pode abandoná-lo. Ele ignora que eu sei de tudo. Ficarei aqui por segurança. Falai-lhe.

Esconde-se atrás da cortina. Entra Carlos.

Carlos — Ah, estás aqui. Eu te procurava. Mandaste prender Rodolfo?

Patrício — Mandei sim.

Carlos — Por quê?

Patrício — Que tens tu a ver com isso? A segurança do reino assim o exigiu.

Carlos — É verdadeira então a acusação de Marcílio?

Patrício — Bem sabes que sim. Por que fingir ainda?

Carlos — Afinal, por que me falas desse modo?

Patrício — Hipócrita! Pensas então que não estou a par da conspiração que urdiste com ele? Traidor imundo!

Carlos — Por que me insultas? Manda-me prender também se quiseres, já que acreditas naquele traidor, mas não me trates desse modo. Eu não suporto isso nem de ti.

Patrício — Nem de mim, dizes. Tens coragem ainda de fingir um certo afeto? Vejo agora claramente. Que queres ainda com minha esposa depois de ela estar morta?

Carlos — Com tua esposa? Que dizes?

Patrício — Sim, com minha esposa. Julgas então que ainda ignoro até que ponto vai tua baixeza? Eu era cego, mas Sigismundo me abriu os olhos.

Carlos — Sigismundo? Então ele não é teu filho?

Patrício — Agora confessaste tudo, sem querer. Pensas então que ele é teu filho! *(Investe para ele.)*

Carlos — Espera. Por que falaste nele então?

Patrício — Ele ouviu toda a conversa que mantiveste com Rodolfo. Dois criminosos, um assassino e um traidor adúltero.

Carlos — Então já sabes de tudo. Pensas por acaso que me importo? Pelo contrário. Desejei sempre que viesses a saber. Sabe agora que eu te odiei durante toda a minha vida.

Patrício — E por que não? Um ser inferior e baixo como tu odeia sempre…

Carlos — Inferior e baixo. E tu? De que vale a tua superioridade? Para que te serviu ela, essa espiritualidade a serviço do estado? O mais que conseguiste com ela foi o desprezo de tua mulher.

Patrício — Cão mentiroso!

Carlos — Tu mesmo sabes que não estou mentindo. Ela mesma me disse…

Patrício — O quê? Acaba! Nada mais temos a perder. Fala!

Carlos — Ela me disse que não suportava o teu corpo.

Patrício — Pois ela te mentiu. Prepara-te. Tu me pagarás.

Carlos — Como quiseres. Lá fora, é todo o poder do estado que me espera. Aqui, porém, estás sozinho contra mim. *(Puxa o punhal.)*

Patrício — O poder do estado ficará onde está. Quero te matar sozinho. *(Puxa também seu punhal. Sigismundo sai de seu esconderijo e segura Carlos por trás.)*

Carlos — Solta-me, traidor! *(Forceja por soltar-se. Sigismundo toma-lhe o punhal.)*

Sigismundo — Deixai para depois a vossa vingança. Por que vos matardes agora? Que tudo se esclareça antes. Guardai o vosso punhal. Não vos esqueçais de que há ainda muitas coisas obscuras a revelar.

Patrício — Que me importa tudo isso agora? Que interesse tem ainda para mim o resto dessa história horrível?

Carlos — Para ti, não sei, mas a mim ela interessa, agora mais do que nunca. Agora o meu ódio por ti é a única coisa que me resta. E a encarnação desse ódio para mim é o fato de que ela amava a mim e não a ti.

Patrício — Amor! Que sabes tu a esse respeito? Só mesmo tu eras capaz de a ter atraído. Ela não era mulher para um porco como tu. Sabes disso no íntimo e tentas enganar a ti próprio.

CARLOS — Tu, sim, estás mentindo agora. O fato é que ela era uma simples fêmea, uma cabra insaciável. Podes fingir à vontade. Há um fato, porém, que esclarecerá tudo.

PATRÍCIO — Que venha ele então. Agora sou eu quem exige os fatos, para ter certeza. Que fato é esse a que te referes?

CARLOS — O nascimento de Sigismundo. Ele revelará quem o gerou. Em que dia nasceste?

SIGISMUNDO — Não sei.

PATRÍCIO — Bernardo deve saber. Vai chamá-lo. Se fugires…

CARLOS — Não fugirei. Julgas que a minha segurança me importa antes de te ver aniquilado? Esperai-me aqui. *(Sai.)*

PATRÍCIO — Tinhas razão, Sigismundo. Que sentido tem a traição num mundo em que ninguém se entende? Vivia com ela e não a conhecia. Julgava-a pura e vejo agora que ela era capaz de acolher qualquer homem, com seu sorriso que eu achava sereno e que era, na verdade, dúplice e acolhedor, figura de seu sexo misterioso. Cada um fala sua linguagem e a sua era de mulher, só por isso obscura para mim. Mais do que eu, representava ela o nosso mistério; eu, como homem, girava em torno dele e ela o tinha no íntimo de suas entranhas. Pode haver verdade para mim, agora? Se ela não era quem eu julgava, em ninguém mais posso confiar. Edifiquei minha vida sobre fatos engendrados pela mentira.

SIGISMUNDO — Por que buscais ainda, então? Deixai que eu descubra a verdade do meu nascimento. A mim ela interessa fundamente. Mas que vos pode ela ainda trazer?

PATRÍCIO — Pode me trazer a revelação de meu corpo e de suas rudes verdades. Sinto no mais vivo dele uma dolorosa humilhação. Meu Deus, perdoai-me, mas quero saber disso mais do que tudo, agora! E hei de sabê-lo!

Entram CARLOS *e* BERNARDO.

PATRÍCIO — Então, Bernardo?

BERNARDO — Foi preso, senhor, quando já ia transpor as muralhas. Quereis que…

PATRÍCIO — Deixa isso, por enquanto. Carlos nada te disse?

BERNARDO — Não, senhor.

PATRÍCIO — Em que dia nasceu Sigismundo?

BERNARDO — Não sei. Foi há bastante tempo já e esqueci-me.

PATRÍCIO —Vê se te lembras. Eu te ordeno.

Bernardo — É impossível. Sei apenas que foi no dia de São Sigismundo, por causa do nome.

Carlos — Em que dia do ano cai a festa desse santo?

Bernardo — Não sei.

Patrício — Procura verificá-lo. Ajuda-me, Bernardo. Mais uma vez preciso de ti.

Carlos — *(Detendo Bernardo.)* Espera. Vive ainda o pastor que criou Sigismundo?

Bernardo — Vive, sim.

Carlos — Aonde?

Bernardo — Numa gruta nos arredores da cidade.

Patrício — Manda chamá-lo aqui, imediatamente.

Bernardo — E os rebeldes, senhor?

Patrício — Pede um salvo-conduto a Marcílio.

Entram Estela *e* Marcílio.

Estela — Senhor, Rodolfo está no pátio, cercado de soldados. Que significa isto?

Patrício — Significa que ele e o pai são dois traidores. Ele ficará preso desde agora. *(A Carlos.)* Quanto a ti, veremos. Se tentares sair do paço, serás decapitado. Bernardo, cuida de que nenhum dos dois fuja. Vem comigo. *(Sai com Bernardo.)*

Sigismundo — Que pastor é esse de quem falastes? Em que circunstâncias nasci eu? Existe ainda alguma coisa que ocultaram de mim?

Carlos — É que…

Estela — Calai-vos. Não achais que já é bastante? Ele não suportaria a verdade.

Carlos — E que me importa isso agora?

Sigismundo — Não o impeças de falar. Que mistério há em torno de meu nascimento?

Carlos — É que estiveste preso, na verdade.

Sigismundo — Então era verdade! Eles me pagarão!

Estela — Sigismundo! Que tens?

Sigismundo — É a luz, novamente. Não posso suportá-la! Então a prisão era um fato. Por que então a fábula da doença?

Estela — Porque…

Sigismundo — Cala-te. Não quero mais nada contigo. És uma mentirosa, falsa igual a todos. Por que me mentiste? Quem me prendeu?

Marcílio —Vossa mãe. Havia uma profecia sobre um príncipe chamado Sigismundo que causaria males inumeráveis ao reino e a sua família. Por isto fostes preso.

Sigismundo — Eu sabia: a prisão nasceu com Sigismundo. Dizei agora, vós que pertenceis a este mundo: é justo encerrar um menino numa prisão por causa de uma história antiga? Pode-se cometer um crime como esse impunemente? Vós que me ouvis, que fizestes para o impedir? Tendes coragem de vos revoltar? Por que não vomitais a vossa servidão?

Carlos — Não sei. Esbraveja agora à vontade. Nada mais tenho convosco. *(Sai.)*

Sigismundo — E tu? Onde está agora tua revolta? Os fatos provaram que tinhas razão, mas chegaram tarde. Sabes que tua revolta estava morta ao nascer? Serviste sem querer aos planos de Rodolfo. Teus auxiliares estão subornados por ele.

Marcílio — É verdade?

Sigismundo — Por que não? Enfim, que interesse tem ela para ti? O que desejavas era uma mulher, e esta já a perdeste para sempre. Agora vai. Nada mais quero contigo.

Marcílio — Ainda é tempo de abortar a conspiração.

Sigismundo — Talvez. A estas horas talvez já estejam atacando, sem saberem que seu chefe foi preso.

Marcílio — Falarei com o rei e irei ao campo. *(Sai.)*

Sigismundo — Eis toda a minha vida, esta vida a que fui trazido, solvida de repente no mistério. Para onde ir? Que faço aqui?

Estela — Não desesperes, peço-te por quem és. Não desesperes, meu amor.

Sigismundo — *(Repelindo-a.)* Amor! Não digas isso diante de mim nunca mais. Nunca mais, entendeste?

Estela — Que fizeram contigo para assim me tratares?

Sigismundo — Nada. Apenas entendo agora o que significa nascer para o teu mundo. Achas pouco? Basta isso para me brutalizar inteiramente e agora é todo o meu sangue que se agita. Por que não me ajudas? Por que todos parecem se juntar numa ronda enlouquecida que me atrai para o seu centro de fogo? Responde, mentirosa!

Estela — Não sei de nada. Vejo somente que sofres muito e sofro contigo. Não é preciso que me trates tão mal para que eu te acompanhe na tua dor.

Sigismundo — Acompanhar-me na minha dor! Que tenho eu com o teu sofrimento? Tens tu alguma coisa a ver com o meu? Estamos perdidos na treva, tu e eu, e nem sequer podemos divisar outro rosto. Dize agora que sentido podia ter para mim esta verdade que traíste.

Estela — Perdoa-me. Não te disse tudo porque julguei…

Sigismundo — Cala-te! Que verdade implacável seria esta, se possível fosse, uma verdade a quem seríamos obrigados a servir, uma entidade muda e fria que nem absolve nem condena? E já que se falou em condenação, que sentido tem a pena que me foi imposta por ter gravado na carne um nome condenatório? Para que impor tais nomes a uma criança? Para tornar possível uma realeza baseada apenas em mentira e fornicação?

Estela — Não sei. Não me trates com tanta dureza.

Sigismundo — Eu nada mais entendo. Destroçou-se o sentido de teu mundo, se é que ele possuiu algum em outro tempo. Meus atos não têm nenhuma relação com os teus nem com os de ninguém. Um me prende, outros me traem, vejo mortes, tu me escondes a traição e a pena. Para onde caminha esse exército enfurecido?

Estela — Não me fales assim. Não posso suportar os teus olhos.

Sigismundo — Que têm eles?

Estela — Estão como que feridos por uma luz maligna.

Sigismundo — E que mal te pode fazer esta luz? Se nem sabes quem sou eu! Por que estás com medo?

Estela — Por quê? Porque eu te amo.

Sigismundo — E que importa isso a meu gemido? Que alívio me pode trazer o fato de ser amado por uma prostituta desleal como tu?

Estela — Não sei. Não diga isso, Sigismundo! Nunca fui amada por ninguém. Não sei falar como os outros. Manda que eu me vá. Por que me maltratas?

Sigismundo — Não sei. Estou ferido para sempre. Ao chegar, encontro morto o ventre que me gerou, invadido aos poucos por esse mistério sombrio. E ao lado desta morte, o desfile de serpentes apodrecidas desta noite. Queres saber de tudo, ouve então. Sou, neste mundo a que cheguei, não somente estrangeiro mas bastardo. Minha carne é bastarda.

Estela — Bastarda?

Sigismundo — Sim, bastarda, ao que parece. Minha mãe, ao contrário do que se julgava, era uma serva da luxúria e de seus desejos. Sorrindo o seu antigo sorriso, acolheu no seu leito de adúltera o irmão de seu esposo, de quem sou filho ao que tudo indica.

Estela — De meu pai?

Sigismundo — Não. Do outro.

Estela — Não é verdade. Dizes isto para que eu sofra.

Sigismundo — Pensas então que não sofro também? É o que há de pior aqui. Nada tem sentido e, no entanto, sem que nos possamos dominar, somos presa do ódio e do sofrimento.

Estela — Eu não a conhecia, então.

Sigismundo — Tu talvez a conhecesses. És mulher também e talvez pudesses entender sua linguagem. Falas a linguagem do teu sexo, eu a do macho. Pensas que me conheces. Talvez sejas tão adúltera quanto ela. Ou quanto tua irmã. Ninguém conhece o outro. O que é amor em ti pode ser cegueira e sede em mim.

Estela — Por que chamaste Cláudia de adúltera?

Sigismundo — Deixa-me. Não sabes do que estou falando. Mas é a verdade. Vivo mergulhado em tamanha cegueira, torturado por uma sede tão ardente, que nem esta sede posso conhecer e precisar. Sinto-a somente, tateando no escuro, como um cego à espera da morte. Julgas que és melhor do que eu?

Estela — Não sei. Por que te comprazes em escarnecer de mim? Não posso suportar isto muito tempo.

Sigismundo — Afasta-te de mim então. Fui desenganado e traído e aprendi a fazer o mesmo.

Estela — Por que, Sigismundo, meu amor? Quem te ensinou essas coisas terríveis?

Sigismundo — Como poderia eu saber? Foi o deserto que me traiu, o deserto e minha sede.

Estela — Não te entregues ao desespero. Outros são bastardos, e a tua família te acolherá, mesmo que o sejas. Eu te acolherei, para sempre.

Sigismundo — Sim, minha família me acolherá? Acontece que não o poderia suportar, entendes? Já vi isso a que chamas família uivando como um bando de cadelas esfomeadas, sedentas de sangue, a mergulhar os dentes na carne dos outros, a rir enquanto feriam, escarnecendo ao mesmo tempo dos gemidos da vítima e da própria estupidez.

Estela — Não fales mais. Então foi assim que nos viste? Por quê? O crime de Rodolfo é verdadeiro?

Sigismundo — É sim.

Estela — Meu Deus!

Sigismundo — Por que ficares tão agitada? Assim tinha que ser. A morte, o sangue, a sede e o ventre. Não te vás. Quero agora que fiques comigo.

Estela — É verdade? Desejas que eu fique?

Sigismundo — Sim, este é agora o meu desejo. Talvez possas matar a minha sede.

Estela — Só porque te amo?

Sigismundo — Cala-te, mulher. Não sei o que significa isto para ti. Quero apenas descansar no teu ventre a minha sede. Acolhe-me nele. *(Abraça-a.)* Que é isso? É bom. Posso pegar aqui? Estás gostando! Sim, vejo que sim! E aqui?

Estela — Não posso. Ó meu amor!

Sigismundo — Por que não queres me seguir?

Estela — Há mandamentos que me impedem.

Sigismundo — Não temas. A lei foi feita para os sacrílegos, para os impuros, para os parricidas, para aqueles que se entregam à fornicação, para os roubadores de homens, enfim para os que cometem toda e qualquer ação contrária ao ensino da verdade. Mas nada disto tem sentido, num mundo em que ninguém se entende.

Estela — Por que zombas de mim, tentando me enganar?

Sigismundo — Enganar-te? Teria eu conhecido a concupiscência se a lei não tivesse dito que eu nada cobiçasse? Não me abandones. Estou cansado e solitário agora. Sacia a minha sede com teu corpo e talvez então eu possa entender tua linguagem. Vem.

Estela — Não, para lá não. Tua mãe está ali.

Sigismundo — E que importa isso? O mistério está no teu ventre. Quero desvendá-lo diante do dela, que me lançou neste planalto varrido pelo mar, pelo sol e pelo áspero vento da morte.

Estela — Tuas palavras são terríveis. Faze-me temer o teu perigo! Sozinha, não posso. Não me deixes fraquejar. Talvez aquilo que desejei ser outrora, venha um dia a merecer compaixão. *(Entram no quarto da rainha.)*

Coro

O castigo do corpo e seu mistério.

O queixume da carne e seu fascínio.

Que sentido há na carne rebelada,

Que nobreza de sangue e confusão?

Esses seres alados que esvoaçam
Seu silêncio de brasa e sua espada
Choram talvez, na sede já tranquila,
A ausência de teu corpo enfurecido.
Pois a carne contém culpas sagradas,
Ecos de amor, de sono e algum olvido,
E guarda sob a relva e o monte cálido
O desejo do tempo e o odor da morte.
Mas não procures nela o que não tem.
Ali só há coxilha e sangue espesso,
Palpitação de pássaro, agonia
E a relva que do sangue se sustenta.
As águas não habitam no teu ventre.
Tenha ele embora as margens e o murmúrio,
Seja mulher ou guardador de cabras,
Não procures as águas noutro sangue:
O ventre aberto e o sangue descerrado
Devolverão na treva o teu gemido
E é tudo o que do ventre hás de alcançar.

SIGISMUNDO — *(Entrando.)* E afinal, foi a morte que encontrei no ventre. E é aí que se procura alívio a esta sede mortal? Estela!

Entra ESTELA.

SIGISMUNDO — Que tens? Por que choras?

ESTELA — Não sei. Sinto uma tristeza que nunca sentira antes. Talvez seja por causa do que fiz.

SIGISMUNDO — Por que essa tristeza? Ela nada te diz, não tem nada a ver contigo, nem ela nem o temor que traz consigo. Só uma confirmação tem esse temor, e é o fato de estarmos sentenciados a jogar aqui esta partida de sonhos sangrentos.

ESTELA — Talvez isso seja verdade para ti. Mas, para mim, há uma significação terrível no ato que pratiquei.

Sigismundo — Por que disseste isto?

Estela — Em que te magoei? Perdoa-me.

Sigismundo — Por que afirmaste que não tem esse ato sentido para mim, enquanto que o tem para ti?

Estela — Tu mesmo o afirmaste há pouco.

Sigismundo — E é verdade: no que concerne a todos, nada tem sentido. Mas não quero que suceda tal fato comigo de modo diferente. Não quero, ouviste? Por que aconteceria tal coisa somente comigo? O que é verdade ou sonho para mim, agora, há de sê-lo também para os outros. Ou antes, o pesadelo geral é agora o meu também, há de sê-lo até na morte. Tornei-me igual a todos, se bem que não me conheças.

Estela — Então eu não te conheço? Conheço-te, sim. Paguei este conhecimento a alto preço. Por que me tratas assim? Falas comigo como se me desprezasses.

Sigismundo — E se fosse verdade que eu te desprezo? Que poderias fazer para impedi-lo? Sou livre.

Estela — Estou perdida.

Sigismundo — Sim, estás. Eu te desprezo. Sabe logo a verdade: eu te desprezo mais do que a todos. Por que te entregaste a mim?

Estela — Porque tu me pediste.

Sigismundo — Podias ter recusado. Devias ter recusado. Não eras serva dos teus mandamentos? Ou o que fizeste foi fruto da liberdade que a revogação da lei gerou? Mente à vontade. Traíste os teus senhores. E em troca de quê? De um ferimento na carne. Rá, rá! Eis o que procuravas.

Estela — Não te compadeces de mim, mesmo vendo quanto te amo? Protege-me, Sigismundo. Agora sinto-me solitária e inerme. Só tu me podes ajudar; cuida de mim, pelo menos um pouco. Não tenho coragem de sair daqui agora. *(Abraça-o.)*

Sigismundo — *(Esbofeteando-a.)* Deixa-me. Que tenho ainda a ver contigo? Traíste a minha sede. Vai-te.

Estela *cobre o rosto com as mãos e vai sair. Entra* Bernardo.

Bernardo — Que tendes?

Estela *sai.*

Bernardo — Que fizestes com ela?

SIGISMUNDO — Queres mesmo saber de tudo? Resolvi me tornar igual a todos. Possuí-a então, junto ao ventre que me gerou. Talvez agora possa me sentir menos só.

BERNARDO — Desgraçado! O rei nunca te perdoará.

SIGISMUNDO — Eu não quero o seu perdão. Nunca pedi que ninguém me perdoasse. Vai-te daqui, sabujo.

BERNARDO — Afinal, que tendes? Não vos deixeis dominar. Estais como que cheio de ódio.

SIGISMUNDO — E que me importa isso? Posso levar meu ódio até onde quiser. Podes me censurar por acaso? Sai daqui. Sai, estás ouvindo? Ou queres que te mate?

BERNARDO — Estais louco, sei agora que estais completamente louco.

SIGISMUNDO — Estou louco, não é? Toma então a loucura para ti também. *(Apunhala-o.)*

BERNARDO — Que mal vos fiz?

SIGISMUNDO — Vês agora até onde posso levar minha loucura? Grita, se puderes. Por que não pude, entretanto, mergulhar o punhal até o fim?

Entra CLÁUDIA.

BERNARDO — Ajudai-me, senhora. Estou ferido.

CLÁUDIA — Tu! Por que o feriste?

SIGISMUNDO — Ele que te diga, se puder.

CLÁUDIA — Meu Deus! Como te sentes?

BERNARDO — Estou bem. Creio que o punhal não atingiu grande coisa. Que o rei não saiba de nada.

CLÁUDIA — Podes andar?

BERNARDO — Posso.

CLÁUDIA — Sai por aqui, então. Trata de estancar o sangue do ferimento.

Sai BERNARDO.

CLÁUDIA — Que loucura foi essa? Queres aumentar ainda os acontecimentos desgraçados desta noite?

SIGISMUNDO — Talvez. Se este for o meu impulso eu o seguirei. Não entendo mais nada e estou cansado de escolher e ser enganado pela escolha. E, se o festim sangrento passa agora a meu lado, nego-me à luz que me cega, dançando nele também os impulsos de

meu sangue. Podes tu me censurar, mulher? Julgas que ignoro ainda que quiseste me matar porque amavas aquele assassino? Tu o amas ainda? Responde.

CLÁUDIA — Não sei.

SIGISMUNDO — E antes?

CLÁUDIA — Não sei, creio que sim. Rodolfo e o pai foram presos por ordem do rei. É verdade o que disseste sobre a conspiração? O rei vai mandar torturá-lo.

SIGISMUNDO — Foi para lamentar isso que vieste aqui? Se foi, vai-te. Eu nada tenho a ver com os desejos de teu corpo.

CLÁUDIA — Vim para pedir a tua ajuda.

SIGISMUNDO — Afasta-te de mim. Teu corpo cheira a sangue e não a cedro, como julguei.

CLÁUDIA — Não me deixes só, agora. Fala com o rei. Intercede por Rodolfo.

SIGISMUNDO — Nunca, nunca, ouviste? Afinal que esperas de mim? Achas que conseguirias alguma coisa exibindo-me tua concupiscência deste modo? O amor carnal que tens por ele vai até o ponto de perderes a visão e a dignidade? Fala! Que tem ele para o desejares assim?

CLÁUDIA — Eu não o amo. Apenas sucede que se ele for torturado eu mesma correrei perigo.

SIGISMUNDO — Eu o odeio, a ele e a sua insolente brutalidade. Ele tentou me matar e eu fiquei amedrontado. Nunca o perdoarei. Aproveitou-se de minha solidão e do fato de meus olhos enxergarem às vezes essas visões malditas. Mas ele me pagará.

CLÁUDIA — Age com generosidade, pelo menos esta vez. Faze isto por mim.

SIGISMUNDO — Que fizeste já por mim, tu que traíste o meu desejo? Por que mentiste, dizendo-me que o odiavas? Que morra coberto do sangue imundo que tu desejas. E mesmo que eu intercedesse por ele, o rei me ouviria? Sou bastardo.

CLÁUDIA — Ninguém o sabe com certeza. Talvez não o sejas.

SIGISMUNDO — Talvez. Talvez o seja, também. Talvez Rodolfo não morra. Talvez tu não o desejes. Ninguém sabe de nada neste mundo. Quem poderá jamais vir a saber tudo isto? Estamos completamente cegos e eu mais do que todos.

Gritos de homem, fora.

CLÁUDIA — Meu Deus, começaram a torturá-lo. Pede por ele. Eu não o amo, juro-te por tudo. Que crime cometi eu?

SIGISMUNDO — Creio que nunca cometeste crime algum, nem tu nem ninguém. Não pode existir crime num mundo onde não há lei.

CLÁUDIA — No entanto sinto-me responsável por tudo quanto aqui sucedeu. Por que isto?

Soam novamente os gritos.

CLÁUDIA — Não posso mais. Por que se maltratam assim uns aos outros?

Entra MARCÍLIO.

MARCÍLIO — O rei deseja que assistais à tortura do príncipe. Talvez diante de vós, que ouvistes tudo, ele confesse.

SIGISMUNDO — Não. Dize ao rei que o traga aqui se quiser.

CLÁUDIA — Estás satisfeito afinal? Vai e desencadeia tua revolta agora. Rodolfo e meu tio foram presos já. Que esperas?

MARCÍLIO — Para que me revoltar ainda? Já prestei ao reino o serviço que desejava.

CLÁUDIA — E a reforma do estado? Não era o teu sonho? Ou estás satisfeito agora porque perdeste Rodolfo?

SIGISMUNDO — Não fales mais nele. Por que pronuncias assim o seu nome? Eu te matarei se ainda o fizeres.

CLÁUDIA — Deixa-me falar, é a ti que defendo agora. Confessas então que a tua revolta era gerada pelo ódio e pela ambição?

MARCÍLIO — Estás mentindo.

CLÁUDIA — Toma o trono agora. É a tua oportunidade. Um rei traído e velho…

SIGISMUNDO — Um príncipe bastardo e tu, que salvaste o reino dos estrangeiros.

CLÁUDIA — Conquistarias de um só golpe tudo que desejas. Sabe porém que eu te desprezaria ainda mais.

Gritos de RODOLFO.

CLÁUDIA — Meu Deus!

MARCÍLIO — Que vos dizia eu, príncipe Sigismundo? Ela o ama. Matai-me se quiserdes, mas é verdade. *(A CLÁUDIA.)* Que me importa o teu desprezo? Agora eu te conheço mais do que tu mesma e esse conhecimento matou o amor que eu tinha por ti. Sabe o que te deixa tão inquieta? Desejo, sede, Cláudia.

CLÁUDIA — Que queres dizer?

MARCÍLIO — O que qualquer um entende por isso. Por que estás tão agitada, como se fosses culpada de alguma coisa? É que Rodolfo agrada o teu corpo e não queres confessar tal fato a ti mesma. Poderias tu mesma ter causado o crime.

SIGISMUNDO — Estás louco. Cala-te.

MARCÍLIO — Por que não és sincera contigo própria? Podias libertar os teus desejos entregando-te ao primeiro que despertasse o teu corpo. Vai para a rua, se o desejas, e lá…

SIGISMUNDO — Cala-te, já disse!

CLÁUDIA — Deixa-o.

SIGISMUNDO — Está bem. Sai daqui.

MARCÍLIO — Quanto às acusações que me fizestes, hei de provar que estais enganado. Muito do que ela disse é verdade, mas nem tudo o é. Na verdade, eu desejava acertar… Apenas não contava com essa mistura terrível de forças reais e desejos desordenados.

SIGISMUNDO — Que ingenuidade, é um idealista! Querer se meter numa história dessas sem sujar as mãos no sangue dos outros e nos despojos da própria inocência!

Entram ao mesmo tempo BERNARDO, *por um lado, e, por outro,* PATRÍCIO *e* CARLOS, *este algemado.*

PATRÍCIO — *(A BERNARDO.)* Por que não atendeste a meu chamado? Guardai as portas, para que ninguém saia.

CARLOS — Como poderíamos fugir, eu algemado e meu filho no estado em que o puseste?

CLÁUDIA — Vós o torturastes?

PATRÍCIO — Fica aqui, eu te ordeno. É preciso que ele confesse.

CARLOS — Que desejas saber? Confessarei o que quiseres, mas deixa-o em paz agora.

PATRÍCIO — Poderias então me esclarecer tudo? Quem foi a mulher que ele possuiu?

CARLOS — Não sei. Talvez nem seja verdadeira essa acusação.

MARCÍLIO — O homem jurou que sim.

SIGISMUNDO — Deixa-o falar. Ele bem sabe que é verdade. Eu ouvi Rodolfo lhe dizer aqui.

PATRÍCIO — A verdade tem que ser descoberta, seja ela qual for. *(A BERNARDO.)* Encontraste o pastor?

BERNARDO — Encontrei. Não estava em casa, mas na prisão, acusado de um assassinato. Deixei-o lá fora. Ele não me reconheceu.

CARLOS — Esta é a minha vingança, estes teus passos inquietos em torno do que tanto temes, a revelação de que tua mulher te desprezava. Sabe então da verdade, agora. Sigismundo é meu filho.

Patrício — Tu não podes ter certeza.

Carlos — Vê então. Toma, aqui tens. Antes que traiçoeiramente me mandasses prender, fui buscar isto na capela.

Patrício — O que é isto?

Carlos — É o Próprio dos Santos. Vês agora? Olha de uma vez para sempre. O dia de São Sigismundo é o primeiro dia do mês de maio.

Patrício — É verdade.

Carlos — Estás convencido agora?

Patrício — Saí para a viagem nos fins de junho do ano anterior. Foste concebido na minha ausência.

Sigismundo — Que me importa isso agora? E para vós que importância tem? Quanto a mim, quero saber de tudo somente para me fortalecer na certeza de que nada mais me detém, estrangeiro e bastardo num país de possessos. Mas a vós, que importa?

Patrício — Importa para que minha vingança seja completa. Agora hei de apurar tudo, o crime e a conspiração.

Marcílio — Quanto à conspiração, ela está abortada. Mandei aprisionar todos os meus comandantes. Rodolfo está perdido.

Carlos — E tu, achas que estás salvo? Não sabes que o rei te traiu? Ele te chamou aqui…

Patrício — Cala-te.

Carlos — Calar-me, eu? Por quê? Ouve tudo agora, louco confiado. O rei te chamou aqui somente para ganhar tempo, enquanto chegam as tropas da província.

Marcílio — É verdade, senhor?

Patrício — É, sim. Defendi o meu trono.

Sigismundo — Não vos esqueçais, porém, de que grande parte dessas tropas é fiel a Rodolfo.

Marcílio — A traição que sofri não me interessa mais. Podeis contar comigo para combater o que vier. Rodolfo vos traiu e subornou meus chefes. Unamo-nos contra os estrangeiros. *(Para SIGISMUNDO.)* Aí tendes a resposta que vos prometi. Renuncio à chefia em favor do rei.

Carlos — E depois? Em que situação estarás? Traíste o rei ao te rebelares e agora traís a revolução.

Marcílio — Corro o risco com ambos. Exijo porém em troca que se esclareça o crime de Rodolfo.

Patrício — Disso me encarregarei eu. Manda entrar o pastor.

Carlos — Tens ainda alguma esperança quanto a tua paternidade?

Patrício — Quero apurar tudo.

Sai Bernardo.

Sigismundo — Este é também o meu desejo. Quero saber por que sobrevivi, por que fui preso, onde estava a minha liberdade. Que liberdade podia assumir um homem retido na prisão por toda uma eternidade e arremessado de repente a este mundo sangrento sem interferência de sua vontade? Que se faça então o balanço de tudo, para que eu tudo possa desprezar. Que venha o pastor que me trouxe ao mundo, iniciando este conto malsinado.

Entram Bernardo *e* Clemente.

Sigismundo — Entra, Clemente, comparece perante os teus senhores e narra a todos a fábula de minhas desventuras. Em que dia nasci eu?

Clemente — Não sei, não vos conheço.

Bernardo — E a mim?

Clemente — Também não vos conheço.

Bernardo — Não te lembras então do dia em que me acolheste a mim e a uma mulher que pariu uma criança em tua gruta?

Clemente — Lembro-me, sim, mas vós estais muito mudado.

Bernardo — Batizaste o menino, logo após o nascimento?

Clemente — Batizei.

Bernardo — Por que o batizaste?

Clemente — Parecia que ele ia morrer. Demorou a chorar e eu o batizei logo. A água, porém, fez com que ele chorasse e escapou.

Carlos — Em que dia foi o nascimento?

Clemente — Não sei, senhor.

Carlos — Não sabes? Tu sabias que era o dia de São Sigismundo, pois com este nome o batizaste.

Clemente — Eu não sabia de nada. A mãe foi quem mandou que eu o batizasse com o nome de Sigismundo.

Patrício — Não era então o dia de São Sigismundo?

Clemente Clemente — Não sei. Não sei em que dia estávamos nem em que dia se celebra a morte desse santo.

Carlos — Não é possível! Estás enganado.

Clemente — Quanto a isto, não. Não sei a data em que a criança nasceu, mas que o menino foi batizado com o nome de Sigismundo a pedido de sua jovem mãe, disto tenho certeza.

Patrício — Não era o dia do santo. Ela mentiu. Sigismundo é meu filho.

Carlos — Teu filho? Só mesmo tu podias ter gerado um filho, com esses teus lombos impotentes! Por que teria ela mentido? Que interesse tinha ela em ocultar o filho, senão para esconder o seu adultério?

Patrício — Infame! Ousas te vangloriar de tua baixeza! Eu me vingarei. Trazei Rodolfo aqui.

Sai Bernardo.

Sigismundo — Preso, príncipe e talvez bastardo. Nem disso posso ter certeza? Que desejais com Rodolfo?

Patrício — A verdade.

Carlos — A vingança, isso sim.

Patrício — Eu te implicarei, custe o que custar. Rodolfo será torturado até a morte, mas há de confessar tudo. E então, tu me pagarás a traição que praticaste contra mim e contra o reino.

Carlos — Como desceste, tu, o homem de estado! Estás sendo levado agora somente pelo teu ódio.

Patrício — Sim, e que ele me conduza até o fim.

Cláudia — Quereis torturá-lo ainda? Eu não o suportarei. Peço-vos. É preciso que alguém se detenha nessa queda em que todos parecem se despenhar de repente.

Sigismundo — Que poder temos nós para mandar que alguma coisa se detenha? Deixai vogar, é o pedido que faço com toda a força de que disponho.

Entra Bernardo *com* Rodolfo, *este rasgado e ensanguentado.*

Cláudia — Rodolfo!

Rodolfo — Dá-me um pouco d'água, Cláudia.

Cláudia — Toma. Fala, Rodolfo! Confessa tudo.

Rodolfo — Nunca.

Cláudia — Eu não suporto mais que te torturem. Eu…

Rodolfo — Cala-te, Cláudia, não fales.

Patrício — Tomai-lhe a água.

Sigismundo *toma o copo de* Rodolfo*.*

Rodolfo — Afinal, que desejais ainda que eu confesse? Confessei a morte desse homem…

Cláudia — A morte? Tu o mataste? Por que fizeste isso?

Rodolfo — Como poderia eu sabê-lo? Foi um erro terrível que me perdeu. Melhor teria sido que o rei afastasse este bastardo de meu caminho. Esta noite embruteceu-me, embotou o que eu tinha de melhor e deixei de pensar direito.

Cláudia — Tu me associaste a teu crime. Estou perdida.

Sigismundo — Que queres dizer?

Rodolfo — Não fales, e tudo estará salvo.

Patrício — Não fales? Então Cláudia sabe?

Marcílio — Que vos dizia eu, senhor?

Patrício — Cláudia, contai-nos tudo. Se queres evitar que Rodolfo seja torturado...

Rodolfo — Não, afasta-te, Cláudia. Pensas que é fácil assim para eles se desfazerem de nós? Julgas que o que aqui se passou pode ser divulgado sem perigo para todos? Se nos perdermos, arrastaremos toda a família conosco. Com quem ficarão eles, se eu desaparecer? Com este bastardo, cuja história ninguém esclarecerá nunca?

Cláudia — Cala-te, antes que eu enlouqueça. Não posso mais te ouvir.

Rodolfo — Que disse eu para te ferir assim?

Cláudia — Que disseste? Pergunta antes que fizeste. Tu me fizeste mergulhar numa presença maléfica…

Rodolfo — Não fales, peço-te por tudo.

Cláudia — Não fales? Acontece que eu não posso mais. Não posso mais, entendes? É preciso que sejamos punidos. Aceita a tua punição que eu aceitarei a minha. O que não

posso é continuar suportando essa culpa. Vês? Estou ferida no corpo e na alma, uma ferida mortal.

RODOLFO — Cláudia!

CLÁUDIA — Por que me violaste?

SIGISMUNDO — Potências infernais!

CLÁUDIA — *(A RODOLFO.)* Sabe agora que eu te odeio.

MARCÍLIO — Então eras tu a mulher?

CLÁUDIA — Odeio-te tanto quanto uma pessoa pode odiar outra. Tu causaste a minha perda.

RODOLFO — Tu mesma o quiseste assim. Por que me exasperavas? Resisti quanto pude, mas enfim... Meu crime é tanto meu quanto teu.

MARCÍLIO — Assassino! Tu me pagarás.

Agarra-o e puxa o punhal. RODOLFO *reage e saem lutando.*

CARLOS — Separai-os!

SIGISMUNDO — *(Puxando o punhal.)* Não, que morra! Matarei a quem se mover!

CLÁUDIA — Socorro!

SIGISMUNDO — *(Dominando-a.)* Cala-te!

Grito de RODOLFO*, fora.*

SIGISMUNDO — Marcílio!

MARCÍLIO — *(À porta.)* Matei-o.

CLÁUDIA — Meu Deus!

CARLOS — Rodolfo, meu filho. *(Corre para fora.)*

MARCÍLIO — Vedes agora? Perdi tudo. É a minha resposta. Ide vós para o campo, meu príncipe. Sede o rei com que sonhava. Humanizai o poder! Adeus! *(Corre.)*

SIGISMUNDO — Marcílio! *(Segue-o.)*

VOZ DE MARCÍLIO — *(Fora.)* Ai!

SIGISMUNDO — *(À porta.)* Matou-se! Atirou-se da janela nas pedras do pátio.

CLÁUDIA — A culpa é minha. Deixa-me. Assim tinha que ser.

SIGISMUNDO — E Rodolfo? Tu o amavas?

Cláudia — Não, mas ele me amava. Agora tenho certeza. Sofreu tanto, e não me denunciou.

Patrício — A mulher eras tu mesmo?

Cláudia — Era eu, sim. Agora terminou. Estou presa para sempre a estas mortes.

Patrício — Que faço eu aqui ainda? Vou-me para longe de todos vós.

Clemente — E eu, senhor? Esperava ser julgado agora. Há dois anos que estou preso, esperando o julgamento.

Patrício — Que Sigismundo te julgue. Sê o juiz, agora, Sigismundo, juiz de ti e de todos nós. Absolve-o ou condena-o, tu, causa de tudo quanto se passou. Julga a desgraça comum, pois sabes te portar na desgraça. Da minha, tu foste a pedra angular, tu, bastardo surgido das entranhas da terra para me desgraçar.

Sigismundo — Cuidado, senhor. Eu…

Patrício — Cala-te tu. Que me podes fazer ou dizer ainda? Rodolfo tinha razão. Era melhor que todos se tivessem calado. Agora, julga tu mesmo o teu caso. Belo nome esse, *caso*. Quer dizer *caído*, um fato insólito que se desprende da eternidade para ser tragado pelo tempo e por suas dolorosas circunstâncias. Reúne-te, pois, a Clemente, que te trouxe ao mundo e te criou nos primeiros tempos, e vê se com ele forjas uma história mais pura para ser narrada em vez da tua.

Sigismundo — Recebo a dignidade de que sou investido e cinjo o manto do juiz.

Patrício — Pobre juiz bastardo! Aproveita agora. És moço ainda. Logo chegará a velhice e não acreditarás então no teu poder de julgar. O mundo começa a agonizar. Começam a morrer os casos que viviam abraçados aos teus, homens, fatos, coisas, e quando chega a morte, é todo o teu mundo que morre contigo. Sucede com todos nós, e como há alguém morrendo a cada instante, o mundo vive agonizando eternamente, ele e seus casos banhados de mistério. O meu já está assim, estrebuchando aos golpes de sua agonia e em breve morrerá. Adeus, juízes. *(Sai com Bernardo.)*

Sigismundo — *(A Cláudia.)* Sai daqui, ventre desvelado. Vai para junto de tua morte e deixa só o juiz.

Cláudia — De minha morte?

Sigismundo — De tua morte, sim. Pensas então que acredito que esse despojo te violou? Tu mesma te entregaste a ele, para cevar teu desejo.

Cláudia — É mentira. Tu não podes saber.

Sigismundo — Não é difícil descobrir isso, mesmo para um juiz aprisionado. Podias ter resistido, mas nunca o faríeis. Tu… tu o desejavas.

Cláudia — Estás enganado. Por que me acusas? Tu não tens o dom de saber o que se passa em mim. Ou de saber o que acontece com as mulheres.

Sigismundo — É verdade, não tenho esse dom, mas eu experimentei isso. Sois vós que vos entregais. Não me exasperes. Duvidas do que eu disse? Pergunta a tua irmã. Ela dirá se estou mentindo.

Cláudia — Estela? Que tem ela a ver com isso?

Sigismundo — Ela se entregou a mim aqui, no mesmo lugar em que Rodolfo te possuiu. Nega agora o que te disse.

Cláudia — É verdade? Por que fizeste isso?

Sigismundo — Não quero mais ficar só, entendes? Sabes o que é sede? Eu sinto uma sede terrível e hei de saciá-la. Mas o ventre dela me traiu.

Cláudia — Então Estela... Pobre irmã.

Sigismundo — Nada há que lamentar. Se o ventre me traiu, a realeza e o poder de julgar acompanharão a minha solidão. Sai.

Cláudia — Não tenho coragem. Por aí não. Rodolfo está aí.

Sigismundo — Rodolfo morreu. O que está aí é somente o corpo e este logo apodrece. Esse corpo possuiu o teu e eu o odeio. Manda retirá-lo. A decomposição se apodera agora de Rodolfo.

Cláudia — Cala-te. Por que me torturar mais? Tu nada sabias de Rodolfo.

Sigismundo — E tu, sabias alguma coisa? Nele, como em mim e em ti, envolvia a bruma um edifício de gestos, uma treva mais espessa perdida na bruma geral. Que podias enxergar, que podes ver através da neblina? Nada. A bruma segue o corpo onde ele vá, e onde se alarga o gesto ela se distende, impedindo a visão e o grito. Sai por aqui.

Cláudia *entra no quarto da rainha.*

Sigismundo — E agora cinjo o manto do juiz para julgar o homem que me trouxe ao mundo.

Clemente — Que sorte me destinais?

Sigismundo — Decide tu mesmo. Já que não posso encontrar o homem que me gerou, julgarei em ti a minha história, em ti, o arquiteto da minha soledade. Ouviste tudo. Achas que fizeste bem em me conduzir ao seio desta loucura?

Clemente — Não sei. Pediram-me dormida e ajuda e eu dei o que me pediam. Quanto ao meu julgamento, peço misericórdia.

Sigismundo — Não entendeste então, Clemente? O teu crime e a minha história são uma coisa só. Faze por entender o que te digo. Que crime cometeste?

Clemente — Matei um homem.

Sigismundo — Ah, mataste um homem. Por quê?

Clemente — Envergonho-me de contá-lo, senhor.

Sigismundo — Fala. Sou o teu juiz, entendeste? Fala, senão estás perdido. Quero conhecer tudo, esgotar a sabedoria. Por que o mataste?

Clemente — Eu tenho um filho, um pouco mais moço do que vós. Ele me ajudava na guarda do rebanho e esse homem a quem matei era nosso vizinho. Ele nos roubava, era um homem corrupto. Depois, começou a aparecer no meu pasto e a sair com meu filho. Iam os dois juntos procurar mulheres, e um dia…

Sigismundo — Continua!

Clemente — Eu procurava uma cabra perdida e encontrei os dois, ele e meu filho, num comércio infame. Envergonhado até a morte e para livrar meu filho daquele demônio, e também porque o odiei, matei-o ali mesmo. Depois fui me entregar à prisão.

Sigismundo — Por que te entregaste?

Clemente — Porque estava arrependido.

Sigismundo — Então por que o mataste? Querias destruir ou não?

Clemente — No momento eu o desejei, mas depois…

Sigismundo — Tu és um covarde.

Clemente — É um crime matar, e eu o cometi. E eu sabia que era um crime. O padre o tinha dito na igreja, poucos dias antes. Era um aviso.

Sigismundo — Não passas mesmo de um covarde. Então ias à igreja, galileu? Não podias matar. Não podias, entendes? Por que não mataste o teu filho?

Clemente — Porque eu o amava.

Sigismundo — Amar… Bela palavra essa de que se abusa no teu mundo. Deverias ter amado o morto também ou então matar a ambos.

Clemente — Matar o meu pobre filho, senhor? Eu não sou louco. Nem para matá-lo nem para amar o homem que o corrompeu.

Sigismundo — Então não tens coragem de enlouquecer, de viver tua loucura até a morte? Por quê? Fala, joelhos dobrados. Por que não tens coragem de enlouquecer?

Clemente — Não sei, meu senhor.

Sigismundo — Não sabes? Ouve então. Não tens coragem de enlouquecer porque teu sangue é incapaz de suportar os uivos da loucura. Tua vida, depois de enlouquecida, não caberia na tua carne. Tem pelo menos a coragem de confessá-lo. Não é isso que te fez recuar?

Clemente — Não sei. Não entendo o que dizeis.

Sigismundo — Não digas isso novamente. São as minhas roupas suntuosas que te afastam. Eu visto assim e tu assim, é somente isso. Por que não poderia eu entender o que dizes?

Clemente — Tende piedade de mim, senhor. Sou um homem rústico e por isso, talvez, não vos entendais bem comigo, apesar de eu vos ter criado. Se vos lembrásseis, talvez fôsseis mais indulgente. Se vos lembrásseis da fome e da sede que eu sofria, talvez meu crime fosse mais perdoável. Às vezes, perdido, a sede me fazia chorar.

Sigismundo — Então tu a sentes também, essa sede mortal, esse desejo ardente de que uma pessoa adorável nos destrua, passando a viver em nós a sua vida perfeita e sossegada?

Clemente — Não sei, meu senhor, mas sentia muita sede. Quando eu deixava as regiões secas onde procurara durante todo o dia uma rês que se perdera, quando chegava a algum poço onde podia matar a sede, a água me parecia a melhor das criaturas de Deus.

Sigismundo — Então não podes me entender? Tu poderias, se quisesses. Somente não fazes um esforço para isso. *(Agarra-o pelos ombros.)*

Sigismundo — Olha-me bem. Tens coragem de encarar tua morte?

Clemente — Estou condenado?

Sigismundo — Entende o que te digo! Por que me desesperas? Pergunto se tens coragem de encarar a tua morte. Não tens essa coragem, sei-o agora, e somente a loucura é capaz de encarar a própria morte. Fala! Defende-te antes que seja tarde.

Clemente — Defender-me? Que defesa posso apresentar se não entendo o que dizeis? Sinto apenas que vossas palavras estão carregadas de furor. Como podeis me julgar assim?

Sigismundo — E aceitas o julgamento, guardador de cabras? Por que curvas teu pescoço? Não viste o que aqui se passou? Teus senhores estão se despedaçando mutuamente e aceitas este jugo?

Clemente — Não tenho outro e aceito-o. Talvez este fato vos dê a todos uma ideia da terrível responsabilidade que pesa sobre vós.

SIGISMUNDO — Falaste agora do que entendi. Recebe então o meu julgamento, como recebo eu a minha responsabilidade. Recebe-o como resumo e salário de tudo o que aqui encontrei. Esgotei o ventre e não achei nele alívio à minha sede: que o traga o julgamento. Que o exercício de meu poder destrua a minha solidão, fazendo-me irmão do último dos réprobos. Recebe no meu julgamento o testemunho de que recuso a minha história, à qual foste tão fundamente ligado. Pelo processo de tudo isto, e não pela morte que cometeste, com a qual nada tenho, pelo inventário de minha desventura, eu te condeno, Clemente, a que pagues o teu preço, padecendo a tua morte. *(Empurra-o para fora, puxando o punhal.)*

VOZ DE CLEMENTE — *(Fora.)* Ai!

Entra CLÁUDIA.

CLÁUDIA — Sigismundo! Mataram-no.

SIGISMUNDO *volta.*

CLÁUDIA — Que fizeste?

Entram CARLOS *e* BERNARDO.

SIGISMUNDO — *(Limpando o punhal.)* Procuro no sangue o que o ventre não me soube dar.

CARLOS — Que houve ainda aqui? Que crime, que pecado cometeste agora?

SIGISMUNDO — Pecado? Que significa este nome tão belo? Que sentido tem ele aqui? É a desordem introduzida na realeza? Mostrai-me então as águas ordenadas no sossego para que ele emerja delas sua face resplendente e decaída, como de um torvelinho solitário. Eu nasci com o pecado. Sou o vosso pecado, se na verdade me gerastes, e esse pecado é a única coisa que vos confere alguma nobreza. Mas se não sou vosso filho, vosso pecado se perde na bruma. O meu, não. Quereis vê-lo, enxergar a face de meu pecado? Ali está ele. Ide.

CARLOS — *(Da porta.)* Clemente! Por que o mataste?

SIGISMUNDO — Por ódio, talvez, que sei eu? Talvez para me igualar a todos vós, filhos da cólera e do temor. Exerci nele o meu julgamento condenando, com todos vós e comigo, essa história, tecida por um engano trágico.

CLÁUDIA — Que farás agora? Que faremos nós agora, cercados desse modo por tantos crimes?

SIGISMUNDO — Quanto a ti, não sei. Eu continuarei até onde o meu poder me leve e possa ser exercido. Por que não vens comigo?

CLÁUDIA — Estás coberto de sangue.

SIGISMUNDO — Julgas que estás menos do que eu? És capaz de me condenar?

CLÁUDIA — Não.

SIGISMUNDO — Então vem comigo.

CLÁUDIA — Para onde?

SIGISMUNDO — Para o campo. Minha história apagou-se agora, e tratarei daqui em diante de realizar a minha realeza. Conquistarei a cidade e o trono. Haverá melhor maneira de realizar o que pretendo? O rei verá quanto vale o bastardo.

CLÁUDIA — Desgraçado. Que podes conseguir com esse poder?

SIGISMUNDO — E tu, por que falas daquilo que desconheces? Tiveste já algum poder em tuas mãos? Sabes porventura o que ele significa? A ti, é impossível saber que sentido assume ele no meu sangue! Eu não sou tu, nem aquele que vês em mim. Sou eu mesmo e vou-me.

BERNARDO — Não saireis daqui. Chamai a guarda. Guardai as portas! *(Sai correndo.)*

SIGISMUNDO — Não há tempo a perder. Preciso de ti agora para transpor os portões. Vem e eu te darei uma vida nova. Destruirei também a tua história.

CLÁUDIA — É uma loucura…

SIGISMUNDO — Decide-te, duma vez. Vens?

CLÁUDIA — Vou.

CARLOS — Não vás. Talvez morras na luta e afinal...

SIGISMUNDO — Calai-vos. Que tenho convosco ainda? Voltai para junto do morto e esperai aí a vossa vez. Vivei o que vos resta ainda de vossa vida miserável, pois eu me vou. Voltarei para vos julgar a todos. *(À porta.)* E tu, adeus, guardador de cabras, pobre destroço de uma história extinta. Bem frágil és tu, imagem e semelhança, para sucumbires tão facilmente.

CLÁUDIA — Ouve, é a guarda.

SIGISMUNDO — Vamo-nos. Adeus.

Sai com CLÁUDIA. *Entra* PATRÍCIO.

PATRÍCIO — Guardai as portas. Que ele não possa fugir. Onde está Sigismundo?

CARLOS — Fugiu. Não o alcançarás nunca.

PATRÍCIO — Por onde saiu ele?

CARLOS — *(Apontando o lado contrário.)* Por ali.

PATRÍCIO — Vai sair pelos fundos do paço, então. Eu o prenderei. Guardas!

Sai correndo. Entra BERNARDO.

BERNARDO — Onde está o rei?

CARLOS — Saiu em busca de Sigismundo.

BERNARDO — É tarde, agora.

Entra PATRÍCIO.

PATRÍCIO — Não há ninguém. As portas estão fechadas.

BERNARDO — Ele fugiu.

PATRÍCIO — Por onde?

BERNARDO — Pela entrada principal.

PATRÍCIO — *(A CARLOS.)* Tu mentiste.

BERNARDO — Ninguém o deteve, por causa de vossa sobrinha. Ela conduziu o cavalo, pois o príncipe não sabia montar. A guarda, ignorando o que se passava, deixou-os ir.

PATRÍCIO — *(A CARLOS.)* É outro crime que cometes contra o estado. Tu o pagarás.

CARLOS — A mim, que importa tudo isso agora? Já me vinguei de tudo. Muito zeloso estás agora da causa pública. É o ódio que te move ainda. Nunca mais serás o mesmo, Patrício.

PATRÍCIO — Pois bem, é o ódio. E por que não? Odeio esse bastardo que veio destruir minha vida. Mas ele me pagará e tu também. Por que o desenterraste, Bernardo? Manda às portas da cidade um mensageiro para ver se ainda o prendem.

CARLOS — Toma cuidado. Talvez Sigismundo vença e se houver luta ele nos matará a todos.

PATRÍCIO — Eu não o temo. As tropas ainda me veneram e hão de lutar.

BERNARDO — Combatereis vós mesmo?

PATRÍCIO — Por que não? Comandarei a batalha. Os portões serão abertos e tudo se decidirá.

BERNARDO — É uma loucura.

PATRÍCIO — Talvez, mas não há outra saída. Ninguém pode mais contar com as tropas que vêm em caminho. Manda selar meu cavalo.

Sai BERNARDO.

PATRÍCIO — Quanto a ti, sabe que os soldados têm ordem de te matar a qualquer tentativa de fuga.

CARLOS — Ficarei junto ao corpo de meu filho, aguardando tua volta. Quem sabe se não esperaremos juntos a morte? Diante de um moço como Sigismundo, nós estamos muito menos separados do que pensas. Verás: aqui ficaremos, novamente em comunhão perfeita, unidos pelo temor comum a um incompreensível jovem cheio de cólera. Deus te acompanhe.

Saem.

CORO

As águas não choveram tua sede.
O ventre aberto, o sangue desvelado
Entregues ao poder e ao julgamento
Encerraram na cinza o grito e a lápide.
Que procuras na guerra? O teu suspiro?
O opróbrio de teus ossos desolados?
Ouço o sangue agitar sua couraça
Espumejando cólera e terror.
Já caminhaste o ventre e o julgamento
E eis que o poder revela seu deserto.
Regressa à casa, ao corpo e ao teu princípio.
Por que buscar as águas no deserto?
Os capitães da morte andam na noite
Sangrando sua chaga irreparável,
Sua boca cerrada e a face inútil;
O novo dia geme encarcerado
Nas entranhas das fêmeas devastadas,
E o homem tenta o brado solitário
Açoitado na noite e no mistério.
Enfim, que tenho a ver com teu desejo?
Vai: leva tua sede onde quiseres

Pois no pasto de pó da terra amarga
Sempre o senhor, a besta e os sete cornos
Encontrarás, mais baixos do que tu,
Mordendo o velho pó e o teu desprezo.
Cuida, porém, na sede. Eis que ela cresce:
Não se eternize em dentes rangedores.
Passada a porta é o fim do teu mistério,
Teu dom realizado e o irreparável.
E o rumor do combate continua.

Entra Estela *e ajoelha-se ao pé da cadeira próxima ao quarto da rainha. Entra* Carlos.

Carlos — Enfim te encontro... Perdoa. Estavas rezando?

Estela — Estava. Pedia à rainha que intercedesse por todos nós e por ele, principalmente.

Carlos — Onde estiveste durante todo esse tempo?

Estela — Na capela, rezando.

Carlos — Dize-me, Estela, acreditas em tudo isto? Em tudo?

Estela — Tudo o quê?

Carlos — Em rezar aos mortos e pedir por eles, por exemplo. Acreditas que isto...

Estela — Não tenho a menor dúvida. O que não sei é se depois de tudo isso minha prece tem algum valor. E vós?

Carlos — Não sei. Nunca pensei nisso, mas hoje, depois dessa noite terrível... Que tens?

Estela — Nada. Temo por Sigismundo. Por que agiu ele assim?

Carlos — Não sei. Eu não conheço Sigismundo. Por que te lembraste dele?

Estela — Porque falastes nos acontecimentos desta noite. Quem, mais do que ele, sofreu estes crimes? Meu Deus, não chega notícia dessa luta?

Carlos — Se ele vencer, estamos nas suas mãos.

Estela — E se perder?

Carlos — Creio que Patrício o matará.

Estela — Será possível? Que teremos de ver ainda, meu Deus?

Carlos — Em breve o saberemos. Tudo se decidirá na batalha que se está travando.

Estela — Terá ele coragem de matar o filho?

Carlos — Ninguém saberá nunca de quem Sigismundo é filho, se ele é bastardo ou não.

Estela — Que importa isso? Sois vós os culpados de tudo. Preparastes todos os acontecimentos desta noite, os crimes, os adultérios e as traições. Vós o prendestes, torturando-o durante toda a vida, e quando o libertastes foi para lançá-lo no meio desta comunhão de danados. E ele precisava era de ser mergulhado na torrente da comunicação dos santos, que banharia a sua solidão. A culpa é de todos vós.

Carlos — Acalma-te, Estela!

Estela — Acalmar-me! Eu o amo, e ele talvez esteja morrendo agora.

Carlos — Então tu amaste a esse louco?

Estela — Amei-o e amo-o ainda, e não quero mais viver convosco, que contribuístes para sua perda. Deixai-me. Se ele sobreviver, levá-lo-ei para longe daqui e salvá-lo-ei de vós.

Carlos — Quererá Sigismundo ser salvo? Tu não o viste aqui, antes de sua fuga para o campo. Deixou que Marcílio matasse meu filho e se matasse a si próprio, e acabou por assassinar o pastor que o trouxe ao mundo.

Estela — Eu sei. Sofro por ele, mas em que vem isso afetar o amor que lhe tenho? Eu o amo com todo o meu ser. Tudo se transformou para mim, depois que me entreguei a ele.

Carlos — Tu?

Estela — Eu, sim. Acreditais agora? Eu o amo. Cometi um pecado terrível para ficar com ele!

Carlos — Por que o fizeste?

Estela — Não sei, não sei mais de nada. Creio que é por causa do que fiz. Tudo se transformou. Ele me insultou, depois de tudo, e eu mereci o seu desprezo. Quem sou eu para vos incriminar? Também fui indigna e má, contribuí para sua perda, fazendo-o pensar que todos eram como eu. Agora pago tudo com o meu sofrimento. Por que sofremos tanto, todos nós?

Carlos — Não te tortures mais. Já tens o teu quinhão e basta para uma vida.

Estela — Para uma vida… Que vida posso ter de hoje em diante? Pedi, ao rezar, que esse quinhão crescesse até igualar o dele, até ultrapassá-lo. Isso só pode acontecer se até o meu amor for esvaziado e espezinhado. Não consigo mais amar meu Deus tanto quanto a ele, mas se minha vontade for atendida Sigismundo estará salvo e eu desgraçada para sempre. Que barulho é esse? Será alguma notícia?

CARLOS — Vou saber.

Entra BERNARDO.

CARLOS — Então?

BERNARDO — Sigismundo venceu.

ESTELA — Venceu?

BERNARDO — Venceu, sim. As tropas leais ao rei estão sendo completamente desbaratadas.

CARLOS — E Patrício, onde está?

BERNARDO — Vem em caminho para cá, cercado pela guarda. Estará aqui dentro de poucos momentos. Quis ainda reunir os soldados dispersos, mas a fuga era desordenada e foi impossível contê-la. Ajudei-o quanto pude, mas depois eu próprio o aconselhei a desistir.

ESTELA — Aí vem o rei.

Entra PATRÍCIO.

BERNARDO — Fechemos os portões. *(Sai.)*

CARLOS — Então foste vencido, meu irmão. Não contavas com a derrota. Eu te preveni.

PATRÍCIO — Deixa-me em paz. Por que nos despedaçarmos agora, quando a morte está próxima? Maldito seja Sigismundo. Foi ele a causa de tudo. Parecia um demônio encarnado. E creio que na verdade ele o é.

ESTELA — Por que dizeis isso, vós que nada fizestes por ele?

PATRÍCIO — O fato é que ele cumpriu tudo o que se havia predito. Em poucas horas destruiu a vida de todos nós. Rodolfo morto, Marcílio morto. Cláudia desonrada e todos nós agora a caminho da morte.

ESTELA — Não foi Sigismundo quem os perdeu.

PATRÍCIO — Por que não? Foi ele quem nos perdeu a todos, a ti inclusive. Por que o defendes? Julgas que foste poupada? Ou perdoaste o fato de ele ter levado tua irmã consigo, tu que a amavas tanto?

ESTELA — Cláudia?

PATRÍCIO — Sim, Cláudia. Ele a levou consigo, para juntá-la a seus planos infernais. Ele…

CARLOS — Cala-te, Patrício.

PATRÍCIO — Por quê? É preciso…

Carlos — Cala-te, já disse. Por que magoá-la? Ela se entregou a Sigismundo.

Patrício — Meu Deus! Nesse caso, ele te perdeu mais do que eu julgava.

Estela — Contai-me tudo, peço-vos. Cláudia foi… de vontade própria?

Patrício — Creio que sim.

Estela — E ela amava Sigismundo?

Patrício — Que sei eu? O mundo de repente parece habitado por loucos. Não entendo mais nada. Mas não desesperes.

Estela — Que posso eu fazer? Parece que meu pedido foi atendido.

Patrício — Não chores por esse monstro. E Cláudia, que loucura se apossou dela?

Entra Bernardo.

Bernardo — Senhor, a guarda está apavorada. Há um clarão enorme no céu.

Patrício — Sigismundo está incendiando a cidade. Prometeu aos soldados que, se vencesse, entregaria tudo à pilhagem. Depois da vitória, não só não tentou contê-los, como está ele mesmo comandando o saque. Com um facho na mão, incendeia as casas saqueadas, cercado por um grupo de assassinos. Graças à confusão pude chegar até aqui.

Estela — Meu Deus! Vou procurá-lo.

Patrício — Fica aqui, peço-te.

Estela — Não, soltai-me. Não posso deixá-lo sozinho!

Patrício — Ordeno-te que fiques. Tu não o acharias nessa cidade em chamas. E mesmo, por que buscá-lo? Em breve estará aqui. Há de querer incendiar o paço, mais do que qualquer outra coisa, queimá-lo e entregar-nos a seus cães.

Gritaria fora. Rumor de armas.

Bernardo — *(À janela.)* Senhor, forçaram os portões. A guarda está se rendendo.

Patrício — É o fim. Aí vem ele.

Carlos — Que te dizia eu? Vês como estamos agora unidos, apesar de tudo?

Clarim. Entra Sigismundo*, com um facho.*

Sigismundo — ...E que o fogo se aposse do paço. Ouvis estas vozes cheias de ódio? São os meus soldados. Encheram o pátio e esperam ansiosos que eu apareça à sacada para

iniciar o incêndio. Este facho é o sinal que eles esperam. Quando eu o jogar no pátio o saque terá início.

Vai à sacada. Gritaria.

SIGISMUNDO — Ouvis?

Agita o facho. A gritaria sobe.

SIGISMUNDO — É uma bela coisa, o fogo. Nunca o tinha visto, e difícil foi habituar a ele os meus olhos.

ESTELA — Onde está Cláudia?

SIGISMUNDO — Lá fora, aguardando o chamado do vencedor. Vede como ela é boa! Como se interessa pela sorte da irmã! Dissoluta! Agora eu vos conheço a todos. Perguntais por Cláudia: quereis saber de tudo?

PATRÍCIO — Que fizeste com ela? Mataste-a?

SIGISMUNDO — Matá-la? Por que iria eu matá-la se podia gozar o seu corpo? Apresentei-a aos rebeldes como minha noiva. Minha noiva! E eles acreditaram; depois, levei-a para a tenda de campanha e lá, quando ela já consentira, recusei o seu corpo. É melhor do que o teu, Estela.

ESTELA — Pobre de nós.

SIGISMUNDO — Quanto aos rebeldes, libertei os chefes, comuniquei-lhes a morte de Rodolfo e a de Marcílio e acenei-lhes com o saque, sob o meu comando. Foi o bastante. Mas aí vem Cláudia.

Entra CLÁUDIA. *Estela abraça-a.*

SIGISMUNDO — Está ainda tremendo, vedes? São muitas emoções para uma só noite. Violada por um homem e desprezada pelo príncipe rebelde, pelo bastardo que a fortuna adotou. Deixa a tua irmã, que tens tu com ela? Fica comigo. Belo par de noivos formamos juntos, um bastardo e uma prostituta. Por que tremes? Fala! Onde está tua coragem? Firma o queixo. Antes não estavas assim, por que estás agora? Nada do que fizeste é pecado!

CLÁUDIA — Estela, perdoa-me.

ESTELA — Que tenho a te perdoar, Cláudia?

CLÁUDIA — Marcílio tinha razão. Não passo de uma fêmea impura, da última das mulheres. *(Sai correndo.)*

ESTELA — Cláudia, onde vais?

Sigismundo — Fica. Daqui não sairá ninguém.

Estela — Deixa-me. Não me faças sofrer mais.

Sigismundo — Não há motivo de sofrimento, agora. Estamos todos unidos e os sábios foram apanhados na própria astúcia. Todos unidos, um bando de fornicadores, idólatras, adúlteros, efeminados, ladrões, avarentos, assassinos e palhaços ambiciosos. O saque da cidade, devíeis presenciá-lo. Um espetáculo desgracioso. Como são pobres os homens no seu desafio, quão boçais na sua danação! E o sangue a inflamar-se para cobrir tudo o que há de inerte e apodrecido nessa esquerda danação. Que sabeis disso, matilha acovardada?

Patrício — Julgas-te melhor? Achas que ainda poderás ir longe?

Sigismundo — Calai-vos! Que podeis entender de tudo o que vos disse? Posso matar a todos os que estão aqui. Acautelai-vos, portanto. Neste mesmo lugar matei um homem porque se recusou a me acompanhar e agora conquistei o poder de vos matar a todos.

Estela — Sigismundo…

Sigismundo — A ti recuso qualquer palavra. Não quero ouvir teus queixumes mentirosos e cheios de ciladas. És a pior de todos, respiras libertinagem e hipocrisia. Sou um homem sedento, ouviste? Já sabes a que extremos pode me levar esta sede. E o poder me açula ao extremo. Vês o meu facho? Posso matar a todos, destruir-vos com um simples gesto.

Carlos — Estás louco.

Sigismundo — Não, estou apenas bêbado, bêbado de sede e hei de esgotar a minha embriaguez.

Patrício — Esgotar a sede? Que sorte nos destinais?

Sigismundo — Mantendes ainda alguma dúvida? É a justiça quem me impele a destinar todos vós à torre. Um belo destino, este. Ele vos trará a liberdade, o desregramento completo. Podereis saciar à vontade os vossos apetites, longe dos olhos do mundo. Ser-vos-á permitido o total despedaçamento mútuo, enquanto esperais a morte. Entregai-vos ao crime, ao incesto, ao ódio, ninguém saberá de nada. É uma estranha e nova liberdade. Antes porém quero ver a cela em que vivi. Qual o caminho para chegar lá?

Bernardo — Segui por aqui.

Sigismundo — E as máquinas que erguem a porta?

Bernardo — Estão no fim do corredor. Tomai cuidado: o homem que as construiu já morreu e uma vez quebradas, não haverá…

CARLOS — Cala-te, Bernardo…

SIGISMUNDO — Calai-vos vós. Por que interrompê-lo agora? Já ouvi bastante. Se eu vos puser lá e quebrar as máquinas, jamais saireis, mesmo que eu viesse a me arrepender. Quanto tempo leva a porta a cair?

BERNARDO — *(A PATRÍCIO.)* Devo falar, senhor?

SIGISMUNDO — Fala, sou eu quem ordena, sabujo. Estás nas minhas mãos agora. Queres morrer logo, antes dos outros cães? Escolherei uma morte terrível para ti. Queres que te incendeie as roupas? Fala. Seria um belo espetáculo, tuas roupas ardendo e tu a correres como um louco para fugir de ti mesmo, tentando escapar de tuas próprias chamas, tu, criatura de lama, que nunca ardeste de modo nenhum! Vai, dize! Ou queres morrer queimado?

PATRÍCIO — Dize-lhe tudo, Bernardo.

SIGISMUNDO — Calai-vos, já disse. Fala tu, sabujo.

BERNARDO — A porta leva quase um quarto de hora para fechar, depois de acionado o maquinismo. É muito pesada.

SIGISMUNDO — Está bem, verificarei eu mesmo. Que ninguém tente fugir. Os soldados têm ordem de prender qualquer pessoa que saia daqui, caso em que deverão invadir o paço e incendiar os corpos de todos para vos tanger à gruta ardendo. Seria uma procissão belíssima, todas estas roupagens gloriosas chamejando, e vós, um rebanho incendiado a caminho da sepultura; um espetáculo digno deste mundo festivo e sangrento a que cheguei sem querer. Esperai-me, portanto. *(Sai.)*

BERNARDO — Ouvis? Destruiu os maquinismos. A porta começou a cair.

CARLOS — É preciso fugir. Seremos sepultados vivos por esse louco.

PATRÍCIO — Fugir? Como? É impossível. Que é isso? Cláudia!

Ouve-se um grito de mulher e CLÁUDIA *entra descalça, vestida de burel, a cabeça coberta de cinza. Prosterna-se profundamente diante de* ESTELA.

ESTELA — Cláudia, que tens? *(Abraça-a.)* Levanta-te. Cláudia, fala! Senhor!

PATRÍCIO — Cláudia, minha filha, que tens?

CLÁUDIA — Nada. Vou-me embora.

CARLOS — Não saias. Aqueles assassinos te matarão.

CLÁUDIA — Quem me pode matar? Soltai-me. Soltai-me, comedores de pó!

Entra SIGISMUNDO.

SIGISMUNDO — Que houve contigo?

PATRÍCIO — Está louca. Tua maldade levou-a à loucura.

SIGISMUNDO — Soltai-a! Faltava-me ver isso, neste mundo, o espetáculo de uma loucura completa. Soltai-a! *(Entrega o facho a ESTELA.)* Eu mesmo a libertarei.

CARLOS — Não faças isto. Ela quer sair. Teus assassinos a matarão.

CLÁUDIA *se desprende e corre.*

ESTELA — Cláudia!

BERNARDO *corre, tentando deter* CLÁUDIA*, e sai. Pausa rápida.*

ESTELA — Cláudia, volta! *(Corre para a janela.)*

SIGISMUNDO — Estela, o facho!

Gritaria fora. SIGISMUNDO *toma o facho.*

SIGISMUNDO — Causaste a sua morte! *(À janela.)* Esperai, soldados! É cedo!

PATRÍCIO — Assassino! Covarde!

BERNARDO — *(À porta.)* Mataram-na, senhor.

ESTELA — Cláudia, minha irmã, matei-a. Sigismundo, meu amor, não posso mais!

CARLOS — Recua, recua enquanto é tempo, Sigismundo.

SIGISMUNDO — Recuar! E sois vós, que me gerastes talvez, quem me vem dizer que devo recuar! Não posso, não posso mais, ouvistes? Minha sede piorou. Por que me gerastes? Por que me prendestes? Por que viveis? Julguei que extinguira minha história e eis que ela regressa com mais intensidade, encarando-me com seu rosto maldito!

BERNARDO — Conformai-vos. Tudo aquilo sucedeu porque assim tinha que ser.

SIGISMUNDO — Mentes, cão servil. Nada disso devia ter me acontecido. Eu me recuso a aceitá-lo. Invoco a mim próprio contra esta brutal e cega conjuração de fatos, contra esta máquina enlouquecida que me quer esmagar. É uma luta desigual de que talvez eu saia despedaçado, mas não renunciarei a ela! Recuso-me, ouvistes?

BERNARDO — *(À janela.)* Senhor, as tropas chegaram.

SIGISMUNDO — Que adianta isso para vós? Quer dizer apenas que o jogo continuará, mas terei tempo de recusar o que me esmaga.

PATRÍCIO — Hás de sucumbir, louco!

Sigismundo — Que seja! Contanto que eu possa vomitar o vosso mundo, com seus ventres abertos ao furor luxurioso, um furor que torna a minha sede intensa até a morte!

Coro

Sacrifica esta sede a teu deserto

E o deserto será teu aqueduto.

Sigismundo — Não, não aceito esta sede. Abrirei as saídas de meu sangue e expulsarei com ele o julgamento e o sangue do pastor que incendeiam a minha sede.

Coro

Sacrifica esta sede a teu deserto

E o deserto será teu aqueduto.

Sigismundo — Sim, expulsarei o ventre, o sangue e o poder do fogo. Onde então dessedentar-me? Eu não sou comedor de pó como vós, a quem o ventre assim chamou antes de sucumbir. Vomito o vosso mundo. Vi nele a ira assumir o semblante da doçura… Rostos angélicos contorcidos pela fadiga de sentimentos bestiais e rostos brutais magoados pela expressão de uma dificultosa piedade. E sangue por toda parte, sangue e desprezo por tudo quanto se reputava nobre. Julgai-vos melhores do que eu, comedores de pó? Sois tão bastardos e abortos de prisão quanto Sigismundo. Um bando cego de desconhecidos, um rebanho de embuçados, balbuciando na treva seus gemidos inconfessáveis. E assim, solidão por solidão, antes a minha, em que eu não era obrigado a suportar o peso desta fraternidade dolorosa. Nem a bruma cega que me envolve ouve o meu grito. Só há um caminho para o fim de minha sede, é a libertação destra bruma que estende além de mim sua impassível distorção. E eu buscarei o fim de minha sede.

Coro

Sacrifica esta sede a teu deserto

E o deserto será teu aqueduto.

Sigismundo — Eu vos conheço! Por que tentais dissimular vossa aterrorizada objeção? Tende coragem! Gritai, que a morte tem ouvidos surdos aos gemidos daquele que tenta se libertar! Por que vos calais? Estais mais próximos da morte do que eu! Que adianta recuar, protestar com toda a força do sangue, se ela se aproxima com seu pulsar inquietador? É isso que não tendes coragem de me dizer? Sabei então que posso me libertar, eu, Sigismundo, configurando eu mesmo a minha morte. Organizarei, antes que ele próprio se insinue no meu sangue, o coro de seus latidos enfurecidos, e a sede se extinguirá comigo. Nasci numa gruta selvagem e noutra fui encerrado. Que aí

se consuma Sigismundo, sepultado na máquina de treva que ele agora forja e aceita para a sua sede. Adeus! *(Corre para a cela.)*

Estela — *(Seguindo-o.)* Sigismundo!

Patrício — Não a deixes ir!

Carlos — É tarde.

Estela — *(Fora.)* Sigismundo!

Bernardo — É na cela, senhor!

Carlos — *(Correndo.)* Meu Deus!

Patrício — Detém a porta!

Bernardo — A máquina foi destruída.

Carlos — *(Voltando.)* Sepultados, ambos. A porta já estava quase fechada e Sigismundo passou pela abertura. Estela, gritando por ele, seguiu-o, e a porta cerrou-se sobre os dois.

Bernardo — Matou-se para não se vingar de nós. Pobre e infeliz príncipe. Que fizemos nós dele?

Patrício — Fizemos-lhe o mesmo que fizemos a nós, impelindo-o ao desespero, a um desespero que exigia um fim. Por que tudo isso, se no final voltamos ao que se vê, uma pobre família despedaçada pelo infortúnio? Uma família que nunca tinha feito mal a ninguém e que enlouqueceu de repente, para perder a si própria e ao reino confiado a sua guarda!

Bernardo — Por que falar assim? Vossas palavras me fazem mal, senhor. Enfim, estamos salvos. Foi a dádiva do príncipe a nós.

Patrício — Salvos, sim, mas a custa de quê? Rodolfo, Marcílio e Cláudia mortos, os crimes por nós todos cometidos, este pobre pastor assassinado, Sigismundo e Estela sepultados talvez para sempre...

Carlos — Estela! Nós pelo menos fizemos por onde merecer tudo isto, mas ela? Se pelo menos eu lhe pudesse falar...

Bernardo — O príncipe cerrou também para sempre a abertura. É impossível. Nem alimento poderemos levar aos dois.

Carlos — Não me conformo, não posso me conformar com isto. Deve haver um meio de abrir essa porta!

Bernardo — Acalmai-vos, senhor. Precisamos de vós agora, para apaziguar estes loucos que nos esperam.

PATRÍCIO — Para sobreviver? Onde buscar força para tanto? Salva-te tu, amigo fiel. Quanto a nós, melhor será sucumbirmos. Dá-me o facho. Jogá-lo-ei lá fora e selaremos também o nosso fim.

BERNARDO — Não, senhor, perdoai-me. Deixai que eu o apague. Deveis, antes de tudo, falar ao povo e aos soldados; tendes obrigações para com o reino, obrigações sagradas, e é tempo de voltar a elas. Não vedes qual o vosso dever? Se tudo se resolver, tentaremos de todos os modos abrir os portões e salvar os dois príncipes. Realizaremos os funerais de vossa esposa e tudo poderá recomeçar.

PATRÍCIO — Tens razão, Bernardo. Comecemos logo aqui a reparação que nos legou a sede de Sigismundo. *(Tira as algemas de CARLOS.)*

CARLOS — Patrício, meu irmão...

PATRÍCIO — Deixa. Que poderias me dizer que eu não soubesse? Sinto-me como tu. Deixemos o que passou. Cuidemos juntos de restaurar em nós aquilo que Sigismundo chamava realeza, na sua bela e rude linguagem de aprisionado. Encarrega-te dos teus homens, entre as tropas que chegam. Eu cuidarei dos meus. Que ao menos para revelar algo de verdadeiro tenha servido essa passagem de fogo.

BERNARDO — Vamos, então. O dia chega.

Saem.

CORO

O ciclo não se fecha e a manhã chega.

As areias insones do deserto,

Volvidas pelo vento e pela morte,

Penetraram no véu com tua sede.

Sonhavas encontrar águas ausentes

No termo voluntário do mistério.

Sabe, porém, que além de teu limite,

Atrás da porta e do arco desolado,

Encontrarás somente o teu regresso.

Quanto a vós, apegai-vos aos destroços,

Que a manhã chega e o ciclo não se fecha.

Pois, seja nessas águas que sonhais,

Seja em tumbas de amarga privação,

Já levareis no termo o cumprimento
E achareis, fenda vã, passada a porta,
A velha teia e a trama exacerbada.

PANO.

ARIANO SUASSUNA

Carlos Newton Júnior (Org.)

Teatro Completo - Volume III

Entremezes

Apresentação

Idelette Muzart Fonseca dos Santos

Ilustrações

Lucas Wanderley Suassuna

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

ENTREMEZ, ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO

*Idelette Muzart Fonseca dos Santos**

Entremez, termo de difícil e múltipla definição em quase todos os dicionários, inclusive os de história do teatro, refere-se às peças curtas, com temáticas populares (camponesas) ou religiosas, apresentadas ao público nos intervalos dos atos das peças teatrais no Século de Ouro espanhol, que inclui no seu repertório autores como Cervantes, Lope de Vega e outros grandes nomes do período.[1] Posteriormente aproxima-se do chamado "género chico", contudo passa a adotar uma significação distinta e um uso específico a partir dos anos 1940, no Nordeste do Brasil, designando uma peça curta, com tema inspirado na cultura popular, uma expressão cômica ou burlesca, numa linguagem moderna.

Os nove textos dramáticos intitulados pelo próprio Suassuna *entremezes* ou *entremeios* são aqui apresentados distinguindo-se pelo seu tamanho — ligeiros ou demorosos, segundo a duração de sua representação, conforme os critérios populares de classificação —, completados pela data de escrita ou, mais raramente, de representação. Os textos foram quase todos reescritos, por ser esta uma prática de criação habitual de Suassuna, bem como uma consequência da função do entremez, espaço de transformação e passagem de um universo cultural para outro.

Ariano Suassuna nomeia sua criação de *entremez* e a utiliza como peça autônoma. Francisco Pereira da Silva, autor piauiense, usava o termo *intermezzo*, como em *Lazzaro* (1948), limitando a parte composicional a uma estratégia para inserir um ator-narrador na peça. Hermilo Borba Filho, companheiro de Ariano no Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP), recorre também ao entremez, que designa como *interlúdio*, e o emprega com o objetivo de quebrar uma sequência ou fragmentar os quadros de uma peça, como em *Sobrados e Mocambos* (1972).

Em 1946, no décimo aniversário da morte de Federico García Lorca, o Brasil já havia saído da ditadura, uma Assembleia Constituinte estava elaborando a primeira Constituição democrática do país quando foram divulgadas a vida, a morte trágica e a obra do grande poeta e dramaturgo espanhol, em um volume da *Revista Letras* de São Paulo dedicado a ele e intitulado *Presença de García Lorca*. Começando por um estudo biográfico — incluindo uma descrição de "*La Barraca*", "uma camionete fornecida pelo Ministério de Instrução Pública servia de condução e palco para as representações teatrais e conferências que se davam gratuitamente em praça pública"[2] —, trazia ainda

uma antologia poética e um "Teatro de García Lorca", com artigos e extratos de *La Zapatera Prodigiosa*, *Yerma*, *Bodas de Sangre*, *Así que Pasen Cinco Años*, *Romance del Maniquí*, *Amores de Don Perlimplín con Belisa en su Jardín* e outras obras.

A leitura daquele número da *Revista Letras* representou um choque criador para o grupo de estudantes que, em torno de Hermilo Borba Filho e Ariano Suassuna, acabava de retomar o TEP propondo-se a pensar e trabalhar conjuntamente, a fim de criar uma arte dramática nacional que refletisse as ideias, problemas e interesses do povo. Seu principal compromisso era realizar uma pesquisa para descobrir a poesia e os artistas populares.

Em 1947, o grupo conhece Cheiroso, um mamulengueiro que trabalhava, havia vários anos, nos mercados e nas feiras de Pernambuco, onde foi "descoberto" pelo pintor Augusto Rodrigues, que o apresentou ao TEP. No mesmo ano, para preparar um ciclo de representações populares, o TEP realiza uma mesa-redonda da qual participam o poeta e folclorista Ascenso Ferreira, o mamulengueiro Cheiroso, o poeta popular João Martins de Athayde, um "Velho" de pastoril, Fuzarca, Antônio Pereira, capitão do famoso bumba meu boi, um cantador, um artista de circo ambulante, escritores e estudantes. "Esta foi a primeira mesa-redonda de teatro realizada no Brasil para tratar de representações populares."[3] Todos esses artistas terão uma presença fundamental na obra de Ariano Suassuna, particularmente nos entremezes e nas comédias.

Cheiroso, o mais famoso mamulengueiro de Pernambuco, trabalhou diretamente com o TEP até sua morte, em 1955. Participou da encenação da farsa de Lorca *Amor de Dom Perlimplín com Belisa em seu Jardim* e criou personagens como o Cabo Setenta e o Capitão, dois tipos de valentões que Suassuna retoma em *Torturas de um Coração* e em outros entremezes. O sucessor de Cheiroso, Januário de Oliveira, mais conhecido como Ginu, era autor de *As Bravatas do Professor Tiridá na Usina do Coronel de Javunda* e *As Aventuras de uma Viúva Alucinada*, que estão na origem da criação de *O Rico Avarento*. O terceiro "mestre de mamulengo" de Suassuna, conhecido como Benedito — nome de sua marionete predileta, malandro negro, inteligente e manipulador —, influenciou a encenação posterior das comédias suassunianas.

O mamulengo está na origem formal e temática de todos os *entremeios*, mesmo quando títulos e subtítulos indicam fontes narrativas ou poéticas distintas, ou quando o próprio texto deixa entrever um "autor" que não pertence diretamente a este universo, como é o caso de *O Marido Domado*, "reescritura" de Shakespeare (mencionado como "o mamulengueiro alemão Wilhelm Chesterfield, que escreveu uma peça chamada *A Megera Domada*"), e de *A História do Amor de Romeu e Julieta*, "imitação de Matteo Bandello" (escritor italiano do século XVI e bispo de Agen), peça assimilada a um entremeio demoroso pela sua construção.

Os entremeios profundamente marcados pelo mamulengo são, na ordem cronológica, *Torturas de um Coração* (1951), *O Rico Avarento* (1954), *O Seguro* (1957) e *O Marido Domado* (1961).

Torturas de um Coração ou Em Boca Fechada Não Entra Mosquito foi o primeiro a ser representado, tendo sido escrito e montado pelo próprio Ariano em Taperoá. O espetáculo foi acompanhado por músicas tocadas pelo terno de pífanos de Seu Manuel Campina. A peça mantém todas as características e convenções do espetáculo de marionetes: ritmo rápido, pancadas distribuídas a todo momento, quiproquós, linguagem e diálogos exagerados. As personagens pertencem todas ao universo do mamulengo e várias serão retomadas em outros entremezes: Cabo Setenta, que representa a autoridade tirânica e falsamente corajosa; Vicentão, o valentão que esconde sua paixão pelas flores; Marieta, mulher fatal e perpetuamente apaixonada; Afonso Gostoso, o sedutor irresistível; e, primeiro, Benedito, o herói pobre, negro e astucioso, que sabe enganar a todos. Apaixonado por Marieta, Benedito usa da astúcia (associada às pancadas) para vencer seus concorrentes, Cabo Setenta e Vicentão, e não hesita em "convencer" Marieta com pancadas também. Escrita em verso, a peça é extremamente cômica; a linguagem, às vezes agressiva, procura a gargalhada do público como resposta. Esse entremez foi retomado no primeiro ato de *A Pena e a Lei* e no modo de representação das personagens, que evoluem de marionetes para seres humanos ao longo da peça.

O *Rico Avarento* mantém a maior parte das características da peça de mamulengo, em particular as personagens e a ação dramática em quatro fases:

1. Apresentação do Rico e de seu empregado, Tirateima;

2. Tentação do Rico: o Diabo se apresenta sob diversas máscaras para verificar sua avareza;

3. Aparição do Diabo para explicar a provação;

4. O Rico é castigado, porém Tirateima consegue se salvar, graças às pancadas que distribui aos diabos.

Pode-se analisar mais detalhadamente a construção textual de *O Rico Avarento*, uma vez que as peças que deram origem a esse entremez foram publicadas por Hermilo Borba Filho.[4] O herói Tirateima torna-se a personagem central, oposta ao rico avarento, e ele é também o próprio mamulengueiro que apresenta o espetáculo: essa dupla perspectiva, de narrador e protagonista, será explorada por Suassuna em outras peças. O nome de Tirateima é bem significativo: *tira-teimas* designa um bastão, cacete ou qualquer instrumento capaz de convencer alguém pela força, de tirar qualquer teimosia. O nome inteiro, Tirateima José de Carvalho Almeida Tibúrcio Tinoco Francisco de Lima Machado

Graveto da Purificação, lembra os jogos cômicos de acumulação verbal, tão apreciados pelos marionetistas e pelo público.

Já o Coronel tornou-se o Homem Rico, com o coração duro, que assume plenamente seus atos. Trata-se de um importante deslocamento de significação, de Coronel a Rico Avarento, da visão socioeconômica à visão cristã, da exploracão do homem à falta de caridade. Notam-se suas recusas em ajudar quem pede esmola (cego, mendigo e velha), sendo os pedintes, na verdade, máscaras do Diabo tentador para condenar quem recusa a caridade. Quando retomada a cena dos pedintes, em *Farsa da Boa Preguiça*, o caráter exemplar será ainda mais transparente: os pedintes agora são máscaras usadas por Jesus, São Pedro ou São Miguel, ilustrando perfeitamente a palavra bíblica.

Folhetos da literatura de cordel ou romances em verso tradicionais, que Ariano Suassuna reagrupa, de forma similar a García Lorca, sob a denominação de *Romanceiro do Nordeste*, já pertenciam ao universo narrativo do mamulengo. A integração dessas obras está muito mais estreita nos entremezes de Suassuna, principalmente nos demorosos, ou quando o esqueleto do entremez e o título são oriundos do mundo do cordel. Os folhetos, via de regra, têm uma estrutura narrativa nitidamente marcada — situações e personagens típicas, encadeamentos rigorosos dos segmentos narrativos —, e nos entremeios suassunianos podemos visualizar a passagem do texto popular ao texto letrado, numa outra linguagem, a do teatro, e para outro público, urbano e inicialmente estudante.

A leitura atenta de um entremez diretamente oriundo do cordel manifesta um modelo de teatralização do texto popular, mesmo quando as diferenças textuais são mínimas, como no entremez *O Castigo da Soberba* (1953).

Como sempre nos entremezes de Ariano Suassuna, o título é completado por um subtítulo explicativo, indicando as fontes utilizadas pelo autor na elaboração do seu texto. No caso, o subtítulo explicativo é "Entremez religioso", e a filiação textual, a "literatura de cordel do Nordeste". O primeiro dos dois folhetos identificados é aquele de mesmo título, *O Castigo da Soberba,* recolhido por Leonardo Mota[5] junto ao cantador Anselmo Vieira de Sousa (1867-1926), cuja autoria foi atribuída, como a de muitos outros folhetos, a Silvino Pirauá de Lima (1847-1913), um dos primeiros poetas da tradição do cordel nordestino, considerado o introdutor do *romance em versos*, composição mais longa que o folheto (com mais de 16 páginas) e que reproduz os grandes temas da literatura oral ibérica ou dos contos tradicionais. Silvino Pirauá de Lima também seria o autor do segundo folheto utilizado na composição deste entremeio: *A Peleja da Alma*, transcrito por Rodrigues de Carvalho.

O recorte teatral conserva o texto popular, mas introduzindo alguns acréscimos significativos. A primeira modificação traduz uma adaptação às condições

socioeconômicas da época, apagando uma menção à escravidão e outro anacronismo. Também procura-se respeitar uma cronologia linear e marcar uma mudança de linguagem: as repetições do folheto eram necessárias à memorização do texto escrito que conserva uma ligação estreita com a oralidade. A linguagem teatral dispõe de outros meios para reter a atenção dos espectadores. Assim, a primeira parte de *O Castigo da Soberba* corresponde a uma narração, feita por dois cantadores, que se alternam com o coro. Este se divide em dois semicoros, o primeiro atuando ao lado dos santos e dos anjos, para ajudar a alma, e o segundo reforçando a argumentação para perdê-la. A movimentação do coro marca a passagem da narração para o diálogo teatral, do qual participa como contraponto. O coro reúne-se no final do entremez para traduzir "as implorações de toda a raça humana". As estrofes acrescentadas por Suassuna no entremez introduzem elementos que se tornarão predominantes no *Auto da Compadecida*, como a ironia. Para convencer São Pedro a ajudá-la, a alma mostra um galo, lembrando que infidelidade é coisa comum, e o santo cede à chantagem: "Alma, recolha esse galo! / Eu ligo lá pra besteira!" Este modo de brincar com a figura de São Pedro encontra-se frequentemente na obra de Suassuna e corresponde à tradição do conto e do folheto em que esse santo permanece sempre muito próximo das fraquezas humanas e apto a perdoá-las.

Contudo, o entremez que realiza de modo mais criativo a articulação do folheto e de outros elementos na elaboração do texto teatral é *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna* (1958), que ostenta um subtítulo detalhado: "adaptado de um folheto de Francisco Sales Areda[6] e de uma peça nordestina para mamulengos, assim como de um 'romance' medieval ibérico, ainda hoje cantado no sertão." Este entremez será reelaborado por Suassuna e integrado à peça *Farsa da Boa Preguiça*. Considera-se particularmente original o modo de passar do texto popular ao texto suassuniano. O estudo propriamente textual complica-se em razão da intervenção de elementos de diversas origens, intimamente mesclados ao texto do folheto.

As sequências narrativas do folheto são mantidas no entremez, mas o texto passa por uma reescrita sistemática, ao passo que, em *O Castigo da Soberba*, estrofes inteiras do folheto encontram-se intactas no texto suassuniano.

Com Silviano Santiago,[7] acreditamos que a coexistência numa mesma obra de "três formas dramáticas" — folheto, romance ibérico e bailado de bumba meu boi — e o caráter de peça dentro da peça (*enchâssement*) atribuem uma notável modernidade ao entremez, "levando-nos a um exercício de leitura complexo, não linear", considerando "as três dramatizações e seus reflexos". Essa reescritura inclui correções de linguagem, mantendo, contudo, expressões de cunho proverbial e ritmos originais, como o canto tradicional dos vaqueiros chamando o rebanho, o aboio, a inflação verbal, a paródia da língua erudita, bem como marcas de uma influência difusa do mamulengo.

Confrontando o entremez com o folheto original de Francisco Sales Areda, confirma-se a manutenção da temática central. Para o poeta popular, o trabalho é inútil porque não é recompensado:

"Se trabalhar desse lucro
jumento vivia bem!"

Enquanto Suassuna insiste sobre a inutilidade de trabalhar para um patrão que explora o trabalhador:

"E mesmo nós trabalharmos
pra dar lucro pro patrão,
é cavar lajeiro duro
com enxada de mamão,
fazer chocalho de cera
com badalo de algodão!"

A inserção da *Cantiga de Clara Menina* tampouco responde a uma necessidade narrativa interna, mas, além do prazer estético, torna-se agente de desmoralização ou, mais precisamente, de relativização da moral.

O bumba meu boi, de presença mais difusa, representa outra forte marca do teatro popular nos entremezes e condiciona a encenação. O tema único, obsessivo, do bumba é o dinheiro, dinheiro que falta para comprar comida ou para fazer o espetáculo, dinheiro que justifica e explica a ronda das personagens (em *O Seguro* e também em *O Homem da Vaca*).

Na concepção da peça teatral, Suassuna privilegia uma das primeiras características das danças dramáticas, e em particular do bumba meu boi: a aglomeração de pequenos núcleos narrativos de diversas origens, ligados entre si a ponto de formar um todo coerente, por assimilação das personagens de um episódio em outro. A integração pode ser reforçada pela música e pela dança que acompanham as entradas das personagens, dando uma impressão de *continuum* sobre o qual as cenas se destacam com particular relevo, estabelecendo uma relação ambígua, de confirmação ou derrisão. *O Homem da Vaca* não pertence à fase experimental da escritura suassuniana; retoma contudo a forma do entremez, preparando diretamente a escrita amadurecida da *Farsa da Boa Preguiça*.

Em conclusão, esse percurso através dos entremeios revela uma integração dos elementos populares resultado de movimento duplo: a) mesclagem de elementos formais e textuais populares, às vezes díspares e oriundos das mais diversas fontes, num texto e espetáculo coerentes; b) emprego de personagens populares para colocar em confronto e diálogo a relação popular/letrado na arte.

A fusão de elementos diversos realiza-se sem simplificação nem redução, por intercâmbios e reescrituras sucessivas, do entremez e da peça, que apagam e disfarçam as fronteiras genéricas e as dessemelhanças. O equilíbrio torna-se possível graças à escolha do material e sua adequação aos fins pretendidos. Suassuna não usa o recurso folclorizante, gratuito, destinado a caracterizar um ambiente ou particularizar uma personagem. Os textos ou jogos de cena, tomados de empréstimo da literatura ou do espetáculo popular, participam da elaboração da peça, são todos necessários à sua construção, sua significação moral, seu sucesso teatral.

A reescritura introduz dimensões novas e perspectivas que, sem serem peculiares ao teatro de Suassuna, não são artificiosamente coladas sobre o texto popular, uma vez que nasceram de uma reflexão e de um confronto. A preocupação com o equilíbrio geral aparece em cada cena: é preciso sempre compensar a seriedade pelo riso, relativizar a lição moral com uma anedota maliciosa etc.

O confronto do popular com o intelectual, às vezes violento e próximo do caricatural, traduz, porém, a atitude de Suassuna ante a obra e o artista popular: nem a superioridade do letrado, nem a admiração cega do militante. O poeta popular é um homem entre outros, sua superioridade e sua clarividência provêm de sua visão poética e não de sua inserção numa classe oprimida. Sua obra pode ser bela ou medíocre: o público e a memória coletiva poderão testemunhar, relembrando e integrando a obra ao tesouro oral ou escrito da literatura tradicional, ou esquecendo-a. O valor de uma obra popular não é assunto de intelectual: ela escapa em grande parte a seus critérios de julgamento. Ele pode apreciá-la, mas não se instituir juiz num processo ao qual permanece estranho.

Assim, da peça *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna* o poeta Simão tira uma lição: deve aproveitar os aprendizados da vida e suas experiências para escrever folhetos e voltar ao seu ideal, a preguiça criadora. A literatura popular não precisa de defensores, de intelectuais engajados no seu resgate e salvaguarda; ela assume sozinha essa função enquanto houver poetas cantando, a partir de suas alegrias e de seus sofrimentos, histórias de que o povo gosta.

Notas

* Professora emérita da Universidade Paris Nanterre.

1 LÓPEZ, María José Martínez. *El Entremés, Radiografia de un Género*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1997.

2 FOLCH, Luisa Trias. Presença de Federico García Lorca no Brasil: primeiras homenagens. *Revista Rio Total*, n. 382, 20 ago. 2004. Disponível em: <www.riototal.com.br/coojornal/academicos049.htm>. Acesso em: 9 jul. 2018.

3 BORBA FILHO, Hermilo. *Apresentação do Bumba Meu Boi*. Recife: Imprensa Universitária UFPE, 1966. p. 104.

4 BORBA FILHO, Hermilo. *Fisionomia e Espírito do Mamulengo*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1966.

5 MOTA, Leonardo. *Violeiros do Norte*: Poesia e Linguagem do Sertão Nordestino. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962 [1925].

6 Francisco Sales Areda (1916-2005) foi cantador de 1940 a 1954, fotógrafo de feira (*lambe-lambe*), vendedor de folhetos em Caruaru e autor de mais de cem folhetos. A data de publicação do folheto *O Homem da Vaca* oscila, segundo os pesquisadores, entre os anos 1950 e 1963 (Casa de Rui Barbosa). Em todo caso, é um folheto quase contemporâneo ao entremez.

7 Comentário de Silviano Santiago em *Seleta em Prosa e Verso de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1974, p. 58.

Entremeios

Ariano Suassuna

Ligeiros

ARIANO SUASSUNA

O Castigo da Soberba

1953

Entremez religioso, escrito a partir de dois folhetos de literatura de cordel do Nordeste

1º Cantador

Agora, passo a contar
o que se passou há tempo,
do castigo da soberba,
que aí fica como exemplo.
Foi um caso acontecido:
não é coisa que eu invento.

Coro

Era um homem muito rico,
tinha honras de Barão,
tinha mais de vinte Engenhos,
em metal tinha um bilhão,
doze mil vacas paridas
nas fazendas do Sertão.

2º Cantador

A mulher deste Barão
tinha honras de Rainha,
sessenta e cinco criadas
pra lhe servir na cozinha:
parecia inda mais bela
pelos cabelos que tinha.

Coro

Bem conhecido e falado
pelo Povo brasileiro,
tanto por bens de raiz,

como em fortuna e dinheiro,
não tinha, porém, um filho,
para dele ser herdeiro.

1º Cantador

Era grande no respeito
pelos bens que possuía.
Se era grande na riqueza,
era grande em Fidalguia,
e se era grande em Nobreza,
era grande em soberbia!

Coro

Criou-se sem ir à missa
e nunca se confessou.
Pôs os pés na Santa Igreja
só quando se batizou.
Negócio de penitência,
ele nunca procurou.

2º Cantador

Esmola, por caridade,
isso nunca que ele deu.
Deitava-se e levantava-se,
porém nunca se benzeu
e, no pó da Quarta-Feira,
Cinzas nunca recebeu!

Coro

Quando inteirou cinquenta anos,
deu-se um certo movimento:
seus bens, sem se saber como,
se acabavam num momento!

Era como um ridimunho
ou tempestade de vento!

1º Cantador

No campo, os bichos de fôlego
de repente se acabavam.
As plantações que fazia,
nasciam, mas não vingavam.
Dinheiro que desse a juros,
nunca mais que lhe pagavam!

Coro

Não se passou muito tempo,
acabou-se a tal grandeza.
Olhe o nobre acabrunhado,
carregado de pobreza,
desprezado dos amigos
que lhe deviam firmeza!

2º Cantador

Na hora em que ele morreu,
cobriu-se o campo de um véu.
Mas a Alma, como invisível,
chegou às portas do Céu,
em tristeza amortalhada,
para dar contas de Réu!

Aqui, o Coro se divide em dois Semicoros, um do lado dos Santos e Anjos, para ajudar a Alma, outro do lado do Diabo, para acusá-la.

Alma

Ó divino São Miguel,
o seu nome eu esclareço!
Valha-me nesta agonia,

nesta pena que padeço!

São Miguel

Eu nada posso fazer,
pois a você não conheço!

Alma

Valha-me então, meu São Pedro,
santo Apóstolo primeiro,
Santo que é dono das Chaves,
que do Céu é o chaveiro,
e que pode olhar a face
do nosso Deus verdadeiro!

São Pedro

Alma, eu abro minha Porta
por você assim rogar!
Não tenho, porém, poder
para deixá-lo ficar.
Recorra logo a Jesus
pois ele o pode salvar!

Alma

Abrem-se as portas do céu,
a morada da Alegria!
Já chegam Nossa Senhora,
Jesus, filho de Maria,
mas não posso olhar pra eles
por causa do que eu fazia!
Me acuda, meu Rei e irmão,
valha-me Nosso Senhor!
A quem sempre ouvi chamar
“refúgio do Pecador”!

Pessoa santa e divina,
Esperança, Fé e Amor!

Jesus

Saia daqui, Alma ingrata,
para o lugar que buscou!
A santa Religião
você nunca procurou!
Eu lhe dei bastante tempo:
você nunca aproveitou!

Alma

Ai, Senhor, por piedade,
tenha de mim compaixão!
Pelo dia em que nasceu,
por sua morte e Paixão,
e pelo dia sagrado
de sua Ressurreição!

Diabo

Isto era o que faltava!
Quer apelar para o Amor
quem nunca fez Caridade,
quem nunca sentiu Amor!

1º Semicoro

Os mais pobres e mais fracos
ele sempre maltratou!

Jesus

Alma, você bem ouviu
esta grande acusação!
Acho que, pra defendê-lo,
não vejo um pé de razão!

Abra a sua consciência,
faça a sua confissão!

Diabo

Manuel, é tempo perdido!
Não tem ele o que dizer,
pois, enquanto andou na terra,
ele só fez ofender!

1º Semicoro

Nunca lhe veio à lembrança
que haveria de morrer!

Alma

Ai, Senhor, se compadeça!
É certo: não quis servir!
Não sei mesmo o que lhe diga,
pois não o posso iludir!

2º Semicoro

Está na frente de Deus
e não pode mais mentir!

Jesus

Pelo que você me diz,
eu não lhe posso valer.
Você me viu morto a fome
e não me deu de comer.
Você me viu morto a sede
e não me deu de beber!

1º Semicoro

Deus estava pra morrer,
você não foi visitar.
Deus estava na Cadeia,

você não foi consolar!

2º Semicoro

Mas quando ele o via errado
ia um Padre aconselhar!

Jesus

Assim, acho que você
vai cumprir seu triste fado,
pois você não fez na vida
com que purgar seus pecados.

2º Semicoro

Na nossa Glória só entra
coração purificado!

Alma *(Exibindo um galo.)*

São Pedro, eu trouxe este galo
que encontrei no caminho,
para lembrar a você
— de quem, nisto, me avizinho —
que a gente pode trair
e depois voltar ao ninho!

São Pedro *(Inquieto, severo.)*

Alma, recolha esse galo!
Eu ligo lá pra besteira!
Mas, como você é amigo,
vou lhe ensinar a maneira:
recorra a Nossa Senhora,
que ela é Mãe e padroeira!

Diabo

Chamaram Nossa Senhora:
vai ser dura, esta partida!

Mulher em tudo se mete:
lá vem A Compadecida!
Pelo caminho que vai,
a sentença está perdida!
Ai que eu estou ficando cego,
e a cara ficando torta!
Pelo jeito que estou vendo
a sentença vai ser torta!
Lá vem A Compadecida!
Mulher, com tudo se importa!

ALMA

Ai, Senhora, Virgem pura,
padroeira e Mãe dos homens!
Valha-me nesta agonia
da sorte que me consome,
pois sempre vi protegido
quem recorreu a seu nome!

2º SEMICORO

Pois sempre vi protegido
quem recorreu a seu nome!

DIABO

Agora, já vem com manha
só para iludir Maria!
Com tantos anos de vida,
o nome dela esquecia!
Só sabia, decorado,
nome feio e heresia!

ALMA

Mãe amada, me liberte,

eu lhe peço por piedade!
Sei que gastei os meus dias
em luxúria e vaidade!
Mas espero ser valido:
me acuda, por caridade!

2º Semicoro

Ele espera ser valido,
ele espera caridade!

A Virgem

Alma, o que você pediu
eu não posso prometer!
Se existisse algum motivo,
algum bem, eu ia ver!
É bem difícil, porém,
salvá-lo sem merecer!

Alma

Rainha, Mãe amorosa,
esperança dos mortais,
que não desampara nunca
seus pobres irmãos carnais!
Eu me ajoelho a seus pés
e não me levanto mais!

A Virgem

Filho, você nunca entrou,
nem mesmo por um momento,
dentro dum Lugar sagrado
onde houvesse um Sacramento
e onde pensasse em meu nome
com grande contentamento?

Alma

Mãe, eu me lembro que, um dia,
numa casa, no Sertão,
estava o Povo rezando
à senhora uma Oração
e eu ouvi, com muito gosto,
com meus joelhos no chão!

Diabo

Já Maria está puxando:
a coisa se desmantela!
Eu já sei que essa mulher
para salvar um se pela!
E, se eu não tomar cuidado,
essa mulher me engabela!
Ela põe-se a esmiuçar,
puxa de diante pra trás,
começa a fazer pergunta
que só Advogado faz!
Até que aparece coisa
que ninguém lembrava mais!

A Virgem

Meu filho, me espere aí,
enquanto eu vou consultar
o outro, o Filho Divino,
pra ver se o posso salvar,
ver se seus grandes pecados
têm grau de se perdoar!

Diabo

Como essa tal de Maria

eu juro que nunca vi!
Uns pedem por interesse,
por quem vai retribuir!
Mas ela pede é por todos!
Não se enjoa de pedir!

2º Semicoro

Ela é Mãe! Pede por todos!
Não se cansa de pedir!

A Virgem

Meu Filho e meu Rei divino,
vim lhe fazer um pedido,
por esta Alma que chegou
lá, do Mundo corrompido!
Não havendo compaixão
o Céu lhe estará perdido!

Jesus

Mas minha Mãe, tudo é claro
pra quem deseja saber!
Lá deixei o Livro, a Bíblia,
que ensina a proceder
e a Igreja interpretando
para erro não haver!

Diabo

Isso é que é bom português!
Quem se engana é porque quer!
Loucura grande, a do homem
que se ilude com mulher!
Não sei como se defende
uma Alma tão leguelhé!

A Virgem

Meu filho, salve esta Alma!
Salve este pobre Cristão!
Eu sei que é grande pecado
não procurar confissão!
Porém, meu Filho, o pecado
vem desde o tempo de Adão!

Jesus

Minha Mãe, largue essa Alma!
Foi muito ruim criatura!
Se eu consentir em salvá-la
as ruins se sentem seguras!
Nós só devemos salvar
aquele que nos procura!

A Virgem

Foi para salvar os homens
que serviu sua Paixão!
Traspassaram-lhe seu peito,
os seus pés, as suas mãos,
sangrando o Sangue divino
até a Ressurreição!

2º Semicoro

Por sua misericórdia
Cipriano se salvou!
Cristo Jesus salvou outros
pelo seu sagrado Amor!
Perdoou e salvou Paulo
que foi seu perseguidor!

Aqui, o 1º Semicoro junta-se ao 2º, porque são implorações de toda a raça humana.

1º Semicoro

Matias sofria muito,
o Senhor o ouviu, num sonho.
Também libertou da Morte
o pai do bom Santo Antônio,
e a filha da Cananeia
da vexação do Demônio.

2º Semicoro

Quando os homens lhe faziam
grandes tormentos de horror,
Pedro, apóstolo primeiro,
por três vezes o negou,
mas mereceu ter a honra
de ser o seu Sucessor!

A Virgem

Meu Filho, perdoe esta alma,
tenha, dela, compaixão!

Alma

Se o Senhor me condenar
vai dar alegria ao Cão!
É por mim e por você,
por sua Morte e Paixão!

Jesus

Pois minha Mãe, leve a Alma
sob a sua proteção.
As outras fiquem com ela,
façam, no Céu, união.
Fica feito o seu pedido:
dou, a ela, a Salvação!

DIABO

O jeito é eu ir me embora!
O caso não é o primeiro!
E o pior é que também
não será o derradeiro!
Homem em quem mulher manda
não pode ser justiceiro!

JESUS

O Demônio se retire,
vá lá pra sua prisão,
que é para não estar tentando
todo o meu Povo cristão!
Pra quem recorrer a Deus
eu garanto a salvação!

1º CANTADOR

Meu Povo, a história é essa
que cantamos, na porfia!

2º CANTADOR

Não se perde quem se apega,
com fé, amor e alegria,
ao santo nome de Deus,
ao Cristo e à Virgem Maria!

CORO

Não se perde quem se apega,
com fé, amor e alegria,
ao santo nome de Deus,
ao Cristo e à Virgem Maria.

PANO.

ARIANO SUASSUNA

Um Natal Perfeito

1957

PERSONAGENS

MACHADO

D. ANTONIETA, sua mulher

ELVIRA, sua nora

MÁRCIO, seu filho, marido de ELVIRA

BALBINA

A cena representa uma sala, com mesa e cadeiras ao redor. É noite e a família Machado está reunida, planejando a festa do Natal, no dia seguinte. Ao lado, numa cadeira, sentada, está a velha BALBINA*, a empregada da casa. É uma dessas velhas empregadas familiares que todos conhecem. Não é preciso cenário, a mesa e as cadeiras são suficientes para sugerir o ambiente.*

D. ANTONIETA — Creio que assim como planejei está tudo bem. À tarde vocês vêm, jantam, ficam e assistem à distribuição dos presentes. Assim, passamos o Natal juntos.

MÁRCIO — É, minha filha, assim podemos dispensar as empregadas e passar o Natal com mamãe e papai.

ELVIRA — Não serve não, filhinho, ficamos sem ter com quem deixar as crianças.

MACHADO — Vocês podem passar com o carro aqui, às cinco horas. Levam Balbina, deixam os meninos com ela e vêm.

MÁRCIO — É, assim fica bem.

D. ANTONIETA — Mas tem o problema de Margarida, meu filho. Eu já prometi a ela que mandava Balbina para lá. Ela vai ficar com os meninos de Margarida, para ela poder vir.

ELVIRA — Então eu não venho de jeito nenhum, é melhor eu dizer logo.

MÁRCIO — Meu bem!

D. ANTONIETA — Minha filha, arranja-se outro jeito e resolve-se o problema de seus meninos. Nós nunca passamos um Natal separados! Seus meninos...

ELVIRA — Deixe lá os meninos, não é neles que eu estou pensando!

MÁRCIO — Minha filha!

ELVIRA — Não, meu bem, eu digo, é melhor do que eu vir de qualquer jeito e estragar o Natal de sua mãe. Não é nada com os meninos não, D. Antonieta, mas se essa mulher vier para cá, eu não venho.

D. ANTONIETA — Minha filha, não diga isso, ela também é minha nora!

MACHADO — Vocês brigam por uma besteira e quem sofre somos nós, vendo nossa família desunida! Nunca tinha aparecido uma história dessa entre nós. Principalmente no Natal, que sempre foi a festa mais alegre de minha família. Lembro-me bem de que meu pai...

MÁRCIO — Papai, deixe isso para depois. O fato é que o senhor sabe como são as empregadas de hoje. As nossas já disseram que não ficam em casa de jeito nenhum. E

assim, só se deixarmos os meninos em casa de minha sogra...

ELVIRA — Mamãe já disse que não pode. Ela vai a uma festa.

D. ANTONIETA — Mas, meu bem, seria a primeira vez que passaríamos o Natal separados!

ELVIRA — Com essa mulher aqui eu já disse que não venho!

MACHADO — Minha filha...

ELVIRA — Não venho, não adianta! Não venho de jeito nenhum. Só eu sei o que ouvi dela.

MACHADO — Só há um jeito, então: você e Margarida vêm em horas separadas.

MÁRCIO — Mas como, se não temos com quem deixar os meninos?

ELVIRA — Balbina podia ir para lá. Meus filhos também são seus netos.

D. ANTONIETA — Mas isso vai causar um choque com Margarida, minha filha, eu já prometi a ela mandar Balbina para lá!

ELVIRA — Então eu não venho!

D. ANTONIETA — *(Chorando.)* Ô meu Deus, que coisa triste só é ter a família brigada! Faço tanta questão de respeitar o Natal! Mas hoje em dia... Pelo menos por uma questão de religião, devia-se pensar nisso!

MÁRCIO — Mamãe, não chore. Eu acho que há uma solução. Eu também faço questão, como todos nós, de respeitar o Natal. Sei o que é ele, sou membro da Ação Católica, como a senhora é da Irmandade. A senhora sabe que faço todo esforço e imponho o espírito dele entre todos. Mas o fato é que Elvira foi maltratada por Margarida.

MACHADO — Margarida diz o mesmo dela.

ELVIRA — O senhor diz isso porque sempre tomou o partido dela contra mim.

MÁRCIO — Minha filha, vamos acabar com isso, que não vale nada. Vamos cuidar do Natal! O fato é que será muito desagradável para nós encontrar Margarida e Alfredo aqui.

D. ANTONIETA — Ele é seu irmão!

MÁRCIO — Sim, mamãe, é meu irmão, mas eu não quero encontrá-lo aqui. A mulher dele não gosta da minha e isso criou uma situação de constrangimento entre nós. Mas faço absoluta questão de respeitar o Natal como sempre fizemos, com nosso peru comido à noite, com o vinho, tudo! Pois bem, Balbina pode ir para a casa de Alfredo à tarde e ficar lá até as oito horas, mais ou menos. Depois papai vai buscá-la com o automóvel, levando Alfredo e Margarida de volta, é claro. Na volta, papai deixa Balbina lá em casa e eu venho. Assim é até bom, porque eu venho, Alfredo vem, como sempre fizemos, e não há perigo de nos encontrarmos por acaso, aqui.

D. Antonieta — Mas meu filho, que coisa horrível...

Machado — É o único jeito, Antonieta. Acho que assim está bem. É a única maneira de passarmos o Natal como sempre.

D. Antonieta — Está bem, se não há outro jeito...

Machado — Agora pergunto: Balbina indo ficar com os meninos, quem é que vai assar o peru? Você?

D. Antonieta — Eu não, tenho que ir fazer as compras para a árvore de Natal, que vou fazer. Vai ficar linda, copiei duma revista americana.

Machado — Então, quem assa o peru? Não posso admitir o Natal sem peru.

D. Antonieta — Faz-se o seguinte: depois que Elvira e Márcio saírem, hoje, Balbina mata logo o peru, mata e tempera. Guarda-se na geladeira e assa-se o peru amanhã.

Machado — Mas assa-se a que horas? De manhã não pode ser, Augusto vem almoçar e ela tem que cuidar do almoço.

D. Antonieta — Ela pode assar o peru à tarde, depois que lavar os pratos do almoço.

Machado — Não pode ser não, Antonieta, Augusto não vai sair logo, temos um negócio importante a resolver, toda a minha safra está dependendo disso. Balbina precisa ficar ali, cuidando de um café, de uma coisa, outra... Só se for lá para as cinco ou seis.

D. Antonieta — Aí não dá tempo não, por essa hora Alfredo deve vir chegando para buscá-la. E assar um peru exige tempo e cuidado.

Machado — Então está sem jeito, porque eu não abro mão do peru de jeito nenhum.

D. Antonieta — Não, dá-se um jeito. Ela mata o peru hoje, tempera, guarda. De manhã, antes de preparar o café, Balbina assa o peru. Ela se levanta um pouco mais cedo e pode perfeitamente fazer isso, para ela não é nada, já está tão acostumada!

Márcio — Então está tudo resolvido. Balbina mata o peru hoje, acorda cedo, assa, prepara o café e o almoço de papai, dá o café que vai abrandar o coração de Seu Augusto e colocar assim a safra deste ano, vai para a casa de Alfredo, fica com os meninos dele, vai depois para a minha, fica com os meus, e assim amanhã poderemos mais uma vez passar um Natal perfeito.

Há uma pausa e então Balbina *se levanta.*

Balbina — Está tudo muito bem, está tudo resolvido. Eu mato o peru hoje e tempero. São onze horas. Daqui que Seu Márcio e D. Elvira saiam, é meia-noite. Quando eu terminar de preparar o peru, são duas horas. Aí, eu me deito, mas às quatro, tenho que estar em pé, para assar o peru. Nisso, vou até as seis. É o tempo que Seu Machado

precisa sair e eu vou fazer o café dele. Lavo os pratos, e começo a cuidar do almoço, porque Seu Augusto vem. Depois, lavo os pratos do almoço e vou fazer creme e café até as cinco horas. Aí, Seu Alfredo vem me buscar e eu fico com os meninos dele. É o tempo que eles comem e bebem aqui. Depois, Seu Machado vai me buscar e eu fico na casa de Seu Márcio com os meninos dele. Lá para a meia-noite, vão me buscar e eu chego, mas aí tenho que lavar os pratos sujos com o resto do peru, os pratos do creme de Seu Augusto e os pratos do jantar. As outras empregadas, que aprenderam a gritar, vão passar o dia como querem. Mas a burra velha, que não grita e não luta, não tem direito a nada? Vocês só dão alguma coisa a quem sabe tomar? Onde está o meu Natal?

PANO.

Recife, novembro de 1957.

ARIANO SUASSUNA

O Seguro

1957

Entremez para mamulengo.

MANUEL FLORES — Distinto, respeitável, glorioso, excelso e grandiloquente público! O Grande Teatro Paraibano tem o prazer de apresentar a mais extraordinária tragédia já escrita para mamulengo nessas terras do Nordeste, a peça que deu fama imorredoura a seu autor. No momento em que lhes falo, a referida tragédia está sendo representada nos palcos do Japão, pela Companhia de Teatro do Imperador da Cochinchina! Intitula-se esta grandiosa tragédia *O Seguro*, ou seja, *O Anjo da Paz Familiar*. Aqui verão como um enviado que cai subitamente sobre um mundo fechado pode modificar uma vida em poucos instantes. Vai começar! E, sem mais delongas, vou me escafeder por ali, porque já entram os dois anjos que vão levar a paz à família do senhor Vicentão e de seu filho Vicentinho. Aí vêm os dois anjos! Afonso Gostoso, que faz aqui o papel de agente de seguros, e Benedito, secretário dele. Até já.

Aparecem AFONSO GOSTOSO *e* BENEDITO.

AFONSO — Olhe, Benedito, eu tenho que vender esse seguro a Vicentinho. Só assim é que a companhia de seguros me dá a comissão e só assim é que a gente come hoje.

BENEDITO — Você tem que vender? Deixe comigo. É a coisa mais fácil do mundo. Está vendo esse cacete, esse birro de quina, esse Deus-me-perdoe?

AFONSO — Estou.

BENEDITO — Esse cacete foi aprovado pelo laboratório bromatológico da chapuletada! Você chama Vicentinho, oferece o seguro. Se ele não quiser assinar o papel, eu cubro ele no pau!

AFONSO — Não me venha com violência. Hoje, aqui, você é meu secretário. Para chegar ao coração do homem, o caminho é a mulher. E como dizia Camilo Castelo Branco: para conversar as mulheres, não há como, aqui, o Afonso Gostoso! Que tal está a cabeleira?

BENEDITO — Está um pouco assanhada!

AFONSO — Quer fazer o favor de penteá-la?

BENEDITO — Ih, que esse bicho parece que não é sério não!

AFONSO — Deixe de besteira, Benedito! Eu sou homem para enganchar! É que as mulheres gostam da cabeleira aqui do Afonso, mas só vai penteada! Quem é a mulher de Vicentinho?

BENEDITO — Aqui, nesta peça, é Marieta.

AFONSO — Ah, está no papo! Você trouxe o violão?

BENEDITO — Trouxe, está aqui!

AFONSO — Então acompanhe aqui minha serenata. *(BENEDITO acompanha e AFONSO canta.)*

A letra A quer dizer amor perfeito
A letra B quer dizer o bem querer
A letra C quer dizer ser caridoso
A letra D, Deus vos guarde bem formoso
A letra E quer dizer ela dizia
A letra F quer dizer Felicidade
A letra G quer dizer guardar segredo
A letra H, hoje mesmo eu tive um medo
A letra I quer dizer idade pouca
A letra J quer dizer jurei sem fim
A letra K quer dizer cair sorrindo
A letra L, lembra-te sempre de mim
A letra M quer dizer minha querida
A letra N quer dizer não sou ditoso
A letra O quer ser ó linda bela
A letra P, para mim os olhos dela
A letra Q quer dizer quando veremos
A letra R quer dizer ramos de flor
A letra S quer dizer saudade forte
A letra T, tenho fé até a morte
A letra U quer dizer uma esperança
A letra V quer dizer veremos sempre
A letra X quer dizer chorei de dor
A letra Z, zela sempre o teu amor.

Marieta — *(Aparecendo.)* Ah, que linda melodia! Veio dos lados do Panati, como uma aura ou brisa benfazeja, por sobre os bodes, as pedras e os jumentos do sertão! Quem canta esta tão linda melodia?

Afonso — Eu, que me lanço aos pés de Vossa Excelência, como uma flor aos pés da Princesa Isabel, A Redentora, que a 13 de maio de 1888 assinou a Lei Áurea do meu amor.

Marieta — Ah, que frase linda! Ou eu muito me engano ou essa cabeleira oculta a mágica personalidade de Seu Afonso Gostoso!

Afonso — Seu criado! Vim de Campina Grande agora mesmo para salvá-la.

Marieta — Para salvar-me? De quê? Da solidão?

Afonso — Não. Para salvá-la do dragão da miséria e da serpente da morte. Em Campina Grande, tornei-me agente de seguros e com isso vou salvar todos os habitantes de Taperoá das desgraças de uma velhice desamparada. Vou desfazer os agravos, endireitar os tortos, proteger os desvalidos, os órfãos, as viúvas etc. Principalmente as viúvas e os etcs. A senhora é viúva?

Marieta — Não, mas confesso que sou um pouco… etc.

Afonso — Então é como eu. Olhe, linda senhora, eu represento a Companhia de Seguros Morte Certa, a garantia para um falecimento seguro.

Marieta — Sai, azar!

Afonso — Que sai azar que nada! Seu marido, o estimável Vicentinho, está?

Marieta — Meu marido? Como é que o senhor sabe que Vicentinho é meu marido?

Afonso — Não foi a senhora que veio atender quando eu chamei?

Marieta — Eu posso ser a criada, não posso?

Afonso — Nunca, isso nunca. A senhora tem uns modos tão elegantes, umas maneiras tão distintas, que eu vi logo que se tratava de uma senhora de qualidade. A senhora podia ter vindo nua…

Marieta — Eu? Ai, que escândalo!

Afonso — Espere, a senhora não deixa nem a gente terminar! A senhora podia ter vindo nua que mesmo assim eu descobriria logo que se tratava de uma senhora.

Benedito — Aliás, o jeito mais fácil de descobrir se uma pessoa é homem ou mulher é olhar ela nua.

Afonso — Aqui, meu secretário: Benedito Pacífico Fialho Monteiro Cavaleiro de Carvalho. Acaba de corroborar o que eu digo: mesmo nua, a senhora é uma grande

dama.

Marieta — Se é assim, vê-se logo que a coisa é outra. O senhor é tão delicado que vou fazer uma exceção. Não gosto nem de agente de seguro nem de agente funerário: dão azar. Mas delicado desse jeito, só mesmo se eu tivesse um coração muito duro é que ia lhe negar. Meu marido está. Vou chamá-lo. Vicentinho! Vicentinho!

Voz de Vicentinho — Hein? Que é, chocolate?

Marieta — Suba, bombom. Seu Afonso Gostoso está aqui à sua procura.

Vicentinho — *(Aparecendo.)* Que é que há?

Afonso — Tenho a honra de falar com o senhor Vicente Leão Malhada da Onça Filho?

Vicentinho — Ele mesmo.

Afonso — O senhor, por acaso, é filho do senhor Vicente Leão Malhada da Onça Pai?

Vicentinho — Sou filho dele, mas não por acaso.

Afonso — Seu Vicentinho, represento hoje, em Taperoá, a peça *O Seguro*, ou seja, *O Anjo da Paz Familiar*. Pois bem: nesta peça, além de representar o anjo, eu represento a Companhia de Seguros Morte Certa, a garantia para um falecimento seguro. O inspetor da Companhia em Campina, se não me engano, já teve a honra de falar com o senhor.

Vicentinho — Já.

Afonso — E o senhor disse a ele que talvez fizesse um seguro.

Vicentinho — Disse.

Afonso — Pois eu sou o agente encarregado de trazer a proposta e a apólice para o senhor assinar.

Marieta — Mas filhinho, para você assinar? Nós não tínhamos concordado em não fazer esse seguro? Seguro dá um azar danado! E nós tínhamos concordado em que era melhor não fazer seguro nenhum.

Vicentinho — Não, chocolate, nós não tínhamos concordado nada. Você é que tinha dito que era contra, mas eu não concordei com isso.

Marieta — Mas filhinho, como é que você diz uma coisa dessa, amor, quando sabe que isso é um disparate, uma mentira, uma pouca vergonha?

Afonso — Dona Marieta, se me permite interromper essa discussãozinha conjugal, tão pitoresca, eu diria que a senhora está trabalhando contra seu próprio futuro. Seu marido é moço e vigoroso, trata-se de um casal jovem e cheio de esperanças, mas lembre-se de que a cada momento ele pode faltar.

MARIETA — Sai, azar! O senhor deixe de agouro para meu lado, senão mando lhe fazer um despacho e o senhor se lasca!

BENEDITO — Ih, lá vem catimbó!

AFONSO — Que catimbó que nada, Dona Marieta. O fato é que seu marido pode faltar.

VICENTINHO — É, filhinha, eu posso morrer e…

AFONSO — É, Dona Marieta, ele pode faltar e…

VICENTINHO — Espere, Seu Afonso, eu não posso nem falar! Que negócio de *faltar* é esse?

AFONSO — Lá na Companhia de Seguros disseram que eu nunca dissesse *morrer* aos clientes, eles podiam se ofender! Era sempre *faltar*!

VICENTINHO — Era o que faltava! A família Leão Malhada da Onça nunca teve medo de coisa nenhuma. Nem da morte. Na minha casa morrer é morrer mesmo e acabou-se.

AFONSO — O senhor vai me perdoar, mas os clientes da Companhia de Seguros Morte Certa não morrem nunca: somente faltam. Nossas apólices fazem tão bem o papel de pai de família que, mesmo que o senhor venha a faltar, é como se continuasse vivo, cuidando da segurança e do bem-estar de seus familiares. É por isso que podemos dizer, com toda razão, que nossa companhia é a melhor garantia para um falecimento seguro.

VICENTINHO — Você trouxe a proposta e a apólice?

AFONSO — Trouxe, estão aqui.

VICENTINHO — Assim que eu morrer…

AFONSO — Assim que o senhor faltar…

VICENTINHO — *(Conformado.)* Está certo. Assim que eu faltar, minha mulher recebe o dinheiro do seguro?

AFONSO — Recebe.

VICENTINHO — Então vou assinar.

MARIETA — *(Impedindo-o.)* Filhinho, eu se fosse você, pensava mais um pouco. Esses seguros só dão azar e chateação. A gente demora a morrer, quando o dinheiro vem não vale mais nada, não chega mais pra nada.

VICENTINHO — *(Erguendo a caneta.)* Você acha?

MARIETA — Acho, e hoje à noite tenho outros argumentos para convencê-lo melhor.

VICENTINHO — Se é assim, vou pensar mais um pouco. *(Encosta a mão no queixo e pensa.)*

Afonso — Meu Deus, dai-me paciência pelo amor de Deus!

Benedito — *(Para Afonso.)* Eu não disse que isso só vai no pau? Se quer, diga, que eu começo a chapuletada. Quem está impedindo o negócio é a mulher. Quer que eu resolva? Um catolé ou dois aqui com o Deus-me-perdoe e ela amansa que é uma beleza.

Afonso — Não, meu caminho é o da paciência e da delicadeza. Mas você tem razão! O homem quer, quem não quer é Marieta. Mas vou convencê-la. *(Para Marieta.)* Dona Marieta, se não me engano, o jovem casal aqui presente tem uma filhinha, um amor de criança, não tem?

Marieta — Temos sim. Mamãe, mamãe! Traga Madalena aqui para Seu Afonso Gostoso ver.

Afonso — Não precisa, Dona Marieta. Eu queria somente lembrar à senhora as obrigações que os pais têm de pensar no futurinho dessa criança tão encantadora.

Vicentinho — É, filhinha, Seu Afonso tem razão. A gente pode faltar e o melhor é garantir o futuro da menina. Vou assinar. *(Pega a caneta.)*

Marieta — *(Levantando a mão dele.)* Filhinho, pense mais um pouco.

Afonso — Meu caro Vicentinho, você tem uma esposa encantadora, mas parece um pouco teimosa.

Vicentinho — Parece não, é. Puxou ao gênio da mãe. Marieta é a mãe todinha, nessa teimosia.

Benedito — E o senhor tem a sorte de morar com a respeitável matrona que teve a sorte de ser casada com o pai de Dona Marieta?

Vicentinho — Tenho. E, como lembrava Leandro Gomes de Barros,

> "Já dizia meu avô
> sogra, nem depois de morta:
> mesmo defunta inda briga
> e a língua da alma corta."

Marieta — Filhinho, que brincadeira mais sem graça! Mamãe pode ir passando por acaso e ouvir uma coisa dessa!

Dona Olívia — *(Aparecendo.)* Pode ir passando não, vai passando. Eu estava escondida atrás da porta, olhando tudo pelo buraco da fechadura, porque sabia que esse peste ia acabar falando de mim. Ouvi tudo. *(Vai dando empurrões e tapas em Vicentinho enquanto fala.)* Mas é isso mesmo, eu sou uma mártir, uma infeliz, que tem de viver abrigada sob o teto alheio. Já estou acostumada com todas essas humilhações, com

todas essas picuinhas. Toda a família de meu genro é assim. Aliás, eu avisei você, minha filha! Você casou porque quis, não porque eu tivesse deixado de cumprir minha obrigação, avisando quem era esse sujeito.

AFONSO — Senhor Vicente, essas conversas familiares são tão encantadoras, tão pitorescas, tão íntimas, que talvez seja melhor conversarmos noutra hora.

VICENTINHO — Não, fique, oxente! Se eu for ligar a todas as besteiras que minha sogra inventa, não faço mais nada!

AFONSO — O senhor acha então que pode assinar a proposta do seguro?

VICENTINHO — Acho, vou assinar.

MARIETA — Mas meu filho, você vai assinar mesmo?

AFONSO — *(À meia-voz.)* Puxa!

VICENTINHO — Bom, vamos fazer um acordo. Meu pai vem ali: é um homem vivido, de grande experiência e coragem. Eu faço o que ele disser. Nunca faço nada sem consultá-lo e se ele achar que devo fazer o seguro, assino.

MARIETA — Mamãe, é Seu Vicentão que vem aí?

DONA OLÍVIA — É, com bigode e tudo!

MARIETA — Então, com licença. Vou chegando.

VICENTINHO — Mas filhinha, papai vem ali e vem nos visitar.

MARIETA — É por isso mesmo que eu vou saindo. Você me desculpe, filhinho, mas você sabe perfeitamente que seu pai faz tudo para me contrariar. Se eu ficasse, ele descobriria que sou contra o seguro e é muito capaz de aconselhar você a assinar só para me fazer raiva. E essa humilhação, eu não posso suportar.

DONA OLÍVIA — É o que eu vivo dizendo, minha filha. Endureça. Se você endurecesse toda vez, ninguém tentaria montar em nosso pescoço: quando seu pai era vivo, não tínhamos que suportar essas humilhações a cada instante. *(Enquanto fala vai dando tapas e empurrões em VICENTINHO e depois chora.)*

MARIETA — Mãezinha, não chore! Não chore não, querida! Bruto! Está vendo o que você fez?

VICENTINHO — Mas chocolate, eu não fiz nada! Espere! Marieta! *(Abaixam DONA OLÍVIA, MARIETA e VICENTINHO; entra VICENTÃO.)*

VICENTÃO

Ai não vá não, Teresinha,

não vá não que o touro dá!

Não vá não, Teresinha,
na porteira do currá!
Eu vou pra o mato,
mato grandes e miúdos,
chego em casa ajunto tudo,
dou à mulher pra pelar!
Ela reclama,
diz que isso não faz sentido,
meto a mão no pé do ouvido,
pra deixar de reclamar!
A mulher pela,
vamos pra beira do fogo,
está danado esse jogo,
até o passarinho assar!
Chega o menino:
Papai, me dá um pedaço!
Passo-lhe a mão no cachaço:
Se quer páss'ro vá matar!
Ai não vá não, Teresinha,
não vá não que o touro dá!
Não vá não, Teresinha,
na porteira do currá!
(Falando.) Bom dia, senhores!

AFONSO — Senhor Vicentão, Afonso Gostoso Cabeleira, para servi-lo. Represento a Companhia de Seguros Morte Certa, a garantia para um falecimento seguro. Estou aqui para que seu estimável filho Vicentinho faça um seguro, o que redundará em benefício para toda a família dele. Infelizmente, a sua bela e prendada nora, estimulada pela virtuosa mãe, é contrária ao seguro.

VICENTÃO — Aquilo são duas jararacas. E o mole do meu filho tem medo de todas duas. A mãe é uma cobra, uma viúva alegre. E a filha, se Vicentinho tivesse me ouvido, não teria casado com ela. A mulher, em solteira, não podia ver homem, ficava toda

assanhada. Também, filha daquela caninana, daquela cascavel, só podia ser assanhada. Uma coisa lhe digo logo: se elas estão contra esse tal de seguro é porque esse tal de seguro é bom, logo sou a favor do tal do seguro. Por que meu filho não quer fazer uma coisa tão boa?

Afonso — Ele quer, mas como a sogra se opôs, disse que antes de assinar os papéis desejava ouvir sua experimentada opinião. Antes de mais nada, quero esclarecer que o seguro será uma garantia valiosa para ele e para a filhinha, sua encantadora neta Madalena. E ainda um pequeno detalhe: sei que o senhor é um homem rico e valente e não se interessa por essas tolices, mas o senhor pode ganhar dinheiro com o seguro.

Vicentão — Hein?

Afonso — Se seu filho se resolver a favor do seguro, posso credenciar o senhor junto à Companhia de Seguros Morte Certa, caso em que, como agente, o senhor terá direito também a uma comissão pelo trabalho.

Vicentão — Interessante, muito interessante esta parte. Não é que o dinheiro me interesse, mas como o senhor diz que o seguro garante não só o marido, mas também a mulher e os filhos do casal... não é assim?

Afonso — É assim mesmo.

Vicentão — Queira me dar a proposta. *(Depois de ler.)* Interessante, muito interessante as condições. Pode o senhor me ceder uma cópia dessa proposta?

Afonso — Posso, pois não. Mas não seria melhor seu filho assinar logo esta?

Vicentão — Isso é outra questão. Quero levar a cópia para meu genro. Tenho uma filha pela qual sou louco. O senhor não repare, mas ela é minha predileta; esse Vicentinho é um frouxo, um mole, não parece filho meu. Minha filha é a predileta. Se meu genro fizer o seguro, tenho direito também à comissão?

Afonso — Claro que tem.

Vicentão — Vou então levar-lhe a proposta e convencê-lo a assiná-la, o que redundará em benefício de minha querida filha.

Afonso — Ótimo, Seu Vicentão, ótimo, ótimo, excelente. A Companhia vai ficar louca por mim: em vez de um seguro, dois seguros, num dia só. E ao senhor também, a Companhia de Seguros Morte Certa saberá demonstrar sua gratidão.

Vicentão — Gratidão e comissão, está ouvindo?

Afonso — Pois não, pois não! Será uma alegria credenciá-lo. E quanto ao seguro de seu filho...

VICENTÃO — Meu filho tem duas jararacas em casa, esse é que é o fato. Chega dá raiva se fazer seguro em favor de uma cobra daquela. Mas vou aconselhá-lo a assinar também.

AFONSO — Ótimo, ótimo, excelente, Seu Vicentão. Seu filho acaba de entrar em casa.

VICENTÃO — Então vou procurá-lo. Onde poderei encontrar o senhor para regularizar o seguro de meu genro e a comissão?

AFONSO — Na sede da Companhia de Seguros Morte Certa. Os papéis têm o endereço.

VICENTÃO — Então, até lá. Fique descansado, é coisa garantida. *(Sai.)*

AFONSO — Viu, Benedito? Viu quanto valem a astúcia e a delicadeza?

BENEDITO — Vi, mas escute o que estou lhe dizendo: esse bigodudo vai trair você.

AFONSO — Vai nada! E a comissão?

BENEDITO — É, pode ser.

AFONSO — E mesmo, em último caso, meu filho, só ter conhecido Marieta já pagou meu dia. Que mulher! Você viu como ela se mexe? Parece uma onça, toda feminina, toda manhosa, toda macia, toda sexual...

BENEDITO — Agora, não sei, mas quando era solteira, aquilo era acesa que não tinha água que apagasse o fogo dela!

AFONSO — Cale a boca, o pessoal vem aí. *(Aparecem VICENTINHO, MARIETA e DONA OLÍVIA.)* Então tudo resolvido, não foi? Onde está Seu Vicentão?

VICENTINHO — Saiu pela porta de trás, pelo chão.

AFONSO — Ele falou com o senhor sobre o seguro?

VICENTINHO — Falou.

AFONSO — E então? O que foi que resolveram?

MARIETA — Pela primeira vez na vida, o bigodudo do meu sogro tomou o meu partido.

AFONSO — O quê?

VICENTINHO — O senhor vai me desculpar, Seu Afonso Gostoso, mas meu pai é de opinião que o seguro não vale a pena. O dinheiro vai se desvalorizando com o tempo e não vale nada quando é pago.

AFONSO — Pois eu me admiro muito que ele tenha dito isso quanto ao seguro de Dona Marieta, porque Seu Vicentão levou uma proposta para que o genro fizesse um seguro em favor da filha dele.

MARIETA — O quê?

Dona Olívia — O quê? O que é que o senhor está me dizendo?

Afonso — A senhora me desculpe, mas Seu Vicentão não tem uma filha casada?

Dona Olívia — Tem! Tem demais!

Afonso — Pois ele disse aqui que o seguro era uma coisa ótima e levou uma proposta para que o genro fizesse um em favor dela.

Dona Olívia — Você está vendo, minha filha? Quando foi para a filha dele, o seguro prestava, para você não vale nada!

Marieta — É porque aquele bigodudo não gosta de mim!

Vicentinho — Mas filhinha, não diga uma coisa dessa! Eu queria assinar o seguro, você não deixou!

Marieta — Não interessa, isso é outra questão. O que eu estou discutindo agora é a perfídia que seu pai fez comigo. Eu já sabia que ele me detestava, mas nunca pensei que fosse tanto! Nem nunca esperei que você preferisse ficar ao lado de seu pai e contra mim.

Vicentinho — Mas filhinha…

Marieta — *(Chorando.)* É isso mesmo, pra todo lado que eu me viro só vejo desprezo e incompreensão.

Dona Olívia — *(Empurrando o genro e dando-lhe tapas.)* Se você não faz o seguro por minha filha, faça pelo menos pensando na sua filhinha inocente, pai sem coração!

Vicentinho — *(Reagindo e empurrando-a com a cabeça.)* Dona Olívia, sabe do que mais? Eu enchi com a senhora. Vá pra lá, viu? Vá pra lá! Ninguém chamou a senhora aqui!

Dona Olívia — Ai, Marieta, minha filha, o bruto do seu marido está me matando!

Marieta — Vicente, está vendo? Está vendo o que você fez?

Vicentinho — O que foi?

Marieta — Matou minha mãe!

Vicentinho — Eu?

Dona Olívia — Sim, me matou. Estou morta! Olhe eu morta aqui, está vendo?

Vicentinho — Eu não fiz nada. O que não estou é disposto a suportar as novelas de sua mãe, com essa história de pai sem coração!

Marieta — É, as novelas daqui quem faz é minha mãe, mas as ruindades quem faz é seu pai!

Dona Olívia — Olhe, eu estou morta, viu, mas ainda me resta um sopro de vida para defender minha filha, está ouvindo? O que é que podia se esperar daquele velho bigodudo? Aquilo sempre foi trapaceiro!

Vicentinho — O quê, caninana? Meu pai? Trapaceiro?

Dona Olívia — Trapaceiro, corno e ruim!

Vicentinho — O quê? Pra fora de minha casa! Pra fora! Pegue seus trastes e vá embora! Não admito em minha casa um insulto a meu pai. Caninana, jararaca, cascavel, catraia! Vive aqui comendo o meu feijão e ainda se acha com o direito de insultar meu pai. Pra fora de minha casa!

Dona Olívia — Você me expulsa de casa?

Vicentinho — Expulso! Já devia ter feito isso há muito tempo, mas sou bondoso, tolerante e fui aguentando. Mas hoje a senhora passou da conta e eu enchi.

Marieta — Ah, é assim? É assim, é?

Vicentinho — É.

Marieta — Se minha mãe vai, eu vou também!

Vicentinho — A porta está aberta e é larga, podem passar as duas. Saiam, saiam imediatamente!

Marieta — E então? Você pensa que eu me importo? Para mim, isso representa somente a alegria e a liberdade. Vou e vou cantando. Mamãe, vamos embora! E vocês, homens de Taperoá, preparem-se que eu chego já! *(Saem.)*

Vicentinho — Adeus, ingrata, adeus, vida de minha ilusão. É o lar desfeito e a vida destroçada.

Afonso — Que vida destroçada, que lar desfeito que nada, Seu Vicentinho! Há uma coisa que substitui qualquer lar, qualquer mulher, como segurança e companhia para a velhice dos solitários: são os seguros da Companhia Morte Certa. O senhor podia era aproveitar a oportunidade e assinar a proposta!

Vicentinho — O quê, canalha? Cachorro, cabeludo safado! O senhor causa um barulho desse, me faz perder a mulher que era o sonho de minha vida e ainda me vem com essa peste desse seguro? *(Dá-lhe umas pancadas.)*

Afonso — Calma, Seu Vicentinho, calma! O senhor está nervoso! Não me agrida, Seu Vicentinho! Veja que eu estou no exercício de um dever profissional!

Benedito — Eu não disse que isso só vai na chapuletada? É isso mesmo, Afonso. Você é um peste, um bandido! Destruiu a vida de Seu Vicentinho! E ainda vem com essa

safadeza de seguro? Cachorro, safado! *(Dando em VICENTINHO.)* Tome, tome, para não me meter mais nessas molecagens! Tome! Tome!

VICENTINHO — Benedito, você está batendo é em mim!

BENEDITO — *(Dando em VICENTINHO.)* Tome, tome mais, cabra de peia! Tome, tome!

AFONSO — Ai, ai, ai!

VICENTINHO — Eu apanho e quem grita é ele! Ai, Benedito! Ai, morri! Dessa eu não escapo!

AFONSO — Escapa. Escapa e há de fazer o seguro. Porque amanhã eu volto. Volto e hei de obrigá-lo a assinar a proposta, para segurança e tranquilidade do seu falecimento.

MANUEL FLORES — *(Entrando.)* Termina aqui a tragédia *O Seguro*, ou seja, *O Anjo da Paz Familiar*. E como mamulengo deve terminar festivamente, a companhia inteira aparece para cantar a seguinte música. *(Todos aparecem e cantam "Teresinha".)*

ARIANO SUASSUNA

O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna

1958

Entremez popular adaptado de um folheto de Francisco Sales Areda e de uma peça nordestina para mamulengos, assim como de um "romance" medieval ibérico, ainda hoje cantado no sertão.

1º Cantador *(Vestido de Vaqueiro.)*

Tem gente por este mundo
que já nasce afortunada
e que, embora passe um tempo
sem poder arranjar nada,
chega por trás a Fortuna,
vem pegá-la de emboscada.

2º Cantador *(Vestido de Caçador.)*

Por isso, conto uma história
que ouvi contar, "em trancoso",
de um Cantador muito pobre
e, além disso, preguiçoso,
casado com uma mulher
de coração generoso.

1º Cantador

No Sertão, há muitos anos,
numa pequena cidade,
esse pobre residia
já no fim de um arrabalde,
tão cheio de precisão
que causava piedade!

2º Cantador

Com a mulher e dez filhos
o poeta Joaquim Simão

sofria fome e nudeza,
dormindo todos no chão.
Muitas vezes, pra comer,
tinha que pedir o pão!

1º Cantador

Além da grande pobreza,
a preguiça o devorava
e quando a mulher, às vezes,
em trabalhar lhe falava,
ele, todo aborrecido,
dentro de casa, exclamava:

Simão

Trabalhar pra quê, mulher?
Trabalho não me convém!
O que tiver de ser meu,
às minhas mãos inda vem!
Se trabalhar desse lucro,
jumento vivia bem!
Eu vejo esses que se matam
para ajuntar o que é seu.
Quando morrem, deixam tudo:
trabalho, de que valeu?
E há gente por esse mundo
que está pior do que eu!

Mulher

É mesmo! É mesmo, meu velho!
Você é quem tem razão!
Mas, então, vamos mudar-nos
para outra região.

Pode até ser que a Fortuna
nos dê sua proteção!

SIMÃO

Mulher, meu juízo é muito
e eu o guardo, aqui, quase todo!
Não saio da minha terra
nem arrastado de rodo!
Pedra que muito rebola
nunca pode criar lodo!
Se eu tiver de possuir
qualquer coisa, com fartura,
não é por sair pro mundo,
enfrentando essa aventura!
Se a Sorte tiver vontade,
ela mesma me procura!

MULHER

É mesmo, Quincas! É mesmo!
Não ligue à sua mulher!
Aqui, nós vamos vivendo
e é do jeito que Deus quer!
Vamos esperar que a Sorte
venha, um dia, se vier!

SIMÃO

Em vez de conversar água
chame o povo pra ensaiar
aquele bonito "drama"
que vamos representar:
O Amor de Clara Menina
e Dom Carlos de Alencar!

O 1º CANTADOR *volta, vestido ainda de Vaqueiro.* SIMÃO *amarra um manto enfeitado e pobremente suntuoso sobre o vestido sujo, velho e esfarrapado da* MULHER. *Os dois se abraçam.* SIMÃO *fica como uma espécie de Diretor de Cena e Narrador.*

SIMÃO *(Como NARRADOR.)*

"Estava Clara Menina
com Dom Carlos, a brincar,
nua da cintura pra cima,
nua da cintura pra baixo,
namoro pra se casar!
Mas passou um Caçador
que não devia passar"...

2º CANTADOR *(Como CAÇADOR.)*

"Esta é Clara Menina
com Dom Carlos a brincar
e isto que estou vendo aqui
a meu Rei eu vou contar!
A meu Rei eu vou contar
e um bom posto eu vou ganhar!"

MULHER *(Como CLARA MENINA.)*

"Isso que tu viste aqui
a meu Pai não vais contar!
Que eu te dou léguas de terra
que não possas caminhar
e a minha prima carnal
para contigo casar!"

2º CANTADOR

"Não quero léguas de terra
que eu não possa caminhar,
nem tua prima carnal
para comigo casar,

porque o que eu vi aqui
a meu Rei eu vou contar,
a teu Pai eu vou contar
e um bom posto eu vou ganhar!”

1º Cantador *(Como Dom Carlos.)*

“Isto que tu viste aqui
ao Rei tu não vais contar!
Que eu te dou o meu cavalo,
arreado como está:
com trezentos cascavéis
ao redor do peitoral,
cem de ouro, cem de prata
e cem do mais fino metal!”

2º Cantador

“Eu não quero o teu cavalo,
arreado como está:
com trezentos cascavéis
ao redor do peitoral,
cem de ouro, cem de prata,
cem do mais fino metal,
porque o que eu vi aqui
a meu Rei eu vou contar!
Ao Pai dela eu vou contar
e um bom posto eu vou ganhar!”

Simão *põe uma coroa de lata e espelhos na cabeça e um manto sobre sua roupa esfarrapada, e senta-se em algum lugar, como trono.*

2º Cantador

“Ô seu Rei, meu alto Rei,
vim aqui pra vos contar

que encontrei a vossa filha
com Dom Carlos a brincar,
nua da cintura pra cima,
nua da cintura pra baixo,
namoro pra se casar!”

Simão

“Por que não falas logo
como tens que me falar?
Se ela estava como dizes,
com Dom Carlos, a brincar,
nua da cintura pra cima,
nua da cintura pra baixo,
estava nua pra enjambrar!”

2º Cantador

“Eu seria um atrevido
se assim fosse começar!
Mas aqui vai a verdade:
me mandaram me calar!
A princesa Dona Clara
inda quis me subornar.
Ela quis me dar as terras
que ainda vai herdar
e sua prima carnal
para comigo casar!”

Simão

“E que foi que respondeste
depois dela assim falar?”

2º Cantador

“Disse: ‘O que eu vi aqui

a seu Pai eu vou contar!
A meu Rei eu vou contar
e um bom posto eu vou ganhar!'"

Simão

"Tu fizeste muito mal
em aqui isso contar,
na frente de todo mundo,
pra todo mundo escutar!
Devia ter me chamado
para um particular!"

2º Cantador

"Eu estava só brincando
quando disso vim falar!
Não era Clara Menina
nem Dom Carlos de Alencar!
Ela estava bem-vestida,
lá na Igreja, a rezar!"

Simão

"Tu terias ganho o posto,
falando em particular,
mas, na frente desse povo,
o que mereces ganhar
é o cepo do carrasco
que está a te esperar
pra essa tua cabeça
de um só golpe degolar!"

Mulher

"E comigo e com Dom Carlos
que ação vais praticar?"

SIMÃO

"Menina desmiolada,
eu devia te matar!
Mas morrias difamada
e, assim, é melhor casar!
Vou te casar com Dom Carlos,
com Dom Carlos de Alencar."

Saem os dois CANTADORES. SIMÃO *e a* MULHER *tiram os mantos.*

MULHER

Está muito boa, a peça!
Mas, Simão, tenha coragem!
Vamos botar um roçado:
plantam-se milho e feijão,
e, depois dele tratado,
virá o lucro, na certa,
vamos viver descansados!

SIMÃO

Mulher, deixe de loucura!
que eu sei isso como é:
a gente limpando o mato,
vem a cobra e morde o pé!
O sol acaba a lavoura:
"nem preá e nem mondé"!
E mesmo nós trabalharmos
pra dar lucro pro patrão,
é cavar lajeiro duro
com enxada de mamão,
fazer chocalho de cera
com badalo de algodão!

MULHER

É verdade, meu marido,
sua ideia é acertada.
Mas veja que temos filhos,
que está crescendo a ninhada,
e, para o jantar, em casa,
nós hoje não temos nada!
Pegue ao menos a espingarda
e vá pro mato, caçar.
Nambu, rolinha, asa-branca,
é certo você matar!
De noite, eu faço pirão
pra filharada cear!

SIMÃO

Boa ideia, minha filha,
e eu gosto é de seu jeitinho!
Mas me diga: eu estou no mato;
vou matar um passarinho;
o tiro sai da culatra,
pode matar seu velhinho!
Não tem batata de imbu?
Vá passar tudo no ralo!
Junte água quente e pimenta,
faça cabeça de galo,
e a filharada enche a pança,
que pobre não tem regalo!

MULHER

Está certo, Quincas, não vá!
Você tem razão e eu acho!

Mas hoje, eu, tirando lenha
lá do serrote pra baixo,
achei a cova dum peba,
bem na beira do riacho!
É bom a gente ir cavá-lo,
que um peba gordo é presunto!

SIMÃO

Você está doida, mulher!
É melhor mudar de assunto!
O povo diz, por aí,
que peba come defunto!
Depois, tem que ser de noite,
perdemos nossa dormida!
Ele engana a gente, foge,
fica a viagem perdida,
vem a cascavel, nos morde,
lá a gente perde a vida!

MULHER

Você tem razão, meu negro!
Não escute o que eu dizia!
Mas a lagoa está cheia,
salta peixe todo dia!
Vamos pegar a tarrafa:
vai ser grande a pescaria!

SIMÃO

Eu não suporto tarrafa!
Se inda fosse jereré!
E, mesmo, a lagoa é funda
que não há quem tome pé!

A gente vai é passar
no papo do jacaré!
Forre o chão com a esteira:
vou me deitar e dormir!
Amanhã cedo, você
vai, pelas casas, pedir.
Quando voltar, traz comida
que dá pra casa suprir!
Nós ainda estamos vivos:
então, está tudo bem!
Trabalhar cansa e dói muito,
coisa que não me convém!
Se a Fortuna nos quiser,
de qualquer modo, ela vem!

Deita-se e dorme.

MULHER

Meu marido é incapaz
até de bater um prego!
Gosto dele! Ele é poeta!
Só de uma coisa arrenego:
é de viver pelas portas
sem ser aleijado ou cego!

1º CANTADOR *(Vestido de vaqueiro e com máscara.)*

Eu me chamo Luciano,
cabra de Taperoá!
Eu tenho sangue dos Dantas,
tenho sangue dos Vilar!
Quando corro atrás de um boi
é mesmo pra derrubar!

Ê luar mansinho!
Ê boi, fasta boi!
Ê boi, ê-oi!
Dona, aqui na sua porta
eu ia, agora, passando,
tangendo minha boiada,
tirando verso e aboiando,
quando avistei a senhora,
desesperada, chorando.
O que é que a senhora tem?

MULHER

Vou lhe mostrar, com franqueza,
dez filhos, ao meu redor,
mortos de fome e nudeza!

1º CANTADOR

Dona, estou penalizado,
com tanta fome e pobreza!

Dá-lhe uma vaca feita como boi de Bumba-meu-boi. Ele, aliás, deve aparecer montado, como no Cavalo-Marinho.

Tome esta vaca de leite,
é a melhor com que eu ia!
Trate dela com cuidado,
que é de grande serventia!
A senhora terá leite
pra família, todo dia!

Sai, deixando a vaca.

MULHER

Acorde, Joaquim Simão!
Meu Deus, que sono horroroso!

A gente ganhou uma vaca!

SIMÃO

Hum!
Quem foi esse caridoso?

MULHER

Um boiadeiro de fora,
moço, bonito e bondoso!
Pelo amor de Deus, se anime!
Ao menos fique contente!

SIMÃO

Mulher, eu digo uma coisa:
é muito bom, um presente,
mas o diabo dessa vaca
vem dar é trabalho à gente!
Não quero essa vaca não!
Traga esse diabo pra cá,
que aparece, já, negócio,
pra se vender ou trocar.
Em negócio é que eu sou bom:
a vida vai melhorar!

MULHER

Que alegria, meu marido!
Agora, o plano é certeiro!
Graças a Deus! Meu Simão
vai também ser boiadeiro:
troca, vende, compra, e a gente
vai enriquecer ligeiro!

Entra o 2º CANTADOR, de máscara, montado na figura da Burrinha do Bumba-meu-boi.

2º CANTADOR

Vamos, meu burrinho cego!
Vamos, velho camarada!
Burro de quase cem anos,
com uma perna esconchavada!

Simão

Amigo, é seu esse burro?
Vamos dar uma trocada?

2º Cantador

Conforme! Como é a troca?
Qual é sua condição?

Simão

Troco a vaca pelo burro:
uma mão lava a outra mão!
Leve a vaca e dê-me o burro
que está feita a transação!

2º Cantador

Meu camarada, eu aceito!
Mas sou um homem decente:
o burro é velho, está cego,
é um pobre penitente;
já deu o que tinha de dar,
tem uma perna doente!

Simão

Gostei da cara do burro!
Simpatizei com o rapaz!
Leve a vaca e dê-me o burro!
Não venha discutir mais!
Não bote defeito nele:
é um favor que me faz!

2º Cantador

Se é assim, topo o negócio!
Não diga que lhe enganei!

Simão

O mesmo faça você,
que eu, sempre, direito andei!
Lá vem outro com uma cabra!
Meu senhor da cabra! Ei!

Entra o 1º CANTADOR, com uma cabra, também de madeira e pano.

1º Cantador

Que é que há?

Simão

Vamos trocar
sua cabra por meu burrinho?
Só há uma dificuldade:
o burro é cego e velhinho!

1º Cantador

Talvez seja bom negócio:
vamos pensar direitinho!
Já que o senhor foi decente,
quero avisá-lo também:
a cabra também está velha,
nem leite mais ela tem.
Diga lá quanto eu lhe volto
que eu vejo se me convém.

Simão

O senhor não volta nada,
que não seria direito!
Troco o burro pela cabra:

se quiser diga, está feito!

1º Cantador

Eu topo, e fico contente!

Simão

Eu também estou satisfeito!
Lá vem um homem com um galo!
Vale a pena perguntar:
Esse galo é pra negócio?

2º Cantador

É pra vender, ou trocar.
Se tem alguma proposta,
me faça e vamos pensar!

Simão

Troco a cabra pelo galo!
Mas aviso, meu senhor:
é uma cabra aposentada,
já velha, já sem valor,
que agora, de cabra, mesmo,
só tem o chifre e o fedor!

2º Cantador

Mesmo assim, a carne presta
e o couro é bom pra vender!
Quanto tenho que voltar?
Faz favor de me dizer?

Simão

O senhor não volta nada!
Não faço ninguém perder!

2º Cantador

Se é assim, topo o negócio!

Não diga que lhe enganei!

Simão

O mesmo faça você,
que eu, sempre, direito andei!
Outro homem, com um pacote!
Meu senhor do pacote! Ei!
Onde vai, com tanta pressa?
Venha até cá, cidadão!
Me mostre, aqui, o pacote
que carrega em sua mão!
Me diga se esse pacote
se troca num galo, ou não!

1º Cantador

Meu amigo, esse pacote
é somente um pão francês
que eu comprei, agora mesmo,
na venda do Português.
Mas, se o senhor quer trocar,
venha, que esta é a vez!
Me diga, você, de lá,
o negócio como é...

Simão

Dou o galo pelo pão
que é um símbolo da Fé!
E, além disso, um pão é bom
pra se tomar com café!

1º Cantador

Eu não engano ninguém!

Simão

Nem eu também, camarada!

1º Cantador

Um pão é pouco pra dar
num galo, sem voltar nada!
Tome o pão e dez mil-réis:
fica a troca equilibrada!

Simão

Não fui eu que lhe pedi:
o senhor deu porque quis!
Para mim, bastava o pão,
em negócio eu sou feliz!
Pois enxergo umas dez léguas
adiante do meu nariz!

O Rico *(Do limiar da cena.)*

É o poeta preguiçoso!
Ele não me pressentiu!
Ou então virou as costas,
fingindo que não me viu!
Um homem falou com ele,
fez uma troca e saiu!
Eu vou lá! Joaquim Simão!
Gosta de trocar, também?
Você sabe, eu sou banqueiro,
e entendo essas coisas, bem!
Que é que inda tem pra trocar?

Simão

Aqui, nada mais se tem!
Eu fiquei com uma vaca
que minha mulher ganhou:

fiz, porém, quatro negócios
e o que eu tinha se acabou!
Tenho um pão e dez mil-réis:
foi tudo quanto sobrou!

O Rico

Pode explicar essas trocas?
Voltaram? Você voltou?
Pra sobrar só dez mil-réis,
o pessoal o enganou!
Diga lá todas as trocas
que você, aqui, fechou!

Simão

Eu troquei, primeiro, a vaca,
pelo burro dum freguês.
Dei o burro numa cabra
e esta num galo pedrês.
Me deram por esse galo
dez mil-réis e o pão francês!

O Rico

Você é besta, Simão!
Você é burro, Joaquim!
E uma coisa eu lhe digo:
sua mulher vai achar ruim!
Porque você pegou, hoje,
a vaca dela e deu fim!

Simão

Ah, isso não! Isso, nunca!
Na minha velha, eu confio!
Assina em cruz o que eu faço!

Não me faz um desafio!

O Rico

Mas hoje, aqui, vai ter briga!
Eu, de todos desconfio!
Uma mulher pode ter
o mais leal coração!
Ser mansa como a ovelha
e boa como a razão!
Mas, quem der fim ao que é dela,
tem de ouvir reclamação!
Todo mundo tem seu preço,
o interesse é lei eterna!
A ambição é quem comanda,
a cobiça é quem governa,
é quem dirige a cabeça,
a barriga, o peito e a perna!

Simão

Menos com minha mulher!

O Rico

Faço uma aposta, sem demora!
Cem contos nos dez mil-réis:
casa-se o dinheiro agora!
Se a mulher não reclamar,
você recebe na hora!

Entram os dois CANTADORES *sem máscaras.*

Simão

Aceito, Seu Rico, aceito!
Nosso dinheiro casemos!
Na mão dessas testemunhas

a aposta depositemos
e, pra resolver o caso,
a minha mulher chamemos.
Lá está ela, ali na porta,
cantando alegre, sentada!
Os filhos estão lá dentro
por trás da porta de entrada!
Minha velha, venha cá!

O Rico

Coitada! Vem animada!

Mulher

Meu velho, cadê a vaca?
Trocou a vaca ou vendeu?
Fez bom negócio, meu velho?
Teve bom ganho? Perdeu?

Simão

Minha velha, chegue cá,
vou contar o que se deu!
Estava, aqui, com a vaca
no espanto da novidade!
Aí, chegou um freguês
com um burro cego, de idade:
dei a vaca pelo burro,
pois achei facilidade!

Mulher

Foi bom negócio, Simão!
Um burro, serve demais!
Carrega carga, e, além disso,
qualquer viagem se faz!

Onde é que está nosso burro?
Quando é que você traz?

Simão

Não, minha mulher! O burro
servia pra ir à feira...
Mas passou, aqui, um homem
com uma cabra ronceira:
troquei o burro na cabra,
velha, coroca e solteira!

Mulher

Boa, Simão! Esse foi
um negócio que convém!
A gente, tendo essa cabra,
não vai chorar mais ninguém.
Mesmo sem leite, se mata,
e os meninos passam bem!

Simão

É, mulher! Mas essa cabra
estava velha e sem cabrito!
Chegou por aqui um homem
com um galo muito bonito...
Dei a cabra pelo galo,
que é animal mais bendito!

Mulher

Fez muito certo, meu velho!
Essa é que foi boa, agora!
Galo diz: “Cristo nasceu!”
Só pode trazer melhora,
com essa frase abençoada,

madrugando a toda hora!
Por que é que não me traz, logo,
o bichinho para eu ver?
Onde é que está o meu galo?

SIMÃO

Espere, que eu vou dizer
em que resultou o galo,
que é para você saber!
Fiquei com o galo, entretido,
pensando... Quando dei fé,
vinha um homem com um pão!
Pensa que fiz fincapé?
Dei o galo pelo pão,
pra se tomar com café!

MULHER

De todas as trocas, esta
foi a melhor que se fez!
Os filhos estão com fome
e, sendo assim, desta vez,
vai já tudo encher o bucho
de café com pão francês!
Se trouxe o pão, me dê logo,
que eu vou fazer o café!

Pega o pão e sai.

SIMÃO

Então, Seu Rico, o que diz?
A aposta está de pé!
E o senhor agora viu
o que é uma boa mulher!

O Rico

Eu não pago esse dinheiro!

1º Cantador

Ah, paga, meu camarada!
Ele está na minha mão,
e a minha mão é honrada!

Simão

Você nunca tinha visto
mulher desinteressada?

O Rico

O Diabo pegue essa peste,
leve essa besta danada!
Perdi cem contos por causa
dessa guenza desgraçada!
Tem gente de todo jeito
nesta terra desgraçada!
Vou me trancar para sempre!
Peste, segure esta figa!
Que a morte agarre teu couro,
que o Satanás te persiga!

Simão

Calma lá! Amansa, mano!
Se quer mais aposta, diga!

1º Cantador

Desde esse dia em diante,
Joaquim Simão controlou-se.
Comprou terra, fez morada,
a trabalhar destinou-se
e com uma fazendinha

em poucos anos achou-se!

2º Cantador

A miséria desertou
e a Fortuna fez barraca.
Na porteira da fazenda
Simão botou uma placa
e, nessa placa, um letreiro:
“Fazenda Homem da Vaca”!

1º Cantador

Que a gente não desespere
e saiba querer o bem!
Vamos viver do trabalho,
não chorando o que não tem,
que um dia, pode a Fortuna
vir nos bafejar também!

2º Cantador

O que nos traz a Fortuna
não quer dizer “o dinheiro”!
É isso e outros dons de Deus,
fortes, puros, verdadeiros!
A coragem da alegria,
a vida, o sonho, um roteiro!

1º Cantador

O pobre tem o direito
de lutar pra melhorar,
de ter, sempre, seu telhado,
e o lugar pra trabalhar.
Quem encontre a Sorte faça
por onde ela não voar!

AMBOS

Riqueza tem sua treva,
pobreza tem sua luz!
Já a miséria é desgraça,
pois à desgraça conduz!
Um dia, vem luz pro Mundo,
e a luz do mundo é Jesus.

PANO.

ARIANO SUASSUNA

O MARIDO DOMADO

1961

Com o pano fechado, aparecem Marieta *e* Vicentão *vestidos com roupa normal, fazendo o papel de* Cheirosa *e* Cheiroso*, donos do mamulengo. Eles dançam e cantam.*

Cheiroso

Cadê seus homens, Maria?

Cadê seus homens, cadê?

Cheirosa

Meus homens foram pra guerra

ou estão brincando de se esconder! *(Cantam duas vezes.)*

Cheiroso

Ninguém sabe nessa briga

de nós dois quem vencerá.

Cheirosa

Ele agora manda em mim,

algum dia hei de mandar.

Cheiroso

Marieta é um problema,

quem viver é quem verá!

Depois de cantarem um pedaço, o pano abre e Cheiroso *anuncia o espetáculo.*

Cheiroso — Atenção, respeitável público, vai começar o espetáculo!

Cheirosa — Vai começar o espetáculo!

Cheiroso — Vai começar o maior espetáculo teatral do país!

Cheirosa — Vai começar o maior espetáculo músico-teatral do universo!

Cheiroso — Não se meta não, não se meta não!

Cheirosa — Ah, me meto! Me meto, me meto! Eu gosto, é disso que eu gosto, dessas coisas, dessa confusão!

CHEIROSO — Sai daí, desgraça! O sujeito que casa com uma peste dessa só morrendo!

CHEIROSA — A sujeita que casa com um peste desse só matando!

CHEIROSO — Eu tenho já um troço! Sai daí, desgraça! Eu não já disse que sai daí? *(Catolé, choro.)* O presente presépio de hilaridade teatral denomina-se "O Marido Domado" para imitar o grande mamulengueiro alemão Wilhelm Chesterfield, que escreveu uma peça chamada "A Megera Domada", e porque nele se verá como as situações se invertem, se entrecruzam e se repetem nesse mundo das clarezas definidas.

CHEIROSA — Pedante não, aqueles pipocos!

CHEIROSO — Cachorra!

CHEIROSA — Safado!

CHEIROSO — Sai daí! O Mamulengo de Cheiroso tem o prazer de apresentar…

CHEIROSA — A grande tragicomédia lírico-pastoril!

CHEIROSO — O incomparável drama tragicômico em um ato!

CHEIROSA — A excelente farsa de moralidade!

CHEIROSO — A maravilhosa facécia de caráter bufonesco soberbamente denominada…

CHEIROSA — O Marido Domado!

CHEIROSO — O Marido Domado! *(Duas vezes.)* Isso é uma desgraça! Você não vai fazer o papel de Marieta, peste?

CHEIROSA — Vou.

CHEIROSO — E eu não vou fazer o de Vicentão?

CHEIROSA — Vai.

CHEIROSO — Então entre aí no mamulengo e vá mudando a roupa que o negócio vai começar. *(CHEIROSA obedece.)* Na peça, eu faço o papel do mamulengo Vicentão, o valentão de Taperoá, casado com Marieta, sua pobre mulher a quem ele conserva sob verdadeiro terror. É um assassino perigoso que só tem uma fraqueza na vida: criar passarinho. Esses passarinhos são o tormento de Marieta: ela tem que limpar as gaiolas, mudar a água, dar a comida e o marido já disse que no dia em que voar um, ela morre, sangrada a punhal, de um talho que vai de vão a vão, faz a cruzeta, corta o coração pelo meio e estufa os dois bofes duma vez; uma coisa terrível! Vai começar!

CHEIROSA — *(De dentro.)* Vai começar!

CHEIROSO — Essa peste só vai no catolé! Você já mudou a roupa?

CHEIROSA — *(Aparecendo.)* Já.

Cheiroso — Então cante aí uma coisinha enquanto eu mudo a minha! Canta, desgraçada! Música! Mete os peitos! *(Entra no mamulengo.)*

Cheirosa

Em Cajazeira eu lá não vou,

que a bebedeira é um horror!

Em Cajazeira eu não vou mais,

que a bebedeira está demais! *(Duas vezes.)*

Cheirosa — Essa música foi cantada aqui somente para dar tempo de Cheiroso se maquilar de Vicentão. É o que se chama um pequeno artifício de carpintaria teatral, que, aliás, surpreendentemente não é feita pelos carpinteiros e sim pelo autor. Já acabou, Cheiroso?

Cheiroso — *(De dentro.)* Não!

Cheirosa — Então eu vou falando. Falo aqui até de noite, mas acaba, miserável! Acabou?

Cheiroso — *(De dentro.)* Não!

Cheirosa — Boto a música de novo, pode ser? Terminou?

Cheiroso — *(De dentro.)* Não!

Cheirosa — Eu digo a letra do Hino Nacional! Se não der, leio o Código Penal todinho!

Vicentão — *(Aparecendo.)* Marieta! Deixa de furdunço no meu pé do ouvido! Acaba com essa cantilena, parece música de velar defunto! Dá um beijo aqui! Vou dar uma ordem unida em você só para ver se ainda está em forma!

Marieta — Mas Vicentão, uma ordem unida? É uma humilhação!

Vicentão — O quê, cabrita? Mulher minha não tem direito nem de pensar em humilhação! Tudo o que eu fizer ou disser ou mandar tem que ser considerado altamente honroso, proveitoso e decente, ouviu?

Marieta — Ouvi.

Vicentão — Então lá vai! Direita, volver! Ordinário…

Marieta — Ordinário é você!

Vicentão — Marieta, você quer se meter em faca?

Marieta — Vicentão, pelo amor de Deus me perdoe!

Vicentão — Outra dessa e morre, viu? Vamos! Ordinário, marche! Um, dois, um, dois…

Marieta — Um, dois, um, dois, três, quatro, trinta, sessenta, cento e vinte…

VICENTÃO — Alto!

MARIETA — Baixo!

VICENTÃO — Vai morrer!

MARIETA — Vicentão, não me mate não, pelo amor de Deus!

VICENTÃO — Bem, por essa vez passa. Cadê a gaiola do cancão?

MARIETA — Está aqui!

VICENTÃO — Traga que está dando meu acesso de asma! Ai, traga! Piu, riú, piú... Ai, traga, traga! *(Cheirando a gaiola.)* Ah, é um santo remédio! Este pássaro, além de seu canto mavioso, é um santo remédio contra asma! Pegue a gaiola, Marieta!

MARIETA — Condenado!

VICENTÃO — Está muito suja?

MARIETA — Uns dois dedos de cocô, só.

VICENTÃO — Limpe, limpe, mas deixe uma camadinha. É isso que serve para a asma.

MARIETA — O mesmo disse o delegado Cabo Setenta quando veio aqui.

VICENTÃO — O delegado? Que foi que ele veio fazer aqui?

MARIETA — Não sei. Chegou todo misterioso, com um jeito de assassino, com aquela fala grossa, perguntando por você. Eu disse que você não estava e ele ficou de voltar. O que será, Vicentão? Eu estou com medo. Será que ele soube que você diz que ele é meganha? Será que ele vai matar você?

VICENTÃO — Nada, aquele meganha, de valente, só tem aquela fala grossa! Que inveja eu tenho daquela fala dele! Mas coragem, aqui, só quem tem sou eu! Você está duvidando?

MARIETA — Nada!

VICENTÃO — Eu vou sair. Limpe a gaiola! Se o passarinho voar, você morre! Me dá um beijo aqui na bochecha, Marieta! Meia-volta! Sentido! Pegue a gaiola! Ordinário, marche! Isto! Até mais tarde! Um, dois, um, dois...

MARIETA — Um, dois, três, quatro, sete, nove, setenta, seiscentos diabos, peste, condenado... Eu hoje vou desmoralizar esse marido porque Deus quer e eu! É hoje! É agora! Inventei esse negócio do cabo só para pegá-lo. E vai ser agora, quando ele voltar da rua! Enquanto ele não chega, vamos uma musiquinha para animar.

Ai o chamego da menina...

Abaixa. Aparece VICENTÃO.

VICENTÃO — Uma vez eu peguei um cabra forte…

MARIETA — *(Aparecendo, com lençol.)* Esse homem foi comer manga jasmim… *(Abaixa.)*

VICENTÃO — Parece que eu ouvi alguém? Quem foi? Terá sido algum fantasma? Ou terá sido o Cabo Setenta? É melhor ver com cuidado, esse cabo é um assassino perigoso! Vou olhar lá dentro!

Abaixa. Aparece MARIETA.

MARIETA — É agora! Eu bem que desconfiava que Vicentão de valente só tinha o nome! É agora! Já arranjei um quepe e um timão de soldado que guardei há muitos dias para fazer que sou o cabo. Difícil só vai ser mesmo é falar grosso! Mas vou tentar. Vicentão! Não, está fino! Vicentão! Não, agora está grosso demais! Vicentão! Assim, com o medo que ele vai ter, acho que dá! Dessa vez eu ajeito minha vida ou me desgraço de vez! Ai, que lá vem ele!

VICENTÃO — Minha vocação é criar passarinho… Ai meu Deus, que será que o cabo quer comigo? Desde que Marieta disse que ele tinha me procurado que estou frio! É um sobrosso, um desassossego que Ave Maria! Ô fama ruim só é a fama de valente! Parece até que estou contemplando a eternidade… É tudo por vaidade! Eu só me interesso mesmo é por criar passarinho! Mas sou tão respeitado em casa que faz gosto e vale a pena continuar. Mas será que esse cabo vai me matar?

MARIETA — U-u-u-u!

VICENTÃO — Que grito horroroso, parecia uma pessoa sendo assassinada! Estou todo arrepiado!

MARIETA — Vicentão, não se mexa não que morre!

VICENTÃO — Ai! Quem é?

MARIETA — É o delegado, Cabo Setenta! Me disseram que você anda me chamando de meganha e vim beber-lhe o sangue, arrancar-lhe o coração e comer-lhe os fígados!

VICENTÃO — Eu só tenho um, seu cabo!

MARIETA — Arranja-se outro! De qualquer modo, vou matá-lo. Se for homem, reaja!

VICENTÃO — Com que calças?

MARIETA — Com essas!

VICENTÃO — Estas já estão desgraçadas! Seu cabo, pelo amor de Deus não me mate não!

MARIETA — Você se reconhece derrotado?

VICENTÃO — Derrotado, desmoralizado, breado, mas não me mate não!

Marieta — Então se ajoelhe! Isto! Tape os olhos! *(Dá uma volta e fica defronte dele apontando-lhe o revólver.)* Agora, abra os olhos para morrer!

Vicentão — Ai seu Cabo, não me mate não! Posso abrir os olhos?

Marieta — Pode.

Vicentão — Não me mata não?

Marieta — Não. Levante-se.

Vicentão — Vou abrir. Ai!

Marieta — Que é?

Vicentão — Bote o revólver pra lá!

Marieta — Pronto, botei. E agora?

Vicentão — O senhor não me mata não?

Marieta — Não. Ô Vicentão, você não está vendo nada demais em minha cara não, é?

Vicentão — Não, estou vendo só um homem generoso, que na certa perdoará seu pobre inimigo desmoralizado.

Marieta — Olhe bem!

Vicentão — Olhei.

Marieta — E então?

Vicentão — O senhor é a cara de Marieta.

Marieta — Burro, covarde, frouxo!... O medo é tanto que mesmo vendo não entendeu. Eu sou Marieta!

Vicentão — É nada, é o Cabo Setenta!

Marieta — *(Tirando o quepe.)* É a roupa, mas dentro era eu!

Vicentão — Você, desgraçada!

Marieta — Desgraçada, não, veja como me trata, viu? Se não, eu espalho a história na rua e você perde a fama. Quer continuar mandando na rua?

Vicentão — Quero.

Marieta — Então tem que deixar de mandar em casa, ouviu, filho?

Vicentão — Ouvi.

Marieta — Quem manda aqui agora, Vicentão?

VICENTÃO — Você, Marieta!

MARIETA — Quem limpa as gaiolas, Vicentão?

VICENTÃO — Eu, Marieta!

MARIETA — Dá um beijo aqui na bochecha! Isto! Agora vamos à ordem unida. Direita, volver! Ordinário…

VICENTÃO — Ordinário…

MARIETA — É você e cale a boquinha, viu? Ordinário, marche! Alto! Sentido! Marche! Um, dois, um, dois, um, dois…

VICENTÃO — Um, dois, um, dois, três, quatro, trinta e cinco, trinta e sete, foram os golpes de Getúlio… Só vai com música!

Marieta, lava teu bucho…

CHEIROSA

Nesta casa a galinha

como galo vai cantar...

CHEIROSO

... e canta com tanto jeito

que o jeito é aceitar!

Cadê seus homens, Maria?

Cadê seus homens, cadê?

CHEIROSA

Meus homens foram pra guerra

Ou estão brincando de se esconder! *(Cantam duas vezes.)*

PANO.

Entremeios

Arriano Suassuna

Demorosos

ARIANO SUASSUNA

TORTURAS DE UM CORAÇÃO

1951

Entremez para mamulengo.

MANUEL FLORES

Respeitável público! A história que em breve irão assistir, ou melhor, observar, passa-se, como sempre, na terra de Taperoá!

Várias autoridades de critério e respeitabilidade assistiram aos acontecimentos e sua veracidade poderão atestar.

Agora, os personagens que tomam parte na farsa à alta sociedade eu vou apresentar.

Aqui vem Benedito. Com ele, Afonso Gostoso,

Afonso, o moço delicado, o moço suspeitoso!

As mulheres são loucas por esse moço!

Agora, vem a mais alta patente da terra,

Sua Excelência o Senhor Cabo Setenta,

delegado de roubos, capturas, ladrões de cavalo,

de vigilância de costumes e de brigas de galo.

Sai.

CABO SETENTA

Esteja preso!

BENEDITO

Besteira, Cabo!

Eu já conheço essa história!

CABO SETENTA

Negro, você se enxergue,

senão vai pra palmatória!

BENEDITO

Deixe de bancar valente, Cabo Setenta!

Você veio para cá somente para ser apresentado

ao distinto público! Sentido, Cabo Setenta!

CABO SETENTA

Sentido o quê?
Sentido é você!
Sentido quer dizer podre.

BENEDITO

Ah, cabo ignorante dos seiscentos Diabos!
Ordinário, marche!

CABO SETENTA

Ordinário o quê?
Ordinário é você!
Ordinário quer dizer safado
e safado pode ser você!

BENEDITO

O quê? Você quer brincar comigo, é?
Pois tome! Tome! Tome um catolé!

CABO SETENTA

Ai! Ai! Ai!

BENEDITO

Vamos! Ordinário! Marche! Um, dois, um, dois...

CABO SETENTA

Um, dois, um, dois, come carne com arroz!

BENEDITO

Marche direito, batráquio! Um, dois, um, dois...

CABO SETENTA

Um, dois, três, quatro, trinta e cinco,
trinta e cinco, setenta,
trinta e cinco, trinta e cinco, setenta!

BENEDITO

Pare essa idiotice! Alto! Oxente, cadê o homem?

CABO SETENTA

Estou aqui! O senhor não disse *alto*?

Eu, pam!, subi!

BENEDITO

Inteligente, esse moço!

Esse é batráquio até o osso!

Venha cá, Cabo Setenta!

Já aprendeu o que eu ensinei ontem?

CABO SETENTA

A roubar galinha, é?

BENEDITO

Ai, que só vai no catolé!

CABO SETENTA

Não, já sei, é a dar meia-volta, não é?

BENEDITO

Ah, já, bichinho? É.

CABO SETENTA

Aprendi.

BENEDITO

Cadê o fuzil?

CABO SETENTA

Está aqui.

BENEDITO

Vamos ver.

Meia-volta! Volver!

O CABO, *ao dar a volta, bate com o fuzil na cabeça de* BENEDITO, *que cai sobre o parapeito, desmaiado.*

CABO SETENTA *(De costas, sem ver o que fez.)*

E agora?

BENEDITO *(Despertando.)*

Danou-se! Que chapuletada!

Eu vou é para o outro lado,

porque lá não acontece nada!

Meia-volta! Volver!

O CABO *dá a volta pelo lado contrário e dá nova chapuletada em* BENEDITO.

CABO SETENTA

E agora?

BENEDITO

Mas isso é que é uma chapuletada azeitada!

Com esse ignorante só vai na agilidade!

Meia-volta! Volver!

A*baixa-se rapidamente e o fuzil passa raspando, como uma faca.*

BENEDITO

Ah, viu? Muito bem! Alto! Sentido!

Cumprimente o respeitável público, Cabo!

Dê boa-noite ao público, Cabo!

CABO SETENTA

Boa noite!

BENEDITO *(Dando-lhe um catolé.)*

Fale direito, safado!

CABO SETENTA

Boa noite, respeitável público!

BENEDITO

Ah, sim, agora sim! Agora está uma beleza!

Comigo é assim, na educação e na delicadeza!

Não é, Afonso Gostoso?

AFONSO GOSTOSO

Ah, é, viva a delicadeza!

BENEDITO

Sentido, Cabo! Retire-se!
Ordinário! Marche! Um, dois, um, dois...

CABO SETENTA *(Saindo.)*

Um, dois, um, dois, come carne com arroz...

BENEDITO

Estão vendo como é o negócio aqui?
Tudo eu ordeno, tudo eu ajeito, tudo eu pauto,
todo galçoso, todo valente, todo semiconflauto...
Esse Cabo Setenta é assim, diz que com ele é na faca,
mas gritou, ele afraca!

AFONSO GOSTOSO

Ai, Benedito, me acuda!
Estou com uma pancada no coração!
Me acuda que ali vem o valente Vicentão!

VICENTÃO

Eu hoje mato um!
Eu hoje amanheci doido pra fazer
uma bainha para a minha faca
do couro do bucho dum!
Estou doido por um negro para almoçar
e por um delicado gostoso para jantar!

BENEDITO

Que valentia é essa, hein, Vicentão?
Que negócio de *negro* é esse aqui?
Você não sabe que aqui não tem negro?
O que é que tem aqui, Vicentão?

VICENTÃO

O que tem aqui é moreno queimado!
Mas gente que não suporto
é esse tipo delicado e dengoso!
O que é que as mulheres veem nesse mané-gostoso?

BENEDITO

O quê? Você se atreve a falar de meu amigo,
de meu caro Afonso Gostoso?
Tome um catolé! Tome outro pra ficar empate!
Ah, assim sim! Já se esqueceu de Benedito?

VICENTÃO

Esqueci nada, Benedito! Boa noite, Benedito!

BENEDITO

Fale com o público, Vicentão!

VICENTÃO

Boa noite, público!

BENEDITO *(Dando-lhe um catolé.)*

Fale direito, safado!
Senão, vai outro catolé!

VICENTÃO

Boa noite, excelente, distinto e respeitável público!

BENEDITO

Agora, sim! Vá embora, Vicentão!
E agora, eu! Benedito Pacífico Fialho
Monteiro Cavaleiro de Carvalho.
Aqui, o Afonso Gostoso, o querido das meninas,
o rapaz dengoso da cabeleira!
É ou não é? E agora, a luz do dia,
a flor de meu pé da serra,
a estrela da companhia! Marieta!

Vem cá, Marieta! Ela é muito encabulada!

É por isso que está correndo!

Venha cá, Marieta, não sou eu que estou dizendo? Marieta, cumprimente aqui o distinto público!

MARIETA

Boa noite, querido!

BENEDITO

Querido o quê? Querido seu só sou eu, viu?

Assim também é demais também!

Diga: Boa noite, distinto público!

MARIETA

Boa noite, distinto público!

BENEDITO

Me dê um beijo aqui, Marieta!

MARIETA

Mas Benedito, na frente do povo?

Estou morta de vergonha!

BENEDITO

Deixe de luxo, Marieta! Passe o beijo pra cá,

senão dou-lhe um catolé! Ah, agora sim!

Passe pra dentro, Marieta!

MARIETA

Boa noite, Afonso Gostoso!

Isso é que é uma cabeleira!

Entra rindo, confusa e pudica.

BENEDITO

Entre também, que vai começar a brincadeira.

Entre, Afonso Gostoso, entre, Afonso Cabeleira!

Saem. Aparece MANUEL FLORES.

MANUEL FLORES

Como o distinto público pode ver
a situação de Benedito aqui é bem apreciável!
Mas, há dois dias, isso não era assim.
O que foi que aconteceu?
É isso que a companhia vai mostrar!
Vai ter início o espetáculo!
Atenção, respeitável público!
Vai começar o maior espetáculo
de mamulengo do universo!
O Grande Teatro Paraibano
tem o prazer de apresentar
o seu drama mais bonito,
o drama *Torturas de um Coração*
ou *Em Boca Fechada não Entra Mosquito!*
Vai começar. Toquem as violas,
toquem os pífanos do terno de Seu Manuel Campina,
o maior zabumba da atualidade,
o esquenta-mulher preferido das meninas!

Música. MANUEL FLORES *sai. Entra o* CABO SETENTA.

CABO SETENTA

Eu ando doido para pegar
aquele safado do Benedito!
Ah, moleque precisado duns bolos!
Não vou com a cara daquele moleque!
Negro, quando não é besta, é doido!
E aquele então! Tem um ditadozinho
de um "é ou não é?" que me deixa tinindo!
Ah, se eu pego aquele moleque na cadeia!

Aí sim, o atraso era tirado!
Era tanta tapa e tabefe,
era tanto tabefe e tapa,
que o bicho era capaz de ficar branco!
Ah, negro danado!

BENEDITO

Boa noite, Seu Cabo, está bonzinho?

CABO SETENTA

Vá pra lá, negro! Eu não gosto
de conversa com negro não!
Eu digo como o defunto meu avô:
negro em pé é um toco,
deitado é um porco.
Vá pra lá senão vai pra chave!

BENEDITO

Que é isso, Seu Cabo Setenta?
A gente não pode nem dar boa-noite?
Isso é uma regra de civilidade e cortesia,
é ou não é?

CABO SETENTA

Você acabe com esse negócio de "é ou não é"!
Eu não já lhe disse?

BENEDITO

Já, Seu Cabo! Mas esses viciozinhos,
esses ditadozinhos que a gente pega
são danados, é ou não é?

CABO SETENTA

Negro! Você hoje termina dormindo na cadeia!
Eu ando doido pra botar você na chave,

e boto mesmo — grade, cruz e caldeira!
Não abuse da paciência do Cabo Setenta não!
Você se desgraça! Eu, estando zangado,
se não houver quem me segure, eu faço uma besteira!

BENEDITO

Está certo, Seu Cabo, está certo!
Não precisa essa valentia toda não!
Eu queria ver essa conversa
era para prender Vicentão!

CABO SETENTA

Você está fazendo graça?
Quer insinuar que autoridade,
o Cabo Setenta aqui presente,
tem medo de um valentão?
Você se desgraça!

BENEDITO

Não, Seu Cabo, eu estou somente dizendo
que quando um não quer, dois não brigam,
é ou não é?

CABO SETENTA

Moleque!

BENEDITO

Desculpe, Seu Cabo!

CABO SETENTA

Por essa vez, passa. Mas passa
somente por uma coisa!

BENEDITO

Eu acho que sei o que é!

CABO SETENTA

Sabe nada, moleque!

BENEDITO

Ora não sei! Eu sei adivinhar!
Eu conheço os recantos mais íntimos
desse coração militar!

CABO SETENTA

Deixe de intimidade, moleque!

BENEDITO

Que é isso, Seu Cabo, está me desconhecendo?
Eu sei que o senhor não me prende!
Se o senhor quisesse mesmo
ia logo me prendendo!
E eu sei que sua boa vontade comigo
é por causa de minha intimidade
na casa de uma certa mulher
que o senhor Seu Cabo anda querendo.

CABO SETENTA

Ai, Benedito, como sofro!

BENEDITO

Sofre? O senhor? Uma autoridade?

CABO SETENTA

As autoridades também sofrem, Benedito!
E aquela mulher é muito cruel!

BENEDITO

Quem, Marieta? Que nada, Cabo Setenta!
Marieta é gente boa! Conheço aquilo muito bem!
Converso muito com ela, é ou não é?

CABO SETENTA

Ah, Benedito, você tem sorte!

BENEDITO

(À parte.)

O bicho já deixou de reclamar meu ditado!

Que sorte que nada, Cabo Setenta!

Tudo depende de jeito.

O mundo é um sutiã: o negócio é meter os peitos!

É ou não é?

CABO SETENTA

Mas ela não gosta de mim, Benedito!

BENEDITO

Quem disse?

CABO SETENTA

Ninguém, sou eu que penso.

BENEDITO

Pois todo penso é torto, é ou não é?

CABO SETENTA

Nesse caso, eu só queria que fosse!

BENEDITO

Eu já andei conversando com ela

sobre o Cabo Setenta!

Só por isso ela me chamou “meu tesouro”!

CABO SETENTA

Foi nada, Benedito!

BENEDITO

Por tudo quanto é sagrado!

CABO SETENTA

Benedito, você é um negro de ouro!

BENEDITO

É bondade do Cabo Setenta!

Pois bem: ela até me disse
que simpatizava muito com um certo Cabo!

CABO SETENTA *(Desmaiando.)*

Ai, meu Deus!

BENEDITO

Se não foi, eu estique!
Oi, que é isso? Levante-se, Cabo!
O senhor, uma autoridade, dando chilique?

CABO SETENTA

É o amor! Ô Benedito,
você sabe que eu lhe tenho muita amizade?

BENEDITO

(À parte.)
Menino, olha como isso mudou!
É, Cabo, eu sei que o senhor é doido por mim!

CABO SETENTA

Pois você podia me ajudar, Benedito!

BENEDITO

Pois não, Cabo velho de guerra!
É o que você quiser!

CABO SETENTA

Isso é que é um moreno de ouro!
É a figura mais simpática dessa terra!
Pois bem: o que eu quero
é que você entregue esse broche a Marieta!
Diga que fui eu que mandei!
Eu não posso entregar, porque minha mulher pode saber
e aí a coisa fica preta! Você diz? Você entrega?

BENEDITO

Isso nem se fala, Cabo velho!

Passe pra cá o bicho!

Meu Deus, que broche lindo!

CABO SETENTA

Foi o ordenado do mês quase todo!

BENEDITO

Pois, Cabo velho, fique descansado,

que o presente será dado!

CABO SETENTA

Muito, muito obrigado!

Diga a Marieta que eu quero falar com ela,

um assunto muito puro,

que eu quero tratar com ela,

um negócio aqui, quando estiver escuro!

Eu fico lhe devendo um favor!

Se tiver algum inimigo, diga,

que eu meto na cadeia!

Se alguém lhe fizer uma desfeita você me chame,

que eu mando cobrir na peia!

Adeus, Benedito!

BENEDITO

Adeus, Cabo Setenta! Adeus, Cabo velho,

besta dos seiscentos diabos!

Vá chorar na cama, que é lugar quente!

Cabo velho besta da peste!

Bastou falar em Marieta, o bicho se derreteu.

E ainda por cima me deu o presente!

E ainda promete que, quem for meu inimigo, apanha! Entregar, eu entrego, quando prometo, cumpro.

Agora, dizer que foi o Cabo quem mandou,

são outros cinquenta mil-réis.
Serei besta? Serei corta-jaca de polícia?
Eu não sou xereta de meganha!
Só mesmo se eu não me chamasse Benedito Pacífico
[Fialho
Monteiro Cavaleiro de Carvalho!

Sai. Aparece MARIETA.

MARIETA

Ah, meu Deus, como estou tão solitária!
O mundo, aqui em Taperoá, é tão sem graça!
É de matar!
Ninguém na rua, ninguém na praça!
Se ao menos desse um trovão para variar!

Trovão e relâmpago.

Que é isso, São Pedro, não se pode nem brincar?
Nossa Senhora, que mundo perigoso!
Ah, meu Deus, muito sofre um coração solitário!

BENEDITO

Ah, meu Deus, muito sofre um coração solitário!
Que é que há, Marieta?

MARIETA

Eita, que a tarde ficou preta!
Ai, é não, é Benedito! Fui olhando assim...
Você inda pergunta o que é que há?
É o meu sofrimento de cada dia:
ninguém gosta de mim!

BENEDITO

Marieta, não diga uma coisa dessa, minha flor!
Eu sou louco por você!

MARIETA

E o que é que me adianta isso, o quê?
Ninguém liga você! Se eu fosse dizer
que gostava de você, todo mundo mangava de mim!

BENEDITO

E o que é que eu faço para acabar com isso,
Marieta, flor desse tabuleiro?

MARIETA

Não sei. Se ao menos você se destacasse,
nas letras, nas artes, em ciências ocultas,
em filosofia dramática, em pediatria charlatânica,
em biologia dogmática, em astrologia eletrônica...

BENEDITO

Mas Marieta, eu me destaco.

MARIETA

Destaca-se nada! Por enquanto
você não passa de comida de onça!
Está aí o que você é,
você que se destaca tanto:
comida de onça-tigre, pintada e suçuarana.
E Deus me livre de ser namorada de comida de onça!
Se ao menos você fosse valente!

BENEDITO

Mas Marieta, se eu *fosse* valente?
Você duvida disso? Inda hei de lhe provar.
Eu sou o sujeito mais valente de Taperoá!

MARIETA

É nada! Os sujeitos mais valentes
daqui de Taperoá, os dois que ninguém enfrenta,

são Vicentão e o Cabo Setenta!

Benedito

Vicentão?

Marieta

Sim! Eu não gosto dele não,
mas uma mulher só pode ficar impressionada,
quando ele passa pisando forte e fundo,
andando pelo meio da rua com aqueles bigodes,
fazendo medo a todo mundo!

Benedito

A todo mundo, não! Alto lá!
Aqui o moleque Benedito nunca achou
quem lhe fizesse medo aqui em Taperoá!
Alto lá!

Marieta

E o Cabo Setenta, meu Deus!
O homem passa fardado, todo esticadinho!
O coração da gente chega bate,
fica todo alvoroçado!

Benedito

Um meganha muito safado!
Aquilo é frouxo que faz vergonha!

Marieta

É, Setenta é um pamonha!
Mas eu só queria ver essa valentia sua
era na frente deles dois!

Benedito

Queria ver, não! Você vai ver!
Eu com raiva sou um perigo!

Se o que você quer é cartaz de valente,
vou tirar carta de valente
nas costas daqueles bestas.
Você namora comigo?

MARIETA

Isso nem se pergunta! Benedito, eu até lhe digo:
eu simpatizo muito com você!

BENEDITO

Ai, meu Deus, com essa eu descangoto!

MARIETA

Não descangote não!

BENEDITO

Pronto, já desdescangotei!
Foi somente a emoção!
O sonhar com as excelências!
Vou ser o homem mais temido
dos arredores e circunjacências!
Você vai ver o escarcéu que eu vou fazer!

MARIETA

Pois trate de arranjar cartaz,
porque, antes disso, não quero nem ver você!

BENEDITO

Mas um presentinho meu você aceita!

MARIETA

Bem, um presentinho assim,
uma vez ou outra, acho que não fica mal
eu aceitar de quem quer me conquistar!

BENEDITO

Então veja aqui este broche

que eu comprei fazendo sacrifício
e que trouxe para você.

MARIETA

Meu Deus, que beleza! É broche de valor!
Benedito, você é um amor!
Beija-o.

BENEDITO

Obrigado, *my love*.

MARIETA

Hein? O quê?

BENEDITO

My love. Quer dizer "morena", em francês!

MARIETA

Mas Benedito, como você é inteligente!
Tão culto!

BENEDITO

Pois é pra você ver. Tem mais, para o mês!

MARIETA

Bem, vou embora, até a próxima vez.

BENEDITO

E quando será ela, flor?

MARIETA

Quando você tiver cartaz.

BENEDITO

Ah, mulher cruel! Está certo! Até mais!
Au revoir!

MARIETA

O quê, Benedito?

BENEDITO

Au revoir. Quer dizer “Deus te proteja”,
em italiano.

MARIETA

Ah, sim. *Au revoir*, Benedito.

BENEDITO

Deu certo, o plano!

Sai MARIETA. *Entra* VICENTÃO.

VICENTÃO

Ah, como estou cansado
de viver como valentão!
Que coisa mais perigosa!
A gente tem que sustentar a fama
e o resultado é essa vida terrível
feita de sobressaltos e terrores!
E logo eu, que tenho horror à violência!
Pelo meu gosto, eu vivia cheirando flores!
Sou louco pelas flores, num jardim enluarado!
Mas tenho que continuar como valente,
senão morro de fome. Ah, emprego amargoso
para um homem sensível e apaixonado!

BENEDITO

Boa noite, Seu Vicentão!

VICENTÃO

Ih, vou fazer que não vi!
Quando eu acordo, meu sangue vai fervendo,
fico com tanta raiva que não vejo
o que vai acontecendo.
Já estou *por aqui*, de raiva.
Jurei que a primeira pessoa que me olhasse

eu metia-lhe a faca no apendicite.
Estou doido por sangue humano,
para abrir o apetite!

BENEDITO

Não se zangue não, Seu Vicentão!
Hoje não é dia de ter raiva não!

VICENTÃO

Para um sujeito como eu
todos os dias são dias de ter raiva!
Quero ter raiva e você não se meta!

BENEDITO

Mas logo hoje, no aniversário de Marieta?

VICENTÃO

Bom, assim não há quem possa!
Hoje é o aniversário dela, é?

BENEDITO

É, acho melhor o senhor amansar!

VICENTÃO

E o que é que isso vai me adiantar?
Ela não me quer bem!
Aquela mulher é muito ingrata,
não gosta de ninguém!

BENEDITO

Que injustiça! Que coisa disparatada!
Se ela me disse que está apaixonada!

VICENTÃO

Ai, meu Deus, por quem?

BENEDITO

Diz ela que é pelo valente de Taperoá!

VICENTÃO

Ai, me segure! Me segure que eu vou desmaiar!

BENEDITO

Coragem, Vicentão!
Você é ou não valentão?

VICENTÃO

Sou e do tipo mais sanguinário!
É que eu fiquei emocionado!
Essa paixão só pode ser por mim,
é pelo sujeito valente do povoado!
E logo hoje eu saber disso,
e logo hoje ser o aniversário!
Logo hoje, dia em que, pra adiantar o serviço,
eu tinha comprado esses brincos para ela!
Você entrega a ela, Benedito?
Me faz essa fineza?

BENEDITO

Ora não, faço que é uma beleza!
Você podia entregar,
mas sua mulher pode estranhar,
é ou não é? Assim, se quer deixar
que eu entregue, deixe!
(À parte.)
O que cai na rede é peixe!
É ou não é?

VICENTÃO

Veja que coincidência! Que acaso da necessidade!
Que subversão da circunstância,
que contradição da fatalidade!

É o tempo, é a vida, é a morte com seu dente:
logo hoje, aniversário dela,
foi que achei de comprar o presente.
Diga isso a ela, Benedito,
que ela veja esse atino e desatino.
Diga que é a própria sorte que nos quer juntar,
cruzando nossas vidas na teia do Destino.

Sai.

BENEDITO

Ah, mundo velho de guerra,
ah, mundo desmantelado!
Ah, mundo cheio de bestas,
ah, mundo desgovernado!
O povo luta e trabalha,
a mulher por seu amado,
os homens compram presentes,
mandam por mim o recado.
Vou levar também os brincos,
o presente vai ser dado.
E, para o resto da festa,
o plano está preparado.
Marieta! Venha cá, desgraçada!

Aparece MARIETA.

MARIETA

Que é que há, Benedito?

BENEDITO

Olhe, não tenho tempo de luxo não!
Aqui estão uns brincos que comprei para você!
Não diga nada, não agradeça, nem se mexa!

Tome! Espere! Me dê um beijo na bochecha!
Vá, desapareça, desabe,
daqui a pouco você vai ver meu cartaz.
Desabe, que lá vem o Cabo Setenta,
e não posso esperar mais.

Empurra-a e ela desaparece. Entra o CABO SETENTA.

CABO SETENTA

Ah, você está aqui, Benedito?
Que é que está fazendo?

BENEDITO

Estou por aqui espairecendo,
refrescando a natureza.

CABO SETENTA

Eu estava doido para encontrá-lo.
Que foi que ela disse, hein?

BENEDITO

Ela quem?

CABO SETENTA

Ora quem! Marieta, quem mais havia de ser?

BENEDITO

Sei lá, quem sabe é você!

CABO SETENTA

Não desconverse! O que foi que Marieta disse?

BENEDITO

De quê?

CABO SETENTA

De meu presente, homem de Deus!
Responda que eu já estou ficando louco!

BENEDITO

Ah, sim, ela ficou com ele!

CABO SETENTA

Só?

BENEDITO

Só, você acha pouco?
Você queria bem que ela desmaiasse!

CABO SETENTA

Não. Mas ela devia se mostrar
pelo menos agradecida,
pedir para falar comigo...

BENEDITO

Ah, ela até falou nisso!

CABO SETENTA

Falou? Como? Onde? A que horas?
Meu Deus! De que jeito eu vou?
Para onde? Quem sou eu? Onde estou?
Vou ter um troço! Ai, ai! Nossa Senhora!

BENEDITO

Que é isso, Cabo Setenta?
Que barulho mais danado!
Cale a boca! Que agonia!

CABO SETENTA

Virgem Maria!
Que foi que ela mandou me dizer?

BENEDITO

Nada! Fez boca de defunto!

CABO SETENTA

Ora nada! Você não disse
que ela falou nesse assunto?

BENEDITO

Bem, falar ela falou,
mas não mandou dizer nada.
O que ela disse foi a mim.

CABO SETENTA

E que foi que ela disse?

BENEDITO

Me disse que nem podia
lhe agradecer o presente
por causa...

CABO SETENTA

De quê? Diga, Benedito!

BENEDITO

Eu não quero nem dizer:
vai dar num bolo tão danado!

CABO SETENTA

Eu já sei! Há outro homem
na vida dessa mulher!

BENEDITO

Eu também acho que há mesmo.
Ou, se não há, vai haver,
e é dentro de pouco tempo!

CABO SETENTA

Quem é esse miserável?
que roubou o coração
da mulher a quem adoro?

BENEDITO

Para mim, é um assassino,
um malvado valentão.

Mas eu sou um pé-rapado!
Pra o senhor, não é ninguém:
é somente Vicentão!

CABO SETENTA

Meu Deus! Estou atolado!
É Vicentão, Benedito?

BENEDITO

Ele mesmo. Marieta
não quer falar com você
porque está com medo dele.

CABO SETENTA

O caso exige reflexão.

BENEDITO

Ela disse que vivia doida por um homem de coragem que fosse capaz de enfrentar tudo
e não tivesse medo de livrá-la
daquele bigodudo!

CABO SETENTA

Enfrentar tudo eu enfrento
e tenho disposição!
Não se trata disso! Apenas
é caso muito difícil
e exige reflexão!

BENEDITO

Ah, é! Tem toda razão!
Eu acho mesmo que aqui
não existe uma pessoa
para enfrentar Vicentão.
Todo mundo tem medo dele.
Até os soldados!

CABO SETENTA

Benedito! Você quer insinuar
que as autoridades estão com medo?
A autoridade não tem medo de ninguém, Benedito!
A autoridade não respeita ninguém, Benedito!

BENEDITO

Pois bem que parece!

CABO SETENTA

O quê? Tome cuidado, Benedito!

BENEDITO

Calma, viu? Meus negócios só vão com calma
e saiba que, em serviço, eu não brinco!
Se você vem com grito, eu largo o negócio de mão,
e vou dizer a Marieta que é melhor
ela ficar com Vicentão
porque com o Cabo Setenta
ela não arranja nem trinta e cinco!

Estende a mão, onde o CABO bota dinheiro.

CABO SETENTA

Mas ela arranja, Benedito. E você também!
Precisa essa raiva toda?

BENEDITO

Ah, agora são outros cinquenta mil-réis!

Estende a mão, mais dinheiro.

CABO SETENTA

Até cem!

BENEDITO

Muito bem!
E o que é que eu digo a Marieta?

CABO SETENTA

Diga que o Cabo Setenta
vai dar jeito a Vicentão.
Vá também a Vicentão
e diga que estou esperando
por ele aqui, hoje à noite.
É nas caladas da noite
e eu aqui com meu punhal!
Diga que, se ele tiver
medo de alma do outro mundo,
não venha cá: meto a faca
no pé da barriga dele
e ele é quem vai fazer,
assim todo ensanguentado,
medo às almas do outro mundo.

Sai.

BENEDITO

Minha Nossa Senhora! Será que esse peste
tem coragem mesmo? Se tem, estou desgraçado!

Aparece VICENTÃO.

VICENTÃO

Então? Falou com Marieta? Deu resultado?
Alguma novidade?

BENEDITO

Como é que eu posso saber se neste mundo,
como dizem os filósofos alemães,
as aparências escondem muitas vezes
a essência da realidade?

VICENTÃO

Está desconversando? Por que não responde logo?

BENEDITO

Quem pode responder a qualquer coisa
num mundo sem verdade e sem certeza?
O homem, este ser enigmático,
este cego, envolvido no combate
das circunstâncias da Circunjacência...

VICENTÃO

Acabe com essa história de falar difícil,
e não converse mais, moleque safado!
Que foi que Marieta disse?

BENEDITO

Disse de quê?

VICENTÃO

Ora de quê, dos brincos que eu mandei!

BENEDITO

Você não explica, eu me calei!
Ela ficou com eles.

VICENTÃO

Só?

BENEDITO

Só! Você queria bem que ela desmaiasse!

VICENTÃO

Ela falou se estava satisfeita?

BENEDITO

Falou.

VICENTÃO

E por que você não disse logo?

BENEDITO

Porque você não perguntou!

VICENTÃO

Ah, moleque cheio de coisas!
Ah, negro chato e confuso!

BENEDITO

Bom, se é pra estar com abuso
me diga que eu caio fora!
Abuso não é comigo!
Tenho um abuso tão danado
dessa história de abuso!

VICENTÃO

Não, Benedito, que besteira!
Calma! A gente não pode
nem tirar uma brincadeira!
Marieta botou os brincos?

BENEDITO

Não.

VICENTÃO

Não? Por quê?

BENEDITO

Ficou com medo do homem!

VICENTÃO

Do homem? Que homem?

BENEDITO

O homem
que também quer conquistá-la.

VICENTÃO

O quê? Rá, rá! Vou comer-lhe
os fígados, arrancar-lhe

os corações!

BENEDITO

Ele só tem um, Vicentão!

VICENTÃO

Arranja-se outro e eu arranco os dois!
Não interrompa minha raiva
com as suas confusões.
Vou arrancar-lhe os corações.
Quem é ele, Benedito?

BENEDITO

Isso vai dar num bolo tão danado!

VICENTÃO

Quem é essa figura nojenta?

BENEDITO

É o Cabo Setenta!

VICENTÃO

O caso é meio complicado!

BENEDITO

Já sei: o caso exige reflexão.
Eu já sabia que você
ia dizer isso.

VICENTÃO

Por quê?

BENEDITO

Porque foi o que ele disse
quando soube que os brincos
tinham sido mandados por você.

VICENTÃO

E ele soube?

BENEDITO

Por falta de sorte minha
o Cabo chegou na hora.
Perguntou quem tinha mandado
e eu, com medo de morrer,
na mesma hora confessei.

VICENTÃO

E você falou com ele?

BENEDITO

Falei.
Ele mandou dizer que esperava
Vossa Excelência de noite, aqui,
para um encontro fatal.
Disse que vinha de capa preta,
com revólver e punhal!

VICENTÃO

Oxente! Pra quê?

BENEDITO

Você inda pergunta? Você parece
que está com medo, Vicentão?

VICENTÃO

Eu, com medo? Rá, rá! Tinha graça!
Ele morre na fumaça!
Aqui estarei! Vai ser
um encontro de gigantes!
Vou queimar-lhe o bucho,
vou chamuscar-lhe o pelo!
Vou mostrar àquele furriel de merda
quantos nós ele tem

do calcanhar ao cotovelo!

Sai.

BENEDITO

Eita, a situação está preta!
A noite cai já, com seus segredos.
Vote, nunca me vi numa dessa!
Será que estou com medo?
Vai, carne covarde, domina teus sentimentos!
Tem coragem, negro da peste!
Vou esconder-me atrás daquela braúna
e esperar os acontecimentos.

Sai. A noite cai. Aparece VICENTÃO.

VICENTÃO

Tudo calado! Todo mundo dorme!
Todo mundo em sua casa,
seu soninho sossegado!
A lua ilumina os telhados
com uma luz prateada
e os bogaris estão cheirando,
a noite está perfumada!
Todas as casas tranquilas!
As flores ficam mais cheirosas à noite
e talvez amanhã
eu não esteja mais aqui para senti-las.
E eu não tenho nem esse amor todo pela moça!
Foi tudo vaidade,
foram fumos da ilusão!
Ó vaidade, teu nome é Vicentão!

Um uivo.

Ai, meu Deus, que terá sido?
O Fogo da Terra? A Alma da Poeira?
Vou dar uma volta,
porque, se ficar aqui, parado,
o medo cresce tanto
que eu saio na carreira!

Sai. Aparece o CABO SETENTA.

CABO SETENTA

Meu Deus, como isso está esquisito!
Tudo calado, a terra, o mundo mouco!
Agora se vai aparecer aqui alguma assombração?
Pior: é capaz de eu mesmo
virar assombração daqui a pouco!
Na noite, o Crime engendra a morte da Alegria!
Só queria que Nossa Senhora me ajudasse
para eu sair com vida dessa agonia!
Ah, situação horrorosa!
E eu me meti nisso tudo sem precisão nenhuma,
só por vaidade, para dizerem
que eu estava enfrentando a morte,
essa onça amarela e sonolenta!
Foi tudo vaidade! Ó vaidade,
teu número é Setenta!

Um uivo.

Valei-me, Nossa Senhora dos Militares!
Que grito horrível, de dor, de angústia,
de pena eterna, de fogo e ansiedade!
Vou morrer, estou morto!
Já estou contemplando a eternidade!

Sai. Entra VICENTÃO, *de costas.*

VICENTÃO

Até agora, nada,
nada do Cabo Setenta!
Carne covarde, aguenta,
aguenta, pobre coração!
Se ele não vier, subo
a Serra do Pico de joelhos,
e mando acender três velas
na imagem de São Sebastião!

Entra o CABO SETENTA, *de costas.*

CABO SETENTA

Nada de Vicentão!
Carne covarde, aguenta,
que hoje, de uma vez, se firma a fama
deste herói que sou eu, Cabo Setenta!
Setenta, que digo eu? Oitenta,
e talvez, contando bem, Noventa!

Viram-se, avistam-se, correm, cada qual para um lado.

VICENTÃO *(Voltando.)*

Correndo, meganha? Ensebando as canelas,
levantando a poeira?
Venha, que eu quero rasgar
essa barriga de peixeira!

CABO SETENTA *(Voltando.)*

Correu, hein, Vicentão?

Dá um risco no chão.

Daqui não passe,

que eu arreio seus fatos no chão!

VICENTÃO

Cabo, você não se meta a besta não
que você se desgraça!

CABO SETENTA

Vicentão, você nem venha,
senão está desgraçado!
Lasco você da virilha
até o pé da goela!
Reduzo você
a pó de peido laminado!

Um uivo horroroso e aparece o MALASSOMBRO. *Os dois valentes lançam-se nos braços um do outro, tremendo.*

VICENTÃO

Ai, meu Deus, que é alma de viúvo!

CABO SETENTA

É nada! É pior! É alma de enjeitado!

VICENTÃO

Valei-me, Nossa Senhora do Bom Parto!
Ai! Ai! Meus sais! Vou desmaiar!

CABO SETENTA

Vou ter um troço, vou ter um chilique,
vou me acabar!
Morre quem quer e quem não quer!
Ai! Passei debaixo de um arco-íris,
Ai, que eu virei mulher!

O MALASSOMBRO *se descobre: é* BENEDITO.

BENEDITO

Bom, os cabras deram o cagaço,

já vi que eles são frouxos.
Se é assim, o pau vai comer,
o cacete vai cantar!
Com quem tem coragem, não,
mas, com gente dessa qualidade,
minha especialidade é brigar.
Cheguem, venham pro pau,
venham pro cacete,
pro cipó de boi!

Aparecem MARIETA *e* AFONSO GOSTOSO.

BENEDITO

Primeiro, o valentão,
o bigodudo atrevido,
o safado do Vicentão!

Dá-lhe uma surra de pau.

VICENTÃO

Ai! Aí não! Aí não! Aí não!
Dê em todo canto, menos nesse,
esse é o canto mais doído,
é o canto da fraqueza,
do amor e do coração!
Aí não, aí não, aí não!
Ai, Benedito, tenha dó de Vicentão!

BENEDITO

Agora, o deus-me-perdoe vai trabalhar
nas costas da polícia!

CABO SETENTA

Benedito, eu sempre fui seu amigo!

BENEDITO

Não tem isso não, venha pro quiri!
Aqui é Benedito, o Caximbiro,
o João Redondo, o Babau!
Você não disse que virou mulher?
Então venha pro pau!

Dá-lhe uma surra de pau.

CABO SETENTA

Dê em todo canto,
mas não dê no figueiredo!

BENEDITO

Não tem isso não,
deixe de conversa!
Apanha no figueiredo...
E, agora, no vice-versa!

CABO SETENTA

Ai! Aí não, aí não, aí não!

BENEDITO

Pronto, estão exemplados!
Agora já sabem, não é?
Quem manda aqui agora sou eu.
Respondam todos dois,
aqui, na frente de Marieta e sem demora:
quem manda nessa desgraça agora?

CABO SETENTA

É Benedito!

BENEDITO

E você, bigodudo? O que é que diz?

VICENTÃO

É você, Benedito!

BENEDITO

Marieta agora é de quem?

OS DOIS

De Benedito!

BENEDITO

Puxem todos dois por ali!

Os dois saem correndo.

Pronto, Marieta, ganhei o cartaz,
dei em Setenta, dei em Vicentão!
Agora, tenho seu coração?

MARIETA

Benedito, está certo, você cumpriu tudo,
cumpriu sua obrigação,
provou mesmo que é um sujeito corajoso,
mas acontece que eu me apaixonei
por Seu Afonso Cabeleira,
por Seu Afonso Gostoso!

BENEDITO

Como é?

MARIETA

Você me desculpe, mas coração não se governa!

BENEDITO

Mas Marieta, você gostar
dum mané-gostoso desse!

AFONSO GOSTOSO

Mané-gostoso, o quê?
É isso mesmo, a menina aí
gostou aqui da cabeleira!
E tem uma coisa, negro aqui não dança!

Benedito

Ai, meu Deus, que só vai no pau!
Tome, tome logo esse chá de quina,
esse miolo de aroeira,
para perfumar a pele
e melhorar a cabeleira!
Dá-lhe uma surra de pau.

Marieta

Benedito, não dê em Seu Afonso!
Que é isso, Benedito?
Deixe de brutalidade!

Benedito

Ah, está se metendo, é?
Pois lá vai catolé!

Marieta

Ai, como Benedito é forte,
como é belo, como é bruto!
Ai, que pisa gostosa!
Ai, que ele está dando no fruto,
na pitanga da goiaba!

Benedito

Está vendo como é?
Agora é assim,
abusou, vai pro catolé!

Marieta

Eita, Benedito, madeira que o cupim não rói!
Não precisava tanta força não, Benedito,
eu já estava apaixonada!
Mas, também, pancada de amor não dói!

Benedito

Compreenderam então como é?
De hoje em diante, Benedito Pacífico Fialho
Monteiro Cavaleiro
de Carvalho
é o galo deste terreiro!
Seu Manuel Campina,
entre com o esquenta-mulher,
que eu vou levantar poeira,
balançando o esqueleto,
aqui com essa morena,
defronte de Afonso Cabeleira.
Como é, Seu Afonso, negro dança ou não dança?

Música. Dança com Marieta.

Afonso Gostoso

Dança!

Benedito

Negro dança ou não dança?

Afonso Gostoso

Dança!

Benedito

Negro dança ou não dança?

Afonso Gostoso

Dança!

Benedito *(No ritmo.)*

Ai, ai, ai, ai, ai!

Manuel Flores

Respeitável público!
Termina aqui este doloroso drama,

este empório de riso e de paixão,
essa amostra do rebanho humano,
de seu confuso e triste coração,
à qual se deu o nome tão poético
de *Em Boca Fechada não Entra Mosquito*
ou *Torturas de um Coração*.

Taperoá, 2-4 de fevereiro de 1951.

ARIANO SUASSUNA

O RICO AVARENTO

1954

Entremez popular, escrito a partir de uma peça tradicional, anônima, do mamulengo nordestino.

O Tirateima — *(Aparecendo à guisa de Prólogo.)* Meus senhores e minhas senhoras, vai começar o espetáculo. E, para começar, apresento uma comédia "demorosa", chamada *O Rico Avarento*. Minhas comédias são de dois tipos, as "ligeiras", as que passam mais ligeiro, e as "demorosas", as mais demoradas. Esta é "demorosa". Mas, antes, é preciso que eu me apresente. Eu sou o Tirateima conhecido, o Tirateima falado! Meu nome todo é Tirateima José de Carvalho Almeida Tibúrcio Tinoco Francisco de Lima Machado Graveto da Purificação. Pois bem, o negócio é esse, "escreveu, não leu, o cacete comeu"! Dizem que aqui mora um homem muito rico. Eu vou ver se ele me dá emprego! É até bom mesmo, oba! Estou parado! Ô de casa!

O Rico — *(Aparecendo.)* Ô de fora! Quem é?

Tirateima — Sou eu! Ouvi dizer que o senhor está precisando de um empregado?

O Rico — Por que pergunta? Você quer se empregar, é?

Tirateima — É!

O Rico — Está bem, talvez eu lhe dê o emprego! Mas você já sabe como é meu sistema de vida? Já sabe como é o negócio aqui? Quero você para mestre-sala meu!

Tirateima — Pois está certo, eu fico! Lascado do jeito que eu estou, até emprego de quebrar pedra de bofete me serve!

O Rico — Onde é que você mora?

Tirateima — Na zona, no "Rói-Couro", na Rua da Carniça!

O Rico — E como é o seu nome?

Tirateima — Eu sou o Tirateima falado, aprovado pelo Laboratório Bromatológico da Chapuletada! Minha lei é "escreveu, não leu, o cacete comeu"!

O Rico — Bom, então vá logo sabendo que eu não dou esmola a ninguém! Não gosto de ter despesa, nem recebendo visita! Pra você saber como é minha lei, aqui, basta que eu lhe diga que não visito a casa da minha mãe para ela não visitar a minha!

Tirateima — Está bem, a gente vê logo que o senhor é um homem muito bom, muito direito! Agora me diga uma coisa: aqui trabalhava uma preta velha, com o senhor; foi

até por ela que eu tive notícia da sua casa. Onde é que anda essa preta velha, que era tão boa?

O Rico — Botei pra fora do emprego, por causa dum pires de farofa que ela quebrou!

Abaixa, saindo de cena.

Tirateima — *(Só.)* Está aí um cidadão decente, um sujeito bom! Não visita a casa da mãe pra ela não visitar a dele, dando despesa, e botou a pobre da negra velha pra fora por causa dum pires de farofa que ela quebrou! Estou arranjado! Mas, o que é aquilo ali? Menino, olha! Uma galinha assada! Assadinha que está uma beleza! Chega está brilhando!

O Rico — *(Reaparecendo, apavorado.)* Epa! Largue essa galinha!

Tirateima — *(Empurrando-o.)* Espere, espere lá! Isso não é assim, como o senhor está pensando, não! Que é isso?

O Rico — Me dê minha galinha! Essa galinha eu matei, faz duas semanas, e estou comendo de pedaço em pedaço, todo dia!

Tirateima — Minha Nossa Senhora, duas semanas? E como é que o senhor faz?

O Rico — Bem, no café eu como o fígado, no almoço os pés, no jantar um pedacinho da asa, e assim ela, sozinha, vai dando pra me sustentar! Não precisa mais!

Ouvem-se palmas e um gemido.

Tirateima — Danou-se, patrão, o que será isso?

O Rico — Sei não, vá ver! Vá ver, mestre-sala!

A Cega — *(Aparecendo e batendo palmas.)* Me dê uma esmola pelo amor de Deus!

Tirateima — Uma esmola? Quem é você? O que é que há, minha velha?

A Cega — É uma velha do olho furado! Estou pedindo uma esmola pelo amor de Deus!

O Rico — O que é, mestre-sala?

Tirateima — Meu patrão, é uma velhinha cega, que está pedindo uma esmola!

O Rico — Dou não! Eu não já lhe disse qual é minha lei? Não dou esmola a ninguém e não visito a casa da minha mãe que é pra ela não visitar a minha!

Tirateima — Mas patrão, ela tem um olho furado, é a coisa mais horrível desse mundo!

O Rico — Não tem isso não, não fui eu que furei o olho dela! Diga a ela que venha aqui pra eu furar o outro, que aí eu tenho obrigação com ela e dou a esmola!

Tirateima — Olhe, minha velha, eu falei com o patrão e não pode ser não. Vá procurar um trabalho por aí e acabe com essa história de pedir esmola só porque tem um olho furado. Foi o patrão quem disse, não sou eu não!

A Cega — Como é? Que história amaldiçoada é essa?

Tirateima — É isso mesmo, vá procurar um emprego, que o patrão disse que só lhe dava esmola se tivesse sido ele quem furou seu olho! Foi ele quem disse, não sou eu não!

A Cega — Vá ver que é você mesmo quem está dizendo isso, por sua conta!

Tirateima — É não, velhinha, foi ele! Ele não dá esmola a ninguém e não visita a casa da mãe pra ela não visitar a dele!

A Cega — Pois então o Diabo dos infernos que persiga esse desgraçado, de dia, de noite, na comida e na bebida!

A Cega abaixa, saindo.

Tirateima — Patrão! Patrão!

O Rico — Que é, mestre-sala?

Tirateima — A cega rogou ao senhor a pior praga que eu já vi no mundo!

O Rico — Tem nada não! Praga não pega em rico não, só pega em pobre! E eu tenho dinheiro que dá pra comprar o céu, a terra e o mar!

Tirateima — Mas, patrão!...

O Rico — É isso mesmo, e ai! *(Novas palmas.)* Mestre-sala!

Tirateima — Que é, patrão?

O Rico — Estão batendo, vá ver o que é!

Aparece uma velha Mendiga, horrorosamente feia.

Tirateima — Ai, patrão, pelo amor de Deus! É a velha mais feia que eu já vi na minha vida! *(Persigna-se.)* Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo...

O Rico — Vá ver o que é que ela quer, mestre-sala! Pode ser coisa que me dê algum lucro!

Tirateima — Minha velha, o que é que você quer? Ave Maria, que cara feia da gota! Em nome do Pai, do Filho, da filha, da mãe, da raça toda... Que é que há, minha velha?

Mendiga — É uma velha, sozinha no mundo, com quatro filhos com fome e que já faz dois dias que não come! Me dê uma esmola pelo amor de Deus!

Tirateima — Ai, patrão, pelo amor de Deus e de Nossa Senhora, dessa vez dê!

O Rico — Já vem esse besta com a piedade dele! O que é, mestre-sala?

Tirateima — É uma velhinha, só no mundo, patrão! Está com quatro filhos sem comer, já faz dois dias! Dê uma esmola a ela!

O Rico — Dou não! Não tem isso comigo não! Eu não sou o pai dos filhos dela! Diga a ela que mostre a certidão provando que eu sou o pai dos meninos, que aí eu dou a esmola!

Tirateima — Olhe, minha velha, não pode ser não! Vá trabalhar! Vá ver se arranja uma lavagem de roupa por aí, que o patrão não dá esmola a gente preguiçosa não! Foi o patrão quem disse, não sou eu não!

Mendiga — Vá ver que é você mesmo quem está dizendo isso, miserável!

Tirateima — Foi não, velhinha, foi o patrão!

Mendiga — Pois o Diabo dos infernos carregue esse peste, e que venha atentar ele de noite, de dia, na comida, na bebida e na dormida!

Sai.

Tirateima — Ai, meu Deus! Em nome do Pai, do Filho, da filha, da mãe, da prima, da cunhada, da raça toda!

O Rico — O que é, mestre-sala?

Tirateima — Patrão, a velha rogou uma praga ao senhor que Ave Maria! Só o senhor vendo: ela disse que o Diabo carregasse o senhor, que viesse lhe atentar de noite, de dia, na comida, na bebida e na dormida!

O Rico — Tem nada não, mestre-sala! Eu acredito, lá, nessas coisas de Diabo e de praga! Eu sou um homem que só tenho certeza que existe, mesmo, eu! O resto, é fumaça! *(Ouvem-se berros e espirros de bode, aquilo que, no Sertão, se chama de "bodejados".)* Xô, bode! *(Novos bodejados: bâ-â-â! Puf, puf.*) Oxente, estou ouvindo uns bodejados esquisitos! De onde diabo vem tanto bode? Você ouviu uns bodejados, mestre-sala?

Tirateima — O patrão me desculpe, mas aqui não tem bode nenhum, não!

Ouvem-se palmas.

O Rico — Mestre-sala!

Tirateima — Que é, patrão?

O Rico — Estão batendo, vá ver o que é!

Aparece um velho Mendigo *horroroso, de enorme cabeleira de estopa.*

Tirateima — O que é que você quer, meu velho?

Mendigo — Ai! Me dê uma esmola, pelo amor de Nossa Senhora! Faz três dias que eu não como!

Tirateima — Ai, patrãozinho, pelo amor de Deus!

O Rico — O que é, mestre-sala? Ah, homem duma piedade sem jeito!

Tirateima — Patrão, é um velho que faz três dias que não come! Me diga uma coisa: embaixo do fogão, lá dentro, não tem um pedaço de pão que o senhor me disse que está guardado há três meses?

O Rico — Tem.

Tirateima — Deixe eu dar esse pão ao velho! Ele molha por aí, amolece um pouquinho e come!

O Rico — Ah, não! Quer me dar prejuízo, é, mestre-sala? Aquele pedaço de pão ainda pode me servir muito! Eu passo ele no moinho, moo bem moidinho, e mando fazer sopa de farinha de pão pra mim!

Tirateima — Mas patrão, o velho faz três dias que não come!

O Rico — E o que é que eu tenho a ver com isso? Você diga a ele que venha aqui, deixe eu furar o bucho dele com uma faca, que aí eu tenho alguma obrigação de dar esmola a ele e dou!

Tirateima — *(Resignado.)* É, tem razão! Está certo, não foi o senhor que botou o velho nessa situação, não tem obrigação nenhuma com ele! Olhe aqui, meu velho, vá trabalhar, que não tem esmola não! Foi o patrão quem disse, não sou eu não!

Mendigo — Ah, foi seu patrão, foi? Pois o Diabo do inferno que persiga ele de noite, de dia, na comida, na bebida e na dormida!

O Mendigo *abaixa, saindo.* O Rico *dá um grito e cai.*

O Rico — Ai!

Tirateima — Eita, que deu a macaxeira na canela do patrão! Que terá sido, meu Deus? Ou foi sibilica do macarrão preto, ou então foi estopô-badoque!

O Rico — *(Gemendo.)* Mestre-sala!

Tirateima — Que é, patrão?

O Rico — Eu estou ruim, mestre-sala!

Tirateima — É mesmo, patrão? Mas não se incomode não, que eu vou tomar uma providência!

O Rico — Que é que você vai fazer, mestre-sala?

Tiratema — Vou levar o senhor para a Maternidade, para o Hospital Bromatológico da Chapuletada dos Bêbados! Eu acho que o senhor está muito é bêbado! *(Grita.)* Motorista! Ô Motorista! Seu Fuxico! Venha cá!

Fuxico — *(Aparecendo.)* Que é?

Tiratema — Eu queria que o senhor levasse meu patrão, no seu carro, ali para a Maternidade do Hospital dos Bêbados! Você leva?

Fuxico — Oxente, levo! Pagando, eu levo!

Tiratema — Por quanto?

Fuxico — Levo por dois contos! *(Sai.)*

Tiratema — Patrão!

O Rico — Ai, mestre-sala, eu estou ruim! Dessa eu não escapo, mestre-sala!

Tiratema — O patrão não tenha medo não, que eu já arranjei um carro de aluguel para levar o senhor para o Hospital. Chegando lá vivo, o senhor escapa!

O Rico — Um carro de aluguel? E quanto vai custar isso?

Tiratema — Dois contos!

O Rico — *(Erguendo a cabeça.)* Quanto?

Tiratema — Dois contos!

O Rico — Oxente, quero nada! Quero o quê! Dois contos! Isso é uma exploração, um fim de mundo! Pago nada!

Tiratema — Então, eu vou chamar, ali perto, a negra Fortunata, de Seu Jairo! Ela faz uma xícara de chá de quebra-pedra, o patrão toma e escapa!

O Rico — Uma xícara de chá? E é pago?

Tiratema — Bem, o senhor dá, aí, qualquer coisinha a ela!

O Rico — Pagamento por xícara de chá? É um fim de mundo! Pago nada!

Tiratema — Ah, não paga não, é? Patrão, eu vou lhe dizer uma coisa: minha paciência é curta e acabou-se, viu? *(Dá-lhe uma cacetada.)* Tome aí a passagem do ônibus!

O Rico — Ai! Meu Deus, parece que caiu um pedaço do céu na minha cabeça! Que foi isso, mestre-sala? Quase me estoura os ouvidos!

Tiratema — Não vi direito não, patrão, acho que foi um caibro que caiu lá de cima, do telhado! Caiu lá de cima e foi mesmo em cima de sua cabeça!

Ouve-se, fora, a voz do CANITO, *bodejando.*

VOZ DO CANITO — Bé-é-é! Bé-é-é! Puf! Puf!

O RICO — *(Zonzo.)* Mestre-sala, olhe os bodes!

TIRATEIMA — Não é bode não, patrão!

O RICO *reergue a cabeça e balança-a.*

O RICO — Estou melhor, agora! Ai, quase morro dessa!

TIRATEIMA — O que foi que o senhor teve, hein? Estourou o alferes-queirós? Teve um infausto do leocádio?

O RICO — Não, eu tive uma biloura de desgosto!

TIRATEIMA — Desgosto por quê?

O RICO — Eu perdi um botão do meu paletó! Quando descobri isso, tive um desgosto tão danado, por causa do prejuízo, que caí, ciscando!

TIRATEIMA — Quer dizer que aquilo tudo foi por causa dum botão, foi? Era um botão de ouro, herdado de seu avô, patrão?

O RICO — Não, era um botão de osso, herdado de meu pai, mesmo! Um desses, que a gente compra uma dúzia por dez tostões.

TIRATEIMA — É, tem razão, perder-se um botão desse, é danado!

O RICO — Mas tem uma coisa: eu não perco esse botão de jeito nenhum! E você é quem vai achar ele pra mim, mestre-sala! Vá procurar!

TIRATEIMA — Onde foi que o senhor perdeu o botão?

O RICO — Ah, não vi quando ele caiu não! Você vá aí para a frente da casa, varra a rua todinha, peneire a poeira e assim acha!

TIRATEIMA — Ah, entendi, é fácil! Eu vou pra rua, varro a terra todinha, passo na peneira e acho, não é? Ô patrão, me diga uma coisa: o senhor ainda tem mãe viva?

O RICO — Tenho!

TIRATEIMA — Pois mande sua mãe varrer e achar seu botão, viu? Eu não vou não!

O RICO — O quê, atrevido?

TIRATEIMA — Prefiro sair do emprego!

O RICO — Então saia! Está na rua!

TIRATEIMA — Espere! E meu dinheiro? Quero fazer minhas contas!

O Rico — Suas contas? É fácil! Com quanto você chegou aqui?

Tirateima — Com nada!

O Rico — E quanto tem agora?

Tirateima — Nada!

O Rico — Pois quem de nada tira nada, é nada! Rua!

O Canito *aparece no limiar, bodejando.*

Tirateima — Ai, patrão, que o Diabo está ali! É o Cão, patrão!

O Rico — É nada, é um bode! Xô, xô, bode!

Tirateima — Patrão, corra, que é o Cão!

Desaparece. O Canito *continua bodejando.*

O Rico — Tá, agora estou sem empregado! *(Bodejados do Canito .)* Ah, bode impertinente dos seiscentos diabos! E, além do mais, eu sem empregado, pra botar esses bodes pra fora! Xô, bode! *(O Canito entra de vez.)* Vote, o que é aquilo? Ô cabrita preta e feia dos seiscentos diabos!

Canito — Bé-é-é! Puf! Puf!

O Rico — Xô, bode!

Canito — Xô bode? Xô bode, o quê? Você vai é viajar comigo, agora mesmo, pra minha terra!

O Rico — Eu...

Canito — Calado aí, viu? Não se admire não! Sabe quem sou eu? Sou o Canito Chefe do Inferno!

O Rico — Mas eu...

Canito — Calado, aí!

O Rico — Eu...

Canito — *(Dando-lhe botes.)* Calado! Cale já a boca! Eu não já lhe disse que se calasse?

O Rico — Pronto, estou caludo, não falo mais não!

Canito — Agora é que você vai ver o negócio como é, pra quem não presta! Você não se lembra daquela velha que tinha o olho furado e que lhe pediu esmola?

O Rico — Me lembro!

CANITO — Pois aquilo era eu! Você não se lembra da velha que tinha quatro filhos?

O RICO — Me lembro!

CANITO — Pois aquilo era eu! Você não se lembra do pobre que lhe pediu esmola e você disse que ia moer um pedaço de pão pra fazer sopa e negou a ele?

O RICO — Me lembro!

CANITO — Aquilo era eu! Pois bem: eu vim pra carregar você pro Inferno! Você só tem sete dias de vida! Se daqui para eu voltar, você conseguir quem reze um Padre-Nosso e uma Ave-Maria por você, você escapa! Se não, está lascado! Veja lá, viu?

Abaixa, desaparecendo.

O RICO — Danou-se! Sabe que o negócio está se apertando pro meu lado? Quem quer rezar um Padre-Nosso por mim, aí? Dou um conto por um Padre-Nosso e outro por uma Ave-Maria! Como é? Não aparece ninguém não, é? O negócio, pra mim, não está bom não! *(Ouvem-se novos bodejados, no limiar.)* Eita, ai! Minha Nossa Senhora, lá vem a cabrita preta! Ai!

Aparece o CÃO COXO.

CÃO COXO — Os sete dias se passaram! Você está desgraçado! Bé-é-é! Puf, puf!

Aparece o CÃO CIÚME.

CÃO CIÚME — Já ouviu falar no Cão Ciúme? É esse que está lhe falando! Você agora vai pro fogo! Bé-é-é! Puf, puf!

O RICO — Ai! Pra todo lado que eu me viro tem uma cabrita preta me olhando! Ai, que lá vem o Canito!

Aparece o CANITO.

CANITO — É agora! Pega! Segura! Leva! Bé-é-é! Puf, puf!

O RICO — *(Agarrado pelos três.)* Ai, estou lascado, eu já vi que vou mesmo! Ai! Ai! Minha gente, adeus! Dê lembrança a esse povo que maltrata os outros e não dá esmola!

Desaparece, agarrado estreitamente pelos bodes que vão abraçados a ele. Aparece o TIRATEIMA.

TIRATEIMA — Oxente, o que é que há por aqui? A casa está soturna! Cadê o patrão? *(Ouvem-se bodejados.)* Ih, que lá vem a cabrita preta!

Aparece o CANITO.

CANITO — Bé-é-é! Puf, puf!

TIRATEIMA — Bé-é-é, o quê? Você pensa que eu sou o patrão, é? *(Novos bodejados.)* Vá pra lá! Vá pra lá, viu? Cadê o patrão?

CANITO — Seu patrão já está é na terceira caldeira do Inferno! E você vai pra lá também!

TIRATEIMA — Espera lá, rapaz! Sai de junto de mim! Você sabe quem sou eu, sabe? Eu sou o Tirateima falado, aprovado pelo Laboratório Bromatológico da Chapuletada! Escreveu, não leu, o cacete comeu!

CANITO — Você vai comigo e é já! Bé-é-é! Puf, puf!

TIRATEIMA — Ai! Sabe do que mais? Espere aí, viu, cabrita? Parece que você é meio analfabeta, e só eu indo, ali, buscar um livro pra ensinar a você! Espere aí que eu já volto com o livro de que você está precisando!

Desaparece e reaparece com um cacete, dando uma chapuletada na cabeça do CANITO*.*

TIRATEIMA — Tome! Isso aí, é a passagem do ônibus, viu? Agora, tome o troco! *(Dá-lhe outra cacetada.)* Conheceu, bichinha? Esse aqui é o Tirateima falado! *(Aparece o CÃO COXO.)* Oi, vem outro, é? Não venha não, meu filho, que você se estraga! *(Os dois vão se abraçando, aos poucos, a ele.)* Nem venham! Nem se metam, que eu não vou não! Eu nasci foi pra ser homem, e o homem, quando é homem, mesmo, dá a cabeça pra lascar mas não grita! Eu não vou não! *(Aparece o CÃO CIÚME.)* Ah, e vem outro, é? Danou-se, que eu, agora, estou é cercado de cão por todo lado! Eu não vou não! Ai, ai, ai, parece que estão me levando? Danou-se! Sabe que eu não vou, mesmo? Eu não vou não! Desarreda, que eu não vou! Ai, desarreda, que eu não vou! E desarreda, que eu não vou! E desarreda, que eu não vou! Danou-se, o negócio está se apertando! Sabe do que mais? Desarreda, viu, cãozinho? *(Empurra um com o cacete, consegue se desvencilhar e começa a dar chapuletadas nos três cães.)* Eu não vou não! Eu não disse que não ia? Está vendo, Canito duma figa? Aqui é o Tirateima! Desarreda de junto de mim, viu? Está vendo? Comigo é assim: escreveu, não leu, o pau comeu! Está aí a passagem do ônibus! Agora, tome o troco! Está vendo? Está vendo, cãozinho?

Os cães, batidos, saem dando berros.

TIRATEIMA — Era o que faltava, um sujeito como eu ir para o Inferno, assim! Aqui é o Tirateima falado, aprovado pelo Laboratório Bromatológico da Chapuletada! *(Canta.)*

Eu tomei muita cachaça,

comi muito amendoim:

o Maioral do Inferno

correu com medo de mim!

Minhas senhoras e meus senhores, termina aqui a representação da comédia demorosa *O Rico Avarento*.

ARIANO SUASSUNA

A Caseira e a Catarina

1961

PERSONAGENS:

ORLANDO SAPO

SEVERINO BISAQUINHO

ADÉLIA

JÚLIA

IVO

MANUEL SOUZA

FREI ROQUE

CARMELITA

PEDRO CEGO

O cenário representa uma sala de foro do sertão. A um canto, um caixão de defunto, com quatro velas grandes nos cantos, ou, pelo menos, uma grande vela no lado onde se presume estar a cabeça. ADÉLIA, *vestida de encarnado, está imóvel, a um canto da sala, com um porquinho na mão. Entram o juiz* ORLANDO SAPO *e o oficial de justiça* SEVERINO BISAQUINHO. *O juiz é incrivelmente míope e enfia o nariz em tudo, para poder ver.*

ORLANDO

Mas é possível? Não houve
um jeito de se livrar
desse defunto sem dono?

SEVERINO

Não estou dizendo ao senhor
que fiz o que foi possível?
Chegaram com o caixão,
derramaram o pacote
e foram-se embora.

ORLANDO

O padre
tinha mais obrigação.

SEVERINO

Foi o que eu disse, mas eles
responderam que daqui
devia partir o enterro.

ORLANDO

Mas ele morreu aqui?

SEVERINO

Morreu na rua. Mas como

pedia esmola sentado
aí na porta do foro
ficaram logo dizendo
que era nossa obrigação.

ORLANDO

E onde é que está o defunto?

SEVERINO

Aí, seu juiz, aí.

ORLANDO

Nossa Senhora! Não diga!
Aonde?

SEVERINO

Ora aonde, aí.

ORLANDO *(Apalpando um móvel.)*

Estou vendo, aqui! Coitado
de Pedro Cego, morrer
assim! Aqui é o nariz?

SEVERINO

Não, aí é o armário.

ORLANDO

O armário do defunto?
Tibe! Vote! Vai pra lá
que eu não sou de sacrilégio!

SEVERINO

O nariz é do outro lado.

ORLANDO

Aqui?

SEVERINO

Não, não, seu Doutor!

Do outro lado da sala!

ORLANDO

Ah, sim, agora encontrei.
(Ajoelha-se.)
Achei, está aqui. Pedro Cego,
que a terra lhe seja leve
é o que deseja, no peito,
este seu menor amigo...

SEVERINO

Doutor, isso aí é o porco.

ORLANDO

Não diga isso, respeite
os mortos! Respeite Pedro
Cego, que ele já morreu!

SEVERINO

Eu sei que ele já morreu,
mas isso aí é um porco
e inda está vivo!

ORLANDO

Ora bolas!
E onde está esse peste
desse defunto sem dono
que não há quem ache nunca
para ao menos se rezar
por alma dessa desgraça?

SEVERINO

Mais para lá! Mais pra lá!

ORLANDO

Aqui? Cheguei, afinal?

SEVERINO

Mais para lá um pouquinho!

ORLANDO *(Topando.)*

Ai! Ai! Que diabo foi isso?

SEVERINO

Um banco!

ORLANDO

Isso é uma desgraça!
Que coisa mais trabalhosa
só é procurar defunto!
É aqui, afinal?

SEVERINO

É.
Doutor, o senhor precisa
arranjar um par de óculos.
O senhor está ficando
míope.

ORLANDO

Míope que nada!
É que, ultimamente, as coisas
deram para ficar longe.
Sou um saco de doenças,
mas quanto a isso de ver,
enxergo perfeitamente.
Por exemplo: vejo a luz.
Quando vejo a claridade
sei logo que é a janela.
Ai! Quase queimo as pestanas!
Diabo de janela quente!

SEVERINO

Doutor Orlando, é a vela!

ORLANDO

Que vela?

SEVERINO

É a vela grande
que está aí alumiando
o corpo de Pedro Cego.

ORLANDO

Ah, o peste do defunto!
Me diga mesmo: aqui é
lugar de ninguém morrer?!
Quase que perco a canela
batendo naquele banco
e agora, os olhos, no fogo!
Quem já viu uma coisa dessa,
um defunto aqui no foro!
Que negócio mais sem jeito!
Isso é que é um defunto
inconveniente! Bem,
bem, se não tem outro jeito,
faz-se o enterro com a verba
de conservação do prédio.
Pedro Cego, vá com Deus!

SEVERINO

Doutor, é o porco de novo!

ORLANDO

Eu vi, eu vi que era o porco!
Ô Severino, que diabo

faz esse porco no foro?
Será que é pouco o defunto?

SEVERINO

Foi Dona Adélia quem trouxe.

ORLANDO

Ah, foi? Bem, se fede um pouco
pelo menos está vivo.
Venha cá, meu filho!

ADÉLIA *(Dando-lhe uma tapa.)*

Epa!
Vá pra lá!

ORLANDO

O que foi isso?
Bati de venta no muro?

ADÉLIA

Não, foi na dona do porco.

ORLANDO

Quem é a dona?

ADÉLIA

Eu, Adélia.

ORLANDO

A senhora me desculpe,
mas também pra que inventou
de trazer porco pra cá?

ADÉLIA

O senhor também desculpe,
mas também por que inventou
de errar e me catucar?

ORLANDO

Não faça confusão, não,
está ouvindo, Dona Adélia?
Fique aqui, junto à janela,
pra eu poder diferenciar.
Pronto: o caixão está de preto
e ela está de encarnado!
Assim sei, não tem errada.
Se eu avisto um vulto preto
sei logo que é o caixão.
O vulto encarnado é a dona
do porco. Pronto, está bem!
Para que veio esse porco?

ADÉLIA

Era o que eu ia dizer:
o porco está em questão.

ORLANDO

Ele é seu?

ADÉLIA

Não era não,
mas agora é. Inda agora
ele era de Carmelita
mas agora é muito meu.

ORLANDO

Quem é essa Carmelita?

ADÉLIA

Carmelita é uma catarina.

ORLANDO

Uma catarina? Oxente!

SEVERINO

Sim. É uma mulher-dama
que está aí no Rói-Couro.
Chegou há um mês, de Patos,
e está tudo quanto é homem
doido por ela. Ela é linda!

ORLANDO

E o nome de mulher-dama
agora é *catarina*?

ADÉLIA

Não é Frei Roque quem chama?
Frei Roque chama as mulheres
que são casadas *caseiras*
e as "damas" de *catarinas*.

SEVERINO

O Rói-Couro está assim,
está assim de catarina!
A coisa mais animada!

ORLANDO

E a senhora também é
catarina do Rói-Couro?

ADÉLIA

O quê? Doutor, me respeite!
O senhor não é besta não?
Eu sou uma mulher séria!

ORLANDO

Ah, é caseira! Desculpe!

ADÉLIA

Doutor, eu não sou caseira,
nem catarina, está bem?

Eu sou donzela e solteira!

ORLANDO

Desculpe, Dona, eu pensei...

ADÉLIA

O senhor não pensou nada
nem vai pensar, está bem?

ORLANDO

Está! Que é que há, donzela?

ADÉLIA

O que há é que esse porco
entrou-me em casa e quebrou-me
o vidro da cristaleira.

ORLANDO

O porco é da catarina
que se chama Carmelita?

ADÉLIA

Era! Ele deu prejuízo,
a dona não quer pagar,
fiquei com ele pra mim.

ORLANDO

Então, está tudo em paz,
não vejo questão nenhuma.

ADÉLIA

Mas eu vejo!

ORLANDO

Por que vê?

ADÉLIA

Essa tal de Carmelita
não se conforma em pagar

e diz que não perde o porco.
É uma mulher perigosa
e tem péssimos costumes.
Diz que me desmoraliza,
que me dá uma navalhada,
uma coisa horrível! Vim
pra o senhor me garantir!

ORLANDO

Essa é boa, toma o porco
e quer que eu garanta tudo!
Severino, fale, diga:
a mulher é braba mesmo?

SEVERINO

É mesmo que o cão, Doutor!

ORLANDO

Valha-me, Nossa Senhora!
Eu já sei que quem acaba
levando essa navalhada
sou eu. Dona, vá embora!

ADÉLIA

Vou nada! Essa catarina
está na esquina, me esperando!

ORLANDO

Meu Deus, meu Deus! Severino,
será que ela vem pra cá?

ADÉLIA

Quem sabe? O senhor que saia
e vá perguntar a ela!

ORLANDO

Deus me livre! Dona Adélia,
deixe de complicação
senão eu mando prendê-la!
A senhora entre pra ali
que eu já resolvo seu caso!

ADÉLIA

Mas é para resolver mesmo,
viu? *(Sai.)*

ORLANDO

Minha Nossa Senhora,
num dia só, um defunto,
um porco e uma navalhada!

SEVERINO

O senhor por que não manda
pagar o porco também?

ORLANDO

Com que verba eu vou pagar?

SEVERINO

Com a mesma do defunto.

ORLANDO

Termina acabando a verba.

SEVERINO

É melhor do que acabar
sua cara de navalha!

ORLANDO

Ai, que é mesmo!

SEVERINO

E se, com isso,
o senhor se sair bem

das complicações do dia,
deve dar graças a Deus.

ORLANDO

Severino, é mesmo? E o que é
que falta me acontecer?

SEVERINO

Dona Júlia não vem hoje
pra audiência do desquite?

ORLANDO

É mesmo, nem me lembrava!
Não digo que sou sem sorte?
Por que logo a Dona Júlia
achou de se desquitar?

SEVERINO

O que é que tem Dona Júlia?

ORLANDO

Não é a parteira?

SEVERINO

É.

ORLANDO

Pois é ela quem me acode
quando eu estou apertado.

SEVERINO

Oxente! A parteira?

ORLANDO

Sim.
Dona Júlia é quem me dá
as lavagens que me salvam
quando estou nos meus apertos.

Severino

Pensava que nó na tripa
fosse doença de pobre.
E o senhor toma lavagens?
Nunca pensei que um juiz
passasse por essas coisas.

Orlando

Pois eu passo e é o jeito.
Passo de três em três dias.
Sou um saco de doenças.
Tenho uma úlcera de estômago
e duas no duodeno.
Para o lado do pulmão
caverna é o pau que mais tem.
Vivo roncando e tossindo,
com laringite e bronquite,
asma e catarro maléfico.
Nas pernas, é reumatismo.
Nos braços, tenho fraqueza
e retração nos tendões,
mau jeito nos cotovelos.
Para o lado dos intestinos
é onde está o pior.
É aquilo que você sabe:
paralisia epilética,
flatulência, nó na tripa
e aquela prisão de ventre...
inteiramente trancada,
que é preso incomunicável,

sem sursis nem habeas corpus.
Só quem relaxa a prisão
de ventre que me persegue
é Dona Júlia, a parteira.

SEVERINO

Não deixa de ser um parto.

ORLANDO

Ela me dá um clister
de mastruço, quenopódio,
fedegoso, quebra-pedra,
louro, cabeça-de-negro,
couro de tamanduá,
raspa de unha de preguiça,
jurubeba, erva amarga,
capeba e casca-sagrada.
Só ela sabe a receita,
só ela sabe a maneira
de cozinhar a mistura
e a proporção das substâncias.

SEVERINO

E resolve seu aperto?

ORLANDO

Bem, resolve! É garantido.
Tomou, destampou.

SEVERINO

Também,
com tanta mistura junta,
destampa-se até cimento.

ORLANDO

Meu Deus! Agora me diga!
Como é que posso julgar
o caso de uma mulher
sem a qual morro entupido
como cano de espingarda?

SEVERINO

Doutor, o senhor só pode
julgar tudo a favor dela.

ORLANDO

De véspera?

SEVERINO

Sim, de véspera.
O senhor sabe que morre
se não tomar o clister.
Se o senhor der contra ela,
Dona Júlia se abofela,
não dá mais a garrafada
e o senhor é quem se atola.
Ou melhor, é quem se tranca.
Trancado como uma porta
e para o resto da vida.

ORLANDO

Mas Biu, se eu me convencer
de que ela não tem razão?

SEVERINO

O senhor inda se lasca
com essa mania besta
de indagar quem tem razão.
Chega um caso, o senhor pensa,

futuca por todo lado,
descobre quem tem razão,
dá sentença a favor dele.
Quer saber o que acontece?
Quem tem razão sai achando
que o senhor não fez favor,
que era sua obrigação.
E quem não teve razão
se torna seu inimigo.
É bom negócio?

ORLANDO

Não sei,
mas eu fiz um juramento!
Meu Deus, que é que vem fazer
no mundo um pobre juiz?
Severino, eu lhe confesso
uma coisa que pensei:
o que o mundo tem de doido
é feito pelas pessoas.
Sou louco pelo Direito:
acho que o Direito puro
é o que existe de mais belo.

SEVERINO

E é muito bonito mesmo.
O júri, o réu por ali,
bem triste, de cara baixa,
se fazendo de penoso;
o advogado teimando,
se fazendo de mimoso,

se fazendo de engraçado;
o promotor, escumando,
chega parece mordido
de cachorro da moléstia;
o senhor com essa saia...
E o bom é que já se sabe:
nada daquilo é verdade,
é tudo representado,
só para ficar bonito!

ORLANDO

E a regra, a lei, a doutrina?
Você, coitado, é um rústico,
não pode gozar aquilo.
Mas para mim, Severino,
todo o encanto do mundo
é a doutrina do Direito.
É um mundo perfeito e puro.
A norma paira por cima:
é uma fonte, um céu imóvel.
Dali brota a obrigação,
as relações necessárias,
tudo flui e tudo emana
numa ordem sossegada,
um direito corresponde
a um dever do outro lado,
tudo é bem equilibrado,
cada coisa em seu limite,
todas elas se entrelaçam
por caminhos competentes,

tudo tem o seu lugar,
seu tempo determinado,
num mundo onde não há falhas
nem ruína, nem desordem.

Severino

É então que nele penetram
a parteira e seu clister.

Orlando

Já viu desordem maior?
O clister estraga tudo.
Aquilo que era perfeito
deve agora se aplicar
a tudo que é imperfeito
e a ordem se desmorona.
O Direito, Severino,
devia existir por fora.
Organizava-se o foro
com togas e rituais,
com juízes, promotores,
tabeliões, advogados...

Severino

Oficiais de justiça...

Orlando

Não era preciso.

Severino

Assim perco meu emprego!

Orlando

Não se vai citar ninguém!

Severino

Nem vai se julgar ninguém!

ORLANDO

Vá lá, ficava você.
Nós passávamos a vida
polindo cada vez mais
esse mundo já perfeito
com uma placa na porta:
"É proibida a entrada
dos estranhos ao serviço."
Que sonho! O Direito puro!
Felicidade completa!

SEVERINO

Mas para acabar com ele
vem chegando agora mesmo
a parteira do clister.
E vem com o advogado.

ORLANDO

Ivo?

SEVERINO

Sim.

ORLANDO

Ivo Beltrão?
Não fico aqui, Severino!
Se ela contratou o peste
desse doutor chicaneiro,
desse magrela safado
é que o caso se complica
e ela está disposta a tudo.
Fique você. Mas se esconda.

Ouça o que esses dois conversam.
Ouça e vá lá me contar.
Se a coisa não for difícil
volto e julgo esse desquite.
Mas se tudo se complica,
vou dar parte de doente
e passo o cargo ao suplente.
Ele, que ainda não tem
nó na tripa, que resolva.
(Sai. SEVERINO esconde-se. Entram IVO e D. JÚLIA.
Ele de toga, ela de encarnado.)

JÚLIA

Viu, Doutor? Aquela quenga
desgraçada está na esquina.

IVO

Quem?

JÚLIA

Carmelita. Na certa
soube que é hoje a audiência
em que se tenta o acordo
pra não haver o desquite.
É por isso que está ali.

IVO

Mas Dona Júlia, se acalme.

JÚLIA

Essa foi a catarina
que me roubou o marido.
É a causa do desquite.
Sabe do que mais, Doutor?

Vou acabar com moleza
e dar umas tapas nela.

IVO

Dona Júlia, use a lógica.
A coisa mais alta e nobre
que o homem tem é a lógica.
Se todos usassem lógica,
o mundo seria outro.
A senhora dá as tapas:
pode tirar sangue nela.
Diz o Código Penal
que isso é crime. Quem se lasca?

JÚLIA

Cadê o Código?

IVO

Aqui,
olhe.

JÚLIA

Me dê. Está bom.
É duro, grosso e pesado.
Vou jogar na cara dela.

IVO

Meu Deus, meu Deus! D. Júlia,
eu não já provei, por lógica,
que isso é uma coisa impossível?

JÚLIA

É impossível mas eu quero!

IVO

Isso é rixa e essa briga

prejudica seu desquite.
Pense um pouco, use a cabeça.
Quer fazer esse desquite?

JÚLIA

Quero. Meu marido é um peste.

ÍVO

Então sente aí e deixe
que eu oriente seu caso.
A desmoralização
dessa dama Carmelita
fica para outra vez.
Vou obrigá-la a vir cá,
depor como testemunha.
Faço-lhe algumas perguntas,
ela me vai respondendo,
se irrita, se zanga, diz
o que quer e o que não quer,
fica desmoralizada.

JÚLIA

E quando é que vai ser
essa audiência?

ÍVO

Assim
que fizermos a de hoje.

JÚLIA

Doutor, o senhor garante
que cita essa catarina?

ÍVO

Isso garanto. A questão

é a senhora pagar.
A senhora me pagando
eu cito até o Diabo.

JÚLIA

Fico muito satisfeita
que o senhor me diga isso
porque era mesmo o Diabo
que eu ia pedir agora
para o senhor me citar.

IVO

Oxente!

JÚLIA

Oxente por quê?
O senhor não disse que
depende do pagamento?
Pois eu digo: o pagamento
também só depende disso.
Ou o senhor cita o Diabo
ou eu não lhe pago nada.

IVO

E como diabo é que eu posso
citar quem nunca existiu?
Dona, o Diabo não existe.

JÚLIA

Não existe o quê? Como é
que não existe se todo
mundo sabe que ele berra
e que aparece às pessoas?

IVO

Dona Júlia, isso é conversa
que os católicos inventam
para intimidar o povo
e assim terem prestígio.

JÚLIA

Tenha vergonha, Doutor.
O senhor é ateu?

IVO

Sou.
Eu não já disse à senhora
que meu Deus é minha lógica?
Como é que posso aceitar
a existência do Diabo
que é a coisa mais sem lógica
que existe nesse mundo?

JÚLIA

Ah, quer dizer que ele existe!
Pode ser disparatado,
mas que existe, isso existe!

IVO

Nada disso. Foi um modo
de falar. Eu sou ateu.

JÚLIA

Pois seja ateu ou não seja,
hoje o senhor cita o Diabo.

IVO

Cuidado, o juiz!

JÚLIA

Cuidado?

Cuidado por quê, se é ele
quem vai fazer o que eu quero?
O senhor vai requerer
mas ele é quem cita o Diabo.

(ORLANDO entra tateando e SEVERINO, sem que ninguém o note, sai do esconderijo.)

Não tem nada de cuidado.
Doutor Orlando, bom dia.

ORLANDO

A donzela de encarnado.

JÚLIA

Como é?

ORLANDO

Eu não já disse
que a senhora me esperasse?
Fique perto da janela.
É ela, está de encarnado!
Me diga mesmo: a senhora
não é a mulher do porco?

JÚLIA

Sou. O senhor tem razão.
Manuel é um porco mesmo.

IVO

Doutor Orlando!

ORLANDO

De preto?
É o caixão! Pedro Cego,
siga em paz o seu caminho
para a última morada.

SEVERINO

Seu juiz, é o Doutor Ivo.

ORLANDO

E onde está o defunto?

IVO

Que defunto?

ORLANDO

Oi, roubaram?
Não tem um defunto solto
aí pela sala não,
Ivo?

IVO

Ai, tem! Que diabo é isso?

JÚLIA

É Pedro Cego: esticou
a canela. Não havia
quem fizesse o enterro dele,
eu mandei trazer pra cá.

IVO

Vote! No foro?

ORLANDO

E aonde
está a mulher do porco?

JÚLIA

Aqui.

ORLANDO

O porco quebrou
sua cristaleira?

JÚLIA

Nada

disso! Era o que faltava!
E ele é homem para isso?
Quebro aquela cara cínica!
Era o que faltava! Além
de largar a minha casa,
ainda quebrar os móveis!
Ele não vai mais em casa!
Desde ontem está no mundo.
Mas ele me paga essa!
Doutor, vim só lhe dizer:
nada de conciliar.
Me desquite agora mesmo
daquele porco safado!

ORLANDO

De quem?

JÚLIA

Do porco safado!

ORLANDO

Que negócio é esse, oxente!
Quer se desquitar do porco?

JÚLIA

Quero, não está na lei?
Não sou casada com ele?

ORLANDO

Com o porco, minha senhora?

JÚLIA

É.

ORLANDO

Mas me diga uma coisa:

é do porco dessa tal
catarina Carmelita
que a senhora está falando?

JÚLIA

É.

ORLANDO

Tenho ouvido no mundo
muita história atrapalhada,
mas como esta agora, nunca!

SEVERINO

Doutor, a mulher é outra.

ORLANDO

Espere, e quantas mulheres
de porco tem aqui?
(ADÉLIA aparece.)

SEVERINO

Duas.

ORLANDO

Todas duas de encarnado?

SEVERINO

Todas duas de encarnado.

ORLANDO

A confusão vai ser grande!
Espere. Onde está a mulher
de encarnado do primeiro
porco?

ADÉLIA

Sou eu, estou aqui.

ORLANDO

A senhora fique ali.
Cadê seu porco?

ADÉLIA

Está aqui.

ORLANDO

O porco é de Carmelita?

ADÉLIA

Era, agora é meu.

ORLANDO

Espere,
é o que vou ver. Muito bem!
Onde está a outra?

JÚLIA

Aqui.

ORLANDO

O porco é seu?

JÚLIA

Era meu,
agora é de Carmelita.

ORLANDO

Então, por que tanta briga?
Não tem problema nenhum.
Entendo que Carmelita
perdeu um porco por cá,
recebeu outro por lá!

JÚLIA

Acontece que esse porco
que ela recebeu por lá
é meu marido!

SEVERINO

Essa aí
é Dona Júlia, Doutor,
que veio para a audiência.
Não quer mais conciliar!
Diz que a tal da Carmelita
roubou o marido dela,
que ele abandonou a casa
ontem.

ORLANDO

Ah, é Dona Júlia!
Dona Júlia, como vai?

JÚLIA

Mal, muito mal! E o senhor?

ORLANDO

Vou como a senhora sabe.

JÚLIA

Eu comecei meu desquite,
mas Frei Roque se meteu.
Disse que tem esperança
de salvar meu casamento.
Disse que ia procurar
meu marido para obter
que ele deixasse de vez
essa mulher desgraçada.
Mas foi pior: meu marido,
até ontem, pelo menos,
não tinha deixado a casa.
Com a interferência do frade

parece que resolveu
fugir com a catarina,
porque Manuel desde ontem
que não pisa lá em casa.
Mas conto com o senhor,
meu caro doutor Orlando,
para resolver o caso
a favor de sua amiga.

ORLANDO

Lá vem a desordem, Biu!
Olhe, Dona Júlia, eu tenho
que resolver o seu caso
dentro da lei.

JÚLIA

Ah, é assim?
Ah, é assim? Pois resolva
seus apertos, seus trancados,
de acordo com a lei também!
De hoje em diante, Doutor,
não conte com a garrafada.
Se o senhor quer bancar anjo,
vai virar anjo também:
mais nada, entendeu, Doutor?
Por nenhuma extremidade!

ORLANDO

Eu não disse que este caso
ia acabar em desordem?
O que é que a senhora
quer que eu faça, Dona Júlia?

JÚLIA

Era o que eu estava dizendo
aqui ao Doutor Beltrão;
mas quando ia explicar tudo
sua chegada interrompeu.

SEVERINO

Vai-se interromper de novo,
Dona, porque seu marido
vem chegando com Frei Roque!

JÚLIA

É possível? Doutor Ivo,
Doutor Ivo, me segure,
senão dou em Manuel Souza.

(Entram MANUEL SOUZA e FREI ROQUE. MANUEL é homem bonachão. Acha graça na esposa, gosta dela a seu modo, mas não pode ver mulher. Não quer se desquitar, mas também não quer deixar CARMELITA. FREI ROQUE fala com sotaque estrangeiro, é um frade brabo, virtuoso e pitoresco.)

IVO

Dona Júlia, se acalme! Ai!

FREI ROQUE *(Protegendo MANUEL.)*

O que é isso, Dona Júlia?

JÚLIA

O que é isso? O que é isso, é
que eu quero dar nesse peste
e vai ser agora mesmo.

IVO

Isso pode atrapalhar
seu direito no desquite.
Use a lógica, Dona Júlia!

ORLANDO

Olha a conciliação!
Isso aqui é uma audiência
para conciliação!

JÚLIA

Conciliação uma ova!
Hoje, aqui nessa porqueira,
não se concilia nada.
Doutor, me desquite aí logo!

ORLANDO

Mas Dona Júlia...

MANUEL

Mas Júlia,
por que essa raiva toda?

JÚLIA

Você ainda pergunta,
desgraçado sem-vergonha?
Você que largou a casa?

MANUEL

Eu?

JÚLIA

Você que combinou
com aquela desgraçada
para ficar por ali,
esperando por você
pra me desmoralizar?

MANUEL

Eu?

JÚLIA

Você que me procura

humilhar a cada instante?

MANUEL

Eu?

JÚLIA

Sim, você, bicho ruim!

MANUEL

Eu nunca quis humilhá-la!
Que conversa mais danada!

JÚLIA

E aquilo que você disse?

MANUEL

Júlia, aquilo foi brincando!

JÚLIA

Ah, foi brincando! O senhor
é testemunha, Doutor,
pra me dizer se aquilo é
brincadeira que se tire!
É brincadeira? Está vendo?
O juiz disse que não!

ORLANDO

Eu não disse nada!

JÚLIA

Pois
devia dizer, Doutor.
O senhor não é juiz?
Ô Doutor, sabe o que mais?
Me desquite aí depressa!
Desquite, se não dou fim
na receita do clister

e o senhor é quem se lasca.

ORLANDO

Que brincadeira foi essa?

MANUEL

Eu conto, Doutor Orlando.
Minha mulher é uma santa
mas tem esse gênio duro,
destampado e rezinguento
que o senhor conhece bem.

JÚLIA

Rezinguenta é sua mãe.

MANUEL *(Conciliador.)*

Também era, também era.
Pois bem: o senhor conhece
Inácio da Marcação?

ORLANDO

Conheço.

MANUEL

Ele era casado
com uma mulher velha e feia.

FREI ROQUE

Estava velha e era feia
mas era a caseira dele,
e era com essa que ele
tinha de ficar ali,
na indissolubilidade!
Inácio não tinha nada
de arranjar uma catarina.

MANUEL

Mas foi o que ele arranjou.
Há uns três meses atrás
a mulher dele morreu.
Ele deixou passar tempo
pra que a defunta esfriasse
e casou com a catarina.
Pronto, foi essa a história
que eu contei lá em casa.

JÚLIA

Pronto, foi essa história
não! Conte o resto ao juiz.
Minha raiva foi do resto.

MANUEL

O resto foi brincadeira!

JÚLIA

Brincadeira uma tamanca!

ORLANDO

Conte. Eu preciso saber
para julgar com acerto.

MANUEL

Foi besteira, seu Doutor!
Com essa seca em que estamos,
todo mundo aqui está
fazendo negócio ruim.
Então eu cheguei em casa,
contei a história de Inácio
e depois disse brincando:
Foi a única pessoa
que este ano fez bom negócio.

Trocou a caseira velha
e feia na catarina
bonita e nova e só deu,
de volta, uma catacumba.

JÚLIA

Cachorro! Peste safado!
Foi para dizer a mim
que queria que eu morresse
pra ele casar com ela!
Eu mato esse miserável!
Dou-lhe de pau! Quer saber
do que mais, Doutor Orlando?
Me desquite logo aí!

ORLANDO

Dona Júlia!

IVO

Doutor Juiz,
requeiro a Vossa Excelência
que mande tomar por termo
os motivos aqui ditos
que minha constituinte
tem pra pedir o desquite.

FREI ROQUE

Ninguém tem motivo algum
pra pedir desquite a alguém!
O negócio tem que ser
na indissolubilidade.

IVO

O senhor, Frei Roque, é bem

contra o divórcio, não é?

Frei Roque

Contra esse, nem se fala!
Eu sou é contra desquite!

Ivo

Isso é obscurantismo
da Igreja Católica!

Frei Roque

É?
E a mãe, era obscurantista?

Ivo

Como é?

Frei Roque

Estou perguntando
se o senhor preferia
ter uma mãe obscurantista,
ali, certa, bem casada,
na indissolubilidade,
ou ter a mãe catarina,
progressista e desquitada?
Hein? Hum? Diga, Doutor Ivo?

Ivo

Nada disso vem ao caso.
Doutor Orlando, requeiro
que o senhor mande anotar.
Primeiro essas picuinhas
que denotam crueldade
mental e foram tornando
a vida deste casal

impossível. Vem depois
essa vida irregular,
notória em toda a cidade,
com essa mulher Carmelita.
E, finalmente, o abandono
do lar desde o dia de ontem.

JÚLIA

Ah, isso aí, seu Manuel,
eu não posso suportar.
O resto todo, inda ia.
A gente fica com raiva,
se zanga, se dana, briga,
mas isso de ser largada
desmoraliza a mulher.
Perguntam: quem é aquela?
E os outros respondem logo:
é a parteira, Dona Júlia,
largada pelo marido!
Foi isso que me fez raiva.
Era isso que eu estava
dizendo ao Doutor Orlando
quando este peste chegou.
Eu fiquei com tanta raiva,
doutor Orlando, que fiz
um negócio com o Diabo.

FREI ROQUE

Minha filha, o que é isso?
Você é ateu, é?

JÚLIA

Nada!

Que nada de ateu, Frei Roque!
Eu não sei que Deus existe?
Quem fez o mundo? Se Deus
não existisse, esse mundo
era tudo um disparate!
Sou do partido de Deus,
mas o que eu queria ontem
só arranjava com o Diabo.
Então quando foi de noite,
fiz um negócio com ele.

ORLANDO

Eu bem que estava prevendo:
vem desordem por aí.

JÚLIA

Não tem nada de desordem.
O senhor não é cristão?

ORLANDO

Sou sim, mas aqui, agora,
sou juiz e a lei não tem
nada a ver com isso!

FREI ROQUE

Ah, tem!

Ora não tem! Inda mais
o laicismo desse herege!
E a senhora, Dona Júlia?
Perdeu a vergonha, foi?
Fazer negócio com o Diabo?
Que foi que a senhora fez?

JÚLIA

Fiz um contrato pra o Diabo
carregar este nojento.
Esperei por meu marido
pra almoçar; ele não veio.
Esperei a tarde inteira
com a cara pegando fogo.
No jantar, nada do porco.
De noite, nada. Então, vi
que era uma mulher largada.
Quando chegou meia-noite
fiz um negócio com o Diabo.
Eu lhe dava minha alma
contanto que hoje, bem cedo,
ele trouxesse Manuel
e depois o carregasse,
abraçado a Carmelita,
todos dois para o inferno,
devagar, na minha vista,
gritando os dois para eu ver.
Como ele não carregou,
quero que o Doutor Orlando
mande intimar o Diabo
pra vir aqui, se explicar.

ORLANDO

Eu não disse que isso ia
dar em desordem? Quem já
viu se intimar o Diabo?

JÚLIA

O senhor, ou cita o Diabo,
ou se entope e é de vez!

ORLANDO

Dona Júlia, que maldade!

JÚLIA

É isso mesmo e acabou-se.

ORLANDO

Não houve nenhum pedido,
um requerimento em termos!

JÚLIA

Por isso, não! Doutor Ivo,
me faça o requerimento!

IVO

Dona Júlia, use a lógica:
tudo isso é disparate.
Eu posso lá requerer
um disparate desse?

JÚLIA

Ah, é assim? Pois não lhe pago
nem um tostão!

IVO

O juiz
recusa essa petição!

JÚLIA

Se ele recusar, eu passo
a chave nele de vez.

IVO *(Embaraçado.)*

Doutor Orlando...

ORLANDO

Doutor...

Ivo

Vou requerer. O senhor
decida como quiser.
Passo essa batata quente
às mãos de quem tem poder.

Orlando

O azar é meu. Se ao menos
fosse batata de purga...
Seja como Deus quiser.

Ivo

"Ilustríssimo Senhor
Doutor Juiz de Direito
desta comarca perdida,
competente neste pleito:
Júlia Torres Vilar Souza,
aqui domiciliada,
boa e famosa parteira,
clisterzeira diplomada,
casada já de alguns anos,
brasileira desbocada,
requer a Vossa Excelência
que mande citar o Diabo,
pra que ele venha a juízo.
A seu tempo provará
que fez com ele um negócio
e como não se cumprisse
o que lhe tinha pedido
em troca de sua alma,

quer prender esse bandido.
Que mandem citar o Diabo,
seja na terra ou no inferno,
no fogo do vento seco,
nas asas do pensamento.
Termos em que, com respeito,
se pede deferimento.
Taperoá, vinte e quatro
de agosto, dia do Diabo.
Taperoá, terra seca,
de outro nome, Batalhão,
terra de pedra e de bode,
de gado, cobra e algodão.
Por seu bastante advogado,
procurador assinado,
Ivo Caxexa Beltrão."

ORLANDO

"O Doutor Orlando Sapo,
Doutor Juiz de Direito,
desta comarca famosa
de Taperoá chamada,
Batalhão apelidada,
e de acordo com a lei,
et coetera, et coetera!
Certifico a todo mundo
do céu, da terra, do inferno,
que atendendo ao requerido
da Sra. Júlia Souza,
clisterzeira diplomada,

ordeno a qualquer dos dois
oficiais de justiça
que assistem nesta comarca
que façam citar o Diabo.
Que venha aqui. Compareça
à audiência iniciada
sob as penas que a lei manda."
Tome, leve, Severino!
Que desordem mais danada!

SEVERINO

Pois sim! O Diabo citado!
Quem diria uma coisa dessa?
(Vai saindo com o mandado, batendo uma campa e repetindo as primeiras palavras da última fala de ORLANDO. De repente, para no limiar, assombrado).
Danou-se que agora vai
haver tapa aqui!

ORLANDO *(Persignando-se.)*

É o Diabo?

SEVERINO

Antes fosse. É Carmelita!
Vem de navalha na mão!
(Corre. Entra CARMELITA, com uma navalha na mão.
O pânico é geral. Só FREI ROQUE fica no meio da sala, absolutamente calmo, de mãos nos quadris.
Ele se aproxima de CARMELITA.)

CARMELITA

Frei Roque, não venha não
que eu corto, mesmo o senhor!

FREI ROQUE

Deixe de brabeza, filha,

e me dê essa navalha.

Hein? Hum? Que é isso? Dê cá.

Sim, assim, hein? Obrigado!

MANUEL *(Não contendo o entusiasmo, não vê que está perto de JÚLIA e fala com ela.)*

Mas ela é muito bonita!

É formidável, não é?

JÚLIA

O quê, desgraçado?

FREI ROQUE

Calma!

Acabem com confusão,

senão tomo uma providência.

Estou ficando cansado

dessas brabezas aqui.

Parem, antes que eu me zangue.

Carmelita, que negócio

é esse de entrar aqui

com essa navalha?

CARMELITA

É meu porco!

ADÉLIA

Seu, não, meu. Você me paga

o vidro da cristaleira?

CARMELITA

Não!

ADÉLIA

Então o porco é meu!

FREI ROQUE

É mesmo! É dela e acabou-se.

Quem deu prejuízo, paga.

Júlia

E meu marido? Como é?

Frei Roque

Carmelita, o que foi isso?
Você tinha prometido
a mim que não se metia
para o lado dos casados.
Você não me prometeu?

Carmelita

Prometi.

Frei Roque

Ao menos isso
me lembro que prometeu.
E como é que agora quer
tomar Manuel da mulher?

Carmelita

Não sou eu que quero não,
é ele!

Frei Roque

E por que você
não dá logo o fora nele?

Carmelita

Não, Frei Roque, assim também...
Ele é tão entusiasmado!
Um dia, eu estava em casa,
perto ali do corredor
que leva para meu quarto,
não sabe onde é, Ivo?

Ivo

Eu?

Eu não!

Carmelita

Manuel passou,
debruçou-se na janela
e disse: “É muito bonita!”

Júlia

Ah, safado!

Carmelita

Eu nem liguei!
No outro dia, lá estava
ele de novo na porta,
todo cheio de manejos,
com aquele entusiasmo...
Assim, não há quem resista!
Meu emprego não é esse?

Júlia

Ah, é, não é? Pois agora
a senhora se arrepende.
Está tudo muito bem.
Você é nova e bonita
eu já estou velha e estou feia.
Você não trabalha em nada,
eu trabalho de parteira.
A senhora é a catarina,
eu não passo da caseira.
Mas apareceu um fato
com que você não contava.

Eu vendi minha alma ao Diabo,
o juiz mandou citá-lo
e ele aparece aqui já.

CARMELITA

Pra quê?

JÚLIA

Para carregar
você e aquele safado.

CARMELITA

O Diabo não vem!

JÚLIA

Ah, vem!

IVO

Vem nada! Ô Dona Júlia,
por que não vai pela lógica?

JÚLIA

Por lógica uma pinoia!
Se fosse pra ir por lógica,
meu marido me largava
mesmo, que eu estou velha e feia.

MANUEL

Mas Júlia que besteira, essa!
Você não tem nada, nada
de velha e feia!

JÚLIA

Desaba!
Vá pra lá, safado ruim!
Olhando o mundo com lógica,
tudo vira disparate!

Agora, se eu deixo a lógica
e sigo meu disparate,
então fica tudo claro.
Eu sou de Deus!

CARMELITA

Se a senhora
é de Deus, por que é que chama
o Diabo pra carregar
quem também foi sempre dele?

JÚLIA

Foi você quem me meteu
nessa encrenca, desgraçada!
Pode ser que eu me desgrace,
mas vocês dois vão também!
E vai ser aqui, agora!
O Diabo já vem chegando
e vai carregar vocês!

ORLANDO

Meu Deus, meu Deus! Que desordem!

JÚLIA

Pois seja ordem ou desordem,
seja disparate ou lógica,
já comecei, vou ao fim!
Demônio! Pai da mentira,
dragão cego e peçonhento,
cobra cruel e maligna!
Já que minha alma perdi,
execute o que pedi!

(A luz baixa. Trovões e raios. SEVERINO entra, disfarçado de Diabo. FREI ROQUE é o primeiro a correr, trepando-se num móvel.)

Frei Roque

Valha-me Nossa Senhora!
São Francisco! São Francisco!
(Todos correm, menos Ivo e o Doutor Orlando.)

Orlando

Que foi isso? Que barulho!
Um vulto escuro! É o caixão!

Frei Roque

Caixão que nada, é o Diabo!

Orlando

Ai!

Ivo

Amigos, tenham lógica!
É uma alucinação!

Frei Roque

De que jeito, se eu estou vendo?

Orlando

Eu também, olhe ele ali!
(Aponta o lado contrário.)

Ivo

Se é isso, eu também
estou vendo o Diabo ali!
Mas é alucinação,
é sugestão coletiva,
causada pelas palavras
que Dona Júlia gritou!
Vamos usar nossa lógica:
se o Diabo não existe,
como pode aparecer?

SEVERINO

Não existe? Não existe
o quê, seu cabra safado!
Vou lhe mostrar como existe
ressuscitando esse morto!

MANUEL

Meu Deus, estou desgraçado!

SEVERINO

Pedro Cego, sou o Diabo!
Levante-se do caixão!
Pelas forças infernais!
Venham, demônios sangrentos!
Que sopre o fogo do inferno!
Juntem-se as carnes defuntas,
os ossos apodrecidos
e levantem Pedro Cego
do caixão em que descansa!
(*Novos raios. A luz baixa. No caixão, PEDRO CEGO se soergue, se possível com uma lanterninha acesa na boca fechada, para parecer mais com fantasma).*

IVO *(Ajoelhando-se.)*

Valha-me Nossa Senhora!
Meu Deus, tenha compaixão
desse pobre pecador!

SEVERINO

Saia! Saia, Pedro Cego,
vá sentar-se em seu lugar!

IVO

Ai! Meu Deus!
(Corre para junto dos outros.)

ORLANDO

Que foi? É o porco?

MANUEL

Porco que nada, é o Diabo.
Ressuscitou Pedro Cego!

ADÉLIA

Ai, minha Nossa Senhora!

CARMELITA

Valha-me Deus!

JÚLIA

Meu Jesus!

FREI ROQUE

São Francisco!

IVO

São Francisco!

JÚLIA

Diabo safado, por que
não carregou meu marido?

SEVERINO

Porque não pude.

JÚLIA

Não pôde?
Que Diabo safado é esse?

SEVERINO

Quando foi que a senhora
me encarregou de levá-lo?

JÚLIA

Foi ontem à meia-noite!

SEVERINO

Acontece que ele estava

em confissão, com Frei Roque.
Por isso, não tive força
pra levá-lo para o inferno!

JÚLIA

Ele estava com Frei Roque?
Você não me deixou ontem
pra viver com essa catraia?

MANUEL

Mas Júlia, que violência!
Não está vendo que eu não ia
largar uma mulher tão boa?

JÚLIA

E por que foi que você
não foi dormir lá em casa?

MANUEL

Eis Frei Roque aí de prova!
Estava me confessando.

JÚLIA

Quem já viu uma confissão
entrar pela noite adentro
e seguir pelo outro dia?

MANUEL

Chegou-se num certo ponto
em que nós dois não pudemos
fazer acordo.

JÚLIA

Que foi?

MANUEL

Digo, Frei Roque?

Frei Roque

Sei lá!

Se quiser, diga! Eu não posso!

Manuel

Frei Roque só concordava
em me dar absolvição
se eu largasse Carmelita.
E eu podia lá deixá-la!

Carmelita *(Caricosa.)*

Esse Manuel! Obrigada!

Júlia

Peste! Canalha! E o Diabo
que é que me diz disso tudo?

Severino

Digo que vim cá buscá-la.
Você me deu sua alma:
foi isso que vim buscar.

Carmelita

Boa, seu Diabo! Essa Júlia
queria me desgraçar,
ela é quem vai pra o inferno.
Eu me caso com Manuel.
Você me dá uma casa?

Manuel

Você se zanga comigo,
Júlia, mas que ela é bonita,
isso é! É formidável!

Severino

Sim, mas chegue, D. Júlia!

Com o Diabo, invocou, trocou;
e, se prometeu, pagou.
Venha para o inferno! *(Agarra-a.)*

JÚLIA

Ai, ai!
Seu Diabo, faço um acordo!

SEVERINO

Qual é?

JÚLIA

Me deixe e carregue
Doutor Orlando! Foi ele
quem fez sua citação!

SEVERINO

Foi ele quem me citou,
mas foi você, Dona Júlia,
quem fez o requerimento.
Eu vou pela lei: contrato
é contrato e a senhora
me prometeu sua alma!

IVO *(Aproximando-se.)*

Como é? Então o senhor
não pede mais que justiça?

SEVERINO

Não peço mais que justiça.
O povo me calunia,
mas todos os meus combates
são feitos pela justiça.

IVO

Quer dizer que o senhor

só quer levar Dona Júlia
pelos termos do contrato!
Esse contrato foi feito
aqui na comarca?

Severino

Foi.

Ivo

O senhor não mora aqui,
mas o Código Civil
ensina no Artigo 12:
"É competente a autoridade
judiciária brasileira
quando for o réu domiciliado
no Brasil ou aqui tiver de
ser cumprida a obrigação."

Severino

É da lei de Introdução,
conheço.

Ivo

Aqui tem de ser
cumprida a obrigação.
Então o Doutor Orlando,
magistrado aqui presente,
é competente no pleito.
Reconhece?

Severino

Reconheço.
Mas acontece, Doutor,
quem foi citado fui eu

e meu domicílio é outro.

Ivo

O Código de Processo
Civil já estabelece
no Artigo cento e quarenta
e oito, inciso primeiro:
“a competência do juiz
se prorroga quando o réu
não opuser exceção
declinatória de foro”.
O senhor opõe?

Severino

Eu não.

Ivo

Então, Seu Doutor Diabo,
Vossa Excelência desculpe,
mas acaba de entrar
no meu domínio: o da lógica!

Severino

Esse é meu campo também.

Ivo

Ah, é? Então estou em casa.
É um duelo de juristas!
Vamos por partes! Você
precisa de um defensor.
Tem dinheiro?

Severino

Não, mas posso
aqui, num passe de mágica,

conseguir o que quiser.

Ivo

Dinheiro falso! Isso é crime.
Vá anotando, Doutor.
Eu digo é dinheiro mesmo,
do tesouro do Brasil.

Severino

Desse, não tenho um tostão.

Ivo

Tem que ser por assistência.
Indique seu defensor
para o juiz nomear.
Quem escolhe?

Severino

Belzebu!

Ivo

Não está matriculado
na Ordem dos Advogados.
Doutor, nomeie Frei Roque!

Frei Roque

Eu? Não! Também não estou
matriculado na ordem.

Ivo

A lei de Assistência indica:
na falta de advogado
pode ser qualquer pessoa.

Severino

Se é assim, Belzebu pode.

Ivo

Eu disse qualquer pessoa.
Vamos por lógica: o Código
diz lá no artigo quarto:
"A personalidade civil
do homem começa do
nascimento com vida".
Belzebu já teve mãe?

SEVERINO

Não.

IVO

Então não é pessoa!
Não pode: é assombração.
Nomeie Frei Roque, Doutor.

FREI ROQUE

Era o que faltava! Um filho
de São Francisco acabar
como advogado do Diabo!
Não aceito! E se aceitasse
era pra ser promotor!

IVO

Então nomeie Pedro Cego,
que deve um favor ao Diabo.

ORLANDO

Você aceita, seu Diabo?

SEVERINO

Aceito, sim. Meu direito
é tão bom que não preciso
de nenhum advogado!

ORLANDO

Então está nomeado:
Pedro Cego é o defensor.

Ivo

Vamos então pela lógica.
Quer dizer que o senhor acha
que minha constituinte
contraiu uma obrigação.

Severino

Acho, ela me prometeu
a alma.

Ivo

Foi um contrato?

Severino

Não houve contrato escrito,
mas que ela jurou, jurou.

Ivo

Concorda, Pedro? Concorda.
O Código Civil ensina:
"Artigo 1079: A manifestação
da vontade nos contratos
pode ser tácita quando a lei
não exigir que seja expressa."

Severino

Eu também, por mim, concordo!
Nosso contrato foi tácito.

Ivo

Muito bem, gostei de ver!
O senhor vai pela lógica!

Severino

Não lhe disse?

IVO

Pois então,
caro Doutor Satanás,
vamos de novo pra o Código.
"Artigo 1079: Nos contratos
bilaterais, nenhum dos contraentes
antes de cumprir sua obrigação
pode exigir o implemento"...
Que belo nome, implemento!
"... pode exigir o implemento
da do outro".
Concorda? Pedro concorda!
O senhor não carregou
a catarina e Manuel:
não pode exigir, portanto,
que minha constituinte
lhe entregue a alma de graça.
Seu defensor, Pedro Cego,
como homem inteligente
continua a concordar!
(Para ORLANDO.)
Doutor, tendo apresentado
as razões, e o defensor
da outra parte concordado,
peço que julgue a favor
da minha constituinte.

ORLANDO

Deferido! O doutor Diabo

não pode mais carregá-la
pois não cumpriu sua parte
no contrato que firmou.

Severino

Ah, é assim, não é? Bem,
se não pode ir a cliente,
carrego o advogado!

Ivo

Não fiz contrato nenhum!

Frei Roque

Mas vai somente por causa
do ateísmo, sem-vergonha!

Severino

O senhor agora vai
ver para que serve a lógica!
(Agarra-o.)

Ivo

Minha Nossa Senhora! Eu,
levado para o inferno!
Já viu coisa mais sem lógica?
Doutor Frei Roque, me acuda,
pelo amor de São Francisco!

Júlia

Frei Roque, se compadeça
de Doutor Ivo, tão magro,
tão miúdo e amarelo!

Frei Roque

Um ateu!

Ivo

Eu me arrependo!

Frei Roque

Ah, então acudo! Diga:
Renuncio ao ateísmo!

Ivo

Renuncio ao ateísmo!

Frei Roque

Cristo era o filho de Deus!

Ivo

Cristo era o filho de Deus!
Homem, deixe de ser ruim!
Venha, se não, não dá tempo!

Frei Roque

Dá tempo, dá! Diga mais:
Renuncio a Satanás.

Ivo

Isso é que é falta de lógica!
É claro que eu renuncio!
Essa desgraça é que não
quer renunciar a mim!

Frei Roque

Isso é comigo!

(Salta do lugar onde está, com uma cruz na mão e pronuncia palavras em latim. O Diabo solta Ivo e vai recuando.)

Severino

Frei Roque,
então deixe eu carregar
Manuel Souza.

Frei Roque

Concedido!

MANUEL

Eu estou em confissão!

FREI ROQUE

Eu encerro a confissão.

SEVERINO

Venha já!

MANUEL

Doutor Frei Roque,
me acuda! Eu peço por Deus!

FREI ROQUE

Renuncia a Carmelita?

MANUEL

Carmelita, adeus! Adeus!
Mulher extraordinária!
Que dura lei! Dar adeus
a todos esses deleites,
a essa mata de ouro
por onde erramos, perdidos,
com a lembrança da cobra,
de outros bichos esquisitos
e de frutos sumarentos!
Adeus, meu anjo! Estou pronto!
Renuncio, sim senhor!

FREI ROQUE

Para sempre?

MANUEL

Para sempre!
Ai, Frei Roque, lá vou eu!

FREI ROQUE

Vou já na fachada dele!

(Mesma cena.)

Severino

É, Frei Roque, se é assim,
se perdi o advogado,
a caseira e o marido,
então deixe pelo menos
eu levar a catarina.
Quero essa mulher notável
Só pra mim, lá no inferno!

Carmelita

Oxente, seu Diabo! Deixe
de ser tarado! É assim?

Severino

Eu quero essa para mim.
Posso levar?

Frei Roque

Leve, leve!

(Severino agarra Carmelita.)

Carmelita

Mas Frei Roque, que maldade!
Ai! Ai! Frei Roque, me acuda!

Frei Roque

Você vai deixar Manuel?

Carmelita

Vou! Me livre, enquanto é tempo!

Frei Roque

Então está ganha a partida!
Fora daqui, Diabo besta,

Diabo de meia-tigela!
Fora, fora, fora, fora!
(Tira o cordão da cintura e dá uma pisa no Diabo, que dá um estouro e sai.)
Muito bem: com São Francisco
a vitória foi completa.

ORLANDO

Nunca vi maior desordem!

FREI ROQUE

Desordem por quê, Doutor?
Terminou como devia.
Júlia ganhou o marido,
Manuel ganhou a mulher,
Adélia ganhou seu porco...

CARMELITA

É, mas eu perdi o meu!

ORLANDO

Isso aí, deixe comigo.
A verba que ia ser gasta
no enterro de Pedro Cego
pode pagar o seu porco.
(SEVERINO volta e fica no limiar.)

FREI ROQUE

Então está tudo em paz.
Salvamos um casamento
e temos o nosso Ivo
convertido à nossa Igreja.

IVO

O senhor não tem vergonha

de usar assim o Diabo
para converter os outros
não, Frei Roque?

Frei Roque

Diabo nada!
Aquilo era lá o Diabo!
Aquilo foi artimanha
tramada por Dona Júlia
pra Manuel voltar pra casa.

Júlia

Por mim?

Frei Roque

Dona Júlia, saiba
que eu não sou menino não!
Aquele era Severino
disfarçado de Demônio!
Que Diabo coisa nenhuma!
O Diabo é coisa tão séria!
Aquele era apalhaçado!
Primeiro, fiquei com medo.
Mas quando o vi discutindo,
chicanando e futucando,
vi que era, ou advogado,
ou oficial de justiça.
Olhei em volta da sala
e notei que Severino
não tinha ainda voltado.
Aí foi que descobri:
ele se disfarçou todo

mas se esqueceu de trocar
a alpercata de rabicho.

ORLANDO

Por que não nos avisou?

FREI ROQUE

Resolvi aproveitar
pra salvar o casamento
de Manuel e Dona Júlia
e converter Doutor Ivo.
Me diga: foi isso mesmo?

JÚLIA

Foi. Sabendo da audiência,
da confissão de Manuel,
da vinda de Carmelita,
dei dinheiro a Severino,
que se saiu muito bem.

IVO

E Pedro Cego?

JÚLIA

Também
recebeu dinheiro, fez-se
de morto e o enterro
saiu lá de minha casa.
Era preciso um milagre,
uma assombração assim,
pra acreditarem no Diabo.

ORLANDO

Essa é a maior desordem
de que já ouvi falar.

Você, Ivo, que me diz?
Mantém sua conversão?

IVO

Sabe do que mais, Doutor?
Mantenho!

ORLANDO

Mesmo depois
de saber que foi embuste?

IVO

Mesmo assim. Eu vou por lógica.
O empecilho maior
que eu tinha, para aceitar
as coisas todas de Deus,
era a vergonha de ter
de renunciar à lógica.
Acontece que eu agora
já aceitei publicamente,
já passei pela vergonha.
Volte eu atrás ou não,
quem tiver de me gozar
vai gozar de todo jeito.
Então vou até o fim.
Mesmo que não fosse o Diabo,
já fiz o negócio público.
Entro na tropa de Deus.
E se não existir nada,
eu também não perco nada.
Se existir, estou com tudo:
é uma questão de lógica.

MANUEL

O mesmo dizemos nós!

FREI ROQUE

Pois desse tipo de lógica
Deus gosta e meu São Francisco
também gosta, que o temor
de Deus é sempre o princípio
de toda a sabedoria.

ORLANDO

A audiência terminou.
Vamos para nossas casas.

FREI ROQUE

Não. Todos vão para a igreja.
Vão todos se confessar.

CARMELITA

Eu, com a verba do meu porco. *(Sai.)*

JÚLIA

Eu, com o peste do marido,
Com esse bicho miserável
que não vale mesmo nada!

MANUEL

Eu, com minha santa Júlia,
meu tesouro, minha amada!

JÚLIA

Safado! *(Sai.)*

MANUEL

Querida! *(Sai.)*

FREI ROQUE

Eu saio

com um serviço prestado! *(Sai.)*

IVO

Eu, convertido e com lógica! *(Sai.)*

SEVERINO

Eu e Pedro com o dinheiro
tão honestamente ganho.
Pedro concorda? Concorda! *(Saem.)*

ORLANDO

Muito bem, todos lucraram.
Adélia ganhou seu porco,
a caseira, seu marido,
a catarina, sua verba.
Ivo ganhou sua fé,
Frei Roque ganhou sua alma,
Severino, seu dinheiro,
Manuel ganhou a mulher,
e eu posso continuar
a tomar o meu clister.

PANO.

ARIANO SUASSUNA

A História do Amor de Romeu e Julieta

1996

A História do Amor de Romeu e Julieta

Imitação Brasileira de Matteo Bandello

A História do Amor de Romeu e Julieta foi encenada em 1996 por Romero de Andrade Lima — teatro e vídeo —, a partir do Folheto intitulado O Romance de Romeu e Julieta, de autor desconhecido, mas publicado pela Tipografia São Francisco, de José Bernardo da Silva, Juazeiro do Norte, Ceará, 21 de janeiro de 1957.

PERSONAS DRAMÁTICAS:

ANTERO SAVEDRA, 1º CORO.

DOM PANTERO, 2º CORO.

O DUQUE CAPULETO

O CONDE MONTÉQUIO

ROMEU, MENINO

TRÊS CARRASCOS

ROMEU, ADULTO

MERCÚCIO

MÚSICOS, BAILARINOS E BAILARINAS

JULIETA

TEOBALDO

O PADRE

A CRIADA

FIGURANTES

A ação decorre em Verona e Mântua, ou seja, no Recife e em Olinda. Na versão teatral, deve ser instalado um pequeno Palco dentro do maior. No menor é que surgirão os Bonecos que, conduzidos por Atores, repetirão, para Romeu, adulto, a cena que ele viu em criança. Também nele é que acontecerá a noite de núpcias de Romeu e Julieta. Deve haver também, no Palco maior, duas cadeiras, nas quais se sentarão Antero Savedra e Dom Pantero nos momentos em que o Coro emudece e falam os Personagens.

Depois da Primeira-Cadência-de-Moralidade pronunciada por ANTERO SAVEDRA, os Músicos, como Abertura, tocam o "Romance de Minervina".

DOM PANTERO

Vou contar, neste Romance,
a história de Romeu.
A sua curta existência,
e tudo o que padeceu.
Foi a história mais tocante
que a minha Pena escreveu.
É uma história conhecida
em quase toda Nação.
No Teatro e no Cinema,
tem causado sensação,
deixando amargas lembranças
no mais brutal coração.
O que sofreu Julieta,
quem, como eu, já tem lido
todo o seu padecimento
como foi acontecido,
depois de seis, sete anos,
inda não está esquecido.
Verona, antiga cidade
da Província italiana,
foi berço dos Capuletos,
aquela raça tirana,
inimiga dos Montéquios,
família honesta e humana.

O Duque de Capuleto,
que tinha grande poder,
queria, ao Conde Montéquio,
aniquilar e vencer.
Os dois viviam sonhando
ver um ou o outro morrer.
Ali, tudo era desgosto,
intriga e rivalidade.
Um dia, corre a notícia
que assombrou toda a cidade,
notícia que era o começo
da grande fatalidade.
Romeu tinha quatro anos
quando veio um pelotão,
mandado por Capuleto
por uma cruel traição.
Nesse dia foi Montéquio
trancado numa Prisão.
Ficou o Conde Montéquio
naquela Prisão sombria.
Ali, ele ignorava
se era de noite ou de dia.
Era preso e acorrentado:
nem se mexer não podia!

Montéquio

Aqui estou acorrentado,
sem socorro de ninguém.
Aqui estou aprisionado,
sem saber como e por quem!

E, ah meu Deus, minha mulher
vem ali, presa também!
Que dor no meu coração
ao ver minha Esposa amada,
trazida por três Carrascos,
um de lança, dois de espada!
E ela com Romeu nos braços,
triste, só e abandonada!

CONDESSA

Eu te abraço, meu Marido,
minhas queixas relatando!
Vê nosso filho Romeu
que, inocente, está chorando!

CAPULETO

Aqui é chegada a hora
de na Prisão ir entrando!
Montéquio, agora me pagas,
hoje eu hei de me vingar!
Um dia, jurei vingança
e agora vou te mostrar
o furor da minha ira
a que ponto vai chegar!
Estás aí, prisioneiro,
pra mim não tens cotação.
Vou decidir tua sorte,
tenha ou não tenha razão!
A vida de tua Esposa
está aqui, na minha mão!
Tua querida Mulher

vai morrer, para teu mal!
Talvez ela nem mereça
este golpe tão fatal.
Vai morrer em tua vista,
cravada por meu Punhal!

MONTÉQUIO

Eu te digo, Capuleto:
tu roubaste o meu direito!
Prendeste-me à traição,
és um Duque sem conceito!
Mata-me a mim! Que ela viva,
e eu morrerei satisfeito!

CAPULETO

Montéquio, eu vou matá-la,
não adianta chorar!
Te odeio profundamente,
mas vivo vou te deixar,
para que a morte dela
tu sempre possas lembrar.

CONDESSA

Ah, meu Deus, que sina triste!
me sinto desfalecida!
Olho aqui para meu filho,
por ele choro, sentida,
pois vejo que não me resta
nem meia-hora de vida!

CAPULETO *cochicha ao ouvido de um dos Carrascos, o qual arranca* ROMEU *dos braços da Mãe.*

CAPULETO

A teus pedidos, Montéquio,

meu sangue não atendeu!
Já ordenei ao Carrasco,
que logo me obedeceu!
Dos braços de sua Mãe
foi arrancado Romeu!
O Pai dele está aí,
infeliz e acorrentado!
Tu, Mulher, vem para cá,
aqui, pr'este outro lado,
que é pra teu Marido ver
como, em ti, serei vingado!
Eu já tirei meu Punhal,
que à cintura carregava.
Já cravo no peito dela
— era o que sempre jurava!—
e o Punhal já vai rangindo,
enquanto o sangue golfava!

CONDESSA

Senhor Duque Capuleto,
seu coração é perverso!
Tenha dó do meu filhinho,
que ainda dorme de berço!

CAPULETO

Não! Vou calcar o Punhal
para entrar até o terço!

CONDESSA

Com a dor da punhalada
meu corpo se estremeceu!
Adeus, meu querido Esposo,

cuida do nosso Romeu!
Diz a Romeu que a Mãe dele,
sendo inocente, morreu!

Os Músicos repetem a primeira frase do "Romance de Minervina".

CAPULETO

Já está morta a Condessa,
prostrada na laje fria!
Vou arrancar o Punhal,
onde o sangue já esfria.
E mostro ao Marido dela
que foi como eu garantia!
Então, querido Montéquio,
já conheces quem sou eu?
Guarda o Punhal para ti:
agora o Punhal é teu!
Quando teu filho crescer,
dá de presente a Romeu!
O corpo, aqui, da Condessa,
não o deixo sepultar!
Vocês, Carrascos, o levem
pela rua, a se arrastar!
Depois, coloquem num saco
e joguem dentro do Mar!

Os Músicos repetem a primeira frase do "Romance de Minervina".

DOM PANTERO

Aí, tendo praticado
tamanha barbaridade,
Capuleto foi pra casa.
Quando chegou à cidade,

deu ordem pra que Montéquio
fosse posto em liberdade.
Montéquio, desesperado,
saiu daquela Prisão,
dando uma mão para o filho,
com o Punhal na outra mão.
Foi chorar a sua sorte,
sozinho, na solidão.
— Dezesseis anos passaram! —
Romeu via sempre o Pai
muito triste, a suspirar.
O filho, no seu segredo
não podia penetrar.
Como o Pai nunca se abria,
Romeu não quis perguntar.
Quando o Conde achou que o filho
era capaz de razão,
e, pr'a vingança, podia
tomar uma decisão,
chamou-o secretamente,
fez-lhe a comunicação.

Com os Músicos tocando a primeira estrofe do "Romance de Minervina", abre-se a cortina do Palco menor. O Ator que faz MONTÉQUIO *retira-se com* ROMEU *para junto de* ANTERO SAVEDRA *e* DOM PANTERO*, e os quatro passam a formar uma espécie de pequeno público para a representação dos Bonecos. A critério do Encenador, a cena que se segue pode ser muda, caso em que os Bonecos atuarão ao som da música, que continua.*

MONTÉQUIO-BONECO

Aqui estou acorrentado,
sem socorro de ninguém.
Aqui estou aprisionado,
sem saber como e por quem!

E, ah meu Deus, minha Mulher
vem ali, presa também!
Que dor no meu coração
ao ver minha Esposa amada,
trazida por três Carrascos,
um de lança, dois de espada!
Ela com Romeu nos braços,
triste, só e abandonada!

CONDESSA-BONECA

Eu te abraço, meu Marido,
minhas queixas relatando!
Vê nosso filho Romeu
que, inocente, está chorando!

CAPULETO-BONECO

Aqui é chegada a hora
de na Prisão ir entrando!
Montéquio, agora me pagas,
hoje eu hei de me vingar!
Um dia, jurei vingança,
e agora vou te mostrar
o furor da minha ira
a que ponto vai chegar!
Estás aí, prisioneiro,
pra mim não tens cotação.
Vou decidir tua sorte,
tenha ou não tenha razão!
A vida de tua Esposa
está aqui, na minha mão!
Tua querida Mulher

vai morrer, para teu mal!
Talvez ela nem mereça
este golpe tão fatal.
Vai morrer em tua vista,
cravada por meu Punhal!

MONTÉQUIO-BONECO

Eu te digo, Capuleto:
tu roubaste o meu direito!
Prendeste-me à traição,
és um Duque sem conceito!
Mata-me a mim! Que ela viva,
e eu morrerei satisfeito!

CAPULETO-BONECO

Montéquio, eu vou matá-la,
não adianta chorar!
Te odeio profundamente,
mas vivo vou te deixar,
para que a morte dela
tu sempre possas lembrar.

CONDESSA-BONECA

Ah, meu Deus, que sina triste!
Me sinto desfalecida!
Olho aqui para meu filho,
por ele choro, sentida,
pois vejo que não me resta
nem meia-hora de vida.

Aqui, os bonecos repetem a cena de CAPULETO cochichando ao ouvido de um dos Carrascos.

CAPULETO-BONECO

A teus pedidos, Montéquio,

meu sangue não atendeu!
Já ordenei ao Carrasco,
que logo me obedeceu!
Dos braços de sua Mãe
foi arrancado Romeu!
O Pai dele está aí,
infeliz e acorrentado!
Tu, Mulher, vem para cá,
aqui, pr'este outro lado,
que é pra teu Marido ver
como, em ti, serei vingado!
Eu já tirei meu Punhal,
que à cintura carregava.
Já cravo no peito dela
(era o que sempre jurava!)
e o Punhal já vai rangindo,
enquanto o sangue golfava!

CONDESSA-BONECA

Senhor Duque Capuleto,
seu coração é perverso!
Tenha dó do meu filhinho,
que ainda dorme de berço!

CAPULETO-BONECO

Não! Vou calcar o Punhal
para entrar até o terço!

CONDESSA-BONECA

Com a dor da punhalada,
meu corpo se estremeceu!
Adeus, meu querido Esposo,

cuida do nosso Romeu!
Diz a Romeu que a Mãe dele,
sendo inocente, morreu!

Os Músicos repetem a primeira frase do "Romance de Minervina".

CAPULETO-BONECO

Já está morta a Condessa,
prostrada na laje fria!
Vou arrancar o Punhal,
onde o sangue já esfria.
E mostro ao Marido dela
que foi como eu garantia!
Então, querido Montéquio,
já conheces quem sou eu?
Guarda o Punhal para ti:
agora o Punhal é teu!
Quando teu filho crescer,
dá, de presente, a Romeu!
O corpo, aqui, da Condessa,
não o deixo sepultar!
Vocês, Carrascos, o levem
pela rua a se arrastar!
Depois, coloquem num saco
e joguem dentro do Mar!

Os Músicos tocam a primeira frase e a primeira estrofe do "Romance de Minervina". Fecha-se a cortina do Palco menor e o MONTÉQUIO-ATOR *continua a narração para o* ROMEU-ATOR.

MONTÉQUIO

Romeu, foi este o Punhal
que a tua Mãe matou!
Faz hoje dezesseis anos

que tua Mãe expirou,
morta por este Punhal
que o próprio Duque cravou!
Ouve, meu filho, o que digo,
presta-me toda atenção!
O Duque de Capuleto
tem a nossa maldição,
pois tua Mãe, minha Esposa,
matou sem ter compaixão!
O Duque de Capuleto,
por meio de covardia,
mandou prender-me à traição,
pois eu de nada sabia!
Brutalmente me trancou
numa cruel Enxovia!
Depois, matou tua Mãe,
fez esta barbaridade!
Só então foi para casa,
e, ao chegar à cidade,
deu ordem para que eu fosse
colocado em liberdade.
Meu filho, foi quase morto
que eu saí da Prisão!
Uma mão eu dava a ti,
com o punhal na outra mão!
Vim sofrer a dura sorte,
aqui nesta solidão!
Hoje inda choro, Romeu,
a nossa infelicidade!

Tenho te dado instrução
só por força de vontade!
Desde aquele dia vivo
fora da sociedade!
Isto que te digo agora,
guardei na minha lembrança.
Passaram dezesseis anos,
eras ainda criança!
Meu filho, o tempo é chegado:
exijo nossa vingança!
É preciso que tu vingues
a tua Mãe mal-fadada!
Meu filho, toma o Punhal:
ela tem de ser vingada!
Parte, Romeu, sem demora!
Sai da sombra! Parte, vai!
Mata o Duque! Só assim
a minha dor se retrai!
Mata o Duque! É o que te pede
o coração de teu Pai!

Romeu

Eu recebo este Punhal
que o meu sangue derramou!
Beijando a Cruz de seu cabo,
juro o que meu Pai jurou!
Mato o Duque com o Punhal
que a minha Mãe me roubou!

Montéquio

Recebo teu juramento

com muita satisfação,
pois vais cumprir a vingança
que te dei como missão!

Romeu

Sim, eu juro a meu bom Pai
que vingo a sua Paixão!

Dom Pantero

No outro dia, Romeu,
com um amigo dedicado,
viajou para Verona
e o castelo do Ducado.
Dizia para o amigo
que o Pai seria vingado.
Este amigo, de quem falo,
e que ia com Romeu,
junto a ele se criara,
junto com ele cresceu.
Eram como dois irmãos:
Mercúcio era o nome seu.
No dia em que os dois chegaram
lá nas terras do Ducado,
o aniversário da filha
do Duque era celebrado.
O Castelo estava em festa,
ricamente embandeirado.
Romeu saltou do cavalo
e combinou com o amigo.
Entraram lá, disfarçados,
naquele Castelo antigo,

pois ambos eram valentes,
não fugiam do perigo.
Os que estavam na festa,
tinham ido mascarados.
Assim fizeram os dois:
entraram fantasiados,
ambos de Castelo adentro,
em capotes, embuçados.
Dentro, tudo era alegria,
muitos rapazes dançavam.
Algumas moças, sentadas,
com seus noivos conversavam.
Tocavam alguns dos Músicos,
outros, alegres, cantavam.

Os Atores e Bailarinos dançam ao som de "Bernal Francês", que pode ser tocado com a música do "Romance da Bela Infanta", pois ela permite variação de ritmo.

Romance de Bernal Francês

— Quem bate na minha porta?
Quem bate? Quem está aí?
— É Dom Bernaldo Francês,
sua porta mande abrir!
— No descer da minha Cama,
eu rompi o meu Frandil.
No descer da minha Escada,
me caiu o meu Chapim.
No abrir da minha Porta,
apagou-se o meu Candil.
Eu te pego pela mão,
te levo no meu Jardim,
te faço Cama de rosas,

travesseiro de Jasmim.
Te lavo em água de cheiro,
te deito em cima de mim.
— Deixem que volte de novo,
com minha Capa a cair.
Quero ver se a minha Dama
inda se lembra de mim!
— Tua Dama, Cavaleiro,
está morta, que eu já vi.
Os sinais que ela levava
vou dizer agora aqui.
Os sinos que lhe tocaram
por minha mão os tangi.
O Caixão em que a enterraram
era de ouro e marfim.
Palavras não eram ditas,
morre Bernal, no Jardim.
Esta foi a sua história,
foi este o seu triste fim.

Dom Pantero

A filha de Capuleto,
a formosa Julieta,
dançava com um rapaz
que vestia roupa preta.
Tinha ao seio, por enfeite,
um cacho de violetas.

Romeu

Meu Deus, estou encantado
com toda aquela beleza!

Aquela Moça parece
uma Fada, uma Princesa!
Mercúcio, quem é aquela?
Quem é aquela lindeza?

Mercúcio

É filha de Capuleto!
O leque que ela trazia
caiu de sua bela mão,
quando, há pouco, se movia!

Romeu

Eu vou lá! Vou apanhá-lo!
(Entregando o leque.)
O leque lhe pertencia?

Julieta

Sim, o leque me pertence!
Muito obrigada, Senhor!
Em paga da gentileza
queira aceitar esta Flor:
receba esta Violeta
em troca do seu favor!

Romeu

Eu beijo esta doce Flor
de perfume delicado!
Vou guardá-la junto ao peito,
com todo amor e cuidado,
como se fosse uma Joia
que aqui eu tivesse achado.
Eu não penso mais na jura
que fiz a meu velho Pai!

Pois o Amor é água pura
que em nossas almas cai,
e o desejo de vingança
na sede do Amor se esvai!
Deixe a dança, Julieta,
finja que vai passear.
Guardo comigo um segredo
que a você vou revelar.
Vá lá para a outra Sala:
me espere, que chego lá!

Julieta

Sinto que empalideci,
que estou da cor de um Jasmim!
Para a outra Sala, não:
é melhor lá no Jardim!
Lá tu podes me dizer
o que desejas de mim!
Há pouco, quando falavas,
o meu peito estremecia!
Como te chamas?

Romeu

Romeu!

Julieta

Pois, Romeu, não sei se vias
que vieste me salvar
da tristeza em que eu vivia!
Que é que tens pra me dizer?

Romeu

Escuta, linda Criança!

Eu vim tomar de teu Pai
a mais dura das vinganças.
Mas o Punhal com que eu vinha,
deponho ante as tuas tranças!
Diante de tal beleza,
sinto meu peito chagado!
Por teus olhos verde-azuis,
eu fiquei enfeitiçado.
Eu estou louco de amor!
Estou cego, apaixonado!
Teu Pai matou minha Mãe,
quando eu era menino.
Jurei vingar essa morte,
porém decreta o Destino
que tudo seja esquecido,
ante teu rosto divino!
Serei perjuro! Jamais
a meu Pai eu voltarei!
A teus pés, divina imagem,
o teu Escravo serei!
Juro que junto de ti
viverei e morrerei!
Pois bem, Julieta: agora
eu quero este Amor selar!
Quero em tua linda boca
um beijo depositar!

JULIETA

O que é isto? Sem pudor,
eu já me deixo beijar?

ROMEU

Existe, só, um remédio
pra aliviar o pudor:
é repetirmos o beijo,
agora com mais calor!

JULIETA

Meu Deus, eu me sinto tonta!
Foi a dança ou é o Amor?

ROMEU

Julieta, quem é este
que sai ali, de um recanto,
pior que um Tigre feroz,
cheio de raiva e de espanto?

JULIETA

É o Marquês Teobaldo,
meu primo! Te odeia tanto!

TEOBALDO

Romeu, que fazes aqui?
Responde-me, miserável!
Que vieste procurar?
Teu sangue é sangue execrável!
Sai daqui, senão a morte
é teu fim inevitável!
Julieta, vai também,
senão serás arrastada!

JULIETA

Não, Romeu, não lhe respondas!
Meu primo, guarda a Espada!

TEOBALDO

Não desobedecerás
à minha ordem, já dada!

ROMEU

Teobaldo, Teobaldo!
Não toques nem sua mão!
Se tu deres mais um passo,
cairás morto no chão!
Pois minha Espada certeira
cortará teu Coração!

Os dois lutam.

JULIETA

Meu Deus! Romeu e Teobaldo
cruzam já suas Espadas!
Já sinto que vou cair
sobre o solo desmaiada!

Cai. ROMEU *mata* TEOBALDO. JULIETA *recobra os sentidos.*

Meu Deus, o que se passou?
A luta está terminada!
Teobaldo já caiu,
por um golpe traspassado!
O pano de sua roupa,
já está de sangue molhado!
E Romeu, de pé, contempla
o seu ferro ensanguentado!
Já lá chega, do Castelo,
o pessoal que dançava!

CAPULETO

O que foi que houve aqui?
Quem foi que tais gritos dava?

O quê? Teobaldo morto?
Meu sobrinho que eu amava?
Prendam já este assassino,
e levem para a Prisão!
Vai ser condenado à morte,
sem demora e sem perdão!
Quem derramou o meu sangue,
não merece compaixão!

Os Músicos tocam "A Rosa Roseira".

Dom Pantero

Fazia, já, sete dias
que Romeu fora detido,
quando, uma noite, ele ouviu
na Prisão grande ruído,
e apareceu Julieta,
envolta em branco vestido.

Julieta

Romeu, Romeu de minh'alma,
quanto sofri tua ausência!
Debalde pedi, por ti,
a meu Pai sua clemência!
Eu vim te tirar daqui,
desta cruel penitência!
Falei com um velho Padre,
a quem contei, lealmente,
que tinha por ti, Romeu,
uma paixão louca, ardente!
O Padre me prometeu
casar-nos secretamente!

Vem! Eu subornei os guardas:
não há ninguém nos seguindo!
Já soou a meia-noite,
os meus Pais estão dormindo!
Não tenhas medo da Noite,
pois o Luar está lindo!

Romeu

Meu Deus, que felicidade!
É a minha noiva-amante!

Julieta

Vamos lá para a Capela,
chegamos lá num instante!
Lá, o Padre nos espera,
com o Coroinha-ajudante!

Enquanto os dois se casam, na presença do PADRE, os Músicos tocam "Bernal Francês", a música da festa.

Dom Pantero

Assim, Romeu, na Capela,
com Julieta casou!
Debaixo dos pés de Cristo
foi que ele se ajoelhou
e, diante de Deus, por ela,
amor eterno jurou!

O Padre

Romeu, vou dar-lhe um conselho:
é melhor você partir.
Você deve ir para Mântua,
lá, um tempo, residir.
Prometa à sua Mulher
ir dela se despedir.

Ela sai, vai esperá-lo,
fiel, em sua janela.
Você, daqui a momentos,
vai lá, para estar com ela.
Suba o muro do Castelo
e vá para o quarto dela.

JULIETA

Romeu, vou em tua frente,
para o Castelo esperar-te.
Por enquanto, aqui tu ficas,
para o Padre aconselhar-te,
pois o Padre é nosso amigo:
o que pretende, é salvar-te!
Sai.

O PADRE

Muito bem, Romeu, meu filho!
Você agiu bem, Romeu!
Mas agora é necessário
cuidar do futuro seu.
Você não diga a ninguém
que quem os casou fui eu!
Hoje mesmo, antes que o Sol
tenha chegado a sair,
você deve ir para Mântua:
Julieta fica aqui.
Se o ambiente melhorar,
eu mandarei prevenir.
Na sua ausência, eu prometo
por Julieta velar.

O ódio de Capuleto
procurarei abrandar.
Se conseguir, a notícia
logo mando lhe levar.

ROMEU

Beijo-lhe a mão, meu bom Padre,
mas minh'alma está ferida!
Vou procurar Julieta,
vou procurar minha vida!
Sei que me arrisco, mas vou
celebrar a despedida!

DOM PANTERO

Ao chegar lá no Castelo
Romeu achou sua amada.
Julieta o esperava,
na varanda debruçada.
Romeu parecia ter
a alma toda exaltada!

JULIETA

Quem bate na minha Porta?
Quem bate? Quem está aí?

ROMEU

Ah, minha amada, é Romeu!
sua Porta venha abrir!

Abre-se a cortina do Palco menor, onde se vê uma Cama. Fala JULIETA, enquanto se encaminha para lá, com ROMEU.

JULIETA

No deitar da minha Cama,
se rompeu o meu Frandil.

No descer da minha Escada,
me caiu o meu Chapim.
Eu te pego pela mão,
tu entras no meu Jardim.
Te faço Cama de rosas,
travesseiro de Jasmim.
Te lavo em água de cheiro,
te deito em cima de mim.

Os dois entram e fecham a Cortina.

Dom Pantero

O que se passou ali
— digo ao público-auditor —
é impossível descrever,
tal foi a cena de amor!
Imagine quem já tenha
vivido um igual ardor.
Mas, pra falar do que houve,
uso um verso conhecido,
que não é da minha lavra,
pois caiu num outro ouvido.
Ele dá pálida ideia
do que ali foi sucedido.

Novamente a critério do Encenador, a cena seguinte pode ser representada pelo Ator que faz Romeu*, ou por dois Bonecos que representem o casal.* Romeu *(ou o casal de Bonecos) aparece por cima do travessão que sustém a Cortina.*

Romeu

"Eu tirei minha Gravata,
ela tirou o Vestido.
Eu, o cinto, com Revólver,
ela seus quatro Corpinhos.

As anáguas engomadas
soavam nos meus ouvidos
como um tecido de seda
por vinte facas rompido.
Eu toquei seus belos peitos
que estavam adormecidos,
e eles se ergueram, de súbito,
como ramos de jacinto.
Naquela noite eu passei
pelo melhor dos caminhos,
montado em Potrinha branca,
mas sem Sela e sem estribos.
Suas coxas me escapavam,
como Peixes surpreendidos,
metade cheias de fogo,
metade cheias de frio."

No caso de optar-se pelos dois Bonecos, fala JULIETA*:*

JULIETA

"Ele tirou a Gravata,
eu tirei o meu Vestido.
Ele, o cinto, com Revólver,
e eu, meus quatro Corpinhos.
As anáguas engomadas
soavam nos meus ouvidos
como um tecido de seda
por vinte facas rompido.
Ele tocou nos meus Seios,
que estavam adormecidos,
e eles se ergueram de súbito,

como ramos de jacinto.
Naquela noite, corri
pelo melhor dos caminhos,
montada por um Ginete,
mas sem Sela e sem estribos.
Minhas coxas lhe escapavam,
como Peixes surpreendidos,
metade cheias de fogo,
metade cheias de frio."

Dom Pantero

Então, que imagine o público
esta cena de noivado.
O tempo em que estiveram
aqueles dois abraçados.
Quantos beijos, quantos toques,
quantos êxtases trocados!
O Dia já vinha entrando
pela brecha da Alvorada.
Eles, coitados, pensavam
que inda era a Madrugada,
e Romeu, feliz, beijava
o corpo de sua Amada.
Quando, porém, conheceram
que o dia estava a chegar,
Romeu disse a Julieta:

Romeu

Eu inda estava a sonhar!
Adeus! Nessa hora triste,
eu parto, vou te deixar!

Vamos viver separados,
pois o Destino assim quis.
Eu peço a Deus que te faça,
no mundo, muito feliz.
Eu partirei para o exílio:
cumpro uma Sorte infeliz!
Se algum dia tu souberes
que eu, longe de ti, morri,
murmura a Deus uma prece
por quem tanto amou a ti.
Derrama por mim teu pranto,
que eu, por ti, muito sofri.
Quanto a mim, também te juro
que, se morreres primeiro,
sobre o teu leito de morte
eu virei, triste romeiro,
dar, abraçado contigo,
meu suspiro derradeiro.
Eu estou sentindo um triste
pressentimento de Morte.
Minh'alma, como uma Nau
que está perdida e sem norte,
vagueia num Mar imenso,
entregue a terrível sorte.
Como vai ser triste e duro
o tempo que vou passar
longe de ti, Julieta,
da bênção do teu olhar!
Adeus, enfim: vou seguir!

Adeus: eu vou te deixar!
Adeus, Verona, onde deixo
meu Sonho, minha ilusão!
Adeus casas, ruas, praças,
e aves de arribação!
Adeus, Julieta! Eu parto,
mas fica o meu coração!

Dom Pantero

Beijaram-se os dois amantes,
se abraçaram docemente.
Juraram que haveriam
de se amar eternamente.
E afinal se separaram,
chorando o Amor inocente.
Logo após Romeu deixava
a nobre e bela Morada.
Julieta, soluçando,
Na Varanda debruçada,
ficou até que Romeu
se sumiu no pó da Estrada.
Daquele dia em diante,
Julieta não mais sorriu.
Sonhando pelo Jardim,
nunca mais ninguém a viu.
Do castelo de seu Pai,
pra canto nenhum saiu.
Todos ficaram pasmados,
perante aquela tristeza.
Pensavam que era doença

sua profunda frieza.
Só à imagem de Romeu
é que se mantinha presa.
Um dia, seu Pai chamou-a
até a sua presença:

CAPULETO

Minha filha, escute aqui:
eu quero que te convenças
de que vou dar-te um remédio
pra esta tua doença!
Ontem, veio o Conde Páris
te pedir em casamento.
Por ser um moço de bem,
dei-lhe o meu consentimento.
Vou te apresentar a ele,
dentro de poucos momentos.

JULIETA

Pai, não faça esta desgraça!
Eu não quero me casar!
Eternamente solteira,
quero meus dias findar!
Somente a você, meu Pai,
é que na vida hei de amar!

CAPULETO

Não, minha filha, ouve bem:
tu deves ter um Marido!
Já dei meu consentimento
e o voto será cumprido!
Já tenho o Conde por genro,

e um genro muito querido!
Se não cumpres o mandado
que agora te faço a ti,
podes dizer para o mundo:
"Para meu Pai, eu morri!"
Pois nunca mais deitarei
minha bênção sobre ti!

Julieta

Paciência! Como Pai,
o senhor faz o que quer!
Mas eu, desse Conde Páris,
nunca serei a Mulher!
Desculpe, querido Pai:
não posso lhe obedecer!

Dom Pantero

Capuleto, furioso,
de raiva cerrou os dentes.
Chegou a empurrar ao chão
a pobre filha inocente.
E, todo cheio de cólera,
saiu de lá bruscamente.
Julieta, em desespero,
sua Criada chamou:

Julieta

Vá me procurar o Padre
que é o meu Confessor.
Diga-lhe que, sem demora,
venha aqui onde eu estou!

Dom Pantero

Alguns momentos depois,
quando o Padre ali chegou,
Julieta, para ele,
os seus desgostos contou.
A cena que o Pai fizera,
também toda relatou.
Acabada a narração,
o Padre pega a falar:

Padre

Ah, filha, você não deve
deixar-se desesperar!
Acho que tenho um remédio
que tudo pode evitar!
Precisa muita coragem
para o que vou lhe propor.
Mas você não tenha medo:
confie em Nosso Senhor!
Escute então o que eu digo,
pois meu plano vou lhe expor.
Eu tenho, há muito, comigo,
um frasco de dormideira.
Se você tomá-la, fica
morta, uma semana inteira.
Com ela, é que vou salvá-la!
É assim, desta maneira:
Você bebe a dormideira,
e vão pensar que morreu.
Seu Pai faz o seu enterro:
quem vai celebrar, sou eu!

Acabada a cerimônia,
mando avisar a Romeu.
Ele vem, leva seu corpo
pra Mântua, terra do exílio.
Talvez, depois, o seu Pai
o receba como filho.
Se assim for, vocês dois
vão viver o seu idílio!

Dom Pantero

Julieta aceitou tudo
o que o Padre propusera.
À noite, toma o narcótico
como o Confessor dissera.
E, com pouco, no Castelo,
sua Mãe se desespera.
O Pai, também muito triste,
ordenou o Funeral.
Como aquele, nunca houve
neste Mundo terreal:
Julieta teve enterro
como não houve outro igual.
O Povo seguiu o Carro,
pra sepultar na cidade.
Eram mais de mil tocheiros,
dando, a ela, a claridade!
Capuleto, arrependido,
chorava na soledade!
— Foi aí que aconteceu
a maior fatalidade! —

Antes que o Padre mandasse
o aviso pra Romeu,
Mercúcio, em Mântua, lhe disse:

Mercúcio

Ah, meu amigo Romeu!
Dou-lhe a notícia sofrendo,
pois Julieta morreu!
Vim te buscar para a veres,
linda, no túmulo seu!

Dom Pantero

Romeu ficou como louco
com a notícia que foi dada!
Comprou então um Veneno,
cingiu ao cinto a Espada,
e partiu com o projeto
de morrer junto da Amada.
Selou depressa o Cavalo,
e, como um raio, partiu,
em galope cego e doido,
como ninguém nunca viu.
E, a caminho de Verona,
num momento se sumiu!
Quando, lá no Cemitério,
pelo Portão já entrara,
encontrou Páris que ia
levar Rosas que comprara
para perfumar o corpo
da Bela que o desprezara.
Páris gritou a Romeu:

Páris

Que vens tu fazer aqui?
Não sabes que Capuleto
tem grande ódio por ti?
Retira-te, se não queres
também ficar morto aí!

Romeu

A resposta que te dou
é tirar a minha Espada
e descarregar, em ti,
tal golpe de cutilada,
que te decepe a cabeça
na primeira navalhada!

Lutam. Romeu *mata* Páris.

Dom Pantero

Matou, guardou a Espada,
e correu para onde estava
o belo corpo daquela
a quem mais que tudo amava,
e que, naquele momento,
como morta ali se achava.

Romeu *(Bebendo o Veneno.)*

Este Veneno é quem salva,
de sua morte, a Romeu!
Nada me resta no mundo,
pois Julieta morreu!
No outro vivo, no Reino
a que ela se acolheu!
Meu Amor, vou encontrar-te:

eu não me deixo abater!
Já faz efeito o Veneno,
eu já começo a morrer!
Já estão cegos meus olhos!
Mas, vendo-te, volto a ver!
Morre.

Dom Pantero

Nesse instante, Julieta
de seu sono despertou,
e então, muito espantada,
Romeu ali avistou.
Estava, porém, já morto,
e ela se desesperou.

Julieta

Romeu! Ah, que dor terrível!
Romeu! Estou como louca!
Com todo este sacrifício
nossa sorte ser tão pouca?
Não é possível! Romeu,
dá um beijo em minha boca!
Acorda, Romeu, acorda!
Faz-me, um que seja, um carinho!
Vamos nós dois, descuidados,
seguir o nosso caminho,
e, longe daqui, bem longe,
fazer, pra nós, outro ninho!

Dom Pantero

Ficou assim, muito tempo,
chamando por seu Esposo.

Afinal, viu que ele fora
para o lugar do repouso,
lá, onde um outro sentido
têm Amor, e sonho, e gozo.
Tirou, então, de Romeu,
o seu Punhal afiado.
Enterrou no coração
aquele ferro aguçado,
e caiu, morta, por cima
do corpo de seu Amado.
Aí, algumas pessoas
que foram ao Cemitério,
ficaram muito espantadas
com todo aquele mistério:
morto o casal, morto Páris,
na entrada do Presbitério.
Depois, soube-se de tudo,
porque o Padre contou.
Capuleto, muito triste,
um Túmulo preparou,
e os Amantes, abraçados,
dentro dele sepultou.
Somente depois da morte
foi que puderam se unir,
tendo, os dois jovens corpos,
já deixado de existir,
e nada mais, neste mundo,
lhes sendo dado fruir!

Os Músicos tocam o "Romance de Minervina". ANTERO SAVEDRA pronuncia a Segunda-Cadência-de-Moralidade. Encerrada esta, DOM PANTERO retoma a palavra:

DOM PANTERO

Quem ouviu este Romance
e sabe o que se escreveu,
sabe a Condessa Montéquio
em que condições morreu.
Também conhece a fraqueza
que seu filho cometeu.
Romeu, que era valente
— diz a sua biografia —
soube, dita por seu Pai,
a dor que este sofria.
Romeu jurou de vingá-lo,
no mesmo ou no outro dia.
Mas logo deixa a promessa
no fundo de uma gaveta.
Bastou ver, num belo seio,
um cacho de violetas,
mesmo inimiga do Pai,
amou logo a Julieta.
Nas condições em que estava,
não tinha nenhum rodeio:
era vingar-se de tudo,
fingindo como um passeio.
Não tinha que perguntar
se o rosto era belo ou feio.
Mas ele não fez assim:
quando entrou naquela Sala,

viu Julieta dançando,
fez tudo pra conquistá-la.
Inda ela sendo uma Deusa,
ele devera odiá-la!
Romeu foi falso a seu Pai,
vem daí o seu castigo.
Faltou-lhe tenacidade:
não percebeu o perigo
de se casar com a filha
de seu pior inimigo!
Foi este o maior motivo
de sua infelicidade.
Romeu traiu a família,
faltou-lhe com a lealdade.
Onde existe um ódio antigo,
não pode haver amizade.
Os Amantes de Verona
tiveram fim desgraçado,
embora tenham morrido
um com a outra abraçado.
Julieta apunhalou-se,
Romeu foi-se, envenenado.

— De modo que o Espetáculo acaba com a última estrofe do Folheto sertanejo que lhe deu origem: —

Antero Savedra e Dom Pantero

Quem odeia a covardia
tem que dizer como eu:
como o rapaz não vingou-se
de tudo o que o Pai sofreu,
eu escrevi, mas não gosto

da história de Romeu.

Recife, 21 de fevereiro de 1996. Dia do centenário de nascimento de Dona Rita Villar Suassuna.

ARIANO SUASSUNA

Carlos Newton Júnior (Org.)

Teatro Completo - Volume IV

TEATRO TRADUZIDO

Apresentação

Luís Reis

Ilustrações

Guilherme da Fonte

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

A DRAMATURGIA TRADUZIDA POR ARIANO SUASSUNA

*Luís Reis**

Quem escreve uma peça teatral sempre tem em mente uma hipotética encenação para a sua obra. Já no ato da escrita, imagina soluções — as melhores, no seu entendimento — para que as ideias expressas no texto se materializem plenamente sobre o palco. Esse processo, de transformar ideias em propostas de ações cênicas significativas, é uma possível definição para a arte da dramaturgia. Assim, toda peça de teatro traz em si um raciocínio dramatúrgico particular, engendrado na própria estrutura do texto teatral, que se oferece a atores e a encenadores como uma espécie de mapa para que as intenções de quem criou a obra possam ser devidamente postas em diálogo com a plateia no momento da representação.

Entretanto, desde pelo menos o final do século XIX, com a crescente afirmação autoral do encenador, impondo-se como o principal responsável pelo que será dado a ver em cena, foi ficando cada vez mais fácil verificar que, nos processos de construção dos espetáculos, a proposição dramatúrgica original, aquela sonhada por quem escreveu a peça, nem sempre, ou quase nunca, é observada em sua completude. Não raramente, já há muitas décadas, veem-se montagens, algumas de enorme êxito artístico, que guardam muito pouco da dramaturgia intrínseca à obra escrita que lhe serviu de base.

Em paralelo, tornam-se cada vez mais comuns espetáculos teatrais que não se originam de obras escritas para os palcos, mas de poemas, de contos, de romances, de histórias populares transmitidas pela oralidade; ou ainda de filmes, de fotografias, de canções, de coreografias, de pinturas; ou até mesmo de reportagens, de depoimentos, de documentos históricos, de registros antropológicos, de tratados filosóficos etc. Ou seja, a dramaturgia, aliada inseparável da encenação — com a qual chega a se confundir, como observa Bernard Dort no artigo *L'état d'esprit dramaturgique*, de 1986 —, assegura-se como uma força autônoma em relação à literatura dramática. Ser um grande escritor, sabemos, não é uma condição suficiente, ou talvez nem sequer seja uma condição necessária, para quem pretende criar obras teatrais relevantes. Autores geniais, consagrados no romance ou na poesia, às vezes produzem um teatro de pouca expressão. A literatura pode fortalecer o teatro, mas ela não lhe é imprescindível. A dramaturgia, sim. Um grande espetáculo teatral pode ter um roteiro escrito que pouco reflita a força da cena, um material que jamais se justifique como obra literária, isto é, como criação artística feita para ser lida.

Natural, portanto, que a figura do profissional da dramaturgia, o dramaturgista (ou *dramaturg*), que não obrigatoriamente se propõe a criar obras de literatura dramática, venha se consolidando, com crescente reconhecimento, no fazer teatral dos dias atuais. É ele que, trabalhando em sintonia com o encenador e com toda a equipe envolvida na montagem, vai encontrar as melhores soluções, adequadas aos objetivos éticos e estéticos de cada elenco e de cada produção, para que as pulsões motivadoras de um processo criativo cheguem aos espectadores com clareza e com emoção.

Ariano Suassuna, como outros brilhantes autores na história do teatro, era um talentosíssimo escritor, poeta e romancista, que conhecia profundamente o universo da dramaturgia. Costurava, como um inventivo rapsodo, o lírico, o épico e o dramático, urdindo, com liberdade e propriedade, uma poética teatral realmente viva, feita para a cena, para o calor do encontro com as plateias. Suas peças fluem no palco com uma impressionante eficácia, resistindo até mesmo a montagens tecnicamente frágeis. E são, simultaneamente, obras de indiscutível qualidade literária, que podem suscitar enorme prazer apenas ao serem lidas.

De certo modo, essa extraordinária aptidão dramatúrgica de Ariano Suassuna talvez fique ainda mais patente nos textos que compõem este volume. E é isso, sobretudo, o que justifica a inclusão dessas traduções neste *Teatro Completo*. Trabalhando com obras clássicas, de autores incontornáveis, Ariano oferece aos leitores algo mais do que apenas uma nova versão em língua portuguesa para cada uma dessas peças. Em seu trabalho, a preocupação, digamos, primordialmente filológica, aquela que norteia muitas das traduções de obras de grande importância histórica, é apenas um meio, não um fim. O que realmente ganha relevo nesses textos é a inteligência das interferências dramatúrgicas feitas pelo tradutor, dialogando de modo instigante e coerente com a poética original de cada uma dessas obras. Logo, o que temos em mãos é, principalmente, o olhar do dramaturgista Ariano Suassuna incindindo sobre a dramaturgia clássica de três dos seus autores mais admirados: Sófocles, Plauto e Molière, sensíveis influências na sua formação como criador teatral.

Nessas traduções, ratificam-se muitos dos valores poéticos mais caros ao teatro de Ariano, aqueles desenvolvidos, em grande medida, a partir dos anos em que ele integrou o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP), iniciativa comandada por Hermilo Borba Filho, a quem reconhecia como o seu iniciador na arte teatral. Nessa época, ainda na década de 1940, aqueles jovens estudantes liderados por Hermilo liam e debatiam, com grande avidez, diversos exemplares da melhor literatura dramática mundial. Entre os nomes mais estudados por eles, estavam certamente os autores de *Antígona*, de *A Panela* e de *As Trapaças de Escapim*, três incontestáveis representantes do ideal de "teatro popular" que, no começo dos anos de 1960, seria preconizado pelo manifesto do Teatro Popular do Nordeste (TPN), grupo teatral que teve Ariano e Hermilo como seus principais idealizadores. Um "teatro popular", não necessariamente por ser feito pelo

povo, mas por ser capaz de expressar a alma de um povo, e por ser reconhecido como uma forma de arte legítima, apreciada por esse mesmo povo.

Mas o testemunho que essas traduções nos oferecem sobre as preferências teatrais de Ariano não se restringe à confirmação da importância que esses autores tiveram em sua formação artística. Esses textos nos informam sobre aquelas escolhas mais sutis, suscitadas por razões afetivas e intelectuais, que fazem com que cada leitor priorize, conscientemente ou não, este ou aquele aspecto de uma obra de arte. Nesse viés, é oportuno observar que essas traduções não foram feitas, *a priori*, para serem publicadas, mas para irem à cena em espetáculos dirigidos pelo próprio Ariano, à frente de elencos amadores, formados predominantemente por alunos seus. Deste modo, podemos dizer que elas funcionam como uma espécie de registro íntimo da leitura mais genuína que o Ariano dramaturgista-encenador fazia dessas obras consagradas pela história da arte dramática.

Aos admiradores do teatro de Ariano, leitores e espectadores, será um especial prazer identificar nessas traduções vários recursos dramatúrgicos que, aqui e ali, aparecem, mais ou menos reconfigurados, nas peças escritas por ele. Por exemplo: os inusitados e hilariantes quiproquós; a beleza hierática dos versos trágicos; a dinâmica muito precisa nas entradas e saídas dos personagens, gerando ótimos efeitos, cômicos ou catastróficos; o uso de disfarces e de esconderijos, para criar situações de alto rendimento cênico, possibilitando aos intérpretes momentos particularmente propícios a grandes atuações; a comunicação direta com os espectadores, por meio de apartes, de prólogos e de epílogos; a notável objetividade das cenas, mantendo com muita clareza o foco de cada ação em andamento; o brilho cômico especialmente dado aos personagens subalternos, escravos e empregados; e a construção concisa e eficiente de uma identidade bem delineada para cada figura posta em cena, mesmo quando trabalhando com personagens-tipo.

Existe, porém, um outro aspecto que também assevera a importância de essas traduções integrarem esta publicação: por meio delas, podemos entrar em contato com o Ariano pedagogo, com o Ariano professor de teatro, atuando num momento de sua trajetória profissional em que já despontava como um dos mais celebrados talentos do moderno teatro brasileiro. Percebemos, então, que ele já praticava, decerto um tanto intuitivamente, e sob franca influência da ação educativa de Hermilo Borba Filho à frente do TEP, uma pedagogia do teatro arrojada e consequente, bem antes de esse campo do saber se instituir nas universidades brasileiras.

Ao levar tais peças aos seus alunos, Ariano demonstra reconhecer o potencial formativo contido nessas dramaturgias, de certo modo atestando o quanto ele próprio aprendera com os saberes dramatúrgicos desses grandes mestres do teatro universal. E mais, em sua determinação por montar essas obras com os estudantes, e não apenas estudá-las

em sala de aula, Ariano afirma, também, sua crença no caráter educativo mais amplo que é peculiar ao fazer teatral, à experiência artística no teatro. Em vez de se limitar à apresentação de palestras, ensinando história, literatura e teoria teatrais — coisa que fazia com uma maestria realmente extraordinária —, ele oferece aos seus alunos a chance de experimentar toda a complexidade do fenômeno teatral, amparando-os com uma rede de proteção dramatúrgica das mais robustas, tecida com os fios do pensamento teatral de um Sófocles, de um Plauto ou de um Molière, transformados e trançados pelo seu olhar certeiro e sensível de professor-dramaturgo, tão apto a ajustar essas obras clássicas às necessidades e às possibilidades de seus pupilos-atores, sem entretanto em nada apequená-las, sem recorrer a facilitações que pudessem diminuir o impacto artístico que essas obras-primas do teatro têm suscitado através dos séculos.

As duas primeiras peças, *Antígona*, de Sófocles, e *A Panela*, de Plauto, são traduzidas especialmente para serem encenadas com os estudantes que compunham o grupo de teatro do Colégio Estadual de Pernambuco (o conhecido Ginásio Pernambucano), experiência que possibilitou o desenvolvimento de novos talentos para o teatro pernambucano, como, por exemplo, o da atriz Ilva Niño, reconhecida nacionalmente. *Antígona* estreia em 1954; *A Panela*, em 1955. Ambas as montagens se apresentam no Teatro de Santa Isabel, espaço cênico mais nobre do Recife. Importante notar que justamente nesse período Ariano escreve sua obra teatral de maior repercussão, o *Auto da Compadecida*, que sobe à cena em setembro de 1956, dirigida por Clênio Wanderley, egresso do TEP, como uma realização do Teatro Adolescente do Recife, grupo que tem sua origem ligada à atividade teatral de Ariano no Ginásio Pernambucano. Em janeiro de 1957, esse espetáculo é consagrado no Primeiro Festival de Amadores Nacionais, ocorrido no Rio de Janeiro, sendo premiado como o melhor espetáculo da mostra, levando ainda outros troféus: o de melhor diretor, para Clênio Wanderley, e o de melhor atriz, para Ilva Niño.

A tradução de *Antígona*, 13 anos depois de sua estreia com os estudantes do Ginásio Pernambucano, ganha uma segunda montagem, desta vez com artistas profissionais, em uma ousada produção do TPN. Com encenação de Benjamim Santos, esse espetáculo, de 1967, significou um dos mais expressivos momentos desse importante grupo do teatro pernambucano, reunindo um elenco de enorme talento, com destaque para Lúcia Neuenschwander, como a protagonista; para Carlos Reis, no papel do tirano Creom; para Luiz Maurício Carvalheira, vivendo o adivinho Tirésias; e para Rubens Teixeira, como o Corifeu.

Por sua vez, a tradução da comédia criada por Plauto volta a ser encenada, novamente dirigida por Ariano, um ano após a sua estreia, sendo agora produzida pelo Teatro do Sesi, apresentando-se no auditório dessa instituição.

É igualmente no Sesi, no ano seguinte, em 1957, que Ariano assinará a montagem da sua tradução de *As Trapaças de Escapim*, de Molière, como um espetáculo do Teatro Amador Sesiano de Pernambuco.

Publicadas pela primeira vez, reunidas neste volume, essas traduções, tão proficientes e belas, certamente receberão novas — e frequentes — encenações, tanto de conjuntos profissionais quanto de grupos amadores. Atores, diretores, espectadores e leitores terão, dessa forma, a feliz oportunidade de mais uma vez entrar em contato com a genialidade dramatúrgica de Ariano Suassuna, um talento que, logo em sua estreia como autor teatral, em 1947, assombrou Hermilo Borba Filho — àquela altura já um seguro e exigente leitor de peças, conhecedor dos maiores dramaturgos do mundo. Um talento que não parou de se aperfeiçoar e que nos legou alguns dos mais luminosos momentos da história recente do teatro em nossa terra, como bem demonstra todo o conteúdo deste *Teatro Completo*.

Nota

* Professor e pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco, atuante no curso de Teatro / Licenciatura.

TEATRO TRADUZIDO

ARIANO SUASSUNA

ANTÍGONA, de Sófocles

PERSONAGENS:

CORIFEU

ANTÍGONA

ISMÊNIA

CORO DE ANCIÃOS TEBANOS

CREOM

GUARDA

HEMOM

TIRÉSIAS

MENINO, guia de Tirésias (figurante mudo)

MENSAGEIRO

EURÍDICE

CENÁRIO:

Um lugar em Tebas, diante do palácio dos Labdácidas.

PRÓLOGO

ANTÍGONA — Ó minha irmã e amada companheira Ismênia. Pensas que Zeus deixará de cumprir, antes de nossa morte, ao menos uma das maldições que Édipo nos legou? Já conhecemos desgraças, perseguições, afrontas, desprezo, todas as formas de infortúnio. E agora, que novo edito é esse que o príncipe mandou apregoar? Não soubeste de nada? Não sentes o ódio, aproximando-se passo a passo daqueles que nós amamos?

ISMÊNIA — Não, Antígona, não tenho nenhuma notícia, feliz ou dolorosa, daqueles que nós amamos. Num dia só perdemos nossos dois irmãos, que se mataram mutuamente; e com a chegada da noite, retirou-se o exército dos argivos. Nada mais sei, nem de bem, nem de mal.

ANTÍGONA — Eu tinha certeza. Foi por isso que te fiz sair do palácio para te falar a sós.

ISMÊNIA — Que queres fazer?

ANTÍGONA — A sepultura a que nossos irmãos têm direito, Creom só a quer dar a um, deixando o outro insepulto. Dizem que enterrou Etéocles, segundo o ritual, para lhe assegurar entre os mortos um honroso acolhimento. Aí cumpriu sua obrigação; mas proibiu, pelo edito, que se enterre e se chore o desgraçado Polinices: é preciso abandoná-lo sem lágrimas, sem túmulo, como pasto dos pássaros carniceiros? Sim: tais seriam as ordens que o prudente Creom nos envia, a ti e a mim; a mim mesma, eu diria! A qualquer momento virá proclamá-las para que ninguém as ignore, pois lhes dá tanta importância que qualquer transgressor morrerá apedrejado pelo povo. Aí estão os fatos e logo poderás mostrar se és ou não digna de teu sangue.

ISMÊNIA — Mas minha pobre Antígona, se as coisas são assim, que adiantará minha intromissão?

ANTÍGONA — Podes assumir tua parte nas minhas penas e no meu intento.

ISMÊNIA — Que aventura pretendes começar? Quais são os teus projetos?

ANTÍGONA — Quero enterrar o corpo, com estas mãos. Tu me ajudarás?

ISMÊNIA — Então queres enterrá-lo! Violar o edito!

ANTÍGONA — Polinices é meu irmão, e teu também, mesmo que o renegues. Eu não o abandonarei.

ISMÊNIA — Louca! E a proibição de Creom?

ANTÍGONA — Creom não tem direitos sobre o meu patrimônio.

ISMÊNIA — Minha irmã, pensa um pouco. Nosso pai morreu desonrado e sem estima; quando seus crimes foram descobertos, arrancou os próprios olhos e enforcou-se aquela que foi, ao mesmo tempo, sua mãe e sua mulher. Agora, eis que nossos desgraçados irmãos se entrematam, compartilhando não o trono, mas a morte. Solitárias, assim, tu e eu, não prevês o terrível fim que nos vigia, se infringirmos a lei, se passarmos além dos editos e da autoridade soberana? Não te esqueças de que somos mulheres e de que nunca teremos razão contra os homens. O rei é o rei; é preciso obedecer a esta ordem e talvez a outras mais severas. Que nossos mortos me perdoem sob a terra, mas não tenho escolha: eu me curvarei diante do poder. É loucura tentar o impossível.

ANTÍGONA — Não tenho ordens para te dar. Talvez mesmo não me ajudasses de bom grado. Faze então o que te agrada: eu enterrarei Polinices. Por uma causa como esta, a morte me será doce. Repousarei perto do meu irmão bem-amado, piedosamente criminosa. Antes devo apaziguar os deuses que jazem embaixo, do que os homens daqui; e lá repousarei para sempre! Tu porém és livre, podes desprezar o que tem valor aos olhos dos deuses.

ISMÊNIA — Eu nada desprezo. Mas desobedecer às leis da cidade? Não. Sou incapaz disso.

ANTÍGONA — Invoca então esse pretexto… Eu irei cobrir de terra o corpo de meu irmão querido.

ISMÊNIA — Desgraçada! Temo por ti!

ANTÍGONA — Não te compadeças de mim; garante tua vida.

ISMÊNIA — Pelo menos não avises ninguém: oculta bem teu projeto. Eu o esconderei também.

ANTÍGONA — Não, fala, anuncia-o a todo mundo. Eu te odiaria mais por teu silêncio.

ISMÊNIA — Teu coração se inflama por coisas que gelam de espanto!

ANTÍGONA — Mas sei que faço a vontade daqueles a quem devo servir.

ISMÊNIA — Se é que consegues; pois procuras o impossível!

ANTÍGONA — Se as forças me faltarem, renunciarei.

ISMÊNIA — Tentar o impossível já é um mal.

ANTÍGONA — Não fales mais! Ou eu te odiarei e o morto te odiará, quando repousares perto dele; e será um ódio justo. Deixa-me, deixa minha imprudência correr esse risco. Sofra eu o que sofrer, terei morrido gloriosamente.

ISMÊNIA — Vai então, já que o resolveste. É uma loucura, mas sabes amar aqueles que tu amas.

PÁRODO

CORO

Ó mais belo sol que jamais apareceu
sobre as Sete Portas de Tebas!
Enfim luziste para nós,
ó belo olhar de luz dourada!
Avanças por cima dos regatos dirceus,
e o chefe do escudo branco,
e o exército imenso dos argivos,
ei-los que fogem diante de ti, a toda brida,
mais depressa do que na vinda!

CORIFEU

E quem os conduziu a nosso chão?
Polinices, o rebelde!
Crocitando como uma águia,
os argivos caíram sobre nós,
cobertos com asas de neve,
na confusão das armas e dos cascos,
sobre os quais tremulavam as crinas dos cavalos.

CORO

Cercaram as casas da cidade.
Em torno das sete portas da muralha
as lanças fechavam seu círculo mortal
e de repente os argivos partiram,
antes que nosso sangue saciasse suas mandíbulas,
e que as nossas torres,

coroa da cidade,
se inflamassem nas chamas da resina.
E por toda parte na planície,
contra suas espáduas,
suscitava-se o deus da guerra,
que humilhou o dragão indomável.

CORIFEU

Zeus detesta a arrogância mais que tudo.
E quando viu os argivos, precipitando-se em
[torrente, embriagados,
deixou cair seu raio e pôs em fuga
os imprudentes que já cantavam vitória.

CORO

Na terra que estremeceu,
os argivos se abateram como Tântalo,
empunhando a chama,
eles que num ímpeto insensato,
num ardor enraivecido de bacante,
investiam contra a cidade em fileiras assassinas.
Nada conseguiram.
O deus da guerra impunha outro destino,
impetuoso a nosso favor.

CORIFEU

Nas sete portas, sete capitães postados,
lutando de igual para igual,
abandonaram suas armas, que oferecemos como
[troféus
a Zeus libertador.
E os príncipes malditos, os dois irmãos gêmeos,

frente a frente, a lança em riste,
tomaram cada qual sua parte
na morte comum.

CORO

Enfim, pagando nosso amor com a glória,
entra a vitória na Tebas dos mil carros.
Não penseis mais em sangue.
A guerra terminou!
Visitemos os templos!
Cantemos em coro durante toda a noite!
E que Dionísio, filho de Tebas, nos conduza,
com esse caminhar que faz o solo estremecer!

CORIFEU — Mas eis que surge nosso rei Creom, filho de Meneceu, preocupado com novos acontecimentos que os deuses nos enviam. Por que motivo convocou ele o nosso concílio?

PRIMEIRO EPISÓDIO

CREOM — Cidadãos! Depois da tormenta que nos sacudiu, os deuses restauraram nossos negócios. Eu vos convoquei entre todos, porque fostes os leais sustentáculos do trono; vós o fostes sob Laio; também quando Édipo restabeleceu a cidade; e conservastes, depois da morte desse príncipe, vosso fiel apego aos herdeiros reais. Hoje, que os dois irmãos pereceram, sucumbindo a seus destinos iguais, feridos um pelo outro e ambos criminosos, o poder soberano me coube, como parente mais próximo. Ora, é impossível julgar o caráter, a inteligência e as ideias de um homem enquanto ele não der provas de si no governo e na guarda das leis. Se aquele que assume a direção de um Estado tem outras preocupações além do bem comum, se emudece intimidado por qualquer receio, digo e sempre disse, que esse é o pior dos covardes. Também o que prefere um ente querido à sua pátria é como se não existisse para mim. Zeus, cujo olhar é infalível, sabe: não me calarei se vir a desgraça ameaçar a segurança dos meus concidadãos. Nunca tomarei por amigo um inimigo público. Bem sei que a salvação da pátria é nossa salvação, e que não há amizade que se mantenha numa pátria em desordem. Tais são os princípios em nome dos quais espero governar; eles inspiraram o edito que publiquei a respeito dos filhos de Édipo: Etéocles, guerreiro sem igual, será enterrado com todas as honras que acompanham sob a terra os mortos mais gloriosos; mas quanto a Polinices, o desterrado que voltou somente para entregar sua pátria e seus deuses às chamas, para derramar o sangue fraterno e jungir os seus à escravidão, é proibido publicamente aos cidadãos honrá-lo com túmulo ou lamentá-lo. Que seu corpo fique privado de sepultura, presa desfigurada das aves e dos cães. Esta é a minha decisão. Nunca permitirei que os celerados usurpem as honras que se devem às pessoas de bem. Em troca, todo patriota, vivo ou morto, me encontrará pronto a lhe render homenagem.

CORIFEU — A sentença foi proferida, quanto ao bom e quanto ao mau servidor do país. Creom, filho de Meneceu. Muito bem. É teu direito promulgar os decretos, tanto sobre os vivos, como sobre os mortos.

CREOM — Como garantireis a execução de minhas ordens?

CORIFEU — Confia esse encargo a gente mais moça do que nós.

CREOM — Já coloquei guardas perto do cadáver.

CORIFEU — E que podemos fazer para te servir?

CREOM — Denunciar sem piedade qualquer desobediência.

Corifeu — Ninguém é louco para desejar a morte.

Creom — Na verdade tal seria o resultado. Mas a ambição muitas vezes perde os homens.

Entra o Guarda.

Guarda — Rei, não direi que a pressa me tirou o fôlego nem que vim com o pé ligeiro. Mais de uma vez parei para pensar e precisei às vezes dar meia-volta. E dizia a mim mesmo: "Pobre doido, por que correr para um castigo certo? Bom, mas que adianta? Se Creom souber do negócio por outro, padecerás do mesmo jeito." A remoer tudo isso na cabeça eu avançava pouco, e é assim que um pedaço de caminho vira uma grande estrada. Finalmente eu me decidi a vir. Vou fazer o relatório custe o que custar. Afinal só pode me acontecer o que tiver de me acontecer.

Creom — Muito bem, e o que é que te inquieta?

Guarda — Antes de ir adiante, quero me garantir. Não fui eu quem praticou o ato, nem vi quem foi que o cometeu. Não mereci castigo nenhum.

Creom — Eis um homem cuidadoso e cheio de embaraços. Mas parece ter alguma coisa a revelar.

Guarda — É que as más notícias doem para sair!

Creom — Fala enfim! Depois estarás livre!

Guarda — Nesse caso vou falar. Alguém acaba de enterrar o morto. Espalhou terra seca e fugiu depois de cumprir os rituais.

Creom — Que dizes? Quem teve essa audácia?

Guarda — Não sei. Não ficou marca de enxada nem o chão foi revolvido. Estava duro, seco, sem uma rachadura, sem uma greta: o trabalhador não deixou marca. Quando o primeiro guarda do dia nos mostrou a coisa, foi para nós uma surpresa muito desagradável. O cadáver tinha desaparecido. Ora, ele não tinha sido enterrado, mas só coberto com terra, somente mesmo o bastante para evitar o sacrilégio. Nenhum vestígio, nem sequer de um animal selvagem ou de um cachorro que o tivesse despedaçado. Então a briga entre nós começou: trocaram-se gritos, ia-se mesmo chegar à luta, e não havia ninguém para separar. Cada um acusava o outro sem prova, e cada um se desculpava. Estávamos prontos a pegar um ferro em brasa, a andar em cima de fogo, a jurar pelos deuses que éramos inocentes do crime, que não sabíamos mesmo quem o preparara e cometera. Mas como isso nada adiantava, um de nós propôs uma solução que nos fez baixar a cabeça, tremendo, porque não podíamos discordar e porque dele não se podia esperar coisa boa: tratava-se de bem fazer um relatório fiel e completo. A proposta pegou, tirou-se a sorte e caiu em mim: era a

minha vez! Quero dizer que não estou aqui por meu gosto. Ninguém estima o portador de más notícias.

Corifeu — Senhor! Os deuses não são estranhos a este mistério de modo algum, foi o que pensei imediatamente.

Creom — Cala-te, antes que me enraiveça. És por acaso um idiota, nessa idade? Pretender que os deuses tomem conta desse cadáver é uma ideia revoltante. Então eles nos tirariam o morto, para glorificá-lo como um benfeitor, a um homem que acabara de incendiar as colunas dos seus templos, de destruir seu culto, sua terra, suas leis? Já viste por acaso os deuses honrarem os criminosos? Enfim, já notei que os descontentes murmuram contra minhas ordens, meneiam a cabeça sob o manto, e não querem se sujeitar ao jugo de uma obediência leal. Os fatos demonstram que eles pagaram aos guardas para praticar o crime. O dinheiro! Ah, invenção maldita, flagelo dos humanos! Ele arruína as cidades, expulsa os homens de suas casas! Patrão corruptor, perverte as consciências, causa rixas criminosas, inicia os homens em todas as impiedades. Mas os executores mercenários que se deixaram corromper serão castigados mais cedo ou mais tarde. Se é verdade que não perdi todo o respeito aos deuses, escutai minha promessa: encontrai o culpado, trazei-o diante de mim — senão eu vos condenarei à morte. Mas antes sereis dependurados vivos até que o tenhais denunciado. Assim, compreendereis que nem todo lucro é bom, e que não se deve aceitar dinheiro de qualquer um. Lucro desonesto arruína, mais do que aproveita, aos homens.

Guarda — Posso falar? Ou devo voltar imediatamente?

Creom — Não sentiste ainda a impertinência de tua pergunta?

Guarda — Ela te importunou nos ouvidos ou no coração?

Creom — Que te importa isso?

Guarda — O culpado te feriu no coração, eu nos ouvidos!

Creom — És, na verdade, um conversador incorrigível.

Guarda — Em todo caso, não sou o criminoso.

Creom — Por que não? Arriscaste tua vida por ambição.

Guarda — É isso! Quando se mete uma ideia na cabeça, falsa ou verdadeira, ali fica ela.

Creom — Escarnece então de minhas suspeitas: se não descobrirdes os culpados, aprendereis que os ganhos vergonhosos só trazem aborrecimentos.

Guarda — Pois que sejam descobertos. Mas apanhados ou não — isso é questão de sorte —, tu não me verás tão cedo. Eu não pensava me sair tão bem e devo meu reconhecimento aos deuses.

O GUARDA *sai.* CREOM *entra no palácio.*

1º ESTÁSIMO

CORO

Existem muitas coisas maravilhosas:
a mais extraordinária porém é o homem.
Ele percorre o mar que se agita
quando a tempestade sopra do sul
e trabalha a mãe dos deuses, a terra soberana,
imortal e inesgotável, ano após ano,
alinhando sulcos ao passo dos cavalos.
O povo dos pássaros, raça ligeira,
e os seres dos bosques e a fauna marinha,
ele os captura em redes envolventes.
É o mestre do estratagema.
Atrai às suas armadilhas os animais errantes da
[floresta
e curva sob seu jugo
o pescoço peludo dos cavalos
e o touro selvagem no esplendor de suas forças.

CORIFEU

Ele ensinou-se, a si próprio,
a linguagem e o pensamento rápido,
as leis e os costumes,
assim como a evitar a aspereza do frio e da chuva.
Gênio universal que tudo acerta,
somente não achou remédio contra a morte,
se bem que possa resolver tantos casos desesperados.

Coro

Enriquecido com uma inteligência terrivelmente

[fecunda,

sofreu a atração do bem e do mal, e por sobre a

[justiça eterna

traspassa as leis da terra.

O mais elevado, porém, na cidade,

desce ao mais baixo da cidade, se a audácia

o conduz ao crime.

Que um hóspede como esse jamais encontre

lugar em meu lar e em meu coração.

Corifeu — Por qual prodígio… Não, não posso acreditar no que vejo; mas como negar que é Antígona? Ah, desgraçada, digna filha do desgraçado Édipo, que é isto? És mesmo tu quem chega presa, rebelada, contra as ordens do príncipe? Foste surpreendida cometendo essa loucura?

SEGUNDO EPISÓDIO

GUARDA — Eis a culpada; surpreendida no crime e presa. Onde está Creom?

CORIFEU — Entrou no palácio, mas ei-lo que chega, na hora.

CREOM — Que há? Por que dizes que chego a propósito?

GUARDA — Rei, é melhor nunca se fazer um juramento. Chega uma ideia e põe em choque aquilo que se pensava. Eu tinha me vangloriado de que não me verias tão cedo, porque tuas ameaças tinham me abalado fortemente. Mas nada pode causar tanta satisfação quanto uma alegria com que não se ousava mais contar. Eu tinha jurado pelos deuses, é verdade. Mas voltei e trago-te esta moça que foi apanhada quando ia ajeitar a sepultura. Desta vez não houve necessidade de se tirar a sorte, porque quem descobriu fui eu, eu só. Agora que a tens aqui, Rei, interroga e confunde a moça. Eu já estou fora do negócio e tenho direito à liberdade.

CREOM — Onde prendeste a moça? Como foi tudo?

GUARDA — Ela estava enterrando o homem, que queres mais?

CREOM — Compreendes a importância de tuas palavras? Estás dizendo a verdade?

GUARDA — Eu a vi enterrando o morto que proibiste enterrar. Não é bastante claro?

CREOM — Como foi ela descoberta e presa?

GUARDA — Eis a história. Cheguei lá, ainda preocupado com tuas ameaças. Então, jogamos fora a terra que cobria o cadáver e tiramos sua roupa. Como ele começava a se decompor, fomo-nos sentar num lugar perto, no vento, por causa do cheiro. Para ficarmos acordados, nós nos vigiamos, evitando qualquer distração. Ficamos assim até o sol chegar ao meio do céu; e seus raios estavam de queimar. De repente uma pancada de vento levantou um turbilhão de poeira, verdadeira praga celeste que invadiu a planície, devastando a folhagem e enchendo o ar até as nuvens. Com os olhos fechados, nós nos curvamos sob o flagelo. Depois de uma porção de tempo, quando a tempestade se afastou, percebemos a moça que proferia agudas lamentações, como um pássaro quando chega ao ninho e não encontra os filhos. Quando viu o corpo nu, começou a gemer, a gritar, a maldizer os autores do sacrilégio. Com as mãos amassou de novo a terra e verteu de um belo vaso de bronze três libações com que coroou o cadáver. Nós corremos e prendemos a moça. Ela não teve nenhum medo. Foi acusada do primeiro crime e do segundo, e nada negou. Eu estava feliz e no entanto tinha pena,

porque é bom escapar da desgraça, mas ninguém gosta de ver cair nela aqueles a quem se ama. Mas, para mim, minha salvação antes de tudo.

CREONTE — Muito bem, e tu? Tu que baixas o rosto para a terra, reconheces os fatos?

ANTÍGONA — Sim, reconheço-os formalmente.

CREONTE — *(Ao GUARDA.)* Vai para onde quiseres, de consciência leve. Estás livre.

Sai o GUARDA.

CREONTE — *(A ANTÍGONA.)* Responde em poucas palavras. Conhecias minhas ordens?

ANTÍGONA — É claro que as conhecia. O edito foi público.

CREONTE — E ousaste transgredir a lei?

ANTÍGONA — Sim, porque não foi Zeus que a proclamou e a justiça que preside a terra de perto dos deuses não ordenou tais leis entre os homens. Eu não acreditava, na verdade, que tais editos tivessem tanto poder que permitissem a um mortal violar as leis divinas; estas são as leis não escritas, mas são leis infalíveis. Não são de hoje nem de ontem, estão em vigor desde sempre e ninguém as viu nascer. Desobedecer-lhes seria incorrer na cólera divina por um respeito covarde à autoridade de um homem. Eu sabia que havia de morrer. Era inevitável mesmo sem teu edito. Se morro antes do tempo, encaro a morte como uma felicidade. Quando se vive entre males, só se tem a ganhar com a morte. Não, a sorte que me espera não me aflige. Se eu tivesse deixado sem sepultura um corpo que minha mãe deu à luz, então sim, sofreria muito. Agora, tanto faz. Tu achas certamente que agi como uma louca. Acho o mesmo de ti.

CORIFEU — Como se repete na filha o caráter indomável do pai! Ela não sabe se curvar diante da adversidade.

CREONTE — Pois aprenderás que quanto mais intratável é a pessoa, mais cede com facilidade. Quando se endurece no fogo o ferro maciço, quase sempre ele esfria e se quebra. Eu sei domar um cavalo enfurecido com um pequeno freio. Sim, o orgulho fica mal a quem depende inteiramente de outro. Esta sabia que passava o limite das leis já estabelecidas. Cometido o crime, ainda se excede orgulhando-se de sua obra. Na verdade, se eu a deixasse triunfar, impunemente, ela, e não eu, é que seria o verdadeiro homem. É minha sobrinha, mas mesmo assim, mesmo que seu sangue fosse mais próximo, nem ela nem a irmã escaparão ao castigo. Porque eu acuso Ismênia também de ter combinado com ela o sepultamento. Chamai-a: acabo de vê-la no palácio, angustiada, e a agitação trai sempre as intrigas que se tramam na sombra. Mas o que eu detesto é ver um culpado preso em flagrante querer tornar seu crime belo.

ANTÍGONA — Sou tua prisioneira e vou morrer. Que queres mais?

CREONTE — Nada. Este castigo deixa-me satisfeito.

Antígona — Então por que te demoras? Tudo o que dizes me é odioso, e em mim tudo te fere. E entretanto que glória mais nobre podia eu obter do que a de dar um túmulo a meu irmão? Todos os que me ouvem ousariam me aprovar se o temor não lhes fechasse a boca. Porque, entre outros privilégios, a realeza tem o de mandar dizer aquilo que lhe agrada.

Creom — Tu és a única a pensar assim em Tebas.

Antígona — *(Para o Coro.)* Estes pensam como eu, mas mordem os lábios.

Creom — Não te envergonhas de desprezar a sabedoria deles?

Antígona — Não é vergonha honrar os que têm nosso sangue.

Creom — Mas o outro, seu inimigo, não era teu irmão também?

Antígona — Sim, era meu irmão.

Creom — E honrar um não é ultrajar o outro?

Antígona — Etéocles não pensará assim do fundo do seu túmulo.

Creom — Entretanto tua piedade o rebaixa ao mesmo nível do criminoso.

Antígona — Polinices morreu como seu irmão e não como seu escravo.

Creom — Um queria devastar a pátria que o outro defendia.

Antígona — No reino das sombras existem um só peso e uma só medida.

Creom — Mas o mau não tem direito à parte do justo.

Antígona — Quem sabe se nossas máximas não são sacrílegas lá embaixo?

Creom — Um inimigo morto é sempre um inimigo.

Antígona — Eu fui feita para compartilhar o amor e não o ódio.

Creom — Vai então e ama os mortos, se te é preciso. Enquanto eu estiver vivo não será uma mulher que fará as leis.

Corifeu — Ismênia aparece à porta e chora por sua irmã bem-amada. Uma nuvem sobre a fronte escurece-lhe o rosto, entristecido por essa chuva que molha sua face cheia de encanto.

Creom — *(A Ismênia.)* E tu, víbora, que te chegavas a mim em casa para me sugar o sangue. Eu sem nada saber alimentava duas pestes, dois inimigos de meu trono! Vai, fala: confessas a parte que tomaste nesses ritos funerários ou vais jurar que ignoras tudo?

Ismênia — Sim, cometi esse ato, se ela me admite como cúmplice. Tomo também minha parte na acusação.

Antígona — Não tens direito a isso. Não quiseste me ajudar!

Ismênia — Mas eu me sinto honrada em compartilhar contigo essa hora ingrata.

Antígona — Quem fez tudo? O Hades e os mortos sabem-no. Não tenho amor por quem me ama somente em palavras.

Ismênia — Minha irmã, não me julgues indigna de pertencer à tua morte e à tua piedade pelo morto.

Antígona — Eu te proíbo de te associares à minha morte. Não queiras te apropriar de uma obra na qual não puseste a mão. Que eu morra, sim, é justo.

Ismênia — Abandonada por ti não teria mais satisfação em viver.

Antígona — Confia-te a Creom: tu lhe és tão devotada!

Ismênia — Que alegria encontras em me ferir?

Antígona — Tu me fazes rir, se bem que me despedaces o coração!

Ismênia — E agora nada posso fazer por ti?

Antígona — Salva tua vida. Não tenho nenhuma inveja dela.

Ismênia — Que desgraça a minha! É preciso então que me expulses até da tua morte?

Antígona — Tu escolheste a vida, eu não.

Ismênia — Entretanto te preveni.

Antígona — Achas que fizeste bem. Outros acham que eu fiz bem.

Ismênia — O crime é, no entanto, igual para nós.

Antígona — Não desesperes: estás viva. Eu há muito tempo não passo de uma morta, inteiramente devotada aos mortos.

Creom — Não há dúvida: estas duas moças estão loucas, uma desde há pouco, a outra de nascença.

Ismênia — Senhor, a pouca razão de que a natureza nos dá não resiste ao infortúnio.

Creom — Este foi teu caso, quando tomaste o partido do mal.

Ismênia — Sem ela como poderia eu suportar a vida?

Creom — Não fales mais de tua irmã, ela não existe mais.

Ismênia — Então condenarás à morte a noiva de teu filho?

Creom — Ele tem outros campos onde poderá plantar.

Ismênia — Não foi por acaso que eles se amaram.

Creom — Não posso querer para meu filho uma mulher como esta.

Ismênia — Ó Hemom, teu pai te insulta!

Creom — Tu me importunas demais com este casamento.

Corifeu — Terás coragem de privar teu próprio filho daquela que ele ama?

Creom — O Hades está aí para consumar a ruptura.

Corifeu — Vejo então que a coisa está resolvida: ela morrerá!

Creom — Tu o disseste. E estamos demorando! Servidores, levai-as para o palácio e deixai-as cuidadosamente vigiadas. Os mais atrevidos tentam se salvar, quando veem o Hades de perto.

2º ESTÁSIMO

CORO

Feliz aquele que envelheceu
sem conhecer o mal.
Quando um deus resolve ferir uma casa,
a desgraça se abate pouco a pouco
sobre todos os seus descendentes.
É como as ondas enormes
que ao sopro furioso da tempestade
rolam na superfície das águas do mar,
revolvem nas profundezas uma areia enegrecida,
joguete da ventania, e se embatem
contra os rochedos que respondem ribombando.

CORIFEU

Há muito tempo já que vejo,
sob o teto dos Labdácidas,
desgraça sobre desgraça,
ferindo os vivos e os mortos.

CORO

O pai não pode guardar seus filhos:
fatalidade que nada detém,
um deus os abate, um a um!
Hoje a última esperança
que brilhava na casa real,
o rebento derradeiro da raça de Édipo,
ei-lo agora ceifado,

raiz da poeira vermelha
consagrada às deidades infernais.

CORIFEU

Que orgulho humano teria valimento
contra tua divindade, ó Zeus?

CORO

Nem o sono que cansa tudo
tem poder sobre ela,
nem os filhos dos deuses,
os meses infatigáveis.
Tu, senhor eternamente e jovem,
presides o Olimpo
numa luz sempre deslumbrante.
E amanhã, como ontem,
e para todo o sempre
prevalecerá esta lei:
nenhum mortal atinge
o limite da felicidade
sem tocar o de sua perdição.

CORIFEU

A mudável esperança consola homens,
mas de muitos outros
explora os crédulos desejos.

CORO

Ela se insinua ao homem descuidoso
e ei-lo que se queima:
seu pé tocava o fogo.
Pois o mal parece bem
a todo espírito

que um deus impele à sua perdição.

(Para o palácio.)

Aquele não estará muito tempo abrigado.

Aparece CREON *e, à esquerda,* HEMON.

TERCEIRO EPISÓDIO

CORIFEU — Eis Hemom, teu filho. Creio que veio ansioso pela sorte de Antígona, sua jovem noiva, e que está desesperado por causa de seu noivado rompido.

CREOM — Já saberemos de tudo sem necessidade de adivinhos. Meu filho, o decreto irrevogável que condenou tua noiva vai-te lançar furioso contra teu pai? Ou tu me guardas, tu pelo menos, uma afeição a toda prova?

HEMOM — Meu pai, eu pertenço a ti. Teus conselhos me dirigem no bom caminho e eu os seguirei sempre. Nenhum casamento terá valor maior aos meus olhos que tua sábia autoridade.

CREOM — Eis aí exatamente os sentimentos que é preciso ter, meu filho. Tudo deve se curvar diante da vontade de um pai. Os homens desejam ver aumentar em sua casa os filhos submissos, que endossem suas rixas e amizades. Dar a vida a ingratos é engendrar a própria miséria, para grande alegria de quem nos odeia. O amor, meu filho, é somente um prazer. Não percas a razão por uma mulher. Lembra-te de que o abraço de uma esposa má regela o marido. Não existe praga pior do que um mau amigo. Assim, rejeita essa desgraçada moça como um ente malfazejo. Deixa que vá se casar lá pelo Hades, se isto lhe agrada. Ela foi a única na cidade surpreendida em desobediência; entendo portanto que não devo ser indigno da confiança do povo: condeno-a à morte. Depois, pode invocar, com grandes brados, a Zeus familiar: se eu permitir que a revolta se alimente no meu próprio lar, os estrangeiros pensariam que tudo lhes é permitido. Quem quer que saiba respeitar a regra em sua família, saberá fazer respeitar a justiça na cidade. O orgulho, que viola as leis e pretende ditar as suas ordens no poder, não se fará de minha aprovação. Aquele que o povo escolheu deve ser escutado em todas as coisas, grandes e pequenas, justas ou injustas. Eu não tenho dúvidas: um cidadão disciplinado sabe comandar tão bem quanto se curva a obedecer. Na batalha, defenderá seu posto como leal e corajoso servidor do país. A anarquia é o pior dos flagelos: arruína as cidades, destrói os lares, rompe as linhas de combate, semeia o pânico, enquanto o espírito de disciplina salva quase sempre aqueles que permanecem em seu posto. Por isso, o nosso dever é defender a ordem e jamais permitir que uma mulher passe por cima dela. É melhor tombar sob os golpes de um homem, se preciso for, do que ser considerado batido por uma mulher.

CORIFEU — Se a idade não me tirou todo julgamento, eis as palavras de um homem sensato.

Hemom — Meu pai, quando os deuses deram razão aos homens, dotaram-nos do bem mais precioso. O céu me preserve de encontrar erro em ti, mas o fato pode parecer melhor encarado de outra maneira. Eu, por exemplo, estou em boa posição para saber, antes de ti, as opiniões, as intrigas, os murmúrios. Tua presença gela o homem do povo, que não se atreve a dizer aquilo que te desagrada. Quanto a mim, passo despercebido e ouço o que se diz. Foi assim que pude ver quanto a cidade lamenta essa moça: nenhuma mereceu menos uma morte infamante. E por uma ação tão bela! Seu irmão, morto em combate, estava privado de sepultura: ela não quis abandonar seu corpo aos cães e às aves de rapina. E então? Ela merece uma coroa de ouro! Esta é a opinião que se murmura sob os mantos, meu pai. Tua felicidade me é mais cara do que tudo: um pai que prospera faz o orgulho de seus filhos, assim como os filhos são o orgulho de seu pai. Mas não sejas obstinado em teus julgamentos. Não és o único detentor da verdade. A superioridade daqueles que pensam ser os únicos sábios, eloquentes, geniais, raramente resiste a um exame. Mesmo o maior sábio não tem vergonha de se instruir sem cessar e de reformar suas opiniões. Em tempo de cheia, ao longo das torrentes, podes ver as árvores que sabem se curvar salvando seus galhos jovens, enquanto aquelas que resistem são arrancadas. Também o marinheiro, que se pega à bolina com demasiada firmeza, faz a nave soçobrar. *(Abraça-o.)* Cede a teu coração, meu pai, volta sob teus passos! Se minha juventude fosse capaz de um conselho sensato, eu diria que não vejo nada maior do que um homem cheio de experiência. Mas não se encontra um todo dia, e não se deve desdenhar uma boa voz, venha de onde vier.

Corifeu — Senhor, se há bom senso nestas palavras, convém aproveitar delas como a ele das tuas. Porque ambos falaram razoavelmente.

Creom — *(Pondo a mão no ombro do Corifeu.)* Em nossa idade! Suportar que uma criança nos ensine a sabedoria?

Hemom — Retém apenas o que é justo. Eu sou moço, meu pai, mas não olhes a idade. Vê os fatos.

Creom — *(Repelindo-o.)* Honrar os rebeldes é agir bem?

Hemom — *(Levantando-se.)* Não estou intercedendo pelos maus.

Creom — E qual é então o caso dessa moça?

Hemom — O povo de Tebas é unânime em negar isso.

Creom — A cidade não pode ditar minha conduta.

Hemom — Agora sim, falas como uma criança.

Creom — Então não posso mais governar?

Hemom — A cidade feita para uma só pessoa não é mais uma cidade.

Creom — A cidade pertence ao soberano.

Hemom — Seria muito bonito reinares num deserto.

Creom — *(Ao público.)* Este aliou-se também com a mulher.

Hemom — És uma mulher, por acaso? É a ti que defendo.

Creom — Miserável! Tens coragem de acusar teu pai?

Hemom — É que te vejo faltar à justiça.

Creom — Falto à justiça por fazer respeitar meu poder?

Hemom — Não respeitas os deuses! Deste no culto com os pés!

Creom — *(Ao público.)* Ah, natureza vil a quem uma mulher domina!

Hemom — Nunca me verás dominado pelo mal.

Creom — Todas as palavras que dizes são em favor dela.

Hemom — E por ti também, e por mim, e pelos deuses.

Creom — Não posso ouvir as tolices do escravo de uma mulher.

Hemom — Hás de falar sempre, sem nunca escutar ninguém.

Creom — E tu não casarás nunca com essa mulher.

Hemom — Ela morrerá então, e sua morte matará outro!

Creom — Era o que faltava, ameaçares teu pai!

Hemom — Que ameaça existe em rebater frases desordenadas?

Creom — E acreditas que estas tolices não vão te custar caro?

Hemom — Se não fosses meu pai, diria que estás perdendo a razão.

Creom — Pensas assim? Pois ela saberá te curar pelo insulto. *(A um servidor.)* Trazei essa moça odiosa. Quero que ela pereça imediatamente sob os olhos do noivo.

Hemom — Não me importa. Ela não morrerá diante dos meus olhos. E tu nunca mais hás de suportar a minha presença. Dá tua loucura como espetáculo a teus cortesãos. *(Sai.)*

Corifeu — Senhor, o moço partiu bruscamente, num transporte de furor. Em sua idade a dor é má conselheira.

Creom — Deixa que se agite, que chegue ao extremo de seu orgulho: as duas moças não escaparão a sua sorte.

Corifeu — Queres então matar as duas?

Creom — Tens razão. Não aquela cuja mão é inocente.

Corifeu — E que suplício reservas à outra?

Creom — Mandá-la-ei a um lugar deserto onde será encerrada viva numa caverna, com os alimentos que o ritual prescreve a fim de que a cidade escape à imputação de crime. Lá, invocando Hades, seu deus favorito, ela obterá com certeza o favor de não morrer. Ou então poderá, pelo menos, medir a vaidade das honras que prestam aos mortos.

3º ESTÁSIMO

CORO

Amor invencível no combate,
Amor tirano das próprias conquistas!
Tu que durante a noite
repousas sobre a face fresca dos jovens,
tu que percorres os mares,
os campos e as choupanas,
que deus te pode evitar?
E que homem mortal também?
No entanto não passa de um louco
aquele que carrega o amor no coração.

CORIFEU

O próprio espírito do justo perde-se,
seduzido por ti à injustiça.

CORO

Entre esses dois homens
acabas de excitar um ódio
alimentado no mesmo sangue.
A atração que mora, rebrilhando,
nos olhos da jovem desposada
vence sempre e tem seu lugar
entre as leis que reinam sobre o mundo
e, sem necessidade de combate,
a divina Afrodite nos maneja.

Corifeu — Mas revolto-me da minha parte e não posso deter o regato das lágrimas, quando vejo Antígona caminhar para o quarto onde todos havemos de adormecer.

Antígona — Olhai, cidadãos de minha pátria: sigo por meu último caminho e este é o derradeiro sol que vejo. Depois… nunca mais! O Hades, que adormece tudo, leva-me ainda viva às margens do Caronte, despojada de minha felicidade nupcial e sem poder entoar o canto cerimonial no limiar da casa do meu esposo.

Coro

Segues para esse mundo secreto onde estão os mortos,

gloriosa e admirada.

Nenhuma doença te molestou,

nenhuma espada te feriu.

Recebendo tua própria lei,

vais descer ao Hades viva.

É um destino inusitado.

Antígona — Contaram-me o triste fim dessa estrangeira frígia, Níobe, filha de Tântalo, no cume do monte Sipilo. Ela, semelhante à hera, cingiu-se inteiramente à rocha e paralisaram-se seus membros. Conta-se que a chuva e a neve maltratavam continuamente sua carne, e que as lágrimas corriam-lhe dos olhos sobre o colo. Semelhante é o destino que me espera no túmulo.

Coro

Ela era deusa e nascera de outra deusa,

nós nascemos mortais e filhos de mortais.

Quando não existires mais,

que glória para ti,

teres conhecido a sorte de uma divindade,

entrando viva na morte.

Antígona — Escarneces de mim! Pelos deuses de nossos pais! Tens coragem de me ultrajar agora? Espera ao menos que eu morra. Ó cidade, ó opulentos cidadãos de minha terra! Ó fontes dirceias, ó muralhas sagradas de Tebas! Dai-me, unânimes, este testemunho: não terei sequer uma lamentação de meus amigos no momento em que parto — e vítima de quais leis? — para esse asilo subterrâneo, para esse túmulo estranho. Tal é meu infortúnio. Vivo ainda e não estou mais entre os homens, separada ao mesmo tempo dos vivos e dos mortos.

Coro

Levada por tua audácia,

caminhas para o trono da Justiça

e feriste cruelmente a ti própria, filha.

Sem dúvida pagas

alguma culpa de teu pai.

Antígona — Ah! Agora tocaste na minha chaga, no meu tríplice motivo de pranto! A desgraça de meu pai e de nossa família, a desgraça que não poupa nenhum dos Labdácidas! A maldição lançada sobre o leito materno! O casal incestuoso de filho e de mãe. É então daí que procede todo o meu infortúnio? Desgraçada! Eis-me então aqui, meus pais: amaldiçoada e sem marido, vou morar convosco! E tu, cujo casamento entre os argivos causou tantos males, tu, meu irmão Polinices, morrendo, levaste-me contigo!

Corifeu — A piedade cobriu-se de honras com teu ato. Mas quando se tem a carga do poder, não se pode tolerar a desobediência que te perdeu.

Antígona — Então não terei em meu último caminho a escolta do pranto, da amizade, nem dos cantos nupciais! Nem se abrirá para mim nunca mais este olhar sagrado do dia! Esta é minha lei! Nem uma lágrima, nem um suspiro amigo para lamentar meu infortúnio.

Creom — *(Ao povo.)* Sabeis que se fosse permitido se demorar assim em lamentações antes de morrer seria um nunca acabar! Por que não a levais imediatamente? E fazei direito o que já disse: fechai-a na caverna e deixai-a em sua solidão, seja para chamar a morte, seja para tentar viver emparedada. Eu tenho mãos puras a respeito desta moça: ela será privada da comunhão dos vivos.

Antígona — Ó túmulo, minha câmara nupcial, minha eterna prisão na terra! Aí vou reencontrar os meus, que Perséfone já acolheu entre os mortos. A última e mais desgraçada de todos desce por minha vez, antes de ter esgotado meu quinhão de vida. Mas que importa? Alimento a esperança de que, lá, minha chegada fará a alegria de meu pai; a tua também, minha mãe amada; e a tua, Etéocles querido. Quando morrestes, eu vos lavei as mãos, preparei-vos e verti libações sobre vosso túmulo. Quanto a ti, Polinices, por ter cuidado de teus funerais, vês o meu salário? Entretanto eu tinha razão. Se fosse mãe e se fossem meus filhos ou meu esposo que tivessem morrido, não teria violado a lei para cumprir esse dever. Que motivos teria eu então? Viúva, poderia me casar ainda, e, se perdesse meu filho, meu segundo esposo poderia me tornar novamente mãe. Mas um irmão, agora que meu pai dorme na noite do Hades, não tenho mais esperança de me nascer outro. Não foi outra coisa que pensei ao te honrar particularmente, querida fronte materna! Mas Creom declara que cometi

um crime de uma audácia terrível. E prendeu-me, privando-me de meu noivo, de minhas núpcias, de minha parte de esposa e de mãe. Sem amigos, sozinha em meu infortúnio, desço viva à caverna dos mortos! Que decreto divino eu violei? Enfim, para que levantar ainda o olhar para os deuses? A quem poderia pedir socorro, quando minha piedade só me valeu o nome de ímpia? Se os deuses acham bom que me tratem assim, então no meio do meu suplício confessarei que era criminosa. Mas se o crime está do outro lado, possam meus perseguidores sofrer apenas os males que me fazem suportar injustamente.

Corifeu — Sempre sacudida pelo mesmo sopro de paixão.

Creom — Atenção: os guardas poderiam padecer por sua lentidão.

Antígona — Ah! Eis que me anunciam minha morte próxima.

Creom — Não esperes que o medo te abandone!

Antígona — Capital do país de Tebas, cidade de meu pai, e vós, deuses meus antepassados, é um fato: estou condenada. Vede, notáveis de Tebas, a derradeira de vossas princesas! Olhai o meu sofrimento e não vos esqueçais de que sua causa foi minha piedade.

Coro

Esta foi também a morte de Dânae:
trocar a clareza do céu pela noite
de uma prisão de bronze.
Sofreu assim o jugo encerrada em sua câmara tumular.
Entretanto ela também era de ilustre descendência,
ó Antígona, minha filha,
e acolhia em suas entranhas
a chuva dourada de Zeus;
mas o poder da fatalidade é uma potência terrível:
nem a prosperidade, nem Ares, o deus da guerra,
nem as torres, nem os navios
abalados pelas ondas podem evitá-lo.

Coro

Também foi encadeado o filho de Driante,
rei dos edônios,

o qual por sua índole obstinada
foi encerrado por Dionísio numa prisão de pedra.
Assim se esgota, gota a gota,
essa audácia terrível,
capturada vivamente por seu furor.

CORIFEU

O insensato vê agora que feria um deus
com sua língua insolente,
orgulhando-se de possuir o ardor das bacantes
e o fogo das tochas dionisíacas.

CORO

Também perto dos negros rochedos,
cercados por mares iguais
estão os promontórios do Bósforo
e a sinistra Salmidesso,
onde o deus da guerra, protetor da cidade,
viu os filhos de Fineu
despedaçados por uma chaga atroz:
sua cruel madrasta, excitada por um deus,
arrancou o globo de seus olhos
sem outra espada que os dedos ensanguentados
e a ponta de suas laçadeiras.

CORIFEU

Os desgraçados, consumidos pela dor,
choravam sobre o destino que os tinha feito
nascer de uma união indesejável.

CORO

No entanto, sua mãe pertencia
à ilustre descendência dos Eréctidas

e entre os rochedos solitários,
alimentada em meio a tempestades,
ela, criança dos deuses e filha de Bóreas,
galopava com os cavalos
nas ravinas das montanhas.
Vê então, tu, minha filha:
ela também foi vítima das Parcas irrevogáveis.

QUARTO EPISÓDIO

TIRÉSIAS — Senhores de Tebas; eis-me com meu guia. Ele tem olhos por nós dois, pois de outro modo o cego não pode caminhar.

CREOM — Que há, venerável Tirésias?

TIRÉSIAS — Dir-te-ei em pouco, mas é preciso escutar o adivinho.

CREOM — Nunca desprezei teus avisos.

TIRÉSIAS — E sempre tens governado bem!

CREOM — Reconheço que me prestaste muitos serviços.

TIRÉSIAS — Sabes então que agora estás caminhando pelo fio de uma navalha.

CREOM — Que há? Tuas palavras fazem-me estremecer!

TIRÉSIAS — Ouve o que minha arte me revelou. Eu me sentara na velha cadeira dos augúrios, pórtico dos presságios, quando percebi um piado confuso de pássaros enfurecidos, um ruído ininteligível. Mas, pelo ruflar das asas, compreendi que se despedaçavam entre si. Em seguida, cheio de temor, quis queimar uma vítima no altar. Mas em vez de a chama se elevar por cima das carnes, a gordura das coxas, fundindo-se sobre a cinza, crepitava, fumegando. O fel desfazia-se em vapor e o humor gorduroso corria, deixando apenas os ossos nus. Segundo as indicações que o menino me dava, entendia que as vísceras consagradas se consumiam sem fornecer o presságio. Sim, porque este menino serve de guia a mim, que guio os outros! Ora, vim para te dizer que a cidade sofre por tua causa. Nossos altares, todos os lares em que se fazem sacrifícios, estão cheios de pedaços que os pássaros e os cães arrancaram aos despojos do infortunado filho de Édipo. Os deuses não aceitam mais as preces dos sacrificadores nem a chama das coxas imoladas, e os pássaros não fazem mais vibrar seus gritos de bom agouro, porque devoraram o sangue coagulado de um cadáver. Reflete, meu filho! Todo mundo está sujeito a se enganar, sem ser por isso um insensato ou um desgraçado, desde que não se obstine no erro. Mas teimosia revela ignorância. Vamos, aplaca-te ante o morto. Não persigas um cadáver! Um morto não precisa ser morto duas vezes. Falo por teu bem, porque muito bem te quero. É preciso ouvir a sabedoria de um amigo, quando ela procura o nosso interesse.

CREOM — Ah, velho! Como arqueiros, então, atirais todos contra mim? Faltavam os adivinhos! Todos os meus próximos venderam-me, traíram-me! Muito bem! Fazei

fortuna, comprai, se assim o quiserdes, os metais de Sardes e o ouro da Índia: não enterrareis esse morto! Nunca! Nem mesmo que as águias de Zeus levem pedaços do cadáver até o trono de seu senhor. Não tremerei a ponto de deixar que se enterre essa carne manchada, pois bem sei que nenhum humano é capaz de apaziguar uma divindade! A queda, venerável Tirésias, vigia os homens mais hábeis, e eles caem para sua vergonha, quando colocam sua eloquência à serviço da ambição.

Tirésias — Ai! Por que um homem nunca pensa… que a sabedoria vale por todos os bens do mundo?

Creom — O quê? Mais um lugar comum? E por que não pensar também que a imprudência é a pior das pestes?

Tirésias — E no entanto é desse mal que estás cheio.

Creom — Não responderei às injúrias de um adivinho.

Tirésias — Tu, sim, estás me insultando, acusando-me de predizer mentiras.

Creom — Como essa raça ama o dinheiro!

Tirésias — A dos reis é que enriquece por qualquer meio.

Creom — Estás esquecido de que falas com teu soberano?

Tirésias — Eu nada esqueço. Graças a quem salvaste a cidade?

Creom — Ah, em tua arte és muito hábil! Mas amas a injustiça!

Tirésias — Tu me forças a revelar os segredos que repousam em meu coração.

Creom — Revela-os. Não é o interesse que te leva a falar?

Tirésias — Então é assim que me julgas agora?

Creom — Minha decisão não será revogada seja qual for o preço.

Tirésias — Seja, então! Sabe que muitos sóis não cumprirão seu curso antes que mates uma criança de tuas entranhas como expiação pelas vítimas por que tens de responder: esta inocente, que tiraste do mundo dos vivos para encerrar numa caverna subterrânea, e esse morto que reténs, penando sobre a terra, longe dos deuses infernais, privado das honras fúnebres e purificações. Não tens direito sobre eles, nem tu, nem nenhuma divindade dos céus. Tu lhes fazes uma violência. Por isso, as Fúrias Vingadoras do Hades e dos deuses preparam a armadilha mortal que te enredará em teus próprios crimes. E agora, vê se digo isso por amor ao dinheiro: próximo está o tempo em que os homens e as mulheres irão se levantar em teu palácio. Já se rebelam as cidades, para onde os cães, os animais selvagens e os pássaros levam a carniça impura, consagrando nos altares domésticos pedaços decompostos. Eis aí! Levaste-me ao extremo e, na cólera de meu coração, lancei minhas flechas com mão segura.

Não escaparás à sua dor. Vamos, meu filho, leva-me. Deixemos que este leve seu furor sobre outros mais jovens. Que possa acostumar sua língua à cortesia e seu espírito a pensamentos sem loucura. *(Sai.)*

Corifeu — Príncipe, o adivinho foi-se depois de proferir terríveis profecias. E desde o tempo em que tinha cabelos negros — e hoje embranqueceram completamente — não o vi dizer uma mentira em tudo que profetizou.

Creom — Eu sei também e minha alma se perturba. É terrível ceder. Mas, se resistir, exponho-me aos mais terríveis golpes da fortuna.

Corifeu — Prudência, Creom, filho de Meceneu.

Creom — Que fazer? Dá tua opinião, eu a seguirei.

Corifeu — Manda tirar a moça de sua caverna subterrânea; e prepara um túmulo para o morto.

Creom — Pensas então que devo ceder!

Corifeu — Sim, ó rei, e sem perder um momento. O castigo divino caminha depressa e se abate sobre o culpado.

Creom — Ai! Eu me desdigo com desgosto mas é preciso. Contra a necessidade a luta é sem esperança.

Corifeu — Vai, não confies o fato a outros.

Creom — Eu vou. Servidores, reuni-vos, tomai estacas e correi para ali. Assim mudei eu de propósito. Esta moça que pus a ferros, vou libertá-la eu mesmo. Parece que na verdade é melhor não mudar as leis estabelecidas. *(Sai.)*

ÊXODO

CORIFEU

Deus dos cem nomes,
orgulho da ninfa tua mãe,
da filha dos cadmeus!
Ó rebento de Zeus do surdo trovão!
Preferes os bordos da Itália ilustre
e reinas nos vales comuns
de Ceres Eleusina.

CORO

E tu, Dionísio, presides a Tebas,
cidade natal das Bacantes,
perto da torrente do Ismeno
onde foram semeadas as ásperas sementes do dragão.

CORIFEU

Para ti se dirige a chama
que brilha sobre este monte de dois cumes
onde dançam as ninfas corícias
companheiras de jogo e a fonte de Castália.
Tendo abandonado Nisa,
com suas rochas cobertas de hera
e os vinhedos que cobrem seus arredores,
percorres nossas ruas
gritando o místico evoé.

CORO

Porque tu honras Tebas entre todas as cidades

e tua mãe contigo,

a ninfa fulminada.

Mas hoje vê como todo este povo é presa do mal.

Acorre, pois:

que teu passo salvador

franqueie o Parnasso, o estreito retumbante!

Ó chefe do coro dos astros,

deus do hábito luminoso

a quem festejam os gritos que sobem na noite,

aparece, rebento de Zeus,

meu rei,

no meio de um cortejo das Tíades,

que delirando até a aurora

dançam,

dançam

por ti, Dionísio, seu senhor!

Mensageiro — Cidadãos de Tebas e do templo de Anfião! Nunca mais admirarei como feliz nem lamentarei como desgraçado a um homem enquanto for vivo. A fortuna exalta, a fortuna precipita os felizes e os desgraçados e ninguém sabe ler o destino dos mortais. Outrora Creom me parecia digno de inveja. Ele libertara o solo tebano: subira ao trono, reinava como soberano absoluto e sua família florescia. Tudo se desvaneceu. Quando um homem perdeu a alegria, creio que não vive mais: é um morto que respira. Amontoa tesouros num palácio, leva uma vida faustosa de rei: se te falta a alegria de viver, todo o resto não vale, em comparação, a sombra da fumaça.

Corifeu — Que infortúnio de nossos príncipes vens ainda anunciar?

Mensageiro — A morte de uns pela falta de outros!

Corifeu — Quem é o assassino? Quem é a vítima? Fala!

Mensageiro — Morreu Hemom, vítima de uma mão de seu próprio sangue.

Corifeu — A mão de seu pai? Ou a sua própria?

Mensageiro — Feriu-se a si mesmo, revoltado contra um pai assassino.

Coro — Ah, Tirésias, tuas predições não mentiam!

Mensageiro — Tais são os fatos. É preciso agora prever o que se lhes segue.

Corifeu — E eis que vejo Eurídice, a desgraçada esposa de Creom. Terá saído por acaso, ou ouviu que se falava do seu filho?

Eurídice — Cidadãos, vossas palavras chegaram até mim, quando eu saía para endereçar minhas súplicas à deusa Palas. No momento em que a porta se abria, o murmúrio de uma desgraça sobre os meus feriu meus ouvidos e caí nos braços das mulheres, paralisada pelo terror. Vamos, qualquer que seja a notícia, repeti-a diante de mim. Eu saberei ouvir a desgraça: já estou habituada.

Mensageiro — Minha senhora amada, assisti aos acontecimentos e nada omitirei da verdade. Para que atenuá-la, se logo se iria descobrir que eu a falseara? O caminho da verdade é o caminho certo. Ora, fui eu quem guiou o rei através da planície para o lugar em que jazia, ainda, despedaçado pelos cães, o corpo lamentável de Polinices. Tendo primeiro suplicado à guardiã das estradas e a Plutão que contivessem benfazejamente sua cólera, banhamos o corpo em água pura e o envolvemos com ramos recém-cortados. Queimamos então o que restava dos galhos e fizemos para o morto um túmulo, batido com a terra paterna amontoada. Dirigimo-nos então para a caverna da moça, aquilo que era ao mesmo tempo sua câmara nupcial e mortuária. De longe, um de nós ouviu gritos dolorosos, perto da cela funerária que não fora honrada com os ritos, e avisou Creom. Quando o rei se aproximou, ouviu gritos confusos de desespero e, chorando, deixou escapar uma amarga lamentação: “Desgraçado! Terei adivinhado? Será que caminho pela via mais dolorosa da minha vida? É a voz de meu filho! Servidores, correi depressa ao túmulo! Rompei o muro que o cerca, entrai e olhai: quero saber se ouço a voz de Hemom ou se os deuses escarnecem de mim.” Cumprimos a ordem do Senhor. No fundo do túmulo descobrimos a moça enforcada, com o pescoço enlaçado por um nó de sua charpa de linha. Hemom tinha-se lançado contra o corpo, que estreitava: gemia pela noiva que descera à morte pelo rigor de seu pai, por seu amor tão desventurado. Seu pai avistou-o: entrou sacudido por rudes soluços e chamou-o com uma voz dolorosa: “Que fizeste, infortunado? Que querias fazer? Que golpe destruiu tua razão? Meu filho, peço-te que saias!” Mas o filho, com os olhos de louco, cuspiu-lhe o rosto e investiu com a espada. O rei esquivou-se ao golpe e saiu. Então o desgraçado voltou seu furor contra si próprio: alongando o braço, apoiou a ponta da espada no peito e apunhalou-se. Ainda vivo, mas com um braço já desfalecente, atraiu contra si o corpo da noiva, cuja face pálida foi inundada pelo sangue que jorrava. Os dois cadáveres jazeram assim enlaçados. Seu casamento foi consumado por Hades para ensinar aos humanos que não existe flagelo mais pernicioso que a imprudência.

Corifeu — Que acontecimento isto prenuncia? A rainha retirou-se sem uma palavra.

Mensageiro — Também eu fiquei perturbado. Talvez ela tenha achado melhor não expor sua dor materna em público, e foi dizer às mulheres que devem chorar a desgraça. Tem

muita sabedoria para faltar a essas conveniências.

Corifeu — Não sei. Um silêncio muito grande parece-me mais carregado de ameaça do que uma explosão de gritos inúteis.

Mensageiro — Se queremos conhecer o segredo desse desespero tão bem contido, entremos no palácio. Tens razão; um silêncio tão grande é carregado de ameaças. *(Sai.)*

Corifeu — Um instante. Eis o rei que se aproxima, trazendo nos braços, se me é permitido dizer assim, o claro testemunho de uma desgraça que só deve a si próprio.

Creom — Ó cruéis e mortais desgarramentos de minha sabedoria! Ó imortal obstinação! Vede o mesmo sangue gerar o assassino e a vítima. Desgraçado de mim, que funesto decreto. Ó meu filho, tão moço e morreste e por minha culpa! Ah, louco que eu era! Por minha culpa!

Corifeu — Ai, temo que seja muito tarde para ver claro!

Creom — A desgraça abriu-me os olhos! Um deus feriu-me duramente, levando-me por um caminho atroz e espezinhando minha sorte. Ai de nós, dura provação é ser homem!

Mensageiro — *(Voltando do palácio.)* Senhor, tens já em teus braços a tua carga de infortúnio, mas em pouco verás outra, se entrares no palácio.

Creom — Que acontece ainda de pior?

Mensageiro — Como digna mãe de teu filho, tua infortunada mulher matou-se, sucumbindo à ferida que ela mesma causou.

Creom — Ah, porto infernal, faminto de vítimas, queres então que eu morra! E tu, mensageiro de desgraças, que notícia vem me ferir ainda por tua voz? Infeliz de mim, é um moribundo que tu acabas! Que dizes que acontece ainda? Minha mulher morta depois de meu filho e em meu redor a morte por todos os lados!

Corifeu — Olha! Podes vê-la daqui, no palácio.

Creom — Desgraçado de mim! Meu infortúnio revela seu segundo rosto. Que nova morte me espera ainda? Eu tinha em meus braços meu filho morto e eis sob meus olhos o outro cadáver. Ó mãe dolorosa! Ó meu filho!

Mensageiro — Ferida por um punhal aguçado, deixou que os olhos se cobrissem, com as pálpebras cheias de sombra, diante do altar, e chorou por Megareu, seu primeiro filho, e ainda por Hemom, maldizendo o pai assassino.

Creom — Ó deuses, estou perdido com tanto horror. Por que não me matais com uma espada de dois gumes? Sou apenas um infortunado, em torno de quem só há desgraças.

Mensageiro — Morrendo ela culpou a ti pela morte dos dois filhos.

Creom — E como se matou Eurídice?

Mensageiro — Ferindo-se no coração, quando soube da morte de Hemom.

Creom — Desgraçado de mim, a culpa é minha, somente eu devo ser acusado. Fui eu quem te matou, sou um assassino, eu, só eu! Ó cidadãos, expulsai-me logo para longe, para muito longe daqui! Estou mais aniquilado do que se estivesse morto.

Corifeu — Tomas o melhor partido, se pode haver algum bem na desgraça. Quando ela existe, o melhor é abreviá-la.

Creom — Que a morte acorra ainda a meu apelo, que ela se mostre e me traga meu supremo dia. Que venha, a morte me será bem-vinda. Não quero ver mais nenhum dia se levantar.

Coro

O que há de ser será.

Ocupemo-nos do presente.

O resto não é de nossa alçada.

Creom — Tudo o que desejo está na prece que fiz.

Coro

Não desejas nada.

Ninguém pode escapar

a seu quinhão do infortúnio.

Creom — Que se expulse, e para bem longe, este pobre louco. Eu não queria vos matar, a ti meu filho, nem a ti que aí estás. Pobre de mim, não sei mais para onde me voltar! Fugiu-me tudo o que eu possuía e o destino se abateu sobre minha cabeça. Eu não posso mais.

Coro

A sabedoria é a primeira condição da felicidade.

E é preciso sobretudo

jamais faltar com os deveres piedosos.

Grandes golpes da fortuna

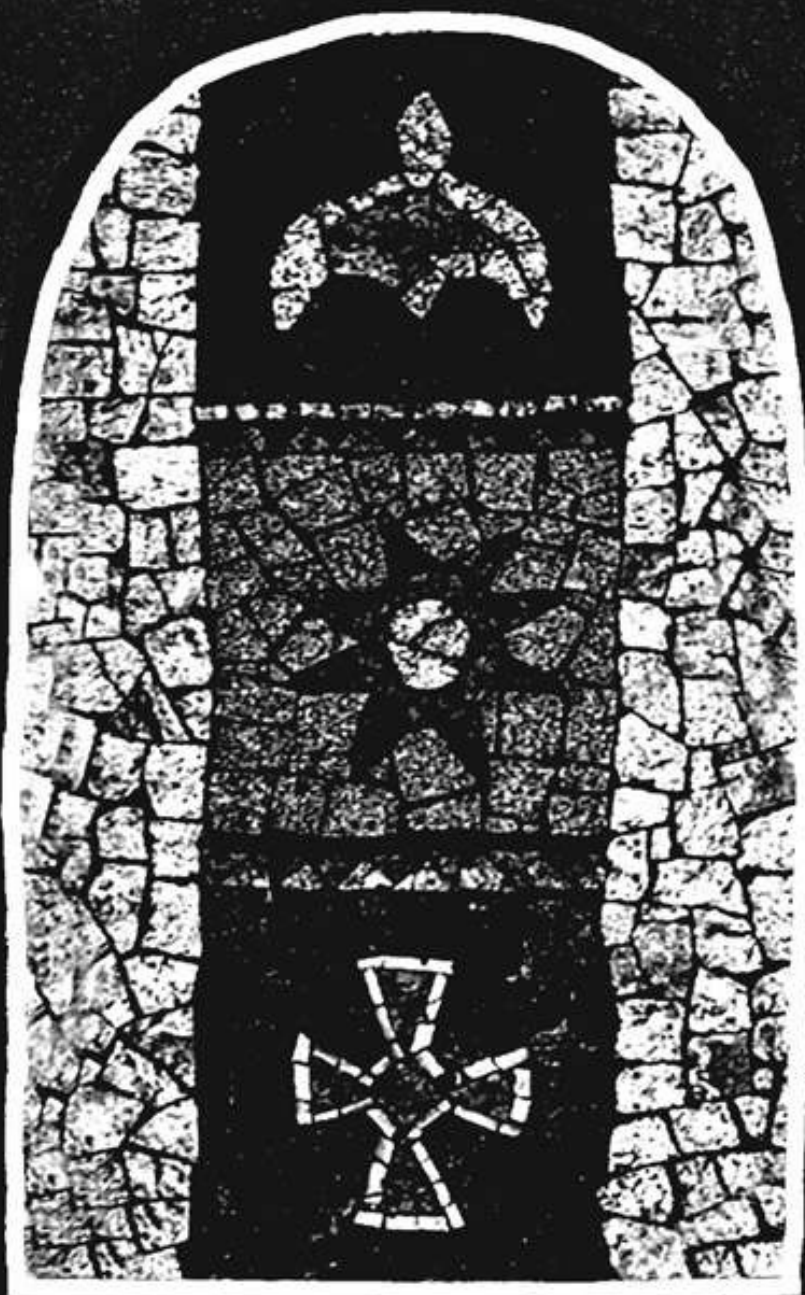
fazem presunçosos pagar sua jactância

e ensinam-lhes prudência, mas somente quando é

[tarde demais.

TEATRO TRADUZIDO

ARIANO SUASSUNA



A PANELA, de Plauto

PERSONAGENS:

O Deus Lar

Euclião, velho avarento

Estáfila, escrava de Euclião

Megadoro, velho rico

Eunômia, irmã de Megadoro

Licônidas, filho de Eunômia

Estróbilo, escravo de Licônidas

Congrião, um servo cozinheiro

Antraz, outro servo cozinheiro

CENÁRIO:

Uma praça. À direita, casa de Euclião com acesso por uma escada. Ao fundo, pequeno bosque com árvores simples. Ao fundo esquerdo, templo da Fidelidade. Uma pequena murada delimita toda a cena.

PRÓLOGO

O Deus Lar — Sou o Deus protetor da família que mora na casa de onde me viram sair. Moro nesta casa há muitos anos e tenho-a protegido desde o tempo do avô de Euclião, que hoje a possui. Esse avô deixou um tesouro, uma panela, cheia de ouro, escondida na lareira, e eu fiz com que Euclião a encontrasse, por causa da filha, de quem muito gosto. Essa moça foi seduzida por Licônidas, um rapaz de boa família. Hoje farei com que Megadoro, o velho tio desse rapaz, peça a moça em casamento, a fim de apressar o sobrinho. *(Sai.)*

Primeiro Ato

Voz de Euclião — Pra fora! Pra fora, espiã!

Euclião — *(Na porta, estendendo o braço.)* Pra fora! Pra fora, já disse! *(Estáfila aparece à porta.)* Espiã de olho arregalado! *(Euclião dá um pontapé em Estáfila, enquanto ela desce a escada.)*

Estáfila — *(Logo depois do pontapé.)* Ai, coitada de mim! Por que me bateu?

Euclião — *(Descendo.)* Para que você seja mesmo uma coitada de mim! Para que você, que é ruim, tenha uma vida ruim como você!

Estáfila — Mas por que me botar pra fora de casa?

Euclião — Não tenho contas para lhe dar. Saco de pancadas! Saia de perto de casa! Vá pra lá! *(Estáfila caminha vagarosamente.)* Vejam como ela anda! Se eu pego um pau ou um chicote...

Estáfila — A forca é melhor que um patrão desses!

Euclião — Está resmungando? *(Estáfila ergue as mãos pro céu e para.)* Inda hei de lhe arrancar os olhos para que essa ladrona não viva me espiando. Vá pra lá! Mais pra lá! Mais pra lá ainda! Chega! Se sair daí, nem que seja tanto assim, mando crucificá-la. *(À parte.)* Velha danada! Se ela cheirar o ouro e descobrir a panela...Tem olhos até por trás! E meu ouro? Estará onde o escondi? Quanta inquietação e miséria me consomem! *(Entra em casa.)*

Estáfila — *(Só, de costas para a casa.)* Está doido. É a décima vez que me bota para fora de casa hoje! Deve ser febre! Passa a noite acordado, vigiando, e o dia em casa, sentado como um sapateiro perneta. Não sei como se poderá mais esconder a ele o que aconteceu com a filha, porque a hora do nascimento está próxima.

Euclião — *(Da porta.)* Agora estou descansado. O ouro está salvo. *(Severo, a Estáfila.)* Volte pra casa e fique de vigia!

Estáfila — *(Voltando-se.)* Pra vigiar o quê? É pra ninguém levar as paredes? É a única coisa que os ladrões podem levar daí, porque o resto é só coisa nenhuma e teia de aranha.

Euclião — Pois vigie as teias de aranha! Velha feiticeira, queria bem que Júpiter fizesse de mim um rei Felipe ou um Dario só para lhe causar prazer? *(Com voz meio chorosa.)* Pois bem, sou pobre e estou resignado. Aceito o que os deuses me dão. *(Severo.)* Vá pra dentro e feche a porta. Eu volto já. Não deixe entrar ninguém. Tome cuidado. Apague o fogo para que ninguém venha pedir brasas. Se o fogo ficar aceso eu apagarei você. Se

alguém pedir água, diga que se derramou. Os vizinhos gostam sempre de pedir um facão, um machado, um pilão, um almofariz. Diga que os ladrões roubaram tudo. E não deixe ninguém entrar. Quero avisá-la: mesmo que a Deusa da Fortuna chegue aqui, você não a deixe entrar.

Estáfila — Só ela mesmo entraria aqui! Nunca chegará nem perto desta casa.

Euclião — Cale-se e entre.

Estáfila — Calo-me e entro. *(Entra em casa.)*

Euclião — *(Gritando para dentro.)* Feche as portas com os dois ferrolhos. Eu volto logo. *(À parte.)* Tenho que sair de qualquer modo. É preciso. Eu sei o que faço. Anunciaram uma distribuição de auxílios e se eu não for todos vão desconfiar que eu tenho ouro em casa. Sim, porque não seria natural que um homem pobre desprezasse o dinheiro que lhe dão. Agora, então, parece que todos já estão desconfiados. Todos me saúdam com tanta amabilidade. Aproximam-se, param, apertam-me a mão, perguntam como vou de saúde, como vão os negócios... É o ouro. Mas deixem-me ir onde tenho de ir. *(Sai correndo.)*

Entram Eunômia *e* Megadoro.

Eunômia — O que eu quero, meu irmão, é que você saiba que eu digo isto porque zelo por seu interesse, como, aliás, é justo que faça, desde que sou sua irmã. Sei que vivem dizendo que as mulheres são aborrecidas e faladoras, o que, diga-se a verdade, não é de todo injusto. Dizem até que nunca existiu uma mulher que fosse muda. De qualquer modo, você é meu parente mais próximo e sua parenta mais próxima sou eu. Assim, é justo que nos ajudemos um ao outro, que eu o aconselhe e guie, e o mesmo faça você comigo. É preciso que não deixemos nada escondido, que não fiquemos calados por medo, quando nossa obrigação é falar. É preciso que eu faça você participar das minhas coisas e que você me faça participar das suas. Pois bem, trouxe você para cá, assim às escondidas...

Megadoro — Mulher admirável!... Dê-me a sua mão.

Eunômia — Onde está ela?

Megadoro — *(Perplexo.)* Hein?

Eunômia — Essa mulher, que é admirável...

Megadoro — É você!

Eunômia — Eu?

Megadoro — Bem, se você acha que não, eu também acho.

Eunômia — O que é certo é dizer a verdade! E, na verdade, não existe uma só mulher que se possa chamar de admirável. Cada uma é pior do que as outras!

Megadoro — Assim penso eu e não é nisso que hei de contrariá-la, minha irmã.

Eunômia — Então faça o favor de me escutar.

Megadoro — Como queira. Fique à vontade e mande o que quiser.

Eunômia — Eu vim para lhe dar um conselho.

Megadoro — Como foi sempre o seu costume.

Eunômia — E eu quero que assim continue.

Megadoro — Afinal, de que se trata?

Eunômia — De que você possa procriar, para sua felicidade.

Megadoro — Que os deuses a ouçam!

Eunômia — Quero que você se case.

Megadoro — Ai de mim, estou perdido!

Eunômia — Faça aquilo que sua irmã lhe pede.

Megadoro — Se me agradar, faço.

Eunômia — É a melhor coisa para você.

Megadoro — Prefiro a forca. Mas aceito com uma condição: hoje casado, amanhã viúvo. Assim, prepare o casório, e pode me apresentar a mulher que você quiser.

Eunômia — Ela lhe daria um dote riquíssimo, meu irmão. É uma mulher já madura, de meia-idade...

Megadoro — *(Estremecendo.)* Hein?

Eunômia — Se me autoriza, eu a pedirei para você.

Megadoro — Posso levantar uma questão?

Eunômia — O que quiser...

Megadoro — Quando um homem... depois de certa idade... casa com uma mulher... de meia-idade... e o velho... por acaso faz um filho na velha, o menino só pode ter um nome. Sabe qual é?

Eunômia — Eu não.

Megadoro — Filho de defunto. Póstumo. Mas quero lhe evitar este trabalho. Graças aos deuses e aos meus antepassados, já sou bastante rico. Não gosto de suas mulheres de

alta linhagem, com dotes enormes, com seu orgulho, carros de marfim, vestidos de púrpura. São umas desgraças e reduzem o marido à servidão.

Eunômia — Diga-me então: qual a mulher com quem você quer casar?

Megadoro — Pois não. Conhece o velho Euclião, este pobre velho, que é nosso vizinho?

Eunômia — Conheço. É um homem bem simpático.

Megadoro — Quero casar com a filha dele. Não adianta falar. Sei que ela é pobre e essa pobreza me agrada.

Eunômia — Que os deuses o ajudem.

Megadoro — É exatamente o que espero.

Eunômia — Não quer mais nada de mim?

Megadoro — Quero que você passe bem!

Eunômia — *(Entufada.)* E você também. *(Sai.)*

Megadoro — Vou procurar Euclião. Talvez esteja em casa. *(Euclião aparece.)* Ei-lo que volta, não sei de onde.

Euclião — *(À parte.)* Aconteceu o que eu previa: nada de auxílio. Não apareceu ninguém. O melhor é entrar porque enquanto estou aqui, minha alma está em casa!

Megadoro — Os céus o guardem sempre em alegria, Euclião!

Euclião — Que os deuses o salvem, Megadoro!

Megadoro — E então? Sempre bem de saúde?

Euclião — *(À parte.)* Deve haver algum motivo para um rico falar a um pobre com tanta delicadeza. Com certeza já sabe que eu tenho o ouro. É por isso que me saúda com tanta brandura.

Megadoro — Então, de saúde mesmo?

Euclião — Com exceção do dinheiro, vai tudo bem.

Megadoro — Ora, tendo sossego de espírito você tem tudo o que precisa para ser feliz.

Euclião — *(À parte.)* A velha já falou no dinheiro. Hei de lhe cortar a língua e furar-lhe os olhos.

Megadoro — Que é que você está resmungando aí?

Euclião — Estou lamentando a minha miséria. Minha filha já está uma moça e, sem dote, é difícil casá-la. Quem quereria casar com ela assim?

Megadoro — Coragem, Euclião, arranja-se o que você quiser. Quero ajudá-lo. Diga o que precisa, é só mandar.

Euclião — *(À parte.)* Isso parece promessa, mas é pedido. Está louco para devorar o meu dinheiro. Com uma mão ele mostra o pão e com a outra segura uma pedra. É uma armadilha para me pegar.

Megadoro — Escute, Euclião, quero lhe dizer duas palavrinhas sobre um assunto do nosso interesse.

Euclião — *(À parte.)* Pobre Euclião, com certeza já roubaram teu ouro! Está te chamando para fazer um acordo! Vou ver o ouro!

Megadoro — Onde vai?

Euclião — Eu volto já. Tenho o que fazer em casa. *(Entra em casa.)*

Megadoro — Quando eu lhe pedir a filha, pensará que estou brincando. Não há mortal mais pobre e que viva com mais pobreza do que ele.

Euclião — *(Voltando.)* Os deuses me protegem, a panela está salva. Não falta nada. De medo estava mais morto do que vivo. *(A Megadoro.)* Eis-me de volta, Megadoro. Que quer de mim?

Megadoro — Você vai me fazer o favor de responder aquilo que eu lhe perguntar.

Euclião — Contanto que você não me pergunte nada que eu não queira responder.

Megadoro — Que tal lhe parece minha família?

Euclião — Boa.

Megadoro — E meu caráter?

Euclião — Bom.

Megadoro — E meus atos?

Euclião — Nem maus, nem desonestos.

Megadoro — Sabe a minha idade?

Euclião — Sei que é tão grande quanto a sua fortuna.

Megadoro — Pois eu também acho você um cidadão sem defeitos.

Euclião — *(À parte.)* Já sentiu o cheiro do ouro! *(A Megadoro.)* Mas o que é que você quer?

Megadoro — *(Segurando-lhe os ombros.)* Quero sua filha em casamento.

Euclião — *(Choroso.)* Ah, Megadoro, levar ao ridículo um homem que nunca lhe fez mal...

Megadoro — Não estou levando você ao ridículo.

Euclião — Então por que me pede minha filha?

Megadoro — Para fazer a felicidade sua e de sua família e para você fazer a minha.

Euclião — O que eu penso, Megadoro, é que você é rico e poderoso e eu não sou ninguém. Se casasse minha filha com você, passaríamos a viver encangados, você como boi e eu como burro. Sem poder suportar a mesma carga, sei que iria cair como um burro no meio da lama. Você, como boi, me trataria com desprezo, e meus iguais mangariam de mim. Se surgisse qualquer briga entre nós, eu não teria uma boa estrebaria para onde fugir. Os burros vão me despedaçar a dentadas e os bois hão de me atacar com os chifres! É muito perigoso para mim passar da classe dos burros para a dos bois!

Megadoro — *(Persuasivo.)* Você só tem a ganhar, aliando-se a gente honesta. Aceite a minha proposta e dê-me a moça.

Euclião — *(Descobrindo enfim o jogo.)* Mas eu não tenho nenhum dote para dar a ela!

Megadoro — Pois não dê. Se ela tiver juízo, é dote bastante.

Euclião — Digo-lhe isto para que não vá pensar que achei alguma botija.

Megadoro — Já sei, não precisa me dizer. Então deixa?

Euclião — Deixo. *(Soam pancadas de picaretas.)* Pelos deuses, estou perdido!

Megadoro — Que tem você?

Euclião — Essas pancadas... Parecia uma picareta! *(Sai correndo.)*

Megadoro — Espere, fui eu que mandei cavar o jardim! Pra onde foi esse homem? Fugiu sem me dizer nada. Só porque procuro sua amizade, já está me tratando mal!

Euclião — *(Reaparecendo.)* Inda mando cortar a língua daquela velha safada!

Megadoro — Você pensa que pode zombar de mim, nesta idade?

Euclião — Pelos deuses, Megadoro, não faço nada disso. Mesmo que quisesse, não ficaria bem.

Megadoro — Quer dizer que me dá sua filha?

Euclião — Sem dote e nas condições de que lhe falei?

Megadoro — Sim, sim. Dá?

Euclião — Dou.

Megadoro — Que os deuses nos sejam propícios!

Euclião — Assim queiram os deuses! Mas não se esqueça do que ficou combinado: minha filha não receberá dote nenhum!

Megadoro — Não me esquecerei.

Euclião — É que eu conheço as conversas de vocês: o que se combinou não se combinou, e combinou-se o que não se combinou.

Megadoro — Entre nós não haverá discussão nenhuma. Que motivo existe para o casamento não ser hoje?

Euclião — Nenhum.

Megadoro — Então vou preparar tudo. Você não tem nada a me dizer?

Euclião — Não. Adeus.

Megadoro — *(À direita.)* Estróbilo! Congrião! Venham comigo ao mercado, depressa!

Euclião — *(À parte.)* Deuses imortais! A força que o dinheiro tem! Com certeza já ouviu dizer que eu tenho um tesouro. Por isso veio com essa proposta. Estáfila! *(Entra Estáfila.)* Onde andou essa conversadora que foi dizer a todo mundo que eu ia dar um dote a minha filha? É com você mesma que eu estou falando, ouviu? Vá depressa lavar os vasos sagrados. Minha filha está noiva e eu vou casá-la hoje com Megadoro.

Estáfila — Que os deuses os bendigam! Mas não pode ser!

Euclião — Hein?

Estáfila — *(Disfarçando.)* E tão de repente?

Euclião — Cale-se e vá embora. E tudo preparado para quando eu voltar. Feche a porta, eu volto já! *(Sai.)*

Estáfila — A desonra vai se tornar pública, pois o nascimento está perto. Não posso mais esconder nada.

Fim do Primeiro Ato.

Segundo Ato

No mesmo cenário.

ESTRÓBILO — *(Entra com CONGRIÃO e ANTRAZ, o primeiro com um carneiro e o segundo com um frango.)* Meu senhor comprou essas provisões e encarregou-me de partir tudo pelo meio.

CONGRIÃO — A mim é que você não há de abrir pelo meio. Se quiser que eu vá inteiro, diga.

ANTRAZ — Tão bonitinho, tão delicado esse rapazinho de cara suspeita! Então, se alguém quisesse, você não se deixaria abrir pelo meio?

CONGRIÃO — O que eu disse foi outra coisa muito diferente, Antraz.

ESTRÓBILO — Meu senhor casa-se hoje.

CONGRIÃO — Com a filha de quem?

ESTRÓBILO — Com a de Euclião, nosso vizinho. E mandou dar ao sogro metade dos mantimentos, um cozinheiro e um flautista.

CONGRIÃO — Então é metade para ele *(Mostra a casa.)* e metade lá para casa?

ESTRÓBILO — É exatamente como você diz.

CONGRIÃO — E esse velho não podia pagar a comida do casamento?

ESTRÓBILO — Ora!

CONGRIÃO — Então, por que não paga?

ESTRÓBILO — Por que não paga? É mais fácil o mar secar do que aquele velho pagar alguma coisa.

CONGRIÃO — *(Fechando o punho.)* É mesmo amarrado?

ESTRÓBILO — Julgue você mesmo. Quando ele vê a fumaça sair pelo teto, grita por socorro, dizendo que está arruinado. Quando vai dormir, fecha sempre a boca do fole.

CONGRIÃO — Por quê?

ESTRÓBILO — Para não perder um só bocadinho de vento.

CONGRIÃO — E quando ele vai dormir tapa também a boca de baixo, para não perder nem um bocadinho de vento?

Estróbilo — O que você deve é acreditar em mim, como eu em você.

Congrião — Ah, eu acredito!

Estróbilo — Quando ele toma banho, chora pela água que se derramou. Outro dia o barbeiro cortou-lhe as unhas: ele juntou e guardou todos os pedacinhos.

Congrião — Pelos deuses! Creio que se eu lhe pedisse nem que fosse a fome, não arranjaria nada.

Estróbilo — Uma vez um pássaro roubou-lhe a comida. Pois o homem saiu em pranto e queria acionar o pássaro em juízo. E não conto mais porque não tenho tempo. Qual de vocês é o mais esperto?

Congrião — O melhor sou eu!

Estróbilo — Quero um cozinheiro e não um ladrão!

Congrião — Pois é de um cozinheiro que estou falando.

Estróbilo — Vá lá para dentro. Se desaparecer alguma coisa lá em casa dirão que foram os cozinheiros. Aí tem essa vantagem, não existe nada para roubar. Estáfila!

Estáfila — Quem me chama?

Estróbilo — Megadoro manda isso de presente a Euclião.

Estáfila — Não adianta, não há lenha para cozinhar!

Congrião — A casa não tem vigas?

Estáfila — É claro que tem.

Congrião — Então há lenha.

Estáfila — É para tocar fogo na casa, então? Sigam-me. *(Sai.)*

Euclião entra com uma coroa de flores pequenas e um embrulhinho.

Euclião — Faço um esforço para o casamento ser decente e vou ao mercado. O peixe, caro. O carneiro, caro. A vaca, muito cara, e a vitela, o porco, tudo caro. E achei tudo ainda mais caro porque na verdade não tinha dinheiro nenhum. Fiquei com tanta raiva que fui-me embora sem nada comprar. Depois pensei: quem gasta muito em dia de festa fica sem nada para o outro. Assim a prudência falou ao coração e à barriga, e eu arranjei este incenso e esta coroa de flores. É até demais. Mas que barulho é este? Será que estão me roubando? *(Esconde-se.)*

Aparece Congrião *com uma panela, acompanhado por* Antraz.

Congrião — Vá pedir ao vizinho uma panela maior.

EUCLIÃO — Ai!

CONGRIÃO — Nesta não cabe o que é preciso. *(Entra em casa. ANTRAZ vai saindo.)*

EUCLIÃO — *(Escondido.)* Ai de mim!

ANTRAZ volta-se rapidamente e, não vendo ninguém, sai.

EUCLIÃO — *(Aparece, com as mãos na cabeça.)* Estão me roubando. Estão procurando a panela. Ai, estou morrendo! Ó deuses, persigam com suas flechas os ladrões do meu tesouro! *(Corre, entrando na casa.)*

Começa uma grande gritaria. Dentro aparece CONGRIÃO correndo.

CONGRIÃO — Queridos patrícios, meu povo, habitantes da cidade e dos arredores, compatriotas e forasteiros! Abram caminho para eu fugir. Deixem abertas todas as praças, porque estou cheio de dores. O velho fez de mim um saco de pancadas!

EUCLIÃO — *(À parte, porrete na mão.)* Vai fugindo? Volte já! Pega, pega o ladrão!

CONGRIÃO — Por que essa gritaria?

EUCLIÃO — Quero denunciá-lo às autoridades.

CONGRIÃO — Por quê?

EUCLIÃO — Porque você está com uma faca.

CONGRIÃO — Isso é natural num cozinheiro.

EUCLIÃO — Mas você me ameaçou.

CONGRIÃO — Eu devia era ter atravessado as suas tripas.

EUCLIÃO — Você é o pior dos homens que existem. Se eu pudesse, fazia-lhe o maior dos males.

CONGRIÃO — Isso está se vendo. Por que me bateu?

EUCLIÃO — Ainda pergunta? Quer mais?

CONGRIÃO — Não, basta!

EUCLIÃO — Que fazia você em minha casa sem minha ordem?

CONGRIÃO — Viemos cozinhar para o casamento.

EUCLIÃO — E é de sua conta que se coma cru ou cozido em minha casa? Você é meu pai?

CONGRIÃO — O que eu quero saber é se é para cozinhar ou não.

EUCLIÃO — E eu o que quero saber é se minha casa se salvará.

Congrião — E eu o que quero é me salvar com minhas panelas.

Euclião — *(Estremecendo.)* As panelas! Se você tivesse ficado junto delas, não teria saído de cabeça rachada. Foi bem feito! Vai fugindo? Volto já! *(Sai.)*

Congrião — Essa foi boa! Vim esperando ganhar dinheiro e vou ter que pagar muito mais ao médico.

Euclião *volta com a panela escondida sob o manto.*

Euclião — Panela, você há de estar comigo em toda parte. Não permito mais que passe esses perigos.

Congrião — Hein?

Euclião — Vá. Pode ir pra dentro. Tudo para lá! Cozinheiros e flautistas, todo esse rebanho de mercenários. Entrem, cozinhem, façam o que quiserem.

Congrião — Agora, depois de ter me enchido a cabeça de pauladas!

Euclião — Vá pra dentro! Pagam-lhe para trabalhar e não para fazer discursos!

Congrião — Sim, mas trabalhar não é levar pancada! Você tem que me pagar!

Euclião — Vá se queixar em juízo. E não me aborreça. Ou então vá para a casa do diabo. *(Sai Congrião.)*

Euclião — Bem, esse foi-se. Um pobre não deve nunca se meter com um rico. Megadoro está fazendo tudo para me arruinar. Fingiu que me enviava cozinheiros e me encheu a casa de ladrões para assaltar minha miséria. Até meu galo juntou-se com a velha para me perder. Começou a ciscar mesmo no lugar onde o ouro estava enterrado! O pior é que, na raiva, matei o galo! Mas para que falar? Acabou-se o galo, acabou-se a questão! *(Megadoro entra.)*

Megadoro — Bom dia, Euclião. Você podia ter se vestido melhor para o casamento de sua filha.

Euclião — A aparência depende da fortuna e a glória depende do que se tem. Os ricos é que têm essas obrigações. Os pobres, como eu, não.

Megadoro — Os deuses hão de aumentar os bens que você tem.

Euclião — *(À parte.)* Os bens que eu tenho! A velha me traiu.

Megadoro — Por que fica aí falando só?

Euclião — Estava pensando em lhe fazer uma censura merecida.

Megadoro — Qual?

Euclião — Você ainda pergunta? Depois de ter enchido minha casa de ladrões? Depois de ter metido lá um exército de cozinheiros, cada um com três pares de mãos. E todos comilões!

Megadoro — Mas mandei tanta coisa! Até um carneiro.

Euclião — Carneiro! Nunca vi um como aquele.

Megadoro — Que tem ele de mais?

Euclião — Está tão magro que podem-se ver suas tripas olhando-o contra o sol.

Megadoro — Bem, eu o comprei para matar.

Euclião — Pois pode cuidar logo do enterro, porque a essa hora já deve ter morrido, mas de fome.

Megadoro — Bem, Euclião, hoje quero beber com você.

Euclião — Acontece que eu não quero beber com você.

Megadoro — Resolvi trazer para cá um tonel de vinho.

Euclião — E eu resolvi só beber água.

Megadoro — Você vai ver como há de se embebedar. Eu vou me preparar para os rituais *(Sai.)*

Euclião — Viu? Vem com essas conversas para me embebedar e depois mudar de casa aquilo que é meu. Ai, panela! Quantos inimigos você tem! Hei de levá-la para o templo da Fidelidade e lá escondê-la bem. Ó Fidelidade, eu a conheço e você me conhece. Guarde aquilo que vou lhe confiar, porque me dirijo a você confiando na sua boa fé. *(Sai, pela esquerda, em direção ao templo.)*

Entra Estróbilo, *pela direita*.

Estróbilo — A obrigação do servo é cumprir as ordens dos seus senhores. Ora, Licônidas, meu amo, sobrinho de Megadoro, gosta da filha de Euclião. Disseram-lhe agora que ela vai casar com Megadoro, e ele mandou-me aqui para ver o que havia. Vou me esconder para ver o que acontece. *(Esconde-se ao fundo.)*

Euclião — *(Entrando, pela esquerda.)* Ó Fidelidade, tome cuidado, não diga a ninguém onde está meu dinheiro. Faça com que eu torne a levar a panela para casa sã e salva. Confiei o ouro à sua guarda. Guarde-o, portanto, no templo do seu bosque sagrado. *(Entra em casa. Estróbilo reaparece.)*

Estróbilo — Deuses imortais! Uma panela cheia de ouro, enterrada no templo! Ó Fidelidade, não seja mais fiel a ele do que a mim! É o pai da moça de quem meu amo

gosta. Se eu encontrar o ouro, hei de lhe oferecer um pote cheio de vinho. Pode ficar certa, porque quero beber também a minha parte. *(Sai.)*

Euclião — *(Voltando.)* Ouvi um corvo grasnar... Meu coração está batendo no peito! Não devo demorar. *(Sai correndo e volta com Estróbilo agarrado pelo pescoço.)* Pra fora! Minhoca, fuçadora da terra! Você não existia; apareceu agora, mas foi para morrer!

Estróbilo — *(Libertando-se, mão na garganta.)* Que é isso? Que diabo o atormenta? Que tenho a ver com você? Por que me insulta, por que me puxa, por que me bate?

Euclião — Ainda pergunta? Safado, ladrão, três vezes ladrão!

Estróbilo — Mas o que foi que eu roubei?

Euclião — Devolva já!

Estróbilo — Devolver o quê?

Euclião — Você não sabe?

Estróbilo — Eu não tirei nada!

Euclião — Dê cá o que você tirou. Dá ou não?

Estróbilo — Mas dou o quê, velho?

Euclião — Você não pode tirar!

Estróbilo — Afinal, o que é que você quer?

Euclião — Bote já aí!

Estróbilo — Esse velho quer brincar comigo!

Euclião — Deixe de graças, e entregue já.

Estróbilo — Mas entregar o quê? Não tirei nada, não toquei em nada!

Euclião — Mostre as mãos.

Estróbilo — Tome.

Euclião — Mostre a outra!

Estróbilo — Aí estão.

Euclião — Mostre a terceira.

Estróbilo — O velho está louco!

Euclião — Estou mesmo, porque o que eu devia era mandar enforcá-lo. E é o que hei de fazer se você não confessar!

ESTRÓBILO — Confessar o quê?

EUCLIÃO — Que foi que você tirou daqui?

ESTRÓBILO — Os deuses me castiguem se eu tirei alguma coisa. *(À parte.)* Agora, que eu quis tirar...

EUCLIÃO — Sacuda o manto.

ESTRÓBILO — À vontade.

EUCLIÃO — É capaz de estar debaixo da túnica.

ESTRÓBILO — Pode procurar.

EUCLIÃO — Ah, sabido! Quer que eu acredite que não tirou nada. Mas eu conheço suas manhas. Mostre outra vez a mão direita.

ESTRÓBILO — Veja.

EUCLIÃO — Agora a esquerda.

ESTRÓBILO — Veja logo as duas.

EUCLIÃO — Basta. Agora me dê aquilo.

ESTRÓBILO — Aquilo o quê?

EUCLIÃO — Ra, ra! Você gosta de brincar, mas tenho certeza de que você tem.

ESTRÓBILO — Eu tenho? Tenho o quê?

EUCLIÃO — Ah, isso é que não digo. Queria saber, hein? Largue já o que é meu!

ESTRÓBILO — Você está doido? Não já viu que não tenho nada?

EUCLIÃO — Fique quieto. Espere. Quem era aquele que estava com você, lá dentro? Desgraçado de mim, se não o pego, lá se vai! Este não tem nada, já foi revistado. Vá para onde quiser. Que os deuses deem cabo de você.

ESTRÓBILO — É muita amabilidade!

EUCLIÃO — Hei de estrangular seu companheiro! Fora daqui! Vai ou não?

ESTRÓBILO — Vou.

EUCLIÃO — Não quero mais vê-lo. *(Sai.)*

ESTRÓBILO — Esse velho me paga! *(Esconde-se. EUCLIÃO reaparece.)*

EUCLIÃO — Pensei que podia confiar na Fidelidade, mas ela me traiu. Felizmente o corvo me salvou. Queria encontrá-lo de novo para desejar-lhe todos os bens. Desejar somente, porque, quanto a lhe dar comida, dar é mesmo que perder. *(Olha para os*

lados e tira a panela de sob o manto, escondendo-a rapidamente.) Agora é escondê-la noutro lugar, num lugar bem deserto. Já sei: o bosque de Silvano, onde não passa ninguém e é coberto de salgueiros! É lá que esconderei meu ouro. *(Sai. ESTRÓBILO aparece.)*

ESTRÓBILO — Ótimo, maravilhoso! Os deuses me protegem! Corro adiante, subo numa árvore e olho onde o velho esconde o ouro. A sorte está lançada! Desta vez farei fortuna, nem que seja à custa de minhas costelas. *(Sai. Entra LICÔNIDAS, com EUNÔMIA.)*

LICÔNIDAS — Agora disse tudo, minha mãe: você sabe o que houve entre mim e a filha de Euclião. Agora peço-lhe que vá se entender com meu tio, Megadoro, para acabar o casamento dele e fazer o meu.

EUNÔMIA — Você sabe que minha vontade é a sua. Espero que meu irmão não me recuse. Aliás, o pedido é justo, se é verdade que você desonrou a moça porque estava embriagado.

LICÔNIDAS — E eu ia lhe mentir, minha mãe? Mas os fatos tratarão de a convencer melhor. O nascimento é para logo.

EUNÔMIA — Vamos então à casa de seu tio. É preciso que eu arranje com ele o que você pede.

LICÔNIDAS — Vá. Eu irei já. *(EUNÔMIA sai.)* Onde está Estróbilo? Ele devia estar aqui. É estranho! Mas deixemo-lo. Vamos para lá, onde estão decidindo minha sorte. *(Sai. Entra ESTRÓBILO.)*

ESTRÓBILO — Sou o mais rico de todos os homens. Não quero mais nem ouvir falar dos reis: são um pobre rebanho de mendigos! Ó dia feliz!

EUCLIÃO — *(Fora, gritando.)* Ai, ai, ai!

ESTRÓBILO — Ah, ah, é o velho! Vamos colocar o ouro em segurança! *(Corre. Entra EUCLIÃO.)*

EUCLIÃO — Estou perdido! Estou morto. Fui assassinado! Para onde correr? Para onde não correr? Pega, pega! Mas pegar a quem? Não vejo nada, estou cego. Não sei mais para onde vou, não sei mais onde estou, não sei mais quem sou. Peço a todos que me socorram, que fiquem do meu lado, que me mostrem aquele que me roubou. Ficam aí, com suas roupas brancas, sentados como se fossem honestos! Que há? Por que estão rindo? Bem os conheço a todos. Há de haver por aqui muito ladrão. Digam quem é que tem minha panela. Ninguém sabe! *(Cobre o rosto com as mãos e recua sempre de frente para o público.)* Desgraçado de mim, estou perdido! Em que estado fiquei! Que dia funesto, dia deplorável que me trouxe a fome e a pobreza! Que fazer agora da vida, tendo perdido o ouro que guardava com tanto cuidado? Roubei-me a mim próprio, furtei a minha alma! Agora outros gozam com ela pra meu desgosto e prejuízo! Não, é demais para mim! *(Entra LICÔNIDAS.)*

Licônidas — Quem é esse que está aqui gemendo e chorando? É Euclião! Falo-lhe? Ou fujo? Não sei!

Euclião — Quem me fala?

Licônidas — Um desgraçado!

Euclião — Pois está falando com outro! Eu me tornei desgraçado por causa de um acidente funesto!

Licônidas — Console-se!

Euclião — Consolar-me, como?

Licônidas — A culpa foi minha. Fui eu quem causou sua desgraça e vim confessar tudo.

Euclião — Que é que você está dizendo?

Licônidas — A verdade!

Euclião — Mas que mal tinha eu lhe feito para você me tratar assim?

Licônidas — Foi um deus que me perdeu, atraindo-me para ela.

Euclião — Como?

Licônidas — Errei, sei que mereço castigo. Mas peço-lhe que tenha a bondade de me perdoar.

Euclião — Mas como você teve coragem de tocar naquilo que não lhe pertencia?

Licônidas — Que posso fazer? Aconteceu. Deve ter sido a vontade dos deuses.

Euclião — A vontade dos deuses é que eu mandasse enforcá-lo! Por que, sem minha permissão, foi tocar naquilo que era meu?

Licônidas — A culpa foi do vinho e do amor.

Euclião — Essa é boa! Então podia-se roubar à vontade o... ouro das mulheres. Depois, pedia-se desculpa, dizendo que a culpa foi do vinho e do amor!

Licônidas — Mas eu não vim pedir perdão?

Euclião — Não gosto das pessoas que prejudicam os outros e depois vêm pedir desculpa! Você sabia que ela não era sua, não devia ter tocado nela.

Licônidas — Mas já que tive a audácia de tocar, não vejo por que não possa ficar com ela.

Euclião — Você? Ficar com ela? Contra minha vontade?

Licônidas — Mas eu não estou lhe pedindo? Você não deve recusar, porque ela deve ser minha.

Euclião — Não, você tem que devolver.

Licônidas — Devolver? Devolver o quê?

Euclião — Aquilo que me pertencia e que você tirou!

Licônidas — Que eu tirei? De onde? Afinal que é que você quer?

Euclião — Então você não sabe?

Licônidas — Você não diz!

Euclião — O que eu quero é minha panela de ouro que você confessou ter roubado!

Licônidas — Eu nunca disse isso! Nunca fiz uma coisa dessas!

Euclião — Ah! Então nega!

Licônidas — Mais do que isso: nunca ouvi falar desse ouro, nem de panela nenhuma!

Euclião — Dê cá a panela que você tirou do bosque de Silvano! Vá, passe-a para cá. Estou pronto a dar-lhe a metade. Você a roubou, mas eu não o perseguirei. Mas me dê a panela!

Licônidas — Você está louco, chamando-me ladrão! Tratava-se de outra coisa.

Euclião — Você jura que não roubou a panela?

Licônidas — Juro.

Euclião — Nem sabe quem a roubou?

Licônidas — Não, juro.

Euclião — E se souber você me diz?

Licônidas — Claro que digo.

Euclião — E não esconderá o ladrão para repartir o dinheiro com ele?

Licônidas — Prometo que não.

Euclião — E se você faltar a esta promessa?

Licônidas — Que os deuses me castiguem.

Euclião — Está bem. Diga agora o que você quer.

Licônidas — Meu nome é Licônidas. Sou filho de Eunômia, e Megadoro é meu tio.

Euclião — Conheço sua família. E então?

Licônidas — *(Hesitante.)* Você tem uma filha...

Euclião — Tenho, está em casa.

Licônidas — Vai casá-la com meu tio.

Euclião — Você está até bem ensinado!

Licônidas — Pois ele me encarregou de vir lhe dizer que desiste do casamento.

Euclião — Desiste? Que os deuses deem cabo dele! Foi a causa da perda do meu tesouro! Que desgraça! Que miséria!

Licônidas — Console-se e ouça. Quando um homem confessa sua culpa é porque quer repará-la. Eu confesso que seduzi sua filha... por causa do vinho e por um impulso da mocidade. E quero casar com ela.

Euclião — Ainda mais essa! Por cima da queda, coice!

Licônidas — Não há motivo para isso. Você tem a sorte de ser avô no mesmo dia do casamento da filha!

Euclião — Estou perdido! Todas as desgraças se reúnem contra mim! *(Entra em casa.)*

Licônidas — Está tudo arranjado. *(Entra Estróbilo.)*

Estróbilo — Deuses imortais, quanta bondade e quanta alegria! Tenho a panela carregada com quatro libras de ouro. Haverá alguém mais rico, mais favorecido pelos deuses do que eu?

Licônidas — Parece que ouvi alguém falar.

Estróbilo — Meu senhor!

Licônidas — Não é Estróbilo, meu escravo?

Estróbilo — *(Alçando os ombros.)* É ele mesmo.

Licônidas — E não é outro não!

Estróbilo — Vamos lá. Por que não dizer tudo? Olhe, eu achei...

Licônidas — Achou o quê?

Estróbilo — Não pense que foi qualquer besteira, não!

Licônidas — As gracinhas de sempre, não é?

Estróbilo — Um pouco de paciência. Eu vou dizer. Escute.

Licônidas — Diga logo, homem!

Estróbilo — Encontrei uma botija que faz gosto.

Licônidas — Onde?

Estróbilo — Uma panela cheia de ouro. Quatro libras!

Licônidas — Que é que você está dizendo?

Estróbilo — Roubei-a do velho Euclião.

Licônidas — Onde está o ouro?

Estróbilo — Num cofre, lá em casa. Agora quero que me liberte.

Licônidas — Libertar você, seu patife?

Estróbilo — Ah, meu senhor, eu adivinho seus pensamentos! Era brincadeira minha. Quis experimentá-lo. Já estava se preparando para me tomar o ouro, hein? Ra, ra! Que era que você fazia se eu o tivesse encontrado de verdade?

Licônidas — Não pense que me engana. Largue já o dinheiro!

Estróbilo — Largar o dinheiro?

Licônidas — Sim, largá-lo já, para eu o entregar a Euclião!

Estróbilo — Mas largar qual dinheiro?

Licônidas — *(Apertando-lhe o pescoço.)* Aquele que está no cofre de que você falou!

Estróbilo — Mas pelos deuses! Você não sabe que eu tenho mania de dizer umas gracinhas?

Licônidas — Sabe o que o espera?

Estróbilo — *(Inocente.)* Pode me matar. Não tenho nada...

Licônidas — *(Apertando-lhe o pescoço.)* Então vou apertá-lo até sua alma sair pelo traseiro. Dá ou não dá?

Estróbilo — Dou.

Licônidas — *(Ainda abalando-o.)* E tem de dar já. De outra vez não serve.

Estróbilo — Pois é já. Mas deixe-me tomar fôlego. *(Licônidas solta-o.)* Mas me diga uma coisa, patrão, o que é que eu tenho que lhe dar?

Licônidas — Você não sabe, safado? Você não confessou que tinha roubado uma panela cheia de ouro? Guardas!

Estróbilo — Meu senhor, duas palavras!

Licônidas — Guardas! *(Aparece Antraz.)*

Antraz — Que é isso?

Licônidas — Chame os guardas, os chicoteadores e preparem uma corda para enforcar esse patife.

Estróbilo — Escute. Depois pode mandar me prender, se quiser.

Licônidas — Está certo, mas vá logo!

Estróbilo — Você pode mandar me torturar até a morte, e não ganha nada. Primeiro, perderá um escravo. Depois, não arranja o que quer. Agora, se você me oferecer a liberdade, darei o que quiser. A natureza criou todos livres, naturalmente todos nós amamos a liberdade. A escravidão torna os homens maus e ladrões. Eles se vingam dos patrões rindo e escarnecendo deles. Conclui-se então que a liberdade faz bons servidores.

Licônidas — Você tem razão. Mas não falou pouco, como tinha prometido. Se eu o libertar, você me dará o ouro?

Estróbilo — Dou. Mas quero testemunhas. Desculpe, mas não tenho muita confiança.

Licônidas — Até com testemunhas, se quiser.

Estróbilo — *(Rodopiando.)* Megadoro, Eunômia! Venham cá!

Megadoro — *(Aparecendo.)* Que há?

Eunômia — *(Aparecendo.)* Pronto, eis-me aqui, Estróbilo, que há? Podem falar.

Licônidas — E depressa, hein?

Megadoro — Mas que há?

Estróbilo — Quero tomá-los por testemunhas! Se eu trouxer aqui uma panela cheia de ouro, pesando quatro libras, e entregá-la a Licônidas, ele me liberta. Promete?

Licônidas — Prometo.

Estróbilo — Ouviram?

Megadoro — Ouvimos!

Estróbilo — Então jure pelos deuses! Olhe, o nosso tempo é de muita boa fé. Escrevem-se documentos, vêm dez testemunhas, o tabelião toma nota da data e do lugar. Mas aparece sempre um advogado pronto a desmanchar tudo!

Licônidas — Se eu o enganar, que os deuses me castiguem!

Estróbilo — Chega, vou buscar o ouro. *(Sai pela direita.)*

Licônidas — Que venha a panela, para secar as lágrimas do meu sogro Euclião e dar-lhe a felicidade, a fim de que eu possa obter a moça, que acaba de dar à luz um filho cujo pai sou eu.

Estróbilo — *(Voltando.)* Aqui está o que prometi.

Licônidas — Deuses imortais! Está cheia de moedas de ouro! Euclião!

Megadoro e Eunômia — Euclião! Euclião!

Euclião — *(Entrando.)* Que há?

Licônidas — Desça. Os deuses o protegem. Achamos a panela!

Euclião — É verdade? Não estão brincando?

Licônidas — Nós a temos. Corra!

Euclião — *(Vendo a panela.)* Ó Grande Júpiter! Ó Deus Lar! Ó Deus dos Tesouros! Enfim tiveram compaixão de um pobre velho. Ó panela querida! *(Abraçando-a.)* Que alegria apertá-la de novo contra o coração! *(Beija-a.)* Que delícia beijá-la! Ó minha esperança! Ó minha vida! Agora foi-se a tristeza. *(Fica abraçando a panela.)*

Licônidas — Sempre pensei que a falta de dinheiro era uma grande desgraça, mas pelo que vejo é ainda pior ter mais ouro do que o necessário.

Euclião — *(Exangue.)* Pode casar com minha filha!

Licônidas — Minha casa será também a casa de Euclião.

Estróbilo — Falta ainda uma coisa, meu senhor: minha liberdade!

Licônidas — É justo, está livre. Você o mereceu. Vamos agora preparar a festa.

Saem. Entra o Deus Lar.

O Deus Lar — Espectadores, esta comédia foi feita com a preocupação da moral. Os poetas poucas vezes fazem destas comédias, por meio das quais os bons ficam melhores. E se isto lhes agradou, e se nós agradamos também, devem dar um testemunho de que desejam que a virtude seja recompensada: o seu aplauso.

Pano.

TEATRO TRADUZIDO

ARIANO SUASSUNA

As Trapaças de Escapim, de Molière

PERSONAGENS:

ARGANTE, pai de Otávio e de Zerbinete

GERONTE, pai de Leandro e de Jacinta

OTÁVIO, filho de Argante e marido de Jacinta

LEANDRO, filho de Geronte e amante de Zerbinete

ZERBINETE, uma cigana, reconhecida como filha de Argante e amante de Leandro

JACINTA, filha de Geronte e esposa de Otávio

ESCAPIM, criado de Leandro e fuxiqueiro

SILVESTRE, criado de Otávio

NERINA, ama de Jacinta

CARLOS, fuxiqueiro

CENÁRIO:

A *cena decorre em Nápoles*.

Primeiro Ato

OTÁVIO — Ai! Tristes notícias para um coração amoroso! Duros extremos a que me vejo reduzido! Você, Silvestre, acaba de saber no porto que meu pai está de volta?

SILVESTRE — Está de volta.

OTÁVIO — E chega agora de manhã?

SILVESTRE — Agora de manhã.

OTÁVIO — E vem disposto a me casar?

SILVESTRE — Disposto a casá-lo.

OTÁVIO — Com uma filha do senhor Geronte?

SILVESTRE — Do senhor Geronte.

OTÁVIO — E esta moça vem mandada de Tarento para isso?

SILVESTRE — Para isso.

OTÁVIO — E você recebeu estas notícias por meu tio?

SILVESTRE — Pelo senhor seu tio.

OTÁVIO — E meu pai mandou dizer tudo isso por uma carta?

SILVESTRE — Por uma carta.

OTÁVIO — Meu tio, pelo que você diz, sabe todo o negócio?

SILVESTRE — Sabe todo o negócio.

OTÁVIO — Homem, diga alguma coisa pelo amor de Deus! A gente tem que lhe arrancar as palavras da boca!

SILVESTRE — Para que falar? O senhor não se esquece de nada, diz tudo como é!

OTÁVIO — Dê-me um conselho, diga o que eu posso fazer nessas conjunturas tão cruéis!

SILVESTRE — Eu estou tão aperreado quanto o senhor.

OTÁVIO — Estou em tempo de morrer por causa desse regresso maldito.

SILVESTRE — E eu já estou morto.

OTÁVIO — Quando meu pai souber de tudo, vai cair em cima de mim como uma tempestade de censuras.

Silvestre — As censuras não são nada, queria eu sair de tudo por esse preço! Em mim, a tempestade vai ser de cacetadas. E por sua culpa!

Otávio — Ai, meu Deus, como sair dessa agonia em que me encontro?

Silvestre — Devia ter pensado nisso antes de se meter nela.

Otávio — E ainda por fora você vem me dar lições!

Silvestre — E o senhor, por fora, não me meteu nos seus negócios?

Otávio — Que fazer? Que resolução tomar? A que remédio recorrer?

Escapim — *(Entrando.)* Que é isso, senhor Otávio, o que é que o senhor tem, está todo aperriado, que agonia é essa?

Otávio — Ah, meu pobre Escapim, estou perdido, estou desesperado, sou o mais infortunado de todos os homens!

Escapim — Como é?

Otávio — Você não soube de nada?

Escapim — Não.

Otávio — Meu pai vem por aí com o senhor Geronte e querem me casar.

Escapim — E o que é que tem isso?

Otávio — Ai de mim, você não sabe a causa de meu aperreio.

Escapim — Sei mesmo não, mas o senhor me contará e eu sou o homem mais consolador, mais interessado nos aperreios da gente moça! *(Abraça-o e assoa-se com um lenço; enxuga uma lágrima.)*

Otávio — Ah, Escapim, se você inventasse alguma coisa para me tirar dessa, eu ficaria lhe devendo um favor para o resto da vida.

Escapim — *(Abanando o lenço para guardá-lo.)* Para dizer a verdade e modéstia à parte, existem poucas coisas impossíveis para mim, quando nelas eu quero entrar. Parece que o céu quis me dar gênio para todas essas molecagens, para essas gentilezas de espírito, para estas galanterias engenhosas a que o vulgo ignorante chama de fuxicos e trapaças. Posso dizer, sem vaidade, que nunca houve um como eu, operário de intrigas e desintrigas, coberto de glórias nesse ofício tão cheio de nobreza. Mas hoje em dia não se reconhece mais o valor de ninguém e eu renunciei a todas essas coisas, depois dum desgosto que tive num negócio.

Otávio — Que negócio, Escapim?

Escapim — Uma aventura em que a polícia se meteu.

Otávio — A polícia?

Escapim — Sim, nós tivemos um pequeno desentendimento.

Silvestre — Você e a polícia?

Escapim — Sim. Ela se portou muito mal comigo e eu fiquei tão desgostoso com a ingratidão do mundo que resolvi me aquietar. Basta! Mas não deixe de me contar sua aventura.

Otávio — Há dois meses meu pai e o senhor Geronte embarcaram juntos para uma viagem de comércio em que são sócios.

Escapim — Bom, isso é velho.

Otávio — Nossos pais deixaram a mim sob os cuidados de Silvestre e a Leandro sob seus cuidados.

Escapim — Isso também é velho. De minha parte eu cumpri minha obrigação.

Otávio — Pouco tempo depois, Leandro encontrou uma cigana moça por quem se apaixonou.

Escapim — Bom, isso é velho.

Otávio — Como nós somos grandes amigos, ele me contou logo tudo, e me levou para ver essa moça, que achei na verdade bonita, se bem que não tanto como ele queria que eu achasse. Ele só conversava sobre ela, de sua beleza, de sua graça, louvava seu espírito e reclamava porque eu não era sensível ao fogo do amor.

Escapim — Em que é que isso vai dar?

Otávio — Um dia, quando eu o acompanhava para ver a moça, ouvimos, numa casinha, duma rua afastada, um choro, umas lamentações, uns soluços.

Escapim — Em que é que isso vai dar?

Otávio — A curiosidade nos levou a entrar. Entramos numa sala, onde vimos uma velha mulher agonizante, assistida por uma empregada e por uma moça que chorava, a mais bela e mais comovente que pode existir.

Escapim — Ai, ai, ai!

Otávio — Uma outra teria parecido feia na mesma situação, porque ela só vestia uma sainha, com uma camisinha de dormir até aqui e estava com os cabelos em desordem, caindo nas costas. E no entanto, assim como lhe digo, brilhava no maior encanto e toda a sua pessoa era feita de concordâncias e atrações.

Escapim — Estou começando a ver em que é que isso vai dar.

Otávio — Se você a tivesse visto, Escapim, do jeito que eu a vi, você a teria achado linda!

Escapim — Homem, do jeito que você a viu, eu acredito mesmo sem ter visto.

Otávio — Suas lágrimas não eram dessas desagradáveis que tornam o rosto feio. Chorando, ela tinha uma graça comovente, e sua dor era a mais bela do mundo.

Escapim — Já entendi tudo.

Otávio — Ela comovia qualquer um, chamando por sua mãe moribunda, e não havia ninguém que não ficasse com a alma traspassada, vendo um gênio tão doce.

Escapim — E com esse gênio doce, você se apaixonou.

Otávio — Ah, Escapim, um bárbaro teria feito o mesmo!

Escapim — Ah, não tenha dúvida, não há quem possa!

Otávio — Depois de tentar, com algumas palavras, suavizar a dor dessa aflita encantadora, nós saímos e eu perguntei a Leandro o que ela lhe parecia. Ele respondeu friamente que a tinha achado "muito bonita". Eu fiquei chocado com a frieza dele e não quis mais lhe contar o efeito que a beleza dela tinha causado em mim.

Silvestre — Temos assunto até amanhã. Deixe que eu conto tudo em duas palavras. Seu coração pegou fogo, ele não sabia mais fazer nada que não fosse consolar a aflita, as visitas começaram a ser recusadas pela empregada, agora governanta pela morte da mãe, o homem ficou desesperado, pediu, suplicou, rogou. Disseram-lhe que a moça, apesar de pobre e sem apoio, era de família honrada e que só ia casando, o amor aumentou com a dificuldade, ele consultou a cabeça, mediu, pensou, sopesou, tomou sua decisão e casou-se com ela há três dias.

Escapim — Entendi.

Silvestre — Agora, misture com tudo isso a volta imprevista do pai que só vinha daqui a dois meses, a descoberta que o tio fez do casamento e o outro casamento que querem fazer dele com a filha que o senhor Geronte teve de uma segunda mulher que arranjou em Tarento.

Escapim — Misturei tudo.

Otávio — E, por cima de tudo isso, bote ainda a pobreza de minha encantadora esposa e a impossibilidade em que me vejo de socorrê-la.

Escapim — E o barulho todo é esse? Isso é nada! Você não tem vergonha de se atar com tão pouca coisa? Que diabo, um homem grande e gordo como você! Devia ter já pensado na cabeça, forjado no espírito, qualquer intriga galante, qualquer estratagema para ajustar o negócio.

SILVESTRE — Eu confesso que o céu não me deu um talento como o seu. Falta-me espírito para me enrascar com a polícia.

Entra JACINTA.

OTÁVIO — *(Curvando-se e tomando-a pela mão, que beija.)* Eis minha amável Jacinta.

JACINTA — Ah, Otávio, é verdade o que Silvestre disse a Nerina? Seu pai está de volta e quer que você se case?

OTÁVIO — É verdade, bela Jacinta, e essas notícias feriram-me cruelmente. *(JACINTA oculta a cabeça entre as mãos e volta-se de costas.)* Que é isso, está chorando? Por que essas lágrimas? Você tem alguma desconfiança de mim? Não está certa do amor que lhe tenho?

JACINTA — Sim, estou certa de que você me ama, mas não de que me ame sempre.

OTÁVIO — E pode ninguém amá-la sem ser por toda a vida?

JACINTA — Já ouvi dizer que os homens amam durante menos tempo do que as mulheres. Que o amor deles é fogo que nasce depressa e morre mais depressa ainda.

OTÁVIO — Meu coração não é feito como o dos outros homens. Eu a amarei até a morte.

JACINTA — Acredito no que você me diz. Mas tenho medo dessa força que vai combater no seu coração os ternos sentimentos que você tem por mim. Você depende de seu pai, e ele quer casá-lo com outra. Se essa desgraça acontecer, estou certa de que morrerei.

OTÁVIO — Não, Jacinta, não há pai que me obrigue a faltar ao que lhe devo. Prefiro deixar minha terra a deixá-la, se for preciso. Eu ainda não vi essa moça com quem querem me casar, mas já estou com raiva dela. Mas não chore, senão morro de desgosto. Suas lágrimas atravessam meu coração.

JACINTA — Pronto, as lágrimas estão enxutas. Esperarei o que o céu resolva a meu respeito.

OTÁVIO — O céu nos será favorável.

JACINTA — Ele será favorável se você me for fiel.

OTÁVIO — Eu o serei.

JACINTA — Então eu serei feliz.

ESCAPIM — Até que não é muito imbecil não! Eu a acho até passável.

OTÁVIO — Eis aqui uma pessoa que, se quiser, pode nos socorrer maravilhosamente.

ESCAPIM — Bem, eu prometi não me meter mais em nada. Mas se vocês me pedirem com jeito é bem possível que eu pense no caso.

Otávio — Ah, eu lhe peço de todo coração que você tome a direção de nosso barco.

Escapim — E você? Não diz nada?

Jacinta — Peço-lhe, do mesmo modo que ele, por tudo o que lhe é mais caro no mundo, que ajude nosso amor.

Escapim — Bem, afinal de contas é preciso ser caridoso. Aceito o emprego.

Otávio — Você acha que…

Escapim — Psiu. *(A Jacinta.)* Saia e fique descansada. *(Jacinta sai.)* Você, prepare-se para enfrentar seu pai.

Otávio — Estou tremendo de véspera. Sou tímido por natureza.

Escapim — Mas é preciso parecer firme no primeiro choque, senão ele toma seu pulso. Vamos, arranje uma cara aí. Um pouco de atrevimento e trate de responder com coragem a tudo o que ele lhe disser.

Otávio — Farei o melhor que puder.

Escapim — Vamos ensaiar um pouco para você se acostumar. Quero ver como você se sai. Vá, cara fechada, cabeça para cima, o olhar cheio de segurança.

Otávio — Assim?

Escapim — Um pouco mais.

Otávio — Assim?

Escapim — Está bom. Agora imagine que eu sou seu pai e me responda firme, como se fosse a ele mesmo. "Então, safado, canalha, infame, filho indigno de um pai como eu, você tem coragem de aparecer diante de mim depois do que fez? Depois da traição que me fez pelas costas? É esse o prêmio de meus cuidados, vagabundo? É esse o respeito que me deve, o respeito que você me tem?" Vá, homem! "Você teve coragem, bandido, de casar sem consentimento do seu pai, de contratar um casamento clandestino? Responda, atrevido, responda! Diga alguma coisa, algumas de suas belas coisas!" Como é, você fica assim?

Otávio — É que você não tem que ver meu pai!

Escapim — Mas é por isso mesmo que é preciso reagir.

Otávio — Então está certo. Vou tomar coragem e responder firme.

Escapim — Garante?

Otávio — Garanto.

Escapim — Aí vem seu pai.

Otávio — Ai! *(Corre.)*

Escapim — Otávio!

Otávio — *(Já de fora.)* Ai!

Escapim — Otávio! Fugiu. Que qualidade de homem! Agora é esperar o velho.

Silvestre — Que é que eu vou dizer?

Escapim — Deixe comigo, vá por mim.

Argante — *(Entrando.)* Já se viu uma ação como essa?

Escapim — Já sabe de tudo e está com tanta raiva que deu para falar só.

Argante — E não deixa de ser um ato de coragem! Quero mesmo ver o que é que vão me dizer sobre esse casamento.

Escapim — Não se incomode não, que já está tudo pensado.

Argante — Será que vão negar a história?

Escapim — Não, ninguém pensa nisso.

Argante — Ou será que vão se desculpar?

Escapim — Bom, isso pode-se tentar.

Argante — Será que me vêm com histórias para boi dormir?

Escapim — Pode ser.

Argante — Tudo o que disserem será inútil.

Escapim — Bom, isso é o que vai se ver.

Argante — A mim ninguém engana.

Escapim — Acho bom não jurar.

Argante — Se não houver outro jeito, boto meu filho na cadeia.

Escapim — Disso a gente cuida.

Argante — Quanto ao safado do Silvestre, vou matá-lo de pancadas.

Silvestre — Já estava espantado com o esquecimento.

Argante — *(Agarrando-o.)* Ah, você está aí, grande cuidador da família dos outros, belo diretor dos moços.

Escapim — Meu senhor, estou encantado de vê-lo aqui de volta.

ARGANTE — Bom dia, Escapim. *(A SILVESTRE.)* Então é assim que você seguiu minhas ordens? É assim que meu filho se comporta na minha ausência?

ESCAPIM — O senhor, pelo que eu vejo, está passando bem.

ARGANTE — Muito bem. *(A SILVESTRE.)* Você não diz nada, canalha? Não diz nada?

ESCAPIM — Fez boa viagem?

ARGANTE — Ora bolas, fiz. Deixe eu brigar descansado!

ESCAPIM — O senhor quer brigar?

ARGANTE — Quero, quero brigar!

ESCAPIM — Com quem, meu senhor?

ARGANTE — Com esse safado aí. *(Vai agredir SILVESTRE. ESCAPIM dá um salto e se interpõe entre os dois.)*

ESCAPIM — Por quê?

ARGANTE — Você não ouviu falar do que se passou em minha ausência?

ESCAPIM — Ouvi falar aí umas coisinhas.

ARGANTE — Umas coisinhas? Uma ação dessa natureza!

ESCAPIM — É, o senhor tem certa razão.

ARGANTE — Um atrevimento desse!

ESCAPIM — Bem, é verdade.

ARGANTE — Um filho que se casa sem o consentimento do pai!

ESCAPIM — Sim, de certo modo está errado. Mas eu acho que o senhor não deve fazer barulho.

ARGANTE — Pois eu acho exatamente o contrário e quero fazer barulho. Você acha que eu não tenho motivo para estar zangado?

ESCAPIM — Não, eu também fiquei zangado quando soube de tudo e cheguei a reclamar a seu filho. Pergunte a ele se eu não briguei, se não lhe disse que ele tinha lhe faltado com o respeito, ao senhor, um pai cujos pés ele devia beijar. Mesmo que fosse o senhor, não teria falado melhor. Mas depois eu cheguei para a razão e achei que, no fundo, ele não estava tão errado quanto parecia.

ARGANTE — O quê? Ele não está errado, casando-se de repente com uma desconhecida?

ESCAPIM — Que é que ele podia fazer? Foi o destino que o empurrou.

ARGANTE — Ah, bem, foi o destino! Então ele tem toda razão. Pode cometer todos os crimes, enganar, furtar, matar, e dar como desculpa que o destino foi quem empurrou.

ESCAPIM — O que eu quis dizer foi que ele foi levado pela fatalidade.

ARGANTE — E por que ele se deixou levar?

ESCAPIM — Os moços são moços e não têm a prudência necessária. Veja Leandro: apesar de tudo o que eu lhe ensinei, fez por seu lado coisa pior do que a de seu filho. O senhor mesmo deve ter sido moço e feito muita bandalheira no seu tempo!

ARGANTE — Mas fiquei sempre no namoro, sem ter ido até onde ele foi.

ESCAPIM — Que é que ele podia fazer? Ele viu uma moça que o amava. Sim, porque ele puxou ao senhor nisso de ser amado por todas as mulheres. Achou a moça encantadora, fez visitas, contou doçuras, suspirou delicadamente, bancou o apaixonado. Ela se rende à perseguição e ele avança a fortuna. Ei-lo pegado com ela pelos pais, que à força o obrigaram a casar.

SILVESTRE — *(À parte.)* Mas que sujeito terrível!

ESCAPIM — O senhor queria que ele preferisse a morte? Antes casado do que morto!

ARGANTE — Não tinham me dito que o negócio tinha se passado assim.

ESCAPIM — *(Mostrando SILVESTRE.)* Pois pergunte a ele. Garanto que não dirá o contrário.

ARGANTE — É verdade que ele se casou à força?

SILVESTRE — É, meu senhor.

ESCAPIM — E eu ia lhe mentir?

ARGANTE — Ele devia ter protestado contra essa violência no tabelião.

ESCAPIM — Ah, isso é o que ele não ia fazer.

ARGANTE — Isso me teria facilitado a anulação desse casamento.

ESCAPIM — Anular o casamento?

ARGANTE — Sim.

ESCAPIM — O senhor não vai anular nada.

ARGANTE — Eu não vou anular?

ESCAPIM — Não.

ARGANTE — Então eu não tenho direito de exercer contra meu filho meus direitos de pai?

ESCAPIM — É uma coisa com que ele não concorda.

Argante — Ah, ele não concorda…

Escapin — Não.

Argante — Meu filho?

Escapin — Seu filho. O senhor quer que ele confesse que teve medo? Isso não é coisa que ninguém confesse.

Argante — Eu não tenho nada com isso.

Escapin — É preciso, para honra dele e sua, que ele espalhe que se casou porque quis.

Argante — E eu quero, para honra dele e minha, que ele diga exatamente o contrário.

Escapin — Não, isso ele não dirá.

Argante — Dirá, porque eu o obrigarei.

Escapin — Estou lhe dizendo que ele não dirá.

Argante — Ou ele diz ou eu o deserdo.

Escapin — O senhor?

Argante — Eu.

Escapin — Essa é boa!

Argante — Como? É boa? Boa por quê?

Escapin — O senhor não o deserdará.

Argante — Eu não o deserdarei?

Escapin — Não.

Argante — Não?

Escapin — Não.

Argante — Ah, tem graça! Eu não deserdarei meu filho?

Escapin — Não, não é o que eu estou dizendo?

Argante — Quem me impedirá?

Escapin — O senhor mesmo.

Argante — Eu?

Escapin — Sim. O senhor não tem peito para isso.

Argante — Tenho!

Escapim — O senhor está brincando.

Argante — Eu não estou brincando.

Escapim — A ternura paternal vai interferir.

Argante — Ela não vai interferir.

Escapim — Vai, vai!

Argante — Estou lhe dizendo que não.

Escapim — Besteira, besteira!

Argante — Não diga: "besteira, besteira".

Escapim — Nada, eu o conheço, o senhor é bom por natureza.

Argante — Não sou, não sou, e sou ruim quando quero. Vamos parar com isso, que não aguento mais! *(A Silvestre.)* Vá, canalha! *(Dando-lhe um empurrão.)* Vá procurar o safado do meu filho, que eu irei encontrar Geronte para lhe contar minha desgraça.

Escapim — Se o senhor precisar de alguma coisa, é só chamar.

Argante — Muito obrigado. Ah, e só tenho esse filho. A outra o céu me tirou. Se não, faria dela agora minha herdeira! *(Sai. Escapim dá-lhe adeus com a mão mole, levando-o ao ridículo.)*

Silvestre — Confesso que você é um grande homem. O negócio está caminhando. Mas precisamos de dinheiro.

Escapim — Deixe comigo, o plano está traçado. Só preciso de um homem de confiança para bancar um personagem de que tenho necessidade. Espere. Ajeite-se. Bote o chapéu com jeito de valente. Pise mais para um pé. Arranje olhos de gente ruim. Ande um pouco como rei de teatro. Está até bem. Venha comigo. Conheço um modo de disfarçar seu rosto e sua voz.

Silvestre — Pelo amor de Deus, não vá me enrascar com a polícia.

Escapim — Que é isso, que é isso? Nós compartilharemos os perigos como irmãos. *(Braço nos ombros.)* E três anos de cadeia a mais ou a menos não são coisa de espantar para um coração cheio de nobreza. *(Saem dançando, de passo certo.)*

Fim do Primeiro Ato.

Segundo Ato

Geronte — Com certeza nosso pessoal chega hoje, já está em tempo. Um marinheiro que chegou de Tarento garantiu-me que tinha visto o homem embarcando. Mas, pelo que você me diz, minha filha vai encontrar tudo errado. Seu filho rompeu estranhamente os acordos que tínhamos feito.

Argante — Não se aperreie por isso. Garanto-lhe que vou remover esse obstáculo. Estou trabalhando para isso.

Geronte — Quer saber de uma coisa, Argante? A educação dos filhos é uma coisa que tem que ser bem cuidada.

Argante — É claro. Por que você diz isso?

Geronte — Estou dizendo que o mau comportamento dos filhos, na maioria dos casos, é causado pela má educação que os pais dão.

Argante — É, às vezes isso acontece. Mas que quer dizer com isso?

Geronte — O que eu quero dizer com isso?

Argante — Sim.

Geronte — O que eu quero dizer é que se você tivesse educado bem seu filho, ele não teria feito o que fez.

Argante — Muito bem. Quer dizer então que você educou muito bem o seu.

Geronte — Ah, eduquei. Eu não toleraria que ele fizesse nem a metade do que o seu fez.

Argante — E se eu lhe dissesse que esse filho, que você, como o melhor dos pais, educou tão bem, fez pior do que o meu?

Geronte — Como?

Argante — Coma!

Geronte — Que é que você quer dizer?

Argante — Quero dizer, Geronte, que não se deve condenar tão facilmente a conduta dos outros. Aqueles que querem comentá-la devem olhar primeiro para casa, com todo cuidado.

Geronte — Não estou entendendo.

Argante — Não se incomode, porque tudo se explica já.

GERONTE — Você ouviu dizer alguma coisa de meu filho?

ARGANTE — É bem possível.

GERONTE — E o que foi?

ARGANTE — O seu Escapim me falou assim por alto, saiba lá dele *(Tapa nas costas)*. Quanto a mim, vou consultar um advogado. Até loguinho. *(Sai.)*

GERONTE — Que terá havido? Pior ainda do que o dele! Por mim, não acredito que possa haver nada pior. Casar sem o consentimento do pai é a pior ação que se pode imaginar. Ah, você vem aí!

Entra LEANDRO, *e vai beijar o pai.*

LEANDRO — Ah, meu pai, como estou contente com sua volta!

GERONTE — *(Detendo-o no beijo.)* Pra lá. Falemos de negócios.

LEANDRO — Deixe ao menos eu beijá-lo!

GERONTE — Pra lá, já disse.

LEANDRO — Que é isso, meu pai? O senhor me proíbe de mostrar minha alegria beijando-o?

GERONTE — Proíbo. Temos um negócio a esclarecer.

LEANDRO — E o que é?

GERONTE — Espere. *(Aproxima-se.)* Deixe-me olhá-lo de cara.

LEANDRO — Que é?

GERONTE — Olhe pra meus olhos.

LEANDRO — Então?

GERONTE — O que foi que aconteceu aqui?

LEANDRO — O que foi que aconteceu?

GERONTE — *(Voltando.)* Sim. Que foi que você fez na minha ausência?

LEANDRO — O que é que o senhor quer que eu tenha feito?

GERONTE — Eu não quero que você tenha feito nada, quero saber o que você fez.

LEANDRO — Eu não fiz nada de que o senhor possa se queixar.

GERONTE — Nada?

LEANDRO — Nada.

GERONTE — Você fala bem convencido.

LEANDRO — É que estou seguro de minha inocência.

GERONTE — Escapim andou contando umas coisas a seu respeito.

LEANDRO — Escapim!

GERONTE — Ah, agora está perturbado, hein?

LEANDRO — Ele lhe disse alguma coisa a meu respeito?

GERONTE — Aqui não é lugar para se discutir isso. Vá para casa, eu voltarei já. Ah, traidor, se você me desonrou, eu não o reconhecerei mais por filho e você fuja de minha presença. *(Sai.)*

LEANDRO — Trair-me dessa maneira! Um safado que devia ser o primeiro a esconder o que sabe, é o primeiro a contar tudo a meu pai! Ah, juro castigar essa traição!

OTÁVIO — *(Entrando com ESCAPIM.)* Meu querido Escapim, quanto lhe devo! Você é um homem admirável. Foi o céu quem me mandou você.

LEANDRO — *(A ESCAPIM.)* Ah, você está aí. Estou encantado em vê-lo, senhor cabra ordinário.

ESCAPIM — Encantado, meu senhor, encantado. É bondade sua.

LEANDRO — *(Agarrando a espada.)* E ainda vem bancar o engraçado? Agora você vai aprender.

ESCAPIM — *(Ajoelhando-se.)* Meu senhor!

OTÁVIO — *(Impedindo LEANDRO.)* Leandro, por favor!

LEANDRO — Não, Otávio, não me segure!

ESCAPIM — *(De joelhos, correndo dele.)* Segure, meu senhor!

OTÁVIO — Peço-lhe por favor!

LEANDRO — *(Tentando ferir ESCAPIM.)* Deixe eu dar saída à minha raiva.

OTÁVIO — Não o maltrate, peço-lhe em nome de nossa amizade!

ESCAPIM — Mas o que foi que eu fiz?

LEANDRO — O que você fez, traidor?

OTÁVIO — *(Detendo-o.)* Calma, calma!

LEANDRO — Não, Otávio, quero que ele confesse a canalhice que me fez. Sim, safado, já soube da traição que você me fez. Contaram-me tudo. Você pensava que tudo ficaria

encoberto, mas agora confessa tudo ou eu o atravesso com minha espada.

Escapim — O senhor teria coração para isso?

Leandro — Então fale.

Escapim — Eu lhe fiz alguma coisa?

Leandro — Fez, safado, e sua consciência deve estar gritando.

Escapim — Garanto-lhe que não sei de nada.

Leandro — Ah, não sabe de nada!

Otávio — Leandro!

Escapim — Está certo, eu confesso que bebi com meus amigos aquela caixa de vinho espanhol que tinham lhe dado de presente. E que depois furei as tampas para fazer que o vinho tinha se derramado.

Leandro — Ah, canalha, foi você que bebeu meu vinho espanhol?

Escapim — Foi, meu senhor, e peço-lhe perdão.

Leandro — Só assim eu sabia. Mas não era isso que eu estava perguntando.

Escapim — Não era isso não?

Leandro — Era coisa muito pior e você tem de confessar.

Escapim — Meu senhor, não me lembro de ter feito mais nada.

Leandro — Fala ou não fala?

Escapim — Ai! Está bem, meu senhor, é verdade. Naquele dia em que o senhor me mandou levar o relógio de presente à sua cigana, eu voltei para casa todo coberto de lama e de sangue e disse que tinha encontrado uns ladrões que tinham me dado uma surra e roubado o relógio. Fui eu que fiquei com ele.

Leandro — Foi você quem ficou com ele?

Escapim — Foi, meu senhor, para poder ver que horas são.

Leandro — Ah, bandido, só assim eu sabia. Mas não era isso que eu estava perguntando.

Escapim — Não era isso não?

Leandro — Não, e você tem de confessar.

Escapim — Isso é uma desgraça!

Leandro — Vá, fale, que eu tenho pressa.

Escapim — Meu senhor, foi tudo o que eu fiz.

Leandro — Ah, foi tudo?

Escapim — Ai! Está certo, meu senhor, eu conto. Há uns seis meses não apareceu um lobisomem que lhe dava umas cacetadas toda noite?

Leandro — Apareceu, e daí?

Escapim — O lobisomem era eu.

Leandro — Ah, safado, era você?

Escapim — Era, meu senhor, para o senhor ficar com medo e acabar com aquele negócio de me botar para andar de noite, como era seu costume.

Leandro — Há tempo para cuidar disso tudo. Mas quero que você me confesse o que foi dizer a meu pai.

Escapim — A seu pai?

Leandro — Sim, canalha, a meu pai.

Escapim — Eu nem ao menos estive com ele ainda!

Leandro — Você não esteve com ele?

Escapim — Não, meu senhor.

Leandro — Jura?

Escapim — Juro. Ele mesmo vai lhe dizer isso.

Leandro — Pois se foi dele mesmo que eu ouvi!

Escapim — Pois, não lhe faltando com o respeito, é mentira dele.

Entra Carlos.

Carlos — *(Ajoelhado ante Leandro.)* Senhor, trago-lhe uma notícia terrível para seu amor.

Leandro — Que há?

Carlos — Os ciganos querem levar Zerbinete e ela mandou dizer, chorando, que se o senhor não arranja o dinheiro para eles dentro de duas horas, vai perdê-la para sempre.

Leandro — Dentro de duas horas?

Carlos — De duas horas. *(Leandro despede-o com um gesto.)*

Leandro — Ai, Escapim, meu querido, imploro seu socorro!

Escapim — “Ai, Escapim, meu querido!” Sou “Escapim meu querido” agora, porque estão precisando de mim.

Leandro — Eu perdoo tudo o que você me fez e mais ainda.

Escapim — Não, não, nada de perdão. Passe a espada no meu corpo! Eu mesmo quero morrer!

Leandro — Não. Peço-lhe que me dê sua vida servindo a meu amor.

Escapim — Qual, qual, é melhor me matar.

Leandro — Você é muito precioso para mim. Peço-lhe que me ajude empregando para isso esse gênio admirável que entende de tudo.

Escapim — *(Dando-lhe as costas e cruzando os braços.)* Não, já disse que é melhor me matar.

Leandro — Por favor, não pense mais nisso e me socorra!

Otávio — É preciso fazer alguma coisa por ele, Escapim.

Escapim — Depois duma miséria dessas?

Leandro — Peço-lhe que esqueça isso e me ajude.

Otávio — Eu junto meu pedido ao dele.

Escapim — O insulto está ferindo meu coração.

Otávio — Não seja tão rancoroso!

Leandro — Você vai me abandonar nessa cruel situação em que meu amor se encontra?

Escapim — Pegar-me de surpresa com um insulto como esse!

Leandro — Eu confesso que estava errado.

Escapim — Chamar-me de safado, de canalha, de ordinário, de infame!

Leandro — Eu lamento profundamente!

Escapim — Querer me atravessar o corpo com a espada!

Leandro — Peço-lhe que me perdoe, de todo coração. E se é preciso que me ajoelhe, aqui estou, para lhe pedir que não me abandone.

Otávio — Bem, Escapim, agora é preciso ceder.

Escapim — Levante-se. De outra vez seja menos precipitado.

Leandro — Você promete trabalhar por mim?

ESCAPIM — Vou pensar no caso.

LEANDRO — Mas tem que ser logo.

ESCAPIM — Não se incomode. De quanto o senhor precisa?

LEANDRO — Quinhentos escudos.

ESCAPIM — E o senhor?

OTÁVIO — Duzentos.

ESCAPIM — Vou arranjar esse dinheiro com os pais de vocês. *(A OTÁVIO.)* Para o seu, o plano já está traçado. *(A LEANDRO.)* Quanto ao seu, se bem que avarento até o osso, será mais fácil ainda. Inteligência você sabe que, graças a Deus, ele tem pouca. Acredita em tudo que lhe contam. Isso não o ofende, porque você não puxou a ele. Mas o pai de Otávio vem aí. Já que é ele que se apresenta, vamos começar por ele. Saiam os dois. *(A OTÁVIO.)* Você, avise a Silvestre para vir fazer seu papel.

Saem os dois. Entra ARGANTE.

ESCAPIM — Continua falando só.

ARGANTE — Ter essa pouca consideração e essa pouca sabedoria! Meter-se num casamento como esse. Ah, mocidade impertinente!

ESCAPIM — Meu senhor, às suas ordens.

ARGANTE — Bom dia, Escapim.

ESCAPIM — Está pensando no negócio de seu filho?

ARGANTE — Eu lhe confesso que isso me faz muita raiva.

ESCAPIM — Meu senhor, a vida é misturada de agonias. É conveniente viver sempre preparado. E eu ouvi dizer, há muito tempo, um negócio que um antigo disse e que nunca esqueci.

ARGANTE — Que foi?

ESCAPIM — Que um pai de família, por pouco tempo que passe fora de casa, deve estar preparado para encontrar todos os acidentes quando voltar. Por mim, pratico sempre essa lição na minha pequena filosofia e quando volto para casa é sempre esperando a raiva dos patrões, os esbregues, os insultos, os pontapés no traseiro, cacetadas, tudo. E ainda dou graças a minha boa sorte pelo que deixa de me acontecer.

ARGANTE — E está certo. Mas esse casamento impertinente estragou tudo o que íamos fazer, é uma coisa que não posso suportar. Acabo de consultar os advogados para ver se o anulo.

Escapim — Meu senhor, ouça o que lhe digo e veja se pode fazer um acordo. O senhor sabe perfeitamente o que significa um processo aqui e vai se meter em camisa de onze varas.

Argante — Você tem razão. Mas não vejo outro caminho.

Escapim — Pois eu penso que vejo. A compaixão me mostrou um, pois se há uma coisa que não posso ver sem comover-me são os pais honestos desgostosos por causa dos filhos. E eu tive sempre pelo senhor uma afeição particular.

Argante — Obrigado.

Escapim — Eu fui procurar o irmão dessa moça com quem Otávio casou. É um desses assassinos de profissão, que têm mais dificuldade em engolir um copo de vinho do que em matar um homem. Conversei sobre o casamento e tanto enrolei por todos os lados que ele consentiu em rompê-lo, contanto que o senhor lhe desse dinheiro.

Argante — E quanto ele quer?

Escapim — Ah, de entrada começou a pedir muito.

Argante — Quanto?

Escapim — Uma extravagância.

Argante — Mas quanto?

Escapim — Nada mais nada menos do que quinhentos ou seiscentos escudos.

Argante — Quinhentos ou seiscentos tabefes é o que ele quer. Ele quer brincar comigo, é?

Escapim — Foi o que eu lhe disse. Mas ele respondeu que ia embarcar para o exército, precisava de um cavalo e isso não custava menos de sessenta escudos.

Argante — Bem, sessenta escudos eu posso dar.

Escapim — Era preciso ainda a sela e as armas e isso custava aí uns vinte escudos.

Argante — Vinte escudos, mais sessenta são oitenta.

Escapim — É mesmo.

Argante — É muito. Mas vá lá, concordo.

Escapim — É preciso ainda um cavalo para o criado e isso custa bem trinta escudos.

Argante — Ah, cretino! Ele que se dane, não darei nada.

Escapim — Meu senhor!

Argante — Não, é um impertinente.

Escapim — O senhor quer que o criado vá a pé?

Argante — Ele que vá como quiser, com patrão e tudo.

Escapim — Não se zangue. Para se livrar da justiça, todo sacrifício é pouco.

Argante — Está bem, dou mais esses trinta escudos.

Escapim — É preciso ainda um burro para transportar…

Argante — Oh, que ele vá para o inferno com seu burro. É demais, vamos à justiça!

Escapim — Meu senhor, por favor…

Argante — Não, não há outro jeito.

Escapim — Meu senhor, é somente um burrinho!

Argante — Nem um jumento!

Escapim — Pense bem…

Argante — Não, prefiro questionar.

Escapim — Ah, meu senhor, veja bem o que é a justiça! Veja as apelações, os juízes, os processos, o distribuidor, os procuradores, os escrivães, os substitutos, o tribunal, o secretário… Tudo isso são animais pelos quais se tem que passar e não há nenhum deles que hesite em dar umas tapas no melhor direito do mundo. Aparece sempre alguém para testemunhar o que não viu e o senhor será condenado sem nem ao menos saber por quê. Seu advogado e seu procurador se entenderão com a parte contrária e vendê-lo-ão por dinheiro. No dia da audiência, não virão, para defendê-lo, ou então vêm, e só dizem razões pró-forma. Os despachos serão dados parcialmente, para prejudicá-lo, e os oficiais de justiça darão fim a peças do processo. E mesmo que o senhor consiga vencer tudo isso, lembre-se de que os juízes terão recebido pedidos contra o senhor, ou dos beatos ou das mulheres a quem eles amam.

Argante — Quanto custa o burro?

Escapim — Meu senhor, contando o burro, o cavalo dele e o do empregado, a sela, as pistolas e mais alguma despesa que surja, vai tudo a duzentos escudos.

Argante — Duzentos escudos?

Escapim — Sim.

Argante — Ah, não, vamos à questão!

Escapim — Pense um pouco…

Argante — Vou questionar.

Escapim — Não vá se meter...

Argante — Eu quero questionar.

Escapim — Mas, para questionar, o senhor vai precisar de dinheiro. É preciso dinheiro para os selos, para a distribuição, para as procurações, para a petição inicial, conselhos, audiências e honorários de advogado. É preciso mais para as consultas, para as certidões, traslados, para os reconhecimentos, publicação das sentenças e dos acórdãos, arrestos, penhoras, controles, assinaturas, despachos e todos os tipos de execução. Isto sem se falar em todos os presentes que o senhor terá de dar. Entregue o dinheiro a este homem e pelo menos estará livre desse negócio.

Argante — Mas duzentos escudos!

Escapim — O senhor ainda sai ganhando. Andei fazendo as contas do que o senhor vai ter que gastar na justiça e descobri que se o senhor der esse dinheiro ao homem, ainda sai ganhando cinquenta escudos, sem contar os aperreios de que vai se livrar. Só o que o senhor ganha em não ouvir as besteiras e as safadezas dos advogados, compensa até trezentos escudos.

Argante — E eu me incomodo lá com o que os advogados dizem?

Escapim — O senhor faça o que bem quiser. Mas se eu fosse o senhor, preferia não entrar nesse processo.

Argante — Eu é que não vou pagar duzentos escudos assim.

Escapim — Pois o homem vem aí.

Entra Silvestre, disfarçado.

Silvestre — Escapim, leve-me à presença desse tal de Argante, pai de Otávio. *(Argante vai cautelosamente ao fundo e esconde-se atrás de Escapim, de volta.)*

Escapim — Por quê, meu senhor?

Silvestre — Acabo de saber que ele quer me processar e anular o casamento de minha irmã.

Escapim — Se ele está com essa ideia, eu não sei. O que eu sei é que ele não quer lhe dar os duzentos escudos. Disse que é muito.

Silvestre — Ah, morte, cabeça, faca, barriga! Se eu o encontrar, vou esfolá-lo vivo! *(Argante se esconde tremendo atrás de Escapim.)*

Escapim — Meu senhor, o pai de Otávio é um homem de coragem, e talvez não tenha medo do senhor.

Silvestre — Ele? Arranco-lhe o fígado e bebo-lhe o sangue. Ah se ele estivesse aqui! Eu metia-lhe a espada na barriga! *(Afastando Escapim com a mão.)* E quem é este sujeito?

Escapim — *(Voltando.)* Não é esse não, meu senhor, não é esse não!

Silvestre — Não é nem amigo dele? *(Afasta-o de novo.)*

Escapim — *(Voltando.)* Pelo contrário, é seu inimigo mortal.

Silvestre — *(Afasta-o de novo.)* Inimigo mortal?

Escapim — *(Voltando.)* Sim.

Silvestre — *(Indo até Argante.)* Ah, então estou encantado. Então o senhor é inimigo desse canalha de Argante, hein?

Escapim — É, é, eu garanto por ele.

Silvestre — *(Estende-lhe a mão.)* Então, toque. Toque. Dou-lhe minha palavra de que não termino meu dia hoje sem desmanchar esse canalha consumado, esse tal de Argante. Pode confiar em mim.

Escapim — Meu senhor, as violências ainda são punidas nesta terra.

Silvestre — Eu não tenho nada a perder.

Escapim — Ele tomará suas precauções. Tem criados e parentes e tem amigos que não o deixarão só contra o senhor.

Silvestre — É assim mesmo que eu gosto, é mesmo assim. *(Fazendo evoluções com a espada.)* Ah, na cabeça! Olhe a barriga! Ah não estarem eles aqui, esse safado e sua gente! Como é, canalhas, vocês têm o atrevimento de se meterem para meu lado? *(Vira-se para o lado da casa de Argante, num salto.)* Pois aguentem! Tomem, tomem. Ah, estão correndo? Tenham vergonha, sustentem a parada!

Escapim — Espere aí, meu senhor, o negócio não é conosco!

Silvestre — Isso lhe ensinará a não brincar comigo. *(Sai.)*

Escapim — Está vendo? Quantas pessoas mortas por causa de duzentos escudos? Vá, desejo-lhe boa sorte. *(Finge sair.)*

Argante — *(Tremendo.)* Escapim!

Escapim — *(Voltando.)* Às suas ordens.

Argante — Resolvi pagar os duzentos escudos.

Escapim — Fico muito contente porque gosto muito do senhor.

Argante — Vamos procurar o homem, tenho o dinheiro aqui.

ESCAPIM — É melhor o senhor me entregar o dinheiro. Não fica bem o senhor aparecer diante dele depois de ter passado por outro, aqui. Além disso, pode ser que depois de apresentado ele venha com safadeza e queira pedir mais.

ARGANTE — É verdade, mas eu gostaria de ver em que está sendo empregado meu dinheiro.

ESCAPIM — O senhor está desconfiando de mim?

ARGANTE — Não, mas...

ESCAPIM — Meu senhor, das duas, uma: ou eu sou um enrolão ou um homem de confiança. Das duas, uma. Não está vendo que eu não ia enganá-lo? Nisso tudo eu só vejo seu interesse e o interesse de meu patrão. Se o senhor não tem confiança diga, porque eu deixo tudo agora mesmo e o senhor pode procurar outro a quem confiar seus negócios.

ARGANTE — Então tome.

ESCAPIM — *(De costas, rápido.)* Não, meu senhor, não me confie esse dinheiro. Eu prefiro que o senhor procure outro.

ARGANTE — Valha-me Deus, tome.

ESCAPIM — Não, não confie em mim. Quem sabe se eu não quero é ficar com esse dinheiro?

ARGANTE — Tome, já disse, não me faça pedir mais. Mas tome cuidado com o que faz com ele.

ESCAPIM — Deixe comigo, ele não está falando com nenhum trouxa.

ARGANTE — Eu vou esperá-lo em casa.

ESCAPIM — Não deixarei de encontrá-lo. *(ARGANTE sai.)* Peguei um; agora é pegar o outro. Ah, aí vem ele. O céu parece que quer mandá-los um por um para meu papo.

Entra GERONTE.

ESCAPIM — *(De costas, fingindo não vê-lo.)* Ó céus, ó desgraça inesperada! Que fará agora o pobre Geronte?

GERONTE — Eu? Que diz ele, assim tão aflito?

ESCAPIM — Não há ninguém que me diga onde está o senhor Geronte?

GERONTE — O que há, Escapim?

ESCAPIM — Onde poderia eu encontrá-lo para lhe contar todo o seu infortúnio?

Geronte — O que é que há?

Escapim — Não há meio de encontrá-lo.

Geronte — Estou aqui.

Escapim — Ai, só quem está escondido. Não há quem o ache.

Geronte — *(Segurando-o e voltando-o.)* Só quem está cego. Está me vendo, agora?

Escapim — Ah, meu senhor, a coisa mais difícil do mundo é encontrá-lo.

Geronte — Há bem uma hora que estou diante de você! Que é que há?

Escapim — Meu senhor…

Geronte — Diga, homem!

Escapim — O senhor seu filho…

Geronte — E então? Meu filho…

Escapim — Caiu na desgraça mais estranha do mundo.

Geronte — Qual foi?

Escapim — Eu o encontrei muito triste por causa de umas coisas que o senhor tinha lhe dito. Aliás o senhor tinha me metido nelas dum jeito muito sem jeito. Procurando divertir essa tristeza, fomos dar um passeio no porto. Lá, havia um navio turco muito bem equipado e um jovem turco nos convidou a visitá-lo. Nós entramos e recebemos as maiores delicadezas, comemos frutas deliciosas e bebemos vinho do melhor.

Geronte — E o que é que há de desgraçado nisso?

Escapim — Espere, meu senhor, vamos chegar lá. Enquanto nós comíamos, o navio saiu de repente. Botaram-me num bote e mandaram-me dizer ao senhor que seu filho será levado para a Argélia se o senhor não mandar por mim quinhentos escudos para eles.

Geronte — O quê? Quinhentos escudos?

Escapim — Sim, meu senhor, e o prazo é de duas horas.

Geronte — Ah, turcos safados! Me assassinarem desse jeito!

Escapim — É preciso salvar seu filho da escravidão.

Geronte — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

Escapim — Ele podia lá saber o que aconteceria?

Geronte — Vá lá, Escapim. Vá e diga aos turcos que eu vou entregá-los à justiça.

Escapim — Justiça no mar? O senhor quer brincar.

Geronte — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

Escapim — O destino às vezes faz dessas com as pessoas.

Geronte — Escapim, é preciso que você aja como um servidor fiel.

Escapim — De que jeito, meu senhor?

Geronte — Você vai aos turcos e fica no lugar do meu filho até que eu arranje o dinheiro.

Escapim — Não está vendo que os turcos não aceitam essa troca? Em lugar de seu filho, um miserável como eu?

Geronte — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

Escapim — Ele não podia adivinhar a desgraça. Meu senhor, são duas horas.

Geronte — Você disse que ele pedia…

Escapim — Quinhentos escudos.

Geronte — Quinhentos escudos! Esse turco não tem consciência?

Escapim — E o senhor já viu turco com consciência?

Geronte — Será que ele sabe o que são quinhentos escudos?

Escapim — Sabe, meu senhor, ele sabe que são mil e quinhentas libras.

Geronte — E será que ele pensa que mil e quinhentas libras se acham assim à vontade?

Escapim — É gente que não cuida na razão dos outros.

Geronte — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

Escapim — Ele não podia prever nada. Mas meu senhor, por favor se apresse!

Geronte — Tome, aqui está a chave do meu armário.

Escapim — Está bem.

Geronte — Você o abrirá.

Escapim — E então?

Geronte — Lá, do lado esquerdo, você encontrará uma chave grande. É a chave do compartimento de cima.

Escapim — E então?

Geronte — Você pegará todas as roupas que estão lá e vai vendê-las, para resgatar meu filho.

Escapim — *(Devolvendo-lhe a chave.)* Que é isso, meu senhor, está sonhando? Isso não dará nem para cem francos. E o senhor sabe, além disso, que o tempo é pouco.

Geronte — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

Escapim — Ah meu Deus! Deixe lá esse navio! Isso são palavras perdidas e o tempo é pouco! Quer perder seu filho? Ai, meu patrãozinho, nunca mais hei de vê-lo em minha vida! A essa hora já deve ser escravo na Argélia. Mas o céu é testemunha de que fiz tudo para resgatá-lo e se não consegui foi somente pela falta de amor de seu pai!

Geronte — Espere, Escapim, vou arranjar esse dinheiro.

Escapim — Então se apresse, meu senhor, que a hora está chegando.

Geronte — Não terão sido quatrocentos escudos que ele pediu?

Escapim — Não, foram quinhentos escudos.

Geronte — Quinhentos escudos?

Escapim — Sim.

Geronte — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

Escapim — O senhor tem razão, mas a hora está chegando.

Geronte — Não tinha nenhum outro passeio para fazer?

Escapim — É verdade, mas corra!

Geronte — Ah, maldito navio! Tome, Escapim, eu não me lembrava de que tinha acabado de receber exatamente esse dinheiro. *(Escapim vai receber, Geronte passa para a outra mão.)* Nunca eu podia acreditar que iria perdê-lo em tão pouco tempo. Tome, vá resgatar meu filho.

Escapim — Pois não, meu senhor. *(Escapim vai receber, Geronte passa para a outra mão.)*

Geronte — Mas diga a esse turco que ele é um criminoso.

Escapim — Direi.

Geronte — Um infame.

Escapim — Sim senhor.

Geronte — Um canalha, um ladrão.

Escapim — Deixe por minha conta.

Geronte — Diga que ele me roubou quinhentos escudos contra todas as espécies de direito.

Escapim — Não tenha cuidado.

Geronte — Diga que eu não o perdoarei nem neste mundo nem no outro.

Escapim — Pois não.

Geronte — E que se eu pegá-lo um dia, saberei me vingar dele. *(Guarda o dinheiro no bolso.)*

Escapim — Sim senhor.

Geronte — Vá, vá depressa resgatar meu filho.

Escapim — Ei, meu senhor!

Geronte — Que é?

Escapim — E o dinheiro?

Geronte — Eu não lhe dei não?

Escapim — Não, o senhor botou de novo no bolso.

Geronte — Ah, é verdade, é a dor que me perturba o espírito.

Escapim — É, a gente vê logo.

Geronte — *(Entregando o dinheiro.)* Mas que diabo ele foi fazer nesse navio? Ah, navio maldito! Ah turco dos seiscentos diabos! *(Sai.)*

Escapim — Esses quinhentos escudos vão lhe doer até a morte. Mas ele ainda tem que me pagar a calúnia que me fez a seu filho.

Entram Leandro *e* Otávio.

Otávio — Muito bem, Escapim, conseguiu alguma coisa para mim?

Escapim — Estão aí duzentos escudos que eu tomei do seu pai.

Otávio — Ah, quanta alegria você me dá!

Leandro — E para tirar meu amor do desgosto em que ela se encontra? Fez você alguma coisa?

Escapim — Para você não consegui nada.

Leandro — Então prefiro morrer, porque não posso viver sem Zerbinete.

Escapim — Calma, calma, não seja tão impetuoso!

Leandro — Para que voltar?

Escapim — O dinheiro está aqui!

LEANDRO — Ah, é a vida que você me dá!

ESCAPIM — Mas tenho uma condição para isso. Que você permita eu tirar uma pequena vingança de seu pai por causa do que ele foi lhe dizer.

LEANDRO — Faça o que você quiser.

ESCAPIM — Promete diante das testemunhas?

LEANDRO — Prometo.

ESCAPIM — Então tome os quinhentos escudos.

LEANDRO — Vamos então resgatar aquela a quem adoro *(Saem.)*

FIM DO SEGUNDO ATO.

Terceiro Ato

SILVESTRE — *(Curvado, ao lado de JACINTA, aponta para que entrem ESCAPIM e ZERBINETE.)* Leandro e Otávio combinaram que vocês deviam se conhecer e nós cumprimos a ordem que nos deram.

JACINTA — Uma ordem não me podia ser mais agradável. Recebo com alegria uma companheira em minha sorte, e por mim a amizade que reina entre aqueles a quem nós amamos se estenderá até nós duas.

ZERBINETE — Aceito a proposta. Não sou capaz de recusar a amizade que me oferecem.

ESCAPIM — E quando é amor que lhe oferecem?

ZERBINETE — Aí é diferente. Amor é mais perigoso e eu não sou tão atrevida.

ESCAPIM — O que meu patrão acaba de fazer por você é coisa a que vai dar trabalho corresponder.

ZERBINETE — Confio na minha boa sorte. Mas isso não é bastante para corresponder ao que ele fez por mim. Sou por natureza alegre e rio a todo instante. Mas, mesmo rindo, encaro certas coisas com seriedade. Seu patrão está enganado se pensa que sou dele pelo simples fato de ter me resgatado. Isso custa mais alguma coisa além de dinheiro. Para que eu responda a seu amor do jeito que ele deseja, é preciso um dom de sua fé, algumas cerimônias se acham necessárias.

ESCAPIM — É mesmo assim que ele pensa. Ele a pretende bem e honradamente. Eu não sou homem para me meter em certos negócios e teria recusado este se ele tivesse outros pensamentos.

ZERBINETE — É o que eu quero acreditar, já que você me diz. Mas da parte do pai, sei que ele tentará impedir.

ESCAPIM — Nós acharemos um meio de arranjar as coisas.

JACINTA — A semelhança de nossos destinos deve contribuir ainda mais para o nascimento de nossa amizade. Estamos na mesma situação, expostas ao mesmo infortúnio.

ZERBINETE — Você tem a vantagem de pelo menos saber de que família nasceu. O apoio de seus parentes, que você pode dar a conhecer, pode ajustar tudo, para assegurar sua felicidade e conseguir um casamento que já está feito. Quanto a mim, não tenho nenhum socorro em minha condição.

JACINTA — Você tem, entretanto, uma vantagem: aquele que você ama não é tentado por outro casamento, como o meu.

ZERBINETE — A mudança de coração de uma pessoa que ama não é coisa que se possa temer. Pode-se pensar que se tem mérito suficiente para manter sua fidelidade. O que eu temo mais nessas coisas é o poder paterno, perto do qual o mérito de nada serve.

JACINTA — Ai de nós! Por que contrariam inclinações tão justas? Amar é uma coisa doce, mas somente quando não há obstáculos a essas amáveis cadeias que ligam dois corações.

ESCAPIM — Vocês estão brincando. A tranquilidade em amor é uma calma desagradável. Uma felicidade muito completa acaba sendo tediosa. Na vida é preciso altos e baixos, e a dificuldade que se mistura a essas coisas desperta os ardores e aumenta os prazeres.

ZERBINETE — Ah, Escapim, conte-nos então como você se saiu para tirar o dinheiro desse velhote avarento, dizem que foi tão engraçado! Sou louca por uma história assim!

ESCAPIM — Está aí Silvestre que sabe tão bem quanto eu. Estou planejando uma pequena vingança cujo prazer vou gozar.

SILVESTRE — Como é que, por simples prazer de se divertir, você vai se meter nesse perigo?

ESCAPIM — Divirto-me muito com essas coisas.

SILVESTRE — Se você ouvisse minha opinião, desistiria disso.

ESCAPIM — Mas nessa história de opinião eu só ouço a minha.

SILVESTRE — Em que diabo você vai se meter?

ESCAPIM — E que diabo você tem com isso?

SILVESTRE — É que eu estou vendo que você vai terminar levando, sem precisão, uma porção de cacetadas.

ESCAPIM — Bom, isso é com minhas costas e não com as suas.

SILVESTRE — É verdade, o dono delas é você e não eu. Faça o que entender.

ESCAPIM — Perigos iguais a esses nunca me detiveram. Eu odeio os corações sem coragem, que não ousam levar as coisas adiante com medo do que pode suceder.

ZERBINETE — Nós teremos necessidade de você.

ESCAPIM — Vão, eu irei encontrá-los depois. Ninguém dirá nunca mais que eu sou capaz de trair a mim mesmo, contando, sem querer, aquilo que precisava deixar em segredo.

Saem JACINTA, ZERBINETE *e* SILVESTRE.

Geronte — *(Entrando.)* Olá, Escapim. Como vai o negócio de meu filho?

Escapim — Seu filho, meu senhor, está em segurança. Mas o senhor corre agora mesmo o maior perigo do mundo.

Geronte — Como?

Escapim — Nesta hora em que lhe falo, estão procurando o senhor em toda parte, para matá-lo.

Geronte — Eu?

Escapim — Sim.

Geronte — Quem?

Escapim — O irmão dessa moça com quem Otávio se casou. Ele está pensando que é o senhor quem está querendo anular o casamento, para colocar sua filha no lugar da irmã dele. Está querendo matá-lo para vingar a honra de sua família. Todos os amigos dele, que são também assassinos profissionais, estão soltos por aí à sua procura.

Geronte — Que é que eu faço, meu pobre Escapim?

Escapim — Não sei, meu senhor. Estou temendo por sua vida. E… Espere!

Geronte — *(Tremendo.)* Que foi?

Escapim — Nada, nada, foi engano.

Geronte — Você não é capaz de me sugerir nada para me tirar dessa situação?

Escapim — Eu tinha pensado num meio, mas o negócio pode me complicar também.

Geronte — Ah, Escapim, não me abandone! Seja um servidor fiel!

Escapim — Esse é meu desejo, porque tenho muita amizade ao senhor!

Geronte — Você será recompensado. Eu prometo lhe dar essa roupa. Quando ela estiver mais usadinha.

Escapim — Está bem. O meio que eu encontrei foi o seguinte: o senhor se mete neste saco e… *(Volta-se e dá um pulo.)*

Geronte — Ai!

Escapim — Não, não foi ninguém. O senhor se mete no saco e fica bem caladinho. Eu o porei às costas, como um pacote, e o levarei assim, por entre seus inimigos, até sua casa. Lá nós estaremos em segurança contra qualquer violência.

Geronte — Sua ideia é boa.

Escapim — A melhor do mundo. O senhor vai ver. *(À parte.)* Agora ele me paga.

Gᴇʀᴏɴᴛᴇ — Como foi?

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — Estou aqui dizendo que seus inimigos vão ser bem enganados. Meta-se no saco e tenha cuidado: não bote a cabeça de fora nem diga nada, haja o que houver.

Gᴇʀᴏɴᴛᴇ — Deixe por minha conta. Eu saberei me manter…

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — Esconda-se, vem aí um dos assassinos. É um português, ou pelo menos fala como eles. *(Gᴇʀᴏɴᴛᴇ se esconde.)*

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz de português.)* Ah não, vou matar esse senhor Geronte! A questão é saber onde ele está!

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(A Gᴇʀᴏɴᴛᴇ, com voz comum.)* Cale a boca! Bem caladinho!

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz de português.)* Oh, meu senhor que está com o saco! Eu o regalarei com um escudo se o senhor me disser onde está o senhor Geronte!

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz natural.)* O senhor procura o senhor Geronte?

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz de português.)* Mas é claro que o procuro!

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz natural.)* E para quê, meu senhor?

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz de português.)* Para quê? Para matá-lo a cacete!

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz natural.)* Ah, meu senhor, não se dá de cacete num homem como ele. Ele não é homem para isso.

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz de português.)* Quem? Esse safado de Geronte, esse canalha, esse imbecil?

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz natural.)* Meu senhor, o senhor Geronte não é nem safado, nem canalha nem imbecil! Faça o favor de falar de outra maneira!

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz de português.)* O quê? Você tem coragem de falar assim comigo?

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz natural.)* Estou somente defendendo um homem honesto a quem o senhor quer insultar.

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz de português.)* O quê? Você será por acaso amigo desse Geronte?

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz natural.)* Sou, meu senhor.

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz de português.)* Ah, é? É seu amigo? Então aguente! *(Pancadas no saco.)* Tome, pela amizade que tem a ele.

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz natural.)* Ai, meu senhor, ai, ai! Está bom, não me dê mais! Ai, ai, ai!

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz de português.)* Está aí, leve isso para ele de minha parte. Adeus!

Eѕᴄᴀᴘɪɴ — *(Com voz natural.)* Ah, português dos seiscentos diabos!

Geronte — *(Cabeça fora.)* Ai, Escapim, não aguento mais.

Escapim — Nem eu, meu senhor. Estou todo moído, com as costas que não aguento.

Geronte — Como, se foi nas minhas que ele deu?

Escapim — Nas suas, não, foi nas minhas.

Geronte — Era o que faltava! Então eu não senti as pancadas? Ainda estou sentindo!

Escapim — Foi somente a ponta do cacete que bateu no senhor.

Geronte — Por que você não se afastou um pouco para me livrar...

Escapim — *(Empurrando-o para o saco.)* Cuidado, lá vem outro português.

Escapim — *(Com voz de português.)* Ah, diabo, corri por todo canto e não há jeito de encontrar essa peste de Geronte.

Escapim — *(Com voz natural.)* Esconda-se bem.

Escapim — *(Com voz de português.)* Por favor, senhor, sabe me dizer onde está esse tal de Geronte que eu procuro?

Escapim — *(Com voz natural.)* Não, não sei onde ele está.

Escapim — *(Com voz de português.)* Pode dizer francamente. É somente para dar-lhe uma dúzia de cacetadas e meter-lhe a espada três ou quatro vezes na barriga.

Escapim — *(Com voz natural.)* Já lhe disse que não sei onde ele está.

Escapim — *(Com voz de português.)* Pareceu-me ver alguma coisa se mexendo neste saco. Há alguma coisa aí.

Escapim — *(Com voz natural.)* Por favor, meu senhor, aqui não há nada.

Escapim — *(Com voz de português.)* Em todo caso estou com vontade de meter a espada nele.

Escapim — *(Com voz natural.)* Para quê, meu senhor?

Escapim — *(Com voz de português.)* Então mostre o que tem nele.

Escapim — *(Com voz natural.)* Mas para que isso, meu senhor?

Escapim — *(Com voz de português.)* Ah, para que isso, é?

Escapim — *(Com voz natural.)* O senhor não tem nada com o que eu levo no meu saco.

Escapim — *(Com voz de português.)* Mas mesmo assim eu quero ver.

Escapim — *(Com voz natural.)* Isso é que não.

Escapim — *(Com voz de português.)* Ah, é? Então tome essas cacetadas para aprender a ser mais delicado.

Escapim — *(Com voz natural, enquanto espanca o saco.)* Ai, ai, ai. Ai, meu senhor! Ah, português dos seiscentos diabos!

Geronte — Ah, eu estou morro não morro!

Escapim — Eu já morri completamente.

Geronte — Por que diabos eles só dão nas minhas costas?

Escapim — Cuidado, aí vêm seis portugueses de uma vez.

Escapim — *(Com voz de português.)* Agora nós encontraremos esse tal de Geronte, custe o que custar. — Nem que tenhamos de correr a cidade inteira. — Ah, é! Não se deve deixar nenhum lugar. — Vamos por ali! — Não, por aqui é melhor!

Escapim — *(Com voz natural.)* Esconda-se bem.

Escapim — *(Com voz de português.)* Ah, camaradas, eis aqui seu criado. Venha cá, seu canalha, você tem que nos mostrar seu patrão.

Escapim — *(Com voz natural.)* Ah, meus senhores, por favor não me maltratem!

Escapim — *(Com voz de português.)* Diga logo onde ele está. — Vá, depressa! — Quanto mais cedo melhor.

Escapim — *(Com voz natural.)* Ah, meus senhores, por favor!

Geronte põe a cabeça de fora do saco.

Escapim — *(Com voz de português.)* Ou você nos mostra seu patrão, ou nós o cobriremos de pancadas!

Escapim — *(Com voz natural.)* Prefiro morrer de pancadas a descobrir meu patrão.

Escapim — *(Com voz de português.)* Olhe que vamos matá-lo de pancada!

Escapim — *(Com voz natural.)* Façam de mim o que quiserem. Eu não trairei meu patrão.

Escapim — *(Com voz de português.)* Ah, é assim? Então aguente… Ai!

Geronte sai do saco e Escapim corre.

Geronte — Ah infame! Ah traidor! Ah bandido! Era você o assassino!

Entra Zerbinete.

Zerbinete — *(Sem ver Geronte.)* Ai, ai! Chega estou sufocada.

GERONTE — *(Resmungando.)* Você me pagará.

ZERBINETE — Que história mais engraçada a que fizeram com o velho!

GERONTE — Não vejo nada de engraçado nisso.

ZERBINETE — O quê? Que foi que o senhor disse?

GERONTE — Disse que você não deve mangar de mim.

ZERBINETE — Do senhor?

GERONTE — Sim.

ZERBINETE — E quem é que está mangando do senhor?

GERONTE — Você não está achando graça, diante de minhas barbas?

ZERBINETE — Não foi com o senhor. Estou rindo do que me contaram, a história mais engraçada que se pode imaginar. Não sei se é porque eu estou interessada no negócio, mas nunca vi coisa mais engraçada do que essa que um filho fez ao pai para lhe arrancar dinheiro.

GERONTE — Um filho ao pai? Para lhe arrancar dinheiro?

ZERBINETE — Sim. Não precisa me pedir, estou disposta a contar tudo. Tenho um fraco pelas histórias que posso contar.

GERONTE — Peço-lhe, então, que me conte esta.

ZERBINETE — Pois não. Eu não me arrisco nada contando-a, pois é uma aventura que logo se saberá. O destino quis que eu me encontrasse no meio de um bando de ciganos. Chegando nesta cidade, um rapaz me viu e se apaixonou por mim. Começou a me seguir e a se comportar como todos os moços, que pensam que basta falar conosco para arranjar tudo que querem. Mas encontrou comigo uma altivez que o obrigou a corrigir seu pensamento. Falou, então, com os ciganos e achou-os dispostos a me entregar a ele mediante algum dinheiro. Esse dinheiro ele não o tinha, pois seu pai, se bem que rico, é um avarento consumado. Espere, não me lembro de seu nome. Ajude-me um pouco: o senhor não pode se lembrar de alguém nesta cidade conhecido por ser avarento no último grau?

GERONTE — Não.

ZERBINETE — É um nome assim em "ronte". O… Oronte. Não! Ge… Geronte. Sim, Geronte, exatamente! É esse, encontrei, é esse ladrão mesmo! Os ciganos quiseram ir embora hoje mesmo e por falta de dinheiro meu namorado ia me perder. Mas para tirá-lo de seu pai, socorreu-se da astúcia de um empregado que ele tem, Escapim. É um homem incomparável.

GERONTE — *(À parte.)* Grandessíssimo safado!

ZERBINETE — *(Rindo.)* Não posso me lembrar do que ele fez sem achar graça. *(Ri.)* Ele foi procurar esse cachorro desse avarento… *(Ri.)* … e lhe disse que tinha ido passear no porto com o filho. *(Ri.)* Que eles tinham visto um navio turco onde tinham aprisionado seu filho, exigindo quinhentos escudos de resgate. *(Ri.)* Eis o ladrão numa angústia enorme, a ternura paterna fazendo um estranho combate com a avareza. Para ele, quinhentos escudos que lhe pedem são quinhentos bofetes que lhe dão. *(Ri.)* Imagine que ele quis enviar a justiça ao mar, que o criado fosse tomar o lugar do filho, que vendessem suas roupas que não valem trinta escudos, e a cada reflexão do criado só fazia dizer: "Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?" Não é engraçado? Que acha?

GERONTE — Acho que o rapaz é um insolente que será castigado por seu pai pelo que fez. Acho que a cigana é uma impertinente, dizendo injúrias a um homem honrado, que há de lhe ensinar a não corromper os filhos de família. E acho que o criado é um bandido que será mandado por Geronte para a cadeia ainda hoje.

Sai. Entra SILVESTRE.

SILVESTRE — Você sabe que acaba de falar com o pai de seu namorado?

ZERBINETE — Estava começando a descobrir. Eu lhe contei toda a história.

SILVESTRE — A história?

ZERBINETE — Sim, estava louca para contá-la a alguém. Mas que importa? Pior para ele. Do jeito que as coisas estão não podem mais melhorar nem piorar.

SILVESTRE — Mas como é que você não pode se calar a respeito de seus próprios assuntos?

ZERBINETE — Se ele não soubesse por mim teria sabido por outro.

Entra ARGANTE.

ARGANTE — Silvestre! Silvestre!

SILVESTRE — Vá para casa. Meu patrão está me chamando.

Sai ZERBINETE.

ARGANTE — Então vocês estavam de acordo, canalha! Você, Escapim e meu filho, para me enganar!

SILVESTRE — Meu senhor, se Escapim o enganou, lavo minhas mãos. Não tenho nada com isso.

ARGANTE — Isso é o que vamos ver, bandido! Ninguém passa papa na minha boca!

Entra GERONTE.

GERONTE — Ah, Argante, a desgraça caiu em cima de mim!

ARGANTE — Em cima de mim também.

GERONTE — O canalha do Escapim roubou-me quinhentos escudos *(SILVESTRE dá passos cautelosos para o fundo.)*

ARGANTE — Pois esse mesmo canalha também me levou duzentos.

GERONTE — E além de me roubar quinhentos escudos, ele me tratou de um modo que eu não posso nem dizer. Mas ele me pagará.

ARGANTE — A mim também ele há de pagar o que me fez.

GERONTE — Minha vingança vai ser completa. Mas isto não é tudo, Argante. Uma desgraça traz sempre outra. Eu me alegrava hoje com a esperança de ver minha filha, que era todo meu consolo. Acabo de saber, porém, que ela saiu há muito tempo de Tarento, correndo a notícia de que morreu num naufrágio do navio em que embarcou.

ARGANTE — Por que você não a mantinha aqui, deixando-a em Tarento?

GERONTE — Tive meus motivos para isso. Alguns interesses de família me obrigaram até a manter secreto o segundo casamento. Mas é possível?

Entra NERINA.

GERONTE — É você mesmo?

NERINA — *(Lançando-se a seus joelhos.)* Senhor Pandolfo!

GERONTE — Chame-me Geronte, não uso mais esse outro nome. Cessaram os motivos que me obrigaram a tomá-lo em Tarento.

NERINA — Essa mudança de nome foi a causa de nossos aperreios e inquietudes. Precisávamos encontrá-lo.

GERONTE — Onde está minha filha? E minha mulher?

NERINA — Sua filha não está longe daqui. Mas antes de trazê-la devo pedir perdão por tê-la casado, no abandono em que nos encontrávamos, sem o senhor.

GERONTE — Minha filha? Casada?

NERINA — Sim, meu senhor.

GERONTE — Com quem?

NERINA — Com um rapaz chamado Otávio, filho de um tal dum senhor Argante.

GERONTE — Meu Deus!

ARGANTE — Que coisa!

GERONTE — Leve-nos onde ela está.

NERINA — Basta entrar aqui.

GERONTE — Venha, venha comigo, Argante.

Saem ARGANTE *e* GERONTE.

SILVESTRE — É uma aventura a que se pode chamar surpreendente. Por essa ninguém esperava.

Entra ESCAPIM.

ESCAPIM — Olá, Silvestre, como vai tudo?

SILVESTRE — Tenho dois avisos a lhe fazer. Primeiro, o negócio de Otávio está resolvido. Nossa Jacinta é a filha do senhor Geronte e o acaso consumou o que a prudência dos pais tinha deliberado. O outro, é que os dois velhos estão fazendo contra você as piores ameaças, principalmente o senhor Geronte.

ESCAPIM — Isso não é nada. Ameaça não faz mal a ninguém.

SILVESTRE — Tome cuidado. Os filhos podem se reacomodar com os pais e você é quem sofre.

ESCAPIM — Deixe tudo por minha conta, hei de encontrar um meio de apaziguá-los.

SILVESTRE — Saia, lá vêm eles.

Sai ESCAPIM. *Entram* GERONTE, ARGANTE, NERINA *e* JACINTA.

GERONTE — Venha, minha filha, venha para casa. Minha alegria teria sido perfeita se sua mãe estivesse aqui.

ARGANTE — Aí vem Otávio, chega na hora.

Entra OTÁVIO.

ARGANTE — Venha, meu filho, venha se alegrar conosco pela feliz aventura de seu casamento.

OTÁVIO — *(Sem ver JACINTA.)* Não, meu pai, suas propostas de casamento não servirão para nada. Devo ser sincero com o senhor e já lhe contaram a respeito do outro.

ARGANTE — Sim, mas você não sabe…

OTÁVIO — Eu sei tudo o que é preciso saber.

Argante — Mas quero lhe dizer que a filha de Geronte…

Otávio — Não tenho nada a ver com a filha do senhor Geronte.

Geronte — Mas é ela…

Otávio — Não, meu senhor, peço-lhe perdão, mas minha decisão está tomada…

Silvestre — Escute…

Otávio — Cale-se, não escutarei nada.

Argante — Sua mulher…

Otávio — Não, meu pai, já disse. Prefiro morrer a abandonar minha querida Jacinta. Não adianta nada, essa é a mulher que eu hei de amar por toda a vida. Eu não quero outra.

Argante — Mas se é ela que queremos lhe dar! Diabo de homem mais teimoso!

Jacinta — Sim, Otávio, esse é meu pai e nós estamos bem, agora.

Geronte — Vamos para minha casa, estaremos melhor do que aqui para celebrarmos tudo.

Entra Zerbinete.

Jacinta — *(Vai abraçá-la.)* Ah, meu pai, peço-lhe por favor que não me separe dessa pessoa tão amável. Ela tem tanto mérito que o senhor a estimará quando a conhecer melhor.

Geronte — Você quer então que eu receba em minha casa uma pessoa a quem seu irmão ama? E que vem me dizer milhares de besteiras a meu respeito?

Zerbinete — Meu senhor, peço-lhe que me desculpe. Não teria falado daquele jeito se o conhecesse, e só o conhecia por ouvir dizer.

Geronte — Como é? Por ouvir dizer?

Jacinta — A paixão que meu irmão tem por ela, meu pai, não tem nada de criminoso. Eu respondo pela virtude dela.

Geronte — Essa é boa! Casar meu filho com ela! Uma moça desconhecida, com profissão de vagabunda!

Entra Leandro.

Leandro — Meu pai, não diga que eu amo uma desconhecida sem nascimento e sem fortuna. Os ciganos acabam de me dizer que ela é desta cidade e de família honesta. Eles a roubaram com a idade de quatro anos e me deram este bracelete que ajudará a encontrar seus parentes.

ARGANTE — Meu Deus! Por este bracelete, é minha filha, que perdi aos quatro anos!

GERONTE — Sua filha?

ARGANTE — Sim, é ela e tudo me indica que é verdade.

JACINTA — Quantas aventuras extraordinárias!

Entra CARLOS.

CARLOS — Ah, meus senhores, acaba de acontecer um acidente terrível.

GERONTE — Que foi?

CARLOS — O pobre Escapim…

GERONTE — É um canalha que vou mandar enforcar.

CARLOS — Não há mais necessidade disso, meu senhor. Ele ia passando perto de uma construção e caiu-lhe na cabeça um ferro de pedreiro. A cabeça se abriu, o miolo está caindo. Ele está morrendo e pediu para vê-los antes de morrer.

ARGANTE — Onde está ele?

CARLOS — Vem aí.

Entra ESCAPIM.

ESCAPIM — *(SILVESTRE e CARLOS ao seu lado.)* Ai, ai! Meus senhores, vocês estão me vendo… ai… estão me vendo num estranho estado. Não quis morrer sem pedir perdão a todas as pessoas a quem ofendi. Antes de dar o meu último suspiro, peço perdão a todos por tudo o que fiz, principalmente ao senhor Argante e ao senhor Geronte. Ai!

ARGANTE — Por mim, está perdoado. Pode morrer em paz.

ESCAPIM — *(A GERONTE.)* Mas foi ao senhor que eu ofendi mais com aquelas cacetadas que…

GERONTE — Cale a boca, eu o perdoo.

ESCAPIM — Foi um atrevimento muito grande aquele de dar-lhe as cacetadas que…

GERONTE — Deixe isso de mão.

ESCAPIM — Morrendo, meu maior desgosto são aquelas cacetadas que…

GERONTE — Ora bolas, já lhe disse que se calasse!

ESCAPIM — Aquelas cacetadas que…

GERONTE — Cale-se, está tudo esquecido.

Escapim — Quanta bondade, a sua, perdoando de todo coração aquelas cacetadas que…

Geronte — Está certo, está certo, já lhe disse que perdoo tudo.

Escapim — Ah, meu senhor, sinto-me muito contente, ouvindo isso.

Geronte — Sim, mas eu só perdoo sob a condição de que você morra.

Escapim — Como é, meu senhor?

Geronte — Se você escapar, eu retiro o que disse.

Escapim — Ai, ai! A agonia está recomeçando!

Argante — Geronte, em nome de nossa alegria, você deve perdoá-lo sem condições.

Geronte — Pois bem.

Argante — Vamos então cear juntos, para gozar nossa alegria.

Escapim — Quanto a mim, levem-me para a mesa, esperando minha morte.

Saem. Escapim *retira as ataduras, pisca o olho para a assistência.*

Pano.

ICONOGRAFIA DAS MONTAGENS

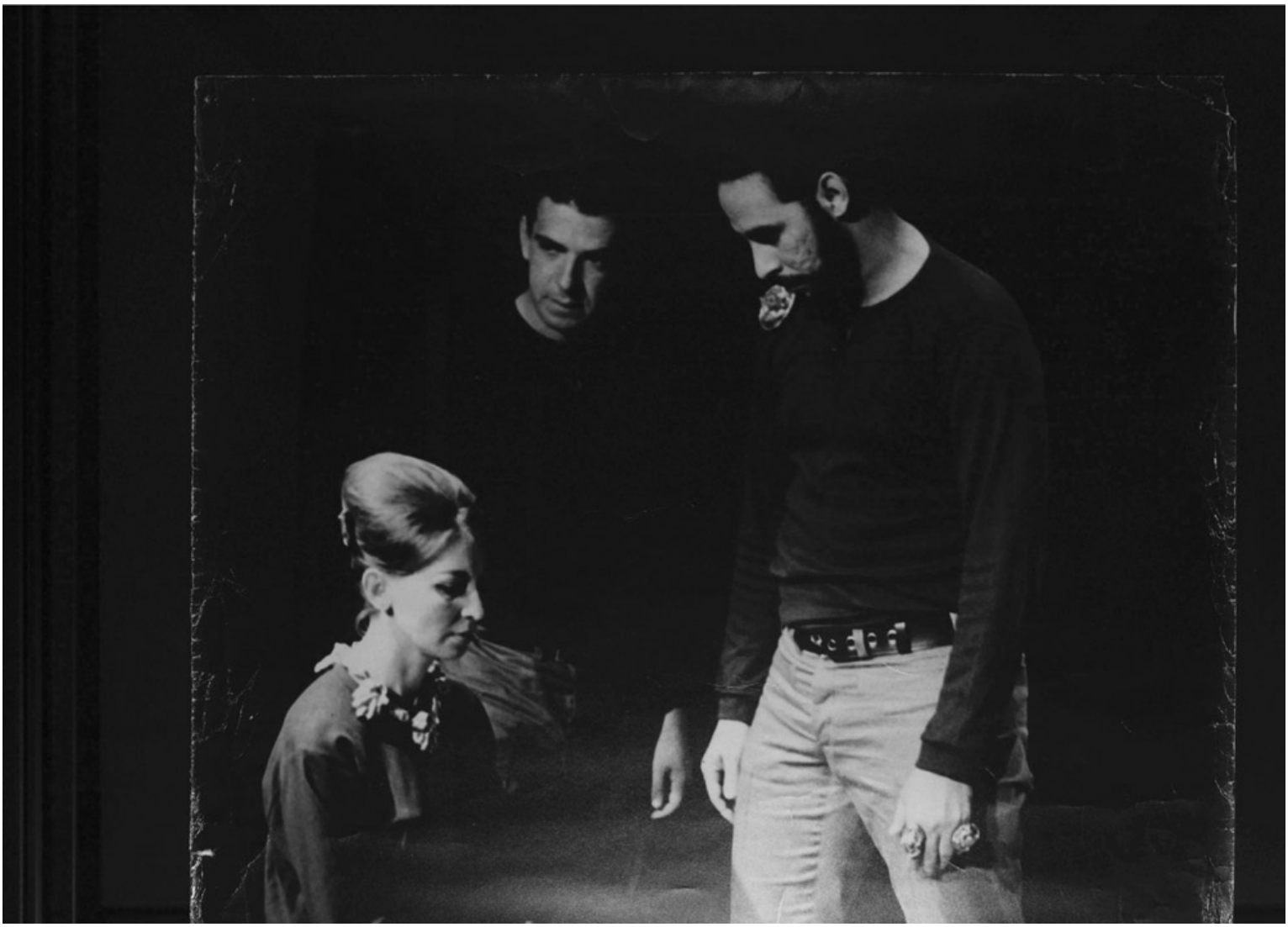
Agildo Ribeiro e Jô Soares em montagem do *Auto da Compadecida*, sob direção do próprio Agildo, Rio de Janeiro, 1959. Arquivo FUNARTE.

Cacilda Becker, Cleyde Yaconis, Kleber Macedo e Ziembinski, na primeira montagem de *O Santo e a Porca*, dirigida por Ziembinski. Teatro Dulcina, Rio de Janeiro, 1958. Revista *Manchete*.

Zeluiz Pinho, Marina Freire, Vanda Kosmo e Sérgio Cardoso, na primeira montagem de *O Casamento Suspeitoso*, dirigida por Hermilo Borba Filho. Teatro Bela Vista, São Paulo, 1958. Acervo particular dos herdeiros de Ariano Suassuna.

José Pimentel, Leonel Albuquerque, Otávio da Rosa Borges e Clênio Wanderley, na primeira montagem de *A Pena e a Lei*, dirigida por Hermilo Borba Filho. Teatro do Parque, Recife, 1960. Acervo particular de Leda Alves.

João Ferreira e Leda Alves em montagem da *Farsa da Boa Preguiça*, sob direção de Hermilo Borba Filho. Teatro Popular do Nordeste, Recife, 1969. Acervo particular de Leda Alves.



Lúcia Neuenschwander, Rubens Teixeira e Carlos Reis, em montagem da tradução de *Antígona* de Ariano Suassuna, dirigida por Benjamin Santos. Teatro Popular do Nordeste, Recife, 1967. Acervo particular de Leda Alves.

As Conchambranças de Quaderna em montagem da Cia OmondÉ, dirigida por Inez Viana, cuja estreia ocorreu no Teatro do Sesc Ginástico, Rio de Janeiro, em 2010. Em primeiro plano: Viviane Câmara, Debora Lamm, Leonardo Bricio e Juliane Bodini. Atrás: Zé Wendell, Diogo Camargos, Júnior Dantas, Iano Salomão e Ricardo Souzedo. Foto: Cabéra.

CRONOLOGIA DE ARIANO SUASSUNA

Carlos Newton Júnior

1927

Nascimento de Ariano Vilar Suassuna, a 16 de junho, na cidade da Paraíba (atual João Pessoa), capital do Estado da Paraíba. Oitavo dos nove filhos do casal João Urbano Suassuna e Rita de Cássia Villar Suassuna, Ariano nasce no Palácio do Governo, pois seu pai exercia, à época, o cargo de presidente da Paraíba, o que equivale ao atual cargo de governador.

1928

A 22 de outubro, terminado o seu mandato, João Suassuna passa o cargo de presidente a João Pessoa. A família Suassuna volta a seu lugar de origem, o sertão da Paraíba, indo residir na fazenda Acauhan, pertencente a João Suassuna e localizada no atual município de Aparecida.

1929

Iniciam-se, na Paraíba, as dissensões políticas que antecedem a Revolução de 30.

1930

Começa a luta armada, na Paraíba. O coronel José Pereira Lima, líder político do município de Princesa e aliado de João Suassuna, declara a independência do seu município, que passa a se chamar Território Livre de Princesa, resistindo às investidas das tropas de João Pessoa. A 26 de julho, o presidente João Pessoa, que se encontrava no Recife, é assassinado por João Dantas. Entre os dias 3 e 4, rebenta a Revolução de 30, na Paraíba. A 6 de outubro, João Dantas é assassinado na Casa de Detenção do Recife. A 9 de outubro, João Suassuna, então deputado federal, que viajara ao Rio de Janeiro para defender-se, junto à Câmara dos Deputados, da injusta acusação de cúmplice no assassinato de João Pessoa, é por sua vez assassinado, aos 44 anos de idade, na Rua do Riachuelo, por um pistoleiro de aluguel, a mando da família Pessoa.

1933

D. Rita, agora chefe da família Suassuna, muda-se para Taperoá, sertão da Paraíba, ficando sob a proteção dos seus irmãos.

1934-1937

Em Taperoá, Ariano Suassuna estuda as primeiras letras, primeiro em casa, depois na escola, com os professores Emídio Diniz e Alice Dias. Assiste, pela primeira vez na vida, a um desafio de viola, uma peleja travada entre os cantadores Antônio Marinho e Antônio Marinheiro. Numa feira, assiste também, pela primeira vez, a uma peça de mamulengo, o tradicional teatro de bonecos do Nordeste. Dona Rita, em dificuldades financeiras, vende a fazenda Acauhan, para custear a educação dos filhos.

1938-1942

Ariano Suassuna faz o curso ginasial no Colégio Americano Batista, no Recife, em regime de internato, passando os períodos de férias escolares em Taperoá. Seus primeiros mestres de literatura são de Taperoá: os tios Manuel Dantas Villar, "meio ateu, republicano e anticlerical", e Joaquim Duarte Dantas, "monarquista e católico". O primeiro lhe indica leituras de Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro e Euclydes da Cunha; o segundo, a leitura de *Dom Sebastião*, de Antero de Figueiredo. Muitos dos livros que lê são encontrados na biblioteca deixada por João Suassuna, que foi um grande leitor. Em 1942, a família Suassuna fixa-se no Recife. A 30 de novembro de 1942, Ariano discursa como Orador da Turma na solenidade de encerramento do curso ginasial.

1943

Estuda no Ginásio Pernambucano (Colégio Estadual de Pernambuco), no Recife. Torna-se amigo, no colégio, de Carlos Alberto de Buarque Borges, que o inicia em música erudita e em pintura.

1945

Estuda no Colégio Oswaldo Cruz, no Recife, tornando-se amigo do pintor Francisco Brennand, seu colega de turma. A 7 de outubro, inicia-se na vida literária, com a publicação do poema "Noturno", no *Jornal do Commercio*, do Recife.

1946

Ingressa na tradicional Faculdade de Direito do Recife. Na Faculdade, junta-se ao grupo que, liderado por Hermilo Borba Filho, retoma, sob nova inspiração teórica, o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP). Torna-se amigo do poeta e tradutor José Laurenio de

Melo. Organiza, com o apoio do Diretório Acadêmico de Direito, uma apresentação de cantadores, levada ao palco do Teatro Santa Isabel, no Recife, a 26 de setembro. Dá início à publicação dos seus primeiros poemas ligados ao romanceiro popular nordestino, em periódicos acadêmicos e suplementos de jornais do Recife.

1947

Baseando-se no romanceiro popular nordestino, escreve a sua primeira peça de teatro, *Uma Mulher Vestida de Sol*. A peça, que não é encenada, recebe, no ano seguinte, o Prêmio Nicolau Carlos Magno.

1948

Escreve a peça *Cantam as Harpas de Sião*, montada no mesmo ano, pelo TEP, com direção de Hermilo Borba Filho e cenário e figurinos de Aloisio Magalhães. A peça estreia a 18 de setembro, durante a inauguração da "Barraca", palco erguido no Parque Treze de Maio, no Recife, sob inspiração do trabalho de García Lorca. O primeiro ato de *Uma Mulher Vestida de Sol* é publicado na revista *Estudantes*, do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito.

1949

A 6 de março, conclui a peça *Os Homens de Barro*, iniciada no ano anterior.

1950

Escreve a peça *Auto de João da Cruz*, com a qual recebe o Prêmio Martins Pena. Forma-se em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco). Adoece de tuberculose, indo para Taperoá, à procura de bom clima para se tratar.

1951

Em Taperoá, para receber sua noiva Zélia e alguns familiares seus, que o foram visitar, escreve seu primeiro trabalho ligado ao cômico, uma peça para mamulengo, intitulada *Torturas de um Coração ou Em Boca Fechada n*ão *Entra Mosquito*, peça por ele mesmo montada, com acompanhamento musical do "terno de pífanos" de Manuel Campina. Converte-se ao catolicismo. É publicado, pela Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, do Rio de Janeiro, *É de Tororó – Maracatu*, primeiro volume da Coleção Danças Pernambucanas, contendo o seu ensaio "Notas sobre a música de Capiba".

1952

De volta ao Recife, trabalha como advogado no escritório do jurista Murilo Guimarães. Escreve a peça *O Arco Desolado*, com a qual participa de concurso organizado pela Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

1953

Escreve *O Castigo da Soberba*, entremez baseado em folhetos da literatura de cordel. Assina coluna literária no jornal *Folha da Manhã*, do Recife.

1954

Escreve *O Rico Avarento*, entremez baseado numa peça tradicional do mamulengo nordestino. Ministra curso de teatro no Colégio Estadual de Pernambuco, dirigindo os estudantes numa montagem de *Antígona*, de Sófocles, que ele mesmo traduziu, e cuja estreia se dá a 9 de novembro, no Teatro Santa Isabel, com cenário e roupagens de Aloisio Magalhães. Participa do grupo de artistas, escritores e intelectuais que funda O Gráfico Amador (1954-1961), importante movimento de artes gráficas sediado no Recife.

1955

A 24 de maio, estreia a sua tradução da peça *A Panela*, de Plauto, montada pelo Teatro do Colégio Estadual de Pernambuco, ainda sob sua direção, com cenário e roupagens de Aloisio Magalhães. Escreve a peça *Auto da Compadecida*. Publica o poema *Ode*, em edição de O Gráfico Amador, do Recife.

1956

Estreia, em abril, no núcleo do SESI de Santo Amaro, no Recife, nova montagem de *A Panela*, de Plauto, sob sua direção, agora encenada por um grupo de operários. A 14 de maio, dia do aniversário do Colégio Estadual de Pernambuco, o grupo de teatro do Colégio apresenta, sob sua direção, a peça em ato único *O Processo do Cristo Negro*, que escreve num só dia, e que é, nas suas palavras, "uma espécie de 'facilitação' do terceiro ato do *Auto da Compadecida*". É convidado para ensinar Estética na Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco) e abandona definitivamente a advocacia. Escreve o seu primeiro romance, *A História do Amor de Fernando e Isaura*, que permanecerá inédito até 1994. A 11 de setembro, o *Auto da Compadecida* estreia no Teatro Santa Isabel, em montagem do Teatro Adolescente do Recife, sob a direção de Clênio Wanderley, com cenário de Aloisio Magalhães. A partir de 12 de setembro, a convite de Mauro Mota, passa a assinar coluna sobre teatro no *Diário de Pernambuco.*

1957

Casa-se, a 19 de janeiro, dia do aniversário de nascimento do seu pai, com a artista plástica Zélia de Andrade Lima. Viaja para o Rio de Janeiro, em lua de mel, e assiste à consagradora apresentação do *Auto da Compadecida* no Primeiro Festival de Amadores Nacionais, promovido pela Fundação Brasileira de Teatro e realizado no mês de janeiro, no Teatro Dulcina. A peça é apresentada no dia 25, pelo mesmo Teatro Adolescente do Recife, dirigido por Clênio Wanderley, e é logo considerada pela melhor crítica do país uma obra-prima, recebendo a Medalha de Ouro do Festival. De 10 de junho a 26 de julho, escreve a peça *O Casamento Suspeitoso*. A 27 de julho, estreia, pelo Teatro Amador Sesiano de Pernambuco, sob sua direção, a peça *As Trapaças de Escapim*, de Molière, que ele próprio traduziu, com figurino assinado por sua irmã, Germana Suassuna, e cenário de Juvêncio Lopes. A 30 de setembro, nasce seu primeiro filho, Joaquim. Em outubro, o *Auto da Compadecida* é publicado pela editora Agir. De 7 a 18 de novembro, escreve a peça *O Santo e a Porca*.

1958

A 6 de janeiro, no Teatro Bela Vista, em São Paulo, estreia a peça *O Casamento Suspeitoso*, em montagem da Companhia Nydia Licia/Sérgio Cardoso, sob direção de Hermilo Borba Filho. Entre janeiro e março, reescreve a sua primeira peça, *Uma Mulher Vestida de Sol*. A peça *O Santo e a Porca* estreia no Teatro Dulcina, no Rio, a 5 de março, em montagem da companhia Teatro Cacilda Becker, sob direção de Ziembinski. De 12 a 13 de maio, reescreve a peça *Cantam as Harpas de Sião*, mudando seu título para *O Desertor de Princesa*. Em junho, encerra sua coluna teatral no *Diário de Pernambuco*. A 21 de julho, no Teatro Santa Isabel, no Recife, é apresentada uma montagem do *Auto de João da Cruz*, pelo Teatro do Estudante da Paraíba, sob a direção de Clênio Wanderley, no âmbito do I Festival Nacional de Teatros de Estudantes. A 4 de outubro, nasce sua filha Maria das Neves.

1959

Escreve a peça *A Pena e a Lei*, a partir do entremez *Torturas de um Coração*, de 1951. Funda, com Hermilo Borba Filho, o Teatro Popular do Nordeste (TPN). O *Auto da Compadecida* é publicado na Polônia, na revista *Dialog*, em tradução de Witold Wojciechowski e Danuta Zmij (*Historia o Milosiernej czyli Testament Psa*).

1960

A *Pena e a Lei* estreia a 2 de fevereiro, no Teatro do Parque, no Recife, em montagem do TPN, sob direção de Hermilo Borba Filho. A 4 de outubro, nasce seu filho Manuel. Escreve

a peça *Farsa da Boa Preguiça*. Forma-se em Filosofia, pela Universidade Católica de Pernambuco. O *Auto da Compadecida* é publicado em Portugal, na Coleção Teatro no Bolso, impresso na Editora Gráfica Portuguesa, de Lisboa, sem referência ao ano da edição.

1961

A *Farsa da Boa Preguiça* estreia a 24 de janeiro, no Teatro de Arena do Recife, sob a direção de Hermilo Borba Filho, com cenários e figurinos de Francisco Brennand. A peça *O Casamento Suspeitoso* é publicada pela Editora Igarassu, do Recife. Escreve *A Caseira e a Catarina*, peça em um ato.

1962

A 25 de novembro, nasce sua filha Isabel. Publica, na revista *DECA*, do Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, nº 5, a primeira parte da *Coletânea da Poesia Popular Nordestina: Romances do Ciclo Heroico*.

1963

Publica, na revista *DECA*, nº 6, a segunda parte da *Coletânea da Poesia Popular Nordestina: Romances do Ciclo Heroico*. O *Auto da Compadecida* é publicado nos Estados Unidos, pela Editora da Universidade da Califórnia, em tradução de Dillwyn F. Ratcliff (*The Rogues' Trial*).

1964

Publica, na revista *DECA*, nº 7, a terceira e última parte da *Coletânea da Poesia Popular Nordestina: Romances do Ciclo Heroico*. As peças *Uma Mulher Vestida de Sol* e *O Santo e a Porca* são publicadas pela Imprensa Universitária da Universidade do Recife. A 21 de junho, nasce sua filha Mariana. A 23 de dezembro, deixa o Teatro Popular do Nordeste (TPN).

1965

O *Auto da Compadecida* é publicado na Holanda, pela fundação Ons Leekenspel, de Bussum, em tradução de J. J. van den Besselaar (*Het Testament van de Hond*), e na Espanha, pelas Edições Alfil, de Madrid, em tradução de José María Pemán (*Auto de la Compadecida*).

1966

A peça *O Santo e a Porca* é publicada na Argentina, pelas edições Losange, de Buenos Aires, em tradução de Ana María M. de Piacentino (*El Santo y la Chancha*), junto com a peça *Lisbela e o Prisioneiro*, de Osman Lins, em tradução de Montserrat Mira (*Lisbela y el Prisionero*). De 7 a 30 de março, escreve o romance *O Sedutor do Sertão ou O Grande Golpe da Mulher e da Malvada*, inicialmente pensado como roteiro de cinema. A 10 de junho, nasce sua filha Ana Rita.

1967

Recebe, da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, o título de Cidadão de Pernambuco. Por indicação de Rachel de Queiroz, torna-se membro fundador do Conselho Federal de Cultura.

1968

Torna-se membro fundador do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco.

1969

O reitor Murilo Guimarães o nomeia diretor do Departamento de Extensão Cultural (DEC) da Universidade Federal de Pernambuco. Inicia, no DEC, os trabalhos que irão abrir caminho para o lançamento, no ano seguinte, do Movimento Armorial. Estreia o filme *A Compadecida*, do diretor George Jonas, primeira versão cinematográfica da peça *Auto da Compadecida*.

1970

Recebe, a 3 de outubro, da Câmara Municipal de Taperoá, Paraíba, o diploma de Cidadão Taperoaense. A 9 de outubro, data do aniversário da morte de João Suassuna, conclui o *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, que começara a escrever a 19 de julho de 1958, no dia do aniversário de sua esposa Zélia. Com o concerto *Três Séculos de Música Nordestina – do Barroco ao Armorial* e uma exposição de artes plásticas, é lançado oficialmente, a 18 de outubro, na Igreja de São Pedro dos Clérigos, no Recife, o Movimento Armorial, por ele idealizado para procurar uma arte erudita brasileira a partir da cultura popular. O *Auto da Compadecida* é publicado na França, pela Editora Gallimard, em tradução de Michel Simon-Brésil (*Le Jeu de la Miséricordieuse ou Le Testament du Chien*).

1971

A peça *A Pena e a Lei* é lançada, em junho, pela Editora Agir. Em agosto, é publicado, pela Editora José Olympio, o *Romance d'A Pedra do Reino*. Para o exemplar do editor, escreve a seguinte dedicatória: "Mestre José Olympio: A única coisa que posso lhe dizer neste momento é que a edição deste livro por você era um sonho meu. Estou, então, não é alegre, não: é profundamente orgulhoso. Com o afetuoso abraço de Ariano. Rio, 1. IX. 71."

1972

Funda o Quinteto Armorial. O *Romance d'A Pedra do Reino* recebe o Prêmio Nacional de Ficção, do Instituto Nacional do Livro – INL/MEC. Deixa o Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco. Estreia, no *Jornal da Semana*, do Recife, na edição de 17 a 23 de dezembro, uma página literária semanal, intitulada "Almanaque Armorial do Nordeste".

1973

Desliga-se do Conselho Federal de Cultura.

1974

A Editora José Olympio publica três de suas peças: em janeiro, em volume único, *O Santo e a Porca* e *O Casamento Suspeitoso*; em maio, a *Farsa da Boa Preguiça*, ambos os volumes com estampas de Zélia Suassuna. Encerra a publicação do "Almanaque Armorial do Nordeste" no *Jornal da Semana*, na edição de 2 a 8 de junho. A Editora universitária da Universidade Federal de Pernambuco publica *O Movimento Armorial*, contendo a base teórica do Movimento lançado em 1970. É publicado, pelas Edições Guariba, do Recife, o álbum *Ferros do Cariri: Uma Heráldica Sertaneja*. A 1º de outubro, é dispensado, a pedido, da direção do DEC/UFPE. Em dezembro, a Editora José Olympio publica, em convênio com o INL/MEC, a *Seleta em Prosa e Verso de Ariano Suassuna*, com estudo, comentários e notas de Silviano Santiago e estampas de Zélia Suassuna, livro que será lançado no início do ano seguinte.

1975

Publica *Iniciação à Estética*, pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco. A convite do prefeito Antônio Farias, assume o cargo de secretário de educação e cultura do Recife. A 15 de novembro, dá início à publicação de "Ao Sol da Onça Caetana", primeiro livro da *História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão*, em folhetim semanal no *Diário de Pernambuco*. A 18 de dezembro, com a estreia, no Teatro Santa Isabel, da Orquestra Romançal Brasileira, por ele fundada, encerra-se a primeira fase do Movimento Armorial, chamada de "Experimental", iniciando-se a segunda, a fase "Romançal".

1976

A 25 de abril, conclui os folhetins do primeiro livro de *O Rei Degolado*, iniciando, a 2 de maio, a publicação do segundo, intitulado "As Infâncias de Quaderna", no mesmo *Diário de Pernambuco*. A 18 de junho, estreia, no Teatro Santa Isabel, o Balé Armorial do Nordeste, por ele idealizado, com direção e coreografia de Flávia Barros. É inaugurada, a 26 de agosto, no Recife, no Casarão João Alfredo, a exposição *Os Dez Anos de Casa Caiada no Mundo do Armorial*, com tapetes criados a partir dos desenhos que realizou para ilustrar o *Romance d'A Pedra do Reino* e a *História d'O Rei Degolado*. A exposição segue para o Rio, sendo inaugurada no Museu Nacional de Belas Artes, a 16 de dezembro. A 30 de dezembro, defende, na Universidade Federal de Pernambuco, sua tese de livre-docência, intitulada *A Onça Castanha e a Ilha Brasil: uma Reflexão sobre a Cultura Brasileira*, com a qual recebe diploma de doutor em História.

1977

Publicação, em março, pela Editora José Olympio, do primeiro livro da *História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão*, intitulado "Ao Sol da Onça Caetana". A 19 de junho, conclui a publicação dos folhetins de "As Infâncias de Quaderna". A 26 de junho, com o artigo "A confissão desesperada", passa a assinar coluna opinativa aos domingos, no mesmo *Diário de Pernambuco*.

1978

A 31 de maio, é exonerado, a pedido, do cargo de secretário de educação e cultura do Recife.

1979

O *Romance d'A Pedra do Reino* é publicado na Alemanha, edição de Hobbit Presse/Klett-Cotta, de Stuttgart, em tradução de Georg Rudolf Lind (*Der Stein des Reiches*).

1980

Lança o álbum de iluminogravuras *Dez Sonetos com Mote Alheio*.

1981

Publica, no *Diário de Pernambuco*, a 9 de agosto, o célebre artigo "Despedida", encerrando a sua colaboração dominical com o jornal e comunicando o seu afastamento

da vida literária. Deixa de dar entrevistas e de participar de eventos culturais, limitando-se à sua atividade docente na Universidade Federal de Pernambuco.

1985

Lança o álbum de iluminogravuras *Sonetos de Albano Cervonegro*.

1986

O *Auto da Compadecida* é publicado pela Editora Diá, de St. Gallen/Wuppertal, em tradução alemã de Willy Keller (*Das Testament des Hundes oder Das Spiel von Unserer Lieben Frau der Mitleidvollen*).

1987

Estreia o filme *Os Trapalhões no Auto da Compadecida*, baseado em sua obra e dirigido por Roberto Farias. A 16 de junho, para comemorar seu aniversário de 60 anos, intelectuais, artistas populares e admiradores em geral promovem uma grande festa em frente à sua residência, na rua do Chacon, no bairro de Casa Forte, no Recife. Também por ocasião do seu aniversário, a Editora da UFPE lança a plaquete *Suassuna e o Movimento Armorial*, de George Browne Rêgo e Jarbas Maciel. Volta a escrever para teatro, com a peça *As Conchambranças de Quaderna*.

1988

Em setembro, a peça *As Conchambranças de Quaderna* estreia no Teatro Valdemar de Oliveira, no Recife, em montagem da Cooperarteatro, com direção de Lúcio Lombardi e cenários e figurinos de Romero de Andrade Lima.

1989

É publicada, pela Editora Record, do Rio de Janeiro, sua tradução do livro *The Revolution that Never Was* (*A Revolução que Nunca Houve*), do escritor norte-americano Joseph A. Page. Aposenta-se do cargo de professor da Universidade Federal de Pernambuco, onde lecionou Estética, História da Arte, Cultura Brasileira, Teoria do Teatro e disciplinas afins.

1990

A 26 de abril, morre sua mãe, D. Rita Suassuna, aos 94 anos. A 9 de agosto, toma posse na Academia Brasileira de Letras (cadeira nº 32). Filia-se, pela primeira vez na vida, a um partido político, o Partido Socialista Brasileiro (PSB).

1991

A 26 de outubro, é publicada, na *Folha de S.Paulo*, uma extensa entrevista concedida a Marilene Felinto e Alcino Leite Neto, anunciando a escritura de um novo romance.

1992

O *Auto da Compadecida* é publicado na Itália, pela Guaraldi/Nuova Compagnia Editrice, em tradução de Laura Lotti.

1993

É realizada, em São José do Belmonte, Pernambuco, por jovens do município, a I Cavalgada à Pedra do Reino. A Editora Francisco Alves, do Rio de Janeiro, lança o livro *O Sertão Medieval: Origens Europeias do Teatro de Ariano Suassuna*, de Ligia Vassallo. A 1º de dezembro, toma posse na Academia Pernambucana de Letras (cadeira nº 18).

1994

A 12 de julho, a Rede Globo de Televisão exibe o especial *Uma Mulher Vestida de Sol*, baseado na sua primeira peça de teatro e dirigido por Luiz Fernando Carvalho. A Editora Bagaço, do Recife, publica o seu primeiro romance, *A História do Amor de Fernando e Isaura*, cujo lançamento ocorre a 7 de outubro. A Editora da Universidade Federal da Paraíba publica a *Aula Magna*, transcrição da conferência que proferiu na instituição a 16 de novembro de 1992.

1995

A convite do governador Miguel Arraes, assume, a 1º de janeiro, a Secretaria de Cultura de Pernambuco. A 28 de maio, participa, em São José do Belmonte, da III Cavalgada à Pedra do Reino, agora organizada pela Associação Cultural Pedra do Reino, que lhe confere o título de Cavaleiro da Pedra do Reino. Em junho, apresenta o Projeto Cultural Pernambuco-Brasil, por ele elaborado para nortear as ações da Secretaria de Cultura, entre as quais se inclui a apresentação de "aulas-espetáculo" contendo explicações "sobre a cultura brasileira popular e erudita, com exibição de números de música e dança ou de imagens ligadas à arquitetura, à escultura, à pintura etc." A 30 de novembro, a Universidade Federal de Pernambuco concede-lhe o título de Professor Emérito. A 5 de dezembro, a Rede Globo de Televisão apresenta o especial *A Farsa da Boa Preguiça*, baseado em sua peça, com direção de Luiz Fernando Carvalho e cenários assinados por seu filho, Manuel Dantas Suassuna.

1996

Escreve *A História do Amor de Romeu e Julieta*, peça em um ato, a partir de um folheto de cordel. Com Antonio Madureira, que liderara o Quinteto Armorial, funda o Quarteto Romançal, ligado à Secretaria de Cultura de Pernambuco. A 26 de setembro, realiza, no Teatro do Parque, no Recife, a "Grande Cantoria Louro do Pajeú", aula-espetáculo em que apresenta repentistas, em comemoração ao cinquentenário da cantoria por ele organizada em 1946, enquanto estudante de Direito. A 14 de novembro, estreia, no Teatro da Universidade Federal de Pernambuco, a peça *A História do Amor de Romeu e Julieta*, montagem da Trupe Romançal de Teatro, sob a direção de Romero de Andrade Lima, com cenários de Manuel Dantas Suassuna e figurinos de Luciana Buarque.

1997

A 19 de janeiro, o suplemento "Mais!", da *Folha de S.Paulo*, publica o texto da peça *A História do Amor de Romeu e Julieta*, ilustrado com gravuras de J. Borges. A 15 de junho, um domingo, o *Jornal do Commercio*, do Recife, publica caderno especial em homenagem aos seus 70 anos. A 26 de agosto, é inaugurado, no Recife, o Teatro Arraial, fruto do seu trabalho na Secretaria de Cultura, e cujo nome homenageia o arraial de Canudos. A 20 de novembro, estreia, no Teatro do Parque, do Recife, *A Pedra do Reino*, uma adaptação teatral do seu romance, realizada por Romero de Andrade Lima, que também assina a direção, com cenários de Manuel Dantas Suassuna. A 16 de dezembro, o artista plástico Guilherme da Fonte inaugura, na Academia Pernambucana de Letras, a exposição *Mosaicos Armoriais*, com trabalhos em granito e mármore, realizados a partir dos seus desenhos. O Ministério da Cultura lança o vídeo *Aula-Espetáculo*, com direção e roteiro de Vladimir Carvalho, contendo um registro condensado da aula-espetáculo que apresentou a convite do Ministério, na Universidade de Brasília.

1998

Concebe e escreve o roteiro do espetáculo de dança *A Demanda do Graal Dançado*, que estreia a 19 de março, no Teatro Arraial, com coreografia de Maria Paula Rêgo e direção de arte e cenografia de Manuel Dantas Suassuna. Elabora o roteiro musical para o espetáculo de dança *Pernambuco — do Barroco ao Armorial*, cuja estreia ocorre a 22 de maio, no Teatro Arraial, com direção geral de Marisa Queiroga, coreografias de Heloísa Duque e cenários e figurinos de Manuel Dantas Suassuna. A 9 de setembro, é lançado, no Recife, o CD *A Poesia Viva de Ariano Suassuna*, em que declama seus poemas sob fundo musical de Antonio Madureira. O *Romance d'A Pedra do Reino* é publicado na França, pelas edições Métailié, de Paris, em tradução de Idelette Muzart Fonseca dos Santos (*La Pierre du Royaume*). É editado, em Portugal, pela Aríon Publicações, de Lisboa, o seu ensaio *Olavo Bilac e Fernando Pessoa: uma presença brasileira em* Mensagem*?*,

originalmente publicado na revista *Estudos Universitários*, da UFPE, em 1966. A 31 de dezembro, com o fim do governo de Miguel Arraes, deixa a Secretaria de Cultura de Pernambuco.

1999

De 5 a 8 de janeiro, a Rede Globo de Televisão exibe os quatro capítulos da minissérie *O Auto da Compadecida*, adaptação de sua peça realizada por Guel Arraes, Adriana Falcão e João Falcão, com direção de Guel Arraes. A 2 de fevereiro, estreia coluna semanal, às terças-feiras, no jornal *Folha de S.Paulo*, na seção "Opinião". A 19 de março, estreia, no programa *NE-TV: 1ª Edição*, da Rede Globo, o quadro "O Canto de Ariano", apresentado semanalmente, às sextas-feiras. Ainda em março, estreia coluna mensal na revista *Bravo!*, na seção "Ensaio!". A Editora da UFPE publica uma antologia de seus poemas organizada por Carlos Newton Júnior. O *Auto da Compadecida* é publicado em bretão, na cidade de Brest, França, em tradução de Remi Derrien. A Editora da Unicamp lança o livro *Em Demanda da Poética Popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*, de Idelette Muzart Fonseca dos Santos.

2000

A 27 de abril, recebe, em Natal, o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em junho, encerra sua colaboração com a revista *Bravo!*. A 4 de julho, encerra a coluna que vinha escrevendo na *Folha de S.Paulo*, às terças, para estrear a 10 de julho, em novo formato e no mesmo jornal, às segundas, uma outra coluna, que chama de "Almanaque Armorial". É inaugurada, a 25 de agosto, na unidade do SESC de Casa Amarela, no Recife, a exposição *Iluminogravuras*, com exemplares dos dois álbuns lançados na década de 1980. A 15 de setembro, estreia, nos cinemas, *O Auto da Compadecida*, dirigido por Guel Arraes, filme montado a partir da minissérie exibida no ano anterior. Toma posse, a 9 de outubro, na Academia Paraibana de Letras (cadeira nº 35). É lançada, pela Editora A União, de João Pessoa, a plaquete *Ariano Suassuna*, escrita pelo jornalista José Nunes para a série histórica "Paraíba: Nomes do Século". A 6 de dezembro, é lançado, no Recife, no Forte das Cinco Pontas, o número 10 da coleção *Cadernos de Literatura Brasileira*, do Instituto Moreira Salles, dedicado à sua obra. A 26 de dezembro, é exibido, na Rede Globo, o especial *O Santo e a Porca*, baseado em sua peça, com roteiro de Adriana Falcão e direção de Maurício Farias.

2001

A 26 de março, encerra a publicação do "Almanaque Armorial" na *Folha de S.Paulo*. A 31 de outubro, recebe, no Rio, título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

2002

É homenageado no carnaval do Rio de Janeiro pela escola de samba Império Serrano, que desfila na Sapucaí com o enredo *Aclamação e Coroação do Imperador da Pedra do Reino Ariano Suassuna*. A 15 de maio, recebe, em Aracaju, título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade Federal de Sergipe. A 16 de junho, por ocasião do seu aniversário de 75 anos, o jornal *A União*, da Paraíba, dedica-lhe um caderno especial, editado pelo jornalista William Costa. A 29 de junho, em João Pessoa, recebe título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade Federal da Paraíba. A 10 de agosto, recebe, em Salvador, o Prêmio Nacional Jorge Amado de Literatura e Arte. A Editora Palas Athena, de São Paulo, publica o livro *O Cabreiro Tresmalhado: Ariano Suassuna e a Universalidade da Cultura*, de Maria Aparecida Lopes Nogueira.

2003

Em maio, reescreve a peça *Os Homens de Barro*, cuja primeira versão havia sido concluída em 1949. A 29 de setembro, recebe, em Mossoró, título de Doutor Honoris Causa concedido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A 25 de novembro, na sede da Academia Brasileira de Letras, no Rio, é lançado o documentário em longa-metragem *O Sertãomundo de Suassuna*, do cineasta Douglas Machado.

2005

A Editora Agir lança edição especial do *Auto da Compadecida*, em comemoração aos 50 anos da peça. A edição é ilustrada por Manuel Dantas Suassuna e contém textos críticos de Braulio Tavares, Carlos Newton Júnior e Raimundo Carrero. A 31 de julho, o jornal *O Povo*, de Fortaleza, lança caderno especial sobre a sua obra, editado pela jornalista Eleuda de Carvalho, antecipando as comemorações dos seus 60 anos de vida literária, completados a 7 de outubro. A 25 de agosto, recebe, em Passo Fundo (RS), título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade de Passo Fundo. A 25 de novembro, recebe, no Recife, título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. A Editora 7 Letras, do Rio de Janeiro, lança *Teatro e Comicidades: Estudos sobre Ariano Suassuna e Outros Ensaios*, de vários autores, com organização de Beti Rabetti. O fotógrafo Gustavo Moura lança o livro *Do Reino Encantado*, com fotografias inspiradas no sertão suassuniano.

2006

A 14 de março, ministra aula-espetáculo de abertura do ano acadêmico, na Academia Brasileira de Letras, e participa, logo em seguida, na Galeria Manuel Bandeira, da abertura da exposição *Do Reino Encantado: Iluminogravuras de Ariano Suassuna e*

fotografias de Gustavo Moura, sob a curadoria de Alexei Bueno. A 13 de maio, é apresentado o último programa do quadro "O Canto de Ariano". A 25 de maio, recebe, na Câmara Municipal de São Paulo, o título de Cidadão Paulistano. Estreia em São Paulo, a 20 de julho, no Teatro Anchieta, do SESC, o espetáculo *A Pedra do Reino*, adaptação para teatro do *Romance d'A Pedra do Reino* e da *História d'O Rei Degolado*, realizada e dirigida por Antunes Filho. A 21 de agosto, antecipando as comemorações dos seus 80 anos, a Universidade Federal de Pernambuco inaugura o Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros (NASEB).

2007

A convite do governador Eduardo Campos, assume, a 1º de janeiro, a Secretaria Especial de Cultura de Pernambuco. A 19 de janeiro, comemora, com Zélia, filhos e netos, as suas Bodas de Ouro. A 23 de abril, por ocasião da abertura do 11º Cine PE, no Centro de Convenções de Pernambuco, é exibido o documentário em longa-metragem *O Senhor do Castelo*, do cineasta Marcus Vilar, sobre sua vida e obra. Recebe, em Salvador, na Assembleia Legislativa, a 10 de maio, o título de Cidadão Baiano. Por ocasião do seu 80º aniversário, recebe uma série de homenagens. Em João Pessoa, é homenageado durante o 3º CINEPORT (Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa), de 4 a 13 de maio, com uma exposição de fotografias de Gustavo Moura. No Rio de Janeiro, realiza-se, entre os dias 10 e 17 de junho, sob a coordenação artística da atriz Inez Viana, o projeto Ariano Suassuna 80, promovido pela Sarau Agência de Cultura Brasileira, com apoio da Rede Globo. O projeto é iniciado com uma aula-espetáculo no Theatro Municipal e segue com uma "Semana Armorial", com extensa programação de palestras, mesas-redondas, exposições, apresentações musicais, exibição de filmes etc. De 12 a 16 de junho, a Rede Globo exibe a minissérie *A Pedra do Reino*, em 5 capítulos, adaptação do seu romance realizada por Luiz Fernando Carvalho, Luís Alberto de Abreu e Braulio Tavares, com direção de Luiz Fernando Carvalho. A 14 de junho, é lançado, no município de Floriano, durante uma "Semana de Arte Armorial" promovida pelo Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, o documentário em média-metragem *Ariano Suassuna: Cabra de Coração e Arte ou O Cavaleiro da Alegre Figura*, do cineasta Claudio Brito. A 12 de julho, a Academia Brasileira de Letras promove uma mesa-redonda em sua homenagem, no Salão Nobre do Petit Trianon, com Moacyr Scliar, José Almino de Alencar e Carlos Newton Júnior, seguida da abertura da exposição *Ariano Suassuna, uma fotobiografia*, na Galeria Manuel Bandeira. De 18 a 30 de setembro, realiza-se, em São Paulo, o projeto Ariano Suassuna 80 anos: o local e o universal, também iniciado com aula-espetáculo do autor e com uma extensa programação de palestras, exposições, mostra de filmes etc. De 29 a 30 de outubro, realiza-se, na Universidade Paris X – Nanterre, França, o Colóquio Ariano Suassuna 80 anos, com conferências e mesas-redondas sobre a sua obra. Ainda no âmbito das comemorações dos seus 80 anos, são lançados três livros sobre a sua vida e a sua obra: *ABC de Ariano Suassuna*, de Braulio Tavares, pela Editora José Olympio; *Ariano*

Suassuna: Um Perfil Biográfico, de Adriana Victor e Juliana Lins, pela Editora Jorge Zahar; *Ode a Ariano Suassuna*, organizado por Maria Aparecida Lopes Nogueira, contendo ensaios e depoimentos de vários autores, pela Editora da UFPE. A 25 de setembro, recebe, na Câmara Municipal de Natal, título de Cidadão Natalense. Em dezembro, a Editora Paulistana, de São Paulo, lança *Discurso e Memória em Ariano Suassuna*, com textos de vários autores e organização de Guaraciaba Micheletti.

2008

É homenageado no carnaval de São Paulo pela escola de samba Mancha Verde. A 20 de agosto, é lançado, no Rio de Janeiro, pela Editora José Olympio, o *Almanaque Armorial*, coletânea de seus ensaios organizada por Carlos Newton Júnior.

2009

A 21 de setembro, é lançado, em João Pessoa, o documentário em média-metragem *Ariano: Impressões*, do cineasta Claudio Brito.

2010

A 10 de junho, recebe, em Fortaleza, título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade Federal do Ceará. A 24 de agosto, em Maceió, recebe o título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade Federal de Alagoas. A 6 de outubro, no Recife, morre seu filho mais velho, Joaquim, aos 53 anos. A 31 de dezembro, deixa a Secretaria Especial de Cultura de Pernambuco.

2011

A Editora José Olympio publica sua peça *Os Homens de Barro*. O artista plástico Alexandre Nóbrega lança o livro *O Decifrador*, ensaio fotográfico realizado a partir das suas viagens para ministrar aulas-espetáculo em diversas cidades do país. A 13 de agosto, na fazenda Carnaúba, em Taperoá, sob a coordenação artística de seu filho, Manuel Dantas Suassuna, dá início à execução da "Ilumiara Jaúna", conjunto escultórico em baixo-relevo que será descrito no *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*.

2013

A 17 de abril, o cineasta Claudio Brito lança mais um documentário sobre a sua obra, o longa-metragem *Ariano: Suassunas*. Começa a apresentar problemas de saúde. A 21 de agosto, é internado, no Hospital Português, no Recife, devido a um infarto. A 4 de setembro, recebe alta do hospital, para continuar tratamento de recuperação em casa.

2014

É homenageado no carnaval do Recife pelo bloco O Galo da Madrugada, comparecendo ao desfile. A 18 de julho, ministra, em Garanhuns, Pernambuco, no âmbito do Festival de Inverno, aquela que seria a sua última aula-espetáculo. A 21 de julho é internado, no Hospital Português do Recife, vítima de acidente vascular cerebral hemorrágico, morrendo a 23 de julho, de parada cardíaca. É sepultado, no dia 24, no cemitério Morada da Paz, em Paulista, município da Região Metropolitana do Recife. Deixa, inédito, entre outras obras, o *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*. É homenageado na 10ª Festa Literária Internacional de Pernambuco (FLIPORTO), que acontece de 13 a 16 de novembro, em Olinda. A 19 de dezembro, O Tribunal de Contas do Estado da Paraíba inaugura, em João Pessoa, o Centro Cultural Ariano Suassuna, edifício projetado pelo arquiteto Expedito Arruda, contendo auditório, salão de exposições, biblioteca etc.

2015

A revista literária *Hoblicua* dedica número especial em sua homenagem. Em setembro, é publicada, pela Vittoria Iguazu Editora, de Livorno, nova edição italiana do *Auto da Compadecida*, com tradução de Riccardo Greco (*La Misericordiosa*). A 4 de outubro, realiza-se em Taperoá, Paraíba, no âmbito do IV Festival Internacional de Folclore e Artes do Cariri, mesa-redonda em comemoração aos 60 anos do *Auto da Compadecida*, com participação do ator Matheus Nachtergaele, do artista plástico Manuel Dantas Suassuna e do escritor Carlos Newton Júnior.

2016

O condomínio de herdeiros de Ariano Suassuna assina contrato para edição de toda a sua obra com a Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro.

2017

A 16 de junho, no âmbito das comemorações dos 90 anos de seu nascimento, é publicada, pela Editora Nova Fronteira, a 16ª edição do *Romance d'A Pedra do Reino*, a primeira a apresentar o texto em versão definitiva, contendo as últimas alterações que deixou em manuscrito. A 9 de dezembro, com a aula-espetáculo "Dom Pantero e Nós", coordenada por Manuel Dantas Suassuna, com participação de Carlos Newton Júnior, Ricardo Barberena e Ester Suassuna Simões, é lançado, no Recife, pela Nova Fronteira, o *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, livro ao qual se dedicou por mais de duas décadas e que considerava como uma súmula de todo o seu trabalho de escritor e artista plástico.

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Janaína Senna

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

FIXAÇÃO DE TEXTO

Adriana Victor

Carlos Newton Júnior

Ester Suassuna Simões

Luís Reis

DIGITALIZAÇÃO DE ORIGINAIS

Mariana Suassuna

REVISÃO

Ana Grillo

Olga de Mello

Perla Serafim

Sabrina Primo

DIREÇÃO DE ARTE

Manuel Dantas Suassuna

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Ricardo Gouveia de Melo

DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

Ricardo Gouveia de Melo

PRODUÇÃO DO EBOOK

Ranna Studio

Auto da Compadecida

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Auto da compadecida

Suassuna, Ariano

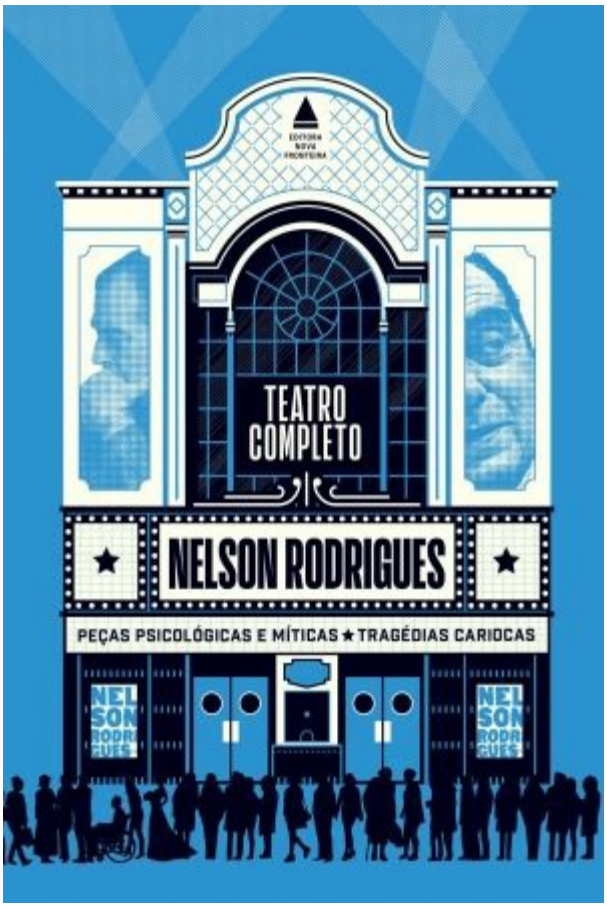
9788520942833

208 páginas

Compre agora e leia

O "Auto da Compadecida" consegue o equilíbrio perfeito entre a tradição popular e a elaboração literária ao recriar para o teatro episódios registrados na tradição popular do cordel. É uma peça teatral em forma de Auto em 3 atos, escrita em 1955 pelo autor paraibano Ariano Suassuna. Sendo um drama do Nordeste brasileiro, mescla elementos como a tradição da literatura de cordel, a comédia, traços do barroco católico brasileiro e, ainda, cultura popular e tradições religiosas. Apresenta na escrita traços de linguagem oral [demonstrando, na fala do personagem, sua classe social] e apresenta também regionalismos relativos ao Nordeste. Esta peça projetou Suassuna em todo o país e foi considerada, em 1962, por Sábato Magaldi "o texto mais popular do moderno teatro brasileiro".

Compre agora e leia


TEATRO
COMPLETO
NELSON RODRIGUES
PEÇAS PSICOLÓGICAS E MÍTICAS ★ TRAGÉDIAS CARIOCAS

Box Teatro completo Nelson Rodrigues

Rodrigues, Nelson

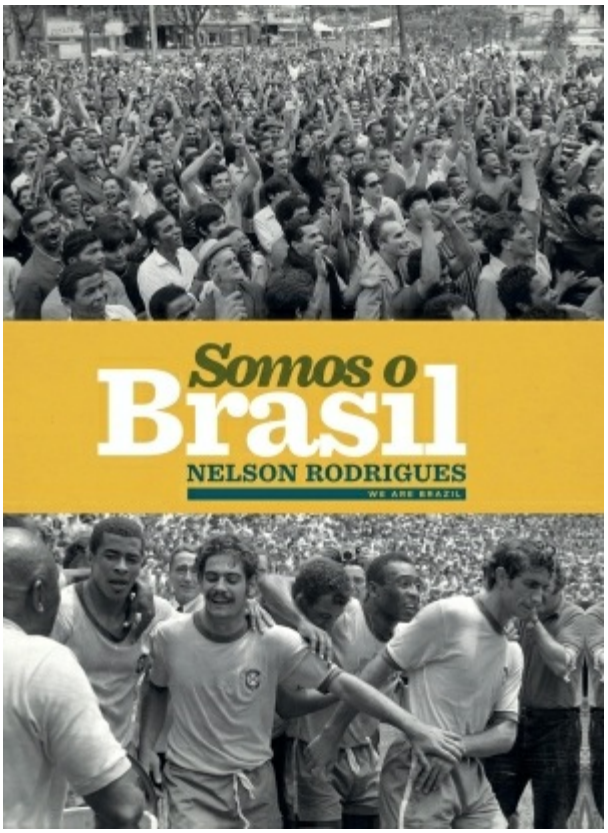
9788520934180

1360 páginas

Compre agora e leia

Nelson Rodrigues revolucionou a dramaturgia brasileira com as 17 peças que escreveu ao longo de quase quarenta anos. Sua escrita polêmica e inovadora abalou os alicerces da nossa sociedade, dividindo opiniões, provocando intensos debates e tornando o teatro brasileiro conhecido internacionalmente. Dividida em dois volumes, esta edição segue a organização estabelecida pelo crítico Sábato Magaldi, em meados de 1980, sob a supervisão do próprio Nelson: peças psicológicas e peças míticas, no primeiro; tragédias cariocas, no segundo. Os livros contam ainda com um caderno de fotos de montagens históricas e textos críticos do próprio Nelson Rodrigues.

Compre agora e leia


Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL

Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

Compre agora e leia

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

Compre agora e leia

RUBEM
FONSECA
Calibre 22

Calibre 22

Fonseca, Rubem

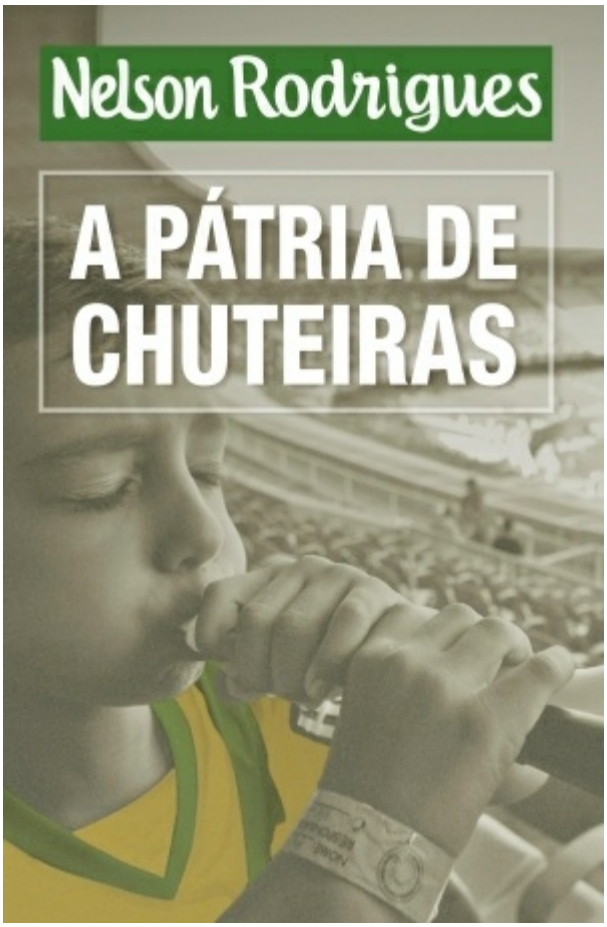
9788520941355

208 páginas

Compre agora e leia

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certeiros de um autor do mais alto calibre.

Compre agora e leia


Nelson Rodrigues
A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

Compre agora e leia

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante."Nelson RodriguesNelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

Compre agora e leia